

Peter Longerich

# Heinrich Himmler

## Uma biografia

"Extremamente reveladora."
*The New York Times Book Review*

OBJETIVA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

Peter
Longerich

# Heinrich Himmler

## Uma biografia

*Tradução*
Angelika Elisabeth Köhnke
Christine Röhrig
Gabriele Ella Elisabeth Lipkau
Margit Sandra Bugs



Copyright © 2008 Peter Longerich
Todos os direitos reservados



A tradução desta obra recebeu o apoio do Instituto Goethe, financiado pelo Ministério Alemão das Relações Exteriores.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
*Heinrich Himmler*

Capa
Adaptação de Pronto Design sobre design original de Rothfos & Gabler, Hamburgo

Imagem de capa
© United States Holocaust Memorial Museum

Revisão
Raquel Correa, Rita Godoy, Flávia Midori, Frederico Hartje, Lilia Zanetti, Ana Grillo, Joana Milli, Fatima Fadel e Ana Kronemberger

Coordenador de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu’s System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L841h
Longerich, Peter
Heinrich Himmler [recurso eletrônico] : Uma biografia / Peter Longerich ; tradução Angelika Elisabeth Köhnke ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
1049 p., recurso digital
Tradução de: *Heinrich Himmler*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-390-0519-2 (recurso eletrônico)
1. Himmler, Heinrich, 1900-1945. 2. Nazistas - Alemanha - Biografia. 3. Holocausto judeu (1939-1945). 4. Alemanha - Política de governo, 1933-1945 5. Livros eletrônicos. I. Título.
13-02923 CDD: 920.9943086
CDU: 929:94(43)'1945/....'

# Sumário


Capa
Folha de Rosto
Créditos
Abreviaturas e siglas
Tabela de equivalência de patentes militares
Prólogo
PARTE I - O jovem Himmler
  Infância e juventude
  Estudante de agronomia
  Luta e renúncia
  Recomeço na Baixa Baviera
  O funcionário do partido
  Reichsführer-SS
PARTE II - No Terceiro Reich
  O comando da Polícia Política
  De inspetor da Gestapo prussiana a chefe da polícia alemã
  O Corpo de Segurança do Estado
PARTE III - A Ordem
  Weltanschauung e culto
  O estilo de liderança de Himmler
  Himmler como educador
  A família SS
PARTE IV - Em guerra: ambição e decepção
  Preparativos de guerra e expansão
  Guerra e colonização na Polônia
  Uma nova ordem racial
  Repressão no território do Reich
  Deslocamento de fronteiras: 1940
PARTE V - O grande Reich germânico: espaço vital e genocídio
  Guerra de extermínio ideológica
  Do assassinato em massa para a Solução Final
  O assassinato dos judeus europeus

Política de colonização e seleção racial
A “rígida lei do Volkstum”: recrutamentos para a Waffen-SS
Reinado de terror por toda a Europa
PARTE VI - A queda gradual
Virada da guerra — uma oportunidade?
Colapso
Conclusão
Agradecimentos
APÊNDICE
Notas
Observações sobre fontes e literatura
Bibliografia
Ilustrações
Nota sobre o autor

Abreviaturas e siglas

AA: Auswärtiges Amt (Ministério das Relações Exteriores)

*ADAP: Akten zur deutschen auswärtigen Politik 1938-1945* (Documentação sobre a política externa alemã de 1938-1945)

AP Lodz: Archivum Panstwowe Lodz (Arquivo Público de Lodz)

ATB: Arbeitstagebuch Himmler (BAK, NL 1126) (Diário de trabalho de Himmler)

BAB: Bundesarchiv, Abt. Berlin (Arquivo Federal, unidade de Berlim)

BADH: Bundesarchiv, Abt. Dahlwitz-Hoppegarten (Arquivo Federal, unidade de Dahlwitz-Hoppegarten )

BAK: Bundesarchiv, Abt. Koblenz (Arquivo Federal, unidade de Koblenz)

BAM: Bundesarchiv/Militärarchiv (Arquivo Federal/Arquivo Militar), Freiburg

BDO: Bund Deutscher Osten (Confederação do Leste Alemão)

BdS: Befehlshaber der Sicherheitspolizei (Comandante da Polícia de Segurança)

BHStA: Bayerisches Hauptstaatsarchiv (Arquivo Central do Estado da Baviera), Munique

BVP: Bayerische Volkspartei (Partido Popular Bávaro)

CDJC: Centre de Documentation Juive Contemporaire (Centro de Documentação Judaica Contemporânea)

DAF: Deutsche Arbeitsfront (Frente Alemã do Trabalho)

DDP: Deutsche Demokratische Partei (Partido Democrático Alemão)

DeVlag: Deutsch-Vlämische Arbeitsgemeinschaft (Grupo de Trabalho Flandrense-Alemão)

DNSAP: Danmarks Nationalsocialistiske Arbejderparti (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Dinamarca)

DVA: Deutsche Versuchsanstalt für Ernährung und Verpflegung (Instituto Experimental Alemão de Nutrição e Alimentação)

DVP: Deutschnationale Volkspartei (Partido Popular Alemão)

EM: Ereignismeldungen UdSSR (BAK, R 58/214-221) (Relatório de Eventos na URSS)

EWZ: Einwandererzentralstelle Lodz (Departamento Central de Imigração de Lodz)

Gestapa: Geheimes Staatspolizeiamt (Departamento Central da Polícia Secreta do Estado), o quartel-general em Berlim da Gestapo.

Gestapo: Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado)
GG: Generalgouvernement (Governo-Geral)
GStA: Geheimes Staatsarchiv (Arquivo Secreto do Estado), Berlim
HSSPF: Höherer SS- und Polizeiführer (Chefe Supremo da SS e da Polícia)
IfZ: Institut für Zeitgeschichte (Instituto de História Contemporânea), Munique
IKL: Inspektion der Konzentrationslager (Inspeção dos Campos de Concentração)
IMT: International Military Tribunal (Tribunal Militar Internacional)
KAM: Kriegsarchiv München (Arquivo de Guerra de Munique)
KL: Konzentrazionslager (Campo de concentração)
KPD: Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)
KTB Kdostab RFSS: Kriegstagebuch Kommandostab Reichsführer-SS (Diário de Guerra do Estado-Maior de Comando do Reichsführer-SS)
KTB Pol.Btl.: Kriegstagebuch Polizeibataillon (Diário de Guerra do Batalhão de Polícia)
KZ: Konzentrationslager (Campo de Concentração)
Lista de leitura: Lista de leitura de Himmler (BAK, NL 1126/9)
LG: Landgericht (Tribunal Regional)
*MbliV: Ministerialblatt für die preussische innere Verwaltung* (Periódico Ministerial da Administração Interna Prussiana)
NARA: US National Archives and Records Administration, Washington, D.C. (Administração de Registros e Arquivos Nacionais dos Estados Unidos, Washington, D.C.)
NLA, StA Bückeburg: Niedersächsisches Landesarchiv, Staatsarchiv Bückeburg (Arquivo Estadual da Baixa Saxônia, Arquivo do Estado em Bückeburg)
NSDAP: Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães)
NSKK: NS-Kraftfahrerkorps (Unidade Motorizada Nacional-Socialista)
NSV: Nationalsozialistische Volkswohlfahrt (Bem-estar Nacional-Socialista)
OA Moscou: Osobyi Archiv Moskva (Sonderarchiv Moscou) (Arquivo Especial de Moscou)
OKH: Oberkommando des Heeres (Alto-Comando do Exército)
OKW: Oberkommando der Wehrmacht (Alto-Comando das Forças Armadas)

PAA: Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes (Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores), Berlim

*PrGS: Preussische Gesetzsammlung* (Coletânea de Leis Prussianas)

PRO: Public Record Office, London (Departamento de Arquivos Públicos, Londres)

RAM: Reichsaussenminister (Ministro do Exterior do Reich)

RFSS: Reichsführer-SS (Dirigente Nacional da SS)

RFSSuChdDtPol: Reichsführer-SS und Chef der Deutschen Polizei (Dirigente Nacional da SS e Chefe da Polícia Alemã)

*RGbl: Reichsgesetzblatt* (Diário Oficial do Reich)

RKF: Reichskommissar für die Festigung deutschen Volkstums (Comissariado do Reich para a Consolidação do *Volkstum Alemão*)

*RMBliV: Ministerialblatt des Reichs- und Preussischen Ministeriums des Innern* (Periódico Ministerial do Reich e do Ministério do Interior da Prússia)

RSHA: Reichssicherheitshauptamt (Gabinete Central de Segurança do Reich)

RuSHA: Rasse- und Siedlungshauptamt (Departamento Central de Raça e Colonização)

SA: Sturmabteilung (Tropa de Choque)

SD: Sicherheitsdienst der SS (Serviço de Segurança da SS)

Sipo: Sicherheitspolizei (Polícia de Segurança)

SPD: Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social Democrático da Alemanha)

SS: Schutzstaffel (Brigada de Defesa)

SSPF: SS- und *Polizeiführer* (Chefe da SS e da Polícia)

StA Marburg: Staatsarchiv Marburg (Arquivos do Estado em Marburg)

StA München: Staatsarchiv München (Arquivos do Estado em Munique)

StAnw München: Staatsanwaltschaft München (Ministério Público de Munique)

Stapo: Staatspolizei (Polícia do Estado)

TB: Tagebuch Himmler (BAK, NL 1126) (Diário de Himmler)

USHMM: US US Holocaust Memorial Museum (Museu Estadunidense Memorial do Holocausto, Washington, D.C.)

USPD: Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha)

UWZ: Umwandererzentralstelle (Central de Migração)
VDA: Volksbund für das Deutschtum im Ausland (Liga Popular do Germanismo no Exterior)
VNV: Vlaamsch Nationaal Verbond (Confederação Nacional de Flandres)
*VOGG: Verordnungsblatt für das Generalgouvernement* (Gazeta de Decretos do Governo-Geral)
VoMi: Volksdeutsche Mittelstelle (Central de Coordenação dos Alemães Étnicos)
WVHA: Wirtschafts- und Verwaltungshauptamt (Departamento Central de Economia e Administração)
YIVO: Institute for Jewish Research (Instituto de Pesquisa Judaica), Nova York
YV: Museu Yad Vashem do Holocausto, Jerusalém
z.b.V.: zur besonderen Verwendung (para utilização especial)
ZStA Potsdam: Zentrales Staatsarchiv Potsdam (Arquivo Central do Estado em Potsdam)
ZStL: Zentrale Stelle Ludwigsburg (Serviço Central de Investigação dos Crimes Nacional-Socialistas, Ludwigsburg)

## Tabela de equivalência de patentes militares

| **SS (Schutzstaffel) 1934-1945** | **Exército alemão** | **Polícia alemã** | **Exército brasileiro** |
|---|---|---|---|
| Reichsführer-SS | - | - | - |
| - | Generalfeldmarschall | - | Marechal |
| SS-Oberstgruppenführer | Generaloberst | Generaloberst der Polizei | General-de-Exército |
| SS-Obergruppenführer | General der... (Infantaria, Cavalaria, Artilharia etc.) | General d.P. | |
| SS-Gruppenführer | Generalleutnant | Generalleutnant d.P. | General-de-divisão |
| SS-Brigadeführer | Generalmajor | Generalmajor d.P. | General-de-brigada |
| SS-Oberführer | - | - | - |
| SS-Standartenführer | Oberst | Oberst d.P. | Coronel |
| SS-Obersturmbannführer | Oberstleutnant | Oberstleutnant d.P. | Tenente-coronel |
| SS-Sturmbannführer | Major | Major d.P. | Major |
| SS-Hauptsturmführer | Hauptmann (Inf.) Rittmeister (Cav.) | Hauptmann d.P. | Capitão |
| SS-Obersturmführer | Oberleutnant | Oberleutnant d.P. | Primeiro-tenente |
| SS-Untersturmführer | Leutnant | Leutnant d.P. | Segundo-tenente |
| SS-Sturmscharführer | Hauptfeldwebel | Meister | Suboficial |
| SS-Stabsscharführer | Stabsfeldwebel | - | - |
| SS-Hauptscharführer | Oberfeldwebel | - | Primeiro-sargento |
| SS-Oberscharführer | Feldwebel | - | Segundo-sargento |
| SS-Scharführer | Unterfeldwebel | Hauptwachtmeister | Terceiro-sargento |
| SS-Unterscharführer | Unteroffizier | Rev. O. Wachtmeister | - |
| SS-Rottenführer | Stabsgefreiter | Oberwachtmeister | Cabo |
| - | Obergefreiter | - | - |
| - | Gefreiter | Wachtmeister | - |
| SS-Sturmmann | Oberschütze | Rottwachtmeister | - |
| SS-Oberschütze | Schütze | Unterwachtmeister | Soldado |
| SS-Schütze/SS-Mann | Landser | Anwärter | - |

A comparação entre postos militares e policiais de diferentes países nunca é exata. A equivalência é apenas aproximativa.

## Prólogo

Na tarde de 23 de maio de 1945, pouco mais de duas semanas após a capitulação alemã, um grupo de cerca de vinte suspeitos entre civis e soldados alemães, que havia sido capturado[1] dois dias antes, foi levado ao 31º Campo de Interrogatório de Civis das Forças Armadas inglesas, nas proximidades de Lüneburg.

O oficial de plantão, capitão Tom Selvester, assumiu a inspeção rotineira dos prisioneiros: um a um, os homens foram conduzidos ao seu escritório, onde ele verificava seus dados pessoais e os interrogava. Selvester já se ocupava com a tarefa havia algum tempo, quando as sentinelas o avisaram de que três dos prisioneiros do lado de fora estavam causando problemas, exigindo serem atendidos imediatamente. Esse fato era extremamente incomum: Selvester sabia por experiência que a maioria dos prisioneiros fazia de tudo para não chamar a atenção.

Curioso, Selvester ordenou que lhe trouxessem os três. Em seu escritório entraram um homem relativamente baixo, de aparência doentia e em trajes civis surrados; atrás dele, dois acompanhantes de maior estatura — soldados —, meio uniformizados, meio à paisana. Os britânicos suspeitavam que os três fossem membros da polícia secreta de campo. Selvester dispensou os dois mais altos, para que pudesse avaliar mais detidamente o menor, sem dúvida o líder. Este removeu o tapa-olho preto do lado direito, colocou óculos de armações grossas e, com calma, apresentou-se como a pessoa que inequivocadamente parecia ser: Heinrich Himmler, ex-Reichsführer-SS e chefe da Polícia alemã, comandante do Exército de Reserva da Wehrmacht (Forças Armadas) e ministro do Interior do Reich.

Selvester rapidamente mandou chamar o oficial de interrogatórios de mais alta patente, capitão Smith, e ambos ordenaram a Himmler que se submetesse a um teste de assinatura — para que pudessem ter certeza absoluta. Himmler, que obviamente temia que quisessem arrancar dele um suvenir, primeiro se negou, mas acabou concordando sob a condição de que o papel fosse destruído assim que a assinatura fosse comparada ao exemplar disponível no campo de prisioneiros.

Depois, Selvester revistou pessoalmente o prisioneiro. Primeiro encontrou documentos em nome de Heinrich Hitzinger, sargento da Wehrmacht. Em seguida, no casaco de Himmler, achou uma latinha contendo uma ampola com

um líquido transparente. Sabendo que se tratava de uma cápsula de veneno, mas fingindo ingenuidade, Selvester perguntou a Himmler do que se tratava, e este lhe disse ser um remédio para dor de estômago. Ao encontrar nas roupas de Himmler a segunda latinha idêntica, porém vazia, Selvester concluiu que o prisioneiro mantinha ainda outra ampola escondida no corpo.

Himmler foi então submetido a um meticuloso exame que incluía todos os orifícios do corpo, embora a boca, certamente o esconderijo mais provável e arriscado, tenha sido deixada de fora. Em vez de examiná-la, Selvester mandou servir um sanduíche de queijo e chá. Himmler aceitou o lanche com prazer, mas não retirou da boca qualquer objeto suspeito. Recusou-se, no entanto, a vestir as peças do uniforme britânico oferecidas em substituição às roupas confiscadas — provavelmente por temer que o fotografassem e depois usassem as imagens como material de propaganda. Assim, ficou sentado diante dos oficiais britânicos em roupas de baixo — enrolado num cobertor. Seus dois acompanhantes eram o Obersturmbannführer Werner Grothmann, o oficial ajudante do Reichsführer-SS, e outro membro de seu Estado-maior, o Sturmbannführer Heinz Macher.

Pouco antes do anoitecer, chegou ao local um oficial mais graduado do Serviço Secreto britânico, que então assumiu o interrogatório. Enquanto isso, os britânicos ponderavam sobre como poderiam retirar a cápsula de veneno na boca de Himmler sem danificá-la. Consultaram médicos militares para saber se não seria possível deixar Himmler inconsciente mediante uma droga, mas a opção foi rejeitada por ser muito arriscada.[2]

Por volta da meia-noite, o interrogatório foi temporariamente interrompido. Himmler foi levado ao quartel-general do 2º Exército Britânico em Lüneburg. Durante toda a sua permanência no 31º Campo, ao menos assim pensava Selvester, Himmler se mostrara receptivo e disposto a responder às perguntas dos oficiais britânicos, chegando a causar uma impressão quase jovial. Depois de poder tomar um banho e se alimentar, Himmler, que inicialmente apresentara um aspecto doentio, parecia revigorado.

Uma vez em Lüneburg, foi submetido a um exame rigoroso em que o médico, o capitão Wells, forçando a abertura de sua boca, descobriu a ponta azul de um objeto. Enquanto Wells tentava remover o corpo estranho, Himmler puxou a cabeça com força para o lado, mordeu a cápsula e tombou. Após 15 minutos, pararam de tentar remover os restos de veneno de sua boca e de reanimá-lo. Um

exame mais apurado revelou que o veneno usado fora o cianureto.[3]

O corpo de Himmler foi enterrado três dias depois. Estavam presentes, apenas um oficial britânico e os três sargentos que haviam cavado a sepultura. Não houve nenhuma cerimônia religiosa, e o túmulo ficou sem nome.[4]

O comportamento de Himmler em seus últimos dias foi contraditório: em vez de cometer suicídio nos últimos dias da guerra, a exemplo de outros líderes nazistas, resolveu esconder-se, mas o fez de modo tão amadorístico que ele e seus acompanhantes fatalmente seriam pegos. Ao cair nas mãos dos Aliados, fez questão de deixar que soubessem quem tinham à frente, porém, em seguida, eximiu-se de sua responsabilidade, cometendo suicídio. Seus homens ficaram profundamente decepcionados por ele ter agido assim em vez de seguir os padrões de virtude de um SS-Führer, pregados por ele mesmo e que incluíam assumir a responsabilidade pelos próprios atos, por mais sórdidos que fossem. A atitude fez com que mesmo entre seus antigos seguidores a fama póstuma do Reichsführer-SS (RFSS) se mantivesse predominantemente negativa. Consequentemente, nos anos do pós-guerra, Himmler não se tornou uma figura lendária.

Em maio de 1945, Himmler apenas se deixou levar pelo fluxo dos milhões de refugiados e soldados. Seu fim parece tão enigmático quanto sua carreira a serviço do nazismo: como pôde uma personalidade tão banal alcançar uma posição historicamente ímpar de poder; como pôde o filho de um próspero funcionário público bávaro, católico, tornar-se o organizador de um sistema de genocídio que abrangeu toda a Europa?

A obscura personalidade desse homem e os motivos por trás de seus feitos monstruosos serão desvendados, tanto quanto possível, nesta biografia. Mas para sermos bem-sucedidos precisamos ultrapassar os moldes de uma biografia política e analisar toda a vida de Himmler, em cada uma de suas fases e em seus diferentes âmbitos (inclusive os ditos apolíticos).

Uma abordagem biográfica de tamanha abrangência permite reconstruir o desdobramento dessa personalidade, suas características essenciais e seus padrões de comportamento, em seus “anos de formação” — que remontam ao início de sua carreira política —, tornando-os frutíferos para análises posteriores. Assim, é possível explicar o que “levou esse jovem de boa família” a integrar,

em meados dos anos 1920, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), mais conhecido como Partido Nazista, de minoria dissidente de extrema direita, e o que fez com que esse tipo frágil e apagado ampliasse a Schutzstaffel (tropa de proteção) a ele subordinada, transformando-a na marcial SS, e situando-a no curso de uma rigorosa seleção racial. A personalidade de Himmler permite também desvendar o que o motivou, apesar das derrotas e frustrações, a resistir tenazmente em seu posto e a trabalhar de forma sistemática na construção de uma estrutura de poder que mantinha sob controle todo o território dominado pela Alemanha. No que diz respeito aos crimes sem precedentes por ele organizados, sua justificativa está indissoluvelmente ligada a sua biografia, à ideia que Himmler fazia de "decência", que, num olhar mais apurado, revela-se como código de uma dupla moral pequeno-burguesa.

Uma biografia de Himmler pode, contudo, render muito mais. Afinal, a reprodução biográfica cronológica e esquematizada das diferentes atividades postas em marcha por ele nas funções de Reichsführer-SS, chefe da Polícia alemã, comissário do Reich para a Consolidação do *Volkstum*[1] Alemão (RKF, na sigla em alemão), ministro do Interior do Reich e comandante do Exército de Reserva revela que as áreas políticas individuais pelas quais ele era responsável estavam interligadas de modo muito mais forte do que se acreditava antes. Além disso, puderam ser encontradas coincidências temporais surpreendentes que até o momento não haviam sido consideradas dessa forma pelos pesquisadores.

A investigação da história das estruturas da SS e do Partido Nazista se concentrava basicamente na reconstrução dos genocídios perpetrados pela SS — com o Holocausto em primeiro plano —, bem como em suas diversas esferas de atuação. Assim, a repressão, o extermínio racial, a Waffen-SS (SS armada), a política em torno da colonização e do *volkstum*, a espionagem etc. eram vistos predominantemente como pilares paralelos do Império da SS.

Mas quando se quer explicar o que mantinha unido esse aparato extremamente heterogêneo, o que fez com que ele, com o passar do tempo, buscasse sempre novas atribuições, ampliasse suas competências e se redefinisse com frequência, é preciso ocupar-se da história de vida do homem que estava na cúpula da estrutura. Era Himmler quem redefinia de forma constante, em fases claramente diferenciadas umas das outras, o papel da SS.

Em pouquíssimo tempo, ele conseguiu transformar a modesta guarda pessoal,

que assumira em 1929, em uma liga paramilitar elitizada que jurou lealdade à cúpula do partido. Nos anos 1933-1934, conseguiu rapidamente galgar o cargo de chefe da Polícia Política de todo o Reich. A partir dessa posição, desenvolveu um plano abrangente para a direção de toda a força policial, que ele — depois de ter sido nomeado chefe da Polícia alemã por Hitler, em 1936 — queria fundir com a SS para criar o corpo de segurança do estado (*Staatsschutzkorps*).

Quando, no final dos anos 1930, o assim chamado Terceiro Reich começou a se expandir, Himmler estabeleceu novas prioridades: em paralelo à colonização e à "seleção racial" da população nas regiões a serem "germanizadas", ampliou a Waffen-SS e passou a se envolver na política de repressão nas regiões ocupadas. Em 1941, instituiu uma política de extermínio sistemático com base em critérios raciais. Na visão dele, esse era o primeiro passo para erguer uma estrutura de poder qualitativamente nova, racialmente baseada, no continente europeu — o Grande Império Germânico.

No final de 1942, no entanto, o regime entrou na defensiva, e Himmler voltou a redirecionar suas metas. Passou a se concentrar totalmente na garantia da "segurança" dentro das regiões ainda dominadas pela Alemanha nazista e, até o fim da guerra, passou a concentrar em sua pessoa quase todos os meios de violência passíveis de serem usados internamente, no seio do Estado nazista.

Assim, a verdadeira força de Himmler consistia em criar, a cada dois ou três anos, estruturas completamente novas para sua esfera de domínio, que alocavam tarefas correlacionadas a cada uma das partes desse conglomerado heterogêneo de poder, ajustadas à política geral do Regime e que se deixavam justificar tanto do ponto de vista da política de poder quanto do ideológico. Dessa maneira, reagia à crescente radicalização política do regime nazista, ao mesmo tempo em que a impulsionava de modo decisivo.

A capacidade de Himmler de combinar, de modo muito eficiente, visão de mundo e política de poder por meio da constante definição de novos objetivos para a SS deixa claro, acima de tudo, que a abordagem biográfica é o único meio adequado para compreender e explicar a história da SS em todas as suas facetas. Sem o homem que estava em sua direção não é possível explorar de modo abrangente essa organização heterogênea, radical e em constante expansão.

Também contribui para esse objetivo o reconhecimento de que as predileções e aversões pessoais, assim como as diversas manias de Himmler, marcaram

profundamente a organização e o comando da SS e que, de fato, surtiam efeitos estruturais. Isso se aplica, por exemplo, ao modo obstinado com que controlava o seu pessoal, que incluía o monitoramento da vida privada dos subordinados e que, em muitos aspectos, remete ao comportamento de uma figura paterna severa e protetora; isso também vale para sua tentativa de estabelecer um culto à SS que correspondia inteiramente às suas inclinações germanófilas, dissidente católico que era. O corpo de segurança do estado no qual Himmler queria transformar a SS oferecia-lhe, em muitos aspectos, uma forma de autoproteção, servindo como um escudo atrás do qual ele podia, ao mesmo tempo, vivenciar suas inclinações pessoais e ocultar suas fraquezas.

O RFSS Himmler não era um funcionário político que dirigia uma repartição com funções prefixadas, mas alguém que, ao longo das diversas missões de liderança de que foi incumbido pelo Führer, criou para si uma forma única de poder. Fez do comando da SS, da garantia de sua consistência interna e de seu potencial futuro a sua verdadeira razão de viver.

Quanto mais Himmler transferia suas máximas pessoais para o comando da SS, quanto mais se fundia com o ofício, mais desaparecia a pessoa privada por trás da função de Reichsführer-SS. Enquanto se dispõem de informações relativamente detalhadas sobre a vida privada de Himmler até o início dos anos 1930 por meio de diversas fontes (sobretudo diários e cartas), esses tipos de documentos pessoais ficam cada vez mais escassos à medida que aumentam o poder e a exigência do cargo de Reichsführer-SS; Himmler quase já não tinha vida privada. Apesar da grande quantidade de documentos oficiais disponíveis nos quais a personalidade de Himmler transparece claramente, com seu estilo típico, seus ressentimentos, suas tendências e seus preconceitos, a partir de meados dos anos 1930 o método puramente biográfico esbarra em seu limite. Seria pretensioso — e configuraria uma abordagem equivocada em termos historiográficos — querer explicar as ações do Reichsführer-SS Heinrich Himmler essencialmente a partir de seu currículo. A história do nazismo definitivamente não pode ser reduzida a um entrecruzamento dos currículos de alguns líderes nazistas.

Trata-se, muito mais, de uma relação lógica entre biografia e história estrutural; se é atribuído um peso cada vez maior para a história estrutural ao longo da vida do nosso protagonista, o deslocamento desse peso metódico e

narrativo é a consequência lógica da referida crescente fusão entre cargo e pessoa. Ainda assim, o elemento biográfico mantém sua importância em todas as fases referidas da vida de Himmler, pois no nazismo a configuração do poder político estava indissoluvelmente unida à biografia dos principais chefes nazistas. Isso se aplica de um modo todo especial a Heinrich Himmler, o Reichsführer-SS.

1 O Dicionário Universal Alemão da Ed. Duden apresenta a seguinte definição para o termo *Volkstum*: “Essência, peculiaridade de um povo, do modo que ele se expressa em sua vida e sua cultura.” No Terceiro Reich o termo assume um caráter agressivo, tornando-se sinônimo de “raça”. Optamos por deixá-lo no original, uma vez que não existe uma tradução adequada. (N. das T.)

PARTE I

# O jovem Himmler

## Infância e juventude

Poucas semanas antes de sua morte, em 1980, o escritor alemão Alfred Andersch concluiu uma "história escolar" autobiográfica em que descreve uma aula de grego, ministrada no Wittelsbacher-Gymnasium, em Munique, 52 anos antes: trata-se da última lição que Andersch teve naquela instituição em 1928.

O drama tem início no momento em que o diretor da instituição, o severo e temido "Rex", faz uma visita surpresa à classe. Primeiro acontece uma discussão entre o diretor e um aluno muito autoconfiante de origem nobre, que rapidamente se agrava e culmina com a expulsão do aluno insubordinado. Mas esse foi só o prólogo, pois o diretor ainda manda o herói da história, a quem Andersch deu o nome de Franz Kien, ir ao quadro onde não só tem o prazer de demonstrar como eram miseráveis os conhecimentos de grego do aluno, como também humilha Kien-Andersch segundo todas as regras da arte — de modo cínico, malicioso e infame. Ele é também convidado a deixar a instituição.

Rex, fica-se sabendo, na realidade se chamava Himmler, e Andersch deu à história o título de *Der Vater eines Mörders* (O pai de um assassino).

A "história escolar" de Andersch é uma possível tentativa de se aproximar do fenômeno Himmler: a carreira do assassino em massa, sugere-se aqui, seria resultado de um conflito entre pai e filho que acaba transformando Heinrich Himmler em um revolucionário da extrema direita que se rebela contra o pai ultrassevero, tornando-se seu "inimigo mortal". Não seria de se esperar, questiona Andersch, que, "com um pai desses, segundo a necessidade natural, ou seja, de acordo com regras psicológicas bem compreensíveis, e pelas leis do conflito entre gerações subsequentes, e das consequências paradoxais da tradição familiar, resultasse necessariamente um filho assim?" Andersch, no entanto, reconhece não ter resposta definitiva para a pergunta.

Após a publicação prévia do romance de Andersch no jornal *Süddeutsche Zeitung*, surgiram inúmeras cartas de leitores que tinham conhecido Gebhard Himmler pessoalmente. Elas mostram um quadro ambíguo: ele é descrito como alguém que se curva perante os superiores enquanto maltrata os subordinados, mas também como "uma personalidade enérgica, que impõe respeito e que tem alto nível intelectual".[1]

Otto Gritschneder, um conhecido advogado de Munique, autor de inúmeros artigos críticos sobre a Justiça bávara durante o regime nazista, recordava-se do

antigo professor Gebhard Himmler como “um Rex justo (e justiça é algo reputado como muito importante pelos alunos), que se empenhava muito para que nossas jovens mentes tivessem acesso à cultura e à história de nossa pátria e de nosso continente”. Gritschneder, aliás, fora colega de classe de Andersch e sentava-se ao seu lado; segundo ele, Andersch era apenas um mau aluno e sua carreira estudantil fora interrompida de maneira totalmente normal.[2]

## Os Himmler e o filho Heinrich

Gebhard Himmler, pai de Heinrich Himmler, era filho de um funcionário público subalterno e protestante, um clássico alpinista social. O pai de Gebhard, Johann Himmler, nascido em 1809, vinha de uma família de camponeses e operários de Ansbach e era tecelão por formação. Seguindo uma carreira inconstante no Exército e na polícia real bávara, conseguiu se tornar brigadeiro (o que correspondia ao posto de sargento de polícia). Após a exoneração em 1862, trabalhou na administração distrital de Lindau até a morte em 1872. Poucos meses após a mudança para Lindau, já com 53 anos de idade, Johann Himmler desposou Agathe Rosina Kiene, 24 anos mais jovem que ele, católica e filha de um relojoeiro de Bregenz.[3]

Em 1865 nasceu Gebhard, o filho do casal. Ele tinha 7 anos de idade quando o pai morreu. A mãe lhe deu uma educação católica, e Gebhard certamente devia à sua influência a energia e a determinação que o ajudaram a ascender socialmente da origem pequeno-burguesa à classe média intelectual. Em 1884, iniciou os estudos na Universidade de Munique, onde se ocupou principalmente de germanística e das línguas clássicas, concluindo o curso de licenciatura em 1888.[4] Em seguida, passou algum tempo em São Petersburgo, onde, à época, havia uma colônia alemã relativamente grande, e trabalhou como preceptor na casa do cônsul honorário, o barão Von Lamezan.[5] Por meio da amizade de Lamezan com o príncipe regente da Baviera, Gebhard estabeleceu relações com a corte bávara. De volta à Baviera, empenhou-se para se estabelecer como professor de ensino médio. De início, a partir de 1890, lecionou como professor temporário em escolas de Munique, mas em 1894 gozou do raro privilégio de ser contratado como preceptor de Heinrich, filho do príncipe Arnulf, irmão do príncipe regente e, mais tarde, rei Ludwig III da Baviera.[6] Depois de concluir essa atividade com sucesso em 1897, obteve o cargo fixo de professor de ensino

médio no tradicional Wilhelmsgymnasium, em Munique.[7]

Seu novo emprego finalmente lhe permitiu constituir família. Em 1897, casou-se com Anna Maria Heyder, filha de um comerciante de Munique, de 31 anos — um ano mais nova. Ela também perdera o pai muito cedo, aos 6 anos (o pai tinha 55 anos quando ela nasceu).[8] Tudo indica que trouxe considerável fortuna para o casamento.[9]

Depois do irmão Gebhard, nascido em julho de 1898, Heinrich foi o segundo filho desse casamento. Nasceu em 7 de outubro de 1900. Foi uma grande honra para a família Himmler que o príncipe Heinrich, então com 16 anos, aceitasse o pedido de Gebhard para ser o padrinho da criança. É verdade que o príncipe ocupava apenas o pouco promissor nono lugar na linha de sucessão dos Wittelsbach, mas o apadrinhamento assegurava relações com a corte, condição de extrema importância para o futuro da família que tanto buscava a ascensão social.[10] Naturalmente, o mais jovem descendente recebeu o nome do influente padrinho; como segundo nome, optou-se por Luitpold, nome do príncipe regente. Aliás, o segundo nome do filho mais velho, Gebhard, era Ludwig, em homenagem ao rei da Baviera, falecido em 1886. Em 1905, Heinrich ganhou mais um irmão, Ernst.

É certo que os Himmler esforçaram-se em levar uma vida confortável, imbuída de dedicação e religiosidade, como era de se esperar de uma família próspera de funcionários públicos de Munique na virada do século. Enquanto a mãe se dedicava totalmente à casa e ao bem-estar dos filhos, o pai não só se destacava em sua função de professor de ensino médio, como também se esforçava ao máximo em passar para eles os frutos de suas qualidades pedagógicas.[11]

No centro da educação estava a transmissão de bem-fundamentados cânones de formação, que englobavam, principalmente, literatura clássica, sólidos conhecimentos de história e domínio das línguas antigas. O grande esforço em habituar os filhos às maneiras e convenções sociais revela, possivelmente, a insegurança de um pai de origem mais simples. A educação religiosa e a participação ativa na vida da paróquia era algo natural; Anna Himmler prezava de tal modo a orientação ao catolicismo que Gebhard achou por bem preveni-la de exageros nessa área.[12]

A autoridade do pai não se manifestava pela inacessibilidade ou severidade

despótica, mas pelo paciente trabalho com os filhos; eram submetidos a um sistema de regras e proibições cuja estrita obediência era supervisionada com minúcia e certo pedantismo. A severidade do pai almejava um efeito duradouro e, aparentemente, harmonizava com bondade, amor e ternura.[13] Gebhard ocupava grande parte de seu tempo livre com sua coleção de selos, hobby com o qual familiarizou os filhos. Também lhes ensinou estenografia — grande parte da correspondência familiar foi estenografada.[14]

Gebhard Himmler controlava especialmente o desempenho escolar dos filhos e estimulava-os a aproveitar as férias para repassar a matéria da escola. Quando o filho mais velho, Gebhard, perdeu mais da metade do primeiro ano letivo em virtude de diversas doenças, o pai se empenhou não somente em recuperar as matérias perdidas, como também em fazer com que o filho se tornasse o melhor aluno da classe até o final do segundo ano primário.[15] Além disso, os pais cuidavam para que os filhos tivessem "as companhias certas", dando preferência a crianças da alta burguesia de Munique.

O pedantismo de Gebhard Himmler, para o qual sua sobrinha-neta chamou a atenção, ficou ainda mais evidente quando, em 1910, organizou uma viagem à Grécia sem a família. Gebhard fez preparativos abrangentes para o caso de não voltar com vida. Redigiu longa carta de despedida para cada ente familiar, com conselhos detalhados quanto ao caminho a seguir em suas vidas e inúmeras recomendações práticas para o domínio da rotina diária. Chegou a elaborar um catálogo de virtudes para o filho mais velho; pediu que fosse "aplicado, fiel às obrigações, ético" e o advertiu a ser "um homem trabalhador, religioso e voltado à cultura alemã". Isso correspondia de forma exata às máximas pelas quais criou os três filhos.[16] Infelizmente, a carta para Heinrich não foi preservada. Himmler queria, conforme se depreende dessas cartas, que os filhos estudassem e se tornassem doutores, mas não em filologia ou teologia. Também não deveriam tornar-se oficiais.

Naqueles anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial, os Himmler moravam em bairros privilegiados, o que não significa exclusivos.[17] Tinham uma empregada e aparentemente estavam livres de preocupações financeiras. Mantinham estreito contato com diversos membros familiares e frequentavam um círculo de amigos relativamente grande.[18] Continuavam cultivando a relação com o príncipe Heinrich, que se interessava sinceramente pelos progressos do

afilhado e pelo bem-estar da família Himmler. A relação era bastante cordial, como o demonstra a correspondência entre Gebhard e o príncipe; na época do Natal, os Himmler recebiam a visita do príncipe e de sua mãe, que, após a morte do marido, o príncipe Arnulf, adotou o nome de princesa Arnulf.[19]

Conservadores, acomodados, monarquistas, católicos, economicamente abastados e tradicionalistas do ponto de vista cultural, os Himmler viviam em um ambiente que contrastava radicalmente com a fama bastante difundida de Munique da virada do século: a de uma metrópole de cultura explicitamente moderna, profundamente artística, tolerante e alegre. De fato, no entanto, o modernismo cultural e o liberalismo político já estavam em retrocesso desde 1900: o governo liberal da cidade e o Ministério Liberal do Estado da Baviera eram cada vez mais pressionados pelo centro conservador católico, que se voltava principalmente contra "a imoralidade", as tendências não convencionais na vida cultural e, em especial, contra o mundo boêmio dos artistas da Suábia. Análoga à posição dessa frente político-cultural, o mundo dos Himmler se mantinha indiferente às obras de Thomas ou Heinrich Mann, do *Blaue Reiter* (Cavaleiro azul), do cenário dos cabarés da Suábia e do *Jugendstil*.[2][20]

Em 1902, a família se mudou provisoriamente para Passau, onde Gebhard Himmler obtivera um posto no colégio humanista.[21] Em fevereiro de 1903, Heinrich, então com 2 anos, teve sérios problemas pulmonares, o que levou a mãe a passar alguns meses da primavera com os filhos em Wolfegg, um vilarejo na região da Algóvia, para que o menino pudesse se curar. Heinrich corria sério perigo de contrair tuberculose, uma das mais frequentes causas de óbito em crianças naquela época. Assim que Heinrich melhorou um pouco, voltaram a Passau; mas os pais evidentemente temiam as doenças infantis corriqueiras que, considerando o estado debilitado de Heinrich, poderiam ter consequências graves ou até mesmo fatais.[22]

Em 1904, a família mudou-se de volta para Munique, onde Gebhard Himmler, que havia sido promovido a professor de ensino médio, assumiu um cargo no Ludwigsgymnasium. Novamente os Himmler foram morar em um apartamento, dessa vez na Amalienstrasse 86, logo atrás da universidade.[23] Para Heinrich, começava uma época difícil: não só o irmão mais velho, Gebhard, que iniciara a vida escolar em setembro de 1904, contraíra diversas doenças

infecciosas em sequência e, por isso, se tornara o centro das atenções dos pais, tomando o lugar do pequeno Heinrich, como a mãe estava grávida outra vez. Em dezembro de 1905 nasceu Ernst, e Heinrich teve de conviver com o fato de que a atenção dos pais agora se voltava prioritariamente para o irmão mais novo.[24]

Heinrich agora se encontrava na difícil posição de filho do meio, espremido entre o exemplo superior do irmão mais velho e a consideração zelosa pelo pequeno Ernst. Nessa situação, em que talvez temesse ser deixado de lado pela família, as doenças não só representavam períodos de sofrimento, como também ofereciam uma boa possibilidade de reconquistar a atenção dos pais. É possível que a raiz de seus futuros problemas psicossomáticos se encontre nessa experiência. Em todo caso, começou a desenvolver certa complacência jovial em relação ao irmão mais novo.[25]

Em 1906, Heinrich foi matriculado na Domschule, em Salvatorplatz, no centro de Munique (e não na Amalienschule, que seria a indicada para as crianças que moravam no seu bairro). Ali também não teve sorte no início. Assim como ocorrera com seu irmão, ele perdeu 150 dias letivos durante o primeiro ano devido a doenças infecciosas como tosse, sarampo, caxumba e principalmente uma pneumonia. Embora as matérias perdidas tenham sido recuperadas em casa com uma professora particular,[26] o fato de os pais, mais especificamente o pai, terem expectativas muito altas em relação ao filho, além da nova constelação familiar que se criou desde a chegada do irmão mais novo, deve tê-lo pressionado, já que, apesar das boas notas, não chegou a ter uma média tão boa quanto a do irmão mais velho. Somente com a mudança para a Amalienschule, em 1908, sua situação parece ter ficado menos tensa. Lá Heinrich era bom aluno e também fez amizade com alguns colegas de classe.[27]

O longo recesso de verão que a família costumava passar no sul da Baviera, na região dos Alpes, certamente era a época mais emocionante do ano para os irmãos Himmler. Aproveitavam as férias visitando os pontos turísticos, fazendo caminhadas e passeios de barco e se ocupando com outras atividades recreativas. Em 1910, enquanto estavam em Lenggries, o pai encarregou Heinrich de escrever um diário durante as férias de verão: ele mesmo tratou logo de fazer a primeira anotação para que o filho tivesse um exemplo a seguir. A partir daí, o pai lia e corrigia o que Heinrich escrevia e cuidava para que, nos anos seguintes, ele mantivesse diários semelhantes.[28]

Não é de admirar que esses registros tivessem o caráter de um exercício escolar e essencialmente se reduzissem a uma sequência banal, mas meticulosa, das atividades. Em 1911, por exemplo, Heinrich registrava seguidamente quantas vezes tinha ido nadar: chegou a mencionar 37 idas à água.[29] A reprodução bastante precisa do dia a dia é algo que Heinrich manteve, mesmo depois de seu pai ter deixado de verificar seu diário. No lugar do controle paterno, instalara-se o autocontrole.[30]



*Gebhard e Anna Himmler (sentada) com os três filhos: Heinrich (à esquerda), Ernst (no centro) e Gebhard (à direita), em uma fotografia de 1906.*

Em 1910, Heinrich foi transferido para o Wilhelmsgymnasium, onde o pai lecionara até 1902.[31] Era um menino magro, de estatura relativamente baixa e constituição franzina, adoecia com frequência e aparentava fragilidade. O rosto redondo, dominado pelos óculos que era obrigado a usar em tempo integral, parecia acentuadamente infantil; o queixo recuado realçava ainda mais essa impressão.

Quando um dos antigos colegas de escola, Wolfgang Hallgarten — que fugira dos nazistas para os Estados Unidos e se tornara um dos mais renomados historiadores americanos da história alemã —, descobriu, décadas depois, que aquele colega de classe chamado por todos de “Himmler” era, de fato, o “homem do terror” de anos mais tarde, inicialmente não pôde acreditar. Parecia-lhe grande demais o contraste entre o RFSS e o menino de “estatura mediana, rosto de aspecto leitoso, físico bastante desajeitado e cabelos quase raspados de tão curtos, que já à época usava óculos de aro dourado sobre o nariz um tanto

pontudo” e que frequentemente exibia “um sorriso entre envergonhado e malévolo”. Segundo Hallgarten, Himmler era reconhecido por todos os professores como um aluno exemplar; na classe era visto como extremamente ambicioso e não era muito popular. Hallgarten se lembrava especialmente da figura lamentável que Himmler fazia durante as aulas de ginástica, para diversão dos colegas. O ódio aos judeus, segundo Hallgarten, era algo distante de Himmler naquela época; em compensação, lembrava-se bem de sua postura radicalmente antifrancesa.[32]

Em 1913, o professor Himmler assumiu o cargo de diretor adjunto no Humanistischen Gymnasium, em Landshut. A família agora dispunha de recursos para se mudar para uma casa com jardim.[33] Falk Zipperer, um amigo dos tempos de Munique, felizmente também se mudou com família para Landshut, onde o padrasto, Ferdinand von Pracher, tornou-se presidente da região administrativa local — do ponto de vista dos Himmler tratava-se, portanto, da base familiar ideal para o melhor amigo do filho. A amizade duraria muito tempo: em 1937, Himmler organizou um almoço por ocasião do casamento de seu amigo.[34] Em 1938, incorporou-o à SS e, em 1940, Zipperer, então habilitado como historiador do direito, publicou um artigo em homenagem ao aniversário de 40 anos do amigo.[35] Em 1944 — Himmler se preparava para a sua última festa natalina —, a esposa de Zipperer, Lieselotte, ainda constava na lista de presentes.[36]

Outra relação que durou até o fim da Segunda Guerra Mundial foi a com Karl Gebhardt, três anos mais velho que Himmler. Os dois se conheceram ainda meninos em Landshut. Gebhardt se tornou médico e, mais tarde, dirigiu um sanatório em Hohenlychen, na região de Berlim, que, como ainda veremos, terá um papel relevante na vida de Himmler.[37] Himmler também manteve a amizade dos tempos de Munique com Edi e Luisa, filhas do curador geral Hager.[38] Por esta evidência se vê que Heinrich não era de maneira alguma solitário, ainda que seus colegas o considerassem um cê-dê-efe e um fracote. Seus eram escolares durante a época de Landshut, que duraria até 1919, de fato eram acima da média: em religião e história sempre obtinha “muito bom” e em línguas recebia “muito bom” e “bom”; sua matéria mais fraca era física, que encerrou num ano com um mero “suficiente”. Em uma avaliação do ano escolar de 1913-1914 consta: “Aluno aparentemente muito habilitado que, com incansável aplicação, ambição

ardente e ativa participação durante as aulas, alcançou os melhores resultados da classe. Seu comportamento foi exemplar.”[39]

## Juventude em tempo de guerra

Foi nesse mundo tão bem-organizado, justamente durante as férias de verão, desfrutadas em 1914 no pitoresco Tittmoning, na fronteira entre Alemanha e Áustria, que estourou a notícia da crise, desencadeada pelo assassinato do herdeiro ao trono austríaco em Sarajevo, em 28 de junho, e que culminou com a Primeira Guerra Mundial.

As anotações de Heinrich em seu diário — a notícia alarmante está ao lado dos habituais apontamentos sobre suas atividades recreativas — espelham a atmosfera desses dias decisivos e o repentino fim das idílicas férias. Em 29 de julho se lê: “Aniversário de Gebhard. Início da guerra entre Áustria e Sérvia. Excursão para o lago Waginger.” A informação sobre a guerra foi sublinhada em vermelho. As anotações dos dois dias seguintes, que aparentemente se referiam de novo às atividades diárias, foram apagadas e sobrescritas com a frase grifada em vermelho “Declaração do estado de guerra”. A partir daquele momento, os acontecimentos políticos e militares passaram a ficar em primeiro plano:

“1º de agosto. *Mobilização na Alemanha*. 2 Corpos de Exército. Até o *Landsturm (força de reserva)*.

2 de agosto. De manhã, brinquei no jardim. À tarde também. Às 7h30 a *Alemanha declara guerra à Rússia*.

3 de agosto. *Invasão da fronteira francesa e russa. Aviadores e espiões*. Arrumamos as malas correndo.”

A família Himmler voltou com pressa a Landshut. Essas férias abruptamente interrompidas representariam o fim de toda uma era.

As anotações seguintes de Heinrich são todas voltadas aos acontecimentos militares, até então muito favoráveis à Alemanha. Escrevia em 23 de agosto:

“Vitória do príncipe herdeiro alemão ao norte de Metz (Longeville). O príncipe Heinrich escreveu a papai. Ele sofreu um leve ferimento durante o ataque aos dragões franceses. Resposta solene da Alemanha ao ultimato japonês. Os alemães em Gent. Toquei piano. [...] Parece que os bávaros foram muito valentes na batalha de ontem. Especialmente os nossos garotos de 16 anos, parece que lutaram bravamente com suas baionetas. A cidade inteira está

embandeirada. Os franceses e belgas mal podiam imaginar que apanhariam desse jeito. O Landsturm I é convocado. Namur está cercada. Oito mil russos são presos em Gumbinnen."

Um dia depois, anotou eufórico: "A perseguição aos franceses pelo exército do príncipe herdeiro da Baviera traz ricos frutos (prisioneiros, insígnias e 150 peças de artilharia). O 21º Corpo de Exército entrou em Lüneville. O exército do príncipe herdeiro alemão também continuou perseguindo o inimigo. (Avanço para Longwy.) O duque Albrecht von Württemberg derrotou um exército francês que avançava sobre o Semois. O inimigo é perseguido. Butim: prisioneiros, generais, artilharia pesada, insígnias. Avanço das nossas tropas a oeste do rio Mosa em direção a Maubeuge. Uma brigada da cavalaria inglesa que apareceu foi batida, apanharam! Hurra!"

Himmler ia diariamente à sede do jornal local, onde estavam afixados os últimos telegramas com as notícias da guerra:

"27 de agosto [...] De tarde fui ver os telegramas. O príncipe herdeiro Luitpold da Baviera morreu em Berchtesgaden em decorrência de uma infecção na garganta. O pequeno cruzador *Magdeburg* encalhou na neblina na baía de Odensholm na Finlândia e não pôde ser liberado [...] O cruzador foi pelos ares. Oitenta e cinco homens estão desaparecidos, uma parte está morta ou ferida, outra conseguiu ser salva por um torpedeiro alemão. Agora os pequeno-burgueses amedrontados de Landshut estão cabisbaixos, espalham boatos assustadores [...] e temem que sejam cruelmente massacrados pelos cossacos. Hoje foi divulgada a primeira grande lista de baixas do Exército da Baviera."

"28 de agosto [...] Batemos o Exército inglês. [...] Agora o avanço é fenomenal. Fico tão feliz com as vitórias quanto provavelmente os ingleses e franceses se aborrecem com as derrotas, e a raiva não deve ser pouca. Falk e eu adoraríamos estar nessa briga. Está claro que o deutsche Michel[3] e sua fiel aliada, a Áustria, não têm medo de um mundo de inimigos."

Os que estavam à sua volta aparentemente não avaliavam a situação dessa mesma forma, conforme critica: "Aliás", reclama em 27 de agosto, "na Baixa Baviera não se percebe grande entusiasmo entre os que ficaram. Dizem que todo mundo reclamou lá no centro velho quando anunciaram a mobilização. O povo da Baixa Baviera seria o último que eu imaginaria se comportando desse modo, justo eles, que gostam de uma boa briga. Um guerreiro ferido diz a mesma coisa.

Muitas vezes circulam boatos bem terríveis e tolos, todos inventados pelas pessoas".

Os habitantes de Landshut seriam "os mesmos estúpidos e medrosos de sempre; no caso de um suposto recuo de tropas em Paris, todos ficariam imediatamente com diarreia e o coração na mão. Correm boatos de que está sendo terrível", anotou em 6 de setembro.

Sentindo desprezo pela população local e simpatia pelos prisioneiros inimigos, ele observou em 30 de agosto como um transporte com feridos franceses era abastecido na estação ferroviária: "A estação estava apinhada de curiosos de Landshut, que eram grosseiros e quase agrediram os soldados franceses gravemente feridos (com certeza em piores condições que os nossos feridos, pois estavam presos) quando lhes foram dados água e pão." Os prisioneiros russos eram aparentemente vistos com outros olhos, como revela a anotação de 4 de setembro: "Os russos presos na Prússia Oriental não são 70 mil, mas 90 mil. (Eles se multiplicam como insetos.)"

Apesar da guerra, também no verão de 1915 os Himmler fizeram a tradicional viagem de férias, dessa vez para Burghausen. A chegada do trem à estação de Mühldorf fez com que Heinrich se lembrasse do início da guerra, um ano antes. Mesmo tendo acabado o patriotismo exaltado da primeira fase do conflito, ainda se recordava vivamente do verão anterior, "quando estávamos na estação por volta deste mesmo horário em treinamento militar. Era o dia 6 de agosto quando voltávamos para casa depois de ter estado em Tittmoning. Poucos dias mais tarde, partiram alegres e dispostos para a guerra. Quantos será que ainda estão vivos?".[40]

Tudo que dizia respeito ao combate e aos militares o fascinava. Quando o irmão, dois anos mais velho, obteve a permissão de acompanhar os pais em uma visita a um soldado ferido, Heinrich admitiu no diário que o invejava muito.[41] No início de 1915, a Landwehr (milícia) havia construído trincheiras e abrigos que a classe de Heinrich pôde visitar. Heinrich ficou impressionado: em seu diário há um desenho e uma descrição das instalações.[42]

Em julho de 1915, seu irmão Gebhard completou 17 anos e ingressou no *Landsturm*, tornando-se integrante da reserva. Heinrich comentou o fato com ansiedade: "Ah, se eu também já tivesse a idade certa, estaria lá fora há muito tempo."[43] Mas Himmler, que tinha 14 anos no início do conflito, pertencia à

geração jovem da guerra: jovem demais para ser mandado como soldado ao front, mas com idade suficiente para acompanhar atentamente os acontecimentos políticos e militares desde o início e ser marcado pela experiência de vivenciá-los em todas as suas fases como um esforço coletivo nacional.[44]

Sobretudo na fase inicial, Heinrich e os amigos tentaram desenvolver, através de brincadeiras, um acesso à "realidade" da guerra, que duraria mais de quatro anos.[45] Em seu diário, às vezes os limites entre a guerra real e a encenada também ficam indistintos: "Brinquei com Falk no jardim. Mil russos foram aprisionados por nossas tropas a leste do rio Vístula. Avanço dos austríacos", anotou em 26 de agosto de 1914. Três dias depois escreveu: "Falk e eu brincamos de espada e escudo. Dessa vez com quarenta corpos de Exército, e Rússia, França e Bélgica contra Alemanha e Áustria. Brincadeira muito interessante. Vitória sobre os russos na Prússia Oriental (50 mil prisioneiros)."

Da Páscoa até o outono de 1915, ele e os colegas de escola integraram o Corpo de Cadetes (*Jugendwehr*). Em seu certificado constava "dedicação muito louvável".[46] "De tarde, Exército. O exercício foi bem ruim. Fiquei deitado durante 15 minutos num campo muito úmido. Mas não me fez mal", anotou no diário.[47]

Heinrich começou a se queixar de dores de estômago, mal de que padeceu durante toda a vida.[48] Tentava superar a fraqueza física praticando esportes: em setembro de 1914, seu diário indica que ele treinava sempre com halteres;[49] em fevereiro de 1917, ingressou na Associação Desportiva de Landshut.[50]

Nesse meio-tempo, a guerra chegava mais perto do cotidiano dos Himmler. Restrições no abastecimento de alimentos essenciais e bens de consumo eram cada vez mais perceptíveis. Em novembro de 1916, o governo instalou o "serviço de ajuda à pátria", que obrigava todo alemão entre 17 e 60 anos completos a se colocar à disposição para prestar serviços necessários à guerra, caso já não estivessem servindo ao Exército. No mesmo mês, os Himmler receberam a notícia de que o padrinho de Heinrich, o príncipe Heinrich, morrera em combate na Romênia; ele tinha só 32 anos. Os Himmler lamentaram não só a perda de um importante amigo da família, mas também o fato de que o acesso privilegiado à corte, que sempre oferecera as melhores perspectivas ao desenvolvimento dos três filhos, tinha desaparecido para sempre.[51]

Em 1917, os jovens nascidos no mesmo ano que seu irmão mais velho foram apanhados pela máquina militar: Gebhard, que fazia parte do Landsturm havia dois anos, em maio de 1917 entrou para o 16º Regimento de Infantaria da Baviera, em Passau, onde completou a primeira etapa da formação de oficial.[52] Falk Zipperer também deixou o colégio em abril de 1917 e iniciou um curso preparatório de oficiais.[53]

Heinrich, que desde outubro de 1915 prosseguia no treinamento pré-militar no Corpo de Cadetes de Landshut,[54] queria trilhar o mesmo caminho. Foi possivelmente por conta de sua insistência que no verão de 1917 o pai se esforçou muito para lhe arranjar uma vaga de aspirante a oficial num regimento de infantaria da Baviera. Conseguiu que o mordomo da princesa Arnulf, mãe do finado príncipe Heinrich, se empenhasse pessoalmente e intercedesse a favor de Heinrich junto aos exclusivos 1º e 2º regimentos de Infantaria, mas não obteve sucesso uma vez que as listas de candidatos já eram muito longas.[55] Na correspondência com as autoridades militares, o pai de Himmler foi questionado sobre se o filho aspirava ao cargo de oficial de carreira. “Meu filho Heinrich tem o forte desejo de seguir a carreira de oficial de infantaria”, respondeu ele, determinado.[56]

Pouco antes do início do novo ano letivo — as férias de verão passara em Bad Tölz —, Heinrich surpreendentemente deixou o colégio. Até então havia cursado sete anos do ensino fundamental, e o último boletim demonstrou que ele, se não era excelente, era ao menos um bom aluno.[57] A saída do colégio provavelmente foi motivada pelo receio de que fosse recrutado pelo Exército, como outros alunos da mesma idade, antes que seus esforços para obter uma vaga de aspirante a oficial em um regimento de primeira categoria tivessem êxito. Foi bem-sucedido ao se candidatar para o serviço de auxílio à pátria, na administração municipal de Regensburg: em outubro de 1917, foi contratado para trabalhar no Escritório da Assistência Social, que se ocupava dos familiares dos soldados mortos em combate. Ao fim de seis semanas, encerrou o interlúdio e retornou ao colégio, após o Ministério da Educação determinar que os alunos da sua série ainda não seriam recrutados.[58]

## O soldado Heinrich

Em 23 de dezembro, recebeu a surpreendente notícia de que o 11º Regimento de

Infantaria o aceitara como aspirante a oficial. Também aqui o referido mordomo mexera os pauzinhos; as relações de seu pai com a corte por fim se tinham comprovado eficientes.[59] Heinrich deixou a escola e em 2 de janeiro apresentou-se no batalhão de reserva do 11º Regimento, em um acampamento nas proximidades de Regensburg, para dar início à sua formação.[60]

Em uma de suas primeiras cartas à família, assinou, orgulhoso, com a expressão em latim "Miles Heinrich" (soldado Heinrich), e o guerreiro recém-saído do forno afirmou sua masculinidade, entre outras coisas, começando a fumar.[61] Em contraste com essa pose masculina, suas cartas quase diárias aos pais revelavam grandes dificuldades de adaptação ao mundo militar. Heinrich sentia saudades de casa. Reclamava das más condições do alojamento e da péssima alimentação, que, na maioria das noites, no entanto, podia complementar com visitas a restaurantes. Constantemente, exigia respostas mais frequentes às suas cartas, pedia alimentos, roupa limpa e outras remessas que lhe facilitassem a vida no quartel.[62] Quando seus desejos não eram logo atendidos — apesar de ter recebido sete pacotes de casa nas primeiras cinco semanas de sua vida militar[63] —, reagia ofendido: "Queridos pais! Hoje novamente não recebi nada de vocês. Isso não é justo."[64]

Depois de algumas semanas, acostumou-se à nova vida. As lamentações em suas cartas diminuíram, mas a correspondência deixa claro o quanto sentia falta do convívio familiar.[65]

A partir de fevereiro de 1918, passou a receber passes regulares e podia ir para casa na maioria dos finais de semana. O irmão Gebhard, ao contrário, foi mandado para o Front Ocidental em abril de 1918, onde participou de árduos combates com muitas baixas.[66] Heinrich, em contrapartida, já perdia o controle só por ficar alguns dias sem receber carta de casa: "Querida mãe! Muito obrigado pelas suas amáveis notícias (que eu não recebi). É muito injusto você novamente não ter escrito."[67]

Como estava terminando o curso em Regensburg, ele nutria esperanças de também ser enviado ao front, mas, para sua decepção, soube que queriam mandá-lo para outro curso. "Você podia ter economizado suas lágrimas", escreveu para a mãe, para quem a perspectiva de ter um segundo filho no front era assustadora. "Mas não se alegrem demais, pois tudo pode mudar de repente."[68] Em 15 de junho, deu continuidade ao seu curso, dessa vez em

Freising, distante 40 quilômetros de Landshut. Também agora ele passava a maioria dos fins de semana em casa.[69]

Nas cartas aos pais descrevia, como de hábito, o dia a dia no Exército, onde se sentia bem melhor então, como mostram suas descrições lapidares. “O serviço é abundante, mas ainda assim muito interessante.” “O tratamento é fantástico. Hoje à tarde nos banhamos [...] A comida é muito boa.”[70] Os problemas de abastecimento e os relatos sobre sua saúde precária ocupavam boa parte do conteúdo;[71] seu desejo pelos muitos “pacotes de delícias”[72] vindos de Landshut, pelos quais sempre agradecia gentilmente (“o bolo estava divino”),[73] parecia nunca acabar. Mas a clara dependência em relação à devoção e ao amor dos pais era incurável, como mostra a correspondência. Passadas as dificuldades iniciais, embora tentasse se apresentar aos pais de forma mais máscula, madura e como um soldado (certamente também impressionado pelo exemplo do irmão mais velho, cuja vida naquele momento sem dúvidas corria riscos no front), nas cartas continuava exigindo a mesma simpatia calorosa por seus problemas diários e o permanente apoio para solucioná-los. A partir de agosto, passou a desejar que o curso em Freising acabasse logo: “O curso está cada vez mais chato e difícil. Bom, vou acabar passando, ainda que não seja com grandes notas”, escreveu para casa.[74] Mesmo depois de concluir este curso[75] ele não foi enviado ao front, como esperava; em vez disso, mandaram que fizesse outro treinamento: em 15 de setembro ele devia se apresentar em Bamberg, onde participaria de um treinamento especial de 14 dias com metralhadoras pesadas.[76] Apesar de ser bastante crítica a situação militar no Front Ocidental após o fracasso dos alemães na ofensiva da primavera, o Exército alemão continuava empenhando grande rigor na formação dos oficiais. Ou será que os superiores ainda não consideravam Heinrich maduro o suficiente para ser engajado no front como de aspirante a oficial?

No começo de outubro, havia concluído o curso de Bamberg e, após uma semana de férias, deveria se reapresentar em Regensburg, onde o haviam escalado, juntamente com outros, para ajudar no treinamento de recrutas.[77] Heinrich avaliava a situação geral de modo pessimista: “Politicamente vejo agora as coisas muito ruins, muito ruins mesmo”, escreveu aos pais em 16 de outubro. Como tantos outros, ele agora achava que a revolução era inevitável.[78] Mas Heinrich queria de qualquer jeito se afirmar em combate e, entusiasmado,

escreveu para casa que havia conversado com um tenente que lhe oferecera a transferência para o front.[79] Mas isso não chegou a acontecer pois o regimento de marcha destinado ao front tinha sido dissolvido em virtude da eclosão dos distúrbios políticos do início de novembro. Heinrich foi mandado para casa. Em Landshut, ele vivenciou a revolução política e o fim da guerra: em 7 de novembro, irrompeu a revolução em Munique e Luís III, o rei da Baviera, abdicou. Em 9 de novembro, o revolucionário Conselho dos Comissários do Povo se instalou em Berlim e o rei Guilherme II fugiu para a Holanda. Em 11 de novembro, o novo governo assinou o armistício, admitindo, assim, a derrota do Império alemão.

No final de novembro, Heinrich retornou para sua tropa em Regensburg na esperança de que o Exército concluiria a formação dos cadetes nascidos em 1900. Inicialmente, no entanto, trabalhou com o primo, Ludwig Zahler, que havia sido promovido a tenente, na coordenação do desarmamento do regimento; ambos alugaram quartos em Regensburg.[80] Himmler também começou a se preparar para o certificado de conclusão do ensino médio.[81]

Em Regensburg, ele simpatizou com o Partido Popular Bávaro (BVP, na sigla em alemão), que fora fundado em novembro de 1918 por líderes políticos de centro da Baviera. Heinrich entrou em contato com um dos antigos colegas de escola de Gebhard, que agora participava ativamente da organização do BVP em Regensburg, e também convidou o pai a se engajar no novo partido.82

Seu irmão Gebhard, promovido a alferes e condecorado com a Cruz de Ferro, retornara ileso do front no início de dezembro. Heinrich, por outro lado, teve de aceitar, pouco tempo depois, que ele mesmo já não tinha chance de dar continuidade à carreira militar: ainda em dezembro de 1918 recebeu a notícia de que todos os cadetes do ano de 1900 seriam dispensados.[83] Em 18 de dezembro, foi liberado e voltou para Landshut.[84] Ressentia-se profundamente do fato de nunca ter estado no front nem ter-se tornado um oficial. Durante boa parte da vida Himmler manteria a convicção de ter sido impedido de seguir sua real vocação como oficial.

2 Jugendstil — estilo de arquitetura e design dos países germânicos semelhante ao Art Nouveau (N. das T.)
3 Personificação nacional dos alemães. (N. das T.)

## Estudante de agronomia

De volta a Landshut, a prioridade de Himmler passou a ser a conclusão dos estudos. Até então, havia cursado sete anos; conseguiu recuperar o tempo escolar que faltava para obter o diploma em seis meses, em uma classe especial, graças a uma regulamentação válida para aqueles que prestaram serviço na guerra. O professor era justamente seu pai, Gebhard, que conduziu o grupo com habituais rigor e meticulosidade, não facilitando em nada a vida escolar do filho.[1]

O melhor amigo de Heinrich na época era Falk Zipperer, que havia retornado da guerra e também frequentava a classe especial. Os dois passavam muito tempo escrevendo poesias, mas Himmler, diferentemente do talentoso Zipperer — que chegou a publicar uma série de versos —, produziu algumas um tanto toscas.[2]

Nesse ínterim, a situação política no reino da Baviera se agravara. Em 21 de fevereiro, Kurt Eisner, líder do Partido Social Democrático Independente da Alemanha (USPD) na Baviera, que chegou a ocupar o cargo de primeiro-ministro por meio da revolução republicana, foi assassinado por um oficial de extrema direita. Nas semanas seguintes, a situação se polarizou cada vez mais entre o governo de coalizão eleito pelo Landtag (assembleia estadual), representado pelo novo primeiro-ministro Johannes Hoffmann, e o movimento radical de esquerda dos conselhos, especialmente forte em Munique. Finalmente, em 7 de abril, o partido de esquerda proclamou a Räterepublik (República dos Conselhos) em Munique e o governo Hoffmann fugiu da cidade, voltando a Bamberg. O USPD deixou o governo bávaro. No Norte da Baviera, unidades da Reichswehr (o Exército imperial) e o Freikorps (unidades armadas voluntárias antirrevolucionárias e antidemocráticas, compostas por soldados que retornavam da guerra) preparavam-se para tomar de assalto a capital da jovem República.[3]

Heinrich voltou a se engajar, ainda que por pouco tempo, no BVP, como mostra sua correspondência com o secretariado do partido em Regensburg.[4] No final de abril, ingressou no Freikorps de Landshut e na companhia de reserva do Freikorps de Oberland. O Freikorps, recém-fundado por Rudolf von Sebottendorf, presidente da Sociedade Thule, era uma entidade de extrema direita, formada com o apoio do governo Hoffmann a fim de derrubar a Räterepublik. Ao que tudo indica, Heinrich não participou dos sangrentos combates travados no começo de maio.[5] Ainda assim, permaneceu por no

mínimo dois meses no Freikorps de Oberland, onde ocupou um cargo na companhia auxiliar,[6] com a renovada esperança de fazer carreira como oficial. Afinal, o governo dera aos Freikorps a esperança de serem incorporados à Reichswehr. No entanto, quando ocorreu de fato a incorporação dessas organizações, em agosto, Oberland não estava entre elas.

**Dificuldades iniciais**

Em julho de 1919, Heinrich Himmler recebeu, conforme uma regulamentação especial válida para quem participara da guerra, o certificado de conclusão do ensino médio, sem ter precisado se submeter ao Abitur, a prova de conclusão propriamente dita. Na maior parte das matérias recebia “muito bom”, tendo de se conformar com um “bom” só em matemática e física.[7] Uma vez que uma carreira militar na Reichswehr se tornava cada vez menos provável, Himmler tomou a surpreendente decisão de estudar agronomia na Universidade Técnica em Munique. À primeira vista, é difícil conciliar essa escolha profissional com o horizonte educacional burguês dos Himmler, tão voltado ao status e à ascensão social, especialmente considerando que a família urbana não tinha nenhum vínculo com alguma propriedade rural que pudesse garantir ao filho uma futura colocação como administrador. Pelo contrário, a iminente e ampla dissolução do antigo corpo de oficiais fez com que fosse previsível que inúmeros oficiais afastados, assim como a nova geração da aristocracia, que teriam ingressado no Exército, cursassem agronomia.

É possível, no entanto, que justamente essas circunstâncias expliquem a decisão de Himmler: na faculdade de agronomia ele esperava encontrar a companhia de ex-oficiais que, embora forçados a se preparar para um novo ganha-pão, viam os estudos basicamente como uma possibilidade de passar o tempo na companhia de correligionários até a eclosão de uma nova guerra ou de conflitos internos. Ali Heinrich podia se integrar totalmente ao meio dos oficiais de reserva e das atividades paramilitares e, talvez, ainda realizar seu verdadeiro objetivo profissional: a carreira militar. A insegurança geral que vigorava logo depois da guerra pode ter levado os pais de Himmler a avaliar a decisão do filho de forma pragmática. Afinal, eles também haviam aceitado que Gebhard e Ernst estudassem engenharia.

No verão de 1919, o pai fora nomeado diretor de colégio em Ingolstadt, e a

família conseguiu encontrar uma propriedade nas redondezas do local onde Himmler poderia estagiar por um ano — requisito para ser aceito na universidade. Em 1º de agosto de 1919, ele iniciou o estágio na propriedade do conselheiro econômico Winter, em Oberhaunstadt. Ali trabalhava 12 horas por dia, seis dias por semana, e folgava aos domingos, mas não sem antes ter se ocupado do estábulo logo cedo. Das cartas aos pais[8] e do "diário de trabalho" que logo começou a escrever, deduz-se que, embora o trabalho físico, ao qual não estava acostumado, fosse pesado, "Heinrich agrícola", como assinou uma de suas cartas, estava orgulhoso de si. Assim, por exemplo, anotou em 26 de agosto: "De manhã, varri o celeiro. Descarreguei 3,5 carradas de cevada sozinho." E, em 29 de agosto, anotou: "À tarde carreguei uma carroça com sacos de centeio. Cento e cinco sacos de quase 100 quilos. Descarreguei três carradas de cevada." Como de costume desde a época militar, continuou recebendo suplementos alimentares e roupa limpa de casa.

A esperança de Himmler de melhorar a frágil constituição física mediante esforço físico[9] foi rapidamente frustrada: já ao fim da segunda semana, caiu de cama e, com menos de cinco semanas de estágio, adoeceu seriamente. Suspeitaram de paratifo no hospital de Ingolstadt, onde ficou internado por três semanas. Sua família, no meio-tempo, mudara-se para Ingolstadt.[10] Em 25 de setembro, ele foi a Munique consultar o antigo médico da família, o dr. Quenstedt. Este, segundo Heinrich, chegou à conclusão que era: "Dilatação do coração. Não significativa, mas deve se afastar por um ano para acompanhamento."[11]

Durante o afastamento, Heinrich leu muito. Ainda no hospital, fizera uma lista de leitura em que constavam 28 obras para serem lidas em setembro e outubro (após o período hospitalizado, voltou a morar com os pais).[12]

Devorou meia dúzia de volumes de Júlio Verne, além de contos históricos, como, por exemplo, três livros do narrador popular bávaro Maximilian Schmidt. Faziam parte de sua leitura *Fausto*, de Goethe, e também o romance *Sua Alteza Real*, de Thomas Mann, que, à época, era o único livro da moderna literatura alemã em sua lista e que logo provocou desagrado.[13] Em compensação, achou "interessantes" os dois volumes do *Ossian*, uma coleção de canções bardas de tempos celtas remotos, publicada pelo professor e escritor James Macpherson em 1762-1763. As canções, que supostamente haviam sido compiladas nas

montanhas da Escócia, na verdade eram falsificações, compostas pelo editor. Não dá para saber se Himmler teve consciência disso durante a leitura; em todo caso, esse tipo de saga heroica romântica correspondia totalmente ao seu gosto.[14]

Terminado o período de repouso, passou a ler textos políticos. Leu um texto virulento e muito popular contra a maçonaria, de autoria do senador austríaco Friedrich Wichtl, que se dedicava a transformar a imagem do maçom em inimigo, muito difundida durante a Primeira Guerra Mundial, sobretudo nos meios católicos, em um estereótipo *völkisch*.[4][15] Wichtl afirmava, entre outras coisas, que a maçonaria estava sob forte influência judaica, que almejava a revolução mundial e que era a principal culpada pela Guerra. Himmler comentou, concordando: "Um livro que elucida tudo e nos diz quem é o inimigo imediato a combater", porém não esclareceu se esse anúncio de luta era dirigido aos maçons ou aos supostos chefes judeus nos bastidores. Pouco antes, havia lido os oito primeiros volumes dos *Escritos Pró-Palestina* editados pelo Comitê Alemão para a Promoção da Colonização Judaica na Palestina. Isso comprova que ele havia se ocupado da literatura sionista, sem, no entanto, ter externado comentários sobre o material.[16]

## Primeiro semestre em Munique

Em 14 de outubro, viajou a Munique para se submeter a novo exame com o dr. Quenstedt. A respeito de seu coração não foi constatado "nada de especial".[17] Agora não havia mais nenhum empecilho para iniciar os estudos planejados: em 18 de outubro de 1919, inscreveu-se também na Universidade Técnica.[18]

Himmler estudava regularmente e com afinco, e logo seu estado de saúde também se estabilizou.[19] No início, dividia um quarto com o irmão Gebhard, até alugar o próprio quarto mobiliado, na Amalienstrasse 28, bem perto da universidade.[20] Logo conseguiu imprimir certo ritmo ao dia a dia. Fazia as refeições bem perto de sua residência, na casa da sra. Loritz, viúva de um cantor de música de câmara que, com as duas filhas, oferecia alimentação para estudantes.[21] Ali passava a maior parte das noites; o tempo livre restante gastava com os amigos, que serão mencionados mais adiante. Também costumava visitar os amigos de seus pais — aparentemente não só por educação ou para agradá-los, mas por apreciar esse tipo de relação social.

Procurou por diversas vezes o conselheiro privado Von Lossow, amigo da

família, que se mostrava “extremamente amável”, como anotou, satisfeito.[22] Ocasionalmente também era visto na residência da família do professor Rauschmayer, com cuja filha mais tarde manteria amizade.[23] Especialmente frequentes eram as visitas que fazia à família Hager, sendo que aqui o seu principal interesse era a filha Luisa, que conhecia havia anos. Visitar amigos ou conhecidos enfermos também era algo que considerava totalmente natural.[24]

Em novembro, ingressou na Liga Apollo, associação em que seu pai pertencia ao grupo de veteranos. Apollo era uma confraria estudantil de “combate”, ou seja, ali se praticava a tradicional esgrima. “Às duas e meia da tarde, no pub onde aconteceram cinco duelos. [...] De toda maneira, isso fortalece os nervos e aprendemos a encarar os ferimentos com tranquilidade.”[25] Os *Kneipen* (pubs), como eram chamados no jargão das ligas os encontros dos “confrades”,[26] obviamente envolviam um alto consumo de álcool: “Foi muito animado. Bebi oito copos de vinho. À meia-noite e meia voltei para casa de trem. Quase todos voltaram bêbados, então foi muito engraçado. Eu também levei alguns confrades de volta para casa. Fui dormir às duas horas da manhã.”[27]

O sociável Himmler continuava o mesmo católico ativo de sempre: ia à missa, comungava e se confessava.[28] Em seu diário há anotações como: “Deus me ajudará.”[29] A missa de que participou com a família no Natal de 1919, em Ingolstadt, deixou-o muito impressionado: “Estávamos na frente, no coro, a missa solene me arrebatou. A igreja age sobre os homens com seu ritual magnífico e Deus por meio da bondade de Seu filho.”[30]

Como muitos estudantes da Universidade Técnica, Himmler pertencia à Liga dos Veteranos de Guerra[31] e também se envolveu com o exército de reserva: tornou-se membro da 14ª Companhia de Alarme da 21ª Schützenbrigade (brigada de fuzileiros),[32] uma formação de reserva da Reichswehr, e participava de exercícios de alarme e de tiro. Após a queda da Räterepublik, em maio, Munique se tornou o centro das atividades contrarrevolucionárias. Os Freikorps e as associações paramilitares da direita política, criadas para impedir a revolução, continuavam a existir; dispunha-se de vasto arsenal e trabalhava-se em estreita cooperação com a Reichswehr.

Não sem razão, Himmler continuamente esperava que ocorressem “ações” e desejava ardentemente poder tomar parte nelas. Pouco antes de 9 de novembro de 1919, data do primeiro aniversário da revolução, tinha grandes esperanças de

que ocorreria uma mobilização militar, mas tudo permaneceu tranquilo.[33] Em dezembro de 1919, um putsch parecia iminente; sua unidade ficou alerta, mas nada aconteceu: “Às quatro e meia com Lu [Ludwig Zahler; P.L.] para a chamada de alerta. Armas foram entregues, mais nada. Talvez ainda aconteça alguma coisa este ano.”[34] A sensação de poder ser “soldado” o deixava profundamente satisfeito: “Aula até as dez horas, depois voltei a vestir o uniforme. O fato é que sou soldado e sempre o serei.”[35] E em outro lugar consta: “Hoje é mais um dia em que estou usando uniforme. Sem dúvida é este o meu traje favorito.”[36]

Em 16 de janeiro, soube da sentença de morte contra o conde Arco, o ex-tenente que em 21 de fevereiro de 1919 assassinara, em plena rua, o então primeiro-ministro Kurt Eisner.[37] A sentença provocou um clamor de indignação da direita. Os estudantes da Universidade Técnica participaram dos protestos — e não queriam se limitar a isso. Planejaram uma ação, com o apoio de círculos militares: a libertação do preso, possivelmente um putsch. Himmler já desempenhava certo papel nisso. Sobre o dia posterior à sentença, anotou no diário: “Vesti o uniforme. Às oito horas, grande reunião de todos os estudantes no auditório Maximum da universidade para provocar o indulto de Arco. Foi uma reunião patriótica formidável. Uma comitiva foi enviada. O capitão St., o tenente St., o tenente B. e eu fomos ao quartel Türken.” Lá a delegação encontrou simpatizantes: “O tenente St. acertou tudo com um capitão. A coisa teria funcionado perfeitamente. Às 11 horas, de volta à universidade, onde, meio-dia e meia, chegou a notícia do indulto. Por mais que ficássemos felizes com a notícia, também lamentamos que tudo tivesse se resolvido com tanta facilidade. Bem, fica para uma outra vez. Por outro lado, deu para sentir o que são as universidades da grande Alemanha.”[38] Na Universidade Técnica de Munique, portanto, não só se estudava. À mãe, declarou: “Os senhores ministros sabem muito bem por que absolveram Arco. Não fosse assim, a coisa iria apertar para o lado deles. Estávamos todos a postos e, no fundo, lamentamos que tudo tenha funcionado tão bem. [...] Mas o momento chegará.”[39] Pelas cartas enviadas aos pais, ficamos sabendo que, durante a tentativa de golpe liderada por Wolfgang Kapp, e incitada por unidades dos Freikorps, Himmler fora convocado e participou de uma patrulha militar motorizada noturna por Munique.[40]

Quando na primavera de 1920 os Aliados obrigaram o governo do Reich a

dissolver as formações de reserva do Exército, Himmler ingressou imediatamente na recém-fundada Einwohnerwehr (Força de Defesa dos Cidadãos) que o governo da Baviera criou a fim de contornar a proibição dos Aliados.[41] Além disso, era ligado ao Clube de Tiro Freiweg que também tinha fins paramilitares.[42] Mas o engajamento dele também oferecia vantagens muito práticas: utilizava as passagens militares a preços acessíveis a que tinha direito por ser integrante da 14ª Companhia de Alarme para visitar os pais nos finais de semana.[43]

Em seu diário, há relativamente pouco sobre os acontecimentos políticos daqueles meses. Talvez isso se deva ao fato de suas opiniões políticas fundamentais nessa época serem firmes e de circular em um meio em que suas convicções eram amplamente compartilhadas. Nas eleições para o Comitê Geral Estudantil (AStA, na sigla em alemão), que representava os estudantes, deu seu voto aos nacionalistas alemães.[44] Também participava de reuniões políticas de estudantes.[45] As manifestações antiprussianas de um pastor durante a missa de ano-novo não lhe agradaram nem um pouco.[46] Himmler não era um particularista bávaro; via-se antes como nacionalista alemão. Um antissemitismo convencional, ainda não racista, também fazia parte de sua visão de mundo.[47]

No final de 1919, no entanto, essa questão gerou nele um sério conflito moral. Nos círculos dos “estudantes armados”, aos quais pertencia, discutia-se energicamente se os estudantes judeus estavam aptos a pedir e a dar “satisfações” em uma luta, ou seja, se podiam pertencer às confrarias de duelo (de fato, nessa época, as organizações estudantis alemãs basicamente já não aceitavam judeus) ou se era permitido duelar com eles. Tratava-se de uma “questão de honra”, ou, essencialmente, se os judeus podiam ser membros de corporações estudantis com os mesmos direitos que os demais integrantes.

Entre as associações estudantis alemãs daquela época, em grande parte de extrema direita, predominava a tendência de separação radical em relação aos colegas judeus, chegando-se até a negar-lhes a qualidade de serem alemães, mais precisamente, associando a definição de “alemão” a critérios “raciais”. Portanto, por trás do debate da questão do duelo estava a tentativa dos estudantes de extrema direita de impor princípios “étnicos” dentro das agremiações estudantis. Nos anos 1890, as agremiações austro-germânicas já negavam aos judeus o direito de duelo.[5] Após o fim da Primeira Guerra Mundial, estudantes com

orientação antissemita radical tentaram impor esse princípio em toda a corporação de agremiações estudantis. Assim, os universitários católicos, membros das agremiações, entraram em conflito, uma vez que, por questões de princípio, os grêmios se opunham à marginalização dos estudantes de descendência judia: embora boa parte deles também tivesse orientação antissemita, a hostilidade fundamentava-se essencialmente em razões de ordem religiosa e cultural, e não "racial".[48]

"Depois do jantar fiquei conversando [...] sobre judaísmo, a questão da honra etc. Uma conversa muito interessante. Voltando para casa, ainda refleti sobre isso. Acho que estou em rota de colisão com minha religião." As anotações seguintes em seu diário também deixavam claro que, embora tivesse simpatia pelo antissemitismo racial, ainda não conseguia assumir definitivamente uma posição antissemita radical. "Que seja como tiver de ser", constava no diário, "sempre amarei a Deus, rezarei, seguirei e defenderei a Igreja Católica, mesmo se eu for excomungado".[49] A conversa com Ludwig Zahler, três dias depois, novamente girava em torno de "princípio das armas, duelos de honra, Igreja etc.".

Em uma festa natalina, enquanto um sacerdote proferia um discurso que na opinião de Himmler era "um sermão um tanto exagerado", foi novamente assaltado por "contendas religiosas interiores [...] como nunca antes". A toda hora a "história dos duelos" voltava-lhe à mente, mas depois a crise foi quase superada: "À noite eu rezei, apesar de já ter praticamente superado a coisa antes. Deus vai me ajudar a esclarecer todas as minhas dúvidas."[50]

## "Coração em conflito"

O círculo de amizades de Himmler em Munique contava, acima de tudo, com os já mencionados Falk Zipperer e Ludwig Zahler; este, a bem da verdade, era mais próximo do irmão Gebhard. Mesmo assim, Heinrich passava muito tempo com Ludwig. Os dois costumavam ter longas conversas: "Ludwig foi comigo lá em casa e folheamos uns livros e conversamos. Ele é boa pessoa, um irmão para Gebhard e para mim."[51] Já Falk era para Heinrich "realmente um amigo bom e gentil, uma pessoa maravilhosa".[52] O interesse comum de escrever versos continuava unindo-os. "Uma Moritat", espécie de canção que narra a história de um crime, composta pelos dois chegou a ser apresentada aos amigos, para fins

beneficentes.[53] “Às quatro e meia da tarde começou. Programa anexo. Tudo correu maravilhosamente bem”, anotou, satisfeito. “O último número, em que Lu e Käthe dançaram em traje rococó, foi encantador. Depois comemos sanduíches e guloseimas e dançamos.” Himmler havia participado de um curso para corrigir seus modos desajeitados.[54] “As moças eram muito simpáticas, principalmente Käthe, Mopperl, Friedl. Mais tarde, o sr. Küfner serviu *schnapps.* Lu e eu brindamos (saúde, meu irmão do peito, permaneceremos sempre juntos!). Depois continuamos dançando e ainda brincamos de pagar. À uma e meia da manhã, mais ou menos, fomos para casa. Gostei muito dessa noite. Lu e eu podemos estar satisfeitos.”[55]

Heinrich, que tinha 19 anos, ficou muito interessado por duas jovens do círculo de amigos. A princípio flertou com Luisa Hager, que conhecia desde a infância e a quem idolatrava já havia um tempo. Os dois se correspondiam, e a quantidade de visitas de Himmler à casa da família chamava a atenção.[56] A descoberta de que ela também era católica fervorosa o deixou muito entusiasmado. Ficar sabendo por um colega que “a boa e honesta Luisa comungava todos os dias” foi “a maior felicidade que senti nesses oito dias”.[57] Mas ele não conseguia fazer grandes progressos; Luisa, conforme escreveu diversas vezes no diário, “era sempre muito introvertida”.[58] “Até que ela é bem simpática”, anotou depois de uma noite com amigos, “mas não do jeito que eu gostaria”.[59] Com Gebhard, desabafou: “Se as jovens belas soubessem dos problemas que nos trazem, certamente não agiriam assim.”[60]

Maja, filha da sra. Loritz e namorada de Ludwig Zahler, era outra que o fascinava. Ele se confessou “feliz por poder chamar essa moça maravilhosa de minha amiga”.[61] Em uma noite de novembro, quando visitou novamente a casa da sra. Loritz, conversou “o tempo todo com a srta. Maja sobre religião e outras coisas. Ela me contou muito de sua vida. Acho que encontrei uma irmã”.[62]

Os amigos se viam com assiduidade, frequentavam concertos,[63] iam ao teatro,[64] visitavam museus,[65] divertiam-se na pista de patinação,[66] faziam música.[67] Apesar de a situação política continuar tensa como antes, das dificuldades econômicas e da péssima situação do abastecimento, o dia a dia dos estudantes de Munique transcorria de modo relativamente despreocupado e agradável. No diário, Heinrich reteve momentos valiosos: “Os cursos na universidade começaram hoje. À noite ficamos todos sentados, de braços dados,

até a meia-noite.”[68] No dia seguinte, o humor dele estava sombrio: “À noite ficamos na sala dos fundos. Eu estava muito sério e deprimido. Acredito que teremos tempos muito difíceis, ou será que significa outra coisa?” Anotou o pensamento que o tiraria de seu humor depressivo: “Estou ansioso para a luta, quando vou usar novamente a casaca do rei.” A noite transcorreu de maneira muito harmoniosa: “Primeiro Maja cantou *Frauen Liebe und Leid* (Amores e tristezas das mulheres). Cantou com olhos úmidos. Acho que Ludwig não entende essa garota encantadora. Mas não posso ter certeza disso, não o conheço tão bem assim. Depois Käthe e Gebhard tocaram piano. Ludwig e eu estávamos sentados juntos em uma poltrona; Mariele e Maja estavam sentadas no chão, carinhosamente aconchegadas a nós. Ficamos todos abraçados, uns por amor, outros por amizade fraterna. Foi uma noite que jamais esquecerei.”[69]

As coisas não ficaram só na amizade fraternal, e a relação com Ludwig, namorado de Maja, tornou-se cada vez mais complicada. “Cada vez entendo menos o Ludwig. Coitada da Maja”, anotou no diário em 5 de novembro e, dois dias depois, escreveu sobre Ludwig: “Tenho pena dele e mais ainda da boa Maja. Como o ser humano pode ser tão miserável. Sim, a sentença é verdadeira. O coração fica inquieto até que descanse no Senhor, ó Deus. Que sensação de impotência, não dá para ajudar.” Heinrich sofria por amor. Mergulhou em “pensamentos profundos e nos conflitos da alma”, mas os amigos não podiam perceber nada.[70] Queria “ser um amigo para meus amigos, cumprir minhas obrigações, trabalhar, lutar comigo mesmo e nunca permitir que eu perca o domínio sobre mim mesmo”, é o que diz a patética anotação em seu diário.[71]

Seus esforços para não perder o controle foram colocados à dura prova em meados de novembro, durante uma “noite de hipnotismo” na casa da sra. Loritz, quando “resistiu com toda força” ao hipnotizador convidado. Já com Maja foi diferente: “Coitada da boa Maja — ele a tem totalmente sob controle. Fiquei com dó de vê-la daquele jeito. Podia estrangular friamente aquele cachorro.”[72] Surgiram os primeiros planos de deixar Munique para trás e partir como colono para o Leste: “Para quem trabalho não sei no momento. Trabalho porque é minha obrigação, porque encontro minha paz no trabalho, e trabalho pelo meu ideal de mulher alemã, com quem quero passar a vida um dia e por quem quero lutar como alemão no Leste, distante da bela Alemanha.”[73] Heinrich começou a estudar russo.[74] Então, novamente, a provação em “guerra e combate” lhe

parecia ser o caminho certo: “Gebhard, Lu e eu ainda conversamos muito sobre como teria sido bom se tivéssemos permanecido no Exército, juntos no campo etc. Então talvez eu já não existisse hoje, um coração angustiado a menos. Mas não quero me tornar fraco, não quero perder as rédeas. Talvez daqui a alguns anos eu participe da guerra e da luta. Estou ansioso por essa guerra de libertação e dela participarei enquanto tiver forças para tal.”[75]

As anotações sobre os momentos passados com Maja, geralmente no círculo de amigos, aumentaram. Eles liam e tocavam música, travavam profundas discussões sobre Deus e o mundo, às vezes ficavam sentados de mãos dadas e se beijavam na despedida.[76] Ficou horrorizado ao saber, em meados de novembro, que Maja deixaria Munique em janeiro.[77] No final de novembro, depois de novamente só ter conseguido trocar algumas palavras com ela, decidiu: “Amanhã preciso procurar esclarecimentos, do jeito que está é horrível.” No dia seguinte, de fato voltou a encontrá-la, mas o esperado esclarecimento não ocorreu: “Depois do jantar até as dez e meia, ajudei Maja nas contas. Ela sempre fica muito grata. Depois, casa...”[78]

Novamente ele queria se lançar em batalha: “[...] como seria bom, se eu agora tivesse de enfrentar perigos, se pudesse colocar minha vida em risco, lutar, que prazer isso me daria. Ah, como o homem é miserável em suas inclinações, sua nostalgia indeterminável, seu coração em conflito. E, ainda assim, estou orgulhoso de travar essa luta, não quero ser derrotado”.[79] Ao mesmo tempo, ele percebia que Maja se distanciava cada vez mais: “Não sei se estou só imaginando ou se realmente é assim. Maja não se comportou comigo como de costume. Voltei para casa à uma hora.”[80] A partir de então, passou a avaliar negativamente suas chances com a amada.[81]

Em 5 de dezembro, na noite antes da festa de São Nicolau, ficou muito alegre com um presente que pensava ser de Maja: “Encontrei uma cesta de São Nicolau em casa. Gebhard achou um fio de cabelo dourado preso nela. Acredito que a boa Maja esteja ajeitando a situação. Guardei o cabelo de lembrança.” Mas, três dias depois, o caso se esclareceu: “A propósito, a cesta de São Nicolau veio da srta. Wahnschaffe. Por aí se vê como é estúpido o coração de um homem apaixonado.” O que fazer? Ele tomou uma decisão: “Hoje me libertei interiormente de tudo e a partir de agora estou por minha conta. Se não encontrar a moça cujas características me agradem e que me ame, partirei sozinho para a

Rússia.”[82]

No dia seguinte escreveu no diário a respeito de Maja: “Espero vê-la novamente se eu estiver por aqui daqui a dois anos, depois de ela ter passado um ano no campo. Espero que até lá esse belo caráter se esclareça, amadureça e supere seus conflitos. O que há de se fazer se ela tem uma natureza faustiana?”[83] O ano velho termina com metas para o novo: “Jogamos e bebemos ponche juntos. O que trará o novo ano? Seja o que for, com a graça de Deus quero aproveitá-lo para amadurecer e trilhar mais longe o caminho do conhecimento.”[84]

Depois de alguns dias, no entanto, encontrava-se outra vez num “estado de espírito deplorável”.[85] Ocorreram discussões altamente desagradáveis com o irmão Gebhard e com Ludwig Zahler, a quem Heinrich claramente irritava: “Ludwig me disse que sou suscetível; em parte até tem razão, mas não de todo.”[86] Zangou-se com o comportamento de Maja, que o ignorou numa das noites na casa dos Loritz, e queixou-se cheio de autopiedade (e, no que se refere aos supostos sentimentos de Maja em relação a ele, talvez inteiramente sem razão): “Fiz a experiência com ela e com Luisa — dificilmente haverá algo mais cruel do que muitas moças que nos amaram um dia.”[87]

Além do desgosto no amor, nota-se em seu diário uma crescente curiosidade sexual. Assim, discutiu com Ludwig e Gebhard “o velho tema: ‘mulher e fêmea’”.[88] Em novembro, anotou: “Na praça Odeon uma prostituta grudou em nós — obviamente sem sucesso”, conforme acrescentou apressadamente, mas também admitiu: “Mas algo assim é muito interessante.”[89] Em dezembro de 1919, discutiu a peça de Wedekind *Schloss Wetterstein* (O castelo de Wetterstein) com um colega de irmandade, em que confusões sexuais têm um papel importante. O amigo também lhe contou experiências vividas durante a época de guerra: “É preciso dizer que para mim isso não foi apenas indecência, pelo contrário, algo em que fiquei genuinamente interessado, sobre a qual uma pessoa madura tem de ser totalmente informada.”[90] Muito confuso e enojado reagiu em março de 1920 a um livro que tratava de uma história amorosa entre um sacerdote e um jovem de 14 anos: “Domingo, 7 de março de 1920. Às dez e meia da noite — humor deplorável. Munique — estranho. Uma idealização de um ser homossexual. — Imagens horrorosas.”[91]

Entre final de janeiro e início de fevereiro de 1920 ficou de cama, gripado, e

anotou com extremo cuidado o quanto os amigos se preocupavam com ele e como — evidentemente muito carente — experimentou verdadeiro consolo: “Käthe sempre me trazia comida. Lu me visitava todos os dias, em algumas ocasiões até duas vezes. Schorschl também me visitou uma vez. São pessoas amáveis, de boa alma e, principalmente, bons amigos. Käthe é uma irmã para mim. Lu é como irmão. Friedl me enviou um ovo e sempre manda muitas lembranças. Ela é uma boa pessoa. [...]”[92]

De modo geral, no entanto, as experiências desses primeiros tempos em Munique foram uma desilusão. Por isso, não é de se estranhar que ele preferisse ficar na casa dos pais: “Não existe lugar melhor do que a nossa casa.” Com os pais ele conversava (também por carta) longamente sobre as questões que o afetavam: “À noite, fui passear com papai. Conversamos bastante. Sobre Luisa, sobre meu problema em relação à Rússia (sobretudo com a mamãe), sobre o futuro político e econômico etc.”[93] Em casa “sou aquele rapaz alegre, despreocupado, mas assim que deixo a casa de meus pais, me transformo”.[94] A relação com o pai (“o querido papai”) costumava ser bastante harmoniosa, embora sempre surgissem temas conflitantes com os pais; em abril de 1921, por exemplo, ocorreu uma crise séria.[95]

Como bem evidenciam os registros no diário, rico em pormenores do primeiro semestre que passou em Munique, Heinrich Himmler tinha visíveis problemas de relacionamento. Não só era inexperiente e tímido, em virtude da idade, em relação às garotas, como também era inseguro quanto ao que deveria ou poderia esperar dos relacionamentos pessoais em geral. Tinha grande dificuldade em avaliar a atitude emocional das pessoas e de reagir de modo adequado a elas. Simplesmente não sabia como se relacionar.

Os psicólogos certamente diriam tratar-se de falta de vínculo ou de transtornos de vínculo.[96] É comum pessoas que sofrem de distúrbios dessa natureza, adquiridos na primeira infância, tenderem, ainda na adolescência ou quando adultos, a depositar expectativas tão altas nas relações com outras pessoas que nem eles próprios conseguem definir bem e, por isso, não podem ser correspondidas. O que resulta é uma sensação de frustração, e o desejo de receber mais atenção. Pessoas com esse problema estão inclinadas a se sentirem constantemente exploradas. Ocasionalmente, têm explosões de raiva de difícil

compreensão para os outros e, em seguida, elaboram estratégias de aproximação que, não raro, são interpretadas como bajulação. Muitas vezes, contudo, aprendem a ocultar a imaturidade emocional por meio de técnicas de comportamento e até certo ponto a compensá-la no relacionamento com os outros.

Como as cartas da época militar de Himmler já deixavam claro, Heinrich de fato lutava com a insaciável carência por afeto e atenção — a princípio especialmente da mãe e mais tarde também do círculo de amigos. Buscava a proximidade de outras pessoas, mas tinha a sensação de não estar próximo delas de verdade. Esforçava-se para estar sempre pronto para ajudar e depois se irritava por temer ter feito papel de bobo. Além disso, foi forçado a reconhecer que seu comportamento em relação aos outros, ainda que bem-intencionado, era tido como inadequado, despertando incompreensão e gerando reações defensivas.

Esforçava-se claramente, no entanto, para compensar suas fraquezas. Nisso era auxiliado por uma característica de personalidade que podemos identificar desde a sua primeira infância: o constante esforço por autossuperação e autocontrole. Manter o autocontrole e evitar demonstrar emoção tornou-se a sua segunda natureza. Além disso, ao trabalhar rigorosamente em si mesmo, esperava ganhar um grau de autoconfiança que lhe permitisse esconder sua imaturidade emocional no trato interpessoal. Nesse contexto, também pode ser visto o severo código de conduta a que submetia seus contatos pessoais: o bom comportamento forçado, a rotina de visitas, a técnica de conversação e também o grande valor que dava à troca regular de correspondência e de presentes. A relação com os outros precisava de uma estrutura em que pudesse se movimentar.

Especialmente sua autoestilização como “soldado” pode ser enquadrada nos extenuantes esforços em atingir um autocontrole e obter a aprovação dos outros. Como integrante da geração jovem da guerra, Himmler pertencia à faixa etária de burgueses para cujas vidas a derrota militar e a revolução representavam um marco decisivo. Os acontecimentos de 1918-1919 configuravam um desafio existencial para esses jovens que, como resposta adequada, exigiam uma reorientação fundamental cuja base era a superação, a longo prazo, da derrota interna e externa: por meio de uma nova postura e um novo estilo de vida.

Naqueles anos, como formulou o historiador Ulrich Herbert, cristalizou-se um estilo de vida entre a geração jovem da guerra que pode ser descrito com as palavras sobriedade, frieza, dureza e objetividade. A desesperada luta de Himmler para esconder suas dificuldades em relação aos vínculos mediante o cumprimento estrito das condutas de relacionamento e das regras diárias, evitando e controlando os sentimentos e as emoções, correspondia também ao desejo de se adequar às exigências da época — o que era muito mais fácil no papel de soldado nas horas vagas do que no dia a dia em Munique como estudante de boa família. A vida no mundo militar, organizada nos mínimos detalhes, correspondia melhor à sua necessidade por regras e controle, e, considerando a tendência à ausência de emoções que rege esse mundo masculino, sua fraqueza em relação a vínculos devia configurar uma virtude. Aqui se encontra a chave biográfica para seu entusiasmo pelo Exército e, mais tarde, ao ser privado de seguir uma carreira de oficial, para o engajamento no movimento paramilitar.

Segundo os psicólogos, as razões para o fenômeno da dificuldade em relação aos vínculos se encontram na primeira infância, na falta de atenção e de reflexão por parte da mãe. O que pode ter levado a isso no caso de Himmler só se pode conjeturar. Talvez as frequentes doenças do irmão mais velho tenham influenciado, ou o fato de Himmler logo ter tido de enfrentar a concorrência do irmão mais novo, caindo para a clássica posição de irmão do meio que se sente negligenciado. Onde quer que estivessem as origens da dificuldade de relacionamento, esse era um problema que o acompanharia por toda a vida.

## Frutos da leitura

As turbulências emocionais do primeiro semestre, entre outubro de 1919 e março de 1920, também se refletiram em sua lista de leituras. Há 14 títulos no total, mas a política e as questões ideológicas só aparecem perifericamente; considerou um livro sobre os maçons pouco crítico.[97] Por outro lado, “Verse und Gedanken aus dem Felde” (poemas e pensamentos do campo de batalha), de Walter Flex, publicados com o título *Vom grossen Abendmahl* (A propósito da grande ceia), atraíam-no, porque no livro “os pensamentos que nos ocorrem como soldado são muito bem-descritos e soam emocionantes pela fantasia do poeta”.[98]

Nessa época, seu material de leitura se compunha basicamente de romances e

contos que tratavam de amor, erotismo e conflito entre os sexos. Avaliou como "psicologicamente muito bom" o sombrio romance de Georges Rodenbach, *Bruges — a morta*, a história de um homem que continuava preso à esposa morta e que acaba matando a amante quando ela quer tomar o lugar da falecida. Aparentemente, a leitura combinava com seu estado de espírito deprimido de novembro.[99] Ao terminar de ler o romance popular de Ludwig Finckhs, *Der Rosendoktor* (O médico das rosas), de 1906, guardou-o "satisfeito [...] como há muito tempo não estive". Em sua opinião, tratava-se de "uma homenagem, um cântico de louvor justificado à mulher".[100] No final do semestre de inverno, leu *Tagebuch einer Verlorenen* (Diário de uma garota perdida), um best-seller sobre o destino de uma jovem que acaba se prostituindo; "um livro que dá uma ideia do terrível destino dos seres humanos e que nos permite olhar para certas prostitutas com outros olhos", anotou Himmler, evidentemente impressionado.[101]

Leu com grande interesse a peça *Casa de bonecas*, de Ibsen, que o desafiou a criticar as razões dessa tragédia nupcial: "A culpa dela é que deixou que a tratassem como boneca — em parte", completou, restringindo a colocação. Mas aqui ainda emenda um segundo comentário: "Ela nunca pode exigir que o homem abra mão de sua honra." A culpa do marido Helmer está em "abandonar covardemente sua mulher desesperada e depois fingir que aconteceu alguma coisa".[102] Segundo Himmler, portanto, o fato de Nora levar uma vida de boneca não emancipada é culpa dela mesma; a ideia de que o marido pudesse ter algo a ver com isso nem passou por sua cabeça. Parece claro que o problematizado tema da emancipação que a peça, a qual naquela época já datava de quarenta anos antes, discutia era totalmente estranho a ele. Nora, que queria se livrar do paternalismo do casamento, não significava nada para ele; como mostram suas leituras, a imagem que fazia da mulher era a de um adolescente, muito mais dominada pelo antagonismo entre a grande dama e a prostituta. Além disso, a peça reforçava sua opinião de que ao marido cabia, acima de tudo, proteger a mulher — apesar de que somente enquanto sua "honra" o permitisse. Ele não poderia ter expressado com mais clareza a total incompreensão dos intensos debates que tiveram lugar no início dos anos de Weimar sobre uniões com igualdade de direitos entre os sexos.

Na primavera e no verão de 1920, encontram-se em sua lista de leituras dois textos antissemitas. Evidentemente, procurava por respostas para a Questão

Judaica, que também se colocou para ele em razão dos debates sobre os duelos do final de 1919. Em abril, leu o romance de grande sucesso de Artur Dinter, *Die Sünde wider das Blut* (O pecado contra o sangue), que lhe despertou aprovação, mas também ceticismo: "Um livro que apresenta a Questão Judaica com assustadora clareza e que serve para nos levar a enfrentar o tema de forma extremamente cética, mas também a analisar as fontes nas quais o romance se baseia. Pois o caminho do meio deve ser o certo. O autor, me parece, é um pouco extremado em seu ódio contra os judeus. Trata-se de um romance puramente tendencioso com discurso antissemita."[103] O livro *Ultimo*, de Friedrich Spielhagen, ao contrário, recebeu sua aprovação incondicional.[104] Conforme sua lista de leituras, a Questão Judaica só passou a interessá-lo novamente de forma mais ampla em 1922. Em 1920, no entanto, Himmler visivelmente ainda não estava preparado para defender um ponto de vista antissemita incondicional e radical.

Em maio de 1920, deparou-se com um livro que o ajudaria a transformar estilisticamente a inexperiência sexual e a falta de sucesso com as garotas numa verdadeira virtude. Tratava-se do livro de educação sexual publicado por Hans Wegener em 1906, *Wir jungen Männer* (Nós, homens jovens), que tratava especificamente "do problema sexual do jovem culto antes do casamento".[105] Wegener advertia contra a masturbação, a prostituição, e pregava a abstinência sexual antes do casamento. Diferentemente de todas as revistas contemporâneas, o livro não se restringia a pregar a abstinência por razões de saúde, mas apelava em primeiro lugar à honra e à força de vontade do homem jovem: castidade se torna aqui a essência da masculinidade bem compreendida.

Na essência está a advertência de manter "reverência cavalheiresca à mulher pura".[106] Uma postura "firme" como essa permitia relacionamentos amistosos, não eróticos com as mulheres. "Que subjuguemos então o nosso lado animal e, com os sentidos domados, busquemos a amizade dessas mulheres. Ela não nos será negada, enriquecerá nossa vida pessoal, nos retribuirá purificando aquilo que oferecermos, nos mergulhará, ainda que já sejamos puros, em pureza maior, nos fortalecerá na luta contra nós mesmos, nos dará a glorificação que nos obrigará a proteger a mulher por toda a vida. Enquanto não encontrarmos a mulher à qual queremos pertencer enquanto vivermos, o relacionamento amistoso com uma mulher é praticamente uma necessidade."[107]

Isso era um bálsamo para a alma ferida de Himmler. Eufórico, decidiu transformar os conselhos de Wegener em seus princípios. Na sua lista de leituras, chegou à feliz conclusão: “Um livro dos mais altos ideais. Altos, porém alcançáveis. E já alcançados. Provavelmente o livro mais belo que já li sobre o tema.”[108]

## Estágio em agronomia

Depois dos dois semestres em Munique, Himmler teve de fazer estágio. Não se sabe muito sobre o segundo semestre porque ele não manteve registros no diário na primeira metade de 1920. No entanto, pode-se supor que a permanência no campo tenha sido uma saída muito bem-vinda para Himmler a fim de escapar das relações de Munique, que andavam difíceis. Parentes dos Loritz, a família Rehrl de Fridolfing, na Alta Baviera, ofereceu-lhe um estágio em sua propriedade e ele partiu com grandes expectativas quanto ao ano que estava por vir, como escreveu ao pai: com “uma ótima dieta” e com o trabalho no campo, seu corpo se fortaleceria, se “enrijeceria”; além disso, esperava que “nervos e alma pudessem descansar na natureza, na seriedade e na felicidade da ocupação e da vida no campo”.[109] A compra de uma motocicleta lhe daria mobilidade no isolamento campestre.[110]

Em 7 de setembro, chegou a Fridolfing, e as cartas aos pais mostram que se concentrou totalmente no trabalho, ao qual não estava habituado.[111] O alojamento e a alimentação eram de boa qualidade, ele foi bem-recebido pela família e logo fez uma amizade, que duraria décadas com Alois Rehrl, o dono da fazenda, dez anos mais velho que ele.[112] Os dois caçavam juntos, Himmler visitava exposições agrárias, fez diversas excursões e trilhas na montanha,[113] ingressou no Touring-Club alemão e no Clube Alpino,[114] e, de resto, participava ativamente das agremiações do campo e das festas tradicionais.[115] Também se filiou à Força de Defesa dos Cidadãos.[116] Frequentava regularmente a igreja[117] e, no restante do tempo livre, gostava de visitar conhecidos nas redondezas.[118] Durante todo o estágio, seu contato com a casa paterna foi bastante intenso; a mãe continuava lhe enviando inúmeros pacotes[119] enquanto ele prestava contas minuciosas aos pais sobre o gasto da mesada que recebia deles.[120] “Prometo esforçar-me sempre para ser e permanecer um homem valente”, escreveu na carta para o 56º aniversário de seu pai.[121]

Nessa época, a leitura de Himmler se concentrava em outros dramas de Ibsen, que considerava um tanto "realistas" demais, mas que lhe pareciam "incrivelmente verdadeiros".[122] Na *Komödie der Liebe* (Comédia do amor) detectou a exposição "da falsidade e do interesse social do amor".[123] Também no *Alicerces da sociedade* lhe agradou que se percebesse "a falsidade e a mentira sobre as quais se ergue a sociedade"; mas ficou especialmente impressionado "como o bem, presente na sociedade, se edifica em determinados tipos de caráter e, por fim, acaba vencendo".[124] Sua crença de que era possível dominar toda situação com autocontrole e força de vontade encontra em Ibsen a sua confirmação. A peça deste sobre o pastor Brand, que com sua severidade destrói a si próprio e aos outros, foi para ele, "em relação à moral e à educação da vontade, uma das melhores e mais ideais peças que eu conheço. É o livro da força de vontade e da moral e da vida de alguém que não faz concessões".[125]

Paralelamente, ele consumia romances em que via representado o seu ideal da mulher sublime — *Die arme Margarete* (A pobre Margarete), de Enrica de Handel-Mazzetti, por exemplo, ou *Die Heilige und ihr Narr* (A santa e o louco), de Agnes Günthers[126] — e também apreciava livros sobre os heróis germânicos nórdicos. O romance de Verner von Heidenstam sobre o rei sueco Carlos XII o impressionou como a "história de um homem de ferro, que com seu espírito e força de vontade inspirou um povo até o último dia de sua vida e estimulou cada um desses homens corajosos a agirem com bravura. — É de um homem assim que a nossa era urgentemente precisa".[127] No monumental romance sobre os godos de Felix Dahm, *Ein Kampf um Rom* (Uma batalha por Roma), ele se empolgou com "a história, escrita de forma emocionante e viva, de um povo maravilhoso e bom de verdadeiros germânicos"; mas achava que "a malícia e as intrigas de mulherzinha dos celtas" conforme foram descritas eram de "chorar".[128]

O romance de Rudolf Stratz, *Das Licht von Osten* (A luz do Oriente), que relata a existência de um nobre de descendência alemã na Estônia durante a Guerra Mundial, abriu-lhe "de forma clara e radical" uma nova perspectiva sobre o "terrível Oriente". Ele achava que era preciso ler o livro "para poder ter uma visão do futuro. Ele nos esclarece sobre a migração das nações do Oriente, a força e o poder interior da cultura báltico-germânica e sobre nossas próprias fraquezas e forças".[129]

Também ficou impressionado com *Frauen von Tannö* (Mulheres de Tannö), de Ernst Zahn. O romance narra a história dos moradores de um vilarejo que decidem não mais ter filhos para não transmitir à próxima geração a hemofilia que se espalhava entre eles. O comentário de Himmler: "A luta contra o poder do sangue. Como se trava essa luta? Da mais nobre negação até a completa submissão. Um romance extraordinário."[130]

Leu diversos livros históricos, dando preferência àqueles que correspondiam ao seu nacionalismo. Achou especialmente interessante uma edição de discursos proferidos no Parlamento da Paulskirche, em Frankfurt, em 1848, devido às "analogias com a revolução de hoje".[131] Em agosto de 1920, o tema principal eram as guerras de libertação[132] e a Primeira Guerra Mundial. Considerou um livro em memória de oficiais alemães prisioneiros de guerra, que devorou em poucos dias, um "monumento às qualidades interiores espirituais de grande competência e diligência em tudo dos alemães [...] que edifica e eleva e que deve nos infundir respeito pelo caráter alemão".[133]

Na virada de 1920 para 1921, ele leu em pouco tempo cinco livros de Conrad von Bolanden. Usando um pseudônimo, o padre católico escrevia romances de cunho histórico em que adotava um ponto de vista popular e ao mesmo tempo coerente em termos de catolicismo. Pelos comentários de Himmler, nota-se que ele não adotou essa posição sem críticas. Desaprovava, sobretudo, a postura antiprotestante de Bolanden, pois, na sua opinião, a superação da cisão confessional era uma bênção.[134] Também colocava em dúvida se Bolanden, a partir de seu prisma "puramente católico", teria avaliado com a necessária abrangência as causas da Revolução Francesa.[135] Em compensação, mostrou-se entusiasmado com a polêmica antimaçônica. O fato de o padre apresentá-la em termos cristãos convencionais, sem fundamentá-la no nacionalismo *völkisch*, evidentemente não incomodava Himmler.[136]

Concluído o seu estágio em Fridolfing, em agosto de 1921, Himmler voltou fisicamente recuperado e com sua autoconfiança fortalecida para Ingolstadt, onde iniciou um estágio de dois meses em uma fábrica de máquinas. No semestre de inverno de 1921-1922, retomou os estudos na Universidade Técnica em Munique.[137]

4 *Völkisch*: Termo germanizado surgido na segunda metade do século XIX nos círculos nazistas na Alemanha, na Áustria e na Hungria para designar a ideia de "pertencer à uma nação", principalmente no

conceito de povo baseado na raça; no uso atual da língua emprega-se preferencialmente o adjetivo “étnico”. (N. das T.)

5 Em alemão, *Satisfaktionsfähigkeit*: direito de tirar satisfação em questões de honra por meio de um duelo, reservado aos militares, nobres e estudantes universitários. (N. das T.)

## Luta e renúncia

No início de novembro de 1921, ao voltar para Munique, arrumou um quarto na Briennerstrasse 9, que ficava nas proximidades da Universidade Técnica e da Biblioteca Estadual.[1]

Diferentemente do primeiro ano, passou a fazer as refeições em casa. O contato com a família Loritz, que durante a primeira estadia em Munique era uma constante essencial em sua vida, agora se limitava a visitas esporádicas. Como seu velho amigo Ludwig Zahler ficara noivo de Käthe Loritz, o que por vezes tornaria a amizade de Heinrich e Käthe muito complicada, Heinrich estava bastante satisfeito com esse arranjo, uma vez que ele lhe permitia, sempre que necessário, evitar um encontro com a noiva de seu melhor amigo.[2]

Himmler ainda não tinha conseguido se libertar da dependência dos pais; parece sequer ter feito uma tentativa séria a esse respeito. Tomava diversas providências[3] para o pai e, em compensação, continuava recebendo regularmente os pacotes com roupas e alimentos.[4] "Minha bondosa mãe me mandou tantas coisas boas", anotou ele, àquela altura já com 21 anos, agradecido em seu diário no início de 1922.[5] Também o contato por carta com Ingolstadt continuava tão intenso quanto antes, e Himmler, o filho responsável, continuou a discriminar minuciosamente os seus gastos[6] e a se mostrar um estudante aplicado: "dou tudo de mim no trabalho", escreveu.[7] À parte disso, entregava-se com o seu típico empenho à vida social e estudantil. Cantava no coral da igreja,[8] retomara suas visitas, principalmente aos conhecidos de seus pais,[9] e trabalhava ativamente no *Comitê Geral Estudantil* da Universidade Técnica de Munique. Ao final de 1921, candidatou-se com êxito nas eleições do AStA, ficando em décimo lugar na lista dos estudantes agremiados.[10]

As atividades na Liga Apollo ocupavam a maior parte do tempo livre de Himmler. A partir do início da tarde não era raro encontrá-lo na pista de esgrima da associação estudantil. Mas os exercícios, aos quais se dedicava com ardor, parece que nem sempre eram fáceis para ele.[11] Teve de esperar um longo tempo até travar o primeiro duelo oficial segundo normas rigorosas e somente após o qual poderia ser admitido como sócio definitivo da associação.

Mesmo assim, mergulhou cheio de energia na vida das ligas, moldada por complicadas questões de honra, difíceis processos administrativos, infindáveis debates em torno de questões disciplinares e pela relação com outras associações

estudantis.[12] Consciente de suas obrigações, fazia visitas hospitalares a doentes ou confrades feridos nos duelos,[13] aproveitava a oportunidade para conhecer os veteranos da associação,[14] em grande parte pessoas influentes, e, em contrapartida, gostava de aceitar a hospitalidade e a ajuda dos confrades, por exemplo, em viagens.[15]

Apesar dessa dedicação repleta de renúncias, não recebeu dos colegas o esperado reconhecimento. Em novembro de 1921, sua candidatura a um posto foi recusada, "por acreditarem que a associação de esgrima não estaria em boas mãos e que eu seria mesmo impedido de assumir por meu pai".[16] A ideia de que, como integrante ainda novato e sem o primeiro duelo oficial, ele se candidatara a um cargo para o qual simplesmente não estava qualificado parece não lhe ter ocorrido.

Também em fevereiro de 1922, quando se candidatou ao cargo de supervisor de novos integrantes, foi logo rejeitado. "Por um lado lamentei não ter sido eleito", confidenciou ao diário. "Por outro, é muito bom, tenho mais tempo. Não trabalhei pelas costas e assim muitos não gostam de mim. Por quê? — Porque línguas queridas comentam a meu respeito devido à esgrima. — Porque falo demais."[17]

Como o candidato eleito não queria aceitar o cargo, Himmler outra vez se ofereceu a dois confrades para ocupá-lo, mas novamente não obteve sucesso. "Então, não usarei mais nenhuma palavra para mencionar o assunto", prometeu a si mesmo no diário.[18] Era evidente que se aborrecia com o próprio comportamento, provavelmente visto pelos colegas como muito importuno. Sua tentativa, em julho de 1922, de obter o apoio da associação mediante a resolução de uma importante questão estatutária também foi frustrada. Quando, ao final da assembleia noturna, procedeu-se à votação, a posição dele era minoritária. Teimoso, Himmler anotou: "Juridicamente, fracassado. Moralmente, maioria."[19] O aluno aplicado tinha que dar conta de uma agenda lotada, aliás, superlotada. Paralelamente a suas diversas atividades estudantis e paramilitares, era membro de várias associações,[20] gostava de ir a cafés, bares e eventos dançantes,[21] ao cinema,[22] além de aceitar um sem-número de convites particulares. No bairro da universidade, sempre encontrava conhecidos, e aparentemente era comum "tagarelar", como anotou em seu diário.[23] Por mais que ele se esforçasse, no entanto, a tão desejada popularidade não acontecia.

## “Para mim, a luta”: o jovem Himmler e o sexo oposto

Himmler também não fazia muitos progressos na relação com as mulheres. Enquanto o irmão Gebhard e o melhor amigo Ludwig Zahler tinham, respectivamente, namorada e noiva, para Himmler nada acontecia no campo erótico ou amoroso.

Não por falta de interesse. Justamente na segunda temporada em Munique, seus diários demonstram um interesse cada vez maior e, às vezes, até obsessivo pelas diversas facetas da sexualidade e todo tipo de problemas que poderiam surgir na relação com o sexo oposto. São inúmeras as descrições detalhadas sobre mulheres, muitas vezes encontros casuais ou objetos de desejo observados de longe. Durante um concerto, por exemplo, a pianista, uma “mulher bonita”, fez com que seus pensamentos trabalhassem “em todos os sentidos”. O clima liberal do carnaval em Munique também deu asas à sua fantasia. “Zipfchen”, uma “legítima renana”, deixou-o muito impressionado em uma das festas: “Claro que nos dispensamos um tratamento informal a noite toda. Ela é boa moça, 19 anos, totalmente inocente e travessa, mas também uma mulher madura, fogosa, temperamental, leve e displicente, mas nada má (como ela mesma dizia) — conversamos animadamente.”[24] Outra mulher que conheceu “parecia ter seios consideráveis”.[25] A namorada de um ex-companheiro da época do Freikorps de Landshut era “certamente uma boa garota, mas atirada”. Quando, depois de uma noite passada em sua companhia, ele a acompanhou até em casa, porque o colega tinha que tomar o trem, pensou: “Eu acho que dava para tê-la.” Mas: “Já para casa.”[26]

As conversas mantidas com o amigo Ludwig Zahler durante os longos passeios noturnos dos dois ajudavam a apaziguar seu desejo em ebulição. Em janeiro, escreveu: “ficamos até as 11 da noite na entrada da casa de Lu conversando sobre questões sexuais envolvendo homens e mulheres. Abstinência, praticabilidade”. Dois dias depois, os dois conversaram “sobre mulheres etc.”; em meados de fevereiro, falaram exaustivamente sobre adultério; duas semanas após, passaram a lista completa: “Geração, prevenção da gravidez, aborto, ponto de vista do indivíduo e do Estado. Lu tem uma opinião muito vaga.”[27]

Himmler, em contrapartida, tinha dúvidas morais. Após um evento carnavalesco, anotou: “Só fui para casa às duas horas. Ainda caminhei com Lu.

— Conversamos sobre o perigo dessas coisas. — Fiz a experiência, estávamos deitados todos juntos, aos pares, corpo a corpo, um encostado no outro. Um fogo se apodera de nós e é preciso manter-se firme para não perder a cabeça. As moças ficam tão desenfreadas que não sabem o que estão fazendo. É o desejo ardente e inconsciente de todo indivíduo pela libertação de um instinto natural terrivelmente forte. — Por isso também é tão perigoso e cheio de responsabilidade para o homem. Poderíamos fazer o que quiséssemos com as moças, como se já não tivéssemos nossa própria luta a travar. Tenho pena das garotas."[28] Após outra festa de carnaval, que a seu ver foi bem libertina, prometeu ter moderação: "Mas é chocante como se fica excitado numa situação dessas; coitada da Mariele, ela não tem culpa, mas as moças me causam pena. Nenhuma cautela é demasiada. Onze e quarenta e cinco, para casa com Lu. Conversamos sobre isso. Uma hora, cama."

Na primavera de 1922, Ludwig foi substituído por um novo parceiro de conversas de teor erótico. Tratava-se de Alphons, o filho da sra. Wolff, sua anfitriã. Himmler o considerava "um mulherengo. Mas ele não vai até os finalmentes". Alphons até permitiu que ele desse uma olhada nas cartas de uma namorada. "Para mim a questão é interessante do ponto de vista psicológico. Também é preciso conhecer esse tipo de rodas."[29] Himmler acabou se tornando o ghostwriter de Alphons e respondia às suas cartas — não só as da namorada ("de disposição profunda, entusiástica, de sangue quente, mas boa moça"),[30] mas também as de outra conhecida, uma dançarina de cabaré chamada Fiffi.

Himmler não se fez de rogado e tratou de aproveitar a chance para assistir a uma das apresentações da dançarina em companhia de Alphons, mas, por precaução, os dois alegaram outro destino à sra.Wolff: "Supostamente em Annast. Afinal, sou o jovem íntegro, mas mesmo assim todo mundo poderia saber o que fazemos. Ao Taburin Luitpold." Fiffi demonstrou ser uma garota "muito decente". "Para ela, a dança é uma arte em que pode desabrochar. De gosto extremamente refinado, conversamos animadamente. Ela falou sobre a sua dança e a das outras, seu figurino, ela aceita bem uma crítica. — Ela deve ter uns 18 anos, uma pessoinha graciosa, intocada e boa. Tolera os carinhos de Alphons, só no final, na porta de casa, também lhe dá um beijo. [...] Seria realmente uma pena se essa moça caísse em mãos erradas."[31] Depois de alguns meses, no entanto, ele se indispôs com a "pessoinha graciosa": "Alphons e eu fumamos e

conversamos. Fiffi escreveu uma carta atrevida e devolveu a sua (nossa) carta.”[32]

Himmler preferia dedicar-se à procura da mulher sublime, uma figura feminina ideal, que cada vez mais se tornava o centro da sua fantasia e para quem mantinha a firme intenção de se guardar. Käthe, a filha da sra. Loritz, que infelizmente já era noiva de seu melhor amigo Ludwig Zahler, preenchia todos os requisitos para esse papel.

Certa noite de domingo, em janeiro de 1922, Himmler estava sozinho com Käthe na casa das Loritz. A atmosfera estava tensa: “Kätherle estava sentada no canapé, usava um vestido cinza que ela mesma confeccionara e que lhe caía extremamente bem. Eu estava sentado em frente a ela. [...] A conversa estava muito boa. Egoísmo, ciúme etc. com base em diversos exemplos, sobre Theo, a gentil família Rehrl, sobre muitas coisas, muitas coisas confidenciais como se faz numa conversa entre amigos. Kätherle estava muito meiga, de maneira que pude dizer muitas coisas a ela e, certamente, dessa vez nos aproximamos muito. Não dá para saber se vai durar, mas, de toda maneira, internamente existe uma confiança mútua. [...] Voltei muito satisfeito para casa. Foi uma noite agradável e preciosa.”[33]

Em junho de 1922, encontrou uma conhecida de Ingolstadt no trem para Munique: “Ela tem grande interesse em agronomia e vários animais. Uma garota direta, às vezes com jeito de moleque, mas acho que bastante amável e ativa. Aqui também seria só começar, mas eu não sei flertar e não posso me comprometer agora. Se não é uma ‘necessidade’ interna.”[34]

Repetidamente Himmler tentava, por um lado, provocar situações que considerava eróticas e que davam asas à sua fantasia, enquanto, por outro, esforçava-se para manter a austeridade. Não só defendia a ideia da abstinência sexual apenas porque acreditava que devesse esperar pela “mulher certa”, mas também porque estava a ponto de se decidir por uma existência que não admitia vínculos: em breve, assim esperava, partiria como oficial para uma nova guerra ou como colonizador para uma terra distante.

“Falamos de mulheres, logo em noites como essa”, escreveu após uma festa de carnaval sobre uma conversa que tivera com Ludwig. “Como poucas horas podem nos aproximar mais. A lembrança dessas horas é o que temos de mais puro e belo. São os momentos em que queremos nos ajoelhar e agradecer pelo que recebemos. Serei sempre grato a essas duas garotas tão gentis. Não quero

chamar a isso de amor, mas gostamos uns dos outros por algumas horas, e a lembrança disso é bela para sempre. — Nós percebemos como ansiamos por amor e como relacionar-se é algo difícil e que exige responsabilidade. — Aí vem o pensamento, ah, se viessem as lutas, a guerra, a partida. — Estou ansioso pelo meu primeiro duelo.”[35]

A supressão do tema sexualidade pelo apelo à masculinidade, ao heroísmo e ao poder, à autossugestão de não poder se permitir vínculos afetivos na qualidade de herói e lutador solitário predestinado, perpassa, como um fio vermelho, as anotações de seu diário: “Meu estado de espírito é estranho. Triste, ansioso por amor, aguardando o futuro. Mas querendo ser livre por causa do exterior e da guerra, que está por vir, e luto pelo fato de que o passado já se foi. [...] Li. Caí na cama cheio de sono.”[36] E, por ocasião do noivado de Gebhard, anotou: “Novamente um colega do nosso grupo de dois anos nos deixou, porque a ligação com uma mulher é algo forte. Você deve deixar pai e mãe e se ligar a uma mulher. Estou feliz porque outra vez duas pessoas tão próximas de mim encontraram a felicidade. Mas para mim a luta continua.”[37]

Em maio de 1922, fez uma visita a amigos no campo. Na opinião do puritano Himmler, as coisas lá eram liberais demais; ficou chocado com a filha de 3 anos dos donos da casa que, à noite, andava nua pela casa: “Antes de ir dormir, Irmgard ficou saltitando pelada ao nosso redor. Não acho isso certo para uma criança de 3 anos, é preciso ensinar essa criança a ser recatada.”[38]

O convívio com a família claramente o perturbou a tal ponto que acrescentou no diário: “Ambos são extremamente vulgares, principalmente Friedl, ainda por cima sendo um casal de médicos. Ela é uma boa alma, muito trabalhadora, gentil, mas uma pessoinha muito vulgar, com uma percepção superficial da vida e de certas leis morais. Ele é um médico muito hábil, e também um bom rapaz, educou sua mulher muito bem, ela que pode ser bem teimosa [...] egoísta na hora certa, mas patriota e, no geral, um homem correto. Existem dois tipos de gente, por um lado os de sangue pesado, severos, nos quais me incluo, que são necessários na *Volksgemeinschaft* [comunidade nacional], mas que, segundo a minha experiência, em algum momento caem em tentação se não se casam ou ficam noivos o quanto antes, pois o lado humano-animal dentro de nós é altamente poderoso. Mas talvez a queda no nosso caso seja muito mais grave. E então temos as pessoas mais leves, às quais pertencem povos inteiros;

passionais, com um jeito mais simples de encarar a vida, sem por isso se afundar na lama do mal, que flertam, casados e solteiros, namoram, beijam, fazem sexo sem achar nada de mais... pois é algo humano, e é bom. — Esses dois pertencem a esse tipo de gente. Mas eu gosto deles e eles gostam de mim, e, de modo geral, gosto de todas essas pessoas, dos renanos, dos austríacos, que são todos superficiais, mas diretos e honestos. Mas em meu íntimo não consigo me comportar como eles, mesmo que a tentação muitas vezes, como agora, seja bastante forte."[39]

O mundo tipicamente masculino, determinado pelo espírito de luta e postura belicosa, no qual ele passava boa parte de seu tempo livre, os treinos de esgrima e as noites só de cavalheiros na Liga Apollo, assim como o círculo paramilitar de Munique, ao qual pertencia, constituíam certo apoio e um refúgio em meio à sua incrível confusão mental. Por isso, ficou muito incomodado quando, em março de 1922, um colega da faculdade lhe emprestou um livro de Hans Blüher sobre o papel do erotismo na sociedade masculina. Tratava-se de uma obra muito discutida à época, em que o autor defendia a tese de que organizações essencialmente masculinas, como o movimento jovem ou o Exército, só poderiam ser explicadas por fortes ligações homoeróticas. Eram justamente essas ligações, avaliadas como irrestritamente positivas, que permitiam que os integrantes desses movimentos alcançassem o mais alto desempenho.

Himmler estava chocado, como mostra a anotação em seu diário: "Li o livro. Ele nos prende e nos deixa profundamente abalados, chegamos a nos perguntar qual é a razão da vida, mas existe uma razão. — Tomei chá. Estudei. Jantei. Li novamente. [...] Exercícios. Às dez e meia fui dormir. Sono inquieto."[40] Impressionado, anotou na lista de leituras: "Com certeza, o homem penetrou nas profundezas do erotismo humano e o apreendeu psíquica e filosoficamente. Só que na minha opinião essa filosofia é pomposa demais, acaba ficando pouco convincente em vários pontos e encobre muitas coisas com um manto de erudição." Porém, uma coisa ficou evidente para ele: "Que é preciso que haja uma sociedade masculina, isso é claro. Mas duvido que isso possa ser chamado de erótico. Em todo caso, a pederastia pura é um desvio de conduta de um indivíduo degenerado, já que é contrária à natureza."[41]

O mecanismo de defesa de Himmler em relação às mulheres, que de início

sem dúvida tinham despertado seu interesse, era a abrupta sobreposição de pensamentos eróticos por fantasias de violência, mas também o horror em face da súbita confrontação com o lado homoerótico do mundo das ligas masculinas — todos eram fenômenos que integravam o "equipamento básico" do "homem-soldado" daqueles anos pós-guerra e que eram largamente difundidos no ambiente em que Himmler se movimentava em Munique.

Nos anos 1970, Klaus Theweleit publicou um estudo, que se tornaria clássico, baseado em memórias e romances, *Männerphantasien* (Fantasias masculinas), sobre o comportamento típico de defesa dos combatentes dos Freikorps em relação às mulheres. Segundo Theweleit: "O movimento 'em direção à mulher' cessa repentinamente e gera imagens e pensamentos relacionados a atitudes violentas. A ideia 'mulher' está ligada à ideia 'violência'."[42] O combatente do Freikorps e o jovem participante dos movimentos paramilitares daquela época, moldado à imagem do combatente, viviam, essencialmente, em um mundo sem mulher. Para controlar os impulsos e fortalecer as defesas, vestiam um "escudo corporal"; o contato físico era vivenciado meramente na embriaguez do combate sangrento — ou seja, nas fantasias de combate.

A imagem que Himmler tinha da mulher ideal, intocada e assexuada, com a qual já se defrontara no livro de Wegener sobre educação sexual, é típica tanto da época quanto do meio. Theweleit descreveu-a na figura da enfermeira de branco que aparece ou como mãe ou como irmã; para Theweleit, ela é "a personificação do distanciamento de todo o feminino erótico e ameaçador. Ela fortalece a instituição do tabu do incesto com a irmã e a ligação com uma figura maternal zelosa".[43] Himmler também se encantou com a enfermeira atenciosa que cuidava de um colega muito doente: "Assim são essas moças. Entregam-se ao desejo do amor carnal, mas também podem se dedicar a um amor precioso e sem precedentes; sim, isso é até comum."[44]

Guerra, luta e renúncia: inebriava-se com essa tríade, mas a guerra não eclodia. Assim, durante a segunda estadia em Munique, Himmler continuava alimentando a ideia de emigrar. Mas, também nesse caso, tratava-se antes de castelos no ar, uma fuga da realidade da Alemanha no pós-guerra, do que de planos concretos.

A princípio, sentia-se atraído pela Turquia; um colega turco lhe falara de sua terra e de seu povo: "Recebe-se tanta terra quanto se pode plantar. O povo tem

boa índole e é gentil, só é preciso tomar cuidado com seus sentimentos."[45] Depois, em seguida a uma palestra na Liga de oficiais Alemães em que o general Graf von Goltz falara sobre o Báltico e as "questões do Leste", anotou que agora sabia "melhor [...] do que nunca que se houver novamente uma campanha no Leste, irei com certeza. O Leste é o mais importante para nós. O Ocidente morre fácil. No Leste temos de lutar e colonizar".[46]

No dia seguinte, recortou um artigo de jornal sobre a possibilidade de emigrar para o Peru: "Para onde o vento me levará. Espanha, Turquia, Báltico, Rússia, Peru? Penso nisso muitas vezes. Daqui a dois anos não estarei mais na Alemanha, se Deus quiser, a não ser que estejamos em guerra outra vez e eu seja um soldado."[47] Em janeiro, passou um tempo encantado com a Geórgia e novamente se perguntava: "Para onde o vento me levará, que mulher amarei e qual me amará?"[48] Algumas semanas mais tarde, conversando com seu mentor Rehrl, voltou a cogitar a Turquia: "Seria bem interessante instalar um moinho no Kebur."[49]

O empenho paralelo de Himmler por uma carreira como oficial se mostrava infrutífero. No entanto, seus esforços, desde o início de 1922, no sentido de fazer contatos com oficiais da Reichswehr — finalmente, no início de dezembro de 1921, conseguira seu certificado de *Fähnrich*, oficial menos graduado de uma unidade[50] — e as atividades durante todo o ano no grupo paramilitar de Munique resultaram em uma ligação mais forte com as forças potencialmente golpistas. Em janeiro, por exemplo, conheceu uma pessoa importante em um evento do Clube de Tiro: "Fui para a noite do Clube de Tiro na adega Arzberger — novos ventos. O capitão Röhm e o major Angerer estavam lá, muito simpáticos."[51]

## Frustração

Poucos meses após a volta a Munique, sentiu-se novamente tão frustrado quanto no primeiro ano de estudos. A confiança adquirida em Fridolfing, de encarar a vida de outra forma, simplesmente evaporou. No diário, um amontoado de mea-culpa: ele apenas era incapaz de ficar de boca fechada, era um "terrível tagarela".[52] Esse seria o seu "pior defeito".[53] "Apesar de ser humano, não deve acontecer."[54]

Vivia se autoanalisando e avaliando se no relacionamento interpessoal demonstrara a autoconfiança necessária — na maioria das vezes, o resultado lhe

parecia insuficiente. “Estou longe de ter a elegante segurança de comportamento que almejo”, anotou em novembro de 1921.[55] Durante a visita à princesa Arnulf, mãe de seu falecido padrinho, embora tenha constatado mais tarde que havia se esquecido de “perguntar a respeito de seu estado de saúde”, mesmo assim: “Até a despedida, demonstrei relativa segurança em meu comportamento.”[56]

Não raro, Himmler se via como uma figura desafortunada, um completo desajeitado. Sobre a grande festa de carnaval na casa dos Loritz, que havia sido decorada como um harém, Himmler, que se fantasiara de árabe, anotou laconicamente: “Loritz ofereceu muitas coisas, começando com chocolate quente, que deixei derramar em minhas calças.”[57] Involuntariamente cômica foi a descrição lapidar de um evento de dança em meio aos companheiros da Liga Apollo: “Todos nós, membros da associação, estávamos sentados com as nossas damas em torno de uma mesa. Eu não tinha levado ninguém.”[58] Visitando amigos no campo, foi obrigado a engolir a zombaria da dona da casa: “Ela literalmente me beliscou, porque falei que nunca namorei etc., e me chamou de eunuco.”[59] Além disso, os problemas de estômago eram recorrentes, especialmente se na noite anterior ficara acordado até tarde. Na sua associação, recebera permissão para não beber cerveja em consideração aos seus problemas.[60]



*Himmler com a noiva Margarete Boden no centro da família; à esquerda, o irmão mais velho com a esposa Mathilde, atrás de Margarete, o irmão mais novo de Heinrich, Ernst. Não sem razão, a postura de Heinrich expressa certa tristeza: sentia-se muitas vezes incompreendido pelos familiares. Margarete compartilhava essa impressão.*

Himmler demonstrava nítido complexo de inferioridade, desencadeado pela

repetida experiência de que, no campo emocional, não recebia dos outros o que esperava. Depois de encontrar pessoas que lhe eram próximas, seu problema de relacionamento costumava fazer com que sentisse um inexplicável vazio. Após a visita da mãe em Munique, que culminou com um café na casa da sra. Loritz ("sra. Loritz, Lu, Kätherle, tia Zahler, Mariele, Pepperl, tia Hermine, Paula, mãe, Gebhard e eu"), ficou "muito monossilábico". À noite, fez um balanço da situação: "O resultado desses dias. Eu sou alguém que diz frases vazias, fala demais e não tem energia. Não trabalhei nada. Mamãe e todos, muito amáveis, mas inquietos, especialmente Gebhard. E Gebhard e Paula com conversas vazias, risadas, piadas, nada mais — eu seria infeliz no lugar deles, mas eles me veem como um cara divertido, que faz piadas e resolve as coisas —, deixa que o Heini faz. Eu gosto deles, mas não existe um contato espiritual e intelectual entre nossas almas."[61]

Até o ato de escrever em seu diário às vezes se transformava num "exercício de boa vontade".[62] Quando estava deprimido, expressava-se de modo ainda mais negativo: "Sou uma pessoa com tão pouca força de vontade que nem em meu diário escrevo."[63] As evidências sobre as dificuldades de relacionamento se somavam. Principalmente a relação com Käthe, a dama sublime de seus sonhos e noiva de seu amigo Zahler, passou por diversas crises. Em novembro, a situação já era tensa. Käthe fez a acusação de "que eu menosprezo as mulheres e não as levo em consideração. Que há áreas em que a mulher domina. — Essa jamais foi a minha visão. Só me oponho a que a vaidade feminina também queira reger em assuntos nos quais não tem competência. Uma mulher é amada por um homem decente de três maneiras: como criança querida com a qual se deve brigar e que às vezes também deve ser punida por sua irracionalidade, que protegemos e cuidamos, porque é delicada e frágil e porque gostamos muito dela; depois, como esposa leal e companheira compreensiva, que luta conosco pela vida, sempre fiel ao nosso lado sem controlar e acorrentar o homem e seu espírito; e como deusa, a quem devemos beijar os pés, que nos dá forças, com sua sabedoria feminina e santidade genuinamente infantil, para que não fraquejemos nas mais árduas batalhas, e que nas horas sagradas do espírito oferece à nossa alma o divino".[64]

No começo de dezembro de 1921, aconteceu de fato uma briga: "Confusão por causa do meu comentário no almoço. A velha ladainha. Pareço provocador

com tudo que digo. Que a culpa não era de Lu, que o caso não era com ele. Que a culpa era minha. Que Lu não a entendia. Que nós definitivamente não as entendíamos. Que eu roubo o Lu dela etc. A maior choradeira.” Himmler supunha que a sra. Loritz era o motivo da confusão e tomou uma decisão: “Vou romper com a sra. Loritz e com Käthe por um bom tempo. Só nos encontraremos em eventos sociais. Se ela estiver em apuros, continuará encontrando em mim o eterno amigo fiel, como era o caso dois anos atrás. Assim, vou tratá-la como se nada tivesse acontecido e não exigirei nenhum agradecimento.” De modo geral: “Acho que mereço mais do que ser feito de bobo pelos humores femininos, por isso resolvi romper. Não é fácil para mim, e quando penso nisso ainda não consigo entender.” Mal havia admitido isso, já apelava a si próprio: “Mas preciso aprender a ser consequente. Preciso trabalhar constantemente na minha pessoa e me educar, ainda falta tanta coisa.”[65]

Embora em janeiro tivesse havido uma conversa com Käthe, em março a frágil paz acabou definitivamente. Zahler lhe contara que ela o teria acusado de “ter-se envolvido com uma moça por interesse” no último baile — na opinião de Himmler, “egoísmo e ciúme feminino”. “Agora montanhas nos separam.”[66]

Diversas anotações em seu diário sugerem discussões com os colegas de faculdade, em que o jovem de 21 anos se manifesta de forma bastante arrogante a respeito da “falta de interesse e maturidade dos jovens acadêmicos do pós-guerra”, portanto sobre aqueles que, ao contrário dele, não tinham feito o serviço militar.[67] Dizia que “a meta que todo homem deveria ter” era a de ser “um homem honesto, decente, justo, que não se intimida e não se assusta jamais, e isso é difícil”.[68] Himmler tentava superar a crise com um programa de disciplina que impunha a si mesmo desde o início do verão de 1922 e que incluía exercícios de jiu-jítsu.[69]

Acima de tudo, no entanto, Himmler sonhava com um futuro heroico, diante do qual os problemas do presente se tornariam insignificantes. Não por acaso, no final de maio de 1922, começou um novo diário com uma poesia que encontrara no *Judas Schuldbuch* (Livro de penitência de Judas), de Wilhelm Meister:

“Se acaso fores ferido/ Duela e defende-te / Dá-te por vencido/ Mas protege a bandeira. /Outros a erguerão/ Quando tu fores sepultado, / E alcançarão a salvação/ Que tu almejavas.”70

## Os tempos de estudante chegam ao fim

A crescente irritação e a maneira descompromissada de Himmler talvez também tivessem sido desencadeadas pela inquietação com as provas de conclusão do curso que se aproximavam. Repetidas preocupações de seus pais por suas diversas atividades, em sua maioria não ligadas aos estudos, perseguiam-no. A lembrança do pai estava por trás dos eventuais ímpetos de estudo: “Ambição pela graduação.”[71]

Às vezes tinha acessos de pânico: “Dá medo pensar em prova, estudo e tempo, estudo e aplicação. Tudo é tão interessante, mas o tempo é tão curto.”[72] Algumas semanas depois, foi tomado pela melancolia: “Sinto vontade de chorar quando penso como o tempo voa e que a bela vida abençoada de estudante está para acabar.”[73] Porém, mais uma vez conseguiu obter vantagens: seus bons contatos com os professores, quando era representante do AStA, mostraram-se eficientes. “O dr. Niklas é imensamente complacente, eu disse a ele que não estava no curso. É para eu lembrá-lo disso durante a prova que aí ele me aplicaria a matéria do meu estágio.”[74]

Para concluir a faculdade de agronomia da Universidade técnica de Munique, era preciso cursar no mínimo seis semestres. A Himmler, porém, aplicava-se uma regra especial para estudantes que participaram da guerra e que previa que ele podia fazer parte dos exames preliminares já depois de dois semestres, portanto, durante o estágio. Dessa maneira, podia reduzir o curso a quatro períodos. Mencionou em sua petição que integrara o Freikorps de abril a julho de 1919 e que havia sofrido “uma dilatação no coração, por excesso de atividades no Exército”.[75] A bem da verdade, como admitiu em conversa com um dos docentes, o término precoce “não era legal” — mas ele passara dessa maneira.[76]

Em 23 de março de 1922, concluiu a última parte do exame preliminar. Com isso, a metade da prova principal já estava concluída. O semestre havia terminado; Himmler viajou por alguns dias para Fridolfing, a fim de renovar no campo o seu estoque de energias.[77] Em maio, visitou amigos num lugarejo perto de Landshut e, no fim do mês, voltou a Munique para completar o último semestre do curso.

O fato de o pai ter assumido o cargo de diretor do tradicional Wittelsbacher-Gymnasium em Munique, na primavera de 1922, significava para Himmler a

retomada, ao menos parcial, do controle dele: até que a esposa seguisse o marido no outono, Gebhard Himmler estava sozinho em Munique e passava um tempo relativamente longo com o filho. No fim de maio, Himmler se deu conta de que a proximidade do pai poderia lhe trazer problemas: “De repente papai chegou muito nervoso, com um humor terrível, me fazendo acusações etc. Comemos. Meu bom humor foi estragado, destruído, vai ser complicado se estivermos sempre juntos, uma vida infernal para nós e para os pais, e por coisas tão insignificantes.”

De modo geral, no entanto, a relação entre pai e filho acabou sendo harmoniosa. Os dois se encontravam para as refeições, falavam um ou outro assunto, às vezes também iam juntos a algum evento político.[78] Ambos concordavam quanto aos princípios políticos básicos, e Himmler até iniciou o pai nos segredos de sua atividade paramilitar.[79]

## Politização

No decorrer de 1922, as alusões à Questão Judaica se intensificaram, sendo que o contexto em que essas notas curtas estão inseridas revela as amplas conexões que Himmler imputava ao tema. Assim, no início de fevereiro, conversou com o amigo Ludwig Zahler sobre “Questão Judaica, capitalismo, Stinnes,[6] capital e plutocracia”.[80] Em março, o assunto com um colega era “reforma agrária, degeneração, homossexualidade, Questão Judaica”.[81]

No início de 1922 a lista de livros de Himmler registrava outra vez dois títulos antissemitas. No já mencionado livro de Wilhelm Meister, *Judas Schuldbuch* (O registro da culpa de Judas), ele encontrou, sobretudo, confirmações para a postura antissemita.[82] O livro de Houston Stewart Chamberlain, *Rasse und Nation* (Raça e nação), que leu logo em seguida, convenceu-o principalmente porque está escrito de forma “objetiva e não contém um antissemitismo cheio de ódio”,[83] o que denota que Himmler rejeitava e achava vulgar aquele antissemitismo barulhento relativamente bem-difundido do pós-guerra, caracterizado por ofensas e agressões contra judeus. Em vez disso, preferia razões “objetivas” para sua inclinação e, diferentemente das discussões sobre o direito de duelo de colegas judeus, apropriava-se cada vez mais da doutrinação racial que aparentemente lhe fornecia tais argumentos.

Desde o início do ano as caracterizações negativas de judeus se avolumavam

em seu diário. Certo colega seria “um cara importuno e com forte influência judia”,[84] num certo bar haveria “judeus em demasia”. O organizador de um movimento de protesto dos estudantes democráticos, seu ex-colega Wolfgang Hallgarten, é chamado de menino judeu e moleque judeu.[85] Mas seu diário também mostra que, apesar de todos os preconceitos, ele ainda se esforçava por ver alguns judeus que encontrava de modo diferenciado. Em janeiro, por exemplo, visitou um advogado, a pedido do pai: “Extremamente amável e simpático. Ele não consegue disfarçar o lado judeu, pode até ser uma boa pessoa, mas esse jeito está no sangue do povo. Falou muito da vida social, de conhecidos e contatos. No final me disse que, se algum dia pudesse me servir, estaria à disposição. Tenho muitos confrades, mas ainda assim. — A propósito, não serviu ao Exército por problemas cardíacos.”[86] Desde o verão, no entanto, a quantidade de descrições de cunho negativo e os comentários pejorativos sobre judeus se multiplicavam enquanto ele passava a se considerar não só um ariano, mas um “genuíno ariano”.[87]

O crescente antissemitismo de Himmler coincidiu com a fase de sua verdadeira politização, no verão de 1922. Embora já estivesse vivamente interessado em política desde o fim da guerra e não fizesse segredo de seu antagonismo em relação à esquerda e sua simpatia para com a direita nacionalista, agora, no início do verão de 1922, assumiu uma posição ativa: passou a se engajar na facção da direita radical.

A justificativa foi o assassinato de Walther Rathenau em 24 de junho. Para a direita política, o ministro do Exterior do Reich personificava, como nenhum outro, a odiada República de Weimar: era falsamente acusado de ser o principal representante da *Erfüllungspolitik*[7] e sua ativa defesa da democracia era vista como traição, principalmente por ser originário da alta burguesia guilherminiana. Além disso, o fato de ser judeu ainda o tornava alvo de constantes ataques antissemitas. Agora um comando de extrema direita de Berlim tinha atacado.

O atentado despertou consternação e raiva no povo alemão e levou a uma ampla oposição à direita, inimiga da República. Como reação ao assassinato, em 21 de julho o Reichstag (Parlamento) aprovou uma “lei em defesa da República” que facilitava em muito os processos judiciais de atentados políticos e interferia profundamente na competência dos estados. O governo da Baviera rejeitou a implementação do decreto e, em 24 de julho, promulgou o próprio “decreto para

a proteção da Constituição da República". As leis concorrentes ocasionaram uma grave crise entre o Reich e a Baviera, que só foi esclarecida no dia 11 de agosto, após complicadas negociações.

Forças da extrema direita, especialmente o NSDAP, usaram essa crise de autoridade para fortalecer ao máximo a sua propaganda. No centro da linha de fogo estava o primeiro-ministro bávaro Lerchenfeld, devido à sua pronta disposição de fazer acordos. Para os políticos de direita, era praticamente impossível se esquivar da polarização resultante dessas controvérsias: a linha de separação corria agora entre os conservadores bávaros moderados, que se haviam agrupado no BVP e apoiavam o governo Lerchenberg, e a ala de direita do partido, sob o antigo primeiro-ministro Von Kahr, os nacionalistas alemães (que adotaram o nome de Partido de Centro da Baviera), como também as diversas associações e unidades radicais, integradas basicamente por nazistas. Essas forças se encontravam fundamentalmente em um curso de oposição à República de Weimar e defendiam, com determinação crescente, a derrubada à força da ordem constitucional. Somente o putsch de Hitler, em novembro de 1923, pôs fim à aliança.[88]

Em função dessa constelação política, seria totalmente equivocado entender a radicalização de Himmler como rompimento com a postura conservadora da casa dos pais, interpretação seguida, por exemplo, no texto de Andersch no qual ele faz um relato sobre o pai de Himmler como professor, "O pai de um assassino". Naqueles meses, muitos conservadores da Baviera, assim como o pai de Himmler, tendiam a apostar em soluções políticas radicais, o que derruba a tese daqueles que defendem que o engajamento de Himmler na extrema direita seria uma rebelião contra a casa paterna. Em seu diário, por exemplo, consta que pai e filho costumavam ir juntos a eventos políticos.

Em 14 de junho, participaram de um congresso da Liga Emergencial Alemã Contra a Desgraça dos Negros no circo Krone. Essa associação era contrária ao emprego de soldados franceses nos campos da Renânia ocupada, algo que considerava humilhação nacional; o principal palestrante da noite, o conselheiro privado, dr. Stehle, citou o artigo do jornal *Münchner Neuesten Nachrichten*, segundo o qual "a ocupação da Renânia por pessoas de cor é um crime bestial planejado a sangue-frio e que visa à nossa tentação e opressão como raça e, por fim, ao nosso completo aniquilamento". Após o evento, os participantes agitados

saíram em passeata, que logo foi dissolvida pela polícia.[89] Sobre a reunião, Himmler anotou no diário: “Tinha bastante gente. Todos gritavam ‘vingança’. Muito impressionante. — Mas já participei de eventos desse tipo mais agradáveis e empolgantes.”

No dia seguinte, novamente em companhia do pai, politizava na mesa do bar. A anotação no diário ilustra a diversidade de temas abordados nessa noite: “Conversamos com os donos do lugar, pessoas sérias da velha escola, sobre passado, guerra, revolução, Questão Judaica, perseguição aos oficiais, a época dos Conselhos, libertação — atualidades, preço da carne, crescente empobrecimento, desejo pela volta da monarquia e o futuro, necessidades, desemprego, luta, ocupação, guerra.” Seu pai e o velho amigo dele, Kastl, compartilhavam da opinião, como muitos burgueses de Munique, de que estavam diante de grandes mudanças e de um grande acerto de contas político: “Papai havia falado com o dr. Kastl, que era da mesma opinião. Uma pedrinha, quando começa a rolar, tudo a segue como uma avalanche. A qualquer momento é possível estarmos diante de grandes acontecimentos.”

Poucos dias depois, a situação política realmente se aguçou de modo decisivo em virtude do atentado contra Rathenau. O assassinato teve a total aprovação de Himmler. “Rathenau foi assassinado a tiros. Estou feliz. Tio Ernst também. Ele era um patife, mas era esperto, de outro jeito não teríamos conseguido afastá-lo. Estou convicto de que o que ele fazia, não o fazia pela Alemanha.”[90]

Um tanto surpreso, Himmler constatou dois dias depois que era praticamente o único entre o círculo de amigos que tinha essa opinião: “Refeição. A maioria condena o assassinato. Rathenau é mártir. Oh, povo cego!”[91] Também “Käthe não gosta dos partidos de direita”, enquanto “papai está preocupado por causa das condições políticas”.[92] No domingo seguinte, novamente na casa dos Loritz, teve, com um conhecido, “uma conversa desagradável [...] sobre Rathenau etc. (Que grande homem ele era. Pena de morte a todos que pertenciam a alguma organização secreta.) O mulherio, claro, só faltou desmaiar. Para casa”.[93]

Em 28 de junho, participou de uma manifestação no Königsplatz contra a “Mentira da culpa de guerra”, um evento grandioso “contra as forças aliadas e o Tratado de Versalhes”. Ficou visivelmente decepcionado com a postura indecisa dos companheiros da Liga Apollo com relação à questão: “Na nossa associação naturalmente que não deu certo. Fomos com a Universidade Técnica — Todo o

Königsplatz lado a lado, com certeza mais de 60 mil pessoas. Uma celebração nobre e bela, sem excessos nem afobações. Um jovem do Exército ergueu uma bandeira nas cores preto-branco-vermelho (o comandante da polícia de proteção não a viu, isso poderia render uns três meses de prisão). — Cantamos *Wacht am Rhein* [Vigília no Reno], *Deutschland hoch in Ehren* [Alemanha em grande consideração], *Das Flaggenlied* [Hino da Bandeira], *Musketier* [Mosqueteiro] etc. — Foi maravilhoso. Fui para casa. Tomei chá."

Um dia depois (já se haviam passado cinco dias desde o atentado), ele confia em tom secreto ao seu diário: "Assassinos de Rathenau são conhecidos. Organização C — terrível, se tudo vier à tona." A Organização Consul, que mantinha atividades paramilitares em Munique com o apoio do governo da Baviera, fazia parte do meio em que Himmler se movimentava com relativa segurança, por ser sócio do Clube de Tiro de Freiweg e por conhecer Röhm (figura central desse cenário) e outros oficiais. Já durante o período que passou na casa dos pais em Ingolstadt, no começo de julho, Himmler fora informado detalhadamente por um conhecido sobre o armamento secreto que tinha lugar na Baviera: "Wagner Willi nos contou várias coisas, como se trabalha etc. (treinamento, negociatas com armas)."[94] Aparentemente, nos círculos com tendências "nacionais", essas informações eram partilhadas com relativa generosidade. Se Himmler realmente sabia mais sobre as atividades da Organização C do que os boatos que circulavam de modo geral nesse meio, hoje já não temos como saber.

Em 3 de julho, ele só conseguia demonstrar desprezo em relação a uma "reunião dos estudantes democratas com o Reichsbund republicano contra o terror preto-branco-vermelho nas escolas superiores de Munique", que seu ex-colega de classe Wolfgang Hallgarten havia organizado. Em sua opinião, não tinha nada a ver com terror. Alguns dias depois, quando, a pedido do pai, procurou o médico sanitarista Kastl, soube que "é para colher assinaturas para uma coligação do Reich chamada Preto-branco-vermelho a fim de propor um plebiscito para o restabelecimento do preto-branco-vermelho. Lógico que aceitei. Para casa. Jantar".[95]

Imediatamente empenhou-se em fazer propaganda, não só entre seus colegas estudantes, mas também no Clube de Tiro Freiweg: "Oito horas [cervejaria] Arzbergerkeller, noite de 'Freiweg'. Angariei muitos votos." Mas, naquela noite,

o assunto ainda era outro, como Himmler confidenciou, novamente, a seu diário: “Falei com os primeiros-tenentes Harrach e Obermeier sobre diversas coisas e me coloquei à disposição para desempenhar tarefas especiais.”[96] Na opinião de Himmler, o confronto decisivo com as forças republicanas se aproximava, e ele, assim pensava, desempenharia um papel importante nisso.

Em 17 de junho, finalmente chegara também para Himmler a hora do duelo, o tão aguardado rito de iniciação da associação de esgrima. “Convidei Alphons”, consta no diário. “A terceira partida era a minha. Nem fiquei nervoso. Posicionei-me muito bem e lutei bonito em termos técnicos. Meu adversário era o sr. Senner, do Alemannia. Ele desferiu golpes limpos. Como constatei mais tarde, saí com cinco cortes. Depois do 13º assalto fui eliminado. [...] Teria sido um duelo de cinquenta rounds. — Foi suficiente. O velho sr. Reichl de Passau me remendou. Cinco pontos, uma ligadura. Quase não me contraí. Distl, velho camarada, segurou minha cabeça. Fasching, meu *mentor,* veio especialmente para assistir ao meu duelo. Kiermeier Klement, do Alemannia de Fridolfing, trouxe Hartan Sepp, Bader e Jäger. — Ainda assisti ao duelo de Brunner. Casa. Claro que minha cabeça está zunindo.” O pai, de quem ele aparentemente esperava levar uma bronca por causa dos ferimentos no rosto, reagiu com tranquilidade: “Fui visitar papai. Ele riu e não levou o caso muito a sério.”[97]

***

A radicalização de Himmler pode também ter se dado por, nesses meses, ele ter sido obrigado a admitir que seus planos para o futuro foram construídos sobre areia. A desejada carreira de oficial estava bloqueada, e a alternativa de finalizar os estudos na faculdade de ciências políticas também se mostrara ilusória. Já em maio de 1922, Himmler havia se candidatado a uma vaga na faculdade de ciências políticas da Universidade de Munique e, em junho daquele ano, recebeu a notícia da reitoria de que o curso de agronomia lhe seria creditado plenamente e que ele seria liberado do pagamento da mensalidade. Com isso, o prolongamento de sua vida de estudante em Munique parecia assegurado: “Portanto, posso permanecer aqui no semestre de inverno, isso é bom e meus pais também vão se alegrar.”[98] A princípio, o pai era a favor da continuação dos estudos, mas advertiu o filho a não se engajar mais intensamente na associação de luta, como ele planejava, e sim a se concentrar totalmente nos estudos: “Papai diz que no próximo ano devo me dedicar unicamente à ciência.”[99] Já fazia alguns

meses, havia conversado com o pai sobre seus planos de obter um doutorado.[100] Dr. Heinrich Himmler — com isso as expectativas que os pais tinham em relação ao filho afinal ainda se concretizariam, e a faculdade de agronomia se integraria de forma lógica em uma educação acadêmica.

Em setembro de 1922, no entanto, Himmler não se preparava para o novo semestre, mas trabalhava em um escritório, num emprego malremunerado. Os pormenores dessa mudança de atitude já não podem ser reconstituídos. Entre julho e setembro, talvez alertado pelo pai, conscientizou-se de que, em tempos de inflação galopante, a renda dos Himmler não era suficiente para manter os três filhos na universidade.[101]

No início do verão de 1922, a inflação realmente atingiu um estágio crítico. O custo de vida em relação ao verão do ano anterior aumentara drasticamente: se em junho de 1921, depois de um ano de relativa estabilidade, o custo de vida era 11 vezes maior do que antes da guerra, em junho de 1922, passou a ser quarenta vezes mais alto. “Agora, 200 gramas de salsicha já custam nove marcos, isso é terrível. Onde isso vai parar?”, anotou Heinrich em seu diário.[102] Mas o ápice da inflação ainda estava longe de ter sido atingido — pelo contrário: entre junho e agosto de 1922, os preços dobraram; de agosto a dezembro, triplicaram mais uma vez.[103]

Os salários dos funcionários públicos não conseguiam acompanhar o ritmo da elevação dos preços. Embora os ordenados dos empregados do governo fossem continuamente ajustados desde 1918, o processo era tão lento que só cobria 25% a 40% do custo de vida, que subia desenfreadamente.[104] Mesmo que seja razoável supor que uma família burguesa como a do diretor de colégio Himmler possa fazer algumas economias em seus gastos domésticos ou disponha de reservas, estas em algum momento se acabam. Depois de anos de inflação, encontravam-se à beira da pobreza. Os Himmler claramente chegaram a esse ponto em 1922, e foi necessário deixar claro ao filho Heinrich que os recursos para financiar sua vida de estudante se esgotaram.[105] Com isso, Himmler perdeu a sensação de segurança e despreocupação material que caracterizara sua vida até então. A casa paterna já não parecia ser a base segura à qual Himmler, caso seus planos abrangentes e nebulosos falhassem, sempre podia voltar; a universidade não era a sala de espera em que se podia ficar em trânsito, aguardando confortavelmente, em meio a pessoas de ideias afins, pelo

esclarecimento das condições políticas. Em vez disso, a agronomia agora tinha de proporcionar a base para sua ocupação sob condições econômicas mais difíceis. Mas a realidade do pós-guerra parece só ter atingido de fato o jovem Himmler no verão de 1922. Até então, não havia levado em conta em seus planos nem as reais condições políticas nem o contexto econômico, e se entregara a vagas ilusões em relação ao futuro.

O lema agora era: chega de sonhar. Estava na hora do jovem de 22 anos buscar um novo rumo. Realizou as provas que ainda faltavam para o exame de conclusão de curso no fim do semestre de verão de 1922; "aprovado com bom aproveitamento" constava na avaliação geral de seu certificado, que o diplomou em agronomia.[106] Sua procura por um emprego obteve êxito rapidamente. Encontrou colocação como "encarregado auxiliar" em uma empresa de fertilizantes, a Stickstoff-Land-GmbH, em Schleissheim, perto de Munique. Novamente os contatos da família foram de grande ajuda: nessa fábrica, o irmão de um antigo colega do pai exercia um cargo de chefia.[107] A relação empregatícia durou de 1º de setembro de 1922 até o final de setembro de 1923; de acordo com a avaliação da empresa, durante esse período "participou ativamente da aplicação e da avaliação de inúmeras experiências fundamentais com fertilizantes".[108]

Não se sabe como Himmler se sentiu com essa atividade, como se adaptou à nova vida ou por que deixou a empresa depois de um ano, uma vez que não há diários disponíveis entre julho de 1922 e fevereiro de 1924. Isso é ainda mais lamentável pelo fato de que foi justamente nessa época que ocorreu o evento que provocou sua decisão fundamental de fazer da política a sua profissão: a participação na tentativa de golpe de 9 de novembro de 1923.

## O caminho para o putsch de Hitler

No verão de 1923, a República de Weimar era abalada por sua mais grave crise até então. Em janeiro, a França usou o atraso nos serviços de reparação da Alemanha como desculpa para ocupar a região do Ruhr. Em função disso, o governo do Reich, sob a direção do chanceler Wilhelm Cuno, convocou a população do local à resistência passiva. Isso ocasionou greves e interrupções da produção, a região do Ruhr foi isolada economicamente e a desvalorização monetária, que de todo modo já era catastrófica, fugiu completamente ao

controle. Em agosto, formou-se um novo governo do Reich, sob a liderança de Gustav Stresemann, que reunia numa grande coalizão os partidos DVP (Partido Popular Alemão), Zentrum (Centro), DDP (Partido Democrático Alemão) e o SPD (Partido Social Democrático Alemão). Em 24 de setembro, o governo de Stresemann desistiu da resistência passiva contra a ocupação da região do Ruhr.[109]

Enquanto os governos socialistas na Turíngia e na Saxônia desde o outono atuavam em colaboração cada vez mais estreita com o KPD (Partido Comunista Alemão) e começavam a formar organizações armadas, na Baviera a grave crise levou a um aumento da radicalização da extrema direita. Em setembro de 1923, a SA, a tropa de choque do NSDAP, o Freikorps Oberland e a organização paramilitar de defesa Reichsflagge, liderada por Ernest Röhm, e da qual Himmler a essa altura fazia parte, formaram a Deutscher Kampfbund (Liga de Combate Alemã). No final do mês, Röhm conseguiu alçar Hitler ao topo dessa formação. Mas o homem verdadeiramente poderoso nos bastidores era Erich Ludendorff, o antigo intendente geral e chefe do supremo comando do Exército.

O governo da Baviera reagiu declarando estado de exceção e nomeou o primeiro-ministro bávaro de 1920-1921, Gustav Ritter von Kahr, como comissário-geral de Estado, isto é, ditador do Estado de Emergência. Frente à nova situação, a Reichsflagge de Röhm apoiou Kahr. Em consequência disso, Röhm, com uma parte dos homens — *nomen est omen* —, criou a associação paramilitar Reichskriegsflagge (a Bandeira de Guerra do Reich), à qual também Himmler se juntou.

O governo do Reich, por sua vez, respondeu ao estado de exceção da Baviera declarando um estado-geral de exceção abrangendo todo o Reich. Quando, em meio a essa situação de conflito, Otto von Lossow, chefe das unidades da Reichswehr estacionadas na Baviera, foi deposto por não conseguir cumprir as ordens de Berlim, o governo bávaro tratou de reempossá-lo e de subordinar-se a ele e às tropas por ele dirigidas. O governo da Baviera — tendo na ponta o chamado triunvirato formado por Von Kahr, Otto von Lossow e pelo chefe da Polícia estadual, Hans Ritter von Seisser — encontrava-se agora em confronto aberto com o Reich, enquanto a própria Baviera se opunha à Kampfbund de Hitler e Ludendorff.

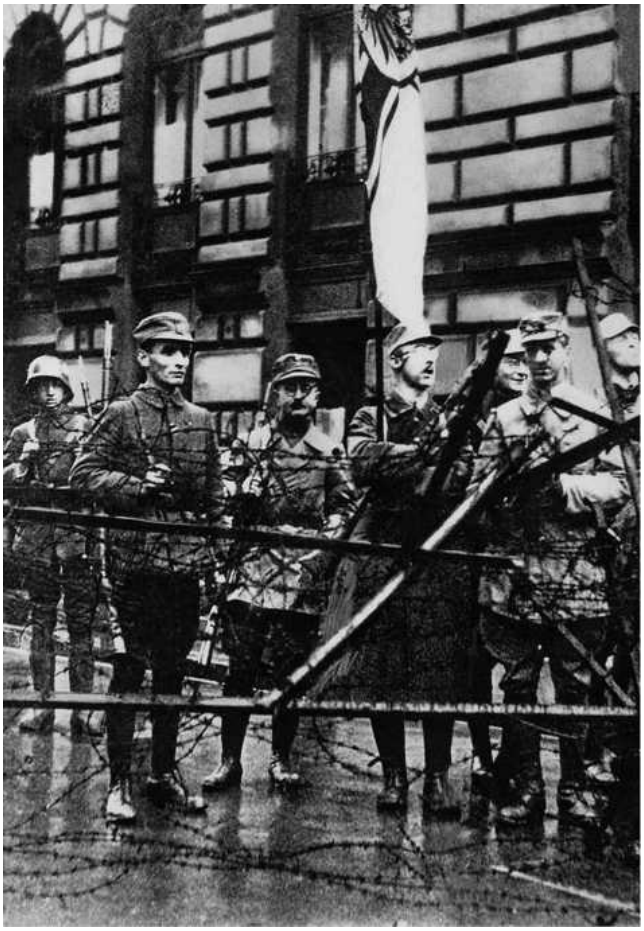
A Kampfbund queria proclamar uma ditadura Ludendorff-Hitler em Munique

e depois investir, com todas as forças disponíveis, numa marcha armada contra Berlim; no caminho até lá pretendia, ainda, desativar os governos socialistas da região central da Alemanha. Embora também pensasse em uma reviravolta no Reich, Kahr a via mais em forma de um frio golpe de Estado, amplamente apoiado pelos círculos conservadores de direita do norte da Alemanha, que contavam com o apoio da Reichswehr. Com isso, a Kampfbund se encontrava diante de um dilema: se não quisesse desempenhar um papel secundário, não podia simplesmente se aliar a Von Kahr; contudo, não tinha forças suficientes para deslanchar um ataque sozinho.

Havia ainda outro problema. Na fronteira norte da Baviera, a Reichswehr, agora "bávaro", começara a emergir, com a ajuda de diversas formações paramilitares, como uma defesa paramilitar de fronteira contra os governos socialistas da Saxônia e da Turíngia, na qual a Kampfbund também tomava parte. Para esse fim, foi obrigado a se subordinar ao comando da Reichswehr.

Em outubro, no entanto, o governo do Reich enviou tropas para a Alemanha central e, com isso, o pretexto da defesa das fronteiras deixou de existir. Além disso, com o anúncio de uma reforma monetária, o governo do Reich aos poucos foi recuperando a confiança no âmbito econômico. Assim, no início de novembro, a Kampfbund se via cada vez mais pressionada a agir: temia um acordo do triunvirato com Berlim, e a janela de tempo favorável a um golpe de Estado começava a se fechar. Nessa situação, o comando da Kampfbund elaborou um plano para tomar ele mesmo a iniciativa de um golpe e de cooptar as forças em torno de Von Kahr.

Uma manifestação do triunvirato na grande cervejaria Bürgerbräukeller, em Munique, na noite de 8 de novembro de 1923, pareceu oferecer uma ótima oportunidade: Hitler invadiu a reunião acompanhado por homens armados, declarou deposto o governo da Baviera, nomeou-se chefe de um governo nacional provisório e obrigou Von Kahr, Von Lossow e Von Seisser a se aliarem a ele. A sequência do putsch de Hitler é conhecida: ao amanhecer, os três integrantes do triunvirato se distanciaram da iniciativa e enviaram a polícia e a Reichswehr contra os golpistas. Os partidários de Hitler/Ludendorff ainda fizeram uma tentativa de controlar o centro da cidade, mas na altura da Feldherrnhalle o golpe finalmente chegou ao seu término com uns tiros da polícia local.[110]



*Himmler, em 9 de novembro de 1923, empunhando a Reichskriegsflagge: o mundo paramilitar permitiu a Himmler escapar às experiências angustiantes que enfrentava na vida civil. Aqui ele encontrava um ambiente em que convivia relativamente bem com suas dificuldades pessoais.*

Os golpistas em marcha pretendiam avançar até o comando do Distrito Militar na Ludwigsstrasse, onde se encontrava Röhm com sua Reichskriegsflagge. Aos moradores de Munique se oferecia, na manhã seguinte, uma cena bem incomum: o comando do Distrito Militar, o antigo Ministério da Guerra, estava isolado pela Reichskriegsflagge em formação e, ao redor dos golpistas, unidades do Exército imperial fiéis ao governo formavam outro bloqueio. Atrás dos cavalos de frisa, no entanto, se encontrava um jovem alferes a quem nesse dia coubera a honra de empunhar a Reichskriegsflagge: Heinrich Himmler, o filho do conhecido diretor do colégio de Wittelsbach. O confronto entre as forças do governo e os golpistas também aqui não se deu sem derramamento de sangue: depois de disparos vindos do prédio, os sitiados revidaram, e dois dos golpistas morreram.[111] Apesar desse incidente, a Reichskriegsflagge e o Exército ao longo do dia chegaram a um acordo

pacificamente, e seus membros, incluindo Himmler, que empunhava a bandeira, não foram presos: a Reichskriegsflagge retirou-se.

Com o fracasso do golpe, ficara também frustrada a tentativa dos radicais de direita de obrigar os conservadores a formarem uma frente comum para liquidar a República. Levaria quase dez anos para que um segundo pacto entre radicais e conservadores de direita fosse mais bem-sucedido.

6 Influente industrial e político. (N. das T.)

7 Orientação da política externa e econômica da República de Weimar. Contrariamente aos políticos que, mediante a rejeição das condições de paz de Versalhes, especialmente as de ordem financeira, esperavam obter uma revisão, os representantes da política do cumprimento (*Erfüllung*) queriam evidenciar, mostrando boa vontade sobretudo pelo pagamento das reparações, que era economicamente inviável para a Alemanha atender às condições do Tratado de Versalhes. O termo *Erfüllungspolitik* foi usado pela direita nazista como slogan difamatório. (N. das T.)

## Recomeço na Baixa Baviera

Depois da tentativa frustrada de golpe, Himmler estava pessoal e politicamente falido. Cinco anos após o término da guerra, não era oficial nem colono em terras distantes, mas um agrônomo desempregado que tentava, sem sucesso, encontrar um emprego.[1] As esperanças de impor uma mudança política radical tinham se dissipado após o esmagamento do golpe; quanto mais a situação econômica e política se estabilizava, menos promissora parecia a questão *völkisch*.

Mesmo assim, Himmler continuava engajado no clandestino NSDAP. A partir de alguns indícios em seu diário, é possível deduzir que, nos meses após o golpe, Himmler atuava secretamente como mensageiro dos golpistas.[2] Em meados de fevereiro de 1924, visitou Röhm na prisão de Stadelheim: "Tivemos uma conversa ótima e bastante desinibida. [...] Levei-lhe uma *Grossdeutsche Zeitung* [jornal publicado pelo Partido Nazista] e laranjas. Ele ficou bem feliz. Ainda mantém o bom humor e continua sendo o velho capitão Röhm."[3]

No mesmo mês, Himmler, que voltara a morar com os pais,[4] começou a trabalhar como agitador nazista na área da Baixa Baviera, região que conhecia desde a infância. Primeiro, experimentou o jornalismo: redigiu um artigo político para o *Langquaider Zeitung*, que chamou de "Carta de Munique. Aparentemente, o artigo fora planejado como a introdução de uma série que seria publicada regularmente e que daria apoio moral aos simpatizantes da cidade de Langquaid, onde se encontrava um grupo ativo de nazistas;[5] se esse intento foi realizado ou não, já não é mais possível saber.

O primeiro "Carta de Munique" foi publicado também no *Rottenburger Anzeiger*, jornal de uma cidade vizinha.[6] A redação descreveu o artigo em uma chamada: uma contribuição enviada por "círculos *völkisch*". A "carta" fora escrita em dialeto bávaro e em um tom astuciosamente ingênuo e coloquial. Como modelo, Himmler usou abertamente os *Filser-Briefe* de Ludwig Thoma, textos em dialeto bávaro, de um integrante fictício do parlamento.

Himmler, que se valeu do oportuno pseudônimo Heinz Deutsch, iniciou o artigo com um pequeno prefácio sarcástico: "Certamente em outras épocas era mais fácil escrever cartas do que agora. Embora não houvesse tanto assunto, também não era tão arriscado. Realmente não é tão fácil assim, muitas vezes já não tenho nem coragem de pensar em algo, porque sempre tenho pensamentos

tão contrários à polícia, e só troco ideias pessoas que correm o risco de acabar na prisão de Landsberg. De modo que decidi cercar meu cérebro com arame farpado e escrever em um dócil ‘estilo burguês’.”

O que se seguiu então foi uma conversa política fictícia entre Deutsch/Himmler e um bávaro aparentemente satisfeito consigo mesmo num compartimento de trem — um “homem, circunferência de cabeça 62, bigode pendente, bem-nutrido, ocupado em devorar umas salsichas”. Uma amostra: (com forte sotaque bávaro) “‘Sim, com os franceses a coisa também está no fim, se a conferência não o fizer, então a moeda o fará. Veja o senhor, como o franco (pronunciado como se um burro relinchasse) desvalorizou. Os franceses vão marchar de volta por si só, eles já não podem pagar mesmo.’ — ‘Ah, é’, eu disse, decepcionado, ‘é melhor esperar sentado, vai ficar velho esperando’. — ‘Sim, se a conferência não o fizer, então a moeda o fará!’, ecoava o meu burguês.”

Após Deutsch/Himmler conduzir a conversa por diversos assuntos, o artigo terminava abruptamente com um desfecho quase marcial: “Certa vez, um escritor alemão disse: ‘E se vocês não derem a vida, nunca conseguirão ganhá-la.’ Na Alemanha hoje se pensa que é possível especular com divisas e ações pela vida, mas chegará o dia em que o Reich, que Bismarck cimentou com sangue e ferro e que agora está desmoronando por dinheiro, será restaurado novamente com sangue e ferro. E esse então será o nosso dia.”

Depois, Himmler atuou como orador. No dia em que seu artigo foi publicado no *Rottenburger Anzeiger,* ele fazia propaganda para o Movimento de Libertação Nacional-Socialista, em Kehlheim, na Baixa Baviera: “Para a reunião, salão grande, muito cheio. Dr. Rutz [nazista de Munique; P.L.] fez a apresentação principal, depois intervalo. Falei sobre subjugação dos trabalhadores pelo capital da bolsa de valores, preços de mantimentos, salários e o que nós mesmos fazemos. [...] — Certamente, a reunião foi um sucesso.” Ainda na mesma noite houve outra reunião em Saal, um lugarejo próximo: “Num bar, camponeses e comunistas. Primeiro o dr. Rutz, depois eu. Só sobre questões de interesse dos trabalhadores. [...] O discurso de Rutz e o meu já beiravam o nacional-bolchevismo. Ponto principal: a questão dos judeus.”[7] No dia seguinte, discursou “muito bem”, segundo ele mesmo, para camponeses em Rohr. No final do evento, segundo anotou, houve um incidente com um “comerciante judeu de lúpulo”. Acredito que depois os camponeses deram “uma prensa nele”.[8]

Himmler via-se totalmente no papel de trabalhador voluntário do partido: “Ficamos até 2h45 da manhã no bar com as pessoas prestando esclarecimentos individuais. É amargo e espinhoso esse serviço ao povo, a esse povo enganado, muitas vezes maltratado e desconfiado, tomado pelo medo da guerra e da morte.”[9]

Um dia depois da atuação de Himmler em Rohr, em 26 de fevereiro de 1924, teve início em Munique o processo contra os golpistas de 9 de novembro de 1923. Anteriormente, Himmler já havia sido interrogado pela promotoria pública quanto à participação no ataque ao comando do Distrito Militar, mas o envolvimento não fora importante o suficiente para que fosse indiciado. Durante o processo, a defesa fez a oferta de convocá-lo como testemunha, mas depois não foi necessário comparecer ao tribunal.[10]

Himmler ainda alimentava a ideia de emigrar. Seu ex-colega de escola turco, com quem em 1921 havia debatido os planos de emigrar e com quem ainda mantinha contato por carta, ofereceu-se para lhe arranjar um emprego como capataz no oeste da Anatólia.[11] Himmler de fato fez algumas averiguações quanto a esse destino de emigração;[12] infelizmente, como nos vemos tentados a acrescentar, ele não conseguiu se convencer a dar esse passo. O Cáucaso também esteve sob consideração por um curto período, mas foi rapidamente descartado. “Domínio bolchevique, divisão de terras, nada a fazer.”[13] O mesmo valia para a Itália: um conhecido que vivia em Milão, quando indagado sobre a mesma questão, não lhe podia dar muitas esperanças. Para Heinrich, assim dizia o amigo, talvez para consolá-lo, a única possibilidade seria uma “ocupação colonizadora”, possivelmente na Ucrânia ou na Pérsia, pois, “como simples capataz, você também poderia conseguir uma colocação na própria Alemanha”.[14]

Himmler também já havia contemplado essa opção, claro, mas fora obrigado a constatar, desiludido, que suas chances profissionais na agronomia eram reduzidas. No início de novembro de 1924, o Reichsbund Akademisch Gebildeter Landwirte (União Nacional de Agrônomos Diplomados), em resposta à sua consulta, informou-lhe que[15] as chances de ele conseguir um cargo administrativo de destaque em alguma fazenda na Alemanha eram quase zero: possíveis eram apenas postos de administrador substituto ou ajudante geral em alguma fazenda experimental.

## Crise

Himmler, que não estava preparado para aceitar o fracasso de seu projeto de vida pessoal, profissional e político, se acomodou cada vez mais no papel de um *outsider*. Não era ele que estava no caminho errado, mas o seu ambiente.

Essa percepção valia tanto para a vida política quanto para a particular. Sua irritabilidade, arrogância e teimosia, que se projetaram com intensidade crescente nos anos anteriores e mais de uma vez o colocaram em dificuldades, agora aumentavam nitidamente e se misturavam de forma fatal à já conhecida inclinação de se meter em assuntos alheios.

Isso fica especialmente claro pelo modo como interfere no noivado do irmão, Gebhard, em 1923-24. O episódio mostra a profundidade da frustração de Himmler em relação ao golpe fracassado, mas também deixa transparecer que a partir disso se desenvolve uma agressividade escancarada que as pessoas de seu círculo mais próximo agora sentiam de maneira extraordinária.

Em novembro de 1921, Gebhard ficara noivo de Paula Stölzle, filha de um banqueiro de Weilheim. Desde o início, Heinrich via essa ligação com certa reserva.[16] À época, depois de "muita procura", escolhera um presente de noivado que mostrava claramente seus sentimentos ambivalentes em relação a essa união: o romance de Agnes Günther, *Die Heilige und ihr Narr* (A santa e o louco).[17]

Quando, em 1923, a relação estava em crise — Gebhard acusou Paula de ter-se portado de modo amigável demais para com um outro homem —, Heinrich, a pedido do irmão, atuou como mediador. Porém, Himmler compreendeu a tarefa de forma diferente do que o irmão havia imaginado.[18] Escreveu uma carta a Paula em que a lembrava de que um homem precisa "ter certeza de que sua noiva, mesmo que ele esteja ausente por vários anos, que não se vejam e não escutem nada um do outro — o que possivelmente acontecerá com o início da guerra —, não lhe será infiel com nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhum beijo, nenhum contato e nenhum pensamento". Mas que Paula, "de modo indecoroso, não passou nessa prova". Se o casamento viesse a ser feliz, ela deveria ser "levada no cabresto, com severidade *bárbara*". Já que ela mesma não era capaz de se conduzir de forma "firme e severa" e o irmão "é bom demais para você e sabe muito pouco sobre a natureza humana", outra pessoa teria de assumir essa tarefa: não surpreende que ele mesmo se sentisse "obrigado" a isso.[19] Paula respondeu em tom suave, mas decidido, pedindo-lhe que não se

intrometesse nos assuntos dela.[20]

O acontecimento — na visão de Himmler, uma questão de honra familiar — não lhe dava sossego. Alguns meses mais tarde, soube de outra história sobre Paula que o levou a pressionar os pais a terminarem o noivado oficialmente.[21] Somente depois de ter tido êxito em seu intento, conversou com o irmão a respeito do "caso Paula": "mencionei diretamente um término de noivado e dei honesta e abertamente minha opinião contrária". Nessa conversa, ficou sabendo por Gebhard que Paula "já havia perdido a virgindade por vontade própria". Ficou surpreso com a tranquilidade de Gebhard em relação a isso: "Gebhard reagiu bem à questão (do término do noivado), está totalmente conformado. Como se ele não tivesse alma, sacode-se como um poodle. Nossa conversa foi até as dez e meia. — Li o jornal. — Dormi. Desse jeito perde-se tempo."[22]

Quando Gebhard escreveu aos pais de Paula comunicando o desejo de desfazer o noivado,[23] ela, que àquela altura tinha se decidido pelo término, respondeu que um casamento com Gebhard não valia a pena e acusou o ex-noivo de "ter aceitado e tolerado a tutela de Heinrich na nossa relação". Disse que lhe era totalmente incompreensível como "o seu irmão, dois anos mais novo que você, se atreve a achar que pode me educar no seu lugar segundo a experiência de vida e o melhor método dele". E acrescenta que isso fora extremamente ofensivo.[24]

Mas Heinrich ainda assim não parou. Em março de 1924 — o noivado já havia sido desmanchado — ele contratou um detetive particular para levantar material incriminador sobre Paula e, dessa forma, deu margem ao falatório de cidade pequena.[25] Além disso, reuniu, junto a um conhecido de Weilheim, informações sobre a ex-noiva do irmão — aliás, sem o conhecimento deste e só para o caso, como assegurara ao informante, de que surgisse alguma complicação. Nesse caso, queria ter material contra a família Stölzle na mão.[26]

Com o "caso Paula", a obsessão de Himmler de se meter nos assuntos particulares dos outros e de buscar, de um modo não diferente do de um voyeur, detalhes íntimos da vida deles, alcançara seu apogeu provisório. Logo em seguida também ofendeu amigos íntimos com seu jeito de sabe-tudo, arrogante e totalmente desprovido de humor. Isso está documentado em carta de maio de 1924 aos amigos Friedl e Hugo (a cuja hospitalidade ele recorrera havia apenas poucos meses).[27] O ensejo banal foi um cartão-postal que Friedl enviara, três

dias antes, à mãe de Himmler, em que pede a Gebhard e Heinrich que, conforme haviam prometido, orientassem Hugo na compra de um carro. Himmler não conseguia tolerar o tom irônico do cartão:

"O estilo do cartão de 20 de maio de 1924 a minha mãe, que recebemos no dia 22 pela manhã, é totalmente insultuoso para Gebhard e para mim e, por isso, muito inoportuno. Já acho o começo 'na minha necessidade' no mínimo inapropriado. Falar em necessidade, hoje, por não ter recebido resposta dentro de três dias em um caso envolvendo um automóvel é no mínimo exagerado. Aparentemente, Friedl não sabe o que é necessidade! E escrever 'se nenhum de seus filhos quiser se mexer'. Espero que você e Friedl estejam convencidos de que lhes sou grato, não por motivos convencionais — esses me são desconhecidos —, e sim por convicção íntima, pela amizade e amável hospitalidade com que me distinguiram até agora."

Profundamente ofendido, continuou: "Também acredito que se lembre de que eu disse que podem contar comigo sempre, mesmo e nominalmente quando se tratar de uma real emergência. Também creio poder dizer que tratei de pequenos desejos seus como se fossem meus próprios. Portanto, se Friedl não confiasse em Gebhard, embora isso também seja completamente infundado, deveria confiar ao menos em mim a ponto de saber que eu não deixaria de me ocupar da questão."

Himmler também deixou claro aos amigos sob influência de quem ele acreditava que tinham escrito a carta: só podia se tratar de um ato de vingança de Paula Stölzle, que, segundo ele, no círculo de amigos, atiçava todo mundo contra ele! Portanto valia também para ela a ameaça de que era melhor não se meter com ele; ele poderia, se fosse obrigado a isso, "agir de forma bem diferente" e "não sossegaria enquanto o oponente em questão não fosse riscado social e moralmente dos círculos de qualquer sociedade".

Na certa, totalmente inconsciente de seu descaramento, Himmler não se inibiu em terminar a carta em tom que pedia consolo: "Infelizmente ainda estou aqui. É terrível como a coisa se estende. Essa espera de semanas é enervante. E as semanas que se perdem esperando, com certeza nos seriam úteis no futuro."[28]

Mas a postura de herói solitário e pioneiro incompreendido da questão *völkisch* de Himmler também obteve reconhecimento. Em junho de 1924, recebeu a carta de uma amiga, que lhe escrevera havia mais de meio ano, poucos dias após o golpe, mas não enviara na época. Himmler admirava essa jovem,

Maria Rauschmayer, filha de um professor de Munique — colega de seu pai —, que, no verão de 1924, trabalhava numa dissertação.[29] "Mariele" já fora mencionada algumas vezes em seu diário como "garota inteligente, de caráter forte e merecedora de respeito, que devemos honrar", e com louvável atitude patriótica.[30]

Maria Rauschmayer escreveu a Himmler como simpatizante política: queria informá-lo sobre os acontecimentos e o clima de Munique. Ela sabia que tinha nele um aliado em seu sentimento de raiva e decepção quanto à "traição" de Kahr, e queria apoiar e incentivar sua postura. A carta também demonstra profunda simpatia e admiração. Rauschmayer descreveu seus sentimentos daquele dia 9 de novembro de 1923, quando encontrou Himmler em frente ao sitiado quartel-general do exército, o antigo Ministério de Guerra da Baviera.

"Diante do Ministério de Guerra, tropas da *Reichsflagge*, Heinrich Himmler à frente, a bandeira nos braços, era possível ver como a bandeira se sentia protegida e o quanto ele estava orgulhoso. Vou até ele, incapaz de pronunciar uma palavra, mas dentro de mim soa:

"Estejam orgulhosos: eu carrego a bandeira!
"Não se preocupem: eu carrego a bandeira!
"Queiram-me bem: eu carrego a bandeira!

"Nunca troquei um aperto de mão mais firme em toda a minha vida, sabia que ele se sentia como eu. Durante anos não ter outro pensamento a não ser: Alemanha, Alemanha, Alemanha." E encerrou a carta: "Ao meu amigo Heinrich, esta carta. Que ela represente um pequeno sinal de fervoroso agradecimento e fiel recordação daquela atitude, que nos deu momentos em que pudemos novamente ter esperança. A carta foi escrita em horas de profunda angústia e desespero mudo que se seguiram ao evento."[31]

Em agosto, recebeu mais uma carta dela, uma ardente confissão em relação à causa comum: "Há anos sem conseguir pensar em outra coisa, há anos trabalhando nisso; povo e pátria como glorificação suprema, como uma prece no fundo do coração [...]." Ela mesma, no entanto, não queria se engajar ativamente junto ao pessoal *völkisch*. A explicação deve ter sido bem ao gosto de Himmler: "Vocês são uma tropa de combate que quer secar um brejo, e diabos e bruxas do pântano são uma ralé de tal modo nojenta, e eu não quero ter nada a ver com

isso. É assim que eu entendo o conceito da mulher alemã sublime! Como camarada ao lado de vocês e depois da batalha com vocês.” Pouco antes, diz ela, respondera ao apelo de participar ativamente de um grupo *völkisch* (étnico-nacionalista) de mulheres: “Pegue um equipamento para fazer conservas e preserve ali as melhores garotas que achar na Alemanha, para que permaneçam alemãs puras e para que os homens, hoje ocupados, saibam onde devem procurar as esposas. Certamente serão poucas, pois a luta pela existência é hoje ainda mais difícil para as mulheres do que para os homens; tanto que várias, que seriam matéria-prima da melhor qualidade, mas ainda jovens demais, casam-se, para poder esperar pelo momento certo — talvez em vão.”[32]

Himmler guardou ambas as cartas junto com seus documentos pessoais. Diferentemente de Paula, que, avaliada a partir da sua escala de ideal, fracassara de modo tão inequívoco, “Mariele” reforçara sua fantasia da mulher ideal, que se guardaria para o combatente solitário, casto. Se tivermos em mente como era vital para ele se agarrar a essa imagem de mulher para a sua autoimagem como homem, soldado, ativista político e germânico autoestilizado, podemos deduzir que significado extraordinário o encorajamento de Maria Rauschmayer deve ter tido para ele — especialmente numa época em que ele se sentia tudo, menos estável.

## Em busca de uma visão de mundo

A lista de leituras de Himmler do período 1923-24 indica que ele estava à procura de um sólido apoio “ideológico”, no mais amplo sentido da palavra. Salta aos olhos o fato de ele procurar enquadrar os elementos mais importantes da ideologia de extrema direita — antissemitismo, nacionalismo extremo, racismo, hostilidade à democracia —, que se deixam agora comprovar de modo cada vez mais forte em sua mente, num retrato de mundo muito mais abrangente, construído a partir de elementos das mais diferentes áreas.

Himmler distancia-se cada vez mais do catolicismo, passando a se interessar por obras que, na opinião dele, tratam-se com rigor “científico” de fenômenos ocultos como, por exemplo, um livro sobre “astrologia, hipnose, espiritismo, telepatia”[33] — temas que, no auge da inflação e da subsequente situação de mudança radical, estavam em voga.[34] Em 1925, leria um livro sobre a arte do pêndulo[35] e no mesmo ano procurou um astrólogo para que fizesse quatro

horóscopos.[36]

Um modelo sobre o enigma da pirâmide de Quéops — "história construída e escrita em pedra e representação do universo, que um homem genial registrou na forma dessa pirâmide" — o impressionou, pois ele apontava "conhecimentos de uma precisão que nós, presunçosos homens aculturados, já perdemos há muito tempo e até hoje não resgatamos nessa dimensão".[37]

Em janeiro e fevereiro de 1923, havia lido um livro sobre espiritismo e registrado em suas anotações que a leitura o convencera da validade da doutrina espírita. Himmler acreditava, portanto, ser possível entrar em contato com as almas dos mortos.[38] Já em maio de 1921, lera e relera em pouco tempo um livro em que a continuação da vida após a morte seria *provada*; a despeito de certo ceticismo, estava tentado a acreditar no argumento do autor. "Reencarnação", anotou no final de seu comentário[39] — um tema que também iria ocupá-lo mais tarde como Reichsführer-SS (RFSS).

Em dezembro de 1923, começou a ler *Vida de Jesus*, de Ernest Renan, do ano de 1863, e se empolgou com a interpretação antissemita do autor. Isso fez com que não atentasse muito a outras coisas no livro que "com certeza não eram certas". Em todo caso, Renan lançaria luz sobre "muitas coisas que nos são ocultadas".[40] Em fevereiro de 1924, leu *Welträtsel* (Enigma do universo), de Ernst Haeckel, mas rejeitou categoricamente a visão de mundo monística do autor; "as agitações não comprovadas reunidas de todos os cantos e a negação de um Deus pessoal" seriam "realmente repugnantes".[41] Vê-se, portanto, que, apesar das dúvidas crescentes em relação à doutrina católica, ele ainda não havia rompido com o seu Deus.

Paralelamente, a literatura antissemita era um de seus temas favoritos desde o outono de 1923. Mas um livro sobre o dialeto iídiche local (*Mauscheldeutsch*) o decepcionou um pouco porque o autor, "ao que tudo indica, é um homem patrocinado pelos judeus ou, de todo modo, não é antissemita".[42] Poucas semanas depois, o *Manual sobre a Questão Judaica*, publicado por Theodor Fritsch, que, desde os anos 1890, era um dos mais importantes representantes do antissemitismo, obteve sua total aprovação: "Até um iniciado estremece."[43] Logo em seguida, leu, do mesmo autor, *Der falsche Gott: Beweismaterial gegen Jahwe* (O falso Deus: evidências contra Jeová). Fritsch claramente fortalece algumas dúvidas que Himmler já tinha em relação às histórias do Velho

Testamento: “Passamos a ter clareza sobre diversas questões que já nos pareciam duvidosas quando criança, no que tange ao valor de verdade de certos relatos bíblicos. E, ademais, como em todos esses livros, a consciência desses terríveis castigos de Deus e do perigo que nos sufocam.”[44]

Em fevereiro, durante sua estadia na casa dos amigos Friedl e Hugo Höfle, leu dois romances que misturavam o tema central antissemita com temas eróticos, algo totalmente de seu agrado.[45] Em setembro de 1924, durante uma viagem de trem, devorou um panfleto da liga étnico-alemã antissemita *Deutschvölkischer Schutz und Trutzbund;* a visão ali defendida correspondia totalmente à sua própria.[46]

Por fim, deparou-se com *In der Gewalt dunkler Mächte* (No poder de forças obscuras), de Gotthard Baron von der Osten-Sacken. O livro, publicado somente em 1924, era um exemplo típico da transformação de antissemitismo radical em paranoia. Embora Himmler reconhecesse o fato, isso não diminuía a seu ver a credibilidade do autor, como mostra seu comentário: “Descrição do sistema judeu de condenação à morte ética. É possível que certa mania de perseguição gerada por isso esteja incluída. Mas não há dúvida de que o sistema existe e que é aplicado pelos judeus.”[47]

Em sua lista de livros, também se encontra uma série de literatura antijesuítica. Depois da leitura do primeiro livro, em novembro de 1923, constata: “Para mim está mais claro do que nunca que a expulsão dos jesuítas do país foi uma das melhores e mais corretas atitudes de Bismarck.”[48] Conforme suas anotações, a “influência dessa ordem poderosa” se vê também no romance *Der Sadist im Priesterrock* (O sádico de batina), que ele leu alguns meses mais tarde.[49]

O livro *Ultramontane Schuldbuch. Eine Deutsche Abrechnungmit dem Zentrum und seinen Hintermännern* (Livro da dívida ultramontana. Um acerto de contas com o centro e seus mandantes) era, para ele, em maio de 1924, “uma terrível nova percepção do sistema de trabalho de um inimigo. Ficamos amargurados ao ler isso tudo. O que foi que fizemos a essas pessoas para que não queiram nos deixar viver? E especialmente agora. Queremos ser alemães e lutar sempre contra qualquer inimigo”. Nesse caso, sua crítica não se voltava à religião cristã propriamente dita: “Como essa gente pode ser inimiga da fé e da religião cristã do amor?”[50] Seu comentário a respeito de outro texto antijesuíta,

que tratava dos “carrascos negros do povo alemão, que tinham sido descobertos”, é esclarecedor: a “questão ultramontana” seria “certamente um fenômeno secundário, e a questão dos judeus, o principal, não o inverso”.[51]

Depois da tentativa frustrada de golpe, começou a se familiarizar também com Hitler, por meio da leitura de dois livros, e anotou em sua lista de leituras: “Ele de fato é um grande homem e, principalmente, verdadeiro e puro. Seus discursos são maravilhosas peças de germanismo e arianismo.”[52] Esta é a primeira vez que o nome Hitler aparece em suas manifestações escritas preservadas (diários, correspondências e listas de leitura). Ele não fazia parte daqueles seguidores nazistas que haviam aderido à causa por terem sido cativados pelo carisma do Führer, mas seu engajamento político se devia aos preparativos do golpe no acampamento paramilitar de extrema direita nos anos de 1922-1923. Se ele teve algum ídolo político nessa época, certamente era Röhm, e não Hitler.

A lista de leituras entre os anos 1923-1924 demonstra que seu interesse por temas germânicos não só se manteve como se intensificou.[53] Em setembro de 1923, começou a ler a trilogia de Werner Jansen publicada entre 1916 e 1920, versões populares recontadas e narradas em forma de aventura da *Canção dos Nibelungos e outras sagas*. Jansen tentara reinterpretar os textos como mitos teuto-germânicos e os forrara com clichês germanistas-racistas; originou-se, assim, um tipo de Karl May para leitores germanófilos, especialmente jovens.

Primeiramente, Himmler se dedicou ao livro *Das Buch Treue* (O livro da lealdade). Isso aconteceu poucas semanas antes da participação no putsch de Hitler. Ficou vividamente impressionado: “Um dos livros mais fantásticos, mais alemães que já li. A questão da lealdade alemã e a genuína compreensão de nação e povo foram exprimidas de forma maravilhosa. Hagen é *Idealgestalt*, a imagem ideal.”[54] Mesmo antes de terminar a leitura desse *Romance dos Nibelungos*, foi atrás do texto original da *Canção dos Nibelungos*: “De rara beleza eterna em matéria de língua, profundidade e germanismo”, anotou em sua lista de leitura.[55]

Quase um ano depois, leu o livro *Buch der Leidenschaft* (O livro da paixão), de Jansen, que o entusiasmou igualmente: “... sinto que pertenço a esses germânicos, mas que hoje estou muito solitário nesse sentimento”.[56] Novamente essa leitura o motivou a estudar um texto original. Leu *Germânia*, de Tácito, e

comentou: “Que imagem maravilhosa, como foram distintos, genuínos nos costumes e grandiosos os nossos antepassados. Essa deveria ser a nossa meta, ou ao menos de parte de nós.”[57]

Poucas semanas depois, entregou-se de corpo e alma à adaptação da *Gudrunsage* (A saga de Gudrun) e outra vez foi totalmente arrebatado: “O sublime cântico da mulher nórdica. Essa é a imagem ideal com que nós alemães sonhamos na juventude e pela qual estamos dispostos a morrer como homens e na qual sempre acreditamos de novo”, e acrescentou, ligeiramente melancólico, “não importa quantas vezes nos decepcionamos”.[58] Ele ficaria sem encontrar sua Gudrun, mas quando, em 1929, foi preciso dar um nome à filha, a escolha não foi difícil.

Paralelamente ao romance de Jansen, a leitura do ensaio sobre o “pensamento heroico”, de Hans Günther, publicado sob o título *Ritter, Tod und Teufel* (Cavaleiro, morte e diabo), foi para Himmler mais um acontecimento crucial no que se refere à sua ideia de “heroísmo germânico”. Leu o livro duas vezes durante o ano de 1924 e comentou, breve e conciso: “Um livro que exprime em palavras e frases sabiamente ponderadas o que sinto e penso desde que penso.”[59] A mitologia germânica, enriquecida com uma boa dose de ocultismo, evidentemente tornou-se para Himmler um tipo de substituto da religião.

## O agitador rural

No verão de 1924, Himmler tomou a funesta decisão de transformar seu papel de ativista político em sua profissão e verdadeira razão de viver. Começou a trabalhar para o nazista Gregor Strasser, da Baixa Baviera, atividade que provavelmente aprendeu a exercer na prática em decorrência de seu engajamento no NSDAP daquela região.[60]

Nascido em 1892, Strasser era farmacêutico em Landshut, uma das principais cidades da Baixa Baviera e tivera a patente de primeiro-tenente na Primeira Guerra Mundial. Por alguns anos foi um dos mais importantes nazistas da região e participara do golpe de Hitler, pelo que foi colocado em prisão preventiva. No entanto, candidatou-se nas eleições parlamentares da Baviera de 6 de abril e 4 de maio (no Palatinado) pelo Völkischer Block, que atuava como organização substituta do proibido NSDAP. O partido obteve 17,4% dos votos (tanto quanto os social-democratas), Strasser foi eleito, libertado da prisão e assumiu a direção

do Völkischer Block no parlamento da Baviera. Em nenhum outro lugar do Reich o partido de extrema direita estava tão fortemente representado. Nas eleições para o Reichstag, em dezembro de 1924, Strasser se candidatou com sucesso pelo Movimento de Libertação Nacional-Socialista, uma lista comum de forças *völkisch* e nazistas; e renunciou ao mandato como representante no parlamento da Baviera.

Strasser, representante de um "socialismo alemão", tinha ideias diferentes de Hitler, sobretudo no que dizia respeito à política social e econômica: ele reivindicava a "nacionalização" da terra e dos meios de produção e representava uma postura acentuadamente anticapitalista no NSDAP.[61] Sua principal atribuição agora era erguer o partido no norte da Alemanha: por esse motivo passava pouco tempo na Baviera, sua antiga base de poder, onde Himmler assumiu, no verão de 1924, a direção da filial e cuidava de resolver, em grande parte com total autonomia, as questões do partido na Baixa Baviera.[62]

Nessa época, Himmler oscilava entre o desânimo e o desejo de perseverar: em agosto de 1924, escreveu ao amigo que morava em Milão (tratava-se da resposta a uma carta em que o amigo se dizia pouco esperançoso quanto a possíveis empregos na Itália): "Como você vê, ainda estou aqui. Ando terrivelmente ocupado, já que estou encarregado de dirigir e ampliar a organização em toda a Baixa Baviera, em todos os sentidos, aliás. Não posso nem pensar em um trabalho que me permita responder a uma carta em tempo. O trabalho de organização, que conduzo de modo totalmente autônomo, me agrada bastante, e a função seria completamente satisfatória se pudéssemos preparar uma iminente vitória ou luta pela liberdade, mas, assim como se configura, nosso trabalho como pessoas *völkisch* é repleto de renúncias, um trabalho que, a curto prazo, jamais produzirá frutos visíveis. Estamos sempre conscientes de que os frutos desse trabalho só surgirão anos mais tarde, de maneira que hoje nossa atividade talvez pareça uma causa perdida. [...]

Somos poucos, mas somos inabaláveis nessa dura tarefa. [...] Porque realmente precisamos dizer a nós mesmos que, se não fizermos esse trabalho que precisa ser feito, de difusão do pensamento alemão, ninguém irá fazê-lo e depois, com o passar dos anos, quando o clima estiver propício, nada irá desabrochar, pois nada foi semeado. É um servir altruísta para uma grande ideia e uma grande causa, pelo qual naturalmente jamais obteremos reconhecimento e

pelo qual também não esperamos obter reconhecimento."[63]

As condições iniciais para o movimento a favor da causa nazista na Baixa Baviera não eram nada más. Nas eleições do Reichstag de dezembro de 1924, o Völkischer Block obteve, por exemplo, 10% dos votos da cidade de Landshut e se tornou o terceiro partido mais forte depois do BVP e do SPD; assim, esse resultado superou largamente os resultados eleitorais do escrutínio de listas de diferentes agrupamentos nazistas na Baviera (5,1%) e do Reich como um todo (3%).[64]

Em dezembro de 1924, Hitler foi libertado da prisão de Landsberg e em fevereiro de 1925 fundou novamente o NSDAP (sua proibição foi revogada depois que Hitler entregou uma promessa de legalidade ao primeiro-ministro da Baviera). Assim, a tarefa de Himmler em Landshut passou a ser a transferência dos nazistas da Baixa Baviera, que Strasser havia agrupado sob a bandeira do Movimento de libertação Nacional-Socialista,[65] para o NSDAP.

Mas isso não ocorreu sem atritos. Em julho de 1925, a administração central do NSDAP se queixara a Strasser de que não havia chegado a Munique um único formulário por meio do qual os nazistas da Baixa Baviera confirmavam a adesão ao partido, isso sem mencionar a contribuição dos membros.[66] Assim, em agosto, Himmler foi a Munique para discutir os pormenores da transferência de quase mil partidários de Hitler da Baixa Baviera, distribuídos em 25 grupos regionais. No entanto, informou de antemão à central que ele "naturalmente" não negociaria com Max Amman (à época, diretor da Eher, a editora do partido) em razão de um atrito ocorrido entre eles seis meses antes, durante uma visita de Himmler a Munique. Assinou a carta, como era o costume entre os racistas na época, com "*treudeutschem Heilgruss*", algo como "com os almejos de vida longa de um alemão leal".[67]

Os melindres de Himmler em relação à sua honra e o seu comportamento pouco amável não foram as únicas razões para as dificuldades de relacionamento entre a central de Munique e a filial de Landshut. Diferentemente do que escreveu ao amigo de Milão, Himmler enfrentava dificuldades principalmente com a gestão administrativa dos interesses do partido em Landshut: reiteradamente não conseguia cumprir os compromissos fixados pela central de Munique. Em geral, atribuía os atrasos a uma permanente sobrecarga de trabalho e às frequentes palestras externas.[68]

O envio dos formulários a cada membro do partido no verão de 1924 se estendeu até o início do ano seguinte, e a transferência do pagamento das contribuições para Munique (dez pfennig ao mês por membro) também foi lenta. Aparentemente, Himmler não encontrou outra desculpa às pressões cada vez mais intensas da central além da explicação "folclórica": "O grande atraso, particularmente em Landshut, não é realmente devido à falta de interesse, mas à aversão típica na Baixa Baviera a qualquer manifestação ou formalidade expressa em forma escrita."[69]

Além disso, havia divergências de conteúdo. Como quando certa vez a central queria saber por que fora permitido que Anton Drexler, o fundador do Partido Nazista, que era então persona non grata em Munique, discursasse numa reunião do partido em Landshut.[70]

Mas Himmler podia contabilizar como sucesso pelo menos o fato de a central de Munique ter confirmado a existência da filial de Landshut[71] e reconhecido o *Kurier für Niederbayern* — com uma tiragem de 4 mil exemplares —, como jornal local oficial do partido.[72] Em seu relatório de atividades, apresentado durante a convenção distrital do NSDAP da Baixa Baviera, realizada em 2 de maio de 1926 em Landshut, Himmler mostrou números meticulosamente reunidos: em pouco mais de meio ano, haviam registrado a "entrada" de 340 cartas e a "saída" de 480 cartas e cartões; em termos de material publicitário "em forma de edições especiais, edições da *Weltkampf*, Nationalsozialistische Briefe, folhetos, outros jornais e brochuras, foram enviadas não menos que 2.131 peças".[73]

Esse balanço de atividades, no entanto, não consegue ocultar o fato de que Himmler não era em primeira instância aquele burocrata partidário aplicado e pedante, que dirigia as atividades do partido de Landshut a partir da escrivaninha. Na verdade, o chefe do partido achava que sua principal tarefa era percorrer incansavelmente as regiões do *Gau8* e se ocupar de cada um dos grupos individuais da área. Assim, só entre meados de novembro de 1925 e começo de maio de 1926, Himmler discursou em 27 eventos em todo o distrito (tornando-se, assim, o palestrante mais ativo do *Gau)* e também em vinte eventos fora não só na Baviera, como também na Westfália e na Alemanha do Norte, na região de Hamburgo, em Schleswig-Holstein e em Mecklenburg.

No *Kurier von Niederbayern* jornal do partido editado por Himmler, sua

atividade como palestrante era amplamente elogiada. O fervoroso agitador do campo tratava principalmente de temas atuais de política: esbravejava contra o Plano Dawes (o acordo estabelecido com os Aliados em 1924 quanto às reparações previstas no Tratado de Versalhes),[74] justificava a aprovação nazista quanto à indenização às antigas dinastias[75] prevista pela República e criticava veementemente os acordos de Locarno.[76] Suas manifestações sobre a política atual estavam repletas de declarações políticas genéricas e de reconhecimentos da ideologia *völkisch*. O antissemitismo era um tema central em seus discursos: ele incluía "obscuras maquinações dos judeus", falava sobre o tema "os judeus e o bolchevismo" ou sobre os "perigos do judaísmo".[77]

Em 9 de outubro de 1924, publicou um artigo antissemita raivoso no jornal do partido: "Jornal, telégrafo e telefone, todas são invenções do alemão trabalhador e do espírito ariano", esclarecia Himmler, entre outras coisas, aos seus leitores, e encontravam-se agora "a serviço da ambição judia de controle do mundo". Acrescente-se a isso a "mais nova conquista [...] a telefonia sem fio", que como "a radiodifusão de entretenimento poderia ser um meio de ensino moderno para o bem e a honra de todo um povo e de imenso valor para a nação e o seu povo", mas que de fato, no entanto, encontrava-se "sem exceção nas mãos de empresas judias", com a consequência de que "obviamente estão sendo mandados para o mundo somente testemunhos baratos puramente judaicos de uma cultura falsa e estagnada e produtos intelectuais alemães vergonhosamente adulterados".

Em maio e junho de 1925 voltou-se contra os maçons, mais especificamente contra a suposta ligação estreita entre maçons e judeus. A leitura recentemente concluída de um oportuno texto revelador ("um livro maravilhoso") parece tê-lo animado. No livro, aliás, ele se deparara com uma elite histórica que, em sua opinião, servia perfeitamente como modelo, a casta de guerreiros dos hindus: "*kchatryas*, é isso que devemos ser. Essa é a salvação".[78]

Mas esses eram pensamentos particulares que ele não revelava aos camponeses da Baixa Baviera. Em seus discursos, reconhecia, no entanto, que a odiada maçonaria não deveria ser desdenhada como modelo de organização — assim, por exemplo, quando, em maio de 1925, falou em Dingolfing "sobre o caráter e as metas da maçonaria, sempre lembrando de novo que nós, os nazistas, só teríamos a aprender com essa organização que funciona perfeitamente até nos mínimos detalhes, e que nós, enquanto não despertarmos para o mesmo senso de

responsabilidade, jamais atingiremos o nosso objetivo”.[79]

Na Baixa Baviera, marcadamente agrária, Himmler também abordava reiteradamente as questões do campo, um assunto muito familiar frente à crise de 1925-1926 — muitos camponeses haviam se endividado nos anos anteriores e agora se viam confrontados com preços de venda em queda. Em 15 de abril de 1926, o *Kurier* informou, por exemplo, sobre um evento do NSDAP de Plattling, no qual o “sr. agrônomo diplomado e companheiro de partido Himmler, de Landshut, falou sobre o colapso da agricultura alemã”. De acordo com o *Kurier,* compareceram muitos “agricultores dos vilarejos próximos, que acompanhavam com extrema atenção as palavras claras e impetuosas do palestrante”.

Himmler recheara o discurso profundamente antissemita com inúmeros detalhes de política agrária que deveriam legitimá-lo como especialista competente. Discorria sobre “a horrenda história de sofrimento do nosso povo” desde 1918, descrevia “o sistemático estrangulamento e amordaçamento de todas as categorias profissionais, das quais sua última representante, a classe camponesa, agora caía vítima do capital da bolsa de valores internacional judia”. Sem piedade, fustigava a atividade atual “dos ditos líderes dos camponeses, carreguem eles os nomes Heim ou Kühler, Schlittenbauer ou Gandorfer, são todos servos do capital de empréstimo judeu”. O antigo empregado da fábrica de nitrogênio de Schleissheim entrou em detalhes “sobre a influência nefasta dos sindicatos dos adubos”, bem como do papel aparentemente não menos destrutivo da bolsa de cereais, “que dita os preços ao homem do campo, de modo que este, apesar dos altos encargos e impostos, mal consegue cobrir os custos de produção, obrigando-o a vender a sua terra a preços irrisórios ou a pedir crédito a bancos judeus a condições impossíveis de serem cumpridas”. Segundo Himmler, a salvação só viria “finalmente com a conscientização de quem realmente é nosso inimigo comum e com o desejo firme de lutarmos unidos contra esse inimigo”; todas “as pessoas de origem alemã devem se unir em uma sociedade popular social com o lema ‘bem-estar público antes do bem-estar privado’ e erguer uma nova nação sob a bandeira da suástica, dirigida pelo nazismo”.[80]

Na mesma época, Himmler publicou um artigo no *Nationalsozialistischen Briefe,* em que adota uma linha de raciocínio muito parecida: a “situação de monopólio das empresas de fertilizantes” seria decididamente corresponsável

pelos altos custos operacionais que, juntamente com importações baratas, altos custos dos créditos e especulação de terras pelos “judeus”, levariam à derrocada da agricultura alemã.[81] Repetiu os mesmos argumentos do *Kurier von Niederbayern* num artigo publicado em julho de 1926.[82]

Em seus discursos, Himmler também gostava de impressionar os ouvintes fazendo abrangentes considerações históricas. Em Geisenhausen, em 12 de setembro de 1925, explicou “as relações mais profundas entre os caminhos da política alemã e da política judaica”. Segundo o *Kurier,* começou “por assim dizer, nos primórdios da história alemã [...] depois abordou rapidamente a política e a estrutura arquetípica das nações vizinhas [...] examinou jesuitismo, reforma, proletariado [...] esclareceu as razões mais profundas para a Guerra dos Trinta Anos” para chegar finalmente ao ápice de sua apresentação com a “política nobre e visionária de Bismarck”.[83] Em 19 de novembro de 1925, em Landshut, discorreu por duas horas sobre [...] “o caminho percorrido pela política judaica na Espanha, França, Inglaterra e Alemanha da Idade Média até os nossos dias”.[84] Além disso, podemos concluir que, a partir do outono de 1925, Himmler passou a colocar mais ênfase sobre a fórmula do “nazismo”, portanto, sobre o lema político de seu mentor, Gregor Strasser.[85]

Ocasionalmente, esses esforços retóricos obtinham sucesso imediato. Em 20 de novembro de 1924, assim relatava o *Kurier* de Achdorf: “Após um breve relatório do sr. Himmler” foi criado um novo diretório local do *völkischer block*, “que obteve a adesão imediata dos 24 senhores presentes”. Em Malgersdorf, onde Himmler se manifestou em fins de novembro sobre “as próximas eleições do Reichstag”, na mesma noite também se criou um diretório local.[86]

Em 9 de março de 1926, assim relatou um partidário de Dingolfing: “O camarada do partido, Himmler”, se dispôs “a nos agraciar novamente com uma palestra”. A formulação do narrador de que Himmler havia se tornado “um palestrante excelente de alma profunda, grande sabedoria e eloquência lógica [sic!]” sugere que em apresentações anteriores Himmler possivelmente tenha provocado tal “encantamento”.[87] Em todo caso, os relatórios do *Kurier* mostram que a frequência das atuações de Himmler em palestras cresceu enormemente a partir do início de 1925, portanto, que era convidado com maior frequência pelos grupos locais e que o número de palestras fora do distrito também se multiplicara. “O camarada de partido Himmler deixou a todos muito

impressionados", lia-se no *Kurier* no início de abril de 1926, acerca de um discurso em Siegen. A deduzir pelo artigo, a turnê pelo sul da Westfália havia sido um verdadeiro triunfo: "Em Niederschelden, Weidenau e Eisern, onde o camarada de partido Himmler também discursou, o sucesso foi ainda maior. Esperamos em breve poder tornar a ver o jovem e ardoroso propagandista da nossa grande ideia, *heil*!!"[88]

Em todos os discursos de Himmler já chamava a atenção a ausência de um tema: Adolf Hitler. Isso torna-se ainda mais notável se considerarmos que Hitler, nos anos 1925-1926, apoiado em sua reputação de "mártir" do golpe fracassado, passou a concentrar em torno de si um verdadeiro culto ao Führer e que se aproveitava desse culto de modo consistente para alcançar uma posição de poder ditatorial dentro do NSDAP e para ampliar ao máximo a base popular do partido. A postura antes moderada e um tanto distanciada de Himmler em relação a Hitler pode ter sido influenciada pelo mentor Strasser, que via no austríaco, em primeiro lugar, o tribuno útil para o "nazismo", mas que de nenhum modo estava disposto a se deixar arrebatar pela onda de adoração ao Führer. Após ter dado conta, pouco a pouco, entre 1925 e 1927, do primeiro volume do *Mein Kampf*, de Hitler, Himmler anotou em seu diário, de modo bastante lapidar: "O livro é repleto de verdades." Mas também fez comentários críticos: "Os primeiros capítulos sobre a própria infância contêm diversos pontos fracos."[89] Ele leu o segundo volume da obra de Hitler com maior rapidez, em 1927; assimilou com aprovação principalmente as passagens sobre "os diferentes valores das raças humanas". Sublinhou a observação de Hitler de que durante a guerra se deveriam ter "mantido 12 ou 15 mil desses perversores hebraicos de populações [...] sob gás venenoso" — Hitler se referia aos funcionários socialistas, os quais responsabilizava pela derrota.[90] Mas não há indício de que a leitura o tenha realmente entusiasmado; em sua lista de leituras meticulosamente organizada, o segundo volume sequer aparece. No caso de Himmler, parece não ter havido um acontecimento que o despertasse para o fascínio carismático do Führer.

Se observarmos suas abrangentes atividades de palestrante e viajante, não é de admirar que a execução das tarefas burocráticas no escritório de Landshut estivesse sempre em atraso. Aparentemente, Himmler aceitava essa desvantagem: resolver as coisas in loco e estar em contato com as pessoas "lá fora" lhe parecia mais importante. Além disso, ainda precisava de tempo para as

atividades paramilitares, que também manteve ativas em Landshut. O nome da organização agora era Schützen und Wanderbund Tell (Associação de Tiro e Caminhadas Tell), organização sucessora do Freikorps de Landshut criada em 1919 e da qual ele fizera parte desde a fundação.

Em janeiro de 1926, a organização chamou a atenção da polícia. O escritório do NSDAP de Landshut, onde trabalhava Himmler, estava sob observação; e quando ele, em 12 de janeiro, deixou o local por volta do meio-dia, foi intimado pelo agente da polícia criminal, que aguardava do lado de fora, a acompanhá-lo à delegacia para prestar depoimento.

Segundo informações obtidas na delegacia, a Associação Tell teria como meta a "educação física e mental, bem como o treinamento de jovens por meio de exercícios de marcha e tiro de calibre". Não possuía armas militares. Em seguida, revistaram as casas de Himmler e do presidente da associação, o major Mahler, onde foram encontrados documentos que provavam que no verão anterior a associação realizara exercícios em que os integrantes foram munidos com armas de infantaria. Himmler afirmou insolentemente que não houvera armas de fato, que sua utilização havia sido apenas "fictícia". Um tenente da Reichswehr confirmou as declarações.[91] As investigações aparentemente não tiveram continuidade; as autoridades não tinham interesse em descobrir atividades paramilitares que recebiam apoio da Reichswehr.

Embora Himmler, então com 26 anos, resolvesse suas atividades em Landshut com autonomia, no partido, em geral, era visto como o "jovem" que trabalhava para Strasser. Em abril de 1926, recebeu uma visita da Renânia. O camarada de partido Joseph Goebbels, acompanhado por Himmler, dera início a uma viagem para realizar uma série de palestras na Baixa Baviera. "Em Landshut: Himmler: um bom sujeito, muito inteligente", Goebbels anotou, de modo condescendente, em seu diário.[92]

8 *Gau* (s.); gaue (p.): Distritos administrativos do NSDAP no Reich alemão entre 1925-1945. (N. das T.)

## O funcionário do partido

Em setembro de 1926, Gregor Strasser tornou-se chefe de Propaganda do NSDAP. Essa nomeação claramente fazia parte de um arranjo interno do partido que acabaria solucionando definitivamente o crescente conflito existente desde 1925 entre a central de Munique e o Grupo de Trabalho dos *Gauleiter* do Noroeste Alemão do NSDAP, com maior tendência à esquerda. Os principais representantes da fileira "noroeste alemã" puderam ocupar posições de destaque no partido e foram assim neutralizados como possível cerne de uma oposição interpartidária (depois de terem se subordinado a Hitler em fevereiro de 1926, no chamado "encontro com o Führer", em Bamberg). Assim, além de Strasser, que pode ser visto como mentor interpartidário do grupo de trabalho, foram promovidos Joseph Goebbels, enviado como *Gauleiter* a Berlim no início de outubro, e Franz Pfeffer von Salomon, que assumiu o comando da SA em 1º de novembro e logo passaria a se denominar Franz von Pfeffer.[1] Himmler acompanhou Strasser à central do partido em Munique na qualidade de adjunto.[2] No final de janeiro de 1927, Strasser informou à presidência do NSDAP que ele também nomeara Himmler para a chefia adjunta do *Gau* na Baixa Baviera.[3]

Nos primeiros anos após o restabelecimento, o NSDAP era um grupo político fragmentado e insignificante de sectários de extrema direita que se encontrava na margem mais exterior do espectro político e cujos resultados eleitorais ficavam atrás dos alcançados pelos nazistas em 1924, sob outros nomes de partido. Mas o NSDAP era o único grupo de extrema direita representativo em todo o Reich que, ao contrário dos outros, tinha uma estrutura organizacional de orientação razoavelmente homogênea.

A central do partido em Munique, à qual Himmler chegou no verão de 1926, possuía, além da chefia de Propaganda, uma série de departamentos, como, por exemplo, a central administrativa, à época dirigida por Philipp Bouhler, um oficial de 27 anos da Primeira Guerra Mundial e estudante fracassado de germanística.[4] Entrementes, as atribuições de Bouhler reduziam-se progressivamente em favor da nova direção organizacional do Reich, reinstituída em julho de 1926, sob o comando do tenente-general Bruno Heinemann, que também presidia o Comitê de Investigação e Arbitragem do partido. Em 1928, Gregor Strasser deveria substituir Heinemann na função de diretor organizacional. Desde 1925, o tesoureiro Franz Xaver Schwarz era responsável

pelas finanças do NSDAP, e, considerado aplicado e correto, exerceria o cargo até o final do Terceiro Reich em 1945. A função de secretário foi exercida primeiramente pelo professor Hermann Schneider e depois por Karl Fiehler, um funcionário público subalterno.[5] E, finalmente, Franz von Pfeffer, como alto-comandante da SA, fazia parte da direção desde 1926.[6] Além desses, havia também Max Amann, muito ligado à direção do partido, com quem Himmler já se desentendera no ano anterior: o antigo sargento do 12º Regimento de Hitler dirigia os negócios da Eher, a editora do partido.

Além do politicamente ambicioso Strasser e do líder da SA Von Pfeffer, que tinha consciência absoluta de seu poder e via a SA na tradição das organizações paramilitares de defesa e que queria mantê-la amplamente independente em relação ao partido, a direção do NSDAP consistia principalmente em pessoas de talento político executivo altamente limitado e que, em geral, se restringiam à área de atuação imediata. Ali, no entanto, podiam trabalhar, assim como Himmler, de modo bastante independente e protegido pela autoridade da direção do partido; os respectivos chefes de departamento estavam autorizados por Hitler a atuarem em seu nome, nas suas áreas de competência, em relação à organização do partido.

Essa regra correspondia ao estilo de liderança de Hitler de, na medida do possível, não interferir nas inúmeras discussões, brigas de competências e rivalidades internas do partido, mas aguardar o desfecho a distância. Dessa forma, evitava arranhar o *Führerprinzip*, ou princípio do líder, nas brigas cotidianas do partido. Hitler, que durante esses anos viajava intensamente pelo país em busca de apoio para o partido, frequentava pouco a central, e era difícil de ser localizado até por seus colaboradores mais próximos.[7] Quem cuidava de sua correspondência era Rudolf Hess, seu secretário fiel e devoto, considerado um excêntrico por muitos.

Como Himmler e os demais funcionários da central do partido em seu trabalho costumavam invocar a autoridade do Führer, eles também faziam de tudo para consolidar cada vez mais a posição deste junto aos correligionários no campo — na opinião de Hitler mais um ponto positivo no estilo de trabalho de Himmler. Himmler gozava de liberdade de ação especial, pois o chefe de propaganda Strasser frequentemente estava envolvido em outros assuntos partidários em razão de seu mandato no Reichstag e de suas responsabilidades

como um dos mais conhecidos agitadores nazistas.[8] Quando Strasser, em 1928, foi nomeado chefe organizacional do partido e Hitler assumiu interinamente a função de chefe da Propaganda do Reich, embora só nominalmente, o campo de ação de Himmler se ampliou um pouco mais.

Ele se ocupava principalmente de questões organizacionais: administrava a correspondência com os diretórios locais, enviava-lhes material de propaganda, avaliava propostas de correligionários, cobrava relatórios etc. Esforçava-se principalmente em unificar as diversas atividades de propaganda do partido no país e de submetê-las ao controle da chefia do Reich. Com esse intuito, a partir de outubro de 1926, passaram a surgir nos jornais do partido diretrizes e pronunciamentos numerados[9] que levavam a assinatura de Himmler, como, por exemplo, o livreto Propaganda, da primavera de 1927, no qual eram apresentadas sugestões práticas para a configuração da propaganda do partido.[10]

Além disso, cabia a ele coordenar, juntamente com os *Gauleiter*, a utilização nacional dos oradores do partido. Evidentemente, dedicava cuidado especial aos preparativos dos comícios de Hitler, que continuavam representando os mais importantes meios de propaganda do partido. É bem verdade que não estava em condições de satisfazer a todas as solicitações dos diretórios locais quanto à presença de Hitler, já que tomava o cuidado de só se comprometer com um número limitado de reuniões. Ainda assim, não deixava de enviar aos diretórios locais "diretrizes" para as reuniões com o líder do partido e questionários para a preparação das muitas vezes longamente aguardadas aparições de Hitler.[11] A organização frequentemente não conseguia suprir a demanda por outros palestrantes por falta de oradores interessantes que pudessem ser enviados para vários diretórios.

Himmler tentava aproveitar a função como suplente de chefe da Propaganda principalmente para montar um amplo sistema de registros internos no partido. No livreto publicado por ele, havia duas páginas com 13 tipos de relatórios diferentes que os diretórios locais deveriam enviar regularmente. Também não deixou de alertar: "O não cumprimento dos prazos terá como consequência graves advertências ou, conforme o caso, a notificação do Führer."[12] Entre outras coisas, deveriam ser comunicados "todos os judeus, se possível também os batizados, que moram na região, diretório local e arredores ou distrito, com especificação detalhada da pessoa, idade, profissão e residência. Essas

informações são necessárias para que finalmente possamos dispor de estatísticas confiáveis quanto ao número de judeus em relação à população total".

Além disso, deveriam ser listados todos os maçons, os nomes dos "adversários locais mais odiados", todos os "endereços conhecidos de alemães no exterior", todos os "abusos, assaltos e atos terroristas ocorridos contra camaradas do partido por parte da oposição desde sua fundação nos respectivos locais, arredores e distritos", todas as "multas e prisões por causa de interrogatórios e acusações políticas impostas aos camaradas do partido"; finalmente, ainda deveriam, "se necessário", ser mandadas informações sobre outros temas que Himmler não esquece de listar um a um.

Esse livreto pedantismo de Himmler, sua enorme necessidade de controlar tudo e sua megalomania, pois um sistema de relatórios e dados dessa magnitude teria ultrapassado em grande medida a capacidade de processamento da alta direção do Reich, se os diretórios locais e distritos realmente tivessem se atido às suas instruções.

Paralelamente às outras atividades, Himmler sempre viajava. Seu diário daquela época mostra que ele não só visitava intensamente a região do norte da Baviera e o distrito do partido, a Baixa Baviera, mas também comparecia a inúmeros compromissos em toda a Alemanha. Em janeiro de 1927, por exemplo, passou um período na Turíngia, onde se realizaria uma eleição estadual; no início de fevereiro, foi à Westfália; no final de abril, esteve na região do Ruhr; em maio, passou algum tempo em Mecklenburg por conta das eleições de lá; na volta fez uma parada, entre outros, em Potsdam e Chemnitz; na segunda quinzena de junho, esteve em diversos lugares em todo o Norte da Alemanha; em 14 de julho, em Viena; em meados de outubro, no estado de Hessen, e assim por diante, ininterruptamente.[13]

Nessas viagens, ele também atuava intensamente como palestrante para o partido; em média, discursava mais de uma vez por semana em eventos internos ou em público. Nisso, continuava se servindo da retórica anticapitalista de seu mentor, Strasser, como mostra o discurso de 13 de outubro de 1926 em Potsdam: "Nos livros de história, os períodos de capitalismo e socialismo se revezam; capitalismo é o sistema econômico artificial, e o socialismo, o natural." Na sequência, Himmler descreve a presumível intercalação entre fases "socialistas" e "capitalistas" na história da Alemanha: sob a rubrica do "socialismo", agrupou

a revolta dos camponeses, a época de Frederico II e as reformas do barão Vom Stein; essas tentativas de reforma teriam fracassado repetidamente por culpa do capitalismo:

"O capitalismo tomou novamente o trono. Não se pergunta pelo homem honesto, mas por quanto dinheiro se tem. Não se pergunta de onde vem o dinheiro, apenas se existe. O capitalismo se lança sobre a maior invenção do homem, a máquina, e com ela escraviza as pessoas. Por essa razão, o povo desenvolve um anseio por liberdade, assim se manifesta o desejo por liberdade na luta de classes dos trabalhadores. A burguesia alemã não entende isso e a luta pelo socialismo se estende até 1918."

Himmler chegou ao ponto de estabelecer uma vasta correspondência entre as ideias de futuro do nazismo e do comunismo: "Os anseios dos nazismo e do front-vermelho são os mesmos. O judeu quis adulterar a revolução para o marxismo, e este não trouxe a satisfação, razão pela qual não está em questão hoje. Portanto, até hoje há um desejo pelo socialismo."[14]

A ligação entre retórica anticapitalista e antissemita, que já se manifestara anteriormente, continuou. Conforme relatório policial, Himmler afirmou em seu discurso de outubro de 1926 em Munique, no bairro de Neuhausen: "Se alguém declarasse que o judeu é mais inteligente e que essa é a razão de progredir na vida, estaria errado. Se o NSDAP atuasse de forma tão mentirosa, fria e brutal como o judeu, já teria ido muito mais longe."[15]

Em um relatório da polícia sobre um discurso ao diretório local do NSDAP de Regensburg, em abril de 1927, consta que Himmler teria dito: "Os judeus se apossaram do capitalismo e sabem bem como jogar o 'internacionalismo' contra os povos na luta pelo estabelecimento de seu poder. O internacionalismo anularia a importância individual dos povos e teria como meta a escravização do trabalhador no mundo inteiro. Só existiria uma saída para evitar esse destino: a união de todos os trabalhadores alemães com base no nacionalismo para instituir um regime socialista. O objetivo é a criação de um partido dos trabalhadores poderoso, nacionalista, socialista e alemão."[16]

Poucas semanas depois de Himmler ter assumido o novo posto, foram realizadas as eleições do parlamento estadual na Saxônia, nas quais o NSDAP, com 1,6% dos votos, ficou muito aquém do que esperavam seus partidários; poucos meses

antes, em junho, só havia conseguido 1,7% nas eleições parlamentares estaduais em Mecklenburg-Schwerin. Membros do partido na província culpavam a incapacidade da sede pela falta de sucesso nas eleições — um desafio para o recém-escolhido suplente de chefe da Propaganda do Reich. No final de 1926, as esperanças dos partidários se voltaram para as eleições parlamentares da Turíngia, realizadas em janeiro de 1927. Fritz Schusnus, nomeado pelo governo regional da Turíngia para coordenar a campanha eleitoral, escreveu em outubro para Munique: "Se a organização das eleições em Mecklenburg e na Saxônia tivesse sido outra, o resultado não teria sido tão lamentável. Na Turíngia, uma perda de votos como ocorrera em Mecklenburg e na Saxônia seria irreparável. Por isso, peço à sede do Reich que mova céus e terras para que, ao menos na Turíngia, a organização das eleições seja feita de modo correto, para que não ocorra uma confusão desorientada, como foi o caso na Saxônia."[17]

Mas não havia muito que Himmler pudesse fazer: comunicou a Schusnus que não tinha como disponibilizar mais dinheiro e afirmou que seria despropositado implementar uma propaganda eleitoral abrangente em dezembro.[18] Consequentemente, o sucesso do NSDAP foi extremamente modesto, já que obteve meros 3,5% dos votos da Turíngia em janeiro de 1927.

Nomeado chefe da campanha eleitoral para as próximas eleições parlamentares em Mecklenburg-Schwerin, que ocorreriam em 22 de maio de 1927, Himmler, como de hábito, organizou-se sistematicamente. Encarou como tarefa principal cobrir o país com uma densa rede de palestras proferidas por correligionários nazistas. Os documentos disponíveis mostram que o modo de proceder metódico resultou em certa esquematização: "palestrante nível I", total de 63 convenções; "palestrante nível II", cinquenta; os de nível III deveriam comparecer a cerca de trezentas convenções em localidades menores.[19]

Mas o grandioso plano ameaçava fracassar, pois Himmler só queria dar o sinal de início à campanha eleitoral depois que os membros do partido em Mecklenburg tivessem comprovado o cumprimento dos pré-requisitos formais para a participação nas eleições. A um mês da eleição, Himmler exigiu dos partidários do Norte a apresentação, em poucos dias, da "notificação" do pagamento da caução de 3 mil marcos alemães, necessária para a autorização oficial da nomeação de candidatos, e também que a lista com as 3 mil assinaturas fosse reconhecida formalmente. Se ambas as exigências não fossem

cumpridas dentro do prazo, afirmou Himmler categoricamente, “não prosseguiremos com os esforços em direção à eleição”.[20]

Na liderança do *Gau* de Mecklenburg-Lübeck, a reação a essa rispidez foi de consternação. Os responsáveis exigiam o início da campanha eleitoral sem que se aguardasse o sinal verde da sede.[21] A ideia de Himmler, de limitar a campanha aos últimos 14 dias, seria “absurda”, escreveu-lhe um dos mais importantes membros do partido de Mecklenburg. Teria sido muito mais sensato estender a campanha às últimas três semanas, o que agora já era tarde. A sede em Munique, especialmente Himmler, seria a culpada. Na cidade de Parchim, em Mecklenburg, os nervos estavam à flor da pele:

“Mas teria sido possível, se a direção em Munique não tivesse insistido numa posição burocrática tão absurda. Perdoem a expressão tão dura. Mas é assim. O que será que a direção está achando do líder do *Gau* de Mecklenburg? Quero dizer, se o líder comunica à central que dispõe dos 3 mil marcos e conseguiu reunir as 3 mil assinaturas, o partido obviamente deve acreditar nele! O líder do *Gau* não é nenhum tolo ou moleque mentiroso! Se agora a direção exige uma confirmação policial autenticada das afirmações dele, isso significa que há alguma desconfiança.” Disseram que entraram em contato diretamente com Hess, o secretário de Hitler, e que ficara acordado que não se exigiria que o início da campanha estivesse vinculado à confirmação oficial da nomeação dos candidatos.[22]

Himmler, que dessa forma havia sido ignorado, não estava disposto a engolir as acusações. Com um misto de insolência, ironia condescendente e em repreensão à maior autoridade do partido, no item 18 de uma longa carta em que se referia a pormenores de uma palestra de Mecklenburg, revidou:

“A sabedoria contida no fato de ser uma vantagem fazer propaganda muito antes da eleição me é conhecida há muito tempo e não é novidade. Mas quando sou responsável por algo, preciso fazer alguns cálculos adicionais. Uma campanha de 14 dias é exatamente o que o *Gau* pode gastar. [...] Todos sabemos o que seria ideal e bom. Mas temos que contar com o que temos. Fica mantida a propaganda durante os últimos 14 dias. Quero acrescentar que discuti esse ‘absurdo’ com o sr. Hitler e que o sr. Hitler está de acordo com esse ‘absurdo’.”

Inclusive as notificações sobre assinaturas e a caução exigidas por ele teriam sido estabelecidas pelo “próprio sr. Hitler”. Se por acaso uma parte das

assinaturas não tivesse sido reconhecida pelas autoridades, “um enorme aparato com custos fenomenais teria sido posto em movimento, completamente em vão. O senhor está certo em pensar no interesse de seu *Gau*. Mas, quando se está fora do *Gau*, também é correto pensar um pouco mais adiante. Isso não tem nada a ver com desconfiança”.[23]

A campanha eleitoral por Mecklenburg entrou em colapso total quando se descobriu, pouco antes da data da eleição, que Hitler não estaria disponível para aparições de campanha. Himmler informou os membros do partido de Mecklenburg em 18 de maio de 1927, quatro dias antes da eleição, de um modo que deixa evidente que ali — para usar um tom suave — se criara uma grande insatisfação: “Mas como nazistas sabemos que Hitler não teria cancelado sua aparição se não tivesse razões importantes para isso [...]. Eu considero imoral e covarde se por essa razão um chefe permitir que se estabeleça em seu território um estado de insatisfação e desobediência ou se cruzar os braços ele mesmo. Não pode existir ‘impossível’ ou ‘não podemos’ em uma organização nazista.”[24]

De fato, os nazistas de Mecklenburg só realizariam 106 dos quatrocentos eventos planejados. O resultado das eleições foi devastador para o partido: 5.611 votos, ou 1,8%.[25] Nas eleições parlamentares de julho do mesmo ano na pequena localidade de Mecklenburg-Strelitz, o NSDAP não se candidatou; em compensação, o Movimento de Libertação *Völkisch* Alemão obteve 5% dos votos.

Em Hamburgo, em fevereiro de 1928, o NSDAP obteve parcos 2,2%; durante o mandato de Himmler como chefe da Propaganda do Reich ocorreu também o fracasso nas eleições parlamentares de 20 de maio de 1928, em que o NSDAP só obteve uma participação de 2,6% dos votos (em dezembro de 1924, quando Hitler ainda se encontrava na prisão, eram pelo menos 3%). Nas eleições parlamentares da Prússia e em diversos outros estados, realizadas no mesmo dia, o resultado foi igualmente deprimente. Mesmo assim, foi encorajador constatar que o partido obteve resultados relativamente bons em certas regiões rurais. A direção, que até então, principalmente por influência de Strasser, se concentrara em atrair para si as massas de trabalhadores urbanos dos partidos socialistas, reavaliou sua tática passando a dar maior importância à área rural. Isso naturalmente veio ao encontro do agrônomo diplomado Himmler, que já atuara como agitador dos camponeses de 1924 a 1926, na Baixa Baviera.

Em dezembro, Himmler concebeu um novo plano que concentrava a propaganda em regiões específicas. Evidentemente, aproveitou o plano que fizera para as eleições parlamentares de Mecklenburg em maio de 1927, mas que só em parte pudera colocar em prática.

Himmler informou aos *Gauleiter* que o que se queria era cobrir sistematicamente todas as regiões alemãs com eventos de grande escala: com esse propósito, em determinado *Gau* e, no prazo de sete dias, seriam realizados entre setenta e duzentos eventos acompanhados por uma semana de propaganda com noites especiais para a SA, para a Juventude Hitlerista e também para a imprensa. A coordenação ficaria a cargo da direção da Propaganda do Reich. Já estavam marcadas atividades de propaganda no "Ost-mark" (como era chamada a Áustria nos meios *völkisch*) para janeiro de 1929, em Halle-Merseburg para fevereiro e na Saxônia para março.[26]

O projeto é característico do pensamento esquemático de Himmler. Além disso, seus planos mais uma vez ultrapassavam em muito as possibilidades práticas da organização do partido: a maioria dos *Gaue* à época provavelmente nem tinha condições, em virtude de suas estruturas precárias, de executar tais campanhas extravagantes.[27] Uma notória carência de palestrantes do partido que pudessem ser enviados para diferentes locais também impedia a concretização dos planos. Por essa razão, Himmler defendeu o aprimoramento dos cursos por correspondência para eles, que até então eram oferecidos por Fritz Reinhardt, *Gauleiter* da Turíngia e proprietário de uma escola profissionalizante por correspondência desde 1926, rebatizando a instituição com o nome de Escola de Oratória do NSDAP).[28]

A proposta de Himmler para que se organizassem ações de propaganda em larga escala continha, no entanto, ideias que foram aproveitadas pelo NSDAP assim que o partido conseguiu reunir as forças necessárias para se organizar: o "tratamento intenso" de regiões específicas por meio da propaganda nazista, que até então fora tudo menos intensa nas áreas rurais, foi algo que se tornou típico do NSDAP nos anos 1930-1933.[29]

Mas não foram apenas a evidente discrepância entre os generosos planejamentos e a permanente necessidade de controle de Himmler e o aparato de desenvolvimento das províncias, realmente fraco, que impediram que o suplente de chefe da Propaganda do Reich se tornasse uma figura popular no

NSDAP. Seu comportamento autoritário e arrogante em relação aos membros do partido da província, que já viera à tona durante a campanha de Mecklenburg, também colaborou. Ele alegava que essa atitude característica devia-se ao excesso de trabalho e simplesmente não sobrava tempo para formalidades. Suas cartas da época são marcadas por uma total falta de estilo, dispensando qualquer tipo de cordialidade, e pela redução do conteúdo a breves notificações ou ordens.

Com frequência pedia "cumprimento imediato",[30] exigia "resposta imediata"[31] ou acusava "o tom de sua carta [...] decididamente não me agrada".[32] Não aceitava ser contrariado. Repreensões faziam parte de seu cotidiano. Em abril de 1927, por exemplo, escreveu ao diretório local de Hersbruck: "Cumpre dizer que aqui todos ficamos surpresos. Como um diretório local do NSDAP pode contratar a palestra de uma pessoa que não é membro do partido? Devo pedir que leia o memorando de propaganda — o que deveria ser automático para o chefe de um diretório local. Na página 9, o senhor poderá ler que somente membros do partido podem proferir palestras."[33]

Da mesma maneira, desaconselhou o diretório de Hof de organizar um "Dia Alemão" em abril de 1927: "Recomendo aos senhores que leiam as páginas 34 e 35 do memorando de propaganda que certamente devem ter encomendado."[34]

Quando, em agosto de 1928, um simpatizante escreveu que desejava que o partido "atirasse" menos "para todos os lados", Himmler respondeu: "O senhor poderia tranquilamente ter economizado a última frase, pois sabemos o que devemos fazer e também sabemos muito bem para que lado devemos atirar."[35]

Em julho de 1927, desafiou um membro do partido em Stettin a informar, "dando sua palavra de honra", sobre os procedimentos internos daquela divisão, o que ele esclareceu da seguinte maneira: "O senhor deve relatar tudo o que sabe sobre as ocorrências em Stettin." E: "Como chefe da SS, o senhor deve ter disciplina suficiente para cumprir uma ordem sem perguntar como e por quê. Caso o relatório não chegue dentro de oito dias, determinarei sua exclusão da SS, além de tomar outras medidas cabíveis."[36]

Era típico de Himmler o hábito de deixar claro aos correligionários que suas perguntas na verdade eram supérfluas e, considerando a permanente sobrecarga de trabalho dele, um aborrecimento desnecessário: "1. Recebi a sua carta do dia 8 do mês passado. 2. Mesmo que o senhor me inunde com cartas, não consigo lhe enviar mais palestrantes simplesmente porque não disponho de mais

nenhum. Além disso, com essa sua atitude, o senhor só dificulta o nosso trabalho aqui. Saudações e *Heil...*”[37]

Por outro lado, quando interagia com figuras de destaque no partido, exagerava na dedicação. Assim, suas cartas para Franz Ritter von Epp contrastam tremendamente com as demais, normalmente grosseiras. Endereçava-as ao “muito estimado general” e em vez de despedir-se somente usando “com saudações alemãs”, finalizava de forma extremamente servil: “Com saudações alemãs, seu mais humilde servo.”38

Himmler também se acostumou a justificar as próprias decisões com o argumento de terem sido executadas a mando de Hitler ou seguindo orientações de outros membros da direção do Reich*:* “Se devo cumprir a ordem do Führer de distribuir os eventos da campanha eleitoral e de prover todas as grandes regiões eleitorais com tudo quanto é necessário, para isso é preciso que cada diretório obedeça às ordens do Führer.”[39] Em fevereiro de 1927, deu parecer negativo à consulta do diretório de Aschaffenburg a respeito de um “Dia Alemão” e acrescentou: “Essa decisão é definitiva e tem o acordo de todos os oradores da direção do partido.”[40]

Himmler reagiu de forma especialmente grosseira em outubro de 1928, ao responder a uma solicitação do *Westdeutsche Beobachter*, um jornal do partido publicado em Colônia. Alguns dias antes, o jornal havia solicitado “o envio, dentro da maior brevidade possível, dos 25 tópicos do programa de acordo com o modelo anexo”.[41] Himmler entendeu mal a solicitação e supôs que em Colônia não se conhecia o programa do próprio partido. Obviamente o conteúdo do programa também era conhecido pelos membros do partido de Colônia; o que se precisava de Munique era um formato específico que pudesse ser usado como modelo para a publicação do programa no jornal. Esse mal-entendido provocou em Himmler uma clássica reação exagerada:

“Uma solicitação desse tipo pela redação de um jornal reconhecido pelo partido é inacreditável e inédito. [...] Aconselho o senhor a consultar o livro de associados e a procurar, na secretaria, na chefia do *Gau* na Renânia, o folheto nº 1: solicitar os 25 tópicos do programa, além dos 25 tópicos do programa de Alfred Rosenberg e, ainda, adquirir o caderno nº 1 da biblioteca nazista de Gottfried Feder, em que se encontram os 13 pontos adicionais que não lhe são conhecidos. Para sua informação, nós aqui excluímos gente da SA que não

possui esse conhecimento.”42

Os companheiros de partido do *Westdeutsche Beobachter* reagiram consternados e profundamente ofendidos. Perguntavam-se como era possível que a carta de Himmler “pudesse ser escrita”, já que uma resposta dessas “não se presta ao objetivo de criar uma relação de confiança entre camaradas de partido e muito menos de fortalecer tal relação. Se eu quisesse me valer de seu método, poderia perguntar ao senhor quando foi que ouviu falar pela primeira vez do programa do NSDAP. Eu conheço o programa desde o início de 1922 e não preciso me envergonhar do meu desempenho a serviço do partido. Justamente na função de representante da direção do Reich, o senhor deveria evitar em sua correspondência com correligionários que se engajaram e continuam se engajando com sucesso e grandes sacrifícios pelo partido — entre os quais eu me incluo — a utilização de termos que talvez sejam mais apropriados para um pelego marxista sujo”.[43]

Himmler se justificou escondendo-se, como de costume, atrás de seus colegas da direção: “Antes de lhe responder, mostrei sua carta a vários senhores da direção. Certamente eu não era o único que tinha essa opinião.” Além dele, “dois outros senhores da direção do Reich” eram da mesma opinião, isto é, “que o senhor desconhecia os tópicos em si ou ao menos aqueles com explicação”.[44]

Durante esses anos, a atividade de Himmler para a direção do Reich, pobre em sucessos, mas, em contrapartida, rica em conflitos, lança a questão de como a carreira dele no partido já não se encerrara nos anos 1920, ou como nenhum dos inúmeros conflitos em que se envolveu ocasionou a sua expulsão do partido.

É possível que tenha conseguido se manter em virtude de sua habilidade em se adaptar às estruturas de poder do NSDAP, o “Partido do Führer”, e por não fazer inimigos ao menos na esfera diretiva do partido. Naqueles anos, predominava um antagonismo de poder político entre a direção de Munique e os membros do partido na província, que ocasionou frequentes conflitos; apesar de tudo, o que unia o partido era o carisma de seu líder, ou seja, a capacidade de Hitler de convencer, repetidamente, os membros da província de que as extraordinárias habilidades deles acabariam por contribuir para o triunfo do NSDAP.

Enquanto em suas discussões com os membros do NSDAP nas províncias Himmler recorresse à autoridade do líder do partido ou de outros chefes, o

respaldo necessário de Hitler e de seus colegas era algo relativamente garantido. O estilo de liderança de Hitler, de permitir grande autonomia a Himmler e aos outros funcionários, tinha como consequência que estes dependiam essencialmente da manutenção do papel do Führer como figura de poder absoluto. Hitler correspondia sendo leal aos seus colaboradores: se acaso tivesse corrigido repetidamente os métodos de trabalho de Himmler ou o tivesse criticado na frente dos militantes do partido, sua própria autoridade também poderia ter sido prejudicada. Além disso, em Gregor Strasser Himmler continuava tendo um importante mentor na direção, o que representava um respaldo adicional.

Embora agora pertencesse ao círculo de poder que orbitava próximo a Hitler, não se pode dizer que nessa época as relações pessoais de Himmler com Hitler fossem muito próximas. Encontros pessoais eram acontecimentos raros, e, quando Hitler marcava conferências com seus homens, estas logo se convertiam em seus famosos monólogos intermináveis.[45] É significativo que mesmo em tempos posteriores não tenham restado testemunhos de Himmler em que ele se recordasse de experiências comuns com Hitler dos "tempos de luta". Em última análise, o suplente de chefe da Propaganda do Reich nada mais era que um insignificante funcionário do partido a serviço do líder Hitler, que nitidamente mantinha a distância.

## Especialista em agronomia do NSDAP e membro do Movimento Artamano

Nessa época, Himmler também atuava como especialista em agronomia na NSDAP. Nessa função desenvolveu ideias de política agrária, as quais chamou de política agrária *völkisch*. A crise estrutural da agricultura, que ele já havia analisado nos anos anteriores e mesclado com propaganda antissemita, deveria ser enfrentada com um programa de assentamentos, especialmente no leste da Alemanha; aos seus olhos, assim se estaria simultaneamente contribuindo para a regeneração do "corpo nacional" alemão e para a recuperação de sua moral militar.[46]

As ideias de Himmler em relação a uma "política camponesa *völkisch*" têm relação direta com seu envolvimento com os "Artamanos", que teve início, comprovadamente, em 1928. O movimento dos Artamanos, que existia desde 1924, a partir de 1927 tornou-se mais organizado e passou a se chamar Liga

Artamana (Bund Artam). Tratava-se de uma liga *völkisch* da juventude, cuja missão principal inicialmente era organizar grupos de jovens, irmandades de artamanos, e despachá-los para trabalhar nas propriedades rurais do leste da Alemanha para, assim, ficarem livres da dependência dos trabalhadores sazonais poloneses. Por trás desse projeto estava a ideia de levar os jovens da cidade a reestabelecer o contato primordial com a terra, por meio do trabalho duro no campo e ao mesmo tempo ajudar a assegurar as fronteiras do *Volkstum* alemão. No final dos anos 1920, havia 2 mil jovens ocupados na agricultura, conforme declarações da liga. Esse trabalho malremunerado e repleto de privações era compreendido como serviço voluntário e representava o primeiro passo para um papel ativo na "colonização interna" do leste alemão: iniciaram-se projetos próprios de colonização. Além disso, propagava-se na liga a ideia da Viagem às terras orientais — portanto, no futuro, as atividades de colonização de forma alguma ficariam limitadas a solo alemão.[47]

A Liga Artamana, partidária da ideologia de sangue e solo, era de orientação antieslava, antiurbana e antissemita. Assim, logo de início havia uma evidente proximidade ideológica com o nazismo, e inúmeros "artamanos" eram de fato membros do NSDAP. Friedrich Schmidt, por exemplo, líder da liga de 1925 a 1927, chegou ao cargo de presidente do Hauptschulungsamt, a principal instituição de ensino do NSDAP, em 1937. Seu sucessor Hans Holfelder, que ocupou o cargo de líder da liga a partir de 1927, também mantinha boas relações com o NSDAP;[48] acima dele estava Himmler, que mantinha contato com a direção da liga desde setembro de 1927.[49]

Os princípios da liga correspondiam aos antigos sonhos de Himmler de colonização do leste. O estilo de vida, aqui propagado como exemplar — vida simples, trabalho duro, abstinência em relação à nicotina, ao álcool e ao sexo, orientação em tradições germânicas —, correspondia às máximas que ele também defendia.

A partir de 1928, Himmler atuou como líder de *Gau da liga* Baviera, cargo para o qual foi confirmado em janeiro de 1929, apenas três semanas depois de sua nomeação a Reichsführer-SS (RFSS). Aliás, o escritório da liga no *Gau* da Baviera se situava dentro das instalações da direção nacional do NSDAP em Munique; assim, Himmler podia realizar, paralelamente, os necessários trabalhos para a liga. A organização era fraca na Baviera; tinha uns vinte integrantes, no

máximo.[50]

Não se conhece a abrangência da atuação de Himmler dentro da liga; só é possível detectar sua participação em dois eventos nacionais.[51] De fato, sua principal tarefa era assegurar a comunicação entre a direção nacional do NSDAP e Holfelder. Sua cooperação se dava claramente "a serviço do partido", como ele próprio recordou.[52] Recomendava, por exemplo, a membros que se associassem à Liga Artamana*53* e sugeria a exclusão de membros do partido que não haviam respeitado contratos de trabalho com a liga.[54]

No final dos anos 1920, irromperam fortes oposições à liga. Em 1929, surgiram divergências entre um grupo que queria, sobretudo, "promover a seleção e a colonização" e propagava "um estilo de vida da nação" segundo o modelo do movimento jovem e os membros da liga que tendiam mais para o nazismo e queriam transformar o trabalho voluntário no campo em trabalho obrigatório e que defendiam a submissão da organização ao NSDAP. Himmler certamente pertencia ao segundo grupo, como é possível depreender de uma série de declarações publicadas por ele enquanto suplente de chefe da Propaganda. Assim, em 1928, escreveu, comentando ideias "agrários românticas": "Colonização interna, cultivo da terra e horticultura são os recursos de povos que voltam às origens, buscando a autossatisfação. Pregar a colonização interna a um povo, sugerindo salvação para as necessidades, significa incentivar ainda mais a covardia do povo."[55] "Uma política de colonização", declarou Himmler em 1930, "só pode ser levada a cabo depois que se está no poder, nunca antes".[56]

Quando em 21 de dezembro de 1929, em uma assembleia do parlamento Artamanos (*Reichsthing*), o agrupamento que defendia a seleção e a colonização manifestou desconfiança em relação à direção da liga, que era próxima ao partido, e foi imediatamente excluído pelo NSDAP. Além disso, o anteriormente mencionado Friedrich Schmidt já aguardava com outra sanção: ele leu um texto de Himmler, no qual o agrupamento perdedor podia se considerar igualmente excluído do NSDAP. Himmler, que não estava presente ao evento, aparentemente havia redigido esse texto já esperando semelhante desfecho.[57]

Após a cisão — os excluídos formaram a associação Os Artamanos —, o NSDAP parecia ter perdido o interesse pela manutenção de uma aliança estreita com a Liga Artamana. Himmler abandonaria o engajamento agrário a favor de

Richard Walther Darré, que, a partir de 1930, começou a implementar o aparato político-agrário do NSDAP e também se esforçava para integrar amplamente a liga no NSDAP.[58]

Durante um curto período em 1929 como especialista agrícola do NSDAP, Himmler também foi responsável pela edição do semanário *Der Bundschuh*,[9] cujo subtítulo era "Jornal de luta para o despertar do campesinato".[59] No primeiro número, publicado em 2 de maio de 1929, Himmler explica ao leitor por que o nome do jornal se referia às revoltas dos camponeses do século XVI: "Há quatrocentos anos, desfraldou-se pela primeira vez a bandeira do *Bundschuh*, quando o camponês alemão se levantou contra a servidão pessoal e a falta de liberdade nacional, contra a opressão e a exploração, lutando por um grande Reich unido de todos os alemães e pelos direitos do homem comum. E hoje, numa época de novas dificuldades para o camponês alemão, tornamos a desfraldar essa mesma bandeira."

O jornal continha uma mescla de informações práticas para os leitores camponeses e artigos político-ideológicos. Havia uma rubrica especial para o tema "camponês e judeu". Além disso, a Liga Artamana publicava agora regularmente os seus comunicados.

Levando-se em conta o papel secundário de Himmler como especialista agrícola do NSDAP durante esses anos, percebe-se que, por um lado, ele carregava as ideias agropolíticas com pensamentos *völkisch*, por outro, não se deixava arrebatar por fantasias "agrorromânticas". Na opinião dele, a questão do poder era decisiva para a solução dos problemas agrários da Alemanha: enquanto o NSDAP não exercesse o domínio sobre a Alemanha, não fazia sentido tentar dar à agricultura alemã uma nova estrutura por meio da colonização. Portanto, todos os esforços nessa direção deveriam, por enquanto, ser integrados aos movimentos do partido.

## De "lansquenê[10] solitário" a pai de família

No final do verão de 1927, Himmler teve um encontro decisivo: conheceu Margarete Boden, sua futura esposa. Em seu diário de bolso, o dia 12 de setembro recebeu um destaque especial; talvez tenha sido o dia em que vira Margarete pela primeira vez e, se essa hipótese for correta, o encontro se dera em Sulzbach, na Baviera, onde Himmler esteve em uma de suas inúmeras

viagens para discursar.[60] Depois de tudo que sabemos a respeito do ideal feminino de Himmler, não nos surpreende a profissão de Margarete: ela era enfermeira. Logo passaram a se corresponder ativamente.[61] As cartas *dela* estão preservadas; as cartas *dele* talvez ainda existam, mas não estão acessíveis para a pesquisa.[62] Em todo caso, Himmler logo abriu uma pasta especial para guardar as cartas de Margarete; com extremo esmero, marcava dia e hora do recebimento de cada uma.[63]

No início, ele mandava-lhe textos, artigos recortados de jornais e relatava suas viagens a serviço do movimento.[64] Ela se mostrava preocupada com os perigos e o estresse vinculados às viagens: "Então o senhor voltou bem de Braunschweig, apesar de ter havido lutas por lá. É triste que sempre tenha de acontecer isso, não só para os envolvidos."[65] E na carta do dia seguinte consta: "Ah, não! — O senhor realmente precisa discursar vinte vezes nessas vinte reuniões? Seria terrível. E isso vai continuar até o Natal."[66] Repetidamente ela indagava sobre o estado de saúde dele.[67]

Em novembro, a troca de cartas passou a ter um tom mais pessoal. Depois de Himmler insinuar que ficara um pouco desapontado com a sua última carta, Margarete respondeu: "Confesso que pensei que o senhor o fosse ficar satisfeito, claro que só para si, com o fato de ter recebido duas cartas em tão pouco tempo."[68] Então por que ele estaria decepcionado? Apesar da insistência de Margarete, Himmler não parecia disposto a responder a essa pergunta.[69]

Já nessas primeiras cartas fica claro que Margarete Boden era uma mulher amargurada: "Suas cartas sempre falam em 'desconfiança' de minha parte e o desejo de desistir. Sim, é verdade. Perdi a fé na humanidade, principalmente na honestidade e na sinceridade de um homem em relação a uma mulher. Acredite-me, isso é pior do que só ser desconfiado. Tenho até medo de acreditar na sinceridade das palavras."[70] Ainda assim, ela finalmente se mostrou disposta a aprofundar a relação. Combinaram um encontro em Berlim.[71]

Durante esse encontro, que aconteceu em dezembro, o tão defendido princípio de celibato de Himmler parece ter sido abandonado. Depois de sua visita a Berlim, passaram a se tratar de maneira menos formal: "Meu querido, amado", "Meu querido cabeça-dura" ou "Cabeça-dura e amado", lê-se agora nas cartas.[72] Quando ela finalmente perguntou como deveria se dirigir a ele em sua correspondência,[73] Himmler sugeriu que "Heini" seria apropriado por ser mais

fácil e assim sempre o haviam chamado quando criança. “E como é que chamam agora o menino ‘crescidinho’? De outra maneira?”, ela indagou em um tom brincalhão.[74]

Em relação a Margarete, nessa primeira fase da relação, Himmler continuava se mostrando como “homem soldadesco”, leal ao seu papel de lansquenê; como se depreende da carta dela, escreveu-lhe: “Nós, servidores do país, deveríamos permanecer solitários e banidos.”[75] Mas o lansquenê admitiu suas fraquezas de maneira bem aberta. Queixou-se da relação com os pais, que continuava a ser de “obediência”. “Com certeza você não acredita que a sua ‘obediência’ seja notada em casa?”, respondeu ela. “Em primeiro lugar, não é de seu caráter mudar, pelo menos não de um jeito que seja óbvio; e, em segundo lugar, isso não seria bonito. Ceda às vezes, meu cabeça-dura, mas somente se você achar que deve.”[76]

Himmler também não omitia sua aversão à cidade grande, seu horror à metrópole. Ela respondia a isso com leve ironia: “Você não precisa ter medo da ‘cidade grande’, eu me esforçarei muito para ‘protegê-lo’.”[77] Indagava repetidamente sobre os problemas de estômago dele, queixas que ele repetiria nos próximos meses. Também queria saber o resultado da consulta médica: “Você foi ao médico?”[78] Podemos concluir pelas cartas dela que Himmler achava que suas constantes dores de estômago eram de origem psicossomática, em outras palavras, devido aos constantes esforços de manter o autocontrole e a autodisciplina — de ser “virtuoso e decente”, como ele dizia. Como se fosse uma terapia, ele expressou a ela o desejo de poder só uma vez ser “mau e indecente”.[79]

Parece que Himmler também admitiu os problemas que tinha em relação à própria aparência, principalmente quanto ao queixo pouco marcante, retraído, que não combinava em nada com a imagem que ele fazia de um soldado. “Por que”, ela comentou sobre uma foto que ele havia enviado, “você está com a mão na frente do rosto? É para esconder o queixo?”.[80]

Não tardou para que surgissem nela as primeiras dúvidas quanto à base emocional da nova relação: será que a profunda afeição dela era um peso para ele? Por acaso ele duvidava que o amor dela por ele fosse tão intenso quanto o dele por ela? “Meu amor, que durará para sempre, não deve ser um peso para você. Isso significa que nunca deve ser ‘demais’. Mas você está convencido de que não atingi a intensidade certa, porque, quando você perguntou, não consegui

expressar o que sentia no mais íntimo do meu ser. Se ainda é assim, deixo para você perceber, sentir. Sua frase ‘Seja como for, sempre serei o mesmo para você e te amarei infinitamente’ é muito dura apesar da que vem a seguir. [...] Para mim é impossível pensar que você realmente pode ter a sensação de que eu não o amo tanto quanto você me ama.”[81] Quando ela expressou a preocupação de que o amor dela poderia vir a ser demasiado para ele, ele a aborreceu perguntando se por acaso não estaria escrevendo com muita frequência. Por acaso, respondeu ela, isso significava que ele não *gostaria* mais de escrever tanto?[82]

Margarete Boden era uma mulher independente, que conhecia seu ofício e se dedicava ao trabalho — era chefe de enfermagem em uma pequena clínica particular, da qual também era sócia — demonstrando total segurança: “Só agora, relendo a sua carta, vi que você escreveu ‘pequena’. Você vai ter que me pagar por isso, e, além do mais, isso não corresponde aos fatos, especialmente se você me visse em minha clínica...”[83] Mas por trás de toda essa autoconfiança profissional escondia-se uma profunda insegurança.

Com a aproximação das festas de fim de ano, Margarete passou a ter pensamentos sombrios. “Estou com horror do Natal, é uma festa de paz, mas que ano horrível foi este. Ainda assim, o outono foi belo e me devolveu a fé no ser humano. Acreditar que posso confiar novamente. [...] Agora preciso ir à festa lá dentro. Se ao menos já tivesse passado, porque detesto fazer papel de ‘chefona’.”[84] Um dia antes do ano-novo, escreveu: “Amanhã é o terrível dia em que todos festejam e eu ficarei sozinha. É horrível. Você vê que criatura terrivelmente insatisfeita eu sou, que sempre quer ter tudo conforme seu desejo.”[85] Ela começou o novo ano cheia de pessimismo.[86]

A relação dos dois foi difícil desde o início: “Não consigo imaginar um amor sem sofrimento e preocupação”, escreveu ela.[87] E: “Você não tem ideia do quanto estou triste. [...] Você duvida do meu amor? Posso dizer tranquilamente que nunca uma mulher o amará mais do que eu o amo.” E emendou: “Você pode me entender, você vai me entender quando me amar, não porque você me ama.”[88]

Ele passou os feriados com os pais; entre outras coisas, aparentemente aproveitou a visita para dar ao pai uma aula tática sobre brigas de rua. “Mas que filho bom e ‘querido’ você é”, ela escreveu. “Com certeza na sua casa ninguém percebeu a sua ‘obediência’. Seu menino mau, como pode fazer uma coisa

dessas?”[89] A posição política dela era mais moderada. Não tinha muita compreensão para com o radicalismo dele: “Por que você é tão sedento de sangue e quer logo pegar a faca?”, perguntou ela. “Afinal, ser conservador é algo bom.”[90] Será que o partido não o estava explorando? “Não consigo entender que você se deixe dominar tanto pelo partido a ponto de não conseguir nem escrever uma carta. Com certeza os outros senhores não se deixam explorar desse jeito. E provavelmente você nem dormindo está mais [...] e o resultado disso é que você vai ficar doente e se sentir miserável. Então vou querer saber se vai restar alguma coisa aproveitável de você.”[91] A aparentemente constante sobrecarga de trabalho, que ele costumava usar como um escudo, pelo jeito também valia para ela.

Ao longo dos primeiros meses do ano de 1928, os dois se encontraram algumas vezes: em meados de janeiro, na Baviera;[92] no início de fevereiro, em Berlim;[93] na Páscoa, em Berlim; no Pentecostes, em Munique.[94] Nos dias que antecediam aos encontros, ela o lembrava insistentemente para não esquecer de maneira alguma os tão adorados cadernos de palavras cruzadas — afinal, a intenção não era ficar entediado![95]

As cartas de Margarete estão repletas de dúvidas no que diz respeito à possibilidade de um futuro em comum. Sem mais comentários, ela lhe escreveu, por exemplo, que uma conhecida “a prevenira quanto a se casar com um homem sete anos mais novo”.[96] Mesmo assim, ela acabou por renunciar à sua vida até então independente, o que sabidamente não foi fácil, mesmo quando tentava amortecer os crescentes conflitos com seu estilo brincalhão-emburrado de escrever: “O pobre travesso está muito triste porque o homem mau não quer lhe deixar nenhum campo de trabalho. Ele vai brigar e se não der certo vai procurar um novo campo de atuação.”[97] Por outro lado, ela deixava claro que as liberdades da vida de solteiro logo acabariam: “Cinema, teatro, você é um homem viciado em diversão. Querido, depois você só terá isso de vez em quando. Então, aproveite enquanto pode.”[98] Quando ele lhe mandou uma carta com o costumeiro estilo de numerar os diversos itens, ela o proibiu de continuar fazendo isso: “Nunca mais escreva 1, 2, 3. Coisa típica de funcionário público.”[99]

Ela também receava ser rejeitada pelos futuros sogros.[100] Margarete simplesmente não estava em condições de escrever-lhes uma carta: “Meu

querido, não consigo escrever sozinha. Meu caro, quanto desgosto você ainda terá na nossa relação, tenho medo de conhecer gente nova."[101] Aos olhos da família Himmler ela devia ser uma grande decepção, e dizia: "Querido, a sua boa cunhada com certeza ficará muito decepcionada comigo! O fato é que sou muito desconfiada e não consigo entender que alguém possa ser bom comigo."[102]



*Margarete Boden e Heinrich Himmler no ano de seu casamento. Desde o começo enfrentaram dificuldades para estabelecer uma vida em comum.*

Depois do encontro dos dois em fevereiro de 1928, Himmler e Margarete Boden aparentemente decidiram que iriam se casar.[103] Ela fez os arranjos necessários para deixar a clínica particular e foi indenizada quanto à parte que lhe cabia na instituição. O acordo foi de 12 mil marcos,[104] mas aparentemente ela se sentiu enganada pelo diretor da clínica: "Judeu é sempre judeu! E os outros também não são melhores."[105] A constituição de um lar, enquanto isso, também trazia problemas. Eles se decidiram por uma casa simples, relativamente barata, de madeira pré-fabricada, para a qual adquiriram um terreno em Waldtrudering, perto de Munique.[106] Tinham que comprar móveis e utensílios domésticos, e Himmler também planejava comprar um automóvel. No começo, ainda acreditava poder conseguir uma hipoteca, mas, como não recebia resposta às suas constantes demandas,[107] ficou evidente que não conseguira nada. Tinham, portanto, de se virar com os 12 mil marcos de Marga; ela reclamava constantemente das exigências muito onerosas dele e de sua conduta em geral, de gastar demais.[108] Por fim, a casa foi registrada no nome de Margarete.[109]

Na hora de comprar o carro, ela preferia o modelo Hanomag em vez do Dixi, mais caro, que ele queria: "O Dixi mais barato custa 2.595 marcos em Eisenach, com certeza vai chegar a 3 mil marcos. Isso é caro demais, querido. Vamos ficar

com o Hanomag.”[110] Mas Himmler acabou por convencê-la: compraram o Dixi, embora ele nem tivesse ainda a carteira de motorista. Constantemente, ela o lembrava de cuidar disso: “Querido, por que queremos um carro se nenhum de nós pode dirigi-lo?”[111] Finalmente, em 27 de junho de 1928, ele obteve a carteira.[112] Em 3 de julho, casaram-se.[113]

Os recém-casados esperavam complementar a baixa renda de funcionário de partido com a venda de produtos agrícolas: a horta deveria produzir alguma coisa, além disso arranjaram um cachorro e iniciaram uma criação de animais. Afinal de contas, Himmler era agrônomo diplomado e especialista agrário do NSDAP. Mas a produção não vingou. Himmler, que sempre viajava, era informado sobre os avanços por Margarete, mas na maioria das vezes as notícias eram ruins: “As galinhas ainda não botaram ovos. A cadela passou o dia parindo. O porco come.[114] No domingo chegaram os pintinhos. Foram só 23, e dez já morreram [...] não foram incubados antes de virem para cá. Nunca mais uma coisa dessas. A incubadora também não está funcionando bem e gasta muito querosene; os perus e as galinhas estão botando ovo bem. Ah, meu bem, o que vai acontecer comigo? Os coelhos ainda não estão se mexendo. [...]”[115] — “Onze árvores morreram completamente, e oito pereiras e três macieiras.”[116] — “A produção de ovos das galinhas está péssima, dois ovos por dia. Estou tão chateada, queríamos viver disso e ainda economizar para Pentecostes. Muito azar. Economizo tanto, mas o dinheiro logo acaba.”[117]

No dia 8 de agosto de 1929, nasceu a única filha do casal. A pequena foi batizada na igreja evangélica e recebeu o nome de Gudrun.[118] O aumento da família não facilitou a situação, como mostram as reclamações dela: “Essa ‘cachorra’ miserável latiu o tempo todo, com isso a criança também não consegue dormir.”[119] A criação de pequenos animais também não vingou: “As galinhas estão botando pouquíssimos ovos.”[120]

## Na cúpula da SS

Profissionalmente, a vida de Himmler também sofreu diversas mudanças. O fato de organizar eventos para oradores proeminentes do partido provavelmente foi decisivo para a sua nomeação como Reichsführer-SS adjunto em setembro de 1927. Sob o nome “SS”, o NSDAP organizara em suas cidadelas uma série de tropas de proteção (*Schutzstaffeln*), pequenos grupos de ativistas do partido que

tinham como função básica a garantia da segurança nos eventos e durante as aparições em público da chefia.



*Antes de o NSDAP conseguir se transformar em movimento de massa, em setembro de 1930, o papel de Himmler na central de Munique era o de um discreto funcionário do partido. Aqui, em junho de 1930, ele se encontra em meio a dirigentes nazistas que se reuniram no dia 22 em Bad Elster — no mesmo dia das eleições parlamentares.*

As atribuições de Himmler na direção da propaganda do Reich incluíam, entre outras, a responsabilidade pelo acionamento das tropas da SS quando ocorresse algum evento; isso resultava em automaticamente, certa posição de comando, oficializada com a nomeação para Reichsführer-SS adjunto, subordinado a Erhard Heiden, em setembro de 1927. Contribuiu também o fato de Himmler já ter experiência na SS: desde 1926, ele dirigia as tropas de proteção em seu *Gau*, na Baixa Baviera.[121]

Em 1927, a SS era uma formação muito pequena. Tinha sido criada em 1925: naquela época, Hitler havia dado a ordem ao seu partidário Julius Schreck de formar uma Stabswache (guarda pessoal de elite), que, depois de algumas semanas, fora rebatizada de Schutzstaffel. Formações semelhantes já haviam existido antes do putsch de 1923: em março deste mesmo ano, Hitler já havia criado uma Stabswache, que fora substituída em maio pela Stosstrupp Adolf Hitler (um pelotão de assalto), sob o comando de Joseph Berchtold; praticamente todos os membros da Schutzstaffel, incluindo Schreck, haviam integrado a Stosstrupp.[122]

Os uniformes da antiga Stabswache ou da Stosstrupp deram origem aos da

nova tropa: os membros dessas formações anteriores usavam casacos de inverno cinza da SA, gorros de esqui pretos com alfinete de prata com insígnia de caveira e faixas debruadas de preto com o emblema da suástica. A Schutzstaffel deu continuidade à tradição: é verdade que usava as camisas marrons que nesse meio-tempo haviam sido estabelecidas pelo partido, mas com gravatas pretas, quepes pretos com a caveira e fita preta, branca e vermelha, calças de montaria e faixa com a suástica costurada na manga.[123]

Em setembro de 1925, Schreck enviara um memorando a todos os *Gauleiter* e aos diretórios regionais independentes do NSDAP, estimulando-os a formar as Schutzstaffeln.[124] Nas diretrizes elaboradas especialmente para isso dizia que a "finalidade" das Schutzstaffeln era "a segurança das assembleias locais" do NSDAP e o "reforço da guarda pessoal de Hitler sempre que o nosso Führer Hitler discurse ou se encontre nas proximidades do diretório regional". Dizia também que a Schutzstaffel "não é nem uma organização militar, nem um bando de seguidores de ocasião, mas um grupo de homens em quem o nosso movimento e o nosso Führer podem confiar. Devem ser pessoas que estejam em condições de proteger as nossas assembleias contra agitadores e o nosso movimento contra 'provocadores profissionais'. Nas Schutzstaffeln não existe 'se' ou 'mas'; o que existe é somente disciplina partidária". Além disso, continuava o memorando, a tarefa dos *Gauleiter* incluía "promover e recrutar" novos membros para o partido, assim como assinantes e anunciantes para o *Völkischer Beobachter*.

De resto, segundo Schreck escrevia no mesmo memorando, só membros do partido que tivessem entre 23 e 35 anos, fossem saudáveis e de "compleição física robusta" poderiam ingressar na Schutzstaffel. Teriam de ser "camaradas que defendem o velho ditado: 'um por todos e todos por um'". A Schutzstaffel era formada por um líder (Führer) e, basicamente, dez homens, podendo essa quantidade aumentar nas regiões maiores. Era subordinada a uma superintendência instalada na central do partido e "financiada mediante contribuições". Outra versão das diretrizes, redigida em tom ainda mais marcial, definia mais particularidades da organização e enfatizava a independência do organismo em relação ao restante do partido: "Nem os diretórios locais nem as *Gauleitungen* (sedes de *gaue*) devem se intrometer nas tarefas de organização interna das SS locais." Acrescentou que a Schutzstaffel não era uma "subdivisão

da SA, mas se encontra no mesmo nível e usufrui os mesmos direitos".[125] Mas nessa época nem existia uma SA: Hitler adiou a sua refundação até o fim de 1926, pois queria antes assegurar o controle da direção sobre a tropa do partido.[126]

Em abril de 1926, Berchtold, antigo chefe da Stosstrupp Adolf Hitler, que regressara do exílio na Áustria, assumiu a direção-geral das Schutzstaffeln (SS) — na época ainda se usava o plural ("Staffeln" em vez de "Staffel", no singular) — no lugar de Schreck. Decisiva para a substituição deste foi a opinião que se compartilhava no partido de que "Schreck não dispõe da capacidade de liderança e organização necessárias e também o nome dele não tem peso para garantir que a SS se transforme em uma tropa de elite do movimento", segundo o que um dos homens da SS escrevera a Hitler.[127]

Em um memorando para os chefes das Schutzstaffeln, o recém-empossado Berchtold salientou o status elitista da SS: ela concentra "as melhores e mais ativas forças dentro de nosso movimento"; não se fazia questão de grande número de membros, mas "somente do valor interior de cada um".[128] Na convenção do partido de 1926, Hitler deu a Berchtold a "bandeira de sangue", ou seja, a bandeira com a suástica que fora empunhada durante o frustrado putsch de 9 de novembro de 1923 e que supostamente estava manchada com o sangue de um nazista "morto em combate".129

Somente no final de 1926 a SS foi subordinada à direção da SA, finalmente refundada e sob o comando de Von Pfeffer; com isso Berchtold perdeu sua independência, mas obteve a patente de Reichsführer-SS.[130] Em março de 1927, Berchtold foi substituído por seu até então subordinado Erhard Heiden, em cujo lado agora se colocava Himmler.[131]

Quase não restaram testemunhos escritos sobre a atividade de Himmler como Reichsführer-SS adjunto, porém, do pouco que restou, fica claro que, desde o início, ele não estava satisfeito com a tarefa básica que lhe coubera de coordenar a mobilização das Schutzstaffeln no contexto do planejamento dos eventos da direção do partido, e envidava esforços no sentido de reestruturar sistematicamente a organização interna da SS. Em setembro de 1927, imediatamente após ter assumido a nova função, enviou um comunicado, cujo cabeçalho era "Ordem nº 1", a todos das Schutzstaffeln, em que deixava claro que a partir daquele momento se reinstalava um "ritmo de trabalho intenso" na

alta direção da SS, depois que isso não fora possível nas últimas semanas por motivos diversos. Seguia-se uma série de instruções: as taxas associativas e as referentes a seguros deveriam ser pagas pontualmente, os relatórios deveriam ser entregues dentro do prazo. Em detalhe, intimava as Schutzstaffeln a notificarem continuamente "todas as ocorrências especiais [...] tanto na esfera política quanto nas demais esferas da vida", sobretudo que informassem a respeito das atividades dos adversários, especialmente dos "maçons e dos líderes judeus de destaque"; um "serviço de inteligência" abrangente estaria em elaboração. Com a ajuda das Schutzstaffeln, Himmler tentava, portanto, criar uma rede de informações independente para o projeto havia muito planejado de estabelecer um serviço de inteligência próprio para o partido.

As "tarefas semanais da SS" eram regulamentadas nos mínimos detalhes. Deveria ser atribuída grande importância, por exemplo, aos "exercícios de ordem unida", como "sentido, ordinário marche, volver" etc. A aparição pública não poderia "se diferenciar em nada de uma tropa na ativa". Os integrantes da SS, advertia Himmler, deveriam se manter fora de qualquer briga interna do partido; nos congressos, jamais deveriam participar de qualquer debate.[132] Também os uniformes da SS careciam de maior padronização; ficara claro durante a convenção geral do NSDAP, realizada no mês de agosto, de que ainda havia melhorias a fazer nesse sentido.[133]

Em janeiro de 1929, Hitler substituiu Heiden oficialmente, "por razões familiares", e determinou a sucessão como segue: "Nomeio para Reichsführer-SS o até então Reichsführer-SS adjunto, o membro do partido Heinrich Himmler." Não se conhecem as razões mais específicas para a substituição de Heiden e a nomeação de Himmler. Em todo caso, no início, Himmler ainda manteria o cargo na direção da Propaganda do Reich; nessa época, a função de Reichsführer-SS ainda era exercida paralelamente a outras atribuições.[134]

Não se sabe ao certo qual era o efetivo real da SS quando Himmler assumiu o seu comando. Os relatórios do próprio Himmler, anos mais tarde, são conflitantes, uma vez que ele se refere a 260, 280, 290 ou trezentos integrantes;[135] os *SS-Leithefte* (cadernos de liderança) referem-se a "precisamente 270 homens".[136] Talvez se tenham mencionado números propositadamente baixos para dar destaque especial ao trabalho de

desenvolvimento de Himmler. Um relatório policial de 23 de maio de 1929 dá conta de 1.402 integrantes; em uma ordem interna da SA de 3 de maio de 1929 fala-se em 748 integrantes distribuídos em associações SS "ordenadas", isto é, em grupos organizados segundo o sistema de dez em dez.[137] Mas é pouco provável que tenha havido uma expansão tão desmedida da SS nos poucos meses desde que Himmler assumiu o cargo, já que suas primeiras medidas organizacionais se fundavam mais em uma consolidação cuidadosa da organização do que em uma rápida ampliação.[138]

Em agosto de 1929, na convenção do NSDAP em Nuremberg, Himmler seria submetido ao primeiro teste prático na nova função. Acertou os pormenores em uma ordem especial de 6 de julho: todo homem da SS deveria participar da convenção; todos deveriam estar preparados para prestar um "serviço rigoroso"; o tempo restante até o apogeu do calendário do partido devia ser aproveitado para realizar exercícios formais: "marcha em colunas duplas organizadas impecavelmente (oito filas paralelas)". Himmler não queria deixar nada ao acaso, de modo que organizou a viagem da sua SS para Nuremberg como se fosse a viagem de adolescentes ao acampamento de férias: "Cada chefe SS tem a responsabilidade de cuidar para que a sua tropa leve consigo um número adequado de escovas para roupa e sapatos." Cuidadoso, recomendou que "estejam perfeitamente descansados" e lembrou com "extrema veemência" que, enquanto durasse o evento, vigoraria a proibição do consumo de álcool.[139]

Pouco antes da convenção, expediu mais uma ordem, em que exigia "total disciplina", "extrema dedicação no trabalho e o maior sentimento de honra masculino", "o cumprimento meticuloso e exato de toda ordem". Para garantir pontualidade absoluta, recomendou: "Após a chegada em Nuremberg, todos os relógios devem ser acertados de acordo com o da estação de trem." E ordenou ainda: "Durante a marcha, antes de aceitar bebidas oferecidas pela população ou beber de cantis, é necessário ter permissão para isso, já que beber de modo irresponsável, tendo o estômago vazio ou com o corpo superaquecido, pode causar os mais graves acidentes."[140]

O desempenho da SS em Nuremberg foi satisfatório: o ponto alto foi a cerimônia festiva em que foram entregues as primeiras dez *Sturmfahnen* (bandeiras de divisão) à SS. Na marcha de propaganda das formações nazistas pela cidade de Nuremberg, a SS se apresentou como um bloco de marcha coeso,

comandado por um Himmler visivelmente orgulhoso.[141]

O novo Reichsführer-SS logo passou a ter ainda menos tempo para suas tarefas na direção da Propaganda do Reich. Hitler já em 1929 oferecera o cargo de chefe da Propaganda do Reich a Goebbels, em substituição a Gregor Strasser.[142] Goebbels havia se destacado para a tarefa por sua atividade de *Gauleiter* em Berlim, onde desenvolvera um estilo eficiente de agitador de massas. No entanto, pouco tempo depois de ter recebido a oferta, Goebbels teve receio de que se tratava de uma intriga de Otto Strasser (que, como seu irmão Gregor, era um dos chefes da ala de "esquerda" do partido), que provavelmente queria apenas lhe oferecer um "poder imaginário" em Munique para se livrar dele como *Gauleiter*.[143]

Mas essa suspeita logo se dissipou. Em novembro de 1929, Goebbels discutiu em detalhe com Himmler, que deveria se tornar o seu "fâmulo", como poderia se dar essa transmissão da direção da Propaganda do Reich.[144] A opinião de Goebbels sobre Himmler continuava positiva, mas não estava livre de dúvidas: "Estou trabalhando com ele para criar as bases do nosso futuro trabalho conjunto na propaganda. Ele é um homem delgado e de baixa estatura. É amável, mas com certeza também um tanto vacilante. Produto de Strasser. Mas isso logo vai se resolver."[145]

Nos meses seguintes, Himmler manteve Goebbels informado sobre "todo tipo de curiosidade da camarilha de Munique", ou seja, o séquito de Hitler; "terrível" foi o comentário de Goebbels sobre a "tremenda bagunça que a panelinha está fazendo aí embaixo".[146] Em março, Himmler o pressionou a assumir a direção da Propaganda do Reich, mas Goebbels ainda relutava e continuava esperando pelo "chamado de Munique". Caberia a Hitler dar o primeiro passo, ou então "*Götz von Berlichingen*".[147][11]

Goebbels acabou indo em abril de 1930. A direção da Propaganda foi desmembrada em duas divisões: na Escola de Oratória de Fritz Reinhardt e em um Departamento II, agora subordinado a Goebbels.[148] No diário de Goebbels consta: "À noite ainda conferenciei com meu novo secretário Himmler. Muito rapidamente nos acertamos. Ele não é excepcionalmente inteligente, mas é educado e trabalhador."[149] "Himmler se encaixa muito bem",[150] ele se "adapta muito bem ao trabalho",[151] mas ainda me ocupa "demais com detalhes", anotou em maio.[152]

Mas os dois não tiveram muito tempo para se adaptarem um ao outro. A campanha eleitoral para as eleições parlamentares de setembro de 1930 estava prestes a acontecer. “Ontem, no RPF [abreviação em alemão de Direção de Propaganda do Reich], terminei a propaganda política. Reunião final com Himmler. Agora ele é capaz de se virar. Os fundamentos foram estabelecidos. Só falta a parte técnica [...]”, escreveu Goebbels em 29 de julho sobre o término dos preparativos. Nesse momento, já devia estar claro que depois das eleições ele teria de procurar um novo suplente. Quanto mais o NSDAP crescia, mais a função de Reichsführer-SS se tornava uma ocupação de tempo integral: além do mais, o partido levava em conta a crescente importância de Himmler para o crescimento geral do partido, tanto era assim que, nas eleições, o colocaram em uma posição com boas perspectivas.[153] E, de fato, depois da sua ação bem-sucedida no Reichstag, Himmler abriu mão de seu cargo de suplente de chefe da Propaganda na primeira quinzena de novembro de 1930.[154]

Nas eleições do Reichstag de 14 de setembro de 1930, nas quais o NSDAP foi extremamente bem-sucedido, crescendo de 2,6% para 18,3%, Himmler, como organizador da propaganda do partido, desempenhou um papel muito relevante. A vitória foi uma avalanche que transformou o que até então era apenas um partido fragmentado em um significante fator de poder na política alemã. Mas, como suplente de Goebbels, que lhe dispensava um tratamento arrogante, Himmler ficava muito à sombra do chefe para poder tirar vantagens importantes desse sucesso para sua carreira no movimento SS. Também não soube aproveitar o mandato no Reichstag: apesar de ser membro do Parlamento até 1945, jamais fez uso da palavra lá. Dava conta de suas obrigações na bancada do partido com pouca virtuosidade[155] e quando, em uma publicação da série Biblioteca-NS no livreto *Der Reichstag,* equivocadamente chamou o deputado liberal Theodor Heuss de judeu, foi obrigado a retirar a afirmação após veementes protestos.[156]

Mesmo assim, o mandato significou uma virada para Himmler: ele se livrou de suas constrangedoras preocupações financeiras. Houve também outras vantagens práticas, como o benefício da imunidade parlamentar e o passe livre nas ferrovias do Reich. Sobretudo, no entanto, permitiu que Himmler, sempre sobrecarregado com as atividades na direção da Propaganda, passasse a se concentrar em apenas um assunto: ser Reichsführer-SS.

9 *Bundschuh* é um sapato rudimentar usado por pessoas do campo e que deu nome às revoltas dos camponeses de 1500. (N. das T.)
10 Lansquenê (do alemão *Landsknecht*): soldado mercenário alemão que, nos séculos XV e XVI, servia sob o comando de oficiais de sua nacionalidade. (N. das T.)
11 *Götz von Berlichingen* em alemão pode ser usado como substituição à expressão chula, em referência à peça teatral de Goethe em que um personagem textualmente manda o outro “tomar naquele lugar”. (N. das T.)

Reichsführer-SS

Pouco antes das eleições de setembro de 1930 para o Reichstag, que trariam um grande avanço político para o NSDAP, a SS entrou no redemoinho de uma grave crise que veio à tona dentro do movimento nazista em consequência do crescente conflito entre a SA e a direção do partido. O que ateou fogo à disputa foi, sobretudo, a exigência do comandante da SA do leste da Alemanha, Walter Stennes, de uma posição mais promissora para os chefes da SA nas eleições seguintes. Como a moção não obteve sucesso junto à direção, o chefe superior da SA, Von Pfeffer, demitiu-se em 12 de agosto daquele ano.

O conflito se agravou quando Stennes, por essa razão, anunciou que cessaria toda atividade para o partido na sua área de comando. No dia 30 de agosto, Stennes se mostrou novamente disposto a cooperar, mas quando se descobriu, no dia seguinte, durante uma conferência dos chefes das SA, que na sala contígua um integrante da SS escutava atrás da porta, a predisposição da SA de chegar a um termo comum acabou: no mesmo dia, homens da SA invadiram a sede distrital do NSDAP em Berlim, que era guardada por uma sentinela da SS. Isso gerou uma luta que só terminou com a chegada da polícia, chamada pela SS.

Nessa situação, Hitler achou por bem intervir: viajou imediatamente a Berlim e manteve diversas conversas com os oponentes. Em 1º de setembro discursou para a SA de Berlim e anunciou que tinha a intenção de assumir pessoalmente a direção da SA e da SS. Hitler aproveitou a onda de entusiasmo que se seguiu, e conseguiu obter um "juramento de lealdade" dos membros da SA reunidos.[1] Em Augsburg, nessa mesma época, também irrompeu um conflito aberto entre o partido e a SA. Himmler e o chefe da divisão bávara da SS, Sepp Dietrich, foram para Augsburg e, à custa de grande esforço, conseguiram impedir que a SA destruísse o escritório do partido. Em outubro de 1930 e fevereiro de 1931, ocorreram conflitos semelhantes em Dachau e Hanau, respectivamente. Em ambos os casos, a direção do partido foi protegida pela intervenção da SS.[2]

A SS se destacou nessa crise como força opositora absolutamente leal à direção do partido no tocante à SA, ou melhor, à direção da SA. Dentro da SS, ainda subordinada à direção-mor da SA, seria cultivada nos anos seguintes a noção de que os homens realmente leais e honestos da SA eram instigados contra a direção do partido por uma liderança corrupta e sedenta de poder — e que, contra esse potencial perigo, só havia um único antídoto eficiente: a SS. "Os

homens da SA não estavam de modo algum decepcionados", entendeu Himmler 11 anos depois dos incidentes de Berlim, ao analisar novamente o caso, "decepcionados só estavam o sr. Pfeffer e sua camarilha, que haviam sonhado com uma SA como Freikorps sob a proteção do NSDAP, para, assim, praticar uma política de força e, oportunamente, chantagear o Führer".[3]

Conforme a versão oficial divulgada pela direção da SS alguns anos depois, após o Stennes-Putsch, Hitler cunhara o slogan que, a partir de então, se tornaria uma máxima para cada homem da SS: "Sua honra se chama lealdade." Isso pode ou não ser verdade; em todo caso é significativo que a SS tenha usado um mandamento de virtude como slogan de campanha eleitoral que se referia aos confrontos partidários internos dos "tempos de luta".[4]

## SS e SA

No final de 1930, apenas poucos meses depois da crise Stennes, realmente parecia que Himmler conseguiria liberar a SS da relação de subordinação à direção da SA. Em dezembro, em uma ordem da SS, ele afirmava: "Está consumada a separação definitiva entre SS e SA tanto em termos de organização interna quanto de competências." Mas essa "separação definitiva" só ocorreria de fato após 30 de junho de 1934; até lá, Himmler ficou subordinado à direção da SA, para a qual Hitler ainda estabeleceu novos regulamentos antes da virada do ano.[5]

Depois de Hitler ter colocado diretamente sob suas ordens a direção da SA e da SS em setembro de 1930, de início o chefe do Estado-maior de Von Pfeffer, Otto Wagener, ficou encarregado dos assuntos correntes da direção da SA.[6] Durante uma conferência das chefias da SA em Munique, em 30 de novembro de 1930, Hitler apresentou sua nova resolução em relação aos cargos da organização: declarou que gostaria de nomear Ernst Röhm, que retornara da Bolívia, onde vivera alguns anos, como novo chefe da SA.

A decisão surpreendeu. Era fato que Röhm estava muito ligado à história da SA e se tornara uma espécie de "pai de criação" da organização, procurando coordenar atividades das diversas organizações paramilitares de defesa na Baviera quando ocupara o cargo de capitão do Exército imperial nos anos 1920-1923. Desde o início, no entanto, seu interesse estava voltado primordialmente para o potencial militar da tropa do partido: via nela uma organização paramilitar

e não, como Hitler, uma tropa de apoio. No outono de 1923, ao integrar a SA em uma liga militar de combate, a Kampfbund, Röhm pusera Hitler em uma situação em que este não tivera saída a não ser se lançar na iniciativa do putsch de 9 de novembro. Após sua prisão, no entanto, Hitler oferecera a Röhm a tarefa de reorganizar a SA, o que o levou a tentar novamente integrar a SA em uma organização de defesa maior e mais homogênea, a Frontbann. Quando Hitler deixou a prisão de Landsberg no final de 1924, as diferenças insuperáveis entre os dois ficaram evidentes. Hitler tinha aprendido das experiências de novembro de 1923 que uma militarização da SA, na forma que Röhm a fizera e queria continuar fazendo, levaria a um beco sem saída, politicamente falando. Em função disso, Röhm deixara a SA e fora para a Bolívia e não havia nenhum indício de que, no entretempo, tivesse mudado de opinião quanto ao papel da SA. O antigo antagonismo diametral com Hitler continuava presente quando da nomeação de Röhm.[7]

Por essa razão é difícil explicar o que levou Hitler a escolher Röhm. Essencialmente, tratava-se de uma concessão aos dirigentes SA com tendências rebeldes, na maioria ex-oficiais e ex-combatentes dos Freikorps, como era o caso do velho guerreiro Röhm, e que eram da opinião de que o lugar da SA não era "nas mãos de um político", mas que deveria "ser uma tropa nas mãos de seus próprios dirigentes", como formulou em memorando um participante da conferência dos chefes no dia 30 de novembro.[8] A favor de Röhm estava o fato de que, em virtude de sua permanência no exterior, não estava envolvido em nenhuma luta de facções e que, a despeito de todas as diferenças de opinião, mantinha um bom relacionamento pessoal com Hitler. No início de 1931, Röhm assumiu o novo cargo, subordinado ao Obersten SA-Führer (líder superior da SA) Hitler.

Ao contrário da expectativa declarada de Himmler do final de 1930, a SS também continuou subordinada à nova direção da SA. Na ordem SA nº 1, assinada por Röhm em 16 de janeiro, constava claramente: "O dirigente superior da SA decretou, em 14 de janeiro de 1931, a subordinação do Reichsführer-SS ao chefe do Estado-Maior."[9] Himmler, como vimos, era velho conhecido e companheiro de Röhm: o porta-estandarte da Reichskriegsflagge, a própria organização paramilitar de Röhm, de 9 de novembro de 1923, fizera questão de visitá-lo na prisão, em Stadelheim, após o fracassado putsch. Também durante o

exílio na Bolívia, os dois haviam trocado cartas e certamente o apoio de Himmler à ideia de Röhm de voltar à Alemanha não foi irrelevante.[10]

Cheio de orgulho, Himmler mantivera o antigo mentor informado sobre o crescimento da SS e não perdera a chance de destacar o papel dele na Reichskriegsflagge: “O aprendizado que tive com o senhor”, escreveu em novembro de 1929, “deixou marcas em muitos chefes SS. Por ordem do chefe, até a primavera queremos alcançar o grandioso número de milhares de integrantes, e isso significa que não teremos desculpas”.[11] Röhm respondeu em março de 1930: “Congratulações especialmente por fortalecer a SS. Eu o conheço e não tinha dúvidas de que ela seria dirigida no espírito antigo e similar à nossa velha *R.K.F.* (Reichskriegsflagge).”[12]

Não se sabe se naquela época Himmler já tinha conhecimento da homossexualidade de Röhm. Deve ter escutado alguns rumores, mas provavelmente os descartou como intriga da oposição. Somente no verão de 1931 surgiram na imprensa oposicionista comprovações inequívocas da orientação homossexual de Röhm. A publicação de suas cartas pessoais, em março de 1932, constituiu a prova irrefutável.[13] Mas a essa altura Himmler provavelmente já havia calculado que poderia tirar proveito da orientação sexual de seu superior e do estilo de vida desenfreado de muitos membros da SA para a sua SS, fazendo com que esta se apresentasse como polo oposto, virtuoso e disciplinado. Voltaremos a falar disso.

Após a nomeação, Röhm cuidou imediatamente de definir a relação entre SA e SS. Na já mencionada ordem da SA de 16 de janeiro de 1931, decretou: “As tarefas da SA e SS são distintas. Por essa razão, diferenças de opinião e atritos devem ser deixados de lado.” Estava previsto que futuramente a SS não deveria ter um número de integrantes superior a 10% dos da SA; a SA não deveria se promover junto à SS e vice-versa. Os regulamentos minuciosos de Röhm dão uma ideia dos tipos de atritos que realmente aconteceram: “Quando a SA e a SS atuarem em algum evento, a direção-geral será do chefe da SA ou da SS hierarquicamente superior e devidamente uniformizado, contanto que a corporação a ele subordinada se encontre em serviço e o número das corporações SA e SS presentes esteja na proporção de 1:10.” Nas “aparições da SA e da SS a serviço do partido”, a SA deveria ocupar-se da “defesa da assembleia”; já a “proteção do orador, da direção política e dos chefes convidados cabe à SS”. Nas

paradas militares valia a seguinte regra: “A principal tarefa da SA é marcha de propaganda. A tarefa da SS é criar barreiras, realizar o serviço de segurança e cuidar da manutenção da ordem (patrulhamento das ruas). Durante a parada, a SS, com exceção do grupo encarregado das barreiras, marcha fechada no final da coluna da SA.” E finalmente: “As ordens da SS durante a execução de seu serviço devem ser obedecidas por todos os chefes SA e SS, chefes políticos e membros do partido.”[14]

O rápido crescimento da SS exigia constantes adaptações organizacionais. Já em 1930, haviam sido criados três SS-Oberführerbereiche, espécies de superintendências regionais, das quais sairiam as diversas divisões da SS.[15] Com a ordem nº 25, de 12 de maio de 1931, foram criados novos títulos para as unidades: a partir daquele momento a SS se dividiria em Standarten (regimentos) em vez de Brigaden< (brigadas), e os Standarten, por sua vez, compor-se-iam de diversos Sturmbannen (batalhões).[16] A fim de melhorar a mobilidade da liga paramilitar, valorizou-se sobretudo a formação de “tropas motorizadas” específicas, as *SS-Motorstürme*.[17] Himmler também profissionalizou o trabalho do seu Estado-maior, que já em 1931 se subdividia em cinco áreas, por meio de um regulamento interno.[18]

Enquanto a SA atraía principalmente homens jovens da classe média baixa e dos círculos operários, a SS preferia recrutar em setores “melhores” da população. Ainda assim, repetidamente, ocorriam queixas, pois a SS tentava induzir integrantes da SA a passarem para suas fileiras; o inspetor-geral da SA, por exemplo, queixou-se a Röhm sobre o “modo pouco camarada em que se dava o recrutamento”.[19] A rivalidade entre as duas organizações paramilitares de massa do nazismo também era inflamada pelo fato de a SS se apresentar como o grupo muito mais disciplinado, que gozava da confiança especial da alta cúpula do partido.[20] Segundo uma ordem do SS-Oberführer Sul, Sepp Dietrich, muito seguro de si, “a SS é um conglomerado de poder altamente confiável constituído pelas forças mais ativas do partido e guiado pela mão do Führer superior”. Ela estaria destinada a “se desincumbir daquelas missões que ultrapassam a esfera geral de obrigações e possibilidades de aplicação da SA”, especificamente no que se referia aos “serviços de manutenção da ordem e da segurança”.[21]

Porém, acima de tudo, a SS viria a ser usada repetidamente pela direção do partido contra a indisciplinada SA. Especialmente em abril de 1931, durante a

revolta de Stennes, a SS desempenhou o papel de tropa de ordem interna para apaziguar os ânimos da SA. Embora o conflito, que irrompeu no final do verão de 1930, entre a direção do partido e a direção da SA do leste da Alemanha — área sob a responsabilidade de Stennes — parecesse ter sido resolvido, em verdade nunca o foi. Como consequência Stennes em 1930-1931 inclinava-se cada vez mais em direção a um discurso antiparlamentar, o que forçosamente o levaria a colidir com a "tática da legalidade" defendida ostensivamente por Hitler. Com a postura cada vez mais radical, Stennes corria o risco de ser excluído do partido, opção muito facilitada pelo presidente do Reich por meio de um novo decreto de emergência. Em face dessa situação, Hitler depôs Stennes no início de abril; em consequência, este anunciou a decisão de "assumir o movimento" em Berlim e nas províncias orientais da Prússia. Stennes ordenou a ocupação das instalações da direção do *Gau* de Berlim por tropas da SA (que tiveram de encarar a violenta oposição da guarda SS) e até conseguiu atrair uma parte da SA à sua esfera de influência, mas uma revolta abrangente não ocorreu. A direção do partido em Berlim rapidamente retomou o controle de suas instalações. Nas semanas seguintes, os corpos de liderança da SA no norte e no leste da Alemanha foram expurgados sistematicamente de partidários de Stennes; cerca de quinhentos homens da SA foram obrigados a deixar a organização.[22]

## Ampliação e futuras atribuições da SS

Cerca de dois meses depois, em junho de 1931, numa conferência de chefes SS em Munique, Himmler proferiu uma palestra fundamental e precursora com o título "Objetivos e metas da SS, relação da SS com a SA e estruturação política". Trata-se do único documento preservado da *Kampfzeit* (tempos de luta), do qual se podem inferir de forma concisa as ideias futuras de Himmler quanto às atribuições e metas adicionais da SS.

Depois de fazer algumas observações em caráter de introdução sobre a "tradição" da SS, Himmler definiu que enquanto a SA era a linha, a SS era a guarda, a "última reserva do Führer. [...] Sempre que se trata do jogo de dados do destino, em todos os povos foi a guarda o fator decisivo". Uma vez que esse papel fora atribuído à SS por Hitler, "ele será desempenhado, e todos têm de concordar com isso [...] pois é uma ordem do nosso Führer e toda ordem deve

ser acatada". Himmler continuou: "A SS deve se tornar uma tropa que reúne o melhor material humano ainda disponível na Alemanha, a comunidade de sangue deve manter a SS unida, tornando impossível um desmantelamento." Reconheceu que ainda havia "pequenos defeitos", mas que, assim mesmo: "Estamos em via de nos tornar uma tropa que é melhor e mais disciplinada que uma tropa ativa. Somente quando pudermos afirmar que podemos concorrer com as melhores tropas ativas, somente então teremos o direito de usar o distintivo da caveira com propriedade, somente então seremos a guarda." Somente então, disse Himmler mais adiante, "os combatentes veteranos se sentirão atraídos por nós e virão a nós, e nesse momento também a Stahlhelm[12] estará quebrada. Então só existirá ainda uma Liga de Soldados do Front: a SS".

Numa passagem central de seu discurso, Himmler imaginou uma futura disputa final entre o "povo da raça nórdica" e o "bolchevismo" . "Será que conseguiremos criar e educar novamente uma nação em grande escala, uma nação nórdica, selecionando as qualidades sanguíneas do povo de hoje? Será que conseguiremos assentar mais uma vez a raça nórdica nas regiões em torno da Alemanha, fazer dela novamente camponeses e, a partir dessa sementeira, criar um povo de 200 milhões? Então a Terra será nossa! Mas se o bolchevismo vencer, será o extermínio da raça nórdica, da última gota do precioso sangue nórdico, e essa devastação significará o fim da Terra."

Segundo Himmler, a SS teria papel precursor nessa batalha final: "Temos a missão mais grandiosa e maravilhosa de que se pode incumbir um povo. Estamos à beira da extinção em termos de valor sanguíneo e população. Fomos escolhidos para criar uma base para que a próxima geração tenha a possibilidade de fazer história, que será grande se formos capazes de construir bons fundamentos. Os melhores soldados, ou melhor, os melhores alemães virão a nós naturalmente, não precisaremos buscá-los, no momento em que descobrirem que a SS foi bem-construída, que a SS é realmente boa."

O que chama atenção nesse discurso fundamental é que Himmler previa o fantasioso combate final entre o "povo de raça nórdica" e o "bolchevismo" só para a "próxima geração", e achava que a sua própria tarefa era criar a base para essa luta pela existência. Aos olhos de Himmler, a chave para a criação de uma tal elite seria a seleção das "pessoas racialmente melhores": "Um SSF (SS-Führer) não irá tolerar por muito tempo um integrante com feições eslavas em

sua corporação, pois enquanto essa pessoa estiver na tropa ou na divisão, ele jamais conseguirá estabelecer de fato uma ordem nessa tropa ou divisão. Logo notará que não existe a comunidade de sangue com os outros camaradas, que têm ascendência mais nórdica. As fotografias de passaporte, que devem ser anexadas ao formulário de admissão, servem para que na alta direção do Reich se possam ver as cabeças dos aspirantes a SS. A título de teste, deve-se admitir um mongol na SS; é certo que este será novamente demitido ainda no período de experiência, mas enquanto esse mongol permanecer na SS, não será possível instaurar o tipo de espírito absolutamente necessário à corporação. Em algum momento será atingido o ponto de ruptura ao qual a pessoa racialmente pura resistirá e a racialmente impura perecerá."

A seleção, portanto, não deveria incluir somente uma inspeção rigorosa do futuro chefe da SS, como também de sua família: "Na escolha de um chefe, o superior deve ser extremamente cuidadoso. Deve analisar repetidas vezes a família e o ambiente da pessoa considerada para assumir o posto. De um ambiente ruim não pode resultar um chefe bom e irrepreensível, porque sempre enfrentará entraves, nunca terá a força de decisão necessária a um SSF."

No final, Himmler se concentrou no papel da SS dentro do movimento nazista: "Devemos ser os melhores camaradas da SA e ainda assim sempre lhes servir de exemplo. Devemos apresentar o melhor desempenho, mas nunca falar sobre o que fizemos, pois um antigo ditado diz que quem fala muito, não faz nada." Decisivo mesmo, no entanto, seria o reconhecimento que a SS desfrutaria junto à direção em razão de sua confiabilidade e lealdade: "Não somos populares em todos os lugares, eventualmente seremos ignorados; depois de concluirmos um trabalho, não devemos esperar por agradecimentos. Mas nosso Führer sabe o que a SS representa para ele. Para ele, somos a melhor e mais valiosa organização, pois jamais o decepcionamos."[23]

Ainda em junho de 1931, Himmler expediu uma "Ordem de Serviço Provisória referente às atribuições da SS" que detalhava as obrigações dos homens da organização. De acordo com a ordem, seus integrantes deveriam se reunir quatro vezes por mês. Esperava-se que comparecessem uma vez para participar dos encontros mensais dos diretórios locais e uma vez para empreender uma expedição de propaganda, enquanto dois outros dias deveriam ser dedicados ao verdadeiro "serviço da SS". O programa deveria conter

atividades físicas e exercícios de jiu-jítsu, luta que o próprio Himmler praticou em sua época de estudante com maior ou menor entusiasmo.

Novamente Himmler enfatizou a orientação elitista da SS, que não deveria deixar se rebaixar ao nível de pequenas disputas locais: “A SS jamais participa da discussão em reuniões de integrantes. A participação dos encontros noturnos serve para a educação política das pessoas da SS. É proibido a qualquer homem da SS fumar durante as palestras, e ninguém tem o direito de deixar o local.” Himmler também determinou que os membros da SS não deveriam se intrometer em assuntos internos da SA.

A ordem de serviço determinava também as canções que os homens da SS deveriam conhecer de cor[24] e como deveria ser a aparência de seus trajes: o uniforme do homem da SS consistia em camisa marrom, faixa de braço, gravata preta, insígnia do partido, quepe preto com caveira, calças pretas, faixas ou polainas de couro pretas, sapatos pretos de amarrar ou botas de montaria e ainda um cinto preto. Era estritamente proibido o transporte ou o uso de armas, cuja consequência era a expulsão da SS e do partido. A admissão deve ocorrer segundo “os mais severos parâmetros”. Os candidatos deviam ter no mínimo 1,70 m de altura e 23 anos de idade; levando em conta que a maior parte dos homens da SA era composta de jovens com idade entre 18 e 25 anos, a elevação da idade mínima para o ingresso também acentuava o diferencial da SS.[25]

Nos meses seguintes, a “prestação de serviços” continuou a ser regulamentada por meio de inúmeras ordens complementares, não importava o tema, desde a organização das unidades,[26] a formação de grupos de música[27] ou exames médicos dos integrantes da SS.[28] A obsessão da liderança por detalhes chegou a tal ponto que havia seis tipos de ordens, despejadas por meio de sistemas de distribuição próprios, sobre as organizações SS em todo o país.[29]

No verão de 1931, Himmler tomou ainda outra decisão que teve sérias consequências: decidiu criar na SS um serviço de inteligência independente. Acreditou ter encontrado em Reinhard Heydrich o homem certo para essa tarefa. Heydrich tinha sido expulso da Marinha em abril de 1931, depois de ter se envolvido em um noivado escandaloso e sua conduta moral ter sido classificada como desonrosa pelo Conselho de Honra.[30] Intermediado pelo SS-Gruppenführer Friedrich Karl Freiherr (barão) von Eberstein, Heydrich fez contato com Himmler. Depois de ter ingressado na SS de Hamburgo em 1931, Heydrich foi

recebido pelo Reichsführer-SS, que nutria grandes expectativas em relação à qualificação de "oficial do serviço de informações" que Heydrich conquistara na Marinha (ainda que na época não estivesse claro para ele que Heydrich era especializado em radiocomunicação e transmissão de notícias, não em espionagem). Em 1º de agosto de 1931, Heydrich assumiu o cargo de chefe do novo *Ic-Dienst* (serviço de segurança), como o serviço começou a ser chamado no jargão militar.[31]

Em setembro de 1931, por meio de uma ordem confidencial, Himmler determinou a criação de uma rede de inteligência que deveria se estender até os Standarten.[32] Mas, no início, Heydrich era o único funcionário da organização. Isso só mudou depois da proibição da SA e da SS em abril de 1932, o que fez com que o serviço de inteligência ficasse provisoriamente disfarçado de "assessoria de imprensa". Nos meses seguintes, Heydrich conseguiu aumentar a central e também recrutar funcionários no país inteiro, que, claro, reportavam suas observações direto à central, independentemente dos relatórios enviados pelos regimentos. Em 19 de julho de 1932 — a proibição fora revogada em junho —, Himmler finalmente nomeou Heydrich chefe do Serviço de Segurança (SD) do partido, e dez dias depois, SS-Standartenführer.[33]

Desde o grande sucesso obtido nas eleições do Reichstag de setembro de 1930, o movimento de massas do nazismo fora incessantemente expandido. Nas eleições municipais e para o Landtag agora também alcançava contínuo sucesso. O movimento foi favorecido principalmente pelo fato de que o governo Brüning, apoiado pelo direito de editar decretos de emergência, concedido pelo presidente do Reich, não tinha respostas adequadas para a crise política e econômica e, assim, oferecia ao NSDAP seguidas oportunidades de usar o fracasso do "sistema" a seu favor.

Apesar de diminuído por seu oponente, a SA, cujo número de integrantes havia crescido, entre janeiro e dezembro de 1931, de 88 mil para 260 mil,[34] o contingente da SS também registrou um crescimento considerável, embora de início tenha ficado bem atrás de qualquer cota de 10%, que Röhm estabelecera em janeiro de 1931 para a relação entre SA e SS. Em 1º de janeiro de 1931, a SS dispunha de 2.727 homens, três meses depois já eram 4.490, e em outubro de 1931 Himmler constatou que contava 10 mil homens, além dos 3 mil

aspirantes.[35] Nessa época, ela era organizada em 39 Standarten, divididos em oito segmentos.[36]

Em junho de 1931, diante dos chefes da SS, Himmler enfatizara, porém, que não era somente o tamanho, mas o caráter elitista da SS que constituía o fator decisivo para a sua autoatribuída incumbência de configurar a vanguarda racial. Por isso, deveria-se levar em conta também "critérios raciais" na avaliação dos candidatos a membros. Nos primeiros anos, o Reichsführer-SS de fato avaliava pessoalmente os formulários de inscrição. Em uma palestra para os oficiais da Wehrmacht em 1937, explicou que nesse caso ele analisava especialmente a fotografia do candidato e se questionava: "Será que nos traços deste homem existem evidentes influências de sangue estrangeiro, ossos da face proeminentes, o que caracterizaria o que comumente se chamava de aparência mongol ou eslava?"[37] Nos primeiros meses após a assim chamada tomada do poder, o número de candidatos para a SS foi tão grande que a aceitação ocorreu mais ou menos aleatoriamente. Só depois adotou-se um verdadeiro exame de admissão racial para controlar o afluxo de candidatos.

Mas não só os candidatos eram examinados: em fins de 1931, Himmler determinou, por meio da Ordem de Noivado e Casamento, que também as futuras esposas dos integrantes da SS seriam submetidas a um exame racial e de "saúde genética".[38] O decreto começava com o parágrafo programático "A SS é uma associação de homens alemães marcadamente nórdicos selecionados com base em critérios especiais" e impunha que, para fins de "seleção e preservação do bom sangue em termos de raça e hereditariedade", a partir de 1º de janeiro de 1932, todos os membros da SS seriam obrigados a requerer uma "licença de casamento". As petições seriam processadas por um departamento racial recém-fundado que também elaboraria um livro do clã para todos os integrantes da SS.

Himmler estava absolutamente consciente de que fora de sua própria organização a ordem que emitira referente aos casamentos não seria compreendida ou seria tachada de ridícula. Ele até antecipou essa reação. O item nº 10 da ordem em forma de decálogo dizia: "Com essa ordem, a SS tem consciência de ter dado um passo de grande importância. Zombaria, desprezo e falta de compreensão não nos atingem; o futuro nos pertence!" Mesmo 12 anos mais tarde, em um discurso proferido diante de generais da Wehrmacht, Himmler se referiu a isso e reconheceu que o decreto sobre o casamento "foi

ridicularizado na época e considerado disparate, exagero, muitas vezes não foi compreendido nem dentro das próprias fileiras".[39]

No entanto, o decreto do casamento não era só uma excentricidade de Himmler, mas um componente integral de seus esforços para distinguir a SS da plebeia SA. O decreto do casamento deveria exprimir que a postura da SS quanto ao tema masculinidade e à relação entre os sexos era fundamentalmente diferente daquela da SA. Esta se apresentava como um bando de "caras durões", que gostava de encher a cara, não fugia de uma briga, tinha uma ideia liberal a respeito de sexo (o que incluía a tolerância em relação à homossexualidade nas próprias fileiras) e, em geral, vivia sem manter laços sólidos.[40] O homem SS, em contrapartida, deveria ser disciplinado, reservado, "ariano" e, por meio do casamento, contribuir para a melhoria da "qualidade racial" do povo alemão.

Para chefiar o Departamento de Raça,[41] Himmler nomeou o SS-Standartenführer, Walther Darré, que tinha sido assessor de Propaganda no SS-Reichsführung (Comando Central da SS)[42] Esse chefe do movimento agrário nazista, considerado um dos futuros líderes dentro do NSDAP, mobilizou o "povo do campo", contribuindo de modo decisivo para a expansão do NSDAP como movimento de massa — de todo modo, muito mais do que Himmler tinha sido capaz quando era assessor da direção do partido para questões agrárias.[43] Isso se devia não somente ao seu sucesso no campo, como também ao fato de ele ser um dos ideólogos mais entusiásticos do movimento: em suas obras *Bauerntum als Lebensquell der nordischen Rasse* (O campesinato como fonte vital da raça nórdica) e *Neuadel aus Blut und Boden* (Nova aristocracia de sangue e solo), ele defendia a ideia de que, por meio de uma política racial objetiva, o povo alemão poderia se tornar ainda mais "nórdico". A partir do campesinato, Darré queria formar uma nova aristocracia, ou seja, restaurar a "aristocracia germânica" enraizada no povo — por meio do estabelecimento de posses de terra hereditárias — e da seleção das mulheres adequadas para contrair matrimônio, com base em critérios raciais. A seleção seria realizada pelos chamados "administradores de criação" (*Zuchtwarte*).

Devaneios germanófilos, hostilidade ao cristianismo (a quem Darré responsabilizava pelo declínio da aristocracia germânica), afiliação de ambos ao movimento artamano: entre as visões de Darré e de Himmler havia pontos de contato fundamentais, e os dois homens mantinham uma relação de cordial

amizade. Com a nomeação de Darré para a direção do Departamento de Raça, Himmler abriu a SS para a ideologia do "sangue e solo" e para a implantação do mito do pangermanismo. Himmler, que até então não chamara atenção dentro do partido em virtude de ideias próprias, mas, sim, por seu trabalho como funcionário, provavelmente não teria sido capaz de formar a mentalidade da SS baseado nesses princípios. Darré, em contrapartida, era visto como autoridade em função de suas obras e de seus sucessos políticos, motivo pelo qual Himmler tinha todo interesse em integrá-lo à SS.

No início, no entanto, a questão se resumiu a um ato de simbologia política: a SS só viria a tomar corpo realmente depois de 1933, com a "seleção" dos candidatos SS e de suas futuras esposas.[44] Em especial no início da função de Reichsführer-SS, e principalmente na sua área imediata de influência, Himmler claramente tinha outras prioridades.

## A equipe do comando de Himmler

"Como ocorre com todos nós Gruppenführer, devo ao Reichsführer-SS, à sua confiança e à sua grande bondade, tudo o que sou hoje. Não só o alto posto, mas sobretudo a chance de ter podido me transformar, através de sua grande obra e educação, na pessoa que sou hoje. Portanto, poder servi-lo lealmente e sem egoísmo para mim não é só algo natural, mas uma imensa alegria e uma grande honra."[45] Essas frases foram escritas por Karl Wolff, o ajudante de Himmler, em janeiro de 1939, por ocasião da comemoração dos dez anos de serviço do Reichsführer-SS. E, como se pode deduzir lançando um olhar naqueles primeiros anos do corpo de liderança da SS, Wolff nem de longe era o único que devia ao seu Reichsführer tudo "o que sou hoje".

O grupo de comando da SS antes de 1933 foi recrutado, sobretudo, entre os homens nascidos entre 1890 e 1900. Quase todos haviam participado da Primeira Guerra Mundial como jovens soldados, a maioria a partir de 1914 e geralmente como oficiais. Depois disso, ainda serviram via de regra alguns anos no Freikorps para então serem liberados para uma vida "civil" à qual a maioria não se adaptou e encarou como rebaixamento de classe social.

O próprio Wolff, nascido em 1900, havia lutado no exclusivo regimento de guarda do grão-duque de Hesse, para depois se aliar ao Freikorps e finalmente ser dispensado como tenente reformado altamente condecorado. No início dos

anos 1920, concluíra um treinamento em um banco e, após diversas tentativas frustradas, conseguiu se estabelecer no ramo da propaganda, abrindo a sua própria agência em 1925, em Munique. Em decorrência da crise econômica mundial, a empresa, cujo logotipo significativamente levava o sobrenome nobre de sua esposa, entrou em sérias dificuldades. Por meio de seu ingresso no partido e na SS em outubro de 1931, Wolff, já com 31 anos e com extrema consciência de status, esperava uma chance de ter uma carreira reconhecida.[46]

August Heissmeyer, nascido em 1897, soldado a partir de 1915 e tenente no final da guerra, também relata em seu extenso currículo, que se encontra em seu prontuário na SS, os caminhos tortuosos de uma frustrada carreira civil pós-guerra. Mas Heissmeyer se refere a eles como algo relacionado com o seu engajamento a favor do "movimento": "De início, trabalhei na fábrica de artigos de lã Marienthal, em Hameln; depois, no verão de 1919, fui para Göttingen, onde concluí um curso para obter o meu Abitur. Por causa do putsch de Kapp fui obrigado [sic!] a interromper os estudos." Heissmeyer participou da contrainsurgência à rebelião da esquerda, que irrompera em seguida ao golpe, mas "quando não havia mais esperança de tomar parte em mais alguma batalha, voltei para Göttingen e consegui me formar em outubro de 1930. [...] Comecei a estudar direito e economia em Göttingen, depois em Kiel e novamente em Göttingen [...]. Forçado pela inflação, deixei a universidade e fui trabalhar como mineiro [...] em Westfalen". Ali, enamorou-se por curto período do comunismo, mas acabou tomando rumo diverso: "Logo ouvi falar do nazismo e fiquei fascinado. [...] No outono de 1922, fui trabalhar nas fábricas de tintas da Höchst. Em fevereiro de 1923, fui encarregado de chefiar o setor de segurança do departamento de pesticidas."

Em razão de sua atividade no NSDAP, Heissmeyer foi demitido em abril de 1925. Nesse meio-tempo, casou-se e teve um filho: "Mudei com a família de volta para a casa dos sogros em Hameln. As tentativas de voltar a voar foram em vão. [...] Voltei para Göttingen para, com a ajuda de meu sogro, tentar concluir meus estudos. Mas as coisas novamente tomariam outro rumo e, muito em breve, em outubro de 1925, assumi a SA. [...] Quando meu sogro tomou conhecimento da minha atuação política, cortou a minha mesada."

Heissmeyer viu-se então obrigado a abrir mão de seu engajamento político e cuidar do sustento da família: "A princípio assumi uma representação de árvores

frutíferas e trouxe minha família, que vivia longe de mim havia três anos, de Hameln para Göttingen. Quando ninguém mais queria árvores frutíferas, assumi, depois de um ano e meio, a representação das empresas Siemens-Schuckert. [...] Devido à crescente falta de dinheiro e à crise econômica, o negócio não deu certo. Passei a dar aulas de direção na autoescola [...] de Göttingen, onde trabalhei de fevereiro a dezembro de 1931. Em dezembro de 1930, havia ingressado na unidade da SS de Göttingen. Consegui aumentar o número de homens da unidade de 18 para seiscentos até novembro de 1931." Em dezembro de 1931, fora incumbido do comando do 12º Standarte e "me mudei para Braunschweig, enquanto minha família, por motivos financeiros, teve de ficar em Göttingen".[47] Em outubro de 1932, assumiu a SS-Abschnitt XVII (Münster).

Kurt Wege, nascido em 1891, soldado desde 1911, foi liberado pelo Exército como primeiro-tenente em 1920. Seguiram-se anos irregulares: de início, trabalhou na agricultura e iniciou um estudo de agronomia, que interrompeu em 1922 em decorrência da inflação. Em seguida, virou-se como operário, caixa e empregado e foi despedido diversas vezes por causa de cortes de pessoal. Em 1926, tentou novamente ingressar na universidade — "já que não encontrava um trabalho apropriado" —, mas desistiu e iniciou um curso de contabilidade por correspondência. Enquanto isso, sustentou-se como encarregado do controle em uma empresa de segurança em Berlim. "Por motivos de saúde, fui obrigado a deixar esse cansativo trabalho noturno." Foi contratado como diretor-gerente por um período de experiência no Serviço Nacional de Tráfego, mas a nomeação, "em razão das diferenças entre dois diretores, não foi confirmada. Também adoeci em consequência do meu trabalho como controlador". De 1927 a 1929, trabalhou como vendedor. À sua situação profissional insegura somou-se uma tragédia pessoal: em 1923, a esposa faleceu, e Wege foi morar com seus dois filhos em idade escolar na casa de sua mãe. Finalmente, em dezembro de 1929, conseguiu um emprego fixo no *Gau* do NSDAP em Berlim. De lá, foi transferido em 1931 para o posto remunerado de um SS-Oberführer e chefe do SS-Abschnitt XIII (Stettin).[48]

Richard Hildebrandt, nascido em 1897, fez o Abitur em 1915, ingressou voluntariamente no serviço militar e deixou o Exército como tenente em 1918. Após a guerra, estudou economia, línguas, história e história da arte em Colônia e Munique, mas não concluiu nenhum dos cursos. Depois trabalhou no sistema

bancário e como correspondente do comércio e da indústria em diversos lugares. Na primavera de 1928, foi para os Estados Unidos, onde exerceu "principalmente profissões que exigiam força física (fazendeiro, jardineiro, artesão)". Voltou para a Alemanha em 1930. Já havia ingressado no NSDAP em 1922; após o retorno dos Estados Unidos, retomou suas atividades no partido, ingressando na SS em 1931 e trabalhando como ajudante de Sepp Dietrich, chefe do SS-Abschnitt de Munique.[49]

Friedrich Wilhelm Krüger, nascido em 1894, filho de oficial, abandonou o ginásio antes de concluí-lo; participou da Primeira Guerra Mundial e de diversas batalhas do período pós-guerra como oficial de infantaria, sendo liberado do Exército em 1920 como primeiro-tenente. No início, tentou ganhar a vida no comércio de livros, mas perdeu o emprego em 1924 e então passou a chefiar a coleta de lixo da cidade de Berlim, sendo novamente despedido em 1928. A partir dali passou a denominar a sua profissão de "comerciante autônomo". Nesses anos de dificuldades econômicas, Krüger também havia formado uma família. Casou-se em 1922, e em 1929 nasceu seu primeiro filho. No final de 1929, Krüger ingressou no NSDAP. Em 1933, chefiou temporariamente o SS-Abschnitt III (Berlim), mas transferiu-se para a SA, onde conseguiu atingir a mais alta posição de chefia. Ainda assim, em 1935, ele voltaria para a SS.[50]

Friedrich Jeckeln, nascido em 1895, não conseguiu concluir seus estudos de engenharia mecânica por causa da Primeira Guerra Mundial. Ingressou como voluntário no Exército e chegou ao posto de tenente, desde 1917, como piloto no Fliegerkorps (Força Aérea). Em 1918, casou-se e passou a administrar a fazenda do sogro, mas os dois logo se desentenderam. Pelo comportamento do sogro, Jeckeln concluiu, conforme explicou a Himmler alguns anos mais tarde, que se casara com uma mulher cuja família devia ter ascendência judaica. Essa constatação (sem qualquer fundamento) o levou a se distanciar cada vez mais da mulher; ele passou a frequentar assiduamente um círculo amigo de antigos oficiais com o qual, conforme assumiu, "entregou-se temporariamente ao álcool". Jeckeln acabou por deixar a pequena propriedade rural e separar-se da mulher. Nos anos seguintes, tentou se estabelecer em outras profissões, mas seus esforços foram em vão. Casou-se pela segunda vez, mas enfrentava sérias dificuldades financeiras em razão de dívidas antigas com o primeiro sogro e a pensão alimentícia da ex-esposa, o que o obrigou a prestar uma declaração

juramentada de insolvência. “Eu estava destruído por dentro e arruinado economicamente, não era capaz de me manter”, escreveu para Himmler, refletindo sobre essa época. Em 1929, em meio a essa deprimente situação pessoal e no início da crise econômica, ingressou no NSDAP e, no ano seguinte, na SS. Quando, em 1932, sua ex-mulher reclamou a Himmler que ele estava novamente devendo a pensão alimentícia, Jeckeln respondeu: “Só numa Alemanha livre terei a oportunidade de reparar tudo aquilo que foi evocado em consequência do declínio do povo e da pátria.” Por conseguinte, a tomada do poder representou a salvação para ele.[51]

Werner Lorenz, nascido em 1891, frequentou uma escola para cadetes. Era soldado desde 1912 e oficial a partir de 1914. Em seu currículo, teceu o seguinte comentário sobre os tempos pós-guerra: “Terminada a guerra, recuou com o regimento até a guarda da fronteira e conduziu um esquadrão até junho de 1919, quando foi obrigado a sair; ativo no NSDAP desde 1929, em janeiro de 1930 ingressou na SS de Danzig” — que procurava desenvolver desde então. Sobre sua atividade civil entre os anos de 1919-1923, o currículo tipicamente não diz uma palavra; em seu cartão pessoal da SS, no item profissão consta “soldado”.[52]

Kurt Wittje, nascido em 1894, nomeado chefe do SS-Abschnitt IX (Würzburg) em junho de 1932, era um dos poucos chefes do alto-comando da SS que, nos anos 1920, conseguiu ser aceito como oficial na Reichswehr. Entretanto, em 1929 teve de deixar o Exército em virtude de suspeita de homossexualismo e passou a integrar o conselho de uma sociedade anônima. Em 1931, juntou-se à SS; a razão para sua demissão do Exército ele prudentemente não revelou.[53]

Os chefes dos Abschnitte V (Essen), Karl Zech; X (Kiel), Paul Moder; e XVI (Zwickau), Heinrich Schmauser, todos ex-oficiais, tiveram históricos profissionais parecidos, desempenhando diversas funções pouco convencionais, fosse como “empregado no comércio, mineiro e funcionário público na exploração de minas”,[54] “chefe de expedição, correspondente”[55] ou “no ramo bancário”.[56]

Entre os primeiros chefes SS do alto escalão, encontram-se três cujas origens e condições de vida poderiam ser chamadas de privilegiadas. O príncipe Josias Erbprinz zu Waldeck und Pyrmont certamente era uma exceção entre os chefes SS do alto escalão. O príncipe, nascido em 1896, lutou na Primeira Guerra

Mundial, deixou o Exército como primeiro-tenente e, em seguida, iniciou seus estudos de agronomia e economia em Munique, onde conheceu Himmler.[57] Em 1923, abandonou os estudos antes da conclusão. De início, engajou-se na Jungdeutschen Orden (Ordem Jovem Alemã), mas saiu em 1926. Ingressou na SS em novembro de 1929, onde começou como ajudante de Himmler em setembro de 1930 e em seguida como chefe de seu estado-maior.[58] Udo von Woyrsch, nascido em 1895, chefe do Abschnitt VI (Breslau), tinha como ocupação básica a administração da propriedade da família.[59] O futuro superintendente da polícia de Munique, Friedrich Karl Freiherr von Eberstein, nascido em 1894, depois da trajetória militar costumeira como cadete, foi voluntário de guerra, oficial e integrante do Freikorps, tornou-se dono de sua própria empresa nos anos 1920. Ingressou na SS em 1929, mas foi transferido temporariamente para a SA, onde ocupou os mais altos cargos.[60]

Somente três dos antigos chefes SS de alto escalão não tinham conseguido chegar a oficiais no Exército. Sepp Dietrich, nascido em 1892, vinha de uma condição humilde. Trabalhando inicialmente no setor hoteleiro, fora recrutado para o Exército em 1914, e, dispensado em 1919 como suboficial de infantaria, juntou-se a um Freikorps. De 1920 a 1923, trabalhou na polícia da Baviera e depois no posto de gasolina do chefe do NSDAP de Munique, Christian Weber. Desde 1925, participava ativamente do NSDAP; em maio de 1928, ingressou no partido e também na SS. Depois de dois meses, tornou-se chefe do SS-Standarte Munique e, em julho de 1929, SS-Oberführer para a Baviera. Em julho de 1930, assumiu o posto de Oberführer Sul, tornando-se responsável pela SS em todo o sul da Alemanha. Em dezembro de 1931, foi promovido a Gruppenführer e a partir de fevereiro de 1932 dirigiu o Begleitkommando (pelotão de escolta) de Hitler, divisão de segurança da SS cuja função era proteger a vida do Führer, e que a partir de março de 1933 atuava como guarda da Chancelaria do Reich e formaria a base para a Leibstandarte (guarda pessoal de Hitler).[61]

Kurt Daluege, nascido em 1897, filho de um funcionário público médio, serviu ao Exército desde 1916, onde, assim como Dietrich, chegou ao posto de suboficial de infantaria. Depois da derrota, participou de diversas organizações militares e de lutas contra milícias polonesas. Em 1921, iniciou seus estudos na Universidade Técnica em Berlim, onde concluiu o curso de engenharia civil em 1924. Paralelamente, engajou-se em organizações de extrema direita; em 1923,

conheceu o NSDAP. Primeiramente, ingressou na SA, que dirigiu na região de Berlim-Brandenburgo de 1926 a 1929. O fato de não ter sido ele e sim Walter Stennes o nomeado a SA-Oberführer para o leste da Alemanha deve ter contribuído para que ele, no verão de 1930, seguisse a sugestão de Hitler de se transferir para a SS, onde acabou assumindo o comando da unidade em Berlim. Nessa função, Daluege desempenharia um papel crucial na vigilância interna da inquieta SA berlinense. Na vida civil, Daluege vivia como integrante da classe média e se diferenciava claramente das tensas biografias dos outros chefes de alto escalão da SS: ganhava a vida como gerente da empresa de coleta de lixo de Berlim, casou-se em 1926 e tinha três filhos.[62]

Alfred Rodenbücher também estava entre os antigos suboficiais e desde outubro de 1932 chefiava o SS-Abschnitt XIV (Bremen). Rodenbücher, nascido em 1900, havia ingressado na Marinha do Reich como grumete em 1916 e promovido a contramestre sênior. Em 1930, trocou a Marinha por um cargo de funcionário público subalterno. Dois anos depois, assumiu uma posição de chefia dentro de uma SS em franca expansão, o que lhe abriu a perspectiva de uma carreira muito mais prestigiosa.[63]

Como Himmler, Rodenbücher também fazia parte da chamada geração jovem da guerra, que, a despeito de ter vivenciado a Primeira Guerra Mundial com total consciência, não participara ativamente dela. A esse grupo etário, que antes de 1933 era evidentemente minoritário entre os chefes SS do alto escalão, também pertencia Fritz Weitzel, nascido em 1904 em Frankfurt. O serralheiro Weitzel de início foi membro da Sozialistische Arbeiterjugend (Juventude Trabalhadora Socialista), mas a trocou pelo NSDAP, assumindo a tarefa de expandir a SS em Frankfurt, logo depois de sua fundação, em 1925. Após desempenhar diversas funções intermediárias, em fins de 1930 foi incumbido da chefia da SS em toda a região oeste do Reich. Além disso, em 1930, candidatara-se com êxito ao Reichstag, garantindo assim o lado financeiro de sua vida.[64] Por ter se envolvido em um aborto em 1927, fora condenado a um mês de prisão.[65] Quando um membro do partido procurou Himmler para reclamar sobre o histórico de Weitzel, Himmler respondeu que conhecia o processo perfeitamente e que era "da opinião de que a honra do correligionário Weitzel não fora maculada pelo processo de nenhuma maneira". Declarou ainda que ignoraria qualquer outra "carta-denúncia" que se referisse ao assunto.[66] De fato, a condenação não

exerceria nenhum efeito negativo sobre a carreira de Weitzel.

Wilhelm Rediess, nascido em Heinsberg, no baixo Reno, em 1900, filho de um oficial de Justiça, foi soldado por alguns meses em 1918, mas não chegou a ser enviado ao front. Depois de sair do Exército, não encontrou trabalho em sua profissão de eletricista. De início, trabalhou como aprendiz na agricultura e em seguida, nos anos de 1924 a 1928, depois de ter se submetido ao treinamento equivalente, trabalhou como chefe de montagem em diversas empresas. “Em virtude da crise econômica, fiquei sem trabalho”, consta em seu currículo. Durante a ocupação da Renânia pelas tropas francesas em 1923, ingressou no Völkischsozialen Block (bloco social *völkisch*), que mais tarde seria totalmente assimilado pelo NSDAP. Em 1925, passou a chefiar uma divisão da SA em Düsseldorf. Em 1930, ingressou na SS e em 1º de janeiro de 1931 assumiu o Abschnitt XI (Koblenz).[67]

Com notável habilidade, Himmler reunira em torno de si homens que não correspondiam aos seus elevados ideais para a SS, assim como ele, mas cuja lealdade ele podia assegurar. Muitos se encontravam em uma situação de dependência existencial em relação a ele, circunstância que Himmler habilmente sabia aproveitar quando necessário. Com essa equipe ele começou a expandir a organização.

## A caminho da organização de massa

No final de 1931, Himmler ordenou que a divisão regional da SS fosse adaptada aos grupos SA. Subordinou os SS-Abschnitte a dois Gruppenkommandos (um para o sul e outro para o norte da Alemanha), nomeando Weitzel e Dietrich para chefiá-los.[68] Ao longo de 1932, foram se somando novos Gruppenkommandos —, leste, sudeste, oeste —, de onde mais tarde se desenvolveriam as Oberabschnitte (divisões superiores). Abaixo desse patamar, o número de divisões não parava de crescer. Em janeiro de 1932, Himmler ordenou que fossem criados, independentemente da força aérea Fliegerkorps, os Fliegerstürme, esquadrões de aviadores próprios da SS, para também atrair entusiastas do esporte aeronáutico e de planadores.[69] Em abril de 1932, quando as unidades paramilitares (SA e SS) foram temporariamente proibidas, a SS contava mais de 25 mil integrantes; depois da revogação de proibição, em junho, já eram mais de 41 mil.[70] Com isso, a SS finalmente conseguiu alcançar, e até

superar ligeiramente, a cota dos 10% prevista por Röhm. A organização era financiada pelas contribuições dos sócios, assim como por doações dos assim chamados sócios patrocinadores.[71]

Para lidar com essas transformações, Himmler se pôs a consolidar a organização da central de Munique. Em 15 de julho de 1932, criou um departamento administrativo para a SS (*SS Verwaltungsamt*), nomeando o comerciante Gerhard Schneider para dirigi-lo; em contrapartida, a administração financeira do Reich, que existia desde 1930 sob a direção de Paul Magnus Weickert, foi extinta em outubro de 1932, e o próprio Weickert dispensado da SS, possivelmente sob suspeita de fraude. Assim, o caminho estava livre para Schneider continuar ampliando o departamento administrativo, que desempenharia um papel fundamental na central da SS. Em 1934, no entanto, também ele teve de sair — por fraude. Os casos Weickert e Schneider não seriam os únicos vexames que Himmler passaria por conta de nomeações de pessoas para ocupar cargos de confiança.[72]

Além desse tipo de medidas organizacionais, Himmler tentava imprimir uma orientação homogênea ao corpo de liderança da SS, que crescia rapidamente: entre 31 de janeiro de 1932 e 20 de fevereiro de 1932, ele ordenou que fosse ministrado um curso especial para chefes na Reichsführerschule do partido em Munique.[73] Na ocasião, Himmler proferiu diversos discursos — trajando pela primeira vez o uniforme preto que, depois do curso, seria adotado na SS como um todo e que nitidamente destacava os integrantes da SS dos membros da SA, de “camisas marrons”[74]. Segundo memórias de Wolff, que viria a ser seu ajudante, os discursos versavam sobre “revolução mundial, judaísmo, maçonaria, cristianismo e questões raciais”.[75] Em 1939, por ocasião das comemorações em homenagem aos dez anos de serviço de Himmler na SS, Wolff descreveu a impressão que lhe causou esse primeiro encontro com o seu Reichsführer:

“Decisiva para todos aqueles que ainda não haviam estado frente a frente com o Reichsführer-SS, era a forma como ele nos olhava com aqueles seus raros olhos claros, até o fundo de nossas almas, enquanto passava em revista a primeira fileira. A partir daquele momento, havia uma ligação viva, que [...] cativava a cada um de nós com sua forte personalidade.”[76]

Durante um interrogatório conduzido pela Promotoria Pública de Munique após a guerra, Wolff tinha uma lembrança um tanto diferente dessa aparição de

Himmler: “Diante disso, a primeira impressão do pálido Himmler, com os óculos, era decepcionante. Faltavam-lhe a firmeza militar e a segurança necessária ante o interlocutor. [...] Quando se falava com ele a sós após os discursos, seus olhos incômodos, em virtude do reflexo dos óculos, perdiam a frieza e, de repente, podiam ficar cordiais e, por vezes, até divertidos.”[77]

Não é de surpreender que diante dos promotores Wolff pintasse a impressão que Himmler lhe causara com tintas diferentes das usadas em seu discurso por ocasião do jubileu. Os diferentes lados do Reichsführer-SS descritos por Wolff — a frieza, a postura autoritária e a insegurança, que ele procurava esconder adotando um comportamento prestativo e jovial — chamavam a atenção de muitos contemporâneos. A contradição entre a exigência elitista e soldadesca de Himmler e o fenótipo mediano da pessoa real sobressaía-se mais acentuadamente com o severo uniforme preto. Também o fato de Himmler querer imprimir um toque mais marcante à sua imagem por meio de um corte militar de cabelo, extremamente curto, e um fino bigode, não disfarçava seu “rosto pálido, leitoso, com lábios finos e sem cor, o queixo retraído e os óculos sem aros em frente aos olhos que fitavam o vazio”, ficando a imagem viva na memória de “Putzi” Hanfstaengel, o assessor de imprensa internacional de Hitler, que por algum tempo dividiu uma sala com Himmler na central do partido em Munique.[78]

Albert Krebs, um funcionário do Partido Nazista de Hamburgo, depois de uma viagem em comum de seis horas de trem no início de 1929, retratou Himmler em suas memórias como um homem que, com a sua postura, tentava compensar muitas falhas: segundo Krebs, Himmler “se comportou de maneira acentuadamente rude e direta, gabava-se com modos de ‘soldado a serviço do rei’ e mentalidade antiburguesa, embora com isso ele obviamente só quisesse esconder a sua insegurança e o seu jeito desastrado inatos”. Mas, o que era totalmente insuportável, segundo Krebs, era “a tagarelice tola e sem objetivo com a qual ele me importunava incessantemente”. E acrescenta: “Nunca mais fui confrontado com tanto disparate político de forma tão concentrada de um homem com escolaridade superior e com interesse político profissional.” As observações de Himmler eram, segundo Krebs, “uma mistura peculiar de magniloquência marcial, falatório pequeno-burguês de mesa de botequim e fervorosas profecias de pregador de alguma seita”.[79] A compulsão de Himmler

por se comunicar, algo sobre o que ele mesmo sempre se criticava em seus diários na época de estudante, parece, de acordo com esse relato, não ter se esgotado. Ao contrário: somada agora a uma autoestima exibicionista ostensiva, essa compulsão surtia um efeito ainda mais irritante sobre as pessoas ao seu redor.

Entre 1929 e 1932, as Schutzstaffeln (SS), que inicialmente não passavam de algumas dúzias espalhadas por todo o Reich, contavam com pouco mais de centenas de membros e atuavam basicamente como guarda-costas dos dirigentes nazistas, haviam se tornado uma organização de massa com direção central e altamente organizada. Esse sucesso não era devido à atuação de Himmler, mas principalmente ao fato de que em 1929-1930 ele — recém-nomeado Reichsführer-SS — encontrava-se no centro de um processo de radicalização e mobilização política historicamente único a favor do NSDAP. De início, o trabalho de Himmler consistia basicamente em criar estruturas organizacionais que permitissem desviar — do fluxo de centenas de milhares de homens, a maioria jovem e que queriam se juntar à SA — uma determinada parcela para a SS e, ao mesmo tempo, acompanhar esse vigoroso crescimento.

Durante esses anos, Himmler mostrou pela primeira vez em sua vida possuir de fato qualidades organizacionais. A severa estrutura hierárquica à qual estava amarrado como Reichsführer-SS visivelmente lhe era muito mais favorável do que as circunstâncias anteriores, muito mais difíceis de supervisionar, com que ele se deparara quando era chefe de *Gau* na Baixa Baviera ou como suplente de chefe da Propaganda. Nessas posições, fora constantemente obrigado a mediar as expectativas divergentes da central e dos membros do partido no campo, um papel que notoriamente não lhe era fácil desempenhar.

Além disso, Himmler havia desenvolvido uma concepção para a SS que, mesmo vaga, ia muito além da proteção dos chefes do NSDAP e do serviço de segurança interno do partido: a ideia de uma guarda “elitista”, ligada à “seleção racial”, responsável pela utópica tarefa futura de recriar a “raça nórdica”. E ele reconhecera que, para fortalecer o papel da SS dentro do movimento nazista, era vital ter “lealdade” incondicional à direção do partido, por meio da qual a SS efetivamente se diferenciaria da SA.

## Himmler e o fim da República

Apesar do consistente êxito eleitoral, o NSDAP não conseguiu chegar ao governo em 1932. Segundo a Constituição de Weimar, o presidente do Reich não tinha nenhuma obrigação de nomear o chefe do partido mais forte como chanceler. Ao contrário: a constituição lhe permitia, por força de seu direito à edição de decretos de emergência, governar sem parlamento; caso a maioria do parlamento se opusesse à política do governo, ele podia até mesmo dissolver a representação popular.

Na primavera de 1932, delineava-se o fim do governo de Brüning, que até então era apoiado pelo presidente Hindenburg, por meio de decretos de emergência e tolerado pelo SPD no parlamento. Foi justamente a proibição da SA e da SS, decretada em abril por Brüning, que ocasionou a derrocada de seu governo. Kurt von Schleicher, que por razões "políticas de defesa" se opusera à proibição, tramou uma conspiração em larga escala contra o chanceler, que culminou na queda deste.[80]

Nos bastidores, Von Schleicher e Hitler fizeram um acordo: Hitler propôs que o NSDAP apoiaria um novo governo presidencial se suas associações paramilitares fossem novamente permitidas e novas eleições fossem convocadas. Von Schleicher, por sua vez, fez o possível para minar a posição de Brüning ante Hindenburg. Finalmente, em 30 de maio de 1932, Hindenburg exonerou Brüning e nomeou chanceler Franz von Papen, um velho amigo de Von Schleicher. Von Schleicher assumiu o cargo de ministro da Defesa. Conforme o acordo fechado com Hitler, o parlamento foi dissolvido e novas eleições foram convocadas para 31 de julho de 1932. Pontualmente, no início da campanha eleitoral, em meados de junho, a proibição à SA e à SS foi revogada. Em 20 de julho, o governo Von Papen substituiu o governo social-democrata da Prússia por um comissário do Reich, removendo, assim, um dos últimos bastiões de defesa da República de Weimar.

Nas eleições, o NSDAP alcançou seu maior triunfo até então: obteve 37,4% dos votos. Depois de tamanho sucesso — o partido havia conseguido duplicar mais uma vez o número de votos desde a última eleição —, prevalecia no NSDAP a expectativa de que a tomada do poder era iminente. No leste da Alemanha, as violentas manifestações dos ativistas nazistas se transformaram em uma onda de terror: estavam determinados a se desligar do "curso de legalidade"

da direção do partido e a partir para uma revolta aberta contra o poder do Estado. Em 1º de agosto de 1932, um dia após as eleições parlamentares, a SA e a SS de Königsberg investiram contra os inimigos do NSDAP com uma onda de atentados e ataques à bomba. Um conselheiro comunista da Câmara Municipal foi assassinado, o editor do jornal social-democrata *Königsberger Volkszeitung*, o recém-deposto chefe de administração regional de Königsberg, liberal de direita, e outro funcionário comunista ficaram gravemente feridos em consequência de ataques armados. Nos dias seguintes, a campanha de terror se alastrou por toda a Prússia Oriental e depois se estendeu à província da Silésia, onde ocorreram mais atentados e assassinatos.[81]

Existe um sinal bastante claro de que foi Himmler quem ordenou a campanha de terror de Königsberg e quem instruiu Waldemar Wappenhans, o chefe dos SS-Standarte da Prússia Oriental, nesse sentido. No prontuário de Wappenhans, na SS, há uma carta de 1938 em que ele se refere a antigos "méritos" ao se defender perante o chefe de pessoal da SS de determinadas acusações que pesavam contra ele: afinal, "na função de chefe do *Standarte Ostpreussen* (Prússia Oriental)", ele teria "executado a ordem do RFSS de assassinar os principais chefes comunistas em 1932" e, em consequência disso, teria sofrido "perseguição policial, com cartazes de 'procura-se'".[82]

A alusão de Wappenhans à ordem dada na época é um documento com valor de raridade: durante a situação de guerra civil existente entre os anos de 1930 e 1933, a SS não costumava manter registros sobre assassinatos políticos em seus arquivos. É verdade que, após a tomada do poder, celebravam-se os "atos heroicos" dos "tempos de luta", mas não se expunham os pormenores desagradáveis das táticas de terror da época. Também Himmler, nos anos seguintes, preferia não comentar o seu papel pessoal nesses conflitos políticos brutais.

A postura violenta contra inimigos políticos, sua "desativação", nunca configurou um problema moral para Himmler. Como vimos anteriormente, já durante a época de estudante ele participara ativamente de organizações paramilitares e se preparara internamente para uma guerra civil. O atentado a Rathenau, em 1922, teve sua total aprovação, e, em 1923, participara de um putsch armado. Ele via as lutas do pós-guerra como mera prolongação da Guerra Mundial, para a qual ele, afinal, havia sido perfeitamente bem preparado durante

o serviço militar. Do seu ponto de vista, os anos estáveis da República de Weimar só significavam uma breve interrupção da luta contra o “marxismo”, que agora deveria ser aniquilado.

Em agosto de 1932, a polícia e a Justiça, por meio de ações rigorosas, conseguiram mais uma vez frear a onda de atos violentos praticada pelos integrantes do Partido Nazista no Leste da Alemanha. Diante do pano de fundo desses conflitos, ocorreu a 13 de agosto o encontro decisivo do vencedor das eleições com o presidente do Reich, no qual Hindenburg ofereceria a Hitler o cargo de chanceler, ou assim firmemente acreditavam os nazistas. Mas o presidente só convidou Hitler a participar ativamente do novo governo e, após a recusa desse, Hindenburg divulgou uma declaração sobre essa conversa que desautorizava Hitler publicamente.[83]

A partir desse momento, o NSDAP passou a enfrentar uma pressão cada vez maior: há anos exigiam-se grandes sacrifícios de seus membros em troca da promessa do poder, mas agora estava claro que, apesar dos enormes êxitos eleitorais, a responsabilidade de enfim assumir o governo ainda se encontrava muito distante. A tática de legalidade da direção do partido parecia não dar certo. Quando, em meados de setembro, o parlamento foi dissolvido e o partido se encontrou novamente diante da tensão de uma campanha eleitoral, espalhou-se entre os seus integrantes um sentimento de apatia e desilusão. Isso dizia respeito sobretudo à instável SA, mas também influenciou a SS, normalmente firme e disciplinada, que, além disso, passou a ter um crescimento apenas moderado na segunda metade do ano, comparado ao rápido aumento do número de integrantes dos meses anteriores.[84]

Uma série de relatos sobre o estado de espírito que reinava em setembro de 1932 reflete as diversas reações dentro da SS. O Abschnitt IV (Braunschweig) reportou à central que a nova “dissolução do parlamento e o novo retardo na tomada definitiva do poder advindo disso geraram, de início, certo desânimo dentro da SS”. Mas a “certeza de uma vitória final não ficou abalada. [...] O espírito da tropa é revolucionário e leal ao programa nazista”[85] — uma frase que pode ser interpretada como crítica mordaz à tática da direção do partido que nessa época justamente não era “revolucionária”, e sim “legal”.

O chefe do ss-gruppe Leste informava que “o estado de espírito da SS no meu grupo é bom e não abriu qualquer espaço para a depressão”. Embora o relator

logo emendasse: “Somente preocupações econômicas dificultam para alguns integrantes o cumprimento de obrigações assumidas, mas só estão realmente deprimidos em função de suas preocupações financeiras.”[86]

O ss-gruppe Sul afirmava que o espírito na SS do sul da Alemanha era “normal”. Mesmo assim, a “malograda tomada do poder pelo nosso movimento gerou certo descontentamento e insegurança”.[87] O ss-gruppe Sudeste (Silésia) comunicou que o clima em geral podia ser definido como “bom”, mas que em algumas formações, em “razão da situação política insegura, dominava a desarmonia”.[88] O gruppe Oeste relatava: “O espírito da SS no gruppe Oeste é muito bom, o espírito de luta da SS é revolucionário, a confiança na vitória e no Führer são inabaláveis.”[89] O Abschnitt VII (Danzig) relatava que “o espírito é estável e confiante”.[90]

A insatisfação dentro da SS fazia-se sentir entre outras nas tensões cada vez maiores em relação à SA, cuja situação beirava o desespero — sentiam que, depois de anos de “dedicação” ao movimento, não recebiam o reconhecimento que mereciam.[91] Em meados de dezembro de 1932, em memorando confidencial dirigido ao alto escalão da SA e ao Reichsführer-SS, Röhm constata que as “queixas sobre o turvamento do relacionamento entre a SA e a SS [...] vêm aumentando perigosamente nos últimos tempos”. Em razão disso, solicitou ao inspetor-geral Curt von Ulrich que marcasse uma reunião entre o maior chefe SA e uma delegação da SS encabeçada por Himmler. A data prevista para a reunião era 10 de janeiro de 1933.[92]

Mas até chegar essa data, a situação política em geral já havia mudado há tempos. Primeiramente, o NSDAP teve de aceitar baixas nas eleições de 6 de novembro; obteve apenas 33,1% dos votos. Esse resultado sinalizava uma virada de tendência para as forças conservadoras de direita: parecia que o NSDAP já tinha atingido o auge de seu sucesso; agora deveria ser possível mantê-la sob controle numa coalizão de governo.

No início de dezembro de 1932, Von Schleicher conseguiu se impor a Von Papen. Deixou claro para o gabinete que a Reichswehr não teria condições de pôr em cheque os oponentes políticos da direita e da esquerda ao mesmo tempo. Por isso, era necessário achar outro caminho para sair da crise. Von Schleicher achava que conseguiria encontrar uma solução alternativa ao ser nomeado por Hindenburg, em 3 de dezembro, sucessor de Von Papen, em um gabinete que

praticamente não sofreu mudanças. Sob a divisa de um programa de criação de empregos, o novo chanceler tentou formar uma frente ampla composta por sindicatos, associações profissionais, Exército do Reich e nazistas, sendo que a intenção final era a de desvincular do partido a ala "esquerda" do NSDAP, que gravitava em torno de Gregor Strasser.

Strasser realmente mantinha conversas com Von Schleicher nesse sentido, mas com isso se isolava em relação à alta direção do NSDAP e, em 8 de dezembro, acabou renunciando a todas as funções no partido. Embora isso fizesse de Strasser persona non grata dentro do NSDAP, Himmler de início manteve o contato com ele. Ainda em abril de 1933, contrataria Strasser, que entre outras atividades trabalhava como corretor de imóveis, para vender a sua propriedade em Waldtrudering.[93]

Enquanto isso, Von Papen, que Hindenburg continuava tendo em alta conta, atuava nos bastidores envidando esforços em favor de uma nova formação do governo, com participação nazista. Em 4 de janeiro, teve lugar a primeira reunião de que se tem notícia entre Hitler e Von Papen, na casa do banqueiro Kurt Freiherr von Schröder, em Colônia.

Nas sondagens que se seguiram, Himmler participou ativamente, assumindo um papel de destaque: alguns dias depois, em 10 de janeiro, acompanhado do empresário Wilhelm Keppler — conselheiro de Hitler para questões político-econômicas —, Himmler procurou o empresário Joachim von Ribbentrop em Berlim e perguntou-lhe, em nome de Hitler, se poderia arranjar mais um encontro com Von Papen. O encontro se deu em 18 de janeiro, na mansão de Von Ribbentrop — Hitler, Röhm e Himmler participaram de um almoço com Von Papen. Conforme a lembrança de Von Ribbentrop, Hitler novamente insistira em receber ajuda para assumir a posição de chanceler, mas Von Papen teria se negado a ajudar: seria impossível obter a aprovação de Hindenburg, e ele mesmo (Von Papen) queria se tornar chanceler, contando com a ajuda de Hitler. Hitler fez um gesto com a mão em sinal de recusa.[94]

Poucos dias depois — nesse meio-tempo, o chefe da organização de veteranos *Stahlhelm*, Franz Seldte, manifestara-se a favor de Hitler —, Von Papen reconsiderou sua posição e se declarou disposto a abrir mão da Chancelaria em favor de Hitler. Sob a influência decisiva de Von Papen, o presidente do Reich também mudou de direção e sinalizou a Von Schleicher que não iria mais

protegê-lo da maioria do Reichstag mediante uma nova dissolução do parlamento. Com isso, a única opção de Von Schleicher era renunciar; os trilhos para um governo Hitler/Papen estavam assentados.

12 Himmler aqui se refere à organização de veteranos de direita, a Stahlhelm (capacete de aço), a Liga dos Soldados do Front. (N. da E.)

PARTE II

# No Terceiro Reich

O comando da Polícia Política

Em 30 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler de um governo de coalizão. Seis meses depois, os nazistas haviam controlado todo o aparato do Estado, suspendido temporariamente a Constituição e se tornado a força política dominante em quase todos os setores da vida. Faremos aqui só uma breve recapitulação das etapas desse processo: o edital do decreto emergencial de 28 de fevereiro de 1933, por meio do qual, em resposta ao incêndio do Reichstag, foram suspensos os principais direitos fundamentais garantidos pela Constituição; a vitória eleitoral da coalizão liderada pelos nazistas em 5 de março; a "Lei de Concessão de Plenos Poderes" de 23 de março, que dissolvia o parlamento e passava a competência legislativa ao governo; a ocupação das prefeituras pelos nazistas; o alinhamento dos estados; a remoção dos sindicatos e de todos os partidos políticos, exceto o NSDAP; e, finalmente, a ocupação de quase todos os grupos de interesse, organizações sociais e associações, até o mais baixo plano local. Já em julho de 1933, os nazistas tinham total comando da situação.

Durante a gradativa tomada do poder, medidas "de cima" se combinavam engenhosamente com "ações" quase revolucionárias da base do partido. Mas quem desempenhava um papel central era o terror.[1] Seu efeito foi devastador; ainda assim não era dirigido ou organizado de maneira uniforme nessa fase. Os nazistas só passariam a engendrar o seu aparato de terror durante a assim chamada tomada do poder e levaria algum tempo até estar padronizado em todo o território do Reich. Himmler avançava para o papel de personagem-chave nesse processo e, no final, lograria se impor contra todos os opositores.

## A Baviera como trampolim

Os meios de poder que os nazistas empregavam desde janeiro de 1933 para combater e aterrorizar seus adversários, e que só foram reunidos em um sistema fechado de modo gradativo, eram basicamente os seguintes: o controle do aparato policial; a separação da Polícia Política do aparato policial geral e sua instrumentalização de acordo com os objetivos do novo governo; a nomeação de homens da SA e da SS como policiais auxiliares; a chamada custódia preventiva (i.e., a prisão de pessoas por tempo indeterminado e sem qualquer controle judicial),[2] bem como a instalação de inúmeros campos de prisioneiros, nos quais

os verdadeiros e os supostos inimigos do novo regime se encontravam à mercê de uma tirania desenfreada. A situação em geral se complicou em razão do surgimento de uma disputa nos diversos estados alemães entre SA, SS e as organizações políticas do NSDAP pelo controle dos diversos instrumentos de terror, que levou a resultados diferentes em cada estado.

No maior estado alemão, a Prússia, Hermann Göring, o segundo homem mais poderoso do NSDAP e a quem agora havia sido confiado provisoriamente o Ministério do Interior prussiano, submeteu o aparato policial ao seu controle e criou com a polícia secreta do Estado, a Gestapo (*Geheime Staatspolizei*) uma polícia especial, separada da polícia comum, para combater inimigos políticos. Em 22 de fevereiro, Göring delegou à SA e à SS as funções de polícia auxiliar. As duas organizações imediatamente aproveitaram esse fato para agir de modo independente (e não só como órgão de apoio do departamento policial): prendiam oponentes verdadeiros ou supostos aos milhares e os mantinham em campos de prisioneiros instalados provisoriamente e que operavam ou por responsabilidade própria ou por ordem de autoridades do Estado que deixavam a guarda dos prisioneiros por conta da SA ou da SS.[3]

A Baviera, segundo maior estado alemão, foi o último a ser vítima da tomada do poder e do alinhamento nazista: em 9 de março, o ministro do Interior do Reich, Frick, nomeou o tenente-general reformado Franz Ritter von Epp, um dos políticos nazistas mais proeminentes da Baviera, para o cargo de comissário do Reich no estado, sob o pretexto de que o governo conservador do primeiro-ministro Heinrich Held não estava em condições de manter a ordem pública. A “prova” dessa afirmação foi fornecida pelas unidades da SA e da SS, que faziam manifestações barulhentas em Munique e providenciavam a medida necessária de agitação.[4] Ainda na mesma noite, Von Epp nomeou o *Gauleiter* do NSDAP da Alta Baviera, Adolf Wagner, chefe interino do Ministério do Interior do estado, e Heinrich Himmler como superintendente interino da polícia de Munique. A divisão VI da superintendência da polícia, a Polícia Política, que durante a República de Weimar funcionara como centro de coordenação do combate a poderes políticos radicais em toda a Baviera, foi assumida interinamente por Heydrich, que imediatamente tratou de expandir o departamento, transformando-o em uma base efetiva.[5]




*O cartaz diz: "Loja fechada pela polícia por prática de usura. Proprietário em custódia preventiva em Dachau. Comandante da Polícia Política da Baviera, assinado Himmler." Em 1933, como chefe da Polícia Política da Baviera, Himmler criou, com o campo de Dachau — dirigido pela SS —, um modelo que serviria de referência para o sistema de campos de concentração nazistas dos anos seguintes. Desde o início, ele soube instrumentalizar o terror que emanava de Dachau por meio de avisos públicos específicos. Já na primavera de 1933, a alusão a "Dachau" não exigia nenhuma explicação adicional.*

Em 12 de março, o chefe de polícia Heinrich Himmler, em uma conferência de imprensa, falou a respeito das detenções em massa iniciadas por ele nos dias anteriores: "Impus a custódia preventiva em escala bastante larga. [...] Fui forçado a tomar essas medidas porque os tumultos em diversos pontos da cidade eram de tal ordem que de outra forma me seria impossível proteger a segurança e a saúde das diversas personalidades distintas que motivaram as fortes agitações. Há algo que precisa ser destacado: para nós, o cidadão de crença judia é tão cidadão quanto o que não professa a mesma crença, e a vida e a propriedade dele serão protegidas da mesma forma. Não fazemos distinção." A propósito, ele teria decidido prender todos os chefes e funcionários do Partido Comunista (KPD), assim como os do Reichsbanner e da Eisernen Front (isto é, as associações paramilitares dos partidos democratas e dos sindicatos).[6]

Em 15 de março, seis dias após tê-lo nomeado superintendente, Wagner indicou Himmler a "assessor político no Ministério do Interior" e, com isso, transferiu a ele o controle de toda a Polícia Política do estado.[7] Ainda antes do final do mês, Himmler, como Reichsführer-SS, foi convidado a ocupar o cargo de comandante da Polícia Política auxiliar da Baviera, ou seja, ele agora podia nomear integrantes da SS como policiais de apoio. De início, foi prevista uma força máxima de 1.020 homens.[8] Em 1º de abril, ocorreu a sua nomeação de fato.

Na Baviera, Himmler agora comandava a Polícia Política, a Polícia Política auxiliar, os “campos de concentração já existentes e os que ainda serão construídos”.[9] Dez dias mais tarde — entrementes Himmler cedera o cargo de superintendente da polícia ao Obergruppenführer da SA, August Schneidhuber[10] —, ainda assumiu a responsabilidade por todas as questões relativas às prisões preventivas.[11]

Como resultado dessa série de nomeações e transferências de competências, em pouquíssimo tempo Himmler se tornara senhor de um considerável complexo de poder: dirigia um aparato derivado da organização geral da polícia, rigidamente estruturado em todo o país, uma polícia especial que se concentrava totalmente no combate dos oponentes políticos, e estava autorizado a inserir a SS nas novas responsabilidades que lhe haviam sido confiadas. Graças à custódia preventiva, podia executar detenções aleatórias, e em virtude da permissão de manter campos de concentração, seus prisioneiros ficavam completamente à mercê de sua tirania, por tempo indeterminado. Mas, como comandante da Polícia Política — certamente essa também foi uma das razões da sua nomeação —, sobretudo, ele representava um contrapeso eficaz aos comissários especiais, que Röhm havia arregimentado das fileiras da SA para controlar a administração bávara: embora os comissários especiais tivessem competências policiais (para isso contavam principalmente com a ajuda da polícia de apoio da SA), Himmler tinha autoridade sobre eles quando se tratava de questões que afetavam a Polícia Política.[12]

Já em 13 de março, a Polícia Política começara a instalar um campo para prisioneiros em custódia preventiva no terreno de uma antiga fábrica de pólvora em Dachau, perto de Munique,[13] uma medida que Himmler anunciou publicamente em 20 de março e justificou como sendo para a “segurança do estado”; disse que não seria dada atenção a “considerações mesquinhas” e que se planejava erguer um complexo para abrigar 5 mil prisioneiros. A resposta ríspida de Himmler às perguntas dirigidas à superintendência da polícia acerca da duração da custódia preventiva era que isso só atrapalhava o andamento do serviço e que “cada pergunta custará um dia a mais aos prisioneiros”.[14]

De início, o campo de concentração de Dachau era vigiado por uma centena de policiais da Schutzpolizei, a polícia de Munique — maior componente da polícia fardada, a Polícia de Ordem —; mas, em 2 de abril de 1933, como chefe

da Polícia Política auxiliar da Baviera, Himmler ordenou que a guarda do campo fosse transferida para a SS.[15] Com esse movimento, havia passado para a SS uma tarefa da competência do estado e paga pelo estado. Em 11 de abril, a polícia de Munique deixou o campo, que à época contava mais de duzentos prisioneiros. Imediatamente após a transferência do campo para a SS, os novos donos realizaram uma orgia de terror que resultou na morte de quatro presos judeus. Mais assassinatos se seguiram: presos morriam em consequência de atos de crueldade gravíssimos ou eram executados a tiro.[16]

Como se constatou nas investigações conduzidas mais tarde, o comandante Hilmar Wäckerle decretara "regulamentos especiais" para o campo. Depois disso, valia a "lei marcial", e instalou-se um Tribunal de Justiça presidido por ele, que podia inclusive aplicar a pena de morte.[17] As condições indescritíveis de Dachau não só ficaram amplamente conhecidas,[18] como ocasionaram a intervenção da Promotoria Pública de Munique. No decorrer da investigação, o procurador-geral Wintersberger confrontou Himmler com os quatro casos de morte não esclarecidos e, entre outros, mostrou-lhe as fotografias dos corpos desfigurados. O inquérito acabou não dando em nada; mesmo assim, as investigações exerceram alguma pressão, pois levaram Himmler a concordar com a substituição do responsável, Wäckerle, em 2 de junho, em reunião convocada por Von Epp e da qual participaram, entre outros, o ministro do Interior e o ministro da Justiça da Baviera.[19]

Para substituir Wäckerle, Himmler encontrou um candidato que na época havia chegado ao ponto mais baixo de sua existência e que se sentia grato pela oportunidade de refazer a sua vida: Theodor Eicke, futuro inspetor dos campos de concentração e chefe das Totenkopfverbände (as unidades da caveira da SS), formadas a partir das tropas de guarda dos campos de concentração.[20] A nomeação de Eicke, uma das primeiras de Himmler depois de chegar ao poder, é um exemplo típico da estratégia do Reichsführer-SS de submeter existências fracassadas, adotando um misto de severidade disciplinadora, gestos protetores e aparente confiança pessoal — ao confiar, a um delinquente, uma função que em grande parte requer soluções autônomas.

Eicke, nascido em 1892, após a liberação do Exército, onde era tesoureiro de profissão, tentara por diversas vezes ingressar na polícia, sem sucesso. Acabou se tornando suplente do chefe do serviço de segurança na fábrica da empresa

I.G. Farben, em Ludwigshafen. Membro do partido desde 1928, em 1930 foi encarregado de desenvolver a SS na região de Ludwigshafen, tarefa que já no ano seguinte o catapultou para o topo da SA-Standarte. Em 1932, foi preso por ter sido flagrado construindo dispositivos explosivos; foi imediatamente despedido da I.G. Farben. A versão dele do caso, de que tudo não passara de armação da direção do *Gau* do Palatinado, com quem estava em constante atrito, não pode ser totalmente descartada. De todo modo, ele foi condenado a dois anos de prisão. Durante um indulto temporário em virtude de doença, recebeu a ordem de Himmler de se retirar para a Itália. No caminho, encontrou-se em Munique com o Reichsführer, que lhe assegurou sua benevolência e lhe garantiu seu apoio. Nessa ocasião, Himmler concedeu a Eicke o título de SS-Oberführer.

Em fevereiro, Eicke retornou por conta própria à Alemanha, na confiança de que, com a nova situação de poder, sua pena seria anulada. Logo em seguida, envolveu-se novamente em sérias discussões internas do partido em Ludwigshafen. Himmler ordenou que fosse para Munique e o repreendeu por conta de seu comportamento. Fez com que ele prometesse, conforme relatou Eicke, não mais se envolver em assuntos políticos ou questões que concerniam à SS.[21]

Em 21 de março, no entanto, Eicke foi preso novamente porque o associaram — provavelmente por engano — a uma ação não autorizada da SS de Ludwigshafen que resultou em uma confrontação aberta com a polícia. Depois de fazer greve de fome, foi enviado a uma clínica psiquiátrica em Würzburg. Em virtude da aparente quebra de sua palavra de honra, Himmler o cortou das listas da SS (uma forma amena de separação em vez da exclusão formal), mas atribuiu o comportamento dele ao seu “estado de saúde deteriorado e seu esgotamento nervoso”.[22]

Nessa época, Eicke se correspondeu diversas vezes com Himmler e, entre outras, enviou-lhe uma carta-justificativa de 18 páginas. O diretor da clínica em que Eicke estava internado, Werner Heyde, informou o diagnóstico a Himmler: Eicke não teria distúrbios mentais. (Alguns anos depois, Heyde seria incumbido por Eicke, então inspetor dos campos de concentração, de redigir relatórios sobre descendência genética e, após mais uns anos, assumiu posição de liderança dos assassinatos por eutanásia.)[23] Himmler reagiu: apoiou a família de Eicke com duzentos Reichsmark (moeda do Reich de 1924 a 1948) e pediu a Heyde para

liberar Eicke da clínica durante os dias de Pentecostes; ele planejava “utilizá-lo em algum cargo, se possível até estatal”.[24]

Quando isso de fato ocorreu, por meio da nomeação de Eicke para o comando do campo de Dachau, em 26 de junho, Himmler estava escolhendo um executor a seu comando que devia a sua reabilitação única e exclusivamente ao Reichsführer-SS. Eicke tinha plena consciência disso: “Se o meu Führer não tivesse assumido o poder na Alemanha, eu permaneceria um presidiário por toda a vida e nunca teria sido capaz de dirigir uma instituição pública”, escreveu, em 1933, a Himmler.[25]

Eicke não decepcionaria Himmler. Em pouco tempo, estabeleceu em Dachau uma forma de controle que se diferenciava nitidamente da usada em outros campos de concentração dos primeiros tempos do nazismo: o chamado modelo Dachau.[26] Os elementos mais importantes desse sistema eram o isolamento completo do campo em relação ao exterior e, especialmente, o absoluto impedimento de fugas; a distinção entre tropa de vigilância e de comando; o uso dos prisioneiros para realizar trabalhos; a sistematização da violência mediante a introdução de um catálogo de penas, o “regulamento disciplinar e penal”;[27] assim como um controle mais rigoroso do pessoal de guarda, para os quais agora vigorava um regulamento de serviço especial.[28] A impressão desejada de que as antigas regras despóticas haviam sido substituídas por um regimento severo, mas com regras específicas, também fazia parte desse sistema. Na realidade, porém, governava a mais pura tirania; os prisioneiros viviam com um medo constante. Para Eicke o que importava era, principalmente, evitar assassinatos arbitrários pelo pessoal da guarda; o direito de matar prisioneiros deveria ficar reservado unicamente à direção do campo.

O “regulamento disciplinar e penal” deixa claro que, no campo, qualquer conduta dos prisioneiros era interpretada como tentativa de provocação ou rebelião, portanto um crime a ser pago com a vida. A regra dizia que todo aquele que “fizer declarações políticas com o intuito de tumultuar, discursos subversivos”, que “reunir, receber, ocultar ou divulgar notícias verdadeiras ou falsas objetivando fornecer propaganda à oposição [...]”, ou que promover a sua difusão de qualquer outra forma, aquele que “instigar outros à fuga ou ao crime [...], será enforcado como agitador”. Um prisioneiro que atacar um guarda, recusar-se ao trabalho, incitar outros à rebelião ou, “durante a marcha ou o

trabalho, choramingar, gritar, perseguir ou discursar” será “considerado rebelde e morto imediatamente a tiro” ou enforcado. Se durante o regime do antecessor de Eicke ainda valia a lei marcial, agora a decisão sobre a morte de um prisioneiro não dependia mais de nenhuma formalidade. E, de fato, os assassinatos em Dachau não diminuíram; com o isolamento do campo, a maior disciplina da equipe e a sistematização do terror, os assassinatos podiam ser disfarçados com muito mais facilidade, pois não se ofereciam mais pistas que levassem à possível intervenção da Justiça. Em geral, os assassinatos eram justificados como suicídios ou morte em tentativa de fuga.[29]

Cabia ao comandante da Polícia Política Heinrich Himmler — cuja autoridade o “regulamento disciplinar e penal” invocava explicitamente — executar essa manobra de engodo. Era Himmler quem, por solicitação do ministro do Interior, informava sobre os casos de óbito em Dachau, e era ele quem encobria as descrições forjadas de “suicídios” e “tentativas de fuga”.[30] Já por essa razão Himmler estava plenamente informado sobre os excessos e assassinatos cometidos no campo. Ele sabia, portanto, que a imagem de um “campo modelo” que se projetava para o exterior contradizia de modo mais grotesco as condições reais. Himmler visitou o campo de concentração diversas vezes: em agosto de 1933, em companhia de Röhm, participou da inauguração de um memorial para Horst Wessel[31] “doado” por prisioneiros; e, em janeiro de 1934, convidou os *Reichsleiter*[13] e *Gauleiter* a visitarem o campo por ocasião de uma convenção. Durante essas visitas, ele podia ter certeza de que a direção do campo era capaz de simular efetivamente a falsa imagem de uma instituição dirigida de forma normal e disciplinada. Em março de 1934, Himmler recebeu uma carta do primeiro-ministro da Baviera, Siebert, parabenizando-o explicitamente, depois de uma visita a Dachau, pela situação nesse “campo de prisioneiros modelo”. A carta foi reproduzida pela imprensa alemã.[32]

Apesar disso, em dezembro de 1933, diversos assassinatos não esclarecidos em Dachau foram assunto do conselho ministerial da Baviera; a agremiação já se ocupara por diversas vezes da prática de perseguição de Himmler como comandante da Polícia Política.[33] Dessa vez o Reichsstatthalter governador do Reich, Von Epp, decidiu que os assassinatos não seriam abafados como desejava o ministro do Interior a pedido de Himmler,[34] mas deveriam ser rigorosamente esclarecidos pela Justiça.[35] Himmler ativou Röhm, que informou ao homem de

ligação do Ministério da Justiça junto à Polícia Política da Baviera encarregado de dar continuidade ao assunto que ele discutiria o caso primeiramente com Hitler.[36] Röhm e Himmler optaram por uma tática de prorrogação, que, ao final, provou-se bem-sucedida: não se falou mais a esse respeito. Quando, no verão de 1934, o promotor do estado encarregado do caso foi transferido, seu sucessor arquivou o processo. No que dizia respeito à Justiça, Dachau se tornara terra incógnita.[37]

Enquanto nos primeiros meses de 1933 prendiam-se principalmente comunistas e social-democratas, milhares de pessoas ao todo,[38] em junho de 1933, em uma ação distinta, Himmler passou a deter sistematicamente também os funcionários de destaque — com exceção do ministro da Economia do novo governo, Eugen Graf von Quadt — e parlamentares do Landtag e do Reichstag do partido conservador BVP, a fim de forçar a sua dissolução espontânea.[39] Depois desse acontecimento e quando os funcionários do BVP já tinham sido soltos, em agosto de 1933, ainda havia precisamente 3.965 pessoas em custódia preventiva na Baviera, das quais 2.420 se encontravam em Dachau. Confrontado com a exigência de Von Epp de reduzir as custódias preventivas, Himmler passou a diminuir esse número gradativamente: em junho de 1934 havia 2.204 presos, dos quais 1.517 em Dachau.[40]

Himmler precisara de apenas um ano para instalar na Baviera um sistema fechado em si, composto por Polícia Política, pela SS como apoio e pelo campo de concentração) de Dachau; este, além disso, ele conseguia manter totalmente isolado a despeito de todas as tentativas de intervenção das autoridades da Baviera. No final desse ano tão bem-sucedido de 1933, Himmler passou a olhar também para as polícias políticas dos demais estados. O maior estado, a Prússia, subordinado diretamente ao poderoso primeiro-ministro Göring, no entanto, ele deixou taticamente em paz naquele momento.

## De estado a estado

Na ampliação de sua base de poder para além das fronteiras da Baviera, Himmler mostrou uma surpreendente habilidade diplomática e facilidade de lidar com questões de poder político, em comparação com o comportamento frequentemente grosseiro que exibiu no exercício de suas antigas funções no partido. Especialmente eficiente era a sua estratégia de acomodar com cautela

pessoas de confiança em posições-chave e de cooptar pessoas em posições-chave nomeando-as para cargos na SS e, portanto, obrigando-as a prestar contas a ele. Himmler conseguiu passar a impressão entre os graúdos dos partidos regionais de que, se transferissem suas polícias políticas para a SS, nomeando formalmente Himmler para o respectivo posto de comandante de polícia nos diversos estados, eles não estariam abrindo mão de posições decisivas de poder, mas, pelo contrário, estariam assegurando para si o apoio da SS. Mas havia outra razão para que os poderosos nazistas nos estados se mostrassem tão receptivos às ideias de Himmler: a falta de disciplina dentro da SA, que persistia mesmo após Hitler ter declarado oficialmente o fim da revolução nazista, no verão de 1933; a reivindicação da SA por uma "segunda revolução" e as tensões daí resultantes em relação ao NSDAP faziam com que aos novos chefes dos estados parecesse recomendável procurar um novo aliado. A imagem que a SS havia adquirido nos últimos anos de ser uma organização disciplinada, leal à direção do partido e, ao mesmo tempo, de uma elite totalmente inescrupulosa em relação aos inimigos do nazismo desempenhou papel importante nessa decisão. Afinal, os "triunfos" mais recentes da SS no trato com seus adversários podiam ser verificados a partir do modelo criado por Himmler na Baviera.[41] O fato de a SS ser uma organização com estrutura em todo o Reich, que funcionava relativamente bem e que possuía um serviço de inteligência próprio, o Serviço de Segurança — SD (*Sicherheitsdienst*), completava o quadro. Com o SD, Himmler já dispunha de um aparato de inteligência que podia realizar trabalhos de espionagem locais, e, por meio da captação de integrantes da Polícia Política para o SD, ele criou a própria rede de inteligência. Embora o SD, como ainda veremos, vivenciasse uma crise temporária no verão de 1933, no outono, quando a série de nomeações de Himmler a chefe das polícias políticas nos estados teve início, o serviço de inteligência voltou a se consolidar.

Além disso, outro fator veio em benefício de Himmler: o fato de a SS, a partir de março de 1933, já ser capaz de instalar, ainda que em quantidade modesta, corporações armadas em casernas próprias. O início se deu por meio de um aparato de elite para a proteção pessoal do Führer, a Stabswache. Em 17 de março, Hitler emitiu a ordem correspondente ao chefe de sua guarda pessoal, Sepp Dietrich, que desempenhara papel de destaque na criação da SS tanto no sul quanto no norte da Alemanha. A tropa de 120 homens, composta por

integrantes da SA e da SS e que se apresentava no uniforme da SS, foi alocada, na primavera de 1933, à polícia prussiana na qualidade de Polícia Política auxiliar, rebatizada de Sonderkommando Berlin z.b.V. (Força Especial Berlim para Operações Especiais — z.b.V., na abreviação em alemão) e ampliada consideravelmente. A Wehrmacht assumiu o treinamento militar do grupo, que somava oitocentos homens. Em razão de sua posição especial, a tropa — um pequeno exército particular do ditador, criado à revelia da Constituição e da lei, e cuja responsabilidade se restringia ao Führer —, renomeada na convenção do partido de setembro de 1933 para a Leibstandarte Adolf Hitler, prestou juramento à pessoa de Hitler em 9 de novembro de 1933. Embora Dietrich gostasse de destacar a independência de sua tropa em relação à Reichsführung-SS, o Sonderkommando z.b.V. não servia somente para proteger o ditador, mas era empregado também como comando motorizado no combate aos adversários políticos, contribuindo, assim, para fortalecer a posição da SS e de seu Reichsführer na luta de forças pelo controle do aparato de repressão na capital do Reich.[42]

Na primavera de 1934, face ao iminente conflito com a SA, Himmler conseguiu integrar efetivamente a tropa à hierarquia SS.[43] Em 1933 e 1934, por iniciativa das Oberabschnitte SS, foram criadas novas tropas armadas de ação política (Politische Bereitschaften) em Munique, Ellwangen, Arolsen, Hamburgo e Wolterdingen.

Hamburgo, a cidade livre e hanseática, foi o primeiro estado ao qual Himmler ofereceu sua Polícia Política. As circunstâncias mais íntimas envolvendo essa nomeação permitem uma notável percepção da tática de Himmler.[44] Durante a tomada de poder, os nazistas não haviam conseguido criar um aparato de repressão unificado em Hamburgo. Ao contrário: como em muitos outros lugares, a situação era marcada pela vigorosa rivalidade entre personalidades e grupos quanto a quem cabia a responsabilidade no campo do terror contra os adversários políticos.

O comando da Polícia Política, que fora separado do aparato geral da polícia, mudava constantemente. Existia também um Kommando z.b.V. subordinado diretamente ao chefe da polícia uniformizada, que era reforçado pela polícia auxiliar da SA e que, em grande parte, executava detenções e ataques por conta

própria; era conhecido por suas numerosas investidas e excessos sangrentos. Presos políticos ficavam detidos em dois campos, subordinados à Justiça ou à polícia comum. O SD de Hamburgo estava praticamente paralisado em razão de um desentendimento com o *Gauleiter* Karl Kaufmann.[45]

Himmler, no entanto, tinha boas relações pessoais com Kaufmann; os dois se conheciam desde 1927 e eram íntimos. Em 1933, Himmler viajou diversas vezes para Hamburgo, não só para fortalecer sua relação com Kaufmann, mas provavelmente também para estabelecer novos contatos. Apoiou, desde o início, a nomeação de Carl Vincent Krogmann para primeiro prefeito de Hamburgo,[46] e, no verão de 1933, ofereceu um alto posto na SS a Hans Nieland, ativo desde 1933, primeiro como superintendente interino da polícia e depois como senador da cidade.[47] Após a transferência de Nieland para o senado, Wilhelm Boltz, o chefe SA da Marinha de Hamburgo (que em meios SA era considerado elitista e se diferenciava ostensivamente do comportamento proletário dos demais "camisas marrons"), foi o próximo conhecido de Himmler a se tornar superintendente de polícia.[48]

O mais importante de tudo, no entanto, foi o fato de a direção da SS de Hamburgo, em outubro, ter nomeado Bruno Streckenbach, um integrante de suas fileiras e também alguém que gozava da plena confiança de Himmler, como chefe da Polícia Política.[49] O *Gauleiter* Kaufmann foi promovido a SS-Oberführer,[50] e seu subordinado mais próximo, o secretário de Estado Georg Friedrich Ahrens, foi admitido na SS como Standartenführer e nomeado chefe no Serviço de Segurança, o SD.[51] Streckenbach também pôde ingressar no SD.[52] Com isso, estava criada em Hamburgo uma malha de tal modo fechada entre a SS e o partido que a direção do partido podia acreditar que a transferência formal da Polícia Política para Himmler em 24 de novembro de 1933 não implicava perder a autoridade nesse importante departamento. Pelo contrário, acreditava-se que, com isso, agora estaria assegurada, pela maior autoridade da SS, a participação de integrantes da SS de Hamburgo em tarefas da Polícia Política local.

Um dos primeiros atos oficiais de Streckenbach foi viajar a Munique a fim de estudar o modelo bávaro.[53] Em pouco tempo, ele conseguiria reproduzir em Hamburgo o modelo de um aparato de repressão homogêneo ali desenvolvido: o centro de detenção para prisioneiros políticos na prisão de Fuhlsbüttel, onde um

comando da SS impusera um regime de horror marcado por atrocidades sádicas, foi subordinado à Polícia Política. As últimas responsabilidades das autoridades do sistema carcerário foram revogadas no verão de 1934.[54]

Por meio da ativação e da ampliação de seus contatos pessoais, da adulação de poderosos do partido mediante a distribuição de patentes na SS e da escolha específica de integrantes para cargos-chave, Himmler havia atingido os seus objetivos. Usara inclusive o comportamento indisciplinado de certos integrantes, ou de unidades inteiras (como, por exemplo, o SD de Hamburgo ou o batalhão da SS estabelecido em Fuhlsbüttel), a favor de seus propósitos, enquanto deixava a impressão de que, por meio de sua intervenção pessoal e da escolha das pessoas certas, pudera garantir condições “limpas”.

Durante esses meses decisivos, Himmler viajava constantemente. Queria se inteirar pessoalmente da situação nas principais cidades dos diversos estados. Poucas semanas após o seu êxito em Hamburgo, ainda em dezembro de 1933, foi nomeado chefe da Polícia Política em Lübeck e em Mecklenburg. Embora os pormenores não sejam conhecidos, a nomeação do governador do Reich para dois estados, Friedrich Hildebrandt, o general de brigada SS em novembro de 1933, e o fato de Ludwig Oldach ter assumido a direção da Polícia Política de Mecklenburg pouco depois de ter ingressado na SS, em novembro, sugere que o procedimento de Himmler nesses dois estados do norte da Alemanha foi semelhante ao adotado em Hamburgo.[55]

Em Württemberg,[56] Himmler havia convencido o governador do Reich Wilhelm Murr de que uma parte da polícia SS auxiliar deveria ser mantida como “prontidão política”, ou seja, uma corporação armada estabelecida em quartéis, sendo que, para Murr, a confirmação da inclusão dessa tropa no orçamento do Reich representava um papel crucial.[57] Com isso, Himmler já dispunha de uma robusta base de poder em Württemberg. Ali trabalhava o seu bom amigo Walter Stahlecker, que, em maio de 1933, tornara-se suplente de chefe da Polícia Política, mas que fora transferido em novembro, em razão de constante atrito com seu superior, Hermann Mattheiss, que tendia fortemente para a SA. Em 9 de novembro, Himmler foi nomeado comandante da Polícia Política de Württemberg. Decisivo para isso aparentemente foi a sua boa relação com o governador do Reich Murr e o desejo deste de racionalizar o oneroso aparato da Polícia Política.[58] O que provavelmente também contribuiu foi o fato de que,

desde o outono daquele ano, o enérgico Werner Best dirigia o Oberabschnitt Sudoeste do SD de sua base em Stuttgart.[59] Mas Himmler só conseguiu se impor completamente em Württemberg em maio de 1934, quando Stahlecker substituiu seu antigo chefe Mattheiss na direção da Polícia Política. Mattheiss seria vítima do chamado Röhm-Putsch em 30 de junho de 1934; Stahlecker faria carreira dentro da polícia secreta e em 1941 lideraria a Einsatzgruppe A no Báltico. Em 9 de setembro de 1934, Murr obteve a posição de SS-Gruppenführer.[60]

Em 18 de dezembro de 1933, Himmler assumiu a Polícia Política em Baden.[61] Esse passo não só foi apoiado por Hess em nome de Hitler, como também foi enfaticamente defendido pelo *Gauleiter* de Baden, Robert Wagner, e pelo ministro do Interior, Pflaumer, membro da SS. Parece que esperavam com isso um fortalecimento da Polícia Política de Baden contra as tentativas unificadoras do Reich.[62]

Em Bremen, onde em maio de 1933 Himmler fizera os primeiros contatos com as pessoas importantes do partido, ocorreu um sério conflito entre o superintendente da polícia Theodor Laue e a SA, famosa por seu comportamento agressivo. Durante essas brigas, o chefe da SA, Röhm, decidiu excluir Laue, antigo membro da SA, das fileiras dos camisas-marrons. A partir daí, Laue começou a se aproximar de Himmler, que, de qualquer maneira, já contava com o chefe da Gestapo de Bremen, Erwin Schulz, como importante aliado. Schulz já integrara a Polícia Política de Bremen antes de 1933 e, à época, servira como informante da SS. Estando, assim, mais ou menos preparado o terreno em Bremen, Himmler conseguiu, após breves negociações com o governador Carl Röver e o prefeito Richard Markert, ser nomeado, em 22 de dezembro, comandante da Polícia Política também ali.[63] Em 5 de janeiro, foi-lhe transferido o comando da Polícia Política do estado vizinho, Oldenburg, pelo qual Röver também respondia como governador do Reich.[64] De modo semelhante e sem atritos também lhe foi passado o controle da Polícia Política de Anhalt,[65] Hesse,[66] Turíngia[67] e Saxônia,[68] no final de 1933 e início de 1934.

No caso de Braunschweig percebe-se novamente que Himmler ganhava a confiança dos chefes de departamentos importantes por meio da distribuição de postos na SS. Sua nomeação a chefe da Polícia Política local pelo primeiro-ministro Dietrich Klagges, em 27 de janeiro, recebeu ostensivo apoio do governador Wilhelm Loeper. Já em dezembro, Loeper expressara a Himmler o

desejo de obter um posto na SS que fosse equivalente à posição que ocupava no momento. Sua nomeação a SS-Gruppenführer se deu em fevereiro de 1934.[69] Klagges tornou-se SS-Gruppenführer no mesmo dia da nomeação de Himmler.[70] O sucesso em Braunschweig mostrou-se ainda mais importante quando, no verão de 1933, houve um sério conflito entre Klagges e o SD. Na época, Himmler conseguiu resolver o caso mediante um "recuo tático",[71] evitando assim mais tensões no relacionamento com os poderosos do partido de Braunschweig. Em abril, a direção da Polícia Política de Braunschweig foi confiada a Friedrich Jeckeln, o comandante do ss-gruppe Noroeste e chefe do Departamento de Polícia do Estado, que gozava da confiança tanto de Klagges quanto de Himmler.[72]

Só houve algum retardamento no caso dos dois microestados de Lippe e Schaumburg-Lippe, onde Himmler enfrentou a resistência dos respectivos governos e do governador do Reich responsável, Alfred Meyer, conseguindo assumir o controle da Polícia Política apenas em junho de 1934.[73]

O fato de Himmler — senhor de um aparato de terror que funcionava de maneira eficaz na Baviera e chefe da SS, que operava em todo o Reich — se posicionar de forma bem-sucedida como polo oposto em relação à SA provavelmente foi crucial para que os chefes dos estados cogitassem subordinar as respectivas polícias políticas a ele: os conflitos com a SA ocupavam cada vez mais o espaço do combate aos adversários políticos. Aparentemente, confiava-se que o Reichsführer-SS fizesse a oposição necessária à SA e que coordenasse a Polícia Política. Especialmente com essa finalidade, Himmler instalara um "escritório central" em Munique no início de 1934.[74] Decisivo, além disso, foi o fato de Himmler não questionar a posição dos poderosos locais. Pelo contrário: ele lhes prometia lealdade incondicional.[75] E de fato, ao menos nos primeiros anos, em uma série de casos, os chefes nazistas regionais mantiveram a autoridade sobre a "sua" polícia do estado, como é possível comprovar nos casos de Baden, Braunschweig, Hamburgo, Saxônia e Hessen.[76] Himmler não era onipotente nem como chefe da Polícia Política da Baviera: ele não conseguiu impedir que Schneidhuber, o superintendente da polícia de Munique — e alto chefe da SA —, impusesse que a responsabilidade pela apuração de delitos políticos fosse retirada da Polícia Política bávara, retornando para a superintendência da polícia.[77]

Se nessa fase Himmler já planejara subordinar toda a polícia alemã ao seu comando e assumir completamente o aparato de terror do Terceiro Reich, conseguiu ocultar bem a intenção. No entanto, não há nenhum indício crível de que ele já perseguisse esse objetivo à época.[78] O que é bem possível, em vez disso, é que suas ambições de segurança política não passassem da integração das polícias políticas dos estados alemães e de sua fusão com a SS.

## A luta pelo controle da Gestapo prussiana

A estratégia de Himmler de, passo a passo, assumir formalmente o comando das polícias políticas dos estados teria permanecido sem consequências em termos de *poderio político* na ocasião, não tivesse ele conseguido assumir o controle da Polícia Política também no maior estado da Alemanha: a Prússia. Pois somente quando unificou sob o seu comando *todas* as polícias políticas, ele pôde também sincronizá-las, ou seja, não somente continuando a acumular títulos de comandante, mas juntando as polícias políticas em um único aparato e dirigindo-o de forma centralizada.

Na Prússia à época havia uma disputa especialmente violenta pelo poder, quase incompreensível em razão de suas complicadas ramificações, entre diferentes agrupamentos que reivindicavam cada um para si o controle do novo aparato de repressão a ser instalado. Era na Prússia, isso estava claro a todos, que se decidiria quem futuramente exerceria o comando sobre a polícia política em todo o Reich. Não podemos aqui entrar em todos os detalhes dessa disputa; no nosso contexto interessam muito mais aqueles aspectos que forneceram a Himmler um ponto de partida para alavancar sua nomeação a inspetor da Gestapo prussiana.

A figura central dessa disputa pelo poder era Hermann Göring, comissário no Ministério do Interior da Prússia e desde abril de 1933 também o seu primeiro-ministro. Göring não confiava no instrumento clássico de administração da polícia prussiana — o departamento de polícia do Ministério do Interior da Prússia —, de sorte que instalou paralelamente o chefe do *SS-Gruppe* Leste, Ernst Daluege (que desde 1930 vinha desempenhando um papel fundamental dentro do partido na repressão da inquieta SA do leste da Alemanha), como “comissário especial”. Apesar de formalmente só lhe atribuir encargos pouco significativos, Göring o escolhera de fato para ser o homem forte do aparato

policial prussiano.[79] Sua autoridade no território do estado permitia a Daluege agir com relativa independência em relação à direção da SS de Munique. Embora ocupasse um alto posto na hierarquia da SS, Daluege não era, como se poderia supor de início, o cavalo de Troia de Himmler em Berlim, mas em primeiro lugar o homem de Göring. Consequentemente, em maio de 1933, este o nomeou chefe do departamento de polícia no seu ministério e em setembro o empossou como comandante da polícia da Prússia.[80]

Mas Göring criou ainda outro instrumento, especialmente para combater os inimigos políticos. Separou a Polícia Política, que até ali estivera subordinada à polícia criminal, do aparato policial geral e vinculou-a diretamente à sua pessoa, sob a tutela de um novo Departamento Central de Polícia Secreta do Estado, o Gestapa (*Geheimes Staatspolizeiamt*). A direção dessa nova repartição central de polícia estadual ficou a cargo de Rudolf Diels, que desde 1931 era responsável pelo combate ao comunismo no departamento de polícia no Ministério do Interior — aliás, essa continuidade em termos de pessoal era algo comum na nova polícia especial que, de início, recrutava principalmente funcionários do aparato policial e de Justiça de Weimar. Quando se tratava de assuntos da Polícia Política, o Gestapa tinha direito de dar ordem aos até ali departamentos políticos da polícia criminal nas regiões administrativas do governo prussiano (que agora passavam a se chamar *Stapostellen*, centrais da polícia do estado). Com isso, estava estabelecida a base para a ampliação da polícia secreta do estado: a Gestapo.

Na prática, no entanto, verificar-se-ia que, a exemplo do que ocorria nos outros estados, na Prússia, os principais funcionários nazistas da província, que nesse entretempo haviam sido nomeados governadores de províncias prussianas, chefes de administrações regionais) ou chefes de polícia), exerciam considerável influência sobre o aparato regional da polícia. Eles se opuseram com relativo êxito à total centralização desejada por Göring.[81] Assim, Himmler orientou seus esforços primeiramente para as províncias. Na tentativa de se infiltrar na Polícia Política da Prússia, ele, como fizera em outros estados, acomodou uma série de seus homens no aparato da própria Gestapo ou subordinou os principais integrantes à sua pessoa mediante a distribuição de nomeações a chefes SS.[82]

Ao mesmo tempo que essas conexões cruzadas, no entanto, foi principalmente a polícia auxiliar, instalada por Göring em 22 de fevereiro de

1933,[83] que abriu muitas portas para Himmler. Em poucas semanas, os 25 mil homens da SA que haviam sido nomeados policiais auxiliares mostraram representar um problema (ao lado de 15 mil homens da SS e 10 mil integrantes Stahlehlm, eles formavam a maior parcela da polícia auxiliar).[84] Por meio de ações violentas e arbitrárias, ameaçavam prejudicar a autoridade do partido e do Estado. Em face dessa situação, Göring e Diels eram da opinião de que a SS seria o instrumento adequado para colocar em xeque seu antigo rival, a SA, algo que fazia de modo recorrente desde 1930, quando ocorriam conflitos internos no partido. Ao menos ela parecia ser o mal menor. O ministro do Interior da Prússia decretou que, a partir de 21 de abril de 1933, os serviços auxiliares de polícia para a Polícia Política futuramente seriam realizados exclusivamente por integrantes da SS; os policiais auxiliares da SA deveriam desempenhar somente atividades regulares de polícia.[85] Com isso, o ministério deixou claro que, quando se tratasse da perseguição de adversários políticos, passaria a existir certa fusão entre Polícia Política e SS, enquanto a SA se limitaria a executar tarefas de apoio, como auxílio quando da colocação de barreiras, na realização de grandes eventos etc.

Em junho houve mais um indício para essa tendência: Röhm, o chefe da SA, tornou-se comissário da polícia auxiliar da Prússia, mas Himmler tornou-se comissário da polícia auxiliar política.[86] Imediatamente, Diels informou o chefe do departamento de polícia, Daluege, que os funcionários executivos da Gestapo futuramente deveriam ser recrutados exclusivamente das fileiras da SS, e, de fato, Diels e Daluege nos meses seguintes cuidaram para que não se considerassem os pré-requisitos formais e se empregassem unicamente integrantes da SS.[87] Göring autorizou esse procedimento posteriormente.[88] Como comissário da polícia auxiliar SS alocada à Gestapo, Himmler possuía, além disso, um oficial de ligação próprio dentro do Gestapa, o Untersturmführer Walter Sohst,[89] e pôde, assim, infiltrar, juntamente com Heydrich, uma série de outros homens de sua confiança na central da Gestapo.[90]

Em 2 de agosto de 1933, na sequência do anúncio de Hitler do fim da "revolução nazista" —, Göring novamente dissolveu a polícia auxiliar. Em 1º de outubro, Diels reuniu os policiais da SS auxiliar dispensados e criou o SS-Kommando Gestapo, sob as ordens do Brigadeführer Max Henze. O SS-Kommando Gestapo assumiu o mal-afamado centro de detenção Columbia-

Haus, instalando-se ali, apartado da central da Gestapo no Prinz-Albrecht-Palais. Com isso, Himmler tinha nas mãos, dentro da Gestapo, uma tropa que atuava com ampla independência e que ainda dispunha de um campo de concentração próprio que, embora estivesse oficialmente sob custódia do estado, na prática estava totalmente entregue à arbitrariedade da SS.[91] Ainda no mesmo dia Himmler dispensou Daluege do posto de Obergruppenführer-SS Leste e lhe destinou um Estado-maior especial, o que buscava desautorizá-lo dentro da SS.[92] Daluege, que nessa ocasião ocupava um cargo de chefia dentro do sistema policial de Göring, perdeu, com isso, uma possibilidade de controlar os integrantes da SS ativos em Berlim.

Outra tropa independente, que atuava como "polícia auxiliar" contra inimigos políticos, era o assim chamado SS-Sonderkommando Berlim, criado a partir de integrantes da unidade que Sepp Dietrich instalara em março de 1933 para a proteção pessoal de Hitler e que seria transformada na Leibstandarte em setembro de 1933.[93] Embora Dietrich sempre declarasse que sua posição era completamente independente em relação ao Comando central da SS, sua tropa consolidou a base de poder de Himmler na capital do Reich.

Não tardou, no entanto, para que ficasse claro que as atividades do SD em Berlim não eram de grande ajuda. Apesar de Heydrich ter transferido a central do SD de Munique para Berlim após a tomada do poder, ele não conseguia atuar com eficiência em virtude, principalmente, de suas novas atribuições na Baviera; além disso, o serviço de inteligência do partido, que em 30 de janeiro de 1933 tinha de trinta a quarenta funcionários em todo o território do Reich, ainda estava em fase de estruturação. Mas o SD entrou numa crise grave no verão de 1933 principalmente por ser acusado por membros da chefia do partido, depois dos já alegados conflitos sérios com a direção do partido em Hamburgo e em Braunschweig, de interferir em seus assuntos internos. Por isso, na mesma época, Heydrich achou melhor transferir a central do SD de volta para Munique e promoveu sua reorganização.[94]

Himmler fortaleceu a posição de Heydrich, que até então era apenas chefe do Estado-maior do SD, nomeando-o chefe do serviço, como já mencionado.[95] Além disso, com a cooperação de Hess, deu cobertura a ele nos meses seguintes: no outono, Himmler concordou que o SD só teria a autorização de intervir em assuntos do partido mediante a aprovação de Hess.[96] Este, em contrapartida, por

meio de decreto em 13 de novembro, promulgou que Hitler — contrariando todos os boatos em contrário — havia claramente ordenado a preservação do SD.[97] Quatro dias antes, em 9 de novembro de 1933, Himmler elevara o SD à posição de departamento e nomeara Heydrich SS-Brigadeführer.[98]

Heydrich criou uma organização com três departamentos operacionais dentro da central do SD: Interior, Exterior e Maçonaria,[99] que até o início de 1934 estava representada em todas as sete divisões superiores regionais do SD.[100] Em 9 de junho de 1934, o representante do Führer proclamou o SD como único serviço de inteligência do NSDAP.[101]

O SD estava, portanto, por demais ocupado com os próprios assuntos para que pudesse ser útil a Himmler em relação à Prússia. Também resultaram em fracasso os esforços de Himmler de passar a guarda dos prisioneiros para as mãos da SS, depois de o Ministério do Interior prussiano ter dissolvido os campos "selvagens" da SA no outono de 1933. Inúmeros abusos, assassinatos e violações contra a população nos arredores dos campos levaram o ministério a substituir a guarda da SS pela Schutzpolizei nos grandes campos de concentração dos pântanos de Emsland. Paradoxalmente, essa derrota de Himmler acabou atuando em favor de suas ambições na Prússia: com a substituição das tropas de guarda, o Ministério do Interior da Prússia demonstrou que seu conceito inicial de subordinar as guardas SS dos campos de concentração à supervisão do Estado não era viável. A lição que se podia tirar desse episódio era a de que não se podia fazer uso do efeito intimidador do terror da SS nos campos de prisioneiros e ao mesmo tempo exercer um controle estatal eficaz. O modelo bávaro de Himmler, que reunia a Polícia Política e os campos de concentração, submetendo-os ao controle da SS, era, portanto, uma alternativa.[102]

Himmler pôde, também, tirar proveito do rompimento temporário entre Göring e Diels no outono de 1933: Göring tomou medidas contra Diels, aparentemente por insistência de Daluege, que o considerava um traidor. Diels fugiu para a então Tchecoslováquia. Mas Göring percebeu relativamente rápido que ainda precisaria de Diels para combater a SA — sobretudo porque o sucessor deste, Paul Hinkler, provou ser totalmente inadequado para o cargo[103] — e o trouxe de volta de seu exílio. Entretanto, depois de reassumir suas funções em Berlim, Diels buscou maior cooperação com o SD de Himmler. Ainda antes

de seu retorno, aliás, Himmler concedera a Diels o posto de SS-Standartenführer.[104]

A disputa pelo poder entre Göring e o ministro do Reich Wilhelm Frick acabaria contribuindo de maneira decisiva para o sucesso de Himmler na Prússia.[105] Enquanto Göring reorganizava a polícia na Prússia e Himmler até certo ponto conseguia infiltrar o departamento independente e ainda em construção da Polícia Política no maior estado da Alemanha, Frick esforçava-se sobremaneira para instalar um comando policial central que abrangesse todo o Reich, incluindo a Polícia Política, e que unificasse o aparato policial. O que ficou em aberto nesse plano era a questão de quais competências policiais permaneceriam sob o controle dos estados. Era justamente sobre essa questão que negociavam Göring e Frick na primavera e no verão de 1933.

Mas a planejada unificação dos ministérios do Interior do Reich e da Prússia abriu uma nova chance a Frick de exercer o controle sobre a Gestapo.[106] Göring tentou impedir que isso acontecesse por meio da chamada Segunda Lei da Gestapo, de novembro de 1933, que a retirava do controle do Ministério do Interior da Prússia, interinamente subordinado a ele, e a submetia ao seu comando como primeiro-ministro da Prússia.[107] Diels, que agora detinha o título de inspetor da Gestapo, tornou-se chefe de um órgão do governo que (com a lei de abril de 1933) não só fora separado do aparato policial em geral, como também não se encontrava sob qualquer controle ministerial. Em março de 1934, Göring também separou totalmente as centrais regionais da polícia do estado do aparato policial em geral.[108] Essa ampla independência da Polícia Política do maior estado da Alemanha e a impossibilidade de ela ser controlada devem ter estimulado o ambicioso Himmler a criar ali o seu futuro centro de poder. O caminho para atingir esse objetivo passava por Göring.

Já no final de 1933, Himmler começara a se distanciar gradualmente de Röhm, seu superior nominal, e a se voltar para Göring. No início de 1934, empenhou-se em juntar de toda parte material que pudesse incriminar Diels: com Ludwig Grauert, secretário de estado no Ministério do Interior da Prússia, com o colaborador de Diels, Hans Gisevius, mas também dentro do aparato policial com os nazistas de peso que estivessem interessados (Daluege e Arthur Nebe, conselheiro do governo no Gestapa), além do SD-Oberabschnitt leste, de Berlim, que foi reativado sob a direção de Herman Behrend, homem de confiança de

Heydrich.[109] Se poucas semanas antes Himmler ainda apoiava Diels contra Göring, agora ele investia na eliminação do chefe do Gestapa.

Em abril, Frick e Göring finalmente chegaram a um acordo: além de seu posto de ministro do Interior do Reich, Frick assumiria também o Ministério do Interior da Prússia e com isso disporia do maior de todos os aparatos policiais do Reich (que continuava sendo dirigido por Daluege). Seu próximo plano era subordinar à sua pessoa também as polícias no território do Reich restante, com o que ameaçava se colocar irritantemente no caminho de Himmler.

Desde o início de 1934, Frick e Göring, juntos, tentavam, além disso, reduzir o tempo de custódia preventiva não só na Prússia como também nos demais estados.[110] Entre outras coisas, aproveitaram um encontro com os governadores em março para tratar do assunto.[111] Em razão disso, o governador Von Epp e o ministro da Justiça Frank aumentaram a pressão na Baviera no sentido de reduzir a prisão preventiva, mas depararam-se com a resistência do ministro do Interior Wagner, que defendia a independência de Himmler.[112] Em abril, Frick e Göring concordaram em estabelecer regras de prisão preventiva comuns.[113] De acordo com a portaria baixada por Frick, a respectiva “autoridade máxima do estado” (ou seja, o Gestapa prussiano ou a Polícia Política bávara) seria responsável pela prisão preventiva. Portanto, ninguém poderia ser preso em caráter preventivo na Prússia sem a aprovação de Göring.

Depois de acordarem essa medida definitiva de segurança, ambos acreditavam poder, agora, deixar a Polícia Política de todo o Reich, inclusive a da Prússia, nas mãos de Himmler. Este não deveria, de forma alguma, fundir as polícias políticas dos estados em uma única organização, mas simplesmente unificar a direção em sua pessoa — assim, parecia que tinham reduzido a posição de Himmler a um tamanho aceitável. Naturalmente, esse pensamento era amplamente formalista; não demoraria muito até Himmler transformar a unificação do pessoal em uma posição central, com poder real. A exigência de Göring de que, como primeiro-ministro da Prússia, Himmler lhe apresentasse toda a papelada que fosse recebida ou expedida não podia também — apesar da garantia prévia de Himmler de que o faria — representar um instrumento efetivo de controle. Era ingênuo acreditar que seria possível transferir a Himmler um departamento e um aparato correspondente e então conseguir supervisioná-lo de fora.[114]

O sucesso de Himmler na Prússia, que lhe abria caminho para controlar a Polícia Política em todo o Reich, devia-se, portanto, em parte, à sua tática de infiltração e comprometimento de pessoas-chave na SS, em parte, ao seu talento diplomático e à sua correta avaliação dos interesses e fraquezas de seus oponentes, em parte, à sua capacidade de se subordinar a Göring e, por fim, ao fato de ele não ter demonstrado possuir nenhuma grande ambição no território da polícia. Confiava-se aparentemente que Himmler asseguraria o necessário grau de coordenação entre as diferentes polícias, mas não que usaria essa função para obter uma ampliação irrestrita de poder.

De modo geral, Himmler soube usar habilmente as brigas alheias pelo poder em seu benefício. Os perigos reais ou imaginários que partiam da SA foram decisivos para que os dois poderosos, Frick e Göring, encerrassem a disputa entre eles e arrumassem um lugar, segundo o entender deles, adequado para Himmler. Também contribuiu o fato de que os líderes políticos nazistas prefeririam ver a Polícia Política do Reich nas mãos de Himmler a ver nas de Frick, uma vez que este certamente a integraria em um aparato policial único centralizado na forma de uma polícia secreta do Reich.

Em 20 de abril de 1934, Himmler foi nomeado inspetor da Gestapo. A direção do Departamento Central de Polícia Secreta, o Gestapa, ficaria a cargo de Heydrich, na qualidade de chefe do Estado-maior de Himmler; oficialmente, no entanto, Göring continuava exercendo a chefia da Gestapo.[115]

Enquanto Himmler atuava como chefe da Polícia Política dos estados, surgia mais um desafio que não podia ser subestimado: o rápido crescimento da SS depois da tomada de poder. Nas semanas que se seguiram ao dia 30 de janeiro de 1933, a SS foi inundada por uma multidão de novos membros. O número de integrantes já havia subido para 100 mil no início de 1933, e, após o encerramento temporário de inscrições entre abril e novembro desse ano, dobrou até a primavera de 1934. Mais tarde, Himmler referiu-se a essa expansão como “a maior crise” pela qual passou a SS, e a correção do crescimento desordenado decorrente levaria três ou quatro anos.[116] De acordo com dados fornecidos por ele, até 1935, 60 mil membros foram novamente afastados da organização.[117]

O número de membros patrocinadores também aumentou drasticamente em 1933: de 13.217 saltou para 167.272. No ano seguinte, chegou a 342.492,

voltando a diminuir, principalmente por conta do decreto que proibiu as assembleias de junho de 1934 e a convocação de membros cotistas. Embora desde 1934 a SS fosse financiada principalmente por subvenções do partido (na realidade, era dinheiro dos impostos), os *F.M.-Gelder* (recursos de membros cotistas) eram significativos: de 204 mil Reichsmark em 1932, o valor aumentou para 4,285 milhões em 1933 e para 6,972 milhões Reichsmark em 1934.[118]

Em maio de 1933, Himmler transferiu seu Estado-maior de Munique para Berlim. Durante esses meses, o número de Standarten dobrou de cinquenta para cem; no inverno de 1933-1934, Himmler instituiu Oberabschnitte em substituição ao sistema de divisão das guarnições SS até então em grupos. O fato de Himmler, já em fevereiro de 1934, determinar o retorno da sua equipe para Munique[119] deixa supor o quanto sua carreira era irregular naquela época. De volta a Munique, Himmler decretou uma reestruturação na direção nacional da SS, que, futuramente, seria dividida em três departamentos: Gestão Geral, Segurança (SD) e Raça e Colonização, além do seu Estado-maior.[120]

Também em fevereiro de 1934, Himmler nomeou Oswald Pohl, nascido em 1892, ex-tesoureiro da Marinha, o novo chefe administrativo da SS. Himmler estava à procura de um administrador experiente e de confiança: os dois predecessores de Pohl, Weickert e Schneider, foram destituídos por fraude e expulsos da SS. Já que a SS (como parte da SA) desde 1933 recebia apoio financeiro de fundos públicos e tinha de prestar contas sobre a utilização desses recursos, Himmler necessitava de um especialista que conhecesse os trâmites do serviço público.[121]

Em maio de 1933, em Kiel, Himmler falara pela primeira vez com Pohl a respeito de sua transferência para a direção da SS. Dois dias depois desse encontro, Pohl escreveu a Himmler expondo as suas razões para uma mudança profissional. Era fato que gostava da Marinha, dizia Pohl, mas contava não encontrar “na minha atividade profissional a satisfação espiritual e a válvula de escape para minha necessidade de criação e dedicação ao trabalho. Eu quero e gosto de trabalhar até desmoronar”.[122] Himmler gostou do homem; em 12 de fevereiro de 1934, depois de um longo período de transição que tinha a ver com as formalidades para a liberação da Marinha, nomeou-o — retroativamente a 1º de fevereiro — chefe do departamento IV (administração).[123]

Quando, em abril de 1934, Himmler assumiu o Gestapa prussiano, mudou-se

juntamente com Heydrich de volta para Berlim. A direção da SS o seguiu e todos se alojaram no Prinz-Albrecht-Palais, edifício que se tornaria sinônimo da polícia secreta do Estado Nazista (NS).[124] Os alicerces do sistema de terror estavam assentados.

## O dia 30 de junho de 1934 e suas consequências

Himmler soube aproveitar a complicada situação da política interna dos anos de 1933-1934, carregada de tensões, para ascender ao topo das polícias políticas; seus serviços para desatar, mediante uma "solução" violenta, os nós desse conflito em 30 de junho de 1934 estabeleceram as condições para que o Reichsführer-SS conquistasse uma posição de poder central no Estado nazista, que não era constantemente limitado ou questionado por outras autoridades do partido.

Os fatores que levaram aos acontecimentos do dia 30 de junho de 1934 são complexos e refletem a intrincada constelação de poder na política interna. Podemos resumi-los assim: o país foi tomado por um sentimento de insatisfação. Um ano após a troca do poder, a crise econômica de modo algum fora superada e não mais de um terço dos 6 milhões de desempregados conseguira um emprego. Os resultados das eleições realizadas pela primeira vez dentro das empresas para escolher as comissões internas de empregados, denominadas Comitês de Confiança, eram tão desfavoráveis aos nazistas que jamais foram divulgados. A recém-promulgada lei do Erbhofrecht14 causava grande decepção no campo, uma vez que dificultava o acesso a créditos bancários. Além disso, a nova regulamentação do mercado no contexto dos Reichsnährstands (institutos de política agrária), com seus preços de venda prefixados e suas medidas compulsórias, era considerada injusta. A futura política eclesiástica do regime preocupava católicos e protestantes, e o comportamento de "marajá" dos funcionários do partido dava margem a um crescente descontentamento. Do entusiasmo inicial que arrebatara parte da população em 1933 já não restava muita coisa.[125]

Diante dessa situação de tensão, a SA representava mais um foco perigoso de inquietação.[126] Em meados de 1934, o Exército do Partido Nazista dispunha de cerca de 4,5 milhões de membros, aproximadamente nove vezes o número de integrantes em 1933. Esse enorme crescimento não se deu somente em razão da

onda de novos ingressos após a tomada do poder, mas também, e sobretudo, em virtude da incorporação de organizações militares de direita, como a Stahlhelm, por exemplo.

Com a retaguarda desse potente poderio armado, todavia totalmente heterogêneo, de estrutura relativamente instável e pouco disciplinado, a direção da SA, sob o comando de Röhm, tentava receber o seu quinhão do estado nazista: apesar de tudo, a SA conseguira instalar comissários dentro do aparato administrativo do Estado, iniciara o armamento de partes da organização e impusera a inclusão de departamentos seus no orçamento do Estado. Em 1º de dezembro, Röhm foi nomeado ministro do Reich. Apesar desses êxitos, continuava-se não sabendo como o império da SA que se delineava deveria ser integrado no novo Estado nazista. Esse direito não satisfeito ao poder por parte da SA era novamente usado de modo ameaçador por sua direção, que reclamava uma "segunda revolução". O comportamento agressivo de vários integrantes da SA, os inúmeros ataques e atos violentos que agora, depois de derrotados os inimigos políticos, voltavam-se principalmente contra a população em geral, em 1933-1934, ocasionaram um escândalo público que escancarou o potencial agressivo da SA.

Röhm, no entanto, questionava sobretudo o papel de autoridade do Exército imperial (Reichswehr) na defesa do país. Enquanto no início existia um acordo entre o Exército e a SA, de que a SA se ocuparia principalmente do treinamento preparatório e do reforço da guarda militar da fronteira, a direção da SA logo começou a forjar planos para criar uma milícia armada que — tivessem os planos vingado — teria reduzido a Reichswehr a uma mera organização de treinamento no seio de um Exército popular SA.

Em 28 de fevereiro de 1934, Hitler emitiu uma declaração diante dos líderes da SA e das Forças Armadas, em que rejeitava as ambições militares abrangentes de Röhm. Ele ordenou que Röhm fizesse um acordo com o Exército e que limitasse a SA a funções de apoio militar. Röhm concordou, mas imediatamente após o evento deu a entender ao seu grupo de comando que de maneira nenhuma se daria por satisfeito com esse arranjo. Essa manifestação de Röhm chegou aos ouvidos de Hess.[127]

Nos círculos conservadores, na primavera de 1934, difundia-se a esperança de que os conflitos em torno da SA poderiam ser usados para recuperar terreno em

relação aos nazistas da coalizão de governo e, quem sabe, até fosse possível restaurar a monarquia depois que Hindenburg, já com 86 anos de idade, morresse. Essas correntes oposicionistas apostavam primeiramente no vice-chanceler Von Papen.

No início de 1934, os oponentes da SA — partido, Gestapa, Reichswehr — gradativamente começaram a se organizar. Conforme suas próprias declarações, Diels, o chefe do Gestapa da Prússia, recebera ordens de Hitler de reunir material contra a SA. No começo de fevereiro, a direção da Reichswehr emitiu a mesma ordem.[128] Depois que Himmler e Heydrich assumiram o Gestapa em abril, a procura por material incriminador também se intensificou.[129] Também em abril, a Reichswehr lançou uma campanha de propaganda em que declarava que o Exército era o "único grupo armado da nação" — uma clara afronta à SA.[130]

Em maio, os serviços militares foram novamente orientados a notificar eventuais transgressões da SA ao acordo de fevereiro.[131] Ainda no mesmo mês, iniciou-se uma cooperação informal entre a Gestapo e o departamento de defesa dentro do Ministério da Reichswehr; trocando informações sobre a SA.[132] Werner Best, que, em março de 1934, fora nomeado chefe de organização do SD, dedicava-se paralelamente à reorganização e à expansão da central do SD (à época, ainda com sede em Munique), a obter informações sobre a SA.[133] Röhm, que tinha conhecimento dessas atividades, determinou inversamente, em maio de 1934, que se reunisse material para o tema "animosidade contra a SA".[134]

No início de junho, esboçava-se uma nova situação: Hindenburg, que adoecera gravemente, retirou-se para a sua propriedade na Prússia Oriental. O pilar mais importante dos conservadores estava mais ou menos fora de ação. Já em 11 de maio, o NSDAP havia organizado uma grande campanha de propaganda contra "pessimistas e resmungões", que, em junho, foi bastante intensificada. O alvo era claro: o partido estava de olho nos críticos do setor burguês conservador. Mas no início de junho também tivera lugar uma longa conversa entre Hitler e Röhm, que este deve ter avaliado como sinal de relaxamento. Ele se retirou para um tratamento de saúde e deu "férias" para a SA durante o mês de julho.[135]

O fato de a situação ter-se agravado em meados de junho não se deveu a Röhm, e sim a um empurrão do vice-chanceler Von Papen. Em 17 de junho, Papen proferiu um notório discurso na universidade de Marburg criticando

fortemente o regime de terror e tirania instaurado pelos nazistas. Quando o Ministério de Propaganda impediu a divulgação do discurso, Von Papen ameaçou Hitler de apresentar sua demissão ao presidente do Reich. Assim, o empurrão se transformou em crise governamental: com a renúncia de Von Papen, a continuidade da coalizão dos nazistas com os conservadores seria colocada em xeque, e Hindenburg, nesse caso, possivelmente teria mais uma vez reunido forças e ordenado a destituição de Hitler como chanceler do Reich. Mas o regime ainda não estava suficientemente estabelecido para sair ileso de um passo desses.

Hitler resolveu a crise atacando inicialmente não os conservadores, mas a SA. Calculava que, com o afastamento da direção da SA, o imbróglio dos problemas políticos internos poderia ser resolvido de uma vez: a massa dos membros da SA perderia seu porta-voz, a ameaça de uma "segunda revolução" estaria eliminada, a questão da situação da defesa estaria resolvida, a maior parte da população receberia com alívio a eliminação desse fator de distúrbio — e o pacto entre o nazismo e as elites conservadoras sairia fortalecido. Contanto que se tratasse do impedimento de um suposto golpe de Estado, provavelmente o lado conservador aceitaria o afastamento ou até mesmo a eliminação de alguns críticos conservadores do regime.

Assim, em fins de junho, fechou-se o cerco contra a direção da SA.

Já no início do mês haviam sido feitos arranjos concretos para o desligamento da chefia da SA. Na época, Eicke, o comandante de Dachau, conduziu simulações envolvendo o uso de tropas da SS na região de Munique. No final do mês de junho, os Oberabschnittsführer do SD e da SS se reuniram na capital do estado da Baviera, onde Himmler e Heydrich lhes revelaram que estava para ocorrer uma revolta da SA; "contramedidas" foram tomadas.[136] É possível comprovar que também a Reichswehr fazia preparativos de acordo com esse cenário.[137]

Em 30 de junho, Röhm e outros líderes do alto escalão da SA foram presos em Bad Wiessee, na Baviera, onde Röhm passava férias. Também ocorreram prisões na Silésia, em Berlim e em outras localidades. Entre 150 e duzentas pessoas foram executadas: além de inúmeros chefes da SA, políticos conservadores como o antigo chanceler do Reich, Von Schleicher; os funcionários do vice-chanceler Von Papen, Herbert von Bose e Edgar Jung; o

antigo chefe do departamento de polícia do Ministério do Interior da Prússia e um dos principais representantes da Ação Católica, Erich Klausener. Aproveitou-se a oportunidade também para o ajuste de antigas contas. Caíram em mãos do comando de execução: Gustav Ritter von Kahr, que, enquanto comissário do Estado, impedira o putsch de Hitler em 1923; o agente publicitário católico Fritz Gerlich, um implacável crítico dos nazistas; e Gregor Strasser, a quem não se perdoavam os seus contatos especiais com Von Schleicher em 1932. Em ao menos um caso — o do crítico musical de Munique, Eduard Schmid — tratava-se pura e simplesmente de um engano.

Himmler, que como Reichsführer-SS continuava subordinado a Röhm, havia conseguido colocar-se do lado certo em tempo hábil nesse conflito entre partido, Exército do partido, Exército e elite conservadora, sem se expor de forma nenhuma. Embora sua participação na execução da "ação" não fosse insignificante, ele não figurava como incitador contra Röhm e seus seguidores.

Ernst Röhm e Gregor Strasser foram ambos assassinados por membros da SS. Os dois haviam sido fundamentais para a carreira política de Himmler, que mantinha um bom relacionamento pessoal com eles. Se fosse necessária mais uma prova da absoluta lealdade de Himmler a Hitler, esta foi dada pelo Reichsführer-SS na data de 30 de junho de 1934.[138]

A desativação da SA representava um imenso aumento de poder para Himmler. A sua SS, assim expressou Ulrich Herbert, "destacou-se como novo centro de poder dentro do regime e como verdadeira vencedora da Operação Röhm".[139] Esse foi o principal resultado da súbita alteração que ocorreu no equilíbrio geral de poder dentro do regime: o enorme ganho político de Himmler após 30 de junho era totalmente desproporcional ao seu papel de absoluta subordinação na luta pelo poder que antecedeu essa erupção. Seu novo papel ficou claro sobretudo por conta das seguintes mudanças:

Em 15 de julho, entrou em vigor o regulamento do representante do Führer, que já fora estabelecido em junho, e pelo qual o SD era declarado o único serviço de inteligência do movimento nazista. Em 20 de julho, Hitler ordenou enfaticamente que "tendo em vista o grande merecimento", "no contexto dos acontecimentos de 30 de junho", por motivos organizacionais, a SS seria separada da SA, tornando-se independente.[140]

A partir de junho de 1934, a Leibstandarte e as Politischen Bereitschaften (tropas armadas de ação política) passaram a compor a chamada SS-Verfügungstruppe, ou SS armada. Eicke, que em 4 de julho foi nomeado inspetor dos campos de concentração e chefe das unidades de guarda, ficou encarregado da supervisão de todos os campos de concentração do Reich e começou a formar, a partir das unidades de guarda, uma segunda tropa SS, a Totenkopfverbände. Já no início de maio, havia sido instalada uma repartição central para o comandante da Polícia Política dos estados no Gestapa da Prússia, um passo importante para a unificação da Polícia Política sob o comando de Himmler. Chegara a hora de transformá-la em um instrumento poderoso.[141]

No entanto, a posição de Himmler ainda não estava livre de controvérsias. Frick continuava defendendo a opinião de que os novos instrumentos de repressão criados pelo "Terceiro Reich" e entregues a Himmler — a Gestapo independente, os campos de concentração diretamente subordinados a ela após 30 de junho, assim como as prisões preventivas — eram meras manifestações passageiras que, depois de uma normalização geral da situação, deveriam voltar à subordinação estrita da administração do Estado.[142]

Não era hora, no entanto, de investir contra o conglomerado de poder de que Himmler começava a dispor; afinal, fazia pouco tempo que a SA fora desprovida de seus chefes e, assim, Göring rapidamente colocou um ponto final nesses planos. Quando Frick, em 2 de julho, instruiu os governos dos estados a não cooperar mais com "pessoas não oficiais", ou seja, com integrantes do SD, Göring logo refutou essa ideia no tocante à Gestapo, referindo-se explicitamente aos eventos de 30 de junho.[143] Himmler se mostrou mais cuidadoso e cooperativo: por iniciativa própria, baixou um decreto no sentido de que os trabalhos do SD em prol da Gestapo se limitassem à transmissão de informações, ficando o SD proibido de exercer funções executivas.[144]

Göring, por sua vez, passou ao ataque contra Frick. Em ofício de 6 de julho de 1934 à chefia das centrais de polícia do Estado, aos governadores de província e chefes de administrações regionais, acentuou que a Gestapo representava, de modo duradouro, "uma parte independente da administração interna", à qual ele, "para a subsistência do novo Estado", atribuía grande importância. Embora os chefes das centrais da Gestapo devessem trabalhar em estreita cooperação com os chefes de administrações, só deveriam obedecer às

ordens destes caso não houvesse outras instruções do Gestapa ou do próprio Göring.[145] Frick, na posição de ministro do Interior do Reich, exigiu, em resposta, que todos os governos dos estados, das províncias e os chefes de administrações regionais da Prússia enviassem a ele, mensalmente, relatórios acerca da situação política, já que, com a instituição de uma "polícia política especial", de forma alguma estavam desobrigados de sua responsabilidade política. Göring assentiu.[146] Alguns dias depois, Frick também voltou atrás. Justificou a concordância posterior com a regulamentação de Göring de 6 de julho com o argumento de que este lhe dissera se tratar de uma solução provisória.[147]

Assim, a Gestapo da Prússia afirmara-se como autoridade independente, enquanto que aos chefes de administrações continuava sendo permitido o envio de relatórios dando conta da situação política ao Ministério do Interior, de modo que, conforme o caso, pudesse ser criado um contrapeso às análises da Gestapo. Somente em 1936, após a sua nomeação para chefe da polícia alemã, Himmler conseguiria eliminar essa via de mão dupla.

## O fracassado putsch de Viena

O dia 30 de junho de 1934 também marcaria o início de uma delicada derrota da SS: o fracassado putsch nazista na Áustria, em julho de 1934, em que a SS desempenhou um papel decisivo.[148]

Desde a primavera de 1933, havia tensão entre o regime autoritário-clerical do chanceler austríaco Dollfuss e a Alemanha nazista. Em maio, o Reich instituiu a "Barreira de Mil Marcos" — uma taxa de mil Marcos para quem pleiteasse um visto para a Áustria. No mês seguinte, Dollfuss declarou o NSDAP austríaco ilegal. A resposta foi uma onda de atos terroristas dos nazistas austríacos, apoiados pela Alemanha.

Em junho de 1934, um grupo nazista austríaco preparou um golpe. Entre os organizadores estavam o "inspetor regional" do NSDAP da Áustria, Theodor Habicht e o chefe da SA local, Hermann Reschny.[149] Planejava-se prender os membros do governo de Dollfuss durante uma conferência, substituindo-os por um novo gabinete sob o comando de Anton Rintelen, membro do Partido Nazista. Como o governo Dollfuss dissolvera o parlamento em 1933 e, no ano seguinte, aprovara arbitrariamente uma nova constituição, os golpistas

esperavam que o governo de todo modo já não fosse considerado legítimo, e que boa parte da polícia (em grande medida infiltrada por nazistas) e do Exército trocaria de lado. O novo gabinete consumaria, então, a anexação ao Reich.

Os nazistas austríacos certamente não agiam por conta própria. Em 22 de julho, pediram a aprovação de Hitler para o plano, como registrou o ministro da Propaganda, Goebbels, presente nessa reunião: "Questão austríaca. Será que vai dar certo? Estou muito cético."[150] O sucesso do plano dependia em grande medida do poder de uma divisão da SS de Viena, a SS-Standarte 89. Este "regimento militar" era originalmente uma formação da SA, composta por soldados e policiais ativos ou demitidos em razão de atividades NS, que ignorou a direção da SA na primavera de 1934 e resolvera subordinar-se a Himmler fazendo, então, subir muito sangue rancoroso dentro da SA austríaca.[151] Isso agora seria vingado.

Em 25 de julho, o comando da Standarte 89 ocupou a Chancelaria Federal Austríaca, na Ballhausplatz, em plena seção do gabinete. Avisados sobre a intenção de golpe, a maioria dos membros do governo conseguiu deixar o prédio com antecedência. Mesmo assim, uma tropa sob o comando do antigo primeiro-sargento Otto Planetta conseguiu render o chanceler Dollfuss; em meio à confusão e em condições jamais esclarecidas, Dollfuss foi gravemente ferido por dois tiros, morrendo três horas depois sem receber a ajuda médica ou a assistência espiritual solicitada por ele.[152] As circunstâncias do assassinato de Dollfuss contribuíram sobremaneira para consolidar a imagem internacional da SS como uma tropa inescrupulosa e praticante de atos desumanos: membros da SS, de forma brutal e em condições degradantes, haviam causado a morte agonizante do chefe de governo de um país soberano. Assim, Dollfuss, o controverso político de extrema direita se transformou em mártir assassinado pela SS.[153]

No mesmo dia, descobriu-se ainda que os órgãos de segurança não apoiavam a pretendida troca de regime. A polícia, o Exército e a defesa interna paramilitar sitiaram a chancelaria e à noite os golpistas acabaram se rendendo sob a condição de garantia de salvo-conduto até a Alemanha. Mas em razão do assassinato de Dollfuss, o governo austríaco desconsiderou o trato. Sete golpistas foram condenados à morte e executados, entre eles Planetta.[154]

Um grande número de nazistas do interior da Áustria, especificamente na

Caríntia e na Estíria, interpretou os acontecimentos em Viena como sinal para um levante geral. Em diversos lugares ocorreram lutas entre SA, SS, outras milícias nazistas e a polícia, o Exército e os órgãos de defesa interna — dispostos como Schutzkorps (corpo de segurança). Até o final do mês, o poder do Estado conseguiu se sair vitorioso em todos os lugares. A análise detalhada dos acontecimentos mostra que o putsch falhou porque os nazistas não atuaram de forma unida e sob uma direção unificada.[155] Hitler se distanciou do caso e mandou dissolver a direção austríaca do NSDAP.

O fracassado golpe de Estado resultou em anos de intrigas e acusações recíprocas.[156] A desconfiança entre SS e SA, que se transformara em inimizade devido aos acontecimentos de 30 de junho de 1934, contribuíra para o fracasso do empreendimento. Embora a direção da SA austríaca tivesse prometido apoiar os putschistas, a SA de Viena não veio em auxílio dos camaradas malquistos da SS. Por outro lado, os golpistas não faziam questão desse apoio durante os preparativos para o golpe, pois isso tiraria o mérito deles como únicos responsáveis pela ação.[157] Chegou a ser aberto processo contra Reschny, chefe da SA austríaca, no tribunal superior de justiça do partido por traição ao plano do putsch, mas acabou sendo suspenso por ordem de Himmler, que temia a incriminação de outros chefes do alto-comando do partido.[158]

Somente quatro anos mais tarde, em abril de 1938, imediatamente após a "anexação", Himmler iniciaria uma investigação abrangente dos acontecimentos daquela época. A "comissão histórica do Reichsführer-SS", formada sob a supervisão de Heydrich, para a "elevação dos nazistas austríacos em julho de 1934" acabou constatando que a direção da SA austríaca vira a transferência dos regimentos pela SS na primavera de 1934 como "traição para com a SA".[159] "A tensão entre uma parcela do comando da SA e a SS, que em 30 de junho de 1934 ficou evidente no Reich, também se tornou perceptível na Áustria. Isso também explica a postura que a direção da SA assumiria mais tarde em relação aos planos do golpe."[160] Sabiamente, o relatório não examinou, nem levou em conta na conclusão, até que ponto a SA realmente teria sido culpada do rápido colapso da tentativa de golpe. Em vez disso, o malogro do golpe foi atribuído a um conjunto de fatores, como traição, erros técnicos e panes. As circunstâncias em torno do assassinato de Dollfuss também não puderam ser esclarecidas. Ou não se quis que o fossem.

13 *Reichsleiter* (dirigente do Reich) era um dos cargos políticos mais importantes da hierarquia do partido NSDAP, subordinado diretamente a Hitler ou ao seu suplente. (N. das T.)
14 De acordo com a Erbhofrecht, algo como “lei de herança de propriedades rurais”, de 29 de setembro de 1933, todas as fazendas com até 125 hectares eram consideradas fazendas hereditárias, não podendo ser vendidas, divididas, hipotecadas ou executadas por dívidas, passando a um filho ou parente masculino mais próximo com a morte do proprietário. Somente um cidadão alemão com pureza racial comprovada desde o século XIX poderia possuir uma fazenda, sendo chamado de Bauer. (N. das T.)

## De inspetor da Gestapo prussiana a chefe da polícia alemã

Somente no outono de 1935 Himmler conseguiria assegurar para si o comando de toda a polícia alemã. Essa segunda ampliação considerável do poder de Himmler foi favorecida pela situação relativamente instável em que o regime nazista se encontrava naquele momento.

Em primeiro lugar, havia a situação internacional. Em razão do fracassado golpe na Áustria, a Alemanha nazista atraiu a inimizade de Mussolini, e a proclamação da conscrição militar em maio de 1935, aliada à invasão da Renânia, a oeste da Alemanha, em março do ano seguinte — ambas violações óbvias do Tratado de Versalhes —, deveriam ter deixado a Alemanha de sobreaviso quanto a uma intervenção por parte das outras potências. Mas o Terceiro Reich ainda não estava preparado militarmente para esse tipo de conflito. Somavam-se também inseguranças políticas internas. Justamente durante o ano de 1935, o regime enfrentava sérios conflitos com as forças nacionais conservadoras e a Igreja, além da oposição comunista, que também continuava ativa. Dessa forma, na alta direção nazista havia a preocupação de que os fantásticos planos para a política externa poderiam ser torpedeados por um colapso do "front interno". O "complexo de 1918", o medo de uma "punhalada pelas costas",15 estava profundamente enraizado.[1]

Diante dessa situação e depois de muito vaivém, Himmler finalmente conseguiria se impor com sua política de instaurar um sistema de terror uniforme e permanente, ao desabrigo das leis e aplicável a todo o território do Reich. Para isso, atuou simultaneamente em várias frentes: começou com a ampliação das corporações SS armadas; em seguida, assumiu o controle total sobre o sistema de campos de concentração e o unificou; depois, fortaleceu e unificou a Gestapo e desenvolveu um conceito ampliado para o combate de inimigos políticos; por último, estendeu esse conceito a uma "prevenção geral" que abrangia toda a sociedade e, com isso, conseguiu que Hitler o nomeasse chefe da polícia alemã.

Com o constante crescimento da SS e a permanente ampliação de suas atribuições, era preciso implantar mudanças organizacionais. Em 14 de dezembro, Himmler expediu uma ordem quanto à reestruturação de toda a SS: futuramente seria feita uma diferenciação entre a SS-Verfügungstruppe (composta pelas Politischen Bereitschaften, inclusive a Leibstandarte), os SS-Wachverbände (as guardas dos campos de concentração) e a Allgemeine SS [SS

Geral], à qual pertenciam todos os demais integrantes da SS.[2]

## SS armada

A utilização de corporações SS armadas para promover o afastamento da direção da SA em 30 de junho de 1934 era do interesse da direção do Exército imperial e, portanto, obteve sua aprovação. Os militares consentiam em que se ampliasse de modo limitado essas unidades, contanto que o monopólio da Reichswehr como "única organização armada da nação" não estivesse em questão. Assim, em 24 de setembro de 1934, o Ministério da Reichswehr, referindo-se a uma decisão de Hitler, baixou uma portaria quanto ao funcionamento das SS-Verfügungstruppen. Nela se autorizava a instalação de unidades armadas — três regimentos e um departamento de inteligência (no início, no entanto, deveria ser formado um único regimento, a Leibstandarte). Unidades adicionais, com o propósito de formar uma divisão completa, foram anunciadas, mas, o que é muito significativo, estavam sujeitas à permissão do Ministério Reichswehr.

O decreto mostra de modo claro a intenção da Wehrmacht de manter limitadas as ambições da SS no âmbito militar. Fundamentalmente, a SS deveria ser uma instituição não armada; a instalação de unidades SS armadas seria uma exceção e serviria unicamente para desempenhar "funções especiais de *política interna* que podem ser exigidas à SS pelo Führer". A tropa ficaria sob o comando do Reichsführer-SS; em caso de guerra, ficaria à disposição da Wehrmacht.[3] Enquanto isso, a Wehrmacht se esforçava para limitar o treinamento das unidades da SS e a sua mobilização de tal forma que, no caso de uma futura guerra, ela desempenhasse um papel militar de subordinação.[4]

Entretanto, das três academias militares planejadas, duas estavam previstas como academias de oficiais, com 250 vagas cada: o número de jovens oficiais que aqui se formavam em cursos de oito meses de duração ultrapassava em muito a necessidade projetada em termos de Verfügungstruppe conforme definido pela portaria de 24 de setembro.[5] Se, além disso, considerarmos o pedido de Himmler à Wehrmacht de incluir no serviço, de preferência, integrantes da SS que não tivessem servido anteriormente, e sua declaração de futuramente só aceitar na SS candidatos que serviram no Exército, fica evidente que, no longo prazo, Himmler planejava preparar a SS Geral para ser uma tropa de Reserva de um Exército SS muito maior.[6] Entre os meios militares surgiu

imediatamente a preocupação de que o monopólio das armas do Exército imperial estaria para ser quebrado. O Reichsführer-SS tentou dissipar essa preocupação em uma conversa pessoal mantida com o ministro do Exército, Werner von Blomberg, e o chefe da central das tropas deste, Ludwig Beck, ainda em outubro de 1934.[7] Segundo Himmler, a SS não perseguia objetivos político-militares como a SA e não se transformaria em uma "organização militar paralela às Forças Armadas". O treinamento militar e a organização da SS serviriam unicamente para acentuar o seu caráter de elite. Os documentos preservados do comando do Exército evidenciam que essa explicação foi recebida com ceticismo.[8]

As diretrizes de Beck de 18 de dezembro de 1934, quanto à colaboração entre o Exército e a SS, também mostram que, dentro do possível, o alto-comando da Reichswehr tentava assumir o controle das corporações SS; embora a constituição de mais duas unidades SS tivesse sido permitida (Pioniere e Aufklärung). Uma artilharia própria para a SS, pleiteada por Himmler, fora recusada. A instituição de uma divisão completa deveria, portanto, ser adiada o máximo possível. Inicialmente, a estratégia de negociação até funcionou.[9] Em 2 de fevereiro de 1935, Hitler decidiu que somente em caso de guerra a Verfügungstruppe seria ampliada e armada como uma divisão completa.[10]

Para a central da SS, as novas definições de objetivos e a reorganização representavam um aumento considerável de trabalho. Assim, em janeiro de 1935, Himmler elevou os três departamentos (SA, SD, Raça e Colonização), criados ainda no ano anterior, a departamentos centrais. O "Estado-maior do Reichsführer-SS" foi mantido em paralelo, como seu instrumento pessoal de comando.[11] Além disso, alguns meses após essa nova regulamentação, em 1º de junho de 1935, Himmler nomeou Oswald Pohl, então chefe do setor administrativo do Departamento Central do SD, "chefe administrativo da SS". Pohl, dessa forma, assumiu adicionalmente a supervisão dos setores administrativos do Departamento Central do SD e do Departamento Central de Raça e Colonização. Anos mais tarde, Pohl desenvolveria dessas responsabilidades uma posição real de poder.[12]

A atenção de Himmler nessa época se concentrava na luta pelo poder que estava sendo travada em torno do sistema de campos de concentração e da polícia alemã.

## Centralização e unificação do sistema de campos de concentração

Em maio de 1934, imediatamente após sua nomeação a inspetor do Gestapa, Himmler confiara a Eicke, comandante do campo de Dachau, a reorganização dos campos de concentração estatais da Prússia. Ainda antes do fim do mês, Eicke assumiu o campo de Lichtenburg, na província prussiana da Saxônia, e começou a reorganizá-lo de acordo com o modelo de Dachau. Em 20 de junho, foi empossado oficialmente como inspetor dos campos de concentração. Formalmente, era subordinado ao departamento da SS, mas, na prática, trabalhava diretamente para Himmler.[13]

No início de julho de 1934, Eicke — que desempenhara papel importante nos assassinatos de 30 de junho — ordenou que fosse desativado o campo de Oranienburg, em Berlim, que se encontrava sob a proteção da SA; diversos pequenos campos de concentração também foram fechados.[14] Em seguida, reorganizou o campo de Esterwegen, que Himmler havia subordinado "imediatamente" a si próprio, conforme o modelo de Dachau, e trocou a guarda da SA por uma guarda SS.[15] Agiu da mesma maneira no campo de Sachsenburg, no estado livre da Saxônia, que assumira em agosto.[16] Em dezembro de 1934, foi-lhe passado o comando da Columbia-Haus, em Berlim, a "prisão doméstica" do Gestapa protegida por um comando da SS; em abril de 1936, assumiu o comando do pequeno campo de Sulza, na Turíngia.[17]

Durante o ano de 1935, Himmler foi extraordinariamente bem-sucedido em repelir todas as investidas do Ministério do Interior e da Justiça contra as práticas brutais das prisões preventivas nos campos, como se pode ver em mais detalhes na seção a seguir. Em 20 de junho, no contexto dessas discussões, convenceu Hitler a transformar as tropas de guarda dos campos de concentração em uma organização militar e a financiar os campos e as tropas com recursos do orçamento do Reich.[18] Com isso, em meados de 1935, concluía-se a primeira reorganização dos campos de concentração. Ao mesmo tempo, o número de presos — 3 mil no total — tinha atingido o seu nível mais baixo.

## O autoconfiante chefe da Gestapo

Em 11 de outubro de 1934, Himmler discursou diante dos funcionários da Getapo e aproveitou a ocasião para lembrar a todos que, naquele mesmo local,

imediatamente após o dia 30 de junho, ele havia se reunido com uma parte dos integrantes da organização; para ele, aquele tinha sido “o dia mais difícil que pode ocorrer na vida de um soldado”. Porque “ser obrigado a atirar nos próprios camaradas, com os quais por vezes se conviveu durante oito ou dez anos lutando por um mesmo ideal, e que depois falharam, é a coisa mais amarga que pode — e deve — ocorrer na vida de um homem”. Mas acrescentou que o dia 30 de junho também fora uma provação importante para a Gestapo.

Na continuação de seu pronunciamento, Himmler adotou uma postura de chefe severo, mas protetor. Seus subordinados não deveriam expressar os desejos por meio de cartas anônimas: “Minha porta está sempre aberta, seja para tratar de questões em geral que gostariam de discutir a respeito de si mesmos ou de colegas, seja para algum pedido pessoal em caso de dificuldades por algum acidente seja outra razão. [...] Eu gosto de franqueza e, na medida do possível, ajudarei nem que seja dando algum conselho.” Isso certamente também valia para questões materiais: ele envidaria todos os esforços para negociar, junto às instâncias responsáveis, a autorização dos pagamentos extras já confirmados.

Himmler aproveitou o discurso para satirizar os procedimentos burocráticos que ele, a partir de exemplos, tornava risíveis. Em vez disso, dever-se-ia trabalhar com “rapidez de soldado”. Uma de suas exigências era que todos os papéis fossem assinados pelo próprio encarregado.

Finalmente, o Reichsführer-SS projetou a imagem de uma polícia secreta humanitária, uma espécie de prestadora de serviços em questões de segurança interna: “O povo deve ter a convicção de que os funcionários públicos mais corretos e que trabalham da forma mais exata dentro do novo Estado são os da temida Gestapo. O povo deve entender que, se foi efetuada uma prisão, isso ocorreu por motivo justo, deve ter a certeza de que, em todas as outras questões que não envolvam a segurança do Estado, os integrantes da polícia secreta são seres humanos bondosos, com um coração misericordioso e de absoluta retidão.” E advertiu seus colaboradores a receber os visitantes de modo “educado e cortês”. Ninguém deveria ser “aviltado”. Os membros da Gestapo deveriam ser vistos como “ajudantes”, não como “ditadores”.

Diante de seus colaboradores, Himmler elaborava a ideia de um ambiente de trabalho legitimamente energético: os meses seguintes deveriam ser aproveitados para fortalecer a camaradagem e para conseguir “uma compatibilidade voluntária

e alegre com o trabalho". A carga horária seria reduzida em uma hora. Mas, sempre que necessário, também se deveria trabalhar a mais. No entanto, ele estaria disposto, em casos especiais, como "no Natal ou em outras ocasiões", a conceder um dia livre. Encerrou o discurso com a saudação de um triplo "*Sieg Heil!*"[19]



*Em 20 de abril de 1934, Göring nomeia Himmler como* inspetor *do departamento central da polícia secreta prussiana da (Gestapa). Porém Göring se mantém oficialmente encarregado da Polícia Secreta do Estado (Gestapo) no maior estado alemão, enquanto Himmler deveria — sobretudo em consequência dos acontecimentos de 30 de junho de 1934 — ter sucesso rapidamente para esquivar-se deste controle.*

Nos primeiros meses após o dia 30 de junho e ainda na posição de chefe adjunto da Gestapo, a principal intenção de Himmler era obter o maior espaço de manobra possível em relação ao chefe, Göring. Se Himmler — em retrospecto — em discurso na presença de Göring, em 1936, avaliou o trabalho do Gestapa dos anos de 1933 até o início de 1935 como "insuficiente", deixou evidentes as diferenças entre os objetivos dos dois.[20] Enquanto Himmler exercia pressão para que se removessem todos os entraves burocráticos e restrições legais à atuação mais eficaz da Gestapo, Göring, depois de 30 de junho de 1934, empenhava-se por encontrar meios de conseguir continuar exercendo algum controle sobre o trabalho de Himmler.

Ainda em junho de 1934, Paul Körner, secretário de Estado de Göring, solicitara a Himmler a apresentação mensal de uma lista dos casos em que fora decretada prisão preventiva com duração de mais de sete dias. Himmler foi

negligente no trato da solicitação. No verão de 1934, em conexão com a anistia de Hitler de 7 de agosto, Göring até recebeu uma lista dos prisioneiros do Gestapa, mas o envio regular de relatórios parece que nunca ocorreu.[21]

Em outubro, Göring voltou a pressionar: decretou novas medidas no tocante à polícia secreta do Estado, detalhando minuciosamente quais os direitos que ele reservava a si mesmo como chefe da polícia secreta: a edição de "diretrizes gerais", a "supervisão da realização do serviço da organização", os assuntos que diziam respeito aos funcionários do alto escalão, a preparação do orçamento e, não menos importante, a "supervisão disciplinar e de serviço do inspetor". Especialmente significativo foi o fato de Göring ter determinado expressamente que todos esses direitos de supervisão deveriam ser exercidos pelo Ministério do Estado prussiano, ou seja, pelo primeiro-ministro, com o que o Gestapa ficaria sujeito a uma efetiva vigilância burocrática.[22] Além disso, os campos de concentração ficaram subordinados a Himmler em sua posição como chefe do Gestapa e não, como Himmler o desejara em agosto, na posição de Reichsführer-SS, pois com isso Göring teria perdido todo o poder do Estado sobre os campos.

Contudo, os esforços de Göring para conseguir controlar Himmler na sua nova função não tardaram a se mostrar impraticáveis: não era possível, como constatou o funcionário responsável no Ministério do Estado, "subordinar a Gestapo à dependência do Comitê de Supervisão, conforme havia sido estabelecido por lei". Todas as tentativas burocráticas de exercer a autoridade sobre os campos de concentração travavam no Gestapa, que não enviava resposta às solicitações e que em relação às consultas de orçamento só referia uma quantia total, sem especificar concretamente as destinações dos recursos. No meio-tempo, o código disciplinar e penal aplicado em Esterwegen havia chegado ao conhecimento do Ministério do Estado e Göring, desse modo, estava a par do regime arbitrário de terror que imperava no campo de concentração. As autoridades do Estado encararam o problema de, se em vista do fracasso em exercer um controle de fato, elas deveriam continuar reivindicando o direito de supervisionar o império de Himmler, quando isso significaria, como o mesmo oficial disse, que "o Primeiro-Ministro, assim como o representante do Ministério do Estado, dividiria a responsabilidade pelas medidas da Polícia Secreta do Estado."[23]

Foi assim que Göring, somente poucas semanas depois de ter baixado as suas

instruções, mudou o curso: em 20 de novembro de 1934, declarou que as suas funções de chefe do Gestapa passariam a ser exercidas por Himmler. Nas questões em que a responsabilidade continuaria sendo dele mesmo, as correspondências teriam o cabeçalho “Polícia secreta do Estado da Prússia. Chefe adjunto e inspetor”. O fato de Göring ter escrito a Himmler, no mesmo dia, que ele se reservava o direito de “orientá-lo em assuntos de maior importância ou em casos particulares”[24] não alterava um outro fato: o vencedor dessa queda de braço fora Himmler.

**Gestapo e SD**

Como já foi mencionado, depois de Himmler e Heydrich assumirem o controle do Gestapa, em abril de 1934, a Central do SD foi novamente transferida para Berlim.[25] Em janeiro de 1935, a exemplo do que ocorrera com os departamentos SS e Raça e Colonização, também o SD foi alçado à condição de departamento central e separado em três divisões: Administração e Organização (até 1935 sob a direção de Werner Best, que depois se transferiu para o Gestapa), Interior (sob o comando de Hermann Behrends) e Exterior (dirigido por Heinz Jost).[26]

Nos anos 1933-1934, Himmler considerara o SD basicamente um instrumento para garantir a sua nomeação para chefe das polícias políticas nos estados por meio de espionagem dentro do partido e mediante o estabelecimento de contatos pessoais. Agora, o serviço de segurança estava se transformando, ao lado da Gestapo, em uma organização de polícia secreta complementar. Até o final do ano de 1934, o número de funcionários fixos subiu para 850, entre os quais havia diversos acadêmicos e intelectuais.[27] A divisão interior já não se restringia a vigiar somente os inimigos reais e imaginários do nazismo, passando a exercer uma vigilância sistemática que abrangia toda a sociedade. A divisão exterior se dedicou à construção de uma organização de espionagem internacional independente. Nos primeiros anos, a divisão internacional, ainda relativamente pequena, tinha uma atividade bastante insignificante; a prioridade do trabalho era usar as minorias alemãs sudetas para desenvolver atividades na antiga Tchecoslováquia.[28] Se lembrarmos, no entanto, que, em janeiro de 1934, Göring havia concordado com a proposta do Ministério do Exterior de proibir a Gestapo de exercer qualquer atividade de inteligência no exterior, podemos ver as atividades correspondentes de Himmler e Heydrich como tentativas de se

esquivar, também por meio do SD, dessa proibição, que aliás nunca pôde ser imposta de fato.[29]

Himmler e Heydrich procuravam criar uma estreita ligação entre a Gestapo e o SD. Com esse intuito, Heydrich exigiu que todos os funcionários das polícias políticas, que também eram membros da SS, ingressassem no SD. Aliás, o mesmo era esperado desde 1936-1937 dos funcionários da polícia criminal (Kripo). Mas os integrantes do SD formaram uma rede de comunicação própria dentro da Gestapo, fazendo com que, no final dos anos 1930, existisse de fato um complexo fortemente integrado de polícia de segurança e SD.[30]

Imediatamente após a degola da SA, em 4 de julho de 1934, Himmler baixara diretrizes quanto à cooperação entre a Polícia Política e o SD. Segundo Himmler, o SD, que acabara de ser declarado o único serviço de inteligência do partido por Hess, "participa da execução das tarefas da segurança do Estado e constitui um complemento importante aos órgãos do governo responsáveis por essas tarefas". Como princípio "para a separação clara das áreas de trabalho", Himmler ordenou que os departamentos de polícia do Estado combatessem "os inimigos do Estado nazista", enquanto o SD determina quem são "os inimigos das ideias nazistas e mobiliza os funcionários da polícia do Estado para combatê-los e se defender deles". Assim, o SD "está proibido de exercer qualquer função executiva".[31]

Nas "instruções gerais de serviço" da Polícia Política e do SD datadas do ano de 1935 e dos primeiros meses de 1936, Himmler ainda reforçava esses conceitos básicos, exigindo uma estreita colaboração entre as duas organizações. Mesmo que o SD não tivesse poder executivo, continuava sendo um "órgão de apoio da polícia" e deveria ser informado sobre as decisões internas e ter acesso aos arquivos; ele poderia requerer ordens de revista à Gestapo, enquanto a Gestapo, em contrapartida, poderia ordenar a realização de serviços de inteligência.[32]

Ao mesmo tempo, foram impostos limites às espionagens do SD dentro do partido. No final de 1935, Heydrich decretou que daquele momento em diante estariam proibidas, em todos os setores do SD, "as atividades de investigação e vigilância em questões que dizem respeito ao partido", porque diversos postos do SD, "sobretudo em estados e distritos pequenos do Reich", teriam "se envolvido demais" em assuntos locais, e por isso já não possuiriam o discernimento necessário para "processar objetivamente os relatórios sobre

irregularidades, supostas ou reais, ocorridas nas divisões do partido".[33] O recado para o SD, que inicialmente se posicionara como o serviço de inteligência do partido, era claro: ele deveria se concentrar basicamente em suas novas áreas de atuação.

## Gestapo e Reichswehr

Apesar de existirem desentendimentos com a Reichswehr em relação às corporações da SS armadas, Himmler e Heydrich conseguiram o apoio do comando do Exército no que dizia respeito à ampliação da Gestapo em 1935 e 1936. Na época de sua fundação, o Gestapa também assumira as competências da contraespionagem civil, que até então estavam a cargo da Polícia Política. O fato de a Gestapo passar a desenvolver atividades mais intensas nesse campo de início ocasionou conflitos e disputas com o serviço de inteligência militar, a Abwehr. No final de 1934, as relações entre a Gestapo e a direção da Reichswehr não poderiam estar piores. Himmler, Göring e Heydrich levaram a sério boatos de que o general Werner Von Fritsch planejava um golpe. Para neutralizar as tensões, Hitler emitiu uma declaração de lealdade ao Exército, em 3 de janeiro de 1935; em 13 de janeiro, como medida de resgate da confiança, o próprio Himmler falou a altos oficiais acerca das tarefas da SS.[34]

No início de 1935, as tensões afrouxaram, sobretudo pelo fato de ter sido apontado um novo chefe para a Abwehr. Tratava-se do almirante Wilhelm Canaris, amigo pessoal de Heydrich e que, ao contrário de seu antecessor, Conrad Patzig, um oponente da SS, via com bons olhos uma cooperação com o Gestapa.[35] Já em 17 de janeiro de 1935, Heydrich e Canaris assinaram um acordo de delimitação entre a Abwehr (inteligência militar) e "inteligência policial" civil. Nos assim chamados dez mandamentos ficou estabelecido que a Gestapo seria responsável principalmente pela contraespionagem das empresas de armamento, pela segurança das fronteiras e pelo policiamento de estrangeiros; em consequência disso, a Gestapo instituiu uma polícia de fronteira própria. Heydrich, de acordo com a nova divisão de tarefas, reorganizou, além disso, a divisão III do Gestapa, responsável pela contraespionagem. Na primavera de 1935, ele separou o setor responsável pela espionagem internacional da divisão e o subordinou, sob um nome de conotação mais inofensiva, ao departamento encarregado do combate aos inimigos internos; desse modo, ele conseguiu evitar

que houvesse brigas de competência com a Abwehr e, para todos os efeitos, a ordem de Göring determinando que a Gestapo não se envolveria em espionagem estava sendo obedecida. No início de 1936, Heydrich passou a direção da divisão III ao seu novo chefe de organização, Werner Best, que se entendia bem com Canaris.[36]

Além disso, o acordo de Heydrich e Canaris também estabelecia as tarefas que caberiam ao SD em termos de defesa. A ele competia agora explicitamente a "colaboração em termos de inteligência" sem atribuição executiva em se tratando da segurança de empresas de armamento e do serviço de inteligência de fronteira, ou seja, do recrutamento de informantes. Com isso, pela primeira vez, o SD recebia o reconhecimento de uma importante repartição do Estado.[37]

Enquanto o SD tirava proveito dessa cooperação no longo prazo, a Gestapo podia se beneficiar imediatamente da colaboração com a Reichswehr: ainda em janeiro de 1935, o ministro da Defesa do Reich, Blomberg, enviou a ata da reunião que estabeleceu os "dez mandamentos" de Heydrich e Canaris ao ministro das Finanças na Prússia, pedindo, com sucesso, apoio no trabalho de defesa policial da Gestapo. Além disso, requisitou ao ministro do Interior, Wilhelm Frick, que se unificassem as operações da Polícia de Defesa do Reich, a Abwehrpolizei. Em julho, detalhou suas ideias para Hitler: não se tratava só "da criação de uma organização e administração homogênea da Polícia Política no Reich e de uma entidade com a qual a Wehrmacht pudesse estabelecer acordos e trabalhar", mas sim de uma "polícia política do Reich". Himmler encontrara, assim, um aliado para seu plano de institucionalizar as competências da Polícia Política nos estados, que até então estavam subordinadas a ele de modo paralelo.[38]

Em dezembro de 1936, Canaris e Best acrescentaram mais um acordo aos dez mandamentos: entre outras questões, foi determinada a primazia da contraespionagem militar em relação à contraespionagem civil, o que representava uma concessão importante da Gestapo em relação aos militares.[39]

## Prisão preventiva e Lei do Gestapa

Mesmo após Himmler assumir o comando do Gestapa, Frick, ministro do Interior do Reich, deu continuidade aos esforços de reduzir o número de prisões preventivas que continuavam ocorrendo em grande medida arbitrariamente. Em

uma carta de 30 de janeiro de 1935, ao governo da Baviera, Frick reclamou do número de prisioneiros em caráter preventivo naquele estado e responsabilizou o ministro do Interior da Baviera, Adolf Wagner, por essa ocorrência. Frick exigia que Wagner verificasse regularmente os casos de prisão preventiva, como era comum na Prússia. Na sequência, Himmler, a quem Wagner pedira que interviesse na questão, obteve uma decisão do Führer que ele anotou à margem de uma cópia da carta-queixa de Frick em 20 de fevereiro: “Os prisioneiros ficam.”[40]

Entretanto, desde o início de 1935, avolumavam-se as queixas de civis e as investigações por conta de abusos que haviam ocorrido em diversos campos de concentração.[41] De acordo com os relatos de Hans Gisevius, na época integrante do Departamento de Polícia no Ministério do Interior, na primavera daquele ano, Frick escolheu um dos exemplos mais comoventes: o caso de um funcionário nazista que fora preso pela Gestapo por ter criticado as condições do campo de concentração de Papenburg. Segundo Gisevius, Frick exigiu que Himmler libertasse imediatamente esse homem e o advertiu de que o processaria por privação indevida de liberdade caso algo assim se repetisse. A ameaça não surtiu absolutamente nenhum efeito.

Gisevius se lembrava ainda de outro caso: o advogado da viúva do alto funcionário ministerial Klausener, assassinado em 30 de junho, fora preso pela Gestapo por ter sido obrigado a negar a versão oficial de suicídio de Klausener para que sua cliente pudesse receber o seguro de vida do falecido marido. Gisevius então preparara um relatório para Frick, que o enviou a Hitler. Himmler depois teria apresentado o caso em uma conferência dos chefes nazistas do Reich, na qual Frick acabou sendo criticado por sua conduta.

Himmler sempre descobria um novo jeito de manter as costas quentes em relação aos seus atos de tirania. Sua posição se fortaleceu também pela decisão da corte administrativa superior da Prússia de 2 de maio de 1935, que isentava as atividades da polícia secreta do Estado do controle da corte administrativa.[42] Cinco dias depois, durante uma reunião que tratava de queixas de abusos, o chefe do Gestapa apresentou a Hitler a carta que um ex-prisioneiro do campo de Dachau enviara para Eicke, na qual ele lhe agradece “pela bela temporada que passou como prisioneiro”.[43]

Frick, por sua vez, em seus esforços de reduzir a tirania nos campos de

prisioneiros, tinha o apoio de Gürtner, ministro da Justiça do Reich. Em carta de 14 de maio a Frick, Gürtner exigia que os castigos corporais que eram aplicados nos campos, se não fossem totalmente eliminados, deveriam ao menos ser "padronizados e inequivocamente" regulamentados; maus-tratos e torturas arbitrárias deveriam acabar, e os guardas brutais deveriam ser punidos.[44]

Nessa época, Himmler já havia apresentado a minuta de uma Gestapa-*Gesetz*, uma lei para o Gestapa na Prússia, que deveria colocar seus opositores diante de um fato consumado. Nela constava que o Gestapa seria elevado à categoria de ministério prussiano. No que tange às competências, era lapidar: "A definição dos tipos de responsabilidades que serão transferidas para a polícia secreta do Estado caberá ao chefe da polícia secreta do Estado."[45] No entanto, a concessão de tamanho poder a Himmler não só foi rejeitada pelo Ministério da Justiça e do Interior da Prússia, como também por todo o gabinete prussiano.

Na respectiva reunião do gabinete de 27 de junho de 1935, à qual Himmler compareceu, havia, além disso, unanimidade quanto a aproveitar a oportunidade para limitar as prisões preventivas. Os ministros decidiram que era inadmissível que os prisioneiros fossem impedidos de serem representados por advogados; e mais, a partir daquela data, a prisão preventiva não poderia ser imposta por um período de tempo determinado ou ser decretada em lugar de uma sentença de prisão. Frick comunicou aos colegas ministros que o Ministério do Interior do Reich estaria elaborando um projeto de lei que pretendia criar uma regulamentação legal clara dos possíveis recursos em relação às medidas tomadas pela polícia secreta do Estado. O que Frick queria, portanto, era se valer de uma iniciativa de abrangência nacional para minar os regulamentos de Himmler válidos para a Prússia e, assim, colocar limites para o sistema de terror deste.[46]

## Himmler se impõe

Na primavera e no verão de 1935, Himmler se defende, procurando demonstrar que seus métodos radicais eram necessários e, além do mais, eficientes. Nisso se valeu especialmente do temido argumento da "ameaça comunista".

Naquela época, a Gestapo já havia investigado detalhadamente a estrutura do ambiente comunista. Aqueles ativistas que figuravam como iniciadores das atividades de esquerda na clandestinidade costumavam ser conhecidos na região

e, graças ao recrutamento ativo de espiões, frequentemente a polícia secreta do Estado conseguia instantaneamente desmantelar o aparato comunista regional e efetuar prisões em massa. Na maioria das áreas de atuação do KPD, o Partido Comunista Alemão, entre os anos de 1934 e 1935-1936, repetia-se sempre o mesmo esquema: as estruturas comunistas eram destruídas, reconstruídas após alguns meses, novamente destruídas, e de novo construídas. Aos poucos, a reserva de combatentes foi se acabando. Na realidade, o que ainda ocorria em termos de atividades subversivas acontecia sob os olhos da Gestapo. Ela decidia quando as células de resistência seriam definitivamente descobertas e, a partir de 1935, passou a organizar ataques em grande escala nos quais os comunistas eram presos em caráter "preventivo", sem que individualmente fosse necessário provar alguma atividade de resistência.[47] Portanto, a "ameaça comunista" era um fenômeno amplamente controlado pela Gestapo, o que colocava Himmler na confortável situação de poder anunciar "triunfos" na luta contra a resistência comunista quando melhor lhe aprouvesse. Com isso, podia provar três coisas: a ameaça ainda presente do KPD, o estado de alerta da sua Polícia Política, assim como a necessidade de ampliar as competências da Gestapo para poder fazer frente a todos as ameaças que ainda pudessem surgir.

No que diz respeito ao "movimento comunista", já em 28 de março de 1935 Himmler enviara um memorando detalhado — há vários indícios de que o esboço provinha de Best — ao ministro da Justiça Gürtner, em que não só descrevia a ameaça comunista em cores funestas, como também deixava claro que o seu combate com os meios do estado de direito liberal não era eficiente.

No "estado liberal", assim discorre o autor do memorando, a polícia ficava "de mãos amarradas em virtude do direito formal". "A ideia do pensamento liberal-individualista a respeito da honorabilidade dos criminosos políticos permitiu que eles mantivessem uma atitude especialmente audaciosa frente à polícia." Isso é bem diferente no nazismo: "Todo indivíduo é um integrante do organismo do Estado. [...] Se ele se exclui da sociedade, tornando-se um criminoso, transforma-se em uma praga que afeta a todos e deve ser combatida por todos, ou seja, pelo Estado. Nessa luta, o Estado assume uma posição de defesa, justificada pelo direito de autodefesa. [...] A polícia é o braço e o olho da lei. Pelas responsabilidades atribuídas a ela, é a primeira a zelar pela segurança do Estado. Ela não pode enfrentar o criminoso, que ignora noções éticas e

morais, que se exclui da comunidade nacional por vontade própria, com critérios simpáticos. O criminoso precisa sentir que o Estado é tão implacável com ele quanto ele foi intolerante com o Estado."

Por isso, continua o memorando, seria indispensável que "no contexto da autodefesa do Estado, o criminoso fosse abordado de forma adequada já durante a investigação policial", e também seria preciso que "o Estado nazista autoritário fornecesse meios aos seus órgãos executivos que obriguem o acusado a mudar a sua postura em relação ao Estado. A alusão à integridade pessoal de um criminoso declarado culpado com base em fatos já é liberalista". Isso configurava uma inequívoca justificativa para o uso de métodos de tortura, ainda que no mesmo memorando Himmler assegure que proibiu explicitamente a Polícia Política de usar quaisquer "métodos violentos" durante os interrogatórios.

"O movimento comunista alemão", continua o memorando, "encontra-se em constante crescimento. Isso não se deve tanto à situação econômica, mas principalmente à insuficiência de meios de perseguição". Só quando o funcionário preso "puder ser obrigado, por todos os meios, a revelar os seus pontos de encontro, o seu alojamento ilegal", conseguiremos "nos infiltrar mais nas organizações comunistas" e poderemos "evitar" que o ilegal KPD "se transforme em um partido de massa".[48]

O memorando é uma prova importante da mudança na prática de operação da Gestapo: Se até então costumava reagir somente quando havia atos concretos de oposição, agora passava a um combate preventivo de todo meio comunista do KPD. Para dar ênfase ao apelo de que a ameaça comunista se escondia em toda parte, Himmler agora comandava uma onda de prisões após a outra. As ações abrangiam todo o território do Reich.

O começo se deu em Berlim, onde, em março de 1935, foram detidos os cinco líderes da direção operacional do KPD.[49] Na Saxônia, no mesmo mês, 350 membros do partido caíram na rede da Gestapo, no distrito de Halle-Merseburg foram trezentos e em Düsseldorf, 280.[50] Em maio de 1935, na região do Ruhr, onde o KPD já havia sido em grande parte desmantelado em 1934,[51] ocorreram novas prisões em massa, e também em Colônia, em junho e julho de 1935.[52] Em Hamburgo, a Gestapo começou a fazer prisões em larga escala em junho de 1935. Até o outono de 1935, havia prendido aproximadamente mil comunistas

hamburgueses.[53] A Gestapo também organizou ondas de prisões em Chemnitz, Zwickau e em outras cidades da Alemanha Central no começo do ano e no verão de 1935.[54] Em Munique, onde o KPD montava desde 1934 a sua terceira liderança ilegal para a Alta Baviera,[55] a Gestapo conseguiu se infiltrar tão profundamente no partido que, por pouco, não dirigiu o movimento clandestino segundo o seu próprio critério. No verão e no outono de 1935, assim como no verão do ano seguinte, em razão de duas grandes ondas de prisão, os grupos comunistas na capital da Baviera foram definitivamente esmagados.[56]

As prisões em massa já estavam em pleno andamento quando Himmler, em 12 de julho de 1935, ordenou a primeira grande ação meramente preventiva: a detenção de mil ex-funcionários do KPD em todo o território do Reich. De fato, um número ainda muito maior de comunistas foi preso “em custódia preventiva” ao longo dessa grande ação.[57] No verão de 1935, em represália a um tiroteio entre policiais da fronteira e supostos contrabandistas comunistas ocorrido na Saxônia, perto da fronteira com a Tchecoslováquia, Himmler ordenou ainda que prendessem “de duzentos a trezentos comunistas” da região da fronteira em campos de concentração.[58] Ao todo, durante o ano de 1935, foram presos cerca de 14 mil funcionários comunistas.[59]

As críticas às violações da Gestapo e às brutalidades cometidas nos campos de concentração, externadas principalmente pelos conservadores, não surtiram nenhum efeito; aliás, serviram para que todo o aparato da Gestapo fosse reorganizado mediante uma divisão mais clara em níveis hierárquicos que acabaram por torná-la mais disciplinada, enxuta em termos organizacionais, homogênea e mais fácil de controlar a partir da Central.[60] Werner Best, que no início de 1935 fora nomeado suplente de Heydrich e chefe do departamento administrativo no Gestapa, desempenhou um papel importante nisso.[61]

Em fevereiro de 1936, Himmler pôde finalmente consolidar sua posição no topo do Gestapa da Prússia: após quase um ano de consultorias, em 10 de fevereiro foi decretada a Lei do Gestapa da Prússia, que correspondia largamente às ideias de Himmler.[62] A legislação transformava a Polícia Política em um órgão especial independente — tudo o que Himmler queria; sobre a limitação das prisões preventivas decidida pelo gabinete em junho do ano anterior, não se falou mais nada.

Decisivo para esse sucesso foi o interesse muito particular de Hitler nessa

conformação: Himmler, que como Reichsführer-SS era subordinado diretamente a Hitler, oferecia a garantia de que, mediante a ajuda de um órgão do governo que fosse separado da administração interna, mas que de resto trabalhava de acordo com os fundamentos da burocracia prussiana, de modo perfeito e disciplinado, poderia intervir a qualquer momento e contra qualquer um, bastando para isso a vontade da cúpula do regime — conforme ocorrera em 30 de junho de 1934. Uma polícia secreta integrada ao aparato policial em geral e na administração interna, da qual Hitler só poderia dispor mediante a ativação da burocracia ministerial, simplesmente não teria assegurado isso. Dessa forma, Himmler era o homem que, por meio do emprego do terror do Estado, conseguiu de modo genuíno trazer à tona a postura por princípio absolutamente ditatorial de Hitler.

O fato de Himmler ter conseguido transformar a prisão preventiva — medida originária do tempo da mudança política — em uma instituição duradoura, ilimitada no tempo e livre de qualquer controle legal, apesar de todas as investidas da Justiça e do Ministério do Interior, constituía a verdadeira base para a sua posição de poder na ditadura. Na pessoa de Himmler, o estado de medidas seletivas, que agia de modo arbitrário, ficou no lugar do estado de direito, ligado às normas. Mas, para Himmler, essas medidas significavam meramente o começo de sua carreira no Terceiro Reich.

## “As transformações da nossa luta”

Os esforços de Himmler para libertar a Polícia Política de todas as irritantes amarras legais, torná-la cada vez mais independente e protegê-la de intervenções externas ocorriam paralelamente a uma campanha pública iniciada por Heydrich, seu vice, mediante uma série de artigos intitulados “As transformações da nossa luta” em maio de 1935 no jornal da SS, *Das Schwarze Korps*.[63]

O pensamento fundamental que norteava a série era o de que, mesmo após a eliminação de todas as organizações de oposição, os inimigos do nazismo ainda não teriam sido vencidos. Alegadamente, dentro do movimento nazista não se percebia que a ameaça real partia de “forças espirituais”, que continuavam travando sua luta incessante contra o nazismo. As “forças motrizes do adversário [...] são sempre as mesmas: judaísmo mundial, maçonaria e um funcionalismo clerical em sua maioria político” (a “maçonaria”, corrigiu-se Heydrich no

número seguinte do *Schwarze Korps*, seria apenas “uma organização funcional do judaísmo”). Essas forças agiam contra o nazismo de “forma camuflada”, sendo que certos especialistas, dentro do aparato estatal, que só estavam aparentemente “conformados”, desempenhariam um papel-chave — um ataque maciço contra os oponentes de Himmler na administração do Estado, que, de repente, foram declarados inimigos do nazismo. Nesse cenário, o “bolchevismo”, que até então sempre figurara como inimigo nº 1 do Estado, aparecia como fenômeno meramente superficial, por trás do qual se escondiam os “verdadeiros” inimigos. Contra esses, a polícia do Estado sozinha não poderia fazer nada; essa tarefa competia muito mais à “tropa de assalto ideológica” do movimento nazista, que deveria assumir o papel preponderante nessa “luta espiritual”. Em todo caso, a luta deveria ser travada de modo inclemente: “Para preservar o nosso povo, é necessário que sejamos duros com o inimigo, ainda que corramos o risco de machucar algum adversário de modo particular e de, eventualmente, sermos tachados de brutamontes descontrolados por algumas pessoas com certeza cheias de boas intenções.”

A série de artigos marca a transição da Gestapo do desmantelamento dos movimentos de resistência comunistas para um conceito de perseguição bem mais abrangente contra “mentores intelectuais” e “eminências pardas”. Os quatro artigos estavam diretamente relacionados com o início da perseguição sistemática aos clérigos e oblatos católicos, mas também com a assim chamada segunda onda antissemita que o partido disparou no começo de 1935, e acabaria levando à aprovação das Leis de Nuremberg em setembro do mesmo ano.

Em 1936, altos funcionários da SS reiteradamente retomavam em público a linha de pensamento de Heydrich e a ampliavam.[64] Destacavam quatro pontos principais: em primeiro lugar, para que a luta contra os inimigos políticos — judeus, maçons, clérigos politizadores — fosse bem-sucedida, ela deveria ser travada de forma precavida, abrangente e, sobretudo, preventiva;[65] em segundo lugar, não se deveriam impor limitações legais à realização dos trabalhos da Polícia Política;[66] em terceiro lugar, a Gestapo, o SD e a SS Geral deveriam ser fundidos, formando um Corpo de Segurança do Estado;[67] e em quarto lugar, para isso seria necessário agir com rigor intransigente, sem poupar ninguém[68] — um tema exaustivamente usado por Himmler.

Em seu discurso programático de 12 de novembro de 1935 em Goslar, por

ocasião das comemorações do Dia do Camponês do Reich, Himmler já havia assegurado que a SS "cuidará para que nunca mais na Alemanha, no coração da Europa, a revolução judaico-bolchevista dos sub-humanos possa ser desencadeada, nem de dentro, nem por emissários externos. Se houver a menor tentativa — seja hoje, seja em décadas ou milênios, seremos, para todas essas forças, cuja existência e atividade nós conhecemos, a espada impiedosa do carrasco".[69]

Em 5 de março de 1936, em seu pronunciamento ante o conselho de estado prussiano — comissão que Göring havia criado em 1933 em substituição à representação das províncias da Prússia, que fora dissolvida —, Himmler de novo se apresentou como "implacável" e "inclemente". Antes de mais nada, fez menção aos conflitos ocorridos no passado em relação à criação de uma polícia secreta independente, sem esconder a satisfação por ter saído vencedor desses conflitos: "Assim chegou um momento, no decorrer do ano de 1934, em que nós, com a nossa decência alemã — e aqui devo me permitir o comentário —, subestimando o inimigo, esvaziamos os campos de concentração ao máximo e até cogitamos em dissolver a Polícia Política e integrá-la à polícia regular, à polícia criminal, na administração em geral." Ele próprio à época defendera "o ponto de vista oposto" e "alertara com veemência contra esse tipo de pensamento". Pois: "A ideia de que a luta política contra os inimigos, judaísmo, bolchevismo, maçonaria mundial judaizada e todas as forças que não querem um ressurgimento da Alemanha possa ter acabado é, para mim, um grave engano, pois, na verdade, a Alemanha se encontra ainda no início de um conflito que talvez dure cem anos, que talvez configure a luta mundial decisiva contra a organização dessas forças da sub-humanidade."

Com isso, Himmler pela primeira vez encontrara uma fórmula prática que ele usaria reiteradamente no futuro para se referir ao conglomerado de inimigos com os quais a SS era confrontada. E, nesse contexto, chegou ao seu tema favorito, a "decência", sobre o qual agora discorria das formas mais variadas possíveis. Ele considerava ser "uma das grandes tarefas do povo alemão voltar a valorizar essa decência, que nos é inerente, na luta e na limpeza corporal, espiritual, mental, humana, laboral, no tratamento de questões da política internacional em todas as regiões da Alemanha, das menores às maiores, entre nós mesmos e também fora da Alemanha contra qualquer adversário que seja digno dessa espécie [...]". Mas

isso não se aplicaria no caso dos inimigos mais perigosos, aos quais ele mais uma vez negava expressamente o status de seres humanos com os mesmos direitos:

"Mas essa atitude heroica deve ser vista como loucura quando aplicada ao judaísmo e ao bolchevismo, que utilizam a imoralidade, a fraude e a mentira como premissas da luta política e que, baseados em seus princípios tipicamente judeus, consideram fraqueza o não aniquilamento de qualquer inimigo. Da mesma maneira, é como um autossacrifício adotar uma medida de combate heroica contra um jesuíta que luta pela supremacia terrena, que justifica moralmente, de um modo que é incompreensível para nós, a mentira por meio da jamais revogada doutrina da *reservatio mentalis*. [...] De modo geral, é necessário que aqui se diga que nós alemães precisamos finalmente aprender a não considerar os judeus, ou qualquer organização que se oriente pelos judeus, como seres humanos da nossa raça e dotados da nossa forma de pensar."

A Gestapo, continuou Himmler, deve "unir [...] os dois componentes" por meio dos quais "a Alemanha se tornou grande": "os soldados e o funcionalismo".[70] O que pode soar como oferta de paz à burocracia do Estado talvez só servisse para encobrir que, politicamente falando, à época, já se estabelecera a rota para a concretização de um conceito que tinha um entendimento muito mais abrangente de "proteção do Estado" do que as declarações oficiais dos principais funcionários SS dos anos 1935-1936 pudessem dar a entender. O Reichsführer-SS ambicionava o controle de toda a polícia alemã e, com isso, a imposição de um conceito de repressão preventiva no qual a luta contra inimigos políticos caminharia lado a lado com a erradicação das supostas raízes "biológicas" da criminalidade.

Já em junho de 1935, Hitler aprovou a proposta de Himmler de transformar as tropas de guarda dos campos de concentração em uma organização militar.[71] Em 18 de outubro de 1935, Himmler conseguiu convencer Hitler fundamentalmente de que a polícia alemã deveria ser realinhada, e obteve seu consentimento para assumir a chefia sobre a polícia em geral. No entanto, a nomeação a Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã só seria efetivada nove meses depois desse encontro decisivo, uma vez que foi precedida de longas negociações com o Ministério do Interior. Frick, desde setembro, perseguia planos próprios para a

integração total ao Reich de toda a polícia e para a reintegração da Gestapo no aparato geral da polícia.[72]

A argumentação de Himmler naquela conversa específica fica clara pelos apontamentos[73] que ele fez relativos ao encontro com o Führer em 18 de outubro: ele começara falando sobre a perseguição aos inimigos políticos, que à época já havia ultrapassado o seu ápice "1. Tratamento aos comunistas", em seguida, sob o mote "2. Aborto", discorrera sobre os perigos que isso parecia representar para o "povo como um todo" e a necessidade de se criar contramedidas policiais. Ele usou "3. Elementos associais" para explanar como seria possível ampliar as atribuições tradicionais da polícia no Terceiro Reich; em seguida, falara sobre o tema "4. Organizações de guarda" e, finalmente, abordara a questão "5. Decreto do Gestapa vs. Frick" pronunciando-se contra os esforços do ministro do Interior do Reich de integrar a polícia ao Reich e de incorporar novamente a Polícia Política ao aparato da polícia regular.[74]

Himmler conseguiu mais de Hitler do que apenas o controle sobre a polícia: como se depreende de uma anotação de Himmler do mesmo dia, Hitler concordara com a criação de academias militares da SS e os dois haviam conversado também sobre possíveis "agitações internas" e, além disso, nesse contexto, sobre a ampliação das Verfügungstruppen, as unidades armadas da SS.[75] Portanto, já se anunciava aqui a ambicionada fusão entre a SS e a polícia e a sua missão em relação à execução de um conceito de segurança que ia muito além das atribuições de uma polícia. Os pormenores desse intento Himmler só revelaria após a nomeação a Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã.

Poucos dias depois, em 21 de outubro de 1935, Hitler rejeitou a proposta de Frick de subordinar a ele o serviço de segurança do Reich, a pequena tropa especial responsável pela segurança particular do ditador e dos principais políticos do regime. Hitler informou a Frick que a responsabilidade formal por esse serviço de segurança era de Himmler; na realidade, no entanto, o próprio Hitler detinha o comando e, especialmente, fazia questão de escolher ele mesmo os integrantes da tropa. Dessa forma, a investida de Frick pode ser vista como uma tentativa de limitar a esfera de influência do ditador numa área sensível — examinando à luz de suas demais ambições em relação à polícia, um movimento extremamente desajeitado do ministro do Interior do Reich.[76]

Himmler, por outro lado, não parava de ampliar a vantagem. Em 1º de

novembro de 1935, manteve outra conversa pessoal com Hitler. O ministro da Justiça tinha reclamado da tirania nas prisões preventivas e do terror que imperava nos campos de concentração. Himmler conseguiu que as acusações fossem neutralizadas e em seguida comunicou de modo sucinto ao ministro da Justiça que Hitler proibira terminantemente a presença de advogados nos casos de prisões preventivas, e que o Führer não via razão para intervir nos campos com base em uma lista de mortes apresentada pelo Ministério da Justiça; tendo em vista que "de todo modo, os campos de concentração são dirigidos de modo consciencioso", não se via a necessidade disso.[77] Em março de 1936, o ministro da Justiça em princípio até conseguiu a aprovação de Himmler para que determinados advogados, cuja nomeação estava sujeita à confirmação do Gestapa, pudessem representar prisioneiros do campo de concentração, mas a Gestapo acabou impedindo a execução dessa regra, por lhe opor resistência.[78] É evidente que, para Himmler, se tratava de um princípio: aos presos em prisão preventiva não deveria ser concedido, de forma alguma, o direito ao abrigo das leis. Era justamente esse caráter despótico da prisão em um campo de concentração que justificava o seu efeito amedrontador, e era exatamente nesse terror que se baseava o poder de Himmler.

Em 17 de junho de 1936, Hitler finalmente nomeou Himmler Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã no Ministério do Interior do Reich.[79] Dizer "no Ministério do Interior do Reich" na prática se mostrou tão inócuo quanto a formulação no mesmo decreto que previa que Himmler estaria subordinado "pessoal e diretamente" ao ministro do Interior do Reich. O fator decisivo foi o fato de Frick não ter conseguido integrar Himmler de modo inequívoco em seu ministério.

Na prática, ocorreu exatamente o oposto. Himmler separou a polícia da administração interna e exercitou a soberania policial. O ponto de partida decisivo foi o entrelaçamento entre a polícia e a SS: como Reichsführer-SS, Himmler respondia diretamente a Hitler; logo, recebia ordens diretas de seu "Führer". Como chefe da polícia alemã, Himmler cuidadosamente evitou o aparato do Ministério do Interior do Reich criando, de imediato, dois novos Departamentos centrais: a Polícia de Segurança, que englobava a Gestapo e a Polícia Criminal (Kripo), sob o comando de Heydrich, e Polícia de Ordem, dirigida por Daluege, um esquema híbrido que acabaria por antecipar a desejada

fusão entre a SS e a polícia.[80]

Quando, em 20 de setembro de 1936, o ministro do Reich e do Interior da Prússia baixou um decreto em que transmitia ao Gestapa as atribuições do comando da Polícia Política dos estados federais, as tarefas, que Himmler até então desempenhara a partir do escritório central do comandante da polícia sediado dentro do Gestapa. De agora em diante passariam a ser imediatamente assumidas pelo Gestapa.[81] Com isso, estava criada justamente aquela polícia secreta centralizada que os líderes nazistas dos diversos estados na verdade queriam evitar. Estes tiveram de aceitar que a sua influência na Polícia Política passara a ser mínima.[82]

15 “Lenda da punhalada pelas costas” (*Dolchstosslegende*) foi uma crença popular que se propagou após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Dizia que a Alemanha perdera a guerra não por inaptidão do Exército imperial, mas em decorrência de uma conspiração interna envolvendo socialistas, bolchevistas, judeus e, inclusive, o povo alemão, que não teria respondido ao apelo patriótico. (N. das T.)

## O Corpo de Segurança do Estado

Nas ditaduras, o chefe do aparato policial é avaliado principalmente pelo sucesso obtido na neutralização de inimigos reais ou imaginários do regime. Por isso, de um lado ele sempre se esforçará para provar, mediante análises de ameaças, a existência de tais inimigos, e de outro documentará regularmente a desativação desses inimigos. O que configura certo dilema é o fato de que deve existir uma relação adequada entre ameaça e repressão: se o combate ao inimigo é excessivamente bem-sucedido, o potencial de ameaça cai e o chefe da polícia corre o risco de perder a posição, no longo prazo; se ele descreve o potencial de ameaça de maneira funesta, provando que, apesar das medidas de perseguição, o perigo não diminui, ao contrário, só aumenta, mostra-se incompetente. Por isso, é imprescindível conseguir sempre comprovar a medida certa de potencial de ameaça e êxito na repressão.

Se transportarmos esse quadro para a situação de Himmler como chefe da polícia alemã nos anos 1930, ele mostrará o seguinte: os principais inimigos do nazismo eram os comunistas. Desde 1933, os relatórios da Gestapo e do SD registravam um contínuo crescimento da ameaça comunista e, por conseguinte, uma intensificação no combate ao movimento. Contudo, como demonstram as considerações acima, essa tendência não podia se manter indefinidamente se a polícia de segurança não quisesse ver questionado o próprio trabalho; o contrário, porém, também não seria desejável, já que com o fim da ameaça comunista desapareceria uma importante razão para a existência de polícia.

Para a saída desse dilema, ofereciam-se duas alternativas: a expansão do espectro do inimigo e o conceito de “defesa preventiva”. Se os esforços da polícia de segurança não estivessem mais voltados unicamente ao combate de ameaças concretas e à revelação de atos de resistência já ocorridos, e sim à proteção contra possíveis ameaças localizadas no futuro, no médio ou longo prazos, surgidas de inúmeros focos ameaçadores (ou, dito de outro modo, contra um perigo fictício), o balanço de êxitos do aparato de segurança estaria liberado da fatal relação de dependência de ameaças concretas. Aí, o trabalho da polícia de segurança significaria o resultado de uma política voltada para o futuro. Em outras palavras: o sucesso da prevenção dependeria em primeiro lugar da capacidade de persuasão do aparato de segurança quanto à descrição das ameaças futuras.

No outono de 1935, contando com a concordância fundamental de Hitler quanto à elaboração de um conceito de prevenção abrangente para a base do trabalho policial, Himmler fora bem-sucedido ao dar o primeiro passo em direção a essa estratégia. A transição para a “prevenção geral” se deu em diversos planos:

Himmler decidiu começar pela reorganização do combate ao movimento comunista — explicitamente tendo em vista uma guerra — por meio de medidas preventivas de defesa, para que no futuro se registrasse tanto a diminuição das atividades comunistas quanto o aumento dos prisioneiros comunistas. O combate ao comunismo já não precisava ser justificado como retaliação a atos concretos da resistência comunista, e assim também o constrangimento de acabar levando a fama de malsucedido foi evitado, em vista dos repetidos sucessos nessa área. Os grupos-alvo dessa batalha defensiva eram os “mandantes”, os “agitadores”, os “mentores intelectuais”, e, ao colocar o comunismo no mesmo patamar de outros “inimigos internacionais”, era possível associar a intensificação da perseguição a judeus e clérigos críticos do sistema ao mesmo conceito padrão de defesa. A suspensão do combate à Igreja em 1937, no entanto, fez com que a repressão se concentrasse cada vez mais sobre a minoria judia.

Em segundo lugar, Himmler estendeu a missão preventiva de combate aos inimigos a todas as formas de oposição, inclusive as inofensivas e não específicas. A propagação de boatos ou piadas, a manifestação aberta da insatisfação com o regime, as declarações de lealdade às Igrejas cristãs, ou algo semelhante, aparentemente ameaçavam a unidade do povo e exigiam a interferência da polícia de segurança como guardiã da comunidade nacional.

Em terceiro lugar, Himmler incluiu o combate à criminalidade no trabalho da polícia de segurança, na medida em que apresentava o crime como sendo basicamente consequência de um desenvolvimento biológico defeituoso que precisava ser erradicado em caráter preventivo. Em quarto lugar, orientou a polícia de segurança a combater prioritariamente as “pragas que assolam o povo”, isto é, o aborto e a homossexualidade, a fim de preservar a existência biológica do povo alemão.

A mudança do foco para a prevenção teve como consequência uma maior abrangência e uma reorientação do trabalho policial tradicional. A polícia foi integrada no aparato de repressão, numa reforma baseada no tipo do trabalho: a

junção de repressão política e combate à criminalidade era uma consequência lógica da unificação da Gestapo e da Kripo, para formar a polícia de segurança. Enquanto a polícia recém-estruturada continuava desempenhando as funções executivas como antes, quem detinha a primazia sobre a verificação dos perigos em potencial era o intelectualizado SD, agora mais engrenado com a polícia do Estado. E a orientação ideológica da polícia, especialmente no tocante à condução do trabalho policial segundo diretrizes biológicas, fazia com que a integração entre SS e polícia parecesse sensata.

Himmler, portanto, era habilidoso o bastante para fazer crer que a aquisição do controle de todo o aparato policial em 1936 não era um simples acúmulo de poder, mas que isso tudo estava relacionado com uma concepção abrangente que acabava em um conceito de segurança que ia ainda mais longe: a fusão de polícia e da SS. O que Himmler ambicionava era um Corpo de Segurança do Estado que removesse todas as potenciais ameaças ao povo e à "raça ariana" de acordo com a ideologia racial do nazismo.

Em seu discurso de posse como chefe da polícia alemã em 18 de junho de 1936, no pátio do Ministério do Interior da Prússia, Himmler justificou a ampliação da polícia pela necessidade de se estar preparado para conflitos futuros com inimigos externos: "Somos um país no coração da Europa, cercado de fronteiras abertas, cercado por um mundo que se torna cada vez mais bolchevista e do qual o judeu, na sua pior forma, pela tirania do bolchevismo destruidor, se apodera cada vez mais. Acreditar que esse processo terá terminado em um ano ou em anos, quem sabe em décadas, é uma negligência criminosa e constitui um erro. Devemos calcular que essa luta será uma luta de gerações, a luta imemorial entre humanos e sub-humanos em sua configuração atual de luta dos povos arianos contra o judaísmo e a sua forma organizacional, o bolchevismo. Preparar todo um povo para isso, formar uma polícia que, unida com a ordem da SS em forma de organização, seja para toda a população alemã, em termos de proteção interna do Reich, aquilo que a Wehrmacht é em termos de proteção externa, é isso que vejo como missão para mim."[1]

Essa ideia de Himmler da polícia alemã "fundida com a ordem das SS" foi adotada por Best para esclarecer, poucas semanas após a nomeação deste, em um pronunciamento inovador ante a Academia do Direito Alemão, que o conceito

do Corpo de Segurança do Estado, até então utilizado para denominar a fusão de Polícia Política e SS, agora possuía um novo significado: designava a programada fusão de SS e de toda a polícia.[2] Com isso, mostrava-se claramente que a nomeação de Himmler para chefe da polícia alemã não significava que a Gestapo seria novamente integrada ao aparato da polícia em geral, mas que, ao contrário, dava início a um desenvolvimento em cujo curso a polícia seria totalmente separada do aparato da administração tradicional e unida à SS, formando um "corpo de segurança do Estado" completamente novo.

Alguns meses depois, Himmler foi ainda um pouco adiante e propagou a ideia de que a polícia deveria abandonar definitivamente o princípio da legalidade. Se nos anos anteriores, juntamente com Best e Heydrich, Himmler exigira, com sucesso, que a Polícia Política usufruísse do status especial de não ter de se submeter à "normatização legal", agora ele fazia essa exigência em relação a todo o aparato da polícia.

É interessante notar que foi na sessão constitutiva do Comitê de Direito Policial, em outubro de 1936, que Himmler manifestou oposição em relação ao princípio da legalidade e até mesmo desprezo quanto a essa lei fundamental. Ele admitiu que suas palavras pudessem "soar estranhas", considerando que se encontrava na Academia do Direito Alemão, mas que ele não estava de modo algum inclinado — "os senhores hão de entendê-lo" — a fazer concessões em relação à sua postura básica, como deixam claro as suas reminiscências dos primeiros tempos após a tomada do poder: "Nós nacional-socialistas nos pusemos a trabalhar [...], não desconsiderando o direito — que carregávamos dentro de nós, mas sem dúvida, desconsiderando a lei. Sempre fui da opinião de que não faz a menor diferença que um parágrafo 12 conflita com o nosso modo de agir; para realizar o meu trabalho, faço essencialmente aquilo que manda a minha consciência em relação às responsabilidades que assumi para com o Führer e o povo, e que está de acordo com o bom-senso." Disse ainda que, analisando de um ponto de vista *völkisch*, "deve haver em todo povo certas coisas que só podem ser vistas de determinada maneira, e não de outra, que são tão óbvias que seria indecente, seja para o menininho pastor, seja para o ministro de Estado, pensar de outro modo".

Nessa ocasião, Himmler apresentou ainda outra ideia: "Nós, alemães", explicou, em razão do desenvolvimento histórico especial do país, teríamos

“entrado num sistema regulamentador” e, “ao regulamentarmos [...] em uma ordem e disciplina inflexíveis, produzido os dois tipos: funcionários e soldados”. Mas a polícia alemã, segundo ele, não poderia ser “só soldado ou só funcionário”; era necessário muito mais, era preciso desenvolver um “funcionalismo soldadesco”. Seis meses antes, Himmler já havia enaltecido essa fusão de “soldado e funcionário” em seu discurso diante do Conselho de Estado da Prússia, em março, como sendo o modelo futuro da Gestapo. Agora, porém, deu mais uma expressão a essa versão: Himmler recomendou à totalidade da polícia alemã um modelo de funcionalismo soldadesco, que “é cada vez mais instruído — isso é um trabalho que leva gerações ou séculos — e que acabará por se unificar com o espírito da organização da SS que não é de funcionários nem de soldados, que é criado de acordo com os princípios da ordem, sobre o sangue, disciplinadamente promovendo a família, e que deverá se desenvolver durante os séculos, talvez durante os milênios”.[3]

Em março de 1937, Himmler se manifestou novamente em público sobre as tarefas da polícia. A ocasião surgiu justamente com uma publicação comemorativa dos 60 anos do ministro do Interior, principal oponente de Himmler na questão da polícia. Himmler se valeu de seu artigo para enfatizar mais uma vez em relação a Frick — que, com razão, foi chamado de “legalista do estado da ilegalidade” por seu biógrafo[4] — que as atividades da polícia não poderiam, essencialmente, ser especificadas ou limitadas pelas leis.

Na opinião de Himmler, a polícia deveria cumprir duas obrigações centrais: “a) A polícia deve executar a vontade da direção do Estado e criar e preservar a ordem desejada por ela; b) A polícia deve proteger o povo alemão como uma criatura orgânica única, sua vitalidade e suas instalações contra a destruição e a desintegração”. As atribuições de uma polícia com tais tarefas “não podem por isso ser reprimidas por limites formais, pois esses limites estariam agindo também contra a missão da direção do Estado”. Tal como as Forças Armadas, a polícia “só poderá agir seguindo ordens de sua direção, e não seguindo leis”.

Em seguida, Himmler passou a detalhar as funções da Polícia de Ordem e da Polícia de Segurança (*Sicherheitspolizei*). Enquanto a primeira seria responsável, principalmente, “pela manutenção da ordem pública em geral”, a segunda estaria encarregada essencialmente das “tarefas de defesa, rechaçando todas as forças que de alguma forma poderiam enfraquecer e destruir a saúde, a vitalidade e a

capacidade de ação do povo e do Estado". Já a polícia criminal deveria se ocupar das pessoas que, "por degeneração física ou intelectual, distanciaram-se das ligações naturais com a sociedade e que, por causa da perseguição desenfreada de seus interesses pessoais, ferem os regulamentos criados para a proteção do povo e da sociedade", enquanto a polícia secreta do Estado (Gestapo) estaria em "luta incessante" contra aqueles que, "na qualidade de instrumentos dos inimigos ideológicos e políticos do povo alemão, estão empenhados em romper a unidade do povo e em destruir a força de seu Estado".[5]

Em sua contribuição para o livro do jubileu, Heydrich acrescentou um componente "ofensivo" ao papel "defensivo" que Himmler imaginava para a polícia de segurança: "A polícia deve investigar preventivamente toda ação opositora e combatê-la com tamanha eficácia que ela nem chegue a exercer o seu efeito nocivo." Heydrich estabeleceu principalmente uma relação estreita entre o crime convencional e a ameaça político-ideológica ao assim chamado Terceiro Reich: "Os [...] sub-humanos ameaçam duplamente a saúde e a vida do [corpo nacional], na medida em que, como criminoso, fere e abala a ordem coletiva, servindo de ferramenta e arma aos planos das forças inimigas do povo." Segundo Heydrich, as forças de "oposição internacionais ideológicas e intelectuais", apontadas contra o nazismo, "se servem dos sub-humanos sempre interessados em golpes e na desordem, mas também dos seguidores de suas próprias organizações político-ideológicas, ou seja, o judaísmo, a maçonaria e as Igrejas politizadas. Além disso, eles se aproveitam de todos os outros grupos da nação alemã, que, de modo consciente ou por terem sido enganados, apoiam interesses especiais (legitimistas etc.) que são nocivos ao povo alemão".[6]

Nessa descrição da polícia de segurança, haviam colocado tudo: a luta contra o crime, contra a "sub-humanidade", contra a desordem de maneira geral, contra os judeus, os maçons e a Igreja; e também seria necessário atuar "preventivamente" contra todas essas manifestações desagradáveis. Difícil descrever de modo mais claro que a política preventiva da nova direção de polícia se dirigia contra um conglomerado quase impossível de destrinchar de inimigos do Estado dos mais diferentes matizes — e que aquele que tinha a autorização para definir e perseguir os inimigos detinha um poder praticamente irrestrito. Por fim, Himmler e Heydrich conseguiriam se impor quanto à exigência de isentar as atividades da polícia do controle da lei. De fato, as tarefas

da polícia não foram codificadas por novo direito policial. A base legal das operações da polícia até 1945 permaneceu sendo o Decreto do Incêndio do Reichstag (*Reichstagsbrandverordnung)*[16] de 28 de fevereiro de 1933, que suspendeu os principais direitos fundamentais da Constituição de Weimar. A polícia alemã, cuja direção Himmler assumiu em 1936, atuava, assim, segundo um permanente estado de exceção.

Em suas declarações dessa época referentes ao tema polícia, Himmler costumava destacar a coerência e a "dureza" da Gestapo e da SS no trato dos inimigos do Estado. Esse modo de agir, admitiu ele com franqueza, tinha como consequência que a SS não era exatamente popular junto à população — uma situação que não lhe era inconveniente; afinal, fazia parte de uma estratégia consciente de envolver o complexo Gestapo-SS-campos de concentração em uma aura de terror. Já em novembro de 1935, por ocasião do Dia do Camponês Alemão, Himmler admitira que sabia que "existem pessoas na Alemanha que passam mal quando veem esse uniforme preto; compreendemos isso e não esperamos ser amados por todos. Devemos e queremos ser respeitados por todos que amam a Alemanha, seremos temidos por aqueles que, por algum motivo, têm a consciência pesada em relação ao Führer ou à Nação".[7]

Em um pronunciamento no rádio, por ocasião do Dia da Polícia Alemã, em janeiro de 1937, Himmler declarou que sua principal tarefa continuava sendo a de "neutralizar todos os adversários malignos e os inimigos do Estado nazista. Tanto faz, aqui, quem é o adversário, comunista ou reacionário". Que se perseguiriam tanto os "discípulos de Moscou" quanto os "reacionários incorrigíveis" ou os "críticos de confissão". E acrescentou: "Sei que especialmente por causa da dureza necessária para a execução dessa tarefa meus colaboradores e eu fizemos diversos inimigos e ainda faremos mais. Mas tenho a convicção de que é melhor não ser compreendido por alguns, ser odiado por alguns oponentes, mas, em compensação, poder cumprir a obrigação necessária para o bem da Alemanha."[8]

A imagem que Himmler e outros altos funcionários SS da polícia, sobretudo da Gestapo, apresentavam acentuava por vezes esses gestos ameaçadores, por outras que o cidadão comum não tinha o que temer, que seria tratado sempre de forma justa e correta, e que, além do mais, a perseguição dos adversários aconteceria com base em critérios puramente objetivos. Em seu discurso no Dia

da Polícia Alemã, em 1937, Himmler sintetizou essa exposição pública ambivalente em uma fórmula: “Duros e intransigentes sempre que necessário, compreensíveis e generosos sempre que possível.”[9]

Desde 1933, o regime nazista reiterava publicamente a ideia de uma polícia ou uma polícia secreta insensível em relação aos adversários políticos e aos criminosos. A prioridade dessa propaganda fora, de início, a de asseverar a neutralização efetiva dos adversários comunistas ou marxistas. Em meados da década, a prioridade mudou para a afirmação de que a polícia em geral e a polícia de segurança em especial cuidariam da segurança da sociedade, reprimindo todo movimento de oposição “inimigo do povo” e sufocando, com medidas preventivas, o crime ainda em sua origem. A ideia da “justiça da polícia” — a prática do regime de deixar que a Gestapo punisse os reais ou supostos criminosos — era defendida abertamente. Ao mesmo tempo, envidavam-se esforços para apresentar a polícia como “amiga e auxiliar” — conforme o slogan oficial — e enfatizar o alto valor moral do seu trabalho.

Nos inúmeros artigos de jornal e divulgações, principalmente por conta do Dia da Polícia Alemã,[10] que desde 1934 era comemorado anualmente e que a partir de 1937 passaria a durar uma semana inteira, enfatizava-se, no entanto, conscientemente, o mito da Gestapo, a imagem de uma polícia secreta onipresente e onisciente.[11]

## Gestapo e SD

No Dia da Polícia Alemã em 1937, Himmler enfatizou que a polícia deveria se apresentar de forma “compreensiva e generosa”, sobretudo porque dependia da “colaboração ativa e compreensiva de todo cidadão alemão”.[12] Mostrou-se, contudo, surpreso ante a proporção que essa “colaboração” realmente assumiu na prática do trabalho diário da polícia. “Particularmente na polícia e no serviço de segurança”, disse Himmler em discurso de 22 de maio de 1936 durante a festa do solstício de verão na montanha Brocken, havia-se chegado “à conclusão de que a Alemanha era o maior ninho de fofocas que existe. Às vezes é uma arte ainda conseguir manter o respeito pelo ser humano quando se constata diariamente como denunciam uns aos outros, como espalham a própria estupidez aos quatro ventos. Na Alemanha não se precisa de agentes, tudo vem à tona por si mesmo”.[13]

A pesquisa sobre a Gestapo[14] parece confirmar essa imagem de uma sociedade autofiscalizadora. Em sua análise da Gestapo de Düsseldorf, Reinhard Mann, por exemplo, conclui que somente 15% dos casos de investigações avaliados[15] por ele foram iniciados pela própria Gestapo, enquanto que denúncias originadas pela população eram responsáveis pela importante parcela de 26% das ocorrências. O historiador americano Eric A. Johnson descobriu, de forma análoga, que 24% dos casos da Gestapo em Krefeld foram iniciados com base em denúncias da população.[16]

A análise por grupo de delito, no entanto, revela um quadro um tanto mais complexo. Na perseguição de *Rassenschande*[17] (desonra racial) e de outros contatos proibidos com judeus, assim como nos casos de *Heinstücke* (comportamento antipatriótico), em outras palavras, traição ou divulgação de boatos, piadas etc., a cota de denúncias era relativamente alta; no entanto, quando se analisava a perseguição de adversários políticos, homossexuais, fiéis das grandes crenças cristãs e Testemunhas de Jeová, ela era relativamente baixa.[17] Johnson ressalta que as denúncias se referiam geralmente a delitos leves, enquanto os casos envolvendo “verdadeiros” inimigos do regime, ou seja, de consequências graves, eram muito raros. A comparação revela, sobretudo, que o número absoluto de denúncias é relativamente baixo, mesmo sendo extremamente significativo em relação ao dia a dia da Gestapo. Assim sendo, só um percentual muito pequeno da população passava informações voluntariamente à Gestapo. De todo modo, não é possível tirar conclusões abrangentes sobre as condições da “sociedade alemã”.[18]

Embora a Gestapo dependesse da “colaboração” da sociedade, especialmente em determinados delitos, como o de manter contatos proibidos com judeus, por exemplo, seria um erro tomar simplesmente como verdadeira a afirmação de Himmler, que “tudo vem à tona por si mesmo”.

Medido a partir de suas atribuições e sua reputação, o aparato da Gestapo era relativamente pequeno. No início de 1934, a Gestapo da Prússia contava 1.700 funcionários, dos quais em torno de setecentos trabalhavam na central. Em junho de 1935, o número subira para 2.700, mas a quantidade de funcionários na central se manteve praticamente inalterada. Projetando esses números para toda a região do Reich, teremos, em 1935, em torno de 4.200 funcionários da Polícia Política, dos quais 10% eram datilógrafas. Até o ano de 1937, esse número

subiria para 7 mil funcionários no total, entre homens e mulheres.[19] Dos funcionários da Gestapo em 1937, cerca de três quartos atuavam nos diferentes setores da polícia desde a República de Weimar, 5% vieram transferidos de outros órgãos do Estado (da Justiça, por exemplo) e 20% eram recém-integrados, ou seja, preponderantemente membros do partido.[20]

O corpo de funcionários da Gestapo variava de uma região administrativa para outra: a central da polícia do estado de Bielefeld, com 53 funcionários, por exemplo, supervisionava uma divisão administrativa de mais de 870 mil habitantes; em Hildesheim, trinta funcionários monitoravam 600 mil pessoas; em Chemnitz, 55 funcionários eram responsáveis por mais de um milhão de pessoas.[21] Não se pode ignorar, no entanto, que a Gestapo dispunha de um exército relativamente grande de denunciantes: os assim chamados homens de confiança se encontravam na ponta de uma rede de informantes, que a Gestapo distribuía em diferentes categorias, por confiança e importância. Em parte, eram inimigos do partido que haviam sido obrigados a colaborar, em parte espiões remunerados.[22]

Em sua nova função, Himmler unificara o aparato da Gestapo em todo o território do Reich e conseguira para ele a mesma independência da administração interna, que ele já impusera na Prússia: embora os chefes das centrais da polícia do Estado fossem “responsáveis” pelas questões da Polícia Política junto aos governos dos estados e pudessem receber ordens deles, na prática isso só valia enquanto não tivessem recebido outras “instruções do departamento de polícia secreta do Estado”. E em caso de dúvida, o Gestapa decidia em última instância se o chefe da central da Stapo deveria ou não obedecer ao respectivo órgão do governo estadual. Com isso, a “inclusão” da Gestapo na administração pública se tornou uma farsa.[23]

O fato de Himmler ter assumido o controle da polícia em junho de 1936 e as reestruturações que se seguiram não afetaram diretamente o SD em sua função de serviço de inteligência do partido. Entretanto, a transferência do recém-criado Departamento Central de Segurança — responsável pela polícia de segurança — ao chefe do SD, Heydrich, dotou o SD de uma esfera de influência maior, ainda que, como antes, não pudesse desempenhar funções executivas.[24]

No início de 1936, Heydrich já havia reestruturado a central do SD dentro da Reichsführung-SS. Especialmente significativo foi o fato de as atribuições do

departamento do interior terem sido subdivididas em: avaliação ideológica, inicialmente chefiada por Hermann Behrends e depois por Franz Alfred Six; e avaliação por setor de vida, chefiada por Reinhard Höhn e depois por Otto Ohlendorff. Enquanto a "avaliação ideológica" se concentrava nas organizações tidas como principais inimigas do nazismo e que estavam alocadas nos departamentos encarregados de "judeus", "maçons", "tendências confessionais ou políticas",[25] a "avaliação por setor de vida" se ocupava da estruturação de um centro de informação e inteligência abrangente que ia muito além de simplesmente vigiar o inimigo, e tinha como meta o registro, em sua totalidade, das condições de vida no Terceiro Reich. Era segmentada em três grupos: economia; cultura — ciência — educação — germanismo; administração e direito — partido e Estado — escolas superiores e estudantes.

Em 1º de julho de 1937, por meio da chamada ordem de divisão de funções, emitiu a "Ordem comum para o serviço de segurança do Reichsführer-SS e da polícia secreta do Estado do chefe do Departamento Central da Polícia de Segurança e do SD", Heydrich estabeleceu uma minuciosa delimitação entre as duas organizações.[26] O SD — no qual, nesse meio-tempo, jovens intelectuais engajados que haviam conquistado posições de liderança estabeleciam contatos importantes com o mundo acadêmico e, em diversos casos, também faziam carreira na área científica[27] — passou a ser responsável "exclusivamente" pelas áreas de trabalho: ciências, *Volkstum* e etnologia, artes, educação, partido e Estado, Constituição e administração, exterior, maçonaria e associações. A Gestapo, por sua vez, era responsável "exclusivamente" por "marxismo, traição, emigrantes". As áreas da Igreja, pacifismo, judaísmo, movimento jurídico, outros grupos inimigos do Estado, economia e imprensa eram todos "assuntos gerais e fundamentais a serem resolvidos pelo SD, e todos os casos individuais deveriam ser resolvidos pela Gestapo".

Mas, na prática, como se dava a perseguição da Gestapo a partir de 1936? A estatística elaborada por Reinhard Mann referente ao período de 1933 a 1945, com base nos arquivos da Gestapo de Düsseldorf, mostra que 30% dos casos investigados pela Gestapo envolviam a perseguição a organizações proibidas, principalmente ao KPD, o Partido Comunista Alemão, e ao SPD, o Partido Social Democrático Alemão (essa parte do trabalho da Gestapo foi praticamente abandonada durante a guerra); 29% dos casos de investigação se ocupavam com

comportamentos inadequados em público, geralmente pela expressão de críticas; 17% com outras formas de atividades irregulares como, por exemplo, a distribuição de panfletos proibidos ou a escuta de transmissões de rádio de inimigos. Em 12% dos casos, tratava-se de criminalidade convencional.[28]

Em seu levantamento sobre a central da Gestapo de Düsseldorf, Johnson concluiu que as atividades da Gestapo de concentravam em três grupos-alvo: judeus; integrantes da esquerda; e opositores religiosos ou membros de seitas. O restante dos alemães "comuns" — com exceção dos homossexuais — era monitorado de maneira relativamente solta e, quando ocorria de caírem no retículo dessas investigações, geralmente escapavam com advertências ou penalidades menores.[29]

Com o passar dos anos, no entanto, o foco da prática de perseguição mudou. Se até 1935-1936 a caça aos comunistas era prioridade absoluta, esse grupo passou a ter uma importância muito menor nos anos seguintes, por uma razão muito simples: o aparato comunista clandestino de oposição, que fora largamente debelado em 1936, estava quase totalmente destruído em 1937.[30] Em 1935, a Gestapo prendera em torno de 14 mil comunistas; em 1936, foram presas 11.678 pessoas; e em 1937, mais 8.068.[31] Himmler, no entanto, não fazia segredo da intenção de continuar mantendo os funcionários do Partido Comunista nos campos de concentração. Como ele expressou em 1937, ainda que o KPD e a organização deixassem de existir, era possível que nos anos seguintes "grandes massas de nosso povo [...] voltem a estar vulneráveis à ação do veneno do bolchevismo".[32]

Depois da eliminação dos comunistas, a Gestapo e o SD passaram a se concentrar nos assim chamados financiadores, as "forças de oposição intelectual" — maçons, judeus e clérigos politizados — que vinham merecendo a crescente atenção de Himmler, Heydrich e Best desde 1935. Mas também aqui se notam diferenças claras entre as práticas de perseguição.

## Maçons

Em seus discursos dos anos 1930, Himmler sempre considerou os maçons como arqui-inimigos do nazismo e se referia a eles num só fôlego como judeus, bolchevistas e clérigos politizados.[33] Mas o Reichsführer-SS, que desde a

juventude acreditava nas teorias conspiratórias maçônicas amplamente difundidas, evitava elucidar a suposta atuação extremamente funesta dos maçons.

Na verdade, é possível que já tivesse chegado à conclusão de que os maçons não constituíam perigo algum para o regime nazista. Essa era a opinião predominante entre os especialistas da Gestapo e do SD: desde meados dos anos 1930, o combate aos maçons não era prioridade. Em sua série de artigos sobre as "transformações da nossa luta", publicados no *Das Schwarze Korps* em 1935, Heydrich classificou os maçons simplesmente como "organização funcional do judaísmo", dando a entender, assim, que não representavam mais uma fonte autóctone de perigo.[34]

Em razão da hostilidade nazista, a maioria das lojas já se havia dissolvido espontaneamente em 1933, ou isso fora providenciado pela Polícia Política dos estados.[35] Até o verão de 1935, todas as associações de maçons haviam sido liquidadas.[36] É verdade que os antigos integrantes das lojas podiam esperar desvantagens no Terceiro Reich, como, por exemplo, se estivessem envolvidos no serviço público.[37] Por princípio, também estavam impedidos de integrar o partido, o que automaticamente lhes impedia o acesso a uma série de posições privilegiadas.[38] Mas uma perseguição sistemática de maçons não acontecia. O fato de alguém ser ou ter sido maçom em regra também não justificava a imposição de prisão preventiva.

As regras de organização da Gestapo e do SD se adequaram à perda de importância dos maçons. Se, antes de 1933, o SD ainda mantinha um fichário do grupo,[39] após a transferência para Berlim instalou um "museu maçonaria", onde o equipamento confiscado das lojas, as bibliotecas e os arquivos foram reunidos em uma central.[40] Segundo a notícia que corria, o "problema" claramente pertencia ao passado. A divisão do SD originalmente dedicada apenas aos maçons, no início de 1936, foi incorporada ao setor encarregado das questões do judaísmo e das igrejas e transformada numa central responsável por questões de "ideologias".[41] A partir do verão de 1937, a Gestapo nem se ocupava mais desse assunto. Na já mencionada "ordem de divisão de funções" de 1º de julho de 1937, a seção "maçonaria" foi totalmente incorporada ao SD.[42]

**Judeus**

Nos discursos públicos de Himmler sobre os inimigos do nazismo, “os judeus” faziam parte daqueles “poderes intelectuais” ocultos que conspiravam contra o regime e contra os quais a direção da SS e a Gestapo atuavam energicamente desde 1935, tendo em vista o desmantelamento da resistência comunista que já se delineava. Entretanto, na maioria dos discursos de Himmler da época anterior ao pogrom de novembro de 1938 não se encontram longas digressões antissemitas. Ele costumava se referir aos judeus de modo superficial e estereotipado, juntando-os aos demais inimigos, sem se ocupar deles mais demoradamente.[43]

Somente em seu discurso programático por ocasião das festividades do Dia de Ação de Graças pela Colheita, em Goslar, em novembro de 1935, portanto poucas semanas após a promulgação das Leis de Nuremberg, ocorre uma polêmica antissemita abrangente. Interessantemente, o discurso seria impresso sob o título “A Schutzstaffel como organização de luta antibolchevista”, o que coloca ênfase especial na mistura de antissemitismo e “antibolchevismo”.

Himmler foi bastante verborrágico: começou conduzindo os agricultores reunidos em Goslar de volta ao reino do persa Xerxes I (519 a 465 a.C.) para explicar-lhes a perniciosidade moral da festa judaica do Purim. A festa anual em memória da salvação dos judeus persas de um pogrom — Xerxes havia ordenado o assassinato em massa de antissemitas — foi reinterpretada por Himmler como o “extermínio radical de um povo ariano por métodos bolchevista-judaicos”. Em seguida, descreveu uma série de “tragédias” parecidas nas quais, no entanto, poder-se-ia apenas “supor que aqui o nosso eterno inimigo, o judeu, de alguma forma acobertado, ou por meio de uma de suas organizações, tinha participado com suas mãos sangrentas”. A lista de Himmler abrangia “a espada incansável do carrasco de Cannstatt e Verden” (o massacre dos alamanos em 746 por Carlomano e dos saxões em 782 por Carlos Magno), os processos contra as bruxas da Idade Média e da primeira Era Moderna (“vemos como se inflamam as fogueiras em que ardiam milhares de corpos torturados e retalhados de mães e meninas do nosso povo, que foram reduzidos a cinzas no processo das bruxas”), “a tribuna dos juízes da Inquisição, que dizimou a população da Espanha”, a Guerra dos Trinta Anos, a Revolução Francesa (“unicamente uma revolução da ordem da maçonaria, essa incrível organização judaica”), assim como a Revolução Russa de 1917.

Relendo seu manuscrito, Himmler deve ter tido dúvidas em relação à conclusão de sua argumentação: que justamente os mandantes judeus tivessem manipulado o "açougueiro dos saxões" Carlos Magno e também planejado a inquisição da Espanha deve ter sido difícil de engolir até para o mais inveterado antissemita. Além do mais, ele havia ampliado tanto a lista dos despojados por conta de maquinações judaicas, mediante a menção de persas, espanhóis, franceses e russos, que o papel central dos "germanos" como vítimas da conspiração mundial judaica não era mais suficientemente claro. Por isso, pediu a seu público que não se ativesse aos pormenores "com objetividade exageradamente ariana e alemã", mas sim à "linha geral".

Durante os primeiros anos do Terceiro Reich, a perseguição a judeus não ocupou posição de destaque nem na Gestapo, nem no SD. Nesse período, a política judaica do regime nazista foi marcada inicialmente pela sutil cooperação entre ativistas do partido e a máquina legislativa: o partido iniciava "ações" contra os judeus — como, por exemplo, o boicote de 1º de abril de 1933, os tumultos da primavera e do verão de 1935, ou o pogrom de novembro de 1938 — e a burocracia do Estado reagia com as medidas legais aplicáveis a cada caso, a fim de limitar cada vez mais o círculo vital da minoria judaica. No lado do partido, além da equipe representante do Führer sob o comando de Hess e Martin Bormann, havia uma série de *Gauleiter* de forte inclinação antissemita (Goebbels em Berlim, Grohé em Colônia, Streicher em Nuremberg) que desempenhava um papel fundamental na política dos judeus, enquanto que no lado do Estado os fios se juntavam no Ministério do Interior do Reich.

Na estrutura dessa política, a principal atribuição da Gestapo era a de monitorar a atividade de organizações judaicas[44] e executar as medidas estatais. Mas não tardou para que a Gestapo já não aguardasse as medidas legais e se pusesse a editar e a executar as próprias medidas. Em janeiro de 1935, por exemplo, a Gestapo ordenou que emigrantes que estivessem regressando deveriam ser internados em "campos de reeducação", o que, na verdade, resultou em aprisionamento em campo de concentração, como deixaram claras disposições baixadas algumas semanas depois.[45] Em fevereiro de 1935, a Gestapo proibiu todos os eventos em que se promovia a permanência das minorias judaicas na Alemanha.[46] Outro exemplo foi o *Flaggenverbot* decretado pela Gestapo em fevereiro de 1935, que proibia os judeus de içarem a bandeira

com a suástica; a proibição oficial só ocorreu em setembro de 1935 por meio da *Reichsflaggengesetz.*[47]

A atuação de Himmler nessas proibições era diversificada: em julho de 1936, por exemplo, assinou um decreto circular determinando que dali em diante os pedidos de licença para a abertura de restaurantes deveriam informar se o requerente era judeu[48] e, em 15 de junho de 1936, transmitiu ao secretário de Estado junto ao Ministério do Interior do Reich, Pfundtner, a ordem de Hitler segundo a qual os judeus não poderiam mais usar prenomes alemães. O Ministério do Interior, no entanto, manteve a questão engavetada por dois anos e meio.[49]

Em regra, Himmler deixava a execução das medidas antissemitas a cargo de Heydrich, que nos anos 1930 era o personagem central da Gestapo e do SD no que dizia respeito à política judaica. O papel de Heydrich foi ainda mais valorizado quando, na sua função de chefe do "departamento de matérias-primas e divisas" (a organização anterior ao plano quadrienal), em julho de 1936, Göring o incumbiu de montar uma "agência de rastreamento de divisas".

Nos anos seguintes, essa nova função permitiria a Heydrich atuar contra supostas violações das determinações quanto a divisas, principalmente as que envolviam judeus que estavam sob "suspeita de emigração".[50] Essa ordem de Göring era a primeira de uma série de autorizações que o marechal do Reich concedeu ao chefe da polícia de segurança e do SD no que dizia respeito à perseguição aos judeus nos anos seguintes. Com isso, haviam se estabelecido duas correntes de comando concorrentes em relação à assim chamada política dos judeus: Hitler-Himmler-Heydrich e Hitler-Göring-Heydrich. O Reichsführer-SS corria, assim, o risco de ser excluído do processo de decisão caso faltasse a atividade antissemita.

Na perseguição aos judeus, tanto a Gestapo quanto o SD apoiavam todas as atividades que envolviam a emigração e impediam todas as atividades "assimilatórias" dos judeus alemães. "Os esforços da polícia do Estado estão orientados à ampla promoção do sionismo e ao apoio de seus objetivos de emigração", constava programaticamente em um relatório da Gestapo de novembro de 1934.[51] Mas para isso era necessário saber quem afinal deveria ser "apoiado" e em que ordem de grandeza. Por isso, a partir de 1935, as centrais da Gestapo passaram a registrar os judeus residentes em seus distritos, um trabalho

que em grande parte estava finalizado até 1939.[52]

No departamento do SD encarregado dos judeus havia um grupo de funcionários mais jovens e autoconfiantes — Dieter Wisliceny, Herbert Hagen, Theodor Dannecker e Adolf Eichmann — que, ao longo do ano de 1937, empenhou-se em desenvolver um projeto independente para a política dos judeus. Eles queriam harmonizar as metas distintas e em parte conflitantes que havia em relação à perseguição aos judeus: expulsão, afastamento da economia e da sociedade, usurpação econômica. Com a "ordem de funções" de 1º de julho de 1937, mediante a qual Heydrich transferira todas as "questões judaicas básicas" para o SD, esse grupo se viu ainda reconhecido em sua função de liderança como "grupo de peritos" em se tratando da política dos judeus.[53]

O SD agora se envolvia cada vez mais nas atividades de perseguição aos judeus, que competiam basicamente à Gestapo: quando, em 1937, expirou o acordo teuto-polonês de 1922 da Silésia do Norte e o regime nazista pôde introduzir as leis antissemitas também nessa parte do país, Eichmann, que fora enviado algumas semanas antes para Breslau, realizou um trabalho preparatório fundamental.[54] Depois da anexação da Áustria, a tática do SD de galgar, mediante a realização de trabalhos de apoio para a Gestapo, ao setor dos executivos finalmente obteria êxito.[55]

## Igrejas

Diferentemente do caso dos judeus, entre os inimigos definidos por Himmler, certamente havia um que despertava nele algo equivalente a um sentimento de paixão: o cristianismo. E isso valia principalmente quando ele discursava em eventos fechados para integrantes da SS onde não precisava se preocupar com considerações políticas em relação à Igreja.

Assim, em 1938, declarou: "A destruição de todos os povos ocorreu em consequência da doutrina cristã. Uma religião, que a) vê a mulher como pecado; b) considera o casamento um pecado menor — apesar de tudo, é melhor do que o outro —, uma doutrina dessas no longo prazo com certeza é a correta quando se quer levar qualquer povo para a cova." Segundo Himmler, o cristianismo era o "destruidor de todos os povos".[56] Na entrega da sede da Ordem Teutônica, que fora confiscada pela cidade de Viena para a SS em 1939, declarou aos presentes

que tinha o “desejo absoluto” de “romper definitivamente” com duas coisas que se desenvolveram de maneira errada na história do pangermanismo: “primeiro, a doutrina desafortunada de um cristianismo ‘asiatizado’ e, segundo, interromper o desperdício do sangue [...] pela negação do clã e pela negação da família”.[57]

Em 9 de junho de 1942, advertiu os chefes das Oberabschnitte: “Teremos de enfrentar o cristianismo de maneira mais enérgica do que até agora. Temos que dar um jeito nesse cristianismo, a maior peste que pôde acontecer na nossa história, que nos enfraqueceu para qualquer disputa. Se a nossa geração não cuidar disso, eu acho que ainda continuará por muito tempo. Devemos confrontar essa tarefa dentro de nós mesmos.”[58]

Três meses depois, em 16 de setembro de 1942, durante um discurso para chefes da SS e da polícia em Hegewald, seu principal centro de operações de verão na Ucrânia, acusou o cristianismo de “visão de mundo perversa e irreal”, porque este via “a mulher como pecado, seguindo conceitos tipicamente orientais, e só aceitava a geração de um ser humano quando um sacerdote tivesse dado a bênção para tal. Mas o cristianismo — e esse foi o maior impulso moralista da Igreja católica — tinha declarado ser um grave pecado qualquer relação entre homem e mulher em que se evita e não se deseja a concepção de um filho”.[59]

Para fora, no entanto, Himmler tentava passar a impressão de que a SS era neutra em relação às questões confessionais. Assim, em janeiro de 1934, criticou o fato de ter tido de retirar de um artigo de jornal a informação de que uma formação completa “da SS participara da ordenação de um bispo em uma certa região”. Himmler classificou a isso de “mau gosto” e “incorreto”, já que “os membros da SS comandados a isso poderiam ter conflitos de consciência em virtude do comando”. Uma “politização da vida religiosa não corresponde à nossa ideologia. Já a mera impressão de algo assim deve ser evitada de todas as formas”.[60] Em outubro de 1934, exigiu a exclusão de sacerdotes dos quadros da SS; em março de 1935, pediu também a exclusão de estudantes de teologia.[61] Em setembro de 1935, proibiu os membros da SS de exercer qualquer “atividade de liderança” em associações religiosas, principalmente no Movimento Cristão Alemão, grupo protestante minoritário racista e antissemita.[62] Himmler não tinha a intenção de reformar o cristianismo segundo os propósitos nazistas; queria, antes, traçar uma linha de separação clara entre a SS e as comunidades cristãs,

quaisquer que fossem. Em novembro de 1937, chegou a ponto de proibir que os membros da SS participassem de eventos da igreja em seus uniformes.[63]

Essa política de distanciamento colocava certos limites às investidas eclesiástico-políticas por parte da SS. Em setembro de 1934, por meio de uma ordem SS, Himmler proibiu "estritamente qualquer intervenção e qualquer falta de respeito para com eventos religiosos de qualquer denominação".[64] Em outubro de 1935, assegurou a Hitler que estava notoriamente preocupado com a conhecida postura anticlerical da SS, que para ele "a paz entre Estado e Igreja é um bem valioso".[65] Em julho de 1937, divulgou em uma ordem SS que fora obrigado a excluir dos quadros da entidade um Scharführer (líder de esquadrão) em virtude de "um discurso sem tato ou respeito sobre questões da Igreja" deste.[66] Um mês antes, em um "curso ideológico [...] proibira qualquer ataque contra a pessoa de Jesus Cristo", porque "atacar ou xingar Cristo de judeu não é digno de nós" e "certamente é um equívoco histórico" — de forma que deixava claro que compartilhava da percepção dos círculos *völkisch* de um "Jesus ariano".[67] Entretanto, recusava-se a acusar publicamente o cristianismo de "judeu-romano".[68] Em 1941, escreveu a um soldado da Wehrmacht, que pretendia estudar teologia, que a vontade dele "de continuar na SS mesmo na qualidade de teólogo não podia ser satisfeita, por razões de ordem fundamental". O regulamento fundamental que entrara em vigor pouco antes teria sido criado para manter a SS fora dos "conflitos religiosos da Igreja".[69]

Correspondia também à política de fachada de neutralidade em relação à Igreja que o comando da SS não exigisse o desligamento da Igreja aos seus integrantes, embora o desejasse. No final de 1938, 21% dos membros da SS se consideravam — tal como Himmler — "tementes a Deus" (*gottgläubig*) ou seja, não professavam nenhuma confissão cristã. Curiosamente, essa porcentagem era de 53,6% na Verfügungstruppe e chegava a 69% nos Totenkopfverbände.[70] Oficialmente, Himmler ressaltava que deixava o seu pessoal livre para decidir se queria ou não seguir uma religião cristã. Em 1936, desencorajou o chefe do Oberabschnitt Düsseldorf, Weitzel, a pedir aos chefes SS, durante os treinamentos, que escrevessem ensaios sob o título "Meu desligamento da Igreja". Considerava ser algo "perigoso"; sugeriu mudar o tópico para "A fé em Deus e a confissão são a mesma coisa?".[71] Em fevereiro de 1937, diante dos Gruppenführer, manifestou-se decididamente contrário a que se forçassem os

desligamentos da Igreja — os desligamentos não deveriam virar um “esporte” dentro da SS.[72]

Em 1937, escreveu a um clérigo em resposta a uma carta deste: “Todo membro da SS está livre para decidir se quer pertencer a uma Igreja ou não. Isso é assunto pessoal que ele deve justificar diante de Deus e de sua consciência.” Mas não era desejado que os membros da SS fossem ateus, pois essa é “a única visão de mundo ou ideologia religiosa que não é tolerada na SS”.[73] “Não tenho nada a ver com confissões”, assim ele se manifestou diante de oficiais ainda em julho de 1944, “isso é da conta de cada um. Mas nunca tolerei um ateu nas fileiras da SS. No íntimo, todo mundo acredita em algo, no destino, em Nosso Senhor, naquilo que os meus ancestrais em sua língua chamavam de Waralda, o ancestral, em algo que é mais poderoso que nós”.[74]

Em novembro de 1936, na reunião dos Gruppenführer explicou que não se deveria “arrancar do coração das pessoas mais velhas aquilo que é sagrado para elas” e, a título de ilustração, mencionou um “caso pessoal”: “Meu pai [Gebhard Himmler falecera no mesmo ano] era — conforme a tradição de nossa família — cristão convicto, no caso específico dele, católico convicto. Conhecia perfeitamente a minha opinião. Entretanto, nunca falamos de religião, com exceção da conversa sobre a nocividade e a corrupção das Igrejas cristãs, com que nós dois concordávamos. Nunca questionei a convicção dele, nem ele a minha.” Ele “respeita” se alguém diz: “Em consideração a meus pais ainda preciso batizar o meu filho. É isso! Sim! Não dá para mudar uma pessoa de 70 anos.”[75]

As manifestações anticristãs de Himmler, justificadas com ponderações ideológicas essenciais, mostram, entretanto, conforme já citado, que as suas repetidas declarações quanto à tolerância religiosa na SS eram meramente táticas; se, no final de 1940, em um discurso ele dizia que, terminada a guerra, visualizava “uma divisão clara e pacífica” entre Igreja e Estado,[76] certamente não considerava um arranjo dessa natureza como meta final da política da SS para com as Igrejas: o que ele queria mesmo era o aniquilamento do cristianismo, uma vez que este era contrário às suas metas *völkisch*. Mas, nesse caso, a pura doutrina não se deixou impor; a despeito de diversos atos hostis contra a Igreja, o regime não conseguia transformar em política oficial a eliminação das igrejas cristãs e da doutrina cristã. De sorte que Himmler era forçado a se manter

cauteloso.

Nos primeiros anos do regime, a Gestapo e o SD limitavam suas medidas de perseguição e vigilância contra a Igreja sobretudo ao catolicismo. Embora o Estado nazista e o Vaticano tivessem fechado o *Reichskonkordat* (Concordata com o Reich) em julho de 1933, garantindo estabilidade da Igreja católica, cerca de dois anos após a tomada do poder, as forças radicais do movimento nazista começaram a mudar a situação a seu favor. Faziam parte desse grupo de rigoristas da política eclesiástica, ao lado de Hess e de seu chefe de estado-maior, Bormann, o *Reichsleiter* Alfred Rosenberg e Himmler. Uma vez que o desligamento das Igrejas católicas não era oportuno, mudaram de estratégia e, no médio prazo, pretendiam eliminar a posição privilegiada das Igrejas como instituições públicas de direito. Reduzidas ao status de associações do direito privado, as Igrejas aos poucos seriam afastadas da vida pública.

Himmler quase não se manifestava em relação às medidas levadas a efeito pela Gestapo ou pelo SD. Deixava esse setor por conta de Heydrich, que na questão religiosa concordava plenamente com Himmler. O que deve ter contribuído sobremaneira para o comedimento público de Himmler foi o fato de ele não querer se expor como opositor radical das Igrejas, evitando, assim, que a SS fosse colocada lado a lado com um fundamentalismo hostil à Igreja. Curiosamente, entre 1935 e 1941, o principal departamento de política eclesiástica do SD era dirigido por um ex-padre católico, Albert Hartl. Em 1933, Hartl havia ingressado no partido, e em 1934 definitivamente trocou de lado, juntando-se ao SD; sua posição na Igreja se tornou insustentável por causa de uma denúncia que ele fizera.[77]

Em 1935, o Estado nazista passou a inundar a Igreja católica com uma onda de processos que ocorriam em paralelo a intensas campanhas da imprensa contrárias à instituição. Investigava-se em duas direções: por um lado, as violações à legislação sobre divisas (baseavam-se aqui nas transações de diversas ordens que cruzavam as fronteiras); por outro lado, contra várias supostas transgressões morais cometidas por membros ordenados. As investigações sobre contravenções envolvendo divisas foram iniciadas no começo de 1935 e ampliadas sistematicamente em março de 1935; tanto a Gestapo quanto o SD participaram ativamente e aproveitaram principalmente as buscas nos mosteiros para confiscar todo tipo de material. Os processos em si

eram preparados por um departamento especial da promotoria do Estado em Berlim. Os primeiros processos ocorreram em maio de 1935. Quase setenta sacerdotes e membros da ordem foram condenados no final do ano de 1935, em trinta processos. Alguns dos processos se estenderam guerra adentro.[78]

As supostas transgressões morais de sacerdotes católicos e de monges tinham um resultado propagandístico muito mais eficiente para os departamentos de perseguição. Desde a primavera de 1935, as procuradorias, a polícia criminal e a Gestapo colhiam material especificamente contra esse grupo de pessoas, alegadamente por conta de atividade homossexual — utilizando amplamente os documentos que haviam sido confiscados no decorrer dos processos de divisas.[79] No final de 1935, a Gestapo instalou um Sonderkommando em seu departamento para processamento dos casos de homossexualidade.[80] O SD também se engajou nas averiguações.[81] As abrangentes investigações levaram a uma onda de processos brevemente interrompida pelos Jogos Olímpicos do verão de 1936 — que persistiu até o verão de 1937. Ao final, havia um total de 250 assim chamados processos morais, em que mais de duzentos membros de associações (sobretudo leigos) foram condenados.[82]

Durante o ano de 1935, cristalizaram-se ainda outras três linhas de ataque à Igreja: em meados de 1935, o Estado nazista limitou o campo de atividades das agremiações de jovens católicos a atividades meramente religiosas,[83] e por ordem da câmara da imprensa do Reich, em 1935-1936, foi afastada grande parte da imprensa católica.[84] Finalmente, em 1935, o partido começou uma campanha, inicialmente na Baviera e depois em outros estados, direcionada a pais, para que não matriculassem mais os filhos em escolas confessionais (nas quais a Igreja, apesar de se tratar de escolas estaduais, tradicionalmente exercia uma influência bastante grande), mas sim em “escolas coletivas”, ou seja, escolas do Estado onde não havia preparação religiosa.[85] A Gestapo e o SD também estavam por trás dessas medidas.

Em comparação, a vigilância da Igreja protestante era secundária para a Gestapo e para o SD.[86] Entre 1933 e 1935, o regime tentara inicialmente controlar as igrejas estaduais, com a ajuda do Movimento Cristão Alemão que eram leais ao partido, a fim de erigir um regime central de igrejas do Reich, mas o plano esbarrou em resistências internas da Igreja, e não deu certo. Sucederam-se violentos conflitos entre o Movimento Cristão Alemão e o movimento de

oposição dentro da Igreja, que só seria solucionado mediante a nomeação de Hanns Kerrl a *Reichskirchenminister* (ministro do Reich para as Igrejas) em julho de 1935. Basicamente havia uma diferença de entendimento fundamental entre Kerrl de um lado e Himmler e os rigoristas da política eclesiástica de outro: enquanto Kerrl pretendia, antes de tudo, fortalecer o Movimento Cristão Alemão, os radicais achavam que isso representava uma valorização indesejável das forças cristãs. Eles queriam manter uma distância muito maior em relação a todos os agrupamentos cristãos.[87] A Gestapo e o SD decidiram, por isso, manter-se fora dos conflitos político-eclesiásticos — esforçando-se, em vez disso, em minar, mediante um trabalho obstinado e meticuloso, a posição de Kerrl dentro do regime; a aquisição intensiva de informações do ministério de Kerrl acabaria contribuindo para isso.[88] Em todo caso, Himmler conseguiu, principalmente com a ajuda de Hess e apoiado entre outros por Goebbels, evitar que Kerrl implementasse o plano de alinhar as igrejas protestantes.[89] "Kerrl quer conservar a Igreja, nós queremos liquidar a Igreja", anotou Goebbels em fevereiro de 1937 depois de um longo debate que tivera com Himmler e Stuckart na noite anterior sobre política eclesiástica em Obersalzberg. E avaliou, concluindo: "O que nos separa não são só diferenças táticas, mas diferenças fundamentais."[90]

Na primavera de 1937, o regime reavaliou a sua postura em relação às duas Igrejas:[91] a encíclica papal, *Mit brennender Sorge* (com profunda preocupação), afastou todas as ilusões de que a Igreja católica fosse se submeter à política eclesiástica do regime sem oferecer resistência. E, no que dizia respeito às Igrejas protestantes, o regime teve de reconhecer que o Movimento Cristão Alemão não tinha o potencial de alinhar a Igreja a partir de dentro. A iminente transição para a política de expansão aconselhava que se imprimisse calma ao front interno. Hitler, por isso, afastou-se gradualmente da política eclesiástica. A reorganização fundamental das relações entre o Estado nazista e a Igreja, que as forças radicais do partido buscava, foi adiada. Diante dessa situação, o presente de aniversário que Himmler ofereceu a Hitler em 20 de abril de 1937 foi algo bastante significativo: ele deu a seu Führer o livro de Otto Rahn *Luzifers Hofgesind* (A criadagem de Lúcifer), uma história dos hereges, encadernado no mais delicado couro suíno.[92]

A estratégia de forçar o afastamento da Igreja da vida pública por meio de

medidas isoladas continuou em ação. Entre 1937 e 1939, a Gestapo, frequentemente com base em “reconhecimentos” do SD, proibiu aos poucos o funcionamento de associações católicas de jovens alegadamente por desobediência destas à ordem de limitar as atividades à esfera religiosa. Entretanto, evitavam-se ações chamativas, uma precaução tática que também pode ser identificada nas atitudes de Himmler quando se tratava de tomar medidas adicionais contra instituições católicas.[93] Em abril de 1937, ao tomar conhecimento da proposta de Kerrl de proibir as associações de jovens homens católicos, Himmler orientou a polícia de segurança a pedir a opinião de Hitler a respeito.[94]

No outono de 1937, Himmler obteve uma cópia da ata interna da Conferência dos Bispos de Fulda e soube assim, em primeira mão, das conclusões a que chegara a maior agremiação episcopal alemã.[95] Como “sinal da estreita cooperação”, pediu a Heydrich, durante uma conferência político-eclesiástica, que entregasse o documento a Kerrl.[96] Exceto por esses êxitos pontuais, a Gestapo e o SD, a despeito de todos os esforços, do emprego de espiões e aparelhos de escuta, não dispunham de informações relevantes acerca das deliberações internas da cúpula da Igreja católica alemã.[97]

Em compensação, a pedido de Himmler, a Gestapo dedicava atenção considerável às “Testemunhas de Jeová”, esse pequeno grupo religioso que contava uns meros 25 mil fiéis, dos assim chamados “sérios estudiosos da Bíblia”.[98] As testemunhas de Jeová se recusavam a participar das eleições, a fazer a saudação de Hitler, a içar a bandeira do nazismo, a ingressar em suas organizações e a prestar serviço militar.[99] Tudo isso era incompatível com seus severos mandamentos religiosos. Já em junho de 1933, os estudiosos da Bíblia foram proibidos na Prússia[100] e demitidos do funcionalismo público.[101] Apesar da proibição, o grupo continuou realizando o seu trabalho missionário em diversos lugares.[102]

No decorrer do ano de 1936, a Gestapo intensificou os atos de perseguição a esse grupo religioso; nos interrogatórios, agora se praticava inclusive a tortura.[103] Uma primeira onda de detenção que abrangia todo o Reich atingiu as Testemunhas de Jeová em agosto e setembro de 1936.[104] Os estudiosos da Bíblia se reorganizaram na resistência e, em dezembro de 1937, realizaram diversas ações de panfletagem. Os novos aprisionamentos, que ocorreram por essa razão,

levaram praticamente à extinção da organização em 1937. Já que as Testemunhas de Jeová se recusavam terminantemente a servir no Exército, a comunidade religiosa foi perseguida de modo especialmente duro durante a guerra.[105]

Em 1935, Himmler incumbiu o SD de uma "missão especial" anticlerical: tratava-se do *Hexen-Sonderauftrag* (missão especial das bruxas), por meio da qual Himmler tentava determinar a dimensão real da histórica caça às bruxas.[106] O que a ensejou foi, entre outros, a comoção pública causada pela distribuição do Calendário dos Camponeses Alemães, publicado em 1935 pelo Instituto da Alimentação do Reich (área de responsabilidade de Darré, que compartilhava das convicções de Himmler) e que, num ataque nitidamente anticristão, remetia aos "9 milhões [...] de combatentes do direito, mártires da fé, hereges e bruxas que foram assassinados, torturados e queimados vivos".[107] Em seu discurso durante as comemorações do Dia do Camponês em Goslar, Himmler alude à agitação que o calendário causara: "Estamos vendo arderem as chamas das fogueiras nas quais foram queimados até as cinzas incontáveis corpos torturados e retalhados de mães e meninas do nosso povo, no processo de caça às bruxas."[108] É possível que ele até acreditasse que uma antepassada de sua própria família fora queimada como bruxa.[109]

De qualquer modo, Himmler vislumbrou a chance única de catalogar todos os materiais sobre o tema caça às bruxas espalhados por inúmeros arquivos da Alemanha e de poder extrair material para mover uma campanha de propaganda contra a Igreja, exigindo dela explicações sobre sua responsabilidade histórica pelos assassinatos em massa. Uma atribuição de importância histórica para a SS!

De início, encarregou-se da missão o Departamento de Literatura da SS na Biblioteca de Leipzig (uma dependência do SD) e, desde 1936, estava aos cuidados da divisão central I 3 da central do SD. Depois da criação do Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA), a "missão especial bruxas" foi transferida ao Departamento de Investigação de Adversários, sob o comando de Franz Six. No total havia 14 funcionários de tempo integral envolvidos no assunto. A equipe começou avaliando sistematicamente a extensiva literatura e investigando todos os traços de caça às bruxas nos arquivos alemães. As pesquisas eram feitas de forma camuflada e avançaram até 1944. O resultado foram 33.846 páginas contendo levantamentos, que formavam um abrangente "fichário das bruxas".

Além disso, Himmler confiou ao escritor Friedrich Norfolk, funcionário de tempo integral do departamento de Six, a tarefa de escrever um romance histórico sobre o tema da caça às bruxas e pediu-lhe que redigisse "uma série de histórias mais curtas sobre bruxas, de umas sessenta a cem páginas".[110] O "prisioneiro especial do RFSS", Herbert Blank, preso em Sachsenhausen por causa de seu trabalho para Otto Strasser, de profissão escritor de romances históricos, foi incumbido da tarefa de estudar, em sua cela, as pastas contendo processos sobre bruxas e, baseando-se nelas, redigir histórias curtas.[111] Os planos incluíam ainda a publicação de um livro ilustrado e de um filme sobre o tema, bem como de uma elaborada coleção científica.[112]

Entretanto, o projeto gigantesco empacou nos levantamentos; não houve uma organização científica do material, nem uma utilização editorial em grande escala. Não está claro se os funcionários encarregados não estavam em condições (ou não queriam) render mais ou se Himmler se viu impedido, por força da política eclesiástica, de forçar mais o avanço do projeto.

**Polícia criminal**

Em maio de 1944, em discurso diante de generais da Wehrmacht, Himmler admitiu: "Naquela época e até o dia de hoje fiz muitas coisas — admito isso abertamente — que não eram permitidas pelas leis escritas, mas que eram exigíveis pelas leis da razão e da consciência natural. Certamente em alguns casos eu não tinha qualquer respaldo legal para prender um criminoso que não tinha feito nada. A lei prescrevia que a polícia esperasse que esse indivíduo, que tinha cometido quatro assaltos e talvez tivesse matado duas pessoas durante esses assaltos, que tinha cumprido seus 15 anos de detenção, fosse preso somente se fosse pego em novo flagrante, ou depois de ter cometido o crime."[113] Com o axioma de tornar o criminoso inofensivo antes que pudesse cometer o crime, Himmler usou de lógica desarmante para descrever o programa que desenvolvera em 1936, de preparar a polícia criminal para o combate preventivo do crime — conduzido pela utopia de uma "comunidade nacional sem criminosos".

Com a publicação da "Nova Organização da Polícia Criminal do Estado", de 20 de setembro de 1936, Himmler confiou ao Departamento de Polícia Criminal do Estado da Prússia a "direção técnica da polícia criminal" de todos os estados.

O próximo passo lógico, de transformar o departamento em Departamento de Polícia Criminal do Reich, foi dado em 15 de julho de 1937. A partir daí, o aparato da Kripo passou a ser dirigido de forma central em todo o território, como polícia criminal do Reich, organizada hierarquicamente e unificada por meio de um sistema de departamentos de polícia criminal distritais e regionais.[114]

Muitas das medidas instituídas pelo regime de Himmler levavam a uma modernização da Kripo, exigida por muitos especialistas desde os anos 1920: a formação foi harmonizada e centralizada, criou-se uma academia de polícia de segurança e uma escola profissionalizante para policiais criminais, em Charlottenburg.[115] Foram instaladas as chamadas centrais do Reich junto ao Departamento de Polícia Criminal do Reich para as diversas modalidades de crime (crime capital, roubo, falsificação de dinheiro etc.), que cuidavam principalmente do esclarecimento de crimes em série inter-regionais e de casos especialmente graves. Foi fundado um Instituto de Criminalística[116] nas províncias, foram criados centros técnicos para as tarefas de rotina. Atribuía-se agora uma importância muito maior à eficiência no levantamento e na transmissão de dados.[117]

A partir de 1937, Himmler nomeou inspetores da polícia de segurança e do SD em todo o território do Reich, que deveriam pertencer predominantemente à Gestapo e ao SD e que estariam incumbidos do reforço da capacidade de ação dos dois aparatos.[118] Entretanto, a fusão entre Kripo e Gestapo para formar a polícia de segurança não foi totalmente bem-sucedida. Embora inúmeros funcionários da Kripo tivessem sido transferidos para a Gestapo a fim de suprir o déficit de especialistas em criminalística desse órgão, os dois departamentos da polícia de segurança não chegaram a ter um intercâmbio rotineiro de funcionários e tampouco um plano de carreira uniforme para os integrantes da polícia de segurança. Em vez disso, cada qual desenvolveu o seu perfil independente e viviam em posição de certa rivalidade — incentivada por Himmler na medida em que ordenava a perseguição de certos “delinquentes” como homossexuais, “associais” e os chamados profanadores da raça tanto pela Kripo quanto pela Gestapo. Vários fatores indicam que em virtude desse perene estado de competição, os métodos mais brutais da Gestapo acabaram influenciando a Kripo.[119]

A unificação, centralização e modernização da polícia criminal criaram as

premissas para que a prioridade do trabalho de criminalística fosse, conforme anunciado, transferido para a prevenção criminal. Em 1933, o regime nazista havia instituído a "custódia preventiva" para pessoas que tivessem antecedentes criminais; essa medida, entretanto, limitou-se a algumas centenas de indivíduos, que tinham de permanecer por esse período em campos de concentração. No início de 1937, Himmler decidiu aumentar consideravelmente o número de pessoas sob prisão preventiva: "Ainda acho que a criminalidade é alta demais na Alemanha. Por isso agora passarei a prender uma quantidade muito maior de criminosos profissionais, logo após terem cometido alguns delitos, depois de três ou quatro vezes, e não vou soltá-los mais", anunciou oficialmente para o Exército em janeiro. "Não dá para responder de outra maneira, nós com a nossa conversinha humanitária e com essas leis insuficientes, não podemos deixar essas pessoas soltas no meio do povo, especialmente os assassinos, gente que assalta, rouba carros etc. e cuja perseguição então nos custa um monte de dinheiro."[120]

Em carta expressa de 23 de fevereiro de 1937 para o Departamento de Polícia Criminal da Prússia constava que os "assaltos à mão armada, arrombamentos sistemáticos e crimes contra o pudor geraram forte desordem na sociedade" e, por isso, Himmler ordenava que cerca de 2 mil "criminosos profissionais reincidentes que não estejam empregados sejam presos de surpresa dentro de um dia em todo o Reich e enviados aos campos de concentração".[121] Essa ação foi executada em março de 1937 e, de fato, parece que cerca de 2 mil homens com antecedentes criminais foram encarcerados em campos de concentração. O número dos "presos em prisão preventiva" quintuplicou com essa ação; a prisão preventiva já não era nenhuma exceção; ao contrário, tornara-se algo rotineiro.[122]

A operação de março de 1937 foi o início da escalada da prevenção criminal e de seu cunho racista,[123] pois a transição para o combate preventivo da criminalidade passou a ser justificada em termos biológicos. Na opinião dos principais especialistas e de seus colegas de ofício, que se autodenominavam "biólogos criminais" — no início de 1938 foi instalada no Departamento Criminal do Reich uma "Central para Pesquisa Genealógica Criminal" —, a criminalidade estava condicionada sobretudo à genética. Assim, tratava-se agora de "erradicar" aqueles grupos marginais da sociedade que se entendia serem portadores dos genes "associais", portanto, tendenciosamente criminosa. Desse

modo, o combate à criminalidade passou a ser uma questão racial, o combate à transgressão foi colocado a serviço da ideologia nazista.[124]

A implementação da prevenção criminal se baseava no "decreto fundamental referente ao combate preventivo da criminalidade pela polícia" de 14 de dezembro de 1937, do ministro do Interior do Reich, que invocava enfaticamente conhecimentos "de criminalística biológica".[125] De acordo com isso, o combate preventivo da criminalidade deveria ser assegurado de duas maneiras: de um lado pela "vigilância policial planejada" de pessoas com antecedentes criminais, por exemplo: restrição policial de permanência em determinados lugares, proibição de contatos, imposição de abstinências etc.; e de outro lado pela ampliação da "detenção policial preventiva". As medidas deveriam ser aplicadas não somente às pessoas condenadas legalmente, mas também àquelas consideradas "associais".[126]

Enquanto, em janeiro de 1938, a polícia criminal preparava uma operação em grande escala para prender milhares de pessoas em caráter preventivo, Himmler pessoalmente deu a ordem para que a Gestapo iniciasse ações independentes contra pessoas "avessas ao trabalho" — mais um exemplo que demonstra como ele, debaixo do teto da polícia de segurança, exercia pressão sobre a Kripo por meio de concorrência. Ordenou também que as agências de emprego mantivessem a Gestapo informada sobre pessoas que tinham condições de trabalhar, mas que se recusaram por duas vezes a aceitar certos trabalhos sem razões justas, ou sobre pessoas que, embora tivessem aceitado algum trabalho, abandonaram-no sem motivo conclusivo. Essa ação durou de 21 a 30 de abril; ao final, havia 2 mil novos presos em Buchenwald.[127]

A polícia criminal deu início à sua ação contra os associais (*Arbeitsscheu Reich*), em 13 de junho. Em carta expressa de 1º de junho de 1938, Heydrich ordena que as centrais da Kripo realizem a prisão preventiva de "no mínimo duzentos homens fisicamente aptos (associais)" em seus respectivos distritos, no prazo de uma semana. Nessa ação, deveriam ser considerados sobretudo vagabundos, mendigos, "ciganos e pessoas que perambulam como ciganos", cafetões e "pessoas sobre as quais pesam diversas condenações por resistência, lesão corporal, participação em pancadaria, transgressões ou atos semelhantes pelos quais demonstraram que não querem se submeter à ordem da comunidade do povo". [128]

O decreto de 1º de junho não só justificava a ação pelo fato de “as raízes da criminalidade estarem fincadas no antissocial”, mas também mencionava um segundo motivo: a “rígida execução do plano quadrienal”, que não permitiria que “pessoas associais se esquivem ao trabalho e sabotem o plano quadrienal”. Na realidade, quem desencadeou a medida foi o encarregado de Himmler do plano quadrienal, Ulrich Greifelt; ela fazia parte do contexto da passagem obrigatória do mercado de trabalho para o “aproveitamento no trabalho” e assim remediar a alarmante carência de mão de obra em virtude do forçado armamento do país.[129] Em termos temporais, essa ação ocorreu curiosamente na mesma época em que se implantaram os sistemas de produção nos campos de concentração, para os quais se necessitava de mão de obra. Além disso, é possível que a operação *Arbeitsscheu Reich* também buscasse exercer uma influência disciplinadora e intimidadora sobre toda a classe trabalhadora, como medida paralela à imposição do serviço civil obrigatório, decretado em 22 de junho de 1938.[130]

Em 1º de junho, Heydrich também ordenou que na semana em questão “todos os judeus do sexo masculino de cada distrito da polícia criminal, sobre os quais pesa ao menos uma pena de prisão de mais de um mês, devem ser detidos em caráter preventivo”. Evidentemente queria-se, com isso, equiparar uma parte da minoria judaica com o meio dos associais e criminosos — uma tendência que também se destaca na propaganda da imprensa dessa semana.[131]

A ofensiva contra os grupos marginais “associais” continuou durante os meses seguintes. No final de 1938, havia 12.921 pessoas em prisão preventiva e 3.231 sob vigilância sistemática.[132] Embora não haja estatísticas confiáveis sobre a criminalidade no período de 1933 a 1945, tudo indica que o índice realmente regrediu após 1933. O combate rigoroso à criminalidade, principalmente mediante a detenção de criminosos “em potencial”, deve ter contribuído para isso; decisivo, no entanto, foi que, com a diminuição da crise econômica mundial, a taxa de criminalidade que subira enormemente nos anos de 1930 a 1933 também voltou a um patamar mais normal.[133]

Durante a aplicação das medidas contra “associais”, a polícia, como já se disse antes, também atuou de modo severo contra os ciganos. Estes faziam parte do grupo de pessoas que durante as ofensivas de 1938 foi especialmente visado pela

polícia criminal.[134] É verdade que os ciganos já haviam sido vítimas de intensa vigilância e discriminação por parte das autoridades nos anos anteriores, e a partir de 1935 diversos municípios de cidades grandes passaram a transferir esses grupos para campos coletivos especiais, vigiados e controlados.[135] Entretanto, a partir de meados dos anos 1930, o sistema nazista passara a assentar a perseguição aos ciganos sobre uma nova base: a causa da "praga dos ciganos", entendia-se agora, deveria ser atacada e eliminada a partir de suas supostas raízes genéticas. Os ciganos constituíam vítimas especialmente frequentes de esterilizações obrigatórias impostas pelas autoridades, e o casamento com "pessoas de sangue alemão" lhes era negado tanto pela lei que proibia o casamento de alemães com judeus, quanto pela lei cujo objetivo era proteger a saúde genética do povo alemão mediante a comprovação da adequação dos noivos e a exclusão de pessoas portadoras de certas doenças.[136]

No outono de 1936, o Departamento de Polícia Criminal da Prússia instituiu a centralização da perseguição aos ciganos, e em 1938 — entrementes fora criado o Departamento de Polícia Criminal do Reich — foi instalada uma "central do Reich para o combate à desordem causada pelos ciganos".[137] Até meados de 1939, havia sido construído um aparato de polícia criminal para o "combate aos ciganos" que abrangia inclusive os departamentos de polícia locais. O Departamento da Polícia Criminal do Reich atuava em estreita cooperação com o Instituto de Pesquisa de Higiene Racial do Departamento de Saúde do Reich, que, desde 1937, examinava antropometricamente e genealogicamente todos os ciganos — sinti e roma — que viviam no Reich. Baseando-se nesse material, o instituto de pesquisa emitia relatórios de higiene racial, nos quais apresentava uma classificação formal dos ciganos em termos de "origem legítima" e "ciganos mestiços". [138]

Orientando-se por essa classificação, Himmler esclareceu em 8 de dezembro de 1938 que, na "questão dos ciganos", a "raça" era o elemento fundamental. Assim, explicou aos oficiais de polícia, "parece indicado que a questão dos ciganos seja abordada a partir da natureza dessa raça". Segundo a experiência, os "mestiços são responsáveis pela maior parte da criminalidade dos ciganos. Por outro lado, comprovou-se que as tentativas de assentar os ciganos não foram bem-sucedidas, especialmente no caso dos ciganos de raça pura, em virtude de seu instinto nômade. Por isso, para a solução definitiva da questão dos ciganos é

imprescindível separar os ciganos de raça pura dos ciganos mestiços".

Para possibilitar isso, Himmler decretou o levantamento de todos os ciganos, ciganos mestiços e "pessoas que perambulam como ciganos" por mais de seis anos.[139] Desse modo, praticamente toda a população sinti e roma do território do Reich, cerca de 25 mil pessoas, foi registrada pela polícia criminal e avaliada individualmente pelo Instituto de Pesquisa de Higiene Racial.

Em junho de 1939, Himmler ordenou a tomada de ações especiais contra os ciganos da Burgenlândia, na Áustria, onde, em consequência do assentamento obrigatório dos Habsburgos, viviam cerca de 8 mil sinti e roma. O Departamento de Polícia Criminal do Reich ordenou a detenção preventiva dos "ciganos e mestiços de ciganos preguiçosos e especialmente associais da Burgenlândia". Em decorrência desse decreto, centenas de ciganos foram transportados para o campo de concentração de Dachau.[140]

## Combate ao aborto e à homossexualidade

Paralelamente à perseguição aos inimigos político-ideológicos do nazismo (comunistas, judeus, maçons, cristãos) e ao combate preventivo da criminalidade tendo em vista o "aproveitamento no trabalho", a principal preocupação do chefe da polícia alemã no período de 1936 a 1939 era a luta pela regularização sexual, ou seja, contra o aborto e, sobretudo, a homossexualidade.

Durante palestra de janeiro de 1937, por ocasião do Dia da Polícia Alemã, ficou claro o quanto Himmler se empenhava nessa questão (na prática, tratava-se de uma semana de propaganda destinada a obter o apoio da população para o trabalho da polícia, sob o lema: "A polícia é sua amiga e parceira."). "A homossexualidade e a prática amplamente difundida do aborto ilegal", declarou Himmler, são "pragas" que "levam qualquer povo ao abismo". Mas a polícia já estaria "combatendo implacavelmente esse horror".[141] Na primavera de 1937, durante uma conferência em Berlim, Himmler disse que futuramente avaliaria a competência da Kripo a partir de seu sucesso na luta contra a homossexualidade e o aborto.[142]

Para Himmler, o combate dessas duas "pragas" era uma importante questão pessoal. Em 15 de junho de 1937, diante do Conselho Consultivo para Questões de Política Populacional e Racial, declarou: "Realmente passei dias e noites

pensando sobre essas duas graves questões. Para uma pessoa que é normal e decente, não é nada fácil ver essas coisas e tentar explicá-las. Confrontei-me com a pergunta: será que é realmente por causa disso que o nosso povo é tão degenerado moralmente e tão ruim?”[143]

Himmler não se cansava de reiterar que as consequências político-demográficas do aborto eram avassaladoras. Enquanto em outubro de 1936, em sua fala diante do Comitê do Direito Policial, Himmler preferisse não especular sobre o número de abortos ilegais,[144] em fevereiro de 1937, diante dos SS-Gruppenführer, estimou que o número de abortos subira de 500 mil para 800 mil ao ano.[145] Em setembro do mesmo ano, diante do Comitê de Especialistas para Política Demográfica, citou o número de 400 mil,[146] e em setembro de 1938, em um discurso público à Organização dos Alemães no Exterior, gabou-se de ter conseguido reduzir o número de abortos nos anos de 1932-1933 de 600 mil e 900 mil para 400 mil e 500 mil.[147] Além disso, em fevereiro de 1937, falando aos Gruppenführer, estimou que 350 mil mulheres se tornavam estéreis ao ano em virtude de abortos;[148] em comparação, em junho, diante do Comitê de Especialistas, falou em 100 mil vítimas,[149] e em setembro de 1938, 50 mil.[150]

Vê-se, portanto, que Himmler era bastante manipulador ao falar dos números relativos aos abortos clandestinos, dependendo se queria enfatizar os perigos político-demográficos ou destacar os êxitos obtidos nessa área. Se fosse possível salvar todo ano 100 mil crianças do aborto, em trinta anos se teria um exército de 400 mil homens, argumentou diante do Comitê de Especialistas — um balanço que também já apresentara em memorando a Hitler.[151]

A declaração pública mais detalhada de Himmler relativa ao tema homossexualidade se encontra em seu discurso proferido em 18 de fevereiro de 1937, durante reunião de Gruppenführer da SS em Bad Tölz. A homossexualidade — os perigos que representa e o seu combate — era o tema principal do discurso, que vale a pena ser mencionado detalhadamente, já que evidencia plasticamente o grau da homofobia de Himmler.[152]

Himmler lembrou primeiramente que, ao tomarem o poder em 1933, os nazistas se depararam com a cifra de 2 milhões de pessoas registradas em “associações homossexuais”; dentre essas, Himmler contabilizava as mais diversas organizações que se haviam posicionado a favor da abolição do

parágrafo 175.[18] Ele reconheceu que provavelmente nem todos os membros dessas associações fossem “pessoalmente homossexuais”; ainda assim, estimava ele, poderia se supor que haveria de um a 2 milhões de homossexuais na Alemanha; sim, ele até mencionou outras projeções, que davam conta de 4 milhões de homossexuais do sexo masculino. Se havia 2 milhões de homossexuais na Alemanha, calculou Himmler diante dos Gruppenführer da SS, isso significava que 7% a 10% dos homens maduros sexualmente eram homossexuais. “Se essa situação persistir, o nosso povo sucumbirá ante essa praga.” A isso se somariam ainda 2 milhões de mortos na guerra, de modo que “a falta de um total de aproximadamente 4 milhões de homens sexualmente maduros provocaria uma desordem na economia alemã em termos de reprodução”.

Himmler pregava à sua audiência que era crucial que “tudo o que acontece no âmbito sexual [...] não pode ser assunto particular de cada um”. Antes de mais nada, significava “a vida ou a morte de um povo, o seu poder mundial e a sua *Verschweizerung* [aproximação da situação da Suíça]. O povo que tem muitos filhos é candidato a potência mundial e pode controlar o mundo. Um povo de boa raça, que tem poucos filhos, está certamente fadado ao túmulo, à perda total de significância dentro de cinquenta ou cem anos, e ao sepultamento definitivo em duzentos a quinhentos anos”.

Himmler então se pôs a descrever o efeito desastroso da homossexualidade, a “praga do povo”: “há centenas de anos, ou melhor, há milhares de anos, os povos germânicos e especialmente o povo alemão são regidos por homens. Mas, por causa da homossexualidade, esses estados patriarcais correm o risco de se autodestruir. A meu ver, o principal erro no âmbito do Estado é o seguinte: o Estado, a organização do povo, o Exército e as instalações públicas em geral, todos ocupam as suas posições de acordo com o seu desempenho, sem levar em conta as inépcias humanas”. Mas, como seria o caso tanto no Estado quanto na economia em geral, continuou Himmler, em que um chefe heterossexual sempre dava preferência a uma taquígrafa jovem e bonita, embora menos capaz, em detrimento de outra taquígrafa mais eficiente, mas mais velha e menos atraente, assim existia o perigo de que um chefe de orientação homossexual adotasse os mesmos critérios ao realizar as suas contratações. Mas quando “um princípio erótico homem-afeminado, um princípio sexual entre iguais, de homem para

homem, se estabelecer dentro do estado masculino", aí "começará a destruição do Estado".

A homossexualidade, concluiu, "leva à derrocada de qualquer produtividade, de qualquer desenvolvimento baseado em capacidade e corrói o Estado nas suas bases. Além disso, o homossexual é uma pessoa psiquicamente doente. É fraco, é covarde em todos os casos decisivos. Acredito que possa até ser corajoso na guerra, mas quando se trata de coragem civil, são os homens mais covardes que existem". Além disso, os homossexuais seriam mentirosos patológicos. E: "Pela minha experiência [sic] a homossexualidade leva a uma absoluta incapacidade mental e, diria até, à quase loucura." Os homossexuais seriam suscetíveis a chantagem; se destacariam por uma "insaciável necessidade de comunicação" — uma característica, lembre-se aqui, que Himmler considerava o seu maior defeito quando jovem. "Finalmente, não existe — falo agora do ponto de vista deles — lealdade no amor de um homem por outro homem, como existe a lealdade entre os demais homens, embora essa gente alegue que se ama."

Disso se podia deduzir que a homossexualidade deveria ser combatida a qualquer custo, caso contrário "será o fim da Alemanha, o fim do mundo germânico". Os germânicos ainda afogavam os seus "Urninge" [homossexuais] no pântano: "Infelizmente, devo dizer, isso já não é mais possível." Somente na SS seria possível levar esse tema às consequências desejadas: conforme Himmler, por ano havia aproximadamente de oito a dez casos de homossexualidade na SS. Os criminosos — cujo número, diga-se de passagem, era bem mais alto segundo as estatísticas secretas da SS[153] — depois de condenados e de cumprirem as penas eram "transferidos para um campo de concentração e [...] abatidos a tiro quando tentavam fugir".

As observações loquazes de Himmler deixam claro o quanto, de seu ponto de vista, a homossexualidade ameaçava a sua própria identidade, a sua imagem de masculinidade e de ordem. Aqui se confrontavam dois mundos totalmente incompatíveis: o seu, que ele descrevia com a linha de pensamento homem — masculinidade — amizade masculina — lealdade — realização — Estado, e o dos outros, que associava com feminilidade, erotismo, sexualidade irrefreada, caos e decadência. O homossexual que queria migrar desse meio, sem ser reconhecido, para o seio do Estado, só podia ser visto de uma única maneira: como inimigo do Estado, que deveria ser eliminado.

No mesmo discurso, Himmler também se ocupou detalhadamente das origens da homossexualidade: “De modo geral, penso eu, temos uma masculinização excessivamente forte nas nossas vidas, algo que está tão impregnado em nós que militarizamos coisas impossíveis, porque — aqui posso dizer isso abertamente — não sabemos fazer nada perfeitamente além de preparar pessoas, enfileirá-las e mandar que arrumem suas mochilas. Penso que é uma catástrofe ver como garotas e mulheres — mas principalmente garotas — andam por aí com as suas mochilas perfeitamente bem-arrumadas. É de passar mal. Eu vejo como catástrofe quando organizações de mulheres, associações de mulheres ou ligas de mulheres se ocupam de coisas que acabam com todo o charme, toda a dignidade e toda a graça femininas. Vejo como uma catástrofe quando — falo aqui de modo geral, pois isso na verdade não nos afeta diretamente — nós, homens tolos, queremos transformar as mulheres em um instrumento lógico de pensar, nós as doutrinamos em tudo que é possível, masculinizamos as mulheres de tal forma que, com o tempo, a diferença entre os sexos, a polaridade, desaparecerá. A partir daí, o caminho para a homossexualidade não estará distante.”

Agora fala empolgadamente: “Quando um rapaz, que está apaixonado por uma garota, é ridicularizado mais do que o normal, quando não é respeitado e é chamado de maricas, e quando lhe dizem que um cara não fica andando por aí com as garotas, ele passa a não andar mais com garotas. E só existem amizades entre rapazes. Se são só os homens que mandam no mundo — daí, o próximo plano é a homossexualidade.”

Depois, Himmler relembrou o texto de Hans Blüher sobre “O papel do erotismo na sociedade masculina”, que ele havia lido em 1922 e cujo pensamento básico ele aparentemente supunha ser conhecido do seu público: “Esses são os pensamentos do senhor Blüher: ‘A maior forma de amor não é a que existe entre homem e mulher — há filhos envolvidos nisso, existe ali algo de animal. A forma maior é o amor sublimado entre homem e homem. Foi deste amor que resultaram os maiores feitos da história mundial.’ [...] Isso é inculcado aos jovens, que de todo modo já se encontram em um movimento incrivelmente masculinizado, e que nos acampamentos masculinos não têm oportunidade de se encontrar com as garotas. Em minha opinião, não é de admirar que tenhamos trilhado esse caminho da homossexualidade.”

No próximo trecho de seu discurso, Himmler trata de transferir a imagem da

“liga masculina erótica” para um dos principais inimigos: o cristianismo. “Estou convencido de que todo o conteúdo do sacerdócio e do cristianismo como um todo é uma liga masculina erótica para a edificação e a manutenção desse bolchevismo de 2 mil anos de idade.” Conforme Himmler, dever-se-ia partir da premissa de que no meio dos sacerdotes do campo mais de 50% não eram homossexuais, mas que a homossexualidade nos mosteiros era de 90% a 100%: “Mas nos próximos quatro anos teremos uma evidência muito conclusiva — espero — de que a organização da Igreja em sua direção, em seu sacerdócio, é predominantemente uma liga masculina homoerótica que, nessa base, já aterroriza a humanidade há 1.800 anos, reivindicando dela as maiores oferendas sanguinárias, e que foi sádica e perversa nas suas proclamações do passado. Só preciso relembrar os processos contra bruxas e hereges.

“A mentalidade de subvalorizar a mulher é algo tipicamente cristão; e nós, como nacional-socialistas, sem termos consciência disso — alguns até como pagãos convictos —, adotamos esse pensamento até os dias atuais. [...] Reconheço certa tendência em nossas fileiras de, sempre que possível, excluir as mulheres de todos os eventos e festividades. Essas mesmas pessoas se queixam de que as mulheres em geral ficam apegadas à Igreja, ou que no íntimo não são totalmente a favor do nacional-socialismo. Mas os que tratam as mulheres como seres da segunda classe e, principalmente, as mantêm longe de nossa vida interior [...] não podem se queixar de nada.

“Justamente, temos de estar plenamente convictos de que o movimento, a visão de mundo, só terá consistência quando for apoiada pelas mulheres, pois os homens compreendem todas as coisas com a razão, enquanto as mulheres entendem as coisas com o sentimento. Os maiores sacrifícios de sangue durante a caça às bruxas e aos hereges foram feitos pela mulher alemã e não pelo homem. Os clérigos sabiam exatamente o porquê de estarem queimando 5, 6 mil mulheres; elas se apegavam emocionalmente às doutrinas e ao conhecimento ancestral e instintivamente não queriam se afastar disso, enquanto os homens já haviam se ajustado ao pensamento lógico: não adianta, sucumbiremos politicamente, cederei, deixarei que me batizem.”

Depois desse pequeno desvio de rumo, Himmler voltou ao tema principal: “Vejo em todo esse movimento um processo de masculinização demasiado forte e, no exagero da masculinização, a sementeira para o homossexualismo.”

Daquilo que fora dito, Himmler inferiu alguns conselhos práticos — algumas dicas para travar conhecimentos, por assim dizer — que deu aos Gruppenführer para que refletissem a respeito: “Cuidem para que nossos homens — tal como foi iniciado por mim — se encontrem com as moças para dançar na festa de solstício de verão. Considero totalmente certo permitir que os jovens candidatos no inverno, de tempo em tempo, organizem reuniões dançantes para as quais naturalmente não convidaremos as garotas malvadas, apenas as melhores, e por meio das quais estaremos dando ao homem da SS a oportunidade de dançar com garotas e de se divertir. Acho isso importante principalmente porque é um modo de tentar evitar que algum deles trilhe o caminho errado em direção ao homossexualismo.”

Também no caso da juventude, achava Himmler, era preciso assegurar “que o rapaz de 16 ou 17 anos entre em contato com garotas, seja em aulas de dança, seja em reuniões de jovens ou em outros eventos dos quais participem as moças. Quinze ou 16 anos é uma idade decisiva — posso dizer isso por experiência própria. Se o jovem se apaixona num desses eventos e sente um amor juvenil por alguma moça, ele estará seguro, terá sido afastado do perigo.

“Realmente não há motivo para nos preocuparmos na Alemanha [...], achando que estamos aproximando os rapazes das moças cedo demais e, assim, incentivando a atividade sexual. Não, considerando nosso clima, nossa raça e nosso povo, podemos partir do princípio de que o jovem de 16 anos vê aquilo como o amor mais puro, limpo e ideal, e no momento em que está apaixonado por uma moça — e preciso enfatizar isso — a masturbação junto com os camaradas, a amizade masculina ou a amizade entre meninos dessa forma sexual já nem é considerada, pois de maneira geral ele sente vergonha diante de uma garota. E vai se sentir vinculado como ser humano.”

Fica patente que nesses discursos Himmler se baseava principalmente em seu próprio desenvolvimento, ou melhor, subdesenvolvimento, sexual. Embora tivesse participado assiduamente das aulas de dança, idolatrado as raparigas e mantido amizades com elas, claramente não teve nenhuma relação íntima com o sexo oposto até a idade de 27 anos; pelo contrário, sempre se opusera a uma ligação mais íntima e também à atividade sexual, mantendo-se firme à ideia de ter de se guardar para uma missão “masculina”. Aliás, na juventude frequentara sobretudo essas organizações de forte cunho masculino que agora considerava

altamente perigosas; e, antes dessa época, sentira-se fortemente ligado à Igreja católica, cujos clérigos agora via como integrantes de “uma liga homoerótica”.

Assim, é possível também ver esses pronunciamentos como reflexão mais ou menos consciente sobre o próprio “risco” que ele correra no passado por conta de tentações homossexuais. Tratava-se sobretudo de uma autocrítica, quer dizer, um acerto de contas pessoal com sua autoestilização de “homem-soldado” ou “lansquenê solitário”, sustentada até seu casamento em 1928. O fato de finalmente ter abandonado essa estilização e ter redefinido a SS como uma ordem de clã por um lado provavelmente se explica pelos esforços que envidou para se distanciar do perfil da SA, à qual se referia quando mencionava a perigosa tendência masculinizadora do movimento nazista. Por outro lado, no entanto — isso fica claro no discurso de fevereiro de 1937 —, Himmler via, de forma retrospectiva, sua virada em direção a um ideal puramente masculino como a salvação de uma tentação homossexual existente em seu íntimo, descrita de modo tão vívido em seu discurso. A ideia de que os perigos homossexuais necessariamente deveriam ser afastados da juventude por meio do incentivo de uma interação descontraída entre os gêneros não só seria mantida por Himmler, como também aperfeiçoada de modo coerente nos meses e anos que se seguiram: em ocasião posterior ele se declararia abertamente contra o tabu do sexo antes do casamento e a discriminação das crianças por ele geradas.[154]

A homofobia de Himmler não só resultou em uma postura defensiva contra uma excessiva “masculinização” do movimento nazista como ditou o modo como o Reichsführer-SS queria que se desse o relacionamento entre os integrantes da SS: evitar ligações emocionais demasiadamente próximas e, na medida do possível, nada de relações afetuosas. A SS não deveria ser coesa em virtude de ligações masculinas de amizade e Eros, mas em decorrência de camaradagem lúcida e, principalmente, disciplina “soldadesca”. O Reichsführer-SS transferiu seu impulso obsessivo de autocontrole para a organização masculina SS.

Mas qual era a característica da perseguição policial aos homossexuais na prática?

A perseguição sistemática aos homossexuais pela polícia e pela Gestapo tivera início somente alguns meses após o assassinato de Röhm e seus

seguidores.[155] Isso foi facilitado pelo recrudescimento do parágrafo 175 do Código Penal, em junho de 1935.[156] Quando Himmler assumiu a direção da polícia alemã, em junho de 1936, as medidas foram intensificadas: já em outubro Himmler assinou um decreto em que ordenou a construção de uma Central do Reich para o Combate da Homossexualidade e do Aborto, além de estabelecer regras detalhadas para a realização de um levantamento dos homossexuais existentes.[157] Josef Meisinger, o chefe da central, também dirigia a Unidade Especial da Gestapo, departamento que Himmler criara em 1934 e que foi mantido paralelamente ao aparato da polícia criminal para a perseguição de homossexuais.[158] A principal tarefa dessa central era registrar categorias específicas de homossexuais masculinos que haviam infringido a lei: por um lado, para evitar a "infiltração" de homossexuais no partido, na Wehrmacht ou no funcionalismo público; por outro, para colher evidências contra determinados grupos (judeus, maçons, representantes importantes do "sistema" de Weimar). Em 1940, havia 42 mil fichas preenchidas.[159]

Embora o número de condenações em consequência dessas medidas tenha aumentado bastante, passando de menos de 4 mil entre 1933 e 1934 para mais de 22 mil no período de 1936 a 1938, esses números também mostram que a polícia e a justiça não estavam preocupadas em tomar uma atitude contra o fantasma dos milhões de casos de homossexualidade que Himmler denunciara no discurso em Tölz.[160] Poucas semanas depois, foi publicado um artigo no *Schwarze Korps* que esclarecia a orientação oficial da SS em relação ao fenômeno. Conforme o artigo, a ser feita uma distinção: apenas 2% dos homossexuais eram "realmente anormais"; na maioria dos casos tratava-se de desencaminhados que, por meio de terapias de trabalho, medidas educativas e ameaças de castigo, poderiam ser dissuadidos de seu vício. Ainda que o artigo tenha marcado a abertura de uma campanha do *Schwarze Korps* contra a homossexualidade, também ficou evidente que por parte da direção nacional da SS não existia a intenção de criminalizar milhões de homens.[161] De acordo com isso, Himmler anunciou, na já mencionada conferência de trabalho da polícia criminal de maio de 1937, que a grande massa de homossexuais poderia ser transformada em "homens normais".[162]

Ocasionalmente, o chefe da polícia alemã intervinha diretamente na perseguição aos homossexuais: em março de 1937, durante as reuniões de

consultoria quanto à reformulação da lei penal, exigiu que, em caso de transgressões contra a proibição da homossexualidade, estaria prevista não só a detenção, como essencialmente também o encarceramento em penitenciária.[163] Em outubro de 1937 determinou, inesperadamente, que atores e artistas só poderiam ser detidos por "lascividade não natural" com a sua permissão.[164] Em maio de 1939, instruiu o Departamento de Polícia Criminal do Reich a não interpretar com demasiado rigor o legalmente previsto preceito da voluntariedade para a esterilização de homossexuais.[165]

Durante a Segunda Guerra Mundial, a perseguição a homossexuais deixou de ser prioritária para a polícia de segurança. Embora Himmler tivesse determinado, em julho de 1940, que os homossexuais que tivessem seduzido mais de um parceiro[166] também fossem detidos preventivamente, os sinais estavam mais para moderação do que para perseguição. Quando Himmler, três anos depois de sua diatribe homossexual de fevereiro de 1937, voltou ao tema, dessa vez em palestra ante o *Gauleiter* e altos funcionários do partido, mostrou-se confiante, dizendo "venceremos esse vício e essa doença mortal para um povo. Acredito poder constatar que não haverá continuidade para esse vício na geração dos jovens, ou ao menos não mais nessa intensidade. De modo geral, grande parte da nossa juventude escapou dessa perdição, de modo que esse vício, ou, digamos assim, o recrutamento para esse vício terminou, e o número de homens que caem na tentação diminuiu". Na opinião dele, esse grupo questionável "ainda é de aproximadamente um milhão".[167]

Será que Himmler acreditava realmente que em três anos, três quartos dos homossexuais haviam abandonado esse "vício"? O fato de ele passar a tratar o tema com relativa tranquilidade, poucos anos após o ataque de pânico homofóbico, serve como mais um exemplo do seu pragmatismo: já que durante a guerra a Gestapo e a polícia não podiam despender muita energia nesse assunto, ele simplesmente declarou que o problema estava solucionado, do mesmo modo que nos anos 1930 alegara que o número de abortos caíra, ou mais tarde, durante a guerra, quando passaria a adequar sua opinião em outras questões de política sexual de acordo com a situação momentânea. Além disso, Himmler tinha boas razões para deixar de se expor na perseguição aos homossexuais: em 1938, ele erroneamente acusara o comandante em chefe do Exército, Werner von Fritsch, de homossexual e, com isso, arranhara consideravelmente sua reputação junto a

Hitler; retomaremos esse assunto mais adiante.

Somente a SS e a própria polícia, assim parecia, deveriam ser excluídas da nova conduta mais relaxada em relação à homossexualidade: em novembro de 1941, por meio do Decreto de Manutenção da Pureza, Hitler instituiu até a pena de morte para transgressões neste sentido na SS e na polícia.[168] No decreto com o qual Himmler divulgou as novas regras, ele conclamou os membros da SS e da polícia a agir como "pioneiros na luta pela erradicação da homossexualidade dentro do povo alemão".[169] Na prática, no entanto, ocorreram pouquíssimos casos de aplicação da pena de morte; em geral, Himmler reavaliava as decisões e frequentemente voltava atrás.[170]

A conduta de Himmler no caso do Untersturmführer Otto Rahn também dá o que pensar: o escritor, que, em virtude dos temas que abordava — a procura do sagrado graal e a história dos hereges —, gozava da atenção e admiração especiais do Reichsführer-SS, e que privava da intimidade de Himmler a ponto de este ter-lhe pedido ajuda na pesquisa da história de sua família, repentinamente pedira dispensa da SS e cometera suicídio pouco depois. O motivo por trás disso era evidente: Rahn não conseguia mais esconder a condição de homossexual.

Himmler considerou o caso "especialmente trágico", uma vez que Rahn fizera todo o possível para expiar sua "falha" em relação à SS. Assim, Himmler ordenou que se publicasse no *Schwarze Korps* uma nota escrita por Wolff em que este se referia a Rahn como "um homem respeitável da SS" — uma declaração honrosa, portanto.[171] Himmler também fez questão que o livro *Lucifers Hofgesind*, um exemplar do qual, em luxuosa encadernação, dera de presente de aniversário a Hitler em 1937, fosse distribuído como presente dentro da SS (assim como ainda outra obra de Rahn) e, pouco antes do final da guerra, fosse reeditado[172] — aliás, contrariando a objeção do departamento de Rosenberg em virtude da "personalidade do falecido autor".[173]

## A Polícia de Ordem

Até agora, ocupamo-nos de modo relativamente abrangente da atividade da polícia de segurança sob a direção de Himmler. Mas qual foi o desenvolvimento do outro segmento do aparato policial, muito maior, o da Polícia de Ordem (Ordnungspolizei), nesses anos?

Ainda em junho de 1936, Himmler dera instruções ao chefe do Departamento Central da Polícia de Ordem, Daluege, quanto à sua área de atuação. Cabia-lhe, sobretudo, a responsabilidade pela Schutzpolizei (a polícia municipal), a Gendarmaria (a instituição equivalente nas regiões distritais), a polícia de trânsito, assim como por diversas questões administrativas da polícia, como, por exemplo, o controle do comércio e a inspeção sanitária.[174]

Em 1º de setembro de 1936, Himmler designou inspetores da Polícia de Ordem para trabalhar junto aos governadores das províncias da Prússia e aos governadores do Reich (na medida em que estivessem no comando de distritos militares), cuja função no início era basicamente de vigilância. A partir de 1937, no entanto, passariam a servir aos recém-nomeados altos chefes da SS e da polícia e, assim, no processo de centralização das autoridades policiais, até então subordinadas aos estados, subtraindo definitivamente da administração regional a responsabilidade pelos departamentos de polícia.[175]

Como parte do programa de rearmamento em 1935, a Landespolizei, a polícia estadual, foi incorporada à Wehrmacht, fazendo com que a polícia fardada perdesse metade dos membros, cujo número passa de mais de 104 mil homens para 49 mil. Até 1938, a Shutzpolizu, a Gendarmaria e polícia municipal — voltaria a alcançar o número de 100 mil homens. Empregavam-se preferencialmente ex-soldados que tinham sido liberados da Wehrmacht depois de dois a cinco anos de serviço.[176] A metade do contingente de pessoal com que a polícia fardada entrou na Segunda Guerra em 1939 compunha-se, assim, de profissionais iniciantes, na maior parte com formação militar. A essa tropa somou-se mais ou menos o mesmo número de reservistas da polícia superficialmente treinados.

Portanto, se a Polícia de Ordem na segunda metade dos anos 1930 estava muito ocupada em formar os próprios recrutas, ao mesmo tempo teve de assumir inúmeras outras funções no estado policial nazista: no controle dos preços, na área de emissão de passaportes e demais identificações, cujas regras agora eram mais severas, ou nos levantamentos para a criação do registro populacional nacional em que a polícia pretendia abarcar todos os alemães. Além disso, havia a segurança dos inúmeros grandes eventos, desfiles, paradas militares, recepções de Estado, a criação de barreiras durante as manobras e, não menos importante, o monitoramento do serviço militar. A Polícia de Ordem também participou, com

grandes contingentes, da anexação da Áustria, da região dos Sudetos e da antiga Tchecoslováquia; milhares de policiais permaneciam nas respectivas regiões ocupadas.[177]

Em outubro de 1936, Himmler incorporou o Technische Nothilfe (serviço técnico emergencial), que deveria garantir o funcionamento das instituições técnicas vitais em caso de guerra, catástrofes, conflitos internos etc., à polícia e, em junho de 1937, subordinou-o à central da Polícia de Ordem.[178] As divisões voluntárias do corpo de bombeiros, ao menos 1,5 milhão de homens ao todo, e as unidades de corpo de bombeiros profissionais das grandes cidades foram unificadas para formar um serviço de proteção contra incêndio e subordinadas a um novo inspetor de combate a incêndios junto à chefia da Polícia de Ordem.[179] Todas essas medidas já tinham em mente uma nova prioridade da polícia: a garantia da defesa aérea e a eliminação de danos por bombas em caso de guerra.

## Ampliação dos campos de concentração

Do verão de 1936 até o verão de 1937, Himmler desativou os pequenos campos de prisão preventiva: Esterwegen, Sachsenburg, Columbia-Haus, Lichtenburg e Sulza. Dos antigos campos, só Dachau foi mantido. No lugar deles, a inspetoria dos campos de concentração desenvolveu um novo tipo, que foi construído primeiramente em Sachsenhausen, perto de Berlim, e figurou como sucessor dos campos de Esterwegen e Columbia-Haus.[180]

A conformação do campo seguia o princípio de reunir, em um complexo fechado de edifícios, os setores de funções separadas entre si: o campo de prisioneiros em si, a central de comando, as casernas dos guardas e as casas de moradia dos familiares da equipe de comando do campo. Nas palavras de Himmler, que visitou o local em fins de 1936,[181] tratava-se de “um campo de concentração totalmente novo, ampliável a qualquer momento, moderno e avançado”, que “poderá garantir a segurança do Reich tanto em época de paz quanto em caso de mobilização contra inimigos do Estado”.[182]

No verão de 1937, a inspetoria dos campos de concentração erigiu um segundo campo perto de Weimar, Buchenwald, depois de Himmler ter avaliado pessoalmente o novo terreno no Ettersberg, em maio.[183] Além disso, seguindo instruções de Himmler, ampliou-se consideravelmente o campo de Dachau.[184] Em maio de 1938, inaugurou-se o campo de concentração de Flossenbürg;[185] em

agosto de 1938, depois da “anexação” da Áustria, o de Mauthausen.[186] No mesmo mês, a inspetoria dos campos de concentração instalou-se na nova sede em Oranienburg, nas imediações de Sachsenhausen. Em dezembro de 1938, deu-se início à construção do campo de Neuengamme, em Hamburgo, um subcampo de Sachsenhausen que inicialmente serviu ao propósito de reativar uma olaria abandonada.[187] Em maio de 1939, juntou-se a esses um campo de concentração para mulheres: Ravensbrück.[188]

A ampliação do sistema de campos de concentração era, claramente, uma medida de preparação para uma guerra. Já no início de 1937 Himmler anunciou que “em caso de guerra [...] será necessário admitir aqui um grande número de pessoas não confiáveis e perigosas”.[189] De acordo com essa perspectiva, o sistema do campo fora projetado para comportar de 30 mil a 50 mil presos. O número de presos já começara a subir no final de 1936 — na virada do ano de 1934-1935, chegara ao número mais baixo: 3 mil presos —, e no começo da guerra atingiria o patamar de 21 mil; entretanto, em seguida às detenções em massa após o pogrom de novembro de 1938, em pouco tempo havia mais de 50 mil pessoas nos campos.[190]

A admissão e liberação dos presos continuava a cargo da Gestapo. O escritório de Eicke era responsável pelas condições das prisões. Essencialmente, havia nos campos uma rígida separação entre a tropa de guarda e a equipe de comando, à qual estavam subordinados um corpo de ajudantes, o departamento político, o chefe do campo de prisão preventiva, o médico do campo, além da administração.[191] Determinadas funções subalternas costumavam ser transferidas aos presos — muitas vezes criminosos —, que, em contrapartida, gozavam de privilégios. Desse modo, a SS usou uma parte dos presos como ferramenta de seu sistema de terror. Cada prisioneiro tinha um número que deveria ser visível em sua roupa. No inverno de 1937-1938, passou-se a separar os prisioneiros por categorias. Os presos deveriam usar um lenço triangular preso à vestimenta; conforme a cor, identificava-se o grupo a que pertenciam: presos políticos, criminosos, judeus, homossexuais etc.

Segundo Himmler, os prisioneiros configuravam verdadeiras figuras de museu de cera: “Ninguém está lá por engano”, explicou aos oficiais da Wehrmacht em janeiro de 1937, “trata-se da nata da criminalidade e dos fracassados. Não existe demonstração mais viva para as leis da genética e da

raça [...]. Lá tem gente com cabeça d'água, vesgos, malformados, meio judeus, um sem-número de criaturas racialmente inferior".[192] Pessoas de múltiplas fichas criminais, como Himmler se referiu aos presos em 8 de novembro de 1937 aos Gruppenführer da SS, "devem ser mantidas nos campos por muitos anos de suas vidas, pelo menos até que tenham se acostumado à ordem, e não me refiro a terem se tornado pessoas decentes conforme nossa convicção, mas até que sua determinação tenha sido quebrada". Também os "chefes bolchevistas" não deveriam pensar que seriam libertados.[193]

Mas o que fazer com todos esses presos? Em 1938, Himmler adaptou o sistema a novas metas e tarefas: começou a incluir os presos em projetos de trabalho, foram criadas empresas nos campos de concentração. Os presos novos que chegavam aos campos eram pessoas classificadas principalmente como preguiçosas ou associais. Em outras palavras: começou a fase do "engajamento econômico" dos campos de concentração.

As primeiras considerações quanto a um aproveitamento mais abrangente dos presos como força de trabalho datam da virada de 1936-1937.[194] A motivação não era primordialmente de natureza econômica; a razão mais forte era a crescente escassez de mão de obra no território do Reich, levando forçosamente à ideia de usar os presos dos campos (como já ocorria com os prisioneiros da Justiça) como força de trabalho. Caso a SS não tivesse tomado uma atitude nesse sentido, mais cedo ou mais tarde a Administração do Trabalho trataria de "empregar" os prisioneiros dos campos de concentração.[195]

O ponto de partida de uma ocupação dos prisioneiros em grande estilo foi dado por meio da cooperação com Albert Speer, a quem Hitler incumbira da remodelação da cidade de Berlim, mas cujo projeto corria o risco de fracassar em razão da escassez de mão de obra e de matéria-prima por conta do boom do armamento. Nessa situação, Himmler ofereceu ajuda a Speer: o granito e os tijolos para as grandes construções de Berlim podiam ser obtidos por meio do trabalho dos presos dos campos de concentração. A construção de olarias e unidades para manejo de granito poderia ser pré-financiada com o orçamento de Speer. Um contrato equivalente foi assinado em 1º de julho de 1938, ou seja, imediatamente após cerca de 10 mil pessoas serem enviadas aos campos devido à ação *Arbeitsscheu Reich*. A posição de Himmler de justificar a prisão de "associais" com a política da "prevenção racial geral" agora também parecia

valer a pena do ponto de vista econômico.[196]

Como resultado da cooperação entre Speer e Himmler, já em abril de 1938 fora fundada a companhia alemã das Pedras e da Terra (Deutsche Erd- und Steinwerke GmbH). A empresa instalou três fábricas de tijolos e duas unidades para granito nos arredores dos campos de concentração. A decisão quanto à localização do novo campo de Flossenbürg e os trabalhos de ampliação do campo de Dachau se baseavam principalmente no fato de que havia pedreiras nos arredores. As empresas de granito demonstraram ser um negócio rentável. O mesmo não valeu para as olarias, principalmente em razão de graves erros gerenciais.[197]

Como nos primeiros dias dos campos de concentração de Dachau, os presos em todos os campos estavam à mercê de um sistema de coerção cruel e arbitrário: torturas e maus-tratos, como castigos físicos, horas de revista, constante pressão em grupos de marcha e de trabalho até a exaustão; todas as barbaridades imagináveis eram rotina. Castigos draconianos, como surras em cavaletes de tortura ou semanas de prisão em solitárias, eram aplicados arbitrariamente, e os interrogatórios eram acompanhados de métodos brutais de tortura. Além disso, as equipes de guarda seguidamente assassinavam presos; em parte, esses assassinatos eram camuflados como suicídios ou registrados nos documentos de modo vago como “morto a tiros ao tentar fugir”. Condições de vida precárias em espaços limitados, alimentação insuficiente e de baixo valor nutritivo, jornadas de trabalho excessivamente longas em trabalhos físicos dos mais pesados também faziam parte do dia a dia dos campos.[198]

Himmler defendia o regime de terror nos campos de concentração de forma absolutamente aberta, como, por exemplo, em uma discussão com o ministro de Justiça Gürtner, no começo de 1938. Gürtner abordara Himmler em março em razão do grande número de presos mortos a tiros durante “fuga” dos campos de concentração. Dois meses depois, recebeu uma carta de Himmler.[199] Himmler primeiro relatou que depois da conversa que tivera com Gürtner havia instruído Eicke a “exigir novamente que só se atirasse em caso extremo”, mas que entrementes já estava profundamente arrependido de ter determinado essa medida, pois o “resultado da minha intervenção é terrível para mim”. Relatava ter sido obrigado, dois dias antes, a ver o corpo de um “bravo homem da SS, de 24 anos, cujo crânio fora arrebentado com uma pá por dois criminosos. Ele

estaria “profundamente deprimido com a ideia de que agora, por excesso de tolerância [...], um de seus homens decentes teve de pagar com a vida”. Em consequência, reinstituíra a antiga instrução de agir “estritamente de acordo com o regulamento de serviço que diz que, depois de três chamadas ou em caso de ataque sem aviso, pode-se atirar imediatamente”. Além disso, mencionou o caso para Hitler, tendo obtido a autorização deste para que fosse enforcado, diante dos demais prisioneiros, um dos dois presos que haviam fugido do campo e que tinha sido recapturado. Quatorze dias depois, contou o fato a Gürtner e mandou que a execução ocorresse.[200]

Himmler sempre aproveitava a oportunidade para falar publicamente sobre a situação nos campos de concentração. Por exemplo, em um discurso aos oficiais da Wehrmacht, em janeiro de 1937: “Os campos foram cercados com arame farpado, com fios elétricos. É óbvio que se alguém entrar em uma zona proibida ou em um caminho proibido, atira-se imediatamente. Se alguém, em seu local de trabalho, digamos, no pântano, na construção de uma estrada ou qualquer outro lugar, demonstrar a menor intenção de fugir, atira-se imediatamente. Se alguém tiver um comportamento insolente e contrariado, e isso acontece vez ou outra, ou ao menos é tentado, ele é colocado na solitária, aprisionado no escuro, sob regime de pão e água, ou — peço que não se assustem, baseei-me no antigo regulamento das penitenciárias da Prússia dos anos de 1914-1918 — em casos sérios, poderá levar 25 chibatadas. Horrores, coisas sádicas, como muitas vezes é veiculado na imprensa estrangeira, são completamente impossíveis de ocorrer.”[201]

Em um discurso por ocasião do Dia da Polícia Alemã, transmitido pelo rádio em janeiro de 1939, afirmou, entre outras coisas, que, “como qualquer outra privação de liberdade, certamente o campo de concentração é um castigo e uma medida rígida. Dos métodos educativos, fazem parte o trabalho duro com a criação de novos valores, uma vida regrada, uma incrível limpeza na habitação e na higiene pessoal, uma alimentação primorosa, um tratamento severo, mas justo, e a orientação para reaprender a trabalhar e adquirir habilidades técnicas. O lema inscrito nos campos é: existe um caminho para a liberdade. Seus marcos chamam-se: obediência, perseverança, honestidade, ordem, higiene, sobriedade, veracidade, aceitação de sacrifícios e amor à pátria”.[202] Aliás, esse “lema” do Reichsführer estava exibido em letras garrafais na entrada do pátio principal do

campo de Sachsenhausen.[203]

Himmler inspecionava os campos com regularidade: “Uma vez ao ano percorro pessoalmente os campos”, explicou em janeiro de 1937, “às vezes chego sem me anunciar, para ver o funcionamento da estrutura”.[204] Walter Janka, prisioneiro de Sachsenburg por conta de seu engajamento no KPD, descreveu em suas memórias uma dessas visitas de inspeção, ocorrida em fevereiro de 1935. Certamente essa visita não ocorreu sem prévio anúncio: durante três dias e três noites antes da visita, “todas as instalações foram varridas, limpas e organizadas”. Os presos que ficariam na primeira fila durante a revista ganharam uniformes novos de presidiário. “Com um gesto que poderia significar tudo ou nada, Himmler marchou diante da SS, escoltado pelo comandante. Deteve-se aqui e ali. Trocou algumas palavras. Ao passar em frente aos prisioneiros, acelerou o passo. Ali não se falou nada. Himmler não olhou nem uma vez para os presos enfileirados.”

Conforme o relato de Janka, em seguida Himmler fez um passeio pelo campo. Visitou a oficina de encadernação, em que trabalhavam Janka e alguns outros presos comunistas, e fez perguntas extremamente constrangedoras aos prisioneiros. De Janka, Himmler queria saber se ele responsabilizava a SS pela morte do irmão, que aparentemente se enforcara em outro campo de concentração, em abril de 1933. Janka preferiu não responder.[205]

Como também relatam outros sobreviventes de campos de concentração, durante essas inspeções Himmler gostava de se apresentar para os presos como vencedor prepotente: em 30 de setembro de 1942, por exemplo, durante inspeção ao campo de concentração de Sachsenhausen, ele se deparou com o “preso especial do RFSS”, Herbert Blank, um dos antigos chefes do Grupo Revolucionário de Luta Nacional-socialista), portanto do grupo que se separara do NSDAP sob a direção de Otto Strasser. Em artigo publicado em 1948, Blank relatou que Himmler lhe dissera que começasse a se “acostumar com a ideia” de que não poderia libertá-lo enquanto vivesse.[206] Durante visita a Dachau, em junho de 1938, Himmler ordenou que lhe fossem apresentados os 150 “importantes” presos austríacos, nominalmente.[207]

Himmler também gostava de levar grupos de visitantes aos campos de concentração: em 1936, por exemplo, conduziu os membros do “Círculo de Amigos do Reichsführer-SS”,19 bem como *Reichsleiter* e *Gauleiter* pelo campo

de concentração de Dachau; na primavera de 1938, um grande grupo de jornalistas pelo campo de Sachsenhausen; no verão de 1938, o ministro do Interior do Reich, Frick, além de altos funcionários, pelo mesmo campo. Em janeiro do ano seguinte, estava presente quando Eicke e Pohl mostraram o campo de Sachsenhausen a chefes da polícia e, no verão, organizou mais uma visita do Círculo de Amigos a esse campo; no final de 1940, recebeu ali uma delegação de políticos da questão *Volkstum* da Alsácia.[208]

## A expansão das organizações armadas

Com a nomeação a chefe da polícia alemã, parecia que as ambições de Himmler se concentravam totalmente na segurança interna. Pelo menos foi o que deixou transparecer ao alto-comando do Exército do Reich, de modo a não levantar suspeitas quanto à existência de possíveis planos de expansão da SS armada.[209] Mas, já em 1º de outubro de 1936, Himmler criou uma espécie de Estado-maior próprio mediante a instituição da inspetoria da tropa de prontidão), que foi subordinada ao Departamento Central da SS e para cuja chefia nomeou Paul Hausser, até então comandante da academia militar de Braunschweig.[210] Além disso, no mesmo ano, instalou adicionalmente à Leibstandarte dois novos regimentos formados a partir das unidades já existentes, os SS-Standarten “Deutschland” e “Germania”. Em seguida à chamada anexação da Áustria, seguiu-se o Standarte “Der Führer”, de Viena.[211] Além disso, a expansão do sistema de campos de concentração resultou em uma inclusão maior das tropas de guarda dos campos, as unidades Totenkopf, na militarização. Em 1937, elas foram reunidas em três regimentos. Após a anexação da Áustria, criou-se mais um.[212]

Em 17 de agosto de 1938, Hitler baixou decreto, a cuja minuta Himmler fizera emendas, regulamentando fundamentalmente o papel das organizações armadas da SS e sua relação com a Wehrmacht.[213] Hitler determinou que a Verfügungstruppe e os Totenkopfverbände não fariam parte nem do Exército nem da polícia, mas configurariam uma “tropa armada estacionária”. As unidades Totenkopf tinham a função de “resolver tarefas especiais de natureza policial”, enquanto a Verfügungstruppe ficava “à exclusiva disposição” de Hitler. Essa descrição da função da Verfügungstruppe era muito mais indefinida do que as regras que haviam sido estabelecidas em 1934: na época fora definido que as

corporações SS armadas estavam primordialmente encarregadas de funções de "política interna" e que, em caso de guerra, estariam à disposição da Wehrmacht. Ainda em janeiro de 1937, Himmler enfatizara diante de oficiais da Wehrmacht que, caso eclodisse a guerra, ele liberaria uma parte da polícia para o Exército, enquanto os regimentos Totenkopf formariam "tropas de intervenção" distribuídas por todo o território do Reich.[214]

No mesmo discurso, no entanto, também havia dito que, numa futura guerra, haveria, além dos três "fronts" militares — por terra, pelo ar e pela água —, um quarto "campo de batalha", que seria "dentro da Alemanha".[215] Portanto, Himmler estava plenamente convencido de que, em caso de guerra, seria totalmente impossível haver uma forte linha de separação entre função de segurança de política interna e comando militar de guerra, e era dessa ideia de uma guerra futura conduzida de modo abrangente que ele derivava a posição especial do Corpo de Segurança do Estado no Terceiro Reich.

Durante um evento em 8 de novembro de 1938, Himmler explicou aos SS-Gruppenführer que não via qualquer contradição entre a função de segurança política interna da SS e o seu engajamento no front: "Se digo que a função geral da SS é garantir, junto com a polícia, a segurança interna da Alemanha, então essa função só pode ser exercida enquanto uma parte dessa Schutzstaffel, desse corpo de liderança, estiver batalhando e sangrando no front. Se não nos impusermos sacrifícios de sangue e não lutarmos no front, teremos perdido o dever moral de atirar em pessoas que, na pátria, se escondem e se acovardam. Para isso serve a Verfügungstruppe, ela que tem a mais bela atribuição, a de poder ir para o campo de batalha." Além disso, Himmler também anunciou aqui a intenção de constituir, no lugar da divisão que lhe fora concedida, um corpo de exército independente. De acordo com isso, Himmler pretendia anular a intenção do comando da Wehrmacht de, em uma futura guerra, usar as tropas armadas da SS espalhadas pelo front somente como força de apoio do Exército; em vez disso, queria levar seus homens à guerra em uma formação fechada.[216]

Entre janeiro de 1935 e dezembro de 1938, Himmler aumentou a Verfügungstruppe de quase 5 mil homens para mais de 14 mil homens e os Totenkopfverbände de quase 2 mil para mais de 9 mil homens.[217] Fez isso atuando com total finesse. Quando, durante a mobilização para a ocupação dos Sudetos, no outono de 1938, a SS-Verfügungstruppe e alguns batalhões

Totenkopf foram incorporados ao Exército, Himmler convocou para a SS aproximadamente 5 mil homens em caráter de “reforço policial”. Manteve dois terços desses reservistas nas unidades Totenkopf; em 1939, convocou ainda mais reservistas.[218]

Por meio de um decreto do Führer de 18 de maio de 1939, o caráter militar da Verfügungstruppe foi muito bem explicitado: Hitler determinou que seria formada uma divisão com as organizações existentes, mas também deixou claro que isso marcaria a “conclusão da estrutura da SS-Verfügungstruppe”. Além disso, o decreto previa um limite para o número de integrantes das corporações SS armadas: 20 mil homens (Verfügungstruppe), 14 mil homens (Totenkopf) e 25 mil homens (reforço policial).[219] Até o início da guerra, Himmler aumentou o efetivo real da Verfügungstruppe para cerca de 18 mil integrantes e a dos Totenkopfverbände, junto com o reforço policial, para mais de 22 mil integrantes, ficando, portanto, um pouco abaixo dos números previstos.[220]

Em 8 de novembro de 1938, durante um evento com o Gruppenführer em Munique, Himmler explicou como imaginava a atuação das organizações armadas da SS em caso de uma guerra ou de uma guerra civil: “Eu disse ao comandante do Standarte ‘Deutschland’ que acho correto, e isso também é válido em caso de guerra, que um homem da SS nunca seja feito prisioneiro. Antes disso, ele deve dar cabo da própria vida. Nós também não manteremos prisioneiros. As guerras do futuro não serão disputas, mas sim combates de vida e morte entre os povos. [...] Por outro lado, por mais generosos e decentes que queiramos ser individualmente, não teremos nenhuma misericórdia quando se tratar de salvar um povo de sua morte. Aí será indiferente se em uma cidade for preciso eliminar mil pessoas. Eu o faria e espero o mesmo dos senhores.”[221]

## A fusão da SS e da polícia

Desde o início, Himmler perseguiu com grande coerência seu objetivo de fundir a SS e a polícia em um Corpo de Segurança do estado. A amalgamação das atribuições e das premissas ideológicas já fora providenciada. Mas também no que dizia respeito aos planos puramente de política de pessoal e organizacional, o Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã adotou rapidamente as medidas necessárias. Em 1937, Himmler criou o cargo de Chefe Spremo da SS e da Polícia (HSSPF). Os detentores dessa nova posição, instituída claramente com

vista à mobilização, atuariam como representantes regionais subordinados diretamente a Himmler, podendo dar ordens em seu nome às diversas divisões do aparato da SS e da polícia de determinada região militar.[222] Segundo Himmler, isso representava um passo importante no sentido de fusionar "a SS e a polícia em um corpo do Estado para proteção do Führer".[223]

Em 12 de março de 1938, o Reichsführer-SS fez anunciar a primeira nomeação: o SS-Obergruppenführer Von Eberstein, chefe do Oberabschnitt Sul e do departamento de polícia no Ministério do Interior da Baviera, foi promovido a HSSPF dos distritos militares VII e XIII. Uma segunda onda de nomeações se deu em junho de 1938.[224] A jurisdição dos HSSPF sobre os distritos militares individuais com a concomitante subordinação às administrações regionais, no entanto, causou tremenda confusão quanto à responsabilidade que cabia a cada um.

Ainda outro elemento importante para o estratagema da fusão era a estratégia de Himmler de preencher as posições de liderança dentro da polícia preferencialmente com chefes da SS e de filiar o maior número possível de integrantes da polícia na SS. Isso levava a um constante relaxamento nas premissas para a admissão de integrantes da polícia.[225] O mais importante no entanto era que a harmonia entre SS e polícia transparecesse para fora: assim, uma delegação da Polícia de Ordem marchou ostensivamente ao lado do bloco da SS na parada militar da convenção do partido de 1938.[226] Já em 1937, Hitler dera permissão aos integrantes uniformizados da Polícia de Ordem para que decorassem suas fardas com as "runas da vitória" da SS.[227] Policiais de segurança que eram também membros da SS podiam usar o uniforme da SS durante o serviço.[228] Durante a guerra, essa permissão foi estendida até mesmo aos membros da polícia de segurança que não integravam a SS.[229]

Himmler também tomou providências para que os procedimentos para obtenção da licença de casamento, estabelecidos por ele para os integrantes da SS e sobre os quais ainda se falará, também valessem para os homens da polícia.[230] Além disso, desde 1937, a polícia vinha sendo integrada à estrutura existente do "doutrinamento ideológico" desenvolvido para a SS.[231] A polícia foi também incluída nos rituais e festas "germânicos", típicos da SS. Por determinação de Himmler, por exemplo, a Polícia de Segurança e a de Ordem realizavam, como a SS, a festa de Yule, no dia do solstício de inverno, em vez

das tradicionais comemorações do Natal.[232] Muito mais grave era o fato de os integrantes da SS e da polícia, logo após o início da guerra, terem sido submetidos a uma jurisdição especial de acordo com o modelo de Justiça da Wehrmacht. Com isso, Himmler assegurava que crimes ou outros malfeitos de responsabilidade da SS ou da polícia seriam solucionados dentro do aparato da SS e da polícia e que não vazassem para fora dessa esfera.[233]

Himmler via a fusão entre SS e polícia quase como mandamento moral. Durante seu pronunciamento de rádio por ocasião do Dia da Polícia Alemã em 1937, enfatizou a convicção de que essa "união com a ordem da SS, essa subordinação às severas leis da SS [...] dará força aos integrantes da polícia alemã para atuar com meticulosidade e decência para ser justa em todos os casos, dura e determinada sempre que necessário, compreensiva e generosa sempre que for possível, e, a despeito de toda baixeza e mesquinharia humanas com que justamente a polícia tanto se confronta, ser positiva em relação à bondade e ao valor dos alemães".[234]

Os esforços de Himmler de fazer da polícia e da SS um Corpo de Segurança do Estado fortemente ligado, uniforme, que já não se podia separar, estavam de acordo com ideias de política de poder bastante compreensíveis. No entanto, na configuração do aparato que lhe era subordinado, percebe-se que não era somente o calculismo estratégico de poder que lhe servia de estímulo: fobias, preconceitos, manias, passatempos e paixões se imiscuíam em uma medida quase espantosa na organização e no estabelecimento dos objetivos do corpo de segurança — por exemplo, sua homofobia desmedida a ponto de fazer da perseguição aos homossexuais o cerne do serviço policial de segurança, sua forte rejeição ao cristianismo, sua idealização de tudo que tinha relação com ser soldado, sua exacerbada necessidade de controlar tudo, que, entre outras coisas, o levou a tentar excluir a polícia e a SS da jurisdição do Estado. Aquilo que o Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã definia como Corpo de Segurança do Estado pode perfeitamente ser explicado como autoproteção da pessoa de Himmler, na verdade, em duplo aspecto: como defesa de seus medos pessoais e também como escudo, atrás do qual podia perseguir seus interesses e desejos mais íntimos. Isso valia de modo especial para a SS, que, diferentemente da polícia, era privada do acesso e do voto de outros setores do Estado: aqui Himmler podia, como veremos, vivenciar livremente suas ideias obstinadas.

16 Decreto promulgado em decorrência do incêndio do Reichstag, ocorrido em 27 de fevereiro de 1933, revogou os direitos civis da Constituição de Weimar e foi um marco importante na tomada do poder por Hitler e na remoção do estado de direito democrático. (N. das T.)
17 Relação sexual entre “arianos” e judeus. (N. da E.)
18 O parágrafo 175 do Código Criminal alemão, que vigorou desde 15 de maio de 1871 (com emendas ao longo do tempo) a 10 de março de 1994, criminalizava, entre outras, as relações homossexuais. Ao tomarem o poder, os nazistas o intensificam, aumentando a pena maior, de seis meses, para cinco anos de prisão.
19 O *Freundeskreis der Wirtschaft*, ou Círculo de Amigos da Economia (mais conhecido como “Círculo de Amigos do Reichsführer-SS”) era um grupo de industriais alemães que pretendia angariar fundos para fomentar a pesquisa racial no Terceiro Reich. A coordenação do grupo ficava a cargo de Wilhelm Keppler, um dos principais consultores econômicos de Hitler. (N. das T.)

PARTE III

# A Ordem

*Weltanschauung* e culto

Os membros da SS, que entre 1935 e 1937 eram em torno de 200 mil, no final de 1938, após a anexação da Áustria, contavam exatamente 238.159 homens, dos quais 95% pertenciam à SS Geral;[1] provinham de todos os segmentos da sociedade. Em comparação com a população em geral, estavam visivelmente super-representados no comércio, na saúde, no serviço público e entre os trabalhadores com ou sem instrução; sub-representados entre os trabalhadores especializados e praticamente sem representação entre os trabalhadores autônomos, principalmente na agricultura. Meros 10% dos membros da SS exerciam profissões agrárias; no Reich esse percentual chegava a 22%. O perfil social da SS correspondia, portanto, ao de uma moderna sociedade de serviços, algo muito pouco compatível com a visão tantas vezes invocada por Himmler de uma "Ordem" comprometida com o sangue e a terra.[2]

Assim, o Reichsführer-SS achava que sua principal atribuição era a de fortalecer a unidade da SS, que, de fato, tinha uma composição heterogênea e vinha se expandindo em diferentes direções, de tal forma que a existência da organização fosse assegurada no longo prazo. Em 1936, no encontro anual dos Gruppenführer para as comemorações de 9 de novembro de 1923, Himmler se pronunciou sobre a questão: "Já lhes disse outras vezes que meus esforços serão sempre no sentido de evitar que as coisas comecem de modo errado, e que, se em algum momento do futuro haja uma liderança fraca, não haverá fragmentação gradual, no sentido de que, primeiramente, haverá a SS geral, depois a proteção de divisão; a terceira função será um tipo de polícia; o SD será um tipo de polícia criminal ou estadual; a quinta será um instituto para formação ideológica e instituto de pesquisa — como resultado de que a ordem perde sua unidade e de alguma forma se desintegre em partes avulsas."[3]

Na mesma ocasião, dois anos mais tarde, Himmler explicou que "a Schutzstaffel consiste hoje num grande número de ramificações de diferentes corporações de tropas e outras formações. Tudo isso é muito bonito, mas devemos todos trabalhar com unanimidade e consciência extremas para que todas essas ramificações que construímos sempre se vejam meramente como partes de um todo. [...] Em primeiro lugar, todos são membros da SS; só depois cada qual pertence à sua unidade, seja ela a SS Geral, a Verfügungstruppe, os Totenkopfverbände ou o SD". Por isso, pediu aos Gruppenführer que

lembrassem repetidamente “aos homens e ao corpo de oficiais que eles são somente uma parte de um todo e que só terão relevância quando o todo for relevante”.[4] Em discurso de setembro de 1940, Himmler esclareceu mais uma vez que a Waffen-SS só podia “existir [...], se toda a SS existir. Quando todo o corpo for realmente uma Ordem, que atua conforme essas leis e tem consciência de que uma parte não é concebível sem a outra”.[5]

Com esse conceito de Ordem, ou, como ele destacava, “ordem de clãs” (*Sippenorden*), que se baseava na “seleção” racial, Himmler acreditava ter encontrado a fórmula que permitia descrever adequadamente a SS. Nos SS-Leitheften de 1943, encontra-se uma tentativa de definir a ideia da SS de ordem. “Uma ordem”, consta, “no contexto de uma *Weltanschawing*, é toda comunidade unida cujos membros seguem rigidamente os preceitos dessa *Weltanschawing* em suas vidas e que se comprometem, com igual prontidão, a cumprir as suas leis”. Associar o conceito com a ordem cristã não seria inadequado, pois deveria ser reconhecido que a ordem cristã, a despeito de cultivar “uma ideia estranha e equivocada de visão de mundo”, conseguia unir “pessoas que queriam consagrar suas vidas a um ideal maior”.[6]

Durante o discurso anual no encontro dos Gruppenführer em novembro de 1936, Himmler manifestou a ideia de que precisava de mais dez anos para poder garantir a aspirada coesão interna do complexo da SS e da polícia, um pensamento que voltaria a externar reiteradamente no ano seguinte.[7] Himmler de fato passaria os próximos oito anos e meio que ainda lhe restavam como Reichsführer-SS focando sua atenção na integração interna da SS. Fazia isso de diferentes maneiras: tomando medidas organizacionais, desenvolvendo uma ideologia SS própria, instituindo um culto SS específico com rituais, símbolos e lugares “santificados” correspondentes, propagando uma moral específica da SS e, por fim, adotando um estilo de liderança obstinado, porém adequado ao estilo de vida de seus subordinados.

A constante expansão da SS obrigava Himmler a realizar frequentes adaptações nas estruturas de chefia. Já no início de 1935, como anteriormente mencionado, promoveu os três departamentos da SS a departamentos centrais (*Hauptämter*). Agora, tomava novas decisões.[8] A ajudância chefiada por Karl Wolff foi alçada a “Estado-maior pessoal do Reichsführer-SS” e Wolff foi promovido a “chefe do

Estado-maior".[9] Faziam parte do Estado-maior pessoal a ajudância propriamente dita (chefiada por Werner Grothmann), uma assessoria pessoal Reichsführer-SS (chefiada por Rudolf Brandt), um gabinete do Reichsführer-SS, bem como um crescente número de assessorias e departamentos, que em parte agiam como escritórios de ligação em relação aos demais departamentos centrais. Quando, em 1939, o Estado-maior pessoal foi promovido à condição de Departamento Central, Himmler nomeou Wolff retroativamente como seu chefe, enfatizando com isso a posição especial que a divisão de Wolff conquistara nos anos anteriores.[10] Além disso, uma série de chefes de setores dentro do Departamento Central da SS obteve cargos no estado-maior pessoal de Himmler e foi, assim, visivelmente valorizada: Pohl, por exemplo, que era coordenador do setor administrativo no Departamento Central da SS, também era "chefe administrativo" da SS, e o coordenador do Departamento Médico passou a assinar como Reichsarzt SS [médico do Reich da SS].[11]

Em 9 de novembro de 1936, Himmler redefiniu o papel dos Oberabschnittsführer: agora eram subordinados aos três departamentos centrais (e não mais somente ao Reichsführer-SS e à central da SS) e, assim, no plano regional, tinham de "defender a integridade de toda a ordem da SS de acordo com as diretrizes por mim estabelecidas", nas palavras de Himmler. "Espero dos meus Oberabschnittsführer que não vejam isso em primeiro lugar como um suposto aumento de poder, mas sim que assumam as novas e abrangentes tarefas com a mais alta responsabilidade na qualidade de nazistas e homens da SS, e dediquem a máxima atenção às grandes e por vezes subestimadas ações das divisões do serviço de segurança e do departamento de raça e assentamento que agora lhes são subordinadas."[12]

O Departamento Central de Raça e Colonização (RuSHA), chefiado por Walther Darré desde 1935, subdividia-se em cinco setores: Central; Racial (onde era conduzida a pesquisa racial); Treinamento; de Clãs (encarregado da escolha de candidatos e das autorizações de casamento); e de Colonização.[13] O Departamento Central da SS, a verdadeira central administrativa da direção da SS, originalmente responsável pelos setores de Direção, Administração, Administração de Pessoal e Tribunais SS, a partir de 1933, fora incumbido de inúmeras novas atribuições, principalmente a responsabilidade pelas organizações armadas da SS, pelos campos de concentração, pela supervisão das

fronteiras, além de pelas escolas de cadetes da SS. Em agosto de 1938, a central da SS assumiu, ainda, a área de treinamento, que antes coubera ao RuSHA.[14] No início de 1939, após a separação do departamento judicial, o departamento central da SS já abrangia 12 divisões.[15]

A central do SD de Heydrich, alçada a Departamento Central em 1935, manteve a estrutura básica e também se dividiu, nos anos seguintes, em três setores: Administração e Organização, Interior e Exterior.[16] Em julho de 1936, juntaram-se ainda dois departamentos centrais: polícia de segurança também comandada por Heydrich, e polícia de ordem, comandada por Daluege, uma construção que deixava evidente a planejada fusão entre SS e polícia.

Em abril de 1939, outros dois departamentos centrais foram criados: Himmler nomeou o chefe administrativo da SS, Oswald Pohl, para chefe de um novo Departamento (Administração e Economia) e, ao mesmo tempo, o empossou como chefe de um departamento denominado Orçamento e Construção, que subordinou ao Ministério do Interior do Reich.[17] Na prática, os dois departamentos eram comandados por Pohl como central única que, conforme o caso, atuava como instituição do Estado ou da SS. Por fim, em 1º de junho de 1939, essas unidades de trabalho correspondentes dentro do Estado-maior pessoal foram transformadas em dois departamentos centrais independentes: departamento de pessoal e departamento judiciário.[18]

Enquanto praticamente metade dos recursos de toda a SS, em meados dos anos 1930, ainda provinha das taxas associativas (aos companheiros não partidários se exigia, além disso, uma taxa especial) e da contribuição de membros patrocinadores, em 1939 Himmler conseguiu que o orçamento da SS fosse assumido integralmente pelo tesoureiro do Reich do Partido Nazista, ou seja, com recursos do Estado. O orçamento total da SS, baseando-se no planejamento de 1935, era de aproximadamente 15 milhões de Reichsmark; em 1936, 18 milhões; em 1937 e 1938, em torno de 19 milhões de Reichsmark.[19] Em meados dos anos 1930, Himmler logrou obter mais uma fonte de renda: doações regulares da economia alemã, efetuadas por um círculo exclusivo de empresários e administradores.

A origem desse “Círculo de Amigos do Reichsführer-SS” remonta ao final do ano de 1927, quando Hitler pedira ao industrial Wilhelm Keppler que formasse um círculo de conselheiros político-econômicos. O grupo, composto de modo

relativamente informal, havia se reunido três ou quatro vezes antes da tomada do poder. As sugestões do grupo, no entanto, não se refletiram de modo significativo no programa do Partido Nazista. Entretanto, quando foram feitos os contatos, que em fins de 1932, início de 1933, levaram a uma sondagem quanto a um governo Hitler/Von Papen, Keppler, Kurt Freiherr von Schröder e outros integrantes do grupo desempenharam papéis importantes; foi provavelmente nessa época que Himmler e Keppler travaram conhecimento.[20]

Após a tomada de poder, Hitler nomeou Keppler seu encarregado de economia, sem contudo lhe arranjar uma função central na futura política econômica do regime. Em vez disso, o "círculo-Keppler" se orientou em direção à Reichsführung-SS. Em março de 1933, Himmler admitiu o industrial na SS na função de *Standartenführer*,[21] e logo o grupo passaria a se chamar círculo de Amigos do Reichsführer-SS).[22] A frequência dos encontros foi aumentando, até que, a partir de 1939, as reuniões ocorriam quase mensalmente.[23] No círculo de amigos eram apresentadas palestras sobre temas políticos, econômicos e culturais. Himmler, que decidia pessoalmente quem podia ingressar no círculo,[24] participou frequentemente dos encontros nos primeiros anos, fazendo discursos sobre questões policiais e de pesquisa genealógica, ou levando o círculo de amigos para conhecer algum campo de concentração, como, por exemplo, Dachau em 1936. Em 1937, o grupo visitou as instalações da polícia em Berlim.[25]

Após o início da guerra, Himmler comparecia cada vez menos aos encontros de seus "amigos"; em 1940, parou de ir completamente. Entretanto, em dezembro de 1943, o grupo organizou uma excursão de três dias ao quartel-general de campanha de Himmler, na Prússia Oriental, onde o Reichsführer apresentou aos convidados uma visão geral de suas atribuições.[26]

Em 1939, o círculo de amigos tinha 36 associados, entre eles, além de Keppler e Von Schröder, importantes representantes da economia alemã: Rudolf Bingel, diretor-geral e presidente do conselho da Siemens-Schuckertwerke AG; Heinrich Bütefisch, membro do conselho da I.G. Farben; Friedrich Flick, diretor-geral da Mitteldeutsche Stahlwerke; Karl Ritter von Halt, membro do conselho do Deutsche Bank; Hans Walz, diretor-gerente da Robert Bosch GmbH, além de altos representantes da indústria metal-mecânica, de bancos e seguradoras, como também da marinha mercante. Além disso, faziam parte do círculo Hermann

Behrends e Oswald Pohl, como representantes da SS, o prefeito em exercício da cidade de Hamburgo, Carl Vincent Krogmann, bem como representantes de diversos ministérios, do Banco Central e de divisões do partido.[27]

Aparentemente, em 1936, Himmler pediu aos membros do Círculo de Amigos que fizessem doações para a SS para fins culturais e sociais. Estima-se que o total levantado chegou a 600 mil Reichsmark naquele ano e aumentou um milhão de Reichsmark por ano até 1939-1940.[28] A verba era claramente utilizada para projetos especiais, como, por exemplo, a ampliação do Wewelsburg, castelo renascentista utilizado pela SS — de que voltaremos a falar —, para apoiar projetos da Ahnenerbe*20* ou para as associações "Lebensborn".*21* O círculo de amigos permitia que o Reichsführer-SS gozasse de excelente reputação nos meios econômicos e, em contrapartida, concedia aos membros a oportunidade de submeter projetos a um dos mais importantes representantes do regime — ou de enriquecer por meio de abrangentes ações de arianização.[29]

A fundação de empresas próprias da SS contribuiu para os esforços de Himmler de construir uma organização completa. Nos anos 1930, além das diversas fábricas nos campos de concentração e da produção de material para construção, iniciada em 1938,[30] da qual já falamos, Himmler mantinha uma série de negócios menores, que serviam aos mais diversos propósitos. A direção de todos esses negócios convergia em seu Estado-maior pessoal.

Havia, por exemplo, a Nordland Verlag em Magdeburg, editora que se especializara na publicação de escritos relevantes em termos de visão de mundo, como também a empresa Anton Loibl GmbH, fundada em setembro de 1936, com o suporte da qual o motorista de Hitler — um conhecido de Himmler — trabalhava na aplicação de uma patente para refletores de pedais, que desde 1937 eram itens obrigatórios para a iluminação de bicicletas. Grande parte do lucro era enviada para Ahnenerbe da SS e da associação Lebensborn. Em 1937, foi criada a Friedrich Franz Bauer GmbH, empresa que daria a oportunidade ao seu epônimo, um amigo pessoal de Himmler, de divulgar suas fotografias.[31]

A fábrica de porcelana Allach que Himmler fundou em janeiro de 1936, ocupava uma posição especial entre as empresas próprias da SS. Além do artista plástico Karl Diebitsch, que atuava como uma espécie de orientador artístico pessoal de Himmler e que no estado-maior pessoal era tido como especialista em arte e criação, surgiram entre os membros da SS três outros fundadores de

empresas.[32] Mas, em outubro de 1939, esses quatro testas de ferro foram forçados a entregar suas participações a Pohl, que as incorporou ao Empreendimento Econômico Alemão (DWB).

A Allach, situada ao norte de Munique, via-se como “manufatura do Estado”, não como empreendimento econômico.[33] Dois terços da produção se destinavam à SS, à polícia e à Wehrmacht.[34] A SS usufruía de generosos descontos, o que fez com que a fábrica fosse deficitária nos primeiros anos.[35] Himmler planejava compensar os prejuízos após a guerra com a ajuda dos lucros obtidos de uma grande propriedade rural e queria, com isso, conceder ao Reichführer-SS “um direito de doação irrestrito” permanente sobre todos os produtos da Allach.[36] Durante a guerra, ele substituiu grande parte dos trabalhadores por presos do campo de concentração mais próximo, Dachau.[37]

O sortimento da fábrica de porcelana incluía ao todo 240 itens, todos assinados com o emblema da SS — uma grandiosa coleção. “Figuras do movimento”, como “o porta-bandeiras SS” e as figuras históricas de soldados e motivos animais (“cão pastor”, “cervo bramando”, “jovem lebre”) estavam disponíveis em porcelana, assim como os obrigatórios bustos do Führer, o *Julleuchter*, um castiçal de barro de culto nórdico, pré-cristão, que simboliza o solstício, emblema imprescindível à família SS, e objetos utilitários “germânicos” como vasos e tigelas de cerâmica. Paralelamente a isso, a Allach também produzia, com tendência crescente durante a guerra, objetos utilitários para a Waffen-SS.[38]

## Confronto iminente com a “Ásia”

Embora uma visão de mundo própria da SS devesse atuar como elemento de ligação da organização, os pronunciamentos de Himmler quanto a metas futuras da SS eram relativamente raros antes do início da Segunda Guerra Mundial. Além do discurso programático na convenção de chefes nazistas em 1931, houve apenas três discursos em que discorria sobre o papel da SS no futuro “Terceiro Reich” e falava sobre questões ideológicas básicas: seu discurso por ocasião do Dia do Camponês do Reich, em novembro de 1935, que também foi impresso com o título “A SS como organização de combate antibolchevista”; sua palestra em um seminário nacional-político da Wehrmacht em janeiro de 1937 e, finalmente, seu discurso diante dos Gruppenführer, em novembro de 1938.[39] O

material de treinamento, supervisionado por Himmler, como, por exemplo, os SS-Leithefte, também oferecem pontos de referência.

Quando se analisam mais de perto esses discursos e materiais, percebe-se que, para o mundo imaginário ideológico de Himmler, parece ter sido fundamental a ideia de que havia uma raça superior nórdica ou germânica que, como povo líder da "raça branca" e, assim, também representante de toda a humanidade, travava uma batalha milenar contra inimigos de raças inferiores. Essa situação de conflito culminaria em uma disputa final entre os povos de raça superior, isto é, os "germanos", e seus adversários de raça inferior, drasticamente expressado: em uma "batalha entre humanos e sub-humanos".[40] Com o surgimento do nazismo sob a liderança do hábil Hitler, pela primeira vez na história oferecia-se a chance única de vencer essa batalha. Se isso não fosse possível, a inexorável consequência seria o fim da raça germânica, ou seja, da raça branca.

Em suas palestras, Himmler apontava maçons, comunistas e judeus como adversários ameaçadores; dentro da SS, ele esclarecia que considerava o cristianismo no mínimo tão perigoso quanto os outros. Os judeus, que sequer haviam figurado em seu discurso programático de 1931, passaram a aparecer no campo adversário de forma camaleônica, como mandantes e inspiradores intelectuais. Os judeus eram tanto maçons quanto comunistas, e, de alguma maneira, também estavam por trás das maquinações do cristianismo.[41] Considerando que os judeus eram responsáveis por tudo, é curioso que nos discursos de Himmler fosse dada tão pouca ênfase a eles. Em contrapartida, mostrava uma retórica tremendamente engajada quando se tratava de comunistas, homossexuais e, principalmente, do cristianismo.

No início dos anos 1940, o conceito de inimigo de Himmler sofreu uma decisiva expansão. Agora preferia o ponto de vista de que os germanos travavam uma batalha constante contra forças que frequentemente irrompiam vindas do interior da Ásia para dominar a Europa e destruir os germanos: "inevitavelmente, como a batida do pêndulo do relógio".[42] Himmler traçou uma linha que começava com os hunos e se estendia até os comunistas soviéticos, passando pelos húngaros, mongóis, turcos e tártaros. Tratava-se, portanto, de uma "disputa entre o Reich germânico e a sub-humanidade".[43]

Nisso, passaria a enfatizar reiteradamente a suposta simbiose estreita de comunistas e judeus e a desenvolver a ideia de que o "bolchevismo judeu"

estaria tentando mobilizar as massas do continente asiático contra os "germanos".[44] O fato de repetidamente inserir esse perigo judeu-bolchevista em um contexto "histórico", e o apresentar como a até então última manifestação do imperialismo "asiático", demonstra um importante deslocamento de concepção de mundo: os arqui-inimigos originais, "os judeus" (que ele nos anos 1930 sempre mencionara em conjunto com comunistas, maçons e jesuítas), foram substituídos por uma imagem de inimigo muito mais abrangente — "os asiáticos". Obviamente essa imagem do inimigo incluía "os judeus"; portanto, como Himmler destacava, estava-se em uma guerra de raças contra "judaísmo e asiatismo".[45] Além disso, a mudança da imagem de inimigo operada por Himmler também se torna clara pelo fato de agora já não apontar, como ocorria nos anos 1930, um outro importante inimigo ideológico: o cristianismo, como fortemente influenciado pelo "judaísmo", mas como religião de influência "asiática". Já em 1944, ambos entram em sua figura retórica do "cristianismo puramente pré-asiático, conduzido por judeus".[46] O antissemitismo de Himmler era, portanto, componente integral de uma colorida colagem de imagens hostis.

Em fins de 1938 e, sobretudo, nos anos 1940, observa-se mais uma mudança em sua terminologia: o futuro Reich a ser erigido não deveria ser só "germânico", mas "grão-germânico", e deveria captar "sangue da mesma origem" em diferentes estados europeus e de diversas minorias alemãs étnicas,[22] e ocupar vastos territórios no Leste Europeu "germanizando-os" mediante a expulsão e erradicação da população local. Himmler imaginou esse grande Reich germânico não como uma grande Alemanha ampliada com a inclusão de algumas províncias, mas como uma forma de organização de Estado supranacional totalmente nova, tendo por base a raça.[47] Como analogia histórica, tinha em mente a criação do Reich de 1871: assim como a Prússia se tornara parte do Reich alemão, também o grande Reich alemão seria absorvido pela "Grande Germânia".[48]

A visão de uma batalha final contra os poderosos asiáticos é especialmente nítida em seu discurso de 16 de setembro de 1942, proferido ante chefes da SS em seu quartel-general em Hegewald, na Ucrânia. Ele preveniu o público de que, da mesma forma que "Átila nasceu no mingau de povos de milhões de sub-humanos, de repente, numa relação qualquer entre duas pessoas, a chama se acende", e com sua ajuda "as partes de sangue nórdico-germânico-ariano

perdidas, boiando nesse mingau, encontram-se e, sozinhas, tornam possíveis a chefia e a organização, [...] assim surge um Átila, um Gêngis Kahn, um Tamerlão, um Stalin". Mas, se nesse momento "em que nasce neste mundo um gênio desses, um ditador dessa natureza, um tipo de Gêngis Kahn, e ao mesmo tempo não acontece de nascer um Adolf Hitler", então é provável "que as coisas terminem mal para a raça branca". O confronto só pode ocorrer de uma forma: "Todo sangue bom — esse é o primeiro axioma de que os senhores devem se lembrar — que encontrarem em algum lugar do Oriente, se não puder ser conquistado, deve ser aniquilado. Deixar que exista do outro lado, para que surja amanhã um novo Führer, de formato pequeno, grande ou médio, seria um crime contra nós mesmos, porque, no final, só poderemos ser derrotados por nosso próprio sangue".[49]

Surge aqui, portanto, um novo pensamento: na visão de Himmler, a maior ameaça já não partia de um bloco asiático-bolchevista dirigido pelos judeus, mas da submissão de massas asiáticas com fortes personalidades de liderança, cujo surgimento repentino só podia ser explicado pela acidental recriação de predisposições hereditárias "germânicas" até então consideradas perdidas. "Originalmente parece que", romanceou em outra oportunidade, "tínhamos uma camada senhoril germânico-nórdica — isso está confirmado até pela história científica — que se sobrepunha na qualidade de senhores, atuando como governantes de alguns povos do Oriente, em parte a pedido destes, como se pedissem mandem-nos alguém, nós não estamos conseguindo nos controlar, queremos alguém que nos organize".[50] Quanto mais a União Soviética mostrava ser um adversário no mínimo equivalente à Alemanha nazista, tanto mais se solidificava essa ideia nos pronunciamentos de Himmler: Gêngis Kahn, Lenin e Stalin tornaram-se líderes por conta de suas raízes "arianas".[51] Ao mesmo tempo (em 1942, Himmler havia iniciado a "solução final" da Questão Judaica em escala europeia) os judeus passaram a ter cada vez menos importância como principais adversários; em 1943, ele já se referia à Questão Judaica no tempo verbal do passado.[52]

É possível que já tenha ficado claro que a construção fantasiosa da visão de mundo político-histórica de Himmler não resiste a uma exegese histórica intelectual meticulosa. Essa visão não era só inconsistente, mas também extremamente vaga terminologicamente, além de sofrer mudanças consideráveis

ao longo do tempo, que colocavam em xeque seus próprios fundamentos. A definição do coletivo germânico dependia de um conceito de raça manejado arbitrariamente, e os odiados inimigos, os oponentes, eram descritos de uma forma tão vaga e estavam de tal modo interligados que eram praticamente substituíveis entre si e podiam ser responsabilizados por tudo. No fim, os germânicos lutavam contra uma camada de governantes que correspondiam ao reflexo de sua própria imagem. É preciso ter uma grande dose de boa vontade em relação ao pedido de Himmler, externado por ocasião do Dia do Camponês do Reich de 1935, de se ater ao "quadro global" para conseguir fundamentar esses pensamentos com algum sentido de coerência.

Isso não significa que não tenha havido constantes em sua concepção de mundo. Tanto a restauração de um império "germânico" a todo custo, que colonizaria o "Oriente", como seu profundo ódio contra os povos que habitavam esse Oriente, o cristianismo e os judeus eram parte delas. Essas constantes, no entanto, se traduziam das mais diversas formas em programas imperialistas de conquista e campanhas de extermínio contra o odiado inimigo. Seria equivocado acreditar, portanto, que a prioridade de Himmler era a de transformar em realidade um programa específico ideologicamente rígido. Himmler era, antes de tudo, um político altamente flexível e adaptável, que sabia legitimar sua política do momento com peças de cenário ideológicas. Ou, dito de outro modo: é claro que o Himmler político não queria que o Himmler ideólogo podasse muito sua liberdade de ação.[53]

## Superação do cristianismo

Era preciso estar devidamente preparado para a iminente batalha épica a ser travada entre "humanos e sub-humanos". À SS caberia sobretudo um papel nisso: ela atuaria como vanguarda na superação do cristianismo e no restabelecimento do estilo de vida "germânico". No entender de Himmler, essa era a verdadeira missão da Schutzstaffel; a essa incumbência ela devia, em última análise, sua identidade e razão de ser.

O cristianismo lhe parecia tão perigoso porque a moralidade sexual dessa religião ia contra a desejada revolução biológica de Himmler e o princípio de misericórdia cristão se opunha aos seus anseios de intransigência e rigor no trato com os sub-humanos.[54] A troca desses princípios cristãos por virtudes

“germânicas” era a premissa para poder travar e vencer a luta contra os “sub-humanos” e conquistar o futuro.

No entender de Himmler, a “descristianização” e a “germanização” deveriam dizer respeito, como um duplo processo, à totalidade das manifestações de vida: costumes e moral — especialmente a moral sexual —, legislação, toda a área cultural, além da ordem social. A reavaliação generalizada de valores ultrapassados ambicionada por Himmler tinha tudo a ver com seu desenvolvimento pessoal. Ele não só responsabilizava a “ordem masculina homossexual” da Igreja católica como também o puritanismo enraizado na sua educação católica pelo próprio desenvolvimento sexual tardio e pelo “perigo” das tentações homossexuais — o que constatou posteriormente com horror. No final dos anos 1930, ele também se sentiu limitado em suas carências privadas em virtude da prevalecente moral matrimonial cristã em vista da relação com a sua mulher, que, depois de dez anos, tornara-se insípida. Aqui, a “generosidade germânica” proporcionou o remédio. Além disso, por meio do crescente apego aos valores “germânicos”, criou para si mesmo um código moral que lhe facultava o abandono dos valores humanitários com os quais havia crescido e que teriam sido um obstáculo ao desenvolvimento de uma política de espaço vital sem consideração.

Não há dúvidas quanto ao anticomunismo e ao antissemitismo de Himmler, e ele combateu esses dois grupos de opositores sem misericórdia. Mas, no fundo, o cristianismo o interessava muito mais: o exame do universo cristão, no qual havia sido criado, tinha para ele um significado realmente existencial, e, ao associar o combate ao cristianismo com a ideia de restabelecer o mundo desaparecido da Germânia, colocara-se uma tarefa para a vida inteira. Somava-se a isso uma consideração política: o antissemitismo e o anticomunismo faziam parte da essência do nazismo, tanto do ponto de vista ideológico quanto da prática política. Nessas áreas, a SS dificilmente alcançaria um perfil independente. Mas, ao ligar a descristianização com a regermanização, Himmler conseguira dotar a SS de um novo destino.

Já vimos que, a despeito de sua negação do cristianismo, Himmler fazia questão de que seus homens, assim como ele, fossem “religiosos”.[55] No entanto, as declarações de Himmler quanto à sua “religião” particular são vagas. Ocasionalmente, em seus discursos, ele se referia a “Waralda, o muito antigo”,

sem realmente derivar disso uma ideia definida de deus para si ou para a SS. Assim, num discurso diante de altos oficiais da Marinha em 1943, disse, por exemplo, que aquele que observa e compreende o processo seletivo na natureza é, "em seu íntimo, um crente": "Ele crê porque sabe que existe uma grandeza infinitamente sábia acima de nós. Os germanos tinham uma expressão muito bonita para isso: Waralda, que é o muito antigo. Pode-se discutir sobre como isso pode ser venerado, como se pode atribuir isso no campo terreno a departamentos e sortimentos."[56]

Himmler não admitia publicamente sua admiração por Wotan ou por outras divindades germânicas. Secretamente, no entanto, ocupava-se da questão se não seria possível decifrar tais concepções "germânicas" de Deus. Em maio de 1940, Himmler procurou Walther Wüst, chefe da Ahnenerbe, e lhe pediu que se pusesse "a pesquisar onde, no universo ariano germânico do norte, aparecia o conceito do raio, do trovão, do martelo de Thor ou do martelo voador ou arremessado, e também em quais esculturas o deus (Thor) é representado com um pequeno machado na mão, do qual emanam raios". Himmler pediu a Wüst que reunisse todos os "indícios em termos de imagens, esculturas, escritos e sagas", pois estava convencido de que "não se trata aqui dos fenômenos naturais trovão e raio, e sim de uma ferramenta de guerra antiga e altamente desenvolvida dos nossos antepassados que obviamente só se encontrava em poder de poucos, isto é, dos Aesires, dos Deuses, e que pressupunha um conhecimento fenomenal da eletricidade".[57] Esse último comentário sobre a eletricidade indica que Himmler acreditava que essa arma realmente existira e que se encontrava de fato em poder de deuses ou de seres semelhantes a deuses; se estivesse simplesmente interessado na representação do fenômeno da cunha de trovão, não teria se preocupado com a construção da suposta arma e a teria deixado por conta da fantasia dos artistas pré-históricos. Ou será que, em seu fervor, ele se entregou ao curso de seus devaneios? O fato de Wiligut, seu consultor para questões germânicas e de ocultismo, ter-lhe apresentado um plano para a substituição do cristianismo por uma crença germânica antiga certamente corrobora a suposição de que, em seu círculo mais íntimo, Himmler considerava seriamente essas ideias.[58]

De modo geral, no entanto, a opinião de Himmler em relação às questões religiosas era determinada por sua visão extremamente prática, positivamente

por um cinismo raso: se o cristianismo era sobretudo pernicioso porque atrapalhava a anunciada revolução político-demográfica de Himmler, assim, por exemplo, por ocasião da instituição de uma divisão voluntária para Waffen-SS composta por muçulmanos durante a guerra, ele elogiou o Islã como sendo uma "religião prática e simpática para o soldado", uma vez que educa "as pessoas nessa divisão por mim e lhes promete o céu, se elas lutarem e vierem a morrer em combate".[59]

Durante a guerra, Himmler aprendeu a valorizar as Testemunhas de Jeová, trancafiadas aos milhares nos campos de concentração por causa de sua convicção pacifista e contrária ao nazista, em virtude de sua tenacidade de resistência, sua grande disposição ao sacrifício e seu fanatismo religioso: "Se fosse possível usar o fanatismo deles a favor da Alemanha ou em geral, despertar um fanatismo dessa natureza no povo a favor da nação em guerra, seríamos ainda mais fortes do que somos hoje!"[60] Além disso, viviam na abstinência, eram trabalhadores e honestos. Por isso, não só os usava como força de trabalho em sua própria casa ou nas casas de conhecidos ou famílias da SS,[61] como achava que justamente essas características deveriam ser propagadas aos povos oprimidos do leste onde, além do mais, o pacifismo dos estudiosos da Bíblia era extremamente bem-vindo, ao menos do ponto de vista alemão. Por isso Himmler ordenou, em longa carta a Kaltenbrunner, em julho de 1944, a exportação da religião para as regiões ocupadas — aliás, nessa altura, já não mais ocupadas — do leste: "No caso dos povos turcos, deve-se considerar o dogma budista; no caso dos demais povos, no entanto, a doutrina dos estudiosos da Bíblia."[62]

Himmler dispunha de soluções pragmáticas para questões existenciais também no que dizia respeito ao próprio pessoal. Respostas para a questão da transitoriedade humana não deveriam ser procuradas na área religiosa, mas na veneração aos ancestrais propagada por ele. Em sua opinião, o culto aos ancestrais fortalecia a consciência de que a própria vida estava integrada à continuidade da sequência das gerações; a transitoriedade do indivíduo deveria ser compensada pela "imortalidade" do povo. Durante a reunião dos Gruppenführer em Munique, em 1938, na noite anterior às festas de novembro, ele declarou: "seremos insuperáveis e imortais na condição de povo, seremos realmente imortais como raça nórdica ariana se nos ativermos seletivamente à lei do sangue e se, vivendo com a veneração dos ancestrais, conhecermos o eterno

ciclo de toda a existência, de todos os acontecimentos e de toda a vida restante neste nosso mundo. Um povo que cultiva os ancestrais sempre terá filhos; só os povos desprovidos de ancestrais não têm filhos".[63]

A continuação do texto mostra, no entanto, que Himmler não só associava a imortalidade com a continuidade do coletivo "povo" — uma visão tipicamente *völkisch* —, mas que acreditava que a imortalidade também podia ser vivenciada pelo indivíduo: "E por mais dura que seja a morte no momento, porque ela significa a despedida, sabemos dos ancestrais, da convicção transmitida pelo sangue, que só se trata da passagem para outro nível; porque todos nós de alguma maneira já nos encontramos antes e voltaremos a nos encontrar no outro plano."[64]

Himmler também se ocupava intensamente com o tema do renascimento e da reencarnação. Em fevereiro de 1937, explicou aos Gruppenführer que se tratava "de uma questão sobre a qual se pode conversar durante horas". Ele próprio mostrava-se indiferente: "Para mim, essa crença é igual a muitas outras crenças. Tal qual o cristianismo, a doutrina de Zaratustra, de Confúcio etc., ela carece de comprovação científica. Mas tem uma grande vantagem: um povo que acredita no renascimento e na reencarnação, um povo que venera os ancestrais e consequentemente a si próprio sempre terá filhos, e esse povo terá vida eterna."[65]

Pessoalmente, no entanto, Himmler defendia uma posição muito clara nesse tocante, como se lê em carta que enviou no mesmo mês ao Hauptsturmführer Eckhardt. Karl August Eckhardt, cuja ocupação principal era a de professor de história jurídica, havia apresentado a Himmler um manuscrito com o título "Imortalidade terrena", pelo qual o Reichsführer-SS demonstrou simpatia. Himmler disse a Eckhardt que o trabalho dele constituía "uma contribuição de imenso valor e [que era] uma confirmação absoluta daquilo que foi transmitido oralmente durante milênios, mas que, a despeito de todas as evidências, a ciência não reconheceu". No entanto, ele queria que se fizessem algumas mudanças; assim ele se opôs ao conceito de "reencarnação" empregado por Eckhardt, pedindo que fosse substituído por "renascimento no clã, dentro do próprio sangue".[66] O manuscrito alterado foi publicado em forma de livro em 1937 e distribuído por Himmler dentro da SS em 1939, em edição especial.[67]



*“A morte não nos assusta. [...] O indivíduo morre, mas em seus filhos seu povo já o supera durante seu tempo de vida”, escreveu Himmler em 1942 em introdução a um texto em que o Departamento Central da SS orientava quanto à realização das dignificantes “celebrações aos mortos da SS”. A cerimônia realizada na Chancelaria do Reich, para Reinhard Heydrich, morto em consequência de um atentado — na qual Himmler prestou homenagem ao morto — foi considerada exemplar sob esse aspecto.*

Naturalmente, Eckhardt havia considerado as observações de Himmler na revisão. Agora não se falava mais em transmigração da alma, mas em uma “crença de recorporificação”, da “origem ariana”. Na introdução, Eckhardt citou um dos autores prediletos de Himmler, Werner Jansen; este teria, em seu “livro mais profundo”, o *Heldensang von Robert dem Teufel, dem Normannenherzog* (O cântico heroico de Robert, o diabo, o duque dos normandos), citado o herói como testemunha real de sua principal tese, a de que os germanos acreditavam na “recorporificação”.

## Culto dos germanos

Himmler perseguia até as últimas consequências a meta de transformar a SS em centro do culto germânico. Ele não se satisfazia simplesmente em expor as supostas “raízes germânicas” dos alemães contemporâneos e lhes tornar simpático o cultivo dessa herança ancestral; o que ele queria era expor o suposto cerne germânico da história alemã em uma reinterpretação abrangente: a incumbência do nazismo seria a de guiar os alemães de volta ao seu verdadeiro caráter germânico, não em termos históricos, mas em termos de categorias raciais: aos olhos de Himmler, o que diferenciava a história germânica alemã era o fato de ter sido formada por pessoas que possuíam sempre as mesmas

predisposições e qualificações genéticas e que por isso podia ser vista não como continuum histórico e sim como um mundo da vida, uma *Lebenswelt* constante.[68]

Com seus esforços para construir um mito próprio da SS, Himmler queria sobretudo apresentar o mundo pré-cristão dos germanos como ideal e a sua cristianização como engano fatal, quase um crime, e expor o verdadeiro âmago germânico da história medieval que se encontrava escondido sob a crosta do impingido cristianismo. De todo modo, ele não adentrava território inexplorado com nenhum desses temas: desde o início do século XIX, o mais tardar, a exaltação e os mitos germânicos constituíam um amplo movimento que não só se refletia nas disciplinas acadêmicas como era decididamente popular. A tendência anticristã da ideologia germânica, assim como seu desenvolvimento no sentido de uma crença germânica, estava relativamente bem difundida nos círculos populares já durante o império. O mito do herói germânico foi reavivado politicamente sobretudo nos agitados anos após a derrota na Primeira Guerra Mundial, alimentado com racismo e apresentado como ideal contrário ao "nivelamento" da democracia ocidental.[69] Como já vimos, Himmler também foi arrebatado por essa torrente; a experiência de seu despertar germânico ocorrera nos anos 1923-1924, com a leitura dos romances de Werner Jansen.

Supostamente em 1937, Himmler colocou no papel os seguintes pensamentos: "Vivemos na era do confronto definitivo com o cristianismo. No próximo meio século é responsabilidade da Schutzstaffel transmitir ao povo alemão os fundamentos ideológicos não cristãos em relação ao estilo e ao modo de vida. Essa tarefa não é praticável somente mediante a superação do adversário ideológico, mas deve ser acompanhada passo a passo por um ímpeto positivo, ou seja, pela integração da herança germânica, compreendida num sentido amplo e abrangente."[70] Partindo dessa premissa, Himmler desenvolveu um "plano de trabalho": um grupo especial, composto por funcionários tecnicamente qualificados da SS, deveria preparar uma coleção de uns cinquenta volumes como fonte de pesquisa da "herança germânica" e, em uma segunda etapa, analisar "a assim chamada Idade Média cristã no tocante às correntes hereditárias germânicas". Os resultados serviriam em primeiro lugar à "orientação" ideológica da SS. De fato, nos anos seguintes, a organização científica Ahnenerbe de ele realizaria tais estudos, ainda que não da forma concentrada com que ele o planejara em 1937.[71]

É difícil saber como Himmler imaginava a ordem social e o mundo da vida dos germanos, e por que esse mundo desaparecido lhe serviria como ideal. Os comentários de Himmler sobre os antigos germanos são bastante raros.[72] Somente no discurso “SS” de 1935 ele se aprofundou um pouco mais no tema. Nessa ocasião, elogiou o direito germânico, especialmente o princípio nele contido da necessidade de preservar a natureza e os animais na crença em uma ordem divina universal. Além disso, discorreu sobre as sofisticadas habilidades manuais dos germanos e sua capacidade de desenvolver um arado muito superior às ferramentas comparáveis; a veneração que tinham pelos ancestrais, visível em seus “túmulos com lápides de pedras gigantes”; sua “valentia e força”; seus conhecimentos de astronomia e, por fim, o alfabeto rúnico como “mãe de todos os símbolos”.

Como Himmler considerava a cristianização dos germanos um pecado original crucial, em razão do qual as virtudes germânicas não puderam se desenvolver em sua plenitude no império medieval,[73] a ira especial do Reichsführer-SS se voltava contra o “missionário pagão”, São Bonifácio. Ele não estava disposto a lhe perdoar o corte, em 723, do carvalho de Thor, considerado árvore sagrada pelos germanos e, mesmo 1.214 anos depois, em 1937, ele ainda se enfurecia, perguntando-se “como um cara pode ter sido canalha a ponto de cortar aquela árvore”.[74] Mas o verdadeiro responsável pela cristianização dos germanos, na opinião de Himmler, era sobretudo “Carlos, o Franco”, o Carlos Magno, a quem acusava repetidamente em discursos públicos do massacre dos saxões;[75] para Himmler, o filho de Carlos Magno, Luís, o Piedoso era “ajudeuzado”.[76]

Com sua avaliação negativa do rei Carlos, no entanto, Himmler foi de encontro à opinião de Hitler. Em seu discurso por ocasião da convenção do partido, em 1935, Hitler destacou que durante o processo inicial de formação do Reich, nos primórdios da Idade Média, o cristianismo atuara como formador da sociedade e que Carlos fora o unificador histórico do Reich, veredicto que ainda reforçaria mediante comentários equivalentes em círculos privados.[77] Himmler, por isso, tratou de mudar de curso: nos SS-Leitheften apareceu um artigo de H.W. Scheidt, diretor do departamento de treinamento de Alfred Rosenberg, que em outras circunstâncias era tido como principal concorrente ideológico, no qual esclarece que “as lutas travadas contra os saxões e as demais medidas de

repressão adotadas por Carlos" tinham "sua razão genuína na vontade absolutamente germânica pela obtenção do poder e pelo reconhecimento de que o centro de poder político, que ele controlava, carecia de urgente expansão".[78] É de se admirar que Himmler conseguisse manter-se calado por tanto tempo, mas fato é que só em 1944 ele concedeu que o rei Carlos, apesar de ser "muito controverso, muito admirado, era, em última análise — apesar de tudo que nós [...] não achamos bonito, mas que devemos compreender no contexto da luta de poder em torno da construção de um Império — o Grande, uma vez que era o fundador do Reich".[79]

Já a opinião de Himmler em relação ao rei alemão Henrique I é bem diferente: em honra deste, os esforços de Himmler no sentido de descobrir raízes anticristãs na Idade Média provavelmente atingiram seu ápice. Em 1936, por ocasião do milésimo aniversário da morte do rei e para lançar as bases de uma nova tradição, Himmler visitou a sepultura do rei na abadia de Quedlinburg. As festas anuais em homenagem ao rei Henrique I passariam a integrar o calendário de festividades anuais da SS. O discurso proferido por Himmler na ocasião, divulgado ainda no mesmo ano,[80] procurava estabelecer paralelos entre Henrique I e Hitler. No discurso de Himmler fica claro que Henrique I assumira o poder com a mesma idade que Hitler e tivera de enfrentar problemas semelhantes: "Quando em 919, aos 43 anos de idade, Henrique I, o duque dos saxões, que ascendeu da nobreza camponesa dos Liudolfing, tornou-se rei da Alemanha, assumiu uma herança das mais terríveis: ele se tornou o rei em um reino que mal conservava o próprio nome. Todo o oriente da Alemanha fora [...] perdido para os eslavos."

Himmler enumerou uma série de virtudes que considerava exemplares em Henrique I. Este, quando nomeado em 919, recusara a unção da Igreja, testemunhando, assim, "diante de todos os germanos", que "em virtude de sábio reconhecimento das condições vigentes, não estava disposto a tolerar que durante o seu reinado o poder da Igreja interferisse em assuntos políticos da Alemanha". "O antigo e eternamente novo princípio germânico da lealdade entre o duque e os seus súditos", continuou Himmler, "voltou a ser adotado, em clara oposição aos métodos de governo eclesiástico cristão carolíngios". De acordo com Himmler, Henrique também fora um defensor da "conversa franca de homem para homem". E principalmente: "Não se esqueceu em nenhum

momento da vida de que a força do povo alemão reside na pureza de seu sangue e no enraizamento das propriedades rurais dos clãs em solo livre.” Deveria ser-lhe profundamente grato pelo fato “de ele nunca ter cometido o erro que os governantes alemães de um lado e europeus de outro cometeram ao longo dos séculos até os nossos dias: o erro de não conseguir enxergar seu objetivo fora do espaço vital — o que chamamos hoje de espaço geopolítico — de seu povo”.

Infelizmente, segundo Himmler, as festividades possuíam uma mácula: “Os restos mortais do grande líder alemão já não descansam em seu local de sepultamento. Não sabemos onde estão.”[81] Essa “desonra para todo o povo alemão”, como Himmler escreveu em outro lugar,[82] não lhe deu paz. Mas a busca diligente pela ossada de Henrique I, empreendida pelo Reichsführer-SS, obteve o sucesso desejado já no ano seguinte, conforme anunciou o *Schwarze Korps* bem a tempo para as festividades em homenagem ao rei. De acordo com isso, “fora provado cientificamente que a ossada localizada pelas escavações realizadas na cripta da abadia de Quedlinburg era de fato a do rei Henrique I”.[83] “Himmler escavou a terra pessoalmente para retirar os ossos de Henrique I”, anotou o ministro da Propaganda, Goebbels, laconicamente em seu diário.[84]

Nos anos seguintes, Himmler viajava anualmente a Quedlinburg para, na cripta da abadia, cujo interior agora ostentava uma enorme flâmula com a insígnia da SS, prestar suas homenagens ao rei morto, em uma cerimônia festiva.[85] Durante a guerra, no entanto, as homenagens a Henrique I tinham lugar sem a presença de Himmler e parece que em sua ausência a atmosfera perdia grande parte de sua habitual solenidade. Em 1944, o ajudante de ordens de Himmler se queixou de que na última comemoração decididamente fora consumido álcool em excesso.[86]

Se Himmler festejava Henrique I, que se mantivera distanciado do cristianismo, como o verdadeiro fundador do Reich, também entendia que o domínio dos Hohenstaufen, na alta Idade Média, representara uma era em que “o Reich vivenciou uma florescência e um poder que irradiou para todo o mundo”. O imperador Frederico II e seu contemporâneo, Henrique, o Leão, ocupavam posição de honra na lista de heróis alemães de Himmler.[87]

Outro modelo da Idade Média para Himmler era a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Em 1939, a SS ocupou em Viena o prédio que servira de sede à Ordem. Himmler aproveitou a ocasião para fazer uma digressão histórica. A

Ordem teria sido fundada “muito cedo [...] na assim chamada [sic!] Terra Santa, na época em que a força de expansão teuto-germânica, induzida ao erro pela Igreja cristã, sangrava no mais extremo do extremo oriente. Essa ordem de cavaleiros logrou então dar o audacioso passo para cima, para a Prússia Oriental e [...], transformando-se na verdadeira ordem dos cavaleiros teutônicos. Ela criou o estado, o estado da Ordem da Prússia Oriental, em seu modo severo, soldadesco, de ideologia cristã. [...] Tenho o firme desejo de assumir aquilo que era bom nessa Ordem, a bravura, a fidelidade inaudita aos seus ideais, a capacidade de organização, [e a vontade de] cavalgar para longe e cavalgar rumo ao Oriente”.[88]

Na história alemã mais recente, contudo, Himmler encontrou relativamente poucos ganchos para sua imagem histórica marcada pelo germanismo. Durante a segunda metade da guerra, ele se referiu ocasionalmente à Prússia e às virtudes prussianas, ao rei prussiano Frederico II, às reformas prussianas e à fundação bismarquiana do Reich,[89] mas isso foi tudo.

Portanto, os elementos da história que Himmler tomava de empréstimo visavam essencialmente à apropriação da suposta herança germânica da história antiga. O estabelecimento de um culto germânico dentro da SS, como já mencionamos, correspondia totalmente às fantasias juvenis sobre heróis e virtudes germânicas de Himmler. Ainda assim, não se pode explicar a devoção aos germânicos que ocorria dentro da SS como simples vazão de uma excentricidade pessoal do Reichsführer. Do ponto de vista de Himmler, o que importava muito mais era assegurar para a SS um papel sólido e duradouro no cerne ideológico do nazismo, de guardiã da herança germânica e do seu significado. Em um sistema com base profundamente ideológica como aquele, adotar uma posição dessas prometia um aumento considerável de prestígio e poder.

O fato de o fervor com que muitos nazistas nos primeiros anos do Terceiro Reich encaravam a herança germânica ter arrefecido em meados dos anos 1930 não foi motivo de desânimo para Himmler. Também não o perturbava o fato de Hitler em público só se referir ao passado germânico em forma de clichês e internamente dar a entender que a herança germânica não o interessava de modo particular, e que se ocupar intensamente com esse tema, como Himmler o fazia, lhe parecia um tanto bizarro.[90] Ocorre que, ao contrário de Hitler, Himmler antes

de tudo não associava um efeito propagandístico de massa à questão, mas enxergava nela as fundações de uma identidade específica à SS.

Assim, Himmler envidou enormes esforços não só no sentido de evocar a existência de um Reich germânico e de preservar os elementos germânicos no povo alemão, como também de comprová-los cientificamente. Mas ele não era o único a ter essa opinião. O ideólogo chefe oficial do nazismo, "o encarregado do Führer pela supervisão de toda instrução e educação intelectual e ideológica do NSDAP", Alfred Rosenberg, desde 1933 já perseguia o plano de centralizar toda a pré-história em um "Instituto do Reich para pré-história e proto-história"[91] — o que para Himmler era mais um motivo para acelerar a pesquisa da herança germânica por meio de uma sociedade científica própria.

## Ahnenerbe (herança ancestral)

O primeiro impulso para a fundação de semelhante sociedade aparentemente se deu por meio do encontro entre Himmler e Herman Wirth, em outubro de 1934. O pesquisador de história antiga e professor particular, em geral rejeitado pelo mundo acadêmico especializado, e Himmler travaram conhecimento em um evento noturno privado, ao qual Darré também estava presente.[92] Na primavera de 1935, Wirth deu início ao trabalho que lhe fora incumbido por Himmler e Darré; começou preparando duas exposições, cuja finalidade era apresentar as tradições germânicas sob o ponto de vista do nazismo.[93]

Em 1º de julho de 1935, Himmler fundou a Studiengesellschaft für Geistesurgeschichte Deutsches Ahnenerbe (Sociedade de estudos de pré-história intelectual da herança ancestral alemã), criada sob medida tendo em vista as atribuições de Wirt,[94] que também foi nomeado presidente da sociedade de estudos, que tinha como secretário-geral Wolfram Sievers, seu antigo assessor.[95] De início, Ahnenerbe estava subordinado ao Departamento Central de Raça e Colonização e era, portanto, fortemente influenciado por Darré.[96]

Contudo, logo Himmler começou a temer que a falta de seriedade científica de Wirth pudesse acabar prejudicando a estruturação do instituto.[97] Para complicar, Wirth lidava de modo bastante individualista e liberal com os recursos financeiros que lhe eram disponibilizados.[98] Em razão disso tudo, no decorrer de 1936, Himmler preparou o afastamento de Wirth e, em 1938, depois de conceder-lhe o título de presidente de honra, demitiu-o do serviço na

Ahnenerbe, sem que isso causasse o rompimento das relações pessoais que mantinham.[99] Como sucessor de Wirth foi nomeado, já na primavera de 1937, o indo-germanista e professor da universidade de Munique Walther Wüst, que desde o outono de 1936 dirigia um novo departamento de lexicologia, subordinado à Ahnenerbe.[100] (Wüst demonstrou sua gratidão especial para com Himmler, entre outros, presenteando-o, por ocasião de seu 37º aniversário, com uma reprodução de uma "formosa *Buckelurne* da Baixa Saxônia",[23] produzida pela Allacher Manufaktur — segundo Wüst, um cumprimento que abrange "mais de um milhão e meio de anos, repleto do mais profundo sentido".)[101]

Até 1939, Himmler conseguiu aos poucos desligar a Ahnenerbe da influência do Departamento Central de Raça e Colonização e transformou a organização científica em um departamento da SS, subordinado diretamente ao seu Estado-maior pessoal.[102] No início de 1939, Himmler efetivou um novo estatuto, no qual ele se autonomeava presidente, enquanto Wüst, que era o chefe de fato da organização, foi nomeado "curador" e Sievers foi mantido como diretor.[103]

Desde o início, a principal função da Ahnenerbe era apoiar o trabalho de doutrinamento ideológico da SS mediante contribuições sobre a pré-história germânica, desenvolvendo trabalhos de pesquisa ancestral e de família. Assim, Himmler não só exigia que os membros da SS exibissem a comprovação de sua ancestralidade como também esperava que os chefes SS mantivessem brasões de família. Para essa finalidade, determinou que se pesquisassem os "símbolos dos clãs" e as "marcas de família" dos ancestrais deles e de outras pessoas importantes.[104]

A Ahnenerbe expandiu-se rapidamente. A partir de 1936, surgiram filiais em todos os lugares do Reich, às quais eram confiadas as mais diversas atribuições e que trabalhavam em grande parte isoladas umas das outras. Em 1939, a Ahnenerbe já dispunha de aproximadamente duas dúzias de institutos de pesquisa, principalmente nas áreas de pré-história, linguística e etnologia, mas paralelamente também em outras disciplinas das ciências humanas, bem como e cada vez mais na área de ciências naturais.[105] Além do Departamento de Lexicologia de Wüst, a Ahnenerbe também incorporou, em 1936, o Instituto para Preservação da Cultura Germânica de Detmold (que não tardou a assumir a supervisão do Externsteine, formação rochosa na floresta de Teuteburg), e, em 1937, os institutos para Preservação das Relações Culturais Indo-germânico-

finlandesas,[106] bem como o Instituto para Preservação das Marcas de Família e Símbolos de Clãs,[107] e pouco depois o Instituto para o Estudo de Sagas e Mitologia. Em 1938, a Ahnenerbe criou um Departamento de Pesquisa Etnológica e Etnologia em Frankfurt am Main,[108] além de Departamento para Filologia Clássica e Arqueologia.[109]

Em 1938, Himmler determinou que todas as atividades envolvendo escavações arqueológicas da SS fossem agrupadas e subordinadas ao novo instituto de escavações da Ahnenerbe. E já havia alguns desses: além dos projetos controversos no mundo especializado, como a por fim "bem-sucedida" busca pela ossada de Henrique I, também havia os de natureza mais séria, como o que culminou no descobrimento do centro de comércio medieval Haithabu, próximo a Schleswig, dirigido pelo renomado arqueólogo Herbert Jankuhn, cujo patrocínio Himmler assumiu pessoalmente em 1937. Além disso, a SS apoiava escavações pré-históricas na Erdenburg em Bensberg, em Altchristburg, na Prússia Oriental e no Hohenmichele, um túmulo pré-histórico em Sigmaringen.[110] Mais departamentos e centros de pesquisa foram criados: para história da religião indo-germânica, para o Oriente Próximo, para a engenharia germânica e para a história medieval e recente,[111] e, finalmente, o instituto de pesquisas relativas ao interior da Ásia e às expedições, dirigido pelo explorador tibetano Ernst Schäfer, que foi refundado em 1943 sob o nome de Sven-Hedin Institut.[112]

Originalmente, o interesse de Himmler pelas pesquisas de ciências naturais estava totalmente concentrado na busca de evidências que corroborassem a *Welteislehre*, a "doutrina do gelo universal", sobre a qual ainda falaremos em detalhe. Para esse fim, ele, já em 1937, criara em Berlim o Instituto de Meteorologia (mais tarde de geofísica) sob a direção do meteorologista Hans Robert Scultetus. O instituto de pesquisa astronômica, instalado em março de 1938 no observatório de Grünwald, próximo a Munique, tinha a mesma finalidade. O idealizador da *Welteislehre*, Hanns Hörbiger, esporadicamente desempenhava alguma função até mesmo na Ahnenerbe.[113]

Nos anos seguintes, Himmler ampliou de modo quase arbitrário as atividades de pesquisa, ou, melhor dizendo, pseudopesquisa, de ciências naturais da Ahnenerbe: entre outras coisas, instalou um departamento para o estudo da radiestesia; criou um instituto de geologia e mineralogia, que se ocupava

principalmente da prospecção do ouro nos rios na Alta Baviera; um instituto de pesquisa botânica; e um departamento para pesquisa cárstica e espeleologia.[114] Além disso, planejava criar um setor de geografia animal e história animal, bem como um departamento adicional para a supervisão das assim chamadas ciências secretas.[115]

A Ahnenerbe também desenvolvia forte atividade publicitária: desde 1936, participava da revista científica popular *Germanien*, que no subtítulo se identificava como "revista mensal de germanologia para o reconhecimento da essência alemã", e pouco a pouco passou a controlá-la. Himmler acompanhava as publicações da revista com grande interesse. Além disso, a Ahnenerbe mantinha, desde o fim de 1936, a revista *Nordland*, de tendência fortemente anticlerical, um "folheto de luta ideológica" e era coeditor de uma série de órgãos científicos especializados. Desde 1935, existia também uma série de textos chamados *Deutsches Ahnenerbe* (Herança ancestral alemã). Em 1939, iniciou-se a realização de elaborados congressos.[116]

Mas a Ahnenerbe era muito mais do que uma sociedade acadêmica. Funcionários da instituição atuavam como "inquisidores, censores e agentes de confisco",[117] especialmente durante uma robusta política de aquisição: o próprio Wüst constatou, autocrítico, no início de 1938, que a Ahnenerbe captaria "importantes objetos e instalações", sem depois realmente se ocupar deles.[118] Como em muitos outros empreendimentos da SS, a Gestapo conferiu às atividades da Ahnenerbe mais do que a força moral adequada: por exemplo, em 1938, a Ahnenerbe assumiu a valiosa biblioteca de Lion Feuchtwanger, confiscada pela Gestapo de Munique, e no mesmo ano e por intermédio da Gestapo a organização conseguiu se apossar de parte do patrimônio da Associação da Universidade de Salzburgo e de toda a sua biblioteca.[119]

A Ahnenerbe também tentava se estabelecer nas universidades, mediante o estratagema de oferecer aos catedráticos a direção de algum departamento ou concedendo-lhes um título categoria III de chefe SS. A presença da SS nas universidades não somente prometia a influência sobre as atividade de ensino e de pesquisa, e consequentemente o ganho de prestígio, como também deveria facilitar o recrutamento de novos integrantes para a SS entre os estudantes.[120] Diversas vezes Himmler interveio com sucesso em casos de nomeação,[121] ainda mais que a sua influência dentro do Ministério da Educação do Reich estava

crescendo: em abril de 1937, Heinrich Harmjanz, integrante da SS desde 1930, assumiu o Departamento de História do Pensamento, e, em maio de 1939, o químico Rudolf Mentzel, na SS desde 1932, tornou-se responsável pelo Departamento Científico; ambos viam a Ahnenerbe com bons olhos. A Ahnenerbe revidou no outono de 1938 instalando um Departamento de Antropologia e Etnografia para Harmjanz em Frankfurt am Main, onde este, paralelamente à sua posição no ministério, detinha uma cátedra. Apesar dessas iniciativas, Himmler jamais conseguiria estabelecer uma política acadêmica e científica.[122]

Essa falta de coerência caracteriza a Ahnenerbe como um todo. Uma "política de expansão sem método e fortuita"[123] e uma crescente ramificação, para não dizer dispersão de suas atividades, fizeram com que a Ahnenerbe reunisse em suas fileiras tanto especialistas reconhecidos em suas áreas como cientistas leigos e charlatões declarados, de modo que jamais se conseguiu estabelecer um padrão científico uniforme. Esse quadro não mudaria nem mesmo durante a guerra. A prioridade da pesquisa se deslocava agora para programas "vitais à guerra". Nos projetos de transmigração conduzidos pela SS, a Ahnenerbe transferia para a Alemanha bens culturais do Tirol do Sul e dos países bálticos, entre outros, e promovia em grande escala o roubo cultural nos territórios ocupados.[124] Sob o chavão "mobilização das ciências humanas para a guerra", numerosos cientistas da Ahnenerbe foram inseridos em projetos cujo objetivo era o conflito ideológico com os adversários.[125] Paralelamente, a Ahnenerbe também se ocupava, entre outras coisas, da criação de animais e do cultivo de plantas (Himmler o encarregara, por exemplo, da criação de um cavalo da estepe "resistente ao inverno" para os camponeses-soldados no Leste), do desenvolvimento de armamentos, por vezes de aspecto fantástico, e — no âmbito do Instituto de Pesquisa Militar Científica Aplicada — com experiências muitas vezes fatais realizadas com seres humanos.[126]

Quando se trata da definição dos objetivos originais da Ahnenerbe, que era a pesquisa da pré-história e da proto-história, pode-se dizer, resumidamente, que com certeza foram alcançados resultados impressionantes. Entretanto, sem uma estratégia de pesquisa coerente, em que tais realizações individuais pudessem ser acolhidas e aproveitadas ideologicamente para a SS, esses sucessos se dissipavam. O fato de não se ter chegado a essa estratégia tem uma série de

razões, mas o que se mostrou na essência era que a ciência não conseguia fornecer as provas para a suposição de Himmler de que teria existido um grande reino germânico culturalmente superior.[127]

**“Ao abrigo do vento”**

Com o culto aos germânicos, a básica postura anticristã e o constante confronto entre forças “germânicas” e “asiáticas” são, no entanto, apenas facetas da visão de mundo de Himmler — ou seja, aquelas que o Reichsführer defendia pessoalmente em público, ainda que em alguns momentos com bastante moderação. Himmler juntava esses aspectos a uma série de teorias fantásticas ou mitos amplamente divulgados na fase entre guerras para compor uma visão global bem mais abrangente que, no entanto, costumava guardar para si.

Por exemplo, o Reichsführer era partidário entusiasta da anteriormente mencionada “doutrina do gelo universal” do engenheiro austríaco Hanns Hörbiger. Bastante popular no entreguerras, embora rejeitada de modo unânime pela ciência contemporânea, essa teoria partia do princípio de que os acontecimentos cósmicos eram determinados por um antagonismo entre sóis e planetas de gelo, e que isso explicaria tanto as catástrofes globais da história mais recente da Terra como os mitos, como o da cidade submersa de Atlântida, por exemplo.[128]

Himmler, sem se deixar impressionar pela posição clara da ciência, em julho de 1936, não só incumbiu por escrito os mais importantes defensores da *Welteislehre* em Bad Pyrmont de continuarem a desenvolver a teoria da criação do mundo, sob seu patrocínio,[129] como tentou, sobretudo na esfera de influência da Ahnenerbe, provar sua validade. Dois departamentos da Ahnenerbe, o Instituto de Meteorologia, dirigido pelo meteorologista Hans Robert Scultetus, e o Centro de Pesquisas Astronômicas do Observatório de Grünwald, haviam sido instalados especificamente para esse fim. Himmler até cogitou estabelecer contato entre Werner Heisenberg (que, embora severamente criticado pouco antes em artigo do *Das Schwarze Korps*, Himmler considerava “decente”) e “o nosso pessoal da *Welteislehre*”.[130]

Repetidamente Himmler se dirigia pessoalmente à Ahnenerbe para mandar verificar elementos da *Welteislehre*. Em dezembro de 1940, por exemplo, o ajudante de Himmler, Brandt, perguntou “se um obscurecimento parcial do sol

poderia ocasionar uma mutação do genótipo" — questão que havia sido levantada pelo Reichsführer-SS. O especialista responsável pela *Welteislehre* dentro da Ahnenerbe, o *c*onselheiro do governo Scultetus, respondeu negando tal efeito.[131] Em setembro de 1941, a pedido de Himmler, Brandt enviou ao diretor Sievers um ensaio intitulado "As borboletas voam da África do Sul até a Islândia", pedindo que o comentasse do ponto de vista da *Welteislehre*.[132] Alguns meses mais tarde, Himmler pediu a Sievers que investigasse as indicações da descoberta de cavalos ou mamutes congelados na Sibéria, uma "das poucas evidências tangíveis de uma catástrofe na Terra ocorrida há tantos e tantos milhares de anos, que corresponderia à catástrofe da última captura da lua e as consequências disso, tese defendida pela *Welteislehre*".[133]

Himmler reagiu com indignação a uma resposta negativa sobre a *Welteislehre* que um funcionário do Ministério da Educação do Reich lhe enviara; mas a carta de Himmler também revela uma atitude de defesa, pois, notoriamente, o Reichsführer se sentiu obrigado a evocar a autoridade de Hitler diante do funcionário: "Defendo a livre pesquisa do jeito que for, e isso também diz respeito à livre pesquisa sobre a *Welteislehre*. Pretendo até mesmo apoiar amplamente a livre pesquisa, e nisso me encontro em excelente companhia, já que há muitos anos o Führer e chanceler do Reich alemão, Adolf Hitler, é partidário convicto dessa doutrina proscrita pelos artífices da ciência."[134]

Mesmo assim ele já em 1938 deu ordens à Ahnenerbe para manter a *Welteislehre* "totalmente ao abrigo do vento", ou seja, "de modo algum torná-la pública e novamente submetê-la a uma rigorosa análise crítica a ser conduzida por departamentos determinados e limitados".[135] Por essa razão, o Departamento de Meteorologia de Berlim mudou o nome para Instituto de Geofísica.

A influência dos processos cósmicos sobre a Terra e sobre a vida dos homens era algo de especial interesse para Himmler — já em meados de 1920, ele se mostrara interessado em astrologia.[136] No início de 1945, passou a pesquisar quais eram os conhecimentos disponíveis quanto à "influência do clima sobre os seres humanos: em que medida há uma relação com os acontecimentos cósmicos. Existe uma avaliação meteorológica em termos astrológicos?". Terminada a guerra, Himmler tencionava engajar o astrólogo Wilhelm Wulff, que na segunda metade da guerra lhe fornecera pareceres astrológicos, e seu especialista em *Welteislehre,* Scultetus, nessa questão.[137] Além disso, o

Reichsführer-SS estava convencido de que os "germânicos possuíam um conhecimento inestimável, de fundo religioso, até hoje insuperado, sobre o universo".[138] No pós-guerra, Himmler pretendia instalar um observatório em cada base da SS "para dar a possibilidade aos círculos mais amplos de se ocuparem com a astronomia e com isso encontrar em parte um substituto para o cristianismo que deveremos superar", conforme se expressou seu ajudante em uma carta.[139]

Himmler também se interessava pelo mito do Tibete, a ideia difundida em diversas versões de que no passado existira uma cultura avançada no planalto tibetano, possivelmente o resultado de uma raça superior original que teria procurado abrigo no Tibete contra uma catástrofe global. Para Himmler, estava claro que se tratava da lendária "Atlântida", e que a elite de senhores atlantes que se fixara no Tibete espalhara-se a partir dali para a Europa e para o leste da Ásia. A convicção de que o Tibete seria "o berço da humanidade" explica as especulações de Himmler sobre raízes comuns entre elites europeias (especialmente germânicas), asiáticas e outras elites.[140]

Nesse contexto, o Reichsführer demonstrava especial interesse pelos samurais japoneses, que considerava serem parentes distantes. Em 1º de novembro de 1935, Himmler expôs a Hitler a "(...) ideia de que a SS deveria se transformar nos samurais alemães", obtendo a aprovação do Führer.[141] Em 1937, escreveu um breve prólogo para o texto publicado por Heinz Corazza, *Die Samurai. Ritter des Reichs in Ehre und Treue* (Os samurais. Cavaleiros do Reich em honra e lealdade), uma versão ampliada para o livro de uma série de artigos publicados anteriormente no *Schwarze Korps*.[142] Aqui Himmler explicava aos leitores que a história dos samurais deixava claro "que em tempos passados esse povo do Oriente distante já tinha as mesmas leis de honra que nossos ancestrais em um passado precocemente destruído", e "que muitas vezes são as minorias mais valiosas que, nos conceitos terrenos, concedem a vida eterna a um povo". A uma explanação de sua teoria tibetana, no entanto, ele prudentemente se absteve.

Nos bastidores, entretanto, Himmler exercia pressão para que se encontrassem provas do papel central desempenhado pelo Tibete como local de origem das elites germânicas e asiáticas. Em 1935, o jovem zoólogo Ernst Schäfer, que havia participado de duas expedições à região oriental do Tibete, chamou a atenção de Himmler, que logo o integrou à SS.[143] A preparação, em

1937, da próxima expedição de Schäfer ao Tibete deveria se dar em estreita sintonia com a Ahnenerbe. Mas a cooperação não ocorreu. Ainda assim, Himmler atuou como patrocinador da expedição que finalmente ocorreria em 1939, e em agosto desse ano, em virtude do retesamento da situação internacional, apressou-se a financiar a volta dos participantes por avião, não deixando de cumprimentar a equipe pessoalmente no aeroporto. A equipe também era integrada por Bruno Beger, funcionário do Departamento Central de Raça e Colonização, que estava encarregado da pesquisa antropológica que tinha em mente sobretudo comprovar a existência de "porções de raça ariana" entre os habitantes do país.[144]

Embora a missão especial com a qual Himmler incumbiu Schäfer não tenha obtido sucesso — este deveria ser contrabandeado por dentro da União Soviética para o Tibete, juntamente com um grupo de uns trinta homens da SS e um considerável arsenal de armas, a fim de incitar a população local contra as tropas britânicas ali estacionadas[145] —, o Reichsführer-SS mandou instalar dentro da Ahnenerbe um "Instituto de Pesquisa para a Ásia Central e Expedições" para Schäfer, que, antes de tudo, passou a se ocupar da avaliação dos materiais coletados na expedição.[146] Apesar disso, Himmler mantinha Schäfer na rédea curta. No final de 1939, fez objeções quanto à ideia de Schäfer de apresentar um filme sobre a expedição ao público[147] e, em março de 1940, determinou "que não apareça nada nos jornais sobre o senhor, sua atividade, seu filme e sobretudo a expedição".[148] Em 1943, deu ainda um passo adiante na medida em que quis proibir Schäfer de publicar o livro *Geheimnis Tibet* (Tibete, um segredo), porque "a primeira parte estava escrita de maneira tão objetivamente alemã em comparação aos ingleses", mas, por outro lado, "os estados e povos locais eram retratados de maneira gentil, porém zombeteira". "Isso poderia nos infligir um dano terrível no mundo das pessoas de cor." E, no seu típico modo autoritário, acrescentou: "Pelo que vejo, minhas preocupações em relação à apresentação do filme se justificam."[149] A verdadeira razão para a insistência de Himmler — mesmo que sem sucesso — para a supressão da publicação encontrava-se possivelmente no medo de expor publicamente a busca de provas para sua excêntrica imagem de mundo.

Himmler, contudo, não se limitava ao Tibete. Em 1938-1939 ele também fez planos para enviar uma expedição à Bolívia, ao Peru e ao Chile em 1940. Para

liderar a expedição foi escolhido o pesquisador particular Edmund Kiss,[150] que Himmler já considerava especialmente apropriado pelo fato de ter se destacado com a teoria em que explica a estrutura das terras altas do norte da América do Sul por meio da *Welteistheorie*.[151] Mas o início da guerra não permitiu que o plano se concretizasse.

O mundo do oculto, que fascinava Himmler desde os dias de estudante, também era algo que ele evitava mencionar em público. Mas a relação com seu conselheiro mais próximo deixa presumir a importância que esse assunto realmente tinha para ele: Karl Maria Wiligut, que desde outubro de 1934 chefiava o setor de arquivo no Departamento Central de Raça e Colonização, foi encarregada de tarefas especiais, a partir de janeiro de 1936.[152]

Wiligut, conhecido por "Weisthor" (Thor sábio) dentro da SS, era coronel reformado do Exército austro-húngaro e já tinha 66 anos de idade quando foi contratado por Himmler para o serviço. As informações sobre a vida pregressa de Wiligut são escassas e não necessariamente confiáveis; uma das mais importantes publicações sobre o "Rasputin de Himmler" deriva justamente dos círculos em que Wiligut era admirado.[153] Segundo esses relatos, Wiligut frequentava grupos étnico-esotéricos em Viena antes da Primeira Guerra Mundial e também tivera trabalhos relevantes publicados. Em 1903, fora publicado seu livro *Seyfrieds Runen*,[154] mas somente após a Primeira Guerra Mundial ele se tornou conhecido como figura do ocultismo *völkisch*. Wiligut afirmava ser "portador da tradição" de uma antiga família gótica, o clã Asa e, além disso, detentor de uma linhagem secreta da realeza germânica. Graças a alegadas habilidades mediúnicas, ele (como último do seu clã, já que não tinha sucessor) teria a capacidade de se comunicar com seus ancestrais e despertar uma sabedoria secreta de milhares de anos. Consta que Himmler tentou de tudo para, com a ajuda de injeções e drogas, intensificar a força de trabalho de Wiligut-Weisthor, que estava envelhecendo, para assim salvar o que fosse possível do conhecimento secreto que ele armazenava; segundo seu biógrafo Mund, parece que isso realmente levou a uma reanimação do espírito vital de Wiligut, mas que se traduziu sobretudo no aumento do consumo de nicotina e álcool do mago.

Weisthor preparava trabalhos para Himmler sobre questões envolvendo pré-história e religião e também lhe enviava poesias de composição própria.[155] Entre

outras coisas, o antigo coronel sugeriu a introdução de uma religião germânica antiga.[156] Mas munia Himmler sobretudo dos segredos do "*Asa-Uana-Sippe*" (clã Asa-Uana), supostamente transmitidos de forma oral, como os "nove mandamentos de Deus", por exemplo, que ele pela primeira vez "desde 1200 reestabeleceu por escrito", uma vez que os "registros correspondentes foram queimados publicamente na pira por Luís, o Piedoso". No nono mandamento, por exemplo, constaria: "Deus é início sem fim — o universo. Ele é perfeição no nada e mesmo assim tudo em três vezes o reconhecimento triplo de todas as coisas. Ele fecha o ciclo do Yule do consciente para o inconsciente, para que este possa novamente se tornar consciente."[157]

No verão de 1936, Himmler leu o livro escrito por Wiligut, *Darstellung der Menschheitsentwicklung* (Apresentação do desenvolvimento da humanidade), que, conforme alegação de Wiligut, originava-se do "legado secreto de nossa família Asa-Uana Uilligotis": "A espécie humana terrestre, como a mais alta expressão da inteligência e força de razão existente na Terra, decompõe-se em sete épocas distintas, das quais quatro já ocorreram, a quinta é a humanidade contemporânea e a sexta e sétima constituem as gerações que ainda estão por vir. Conforme a informação secreta transmitida verbalmente, cada uma dessas épocas de desenvolvimento que já terminaram culminou com uma terrível catástrofe na Terra, pela junção do nosso planeta com um desses corpos celestes por ela atraídos. [...] Os seres da espécie humana que restavam sobre a Terra uniam-se aos que vieram 'do céu' (corpos celestes) para a 'Terra', seres inteligentes semelhantes, e assim formavam a respectiva nova espécie humana, que representava novos tipos de raças, já que esse 'primeiro' homem sempre surgia em pontos diferentes da Terra em nova formação."[158] Em outras palavras: uma prova clara para a *Welteislehre*!

Wiligut foi agraciado por meio de diversas promoções, e em 1936, como expressão de sua admiração especial, Himmler lhe concedeu a posição correspondente ao seu antigo status militar, a de SS-Brigadeführer.[159] No início de 1939, no entanto, Himmler se afastou de Weisthor. Por um lado Hitler se manifestara publicamente contra o ocultismo e, por outro, fora constatado que o conselheiro de ocultismo de Himmler passara três anos internado em uma instituição para doentes mentais em Salzburgo e em 1925 fora declarado incapaz.[160]

Mas Himmler não se afastou totalmente de Wiligut. É revelador, por exemplo, que o Reichsführer tenha guardado em seu cofre pessoal o anel com a caveira que Wiligut fora obrigado a devolver ao se desligar da SS.[161] Continuou consultando Wiligut, como ocorreu no verão de 1940, ao mandar projetar uma lápide para homens da SS mortos em combate. Wiligut recomendou a Himmler que em vez da "cruz cristã poderia ser usada, no espírito de nossa crença alemã ancestral, a cruz com as barras de comprimento igual, uma vez que isso significa Deus-espírito, Deus-força, Deus-matéria em eterna transformação"; o Reichsführer determinou que se agisse dessa forma.[162] Na agenda de trabalho de Himmler consta um almoço com o "coronel Wiligut", em Berlim, em novembro de 1941.[163]

De tudo isso resulta o seguinte quadro geral: no centro da visão de mundo de Himmler está a restauração de um estilo de vida germânico, descristianizado, que, com a ajuda dos mitos da Atlântida e do Tibete, deveria ser conectado com altas culturas há muito extintas e, por intermédio da *Welteislehre*, da Astrologia e da Astronomia, com a história do cosmo. Assim como Himmler supunha poder penetrar diretamente no mundo de seus ancestrais germânicos, com a ajuda de seu conselheiro Weisthor, também acreditava poder "reencarnar" na sua própria corrente sanguínea — portanto, não há dúvidas de que sua visão de mundo tinha uma perspectiva eterna. Por meio da mistura de história, mito histórico, culto aos germânicos, astrologia e observação das estrelas, teorias sobre o mundo e a reencarnação, originou-se de fato um substituto para a religião, possivelmente mesclado de ideias sobre uma protorreligião germânica.

Essa construção, no entanto, dito de modo delicado, tinha o problema de ainda não estar bem pronta. Himmler tinha consciência disso e por essa razão passou grande parte do tempo, sobretudo durante a guerra, colhendo "provas" que validassem sua concepção. Significativamente, só é possível reconstruir a visão de mundo de Himmler a partir das fontes textuais; aparentemente, ele nunca elaborou uma exposição coerente dela.

Mas não foi apenas o fato de não estar acabada e o esperado protesto de cientistas que impediram que Himmler propagasse publicamente seu modelo para explicar o mundo. A percepção de que a maioria das pessoas — ainda — não conseguiria perceber a consistência intelectual de sua visão de mundo e,

principalmente, o fato de que se depararia com a enérgica oposição de Hitler teriam feito com que ele, um dos mais importantes chefes do Reich no NSDAP e chefe da Polícia Política alemã, achasse prudente evitar chamar atenção sobre si como fundador de uma religião substituta.

O que era ensinado dentro da SS e da polícia no tocante à doutrinação ideológica, portanto, só correspondia em parte às convicções muito mais abrangentes de Himmler: temas como *Welteislehre*, mito do Tibete e Atlântida estavam fora desde o início, como também eram evitados ataques muito evidentes à religião cristã. Por isso, não é de admirar que Himmler não entendesse a doutrinação ideológica — voltarei a falar sobre isso mais detalhadamente — como uma construção fechada de ideias, baseada em textos, mas preferisse tentar concentrá-la na transmissão de modelos ou exemplos mais plásticos e histórias de heroísmo. Seu objetivo deveria ser mais o "espírito" e menos a razão. Justamente por causa de seu caráter mítico indefinido, a visão de mundo que defendia só podia ser "ensinada" até certo grau; outras formas de transmissão precisavam ser encontradas: Himmler considerava especialmente apropriados os presentes com caráter simbólico, festividades e certos lugares "sagrados".

Por meio "das coisas que são proporcionadas, com as festas, com toda essa vida interior que aqui voltou a ser despertada", a SS, assim pensava Himmler também em 1938, "talvez tenha feito coisas mais importantes para a Alemanha [...] do que a digamos assim, pudesse fazer como uma organização exemplar ou um regimento de marcha perfeita, ou com grandes sucessos esportivos. Acredito que são essas coisas que vêm de dentro, do coração, da honra, do espírito, da mais verdadeira e profunda visão de mundo, são essas as coisas que nos dão a força, a força para hoje, e que nos darão a força em todos os confrontos e momentos decisivos com que a Alemanha e talvez nós mesmos seremos confrontados nos próximos trinta, cinquenta, cem anos".[164]

**Símbolos, festas, rituais**

Com as "coisas que são proporcionadas", Himmler se referia a uma série de presentes cheios de simbologia, que eram distribuídos internamente na SS.

Em 1935, na festa natalina, que queria transformar em festa do solstício de inverno, a festa de Yule, Himmler distribuiu pela primeira vez os *Julleuchter*,

castiçais germânicos para culto, que simbolizam o solstício. O castiçal de barro, de aproximadamente 20 centímetros de altura e decorado com “símbolos” que pretendiam lembrar os tempos germânicos, acomodava duas velas. Himmler explicava seu significado e sua função da seguinte forma: “A pequena luz debaixo do castiçal chameja como símbolo das últimas horas do ano que está terminando; a luz grande se acende no primeiro momento em que o novo ano inicia a sua jornada. Nessa antiga tradição, encontra-se uma profunda sabedoria. Que todo integrante da SS possa acompanhar com coração puro e honesto a luzinha se apagar e ver reacender com alegria renovada a luz do novo ano.”[165]

Segundo a vontade do Reichsführer, toda família de um membro casado da SS deveria possuir um *Julleuchter*. “É justamente a mulher que quer, ao perder o mito da Igreja, alguma outra coisa que lhe preencha o espírito e o coração do filho”, disse Himmler diante dos Gruppenführer em novembro de 1936. Por isso, também nesse ano ele daria de presente um número ainda maior de *Julleuchter*.[166] Em 1937 eram 8 mil,[167] e em 1939 já eram mais de 52 mil.[168]

Em 1939, Himmler teve a ideia de mandar produzir semelhante castiçal também para o “solstício de verão”, mas o modelo desenvolvido não o agradou. Como a guerra havia começado, acabou desistindo.[169] As crianças dos integrantes da SS nascidas durante a guerra recebiam *Lebensleuchter* (castiçais da vida).[170] Himmler manteve esse costume até a primavera de 1945, sendo que nessa época o presenteado era notificado de que, dadas as circunstâncias, o mimo poderia ser enviado só ao fim da guerra.[171]

Todos os homens associados à SS cujo número de inscrição era inferior a 2 mil e todos os chefes da SS após alguns anos na organização recebiam o anel com a caveira.[172] Himmler exigia desse círculo de chefes da SS que “sempre usassem o anel, especificamente no dedo anular da mão esquerda. [...] A concessão do anel é o símbolo exterior de um valor interior adquirido em combate e no cumprimento do dever, e uma prova de comprovada lealdade para com o Führer e sua visão de mundo”.

Aquele que era condecorado com o anel da caveira recebia de Himmler uma longa carta em que este esclarecia o significado do anel e o tratamento que lhe deveria ser dispensado. Segundo a carta, o anel com a caveira era um “sinal de nossa lealdade para com o Führer, nossa imutável obediência em relação aos nossos superiores e a nossa inabalável integridade e camaradagem. A caveira é o

aviso de que se deve sempre estar pronto a renunciar à vida do nosso eu em favor da vida do todo. As runas ao lado da caveira são símbolos da prosperidade de nosso passado, com o qual estamos novamente unidos por meio da visão de mundo do nazismo. [...] O anel é coroado com folhas de carvalho, da antiga árvore alemã". O anel, assim continuava a descrição, "não pode ser comprado" e não deveria "jamais cair em mãos de desconhecidos" e, após o desligamento da SS ou da morte do portador, deveria ser "restituído ao Reichsführer-SS". Não faltou nem mesmo o aviso de que "reproduções ou imitações serão punidas e o portador deve zelar para que isso não ocorra".[173]

A certos chefes SS escolhidos, Himmler conferia espadas da honra: "Eu lhes concedo a espada da SS. Ela nunca deve ser sacada sem necessidade! Nunca as enfiem na bainha sem honra! Preservem a sua própria do mesmo modo incondicional como devem respeitar a honra dos outros e defender de forma cavalheiresca os indefesos!" Diferentemente do anel, a espada podia "permanecer em posse de sua família, caso a tenham portado de modo impecável durante a vida toda" — de outro modo, o Reichsführer exigiria a sua devolução.[174]

Em 1936, Himmler anunciou a introdução de um broche com que todo homem da SS deveria presentear a esposa quando ela se tornasse mãe e que só poderia ser usado por mulheres da SS que tivessem filhos.[175] O modelo dessa joia era um broche decorado "com runas alinhadas em forma de Hagal" que Himmler dera de presente à própria mulher.[176] No nascimento do terceiro filho e de cada filho a mais, a esposa do membro da SS recebia de Himmler uma carta de congratulações, um *Lebensleuchter* e sucos Vitaborn.[177] A partir do quarto filho, Himmler a presenteava com um *Geburtsleuchter* (castiçal do nascimento) no qual estavam gravadas as seguintes palavras: "Na eterna corrente do clã, és apenas um elo."[178]

Ao longo do tempo, além disso, Himmler instituiu diversas cerimônias, de festas de nascimento e casamento até ritos de enterro. Suas determinações incluíam nesse sentido os mínimos detalhes. Um esboço originado do setor de Treinamento do Departamento de Raça e Colonização, de 1937, explica como se imaginava uma "festa de casamento de membros do partido e de suas subdivisões". A ideia básica era que fosse abolida a separação do casamento

público da festa privada, introduzida pelo cristianismo; queria-se voltar para as supostas formas germânicas de cerimônias de casamentos.

A festa começava com música, mas lamentavelmente se constatou "a inexistência de músicas de casamento contemporâneas". Em seguida, um orador lia um texto de abertura, de preferência "citações dos discursos e do livro do Führer", seguido das palavras de Nietzsche "sobre crianças e casamento" e do discurso de um chefe SS. Depois de um interlúdio musical, o juiz de paz anunciava oficialmente o casamento e, em seguida, o casal acendia uma vela como "símbolo do início de um novo círculo de sangue". Eram distribuídos sal e pão e o casal se comprometia — com um aperto de mão — "a levar uma vida e envidar esforços comuns em prol da nação". Se o noivo fosse membro da SS, o chefe SS mais antigo anunciava "a acolhida da jovem mulher no seio da família SS" e lhe entregava o SS-Sippenbuch, o livro do clã da SS, ou um certificado. A celebração terminava com a canção coletiva *SS-Treuelied* (hino de lealdade SS).[179]

Quando realizava ele mesmo a cerimônia de casamento, Himmler costumava presentear o casal com duas taças de prata e recomendava aos comandantes da SS que imitassem essa atitude. Para a troca dos anéis, havia instituído o seguinte lema simbólico: "Eu lhes desejo não só o antigo desejo de que o amor de vocês não tenha começo nem fim, mas que a família de vocês não tenha começo nem fim."[180]

Em vez do batizado cristão se realizaria a *Namensweihe*, cerimônia em que se daria o nome ao recém-nascido. Uma instrução correspondente orientava como se deveria realizar tal comemoração.[181] A festa deveria ser celebrada em "salas solenes" especiais, que conteriam um altar coberto com a bandeira da suástica, sobre o qual haveria um retrato de Hitler no lugar da costumeira imagem do Santíssimo. Atrás do altar haveria três membros da SS portando o estandarte da corporação e a parede seria adornada com uma bandeira preta com runas SS. A função do sacerdote ficaria a cargo do "consagrador", e a do padrinho de batismo, a cargo do "guardião fiel".

A criança devia ser posta diante do altar; em seguida eram declamados textos do *Mein Kampf*, em "coro falado" ou "cantado". O mestre de cerimônias recitava um credo para todos os presentes: "Acreditamos no Deus do Universo/ e na transmissão do nosso sangue alemão/ que brota eternamente jovem do solo

alemão./ Acreditamos no povo/ no portador do sangue/ e no Führer, que nos foi indicado por Deus.” Em festas de nascimento, o padrinho Himmler presenteava o recém-nascido com uma pequena caneca e uma colherzinha, ambas de prata. Em 1936, recomendou aos Gruppenführer a antiga tradição, que ele achava muito bonita, de entregar à criança “a grande fita azul da vida, de seda”.[182]

Em 1937, quando o terceiro filho de Karl Wolff recebeu o nome de Thorismann, Himmler presidiu a cerimônia, cuja execução deixou nas mãos de Weisthor, seu conselheiro em proto-história. Weisthor envolveu a criança na “fita da vida” azul, entregou à família Wolff a caneca, a colher e um anel; este “a criança deve usar quando se tornar um rapaz e provar o seu valor à SS e à família”.[183]

O principal passatempo de Himmler eram as festas do solstício, especialmente as do solstício de verão, em 21 de junho: ele desejava resgatar “o antigo significado” dessa data. Em novembro de 1936, explicou de maneira um tanto complicada aos Gruppenführer SS o que queria dizer com isso — como sempre, quando se tratava de temas um tanto delicados, “com total franqueza”, mas “sem que isso tenha de ser logo divulgado para a grande massa, quero dizer, para a grande maioria dos nossos homens ou chefes SS”.

“Vejam os senhores”, assim Himmler iniciava seu raciocínio, “muitas vezes nossos homens se queixam, ah, por Deus, não sabemos onde podemos conhecer mulheres decentes, garotas decentes, com quem pudéssemos nos casar. Queremos nos casar!” Para dar um jeito nessa situação calamitosa, Himmler queria transformar a festa do solstício novamente na festa “de maio, festa da vida, festa do casamento”. Pois, nos tempos antigos, “a época entre a festa da primavera e do solstício do verão era a ocasião em que se realizavam os jogos competitivos da juventude. Jovens da mesma faixa etária ali se encontravam, dançavam e pulavam juntos em torno da fogueira do solstício. E acertavam casamentos”.

Conforme esse modelo, as “competições esportivas dos homens da SS, que realizaremos todos os anos, sempre devem ocorrer entre a Páscoa e o solstício de verão”. Mas as ideias de Himmler iam muito além do aspecto esportivo: “Posso imaginar que esse gesto também será seguido Associação de Moças Alemãs (BDM, na sigla em alemão) e pela associação das mulheres, e que elas organizarão as competições femininas na mesma época que a SS. [...] Se essa

seleção ainda fosse apoiada por uma seleção racial das participantes das competições acredito que, ao longo dos anos, a festa de solstício voltará a adquirir sua antiga importância real e necessária."[184]

De acordo com a circular que emitiu em setembro de 1938 pela Ahnenerbe, Himmler acreditava que em certas tribos germânicas era costume que só na época de solstício de verão "crianças eram geradas e assim aconteciam as relações sexuais".[185] O solstício de verão como festa de acasalamento — caracterizada, segundo fala de Himmler em 1936 na academia para médicos alemães em Alt-Rese, Mecklenburg, pela "antiga tradição de que o melhor rapaz pularia a fogueira junto com a melhor garota (ambos selecionados pelas competições)".[186]

É claro que Himmler não deixava de participar anualmente das festas do solstício de verão.[187] Em 1935, participou em Sachsenhain, em Verden, e em 1936 na montanha Brocken. Em 1937, nesse dia, teve de comparecer ao enterro de Ludendorff, mas em 1938 voltou a festejar, especificamente em Wolfsberg, na Áustria; em 1939, no mar Báltico, perto de Kolberg.

Himmler intervinha constantemente na organização das festividades. Em 1936, incentivou os Standarten a ensaiarem uma dança própria, a "dança com tochas para 51 dançarinos", especificamente para essa ocasião e que, se possível, eles a apresentassem em todas as festas.[188] Em 1938, emitiu novas ordens para os três anos seguintes,[189] quanto a uma padronização na realização das comemorações de solstício tanto de verão quanto de inverno, e após o solstício de verão solicitou relatórios sobre o decorrer das comemorações em todo o Reich. O resultado deve ter deixado Himmler extremamente satisfeito; naquele ano, as diversas unidades da SS se haviam mostrado especialmente criativas: enquanto uns Standarte comunicavam a "apresentação de uma dança rítmica pelas moças do BDM em roupa de ginástica colorida, que depois virou uma dança folclórica conjunta em torno da fogueira", o SS-Abschnitt XVII ensaiou a dança das fitas e a valsa das noivas. O Oberabschnitt Danúbio informou ilustrativamente que "após as canções de lealdade e dos hinos nacionais, rapazes da Juventude Hitlerista haviam arremessado rodas de fogo no vale e jovens casais se formaram para saltar por sobre a fogueira que lentamente se decompunha".[190]

Se, de acordo com as ideias de Himmler, as festas do solstício de verão

marcavam o encerramento anual das competições de força física dentro da SS,[191] a cada solstício de inverno deveriam ser realizadas "competições intelectuais dentro da SS" conforme expôs aos Gruppenführer em 1937. Para 1937, explicou, seria preciso, assim, preparar tábuas genealógicas e histórias das famílias, bem como considerações sobre o significado do culto aos ancestrais.[192] Em 1936, referindo-se à realização das festas do solstício de inverno, Himmler explicou aos Gruppenführer: "O solstício de inverno não é só o fim do ano, do Yule, ao qual se seguem as 12 noites sagradas, quando começa o novo ano, mas o solstício de inverno era, sobretudo, a festa na qual se honravam os ancestrais e o passado, uma festa na qual o indivíduo se conscientizava de que não era nada sem os ancestrais e sua veneração, que não passava de um pequeno átomo, removível a qualquer momento, enquanto tudo era integrado com humildade genuína à cadeia infinita da linhagem, do ancestral aos netos."[193]

Assim, nas festas do Yule deveriam ser acendidas 12 velas e, enquanto se acendia cada vela, deveria ser recitado um verso de luz, a que se seguia a exclamação coletiva Que brilhe a sua luz! Os poemas da luz giravam em torno da crença de que a vida individual estaria preservada em uma linhagem ancestral.[194] Em novembro de 1937, Himmler determinou que nas unidades da SS, após a festa do solstício de inverno, os homens e suas esposas ou noivas deveriam festejar a festa do Yule juntos. Nessa ocasião, os recém-casados receberiam castiçais patrocinados pelo Reichführer-SS.[195] Em novembro do ano seguinte, Himmler pediu aos novos cientistas da SS, reunidos nas casas das unidades SS, que incentivassem os "jovens poetas a compor canções alemãs para a festa do Yule que possam ser cantadas nas comemorações do partido e de suas subdivisões no lugar dos hinos cristãos".[196]

Himmler também se ocupou do tema funerais. Em 1936 notificou os Gruppenführer: "que sejam apresentados esboços para caixões de bom gosto". De forma alguma deveriam ser usadas flores artificiais nas coroas. "Sugiro que durante o inverno as repartições da SS só adotem coroas feitas de coníferas — píceas, abetos, pinheiros. Isso é fácil e quando as coroas são bem-feitas, é o melhor e o mais bonito. No verão deveriam ser utilizadas coroas de carvalho com folhagens de faia, juntando-se algumas flores bonitas."

Ele continuava querendo que de modo crescente surgisse "novamente um estilo. Porque cada manifestação da nossa vida deve realmente ser coerente com

o nosso jeito de ser interior. A forma como moramos, nossos móveis, nossas tradições e costumes, tudo isso deve ser a expressão do nosso estado interior. *Nós* temos de fazer isso, é preciso que nos primeiros anos da Schutzstaffel sejam estabelecidos os fundamentos para isso". Mas Himmler também declarou que não tinha nada contra cerimônias fúnebres, se isso era desejo dos parentes; com isso referiu-se ao enterro de seu pai, que ocorrera havia poucos dias. De todo modo, a cerimônia religiosa devia ser separada da cerimônia da SS.[197]

Em 1942, o Departamento Central da SS publicou um texto com "recomendações para a realização de cerimônias fúnebres". Himmler redigiu a introdução: "Para nós a morte não é um horror. [...] O indivíduo morre, mas em seus filhos o seu povo vive além dele já durante o seu próprio tempo de vida." As cerimônias fúnebres da SS deveriam ser compostas pela cerimônia em si, pelo cortejo fúnebre e pelo enterro solene. Para caracterizar a cerimônia, recomendava-se incluir citações do Führer, epigramas e composições poéticas. A cerimônia fúnebre para Heydrich, em 9 de junho de 1942, foi considerada verdadeiro modelo de um evento dessa natureza.

A preparação dessas diversas cerimônias não deveria, no entanto, ficar sob a responsabilidade dos chefes SS encarregados da educação e dos treinamentos, pois, se assim fosse, achava Himmler, logo se criaria um novo "sacerdócio" dentro da SS. "Não queremos algo assim na Schutzstaffel." Presidir as cerimônias era tarefa dos comandantes.[198] Quando, em abril de 1940, Himmler surpreendeu um chefe SS prestes a realizar uma cerimônia de casamento fora de sua área de competência, como comandante SS, ele o ameaçou: "Caso eu pegue o senhor ou qualquer outro chefe SS mais uma vez atuando como orador ou organizador de uma festa familiar [...] irei depô-lo imediatamente de seu posto e ficará preso por muitos anos sob a acusação de tentar criar um novo sacerdócio."[199]

Em novembro de 1936, Himmler pediu aos SS-Gruppenführer que não realizassem as cerimônias de nascimento ou casamento nas dependências da SS nem publicamente, mas no círculo familiar.[200] Uma cobertura pela imprensa não era desejada.[201] Himmler explicou aos Gruppenführer que, com esse caráter privado, queria-se evitar que viesse aí qualquer clérigo e levantasse a acusação de que se estava realizando um "casamento pagão" ou "algo semelhante à igreja". Não era do interesse dele que "seja dado algum passo precoce, que ainda

não esteja maduro, que ainda não possa ser compreendido lá fora e, por isso, corra o risco de ser ridicularizado".[202] A preocupação de Himmler de não tornar público o culto da SS, fortemente estimulado por ele, não era sem razão, como ainda ficará claro em outros exemplos. Ele não só temia o escárnio do público, mas principalmente uma postura contrária de Hitler em relação a um reavivamento muito marcante da herança germânica; "Rosenberg, Himmler e Darré devem parar com essa besteira de culto", teria dito Hitler em agosto de 1935, segundo consta no diário de Goebbels.[203]

No que dizia respeito aos sociáveis encontros da SS, Himmler se empenhava incansavelmente para que esses eventos, excessivamente profanos, não acabassem em "desagradáveis noites de bebedeira", como ele mesmo as chamava; seu desejo era de que se integrassem sensatamente em seu conceito educacional. Em 1941, preparou uma diretriz de oito pontos quanto à sua concepção de uma noite de camaradagem ideal.[204]

O que seria decisivo: "As noites de camaradagem precisam obrigatoriamente ser preparadas com antecedência." E: "O chefe da SS responsável" precisa cuidar "do andamento do programa" e "deve manter a noite sob controle". Deve, por exemplo, orientar os homens a se alimentarem direito antes do encontro, para que não "venham a beber de estômago vazio". Por falar nisso, em uma dessas noites em que estivera presente, teria lhe chamado a atenção que o costume natural de que "só se pode fumar depois que o superior hierárquico ou o mais velho tiver dado permissão para isso" tinha sido esquecido. Ele tivera a impressão de que "vários homens e também chefes caíram de tal forma na dependência doentia do cigarro que não aguentam ficar 15 minutos sem fumar". Além do mais, em uma noite dessas, os chefes da SS não deveriam "juntar-se formando um clube particular e sim se sentarem entre os seus homens, daí vem o nome 'noites de camaradagem'". Himmler advertia: "Cada noite de camaradagem dessas, se é para ter algum valor, deve, em sua primeira parte, servir para educar os chefes e os homens em geral. O programa deve incluir música de regimento ou de batalhão, ou, ainda, a música de alguns camaradas, 'canções boas' [...] umas poucas (uma ou duas) poesias bem-apresentadas, um discurso do comandante ou de algum superior." Na opinião de Himmler, até mesmo a boa atmosfera de uma reunião era questão de organização.

## Locais

Segundo o entender de Himmler, os rituais e as festas concebidos por ele precisavam de um cenário digno, de modo que estava empenhado em criar locais que deveriam simbolizar de modo especial a continuidade do culto "germânico". A meta do Reichführer-SS era que "sempre que possível, na esfera de cada Standarte, possa ser exibido um centro de cultura de tal natureza que demonstre a grandeza alemã e o passado alemão, e que esse centro seja arrumado para que esteja em condições dignas de um grupo que tem cultura".[205]

Os "centros culturais" mais importantes se situariam no noroeste da Alemanha, a pátria dos saxões tão admirados por Himmler. A sepultura de Henrique I, em Quedlinburg, no lado oriental do Harz, era um desses "locais sagrados" da SS, mas de modo nenhum era o primeiro.

Já em 1933, Himmler se empenhara na procura de um edifício apropriado na região da Westfália para estabelecer a planejada academia militar da SS. Em novembro, visitou o Wewelsburg, perto de Paderborn, castelo triangular construído no século XVII, cujo proprietário, o distrito de Büren, não queria mais manter. Himmler achou que o castelo era exatamente o que queria.[206] Em 22 de setembro de 1934, depois da reforma, o castelo foi entregue a Himmler pelo administrador do distrito de Büren numa cerimônia festiva. O primeiro capitão do castelo — essa denominação foi instituída em 1935 — foi Manfred von Knobelsdorff, até então chefe de treinamento da SS e cunhado de Darré.[207]

Em 1935, Himmler assumiu o projeto do RuSHA, colocando-o sob responsabilidade de sua equipe pessoal;[208] o nome oficial era, agora, Escola da SS de Wewelsburg.[209] Nesse ínterim, no entanto, a prioridade da instituição havia mudado: seu objetivo agora eram as pesquisas em relação à visão de mundo nazista.[210] Na realidade, tem-se a impressão de "uma pesquisa pseudocientífica aplicada, não coordenada, determinada pelas ideias pessoais do respectivo pesquisador", em que o foco se concentrava principalmente na elaboração de uma árvore genealógica da família Himmler.[211] Quando a Ahnenerbe, a partir de 1936, assumiu gradativamente a área dos trabalhos de pesquisa de visão de mundo da SS, surgiram planos vagos, que cada vez mais tinham em mente o uso do castelo para fins cerimoniais e representativos.[212]

Himmler visitou Wewelsburg diversas vezes entre maio de 1935 e novembro de 1937 e, em algumas ocasiões, permaneceu lá por dias. Em maio de 1938, foi

o local escolhido para a conferência das principais figuras da SS: além de Sepp Dietrich, Eicke e Wolff, estavam lá os chefes de departamentos centrais Daluege, Lorenz, Heissmeyer, Heydrich, Schmitt e Pohl.[213] Em novembro de 1938, Himmler anunciou que pretendia realizar um congresso de Gruppenführer no Wewelsburg no início de cada ano[214] e, nessa ocasião, realizar o juramento dos novos Gruppenführer.[215] Uma primeira convenção estava planejada para março de 1939; em razão da ocupação da então Tchecoslováquia, no entanto, o evento foi cancelado.[216]

Durante a permanência no castelo em janeiro de 1939, Himmler tomou várias decisões: não se dispunha a apresentar essa "joia" para a "imprensa hiena"; por isso, publicações sobre o castelo estavam expressamente proibidas. Himmler planejava instalar um planetário no local e, além disso, aparentemente influenciado pelo romantismo envolvendo castelos, formar um tesouro de ouro e prata "como pé-de-meia para tempos difíceis".[217] Aliás, para os próprios aposentos, ele desejava "um gobelino [...] estreito e longo, com a figura de uma jovem virginal adulta, uma futura mãe".[218]

Os anéis de caveira, que eram restituídos ao Reichsführer-SS após a morte de seus usuários, deveriam ser guardados em um relicário especial.[219] Os brasões de família dos Gruppenführer mortos deveriam ser pendurados nas paredes do castelo para que, como lhes explicou Himmler em 1937, "aqueles que vierem depois de nós sempre se aconselhem conosco e confirmem diante de nós que estão agindo do mesmo modo que nós agimos".[220] Os Gruppenführer que não tivessem um brasão de família — a maioria, portanto — eram convidados pelo estado-maior pessoal a mandar desenvolver um, o que resultou em copiosa troca de correspondência.[221]

O castelo Wewelsburg foi submetido a ampla reforma e o Reichsführer-SS determinou que fosse coletado grande número de objetos de artesanato para a decoração. As obras de reforma do salão dos Gruppenführer, que entre outras coisas deveria acolher os tais brasões de família, foram praticamente concluídas, assim como as da cripta no porão da torre. Mas nenhum dos dois ambientes chegou a ser usado. Tampouco aconteceram celebrações, festas ou atividades culturais no castelo. Uma única vez, em junho de 1941, os Gruppenführer de fato se reuniram no local.

Até o final da guerra, uma construtora especial preparava projetos para uma

ampliação gigantesca da construção, que Himmler sempre autorizava. Porém, não é possível deduzir desses ou dos outros documentos obtidos qual deveria ser a função do castelo Wewelsburg na vida da SS. As inúmeras instruções contraditórias e desarticuladas que Himmler emitia ao longo do tempo no tocante à ampliação do local indicam que nem ele mesmo tinha clareza quanto ao sentido do projeto.[222]

A cerca de 20 quilômetros a nordeste do castelo Wewelsburg, perto de Detmold, encontrava-se o Externsteine, mais um "centro cultural" da SS. Trata-se de uma imponente formação rochosa que, na percepção amplamente difundida dos círculos *völkisch*, representava um santuário germânico. Especulava-se, sobretudo, se poderia tratar-se do principal santuário saxão, o legendário Irminsul, destruído por Carlos Magno.

Himmler estava totalmente convencido do papel do Externsteine como local de adoração germânica e queria, por meio daAhnenerbe, obter a comprovação científica para essa tese. Além disso, com o apoio de uma fundação especialmente criada, queria ampliar a importância do Externsteine para que se tornasse um santuário neogermânico. Em 1934 e 1935, foram realizadas escavações junto às pedras, sem que se conseguisse — como em todos os esforços arqueológicos anteriores — prova alguma para uma pré-história "germânica" da formação rochosa.[223]

Himmler, no entanto, não desistiu. Em abril de 1937, emitiu uma ordem de serviço detalhada: um relevo medieval em forma de cruz em uma das pedras deveria ser verificado quanto a constituir uma possível "adaptação cristã de uma representação germânica".[224] Poucos meses depois, em novembro de 1937, externou hipóteses concretas sobre a causa do enegrecimento parcial das pedras pelo fogo. Entre outros, cabia considerar "como o SS-Brigadeführer Weisthor e eu já presumimos há bastante tempo, que o fogo em certa medida servia para fins astronômicos e tinha a função de mostrar as fases do Sol, os meses e talvez também os dias".[225] Entretanto, Himmler não tencionava submeter essas especulações ao debate científico especializado. Igualmente em novembro de 1937, determinou à Ahnenerbe que verificasse previamente qualquer divulgação sobre o Externsteine; era preciso evitar publicações que "de algum modo possam desencadear um debate sobre o Externsteine".[226]

Em 20 de abril de 1940, depois de mais uma visita às pedras, Himmler

escreveu a Pohl que no local ainda havia diversas coisas a fazer. Novamente Himmler tinha ideias bem claras quanto à ampliação do parque, que era acessível ao povo: “Nos dois portões de entrada devem ser erguidos pavilhões ou casas no estilo camponês de Lippe [...] No Externsteine propriamente ditos, as subidas para as pedras 1, 2 e 3 devem ser mudadas.” Várias demolições e reformas deviam ser executadas e, depois disso, “devemos assumir a responsabilidade sobre toda a área da fundação. Aí também assumiremos a manutenção da floresta e cuidaremos em grande escala da proteção dos pássaros. Declararei o local reserva natural para sempre, em que a única caça que pode ser abatida são os porcos selvagens. No mais, será permitido atirar em gatos e cachorros que estejam caçando. Para o restante dos animais, ali será território livre. De forma nenhuma queremos alimentar os animais artificialmente, mas garantir que, mediante o plantio de árvores e arbustos e também de frutas silvestres, a floresta volte a ser o que já foi uma vez, e que os animais possam ali viver. [...] Ao mesmo tempo, deveremos envidar esforços para trazer um dos hoteleiros do Tirol do Sul para Horn a fim de que construa um hotel decente. [...] Deve-se prestar atenção constante a todos os detalhes como placas, sinais de trânsito, cestos para papel e lixo, que devem ser de bom gosto e postos em locais visíveis. [...] De modo geral, deve-se educar o público para que se comporte aqui realmente como em um santuário.”[227]

Não só as adversidades da guerra se opunham à ampliação do centro, por isso Himmler adiou o projeto para épocas de paz.[228] Em fevereiro de 1942, por ocasião de um evento noturno comum, Hitler disse a Himmler, sem deixar margem a dúvidas, que o Externsteine “com certeza não foram um local de adoração”.[229]

Em memória à suposta matança de 4.500 saxões por Carlos Magno em 782, Himmler mandou implantar perto de Verden o assim chamado Sachsenhain (bosque dos saxões). As obras começaram no inverno de 1934-1935. Em memória dos saxões assassinados, foram instalados 4.500 blocos de pedra. A construção de uma vila com casas de enxaimel típicas da Baixa Saxônia, trazidas de outro local, complementava as instalações.[230]

O local foi inaugurado oficialmente no solstício de verão de 1935 por Himmler e Rosenberg. O Reichführer-SS evocou em seu discurso “a antiga crença alemã [...] de que à ascensão se segue a queda e à queda, por sua vez,

uma nova vida, enquanto o poder e a força do sangue vivem em um ser desta terra".[231] A evocação da "crença alemã" tinha o objetivo de levantar, com o Sachsenhain, uma monumental acusação contra as atrocidades das práticas cristãs de conversão — aliás, uma acusação sem fundamento, pois a reiterada alegação de Himmler de que os saxões haviam sido assassinados no curso da política missionária imperial de Carlos Magno não fazia sentido.[232]

Sabe-se que Himmler visitou o local mais uma vez no verão de 1938 e, nessa ocasião, expediu diversas instruções quanto à conformação do local.[233] No entanto, depois de Hitler ter "reabilitado" o imperador Carlos Magno em seu discurso de 1935 por ocasião da convenção do NSDAP, ficou impraticável ampliar o Sachsenhain para transformá-lo em um local de culto da SS. Até o final da guerra, o local serviu para a realização de convenções e treinamentos da SS.

A história dos três centros evidencia que a tentativa de Himmler de celebrar uma ideologia própria da SS, com a ajuda de locais sagrados, rituais e presentes simbólicos, não avançou: os modelos de "culto" acabaram ficando tão indefinidos quanto seus conteúdos. Do ponto de vista de Himmler, a razão parece ter sido clara: não era ele quem se encontrava no caminho errado — a Alemanha nazista simplesmente ainda não estava madura para aceitar sua religião substituta.

20 *Ahnenerbe* (herança ancestral): organização de pesquisa patrocinada por Himmler, cuja principal atribuição consistia em legitimar "cientificamente" o mito da ascendência e a suposta superioridade da assim chamada raça ariana. (N. das T.)

21 *Lebensborn* ("fonte da vida" em alemão arcaico): organização instituída por Himmler em apoio à herança racial que mantinha maternidades e provia assistência financeira às viúvas de homens da SS e às mães solteiras (evitando que optassem por abortar crianças de "boa raça"), além de manter orfanatos e coordenar a adoção de crianças. (N. das T.)

22 *Volksdeutsche* ou alemães étnicos, pessoas de ascendência alemã que viviam fora das fronteiras do Reich alemão de 1937 ou da Áustria (especialmente nos países do leste e sudeste da Europa até 1945) e que não possuíam a cidadania alemã. (N. das T.)

23 Urna da era do bronze, entre 1200 e 500 a.C., da cultura Lausitz. (N. das T.)

## O estilo de liderança de Himmler

Himmler complementava a ideologia e os rituais próprios da SS com um estilo de liderança inconfundível, com o qual queria alinhar a SS à sua pessoa e às suas metas. Considerava-se, antes de tudo, educador de seus homens: não só estabelecia pessoalmente os princípios pelos quais os membros da SS eram selecionados, treinados, disciplinados e orientados para uma vida regrada de família no espírito da SS, como também controlava meticulosamente o cumprimento dessas regras.

Todo o aparato fora moldado sob medida para ele, com uma estrutura de comando especialmente intrincada. Na medida em que distribuía as competências para as diversas áreas de trabalho (polícia, SD, campos de concentração, SS Geral, Waffen-SS, dentre outras) em vários departamentos centrais, Himmler evitava que a SS se desintegrasse em diferentes blocos de poder de administração própria. Não tinha um lugar-tenente, tampouco existia um grêmio do alto escalão da SS que se reunisse regularmente a fim de deliberar. As reuniões dos Gruppenführer da SS não passavam de meras paradas. Portanto, Himmler podia — e era obrigado a — intervir, e decidir, com frequência, tanto em questões de maior quanto de menor importância. Ao mesmo tempo, a instituição dos HSSPF (chefes superiores da SS e da polícia) permitia a ele o acesso direto às repartições regionais. Diferentemente do que sugeria seu pedantismo, Himmler não era essencialmente um burocrata. Não queria criar um aparato administrativo que controlasse sua área de influência por meio de regras rígidas. Ele sabia que as instituições burocráticas tendem a amarrar também o próprio corpo de liderança aos regulamentos de sua atuação, limitando sua margem de ação e tornando previsível seu proceder. O estilo de liderança de Himmler, ao contrário, era marcado por um alto grau de imprevisibilidade.

Esse tipo de chefia era coerente com a falta de confiança nos outros e a necessidade de controle. Himmler tentava dirigir o vasto aparato sob seu comando por meio de inúmeras instruções que em parte levavam em conta detalhes absurdamente triviais, por incontáveis decisões de caráter isolado ou por meio de intervenções diretas; em inúmeros casos, arrogava-se preventivamente o direito da última palavra. Orientava e aconselhava, repreendia e comandava. Nenhum detalhe era demasiadamente insignificante.

Quando Himmler despachava em seu escritório, a jornada normalmente era

longa: costumava chegar às dez horas da manhã e — excetuando os breves intervalos para almoçar ou jantar — não saía antes de uma ou das duas da madrugada.[1] Mas Himmler preferia analisar as situações pessoalmente, não de sua mesa na central, e aí decidir ostensivamente no local do acontecimento. Também recomendava esse método de atuação aos seus homens. Esse foi o caso, por exemplo, em 16 de setembro de 1942, ao se dirigir aos chefes da polícia e da SS, que reunira em seu quartel-general em Hegewald: "Realmente não é por acaso que, quando vou a algum lugar, já resolvo a maioria dos problemas por lá mesmo. Não tomo decisões sobre eles em Berlim, mas vou a Lublin, Lemberg ou Reval etc., e em uma dessas noites então são tomadas oito, dez ou 12 decisões importantes no próprio local. Ajam assim também os senhores!"[2]

Durante toda a carreira, Himmler estava constantemente viajando: como assistente de *Gau*, em meados dos anos 1920, percorreu a Baixa Baviera com sua motoneta, como suplente de chefe da Propaganda, cruzou o território do Reich de trem, durante a guerra, na qualidade de Reichsführer-SS, viajava por toda a Europa de trem especial, avião ou jipe militar. Gostava especialmente de visitar regiões recém-conquistadas, com uma pequena comitiva de homens de confiança, quando a fumaça da pólvora ainda nem se havia totalmente dissipado. Nessas incursões, gostava de assumir o volante.

Entre as fotos que enviava durante a guerra à filha Gudrun, no Tegernsee, para lhe dar uma ideia do dia a dia de trabalho de seu pai, não há, por exemplo, nenhuma que o mostre sentado à escrivaninha em uma repartição. Em vez disso, existem inúmeras fotos em que ele se encontra em conversas animadas em viagens, visitas de inspeção ou discursos.[3] Era exatamente assim que o Reichsführer-SS queria ser visto: comunicativo, onipresente, um chefe que cuida de tudo e que tem tudo sob controle, que compartilha das privações de seus homens.

Essa autoimagem de "soldado" ele cultivaria por toda a vida; o hábito correspondente era fundamental para seu estilo de liderança. Para dar credibilidade a essa autoestilização, também não hesitava em fazer leves correções em sua biografia. Assim, por exemplo, na festa do solstício em 1936, ele se declarou contrário ao consumo excessivo de álcool na SS, mas demonstrou — em pose de antigo soldado — certa compreensão para com o vício: "Nós, que participamos da guerra e somos dessa geração, [...] aprendemos,

como soldados, a encher a cara e a fumar. Quero lhes dizer uma coisa, quando se está em combate e não se sabe se ainda se estará vivo nas horas seguintes, quando a fome aperta e se passam dias sem que se possa encher a barriga, é muito fácil se acostumar à bebedeira e ao fumo."[4] Em maio de 1944, diante de generais da Wehrmacht, declarou: "Em 1917, tornei-me cadete, e foi como jovem cadete que participei da revolução."[5] Currículos para a imprensa, que o identificavam como soldado do front, ele deixava passar sem efetuar correções.[6] De fato, no entanto, só ingressou no Exército em 1918 e, como se sabe, por causa dessa data tardia, jamais participou de combates e durante os eventos revolucionários estava de férias na casa dos pais.

Com "objetividade" e "sobriedade" militar, Himmler esperava poder ocultar a inadequação e a insegurança no trato com os outros, e até mesmo legitimá-las como virtudes condicionadas pelo ofício. Isso valia tanto para o meio profissional quanto para o privado. "Não me levem a mal", escreveu a uma editora em 1933, "se lhes peço que por enquanto parem de me pedir uma biografia. [...] Os senhores, como me conhecem, compreenderão que eu, para começo de conversa, tenho absoluta aversão a ser fotografado, a ser entrevistado, a biografias e a extrair dentes".[7] E quando seu amigo, o poeta nazista Hanns Johst, em 1942, o dissuadiu de manifestar sua admiração por uma atriz mediante o envio de uma caixa de suco de frutas — afinal, seus motivos poderiam ser mal interpretados —, Himmler agradeceu com as palavras de que no mundo do teatro essas coisas "são entendidas e valorizadas de forma totalmente diferente da que nós, sóbrios soldados, havíamos pretendido".[8]

Himmler dava grande valor a que fosse considerado especialmente correto no tocante a questões de ordem pessoal. Assim, insistiu para que lhe apresentassem a conta dos charutos que fumou no cassino da SS em Berlim[9] e recusava convites de empresários que se mostrassem generosos.[10] Tampouco queria sobrecarregar a burocracia da SS com gastos de viagens da família.[11] Mas as gorjetas que distribuía generosamente nas viagens, e que lhe eram reembolsadas como despesas de viagem, também faziam parte do comportamento meticuloso de Himmler em relação aos gastos pessoais.[12]

No relacionamento com os funcionários, as visitas ou — em viagem — os anfitriões, esforçava-se por respeitar os costumes, mostrava-se agradável, cordial, descontraído, jovial, educado e descomplicado em relação à alimentação

e aos confortos pessoais. “Do ponto de vista humano”, conforme a declaração significativa de seu guarda-costas Josef Kiermaier, “o RFSS tinha uma natureza aberta, era amigável e educado com todo mundo” — mas só “enquanto não estivesse convencido de que não era hora de ser simpático”.[13] Seu comportamento podia então mudar rapidamente e Himmler se tornava, como lembrou Otto Wagener, um dos importantes funcionários do partido dos “tempos de luta”, “irônico, sarcástico e cínico”.[14] Conforme a descrição de Albert Speer, “era de uma correção amistosa e ligeiramente forçada”, mas “nunca caloroso”.[15] Esse comportamento correto de efeito um tanto chamativo e o envolvimento muito esquemático na vida dos outros também se manifestava em outros hábitos, como, por exemplo, no de assegurar, por meio de um elaborado sistema de registros, o funcionamento de um abrangente controle de presentes: um fichário implantado pessoalmente permitia a qualquer momento consultar quem fora agraciado com qual presente do Reichsführer-SS e qual fora a ocasião.[16]

**Recrutamento e carreira dos integrantes da SS**

O primeiro pré-requisito para ser aceito na SS era ter a altura mínima de 1,70 metro. Himmler preenchia esse critério com os seus (medidos por ele mesmo) 174,5 centímetros “sem sapatos”, como observou adicionalmente.[17] Além disso, desde 1933, os candidatos a integrante da SS eram examinados (e não só os homens da SS que queriam se casar, mas também suas futuras esposas) quanto à sua “saúde genética” e sua “ascendência ariana”. Pouco a pouco, também os antigos integrantes da SS eram submetidos a esse procedimento. Durante o processo era exigida a apresentação de uma árvore genealógica que remontasse no mínimo até 1750, em que não podia haver nenhum antepassado “não ariano”. Conforme declarou por ocasião dos festejos do solstício na montanha Brocken em 1936, Himmler teria gostado de fixar o ano de 1650 para todos os candidatos a SS, mas parece que, em razão do trabalho que daria, essa regra só foi aplicada para os chefes SS.[18] Quando se encontrava um antepassado não ariano no estudo genealógico, o respectivo integrante era imediatamente excluído da SS.[19]

No “exame racial” propriamente dito, que sempre incluía uma avaliação de saúde, o fenótipo do candidato era avaliado segundo critérios de “porte físico” e “avaliação racial” e as duas coisas combinadas recebiam notas sob a rubrica “aspecto”. Atributos “raciais” negativos podiam ser compensados por “fenótipo”

e “postura”.[20] Testes de inteligência e uma prova esportiva fechavam a avaliação geral do candidato.[21] Em casos em que a “comprovação genealógica” era impecável, mas o “fenótipo” sugeria “forte suspeita de influência de sangue estrangeiro”, Himmler exigia que se conduzisse uma “análise biológico-racial” especial.[22]

Himmler reiteradamente interferia no procedimento da admissão. Em 1938, por exemplo, determinou que, para a avaliação de problemas de visão, deveria ser usado um “padrão consideravelmente mais tolerante”. Casos duvidosos, por exemplo, um “candidato de outra forma competente” que tivesse perdido um olho em um acidente, deveriam ser submetidos a sua apreciação.[23] Também no que dizia respeito ao SD Himmler, em 1935, achava que o exame físico completo quanto à “aptidão SS” era dispensável. Entretanto, se a “verificação racial deixar dúvidas ou indicar falta de aptidão, o caso deve ser apresentado a mim para que eu possa decidir pessoalmente o que se deve fazer”. Essa regra valia principalmente para os funcionários da Gestapo que quando da admissão na SS foram designados para o SD.[24]

Em 1937, Himmler declarou diante de oficiais da Wehrmacht que meros 10% a 15% dos candidatos seriam admitidos na SS.[25] Mas, na realidade, a SS era muito menos exigente: por exemplo, nos anos de 1935 e 1936, no SS-Oberabschnitt Elbe — conforme números disponíveis sobre os candidatos recusados por motivos “raciais”, físicos ou de idade — 75% a 80% dos candidatos foram aceitos.[26]

Ainda assim, o exame minucioso dos candidatos à admissão foi mantido mesmo após a eclosão da guerra; em dezembro de 1939, Himmler aprimorou o processo por meio da determinação de introduzir uma ficha de identidade racial especial.[27] Nesse caso, “características típicas que se sobressaem principalmente em pessoas com influência de sangue estranho à espécie” foram especificadas aos examinadores, como, por exemplo, “cabelos totalmente pretos” ou nariz “adunco” (ou seja, “nariz típico do Oriente Médio” ou marcadamente “judeu”); atendendo a um “pedido especial do Reichsführer-SS”, para evitar confusão, considerava-se também o “nariz grego” (“base do nariz com pouco ou nenhum recesso”). Em 1943, Himmler reagiu com indignação à tentativa do chefe do Departamento Racial, Bruno Kurt Schultz, que queria limitar, em virtude das contingências de guerra, o “certificado genealógico” a seis gerações e decidir

quanto a possíveis membros da SS “prejudicados” em virtude de uma avaliação de raça ou caráter. Schultz, segundo Himmler, era inadequado para chefiar o Departamento Racial.[28]

No início de 1935, em uma conferência de liderança SS do Oberabschnitt Silésia, Himmler explicou como imaginava a carreira de um típico integrante SS: “Futuramente, o integrante da SS será selecionado primeiramente pelos princípios mais rigorosos, e que a cada ano ficarão ainda mais severos. Aos 18 anos, ele se apresenta a nós como recruta. Durante um ano e meio ele frequenta a nossa escola de recrutas. Ele prestará muito serviço, quatro vezes por semana e duas ou três vezes por mês aos domingos. Antes de mais nada, nessa época em que ele ainda pode se desenvolver e ser educado, será instruído ideologicamente.” Em seguida, aos 19 anos, participará por seis meses do serviço comunitário e depois deverá “trabalhar durante um ano em uma organização do Estado” — após a instituição do serviço militar compulsório dois meses depois, evidentemente era compulsório servir no Exército.

Depois disso, continuou Himmler, o jovem voltaria para a SS a fim de completar mais uma vez 15 meses como aspirante, antes que pudesse ser reconhecido oficialmente como “membro da SS”; a partir desse momento até ter completado seu 25º ano de vida, pertenceria à ativa SS Geral. “Durante esses anos, exige-se o seguinte serviço: duas vezes durante a semana e dois a três domingos ao mês.” Depois disso, ocorreria a transferência para a Reserva I, entre 35 e 40 anos para a Reserva II, aos 45 anos para a unidade de reservistas. “Obter uma dispensa da Schutzstaffel por idade é impossível.”[29] Quem em algum momento se subordinou à autoridade do Reichsführer-SS deveria permanecer assim até a morte.

## As virtudes dos homens da SS

“As questões referentes à nossa postura e todas as questões éticas são de minha responsabilidade e tratarei delas eu mesmo”, esclareceu Himmler em novembro de 1938 ao chefe do Departamento de Educação durante uma palestra com ele. “As questões do relacionamento do homem com seu clã, com sua família, com o povo, com o Estado.”[30] Para esclarecer essas “questões éticas” sem que houvesse dúvidas, Himmler elaborou um verdadeiro “catálogo de virtudes” para lhe servir de apoio nos discursos que proferia perante a SS. Os pontos mais importantes

eram os conceitos de lealdade, obediência e camaradagem, mas não raro também enfatizava a bravura, a verdade, a dedicação e o cumprimento do dever. Jamais se esquecia, no entanto, de pedir principalmente uma coisa: decência![31]

Observemos mais de perto as virtudes apregoadas por Himmler. Lealdade significava para Himmler a voluntária e total submissão ao chefe. Lealdade era uma questão de raça, e algo que só poderia ser demonstrado no sentido verdadeiro por pessoas de sangue "germânico". Afinal, lealdade não era algo explicável racionalmente, mas uma ligação emocional, uma "questão do coração", como dizia Himmler.[32] Era uma postura básica que estabelecia uma relação de confiança, uma base virtualmente estática entre o subordinado e seu superior.[33]

Evidentemente, antes de tudo, a SS era leal a Adolf Hitler. "A confissão política da SS chama-se Adolf Hitler", escreveu em 1937 nos *SS-Leithefte* o poeta e amigo de Himmler, Hanns Johst, na época SS-Oberführer. "O conceito de honra dessa ordem é jurado estrita e eternamente a esse homem, pela magia da lealdade. A ordem serve, e esse serviço garante a imortalidade de Adolf Hitler e de sua vontade."[34] Ou nas próprias palavras de Himmler: "O Führer tem sempre razão, não importa se o que está em questão é traje cerimonial, um bunker ou uma autoestrada do Reich."[35]

A lealdade era celebrada no hino de lealdade SS,[36] e reforçada em relação a Hitler por meio do juramento que cada membro da SS tinha de prestar: "Juro lealdade e bravura a ti, Adolf Hitler, como Führer e chanceler do Reich alemão. Juro obediência até a morte a ti e às autoridades por ti indicadas. Que Deus me ajude."[37] Durante a nomeação por Himmler, os Gruppenführer prestavam um segundo juramento em que se comprometiam a cumprir "rigorosamente" as exigências decretadas por Himmler quanto à admissão de aspirantes, ainda que se trate "da rejeição de meus próprios filhos ou dos filhos de meu clã [...] Adolf Hitler e em honra de meus ancestrais — Que Deus me ajude".[38]

Cultivava-se a lealdade de forma ritualística, como, por exemplo, nas cartas que Himmler trocava regularmente com os chefes SS: congratulações do Reichsführer por promoções, aniversários, nascimentos; condolências pela perda de algum parente; cumprimentos de final de ano e por ocasião da "festa do Yule", que costumavam ser respondidos com notas de agradecimentos pessoais que não raro concluíam com a renovação do juramento de lealdade. O

aniversário de Himmler constituía mais uma oportunidade para o envio de mensagens pessoais dos fiéis ao seu Reichsführer.[39]

Essas correspondências revelam um repertório quase infinito de fórmulas de lealdade. Por exemplo, no 37º aniversário de Himmler, o chefe das SS-Totenkopfstandarten, Theodor Eicke, enviou a seguinte carta: “Só tenho uma meta: a de transformar os homens confiados a mim em uma equipe de combate disposta a morrer, no espírito da Schutzstaffel, fiel ao nosso símbolo. Toda a nossa força pertence ao senhor e, consequentemente, ao Führer. O cumprimento do dever e a lealdade dos homens são e sempre serão a prece matinal das unidades Totenkopf da SS.”[40]

Em 1935, depois de ter sido presenteado com um castiçal Yule, o Gruppenführer Wilhelm Rediess agradeceu: “Na luz deste castiçal renovo, junto com minha família, o juramento de lealdade ao Führer e, com isso, ao senhor. Que o senhor, respeitado Reichsführer, seja preservado à nação, e com isso a todos nós, até que seus esforços e desejos tenham se tornado leis vitais irrevogáveis de todo o povo alemão. Esses são os meus desejos para o novo ano, aos quais acrescento saudações calorosas de clã para clã.”[41]

Durante a guerra, os juramentos de lealdade foram intensificados ainda mais. Muitos chefes SS, como já apontou Ruth Bettina Birn, já não se contentavam em assegurar a lealdade a Himmler de um modo geral, mas reforçavam o juramento com a promessa de extremo cumprimento do dever e de prontidão.[42] Agora realmente se tratava de lealdade até a morte. Assim o Obergruppenführer Benno Martin agradeceu a promoção, e informou “cumprirei meu dever até o último sopro, para com o senhor e para com a ideia da Schutzstaffel. Isso certamente se aplica também aos meus chefes e homens da SS e da polícia sob meu comando”.[43]

Hermann Fegelein, antigo chefe da Escola de Equitação da SS, a principal escola de equitação da SS em Munique, agora comandante da 8ª Divisão de Cavalaria da SS, escreveu uma carta a Himmler em outubro de 1943 por ocasião de seu aniversário, na qual não só lhe assegurava a lealdade, mas a derivava da profunda convicção de que devia toda a existência ao Reichsführer: “Tal qual antigamente na vida esportiva, também nas horas mais difíceis da guerra cavalgamos destemidos e com a certeza da vitória no coração, sob o seu comando e no cumprimento de suas ordens. Os camaradas da sua divisão de

cavalaria mortos em combate são prova de que, de acordo com seu lema, ‘Temos que fazer mais do que apenas cumprir nosso dever: como cavaleiros destemidos e imaculados’, eles se mantiveram no campo da honra. Nos mais duros combates, em todas as estações do ano, fosse verão fosse inverno, mantivemos uma postura impávida, leal e obediente ao senhor, Reichsführer, e cumprimos tudo aquilo que prometemos em tempos de paz. [...] O senhor foi o maior incentivador que tive na vida, o superior severo e sempre o camarada cooperativo. O senhor, juntamente com o SS-Obergruppenführer Jüttner fizeram de mim o que sou hoje. Muitas vezes o senhor me deu ordens de muita responsabilidade que por vezes pareciam missões suicidas. Mas meus homens e sobrevivemos a tudo, por causa da mentalidade de nossas fraternidades regionais e por conta do nosso raciocínio prussiano exato. O temperamento me é algo inerente, a diligência e o senso de responsabilidade o senhor me ensinou, junto com o mais duro cumprimento de meu dever, e acredito hoje poder lhe dizer que sempre se comprovou o quanto as suas ordens me eram sagradas. [...] Talvez o senhor, Reichsführer, possa um dia dizer isso ao Führer, dizer que nós simplesmente sentimos isso no fundo de nossos corações, com o instinto do soldado alemão, cujos ancestrais do mesmo jeito que nós lutaram durante 2 mil anos, e, quando não havia outro jeito, morreram em combate pelo bem do Reich.”[44]

Em maio de 1944, o HSSPF de Ostland[24] e da Rússia-Norte, Friedrich Jeckeln, comunicou a Himmler a morte de dois de seus filhos, em uma carta que termina da seguinte maneira: “Minha mulher está muito abalada, eu mesmo consigo suportar duros golpes do destino sem deixar de estar em estado de prontidão e de ter forças para o trabalho.” Himmler respondeu: “É duro quando o destino nos dá um golpe desses. Sei que o senhor, como nazista e membro da SS profundamente convicto, sofre a perda de seus dois filhos, um dos quais morreu como herói e o outro, ainda criança, teve um destino tão trágico. Mas também sei que o senhor será sempre o mesmo, o que não se curva e está sempre de prontidão.”[45] Meio ano depois, Jeckeln informou a Himmler que sua casa fora totalmente destruída em um bombardeio. “Com isso, todos os meus pertences se transformaram em destroços e cinzas. Minha mulher e meus quatro filhos pequenos estão a salvo na casa dos pais dela. [...] Agora é pra valer!”[46]

A lealdade de muitos chefes SS era algo de tal modo internalizado que a

simples suspeita de ter perdido a confiança do Reichsführer podia se tornar um torturante pesadelo. O superintendente da polícia de Viena, Josef Fitzthum, que caíra na suspeita de lidar de modo demasiadamente generoso com os ganhos da "arianização", escreveu em setembro de 1940 a Himmler: "A sensação de que posso ter perdido a confiança que o senhor depositava em mim até então é algo insuportável para mim. Se o senhor me assegurar que continua confiando em mim, isso valerá muito mais do que qualquer compensação formal."[47]

A obediência, segundo pilar do doutrinamento de virtudes de Himmler, era compreendida como consequência prática da lealdade. Se a lealdade era uma ligação emocional, a obediência tinha que ser provada na prática; lealdade era uma "postura", a disposição interior para a obediência, que se expressava no cumprimento das obrigações de cada um.[48]

A deslealdade era vista como algo tão grave quanto a traição e, essencialmente, não podia ser perdoada. Porém, quando se tratava de desobediência, a conduta de Himmler era totalmente diferenciada; o argumento era que a desobediência constituía uma fraqueza dos germânicos, que estes por natureza tinham uma personalidade resoluta. Dependendo das circunstâncias, portanto, era possível que a pessoa se safasse com um castigo moderado ou até que recebesse o perdão, contanto que a base da relação, a lealdade, não tivesse sido prejudicada. Gottlob Berger, chefe do Departamento Central da SS, estava consciente dessa diferenciação quando contou a Himmler em uma conversa, em julho de 1942, que tinha a impressão de que a "lealdade" do general Steiner, suspeito de desobediência, estava no cerne "de sua natureza". Em consequência dessa informação, Himmler assegurou a Steiner em uma carta: "Confio absolutamente no senhor."[49]

"Quem fere a lealdade", disse Himmler em seu discurso programático para a SS em 1935, "se exclui de nossa sociedade. Porque a lealdade é uma questão do coração, nunca da razão. A razão pode transgredir. [...] Mas o coração pulsa sempre ao mesmo ritmo e quando ele para, o homem morre, como ocorre com um povo que fere a lealdade".[50]

Se Himmler não só exigia obediência de seus homens, mas também absoluta lealdade, e se elevava a lealdade ao grau de mandamento máximo da SS, isso certamente era resultado de sua insegurança no relacionamento com os outros. É verdade que com o tempo ele desenvolveu uma considerável habilidade

diplomática para disfarçar essa sua fraqueza, mas, no fundo, só conseguia manter relacionamentos pessoais de longo prazo se estivesse no controle da relação ou se, como em seu relacionamento com Strasser e Röhm quando jovem, ou no caso de Hitler, se submetia ao outro. Era muito difícil para ele manter um relacionamento pessoal mais próximo com alguém que visse como seu igual, o que fica evidente em suas relações com outros membros importantes do partido, sempre complicadas e frias. Sua grande necessidade de aperfeiçoar a obediência, por si só algo natural na SS, acrescentando-lhe um elemento emocional — a lealdade — de exigir que esta fosse reiteradamente afirmada de modo estereotipado e até de criar rituais de lealdade, deve, em grande parte, estar ligada a essa deficiência.

Comparativamente, os esclarecimentos de Himmler em relação a outro conceito crucial do catálogo de virtudes, a "camaradagem", eram vagos. De um de seus poucos comentários sobre o tema infere-se que a camaradagem afinal servia à educação para a obediência.[51] "Exijo que dentro da tropa vocês se eduquem uns aos outros. Devem cuidar para que não abriguem dentro das tropas algo de indecente!", proclamou Himmler em discurso de dezembro de 1938 diante de um regimento SS.[52] Mas não foi possível descobrir como Himmler imaginava que essa camaradagem se daria emocionalmente, como deveria ser vivenciada no dia a dia, dentro e fora do serviço da SS, e até que ponto deveria envolver afeto pessoal, amizade e confiança. Já ressaltamos antes que Himmler se voltara, principalmente em 1936-1937, contra a tendência de se formarem ligas masculinas demasiadamente fortes dentro da SS e, nesse contexto, ao mesmo tempo fora veemente em sua oposição à tese defendida por Blüher de que essas ligas se baseavam essencialmente em uma ligação homoerótica. No entanto, Himmler não oferecia uma alternativa que fosse além do simples compromisso de lealdade e obediência.

Por outro lado, em quase todos os discursos, faz um apelo à SS para que cumpra suas atribuições de modo "decente". Muitas vezes, associava a palavra "decente" (*anständig*) a conceitos como "limpo" e "cavalheiresco"; isso significava para ele um comportamento generoso, não baseado em motivos egoístas.

"Decência" era algo onipresente no mundo de Himmler. "Que cada um de nós viva cada dia bom com a mesma decência que cada dia ruim", escreveu no

prólogo do calendário da SS para 1937.[53] Mas a decência era exigida por Himmler principalmente quando pedia "intransigência" e "dureza", em especial no cumprimento das ordens de execução: "Como soldado temos de fazer muitas coisas", disse, retroativamente ao dia 30 de junho de 1934, "mas deve-se fazer isso sempre de forma decente, limpa, sem *Schadenfreude* (sentimento de prazer pelo sofrimento alheio) inteligível e sem auferir benefício pessoal. [...] Só enquanto se age segundo essa premissa têm-se o poder e a força moral de fazê-lo e, assim, de ser a ferramenta de que o Führer necessita".[54] Segundo Himmler, crueldades sádicas ou ofensas às vítimas eram "indecentes" e por isso deviam ser rechaçadas.

A opinião de que a SS matava os inimigos de forma "decente" seria mantida por Himmler durante a guerra. Sua explicação mais conhecida no tocante a decência e assassinato em massa é a declaração aos Gruppenführer-SS em Posen, em outubro de 1943, que se refere ao extermínio dos judeus: "A maioria de vocês deve saber o que significa a visão de cem ou quinhentos ou mil corpos juntos. Ter aguentado firme e ainda — sem considerar as exceções devidas a fraquezas humanas — continuar sendo decente fez com que nos tornássemos tenazes."[55]

Mas já em 1936, fez uma diferenciação em público, mais precisamente diante dos conselhos de estado prussianos e não em uma reunião secreta com os Gruppenführer: seria aplicado o princípio da "decência em combate [...] em relação a todo oponente digno dessa atitude", mas seria "loucura", querer aplicar essa "postura cavalheiresca [...] quando se tratava do judaísmo ou do bolchevismo", de "jesuítas em luta pela supremacia terrena" ou da "maçonaria judia ou ajudeuzada".[56]

Em seu discurso em Posen, em 1943, defendia a linha de que era preciso ser "honesto, decente, leal e camarada [...] com os membros de nosso próprio sangue e com ninguém mais. Não quero saber como estão os russos ou os tchecos [...]. Se na construção de um fosso antitanque morrerem ou não 10 mil mulheres russas de fraqueza só me interessa na medida em que o fosso fica pronto para a Alemanha. Nunca seremos brutais e cruéis se isso não for necessário: isso é claro. Nós, alemães, somos o único povo dessa terra que tem uma postura decente em relação aos animais, então também teremos uma postura decente em relação a esses animais humanos, mas é um crime contra nosso

próprio sangue nos preocuparmos com eles e trazer-lhes ideais, para que nossos filhos e netos tenham ainda mais problemas com eles. Se vem alguém e diz: ‘Não posso construir o fosso antitanques usando as crianças ou as mulheres. É desumano e elas morrerão’, eu direi: ‘Você é um assassino do seu próprio sangue, pois se o fosso não for construído, morrerão soldados alemães, filhos de mães alemãs. Esse é o nosso sangue.’ É isso que quero — e penso ter conseguido — inocular nessa SS como um dos mandamentos mais sagrados do futuro: nossa preocupação, nosso comprometimento é com nosso povo e com nosso sangue: é com isso que temos de nos preocupar, é para isso que temos de trabalhar e lutar, para mais nada”.[57]

Logo, “decência” em relação a esses “animais humanos” não constituía um mandamento moral para Himmler, mas uma mera consideração utilitária, como explica em um discurso em maio de 1944, já que “muitos dos pequenos sub-humanos que estão a nosso serviço” dispensam uma “fidelidade canina ao seu dono [...], porque ele foi decente com eles”.[58]

O conceito de decência de Himmler pode ser compreendido como uma chave de moral dupla; ele defende normas contraditórias entre si. De um lado, a decência em relação aos inimigos é tida como virtude, de outro lado é declarada “loucura”. Tratamento decente poderia ser oportuno, mas sempre se corria o perigo de estar tratando o inimigo bem demais e com isso prejudicando a própria causa — o que era censurável moralmente. De acordo com isso, era decente não ser decente com os inimigos.

Só assim é possível explicar por que a SS de um lado aparecia proclamando honra e cavalheirismo e de outro humilhava as pessoas de todas as formas imagináveis, torturava e matava por meio dos métodos mais cruéis. A aura de medo que envolvia a SS era componente de sua estratégia de terror e Himmler sabia como instrumentalizar esse efeito de modo dirigido. “Não intenciono de modo algum, pelo menos não durante a guerra, dissipar a má reputação que temos, uma vez que ela só traz vantagens para a Alemanha, pois mantém os inimigos longe”, disse, por exemplo, em pronunciamento diante de altos oficiais da Marinha, em dezembro de 1943.[59]

A exigência de decência colocava o próprio Himmler diante de grandes problemas. Por mais que divulgasse a “decência” como lema pessoal para a vida, tanto mais ficava evidente o desejo de, ao menos uma vez, também poder ser

“indecente” e “mau”, como havia confessado à noiva no início do relacionamento.[60] O importante aqui é o contexto em que ele o confessou: tratava-se dos seus problemas estomacais que, segundo ele, se originavam constante esforço em prol da “decência”. Ele sabia, portanto, que o rígido autocontrole, o doloroso sistema de regras e virtudes, lhe trazia distúrbios psicossomáticos. Seu corpo se rebelava contra a decência que lhe era imposta — preferia ser “indecente”.

Os constantes apelos de Himmler quanto à “decência” podem ser lidos como expressão do seu grande esforço para se proteger contra tentações “indecentes”: ser cruel, torturar os inimigos ou ofendê-los, tirar proveito pessoal de sua derrota ou ter prazer em ver seu sofrimento — “*Schadenfreude* compreensível”, como expressou em 1936. A “decência” decretada parecia, basicamente, ser dirigida contra os sentimentos que ele mesmo conhecia bem demais.

No que se referia à “decência” do seu corpo de liderança, aparentemente o Reichsführer-SS também tinha dúvidas. Tanto é assim que, no verão de 1942, ele não conseguia tomar a decisão de emitir uma ordem contra as cartas anônimas dentro da SS: segundo disse ao chefe administrativo, Pohl, só poderia coibir esse tipo de coisa “quando eu voltar a ter comandantes de paz e chefes nos quais possa confiar a ponto de saber que qualquer integrante da SS razoavelmente decente pode procurá-los com seus dilemas, na certeza de que eles o ajudarão. Hoje sei que com a maioria dos chefes esse não seria o caso”.[61]

Num plano inferior ao das “virtudes” havia uma série de ordens quanto ao comportamento dos homens da SS que ele costumava divulgar no dia 9 de novembro, e que via como as “leis básicas” da Schutzstaffel; no decorrer dos anos, elas foram sendo reunidas num catálogo cada vez mais grosso.[62]

Além das determinações vigentes para noivados e casamentos, de 31 de dezembro de 1931, faziam parte dessas leis básicas sobretudo as “leis de honra”, de 9 de novembro de 1935, que comprometiam os homens da SS a “defender a honra por meio da arma”. Isso certamente podia ser compreendido como propaganda do duelo (o antigo estudante e confrade, Himmler, pedira a autorização específica de Hitler para essa regra).[63] Na prática, todavia, Himmler tendia a evitar esse tipo de duelo, preferindo reconciliar os brigões. Para esse fim, criou “juizados” especiais que decidiam se um duelo seria apropriado ou não nos casos concretos de ofensa à honra. A concordância do Reichsführer-SS

era obrigatória,[64] pois que não se deveria "lidar com as armas afiadas de modo tão imprudente como antigamente, sob pena de que as questões de honra se tornassem uma formalidade totalmente desvalorizada".[65] Além disso, se um duelo fosse inevitável, era necessário pedir também a autorização prévia de Hitler.[66] No início de 1943, os duelos desse tipo foram basicamente proibidos "pelo período da guerra".[67]

A determinação sobre a "inviolabilidade da propriedade", de novembro de 1936, em consequência da qual futuramente seriam eliminados os cadeados dos armários nos alojamentos das corporações de tropas SS, era um princípio básico, do mesmo modo que a "poupança compulsória" ou a "atribuição sagrada [...] de ajudar, de todas as maneiras, as mulheres e crianças dos companheiros mortos".[68] Durante a guerra foi acrescentada, adicionalmente, a ordem SS dos "últimos filhos homens", que determinava que os homens da Schutzpolizei e da SS, que fossem "os únicos ou últimos filhos homens de uma família", deveriam ser removidos do front e mandados de volta para casa, com a seguinte ordem: "Sua obrigação é tomar providências urgentes para que sejam geradas e nasçam crianças de sangue bom, para que vocês não sejam os últimos filhos homens [...] e, assim, estejam novamente disponíveis para a frente de batalha."[69]

Eram pouquíssimas as coisas que Himmler deixava de levar em conta. Seus homens eram inundados por um fluxo constante de regras comportamentais. Ele se via obrigado a atuar contra trapaças e outras ocorrências desagradáveis no esporte, exigindo que, nas atividades esportivas da SS, houvesse "amor incorruptível à verdade", "comportamento cavalheiresco", bem como se prezasse a manutenção de "conduta e atitude segundo os padrões mais rigorosos".[70] Lembrava aos homens o respeito aos limites de velocidade[71] e proibia os importantes chefes da SS, que eram pilotos, de voar durante o serviço.[72] Os homens da SS não deveriam se tratar uns aos outros por "senhor" e sim por seu posto, e no Dia das Mães deveriam estar em casa.[73] Não deveriam se cumprimentar por meio de um aceno com o braço dobrado languidamente, e sim como soldados, com braço e mão estendidos".[74] E no aperto de mão: tirar as luvas! Ou, nas palavras de Himmler: "Os membros da SS quando se cumprimentam mediante um aperto de mão, ainda que o cumprimento se dê entre superior e subalterno, não se dão as luvas para segurar e sim as mãos propriamente ditas."[75]

## Treinamento

Himmler estava convencido de que o "treinamento ideológico" era algo da maior importância, tanto para fazer prevalecer as virtudes da SS quanto para garantir a lealdade e o engajamento dos membros da SS. Num primeiro momento, o responsável pelo treinamento era o Departamento Central de Raça e Colonização.[76] Um aparato correspondente foi montado no decorrer do ano de 1934: cada unidade SS, até a mais baixa, como a companhia, possuía um coordenador próprio, nomeado pelo RuSHA, que deveria cuidar para que cada membro da SS sob sua área de responsabilidade participasse uma vez por semana de um treinamento com uma hora de duração. Esse "aparato doutrinador" era dirigido pelos 13 especialistas raciais de tempo integral que, a partir de abril de 1937, passaram a se denominar "RuSHA-Führer" (chefes no departamento de raça e colonização). Uma parte de suas atribuições era a implantação da lei do casamento, bem como — a partir de 1938 — o exame racial de grupos inteiros da população, as medidas de transmigração e outras coisas mais.[77] No início, eram lançadas esporadicamente as assim chamadas *Schulungsbriefe* (cartas de treinamento) para orientar esses especialistas, mas, a partir de 1936, foram substituídas pelos *SS-Leithefte* publicados regularmente e que continham diretrizes e outro material didático.[78] Em 1937, esse aparato também assumiu o treinamento ideológico da polícia.[79] Em agosto de 1938, Himmler retirou a responsabilidade pelo treinamento do RuSHA (ele se desentendera com Darré, chefe do RuSHA) e a transferiu ao Departamento Central da SS.[80] Na época, o departamento tinha 31 funcionários oficiais e 430 chefes de treinamento honorários.[81] No início de 1939, Himmler também passou a responsabilidade pelas *Mannschaftshäuser* (casas das unidades SS) do RuSHA para seu estado-maior pessoal. Nessas 16 casas ao todo, residiam membros universitários da SS que recebiam uma doutrinação ideológica diferenciada, sendo treinados por meio de esportes de defesa, com a finalidade de formar uma elite SS acadêmica.[82]

Conforme o princípio do treinamento ideológico, os homens da SS não deveriam "conhecer" o nazismo, mas "vivê-lo". "O treinador deve tocar o coração de seus homens SS. Ele só consegue isso se apregoar a nossa vontade a partir de sua própria e profunda experiência interior", constava em uma instrução de serviço. "O próprio treinador tem que ser um homem íntegro e um exemplo

vivo de suas palavras."[83]

Parece mais que questionável que isso pudesse ser realizado na prática: o treinamento foi tão esquematizado e formalizado que sobrou pouco espaço para improvisos. "Definitivamente não admito viagens ideológicas paralelas", avisou Himmler aos encarregados.[84] Em fevereiro de 1938, o *Schwarze Korps* descreveu o modo de pensar de muitos camaradas em relação ao treinamento: "Que se tenha de comparecer — assim pensa um ou outro — é naturalmente necessário, sobretudo porque o chefe também está lá (a promoção!). De resto, assim se consolam de modo pequeno-burguês, a reunião informal que acontece depois do curso até que é sempre bem agradável."[85]

Em fevereiro de 1936, o chefe do RuSHA determinou que o "treinamento básico" dos membros da SS fosse concluído em 28 semanas divididas em quatro blocos distribuídos ao longo de 21 meses. A cada semana deveriam ser ministradas duas unidades de treinamento de quarenta minutos cada uma, de acordo com um esquema específico: leitura e debate de um trecho de *Mein Kampf* e uma breve redação temática, seguida da apresentação de um caso prático do procedimento no tocante à autorização de casamento, para que os homens da SS recebessem uma orientação quanto à escolha da mulher certa.[86] Os quatro blocos do treinamento básico abrangiam os seguintes temas: sangue e solo (oito semanas), judaísmo, maçonaria, bolchevismo (oito semanas), história do povo alemão (oito semanas), calendário anual e tradições, reverência aos mortos (quatro semanas). O material de treinamento correspondente se encontra nas primeiras sete edições dos *SS-Leithefte*,[87] que mesmo após a conclusão do ciclo básico continuavam sendo o material de pesquisa mais importante em relação ao ciclo. O caderno 9 se ocupava, entre outras coisas, da história da SS; outros cadernos tratavam das competições de primavera da SS[88] ou de temas da pré-história e história alemãs.[89] Além disso, sempre havia "dicas" quanto à escolha da parceira certa[90] ou, sob o tema "Para a família", conselhos quanto à escolha de "bons" nomes germânicos para os filhos, a fim de evitar aberrações aparentemente não raras.[91]

Himmler cuidava pessoalmente da concepção dos cadernos. Durante a reunião para a edição do caderno 10, expediu algumas instruções gerais ao chefe do departamento, Caesar: "Não gostaria que o tema do treinamento fosse sempre derivado de um único setor da vida. Todos os setores da vida devem ser

abordados, e de maneira tal que os homens fiquem ansiosos quanto à próxima aula e para ler o *Leitheft*. Portanto, tudo depende principalmente da apresentação. Os artigos não devem ter mais de cinco a seis páginas." Como modelo, ele recomendava principalmente os livros de seu autor predileto, Werner Jansen, *Das Buch der Treue* (O livro da lealdade) e *Das Buch Leidenschaft* (O livro da paixão). Aliás, artigos de Jansen, entrementes Obersturmbannführer da SS, já eram devidamente publicados nos cadernos.[92]

A exemplo dos livros de Jansen, Himmler pleiteava para os *Leithefte-SS* sobretudo histórias de heróis, "sagas", como ele as chamava.[93] "Temos de afastar a ideia", explicou alguns anos mais tarde em um discurso, "de que 'saga' seja algo não verdadeiro, algo imaginado. A saga da Noruega, a saga da Dinamarca contam a história desses povos, e a saga do nosso povo é a história desse povo da época mais remota. E essa forma da saga, de história [...] toca o coração do ser humano, do homem e da mulher na Alemanha de uma maneira muito mais sutil do que a ciência com sua didática é capaz de ensinar ao homem e à mulher".[94] Em 1937, os *Leithefte* realmente passaram a publicar mais amiúde o material histórico em forma de "sagas heroicas".[95]

Portanto, o "treinamento ideológico" se distanciava cada vez mais da exigência inicial de proporcionar aos membros da SS uma visão de mundo abrangente para se concentrar, em vez disso, na difusão de modelos heroicos da maneira mais "viva" possível. Os homens da SS primeiramente deveriam "acreditar" na missão da Ordem, em que sobretudo se incentivava a ligação emocional com a organização: mediante o ingresso na SS, uniram-se a uma falange de heróis que, para proteger as famílias e o seu "sangue", travavam uma batalha eterna contra a "sub-humanidade". Nessa guerra do "sangue", as decisões particulares sobre casamentos e filhos tinham um papel que não podia ser subestimado. Por essa razão, o Reichsführer-SS dedicou atenção especial a essas questões, como ainda veremos, ultrapassando em muito o âmbito geral de treinamento.

24 Administração civil nazista dos territórios ocupados pela Alemanha nos países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia e Bielorrússia). (N. das T.)

## Himmler como educador

As ambições educacionais de Himmler não se limitavam ao comportamento dos subordinados em serviço. Suas aspirações nesse sentido iam muito além, incluindo praticamente todos os aspectos da vida de seus homens: comportamento, condições econômicas, relação com o álcool, saúde e, como ainda veremos no próximo capítulo, relacionamentos e planejamento familiar. O Reichsführer-SS se reservava o direito de deixar patente aos olhos dos membros da SS, até o posto mais baixo, a austeridade e a onipotência, por meio de intervenções direcionadas às mais diversas esferas da vida. Especialmente os homens mais graduados do corpo de liderança da SS tinham de aturar uma supervisão meticulosa de seu estilo de vida.

A liderança SS, que compreendia aqueles que haviam chegado no mínimo ao cargo de Gruppenführer, desde meados dos anos 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial se compunha predominantemente de duas coortes: os jovens soldados ou voluntários de guerra e a geração jovem da guerra. Os primeiros eram os nascidos nos anos 1890 (principalmente depois de 1895) que haviam participado como voluntários da Primeira Guerra Mundial praticamente desde o início, principalmente como jovens tenentes, e depois servido no Freikorps. Os integrantes dessa faixa etária haviam participado decisivamente do desenvolvimento da SS antes de 1933. A chamada geração jovem da guerra, ou seja, os nascidos após 1900, que embora tivesse vivenciado conscientemente a Primeira Guerra Mundial não tinha ainda idade suficiente para servir ativamente — as coortes de Himmler —, passou a assumir posições de chefia a partir de 1933. Certamente também havia pessoas mais velhas na direção da SS, entretanto uma análise mais detida mostra que esses, em sua maioria, não desempenhavam papel ativo dentro da organização, mas que Himmler, em virtude de sua política de relacionamento, lhes reservara um posto relativamente alto dentro da SS Geral. Os chefes de *Gau* da Reichskriegerbund (Liga dos Veteranos do Reich), por exemplo, receberam cargos de Gruppenführer quando a organização foi assumida pela SS, sem que com isso exercessem qualquer influência marcante sobre a direção da SS. A situação era diferente no caso dos oficiais de polícia (em parte antigos oficiais de polícia, em parte ativistas do nazismo após 1933), aos quais Himmler conferia postos correspondentes na SS, para amarrá-los ao Corpo de Segurança do Estado que pretendia instituir. Como

a polícia se tornava cada vez mais importante após a nomeação de Himmler a chefe da polícia alemã, e sobretudo a partir de 1939, quando a utopia racia defendida por ele estava sendo implementada (lembremos do combate aos associais nos anos 1930 ou das execuções em massa feitas pela Polícia de Ordem no leste da Europa durante a guerra), ao se analisar a estratégia de Himmler de atingir seus objetivos com ajuda de um estratagema sutil de administração de pessoal, não se podem menosprezar esses homens empurrados tardiamente para a SS ou que nela ingressaram por meios não convencionais.[1]

Neste momento, no entanto, vamos considerar os dois grupos de jovens soldados e da geração jovem da guerra que marcaram a SS nos anos 1930. Já falamos sobre as características biográficas específicas dos jovens voluntários de guerra na chefia da SS, cuja vida de soldado muitas vezes fora seguida por uma carreira civil frustrada e malsucedida, o que fazia com que considerassem o ingresso na SS como última chance. Aqueles que haviam alcançado posições de chefia na SS antes de 1933 foram apresentados no capítulo Reichsführer-SS; após 1933, ainda outros voluntários de guerra assumiram posições de destaque.

Havia, por exemplo, Herbert Gille, nascido em 1897, que se tornaria general-comandante do 2º Corpo Panzer SS na Segunda Guerra Mundial. Gille, ex-cadete e soldado profissional, após a Primeira Guerra Mundial trabalhou como capataz, até ser despedido em 1929, sem perspectivas de conseguir outro trabalho na agricultura. Até 1931, virou-se como caixeiro-viajante e depois vendedor de seguros autônomo. Em 1932, abandonou essa ocupação por um emprego oficial como chefe de Estado-maior do Abschnitt IV.[2] Imediatamente após a tomada do poder, em março de 1933, foi destituído da posição, mantido em prisão preventiva por três meses e expulso da SS; razões específicas para essa medida não lhe foram fornecidas. Embora tivesse sido reabilitado em março de 1934, “estava arruinado economicamente e destruído emocionalmente, como seu irmão escreveu a Himmler. Durante uma conversa particular com Himmler em abril de 1934, voltou a ter um pouco de confiança,[3] pois Himmler o empregou provisoriamente como Standartenführer. Como entrou em conflito com seus superiores, foi novamente destituído e avaliado pelo chefe Jeckeln como “inadequado para posições de chefia mais altas”.[4] Mas Gille conseguiu uma terceira chance: foi transferido para a Politische Bereitschaft em Ellwangen e dessa vez conseguiu fazer carreira na Verfügungstruppe.[5]

O futuro chefe do Amtsgruppe B do Departamento Central de Economia e Administração da SS, Georg Lörner, nascido em 1899, participante da guerra, frequentou uma escola superior de comércio, em 1923 ingressou na empresa do irmão: “Por causa da situação econômica desfavorável e por diversos [...] fracassos, a empresa foi obrigada a declarar a falência em fevereiro de 1930”, escreveu em seu currículo.[6]

O voluntário de guerra e combatente do Freikorps Carl-Albrecht Oberg, nascido em 1897, que durante a guerra fora mandado para a França como HSSPF em 1921, assumiu o papel de contato entre o Exército do Reich e as organizações patriotas em Schleswig-Holstein. “Em janeiro de 1926, obtive novamente um emprego no comércio em Hamburgo, uma vez que minha ocupação política até então, que era financiada por meios particulares, não pôde mais ser mantida.” Acabou empregado em uma firma de importação de bananas, mas não por muito tempo. “Essa empresa foi liquidada após uns seis meses, de maneira que fiquei desempregado. Em novembro de 1930 comprei minha atual loja de charutos.” No ano seguinte, ingressou no Partido Nazista e em 1932, na SS.[7]

Günther Pancke, que durante a Segunda Guerra Mundial seria HSSPF na Dinamarca, nascido em 1899, cadete, combatente, alferes, participou de ações do Freikorps no Báltico depois da revolução, viveu de 1920 até 1926 na Argentina, onde trabalhava em fazendas de gado. Em uma visita à Alemanha em 1926, conseguiu trabalho. “Em junho de 1930, ingressei no partido e em 1931, na SS. Por causa de um atentado a gás lacrimogêneo contra o filme *Nada de novo no front*, durante uma apresentação fechada do Reichsbanner, fui demitido pela minha empresa e condenado a seis semanas de prisão. A pena foi interrompida e em 1º de janeiro de 1932 comecei a trabalhar como professor na escola da SS em Kreiensen.” Seguiu-se um engajamento de tempo integral junto à SS, na qual Pancke faria carreira rapidamente.[8]

Também para Otto Hofmann, nascido em 1896, voluntário de guerra e integrante do esquadrão aéreo, que depois da separação, em 1926, perdera o emprego de procurador no atacado de vinhos dos sogros e desde então trabalhava como representante de vinhos, a tomada do poder significava uma chance única de voltar ao meio militar: em 1933, decidiu trabalhar em tempo integral para a SS, da qual já era membro havia alguns anos. Após inúmeras

promoções, em 1940 finalmente se tornou chefe do Departamento Central de Raça e Colonização.[9]

George Ebrecht, nascido em 1895, originalmente pintor artístico, inscreveu-se voluntariamente como soldado em 1914 e, durante a guerra, tornou-se tenente. Até 1924 trabalhou primeiramente em diversas organizações paramilitares de defesa; seguiram-se longas viagens ao exterior e acabou se estabelecendo no leste da África no cultivo do sisal. Em 1922, Ebrecht já havia se separado da primeira esposa; quatro semanas depois do divórcio, em 1926, casou-se com uma mulher que vivia na sua plantação na África.

Em 1931, estava à beira da ruína financeira: “Quando a minha plantação, estabelecida com enormes dificuldades [...] deixou de ser rentável em virtude da queda vertiginosa dos preços mundiais, voltei à Alemanha.” Ingressou no partido, onde atuava como orador, aparentemente sem o apoio de uma profissão. Mas a tomada do poder lhe ofereceu a possibilidade de seguir carreira como funcionário do partido: primeiro como líder distrital, depois como inspetor de *Gau*; em 1935, transferiu-se para o RuSHA onde, em 1937, se tornaria chefe de Estado-maior.[10] Em 1938, divorciou-se da segunda esposa; o casamento fora considerado “disfuncional, mas o tribunal de justiça observou que, como funcionário do RuSHA, a falta de filhos no casamento era um grande problema para ele.[11] Ebrecht casou-se uma terceira vez e teve duas filhas.[12]

Hanns Albin Rauter, nascido em 1895, HSSPF na Holanda durante a Segunda Guerra Mundial, lutou no Exército austríaco ao longo de todo o período da Primeira Guerra Mundial. Em seguida, exerceu um cargo de chefia na organização paramilitar Heimatschutz na Estíria, e acabou sendo expulso da Áustria em 1933 por desenvolver atividades nazistas. Sem profissão ou meios econômicos, juntou-se ao NSDAP e à SS no exílio na Alemanha.[13]

No período do pós-guerra, os dirigentes SS da geração jovem da guerra também se haviam ocupado no Freikorps e outras organizações de defesa, os mais jovens muitas vezes em associações paramilitares de extrema direita. Esse grupo, da mesma faixa etária de Himmler, não só lidava com o trauma da derrota e da fracassada política do putsch, como também se espalhava entre eles uma sensação que oscilava entre a decepção de ter chegado atrasado e uma postura teimosa “nós-vamos-mostrar-a-esses-velhos”. Já apresentamos alguns membros desse grupo que ingressaram no NSDAP antes de 1933, como, por exemplo,

Heydrich, o oficial de marinha dispensado, ou Fritz Weitzel, o aprendiz de serralheiro com antecedentes criminais por causa do envolvimento em um aborto.[14]

Em geral, os membros da geração jovem da guerra tinham perspectivas melhores quanto ao desenvolvimento de carreiras de sucesso do que os jovens soldados que haviam perdido anos decisivos em virtude do serviço militar. Vários dos futuros dirigentes SS desse grupo estavam na universidade, principalmente em cursos de Direito. Na maioria dos casos, no final dos anos 1920, início dos anos 1930, eles já haviam feito o segundo exame jurídico do Estado. Mas com o início da crise econômica e tendo em vista a superocupação existente nas profissões acadêmicas, a única e mínima chance que se lhes oferecia era a de conseguir um emprego no setor público e, ainda assim, quando o conseguiam, eram obrigados a aceitar uma atividade em que por muitos anos tinham de trabalhar como assessores não remunerados. A chance de conseguir se estabelecer como advogado também era ruim. Os graduados em outras áreas enfrentavam problemas semelhantes; a carreira fracassada de Himmler como agrônomo deixa clara essa problemática. A esperança de que, com a tomada do poder pelos nazistas ainda pudessem ter a chance de desenvolver uma carreira adequada no Estado do qual estavam prestes a se apossar ou em um dos organismos do partido, certamente é um dos motivos que estimulava o engajamento desse grupo no NSDAP desde o final dos anos de 1920. Para muitos — inclusive não acadêmicos — não havia alternativa comparável.

Werner Best, nascido em 1903, chefe de seção no Gabinete Central de Segurança do Reich e organizador dos Einsatzgruppen[25] na Polônia, tornou-se juiz depois de ter concluído a faculdade de Direito. Em 1930, filiou-se ao NSDAP no *Gau* de Hessen-Darmstadt e passou a dirigir o departamento judicial do partido nesse distrito. Quando, em 1931, as autoridades tomaram conhecimento da existência de documentos — os chamados *Boxheimer Dokumente* — que confirmavam que Best traçara planos concretos para um golpe de Estado nazista, ele perdeu o posto. Em março de 1933, a tomada do poder o ajudou a conseguir um cargo como comissário de Estado para o Departamento de Polícia de Hessen; mas, por ter se envolvido em lutas pelo poder dentro do partido, acabou sendo dispensado em setembro de 1933. Essa era sua situação quando Himmler lhe ofereceu o SD-Oberabschnitt Sudoeste.

Outros exemplos de acadêmicos que viam chances de carreiras relativamente boas na SS eram: Hermann Behrends, doutor em Direito, aprendiz de 1930 a 1933, a partir de fevereiro de 1932 na SS e a partir de fins de 1933, no SD, onde assumiu o Departamento Central de Avaliação Ideológica. Em 1936, transferiu-se para a Gestapo; em 1937 se tornou gerente de pessoal da Volksdeutsche Mittelstelle (VoMi), a central que representava os interesses dos alemães étnicos; e, em 1944, HSSPF na Sérvia.[15] Otto Ohlendorf, nascido em 1907, estudou direito e ciências políticas, trabalhou no Instituto Kiel para a Economia Mundial, começou a fazer carreira no SD a partir de 1936, onde de início foi responsável pela realização de análises econômicas e, a partir de 1939, passou a dirigir o departamento de assuntos internos. Em 1941-1942, chefiou adicionalmente o Einsatzgruppe D e foi responsável pelo assassinato de dezenas de milhares de judeus; aparentemente Himmler queria testar a "resistência" de Ohlendorf, tido como intelectual.[16]

Hermann Fegelein, nascido em 1906, participou da Segunda Guerra Mundial como comandante de brigadas de cavalaria da SS, principalmente no "combate aos guerrilheiros" e em "operações de limpeza" que custariam a vida de milhares de civis; obteve o Abitur em 1926, estudou dois semestres na universidade e em seguida interrompeu os estudos. Ingressou na Polícia do estado da Baviera, da qual se desligou em 1929. Trabalhou na escola de equitação do pai, até se juntar à SS em 1933.[17]

Fritz Katzmann, nascido em 1906, principal responsável pelo sistemático assassinato em massa de centenas de milhares de judeus na Galícia como SSPF durante a Segunda Guerra Mundial, depois de um curso de especialização em carpintaria, exerceu o ofício em diversas cidades entre 1923 e 1928. "De 1928 a 1933, sem trabalho. De julho a novembro de 1933, chefe de polícia da siderúrgica Vereinigte Stahlwerke em Duisburg-Hamborn. De dezembro de 1933 até janeiro de 1934, chefe da DAF (Frente Alemã do Trabalho) em Duisburg." Em fevereiro de 1934, assumiu o cargo de chefe SS de tempo integral.[18]

O futuro HSSPF Alpenland, Erwin Rösener, nascido em 1902, fez o ginásio até o terceiro ano; entre 1917 e 1921 fez um curso profissionalizante de eletricista e depois trabalhou em diversas empresas. Participava ativamente do movimento nazista, transferiu-se da SA para a SS em 1929, o que lhe custou o emprego. "Assim eu podia me dedicar integralmente ao movimento. Ainda tive

alguns empregos por períodos curtos, mas sempre tive de abandoná-los em virtude da minha atividade política."[19]

Grande parte dos membros dos dois grupos sofria consideravelmente pelo fato de não ter conseguido seguir uma carreira profissional. Dificuldades no casamento, alcoolismo, dívidas, problemas de saúde eram as questões que mais os afligiam. Essas dificuldades certamente não eram privilégio só dos chefes SS: não se tratava de uma seleção negativa de vidas desmoronadas, mas de típicos currículos representativos da época. Grandes segmentos da população alemã viviam na mesma situação. E as biografias de toda uma série de chefes SS da mesma geração transcorreriam sem mudanças significativas.

Himmler sabia muito bem como tirar proveito da vulnerabilidade que muitos integrantes do corpo de liderança da SS demonstravam em virtude dos fatos marcantes das biografias apresentadas e, muitas vezes usando de grande sutileza, fazer com que esses homens se tornassem altamente dependentes dele. Afinal, muitas das fraquezas com as quais ele se deparava no relacionamento com seus homens lhe eram bem conhecidas, por experiências pessoais, de conhecidos ou amigos da mesma faixa etária.

## Vícios e imperfeições

Em 26 de julho de 1939, poucas semanas antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o Obergruppenführer Friedrich Jeckeln, HSSPF locado em Braunschweig, recebeu uma carta do Reichsführer-SS. Himmler lhe escreveu que fora informado de que, poucas semanas antes, Jeckeln havia passado em seu carro por algumas cidades pequenas a velocidades de 80 a 100 quilômetros por hora, "de uma maneira imprudente em relação a outros motoristas e transeuntes", e além disso "em estado alcoolizado". Himmler exigiu que Jeckeln respondesse a três perguntas: "1. Por acaso, o senhor realmente passou por essa estrada? 2. Quanto álcool o senhor consumiu naquele dia? 3. O senhor dirigiu de modo desrespeitoso em relação às regras de trânsito?"

Jeckeln sabia quem o havia dedurado. Na noite de 23 de junho, o motorista de um carro, um homem de negócios de Hamburgo e membro ativo do NS-Kraftfahrerkorps (unidade motorizada — NSKK, na sigla em alemão), após uma perseguição longa e bastante arriscada, o havia ultrapassado em um cruzamento ferroviário e o confrontara por causa de sua maneira irreverente e arriscada de

dirigir, aparentemente sob efeito do álcool. Jeckeln havia se identificado como SS-Obergruppenführer e continuado viagem; mas o homem da NSKK não estava disposto a dar o caso por encerrado.

Jeckeln, que anos antes já admitira a Himmler ter problemas com o álcool, enviou a seguinte resposta ao seu Reichsführer: na tarde do dia em questão participara com alguns dignitários "de um almoço íntimo", com o propósito de "cultivar o companheirismo e a camaradagem". Essa confraternização, que duraria até tarde da noite, ele deixara pouco antes das oito, dirigindo-se em seguida à sua cabana de caça. Com exceção de algumas infrações menores, acentuou Jeckeln, dirigira o automóvel de acordo com a lei e, acima de tudo, de forma segura. Jeckeln procurou neutralizar a suspeita de ter consumido álcool em excesso, enumerando individualmente as bebidas consumidas naquele dia — mas reconheceu que talvez houvesse "ligeiras diferenças". Segundo ele, consumira: "4-5 copos de vinho do Mosel", "3, no máximo 4, doses de aguardente", depois disso, possivelmente, "ainda 3 copos de cerveja". A avaliação de Jeckeln de que, se admitisse ter ingerido dez ou 12 doses de bebida alcoólica, isso não seria considerado excessivo por Himmler parece ter sido correta; como é possível deduzir de sua folha de serviços, esse passeio noturno não teve maiores consequências para ele.[20]

Em maio de 1936, durante um encontro noturno de camaradagem, que ocorreu justamente após uma inspeção do campo de concentração de Dachau, houve um "desentendimento" entre o Brigadeführer Kaul e o Oberführer Unger — como Kaul mais tarde se expressaria, tentando minimizar a importância do incidente — em que os dois oponentes jogaram vinho e cerveja nos uniformes um do outro. Retroativamente, Unger também não quis levar as "provocações" muito a sério e, como desculpa, fez menção ao bom humor que predominava naquela noite alegre e úmida: "Além disso, já era bastante tarde e por causa do grande consumo de álcool o clima era bom e descontraído."[21] Himmler decidiu não concordar com a proposta do chefe da Divisão Superior responsável, Von dem Bach-Zelewski, de iniciar um processo judicial, mas determinou que seu chefe de pessoal convocasse os dois chefes SS e os repreendesse, em seu nome, por mau comportamento.[22]

Em fevereiro de 1942, Karl Heinz Bürger, que na época se preparava para futuras atribuições como SSPF na Ucrânia, recebeu uma carta de Himmler. O

Reichsführer o acusava de ter tomado parte em “uma grande bebedeira”, quando ainda ocupava a antiga posição de “responsável para questões ideológicas” na inspeção dos institutos de educação nacional-política, e nisso “notoriamente perdeu a noção e o autocontrole”, e deu uns tiros com a pistola. Bürger admitiu o fato sem rodeios: o incidente teria ocorrido por ocasião da inauguração festiva do palacete de trabalho de seu chefe Heissmeyer, em janeiro de 1941.

“Eu devia estar possuído pelo diabo quando disparei dois tiros no lustre do teto. Na época, essa atitude leviana me afetou muito internamente e só conseguia explicá-la como sendo um desabafo em relação à profunda insatisfação que nutria durante minha subordinação ao Departamento do SS-Obergruppenführer Heissmeyer.” Himmler se mostrou extremamente indignado: “Se o próprio educador ideológico se esquece da educação e postura”, não tem “moralmente nenhum direito [...] de incutir ideologia nos outros”. Mesmo assim ele abriria mão de adotar medida disciplinar em relação ao caso — na suposição de que tenha sido um “caso excepcional”. Advertiu Bürger de, futuramente, “harmonizar a ideologia pregada [sic!] com o estilo e a postura na vida — especialmente em estado alcoolizado”.[23]

Uma instrução de Himmler emitida alguns meses após a reprimenda de Bürger demonstra que aquela não fora uma ocorrência isolada em relação ao trato com as armas de fogo: “Repetidamente sou notificado de que um membro da SS ou da polícia acha que pode manejar sua arma de fogo de modo descuidado e totalmente inadequado. Em regra, isso acontece em grupos e sob a forte influência do álcool, especialmente nas regiões do leste.” Um tal “abuso da arma de fogo”, continuou Himmler, não só era uma atitude “irresponsável” como também “absolutamente antialemão”. Porque: “o homem alemão utiliza sua arma no combate e deixa esse tipo de tiroteio aos eslavos”.[24]

No outono de 1942, Matthias Kleinheisterkamp, comandante de uma divisão da Waffen-SS, foi repreendido de forma extremamente severa por Himmler por causa de uma bebedeira no cassino da divisão: “Como líder de grupo ou comandante de batalhão, o senhor podia se dar ao luxo de um ou outro descarrilhamento. Depois de eu lhe ter confiado a direção de uma divisão, a despeito de sérias dúvidas, o senhor deveria ter-se dado conta, de uma vez por todas, de que o tempo das grandes bebedeiras — se o senhor considerava isso como o ponto alto de sua vida — acabou.” As “repulsivas cenas de bebedeira”

teriam evidenciado uma “falha de caráter” e, “para repará-la, o senhor terá de se esforçar muito até o fim de seu tempo de serviço”. Himmler acrescentou que só não o exonerava do cargo de comandante de divisão porque isso o obrigaria a revelar a razão de sua decisão de pessoal para a Wehrmacht — e isso o prestígio da Waffen-SS não permitiria. Assim, a proibição do consumo de álcool foi a única punição que Kleinheisterkamp sofreu: “Espero que o senhor nos próximos dois anos não consuma nenhuma bebida alcoólica, já que aos 49 anos de idade ainda não é capaz de lidar com isso.”[25]

Já havia algum tempo que Himmler achava que a proibição do consumo de álcool constituía um método educacional confirmado: “Se alguém não sabe lidar com o álcool, se é uma criancinha, então simplesmente tiro o álcool dele. Da mesma forma como se tira a pistola de uma criança, porque ela não a entende”, explicou Himmler em 1938.[26] Dois anos antes, ele havia propagado o axioma de que, no caso de alguma falta por causa do álcool, o afetado deveria ser confrontado com a alternativa: “Ou você mostra que sabe lidar com o álcool e se orienta por nós, ou recebe a pistola e acaba logo com isso. Portanto, pense bem, você tem 24 horas de prazo.”[27]

Em 1936, Himmler já decretara uma proibição de consumo de álcool a Curt von Gottberg, depois de este ter perdido um pé em um acidente ocorrido por consumo excessivo de álcool.[28] Otto Rahn, SS-Untersturmführer (segundo-tenente) e escritor profissional, teve de se comprometer em 1936 a não consumir álcool durante dois anos.[29]

No período da guerra, no entanto, Himmler afrouxou a proibição: durante o serviço no front, sobretudo no leste, ele mandou informar que o “consumo de álcool é justificável — obviamente em quantidade moderada — e, de vez em quando, até desejável por razões de saúde”. Por isso, “proibições vigentes ou ainda a viger em relação ao consumo de álcool estão suspensas durante o período de serviço no front”.[30] Ali, no leste, o efeito desinibidor do álcool era algo desejado.

Os exemplos mostram que, embora Himmler impusesse penas morais aos membros do corpo de liderança da SS que fossem flagrados bebendo em excesso, acabava não impondo punições disciplinares, preferindo lançar mão de métodos “educativos”.[31] Isso é ainda mais estranho quando se considera que, em geral, Himmler achava que as faltas ocorridas em virtude do excessivo consumo

de álcool mereciam punições especialmente duras,[32] pois pensava que, no caso de dois terços de todas as “pessoas à deriva”, o “álcool constituía a raiz do problema”.[33]

Por que então a complacência em relação às bebedeiras dentro da SS? Havia ele reconhecido que não chegaria a lugar nenhum com os métodos punitivos draconianos? Ou será que no fundo não tinha um interesse genuíno na eliminação das faltas ocorridas por excesso de álcool? Teria reconhecido que a embriaguez e o vício do álcool eram um sólido componente da subcultura-SS e que os maus costumes dos seus homens sempre lhe abriam novamente a possibilidade de chamar alguns chefes SS à razão e de submetê-los aos seus métodos educativos?

Em 1941, foi acrescentada uma nova medida: o Reichsführer decretou que fosse instalado um “centro de desintoxicação” para membros da SS com problemas alcoólicos no campo de concentração de Buchenwald.[34] Himmler não via essa medida como “punição, mas como educação saudável, no próprio interesse dos membros da SS ou da polícia encaminhados para lá”; desejava “criar um sanatório modelo em que as pessoas lá internadas se libertassem do alcoolismo e se recuperassem por meio da absoluta privação de álcool, em conjunto com medidas saudáveis como o esporte e o fortalecimento em geral, e fossem educadas física e espiritualmente para se tornarem pessoas robustas que teriam motivos para serem gratas ao Reichsführer-SS por essa medida”. Concretamente, decretou a proibição do fumo, instituiu uma “alimentação se possível sem carne” (“principalmente pela manhã deve sempre ser servido mingau de aveia com maçãs raladas ou Maggi ou suplementos semelhantes”) e recomendou a construção de uma sauna.[35] Naturalmente a decisão quanto às admissões cabia a ele.[36]

As dificuldades financeiras dos subordinados também exigiam a intervenção constante do Reichsführer. Na opinião de Himmler, o fato de diversos integrantes dos corpos de liderança da SS estarem seriamente endividados os tornava suscetíveis a todo tipo de tentação, como asseverou na ordem expedida em junho de 1937: assim continuaria ocorrendo “que círculos da indústria, do comércio ou personalidades tentam obter, por meio de concessões incomuns, na maioria das vezes de natureza material, a boa vontade e a generosidade de chefes SS”.[37]

Repetidamente, chefes SS do alto escalão recorriam a Himmler por conta de seus problemas. Von dem Bach-Zelewski obteve ajuda financeira de Himmler diversas vezes, sendo que, em 1938, recebeu 7 mil Reichsmark para a compra de uma pequena propriedade rural; ao todo, consta que teria recebido no mínimo 11 mil Reichsmark.[38] O SS-Brigadeführer Paul Moder informou a Himmler, em 1937, que tomara um empréstimo sem juros de um empresário de Hamburgo, Hermann Reemtsma, no valor de 15 mil Reichsmark, porque a sua mulher exigia uma quantia alta em dinheiro para concordar com o divórcio.[39] Em setembro de 1939, um amigo informou à família Himmler que o Gruppenführer Paul Hennicke, superintendente da polícia de Weimar, estava "totalmente sem recursos, no momento"; o salário do superintendente estaria sendo confiscado.[40] O Obersturmbannführer Otto Hofmann, que até 1933 tinha sido representante de vinhos, depois oficialmente chefe SS, em 1934 pediu ajuda financeira a Himmler porque se encontrava em uma situação "de emergência"; Himmler duvidou dessa informação quando, pouco tempo depois, soube que Hofmann tomara parte em uma "farra de champagne".[41]

O SS-Oberführer (brigadeiro) Erwin Rösener contou ao chefe do Departamento de Pessoal da SS que se encontrava "no momento, em sérias dificuldades financeiras" porque durante "os tempos de luta, como qualquer outro membro do partido, fui obrigado a contrair dívidas e continuei a viver da ajuda de meus pais e irmãos. Hoje preciso compensar isso mediante o meu apoio a eles". Himmler foi consultado e determinou que não deveria haver pagamentos adicionais.[42] Em 1940, quando Marianne Bürger, esposa do Obersturmbannführer Karl-Heinz Bürger, funcionária da escola de cadetes da SS em Braunschweig, pediu um adicional mensal a Himmler — ela esperava o quarto filho —, Himmler não só negou o pedido, como ainda instruiu e orientou a sra. Bürger pessoalmente quanto à administração do dinheiro de que dispunha mensalmente.[43]

O Obersturmbannführer Ludolf von Alvensleben, filho de um latifundiário, em 1928 se declarava "completamente arruinado" financeiramente.[44] Da montanha de dívidas de 750 mil Reichsmark ele conseguira liquidar aproximadamente um terço em 1934. No outono de 1934, Himmler ouviu falar que Von Alvensleben não respondera à cobrança de um credor (tratava-se de 2.500 Reichsmark). Himmler ordenou que Von Alvensleben fosse "inquirido

protocolarmente” e determinou além disso: “Se o Obersturmbannführer Von Alvensleben não estiver em condições de fornecer explicações convincentes de que lidou com a situação do modo que se espera de um nazista e SS-Führer, a permanência dele na SS ficará insustentável. Dívidas particulares de um dirigente SS são assuntos aos quais seus superiores devem dedicar atenção máxima.”[45]

Em julho de 1937, Himmler convocou Von Alvensleben — que no meio-tempo dirigia o SS-Abschnitt X e, segundo ele próprio, saldara quase toda a dívida, faltando pagar somente 12 mil Reichsmark — para uma reunião no Hotel Vierjahreszeiten de Munique e, na presença do chefe do estado-maior pessoal, Wolff, repreendeu-o por estar usando gratuitamente um carro que lhe fora oferecido a um preço extremamente vantajoso pela fábrica da Mercedes. Himmler proibiu Von Alvensleben de adquirir o carro em condições tão extraordinárias.46

Já antes do encontro, Himmler expedira uma portaria na qual relatava o caso detalhadamente — sem mencionar o nome de Von Alvensleben — e prevenia seu pessoal de que queria que “meus chefes SS sejam e permaneçam livres e independentes em todos os sentidos, inclusive financeiramente”. Exigiu com firmeza que “todo SS-Führer se recuse estrita e orgulhosamente a receber privilégios de qualquer natureza, mesmo que venham disfarçados de ‘oficiais’ no sentido de que o oferecimento tenha por fim facilitar a vida de alguém que ocupa um cargo de tal importância”.[47]

Enquanto Himmler nesse caso fingiu intervir para evitar que Von Alvensleben se tornasse dependente de uma empresa por causa de uma vantagem financeira relativamente pequena, apenas um ano mais tarde, mostrou-se muitíssimo condescendente: para permitir que Alvensleben enfim levasse uma vida livre de dívidas, Himmler autorizou um contrato de consultor do chefe SS com a empresa Salzgitterwerken que beneficiava Von Alvensleben com um ganho mensal adicional de mil Reichsmark.[48]

Por que Himmler autorizou o contrato de conselheiro, mas proibiu a compra do carro? Parece que, por meio de autorização no caso do contrato, ele mantinha, ao menos oficialmente, as coisas sob controle, enquanto que no caso da compra do carro, do qual soube apenas quando o negócio já estava encaminhado, viu-se obrigado a intervir, uma vez que sua autoridade era questionada. E isso era muito

mais importante do que um possível caso de corrupção.

No entanto, problemas remanescentes dos “tempos de luta” nem de longe constituíam a única causa das dificuldades financeiras. Por exemplo, em uma ordem do Estado-Maior de dezembro de 1936, o chefe do RuSHA expressou que “um grande número de membros da central está muito endividado. As dívidas se prendem quase sempre à aquisição impetuosa de aparelhos de rádio, máquinas fotográficas, motocicletas etc., e, na maioria dos casos, só se pagou a parcela da entrada. Os endividados são principalmente homens solteiros, relativamente bem pagos segundo o sistema de remuneração vigente, mas que, por conta de seus dispêndios supérfluos, estão de tal modo endividados que de seus salários no final do mês não sobram mais que alguns centavos. Isso levou a um “vigoroso empresta-empresta” entre os camaradas, em albergues e no comércio e, “no caso das naturezas mais fracas, a roubos entre os camaradas. Mas os endividados também são objetos valiosos para o serviço de informação do inimigo”. Por isso, os integrantes da SS em tempo integral foram intimados a entregar uma declaração de dívidas. Todo o “endividamento irresponsável” teria como consequência a imediata dispensa.[49]

Entre 1936-1937, Himmler introduziu sérias contramedidas: cuidou para que a SS contraísse um crédito — de início, de um milhão, depois de 2,5 milhões de Reichsmark[50] — para reduzir as dívidas primeiro dos principais integrantes, em seguida de todo o corpo de liderança, e finalmente de toda a SS. No início de 1937, as possíveis dívidas dos principais dirigentes SS foram levantadas por meio de um questionário e, na primavera de 1937, Himmler instituiu uma divisão de ajuda econômica: os especialistas em dívidas da SS negociavam com os respectivos devedores um pagamento parcial das dívidas; os membros endividados da SS deveriam pagar os valores em questão para a SS e se comprometer a nunca mais contrair dívidas nem — essa era uma questão especial para Himmler — efetuar compras à prestação.[51]

“Um número considerável de antigos nacional-socialistas trouxe consigo compromissos e dívidas dos tempos de luta e dos anos de miséria econômica”, alegou Himmler na reunião dos Gruppenführer em fevereiro de 1937. “Não acho que isso seja algo praticável no longo prazo.” Para o futuro, recomendava a seguinte “forma de vida”: “um integrante da SS não compra nada que não possa pagar”; “nunca comprará nada à prestação”; “o integrante da SS é o ser humano

mais honrado que pode existir na Alemanha”.[52]



*Embora Himmler fosse destro, também treinava tiro com a pistola na mão esquerda e prescrevia esse treinamento para toda a SS. Por meio de autodisciplina e autossuperação, seus homens deveriam aprender a compensar fraquezas físicas e outras deficiências.*

Em sua fala de novembro aos SS-Gruppenführer em Munique, comunicou que também instituíra uma “regra básica quanto à poupança obrigatória” de dez tópicos, em que, entre outros, fora estabelecida a criação de um “Fundo de Poupança”, em cuja conta os membros remunerados da SS deveriam depositar um marco a cada mês.[53]

O alcoolismo e o endividamento não eram as únicas coisas que incomodavam a Himmler no estilo de vida de seus corpos de liderança. Frequentemente repreendia os homens por causa de excesso de ambição ou desmesurada vaidade. Em Hermann Behrends, dirigente do estado-maior da VoMi, na verdade um homem “decente, capaz e corajoso em combate”, o incomodava, por exemplo, a “vaidade gulosa e doentia” . Himmler desconfiava que, por trás da recomendação de Kaltenbrunner, de promover Behrend a seu sucessor como HSSPF Danúbio, estava o próprio Behrends.[54] Em geral, Himmler não gostava nem um pouco que seus SS-Führer buscassem uma promoção e os repreendia quando esse era o caso.[55]

Em junho de 1942, Himmler acusou o SS-Brigadeführer Walther Schröder, chefe da SS e da polícia em Riga, do “vício” de ter seu nome “constantemente citado no jornal” e “esclareceu” que, na “próxima menção em algum artigo de jornal [...], será demitido”: “A tarefa do chefe da SS e da polícia não é representar e ocupar o palco de Riga com seu nome, mas sim trabalhar duro

desde bem cedo de manhã até tarde da noite cuidando da tropa, educando e orientando os homens e adquirindo conhecimentos sobre o país e o povo, assim como inteirando-se do menor detalhe de sua função. Para isso não é necessário representação nem propaganda em jornal. Quem deve estar seguro da sua competência são seus superiores e não o público, porque este não o promove e também não o demite. Preste atenção a esta advertência, pois é a última".[56]

Também podia ocorrer de ele repreender importantes chefes SS por causa de seus "relacionamentos". Assim, em março de 1943, o SS-Gruppenführer Gerret Korsemann recebeu uma carta de seu Reichsführer que o acusava de ter comparecido a um evento na casa de um major que, no corpo de oficiais da Polícia de Ordem, era tido como um homem sobre "cujo valor e caráter frequentemente há controvérsias". Esperava que Korsemann "doravante adote o cuidado e o rigor na escolha de seus amigos e dos relacionamentos mais próximos que eu devo exigir de um Gruppenführer em relação ao seu ambiente mais imediato".57

Membros da SS que se suicidavam continuavam sendo censurados por ele após a morte. De acordo com Himmler, 85% dos suicídios dentro da SS ocorriam por "razões que nunca podem ser aceitas, como medo de uma punição, medo de uma prova, depois de uma reprimenda de um superior, depois de uma briga com os pais, após a dissolução de um noivado, por ciúme, por causa de um amor infeliz etc." Esses suicídios "são vistos por nós, homens da SS, como uma fuga à luta e à própria vida". Nesse caso, deve-se ignorar o fato e não comparecer ao enterro.[58] Suicidas não devem ter uma cerimônia formal, devem ser simplesmente enterrados.[59] Himmler atribuía o crescente número de suicídios na SS no fim dos anos 1930 ao caráter "mimado" dos jovens que cresceram na República de Weimar.[60]

## Oficiais da SS enfraquecidos

O Reichsführer também se preocupava com a saúde de seus homens. Determinou que todos se submetessem a exames médicos regulares, lia os diagnósticos e dava dicas sobre alimentação e estilo de vida. Às vezes chegava a ponto de determinar o destino das férias e o tempo de permanência, e proibia a leitura de documentos de trabalho durante o retiro.[61]

Ao longo dos anos de guerra, a tensão permanente e as constantes "missões"

faziam com que um considerável número de integrantes dos corpos de liderança da, embora não tivessem mais de 40 anos, apresentassem sintomas de desgaste físico e sobretudo de transtornos psíquicos e psicossomáticos. Nos relatórios médicos, constavam sempre as mesmas justificativas: cansaço, exaustão, problemas com os “nervos”, estado de depressão.

Por exemplo, no laudo médico do exame realizado no Gruppenführer Waldemar Wappenhans, de abril de 1944, também constava: “Parece agitado e exausto. Fisicamente, não vejo piora no resultado do exame do coração e da circulação desde a última consulta. [...] Mas o estado geral não me agrada. Do ponto de vista médico, acho que é absolutamente necessário que ele consiga alguma tranquilidade interior para que possa se recompor.”[62]

No caso do SS-Gruppenführer Karl Gutenberger, o próprio Himmler solicitou “um exame médico completo”, depois que soube de seus problemas de saúde. Durante a consulta, o médico do Reich da SS, dr. Ernst Robert Grawitz, constatou que o homem de 38 anos parecia “um pouco ausente”, mostrava-se “ligeiramente indiferente, algo eufórico e com tendência a não ver nuances”. “Pode tratar-se aqui do início de um transtorno de personalidade de natureza pós-traumática” — para Grawitz, motivo suficiente para encaminhá-lo a um especialista na clínica psiquiátrica do (hospital universitário) Charité.[63] Com base no diagnóstico da clínica, Himmler imediatamente mandou Gutenberger por quatro semanas para a Höhenvilla da SS em Karlsbad, uma casa de saúde onde eram tratados casos semelhantes.

Durante o exame de Erwin Rösener, HSSPF de Alpenland, em maio de 1944, um especialista em doenças nervosas concluiu que “o homem de 42 anos, especialmente saudável e forte, sofre de um desgaste nervoso causado, de um lado, pelo excessivo, constante e ininterrupto estresse, e do outro, por distúrbios vegetativos decorrentes do mau funcionamento da tireoide, que se agravou e que, conjuntamente, afetam seu comportamento. Portanto, trata-se de um estado de cansaço que se baseia no desgaste excessivo das forças de reserva disponíveis”.[64] Em agosto de 1944, outro parecer médico recomendou que Rösener fosse encaminhado ao Höhenvilla de Karlsbad.[65]

No caso de Karl Gustav Sauberzweig, comandante da Divisão Voluntária de Montanha da SS croata, os médicos constataram, no final de 1944, uma “acentuada excitabilidade nervosa, até [...] uma leve psicose”: “Ele procura ficar

sozinho, não suporta ver gente, ouvir tiros, ver sangue, sofre de grave falta de capacidade de concentração e tem medo de assumir responsabilidades etc.”[66]

Em 1942, Himmler foi obrigado a aposentar o chefe de seu Departamento Central de Recursos Humanos, Walter Schmitt, uma vez que este sofria de grave incontinência urinária, que, de acordo com o laudo médico, “pode ser vista como uma neurose geral que talvez tenha se agravado por conta da atividade profissional dele”.[67] No caso de Richard Hildebrandt, que, como HSSPF de Vístula, era responsável pelo território polonês anexado e que, em 1942, se queixava de “tontura” e “cansaço”, o médico que o examinou também não pôde constatar causas orgânicas.[68]

Nesses casos em que não era possível formular um diagnóstico médico específico, frequentemente consultava-se o médico especializado em medicina interna de Munique, o dr. Karl Fahrenkamp, que tratava das queixas com bases psíquicas.[69] A posição privilegiada de Fahrenkamp também ficou evidente quando foi instalado, especialmente para ele, dentro do estado-maior pessoal do Reichsführer-SS, o Departamento F, o qual, por sua vez, mantinha uma “estação experimental de ciências da nutrição”, perto de Salzburg. Além disso, até 1940 Fahrenkamp realizava experiências com plantas no campo de concentração de Dachau e em 1942 instalou um laboratório no campo de treinamento próximo, onde, entre outros, eram produzidos cosméticos e produtos para os cuidados do corpo à base de plantas; com essa produção interna, podiam-se contornar as severas regras de comercialização.[70] Um dos gratos compradores desses produtos — cremes para a pele, antissépticos bucais e semelhantes — era Himmler,[71] que também era paciente de Fahrenkamp.[72] Em novembro de 1941, Himmler asseverou a Fahrenkamp: “Sou-lhe infinitamente grato por cuidar com tanta sabedoria e sensatez dos meus homens, esses pacientes tão difíceis.”[73] Como se associasse os próprios problemas de estômago a causas psicossomáticas, por meio dos relatórios de Fahrenkamp sobre os pacientes ele tinha em mãos material altamente interessante que lhe permitia comparar a própria história de sofrimento com a dos dirigentes SS.

Por exemplo, o general Felix Steiner, da Waffen-SS, de 45 anos de idade, deu a Fahrenkamp a impressão de ser “um homem extremamente fechado e de difícil acesso, que responde a perguntas sérias com um sorriso de autoironia”. Segundo Fahrenkamp acreditava, “trata-se de um homem muito enérgico com rígida

postura de soldado, que adota uma máscara para esconder uma espécie de depressão que de maneira alguma pode ser mostrada”.[74]

No caso de Ulrich Greifelt, chefe do departamento responsável pelos planejamentos quadrienais, o resultado do exame que Fahrenkamp realizou, na noite anterior ao 42º aniversário de Greifelt, constatou: “Por causa da atividade de piloto de avião, a visão do olho esquerdo foi afetada. Em 1918, abandonou a carreira de oficial. Com extraordinário esforço conseguiu nova posição como chefe técnico de uma grande empresa. Perdeu esse cargo em 1932, sem justa causa. Sempre trabalhou muito. [...] O sr. G sofre de séria inquietação interna e insônia. Não consegue adormecer ou acorda muito cedo. Bastante irritável em relação a novas tarefas, não sabe o motivo para isso. Espiritualmente muito afetado em sua alegria de viver. [...] O sr. G está muito deprimido por ter sido obrigado a trocar duas vezes de profissão, sobretudo porque teve de se retirar de área de atividade muito satisfatória.”[75]

Werner Lorenz, o chefe da VoMi, embora desse a Fahrenkamp a impressão de ser organicamente saudável, era um “homem cansado, extenuado”. O médico achava que eram “causas psíquicas [...] que colaboram para o estado atual. [...] O SS-Obergruppenführer L. diz que o senhor, Reichsführer, está a par de sua situação familiar pessoal”. Seria “evidente que esse homem delicado, com mente muito aguçada, cuja estrutura eu não qualificaria como robusta, sofre de uma depressão psíquica, que no seu caso se manifesta em forma de cansaço e esgotamento”.[76]

Diversos dirigentes SS reagiam a doenças e à dor com “austeridade” contra si mesmos, como era o caso de Heinz Jost, comandante da Polícia de Segurança no Ostland, que, em julho de 1944, comunicou ao Reichsführer que tinha sérios problemas cardíacos e circulatórios, sequelas de uma difteria: “Até aqui tentei enfrentar esse estado com galhardia, mas agora isso não é mais possível, pois sou acometido de crescentes surtos de tontura e distúrbios da visão.”[77]

Wilhelm Rediess, HSSPF em Königsberg, em outubro de 1939, durante consulta com Fahrenkamp, queixou-se de fortes dores do lado esquerdo da cabeça e alegou “ter uma cabeça muito cansada e preocupada”. O médico constatou que Rediess aparentava ser “um homem forte e saudável”, e por isso concluiu que as queixas deviam ser atribuídas “a um estado geral de fadiga”. O aconselhamento, continuou Fahrenkamp, “é difícil, porque ele é mais duro

consigo mesmo do que é possível ser e a longo prazo parece não ver qualquer prejuízo no seu rendimento geral. Por mais evidente que seja, quando se quer, pode-se superar a dor, a experiência médica diz que há limites, que há um momento em que, apesar de toda a força de vontade que se possa ter, a saúde é dominada pela doença". Prevenção não tinha nada a ver com "fraqueza", como Rediess acreditava.[78]

Erich von dem Bach-Zelewski, HSSPF Rússia-Centro, responsável entre outros pelo "combate aos guerrilheiros" e pelo assassinato em massa de judeus, sofreu um esgotamento físico e psíquico em março de 1942. O médico do Reich na SS, Grawitz, informou a Himmler: "No momento me preocupa um pouco o estado de espírito dele: durante o serviço no leste, o SS-Gruppenführer v. d. Bach passou muitos meses subalimentado em termos quantitativos e qualitativos por temer o agravamento de seus problemas hemorroidais; também já relatei outras vezes que o difícil e demorado processo de cura foi motivado pelo sério estado de exaustão física e psíquica no momento da consulta. Agora que começa a se sentir fisicamente melhor, tortura-se com certas ideias de inferioridade ('exacerbada sensibilidade à dor, falta de autodisciplina, falta de força de vontade') e com a preocupação de estar novamente apto para o trabalho, de logo estar disponível para servi-lo, sr. Reichsführer." Grawitz acreditava que, mesmo que Von dem Bach-Zelewski se recuperasse rápido, "ele ainda passará um bom tempo atormentado por estados alternados de depressão". [79]

Para Von dem Bach-Zelewski, a quem Daluege em 1933 avaliara como "leal e honesto, altamente impulsivo, muitas vezes desenfreado" e cuja promoção só recomendaria "se ele puder manter o temperamento impulsivo sob controle",[80] especialmente importante no seu caso era não admitir para si mesmo a gravidade da doença e se apresentar a Himmler com o mesmo vigor e persistência de antes. Em uma carta ao seu Reichsführer, afirma que, de início, fora tratado de modo errado, e que só depois ocorrera seu abalo físico e psíquico: "Não é verdade que fui internado em estado de total exaustão e desgaste. Como seu velho combatente, cuja energia retorna de forma consistente a cada dia, eu me recuso a aceitar tal deturpação dos fatos, apesar dos muitos dias com afirmações sugestivas ao lado do meu leito na clínica. [...] Só concordei com a cirurgia porque os médicos estimaram a minha total recuperação em quatro semanas e porque queria estar 100% saudável para os principais combates na primavera.

Até 14 dias após a cirurgia eu mantinha contato diário com Mogilev por rádio e mensageiro. [...] Só quando começaram as convulsões e a partir da parada intestinal, o envenenamento do corpo e em seguida também da alma, podia-se falar de um colapso. Mas não foram tanto as terríveis dores que influenciaram a resolução e sim a certeza de que recebia o tratamento errado e a ameaça de uma morte deitado na cama em uma época em que todo soldado tem o direito de morrer uma morte decente de soldado. [...] Reichsführer, eu lhe provarei neste ano que seus velhos cavalos de guerra também não se deixam rebaixar por esse tipo de experiência."[81]

Imediatamente Himmler assegurou que para ele "nunca houve dúvida, de que você continuava o mesmo".[82] Aparentemente restabelecido, Von dem Bach-Zelewski se atirou novamente ao combate.

Essencialmente, no entanto, não houve melhoras em relação às suas queixas. Dois anos mais tarde, um médico especialista emitiu o seguinte diagnóstico: "evacuação irregular", "constipação e fraqueza na musculatura do ânus", "grande sensibilidade na mucosa do reto". "No caso do sr. Obergruppenführer falta especialmente a concentração para a intensificação do esfíncter. Para mim, a origem desse problema e o agravamento do quadro de saúde do sr. Obergruppenführer que, além do mais, já tem uma predisposição psiconervosa, é a precariedade das instalações higiênicas nos campos, em que não se dispõem de banhos adequados."[83]

Além de Fahrenkamp, seu antigo amigo de escola Karl Gebhardt, agora professor de medicina e chefe do sanatório Hohenlychen no município de Uckermark, em Brandemburgo,[84] também desempenhou papel importante nos esforços de Himmler quanto à preservação da saúde de seus homens. Em 1942, em Hohenlychen nasceria o primeiro filho de Himmler com sua amante Hedwig Potthast, e em 1943, Karl Wolff, o chefe de seu estado-maior pessoal, se recuperou lá de um colapso de saúde. Gebhardt foi presenteado por Himmler com um jogo de pratos para 12 pessoas, em sinal de agradecimento.[85] O sanatório também recebia pessoas importantes que não eram membros da SS. Assim, em julho de 1938, Gebhardt enviou um relatório detalhado[86] sobre a cirurgia de joelho a que submetera o major-general Walter von Reichenau, que, entre os generais, desempenhava um importante papel político. Gebhardt passou a informar Himmler regularmente sobre o tratamento de pacientes importantes,

que incluíam integrantes da aristocracia europeia.[87] Em agosto de 1938, Himmler também foi informado por seu antigo colega de escola sobre a ligação de uma ruptura do tendão de aquiles de seu amigo Darré.[88]

Depois do atentado que vitimou Heydrich, em 1942, Himmler transferiu Gebhardt para Praga. Quando nem mesmo Gebhardt pôde impedir que Heydrich morresse, Himmler externou seus agradecimentos a ele "por ter sido um camarada corajoso e ótimo amigo de nosso bom Reinhard em seus últimos dias e horas de vida".[89] Quando o pai de Himmler adoeceu de câncer em 1936, Gebhardt também se manteve ao lado de Himmler, aconselhando-o: discretamente, ele estudou o histórico da doença e desaconselhou uma cirurgia. Himmler seguiu o conselho.[90]

Himmler também consultava Gebhardt em questões triviais. Em janeiro de 1938, enviou-lhe uma "antiga receita contra tuberculose, que vem sendo passada de geração a geração há vários anos em uma família de conhecidos meus": "pulmonária, anêmona hepática, betônica, fel-da-terra, tussilagem, musgo-da-islândia, carragenina, cálamo, alteia, erva-doce, verônica, raiz de ruibarbo, um grama de cada, finamente pulverizado em uma medida antiga de mel de abelha (aproximadamente um quilo), bem misturado. O mel deve ser aquecido. [...] Caso ocorra diarreia, interromper por dois dias". A resposta de Gebhardt foi desapontadora: não é de se esperar que haja um efeito terapêutico contra a tuberculose; no mais, essa mistura de chás já seria conhecida na medicina popular havia muito tempo.[91]

A preocupação de Himmler com a saúde de seus homens incluía sugestões de alimentação. Em 1942, quando o Sturmbannführer (major) Ernst Günther Schenck, inspetor de nutrição da Waffen-SS, pediu por memorando que a alimentação das tropas da SS fosse melhorada, Himmler reagiu enviando uma longa lista de comentários em 22 tópicos a Pohl — uma verdadeira explosão de ideias: "De qualquer maneira, deve-se garantir que o pão seja torrado. Não existe situação, nem mesmo num pântano, em que não se possa aquecer e torrar no fogo aberto o pão cortado em fatias, a exemplo do que ocorre nas caçadas, o que para o constipado constituiria uma dieta leve e de fácil digestão."

Depois da guerra, a SS deveria instituir uma base nutricional própria, ainda que fosse só para o leste e somente em relação a determinados alimentos. "Somente os alimentos específicos, que influenciam a nossa raça, precisam ser

adquiridos por nós: frutas, isto é, drupas, nozes, especialmente no inverno em quantidade ilimitada, água mineral de fontes naturais, sucos de frutas, aveia e óleo de cozinha. [...] Um acúmulo excessivo, como a igreja o fazia na Idade Média, deve ser totalmente evitado dentro das fronteiras do Reich. No entanto, nossa atribuição é fortalecer os moinhos artesanais para que possamos influenciar e determinar a preparação desses alimentos em algumas padarias próprias e em padarias artesanais dos nossos bairros."

De modo geral, Himmler atribuía grande valor a que o homem da SS e sua família "nas instituições de educação nacional-política, nas casernas, nas academias de oficiais, nas casas das equipes e nas instituições Lebensborn se acostumem à nossa alimentação natural, para que mais tarde os jovens nem tenham vontade de comer outras coisas".

"Lenta e imperceptivelmente, de uma maneira razoável", era preciso limitar "o consumo de carne nas futuras gerações". Himmler desejava que houvesse "uma adaptação homogênea para um futuro melhor, após centenas de anos de equívocos e mau caminho. Só quando a carne e os embutidos forem substituídos de modo imperceptível por alimentos igualmente saborosos, adequados ao paladar e às necessidades do corpo, poderemos ser bem-sucedidos. Lições de moral de nada adiantam. Nós mesmos sabemos que só a boa e barata água mineral, os excelentes sucos de fruta e o leite bom e barato são capazes de substituir o álcool".

Quando os tempos fossem de paz ele pretendia também "determinar o abastecimento de toda a SS e da polícia e de suas famílias, a princípio por cinco anos e depois para sempre". Também se podia pensar na instalação de "postos de alimentos" dentro das unidades da SS. Devia-se, no entanto, evitar que essas instituições se transformassem, "no longo prazo, em conselhos de soldados".[92] Deve-se guarnecer a SS com cardápios-padrão: "O cardápio deve prever um jantar quente no mínimo três vezes, no inverno cinco vezes por semana, em forma de sopa, batatas cozidas na casca, além de uma guarnição fria. Um bom chá natural deve ser oferecido todas as noites. [...] Batatas cozidas já descascadas devem ser absolutamente evitadas."[93]

## A severidade solícita de Himmler

Himmler mantinha uma ativa correspondência com os altos chefes da SS, que

sempre aproveitava para elogiar, repreender, ensinar e criticar tanto em assuntos oficiais como em pessoais.

O Reichsführer enviava cartas animadoras em tom pessoal aos antigos companheiros de luta. Em carta de 1943, agradeceu a Theodor Eicke, que se encontrava com sua divisão diante de uma iminente nova batalha na frente oriental, pelos "leais votos para este difícil ano recém-começado. [...] No que se refere ao senhor, só tenho um desejo: que permaneça saudável e inteiro, porque é exatamente de homens mais velhos, leais e destemidos como vocês que a SS e eu precisamos, para que sempre, se a coisa ficar ainda mais complicada, consigamos cumprir aquilo que o Führer e o Reich esperam de nós". A preocupação provou ter fundamento: pouco mais de cinco semanas depois, Eicke estava morto. Seu avião foi abatido durante um voo de reconhecimento.[94]

Em novembro de 1943, o antigo ajudante de Himmler, Ludolf Alvensleben, recebeu uma mensagem urgente em teletipo informando-o de sua promoção a SS-Gruppenführer e major-general da polícia, em que expressava a "firme expectativa de que, uma vez na Crimeia, o senhor seja uma coluna de fé e confiança, aguerrido e determinado. Cuide para que nem mesmo o último homem da SS e da polícia jamais perca a calma e sempre esteja nos locais em que seja necessário ajudar ou lutar". Himmler se despede com a saudação: "Com antiga e sincera solidariedade, seu leal."[95] Havia outras frases-padrão: "Cumprimento-o sinceramente" ou "Saúdo-o com solidariedade especialmente sincera".[96]

Em agosto de 1941, quando o major-general da Waffen-SS e Brigadeführer Walter Krüger assumiu a divisão de polícia da SS que combatia na Frente Oriental, Himmler lhe enviou uma mensagem pessoal, cujo caráter confidencial ainda foi sublinhado pelo seu pedido de "deixá-la na Alemanha". Himmler alertou Krüger para "controlar e encaminhar pessoalmente diversas questões que normalmente costumam ser delegadas". Krüger deveria sempre se orientar pelo axioma de que "a guerra é o melhor professor da própria guerra". Himmler concluiu com o pedido de que Krüger "deixe-se levar pela fé nos nossos homens da SS, ou seja, pela fé no bom sangue ali existente e na fé nesses jovens entusiasmados e dispostos a sacrifícios. Exijo do senhor que erradique quaisquer traços de derrotismo. Mensagens de dirigentes inferiores, dirigentes, chefes de companhias ou comandantes que alegam que sua corporação não é capaz de se

lançar ao ataque devem ser respondidas mediante a instauração de corte marcial e culminar com o pronunciamento de sentença de morte. Nenhuma tropa está incapacitada de atacar exceto quando sofreu perdas superiores a 80%; antes, certamente não”.[97]

Mas Himmler também não economizava lições e críticas. Em outubro de 1942, Friedrich Karl Baron von Eberstein, o HSSPF em Munique, teve que ser explicitamente lembrado pelo Reichsführer de suas obrigações. Himmler acusou Eberstein de ser “fleumático” demais por este ter informado ao tesoureiro do NSDAP uma decisão de Himmler, em relação a um assunto pessoal bastante delicado, por carta e não pessoalmente e “de um modo agradável”, como era esperado por Himmler. Himmler alertou:

“A atribuição de um alto dirigente da SS e da polícia não é a de administrar o seu setor a partir da mesa de escritório. A uma escrivaninha também posso sentar um conselheiro do governo. Também [...] não estou satisfeito com o trabalho dos policiais do Corpo de Bombeiros e da Schutzpolizei após o ataque aéreo a Munique. Quando ocorrem ataques aéreos e existem destroços, o senhor tem de estar dia e noite na rua, até que o último cidadão alemão preso debaixo dos escombros esteja em segurança. O resgate de pessoas depois de cinco dias escapa a qualquer qualificação. Imagine se a pessoa debaixo dos escombros fosse seu filho. Preciso pedir aos senhores para que não encarem o seu trabalho como atividade respeitável de escritório, mas que sejam altamente flexíveis em relação a ele e, como nos tempos de luta, estejam lá fora com as pessoas, junto com a tropa. É essa a visão que tenho de meus altos chefes da SS e da polícia, que são meus representantes.[98]

Em dezembro de 1944, o HSSPF do Báltico, Emil Mazuw, também foi acusado de falta de ação: “Se eu quisesse que o setor do HSSPF fosse usado como departamento de encaminhamento de reclamações ou de escrituração, então eu teria me manifestado nesse sentido e destacado no lugar de um SS-Obergruppenführer e general, um secretário e um escriturário. Futuramente, o senhor deve manter maior ciência de suas obrigações. Além do mais, o senhor representa a SS e não o prefeito local e as divisões do partido contra a SS. Conscientize-se disso.”[99]

Em agosto de 1942, o SSPF da Estônia, Heinrich Möller, além de ser também acusado de fleuma, ainda teve de ouvir que estava com excesso de peso. Após

uma visita a Reval (Tallinn), Himmler escreveu para Möller que esperava que "das sete noites da semana, o senhor preencha seis com serviço, junto com a tropa e com seus homens. [...] É incompreensível para mim que um homem de 36 anos de idade seja tão fleumático, gordo e acomodado. É de seu próprio interesse mudar esse quadro o mais rapidamente possível".[100]

Quando Erhard Kroeger, dirigente de um Einsatzkommando (forças-tarefa) na Ucrânia de junho a dezembro de 1942 e desde então no departamento principal do SD, deu a entender que não estava muito feliz com a transferência para a Waffen-SS em abril de 1943, Himmler o advertiu: "Essa qualidade de obedecer calado é algo que o senhor ainda precisa aprender. Só então o senhor será um homem da SS no sentido estrito da palavra, como eu sempre quis que o senhor o fosse. Tenha a certeza de que será enviado na hora certa para o lugar onde poderá agir. Desejo que as armas estejam a seu favor."[101]

Em 14 de janeiro de 1945, o SS-Obergruppenführer Hermann Höfle, HSSPF e comandante alemão na Eslováquia, recebeu uma carta afiada de seu Reichsführer. Himmler acusava Höfle de "fraqueza, servidão e falta de independência em relação aos seus funcionários e ao seu estado-maior". E continuou: "Só posso mesmo lhe pedir: comece a atuar com rigor de uma vez por todas, entenda finalmente que é o comandante, e que o chefe do seu estado-maior e o seu Ia [1º general do estado-maior; P.L.] são seus subordinados, não o cérebro que deve pensar por você. Reconheça o conceito básico segundo o qual nós dois fomos educados, a obediência, não importa o quanto tentem encher sua cabeça no local em que se encontra. Se eu soubesse o quanto esse comando que lhe confiei, e que já na época você hesitou em aceitar, exigiria de suas forças psíquicas, nunca o teria transferido para lá, evitando, assim, esse sofrimento para nós dois. Pela última vez, manifesto aqui a esperança de que agora as coisas mudem e que você, em 1945, não repita os mesmos erros de 1944."[102]

Em março de 1943, Himmler deixou inequivocamente claro ao chefe do Departamento Central de Raça e Colonização, Otto Hofmann, que, baseado em uma série de acontecimentos, achava que este não exercia as suas funções de modo plenamente satisfatório. Em comparação a outros, Hofmann evidentemente teria passado muito pouco tempo à escrivaninha. Himmler finalizou a carta com uma advertência séria: "Gruppenführer Hofmann, para montar um Departamento Central é necessário incansável persistência,

habilidade e trabalho sério, um trabalho que inclui os mais ínfimos detalhes do Departamento Central, até que esses detalhes fiquem gravados na carne e no sangue dos subordinados. Não quero que o senhor faça tantas viagens a trabalho e que esteja constantemente fora, posando como grande comandante de campo. Tudo considerado, devo dizer que a cada semana que passa, seu departamento me agrada menos."[103]

Em abril de 1943, Hofmann foi exonerado do cargo de chefe do RuSHA. Em nota, Himmler escreveu que tivera a impressão de que "Hofmann não tem a calma e a tranquilidade necessárias para, durante a guerra, manter-se nos bastidores com o Departamento de Raça e Colonização", mas que, ainda assim, tranquilizara Hofmann de que "de nenhuma forma perdi a confiança nele pessoal ou profissionalmente, e que assim continuará sendo".[104]

No entanto, também em sua nova função, como HSSPF Sudoeste, Hofmann atraiu a ira de seu Reichsführer. Ele mostrara autonomia em uma área que Himmler considerava ser de seu único domínio: o treinamento ideológico. Himmler o acusou: "O senhor instituiu um empreendimento que faz concorrência aos SS-Leithefte na forma de cartas do front. O reconhecimento desse fato só confirmou o acerto de tê-lo destituído do cargo de chefe do Departamento Central de Raça e Colonização. Evidentemente tirei o Departamento de Treinamento do Departamento de Raça e Colonização. Considero injustificável em relação ao senso de obediência estrita de um homem da SS não só não seguir ao pé da letra uma ordem recebida de seu superior, mas, pior que isso, não se ater ao sentido dessa ordem. Embora o senhor não tenha mais nenhuma influência sobre isso, me senti obrigado a lhe dar claramente minha opinião, como ensinamento para toda a sua futura vida profissional."[105]

Hofmann tentou se livrar dessa séria acusação por meio de uma declaração de lealdade: "A acusação de desobediência que o senhor me faz me atinge muito forte, pois não tive a intenção, nem nesse caso, nem em nenhum outro, de contrariar alguma ordem dada pelo senhor. O senhor sempre foi para mim a personificação da pessoa depois do Führer a quem devoto toda a admiração, assim como minha lealdade e obediência. Outra postura me é estranha. Por isso lhe peço, Reichsführer, que me liberte dessa pesada acusação."[106]

Mas Himmler não só não retirou a acusação como um ano mais tarde ainda a complementou com outra, ainda pior, a de covardia. Em novembro de 1944, em

uma carta arrasadora, acusou Hofmann de que as divisões da SS e da polícia de segurança da Alsácia (pela qual Hofmann era responsável como HSSPF Sudoeste) “aparentemente entraram em pânico e debandaram covardemente”. E acrescentou: “Para sua orientação, quero lhe informar que, por motivos semelhantes, mandei fuzilar um chefe da polícia de segurança em Paris”.[107]

Devastadora também foi a crítica de Himmler a Gerret Korsemann. Em julho de 1943, Himmler depôs o Gruppenführer e general da polícia de seu posto de suplente de HSSPF Rússia-Centro, por considerar justa a acusação que pesava sobre Korsemann de ter-se retirado um tanto apressadamente do Cáucaso. Himmler intimou Korsemann a se apresentar e recomendou “insistentemente” que “de agora em diante trate de envidar esforços pessoais no sentido de se livrar da acusação de falta de coragem que paira sobre o senhor”. Para isso, ele o estava transferindo para a divisão Leibstandarte, onde provavelmente muito em breve assumiria uma companhia “de ataque”.[108]

Himmler instruiu explicitamente o comandante da divisão para que Korsemann, na posição de Hauptsturmführer da Waffen-SS fosse colocado “na linha de frente. Eu proíbo que seja posicionado na retaguarda. [...] Dei a Korsemann a oportunidade de atuar na Divisão Pabzer SS Leibstandarte Adolf Hitler’, para que ele possa, por meio dessa atividade, limpar sua imagem de falta de coragem e nervos fracos”.[109]

Também os generais das Waffen-SS eram contemplados com avisos e reprimendas; estranhamente, no entanto, muitas dessas cartas, apesar de conterem duras acusações, terminam em tom conciliatório. Em novembro de 1942, por exemplo, Himmler escreveu uma carta de advertência exemplar a Theodor Eicke. Eicke, que se tornara comandante da divisão Totenkopf, mandara de volta para Berlim um chefe SS, seu subordinado — dessa vez tratava-se de Kleinheisterkamp —, sob a alegação de que este estaria “doente e com os nervos em frangalhos”.

“Caro Eicke”, revidou Himmler, “não posso evitar a impressão de que se alguém aqui está doente e com os nervos em frangalhos, esse alguém é o senhor, e não Kleinheisterkamp”. Himmler repreendeu Eicke por duas “coisas impraticáveis”: de um lado, “contrariou claramente uma ordem minha” e, de outro lado, “na fase mais difícil de sua divisão, subtraiu do 3º Regimento Totenkopf um comandante hábil, experiente e altamente respeitado por seus

homens, e isso simplesmente porque o senhor não se entende com ele. [...] Isso que o senhor fez vai ser difícil justificar perante seus homens. Diferenças de opinião privadas com certeza fizeram com que se valesse do seu obstinado Eu para colocar o seu próprio bem acima do bem de sua divisão. Espero que o senhor esteja consciente de que, com isso, não consegue angariar a simpatia de seus próprios homens e não aumenta o respeito que eles lhe devotavam".

Depois dessa acusação, Himmler mudou o tom: "Realmente não posso acreditar que o senhor queira propositadamente me causar esse desgosto e essa decepção, então só posso explicar essa atitude pelo fato de o senhor ainda não estar recuperado e que os seus nervos estão tudo, menos em ordem", completa, agora preocupado. "Sou da opinião de que o senhor retornou ao serviço cedo demais e a dor que sente no pé certamente também influencia suas decisões. Mas isso não está certo e tem de mudar. Ou estamos com saúde e tomamos todas as decisões com a mente tranquila e sadia, ou não estamos com essa saúde, aí estamos doentes (certamente não por culpa própria), mas nesse caso não se deve ocupar essa posição e dificultar a vida de outras pessoas com o humor corrosivo.

"Dito isso, espero que o senhor me envie um relatório que não tenha sido colorido e preparado teimosamente pelo sr. Eicke, mas que seja uma manifestação franca do meu velho camarada Eicke, com respeito à sua saúde. Se ela não estiver em ordem — o que infelizmente presumo —, então retire-se novamente por quatro semanas e se recupere. Mas se o senhor no meio-tempo acha que está bem de saúde, então que este tenha sido realmente o último caso dessa natureza que o senhor se permitiu."

Himmler concluiu: "Nunca em minha vida, em momento nenhum, sequer pensei em duvidar da sua lealdade pessoal. Quero apenas erradicar definitivamente sua teimosia e seu obstinado individualismo. [...] Sinto muito que essa carta tenha sido necessária. Seu Heinrich Himmler."[110]

Em julho de 1938, usou do mesmo estilo moderado e paternal para repreender Sepp Dietrich, o dirigente da Leibstandarte, por este ter ultrapassado o limite de suas competências sem a devida autorização. Por esse motivo, o alto-comando da Wehrmacht formalizou uma queixa. "Caro Sepp", advertiu Himmler, "Você sabe que algumas semanas nos aguardam e quanto aborrecimento desnecessário todas essas atitudes arbitrárias de seus subordinados trazem para mim e, no final das contas, também para você; então, por favor, dê um basta definitivo a elas."[111]

Quando, em 1943, Himmler soube que no Ministério do Reich para o Leste corriam rumores de que Dietrich "também [sic!] já não acredita que podemos vencer os russos", ele, antes de mais nada, tratou de deixar claro, em carta a Dietrich, que, com certeza, "uma opinião sua sobre a qualidade dos russos no combate foi mal interpretada" e, em seguida, intimou-o a "procurar Rosenberg" ou "escrever algumas linhas a esse respeito" a ele. E emendou: "Sei melhor do que ninguém o que você pensa sobre a guerra na Rússia. Que ela não é fácil, isso sabemos todos. Mas também está claro para nós que podemos vencer os russos e que acabaremos por fazê-lo. Cordiais saudações e *Heil* Hitler, seu velho e bom amigo Heinrich Himmler."[112]

Em julho de 1943, Himmler pediu ao chefe do Departamento Central da SS, Berger, que fizesse o favor de conversar com um de seus mais importantes generais da Waffen-SS, Felix Steiner. Himmler se irritara com sua troca de telegramas com voluntários finlandeses. "Quero poupar Steiner", disse Himmler a Berger, "de ter de dizer-lhe pessoalmente algo a esse respeito. Acredito ser conhecido por ter sido amplamente tolerante em relação a essa vaidade que adorna a postura desse soldado especificamente na sua condição de general".

O que incomodou Himmler foi o fato de Steiner ter usado em seu telegrama a formulação "nas fileiras de minhas tropas". "Nesse caso, Steiner deveria ter dado a preferência ao Führer e ter se mantido em segundo plano, como caberia a um homem da SS e Obergruppenführer. Além disso", Himmler continuou criticando, "não me lembro de que exista dentro da SS uma saudação '*Heil* Euch' (*Heil* vocês). Desde que sou membro nazista da SS o cumprimento reza '*Heil* Hitler'". Além do mais, continuou, ele gostaria que Steiner, no futuro, fosse citado pela sua patente na SS e não como general. E mais, ele deveria tomar medidas para que "se acabe com o tom impróprio que alguns homens da divisão 'Viking' ainda se permitem usar em relação a mim na condição de Reichsführer-SS em suas conversas no cassino etc.".[113]

Apenas um mês depois, Himmler enviou carta diretamente a Steiner para reclamar que o trabalho de um SS-Oberscharführer (primeiro-sargento) no estado-maior da divisão "Wiking", que ele havia determinado, fora mudado arbitrariamente. Mas Himmler evitou pôr a culpa no próprio Steiner, expressando mais "a expectativa de que o senhor encontre o culpado no seu estado-maior e, mediante uma punição exemplar, reitere de forma enérgica o

cumprimento, que eu devo exigir [...] em relação às minhas ordens. Cumpre também mencionar aqui francamente que é preciso que se torne totalmente impossível que os dirigentes SS fiquem discutindo as atividades do Reichsführer nos cassinos da divisão 'Wiking', coisa que não compete a eles nem é adequado, considerando-se o local". É evidente, portanto, que desde a advertência no mês anterior, nada mudara nessa situação. Himmler estava decidido, e exigiu que "esse espírito [fosse] exterminado do corpo diretivo germânico até a mais ínfima raiz e que as ordens do Reichsführer-SS [fossem] cumpridas de forma cega, incondicional e imediata".[114]

Depois de Steiner ter assegurado lealdade a Himmler, este lhe comunicou que o assunto estava encerrado. "Confio totalmente no senhor."[115]

Em carta de março de 1943, Himmler fez acusações graves contra Paul Hausser, general-comandante do 2º Corpo Panzer SS, mas acabou se limitando a uma advertência. Hausser havia se dirigido por conta própria ao comando maior da Wehrmacht, ao qual seu Panzerkorps estava subordinado, para pedir a substituição de pessoal das fileiras da Wehrmacht (tratava-se de uma divisão da Luftwaffe empregada na organização do Exército). Himmler criticou: "O senhor não pode esperar que eu, como Reichsführer-SS e criador da SS, destrua pessoalmente, e com as próprias mãos, o fundamento a partir do qual, no fim das contas, se originaram os sucessos também de seu Panzerkorps, ou seja, uma seleção e educação racial e humana. No momento em que eu passar a receber a granel toda uma divisão do Exército ou da Força Aérea, podemos entregar os pontos. Duvido que o senhor, meu caro Hausser, possa assumir essa responsabilidade, e digo isso com todo o respeito aos seus méritos na SS. Mesmo em condições urgentes de guerra o senhor e o chefe do seu estado-maior não podem e não devem tomar atitudes que me deixem de mãos atadas na qualidade de Reichsführer-SS."[116]

**"Devemos punir pouco, mas com rigor e justiça"**

Quando instruções e advertências não eram suficientes, Himmler tomava medidas concretas para a educação de seus homens. Já mencionamos punições como transferências para a linha de frente do combate, proibições quanto ao consumo de álcool e internações para desintoxicação; os dirigentes SS que na opinião de Himmler passavam muito tempo caçando veados, podiam, de modo

similar, ser afetados por uma “proibição de caça” do Reichsführer;[117] proibições de fumo também eram promulgadas.[118]

Himmler desenvolveu métodos próprios para enfrentar os desentendimentos entre os dirigentes SS. “Minha atitude básica”, comentou com o Obergruppenführer Arthur Phleps em maio de 1944, “quando dois homens entram em atrito é transferir os dois [...] Da mesma forma, ainda que não tenha havido nenhuma briga, jamais nomeio o até ali subordinado como sucessor do até então chefe, pois de outra forma se abriria a porta para a intriga”.[119] Em um caso concreto, contou ele ao Gruppenführer em 1938, “mandei comunicar a dois Oberführer que viviam discutindo sem jamais chegarem a um acordo, [...] que eu colocaria meu escritório à disposição deles, das oito da manhã até as oito da noite, com uma garrafa de água e dois copos, e que eu imaginava que até a noite eles teriam resolvido suas diferenças. Futuramente, farei isso em todos os casos semelhantes”.[120]

Essa tática provou ser expansível: em 1942, o título dos SS-Leithefte era “Oportunidade de acertar as diferenças... A instrução do Reichsführer sobre camaradagem” a respeito de uma ordem de Himmler que determinava que, sempre que dois dirigentes SS brigassem, deveriam dividir uma moradia durante seis semanas. Havia o comentário de que nesse exemplo era possível ver que o “Reichsführer avaliou cada caso separadamente, que pesava os motivos e tomava suas decisões em função disso — e que certamente também tentava resolver a questão por meio de castigos ‘engraçados’ quando achava que desse modo já conseguia atingir seu objetivo”.[121]

A imposição de punições “engraçadas” era uma verdadeira especialidade de Himmler. Ainda assim, não é possível ignorar certa tendência ao sadismo. Em outubro de 1942, o Reichsführer dirigiu uma ordem a todos os dirigentes da Waffen-SS e da polícia em que os lembrava da responsabilidade de se preocupar com a alimentação da tropa. “Os dirigentes que não acatarem essa ordem devem sentir na própria pele o quanto uma má alimentação afeta o desempenho e o humor da tropa e, ao mesmo tempo, devem aprender como se pode melhorar isso. Por isso, comandarei esses dirigentes para a casa da má alimentação, que mandei instalar. Lá deverão sentir no próprio corpo e por um prazo suficientemente longo como é ruim para um subordinado ter de comer a comida ruim oferecida pelo seu superior.”

Himmler desenvolveu pessoalmente o “plano para a casa da má alimentação” a ser instalada na escola de cozinha da Waffen-SS em Oranienburg. A estadia deveria durar até quatro semanas, sem direito a saídas. “Os participantes do curso educacional na casa da má alimentação receberão, durante três quartos do tempo de sua permanência, um cardápio ruim e insuficiente, e no último quarto, uma comida exemplar para uma tropa.” A “alimentação ruim” deve ser produzida segundo os seguintes princípios: “Sem variação, cozida em excesso, alimentos em conserva sem verduras frescas, técnicas de cozinha erradas.” No caso de “cardápios especialmente ruins”, continuou Himmler, “reservo-me o direito de apresentar esse cardápio ao comandante responsável durante o período total da permanência”.[122]

Em agosto de 1944, Brandt transmitiu ao Standartenführer Guntram Pflaum, encarregado especial de questões envolvendo o combate a pragas, uma nova ideia do Reichsführer. Finda a guerra, Himmler planejava instalar uma “sala de moscas e pernilongos”. “Todos os dirigentes SS integrantes da polícia que são indiferentes à praga dos mosquitos e pernilongos, ou até a encaram como algo risível, deverão ser reunidos nesse local por um bom tempo para tratamento corretivo, durante o qual terão a oportunidade não só de se ocupar com a questão dos mosquitos e pernilongos na teoria, como também de se deixarem acarinhar pelas centenas e milhares de moscas e pernilongos residentes no local.” Seguindo a ideia de Himmler, Brandt concluiu que já naquele momento seria preciso pensar em “reunir e organizar a literatura correspondente para as duas salas. Os pecadores que ocuparão as salas devem se ocupar detalhadamente com essa literatura e apresentar diariamente redações abrangentes sobre o tema, como, por exemplo: ‘a mosca como transmissora de doenças’, ou ‘por que precisamos de telas contra mosquitos’ etc.”. Na opinião de Himmler, as “salas de mosquitos e pernilongos” deveriam fazer parte de uma “casa da educação”, para a qual Himmler ocasionalmente definiria novos critérios.[123]

Até 1939, as punições que a SS impunha aos integrantes eram meramente disciplinares, com base nas “diretrizes disciplinares e de reclamações” — mediante repreensões ou, nos casos mais graves, exclusão ou “expulsão” do faltoso da força.[124] No entanto, a partir de 1937, Himmler comprovadamente se empenhava por instaurar uma jurisdição independente para a SS e para a polícia, comparável à jurisdição militar.[125] Em outubro de 1939, obteve a autorização de

Hitler. A partir de então, a SS possuía tribunais próprios, que tinham autonomia para impor as penas previstas no repertório do código criminal militar e civil, inclusive a pena de morte. Como ainda veremos, Himmler passaria a fazer desse sistema penal seu próprio domínio.[126]

## Executores obedientes: três estudos de caso

O estilo de educação obstinado de Himmler foi extraordinariamente bem-sucedido, em especial quando se tratava de dirigentes SS cujas biografias eram marcadas por sérias deficiências. Nas mãos de Himmler, eles se tornavam instrumentos afiados de sua política. Os três casos apresentados, de Oskar Dirlewanger, Curt von Gottberg e Odilo Globocnik, são reconhecidamente extremos, mas exemplares quanto à tática de Himmler.

Oskar Dirlewanger, nascido em 1895, líder de pelotão de assalto na Primeira Guerra Mundial, ao final da guerra era um "fanático violento, de psique instável e alcoólatra que, sob o efeito de drogas, tendia a excessos de violência".[127] O fato de ter conseguido sair de maneira inescrupulosa do front da Romênia mesmo depois do cessar-fogo e voltar com seus homens para a Alemanha foi uma experiência crucial para ele: dali em diante passou a levar uma vida desenfreada e marcada pelo desprezo às leis e regras da sociedade civil. Estudante desde 1919, lutou em diversas unidades Freikorps. Novamente suas respectivas tropas chamavam a atenção por excesso de violência. Em 1921, foi punido pela Universidade de Mannheim por "agitação antissemita", condenado diversas vezes por porte ilegal de armas e, ainda assim, obteve no mesmo ano o doutorado em Ciências do Estado. Seguiu-se uma carreira profissional incerta, perdendo diversas vezes o emprego por motivo de fraudes — sem denúncias formais. Paralelamente, estava envolvido em organizações radicais de direita e, em 1922, tornou-se membro do NSDAP. Depois da tomada do poder, chegou a ocupar o posto de suplente do chefe do Departamento do Trabalho de Heilbronn. Em 1934, foi condenado a dois anos de prisão por atentado ao pudor envolvendo uma menina de 14 anos de idade dentro de um carro oficial. Quando, depois de ser solto, pleiteava uma nova audiência, a Gestapo o prendeu em caráter preventivo por algumas semanas por "belicosidade"; depois disso, Dirlewanger se alistou na Legião Condor, na Espanha, onde sua condenação novamente lhe causou sérios problemas. De volta à Alemanha, procurou Himmler para "em

caso de uma mobilização, poder seguir com a SS". Dirlewanger explicou que sua condenação anterior, na verdade, se devia a "razões pessoais e políticas": "É verdade que agi mal, mas nunca cometi um crime."[128]

Himmler hesitou em atender à solicitação de Dirlewanger porque preferia aguardar o resultado do segundo julgamento.[129] Mas Dirlewanger encontrou um forte aliado em Gottlob Berger e, aparentemente graças à influência deste, acabou sendo inocentado.[130] Himmler então deu uma segunda chance a esse homem completamente arruinado: trouxe Dirlewanger, que agora havia ingressado na Wehrmacht, para a SS e, em setembro de 1940, encarregou-o da criação de uma unidade especial de caçadores ilegais condenados. Os homens, que mais tarde se estabeleceriam como Sonderkommando Dirlewanger, se destacavam pela extremada brutalidade, sobretudo quando se tratava do combate aos partisans. No início, as unidades especiais foram empregadas no Governo-Geral;[131] depois na Bielorrússia; em 1944, na supressão da rebelião de Varsóvia e, em seguida, no combate à insurreição eslovaca.

A atividade de Dirlewanger como dirigente do Sonderkommando foi marcada pelo contínuo abuso do álcool, saques, atos sádicos, estupros e assassinatos — e seu mentor Berger tolerava isso tanto quanto Himmler, que dependia totalmente de homens como os do Sonderkommando Dirlewanger na sua batalha contra a "sub-humanidade". Ainda assim, Himmler não queria que os grupos do Sonderkommando fizessem parte da Waffen-SS, mas que meramente prestassem serviços para esta.[132] Somente em 1945 Dirlewanger conseguiu incluir sua unidade, que crescia incontrolavelmente sobretudo em virtude da aceitação de criminosos de todos os naipes, na Waffen-SS, na qualidade de 36ª Divisão de granadeiros.

Curt von Gottberg, nascido em 1896, foi dispensado do Exército em 1919, como primeiro-tenente, após um serviço de cinco anos. De início, integrou a Brigada Ehrhardt e com essa formação participou do fracassado golpe de Hitler de 1923.[133] Tentou se firmar em diversas profissões; em 1932, agora atuando como empresário em assentamentos na Prússia Oriental, envolveu-se em um escândalo financeiro que culminou com a proibição de exercer qualquer função no NSDAP durante um ano. Mesmo assim, em outubro de 1933, Himmler lhe confiou a direção da Politischen Bereitschaft de Erlangen, formação armada da SS de Erlangen.[134] No entanto, Himmler o destituiria desse cargo por causa de

seu “comportamento de soldado mercenário”.[135]

Como tantos outros chefes SS, Von Gottberg tinha um grave problema com o álcool. No início de 1936, perdeu um pé em um sério acidente de carro provocado por ele.[136] A despeito de ter declarado que não ingerira “mais do que dois copos de cerveja e uma dose de aguardente”,[137] por iniciativa de Himmler teve de empenhar a sua palavra de honra — justamente diante de Jeckeln, o dirigente de Oberabschnitt responsável por ele — de que “a partir de hoje não consumirei qualquer bebida alcoólica durante três anos”.[138]

O vigoroso Von Gottberg recuperou a mobilidade com espantosa rapidez, mediante o auxílio de uma prótese. Em 1º de julho de 1937, assumiu uma nova incumbência: a direção do Departamento de Colonização dentro do RuSHA. Em 1938, no entanto, sofreu um ataque cardíaco sério enquanto cavalgava, aparentemente devido a um dano no músculo cardíaco que surgiu durante o seu problema de saúde. Von Gottberg ignorou o sinal de alerta. O suposto infarto só foi diagnosticado em fevereiro de 1939, quando Himmler ordenou a Von Gottberg que procurasse o dr. Fahrenkamp para se submeter a um exame detalhado. O relatório que Fahrenkamp enviou a Himmler descreve Gottberg como um cavalo de guerra bastante estragado: além do coração muito comprometido e do pé amputado, o médico constatou antigos ferimentos de guerra (uma bala na barriga, um tiro na coxa, uma ferida na parte superior do braço direito produzida por objeto cortante); como se não bastasse, aos 27 anos de idade, Von Gottberg tinha perdido dois dedos em um acidente de trabalho manejando uma debulhadeira.

Fahrenkamp formulou o resultado de seu diagnóstico da seguinte maneira: “Ele castigou o corpo de forma descomunal, ignorando acidentes, ferimentos de guerra e doenças mediante enorme dispêndio de energia.” Von Gottberg é quase “um exemplo a ser mostrado nas escolas para demonstrar o que um corpo seriamente maltratado ainda é capaz de realizar com a força da vontade”. Agora ele se encontrava em um estado psíquico tal, que um tratamento medicinal clássico prometia poucos resultados. “Não é adequado adotar um tratamento médico convencional no caso desse paciente. Com certas pessoas, o médico não obtém sucesso. [...] Na sua postura em geral, do ponto de vista psíquico, há o acúmulo de tanta coisa não resolvida que considero mais importante aliviar a psique do que tratar o corpo. O que proporcionaria um alívio psíquico para o

paciente seria uma conversa com o chefe dele.” Portanto, seriam “preocupações médicas” que teriam feito com que ele, Fahrenkamp, se dirigisse a Himmler com esse pedido.

A partir dos documentos existentes, não se sabe se Himmler manteve essa “conversa para alívio psíquico”. No final de 1939, Von Gottberg teve de assimilar outro duro golpe: apenas seis meses depois de Himmler tê-lo nomeado chefe provisório do Departamento de Terras, em Praga, passando-lhe assim a responsabilidade pela política de assentamentos no protetorado, Günther Pancke, chefe do RuSHA ordenou que se declarasse doente e abrisse mão de toda a sua responsabilidade.[139] A título de explicação, Pancke alegou que Von Gottberg afirmara que Walther Darré, ministro da Agricultura e até 1938 chefe do RuSHA, era “descendente de judeus”; além disso, perante “grande círculo de pessoas e em estado mais ou menos embriagado, expressou-se de forma megalomaníaca”, tratando seus funcionários “de modo humilhante” e passando informações erradas a ele, Pancke. Pancke ameaçou Von Gottberg de enviá-lo a um campo de concentração caso continuasse espalhando boatos. Na realidade, as razões para o desligamento de Von Gottberg eram complicadas: estava envolvido em um assunto financeiro e possivelmente se tornara vítima de uma intriga tramada por Darré.[140]

Himmler determinou que Von Gottberg fosse empregado como administrador de uma fazenda no Leste e que se mantivesse “totalmente afastado de qualquer ato político”[141] até o esclarecimento das acusações. Quatro meses depois, Himmler viu-se novamente obrigado a repreender Von Gottberg — que continuava no protetorado —, depois de seus dois filhos terem ateado fogo a um telhado: “Não acredito que a atitude infeliz de seus dois filhos mal supervisionados contribua para o fortalecimento da reputação alemã ou até do prestígio da imagem da SS no protetorado. Não se deixa crianças de 6 a 8 anos de idade brincarem com fósforos.”[142]

Mas, já em julho de 1940, Himmler revogou o “congelamento” de Von Gottberg e o transferiu para o Departamento Central da SS, onde ele em outubro assumiria o Departamento de Registros. Ao término do processo, as acusações contra ele foram consideradas infundadas, e quem teve de aturar uma enorme bronca de Himmler foi Pancke.[143] Em novembro de 1942, Von Gottberg se tornou dirigente SS e da polícia na Bielorrússia e, como ainda veremos, fez

carreira como chefe do Grupo de Combate Gottberg na guerra contra os partisans.

Von Gottberg é um exemplo quase perfeito do SS-Führer que se encontrava em dependência existencial praticamente absoluta de Himmler. Fisicamente acabado, alcoólatra, implicado em diversas transgressões e acusações, desenvolveu uma incrível necessidade de afirmação e "aprovação psíquica" que só Himmler podia preencher. Himmler sabia como manipular Von Gottberg: às vezes repreendendo-o ou removendo-o do cargo, outras vezes fechando um olho para seus erros e, seguidas vezes, dando-lhe a chance de se reabilitar.

Quando, em novembro de 1939, o Oberstleutnant a.D. (tenente-coronel reformado) Michner queixou-se ao representante do Führer de que o antigo *Gauleiter* de Viena, Odilo Globocnik, rompera inesperadamente o noivado com sua filha, o *Gauleiter* de Salzburg, Friedrich Rainer, veio apressadamente em auxílio de seu antigo companheiro de combate, Globocnik. Rainer pediu que se fosse complacente com Globocnik, levando-se em conta sua biografia especial a serviço do partido e do movimento; era preciso lembrar que "esse homem esteve o tempo todo na linha de frente e nos lugares mais perigosos dos combates na Ostmark [a Áustria pós-anexação], [...] ficou preso por mais de um ano durante esse tempo, passou períodos sem nenhum tostão no bolso, só vivendo da benevolência dos camaradas, adoeceu diversas vezes por conta de estafa e depois, após a libertação da Ostmark, empenhou-se de modo incansável nos preparativos do plebiscito e na reconstrução do partido para depois reassumir, novamente sem descanso prévio, o extremamente difícil *Gau* de Viena e, quando ameaçado de dispensa, lutou desesperadamente pelo reconhecimento de seu desempenho e pela sua honra pessoal, isso sempre carregando o problema particular que o afligia, que era a pressão exercida pela família Michner pelo cumprimento do compromisso de noivado".[144]

De fato, Globocnik havia sido afastado da posição de *Gauleiter* de Viena, em janeiro de 1939, em razão de sua administração individualista; daquela época pesava ainda um processo de auditoria financeira contra ele, em virtude de diversas negociações pouco transparentes, conduzido pelo severo tesoureiro do Reich do NSDAP, Franz Xaver Schwarz, e que só foi encerrado na primavera de 1941, não sem que Schwarz repreendesse Globocnik seriamente por seu comportamento à época.[145] Se Himmler não tivesse protegido Globocnik,

Schwarz dificilmente teria sido tão complacente. Himmler, que, sem levar em conta o caso, em novembro de 1939 nomeara Globocnik ao SSPF Lublin, escreveu a Schwarz que Globocnik teria de declarar “abertamente” que “nesse caso agi de modo insensato financeiramente e de maneira leviana na época da revolução”. O comportamento de Globocnik certamente não era “desculpável”, mas “em meu entender, a atitude dele não foi de modo algum indecorosa”.[146]

Nesse ínterim, Globocnik desenvolvia intensa atividade no distrito de Lublin.[147] A Selbstschutz (Unidade auxiliar) de Lublin subordinada a ele, cujo comando na primavera de 1940 ficou a cargo do antigo líder da Selbstschutz da Prússia Ocidental, Ludolf von Alvensleben, cometeu tantas atrocidades durante a AB-Aktion (operação extraordinária de pacificação), o assassinato sistemático de integrantes da elite polonesa, que até mesmo o governador-geral Frank falava do “bando de assassinos do SSPF de Lublin”.[148]

Em abril de 1941 — a auditoria contábil de Viena fora concluída havia pouco —, Globocnik procurou Himmler para tratar de assuntos particulares: ele tinha uma nova namorada (naquele meio-tempo o noivado da época de Viena havia sido rompido definitivamente), comunicou alegremente ao Reichsführer, e em julho pediu permissão para ficar noivo dessa mulher. Himmler delicadamente o lembrou do obrigatório requerimento de casamento, que “confiava” poder aprovar em breve.[149] Em agosto de 1941, Himmler ajudou Globocnik com a quantia de 8 mil Reichsmark, para que este pudesse liquidar o caso Michner — aparentemente tratava-se de dívidas com o ex-futuro sogro. Globocnik agradeceu pelo “auxílio” não reembolsável e assegurou a Himmler que faria “todo o possível para ser merecedor da sua confiança, Reichsführer”.[150]

E Globocnik manteria sua palavra: nos meses seguintes, se tornou a força motriz da Solução Final da Questão Judaica, no Governo-Geral. Desde o final de 1939 ele já vinha instalando um grande número de campos de trabalho forçado para judeus em “seu” distrito, Lublin. As abrangentes batidas organizadas por ele para coletar mão de obra judia, no entanto, provocaram graves problemas econômicos e deflagraram um conflito aberto entre ele e a administração civil.[151]

Em outubro de 1941, aparentemente por iniciativa própria, pediu autorização a Himmler para construir um campo de extermínio no distrito de Lublin, a fim de matar a população judia que não pudesse ser aproveitada no trabalho forçado. Por causa desse trabalho preparatório, seria incumbido por Himmler de executar

a assim chamada Aktion Reinhardt, o assassinato sistemático dos judeus do Governo-Geral. Além disso, em julho de 1941, Himmler nomeou Globocnik como seu representante na instalação das bases da SS e da polícia no novo *Ostraum* (espaço do leste). Ainda falaremos em detalhe de todas essas medidas de Globocnik — aqui estão em destaque a personalidade desse assassino em massa e sua relação pessoal com Himmler.[152]

No auge da Operação Reinhardt, em agosto de 1942, Globocnik se dirigiu novamente a Himmler com um assunto pessoal: sua namorada fora alvo de uma denúncia anônima. Em vista das reservas que Himmler já expressara anteriormente em relação ao namoro, Globocnik queria saber se deveria desmanchar o noivado. Himmler, que havia recebido um relatório negativo sobre uma aparição da noiva de Globocnik em um bar, respondeu que sim. Globocnik obedeceu.[153]

Uma avaliação de Globocnik de maio de 1943 deixa claro que seus superiores reconheciam claramente seu ativismo como problemático, mas que o aceitavam no interesse da "causa": "Dono de uma natureza intensa com todas as facetas de luz e sombra. Pouco preocupado com fatores externos, fanaticamente possuído pela sua missão, luta por ela até o fim, sem se importar com a própria saúde ou com possíveis agradecimentos. Um dos melhores e mais fortes pioneiros do Governo-Geral. Responsável, corajoso. Um homem de ação. Frequentemente, sua ousadia faz com que se esqueça dos limites impostos, não por ambição pessoal, mas no interesse da causa. Seu sucesso absolutamente fala por ele." No entanto também havia uma advertência: "É importante que o SS-Gruppenführer Globocnik se case logo para que encontre um polo fixo em uma mulher e em um lar nessa sua vida exaustiva e agitada de pioneiro. Isso certamente contribuiria para que o SS-Gruppenführer Globocnik leve uma vida mais doméstica e, com isso, amadureça para desempenhar funções mais importantes para as quais certamente é capacitado."[154]

Por causa dos constantes conflitos de Globocnik com a administração civil de Lublin, no verão de 1943 Himmler decidiu removê-lo de lá.[155] Em agosto de 1944, Globocnik — nessa época HSSPF na zona de operações da costa adriática, onde não só caçava guerrilheiros usando de enorme brutalidade, como também organizava deportações de judeus com a mesma energia — dirigiu-se novamente a Himmler com um assunto do coração. Comunicou que acreditava "ter

encontrado a garota com a qual o senhor, Reichsführer, me dará permissão de casar". Himmler concordou imediatamente em ser o padrinho de Globocnik; mas quando o casamento aconteceu, em outubro de 1944, realizado por Rainer, amigo deste, Himmler não pôde comparecer em virtude de compromissos, mas contribuiu para o aparelhamento do novo lar com um "serviço de jantar e de chá" para 12 pessoas.[156]

Já deve ter ficado evidente que Globocnik se tornou completamente dependente de Himmler e submisso a ele como um cão. Essa subordinação absoluta não só se manifestava no direito que ele dava ao Reichsführer de decidir sobre sua vida privada; o que ele queria mesmo era provar a Himmler que se mantinha quase em estado de prontidão absoluta. No entanto, a descomunal disposição para o serviço, o estilo de liderança impulsivo e brutal e a incapacidade, relacionada a isso, de estruturar uma vida privada que satisfizesse as exigências da SS envolviam-no inevitável e seguidamente em problemas, dos quais só uma pessoa podia livrá-lo: o Reichsführer Himmler.

25 *Einsatzgruppen*, unidades especiais que atuavam na retaguarda dos exércitos alemães principalmente no leste da Europa e na União Soviética e praticavam assassinatos em massa contra a população civil. Suas vítimas eram, sobretudo, os integrantes da inteligência política, comunistas e guerrilheiros, além das populações "racialmente inferiores", como judeus, ciganos e associais. Seus integrantes vinham das fileiras da polícia de segurança (Gestapo e polícia criminal), do SD, da Polícia de Ordem e da Waffen-SS, além de, não raro, contar com o apoio de voluntários locais.

## A família SS

“A SS é uma ordem nazista soldadesca de homens marcadamente nórdicos e uma comunidade juramentada de seus clãs. [...] A esposa, a mulher, de acordo com as nossas leis, faz parte dessa comunidade, dessa ordem da SS da mesma maneira que o homem. [...] É bom que algo fique muito claro: não teria sentido reunir o sangue bom de toda a Alemanha e sabiamente empenhar esse sangue bom em uma ideia para depois deixá-lo realizar casamentos e formar famílias como bem entendesse. Queremos, isso sim, criar uma nova nobreza para a Alemanha, uma aristocracia seleta que atravesse os séculos e que se complete repetidamente por meio dos melhores filhos e das melhores filhas do nosso povo, uma nobreza que não envelhece jamais, que retrocede na tradição e no passado valiosos, até os séculos mais antigos e que reproduza para sempre uma juventude para nosso povo.”[1] As declarações de Himmler de 1937 deixam claro que, na opinião do Reichsführer, a SS já se distanciara havia tempo da ideia de mera liga masculina. Em vez disso, o “clã” e seu “cultivo” ocupavam cada vez mais o primeiro plano.

Himmler já expusera essa ideia a Hitler em 1º de novembro de 1935 e registrara sua “total aprovação e reconhecimento”. Himmler explicara os planos detalhadamente: “Que sempre a metade ou dois terços dos novos admitidos sejam filhos de famílias da SS, para, desse modo, conseguir a peneiração, e, no mínimo, um terço provenha de famílias que não são da SS, para que jamais um sangue bom e destinado à liderança, além daquele da SS, esteja disponível de modo não controlado no meio do povo.” Também cuidou para que Hitler aprovasse,[2] palavra por palavra, a formulação programática de que a SS seria “uma ordem de homens marcadamente nórdicos e uma sociedade juramentada de seus clãs” — uma garantia típica de Himmler que deixa claro o quanto ele havia construído a própria posição e a posição da SS sobre uma lealdade absoluta em relação ao “Führer”.

Em outra ocasião Himmler afirma que a SS é “povo, raça, clã, sociedade, uma nobreza, da qual não se pode sair, na qual se é admitido pelo sangue e na qual se permanece de corpo e alma enquanto se viver nesta terra”.[3] Em 1943, em uma convenção de comandantes da Marinha, Himmler explica que a mulher do homem da SS “pertence a essa ordem da SS tanto durante a vida de seu marido quanto depois de sua morte. A mulher de um homem da SS, a viúva de um

homem da SS, jamais será excluída por nós. Ela pertence à SS após um ano e após dez anos, com seus filhos, e goza da mesma proteção e dos mesmos cuidados que não deixamos de dispensar ao clã".[4]

Evidentemente a SS continuou sendo, fundamentalmente, uma sociedade masculina,[5] mas a diferenciação de Himmler em relação ao modelo de uma associação puramente masculina — lembremo-nos de sua advertência de 1937 quanto a uma excessiva "masculinização do movimento nazista", que inevitavelmente levaria ao homossexualismo — fez com que as mulheres dos membros da SS fossem incluídas, ao menos perifericamente, no mundo SS: elas não só eram presenteadas pelo Reichsführer a partir do nascimento do terceiro filho,[6] como também privavam de seus cuidados e de sua supervisão de diversas maneiras.

## O procedimento quanto às licenças de casamento

Como dirigente da "ordem de clãs" SS, Himmler atribuía grande valor à escolha das esposas "certas", ou seja, daquelas que satisfizessem os critérios "raciais". Essa ideia aparece muito cedo em seus pronunciamentos. As bases para sua aplicação já haviam sido colocadas em 31 de dezembro de 1931 por meio da ordem de noivado e casamento.

Em 1934-1935, o procedimento para a concessão das licenças de casamento foi formalizado. O integrante da SS que quisesse se casar devia, antes, apresentar — inicialmente ao Departamento de Raça, e a partir de 1935 ao Departamento de Clãs do RuSHA — a árvore genealógica de sua família e da família da noiva, que retrocedesse até ao ano de 1800, além de um questionário devidamente preenchido e um currículo escrito à mão. Além disso, precisavam entregar declarações emitidas por dois cidadãos, fotografias que mostrassem o "requerente e a futura noiva de corpo inteiro, um ao lado do outro", além de fotos das famílias de ambos. Os dois deviam se submeter ao exame de um médico da SS, que depois emitia atestados tanto da saúde física quanto da saúde genealógica dos requerentes.[7]

O processo era demorado e trabalhoso. Já em virtude dessa demora, comprovou-se ser praticamente impossível fazer com que o noivado dependesse da autorização. Mesmo que isso desagradasse a Himmler, em muitos casos o requerimento vinha de homens da SS que já estavam noivos.[8] Se no decorrer do

processo se revelasse que a noiva não correspondia às expectativas da SS, que era “inadequada”, doente geneticamente ou estéril, e se o requerente se recusasse a desfazer o noivado, era obrigado a se desligar da SS. Em caso de dúvida, a “liberação da contratação do casamento era da própria responsabilidade” do requerente, o que implicava que a família não era recebida pela “comunidade de clãs da SS”, que deveria ser registrada em um “livro do clã” especial. No entanto, esse tratamento diferenciado de membros da SS no que respeitava à criação de uma “nova nobreza” tinha um defeito básico: Himmler nunca conseguiu se decidir a estabelecer os detalhes para a instituição do livro do clã.[9] A transformação da ordem masculina SS para uma “comunidade de clãs” por fim não passou de retórica, e a “seleção” biológica sistemática jamais ocorreu.

Caracteristicamente, a ordem relativa aos casamentos também era repetidas vezes ignorada, obrigando Himmler seguidamente a lembrar da sua vigência sob ameaça de punições.[10] Em março de 1936, reclamou que, vezes seguidas, os membros da SS só “requerem a autorização de noivado e casamento quando a futura noiva já se encontra no oitavo ou nono mês da gravidez”.[11] De modo geral, no entanto, as autorizações costumavam ser concedidas de modo relativamente descontraído.

Já em abril de 1935, o Reichsführer havia alertado os chefes de departamento de que “o critério em relação às noivas dos homens da SS por enquanto não pode ser muito rigoroso, porque nos cursos ainda não mencionamos quase nada sobre aquilo que queremos e aquilo que não queremos”. De todo modo, as ligações de muitos anos das quais eventualmente resultaram filhos deveriam ser respeitadas.[12]

Em julho de 1935, Himmler ampliou os critérios raciais existentes com a imposição de que todos os chefes SS de tempo integral, subchefes e soldados com menos de 25 anos só poderiam se casar se provassem ser capazes de sustentar a futura família (somente com o soldo da SS, isso não era possível).[13] Se o homem jovem da SS já tinha gerado um filho, Himmler autorizava o casamento, contanto que os parentes se comprometessem a ficar com a noiva “em sua casa e a cuidar dela”.[14] Em agosto de 1935, ele exigiu que as futuras esposas fizessem um curso sobre a maternidade.[15] No outono, ordenou que, antes da entrega da solicitação de casamento, todos os membros da SS deviam obter a permissão de seu respectivo superior;[16] em 1937, exigiu das noivas dos homens

da SS a obtenção da insígnia esportiva do Reich.[17]

Em relação a algumas petições, Himmler decidia basicamente de última hora: deveriam ser apresentados a ele todos os requerimentos de casamento de chefes SS, todas as recusas, bem como todos os requerimentos de casamento que envolviam mulheres que não detinham a cidadania alemã.[18] Durante a guerra, exigiu ver todos os requerimentos de casamento com alemãs étnicas de anterior cidadania polonesa,[19] com integrantes de povos "germânicos",[20] bem como com mulheres de "nacionalidade estrangeira".[21]

Isso na teoria. Na prática, o Departamento de Clãs não tinha a mínima condição de corresponder às altas exigências do procedimento. Repetidamente, o Departamento Central de Raça e Colonização se queixava de consideráveis "atrasos" no processamento das petições. Já em agosto de 1936, por falta de pessoal no Departamento de Clãs, Himmler se viu obrigado, até segunda ordem, a admitir candidatos que não podiam apresentar a árvore genealógica e a relaxar em relação às autorizações de casamento.[22] Em maio de 1937, já havia mais de 20 mil petições de casamento não processados.[23]

Himmler não teve opção a não ser afrouxar as rigorosas regras, especialmente no tocante aos afiliados da SS desde longa data — que, conforme o caso, deveriam solicitar a autorização de casamento posteriormente.[24] Em junho de 1937, determinou que já não se deveriam aplicar penalidades por violação da ordem do casamento.[25] Todavia, só no primeiro semestre de 1937, 308 membros já haviam sido excluídos da organização por esse motivo.[26] No final de 1940, Himmler decidiu prorrogar a decisão quanto à maneira de punir os casos de violação do decreto de casamento até o término da guerra. De acordo com essa instrução, nos anos seguintes não se tomou nenhuma atitude em relação aos integrantes da SS que descumpriram a ordem;[27] Himmler até determinou que os membros da SS que haviam sido dispensados por essa razão poderiam ser readmitidos, sob certas condições.[28]

Desconsiderando o fato de que o processo de autorização não era exequível do modo ambicionado, Himmler insistia em aperfeiçoá-lo. Em 18 de maio de 1937, decretou: "Quero que os membros da SS formem famílias alemãs saudáveis e valiosas em termos raciais. Por isso, as futuras esposas devem ser avaliadas de acordo com os mais rigorosos critérios de aparência, saúde e herança genética." Assim, os exames ginecológicos necessários devem

transcorrer da seguinte maneira: “Minucioso! Tratar as mulheres com delicadeza! A capacidade de procriar é avaliada pela aparência em geral, pela medida externa da pélvis, mas, sobretudo, por meio de cuidadosa, mas insistente investigação do histórico médico (doenças ginecológicas anteriores ou hemorragias, flúor, menstruação, inflamações, abortos etc.). Motivo para um exame interno — que, conforme o caso, só precisa ser retal — só existe se histórico médico ou os resultados levantarem suspeitas. Se as medidas externas da pélvis levantarem dúvidas, pode-se realizar medidas internas exatas e não invasivas mediante raios X.”[29] Em agosto de 1937, em uma determinação confusa, estimulou os jovens chefes SS de período integral: “Espero que se casem cedo.” Na frase seguinte, no entanto, constava que não se devia autorizar o casamento antes dos 25 anos de idade. Entre a pretensão e a realidade — nesse caso, as condições de vida relativamente humildes dos membros da SS — havia uma enorme diferença.[30] Em abril de 1938, Himmler surgiu com mais uma ideia: pediu ao RuSHA para analisar “se não seria possível incluir no questionário para as possíveis noivas dos homens da SS as seguintes perguntas: “As maçãs do rosto são fortemente pronunciadas? É possível perceber uma dobra mongol nas pálpebras?”[31]



*Como mais alto guardião da “Ordem dos clãs”, Himmler se esforçava por incluir também as mulheres nas “Famílias-SS”. Não havia uma separação precisa entre vida privada e vida profissional, nem para Himmler nem para seus homens. Nesta foto de grupo em um casamento SS, vê-se Himmler à direita, ao lado da noiva; à sua esquerda, o chefe do Departamento de Raça e Colonização, Walther Darré; atrás deste, o chefe do Estado-maior pessoal de Himmler, Karl Wolff.*

Durante a guerra, o processo de autorização de casamento ficou muito menos complicado. Já em 1º de setembro de 1939, Himmler ordenou que em caso de

mobilização, o procedimento deveria ser abreviado de tal forma que o RuSHA pudesse conceder a sua autorização “em poucas horas”.[32] Em janeiro de 1940, decretou que os documentos que normalmente deveriam ser juntados à petição, no caso de “autorização temporária” do casamento, podiam ser entregues quando do término da guerra.[33]

Mais tarde, em março de 1943, Himmler confessou ao Obergruppenführer Udo von Woyrsch, HSSPF de Elbe, que: “No início da guerra, colocava-se para mim a grande questão: ou eu favorecia maciçamente a possibilidade e a vontade em relação ao casamento, sem que, durante a guerra, quando o foco total é o treinamento para combate, pudesse dar aos meus homens suficientes instruções sobre as leis de raça, experiência de vida e todas essas coisas que são necessárias para uma união adequada entre duas pessoas, ou mantinha os rigorosos critérios de seleção, negando a autorização de casamento a uma infinidade de petições. Nesse caso, teria instituído um incrível freio na disposição para o casamento, especialmente no caso do jovem soldado do front. Por isso, decidi limitar as formalidades, incentivar maciçamente o casamento e simplesmente tolerar as desastrosas escolhas de muitos homens da SS, que ocorrem em medida muito maior durante a guerra do que em época de paz.”

O mais importante, continuou Himmler, “que posso e quero conseguir é que, na medida do possível, cada homem da SS tenha um filho antes de morrer em combate”. Se com isso o número de crianças “for maior no todo, então eu — falando em termos de procriação — não vejo alternativa a não ser tolerar os filhos ilegítimos que irão nascer das massas”. Justamente na guerra valeria o princípio: “Melhor um filho qualquer, do que filho nenhum.”[34]

Alguns meses depois, Himmler voltou a destacar esse ponto de vista quando o chefe do Departamento de Casamentos, o SS-Brigadeführer Otto Heider, sugeriu, justamente por causa dos inúmeros pedidos de casamento que ainda não satisfaziam as altas exigências raciais da SS, que Himmler finalmente passasse a influenciar pessoalmente a escolha das parceiras dos homens da SS e, com isso, desse início à “criação”. Himmler mandou responder que Heider podia ter certeza de que ele “estava completamente consciente dessa questão”. Que seria “uma de nossas tarefas primordiais em tempos de paz, por meio da instrução e do doutrinamento, levar todos os jovens homens da SS a fazer a escolha certa quando se tratar das futuras esposas e mães de seus filhos. [...]”, mas que durante

a guerra isso não era possível. Para o Reichsführer seria muito mais importante "que o homem da SS se reproduza de qualquer maneira do que proibir o casamento com uma noiva escolhida às pressas e, com isso, coibir a descendência".[35]

Em 1941, o Departamento de Clãs constatou que, desde 1931, ou seja, desde o anúncio do decreto do casamento, haviam sido tomadas mais de 40 mil "decisões provisórias", das quais o departamento, em razão de sobrecarga, pôde concluir retroativamente mero 1%.[36] Basicamente, essa situação não melhorou: ao contrário, no primeiro semestre de 1942, juntaram-se outros 5.590 pedidos que foram processados em caráter "provisório". Em janeiro de 1942, o Departamento de Clãs emitiu 522 decisões: 18 aprovações, nove recusas, 43 "liberações sob responsabilidade própria". Foram liberados 452 processos em caráter meramente "provisório".[37]

Enquanto isso, no outono de 1941, Himmler exigia que nos relatórios de exame também constassem "a forma das pernas", isto é, conforme o esquema "retas, em forma de O, em forma de X", classificadas pela categoria "leve, médio e forte".[38]

## Himmler avalia e decide

Sempre que Himmler avaliava pessoalmente os pedidos de casamento, não se limitava a negar ou aprovar. Gostava de aproveitar a oportunidade para interferir profundamente e de forma duradoura nas relações pessoais dos seus homens e suas parceiras. As reações e comentários lançam luz sobre sua postura em relação ao sexo oposto, sobre sua relação com a sexualidade — e, por fim, sobre a condição de seu próprio casamento.

Em agosto de 1940, Himmler tinha diante de si a petição de casamento de um homem da SS que queria se unir a uma moça tcheca que fora classificada como sendo "de boa origem racial" pelos examinadores de raça. Himmler avaliava o caso a partir do aspecto fundamental, ou seja, racista. "Do aspecto puramente nacional", escreveu ao HSSPF Von dem Bach-Zelewski, um casamento desse tipo certamente deveria ser recusado, mas, por outro lado, do "ponto de vista de raça, a escolha do homem da SS foi absolutamente correta, pois seria bom retirar essa mulher de boa raça do povo tcheco e integrá-la ao povo alemão como mãe de sangue nórdico." Para que isso fosse possível, o casal deveria se mudar para o

território do Reich e, durante um bom tempo, não retornar à terra natal da noiva.[39] Ele só resolveria esse caso em definitivo após o final da guerra.[40]

Ao conceder licenças de casamento envolvendo mulheres de “outro povo”, ou de antepassado étnico alemão levemente duvidoso,[41] Himmler frequentemente impunha que o futuro casal deixasse os territórios complicados, ocupados ou anexados ou que tivessem uma mistura étnica politicamente problemática, e se mudassem para o território do velho Reich. No entanto, as condições de Himmler podiam também ser bem mais severas. O Rottenführer G., membro da tropa de guarda do campo de concentração de Dachau, entrou em 1942 com o pedido para se casar com a mãe de seus três filhos, Lucie B. Ambos eram do Warthegau.26 Himmler, até segunda ordem, não autorizou o casamento porque a mulher “não tem condições de educar os filhos de G. em língua alemã. G. deve culpar a si próprio porque não foi capaz de ensinar à senhora B. — filha de pai alemão e mãe polonesa — o domínio e o uso fluente da língua alemã”.

Mas Himmler deu uma chance à contratação do casamento, contanto que a senhora B. e seus filhos se submetessem a um programa de “germanização”, que Himmler desenvolveu em detalhes: as crianças deveriam ser transferidas imediatamente pelo RuSHA para uma “instituição infantil alemã”, onde a “pura educação alemã e em geral” deverão ser supervisionadas. “Um chefe SS do Departamento Central de Raça e Colonização que estiver próximo da instituição deve ser pessoalmente responsabilizado pela supervisão das crianças e por suas visitas. Ele deve se ocupar das crianças da forma mais simpática — assim como um tio dos seus sobrinhos e sobrinhas. A mãe B. deve — se realmente quiser se casar com o pai de seus filhos — frequentar a escola para mães da Associação de Mulheres Nacional-Socialistas durante um ano.” Só quando obtiver uma avaliação positiva dessa entidade, poderá se casar com G. E Himmler ainda acrescentou: “G. deve ser informado sobre essa minha decisão pelo seu comandante em uma longa conversa, muito positiva, pessoal e simpática.”[42]

O Obersturmführer Adalbert K., da divisão Totenkopf, foi transferido “imediatamente para o leste” por ordem de Himmler, pelo fato de que dera entrada a uma autorização de casamento com uma moça que “até tinha boa aparência”, mas provinha de uma família tcheca extremamente nacionalista.[43] Nesse caso, Himmler decidiu claramente a partir da “perspectiva nacional”. Também no caso da petição de casamento do Hauptsturmführer Dieter

Wisliceny, que fora o principal encarregado da deportação dos judeus eslovacos, gregos e húngaros, o Reichsführer era da opinião de que “decisivo era o fato” de que a noiva, de “boa raça”, tivesse “a postura correta em relação à Alemanha”, e menos o fato de ela se declarar de “etnia húngara”.[44]

Himmler reagia irritado quando o pretendente só dava entrada no pedido de casamento quando a noiva já estava prestes a conceber. Em fevereiro de 1943, Himmler participou ao requerente que um comportamento dessa natureza era “temerário e indigno de um cavalheiro” e rogava que o faltoso “compense a atitude imprudente mantendo um casamento decente e honroso”.[45] Um Oberscharführer que engravidara uma moça em virtude da herança dela e que agora pedia permissão para se casar foi expulso da SS.[46]

Quando a noiva tinha “dificuldade para ter filhos”, Himmler não deixava de intervir mediante conselhos e atitudes. Assim, em julho de 1941, a senhora F. recebeu a seguinte notificação do Estado-maior pessoal do Reichsführer-SS: “Já que, com base nos exames até agora realizados, não se pode esperar que a senhora consiga gerar filhos, o Reichführer-SS ordenou que antes da autorização definitiva para o casamento a senhora procure o prof. dr. Clauberg [...] para realizar um tratamento hormonal.” Os custos seriam absorvidos pela SS.[47] Depois que o tratamento se mostrou bem-sucedido, Himmler autorizou o casamento.[48]

Frequentemente Himmler obedecia ao seguinte princípio: primeiro filhos, depois casamento. Como ele formulava, o “próprio destino” deve decidir.[49] Aparentemente Himmler gostava de insistir nesse princípio especialmente quando o pai em potencial vinha dos assim chamados círculos melhores. Por exemplo, havia o caso do Staffelmann Adrian Graf A., integrante da Tropa de Propaganda que, na opinião de Himmler, era um “sujeito um pouco estranho e a noiva me parece ser ainda mais esquisita”. Himmler concluiu: “Um casamento com autorização da SS, na idade dele, só faz sentido quando a mulher tem alguma perspectiva de gerar filhos. No caso dessa mulher, isso parece ser mais do que questionável.” Assim, existia “só uma opção, que o sr. Graf já se esforce antes do casamento. Se tiver sucesso, terei a maior satisfação em conceder a autorização. Essa prova, realizada inúmeras vezes em incontáveis fazendas alemãs, poderia obter sucesso até mesmo em uma casa de tal nobreza”.[50]

Himmler procedeu do mesmo modo em 1942, no caso de Franz Alfred Six,

chefe do Estado-maior no Gabinete Central de Segurança do Reich. Ele pediu que comunicassem a Six, em seu nome, que “ele só poderia liberar o casamento quando se tiver certeza de que a noiva está grávida. O Reichsführer-SS deseja que essa conversa transcorra de maneira muito simpática e que seja esclarecido ao SS-Hauptsturmführer Six que a noiva teve sífilis em 1928 e que, como ele mesmo sabe, um casamento sem filhos não fazia sentido para ele”.[51]

Quando um requerente, na opinião de Himmler, cometia um grave equívoco na escolha da noiva, corria o risco de sofrer sérias consequências. Em 27 de setembro de 1942, Himmler pediu a Hans Jüttner, chefe do SS-Führungshauptamt (quartel-general de operações das SS), que ordenasse que o SS-Hauptscharführer Konrad H. se encontrasse com ele para que pudesse lhe dizer “acho que não está em seu juízo perfeito por escolher essa moça tcheca toda empetecada, a srta. Emma B. Por meio dessa escolha, H. mostra claramente que é o principal responsável pelos dois divórcios de sua vida. Além disso, também deixa claro que nem de longe entendeu ainda os princípios da SS”. Além disso, Himmler exigiu que Jüttner tomasse as providências para que “o senhor H. seja transferido para o ar fresco do front, onde poderá se curar dessa loucura amorosa”.[52]

Em 17 de junho de 1943, Himmler escreveu a Kaltenbrunner pedindo-lhe que informasse ao SS-Sturmbannführer Wilhelm B., secretário criminal na Gestapo da Alsácia, que seu pedido de casamento — o homem de 38 anos queria se casar com uma mulher bem mais velha, a sra. Z. — fora indeferido. E ao requerente deveria ser dito o seguinte: “Manterei a recusa, já que considero seu casamento, como homem alemão de 38 anos, com uma mulher de 50 anos, tão irresponsável quanto sua posição de não querer se casar mais uma vez em virtude de uma decepção amorosa que teve. [...] Até agora o senhor não foi enviado ao front e, por isso, como todos nós a quem o destino deu essa oportunidade, deve se esforçar para que o sacrifício de várias centenas de milhares de pessoas não tenha sido em vão, e para que os lugares que eles deixaram vazios na população sejam preenchidos futuramente por crianças.” Logo depois dessa notificação, B. deveria ser enviado imediatamente “ao pior território em que ocorre o combate aos bandidos e ficar por lá durante dois anos, até que tenha amadurecido ou até que seja mandado ferido ao hospital”.[53]

Himmler também sabia se mostrar condescendente. Em alguns casos, como,

por exemplo, a pedido de uma noiva por carta, podia ser convencido a reconsiderar a decisão anterior de proibir o casamento.[54] Houve um outro caso em que Himmler soube que a noiva de um SS-Sturmführer tinha traído o parceiro. Impôs a ela um ano de "análise pessoal", durante o qual deveria ser gerada uma criança; depois disso, autorizaria o casamento.[55]

Frequentemente os conselhos e as exigências de Himmler se estendiam, como já sugerido antes, à vida íntima do casal. Ele, por exemplo, pediu que se notificasse uma noiva de que, embora o pedido tenha sido aprovado, ela deveria marcar uma consulta com o médico da SS, Brustmann, por causa de seu excesso de peso, que possivelmente estava relacionado ao "mau funcionamento glandular".[56] A um Untersturmführer, cujo casamento ele aprovou, ainda assim mandou dizer: "Na opinião do Reichsführer-SS, a noiva de B. não parece ser adequada como bonequinha de luxo de um homem da SS."[57] Ao Obersturmführer K., por outro lado, recomendou que "sua noiva não deve se pintar dessa maneira. Isso não é costume na SS".[58] Em compensação, o canhoneiro Richard A. deveria sugerir à noiva "para puxar as sobrancelhas ainda mais para baixo, para ficar mais bonita [...]".[59]

Parece que o gosto feminino pelos cosméticos era um assunto delicado. Himmler só queria autorizar o casamento do homem da SS, B., se a noiva engravidasse, já que B., apesar do tempo de noivado de quatro anos, ainda não conseguira que a noiva perdesse o hábito de se "maquiar e de se enfeitar".[60]

Ao Rottenführer Z., por outro lado, recomendou que "além do filho que a noiva está esperando, não tenham outros. Acredito que essa seria a melhor solução, já que, de outra maneira, há o perigo para ambos de se casarem com parceiros saudáveis, mas mesmo assim, em razão das próprias deficiências, terem filhos não saudáveis".[61] A duas pessoas que queriam se casar, mas em cujo caso se constataram graves deficiências genéticas de ambas as partes, ele deu o conselho, que tinha a intenção de soar simpático, de se casarem, mas "ao mesmo tempo, providenciar a sua esterilização".[62]

O Reichsführer também se reservava o direito de fazer correções nos resultados dos exames de investigação racial. No caso de uma moça avaliada como "mestiça desequilibrada" com "componentes raciais tanto do Báltico Oriental quanto do Ocidental, além de uma mistura dinárica", Himmler constatou, depois de analisar a papelada: "A moça tem 1,68 metro de altura,

portanto, a estatura de uma mulher que deixa presumir um sangue absolutamente nórdico. A pele é branco-rosada, característica que não é representativa para as raças bálticas ocidental ou oriental nem para a raça dinárica. A cabeça é de largura mediana-oval, não há ossos malares proeminentes. A parte posterior da cabeça é mediana e os olhos são esverdeados.”[63]

Em outra ocasião, concluiu que, “pelo rosto, a srta. X. é tipicamente eslava”, e recomendou ao examinador, um Oberführer Berndt, “que tivesse uma aula sobre características raciais”. Acredito que a sua avaliação de 16 de fevereiro de 1943 se baseia mais em falta de conhecimento do que em excesso de preocupação por uma camaradagem mal compreendida. Descobrir na srta X. um componente racial predominantemente dinárico com influência báltica é mais do que estranho. Aqui seria de se observar sobretudo que o SS-Oberführer Berndt, em sua primeira aula de reforço de ciências raciais, aprendesse que em linguagem científica só se conhece uma raça báltica oriental.[64]

Em fevereiro de 1940, Himmler criticou: “O relatório de saúde da srta. L., que foi examinada em 18 de dezembro de 1939 por um médico da SS, dr. M., me parece bastante estranho e de viés absolutamente provinciano. Para mim é incompreensível que uma mulher de 30 anos de idade, 1,74 metro, 65 quilos, além disso, de pele branco-rosada, olhos acinzentados, cabelos loiro-claros e lisos e, pela porcentagem de raça, considerada predominante nórdica, cause uma impressão tão moderada ao médico. A meu ver, esse médico da SS que examinou a srta. L., não a avaliou como médico, e sim como burguês de Insterburg.” É que Himmler suspeitava que a mulher, que queria se casar com um médico da SS que ainda era casado, tornara-se vítima de fofocas de cidade pequena. “Se essa mesma moça”, ele continuou estendendo a suspeita, “tivesse procurado o médico sem mencionar seu nome, ele provavelmente teria tido uma impressão melhor. Mas como não foi assim, certamente todas as futriqueiras da Prússia Oriental sabiam do que se tratava”. Himmler se deu o direito de demitir o médico por incapacidade.

Himmler aproveitou esse ensejo para fazer preleções básicas sobre o sentido do casamento e da permissão de separações “decentes”: “Conheço perfeitamente as ideias do Führer sobre essa questão. [...] Quando um casal se separa, não faria sentido evitar que um outro casal se formasse, para que dessa união de fato resultem filhos. Aqui nesse caso peço que as avaliações se amparem em

reflexões mais profundas quanto ao sentido das leis do Führer e das leis promulgadas no tempo do Führer, como é o caso da nova lei da separação, e que não se mantenham presos a uma linha de pensamento essencialmente cristã.” E acrescentou: “As pessoas devem fazer o que têm de fazer de forma decente e honrosa e, portanto, em minha opinião, não é preciso enfatizar que quando os casais acham que já não combinam, também devem poder se separar com igual decência e honradez.”[65]

Himmler recusava as petições de casamento de homens da SS que queriam se unir a mulheres consideravelmente mais velhas sempre se não houvesse perspectiva de filhos. Nesses casos, ele pedia ao superior do requerente que — conforme formulou em um caso típico — o informasse “de um modo simpático e camarada, [...] que ele não considera o casamento com a srta. X. sustentável do ponto de vista étnico-nacionalista”.[66] Mas a recusa também podia ser transmitida de modo menos “agradável”: “Depois que R. foi desencorajado a se casar com uma mulher de 43 anos de idade, ele agora quer se casar com uma mulher de 42 anos e meio. Reconheço que ele melhorou em meio ano mas, honestamente, considero a inclinação dele nada menos que bizarra. Sua justificativa, de que é velho demais para ter filhos, mostra que R. ainda não conhece a postura e a visão que um homem da SS deve ter em relação a esses fatos da vida.”[67]

Se já existia um filho, ou a mulher estava grávida, seu julgamento era mais ameno: “É evidente que um casamento em que o homem é muito mais jovem que a mulher é indesejável, já que a consequência é que muito em breve a mulher irá parar de conceber — e isso em uma idade em que o marido ainda pode gerar filhos —, sendo muito grande a chance de um divórcio. Mas em época de guerra, quando o soldado, em virtude da curta duração de suas férias, não tem muito tempo para ficar escolhendo, defendo que o casamento com uma mulher que já espera um filho dele deve ser aprovado, ignorando-se qualquer possível reserva.”[68]

No caso do Oberscharführer Willy M., Himmler só queria autorizar o casamento com uma mulher 11 anos mais velha se ela confirmasse estar “inquestionavelmente” grávida. Aliás, dessa vez Himmler determinou que o requerente fosse a Berchtesgaden para lhe comunicar a decisão pessoalmente e para repreendê-lo “severamente” pela “postura imatura e insolente” mostrada no decorrer do processo.[69] Para poder avaliar melhor a chance de uma gravidez em

um caso dessa natureza, em agosto de 1942 Himmler dirigiu-se ao chefe da Lebensborn e pediu-lhe para “constatar de uma forma adequada quando as mulheres que conceberam na Lebensborn tiveram a sua primeira menstruação e até que idade poderiam ter filhos”.[70]

Em 1942, Himmler autorizou o casamento de um Unterscharführer de 17 anos com uma mulher 14 anos mais velha — grávida de um filho dele —, “apesar de sérias reservas” e não sem dar um conselho pessoal ao requerente: “O senhor e sua noiva devem se conscientizar, no entanto, de que no máximo em dez anos esse casamento será submetido a uma dura prova de solidez, já que a curva de vida do homem e da mulher, do ponto de vista puramente biológico e segundo as leis da natureza, se distanciam. Celebrem esse casamento, se estiverem convictos de que em dez anos a noiva e futura esposa terá a grandeza humana que o destino inevitavelmente exigirá dela. Já hoje lhes concedo a autorização de me procurar, caso surjam problemas e se o destino me mantiver vivo, em busca de alguma solução.”[71]

Em outro caso em que também, em 1942, Himmler havia dado parecer negativo à petição de casamento de um Hauptscharführer (sargento-mor), mudou de opinião depois de a mulher, considerada velha demais, ter-lhe enviado uma carta pessoal. Ele respondeu que ficou feliz sobre a “decência” da carta e, principalmente, pela disposição da mulher de “liberar” o marido “imediatamente e sem reservas, caso em algum momento isso se fizer necessário para a preservação do povo”. E prosseguiu em tom mais pessoal: “Consigo muito bem imaginar como a senhora se sente. Só lhe peço, considerando o grande amor que a une a esse homem, que fique ciente de que chegará o momento em que o destino, pela lei da natureza, romperá os fios com que envolveu vocês dois, ou o momento em que a senhora, com bondade compreensiva, terá de ser muito altruísta. Por mais belo que seja o pensamento de adotar outras crianças, na maioria dos casos, com todo o cuidado e amor que o seu marido também sentirá por essas crianças, elas não podem substituir o filho de próprio sangue que ele mesmo poderia gerar.”[72]

O momento dessa carta não deve ter sido mera coincidência. Himmler, que se casara com uma mulher bem mais velha, obviamente conhecia os problemas descritos, por experiência própria. Em todo caso, em 1942, Himmler se tornou pai de um filho ilegítimo.[73]

Qual era afinal a razão da minuciosa análise de casos individuais, das imposições com suas consequências abrangentes se, como vimos, o procedimento era preponderantemente uma farsa e Himmler não estava realmente disposto a manejar esse sistema de modo tão rigoroso que se tornasse um enorme obstáculo ao casamento de seus homens?

De um lado, os exemplos aqui apresentados mostram que Himmler acompanhava os processos com nítido interesse voyeurista, como se comprova sobretudo pela sua avidez obsessiva por detalhes e, não menos importante, a acentuada curiosidade em relação à anatomia feminina. Aparentemente, dava-lhe satisfação meter-se nos assuntos pessoais de outros e brincar de dirigir com mão firme o destino alheio — como já havia feito quando jovem. Vale lembrar, nesse contexto, das cartas de amor que ele escrevia a pedido de um amigo, bem como do "caso Paula", de 1923, quando Himmler provocou o rompimento do noivado de seu irmão Gebhard. Novamente suas inclinações pessoais correspondiam ao modo como percebia as suas atribuições como Reichsführer; por outro lado, o procedimento das autorizações de casamento lhe oferecia ainda uma outra possibilidade, a de disciplinar e educar seus homens. Na ordem de clãs da SS, o casamento certamente não era um assunto privado, nem sua condução, como ainda veremos.

## Himmler intervém

Na análise das petições de casamento, por exemplo, Himmler dedicava atenção especial a eventuais sentenças de divórcio. Se seus homens se tinham portado de forma "desonrosa" na separação do antigo casamento, as consequências eram terríveis. No caso do Obersturmführer C., que queria se casar de novo, não agradou a Himmler o fato de que, no pedido de separação, ele colocara toda a culpa na mulher, embora o casamento estivesse visivelmente arruinado. Mas não ficou só nisso: "A meu ver, é desonroso e ultrajante que um homem da SS exija que a mulher mantenha relações sexuais pouco tempo antes de dar à luz." Além disso, teria constatado que C., "em termos raciais, apresenta uma característica estranha (só aponto aqui a formação da boca)". Himmler decidiu que C. "deve ser demitido da Waffen-SS e da SS Geral assim que a paz for restaurada", mas que por ora — ou seja, "imediatamente" — "deve ser enviado ao front para servir em uma divisão de artilharia antiaérea da Waffen-SS".[74]

No caso do Oberscharführer H., da Waffen-SS, Himmler se aprofundou na leitura de duas sentenças de divórcio contra ele, nas quais ficava claro que “ele xingou e maltratou a mulher”. Himmler ameaçou: H. deveria “se conscientizar” de que “irei intervir se ele, em seu terceiro casamento, agir do mesmo modo com a nova esposa”. Um tal comportamento não só levaria a um novo divórcio, como significaria “um ano de educação e persuasão” pelo Reichsführer, “para refrear seu temperamento irascível e ensiná-lo a se controlar e a ser bondoso com as pessoas, algo imprescindível para a vida em comunidade”.[75] No outono de 1939, Himmler demitiu o comandante do campo de concentração de mulheres de Lichtenburg, Tamaschke, porque ele foi negligente em relação à própria mulher.[76]

Em novembro de 1937, declarou aos SS-Gruppenführer: “Se tem mais uma coisa para a qual não tenho compreensão é quando percebo que esse ou aquele dirigente — percebi isso outro dia no caso de um Standartenführer ou Oberführer — é um grande banana. Eu já disse muitas vezes: os chefes que não são capazes de dirigir um bando, ou seja, a si mesmo e à esposa, também não são capazes de algo maior.” Himmler apelou aos Gruppenführer para que se ocupassem desse tipo de “heróis”.[77]

De vez em quando, ele mesmo se encarregava disso. Por exemplo, o Brigadeführer Hermann Behrends foi intimado a “assumir o controle [...]” no tocante ao seu casamento;[78] também Günther Pancke, seu HSSPF na Dinamarca, foi obrigado a escutar que sua mulher, que vivia em Braunschweig, tinha um estilo de vida muito extravagante. “Além disso, eu lhe peço que eduque sua mulher a não manifestar aberta e claramente a opinião dela sobre esse ou aquele processo político, ou sobre o próprio *Gauleiter*, nos lugares que frequenta. Além do mais, não acho necessário que, após cada ataque a Braunschweig, o senhor venha voando de carro da Dinamarca só para ficar disponível, como um bom marido obediente. O senhor não tem ideia dos comentários que isso gera na comunidade!”[79]

Pancke ficou profundamente ofendido com essa repreensão, na sua opinião injusta, e reagiu com uma carta irada e cheia de autoconfiança: “Minha mulher é nazista desde jovem, acredito que ela, hoje com 35 anos e quatro filhos, seja madura e experiente o suficiente para não precisar mais da minha educação e orientação.”[80]

A raiva de Pancke não era por acaso, pois as críticas ocasionais de Himmler à postura das esposas eram dirigidas essencialmente aos próprios chefes SS que alegadamente não conseguiam educar e controlar suas mulheres como Himmler desejaria: “Desaprovo uma série de atitudes das mulheres dos chefes SS em público”, Himmler declarou por exemplo aos Gruppenführer em 1936: “Não gosto que as mulheres da SS andem por aí maquiadas.” Porque a maquiagem seria “a tendência inferiorizada de raças inferiores [...]. E nossas tolas mulheres na Alemanha, em especial as de boa raça, acham que têm de imitar essa moda estúpida. Sou da opinião de que quem se pinta de forma vulgar — nunca sou mesquinho nisso —, quem se arruma como se fosse um meio-sangue, não percebe que assim está negando o próprio sangue bom e de alguma maneira o está exibindo como que para fazer parecer que é bom.[...] Em todo caso, se eu me confrontar com casos exagerados no nosso meio, pretendo falar com essas mulheres a respeito”. E ele também não gostava que as mulheres da SS fumassem em público. Além disso, em Berlim, “nessa lama e cova comum de nosso povo”, teria lhe chamado a atenção o fato de que, “nas grandes festas nacionais, as filhas de membros do partido, às vezes também de membros da SS, de 16 a 17 anos de idade, já se comportam como adultas. [...] Insisto em pedir que, se não quisermos criar uma geração de imprestáveis, especialmente os chefes SS em posições importantes eduquem os filhos de modo simples e espartano. [...] Isso vale também para os filhos homens”.[81]

A intromissão de Himmler no casamento de seus homens podia tomar proporções extremas. Assim, por exemplo, com Erwin Rösener, o HSSPF Alpenland: em abril de 1942, ele se dirigiu a Wolff com o pedido de que comunicasse cuidadosamente a Himmler que seu segundo casamento também fracassara por conta de uma paternidade ilegítima iminente, e ele tinha vergonha de “ficar diante do Reichsführer e lhe dizer: Reichsführer, cá estou eu pela segunda vez e lhe trazendo esse aborrecimento”.[82] Depois da consumação do divórcio e de Rösener estar novamente casado, Himmler se aproveitou de sua vulnerabilidade e realmente passou a supervisionar seu casamento. Recomendou-lhe que viajasse a Berlim ao menos uma vez ao mês para “administrar a vida de casado”; Himmler deixou indubitavelmente claro que não “assistiria a um terceiro naufrágio”.[83]

Em 1943, o SS-Gruppenführer da polícia Herbert Becker, de 56 anos de

idade, teve de se pronunciar quanto a uma possível relação lésbica na qual a mulher estaria envolvida; Himmler estava em posse de cartas particulares que levantavam essa suspeita. Becker contestou a acusação energicamente em uma carta de três páginas e assegurou a Himmler que, depois de uma longa conversa com a mulher, ambos decidiram não acabar com o casamento, como inicialmente planejado, mas "voltar a manter uma vida conjugal clara e baseada nos princípios do nazismo".

Himmler estava aliviado. Escreveu a Becker que lamentava ter acusado sua mulher injustamente e manifestou a esperança de que "seu casamento [...] talvez ainda adquira, quem sabe com o nascimento de filhos, o verdadeiro e permanente sentido e conteúdo". Himmler também logo sugeriu um ginecologista que poderia ajudar em caso de possíveis complicações.[84]

**Nascimentos ilegítimos**

Nos anos de 1936 e 1937, Himmler se ocupou com incrível frequência de diferentes aspectos da sexualidade, como fica claro em diversas declarações. Já mencionamos antes que em um seminário de Gruppenführer, em fevereiro de 1937, ele fez um alerta insistente quanto aos perigos da homossexualidade resultante de uma excessiva "masculinização" do movimento nazista. À época, havia recomendado, a título de proteção dos jovens rapazes de 16, 17 anos de idade, o maior grupo "de risco", promover o contato natural desses jovens com as moças da mesma idade (aulas de dança!), mas ao mesmo tempo alertou que com isso também se estaria facilitando o relacionamento sexual precoce entre os adolescentes.

Parece que nos meses seguintes ele continuou se ocupando intensivamente dessa questão. O que haveria de acontecer com os jovens alguns anos mais velhos? Em junho de 1937, Himmler teve a oportunidade de apresentar o resultado de suas reflexões e pesquisas perante um grêmio especialmente competente, um conselho de especialistas para questões de política populacional e racial.

"Tentamos entender", explicou Himmler, "na polícia e também em nossos departamentos, qual poderia ser de fato a situação real; com que idade os jovens alemães, tanto as moças quanto os rapazes, se tornam sexualmente ativos? [...] Somos quase todos de famílias burguesas e em algum momento queremos sair

de nossa educação burguesa protetora e dar uma olhada no mundo, e então concluímos que as coisas são totalmente diferentes de como todos aprendemos e como talvez gostaríamos que fossem. Aos 22 anos, a maioria dos homens — refiro-me a números bem realistas — já esteve com uma moça. Qualquer oficial ou soldado poderá confirmar isso."

Aqui Himmler se permitiu um pequeno devaneio que elucida em que medida ele rompera com a antiga autoestilização como homem celibatário — isto é, o quanto ainda se esforçava por se distanciar desse ideal de sua juventude: "Por outro lado, fato é que são justamente os melhores soldados aqueles que tiveram ou têm muitas aventuras com as garotas. Também percebemos no movimento, nos tempos de luta, que aqueles com virtudes exemplares nem sempre eram os melhores combatentes."

Mas esse não era seu tema principal: "O que se conseguiu constatar é que a vida sexual está ativa — o meio também é determinante, claro — entre os 18 e 21 anos no caso do rapaz, e aos 25 anos no caso da mulher." Então, o que fazer? A solução ideal, segundo Himmler, certamente seria casar cedo. Apesar disso, sabia que a maioria dos homens e mulheres jovens não tinha condições econômicas de formar uma família, motivo pelo qual ele havia proibido o "casamento precoce" aos próprios homens (oficiais). Realisticamente falando, portanto, era preciso encontrar outra solução: a tolerância das relações sexuais antes do casamento e o nascimento de filhos ilegítimos. (Obviamente nas declarações de Himmler a esse respeito não encontraremos a palavra contracepção.)

Diante do comitê de especialistas, ele analisou o problema: "Acabei chegando à seguinte conclusão: com todas as perspectivas morais até o momento, em que se diz: sim, mas isso não deve acontecer antes do casamento!, não chegaremos a nenhum lugar." Afinal, Himmler, como a mais alta instância das autorizações de casamento na SS, tinha experiência relevante na área: "As petições de casamento dos homens da SS passam pela minha mesa e diariamente examino mais de vinte solicitações, porque quero estar familiarizado com a prática. [...] Todo casamento recusado na SS foi avaliado por mim pessoalmente, para evitar que, durante as primeiras décadas, enquanto não se tiver instalado certa prática, não seja adotado um critério demasiadamente duro e severo." Ocorre que, nas árvores genealógicas que lhe haviam sido apresentadas, ele praticamente não vira

famílias em que não houvesse filhos ilegítimos. Portanto, era preciso administrar a questão “com uma generosidade germânica”.

De tudo isso, tirou a seguinte conclusão: “No que diz respeito à relação entre um homem e uma mulher, serei contra qualquer limitação excessiva, seja legal ou moral. Evidentemente não sou o único a defender esse ponto de vista; estou atuando também de acordo com as ideias do Führer, com quem debati essa questão reiteradamente.” E agora o círculo se fechava: “Pois tudo aquilo que limitamos demais aqui acaba sendo extravasado lá no outro lado, nos homossexuais.”[85]

No mínimo um ano antes, em abril de 1936, Himmler aproveitara a estadia em Gmund para colocar no papel suas ideias sobre filhos ilegítimos no que dizia respeito à SS.[86] A diferença entre esse memorando, que era somente para fins internos, e suas declarações ao conselho de especialistas é óbvia: no caso da SS ele não só queria aceitar os filhos ilegítimos, mas promover a ideia — como parte de uma estratégia de política populacional. Além do mais, seu escrito também deixa claro o quanto amaldiçoava, por motivos político-populacionais, a postura antissexual das igrejas. Pois a SS deveria tomar a frente quando se tratava de romper definitivamente com a moral sexual apregoada pela Igreja, em favor da política populacional. Mas ainda não era hora de divulgar esse conceito. Somente após o início da guerra ele se decidiria a dar esse passo.

“Certamente já em cem anos”, anotou Himmler no memorando mencionado, “ou talvez muito antes disso, ficaremos felizes por cada pessoa a mais que tivermos na Alemanha, e talvez chegue o momento em que seremos gratos, de todo o coração, por cada batalhão que pudermos destinar para o combate ao bolchevismo na nossa fronteira do leste”. No entanto, “a aceitação de um filho ilegítimo [...] jamais deve constituir um empecilho ao casamento”. Para Himmler era pré-requisito que dentro da SS “todo homem de 25, no máximo 28 anos — se estiver empregado —, se case e, se já estiver casado, tenha filhos”. No entanto, não se pode esperar que homens e mulheres jovens vivam “assexuados” antes desse momento. “Nesse caso, não ajudam as leis alegadamente morais, lindamente motivadas, formuladas pelo cristianismo, e que só tinham o objetivo de estabelecê-lo como uma instituição indispensável que sobrevive de perdoar os pecados alheios. [...] Quero romper definitivamente com essa falsidade nas tropas da SS e espero com isso estar dando um exemplo para todo o povo

alemão. Meus pensamentos se movem entre dois polos: de um lado, o casamento, e do outro, a conscientização de que, na maioria das vezes, homens e mulheres seguem os mandamentos da natureza.” Dessa maneira, ele esperava conseguir “anualmente, de cada batalhão da Verfügungstruppe, de duzentas a trezentas crianças”.

“Não só quero como farei de tudo para criar essas crianças ilegítimas de boa raça e, na sua maioria, privilegiados intelectualmente dos homens da SS e transformá-los em soldados e oficiais e em mulheres valorosas do nosso povo, como também, e especialmente, farei de tudo para colocar essas moças [...], com toda a honra, no mesmo patamar das mães casadas.” Obviamente, deveria ser “costume” que as famílias da SS que tiveram a “desventura” de não poderem ter filhos naturais em suficiente número aceitassem “criar filhos ilegítimos ou órfãos de bom sangue”, ou seja, “a média de filhos de uma família da SS deve ser de quatro a seis”.

Nesse meio-tempo, Himmler também passara a cuidar de modo prático das próximas gerações de jovens “de raça valiosa” gerados em relações extraconjugais: em setembro de 1936, anunciou a fundação da associação Lebensborn a todos os chefes da SS, entidade que já fora criada em dezembro de 1935.[87]

Ao contrário da formulação que constava no estatuto,[88] o apoio às “famílias genética e racialmente valiosas, com muitos filhos” desempenharia papel meramente secundário na prática da associação.[89] O verdadeiro foco era a atenção às mães solteiras, às quais os lares Lebensborn ofereciam maternidades especiais onde podiam ter os filhos longe de seus locais de residência e, assim, manter o nascimento em segredo. Quando a jovem mãe assim o queria, a associação também assumia a tutela do recém-nascido.[90] Além das mães solteiras, a instituição também estava à disposição de mulheres casadas, especialmente se fosse com homens da SS.

De todo modo, o pré-requisito para a admissão na instituição era o “exame médico SS” obedecendo aos conhecidos critérios raciais, tanto da mãe quanto do pai, e aos quais as esposas dos membros da SS também tinham que se submeter. Os médicos da SS, além do sigilo médico de praxe, eram obrigados a manter total confidencialidade “por força de compromisso especial para com o Reichsführer”. Em “casos especiais”, Himmler se reservava o direito de manter

o nascimento, assim como a identidade do pai, em total sigilo.[91]

Embora aparentemente fosse uma associação, a Lebensborn estava totalmente integrada à organização da SS, subordinada ao Departamento Central de Raça e Colonização. Em 1937, a administração era fiscalizada pelo chefe administrativo da SS, Pohl. Em 1º de janeiro de 1938, a Lebensborn foi separada do RuSHA e subordinada ao Estado-maior pessoal. A direção da associação foi devidamente reorganizada e Himmler assumiu a mais alta direção.[92] A entidade era mantida mediante contribuições obrigatórias dos membros da SS. Os pagamentos maiores cabiam aos casais sem filhos; a partir do quarto filho (legítimo ou ilegítimo), a contribuição era voluntária.

A Lebensborn inaugurou a primeira maternidade em agosto de 1936, em Steinhöring, na Alta Baviera. Até o início da guerra, foram criadas mais seis. A direção médica de todas as entidades Lebensborn coube ao antigo médico de família de Himmler, de Munique, Gregor Ebner, que também fizera parte da Associação Apollo e era amigo bastante íntimo do Reichsführer.[93] A existência dos lares Lebensborn gerou uma série de boatos sobre sua finalidade. Em carta enviada à SS, uma moça de Lübeck pede a localização da "casa de copulação" da SS mais próxima.[94] Esse não era um caso único e, de fato, até hoje persiste a ideia de que a Lebensborn eram "criadouros".

Himmler passou a promover também dentro da SS a geração de filhos extraconjugais; obviamente, com moderação: ele tentava explicar aos homens que nem sempre era preciso se casar de imediato. "Aquelas que se encontram por aí, nos bailes e na sociedade, não são para casar", esclareceu aos Gruppenführer em novembro de 1936, dois meses depois de ter anunciado a fundação da Lebensborn. "Aliás, essa é uma percepção que é preciso transmitir aos nossos homens; não é preciso se casar com cada paixão das aulas de dança. Pelas petições de casamento, vejo que muitas vezes os nossos homens se casam no total desconhecimento do que significa o matrimônio. Quando me deparo com essas petições, me pergunto: meu Deus, será que esse traste de mulher, essa figura torta e por vezes repugnante, tem de se casar logo com um homem da SS, por que não escolhe um judeuzinho do leste ou um pequeno mongol; para isso, uma moça dessas é adequada. Na grande maioria desses casos, ainda se trata de homens de excelente aparência."

Antes de se casar, era recomendável "dar uma olhada nas irmãs, nos irmãos e

nos pais” da noiva. Caso a pretendente fosse “a única peça aceitável, enquanto os demais membros da família são lamentáveis”, isso era uma “confirmação racial prática” de que na família da noiva “existe sangue, que para ele [o homem da SS ou da polícia] não pode ser desejável”. A desculpa de que já se tinha essa ligação há mais tempo antes de descobrir que “o irmão ou o tio esteve no hospício”, para ele não seria válida: “Não, meus senhores, é preciso perguntar antes.”

Para um homem solteiro “não é nenhuma vergonha ter uma ligação com uma moça. Mas ele tem de deixar algo claro desde o início: não me casarei com você porque não posso assumir essa responsabilidade. Como ele vai se arranjar é problema dele; cada qual é senhor e juiz da sua própria consciência. O homem da SS só não pode ser indecente, ele deve ser franco sempre: sinto muito, não posso me casar com você porque na sua família houve demasiadas doenças graves”. Os homens da SS deveriam ser familiarizados com esses conceitos “em diversas conversas individuais”.[95]

De resto, ele estava confiante, como admitiu aos Gruppenführer em 1937, de que era possível “em uma conversa franca [...] sensata e extremamente diplomática — com o rapaz ou a moça — aumentar o sentimento de dever e o enorme senso de responsabilidade dos jovens de tal modo que se pode convencer a moça ou o rapaz a levar uma vida assexuada até os 18, 19 ou 20 anos de idade”.[96]

Em 1936 e 1937, quando Himmler falava sobre temas de política sexual, suas preocupações básicas eram quase sempre as mesmas: o perigo da homossexualidade na juventude, a tolerância frente a relações sexuais entre jovens não casados, a aceitação dos nascimentos fora do casamento e casamentos precoces. Aparentemente, nessa época Himmler vivia uma fase de acerto de contas com a antiga postura em relação às questões sexualidade e masculinidade.

No início dos anos 1920, orientava-se no modelo do guerreiro heroico que vive sem mulheres, à imagem do “lansquenê solitário”. Ele já havia abandonado essa autoestilização em 1927-1928, quando conheceu a futura mulher e resolveu formar uma família. Agora, cerca de dez anos mais tarde, esse projeto de vida mostrou, aos poucos, o quanto era frágil. Se lermos as receitas de política sexual de Himmler dos anos de 1936-1937 como reflexão sobre seu amadurecimento,

veremos que ele claramente se censurava por não ter tido experiências sexuais mais cedo e por não se ter casado também mais cedo com uma mulher da mesma idade e formado uma família com ela. A instituição que lhe causara essas dificuldades sem dúvida era uma só: a Igreja católica.

O fato de Himmler se pronunciar, nos anos de 1936-1937, no que tange a questões da política sexual, de um modo que pode ser entendido como um acerto de contas crítico em relação ao próprio passado, e de se mostrar, agora, tão extremadamente liberal em relação à atividade sexual desvinculada do casamento e aos nascimentos ilegítimos, tinha, indubitavelmente, um fundo pessoal.

No outono de 1937, os Himmler ainda desfrutaram férias relativamente harmoniosas juntos, na Itália. Quando se lê mais atentamente o diário de Margarete — que começara a escrever durante essas férias —, no entanto, as anotações denotam profunda insatisfação. Após a tomada do poder, os Himmler tinham condições de cultivar um estilo de vida que estava à altura de sua relevância no seio da elite política do país: primeiro, mudaram-se de Waldtrudering para um apartamento na exclusiva Möhlstrasse de Munique, que entregaram no outono de 1934, quando se transferiram para os arredores do lago Tegernsee, em cuja comunidade, em 1936, Himmler comprou uma casa (Haus Lindenfycht) que pertencera ao cantor de câmara Alois Burgstaller, reformando-a em 1937.[97] Logo em seguida, alugaram uma casa no lago[98] e uma cabana de caça nas montanhas próximas.[99] Também em Berlim, Himmler morava com todo o conforto, primeiro em um apartamento na Tiergartenstrasse 6a; a partir de novembro de 1934, na Hagenstrasse 22;[100] antes de ocupar, em 1937, uma ampla casa na Dahlemer Dohnenstieg 10, que tinha mais de 14 cômodos,[101] mais apropriada para a posição que ele agora ocupava (essa casa não lhe custava nada, já que fora declarada como residência oficial).[102]

Portanto, as dificuldades materiais dos primeiros anos de casados haviam sido superadas e, nas anotações de Margarete, certamente é possível identificar o orgulho dela em relação ao sucesso profissional do marido. Mas o que também fica evidente são suas queixas quanto à ausência quase permanente de Himmler em casa,[103] suas dúvidas, se o engajamento profissional dele realmente era recompensado adequadamente e se isso tudo realmente valia a pena.[104] No décimo aniversário de casamento, ela registrou: “Apesar da felicidade do

casamento, no que se refere a ele, tive que abrir mão de muita coisa. Pois H. quase nunca está em casa e só quer saber de trabalhar.”[105]

A natureza pouco sociável de Margarete, depois de ela ter atingido uma notável posição social como esposa de Himmler, converteu-se em desprezo pelas pessoas, com uma tendência à agressividade. Parece que ela descarregava a frustração sobretudo nos empregados: na casa dos Himmler, havia problemas constantes com os criados “insolentes e preguiçosos”.[106] Em uma dessas discussões, ela libera toda a raiva e amargura em uma anotação em seu diário: “Por que todas essas pessoas não são encarceradas e obrigadas a trabalhar até morrer? Às vezes me pergunto se realmente vivo entre seres humanos.”[107] Em março de 1939, ela novamente perdeu dois empregados e se queixou: “As palavras responsabilidade e senso de dever já não existem mais.”[108]

Ela também se incomodava com o filho de criação, Gerhard, filho de um homem da SS já falecido e um ano mais velho que Gudrun. No diário de Margarete, as queixas se acumulam: o menino tem “natureza de criminoso”, ele teria roubado dinheiro, e “mente com o maior descaramento”.[109] A mãe biológica do menino também não queria esse filho-problema de volta nessas circunstâncias, postura que, como Margarete confidencia ao diário, “não vem exatamente abalar a minha opinião sobre as pessoas [...]”.[110] Em março de 1939, Gerhard foi aprovado para admissão em uma instituição de ensino nacional-política — essas escolas para educação das futuras elites nazistas também pertenciam ao império de Himmler —, mas, em outubro, ele teve de deixar a instituição.[111] À luz dessas anotações, a situação dos Himmler no final dos anos 1930 dificilmente poderia ser considerada harmoniosa.

No início de 1936, a jovem Hedwig Potthast foi admitida como secretária particular de Himmler. Os dois se tornaram mais próximos e consta que no final de 1938 teriam se declarado apaixonados; mas parece que só em 1940 começaram realmente um relacionamento. É despropositado especular se foi a situação doméstica pouco saudável que deu origem à relação com Hedwig Potthast ou se o crescente interesse de Himmler pela jovem mulher foi a verdadeira razão da crescente frustração de Margarete: como de hábito nas relações humanas, uma coisa deve ter influenciado a outra. No entanto, o pronunciamento de Himmler diante do conselho de especialistas para questões de política populacional, de junho de 1937, deixa claro que o progressivo

conflito privado escondia em si um grande poder de explosão. Segundo declarou na ocasião, “está absolutamente claro para mim que o povo alemão se encontra na mais absoluta desordem sexual, que nessa área e no seio do nosso povo se abrigam as maiores tensões possíveis e temos de nos conscientizar de que, quando um povo não está em perfeita sintonia com suas leis de vida mais naturais [...], isso é uma verdadeira dinamite para o todo”.[112]

## Divórcio, adultério, segundo casamento

Himmler basicamente não fazia objeções a que os homens da SS se divorciassem. Em 1937, o Reichsführer declarou abertamente aos SS-Gruppenführer que, quando ocorria de os parceiros já não levarem uma vida em comum harmoniosa, tinha “absoluta compreensão” em relação a um divórcio. De todo modo, havia uma condição: “Exijo que a máxima dos corpos de liderança da SS seja que, nesse quesito, tudo o que tiver de acontecer por força do destino, aconteça sempre em clima de transparência, decência e extrema generosidade.”[113]

Generosidade era algo que o próprio Himmler fazia prevalecer sempre que no decurso de procedimentos disciplinares ou criminais apareciam “falhas conjugais”: por princípio, Himmler não queria que a esposa fosse informada, “no interesse da preservação do casamento”.[114] Portanto, o mandamento da “decência” e do “cavalheirismo” não era infringido se a falha conjugal não fosse revelada. Em um caso individual, ocorrido em 1944, Himmler chegou a falar com o ministro da Justiça sobre a possível anulação de um regulamento segundo o qual um adultério consumado era visto como “impedimento de matrimônio”.[115] Em 1941, sempre que se instauravam processos nos tribunais da SS ou da polícia que tinham a ver com adultério, Himmler se reservava o direito de decidir que rumo o processo deveria tomar. Em casos como esses, Himmler queria ser informado em detalhe: entre outras coisas, deveriam ser anexadas fotos de todos os envolvidos (especialmente dos possíveis filhos).[116]

Himmler não reivindicava o privilégio de um “segundo casamento” somente para si mesmo. O estudo da pré-história germânica o convencera de que “o germânico livre, de boa raça, tem a permissão de contrair um segundo casamento, ou FRIEDELEHE”,117 e ele deu permissão também aos seus homens de estabelecer uma ligação dessa natureza — desde que a intenção fosse

a de ter filhos. Assim, em 1944, permitiu o casamento de um Obersturmbannführer que não queria se separar da esposa, em consideração à sua "doença de ordem nervosa", para viver com outra. Novamente com a condição de que no novo casamento fossem gerados filhos.[118] Himmler recomendou ao suplente do *Gau* Westfália-Sul, Obergruppenführer Schlessmann, em vista de seus problemas conjugais, que procurasse uma "mulher amorosa" que "esteja disposta, junto comigo [Schlessmann; P.L.] a conceder filhos ao povo alemão". Algum tempo depois dessa conversa, Schlessmann "comunicou" a Himmler que ele encontrara essa "mulher amorosa"; tratava-se de sua secretária, que estava no terceiro mês de gravidez de um filho seu. Himmler, que conhecia esse modelo de relação, reagiu com satisfação e assegurou uma moradia à segunda mulher, como também "absoluto sigilo em relação às outras pessoas".[119]

## Ordens de casamento e número de filhos

A despeito de todos esses esforços, Himmler achava que o número de casamentos na SS continuava baixo e, diante da perda de soldados na guerra, a demanda de crianças começou a se tornar um problema que colocava em risco a futura sustentabilidade da organização. Em junho de 1942, Himmler explicou ao corpo de liderança da Divisão SS "Das Reich" que "o número de filhos dos mortos não repõe nem metade os mortos em combate. [...] Uma baixa terrível, muito mais terrível do que já é a morte dos homens em si".[120] Era preciso tomar providências urgentes a respeito.[121] Em dezembro de 1944, Himmler procurou o Obersturmführer Frank, comandante de Obersalzberg, para perguntar-lhe o que os chefes e subchefes SS subordinados a ele "fizeram até agora para deixar de ser solteiros e o que pretendem fazer no curto prazo para remediar essa situação".[122] Ao Hauptsturmführer Schwarz enviou, em 1943, seu "mais profundo descontentamento" porque ele, "aos 44 anos, ainda não é casado"; se essa situação se mantivesse até o término da guerra, ele seria demitido da SS.[123]

Em casos especialmente graves, quando todo o encorajamento e as recomendações eram em vão, Himmler enviava uma ordem aos seus homens. Em junho de 1943, por exemplo, o Hauptsturmführer Arnold recebeu a seguinte carta:

“Caro Arnold!

Pelo que sei, o senhor é o único filho homem de seus pais. Em minha opinião, o senhor tem a obrigação de se casar e de cuidar para que o clã Arnold não se torne extinto. Aguardo uma resposta a esta carta.”[124]

Para se certificar, no mesmo dia Himmler enviou carta também ao pai de Arnold; seria bom se ele “pudesse exercer alguma pressão sobre o filho nesse sentido”.[125]

Em outubro de 1936, Fritz Bauer, professor de educação física no sanatório da SS em Hohenlychen, comunicou ao Reichsführer o cumprimento de ordem semelhante: “Cumprindo o decreto do casamento que me foi dado até o dia 30 de janeiro de 1937, gostaria de comunicar que quero cumpri-lo já em 12 de dezembro de 1936.”[126] Himmler ficou felicíssimo e doou quinhentos Reichsmark para a realização do casamento.[127]

O caso do SS-Hauptsturmführer Feierlein era um pouco mais complicado. De início, ele recebera uma ordem clara de Himmler: casamento até 20 de abril de 1938 — aniversário do Führer! Quando a data passou sem que nada tivesse acontecido e Wolff repreendeu o faltoso, Feierlein tentou se justificar alegando que não tinha entendido a convocação de Himmler como uma ordem. No entanto, o chefe do Estado-maior pessoal não aceitou a justificativa (“desculpa esfarrapada”) e lhe enviou uma ordem oficial do Reichsführer segundo a qual Feierlein deveria “comunicar o cumprimento do decreto do casamento até 31 de dezembro de 1938”.[128] Mas quando, logo em seguida, surgiu a suspeita de que Feierlein pudesse estar envolvido em um caso de corrupção em Viena, Wolff lhe comunicou que a ordem estava suspensa, e ele, proibido “de se casar ou noivar, até segunda ordem”.[129] Em maio do ano seguinte, Feierlein solicitou a revogação da proibição, pois havia conhecido uma “moça”; seu pedido foi atendido e em junho ele “anunciou” o futuro enlace.[130]

O “número mínimo de filhos para um casamento bom e saudável”, recomendado por Himmler, era quatro.[131] Ocasionalmente, evocando Hitler, também falava em quatro filhos homens.[132] Himmler cuidava pessoalmente que seus homens aproveitassem as férias para gerar filhos: assim, em outubro de 1942,[133] emitiu uma ordem para que as mulheres dos homens da SS passassem as férias em locais não muito distantes daqueles em que as unidades de seus maridos estavam estacionadas, para, assim, contribuir para o aumento do índice

de natalidade. À esposa de um homem da SS, sem filhos, Himmler sugeriu que recorresse a um curandeiro.[134] Por outro lado, quando na árvore genealógica da esposa havia um "não ariano",[135] ele esperava de seus homens já casados que não tivessem mais nenhum filho.

O resultado dos esforços de Himmler, no sentido de incentivar os homens a se casar e ter filhos, ficou bem aquém do esperado; foram, isso sim, lamentáveis. De acordo com os registros do anuário estatístico da SS referente a 1938, meros 39,7% dos homens da SS eram casados. Se considerarmos que, dos homens com menos de 25 anos de idade, só 2,5% eram casados, isso significa que, entre os homens da SS mais velhos, a cota de casamento era de apenas 57,3%.[136] O número de filhos por homem casado foi estimado em apenas 1,1. Além disso, não foram muitos os homens da SS que atenderam ao apelo de Himmler e trouxeram filhos ilegítimos ao mundo: até aquele momento, 741 homens solteiros da SS haviam gerado um total de 811 filhos ilegítimos.[137] Não se dispõem de levantamentos semelhantes feitos durante a guerra, mas as constantes lamúrias de Himmler em relação ao baixo índice de natalidade envolvendo seus homens e suas tentativas de incentivá-los a gerar até mesmo filhos fora do casamento indicam que, basicamente, não houvera mudanças no que tange à fertilidade nas fileiras da SS. Não só quantitativamente, mas também qualitativamente, os integrantes da SS ficavam bem aquém das expectativas de Himmler no tocante a parcerias e descendência: o procedimento para a concessão de autorização de casamento, como vimos, fracassou em termos de aplicabilidade prática, os conceitos de procriação de Himmler emperraram na base. A "ordem dos clãs" era sobretudo uma concepção fantasiosa de Himmler.

Ele também cultivava essa ilusão da ordem dos clãs em seu meio privado. Todas as pessoas próximas — família e amigos — pouco a pouco eram integradas à "ordem". Seus pais, que provavelmente acompanharam o início de sua carreira política com ceticismo, no mais tardar no início dos anos 1930, começaram a se orgulhar da carreira do filho. Seu pai colecionava os artigos de jornal, na maioria das vezes do *Völkischer Beobachter*, nos quais o filho era mencionado,[138] e, em 1932, até leu o segundo volume de *Mein Kampf* que Heinrich lhe dera de presente. Conforme o comentário conclusivo do pai de Himmler, Hitler era um homem que merecia seu interesse e a quem devotava sincera admiração.[139] Ainda

em 1933, o pai e a mãe de Himmler se filiaram ao NSDAP.[140]

Essa relação também não parece ter sido abalada nos anos durante os quais Himmler galgou ao posto de chefe de um aparato de terror envolvido por uma aura de medo. Embora nos anos seguintes o pai de Himmler recorresse repetidamente ao filho encaminhando súplicas de pessoas que sofriam em consequência de suas medidas de perseguição, os dois se correspondiam assiduamente acerca de questões envolvendo a história da família.[141] Quando Gebhard Himmler faleceu, em outubro de 1936, Himmler mandou realizar uma pomposa cerimônia fúnebre em Munique, da qual participou uma comitiva oficial da SS e que, em muitos aspectos, lembrava o enterro de um alto dirigente do Estado.[142]

Ernst, o irmão mais novo de Himmler, que concluíra os estudos de engenharia elétrica em 1928, com a ajuda de Heinrich conseguiu um emprego na estação de rádio de Berlim em junho de 1933, e ao mesmo tempo ingressou na SS. Ele já pertencia ao NSDAP desde 1931. Na rádio do Reich, Ernst logo foi promovido a adjunto do diretor técnico, e em 1942 tornou-se seu sucessor.[143] Em 1937, Himmler autorizou o irmão mais novo, que já formado família, a fazer um empréstimo do fundo da SS para que pudesse comprar uma casa que até então pertencera ao sindicato.[144] Ernst, por seu lado, deixava Heinrich a par dos assuntos internos da rádio e de outros setores aos quais tinha acesso em virtude de sua profissão; Ernst também não tinha escrúpulos quando se tratava de fazer denúncias.[145]

O mais velho dos irmãos Himmler, Gebhard, que desde 1925 trabalhava como professor de escola profissionalizante, também fez carreira no Terceiro Reich. Em 1933, tornou-se dirigente da Associação de Escolas Profissionalizantes da Baviera, e ainda no mesmo ano ingressou no NSDAP. Ele insistiu, no entanto, para que a data de sua admissão constasse como maio de 1932 — data do ingresso de sua mulher; na época e na qualidade de funcionário público, ele não teria podido se associar. Em junho de 1934, tornou-se membro da SS. Em 1935, assumiu a direção de uma escola de engenharia de Munique.[146]

Em 1939, Gebhard Himmler se tornou assessor no Ministério da Educação; em 1944, chefe de divisão, responsável por todo o sistema de ensino das escolas profissionalizantes do Reich.[147] Dentro da SS, foi promovido a Standartenführer; Ernst só conseguiu chegar a Sturmbannführer. Os dois irmãos conseguiram, em

suas respectivas carreiras profissionais, galgar aos mais altos postos. Esforçavam-se por manter um contato estreito com Heinrich: ainda em 1944, Ernst e Gebhard se ofereceram, como “irmãos técnicos”, para, oportunamente, dar a ele uma visão abrangente das ideias dos dois em relação ao desenvolvimento de futuras tecnologias militares.[148]

Já foi mencionado que Himmler fazia questão que os antigos colegas de escola Falk Zipperer e Karl Gebhardt trabalhassem para ele, o primeiro como historiador jurídico e o segundo como chefe de hospital. Ele também manteve a amizade com Alois Rehrl, dez anos mais velho que ele e junto ao qual completara o estágio prático de agronomia em 1921-1922; obviamente Rehrl, Zipperer e Gebhardt também ingressaram na SS.[149]

Presumivelmente no final dos anos 1920, Himmler conheceu um homem com quem desenvolveu uma amizade especialmente estreita: o já mencionado Hanns Johst, escritor *Völkisch*, nacional-socialista e, na qualidade de presidente da *Reichsschrifttumkammer* (câmara literária do Reich), um poderoso funcionário das letras no Estado nazista.[150] Desde 1934, Johst tratava Himmler nas cartas como “amigo Heini Himmler”[151] e o chamava — apesar de ele mesmo ser dez anos mais velho que Himmler — de seu “irmão mais velho”.[152] Eles se visitavam frequentemente (Johst morava no Starnberger See, perto do domicílio de Himmler, no Tegernsee), passavam o tempo livre juntos jogando peteca, nadando ou pescando, viajavam juntos e faziam excursões de inspeção.[153] Em 1935, Himmler deu as boas-vindas a Johst na SS e logo lhe ofereceu o cargo relativamente alto de Oberführer; nos anos seguintes, Johst foi repetidamente promovido, por último em 1942, a SS-Gruppenführer.[154]

A vasta correspondência entre os dois era marcada, da parte de Johst, por um estilo efusivo, em parte pomposo-patético, em que expressava sua infinita admiração pela missão e o estilo de liderança de Himmler, chegando a idolatrá-lo. Depois de se recuperar de uma operação de apendicite, em 1940, ele escreveu ao amigo que estava “feliz, por ser um homem da SS e porque, além disso, a vida me presenteou com a nossa amizade, meu Heini Himmler, fazendo essa questionável existência valer a pena”.[155] Em 1943, elogiou ao máximo as habilidades retóricas de Himmler: o Reichsführer seria um “típico orador masculino”. “Seu discurso vive e exerce efeito no plano do reconhecimento, [...] nos enriquece com a sua visão [...] e mais: iguala-nos ao senhor e nos transforma

de meros ouvintes em seguidores."[156] Johst presenteava Himmler com poesias e livros com dedicatórias,[157] além de publicar diversos artigos, como nos *SS-Leitheften* ou no *Schwarze Korps*, em que elogiava a SS e seu dirigente, adotando os mais elevados tons poéticos.[158]

Himmler respondia às bajulações de Johst com seu jeito mais áspero, mas sempre se esforçava em reagir adequadamente aos rompantes de emoção do outro em relação à sua pessoa. Himmler também admirava Johst, pois o poeta reunia habilidades que ele não possuía. Em março de 1942, declarou a Johst o quanto era importante se corresponder com ele: "O senhor pode estar certo de que suas cartas são sempre muito apreciadas. Para mim, são mensageiras de um mundo que tanto amo e que está fechado para mim — porque o destino resolveu me colocar no lugar em que estou — durante a maior parte do meu tempo e da minha vida. Tanto mais me alegro quando recebo saudações desse mundo espiritual do nosso sangue, do qual o senhor é um dos melhores representantes na Alemanha."[159] Os amigos trocavam cartas que se assemelhavam a cartas de amor, cada qual à sua maneira.

Vale mencionar ainda outra relação bastante íntima de Himmler. Desde 1939, ele era paciente do eminente massagista Felix Kersten, um alemão do Báltico que após a Primeira Guerra Mundial adquirira a cidadania finlandesa. Kersten conseguia, mediante massagens intensivas, aliviar ao menos temporariamente as dores de estômago de Himmler. Em geral, Himmler conseguia relaxar sob as mãos do massagista dois anos mais velho que ele, de estatura forte e que tinha um jeito tranquilizador. Kersten, por sua vez, aproveitava o tratamento para estabelecer uma relação de confiança com o Reichsführer.[160] Não se sabe se Himmler realmente permitiu a Kersten o acesso a uma visão mais profunda de seu mundo interior, como Kersten afirmaria mais tarde em suas memórias, ou se Kersten inventou essas conversas após o final da guerra; em todo caso, Kersten, especialmente na fase final da guerra, foi encarregado por Himmler de tarefas importantes no que dizia respeito à mediação de contatos com o exterior.

Quanto mais Himmler se firmava na posição de Reichsführer-SS e ampliava sua esfera de influência, tanto mais se dissolviam os limites entre a sua vida familiar e privada e sua função oficial. Enquanto de um lado transformava os irmãos, os melhores amigos e até seu poeta predileto em dirigente da SS, de outro, em diversos sentidos, tratava os membros da SS como integrantes de uma

família ampliada, educando-os como uma figura de pai severo e protetor: elogiava, castigava, alertava e perdoava. As rígidas ideias sobre a escolha das parceiras, a moral sexual e o planejamento familiar que impunha aos seus homens refletiam amplamente sua própria experiência — inclusive em relação às falhas que constatava em seu casamento. Certa tendência voyeurista também estava em jogo quando ele se intrometia na vida privada de outros.

As ideias de Himmler sobre virtudes e valores da SS, que passava aos homens de maneira sempre estereotipada, correspondiam aos seus esforços em substituir o vazio emocional que sentia no relacionamento com os outros por uma densa rede de regulamentos comportamentais. E quando repetidamente advertia seus homens a serem "decentes", é fácil detectar que por trás disso se escondiam seus esforços em controlar o desejo crescente de poder ser "indecente". Sua opinião ambivalente em relação a esse tema se expressa em especial no fato de ele repetidamente proibir de maneira explícita que os inimigos fossem tratados de modo "decente".

Himmler havia conseguido estabelecer firmemente dentro da SS as suas preferências pessoais, excentricidades, fobias e imagem dos inimigos. Esforçava-se de todas as maneiras para desenvolver um culto para a SS a partir do seu fanatismo em relação aos germânicos, utilizando em grande escala a *SS-Ahnenerbe* para fundamentar sua especulação quase religiosa sobre Deus e o universo. Fundindo a polícia para formar um Corpo de Segurança do Estado, sua SS perseguia um conglomerado de sub-humanos que, a seu ver, preparava-se para um confronto final com a "raça ariana". Tratava-se de um amontoado de inimigos, em que todos — uns mais, outros menos — tinham uma estreita ligação com sua biografia: comunistas, maçons, cristãos politizadores e moralizadores, judeus e homossexuais.

De acordo com isso, Himmler transferiu, de um modo assombroso, os axiomas pessoais para a organização que dirigia; para ele, a direção da SS não era simplesmente um cargo político, mas uma parte dele mesmo. Sua missão de vida autoimposta consistia em fortalecer essa organização internamente, continuar a ampliá-la e assegurar seu futuro de acordo com sua utopia germânica. Perseguindo obstinadamente as diversas atribuições que lhe foram incumbidas por Hitler e ligando-as habilmente entre si, Himmler havia construído uma extraordinária posição de poder que ele moldava completamente

de acordo com suas ideias pessoais.

26 Warthegau/Wartheland: distrito administrativo do Reich (*Reichsgau*) formado pela antiga província prussiana de Posen e outras regiões fronteiriças polonesas. (N. das T.)

PARTE IV

# Em guerra: ambição e decepção

## Preparativos de guerra e expansão

Em fevereiro de 1937, em uma conferência de Gruppenführer, Himmler declarou que, muitas vezes, sonha-se “nos círculos nacional-socialistas, em dominar o mundo. Também sou a favor disso, mesmo que não falemos nisso agora. Mas também sei que devemos agir em etapas. Hoje, não teríamos nem mesmo gente em número suficiente para colonizar uma nova província, uma zona ou um país que fosse a metade da atual Alemanha. O que também deve estar claro é que não podemos assumir nenhuma outra população, que, se tivermos de assumir uma província cujo sangue não é germânico, deveremos expurgá-la de sua população até a última vovozinha e a última criança — sem misericórdia. Espero que não haja dúvidas a esse respeito e que, se isso acontecer, precisararemos de uma população, ou seja, uma população de boa raça, para neste lugar poder começar, sem demora, a assentar e a formar 100 milhões de camponeses germânicos em torno da atual Alemanha, voltando, assim, a trilhar o caminho de volta para a dominação do mundo e realmente estruturar a Terra segundo os princípios arianos, deixando-a muito melhor do que é hoje”.[1]

A utopia desse belo mundo ariano que Himmler projetava aqui era, portanto, planejada no longo prazo, “em etapas”. O adicional necessário de 100 milhões de colonos — o mesmo número citara em discurso[2] de 1931 — deveria, antes de tudo, ser criado principalmente mediante uma abrangente política de expansão populacional, um esforço que demandaria várias gerações. Em 1938, Himmler também tentou preparar as chefias SS em relação a um “confronto”, uma “hora do destino”, que “atingirá a Alemanha e talvez nós mesmos, nos próximos trinta, cinquenta ou cem anos”.[3]

Ao mesmo tempo, Himmler contava com um conflito belicoso de vida ou morte nos próximos dez anos, como explicou aos Gruppenführer em novembro de 1938: “Podemos ter certeza de que nos próximos dez anos estaremos frente a frente com conflitos extremamente críticos. Não é só uma luta das nações que, nesse caso, são usadas como pretexto pelo oponente, mas uma batalha ideológica contra todo o judaísmo, a maçonaria, o marxismo e as igrejas do mundo. Essas forças sabem — e nisso penso que os judeus são a causa motriz, a matéria primordial de tudo o que é negativo —, que, caso a Alemanha e a Itália não sejam destruídas, elas é que serão. Essa é uma conclusão lógica. Na Alemanha, o judeu não vai poder se manter. — É uma questão de alguns anos. — Com uma

falta de consideração exemplar, vamos desentocá-los mais e mais [...].

"Vocês podem ter certeza, na batalha decisiva, se formos vencidos, não restará nem mesmo uma reserva de germanos. Todos serão massacrados ou deixados a morrer de fome. Isso atingirá a todos, não importa se a pessoa é ou não um entusiasta do Terceiro Reich; bastará que se fale alemão e que tenha tido uma mãe alemã."[4]

Poucos meses mais tarde, em fevereiro de 1939, Himmler já mudara a perspectiva temporal de uma grande guerra, uma guerra mundial: agora a guerra já não eclodiria nos dez anos seguintes e sim num futuro bem próximo, se é que não de imediato, e como consequência direta da "política" judaica adotada com o pogrom de novembro. "Solução radical do problema judeu coloca Judá em batalha contra nós, se necessário desencadeando guerra mundial", são as anotações que Himmler fez para um discurso ante o Oberabschnitt Reno em Wiesbaden.[5] É evidente a relação com a conhecida "profecia" de Hitler, de 30 de janeiro de 1939 ante o Reichstag, de que uma "guerra mundial" iniciada pelo "sistema financeiro judaico internacional" terminaria com o "aniquilamento da raça judaica na Europa".[6]

Foi em seu discurso aos Gruppenführer por ocasião das festividades de novembro de 1938 que Himmler descreveu pela primeira vez no círculo dos chefes da SS a utopia de um futuro Reich germânico como um "grande Império germânico": "[...] isso que estará diante da Alemanha futuramente será o grande Império germânico, ou não será nada. Acredito que, se nós da Schutzstaffel fizermos a nossa parte, o Führer poderá criar esse grande Império germânico, o grande Reich germânico, o maior Império que já foi erguido por essa humanidade e que a Terra jamais viu. Imbuídos desse espírito é que os senhores devem cumprir suas obrigações e realizar seu trabalho".[7]

Himmler, contudo, não parecia partir da premissa de que esse império pudesse ser criado ainda durante a vida de Hitler; com "Führer" ele provavelmente se referia a um sucessor. Isto fica claro quando se analisa ainda outro texto da época: em 1939, ainda antes do início da guerra, Himmler mencionou novamente um anel de colonização a ser formado ao redor da Alemanha, com 80 a 100 milhões de "camponeses germânicos". Este, porém, seria somente o ponto de partida para planos muito mais gigantescos, "para que, a partir dali, a Alemanha possa finalmente criar o grande Império germânico, o

que é o nosso sonho e a razão de ser do nosso Führer”.[8]

A perspectiva do assentamento de 100 milhões de camponeses com a subsequente fundação de um grande império claramente dizia respeito a um futuro ainda distante e não era vislumbrada como resultado da guerra mundial, com a qual Himmler contava a qualquer momento; pois em 1938 o Terceiro Reich obviamente não dispunha daqueles 80 milhões de “camponeses germânicos”, nem os teria em trinta ou cinquenta anos. Uma guerra mundial e a construção de um império aparentemente ainda estavam separadas uma da outra na concepção de Himmler no final de 1938 e início de 1939. Naquele momento, via o esperado conflito militar sobretudo como uma batalha existencial da Alemanha nazista que meramente estabeleceria a base para o futuro império.

## Controle dos assuntos envolvendo o *Volkstum*

Embora o império estivesse ainda bem distante, em 1936-1937 Himmler já começara, por meio de diversas iniciativas, a se envolver nos preparativos para a criação do anunciado grande Reich. Os pontos de partida para isso lhe eram oferecidos pela política em torno do *Volkstum*, ou seja, a relação do Reich com as minorias de origem alemã especialmente no leste e no sudeste da Europa; seus contatos com o conselheiro de política externa de Hitler e mais tarde ministro do Exterior, Von Ribbentrop; e as relações com a polícia internacional. Além disso, Himmler tentava conquistar influência dentro do serviço diplomático.

No que dizia respeito à política do *Volkstum*, Himmler já havia feito as primeiras experiências quando, em 1934, o SD começou a se interessar pelo grupo étnico alemão dos Sudetos. O serviço de inteligência de Himmler dominava não apenas os chamados postos de controle dos alemães dos Sudetos, que haviam sido instalados pelo suplente de Hitler, Hess, em dezembro de 1933 com a ajuda de um funcionário da Gestapo de Dresden, a fim de descobrir possíveis espiões tchecoslovacos entre os refugiados alemães.[9] Nos anos seguintes, o SD também atuou além da fronteira alemã-tcheca; o Departamento de Segurança se mostrou extremamente interessado nos procedimentos internos do grupo étnico e em usar os Sudetos como base para monitorar e combater a emigração alemã para a Tchecoslováquia.

O assassinato do engenheiro Rudolf Formis — colaborador do dissidente nazista Otto Strasser —, em janeiro de 1935, perto de Praga, por exemplo, foi

cometido por um comando do SD. O SD também apoiou o aufbruck-kreis, grupo de oposição ao front doméstico dos alemães dos Sudetos liderado por Konrad Henlein.[10] O cônsul alemão em Reichenberg, na Boêmia, Walter von Lierau, fazia parte da SS desde julho de 1932 e atuava no SD.[11]

A partir do final de 1936, Himmler passou a dirigir pessoalmente toda a política do *Volkstum* do regime. A situação era confusa já que aqui se opunham, em caráter por vezes incompatível, os políticos tradicionais e os políticos nazistas do *Volkstum*.[12] Cabe aqui um breve esclarecimento.

Desde 1933, o regime nazista estava empenhado em se apoderar das atividades envolvendo o *Volkstum*, ou seja, supervisionar e influenciar politicamente os aproximadamente 10 milhões de habitantes nos países estrangeiros da Europa que integravam as minorias alemãs.

Ao assumir o poder, os nazistas encontraram uma série de organizações e instituições, em sua maioria de viés nacional-conservador, que se dedicavam ativamente ao cultivo das relações com as minorias alemãs étnicas, dentre essas, principalmente, o Verein (a partir de 1933, *Volksbund)* für das Deutschtum im Ausland (Liga Popular para o Germanismo no Exterior), o Deutsche Schutzbund (Liga de Defesa Alemã), o Deutsche Ostmarkenverein (Associação Alemã do Ostmark), o Bund Deutscher Osten ou BDO (Liga do Leste Alemão) e o Deutsche Auslands-Institut (Instituto Alemão do Exterior) em Stuttgart. No entanto, uma série de políticos nazistas reivindicou o direito de desempenhar um papel de liderança na Política do *Volkstum* ou, ao menos, de opinar. Isso valia para o chefe da Auslandsorganisation (Organização do Exterior), Ernst Wilhelm Bohle, que procurou estender a sua responsabilidade de supervisão sobre os alemães cidadãos do Reich nazista vivendo no exterior, os alemães étnicos de nacionalidade estrangeira,[13] e também para o ambicioso representante especial de Hitler para questões de política externa, Von Ribbentrop; ou, ainda, para o ideólogo do partido, Alfred Rosenberg, que chefiava o Departamento de Política Externa do NSDAP.

Poucos meses após a tomada do poder, Hitler transferiu grande parte da autoridade na área em torno do *Volkstum* a Rudolf Hess.[14] A missão de Hess era difícil: não parecia oportuno nivelar de modo impensado as organizações *Volkstum* que não eram genuinamente nazistas existentes, uma vez que a direção não tinha interesse em ludibriar o considerável potencial de ativistas *Volkstum*

conservadores e, com isso, provocar um movimento de oposição ao regime NS no seio das minorias alemãs no exterior. Além disso, justamente em vista do abrangente isolamento em termos de política externa no início do novo governo, queria-se evitar a impressão de que se pretendia tirar vantagem dos alemães no exterior como fator de interferência da política externa ou até usá-los como quinta coluna.

No outono de 1937, no entanto, Hess decidiu promover uma reestruturação na política nacional e fundou um setor de coordenação, confiando a direção a Otto von Kursell, ativo pintor e professor de artes desde o começo dos anos 1920 e fiel a temas caros aos nazistas, que desde 1934 atuava no Ministério da Ciência. Formalmente, o "gabinete Kursell", que logo passou a se chamar Volksdeutsche Mittelstelle (VoMi), era subordinado ao encarregado das questões de política externa de Hess, Von Ribbentrop, defendendo as ambições de Hess em tudo que respeitasse ao *Volkstum*.[15]

Em 1936, Von Kursell, que ocupava a posição de SS-Obersturmbann*führer*, e Himmler se estranharam. Quando Von Kursell soube que a SS apoiava um agrupamento de alemães dos Sudetos que se opunha ao partido dos alemães dos Sudetos de Henlein — parceiro de Kursell —, conseguiu que Göring emitisse uma ordem que submetia o dispêndio de divisas em questões de política étnica à aprovação prévia dele, Kursell. Ele esperava, assim, poder dirigir as atividades de Himmler nos Sudetos. Furioso com a voluntariedade de Kursell, Himmler procurou abertamente um pretexto para substituí-lo e intervir na política do *Volkstum*: acusou Von Kursell, em sua função de chefe da Baltische Brüderschaft, associação de alemães bálticos que viviam no Reich, de promover atividades maçons e hostis ao Estado.[16] No início de 1937, Von Kursell realmente foi substituído pelo homem de Himmler, o SS-Obergruppenführer Werner Lorenz.

Lorenz, que entrara na SS em 1930, contribuíra decisivamente para seu desenvolvimento, sobretudo em Danzig; em 1931, assumiu o *Oberabschnitt* Nordeste em Königsberg e, em 1934, o Oberabschnitt Norte em Hamburgo, na função de "suplente permanente do Obergruppenführer Von Ribbentrop".[17] Embora fosse inexperiente no tocante ao *Volkstum*, a preferência recaiu sobre ele em virtude dos excelentes contatos sociais, da postura dominante e das maneiras joviais. A favor dele contava ainda o seu estreito contato com Von Ribbentrop,

tido como o “homem em ascensão” no que se referia à política externa do regime, pois mesmo sob sua chefia, a Volksdeutsche Mittelstelle se manteve subordinada a Hess, por meio de Von Ribbentrop.[18] Hermann Behrends, que havia trabalhado no SD, tornou-se suplente de Lorenz e em seu novo posto continuou sendo o homem de confiança de Heydrich.[19] Behrends, que chegou a ser o verdadeiro homem poderoso da VoMi, atraiu uma série de chefes SS para a organização, entre eles, Walter Ellermeier, que viria a ser o ajudante de Lorenz.

Sob a nova direção, a VoMi, que na opinião de Lorenz era “o posto de comando operacional superior para todas as questões étnicas alemãs”,[20] logo conseguiu tomar mais firmemente as rédeas das atividades das diversas instituições que atuavam nessa área na Alemanha.[21] Dessa forma, no verão de 1937, Behrends assumiu, no lugar de Theodor Oberländer, a direção do *Bund Deutscher Osten*, passando a ser responsável pelas atividades na região fronteiriça.[22] Aparentemente já no contexto da substituição de Kursell, Himmler havia planejado trocar Hans Steinacher, o chefe conservador da mais importante organização alemã étnica, o Volksbund für das Deutschtum im Ausland (Liga Popular do Germanismo no Exterior — VDA), por um “chefe SS extremamente importante”.[23] De fato, Hess exonerou Steinacher em 19 de outubro de 1937, depois de Lorenz ter-lhe informado que o chefe do VDA deixara de cumprir certos acordos com a VoMi.[24]

Sabe-se que, no que se referia à cooperação com as associações étnicas nacionais alemãs no exterior, a nova VoMi dava preferência a organizações nazistas,[25] mas abria mão de subordiná-las formalmente à entidade. De fato, as associações permaneciam independentes, o que era recomendável, entre outras, por razões de política externa.[26]

De qualquer maneira, em 2 de julho de 1938, Hitler incumbiu a VoMi de realizar “o alinhamento homogêneo de todos os escritórios do Estado e do partido, como também do emprego integrado de todos os meios disponíveis em todos os escritórios na questão do *Volkstum* e das terras fronteiriças (minorias alemãs do lado de lá e minorias estrangeiras do lado de cá da fronteira)”. Dessa maneira, a VoMi, uma organização não estatal, podia dar ordens aos ministérios, o que representava uma ingerência importante nas competências de política externa do Reich.[27] Em 3 de fevereiro de 1939, a VDA foi uniformizada e se tornou uma “ferramenta camuflada” da VoMi, conforme constava da respectiva

instrução do representante do Führer. Todas as outras associações do *Volkstum*, com exceção do Bund Deutscher Osten, deveriam ser integradas à VDA. Em contrapartida, todas as demais organizações do partido foram proibidas de realizar qualquer "atividade da *Volkstum*".[28]

Lorenz e Behrends conseguiram também acabar com as disputas pela liderança que imperavam nas organizações alemãs no exterior, ou ao menos fizeram com que se tornassem menos intensas.[29] Em geral, eles se limitavam à colaboração com organizações alemãs étnicas que apoiavam ativamente a política do Terceiro Reich e, na maioria dos casos, zelavam para que estas dominassem a atividade política das minorias alemãs étnicas. Na Romênia, a VoMi conseguiu que o DVP se aliasse à Deutsche Volksgemeinschaft (Comunidade Nacional Alemã), sua oponente até ali.[30] Na Iugoslávia, a VoMi futuramente reconheceria somente uma organização popular, a Schwäbischen-Deutschen Kulturbund (Liga Cultural Alemã Suábia), depois de ter forçado a troca do comando da entidade,[31] em 1939. Na Hungria, dava preferência ao Volksbund der Deutschen in Ungarn (Liga Popular dos Alemães na Hungria),[32] criado em novembro de 1938.

Desde 1937 a VoMi considerava Henlein, o chefe do partido dos alemães dos Sudetos, como principal representante desse grupo populacional,[33] especialmente depois que este mudara radicalmente sua posição em novembro de 1937: em vez de exigir mais autonomia para os alemães dos Sudetos dentro da então Tchecoslováquia, exigia, agora, a anexação ao Terceiro Reich.[34] Com isso, ele engatava o curso adotado pelo seu suplente Karl Hermann Frank, que mantinha uma excelente relação com Himmler.[35] Em 1938, juntamente com Heinlein, a VoMi instituiu um "rígido sistema de ordens" na organização do grupo populacional alemão dos Sudetos.[36]

Na Polônia, em 1938, a VoMi tentou criar uma organização geral reunindo os alemães étnicos, mas fracassou em virtude da falta de consenso entre as diversas associações.[37] Nas regiões eslovacas da Tchecoslováquia, o lado alemão conseguiu se impor no sentido de que, depois do Tratado de Munique, a posição do Volksgruppe (Grupo Popular Alemão) fosse reconhecida legalmente, que o grupo formasse um partido alemão nos moldes nazistas e que o seu dirigente fosse nomeado secretário de Estado.[38]

Assim, a influência de Himmler sobre as atividades que envolviam o

*Volkstum* permaneceu indireta e informal até o início da guerra; ela se estendia sobre a autoridade em relação aos funcionários da VoMi e o efetivo controle destes das organizações alemãs étnicas. A VoMi ainda não era componente integral do império da SS, apenas o seu braço prolongado.

O fato de Himmler querer estender a autoridade da SS sobre as atividades relativas ao *Volkstum* estava evidentemente ligado ao papel de liderança que ele pretendia destinar à SS quando da "restauração" da "raça germânica" e da aguardada expansão do Reich. Caso se quisesse que o Reich alemão futuramente fosse caracterizado por germanismo e raça, então era preciso assegurar desde logo a integração das minorias alemãs étnicas à Alemanha nazista. Nesse contexto, lembremo-nos do plano de Himmler de instalar um anel de 100 milhões de camponeses germânicos em torno do Reich. Além disso, mediante o engajamento na *Volkstumspolitik*, era possível ampliar o conceito do Corpo de Segurança do Estado na direção de uma abrangente defesa popular, para que, numa situação de crise na política externa, a SS pudesse emergir como protetora dos alemães étnicos, por exemplo, incentivando a criação de milícias de autodefesa integradas por alemães étnicos (situação a que realmente se chegou durante a crise nos Sudetos e durante os preparativos para a guerra na cidade livre de Danzig).[39]

A boa relação pessoal de Himmler com Joachim Von Ribbentrop, a quem Hitler em 1933 confiara diversas missões especiais de política externa e que, para desincumbir-se dessas atribuições, desde 1935 tinha um "gabinete" à sua disposição, abriu para o Reichsführer mais possibilidades de influenciar a política externa.[40] Himmler achava que o fato de Von Ribbentrop, antes de mais nada, ter ingressado na política na virada do ano de 1932-1933, quando dos acertos preliminares para a criação do governo Hitler/Von Papen, era mérito totalmente seu.[41] Em maio de 1933, ele já havia nomeado Von Ribbentrop a SS-Standartenführer, e passaria a promovê-lo sucessivamente, a última para Obergruppenführer, em 20 de abril de 1940.[42] Desde 1937, o gabinete de Von Ribbentrop e o principal departamento do SD tinham uma estreita relação de trabalho,[43] e as famílias Himmler e Ribbentrop mantinham laços de amizade. Por exemplo, em 2 de fevereiro de 1938, dois dias antes da nomeação de Von Ribbentrop a ministro do Exterior, os Ribbentrop pernoitaram na casa dos

Himmler,[44] e durante a estadia em uma casa de saúde, em fevereiro de 1939, Margarete Himmler registrou com gratidão o telefonema do amigo da família.[45]

Além disso, quando o antigo ajudante de Himmler, Josias Erbprinz zu Waldeck und Pyrmont, foi integrado ao departamento de pessoal do Ministério do Exterior, na opinião de Himmler fora dado o primeiro passo para uma infiltração da SS no serviço diplomático. Apesar de o príncipe herdeiro ter deixado o departamento em junho de 1934, havia cuidado para que cinco dos dez adidos contratados até aquele momento pertencessem à SS.[46] Depois da demissão do príncipe herdeiro Waldeck, o responsável pela política externa do estado-maior de ligação do NSDAP, o SS-Standartenführer Herbert Scholz, foi eleito para o Ministério do Exterior, e logo transferido para a embaixada alemã em Washington como conselheiro de Legação. Na sequência de sua carreira Scholz via-se essencialmente como representante da SS. Em fevereiro de 1939, em um encontro pessoal, Himmler o incumbiu da tarefa de propor "personalidades adequadas do serviço exterior nos Estados Unidos" para serem integradas à SS. Em janeiro de 1940, Scholz informou que poderia recomendar dois funcionários da embaixada.[47]

Até fevereiro de 1938, do total de quinhentos altos funcionários do serviço externo, é possível provar que uns cinquenta pertenciam à SS. A metade desses diplomatas, muitas vezes adidos em missões alemãs, ingressou na SS entre setembro de 1936 e fevereiro de 1938 — certamente graças aos intensos esforços de recrutamento por parte da SS.[48] O próprio ministro do Exterior, Von Neurath, fora nomeado SS-Gruppenführer em setembro de 1937.[49] O chefe da organização do exterior do NSDAP e secretário do Ministério do Exterior, Wilhelm Bohle, foi admitido por Himmler na SS em 13 de setembro de 1936, por ocasião da convenção do partido. Bohle trouxe inúmeros funcionários da organização do exterior, mais propriamente alemães étnicos de orientação nazista que viviam fora do país, para o departamento do exterior, a maioria com patente SS. Após a sua saída do departamento, em 1941, Bohle cuidou para que a organização ficasse à disposição do SD com o propósito de fornecer serviços de inteligência e passou a Himmler informações sobre funcionários do serviço externo.[50]

Em 4 de fevereiro de 1938, com a nomeação de seu amigo Von Ribbentrop a ministro das Relações Exteriores, parecia que o poder de Himmler aumentaria consideravelmente no âmbito da política externa da Alemanha. Ribbentrop não

só trouxe vinte membros de seu gabinete que também integravam a SS,[51] como sugeriu, por exemplo, que o novo secretário de Estado Ernst Von Weizäcker e o novo chefe do departamento político Ernst Woermann fossem integrados à SS. Em 20 de abril de 1938, Himmler atendeu ao pedido.[52] Por meio de Wilhelm Keppler, em março de 1938, instalou mais uma pessoa de sua confiança no Ministério do Exterior. Keppler, que agora era secretário de Estado e delegado especial do Ministério do Exterior para a Áustria, pertencia ao círculo de amigos próximos de Himmler desde que ambos haviam arranjado o encontro entre Hitler e Von Papen na casa de Von Ribbentrop, no início de 1933. Além disso, o iniciador do "círculo de amigos do Reichsführer-SS" integrava a SS desde março de 1933.[53] Em novembro de 1939, Himmler fortaleceu ainda mais os laços de amizade confiando a Keppler, em sua função de comissário do Reich, a gestão das questões patrimoniais legais dos alemães do Báltico.[54]

Emil Schumburg, chefe do departamento Alemanha no Ministério do Exterior e integrante da SS desde outubro de 1936,[55] foi assumindo aos poucos o papel de "oficial de ligação"[56] em relação a Himmler. De repente, no entanto, parece que a estreita colaboração com a SS despertou a desconfiança de Ribbentrop: de acordo com relatório do chefe da Gestapo, Heinrich Müller, "a colaboração aberta, sempre disponível e positiva de Schumburg conosco" levou "a nova direção do Ministério das Relações Exteriores (AA) a neutralizar o dr. Schumburg".[57] Isso não chegou a acontecer de fato,[58] mas, como o comentário de Müller sobre "a nova direção do AA" já deixava perceber, a nomeação de Von Ribbentrop a ministro do Exterior não aumentou a influência de Himmler sobre a política externa. Ao contrário, Von Ribbentrop, que era sempre bastante suscetível quando se tratava da preservação de suas competências, não gostou dessas tentativas de infiltração e, com o tempo, o relacionamento pessoal entre ele e Himmler esfriou visivelmente.

Entretanto, Himmler ainda continuava nomeando os chamados adidos da polícia que, por assim dizer, exerciam atividades como um braço da Gestapo e da SS no exterior. Um dos primeiros delegados especiais foi instalado na Espanha. O comissário criminalista Paul Winzer, membro da SS desde 1933, foi enviado à embaixada alemã de Madri, especificamente a pedido do chefe da polícia alemã em maio de 1936, portanto, antes da guerra civil espanhola, com a missão de monitorar as atividades do comunismo e do anarquismo na Espanha.

Em novembro de 1936, novamente a pedido de Himmler, tornou-se oficialmente o intermediário em relação à Polícia Política espanhola e acabou exercendo a função de adido policial na embaixada.[59] Nos anos seguintes, seu gabinete aumentaria consideravelmente: havia mais de vinte funcionários, sendo que alguns foram inseridos no Protetorado Espanhol do Marrocos, como posto de escuta do SD no Norte da África.[60]

Além disso, até o início da guerra, Himmler despachou adidos da polícia para as representações diplomáticas alemãs em Roma, Tóquio e Belgrado.[61] Quando, iniciada a guerra, Hitler ordenou que todo o pessoal que trabalhava em missões alemãs no exterior fosse subordinado ao ministro do Exterior,[62] Himmler acertou com Von Ribbentrop que fosse concedido aos seus representantes nas missões um sistema de comunicação própria com o RSHA.[63]

Em agosto de 1940, o chefe do SD Exterior, Heinz Jost, acordou com o assessor do Ministério do Exterior, Rudolf Likus, responsável pelo contato com a SS, que o SD poderia manter um serviço de inteligência próprio, com a condição de que encaminhasse os relatórios cujo teor fosse de interesse em termos de política externa ao departamento Alemanha na Wilhelmstrasse. Além disso, foi concedido ao SD o direito de desempenhar atividades independentes no exterior.[64]

Em seus esforços para conquistar influência sobre a política externa alemã, Himmler fez de tudo para que as relações oficiais com as polícias dos países amigos fossem profícuas. Nisso, a Itália fascista certamente era o parceiro mais importante. Em 30 de março de 1936, teve lugar uma conferência policial ítalo-alemã em Berlim. Faziam parte da delegação alemã, chefiada por Himmler, Heydrich, Best, o chefe da Gestapo Müller, outros representantes da polícia e funcionários do Ministério do Exterior. A Itália era representada pelo chefe da polícia Arturo Bocchini e outros importantes chefes da corporação. O tema principal da conferência era o combate conjunto ao comunismo. Em outubro, uma delegação alemã retribuiu a visita, com Himmler na dianteira, viajando a Roma; nessa ocasião, Himmler também foi recebido por Mussolini.[65]

Nos meses que se seguiriam, outras conferências policiais bilaterais relativas à repressão ao comunismo seriam realizadas em conjunto com a Finlândia, a Bulgária e provavelmente a Hungria; contatos também seriam iniciados com a

Polônia e a Iugoslávia [66]

No fim do verão de 1937, Himmler foi anfitrião de um congresso policial internacional. Conforme registros do Ministério do Exterior, entre os dias 30 de agosto e 3 de setembro, Himmler debateu com participantes da Bélgica, do Brasil, da Bulgária, da Finlândia, da Grécia, da Itália, do Japão, da Iugoslávia, da Holanda, da Polônia, de Portugal, da Suíça, da Hungria e do Uruguai como se poderia efetivamente "aumentar a eficácia do combate ao comunismo" e, sobretudo, "como assegurar para a Alemanha a liderança dessa imprescindível linha de combate comum".[67] Himmler considerou o tema do congresso delicado, e determinou que fosse mantido sob sigilo absoluto.[68] A delegação italiana mais uma vez teve à frente o ministro da Polícia Bocchini e, em outubro de 1937, a convite deste, Himmler fez nova visita oficial à Itália.[69]

A relação pessoal entre Himmler e Bocchini era tão boa que o chefe da polícia italiana convidou o colega alemão a realizar uma viagem particular de férias de várias semanas pela Itália, imediatamente após a visita oficial. Mas Himmler ainda precisava participar das festividades obrigatórias de 9 de novembro em Munique; poucos dias depois, no entanto, seguiu com a mulher para a única viagem de férias mais longa que o casal faria em conjunto. Para Margarete Himmler, isso era motivo suficiente para começar a escrever um diário, que ela redigiu avidamente durante a viagem, mas depois infelizmente só usou para fazer anotações esporádicas.[70]

"No domingo de 14/11/37 chegamos a Roma por volta do meio-dia", anotou. O casal viajara em luxuoso vagão-leito. Foram recebidos por Bocchini pessoalmente. Visitaram os pontos turísticos da cidade: Coliseu, Castel Gandolfo, castelo Sant'Angelo, Capitólio, Vaticano, Fórum Romano, onde Himmler impressionou a mulher com seus "conhecimentos de história". E Margarete Himmler ainda registrou um pequeno sucesso: "Com a colaboração da polícia, pudemos passear com nosso carro com a bandeira da SS pelo parque do Vaticano."[71]

Em 17 de novembro, seguiram para Nápoles. Himmler, infelizmente, havia "estragado o estômago". Mesmo assim, no dia 18 visitaram Herculano e Pompeia, onde — isso, obviamente, era especialmente interessante — "haviam sido encontrados mosaicos com a suástica" em escavações. Margarete registrou

naturalmente suas impressões sobre o país e o povo: “Na Itália dão muito valor à boa cozinha.” “Dizem que aqui também não há bêbados. As pessoas estão acostumadas ao bom vinho.” “Por todo lado, há muitas crianças, que terra abençoada.”[72]

Em 19 de novembro, continuou a visita a Nápoles, em companhia de Eugen Dollmann, um historiador que vivia na Itália desde 1928 e que, em 1937, por meio de seu relacionamento com o Reichsleiter da Juventude Hitlerista, Baldur Von Schirach, estabelecera contato com importantes políticos do nazismo, inclusive com Himmler, e que servia de intérprete ao Reichsführer durante a viagem à Itália. Dollmann, a propósito, desempenharia um papel especial entre os representantes de Himmler no exterior: embora designado à embaixada alemã, não era subordinado ao oficial de ligação da polícia, Herbert Kappler. Nos anos seguintes, ele enviaria relatórios a Himmler sobre a situação na Itália.[73]

Himmler passou um dia bem desanimador; segundo Margarete registrou, havia “subido até o Vesúvio, onde chovia e ventava muito”. À tarde partiram para Cosenza, na Calábria, uma viagem de 350 quilômetros repleta de transtornos. Só chegaram depois da meia-noite. No dia seguinte, os Himmler visitaram o castelo da época dos Hohenstaufen e depois continuaram para Taormina, na Sicília. Ali começaram as férias de 14 dias em que se lia, jogava bridge, nadava; Himmler passava o tempo jogando tênis avidamente. Passeios também faziam parte do programa de férias, por exemplo, até Siracusa, para visitar as “catacumbas sob a direção de um franciscano. Homem bem ardiloso, deixou todas as perguntas de H. sem resposta”. No início de dezembro, seguiram para Palermo, onde Himmler, sempre à procura de reminiscências “germânicas”, adquiriu algumas antiguidades.

Em 4 de dezembro, os Himmler voaram para a Líbia, onde, no dia seguinte, visitaram os achados arqueológicos em Septis Magna, uma cidade, conforme descrição maravilhada de Margarete, “construída pelos romanos com infinita grandeza, abundância e esplendor”. “Sempre me pergunto”, questionava, “por que hoje em dia os povos são tão pobres? Talvez porque não existam mais escravos?!” Diante da pompa com que o anfitrião, o governador-geral Italo Balbo, celebrava a visita, a postura propositalmente descontraída de férias de Himmler saiu um pouco dos trilhos; segundo registra, exasperado, o acompanhante Dollmann, Himmler usava “um inacreditavelmente antiquado

traje do tipo *Wandervogel* ou *Knickerbocker*[27]”.[74]

Em 6 de dezembro, o casal Himmler visitou um campo de tuaregues e na noite seguinte foram convidados para jantar pela família Balbo. Antes, o casal havia visitado uma mesquita e o bairro judeu. Margarete Himmler registra suas impressões: “Horrivelmente sujo, e que fedor! Os árabes são muito mais limpos.”

Em 9 de dezembro, os Himmler viajaram de avião a Nápoles, onde visitaram a cidade de Paestum e o museu nacional e, em 11 de dezembro foram levados de carro para Roma. À noite, depois de um jantar com o embaixador do Vaticano, Von Bergen, Himmler novamente “passou muito mal; culpou as lagostas”. Mas no dia seguinte já estava recuperado a ponto de poder aceitar um convite de Bocchini. Em 13 de dezembro, voltaram de trem para Berlim.[75]

Em 10 de dezembro, ainda em Nápoles, Himmler havia registrado algumas impressões da viagem em carta enviada ao diretor da Ahnenerbe, Wüst, formulando um abrangente encargo de pesquisa. Nas visitas aos museus italianos e a sítios de escavação arqueológicos, ele teria se deparado novamente com evidências “germânicas”: referência a runas em uma inscrição em latim no fórum romano, cruzes suásticas encontradas em Pompeia e em Herculano, e outras coisas mais. Assim, Wüst foi orientado a “instalar, na Ahnenerbe, um departamento para investigar a Grécia e a Itália no que se refere às relações indo-germânico-arianas”. Himmler estava plenamente ciente de que a tarefa era “enorme”. Mas estava confiante: “com isso atingiremos nossa meta essencial, a comprovação da existência de uma humanidade nórdico-ariana que, partindo da Alemanha central e da bacia do Báltico, se espalhou para quase todas as partes da Terra, e também a confirmação de que estamos chegando mais perto da soberania mundial intelectual do pangermanismo ariano”.[76]

Essa elevada pretensão, conforme a viagem com seus pequenos contratempos mostrara, os Himmler ainda não haviam alcançado totalmente em suas práticas de vida.

## A crise Blomberg-Fritsch

No final de 1937, Hitler impôs uma importante mudança de curso na política do Terceiro Reich: ajustou o regime a uma política de expansão aberta. Em 5 de novembro de 1937, em palestra com o ministro da Guerra, Von Blomberg, o

ministro do Exterior do Reich, Von Neurath, e os comandantes em chefe do Exército, da Luftwaffe e da Marinha justificava a necessidade de conseguir, mediante expansão belicosa, o “espaço vital” de que a Alemanha precisava para assegurar seu futuro como superpotência.[77]

Em seguida, Hitler falou sobre quando e como, apresentando dois cenários. Primeiramente explicou aos ouvintes que estava decidido a travar uma grande guerra, no mais tardar entre 1943 e 1945, para resolver “a questão do espaço alemão”. Os inimigos seriam a França e a Grã-Bretanha. Em seguida elucidou as situações imagináveis em que a Alemanha poderia se lançar ao ataque antes dessa data: caso a França não tivesse condições de intervir, por questões de política interna ou externa, ele queria aproveitar a oportunidade para atacar e anexar a Áustria e a então Tchecoslováquia.

As inúmeras considerações e críticas externadas aos planos de guerra de Hitler pelos militares e por Von Neurath, em seguida ao seu pronunciamento, deixaram claro ao ditador que a passagem para uma política externa agressiva só poderia ser feita se ele antes substituísse as figuras de chefia conservadoras, que detinham certas posições essenciais no aparato do Estado, por seguidores obedientes.

Poucos meses depois surgiu inesperadamente a oportunidade para uma reorganização abrangente no quadro de pessoal que vinha ao encontro dos interesses de Hitler: o caso do casamento do ministro da Guerra do Reich, Werner Von Blomberg. Em 1938, Von Blomberg se casara com uma mulher bem mais nova que ele, que, como se mostrou logo após o casamento, possuía vários antecedentes criminais por “estilo de vida imoral” e tinha registro na polícia como prostituta. Esse caso — um assunto de Estado, já que Hitler e Göring haviam sido padrinhos — ocasionou a demissão de Blomberg.[78]

Além disso, no final de janeiro de 1938, Göring, que se considerava o sucessor natural de Blomberg e que informara Hitler pessoalmente sobre o escândalo matrimonial, apresentou surpreendente material que incriminava o seu mais forte concorrente à sucessão, o comandante em chefe do Exército, Werner Von Fritsch. A Gestapo de Himmler havia fornecido os documentos e Göring apresentou a Hitler uma pasta que supostamente provava que Fritsch era homossexual.

Hitler imediatamente se apoderou da acusação: promoveu uma acareação na

Chancelaria do Reich entre Von Fritsch e a única testemunha de acusação, um homem com antecedentes criminais por extorsão de seus parceiros sexuais. A testemunha alegou reconhecer em Fritsch um antigo cliente, o que Fritsch negou veementemente. As demais investigações ficaram a cargo da Gestapo; o escândalo era perfeito. Hitler controlou a crise em que o regime ameaçava entrar nos dias seguintes não só demitindo Blomberg, em 4 de fevereiro, mas também exonerando Von Fritsch e assumindo ele mesmo o comando superior do Exército, sem alocar novos integrantes ao Ministério da Guerra, e nomeando Walther Von Brauchitsch como novo comandante em chefe do Exército. Toda a estrutura de comando do aparato militar mudara com uma só tacada.

A nova formação no topo da Wehrmacht resultou em mudanças substanciais na política de pessoal: nos primeiros dias de fevereiro foram afastados ao todo 12 generais e a ocupação de outros 51 cargos no departamento militar foi trocada. Nem o Ministério do Exterior escapou: o ministro do Exterior, Von Neurath, foi "promovido" a presidente do conselho secreto do gabinete (que jamais se reuniu); quem o sucedeu foi o ágil embaixador especial de Hitler, Joachim Von Ribbentrop, que escolheu o até então chefe do Departamento Político, Ernst Von Weizsäcker, como seu secretário de Estado. Os embaixadores em Roma, Tóquio, Londres e Viena foram substituídos. Para completar, também Hjalmar Schacht perdeu o cargo de ministro da Economia, sendo substituído por Walter Funk, que até então atuara como secretário de Estado no Ministério da Propaganda.[79]

Enquanto isso, a Gestapo investigava o caso Von Fritsch; em março, o acusado teve de comparecer perante o Tribunal de Guerra do Reich. Mas o tribunal conduzira as próprias investigações preliminares e, diferentemente das investigações da Gestapo, procurara também material que isentasse o acusado, o que na realidade conseguiu produzir. Na principal tratativa, conduzida pessoalmente por Göring, por fim o triunfo: a testemunha de acusação teve de admitir que confundira o general Von Fritsch com um capitão reformado de nome Frisch. Werner Von Fritsch foi declarado inocente e oficialmente reabilitado.[80]

Na opinião de Von Fritsch, o principal responsável por sua queda fora Himmler, e ele reuniu sérias acusações contra o "canalha mor". "Todo o procedimento neste caso demonstra [...] que a sua única intenção era a de me

apresentar como culpado.” Fritsch até considerou desafiar o Reichsführer-SS para um duelo com pistolas.[81] De fato, desde o início Himmler considerara Von Fritsch culpado e cuidou para que as investigações fossem conduzidas de modo unilateral. É possível que Himmler — ainda voltaremos a falar sobre isso — tivesse a esperança de ascender na carreira por meio da exposição do escândalo; mas a suspeita de Fritsch, de que Himmler teria fabricado e encenado conscientemente o caso, certamente é infundada. Se nos recordarmos dos cenários de terror homofóbico de Himmler dos anos de 1936-1937, concluiremos que é bem provável que ele realmente acreditasse que a epidemia da homossexualidade já havia infectado o topo da Wehrmacht. O fato de a Gestapo não poder produzir os resultados esperados deixou Himmler, como anotou Goebbels em janeiro, no auge da crise, “muito deprimido. Fritsch ainda não confessou”.[82]

A depressão de Himmler deve ter aumentado ainda mais quando se descobriu que as acusações contra Von Fritsch apresentadas por ele eram totalmente infundadas. Em meados de março, Goebbels registrou uma discussão com Hitler: “O processo contra o general Von Fritsch está feio. Tudo parece se basear em um equívoco. Muito ruim, principalmente para Himmler. Ele é apressado demais e também muito preconceituoso. O Führer está bastante contrariado.”[83]

A indignação de seu Führer atingiu Himmler de forma tão dura quanto merecida. O Reichführer-SS e chefe da polícia alemã comportara-se de modo lamentável em um assunto de Estado altamente embaraçoso. Ainda em agosto, quando da reabilitação definitiva de Fritsch, Goebbels anotou: “Derrota terrível para Himmler.”[84]

A posição de Himmler na questão Fritsch também era deveras pungente porque, ao mesmo tempo, ele corria o risco de que o acusassem de ter — o intransigente perseguidor de homossexuais — tolerado por muito tempo um funcionário com tendências homossexuais em uma posição crucial dentro da SS. Ocorre que, em fevereiro de 1938, ele se vira obrigado a dispensar o Gruppenführer Kurt Wittje, até 1935 chefe do Departamento Central da SS, em razão de boatos sobre sua suposta homossexualidade. Himmler instruiu a Corte Arbitral Superior junto ao Reichsführer-SS a conduzir investigações, que no entanto não produziram evidências concretas para a acusação. Mas Himmler não se deu por satisfeito e escreveu uma declaração de sete páginas criticando

detalhadamente e arrasando o relatório da investigação. Acabou conduzindo pessoalmente uma penosa reavaliação meticulosa do caso Wittje e, em seguida, ordenou a exclusão de Wittje da SS, em virtude de provas "inquestionáveis" de homossexualidade. Em seguida, reenviou todo o processo ao juízo arbitral com a observação de que eles por gentileza vissem o caso todo como um "exemplo didático" de como se deve proceder em situações semelhantes dali por diante; ele não abriu mão de aproveitar a oportunidade para dar uma lição minuciosa e superdetalhada ao Tribunal de Arbitragem sobre o assunto.[85]

Como fica claro na declaração de Himmler, o assunto era explosivo pelo fato de que, já em 1934, Hitler lhe comunicara que havia recebido uma informação do ministro de Guerra Blomberg dando conta de que Wittje, um antigo oficial, fora afastado do Exército do Reich por suspeita de homossexualidade. Essa informação deve ter sido especialmente alarmante para Himmler, uma vez que a exoneração do topo da SA, ocorrida em 1934, exteriormente tinha sido fundamentada essencialmente na homossexualidade de Röhm e de seus seguidores. Se o boato tivesse sido confirmado, os adversários da SS estariam em condições de estender a suposta conspiração homossexual liderada por Röhm até o alto-comando da SS.

A declaração minuciosa de Himmler sobre o caso Wittje do ano de 1938 é, por isso, também um documento de justificação em causa própria: uma comprovação detalhada de que ele, à época, acompanhara minuciosamente as acusações, mas que fora *obrigado* a desconsiderá-las por falta de substância. Para Himmler, a explosividade do caso residia no fato de que depois da recém-ocorrida redenção de Fritsch — com a ajuda de um escândalo homossexual inventado — agora também ele corria o risco de se ver confrontado com a acusação de ter tolerado um homossexual e ex-oficial nas fileiras da SS. Por isso, Himmler se esforçava por afastar para bem longe de si qualquer suspeita inicial nesse sentido.

A análise mais minuciosa da situação, segundo expôs Himmler ao Tribunal de Arbitragem, na época não ofereceu suspeita suficientemente forte: nos arquivos pessoais de Wittje constava apenas que por duas vezes durante o serviço no Exército do Reich, ambas em estado de embriaguez , "abraçou, apertou e beijou" um subordinado, como Himmler registrou, indignado. Depois disso, Wittje fora convocado por seu superior para pedir ele mesmo seu desligamento. Himmler,

na ocasião, concluíra finalmente que, segundo registrou em 1938, o comportamento de Wittje fora devido ao consumo excessivo de bebida alcoólica. Ele o teria advertido, por isso, a evitar “qualquer bebedeira”, uma intimação à qual Wittje infelizmente não se ativera.

Em maio de 1935, Himmler liberara Wittje do cargo de chefe do Departamento Central da SS a pedido dele mesmo, “por causa de sua saúde debilitada”, mas o manteve com a patente de SS-Gruppenführer. Em 1937, surgiu nova denúncia, dessa vez do antigo motorista de Wittje, que na visão de Himmler era clara: “abraços, beijos, apertos”. O motorista, no entanto, havia retirado o depoimento.

No meio-tempo, havia mais material contra Wittje: ele tinha passado as férias com um jovem camarada da SS. Com isso, para Himmler, o caso se tornava evidente: “Do meu ponto de vista é completamente anormal que um homem de 43 anos de idade permita que um jovem de 25 anos o trate por ‘você’ e que poucas semanas depois, quando está de férias, em vez de acompanhar esposa e filhos, que viajam para a Prússia Oriental, viaja com esse jovem para Kreuth e Salzburg e ainda lhe paga a viagem apesar de ter afirmado anteriormente que mal conseguia se manter financeiramente.” A viagem com esse jovem, em vez de acompanhar a sua família, só poderia ser explicada como “indiscutível e anormal”. Por isso, Wittje e seu acompanhante devem ser excluídos da SS, mesmo “correndo o risco de estar sendo injusto com alguém”, pois “prefiro ser excessivamente severo nessa área do que deixar a peste da homossexualidade assolar a SS”.[86]

Em novembro de 1938, por ocasião de uma conferência de Gruppenführer, Himmler voltou ao assunto e justificou a demissão de Wittje, porque “existiam sérias suspeitas de que ele estaria implicado em atitudes que se enquadram no parágrafo 175 [do Código Penal]”.[87] Note-se que Himmler não guardava nenhum ressentimento em relação a Wittje: em 1942, ele o ajudou a se reerguer financeiramente.[88]

O caso Blomberg-Fritsch, ou melhor, o caso Blomberg-Frisch-Wittje também se refletiu nos diários de Margarete Himmler: “H. tem muitas preocupações e mais trabalho ainda”, escreveu ela em 26 de janeiro, não sem expressar compaixão pelo alvo do dedicado trabalho de Himmler: “Coitado do Blomberg, estou com

pena dele.” Em 30 de janeiro, anotou: “H. voltou do trabalho todos os dias depois da meia-noite. Não sei como ele aguenta.” E em 4 de fevereiro escreveu: “Ontem à noite, os Oswald ainda estavam aqui, grandes novidades. O Führer assumiu pessoalmente o comando da Wehrmacht. Ribbentrop se tornou ministro do Exterior. Muitas mudanças. H. está muito nervoso. Foi obrigado a trabalhar dia e noite por isso e não recebeu nenhuma promoção.” Ao que parece, Himmler contava com uma chance de ser promovido, como Ribbentrop, a um ranque de ministro, possivelmente ministro da Polícia.[89]

Um mês depois, em 5 de março, reclamou do constante excesso de trabalho do marido e da sua posição no Terceiro Reich: “Esteve quase oito dias em Gmund; desses, dois dias em Munique. Aqui, na terça-feira, logo fomos recebidos por muito nervosismo. Aí sempre fico acordada até meia-noite esperando por Heini. Ele está tão deprimido e esgotado com tantos aborrecimentos e eu sempre acho que é tão pouco valorizado. Às vezes quebro a cabeça para entender por que tudo é assim. Será que seus inimigos são realmente tão poderosos? Mas H. está animado e corajoso e eu também tento me animar.”

## A Anschluss da Áustria

“A Áustria agora pertence ao Reich alemão. H. foi o primeiro em Viena.” Para Margarete Himmler, que anotou isso cheia de satisfação no diário em 13 de março de 1938, terminava uma fase em que a tensão política se refletia diretamente na atmosfera da casa de Himmler: “A preocupação não nos largava mais, todo dia acontecia alguma coisa nova. H., que obviamente sabia do que se tratava, estava de bom humor e até alegre. Mas para mim, que só vejo toda a agitação e que tinha que colocar o uniforme de campo na maleta dele, isso era bem deprimente.”[90]

Em janeiro de 1938, a polícia alemã começou a fazer preparativos abrangentes a fim de reunir 20 mil policiais — supostamente para uma grande “parada”. Mas o que ocorria de fato era que a polícia se preparava para a invasão da Áustria, da qual finalmente tomaram parte, em 12 de março, organizações policiais motorizadas de todas as partes do Reich — lado a lado com as forças de invasão disponibilizadas pela Wehrmacht.[91]

A ocasião para a forçada anexação da Áustria, planejada havia meses, foi oferecida a Hitler pelo surpreendente anúncio do chanceler austríaco Kurt Von

Schuschnigg, no dia 9 de março, de que pretendia realizar, poucos dias depois, no domingo 13 de março, um plebiscito sobre a manutenção da independência austríaca para, dessa forma, documentar o desejo de autodeterminação da Áustria frente à crescente pressão da Alemanha. Hitler, que não tinha a menor intenção de esperar essa votação, forçou o cancelamento da consulta popular e conseguiu que o chanceler Schuschnigg fosse substituído, em 11 de março, pelo dirigente dos nazistas austríacos, Arthur Seyss-Inquart, que, conforme desejado pelo governo alemão, solicitou o envio de tropas alemãs.[92]

Himmler já chegara a Viena de avião na manhã de 12 de março, antes mesmo que unidades alemãs, encabeçando um comando armado, ocupassem a cidade. A revista setorial *Die Deutsche Polizei* informou aos leitores que o Reichsführer-SS, que "aterrissou hoje no aeroporto de Aspern, em Viena, totalmente de surpresa, por volta das cinco horas da manhã, antes mesmo que qualquer formação tivesse cruzado a fronteira, juntamente com seus acompanhantes, entre os quais se encontrava o SS-Gruppenführer Heydrich, tomou as primeiras providências para a manutenção da ordem, sendo ele o primeiro representante do poder nazista do Reich em solo austríaco".[93] O jornal falava de um "ousado ataque surpresa do Reichsführer-SS Heinrich Himmler", por meio do qual "essa revolução, uma das mais inovadoras da história mundial [...] foi feita sem disparar um único tiro e sem nenhum derramamento de sangue!". Mas o festivo artigo não teve a repercussão desejada: Goebbels mandou recolher o jornal porque, no artigo mencionado, eram revelados "quase todos os segredos de 10 a 13 de março".[94] Para o chefe da polícia e da polícia secreta isso era uma considerável desonra.

Mas, voltando à aparição de Himmler de 12 de março em Viena, onde, por meio de ordens marciais, ele queria fazer esquecer a derrota sofrida pela SS em 1934 quando a Chancelaria Federal em Viena foi atacada: "oitocentos homens da SS austríaca protegiam o governo Seyss-Inquart na Chancelaria Federal contra elementos armados vermelhos",[95] constava, por exemplo, em um de seus comunicados.

Himmler partiu juntamente com Seyss-Inquart de Viena para Linz, onde chegou por volta do meio-dia, para cumprimentar Hitler, que também viajara à sua pátria "anexada".[96] Em 14 de março, juntamente com Sepp Dietrich, Himmler fez questão de entrar em Viena marchando "na ponta da

Leibstandarte", como informou a *Die Deutsche Polizei*. No dia seguinte, viajou novamente em direção oeste para se reunir a Hitler, que viajava de Linz a Viena, a meio caminho, em St. Pölten; de lá, escoltou o Führer até Viena, onde, no mesmo dia, na Heldenplatz (praça dos heróis) teve lugar o grande comício no qual Hitler, ante o júbilo de uma enorme massa humana, anunciou o "ingresso da minha pátria no Reich alemão".

Em 18 de março, Himmler decretou a instalação do centro de comando da Getapo em Viena, segundo o modelo de organização criado por ele no "Reich", bem como a constituição de repartições da Getapo nas capitais dos estados austríacos.[97] Em 14 de março, ele já havia nomeado o chefe da Gestapo, Müller, para o posto de inspetor da polícia de segurança na Áustria, que exerceu essa função até o verão de 1938. Foi sucedido por Walter Stahlecker.[98]

Em 21 de março, Himmler instalou dois estados-maiores especiais que deveriam supervisionar a formação da Polícia de Ordem e da Polícia de Segurança e atuar como elemento de ligação entre os departamentos centrais de Berlim.[99] No início de abril de 1938, excursionou pelas capitais austríacas para inspecionar as instalações regionais da polícia[100] e, entre os dias 23 e 25 de maio, passou mais três dias em Viena. De modo geral, Himmler conseguiu adaptar a polícia do "Estado corporativo" austríaco às novas circunstâncias, sem maiores atritos — uma onda de prisões entre os inimigos políticos, sobretudo comunistas e socialistas, fazia parte das medidas mais urgentes.[101]



*Himmler e o aparato policial da SS desempenhariam um papel importante a partir de 1938 durante as anexações de regiões estrangeiras pelo Reich alemão. A imagem mostra Himmler e o chefe da Polícia de Ordem, Daluege, durante o juramento da polícia austríaca a Hitler, em 15 de março de 1938.*

Em meio à reorganização da polícia austríaca, entre os dias 2 e 10 de maio, o Reichsführer realizou uma visita oficial à Itália, como já o fizera nos dois anos anteriores.[102] Também dessa vez a esposa Margarete o acompanhou, e novamente a visita não transcorreu sem pequenos contratempos. Durante uma recepção da rainha italiana, a recusa de Margarete de fazer uma reverência conforme o cerimonial da corte — sabemos muito bem o que devemos fazer! — gerou indignação: "Toda a corte", escreveu em seu diário, "ficou melindrada". E: "Existe certa desorganização e aconteceram situações das mais engraçadas. Como fomos tratados! Numa corte como essa os costumes são bem esquisitos. Parece que além da corte ninguém é gente."[103]

**Atividades nos Sudetos**

Um grande número de unidades motorizadas da polícia, além de dois Einsatzgruppen da polícia de segurança — que originalmente haviam sido designados para atuar em toda a região tchecoslovaca em caso de ataque à Tchecoslováquia — participaram da ocupação dos Sudetos em outubro de 1938.[104] Ainda que esse intento tivesse de ser provisoriamente adiado em virtude do Tratado de Munique na noite de 29 de setembro, que concedia os Sudetos ao Reich alemão, os dois Einsatzgruppen se infiltraram no território alemão dos Sudetos e confiscaram os arquivos da polícia tchecoslovaca, chegando a realizar inúmeras prisões até o final do ano; possivelmente 10 mil tchecos e alemães foram afetados.[105]

Unidades armadas da SS — toda a Verfügungstruppe da SS, bem como quatro batalhões Totenkopf — também invadiram os sudetos. Tratava-se da primeira operação militar da SS.[106] Já no final de setembro, outros destacamentos Totenkopf haviam avançado para os territórios tchecoslovacos e ocupado regiões fronteiriças menores, para dar suporte o Freikorps dos Sudetos, formada por refugiados alemães dos Sudetos.[107]

Em 1º de outubro, o Freikorps treinado pela SA e equipado com armamento da Wehrmacht foi subordinado à SS que, no entanto, não estava em condições de assumir as despesas que seriam geradas e que até ali haviam corrido por conta da SA e da Wehrmacht. Em razão disso, conforme anotou o oficial de ligação do alto-comando da Wehrmacht junto ao Freikorps, o tenente-coronel Köchling, "houve agitação entre os chefes das unidades Freikorps [...] inferiores, que

ameaçavam colocar em risco a tão arduamente alcançada estrutura interna do Korps, caso, como se temia com razão, os chefes SA testados e confirmados em combate e organização fossem substituídos por integrantes da SS". Sinais de ruptura surgiram na tropa. Além disso, a SS começou a se promover no Freikorps, o que resultou em "irritação" no comando da SA. "Para aliciar a chefia superior do Freikorps, ofereceram cargos importantes na SS ao representante do Führer dos alemães dos Sudetos e ao chefe do estado-maior. Mas eles os recusaram."[108]

"Foi chocante observar como dois componentes do Estado (dirigentes da SA e da SS) se encontravam em situação de conflito mais ou menos latente, cujos efeitos afetavam a direção e a coesão da tropa", acrescentou o tenente-coronel.[109] Cinco anos após o caso Röhm, a relação entre SS e SA era tudo, menos harmoniosa.

Em virtude do engajamento nos Sudetos, no entanto, as ambições militares de Himmler haviam sido fortalecidas. Concluída a ocupação, Himmler informou aos Gruppenführer em Munique, em 8 de novembro, que durante a crise nos Sudetos ele convocara 5 mil homens entre 45 e 50 anos de idade, dos quais 3.500 haviam permanecido na tropa da SS. Em virtude dessa convocação, era possível retirar destacamentos Totenkopf dos campos de concentração e formar seis novos batalhões. Além disso, também convocara 11 mil homens como reforço para a polícia. [110]

**Pogrom**

Com a transição para a política de expansão aberta, o regime nazista também recrudesceu a perseguição aos judeus. Isso ficou especialmente claro em março de 1938, durante a anexação da Áustria, quando os ativistas nazistas, saciando a necessidade reprimida em termos de manifestações antissemitas, infligiram enorme violência à população judia, sobretudo em Viena, e promoveram a desapropriação arbitrária e ilegal de seus bens.[111]

Para que o aparato de Himmler pudesse continuar desenvolvendo a "política" judaica, era decisivo que o SD, uma organização estritamente partidária, conseguisse, após a anexação da Áustria, antes de mais nada, assumir funções executivas no setor da política relativamente aos judeus: Adolf Eichmann, enviado a Viena como assessor do SD para questões judaicas, conseguiu que o

comissário do Reich, Josef Bürkel, criasse, em 20 de agosto de 1938, uma Central de Emigração Judaica e confiasse a missão ao SD. Mediante a ajuda da central de emigração, Eichmann instituiu um procedimento rápido em Viena para que os trâmites burocráticos da emigração forçada dos judeus se desenrolassem rapidamente; tudo financiado com o patrimônio confiscado aos judeus de Viena durante o processo.[112]

Depois da Anschluss, os nazistas permitiram a escalada da perseguição aos judeus em todo o território do Reich. Uma nova onda de leis antissemitas foi criada; entre outras medidas, preparava-se a definitiva "arianização" das posses que ainda restavam aos judeus alemães. No decorrer da ação "antissocial" de junho de 1938, a Kripo, como já mencionamos, prendeu em caráter preventivo também um grande número de judeus.[113]

Qual era então o objetivo de Himmler neste estágio em relação aos judeus que viviam na Alemanha?

Antes de 1938, foram relativamente poucas as manifestações de Himmler, públicas ou internas, acerca da Questão Judaica. A razão para isso não é falta de antissemitismo, mas possivelmente o fato de que, em comparação com as demais preocupações, como o combate aos "associais", aos homossexuais ou a questão da Igreja, a perseguição aos judeus aos olhos de Himmler não demandava ações mais específicas. Havia consenso entre os mais importantes atores da política dos judeus — Hitler; a organização responsável pelo plano quadrienal, sob responsabilidade de Göring; além do Ministério do Interior do Reich, sob responsabilidade de Frick: a perseguição deveria ser radicalizada de modo gradativo para, desse modo, promover a exclusão absoluta dos judeus da economia e da sociedade e, se possível, obrigá-los a emigrar. No interesse dessa política, a polícia de segurança de Heydrich e o SD cumpriam seus papéis com rigor; assim, intervenções específicas de Himmler raramente eram necessárias.

Na primavera de 1938, Himmler tomou uma decisão em um caso particular, um pedido de imigração de uma judia alemã que vivia no exterior, cuja justificação nos dá mais detalhes sobre as metas no longo prazo de Himmler em relação aos judeus. O Reichsführer-SS autorizou a imigração sob a condição de que a solicitante "se comprometesse a permanecer na Alemanha, porque a Alemanha não estava preparada para abrir mão de sua garantia mais valiosa, os judeus". Essa orientação era completamente contrária à política de emigração

praticada pelo SD, especialmente após a “anexação” da Áustria, e ocasionou considerável irritação no departamento de judeus. O SD perguntou a Himmler se sua atitude implicava que “todos os judeus ricos”, assim como “todos os judeus conhecidos ou que tivessem algum bem como garantia” deviam ser excluídos da emigração; Himmler rubricou o documento sem mais comentários e em julho mandou avisar que o assunto estava encerrado.[114] A ideia de Himmler de manter os judeus abastados como reféns era coerente com o modo de pensar extremamente prático e ele se ocuparia dela reiteradamente nos anos seguintes.

Entre maio e julho de 1938, ocorreram novas ondas de violência antissemita por ativistas do partido dentro do território do Reich. Goebbels tentava gerar um verdadeiro espírito de pogrom, especialmente em Berlim. No entanto, a crise nos Sudetos fez com que a direção do regime inicialmente achasse mais recomendável interromper as investidas antissemitas a fim de sublinhar o “pacifismo” da Alemanha nazista. Mal a crise fora superada mediante o Tratado de Munique, no início de outubro a violência foi retomada com força total; entre outros atos de vandalismo, durante as semanas seguintes foram depredadas no mínimo uma dúzia de sinagogas. Os sinais de que partes da base do partido favoreciam um pogrom aberto se intensificavam. Em meio ao alvoroço dessa atmosfera antissemita, Himmler, em 26 de outubro, emitiu a ordem de que dentro de três dias os judeus poloneses residentes no Reich deveriam ser deportados para se antecipar à temida desnaturalização dessas pessoas por seu próprio governo.[115] Na primeira grande deportação que ocorreu nos dias seguintes, 18 mil pessoas foram presas e escorraçadas sob condições desumanas pela fronteira alemã-polonesa.[116]

Em 7 de novembro, o jovem de 17 anos de idade, Herschel Grynspan, perpetrou um atentado, como ato de vingança contra a deportação de seus pais, oriundos da Polônia, contra o secretário da legação da embaixada alemã em Paris, Ernst vom Rath — ocasião muito bem-vinda pelo regime nazista para satisfazer a porção de militância antissemita da base do partido e deslanchar o pogrom reivindicado. Ainda em 7 de novembro, no mesmo dia do atentado, portanto, a imprensa nazista assumiu posição ameaçadora contra os judeus que viviam na Alemanha e anunciou, seguindo as ordens do Ministério da Propaganda, que o ato de Grynspan, um ataque do “judaísmo mundial”, traria consequências imprevisíveis para a situação dos judeus que viviam na

Alemanha.[117] Especialmente em Hessen, os ativistas do partido organizaram nos dias 7 e 8 de novembro atos de violência contra sinagogas e lojas de propriedade judia.[118]

Em meio a essa situação, Himmler fez seu discurso anual aos Gruppenführer da SS reunidos em Munique, em 8 de novembro, para, no dia seguinte, participar das festividades pelo aniversário do putsch de 1923. Em seu pronunciamento, Himmler também abordou a Questão Judaica: declarou que "nos próximos dez anos certamente enfrentaremos conflitos de natureza incrivelmente crítica", levando-se em conta a necessidade de vencer "a luta ideológica" contra "o judaísmo, a maçonaria, o marxismo e as instituições religiosas do mundo"; e não se esqueceu de acrescentar: "Considero os judeus como [força; P.L.] motriz, como matéria primordial de tudo o que existe de negativo. [...] Na Alemanha, os judeus não poderão ficar. É uma questão de tempo. Sem nenhuma consideração, vamos desentocá-los mais e mais."[119] Sobre a situação corrente, no entanto, Himmler não disse uma palavra; e a formulação de que os judeus seriam expulsos "no decorrer de alguns anos" não sugere que naquele momento ele partia de um golpe dramático iminente no que se referia à perseguição dos judeus.

No dia seguinte, 9 de novembro, Vom Rath faleceu em consequência dos ferimentos. Essa notícia — nada inesperada — chegou a Munique à tarde. A morte foi oficialmente anunciada à noite, durante o tradicional evento em memória dos "antigos combatentes", no salão da prefeitura de Munique. Hitler abandonou o evento e Goebbels incitou os presentes, membros importantes do partido, mediante discurso inflamado que desencadeou o pogrom em todo o território do Reich. A cronologia dos acontecimentos, no entanto, sugere que Goebbels e Hitler já haviam acertado essa tática antes da reunião.[120]

Himmler também estava presente na câmara municipal.[121] Não é possível saber ao certo o que ele fez após o discurso de Goebbels, ou seja, se deu alguma ordem à SS. Seja como for, fato é que em todo o território do Reich, nos muitos lugares onde se haviam reunido para comemorar o aniversário do golpe naquela noite, os homens da SS participariam dos atos de violência. Se foram necessárias ordens específicas da direção nacional da SS para que isso ocorresse, ou se seus membros simplesmente se integraram aos tumultos em cada local, não é possível saber.[122]

Na sequência da noite, Himmler se dirigiu ao apartamento de Hitler em Munique, onde se encontrava quando, pouco antes das 23h30, este soube da medida da destruição.[123] Possivelmente Himmler orientou dali mesmo o chefe da Gestapo, Müller, que, por sua vez, pouco antes da meia-noite, a partir de Berlim, informou o seu pessoal que em breve ocorreriam "atos contra judeus, especialmente contra sinagogas"; eles não deveriam intervir, exceto para coibir pilhagens e violências maiores. E, ainda mais importante: preparativos deveriam ser tomados nos campos de concentração para receber de 20 a 30 mil presos.[124]

Em seguida, Himmler participou com Hitler do juramento dos recrutas da SS, à meia-noite, na Odeonsplatz e, logo após, retornou ao hotel Vierjahreszeiten, onde se encontrou com Heydrich. Informado por Himmler, à 1h20 Heydrich enviou um telex às divisões da polícia de segurança e do SD, anunciando que eram esperadas "demonstrações contra os judeus em todo o território do Reich", as quais não deveriam ser impedidas pela polícia. Esta deveria se limitar a coibir incêndios em sinagogas, caso representassem perigo para a vizinhança, e impedir pilhagens e ataques a lojas de não judeus.[125]

A instrução de Müller e o telex de Heydrich, enviado mais ou menos uma hora depois, mostram que a chefia da polícia reagiu relativamente tarde aos acontecimentos e que ficou claramente surpresa com a dimensão da violência. Em todos os lugares do território do Reich, ativistas nazistas, membros da SA, da SS, do partido e de outras organizações começaram a destruir sinagogas, instalações e lojas de judeus, a demolir mobiliários nas moradias, a arrancar os judeus à força de suas casas, a humilhá-los, maltratá-los e, em muitos casos, assassiná-los. Oficialmente, falou-se de 91 mortes, mas certamente esse número foi subestimado. Ocorreram inúmeros suicídios, e, dos 25 mil a 30 mil homens judeus que foram detidos durante a noite e enviados aos campos de concentração, muitos não sobreviveram à prisão ou morreram em consequência desta.[126]

Nas semanas seguintes foram debatidas as etapas seguintes da política em relação aos judeus, em uma série de conferências entre membros do alto escalão.[127] Na conferência de 12 de novembro de 1938, Heydrich pôs em pauta a questão da emigração judaica e, entre outras coisas, referiu-se à experiência do SD com a "central de emigração de judeus" em Viena. Ele sugeriu a instalação de um departamento semelhante para todo o território do Reich. Göring

concordou. Heydrich também pôs em discussão uma “ação de emigração para o judaísmo no restante do Reich”, que deveria ocorrer dentro de um prazo de “no mínimo oito a dez anos”.[128]

O fato de a sugestão de expulsar os judeus alemães de maneira organizada ter sido aprovada unanimemente nessa reunião foi a premissa decisiva para que Heydrich futuramente assumisse um papel de chefia na política relativa aos judeus. A ideia desenvolvida nos anos anteriores no “departamento judaico” do SD, de um conceito de banimento abrangente, garantido não só em termos de política interna e externa, mas também em termos econômicos, tornou-se então a política oficial do regime.

Em 24 de janeiro, Göring determinou a instituição de um “escritório central de emigração judaica”, segundo o modelo da central de emigração criado por Eichmann em Viena, e indicou Heydrich para chefiá-lo. Paralelamente, Göring pôs em ação a unificação de todas as associações e sociedades judaicas em uma única organização obrigatória.[129] Foi criada a Reichsvereinigung der Juden in Deutschland (União dos Judeus na Alemanha do Reich), supervisionada pelo Ministério do Interior do Reich e sucedendo a Reichsvertretung der Juden in Deutschland (Representação dos Judeus na Alemanha do Reich), constituída em 1933. Em 4 de julho de 1939, foi aprovada a décima alteração ao Código Civil do Reich, que decretava a associação compulsória de todos os judeus que viviam na Alemanha e de todas as instituições judaicas nessa corporação.[130]

Ao pogrom seguiram-se diversas leis antissemitas: os judeus foram amplamente excluídos das atividades econômicas, suas empresas foram arianizadas à força, seus direitos ao seguro, que poderiam ter reivindicado em virtude dos danos causados pelo pogrom, foram confiscados; e em vez disso, foram obrigados ao pagamento de uma reparação no valor de um bilhão de Reichsmark.[131]

Nas semanas seguintes, também Himmler emitiu uma série de portarias. Assim, em 10 de novembro, por exemplo, por meio de uma portaria simples, proibiu aos judeus alemães a posse de qualquer arma, o que o ministro do Interior do Reich ratificou no dia seguinte através de uma lei correspondente.[132] Em 2 de dezembro, decretou, com base em uma portaria geral da polícia do dia anterior,[133] a prisão domiciliar geral de todos os judeus alemães no próximo “dia da solidariedade nacional”: uma vez que “os judeus não participam da

solidariedade do povo alemão", eles não deveriam sair de casa nesse dia, entre as 12 e as 20 horas.[134] Em 3 de dezembro de 1938, Himmler emitiu outra ordem, dessa vez privando de modo repentino e com efeito imediato os judeus de conduzir veículos motorizados: suas carteiras de motorista e licenças foram declaradas inválidas e tinham que ser entregues.[135]

As importunações ininterruptas e cada vez mais ameaçadoras surtiram efeito. Embora as negociações internacionais, que Schacht conduziu em nome de Hitler ainda no final de 1938, com o Comitê Internacional para Refugiados Políticos, a fim de executar o projeto de Heydrich, de uma "ação de emigração" em larga escala, acabassem fracassando,[136] o pânico despertado pelo pogrom de novembro e o relaxamento das normas de emigração em uma série de países em 1939 fizeram com que cada vez mais judeus abandonassem o Reich.[137]

## A ocupação de Praga

No início de abril de 1939, a filha de Himmler, Gudrun, recebeu uma carta de Karl Wolff, assistente de seu pai. "Querida Püppi!" começava a carta de Wolff. "Escrevo esta carta para passar a você especialmente mais tarde, para seus netos e bisnetos um testemunho valioso." Como "testemunha ocular", assim se expressou Wolff, ele presenciara, em 15 de março, a entrada de Hitler em Praga, no antigo burgo do imperador, o Hradschin. Nisso, ocorrera a seguinte cena: "O Führer, que se encontrava em uma sala pobremente mobiliada, voltou-se para seu pai e o abraçou, feliz, por ter-lhe concedido [sic!] conquistar — a Boêmia e a Morávia — para a Alemanha. E o Führer disse o seguinte: 'Himmler, não é maravilhoso que estejamos aqui agora e que nunca mais sairemos daqui?' Mais tarde, o Führer falou mais uma vez para seu pai: 'Não que eu esteja me elogiando, mas preciso realmente admitir que fiz isso de forma elegante.' Espero, querida Püppi", assim Wolff finalizou a carta, "estar lhe dando muita alegria com essa experiência".[138]

O fato de Hitler, em estado eufórico, dirigir-se a Himmler tinha sua razão de ser: a SS e a polícia haviam desempenhado um papel importante na ocupação em geral desprovida de dificuldades da parte tcheca da Tchecoslováquia, em 15 de março de 1939, tal como ocorrera quando da entrada na Áustria e nos Sudetos. Ao lado de dois regimentos da Polícia de Ordem,[139] Himmler destacara dois Einsatzgruppen da polícia de segurança que começaram imediatamente a

confiscar documentos nos territórios ocupados e — no contexto da Operação Barras de Ferro — a prender um grande número de comunistas e emigrantes alemães, em torno de 6 mil pessoas até o início de maio. Levaria ainda algum tempo até que finalmente, em 1º de setembro, a posição da polícia de segurança estivesse legalmente regularizada no "Protetorado Boêmia e Morávia"; nesse meio-tempo, quase seis meses, a polícia de segurança pôde exercer uma tirania ilimitada.

A regularização, na verdade, não mudaria nada nesse estado de coisas, uma vez que meramente legalizava o regime de crueldade erigido por Himmler e Heydrich. A portaria determinava que não só as autoridades tchecas, mas também a administração alemã, deveriam seguir as determinações da Gestapo e que "o Reichsführer-SS, em cooperação com o Reichsprotektor [...] podia tomar as medidas necessárias para a manutenção da segurança e da ordem [...], inclusive além das limitações normalmente determinadas para isso". De fato, no entanto, o protetor do Reich, o antigo ministro do Exterior, Von Neurath, era excluído de questões envolvendo a polícia de segurança, uma vez que o dirigente superior da SS e da polícia, o protetor do Reich adjunto, Karl Hermannn Frank, reportava-se a Himmler quando se tratava de assuntos "técnicos". Além disso, a polícia de segurança podia dar ordens às autoridades regionais do protetorado, os Oberlandräten, quando se tratava de "questões da polícia do Estado". Além disso, Himmler constituiu um comandante para a polícia de segurança; no entanto, o primeiro ocupante do posto, Otto Rasch, depois de poucas semanas foi substituído por Stahlecker. A Polícia de Ordem, por sua vez, também podia atuar com independência semelhante.[140]

## Retomada da política de colonização

As atividades relativas aos assentamentos do Departamento Central de Raça e Colonização mereceram pouca atenção de Himmler até 1938. Sabe-se que, em 3 de setembro de 1935, ele baixou uma ordem na qual todas as questões relativas à colonização por parte de integrantes da SS seriam da competência do RuSHA. Isso incluía a seleção dos colonos no contexto da "reestruturação do campesinato alemão", assim como para a "colonização urbana",[141] e em 1938, o chefe do RuSHA havia estendido essa ordem à polícia.[142] Na prática, no entanto, os planos de colonização da SS se haviam mantido modestos até ali: em 1938, por

exemplo, no contexto das “novas colônias”, só tinham sido instalados 55 camponeses em uma área total de menos de 5 mil hectares; além disso, durante a colonização urbana, planejava-se construir 102 casas próprias da SS no Oberabschnitt-SS sudoeste.[143]

Essa atividade escassa e a falta de interesse pessoal do Reichsführer-SS pelo tema colonização resultavam do fato de que, com a escolha do ideólogo agrário e ministro da Agricultura Darré para chefe do RuSHA no início dos anos 1930, Himmler pretendia, antes de mais nada, assegurar a opção da área política “colonização do leste” que, ao que parecia na época, só teria alguma importância prática num futuro distante. No momento, pois, tratava-se de garantir, mediante a aliança com Darré, uma posição firme para a SS em uma área crucial da utopia nazista.

Embora Darré, em discurso sigiloso proferido em janeiro de 1936, tivesse enfatizado que o futuro da colonização camponesa alemã estava no leste da Europa “até os Urais”,[144] o RuSHA que ele dirigia não fez nada para se preparar de uma forma mais abrangente para esse projeto futuro. No entanto, no Departamento de Alimentação do Reich), também dirigido por Darré, desde o início de 1937 já se teciam planos altamente secretos no que tangia à colonização da então Tchecoslováquia, motivados por Hermann Reischle, que dirigia o escritório de lá e não se conformava com a “situação grotesca” de que, na Alemanha nazista, “ninguém se ocupava concretamente” de como a ideia da necessidade de “espaço novo”, que era a questão central do nazismo, poderia ser abordada na prática. O caráter altamente secreto desses projetos impedia que Reischle, também diretor do RuSHA, considerasse o lado da SS nesses planos. Ao contrário, a questão que se coloca é se ele, em sua função de chefe do departamento, não via os planos independentes de colonização da SS como concorrência indesejável e, na medida do possível, tentasse impedir a sua concretização.[145]

As atividades de colonização da SS só tomaram impulso em 1938: recorreu-se às terras colonizáveis nos Sudetos anexados e também na Áustria. Em junho de 1938, a Comunidade Alemã de Assentamento (Deutsche Ansiedlungsgesellschaft, DAG), instituição financeira controlada pelo RuSHA,[146] foi incumbida de comprar terras para a instalação de campos de treinamento militar da Wehrmacht e do reassentamento da população ali

residente, mais de 5 mil pessoas, em terras “arianizadas”. Seguiram-se novas incumbências idênticas para outros três campos de treinamento. Tratava-se ao todo de uma área de 35 mil hectares.[147] A “execução precisa, pontual e sem atritos” das atividades necessárias levou a que outras missões semelhantes fossem confiadas à DAG na Áustria.[148]

O RuSHA foi ainda mais ativo nos Sudetos. A “oportunidade que se oferece agora nos Sudetos alemães”, em outubro escreveu a Himmler, Günther Pancke, sucessor de Darré a partir do final do verão de 1938 como chefe do RuSHA, deveria ser aproveitada para realizar amplas mudanças em “toda a área de colonização”. O campo experimental da política de colonização dos Sudetos deveria ser gerido de modo intensivo para proporcionar à SS a competência em relação à questão da colonização em todo o território do Reich ou, como Pancke se expressou, para que “a SS, como sinal de um verdadeiro desempenho, possa continuar trabalhando no sentido de eventualmente assumir o comissariado do Reich também para a colonização no velho Reich]”. Portanto, o decisivo aumento da autoridade de Himmler em outubro de 1939, mediante sua nomeação para Comissário do Reich para a Consolidação do *Volkstum* Alemão, era algo que já estava sendo preparado havia um ano. Em julho de 1939, o RuSHA exigiu do SD, referindo-se explicitamente a uma ordem do Reichsführer-SS, “documentos, estatísticas, bem como mapas e afins que versassem sobre as condições agrárias e geopolíticas da Tchecoslováquia, Lituânia, Letônia, Estônia e Romênia”. O fato de que, ao mesmo tempo, se pediam arquivos sobre “o trabalho das ações católicas nos países acima mencionados”, deixa claro onde se pensava buscar as futuras terras para colonização.[149]

No entanto, a verdadeira virada na política de colonização da SS ocorreu na primavera de 1939, quando Hitler incumbiu Himmler da missão de organizar a transmigração das minorias alemãs no Tirol do Sul: só agora a política de colonização realmente adquiria dimensões políticas em relação ao *Volkstum*, e não só entrou no campo de visão de Himmler, como passou a ser vista por ele como a chance de deslocar o foco na expansão do império da SS do conceito de Corpo de Segurança do Estado, em direção à Lebensraumpolitik, a política de conquista de espaço vital.

Uma mudança de curso dessa natureza não teria sido possível com Darré. A política de colonização da SS deveria ter um viés mais racista e belicoso do que

a política de colonização campestre de Darré: na SS, o futuro colono era visto sobretudo como "camponês-soldado".[150] Portanto, livrar-se de Darré, seu parceiro político e amigo de longa data, era algo inevitável.

**Himmler se afasta de Darré**

As anotações pessoais de Darré mostram que suas desconfianças em relação a Himmler começaram no mais tardar em 1937.

Em 17 de abril daquele ano, após uma visita, Darré registrou que, embora Hiimmler o tivesse tratado de modo "muito simpático, amistoso", sua fala também tivera "um estranho tom pessimista em relação ao abalo sofrido pela minha postura em público e diante do Führer"; ele se referia ao desempenho desastroso de Darré durante as comemorações do Dia do Camponês do Reich, em 1936, que arranhou permanentemente seu prestígio junto à direção da SS. Na opinião de nazistas importantes, com seu discurso prolixo de cunho ideológico, Darré não fora capaz de traçar um esboço da futura política agrária; todo o evento documentou o isolamento político do líder dos camponeses do Reich.[151] Na presença de Himmler, escreveu Darré, ele se abstivera "de tomar qualquer partido" e só ouviu "em silêncio, pois a amizade de Himmler me é mais importante".[152]

Em 8 de dezembro de 1937, ele teve uma "conversa básica" acerca da SS com Herbert Backe, seu secretário de Estado: "Não acredito que o RFSS tenha algo contra mim, mas as pessoas a sua volta, ou algumas delas, devem exercer grande influência nele, a tal ponto que está começando a fazer coisas e não está ciente de suas consequências. [...] O que se pode fazer? Aguardar! [...] Não posso abandonar o posto de chefe do departamento de raça e colonização [...] exposição perigosa do flanco na luta nazista dos camponeses. [...] A SS está se transformando em uma guarda pretoriana feudal? [...] enquanto envolvem Himmler com o lema do 'sangue bom' que deve ser salvo e nos bastidores ocupam todos os postos importantes com patrocinadores de dinheiro da SS."[153]

Duas semanas depois Darré anotou: "Conversa com Backe, transformar a SS em uma ordem de samurais e simultaneamente fundi-la com a polícia. (Plano do RFSS.) Isso não é possível. *Cui bono*?" E no início de janeiro de 1938: "Grandes preocupações quanto ao caminho da SS [...] Wolff está desenvolvendo nada menos que um governo paralelo com inimigos da SS." Duas semanas depois,

ponderava: “Estou preocupado com o futuro da SS. Será que é melhor que eu entregue o RuSHA, tendo em vista que a SS está se tornando uma guarda pretoriana capitalista sob a ordem suprema de jesuítas?”[154]

Em fevereiro de 1938, ele realmente pôs o cargo à disposição de Himmler, que havia criticado severamente o chefe do Departamento de Treinamento do RuSHA, Joachim Caesar, acusando-o de grande “intelectualismo” e obviamente querendo demiti-lo, passando por cima de Darré. Segundo Darré, Himmler recusava o terceiro chefe de treinamento proposto por ele, o que deixava clara a insatisfação do RFSS com o modo como “as minhas ideias de sangue e solo, de criação e raça, são transmitidas e estabelecidas na SS”. Seu afastamento, portanto, seria inevitável.[155] Embora seu pedido de demissão fosse formulado de modo a permitir que Himmler pudesse voltar atrás, este concordou de imediato sem nem falar mais com Darré.[156]

O esboço preservado dessa carta mostra uma redação mais aguda. “Mas devo isso ao Führer”, Darré formulara, “me afastar de meu posto, que não me garante mais entrar na história com um perfil claro”. Além disso, na última frase ele assinalara que sua decisão era “irreversível”; na carta finalmente enviada, no entanto, dizia que ele “não via outra saída”.[157]

Publicamente, a razão para a demissão de Darré não fora o seu pedido para tal, e sim sobrecarga de trabalho. Em uma anotação de Darré consta que “não haveria nada mais inapropriado no momento” do que se essa “solução for utilizada por algum lado para identificar uma rixa entre a SS e o campesinato”.[158] Depois de Himmler obter a concordância de Hitler para a demissão, ele primeiramente concedeu uma licença ao cansado Darré, já que, como lhe escreveu, em virtude de outros assuntos políticos urgentes, ainda não tinha uma solução oficial definitiva quanto a uma substituição.[159]

Sobre a escrivaninha de Himmler, nessa ocasião, encontrava-se a sugestão do chefe administrativo da SS, Pohl, de dissolver totalmente o Departamento de Raça e Colonização para, desse modo, acabar de uma vez por todas com as “dificuldades financeiras crônicas [...]” do órgão.[160] Himmler não conseguia se decidir a dar esse passo, mas subordinou — motivado por Pohl — o Departamento de Treinamento, até então chefiado pelo RuSHA, ao Departamento Central da SS e, assim, reduziu consideravelmente o antigo campo operacional de Darré.

Somente em 11 de setembro foi nomeado um sucessor — Pancke —, depois que Darré exerceu pressão para que o demitissem também oficialmente, pois a situação em suspenso só causava aborrecimentos. Juntamente com Darré, afastaram-se também dois de seus colaboradores mais próximos: o chefe do estado-maior do RuSHA, Ebrecht, e o chefe do Departamento Racial, Reischle.[161] Darré, no entanto, pediu a Himmler que o mantivesse "ao seu lado, como conselheiro pessoal, sem nenhuma função", já que nos próximos anos, de todo modo, não haveria nenhuma chance de concretizar a "ideia de uma ordem da SS" ambicionada pelos dois, uma vez que as atribuições do Staatsschutz tinham prioridade. Darré, portanto, mantinha a esperança de mais cedo ou mais tarde, com a ajuda de Himmler e da SS, poder concretizar, no médio prazo, seus sonhos ideológicos de longo alcance. Himmler, significativamente, não aceitou o pedido.[162]

Essa recusa deve ter confirmado a avaliação de Darré, que profundamente decepcionado, registrara em 28 de fevereiro, quando um ajudante de Himmler lhe contara que o RSFF estava de acordo com a sua demissão do cargo de chefe do RuSHA: "Himmler nem sequer entendeu o significado essencial das minhas ideias." Na época, acrescentara que queria "tentar manter a amizade".[163] Realmente, no período subsequente, tanto Himmler quanto Darré se esforçaram por assegurar que a relação pessoal não fosse afetada.[164] Apesar disso, o distanciamento dos dois foi crescendo e em 1939-1940 a desconfiança inicial de Darré se transformaria em animosidade.

## Tirol do Sul e protetorado

Sem Darré era possível, agora, pôr em funcionamento a política de colonização da SS no sentido do conceito de espaço vital. O início se deu com a missão de reassentar a população de origem alemã do Tirol do Sul.[165] Imediatamente após a ocupação de Praga, no final de março ou início de abril de 1939, Hitler incumbiu verbalmente a Himmler e ao *Gauleiter* e governador do Tirol, Franz Hofer, a responsabilidade de preparar a expatriação de 30 mil alemães étnicos do Tirol do Sul.[166] Atrás disso estavam os esforços de aliviar as tensões da relação ítalo-alemã por meio de uma clara distinção das esferas de interesse; pois a invasão de Praga representara uma ruptura evidente do Tratado de Munique, intermediado largamente por Mussolini, e contradizia a assertiva salientada até então pelo lado

alemão ante o governo italiano de que a expansão não ultrapassaria a "fronteira do *Volkstum*" alemão. Do ponto de vista de Hitler, tratava-se agora de dissipar a desconfiança de seu mais importante aliado potencial por meio de uma generosa política no Tirol do Sul. O passo demonstrativo de Hitler na questão do Tirol do Sul constituía a principal premissa do pacto de aço selado em 22 de maio de 1939 e que fortaleceria a aliança teuto-italiana.

Encarregar o *Gauleiter* do Tirol dessa missão parecia óbvio; mas por que justamente Himmler se envolveu nesse processo? Diversos motivos o favoreciam. De um lado, havia a experiência do RuSHA nos reassentamentos ocorridos no contexto da instituição de campos de treinamento de tropas na Áustria e nos Sudetos. Do outro lado, mais importantes que isso, eram suas competências na área da polícia, que prometiam que a relocação dos sul-tiroleses ocorreria de forma organizada e que qualquer objeção dos envolvidos seria reprimida imediatamente. Além disso, tinha também a seu favor os excelentes contatos com a cúpula da polícia italiana, e sobretudo o papel que ele desempenhara nos anos anteriores como coordenador e instância superior da política em torno do *Volkstum.*

Desde o início, Himmler entendeu a missão de migração de 30 mil sul-tiroleses como primeira etapa para uma evacuação total de pessoas de língua alemã do Tirol do Sul.[167] Em 30 de maio de 1939, em um memorando, formulou que "a determinação do Führer em relação à fronteira entre a Alemanha e a Itália" é algo "definitivo". Dessa maneira, fica "explicitado de modo irreversível que o Tirol do Sul não tem mais interesse para nós como território germânico". Que isso, no entanto, não significava "que a Alemanha abandonará os 200 mil sul-tiroleses que querem ser alemães". O problema só poderia ser resolvido no contexto de "um processo generoso e possivelmente único em termos históricos": no qual a Alemanha consiga arrumar espaço "em algum lugar dentro de seu domínio, por exemplo no leste, para 200 mil pessoas" em uma região fechada, que deverá ser despojada de todos os atuais habitantes. Um território desses poderia ser preparado, por exemplo, no norte da Morávia, o que ainda contaria com a vantagem de que a "Morávia seria acrescida de 200 mil elementos populares alemães de boa raça, altamente cônscios e aguerridos".

Mas esse seria o "objetivo estratégico final"; até lá, era necessário perseguir uma "solução em etapas", por exemplo, mediante a transmigração da região do

Tirol do Sul para o Reich alemão, principalmente para o Tirol do Norte. A Volksdeutsche Mittelstelle já teria sido incumbida do censo e da elaboração de um "cadastro central" de todos esses imigrantes para mais tarde ter a possibilidade de transferir os imigrantes tiroleses para a região demarcada do assentamento. O processo de migração deveria ser implementado de comum acordo com os órgãos italianos, de preferência mediante a cooperação dos respectivos departamentos de polícia.[168]

Em 23 de junho, Himmler presidiu um encontro teuto-italiano em Berlim cujo tema era a questão do Tirol do Sul; a delegação italiana era chefiada pelo embaixador Bernardo Attolico. Como resultado do encontro, Himmler declarou que fora acordado que, primeiramente, se trataria da "remigração" dos habitantes do Tirol do Sul que eram cidadãos do Reich alemão (nisso se incluíam especialmente inúmeros austríacos que haviam trocado de nacionalidade após a "anexação"). Para poder organizar esse deslocamento populacional envolvendo alguns milhares de pessoas, mas também para preparar o restante da população do Tirol do Sul para a futura emigração, seria instalada uma central de "emigração e remigração" em Bolzano, com quatro filiais em outros lugares do Tirol do Sul. Após a conclusão dessa primeira ação, os habitantes do Tirol do Sul "não ligados à terra" deveriam migrar para o território do Reich e especialmente para o Tirol do norte; a população camponesa seguiria mais tarde.

Além disso, segundo Himmler, os italianos haviam prometido tomar medidas para evitar que os imóveis dos sul-tiroleses fossem vendidos a preços demasiado baixos. O governo italiano designaria comissões especiais para atuar nas vendas. Himmler, por sua vez, se comprometera com os italianos a impedir o pequeno tráfego de automóveis do Tirol do Norte para o Tirol do Sul, a fim de evitar que o "estado de espírito" se contamine, e pediu aos italianos que solicitassem o apoio ao Vaticano "com o qual eu tenho um relacionamento nada satisfatório" para que o clero católico em ambas as regiões do Tirol impedisse "a inflamação dos ânimos no sentido de um nacionalismo chauvinista e da anexação à Alemanha". Wolff registrou em seu protocolo que Himmler se mostrara "aborrecido" com a pergunta de Attolico sobre onde os alemães pretendiam assentar os italianos, respondendo: "O lugar onde iremos assentar os sul-tiroleses não é da conta dos italianos."[169]

No início de agosto de 1939, Himmler recebeu "alguns homens do Tirol do

Sul", representantes da minoria, "para explicar-lhes abertamente as intenções do Führer e o propósito dessa migração toda" e para exigir que, "apesar do infinito pesar em virtude da perda de sua pátria", fossem "obedientes em relação à ordem de emigração" e mantivessem "a mais fiel disciplina na execução da mesma".[170]

As negociações teuto-italianas sobre a forma de realizar a transmigração, iniciadas na reunião de Berlim em junho de 1939, realmente produziram um acordo formal em outubro.[171] As pessoas de nacionalidade alemã que viviam no Tirol do Sul deveriam emigrar dentro de três meses. Até o final de 1942, os sul-tiroleses de nacionalidade italiana, no caso de "optarem" pelo lado alemão, deixariam o país. Aqueles que não conseguissem se decidir quanto ao lado a escolher, deveriam permanecer em sua pátria e, incondicionalmente, tornarem-se italianos, ou seja, devotar-se à língua e à cultura da Itália.[172]

O suposto processo de opção, por meio do qual os sul-tiroleses deveriam se decidir pela Alemanha ou pela Itália, foi essencialmente concluído, conforme planejado, até o final de 1939. Mesmo assim, o local onde se deveriam situar os assentamentos dos sul-tiroleses ainda não estava decidido. Essa questão ainda ocuparia Himmler por anos.

Na primavera, as atenções de Himmler se voltaram primordialmente para o protetorado Boêmia e Morávia. Já em 18 de abril de 1939, uma Einsatzgruppe Bodenamt, composta por representantes do departamento de polícia do Estado, do SD e do RuSHA, havia assumido o Departamento de Terras do Ministério da Agricultura da Tchecoslováquia, que fora instituído na República Tchecoslovaca após a Primeira Guerra Mundial, no contexto da reforma agrária.[173]

Em 17 de maio, Curt Von Gottberg, o chefe do Departamento de Colonização no RuSHA, foi indicado pelo protetorado do Reich a chefe do Bodenamt. Até a sua demissão em dezembro de 1939, Gottberg havia confiscado um total de 256 mil hectares de terras para a SS e suas instituições de colonização, e assegurou ao Bodenamt, mediante a transferência a uma fundação interposta, 145 mil hectares de floresta nacional. Eram confiscadas terras de judeus, da Igreja católica, além de terras de propriedade do Estado.[174] O objetivo era o assentamento de colonos alemães e a expulsão de tchecos "não germanizáveis" para o território do Reich, onde seriam aproveitados como mão de obra. Apenas dois meses após a nomeação, em junho de 1939, Curt Von Gottberg pôde informar a Himmler que se preparava para assentar 12 mil famílias de

camponeses do Tirol do Sul.[175]

Darré, na condição de ministro da Alimentação e chefe dos camponeses do Reich, interessado em primeira linha na "política camponesa", protestou — inutilmente — contra a nomeação de um representante da SS a chefe do Bodenamt e o assim instituído viés de *Volkstum* da futura política de colonização do protetorado. No grupo de trabalho que o chefe do gabinete do estado-maior de Darré, Reischle, já havia instalado em 1937, dando início aos preparativos para a colonização da Boêmia e da Morávia, sabia-se há muito tempo que o controle do Bodenamt era a premissa administrativa decisiva para a redistribuição das propriedades agrícolas no protetorado e por isso também se preparara para exercer ele mesmo a chefia desse departamento.[176] Mas a SS se antecipara ao pessoal de Darré, por entender que o ponto de vista deste e de seus especialistas agrários era excessivamente centrado em uma "política de alimentação".[177]

Nos meses seguintes, Darré — apoiado pelas autoridades do protetorado do Reich — passaria a reclamar constantemente sobre a política de Gottberg e a "torpedeá-la",[178] como Pancke informou a Himmler. Algo especialmente delicado era o fato de a direção provisória do Bodenamt não estar suficientemente protegida em relação à lei administrativa, uma vez que "sua base legal até ali consistia unicamente em uma instrução do Reichführer-SS".[179]

Gottberg ambicionava transformar o Bodenamt tcheco, temporariamente sob sua direção, em "departamento superior do protetor do Reich" para questões de colonização.[180] Sua tentativa de fazer com que a organização que chefiava assumisse a Comunidade Alemã de Assentamento (DAG), fundada por Darré, só intensificou ainda mais o conflito com o mesmo, que, por sua vez, se esforçava por transferir a DAG para controle estatal.[181] Darré provavelmente teve alguma responsabilidade no afastamento de Gottberg, que se envolvera em um caso financeiro no contexto da compra da DAG e foi suspenso, em novembro de 1939, de início de seu cargo de chefe do Departamento de Colonização e, em dezembro, perdeu também o posto de chefe do Bodenamt.[182] O sucessor de Gottberg, Theodor Gross, que viera da repartição do protetor do Reich, era muito mais próximo da política de colonização do Ministério da Alimentação do que seu predecessor da SS.[183]

Portanto, o avanço de Himmler em direção à política de colonização

fracassou principalmente em razão da resistência de Darré. Depois de se livrar dele, Himmler aspirava realizar uma abrangente política de colonização baseada na colaboração bastante funcional e prática de cada divisão de seu aparato: seus contatos e competências como Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã faziam com que parecesse predestinado ao comando da transmigração dos habitantes do Tirol do Sul e seu controle sobre a polícia do protetorado, que não tinha nenhum empecilho legal, lhe permitia o acesso ao Bodenamt. Mesmo assim, a tentativa havia malogrado. Himmler, com essa experiência, parece ter aprendido sobretudo uma coisa: se quisesse se impor sem restrições no segmento da colonização, teria de empregar suas competências policiais de modo ainda mais brutal do que o fizera em Praga.

O papel que a SS de Himmler desempenhou na anexação da Áustria e dos Sudetos, bem como na ocupação da parte tcheca da Tchecoslováquia, aliado ao seu engajamento na transmigração dos sul-tiroleses tendo em mira o fortalecimento da união teuto-italiana, como também as abrangentes desapropriações realizadas pela SS no protetorado — tudo isso deixa claro que nos anos de 1938-1939 Himmler usava a SS cada vez mais a serviço da política de expansão, da preparação da guerra e do confisco permanente dos territórios conquistados.

Em março de 1939, quando o governo polonês, fortalecido pela garantia britânico-francesa, se recusou a ceder às exigências de integração de Danzig ao Reich e a fazer concessões na questão do Corredor Polonês, Hitler decidiu aniquilar a Polônia. O conflito militar foi preparado cuidadosamente durante os meses que se seguiram, por meio de diversos estratagemas: provocações políticas em relação à Polônia, expansão da aliança com a Itália e, finalmente, o pacto Hitler-Stalin, de agosto de 1939, que selava o destino do Estado polonês. Hitler não acreditava que a ameaça das potências ocidentais de entrar em guerra contra o Reich em caso de novas agressões alemãs devesse ser levada a sério. De todo modo, ele não partia da premissa de que a ação militar contra a Polônia resultasse imediatamente naquela grande guerra europeia, que ele havia esperado desde o final de 1937 e com a qual Himmler, desde o início de 1939, contava a qualquer momento.

Himmler estava preparado para a guerra: dispunha de unidades armadas em

um efetivo de 40 mil homens; a polícia estava de prontidão para empregar uma grande parte de seu pessoal para fins militares e preencher eventuais lacunas com reservistas; seus campos de concentração tinham supercapacidade para absorver inimigos reais e potenciais do regime.

Cinco dias antes do início da guerra, e quando a mobilização já estava em pleno andamento por toda parte, também o professor Werner Jansen, autor dos romances germânicos tão apreciados por Himmler e integrante da SS desde 1935, entrou em contato com o Reichsführer. O médico, professor da Universidade de Berlim, pediu a Himmler que de todo o coração permitisse a ele tomar parte como seu historiador nesse grande acontecimento".[184] Himmler reagiu positivamente e, em janeiro de 1940, atribuiu a Jansen o estado-maior da divisão que havia sido formada por seus destacamentos Totenkopf, em que o médico-escritor de fato prestou serviços nos meses seguintes.[185] Para Himmler, assim se fechava um círculo: o homem que mais dera asas ao desenvolvimento da sua utopia germânica tornava-se seu cronista justamente no momento em que sua SS começava a transformar essa utopia em realidade.

Jansen, no entanto, não chegaria a escrever mais essa saga: faleceu em dezembro de 1943, após longa doença, dois dias depois que Himmler o nomeara SS-Standartenführer.[186]

27 Ambos caracterizados por calças abombachadas que acabam logo abaixo dos joelhos. (N. das T.)

## Guerra e colonização na Polônia

O início da Segunda Guerra Mundial representava uma grande chance para Himmler. Durante os anos anteriores, ele se empenhara para reunir as diferentes funções tanto quanto possível em um conjunto uniforme sob o slogan do "corpo de segurança do Estado". Em essência, criara-se assim, sob o pretexto de uma prevenção geral, um aparato policial e de opressão extremado que deveria ser fundido com a "ordem" da SS, complementado sobretudo por organizações armadas, competências na área da política em relação ao *Volkstum* e — a partir de 1938 — por diversas atividades de transmigração e assentamento. Agora ele podia passar para a etapa da ampliação considerável do conglomerado de poder sob seu controle, reorientá-lo e atribuir tarefas ajustadas entre si às diferentes divisões de seu império para, dessa maneira, aproveitar os efeitos das sinergias.

O emprego para fins militares das diversas unidades armadas da SS finalmente lhe oferecia a oportunidade de concretizar a ideia perseguida por ele havia muito tempo, de uma entidade militar maior, fechada e independente: a Waffen-SS. O "sacrifício do sangue" na guerra devia fortalecer a aura da SS como organização de elite e respaldar seu papel de "corpo de segurança do Estado". Além disso, tendo a guerra como pano de fundo, ele podia investir com extrema brutalidade contra todos os "inimigos do Estado", tanto internamente quanto nos territórios a serem conquistados e, dessa forma, ampliar sua base de poder. Mas a opção que se apresentava com a guerra era, sobretudo, a de estender a política de colonização da SS em grande escala para os territórios conquistados, criando os fundamentos para aquele "anel" que fora projetado, de 80 a 100 milhões de camponeses, que deveria defender as fronteiras do Reich. Com a passagem para a guerra, parece que essa missão, originalmente concebida como tarefa para as futuras gerações, se aproximou cada vez mais das próprias atividades de Himmler no âmbito da "colonização": o futuro do grande Reich germânico estava no presente e, em grande parte, nas mãos dele. Em julho de 1939, durante as festividades anuais em homenagem ao rei Henrique I em Quedlinburg, teve a ideia de confiar à Ahnenerbe a missão de examinar "com que rapidez os grandes feitos do passado alemão foram realizados", sendo que o principal interesse residia na questão se o seu ídolo, o rei Henrique I, podia ser evocado a título de comparação quando se tratasse de avaliar a política de Adolf Hitler. Nove dias após o início da guerra já recebia o primeiro veredicto da

Ahnenerbe, que, no entanto, nem começava a responder a sua pergunta.[1] Mas Himmler, que na dúvida sempre confiava mais nas próprias convicções do que na opinião de seus especialistas, não podia ser demovido da ideia de ver a guerra como o cumprimento de uma missão histórica.

## A SS a serviço da guerra

A Gestapo e o SD estavam fortemente envolvidos nos preparativos da guerra.[2] No Departamento Central do SD, já em maio de 1939, fora instalada Escritório Central II P (Polônia) para centralizar o processamento de todas as questões que envolvessem germanismo na Polônia e organizar um fichário daquelas pessoas contra as quais se tomariam providências em caso de necessidade. A partir de julho de 1939, a Gestapo e o SD passaram a tomar medidas concretas para o caso de uma guerra; especificamente, começou-se novamente a formar Einsatzgruppen.[3]

Imediatamente antes do ataque planejado, o SD foi incumbido do importante papel de encenar uma série de incursões armadas na fronteira, que seria imputada aos poloneses e que serviria para justificar o início da guerra.[4] O próprio Heydrich dirigiu a operação altamente sigilosa, e Himmler, no decurso de uma breve visita em meados de agosto, pediu para que lhe fossem mostrados pessoalmente, um a um, os trechos de fronteira que serviriam de palco para a ação.[5]

Após cuidadosos preparativos, em 31 de agosto, na noite anterior à ofensiva militar, comandos do SD atacaram a estação de rádio Gleiwitz, um posto de fronteira e uma guarda florestal, na fronteira alemã-polonesa, a fim de simular uma provocação polonesa. Foram transmitidas explicações em língua alemã e polonesa pela rádio Gleiwitz. Os atacantes deixaram atrás de si diversos prisioneiros de campos de concentração, que haviam sido assassinados e enfiados em uniformes poloneses. Com isso, criara-se um pretexto para uma "retaliação" alemã.[6]

Um outro comando bem maior da SS, formado por membros dos destacamentos Totenkopf, desempenhou papel crucial nas primeiras horas da guerra: os homens da SS se infiltraram na cidade livre de Danzig para fortalecer a Heimwehr, tropa formada por membros da SS de Danzig que fora criada pelo senado nazista da cidade após preparativos secretos e oficializada em 18 de

agosto de 1939 com o nome de “SS-Heimwehr Danzig” (defesa interna da SS de Danzig). Na manhã de 1º de setembro de 1939, a Heimwehr participou, entre outros, dos ataques das tropas alemãs à Westernplatte, a fortificação polonesa na cidade livre. Tinha também a missão de ocupar o correio polonês, mas ali se deparou com funcionários armados, reservistas do Exército polonês que se haviam entrincheirado, de modo que o prédio só pôde ser tomado ao cair da noite.[7]

Himmler, que acima de tudo preferia se ver como soldado, finalmente tinha a chance de “ir para o campo de batalha”. Mas ele o fez cercado de relativo conforto, algo condizente com sua alta posição: no início de setembro, deixou Berlim com o quartel-general móvel, o trem especial “Heinrich” (que tinha de dividir com Von Ribbentrop e Lammers), para que pudesse, nas semanas seguintes, manter-se o mais próximo possível do quartel-general de Hitler, que também se encontrava em um trem e que durante a guerra mudou diversas vezes sua posição.[8]

Externamente e especialmente ante a Wehrmacht, Himmler sempre justificava a instalação de unidades armadas da SS com a função de segurança da política interna da SS. De fato, a partir de 1934 ele vinha criando uma tropa militar, nas escolas de cadetes havia formado um grande número de oficiais e militarizado as unidades de guarda Totenkopf.[9] Na guerra contra a Polônia, ele podia finalmente fortalecer as diversas organizações SS armadas e instalar outras para formar uma tropa SS fechada: a meta era a criação de um corpo de exército próprio da SS, como Himmler já expusera aos Gruppenführer em novembro de 1938. Naquela época ele dissera que dessa maneira também seria possível fortalecer a posição “moral” da SS como órgão de repressão: “Se eu descrevo a missão essencial da SS como a garantia, juntamente com a polícia [...], da segurança interna da Alemanha, então essa tarefa só é praticável se parte dessa Schutzstaffel, desse corpo de liderança, estiver lutando até a morte no front. Se não trouxéssemos sacrifícios de sangue e não estivéssemos lutando nas frentes de batalha, teríamos perdido a obrigação moral, na nossa pátria, de atirar em pessoas covardes e preguiçosas. É para isso que existe a Verfügungstruppe, que tem a mais bela atribuição: a de poder ir para o campo de batalha.”[10]

Em agosto de 1939, Hitler havia ordenado a integração, prevista em caso de mobilização, das unidades da Verfügungstruppe no Exército. Por isso, a

Leibstandarte, os regimentos “Germânia” e “Deutschland”, bem como outras unidades, participaram da guerra contra a Polônia distribuídos por diferentes exércitos das Forças Armadas.[11] Após o término das hostilidades, deu-se o próximo passo: das unidades da Verfügungstruppe foi montada a divisão VT, planejada havia muito tempo, e que mais tarde se chamaria “Das Reich”.[12]

Logo no início da guerra, Himmler passou para Eicke a direção militar dos Totenkopfstandarten. As tropas de guarda dos campos de concentração, em formação militar, seriam empregadas, agora, no campo de batalha; suas atribuições nos campos de concentração foram assumidas pelo reforço policial. Três regimentos Totenkopf operavam na área de retaguarda do 10º e do 8º Exército, realizando “operações de limpeza e segurança”, ou, falando mais claramente: aterrorizando a população civil por meio dos métodos mais ignóbeis e cometendo assassinatos a torto e a direito. Eicke dirigia as operações a partir do trem especial de Hitler.[13]

Ainda em setembro de 1939, Himmler recebeu a autorização de Hitler de reunir os Totenkopfstandarten numa só divisão. Quando, em outubro, os três Standarte deixaram a Polônia em direção a Dachau (onde a divisão foi instalada), foram substituídos por novas unidades Totenkopf, formadas desde 1938.[14] No mesmo mês, Himmler determinou a formação de uma divisão de polícia constituída por membros da Polícia de Ordem e unidades da Wehrmacht.[15]

Logo após o início da guerra, Himmler dispunha, portanto, de três divisões, como também da Leibstandarte, em forma de unidades armadas da SS. No decorrer do ano de 1940, estabeleceu-se para a nova tropa o nome coletivo de Waffen-SS.[16] O nome marca a existência de uma tropa ativa independente da Wehrmacht e acentua a equivalência das diversas unidades armadas da SS.

## “Fuzilar na hora”

Até certo ponto, a cúpula nazista já conduzia a guerra contra a Polônia como uma guerra de exterminação racial. Também nisso Himmler desempenhou papel central desde o início.[17]

A forma de proceder nessa guerra havia sido esclarecido de modo indubitável por Hitler em 22 de agosto ante membros do generalato, como se depreende de uma ata redigida em forma de palavras-chave: “Aniquilamento da Polônia em

primeiro plano. Objetivo é a eliminação de forças vivas, não o alcance de uma linha determinada. [...] Fechar o coração contra a misericórdia. Procedimento brutal. Oitenta milhões de pessoas precisam obter seus direitos. Sua existência deve ser garantida. O mais forte tem a razão. Extrema dureza".[18]

Em 3 de setembro, Himmler deu a ordem segundo a qual "rebeldes poloneses surpreendidos portando armas" deveriam ser "fuzilados imediatamente". Caso surgissem insurgentes, pessoas em cargos de chefia na administração polonesa local deveriam ser feitas reféns. Caso fossem feitos prisioneiros grupos rebeldes maiores ou quando se tencionava matar os reféns, era preciso antes obter sua autorização. Quatro dias depois, Himmler deu a ordem por telefone de que a polícia, e não o Exército, deveria realizar as execuções na Polônia.[19]

Em 7 de setembro, Heydrich determinou em uma reunião de chefes de departamento que "a camada populacional de liderança da Polônia deve ser tornada inofensiva do melhor modo possível",[20] e em 14 de outubro, perante o mesmo grupo, exigiu que a já iniciada "aniquilação da liderança polonesa" na medida do possível fosse concluída até 1º de novembro.[21] De acordo com essas instruções, dezenas de milhares de cidadãos poloneses foram assassinados por unidades especiais da polícia e da SS, mas também por unidades do Exército, ainda durante as hostilidades e ao longo dos primeiros meses da ocupação. A título de pretexto, a propaganda alemã alegou supostas atrocidades polonesas que teriam custado a vida de mais de 50 mil pessoas; de fato, no entanto, o número total de alemães étnicos que de um modo ou de outro perderam a vida durante a guerra foi de 4.500 até 5.500 pessoas. Entre esses, encontravam-se os cem mortos no "Domingo sangrento de Bromberg"), apresentado pela propaganda nazista como massacre polonês que teria vitimado milhares de pessoas.[22]

O planejado assassinato em massa de determinados grupos populacionais poloneses, disfarçado de "retaliação", foi executado principalmente pelas Einsatzgruppen da polícia de segurança que, como nas anexações anteriores, foram empregadas novamente nesta ocasião. As sete Einsatzgruppen — cinco delas estavam subordinadas cada uma a um alto-comando do Exército — compreendiam, no total, uns 2.700 homens.[23] Oficialmente, estavam encarregados de combater "todos os elementos inimigos do Reich e da Alemanha em território inimigo, na retaguarda da tropa de combate" conforme

consta de um acordo fechado em julho com o comando superior do Exército. Em uma anotação de arquivo de Heydrich de julho de 1940, consta que receberam instruções adicionais que eram “extremamente radicais (por exemplo, ordem de aniquilamento de inúmeros círculos de liderança poloneses que envolvia milhares de pessoas)”. Concretamente, isso significava a autorização de matar membros da inteligência, do clero, da nobreza e da comunidade judaica.[24] O Departamento Central de Segurança já dispunha das listas de busca correspondentes desde maio de 1939. [25]

Quando foram dadas as ordens mencionadas por Heydrich e quem as dera não se sabe. Após o término da guerra, importantes membros das Einsatzgruppen declararam que já em agosto acontecera uma conferência na qual Himmler e Heydrich haviam deixado claro a eles que, essencialmente, ficava a cargo da iniciativa própria de cada um o modo como dariam cabo da inteligência polonesa[26] — uma tática que durante toda a guerra se tornaria típica da SS quando se tratava de transmitir esse tipo de ordem.

As Einsatzgruppen eram apoiadas principalmente pelo Volksdeutsche Selbstschutz (Autoproteção dos Alemães Étnicos). A ordem para a formação dessa tropa fora dada por Himmler poucos dias após o início da guerra.[27] Gottlob Berger, chefe do departamento auxiliar da SS responsável pelo recrutamento de membros da SS armada, ocupou-se da questão. O Selbstschutz recrutava a maior parte da minoria alemã “apta a participar de ações militares” — 100 mil homens em poucas semanas —, claramente orientava sua organização segundo a SS e, em fins de setembro, foi incorporado à Polícia de Ordem.[28]

As Einsatzgruppen, Selbstschutz, a Polícia de Ordem, a Waffen-SS e as unidades da Wehrmacht assassinaram milhares de civis poloneses[29] ainda durante as hostilidades propriamente ditas; entre esses, centenas de judeus que, em uma série de ocorrências, foram trancafiados em sinagogas e queimados.[30] Os assassinatos marcaram o auge da desenfreada violência antissemita que se abatera sobre os judeus poloneses desde o início da guerra.[31] Além disso, desde setembro de 1941, Einsatzgruppen e Wehrmacht expulsaram dezenas de milhares de judeus de forma violenta para fora da linha de demarcação e para dentro do território soviético ocupado.[32]

Em diversas ocasiões, Himmler interveio diretamente nas ações das Einsatzgruppen. Em 3 de setembro de 1939, por exemplo, determinou que o SS-

Obergruppenführer Udo Von Woyrsch formasse uma Einsatzgruppe z.b.V28, em virtude de supostos distúrbios na região industrial do leste da Alta Silésia, e o encarregou da "supressão radical do levante polonês [...] por todos os meios disponíveis".[33] Depois que se esclareceu que não havia movimentos revolucionários consideráveis na "região de ação", Himmler ampliou a missão de Von Woyrsch: indicou-o para comandante especial da polícia junto ao 14º Exército e determinou que se encarregasse do "desarmamento e aniquilação dos bandidos poloneses, execuções". Himmler, que em 1935 fora obrigado a demitir Von Woyrsch do posto de dirigente do Oberabschnitt Silésia por conta de ações assassinas independentes que tinham relação com o dia 30 de junho de 1934, ofereceu a ele a chance de "se reabilitar" mediante uma atuação radical na Polônia ocupada: aqui havia a demanda por iniciativa homicida própria e, de fato, a Einsatzgruppe z.b.V., à medida que avançava, cometeria inúmeros pogroms contra judeus.[34] Em 11 de setembro, Himmler deu à Einsatzgruppe IV a ordem — formulada por Hitler — de "fazer quinhentos reféns, especialmente nos círculos da inteligência polonesa de Bromberg, mas também junto aos comunistas e, à menor tentativa de revolta ou resistência, tomar medidas drásticas fuzilando-os impiedosamente".[35]

Após o término da guerra teuto-polonesa, o terror passou a ser sistematizado. A partir do final de outubro, unidades Einsatzgruppen e Selbstschutz executaram a chamada ação de inteligência[36] dirigida pelo RSHA, o Gabinete Central de Segurança do Reich que, de fato, era uma campanha assassina dirigida principalmente contra professores, acadêmicos, antigos oficiais, funcionários públicos, sacerdotes, proprietários de terras, importantes membros de organizações nacionais polonesas e, principalmente, judeus.[37]

Durante os primeiros quatro meses da ocupação alemã foram assassinadas desse modo, conforme já mencionado, milhares de pessoas. Nisso, o novo *Gau* do Reich Danzig-Prússia Ocidental constituiu um claro centro de gravidade.[38] Além de integrantes das elites polonesas e judeus, nessa região também foram assassinados pacientes de asilos, "associais", prostitutas, mulheres supostamente com doenças venéreas e ciganos; aqui se mostrou em que medida os diversos órgãos subordinados conduziam, por iniciativa própria, uma "higiene racial" nos territórios conquistados.[39]

Ludolf Von Alvensleben, chefe do Selbstschutz em Danzig-Prússia Ocidental

e ex-ajudante de Himmler,[40] foi o responsável por esses homicídios a partir de meados de setembro. A “recompensa” que Himmler planejou para esse massacre não só expressava sua gratidão e o reconhecimento a Von Alvensleben, mas continha um pensamento “pedagógico”. Em 26 de março de 1940, Himmler comunicou a Heydrich que autorizara Von Alvensleben — cuja situação financeira precária ele conhecia bem desde os anos 1930[41] — a assumir a administração de duas fazendas no território anexado, que até 1918 haviam pertencido à família desse. No entanto, seria uma medida provisória e não implicaria transferência de propriedade; não era sua intenção tratar Von Alvensleben de forma privilegiada. Boatos a esse respeito, que corriam nos círculos alemães étnicos do *Gau*, e que possivelmente haviam levado Heydrich a questionar Himmler, não seriam justificados. Ele havia concordado com a administração antes de mais nada “para dar a chance ao SS-Oberführer Von Alvensleben — que, como chefe do Selbstschutz, fora o responsável pelo cumprimento das necessárias execuções e que tivera de ouvir de vários alemães étnicos que para ele tudo era fácil, afinal, logo deixaria o país de novo — de voltar ao país como cidadão e habitante e, assim, dar um exemplo bom e corajoso aos alemães étnicos”.[42]

Os facínoras de Himmler também começaram a matar sistematicamente os pacientes de hospitais psiquiátricos nos territórios poloneses anexados, umas 7.700 pessoas.[43] Essas ações demonstram paralelos claros com as chamadas eutanásias no território do Reich, onde a Chancelaria do Führer “assinou” os homicídios com a rubrica “T4”; que na Polônia era a SS.

No novo *Reichsgau* Danzig-Prússia Ocidental, do final de setembro até dezembro de 1939, membros do Wachsturmbann Eimann, unidade formada por homens da SS de Danzig, do Selbstschutz de alemães étnicos e do Einsatzkommando tomaram parte no assassinato de pacientes psiquiátricos poloneses. No novo *Reichsgau* Wartheland, também chamado de Warthegau, em novembro, foram executados pacientes do hospital psiquiátrico Owinska (Teskau).[44] A partir de novembro, pacientes de duas outras instituições começaram a ser deportados para Posen, onde a Gestapo mantinha um campo no forte VII, que pertencia ao complexo de uma fortaleza erguida no século XIX. Aqui se empregava um novo método de assassinato, sobre cujo efeito Himmler fez questão de ser imediatamente informado ao visitar o local em 12 de

dezembro de 1939: as vítimas eram enfiadas em uma sala vedada e envenenadas com monóxido de carbono — o primeiro assassinato em massa cometido pelos nazistas por meio de gás venenoso.[45] No início de 1940, essa instalação seria substituída por câmaras de gás montadas sobre caminhões.[46]

Também no território do Reich, na vizinha Pomerânia, os comandos de Himmler assassinaram doentes mentais. Aparentemente, em setembro/outubro, o *Gauleiter* Franz Schwede oferecera a Himmler a utilização do sanatório Stralsund como caserna da SS. Entre novembro e dezembro de 1939, entre 1.200 e 1.400 pacientes da psiquiatria foram "transferidos" das instituições da Pomerânia para a Prússia Ocidental, onde foram executados pelo Wachsturmbann Eimann. No começo de 1940, foi iniciada a deportação de doentes para a instituição já "evacuada" de Kosten (Kościan), no Warthegau, onde eram mortos em câmaras de gás montadas sobre veículos.[47] As instituições das regiões anexadas da Polônia e do *Gau* Pomerânia, "evacuadas" desse modo homicida, eram, em seguida, ocupadas por unidades da SS ou usadas como alojamento do Exército, prisões e também serviam de habitação aos imigrantes alemães étnicos repatriados do Báltico que necessitavam de algum cuidado.[48]

O assassinato de internos dos sanatórios nos territórios anexados continuou até meados de 1941. O Sonderkommando Lange — nomeado assim por causa de seu chefe, o comissário criminal e Untersturmführer da SS, Herbert Lange —, encarregado dessa missão, matou milhares de pacientes em câmaras de gás volantes, sobretudo em maio e junho de 1940, mas também em junho e julho de 1941.[49] No outono de 1941, o comando de Lange começaria a cometer assassinatos em massa também entre a população judaica no Warthegau; no final de 1941, a unidade instalou uma estação de gás volante em Chelmno, para poder realizar as execuções em maior escala.[50] Com isso, a unidade de Lange se tornou um elo organizacional importante entre o assassinato sistemático de deficientes e judeus. No inverno de 1939-1940, no entanto, nem Himmler nem seus criminosos pensavam no homicídio em massa de judeus por meio de gás venenoso. Naquela época, a Solução Final ambicionada por eles previa a "guetoização" e a expulsão e, ainda que a SS já em 1939-1940 tivesse matado milhares de judeus na Polônia, não se falava de um aniquilamento sistemático da população judaica em campos de extermínio especiais.[51]

Durante a guerra, integrantes da Wehrmacht não só participaram ativamente

do assassinato de civis nos territórios ocupados; muito mais grave era que o alto-comando da Wehrmacht no início dos confrontos concordara com uma "divisão do trabalho" com a SS e a polícia. Quando, em 12 de setembro de 1939, o chefe da Abwehr (inteligência militar), almirante Wilhelm Canaris, falou com o chefe do alto-comando da Wehrmacht, Wilhelm Keitel, sobre os planos sobre execuções em larga escala na Polônia, este alegou que se tratava de uma decisão já tomada por Hitler. O Führer havia deixado claro que, "se o Exército não queria se envolver nisso, deveria aceitar que a SS e a Gestapo entrassem em ação ao seu lado".[52] O comandante em chefe do Exército, Von Brauchitsch, em 21 de setembro, informou aos comandantes em chefe que, em nome de Hitler, as Einsatzgruppen cumpririam "certas tarefas de ordem política nacional" na Polônia que estavam fora da alçada da Wehrmacht.[53] Com isso, o comando do Exército contribuía de forma decisiva para que a guerra contra a Polônia assumisse a forma de uma campanha de extermínio ideológica. Mas o Exército deixou a maior parte dos assassinatos em massa nas mãos dos facínoras de Himmler.[54]

Somente após o final dessa guerra, o Exército e a administração civil se opuseram à atuação desenfreada das Einsatzgruppen e do Selbstschutz.[55] Repetidamente, ocorriam confrontos entre oficiais e seus chefes. Em meados de novembro, o comandante do recém-instituído distrito militar de Danzig, o major-general Fedor Von Bock, queixou-se ao chefe de *Gau* e governador do Reich Albert Forster — contrariando o acordo fechado em meados de outubro[56] — das sucessivas ações homicidas do Selbstschutz.[57] Apesar de Himmler ter ordenado em 8 de novembro que o Selbstschutz fosse dissolvido até o fim do mês, em alguns territórios ocupados o processo se estendeu até o início de 1940.[58] O comandante do distrito militar no Warthegau, general Walter Petzel, também procurou o comandante em chefe do Exército de Reserva em novembro, chamando a atenção deste para as execuções descontroladas, os saques e os abusos cometidos pelas formações especiais da SS.[59] Em fevereiro de 1940, o comandante militar na região fronteiriça Sul, general Wilhelm Ulex, referiu-se às atrocidades como uma "animalização".[60] Em novembro de 1939 e janeiro de 1940, o comandante militar do leste, Johannes Blaskowitz, protestou contra os homicídios de poloneses judeus e não judeus.[61]

O comportamento da SS na Polônia provocou tamanha inquietação no

oficialato que, no início de 1940, Himmler foi obrigado a se posicionar oficialmente em relação ao terror praticado por seus homens.

## Comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* alemão

Em estreita cooperação com as Einsatzgruppen da polícia de segurança, o RuSHA, a pedido de Himmler, enviou três Einsatzkommandos para o oeste da Polônia, os *RuSHA-Beratungen* (peritos do Departamento de Raça e Colonização), pequenos grupos de oito ou nove membros da SS.[62] Eles avançaram juntamente com as tropas alemãs no final de setembro de 1939, e começaram a registrar todas as propriedades agrícolas polonesas e judaicas e a confiscar as empresas que lhes pareciam interessantes, enquanto o nome dos proprietários era notificado à polícia de segurança para "salvaguarda dos proprietários das fazendolas". Portanto, ainda durante a guerra, a SS já começou a preparar na prática a política de germanização, como escreveu o chefe de uma dessas perícias, a fim de "garantir a propriedade de terra necessária à colonização do leste para o caso de se concretizar a perspectiva de o Reichsführer-SS ser nomeado comissário do Reich para a colonização do Leste".[63] Aparentemente tudo se deu às pressas, a fim de se antecipar às medidas correspondentes do Ministério da Agricultura, observadas com desconfiança,[64] que se via como o verdadeiro responsável pela política de colonização. Conforme já descrito, o ministério subordinado a Darré conseguira se impor no protetorado contra a política de colonização da SS e, desde agosto de 1939, já se preparava para dirigir a colonização na Polônia ocupada.[65]

No início de outubro de 1939, soube-se no Ministério da Agricultura que, em suas atividades de colonização nos territórios conquistados, a SS já se referia a um "decreto do Führer". Essa ordem assumiu uma forma concreta nos dias seguintes — contra a resistência exasperada de Darré e para a sua grande decepção, que ele expressaria em cartas para Lammers e Himmler.

Mas Darré lutava uma batalha perdida. Em 7 de outubro de 1939, por exemplo, Hitler concedeu a Himmler uma "grande alegria", por ocasião de seu 39º aniversário, como registrou Margarete em seu diário: "O Führer o nomeou *Siedlungskommissar* (comissário para questões de colonização) para toda a Alemanha. Uma coroação para a sua obra. Também, trabalhou dia e noite."[66] Por meio da portaria da "consolidação do *Volkstum* alemão", Hitler incumbiu

Himmler da dupla atribuição de “receber e assentar” dentro do Reich “pessoas alemãs que até então tinham de viver longe de casa”, como também de “formatar os grupos étnicos de tal forma a que se estabelecessem melhores linhas de divisão entre eles”. Mais especificamente, isso significava: “repatriação” de alemães cidadãos do Reich vivendo no exterior e de alemães étnicos de nacionalidade estrangeira, “desativação da influência nociva daquelas partes da população que são estranhas ao povo, que representam uma ameaça para o Reich e para a comunidade nacional (sendo que Himmler, dizia adiante, poderia “designar áreas residenciais específicas para as partes da população em questão”), bem como a “criação de novas regiões alemãs de colonização por meio da transmigração”. Para desincumbir-se dessa missão, o Reichsführer-SS poderia se valer dos “departamentos e instalações disponíveis”.[67]

Mas os esforços de Himmler, que passou a assinar como “Comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* alemão”, no sentido de transformar o comissariado do Reich em uma repartição superior do Reich, foram bloqueados com sucesso por Lammers.[68] Três dias antes de Hitler transmitir as novas atribuições a Himmler, Lammers recebera uma carta de Darré que, preocupado, expressava que “no interesse da grande missão de colonização, meu absoluto desejo é o de que a minha atribuição mais primordial não seja limitada por encargos especiais de qualquer outro departamento”. Afinal, qualquer um na Alemanha saberia que “os embriões dos pré-requisitos organizacionais dessa atribuição na SS foram assentados durante meus sete anos de trabalho dedicado como chefe do Departamento de Raça e Colonização. Não fosse por esse trabalho, a SS hoje não poderia sequer pôr o assunto em discussão”.

Darré também se manifestou explicitamente contrário à ideia do campesinato belicoso, propagada por Himmler: esse modelo só seria apropriado para os protetorados instáveis localizados na fronteira ou fora delas, como mostraram os exemplos históricos Áustria-Hungria e Rússia; mas a nova fronteira com a Rússia seria protegida pela Wehrmacht.[69]

Em 5 de outubro, Himmler recebeu uma carta de Darré, ainda com a saudação inicial “Querido Heini!”. Sua exclusão da colonização do leste era “uma das maiores decepções da [sua] vida”, escreveu Darré. Além disso, ele se queixa do fato de Himmler ter deixado de informá-lo “sobre a reorganização do campesinato alemão na Polônia, que estava em andamento fazia duas semanas”.

Darré encerra a carta, “para devido registro”, com a seguinte declaração: “Durante esse verão fiquei observando atentamente os acontecimentos em torno do assunto e da pessoa de Von Gottberg, como também os últimos acontecimentos envolvendo a reorganização da condição camponesa alemã na Polônia; tomei conhecimento deles e tomei nota de tudo cuidadosamente.”[70]

Em 7 de outubro, Darré se encontrou com Lammers e Himmler; nessa conversa, pelo menos na opinião de Darré, Himmler lhe concedeu a “autoridade executiva na colonização”.[71]

Quando, algumas semanas depois, ficou claro que Himmler nem pensava em envolver Darré na política de colonização da Polônia, Darré procurou Göring; ele estava amargurado, “no que se refere à colonização, o Reichsführer me jogou no lixo, como se eu fosse um limão espremido, depois de ter extraído do meu conhecimento e dos meus talentos tudo aquilo que lhe pareceu útil para si mesmo e para a sua Schutzstaffel”.[72] Mas nem essa intervenção do ministro da Agricultura podia alterar o fato de que Himmler, logo após o início da guerra, havia conseguido se envolver na política da colonização dos territórios recentemente conquistados e realizado as manobras necessárias para que Darré ficasse de fora.

28 Abreviação de “para utilização especial”, em alemão. (N. das T.)

## Uma nova ordem racial

Como Reichsführer-SS, chefe da polícia alemã e comissário de *Volkstum*, Himmler dispunha agora de todas as ferramentas essenciais para submeter os territórios conquistados a uma "nova ordem *völkisch*" radical. Começou desenvolvendo ali um aparato segundo o modelo no Reich.

Em outubro de 1939, Himmler escolheu Friedrich Wilhelm Krüger para a função de chefe supremo da SS e da Polícia (HSSPF) leste e, assim, seu representante no Governo-Geral. Com a ajuda dos chefes da SS e da polícia, Himmler promovia uma unificação mais abrangente de suas competências nos quatro distritos desse governo, o que gerou uma inovação no tradicional esquema de organização; Himmler os considerava "conselheiros dos chefes distritais", que deviam obedecer às suas ordens, "contanto que estas não se oponham às ordens do HSSPF e de seus representantes".[1] Krüger, "imediatamente" subordinado ao governador-geral Frank (o que, na interpretação de Krüger e Himmler, excluía qualquer controle institucional pelo gabinete de Frank),[2] logo conseguiu uma posição especial para sua divisão dentro do comando do Governo-Geral. Por isso, em setembro de 1941, quando a relação com o governador-geral se complicou, Himmler se reservou o direito de analisar as ordens emitidas por ele a Krüger em relação à esfera policial antes de serem concretizadas. Frank naturalmente se opôs.[3]

Em novembro de 1939, Himmler nomeou Bruno Streckenbach para comandante da polícia de segurança no Governo-Geral; durante a guerra contra a Polônia, o ex-inspetor da polícia de segurança de Hamburgo comandara uma Einsatzgruppe. Streckenbach tinha um comandante da polícia de segurança subordinado a si em cada um dos quatro distritos do Governo-Geral e controlava uns 2 mil funcionários da Gestapo e da Kripo. Paralelamente, foi erigido um aparato correspondente para a Polícia de Ordem, a polícia civil fardada.[4]

Himmler nomeou os SS-Gruppenführer Wilhelm Koppe e Richard Hildebrandt do HSSPF para os territórios anexados Warthegau e Danzig-Prússia Ocidental, respectivamente; os territórios anexados da Alta Silésia e da Prússia Oriental foram designados aos HSSPF Erich Von dem Bach-Zelewski e Wilhelm Rediess, respectivamente, residentes em Breslau e Königsberg.

Os HSSPF desempenhariam um papel crucial na política em relação ao *Volkstum* no leste. Himmler não só os incumbiu do transporte das pessoas que

deveriam ser “expulsas” e do assentamento dos novos colonos, os alemães étnicos, como deixou nas mãos deles todo o trabalho executivo da política do *volkstum*: na Prússia Ocidental, na Silésia e no Warthegau ele os nomeou “representantes permanentes” dos governadores do Reich, seus “delegados” no que se referia à política de *Volkstum*; no distrito de Danzig-Prússia Ocidental e no Governo-Geral os HSSPF deveriam trabalhar até mesmo como delegados diretos de Himmler na área da “consolidação do *Volkstum*”, já que Himmler não confiava no governador do Reich Forster nem no governador-geral Frank.[5]

Na prática, todos esses regulamentos, em parte complicados, equivaliam a dizer que Himmler, a exemplo do que fizera do território do Reich, tecia uma rede de competências na Polônia ocupada, sobre a qual podia reinar essencialmente sem interferência da administração civil.

Seu aparato policial na Polônia desde o início perseguira uma política brutal de repressão: sem se deixar afetar por qualquer conhecimento mais aprofundado do país — aprender o polonês, por exemplo, era expressamente proibido —, uma elite negativa de oficiais da polícia se ocupou de sufocar toda resistência polonesa já na sua origem mediante a aplicação de uma política de punições desmesuradamente severas; e retaliação, mediante a realização de prisões em massa e execuções sumárias. Na primavera de 1940, essa estratégia alcançou o primeiro triste apogeu, quando a polícia de segurança executou aproximadamente 3.500 membros da inteligência e funcionários políticos, bem como cerca de 3 mil pessoas, apontados como criminosos.[6] Uma infiltração na resistência polonesa ou até tentativas de jogar as frações unitárias do movimento de oposição polonês umas contra as outras praticamente não eram possíveis diante desse pano de fundo.[7] Em pouco tempo, tinha-se conseguido afrontar aqueles círculos que, no verão de 1941, após o ataque à União Soviética, poderiam ter sido cooptados por conta de sua orientação antirrussa e anticomunista.

Em fevereiro de 1940, Himmler realizou a primeira investida para, apoiado por uma “ordem para o combate de ações de violência nos territórios integrados do leste”, instituir um maciço recrudescimento das punições a serem aplicadas à população polonesa e judaica e, em determinados casos, a “imediata condenação e execução sumária” por corte marcial policial. Em outras palavras: o uso descontrolado de violência dos meses anteriores passaria a ser legitimado

subsequentemente. Embora Lammers e Göring se opusessem a essas medidas, o Ministério da Justiça do Reich incluiu a intensificação das punições sugeridas por Himmler em um de seus decretos. Himmler, por sua vez, comprometeu-se a interromper as atividades dos tribunais policiais.[8]

A moderação não duraria muito tempo. Não querendo abrir mão da competência punitiva policial nos territórios anexados do leste, em dezembro de 1941 — largamente apoiado por Bormann — obrigou o Ministério da Justiça a decretar nesses territórios a ordem jurídico-penal da Polônia, uma lei penal especial válida para poloneses e judeus que, embora fosse ser exercida pela Justiça, deveria ser formulada de modo tão draconiano que previa a imposição da pena de morte já nos casos de faltas mínimas. O ministro da Justiça não pôde evitar que Himmler tirasse proveito das negociações sobre esse projeto de lei a fim de impor, novamente, ainda que limitadas a determinadas situações, as cortes marciais da SS e da polícia.[9]

## Início da perseguição aos judeus na Polônia

Diante dessa situação não é de surpreender que os novos senhores da "Ordem Negra", apoiados pelas abrangentes competências de Himmler, estivessem de olho logo de início no 1,7 milhão de judeus poloneses que, em razão da guerra, ficaram sob o domínio alemão. Ainda durante a guerra, Himmler e a direção da SS tinham elaborado planos abrangentes quanto ao modo de lidar com eles.[10]

Na conferência dos chefes de departamentos da polícia de segurança, em 14 de setembro, Heydrich divulgou que Himmler estava apresentando propostas a Hitler quanto "à questão dos judeus da Polônia" sobre as quais "só o Führer poderá decidir, já que também terão consequências consideráveis em termos de política externa".[11] Uma semana mais tarde, em 21 de setembro, Heydrich comunicou aos chefes dos departamentos que Hitler aprovara os planos de Himmler, a "deportação dos judeus para o *Gau* de língua estrangeira", a "expulsão para além da linha de demarcação".

Analisando uma carta expressa enviada aos chefes das Einsatzgruppen, pode-se compreender o que isso significava na prática.[12] De início, os judeus poloneses deveriam ser "concentrados" em cidades maiores para, em seguida, ser deportados para uma região na fronteira leste da Polônia ocupada, onde se previa estabelecer um "estado judeu sob administração alemã", como Heydrich

explicou no dia seguinte a Von Brauchitsch.[13] Além disso, Heydrich se referiu a um "objetivo final" das medidas antijudaicas — a ser tratado de modo "altamente secreto". Isso provavelmente se referia ao plano abrangente do qual Heydrich apresentara uma forma abreviada aos chefes dos departamentos de polícia em 21 de setembro: a deportação dos judeus do "Grande Reich Alemão" para a "reserva judaica" e a eventual "expulsão" para o território do leste polonês ocupado pela União Soviética.

Em 28 de setembro, depois de os lados alemão e soviético terem acordado uma linha de demarcação definitiva entre os respectivos territórios ocupados. O território entre os rios Vístula e Bug, que mais tarde constituiria o distrito de Lublin no Governo-Geral, tinha sido designada para a Alemanha, e a futura "reserva" deveria ser instalada nessa região e ter sua função ampliada. A "reserva natural" ou "gueto do Reich", como Heydrich chamava o local, deveria absorver, além de judeus, poloneses "indesejáveis" das regiões incorporadas do leste.[14]

Em 29 de setembro, Hitler informou a Rosenberg que pretendia dividir o território polonês recém-conquistado em três faixas: entre os rios Vístula e Bug, delimitados a oeste por uma linha de fortificações junto ao rio Vístula, deveriam ser assentados os judeus de todo o território do Reich, assim como "todos os elementos de alguma forma não confiáveis"; na antiga fronteira teuto-polonesa deveria ser instalado um "largo cinturão de germanização e colonização"; entre esses, uma "soberania" polonesa.[15] Durante as semanas seguintes, a direção do regime nazista tratava a ideia da "reserva de judeus" de forma nem um pouco "estritamente secreta".[16]

No início de outubro de 1939, o RSHA começou a fazer planos concretos para a deportação dos judeus que viviam no território do Reich para a "reserva". O chefe da Gestapo, Müller, já em 6 de outubro, um dia antes do decreto relativo à "consolidação do *Volkstum* alemão", encarregou Adolf Eichmann, chefe do Escritório Central de Emigração Judaica em Praga, da deportação de 70 mil a 80 mil judeus da região administrativa de Kattowitz (portanto, de região polonesa anexada que agora pertencia à província da Silésia). Nesse contexto, segundo Müller, seria possível transferir judeus de Mährisch-Ostrau (Ostrava), que ficava próximo.[17]

Eichmann, no entanto, já cuidava de uma missão mais abrangente: segundo

comunicou ao *Gauleiter* silesiano, Hitler teria ordenado “primeiramente a redistribuição de 300 mil judeus do “velho Reich” e do Ostmark (Áustria). Eichmann deveria apresentar a Himmler um relatório sobre a experiência com as primeiras deportações, em que Hitler se basearia para emitir as ordens definitivas.[18] Em face dessa perspectiva bem maior, Eichmann logo estendeu os preparativos de deportação aos judeus de Viena e determinou que se fizesse uma relação com o nome de todos os judeus já registrados no território do Reich.[19] Aliás, as deportações planejadas por Eichmann também deveriam incluir os ciganos.[20]

Em meados de outubro, Eichmann e Walter Stahlecker, comandante da polícia de segurança e do SD no protetorado, decidiram-se por Nisko am San como estação ferroviária de chegada e local para um “acampamento de passagem”. Esse campo, situado diretamente na fronteira com o distrito de Lublin, foi planejado para ser um tipo de eclusa, através da qual os deportados chegariam à “reserva judaica”. O plano original,[21] de alojar os deportados em barracões, foi conscientemente abandonado.[22]

Entre os dias 20 e 28 de outubro, realmente ocorreu a transferência de 4.700 pessoas de Viena, Kattowitz e Mährisch-Ostrau para Nisko,[23] onde as escoltas simplesmente enxotavam a maior parte delas, deixando-as ao léu nos campos de clima outonal.

Mas já no dia do primeiro transporte, em 20 de outubro, o RSHA proibiu a realização de transportes adicionais.[24] A principal razão para que se interrompessem as deportações provavelmente foi o fato de que, no entretempo, se traçavam os planos bem mais abrangentes de transmigração do Comissário do *Volkstum* Himmler, que seriam prejudicados pela ação Nisko. O que importava para Himmler não era a rápida deportação de judeus do território do Reich, mas a deportação, de acordo com os planos, de poloneses e judeus indesejados dos territórios anexados do leste, para que ali se pudessem assentar os alemães étnicos. No entanto, apesar dessas novas prioridades estabelecidas por Himmler e a despeito da suspensão da ação Nisko, o RSHA basicamente se ateve ao plano de deportar os judeus do território do Reich para o distrito de Lublin.[25]

## Germanização nos territórios anexados

A intervenção de Himmler na política de germanização no leste realmente

representou um golpe surpreendente, como mostra a reação chocada do ignorado Darré. Até aquele momento, os esforços de Himmler se haviam concentrado basicamente na execução de um rápido programa de deportação dos judeus de todo o território do Reich; mas, como Comissário do *Volkstum*, passadas poucas semanas, ele ordenou, como vimos antes, que essas medidas fossem suspensas; agora o mote era dar uma solução para a Questão Judaica dentro de um contexto bem maior de "nova ordem" *völkisch* da Polônia.

Em suas novas atribuições, Himmler, nas palavras da historiadora Isabel Heinemann, de imediato determinou uma "divisão estratégica do trabalho"[26] juntamente com o Haupttreuhandstelle Ost, órgão criado por Göring em outubro de 1939 que registrava, confiscava e administrava as propriedades comerciais nos territórios poloneses a serem anexados. Göring respeitava a responsabilidade de Himmler no confisco das propriedades rurais. Além disso, durante os planejamentos em relação ao Tirol do Sul, fora instalado um Departamento Central para Imigração e Emigração, chefiado por Ulrich Greifelt; este se transformava agora no centro organizacional da missão da consolidação. A partir de junho de 1941, passou a se denominar Stabshauptamt RKF (central do estado-maior do RKF).[27]

Himmler mal havia sido nomeado e já mergulhava no trabalho. Em 11 de outubro, assinava as "diretrizes provisórias de planejamento": "Para formar a base dos clãs, assentaremos em um *Gau* imigrantes vindos da Suábia; em outro, da Francônia; ainda em mais outro, da Westfália, Baixa Saxônia e Schleswig-Holstein. Um vilarejo com um total de 25 propriedades rurais terá, portanto, um núcleo de dez a 12 propriedades rurais pertencentes a alemães do antigo Reich de um determinado clã; a esses se juntarão dez a 12 de alemães étnicos, para que estes possam novamente se integrar à vida alemã com a ajuda dos alemães originários do Reich. Em cada vilarejo serão assentados dois ou três camponeses-soldados da SS, que podem assumir, por exemplo, as funções de chefe dos camponeses locais, conselheiros, ou outras."[28]

Ainda no mesmo dia, Himmler falou sobre suas ideias aos chefes dos departamentos centrais Lorenz, Heydrich e Pancke, bem como Greifelt e aos governador do Reich Greiser e Forster: "Vejo os habitantes de Riga como clã para as cidades de Gotenhafen e Posen. O mesmo princípio poderia ser aplicado no caso da população urbana de Dorpat e Reval. A seleção da população será

feita pelo chefe da polícia de segurança em cooperação com o Obergruppenführer Lorenz. A precondição para a naturalização nas cidades mencionadas é o despejo de poloneses e a desocupação de suas moradias. Os membros da inteligência polonesa deverão ser os primeiros a ser expulsos.”[29]

Em 24 de outubro, Himmler visitou o recém-nomeado governador do Reich Greiser em Posen; à noite, palestrou sobre os planos de colonização no cassino da administração civil. Nisso, tentou apresentar primeiro a dimensão histórica da colonização: “Há 3 mil anos e nas eras seguintes os germânicos já viviam nas províncias do leste, nas quais estamos hoje. Apesar das terríveis condições de trânsito da época e de outras condições primitivas correspondentes, era possível assentar alemães. Essas antigas colônias alemãs sobreviveram em termos raciais, em maior ou menor grau, até hoje em lugarejos fechados e ilhas, mesmo que a língua tenha se perdido em parte. O que era possível naquela época, certamente hoje também deverá ser.”

Himmler elucidou a “ideia do camponês-soldado”, para cuja realização prática já haviam sido feitos os devidos preparativos: “Disso também faz parte a poupança obrigatória que instituí na Schutzstaffel. Um homem da SS, que ao longo dos anos poupou 2 mil a 3 mil Reichsmark, contribuiu para formar o capital para uma colônia. Coloquei em funcionamento as olarias e pedreiras que deverão ser a base de futuros assentamentos camponeses.”

Detalhista, Himmler esclareceu aos ouvintes, como imaginava a vida dos futuros colonos: “As construções que estou imaginando não serão de barro, com paredes da largura de uma única pedra, mas casas como as de antigamente, com duas ou três pedras e ótimas fundações. A terra para os assentamentos não precisa ser comprada, a terra já está disponível [...]. A mão de obra barata para a construção da comunidade e para o cultivo da terra deve vir do trabalhador polonês. [...] Os homens a chefiar serão sempre os alemães, os serventes serão os poloneses.”

Era preciso atribuir um grande valor à higiene. “Imagino em cada casa da colônia um espaço no porão, onde será instalada uma lavanderia, uma banheira e um chuveiro para o camponês, que chega suado do campo.” Em todo lugar deveria haver espaço suficiente “para famílias saudáveis, cheias de filhos”. As casas deveriam ser mobiliadas conforme “os planos e desenhos que nós entregaremos. Todo o kitsch e o lixo urbano, como se encontram aos montes por

aqui, devem sumir, e os nossos colonos devem viver em um ambiente saudável, campestre. As casas das colônias não devem nem ser luxuosas nem primitivas. [...] Em cinquenta a oitenta anos devem viver uns 20 milhões de colonos alemães nessa grande colônia do leste, dos quais 10 milhões de camponeses terão de oito a dez filhos. Então o moto-perpétuo cessará. Quando não houver mais terra para ser distribuída, então, como ocorre repetidamente na história, nova terra precisará ser conquistada por meio da espada".[30]

Em 30 de outubro de 1939, Himmler anunciou o primeiro programa abrangente de "transmigração" de poloneses e judeus dos territórios anexados. Os seguintes grupos populacionais deveriam ser deportados para o Governo-Geral: dos territórios poloneses anexados, "todos os judeus"; da província de Danzig-Prússia Ocidental, "todos os poloneses do Congresso" (portanto, todos os poloneses que vinham dos territórios poloneses que pertenciam à Rússia entre 1815 e 1916); das províncias de Posen, Prússia Oriental e Alta Silésia Oriental, "uma porção ainda a ser determinada da população polonesa especialmente hostil".[31]

Streckenbach, comandante da polícia de segurança no Governo-Geral encarregado do "planejamento central de colonização e evacuação no Ostraum [espaço do Leste]", em 8 de novembro comunicou ao alto escalão da polícia e da SS incumbido da execução das deportações que, até o fim de fevereiro de 1940, "todos os judeus e os poloneses do Congresso" deveriam ser "evacuados" dos territórios anexados e que a população polonesa remanescente deveria ser subdividida em "poloneses", "alemães étnicos" e "poloneses ainda desejados". Ao todo, agora, previa-se que, "do antigo Reich e dos territórios recém-ocupados do leste […] por ora até o final de fevereiro de 1940, aproximadamente um milhão de judeus e poloneses deverão ser evacuados";[32] desses, aproximadamente 700 mil dos territórios anexados.[33]

Em novembro de 1939, o RSHA montou um "plano de longo prazo": primeiro, a deportação de todos os judeus e poloneses políticos indesejados para o Governo-Geral; em seguida, um "exame racial" e expulsão da massa da população polonesa. De acordo com um "plano de curto prazo" equivalente, de início seriam deportados 80 mil poloneses e judeus do Warthegau, para que se pudessem assentar os alemães do Báltico que estavam provisoriamente em alojamentos.[34] Na prática, esses números ainda foram excedidos por meio do

banimento de mais de 87 mil pessoas — “poloneses com histórico político, judeus, inteligência polonesa, criminosos e elementos associais”[35] — do Warthegau para o Governo-Geral entre os dias 1º e 17 de dezembro.[36]

Em 21 de dezembro, Heydrich divulgou que escolhera Eichmann para ser seu delegado especial em se tratando do “processamento central de questões da esfera da polícia de segurança na execução das evacuações do leste”.[37] Nos primeiros meses do ano de 1940, Eichmann deveria tomar as medidas cabíveis para que, durante um segundo plano de curto prazo, 600 mil judeus fossem deportados dos territórios anexados para o Governo-Geral,38 um intento que foi constantemente adiado,[39] enquanto os responsáveis citavam números totalmente conflitantes quanto às pessoas a serem deportadas.[40] Por fim, em 23 de janeiro, o chefe do Departamento de Planejamento apresentou ao comissariado do *Volkstum* um plano geral para a colonização dos territórios incorporados do leste, segundo o qual, no longo prazo, 3,4 milhões de poloneses deveriam ser deportados; nisso, a deportação dos 560 mil judeus dessa região já estava prevista.[41]

Em 30 de janeiro de 1940, no entanto, Heydrich apresentou uma nova ideia: a ordem agora era enviar provisoriamente de 800 mil a um milhão de judeus dos territórios poloneses anexados para o território do Reich, onde seriam usados como mão de obra. Deveriam ser deportados para o Governo-Geral dos novos “distritos do leste” apenas 40 mil judeus e poloneses (para assentar os alemães do Báltico), assim como 120 mil poloneses (para o assentamento dos alemães da Volínia). Em seguida, deveriam ser deportados para o Governo-Geral todos os judeus, não só os dos territórios poloneses anexados, mas de todo o território do Reich, como também 30 mil ciganos, igualmente de todo o território do Reich.[42]

Só parte desse planejamento ambicioso foi concretizada de fato: até o início do ano de 1941, foram banidos ao todo quase 308 mil poloneses e judeus dos territórios incorporados do Leste para o Governo-Geral.[43] Depois disso, o Governo-Geral foi praticamente excluído como “área de absorção”: de início utilizado como “área de concentração” da Wehrmacht para a guerra contra a União Soviética, acabou sendo declarada região potencial para o assentamento de alemães.[44] Até o final de 1942, foram deportadas outras 57 mil pessoas “racialmente indesejáveis” dos territórios anexados do Leste; a partir de então, não há mais números disponíveis, mas não deve mais ter havido grandes

deslocamentos populacionais.[45] Junte-se a isso centenas de milhares de habitantes judeus dos territórios anexados, que não seriam deportados e sim "concentrados" em guetos em 1940-1941 e, a partir de 1941, assassinados nos campos de extermínio.

Himmler transferiu o "exame racial" das pessoas a serem transmigradas, alemães e poloneses, para o RuSHA, que possuía vasta experiência na área de "seleção racial" em virtude dos estudos conduzidos com os integrantes da SS e suas mulheres e que, por conta dessa nova atribuição, adquiria uma importância muito maior.[46]

A transmigração obrigatória de centenas de milhares de pessoas demandava a instalação de um aparato de dimensão considerável: um Escritório Central de Imigração (Einwandererzentralstelle — EWZ), instalado em meados de outubro de 1939 por determinação de Heydrich estava sediada em Lodz desde o início de janeiro de 1940; além de dispor de diversas filiais, conduzia os "exames raciais" sob a supervisão de especialistas do RuSHA, decidindo onde os alemães étnicos deveriam ser assentados.[47] A contrapartida da EWZ era o Escritório Central de Reassentamento (Umwandererzentralstelle — UWZ) de Posen, órgão responsável pela expulsão de poloneses e judeus dos territórios poloneses anexados e que também possuía diversas filiais.[48] As três perícias de raça e colonização que o RuSHA enviara para a Polônia no início da guerra formavam agora o Departamento de Terras SS, que eram supervisionadas por uma central em Berlim, a Central dos Departamentos de Terras; até ao final de 1942, esses órgãos confiscaram um total 686.054 empresas com 6.043.901 hectares de terra no território dos assentamentos, ou 91,7 % dos empreendimentos agrícolas existentes.[49] Além disso, em março de 1940, foram instaladas equipes especiais (SS-Ansiedlungs und Arbeitsstäbe) para organizar a expulsão da população local e o assentamento dos alemães étnicos,[50] sendo que os responsáveis por essas equipes as dotavam intencionalmente de antigos chefes versados nas táticas de terror do Selbstschutz.[51] Aliás, o terror e a política da transmigração andavam de mãos dadas.

Em 13 de dezembro de 1939, durante uma visita aos "acampamentos de triagem" na região de Lodz (no dia anterior, em Posen, ele assistira à execução de pessoas em uma câmara de gás), Himmler disse que os previstos exames

raciais serviriam para prevenir “o desenvolvimento de tipos mongóis nos novos assentamentos do leste. Aqui eu quero criar uma província loura”.[52] No mesmo dia, aproveitou a visita Escritório Central de Imigração (EWZ) em Lodz para explanar sobre a classificação racial dos remigrados, e determinou ao chefe do RuSHA que elaborasse as diretrizes compulsórias nesse sentido. De acordo com Himmler, o resultado da análise e da avaliação “é de importância decisiva para o destino de cada um e de todo o território do leste alemão”. O trabalho não deveria “ser conduzido de modo burocrático, mas de uma forma absolutamente generosa”. Devia ser estabelecida uma diferenciação cuidadosa entre o “fenótipo físico e racial”; sendo que o “fenótipo racial de todos os integrantes da família deve ser levado em conta como um todo”.[53]

Pancke desenvolveu uma sugestão para a “seleção das pessoas previstas para iniciar a colonização dos novos territórios do leste”, segundo a qual seriam adequados principalmente quatro grupos: alemães étnicos provindos da remigração; alemães étnicos de nacionalidade alemã; os candidatos do Reich à colonização; e os candidatos a novos agricultores já selecionados pelo Instituto da Alimentação.[54] O chefe do Departamento de Clãs (Sippenamt), Hofmann, emitira “instruções quanto ao teste de aptidão dos remigrados”, baseado nos princípios de seleção da SS,[55] e que dividia as pessoas em quatro categorias étnicas.

Originalmente fora planejado assentar no leste somente pessoas que se classificavam nos grupos de raça I e II; quem fosse classificado na categoria III deveria ser mantido no velho Reich; quem fizesse parte da categoria IV deveria ser banido para o respectivo país de origem. Por ocasião de uma nova visita a Lodz, em janeiro de 1940, Himmler determinou que as pessoas do grupo III também fossem assentadas no leste.[56] A partir daí, os critérios para esse grupo ficaram mais severos.[57]

Por ocasião dessa visita, Himmler determinou, ainda: “Os repatriados enquadrados na categoria IV da avaliação devem ser transferidos, sem exceção, para o antigo Reich. [...] Os das categorias I e II serão assentados, sem exceção, nos novos distritos do leste.” Ele determinava pessoalmente o tamanho das propriedades de todos os camponeses integrantes dos grupos de I a III.[58]

Os remigrantes porventura classificados como pertencentes à “etnia estrangeira” (para isso fora criada a categoria especial IV f) eram encaminhados

para o Governo-Geral. Em janeiro, Himmler determinou que a lista dessa "evacuação" de "alemães étnicos duvidosos" deveria ser submetida à apreciação dele;[59] os afetados deveriam aguardar sua decisão em campos, "possivelmente na Francônia".[60] A análise dos "pedidos de naturalização de pessoas de etnia estrangeira que realizavam trabalho intelectual, cuja avaliação racial as incluíra nos grupos I e II" era conduzida pelo comissário do *Volkstum* pessoalmente.[61]

Como sempre, quando um projeto despertava o seu interesse particular, Himmler se ocupava dos mais ínfimos detalhes. Se achasse que as informações constantes dos formulários de análise enviados a ele para reavaliação eram insuficientes, o encarregado do RuSHA na central de imigração Lodz tinha que relembrar aos avaliadores raciais que Himmler atribuía valor especial "aos dados sobre altura, cor de cabelo, cor dos olhos, epicanto, olhos puxados".[62]

O método de Himmler, de tomar determinadas decisões pessoalmente ou de intervir decisivamente a seu bel-prazer, expõe mais uma vez a arbitrariedade envolvida na condução das análises raciais: elas não seguiam critérios objetivos, mas dependiam da avaliação pessoal do examinador, para quem era decisivo não só a impressão que tinha do candidato em particular, mas de toda a família.

Entre novembro de 1939 e março de 1940, foram "passados" primeiramente cerca de 62 mil alemães étnicos da Letônia e da Estônia; em seguida, durante o inverno, os colonos dos territórios do leste da Polônia ocupados pela União Soviética, 128 mil pessoas; então mais uns 30 mil alemães étnicos do Governo-Geral (da região em torno de Chelm e Lublin); 137 mil pessoas de ascendência alemã dos territórios da Romênia (Bessarábia e norte de Bucovina), anexados pela União Soviética no verão de 1940, aos quais se juntaram — a pedido do governo romeno — mais 70 mil alemães étnicos da Romênia. No início de 1941, seguiram mais 48 mil alemães da Lituânia, bem como 12 mil alemães étnicos que subsequentemente estavam sendo reassentados da Estônia e Letônia. Ao todo, até o final de 1940, os examinadores de raça de Himmler avaliaram meio milhão de pessoas e, até o final de 1944, mais de um milhão de alemães étnicos "remigrados".[63]

Os "resultados da passagem" dos examinadores da SS, no entanto, ficaram bem aquém das altas expectativas em termos de padrão racial que se queria para os alemães étnicos a serem reassentados. A avaliação dos examinadores quanto ao "valor racial" dos alemães étnicos da Estônia e da Letônia em geral resultou

positiva: de um total de 55.600 pessoas com mais de 6 anos de idade, 60,1% e 74,4% se enquadravam nas categorias I e II e com isso foram considerados "adequados para assentamento".[64] Já os alemães étnicos da Volínia e da Galícia não tiveram a mesma sorte: das mais de 45.500 pessoas avaliadas, apenas 44% correspondiam às exigências para intregrar os grupos I e II.[65]

Um examinador de raça registrou um resultado que pode ser visto como declaração de falência da política do *Volkstum* baseada na ideologia racial: "Do ponto de vista racial, a média é uma mistura mais ou menos equilibrada de uma raça dálica com diferentes influências das principais raças europeias em que predomina a raça do leste do Báltico. Em uma análise mais rigorosa, a proporção do grupo IV provavelmente seria bem maior. Só para atender à repetida e urgente solicitação da chefia do estado-maior, em muitos casos famílias que se situavam no limite ainda foram enquadradas na categoria III."[66]

Os alemães étnicos da Bessarábia, da Bucovina e de Dobrudscha na maioria das vezes também foram classificados na categoria III.[67] Possivelmente também esse número já fosse o resultado de uma correção feita posteriormente: isso porque em uma reunião de trabalho foi citado o percentual de 40% a 60% dos casos como "categoria IV".[68]

Mais que isso: ainda que o "exame racial" dos alemães étnicos apresentasse um resultado tão decepcionante, não havia propriedades rurais em número suficiente nem sequer para os alemães étnicos de "boa raça" que haviam sido selecionados, apesar da intensiva expulsão da população local. É verdade que até o final de 1940, as equipes encarregadas lograram assentar praticamente todos os 5 mil imigrantes alemães do Báltico atuantes na agricultura em fazendolas próprias no Warthegau — a maioria das pessoas de ascendência alemã dessa região era urbana —, como também mais da metade dos imigrantes da Volínia, Galícia e alemães do Narew provenientes do leste da Polônia, bem como as pessoas vindas de Chelm e Lublin, isto é, a maior parte da população agrária dessas regiões. Quanto mais habitantes locais expulsavam, maior era o risco que os planejadores corriam de que essas medidas afetassem também pessoas que, na realidade, deveriam ter sido avaliadas como "passíveis de germanização". (E realmente, depois que o Governo-Geral foi liberado para colonos alemães no verão de 1941, começaria a procura por essas pessoas "germanizáveis" entre as que tinham sido "desassentadas" entre 1939 e 1941.)

Mas quando ficou claro, no início de 1941, que já não era possível expulsar poloneses dos territórios anexados para o Governo-Geral na proporção até então praticada porque o Governo-Geral estava totalmente ocupado pelo contingente da Wehrmacht que lá se encontrava — uma situação que perduraria mesmo depois da irrupção da guerra com a União Soviética —, restaram pouquíssimas chances de conseguir assentar a próxima onda de emigrantes, mais de 200 mil alemães étnicos da Bucovina, Bessarábia e Dobrudscha, em fazendolas próprias nos territórios incorporados. Já em abril de 1941, havia 275 mil imigrantes em "campos de recolhimento" da VoMi, dos quais 228 mil se encontravam no antigo Reich — isso correspondia a mais da metade das pessoas imigradas até aquele momento.[69]

Em março de 1942, os especialistas em questões de *Volkstum* de Himmler calcularam que, do total de 510 mil, meros 287 mil haviam sido "assentados" nos territórios incorporados do leste e 93 mil no antigo Reich (mas na maioria das vezes acomodados apenas provisoriamente), o que significava que ainda restavam 131 mil pessoas em alojamentos.[70]

Diante dessa situação, a direção da SS passou a empregar jovens alemãs étnicas como empregadas domésticas no antigo Reich, de preferência em casas de famílias de muitos filhos ou no meio da própria chefia da SS. Dessa maneira, também a senhora Himmler contou com auxiliares domésticas da Volínia. A esposa do Reichsführer, que, como já vimos, costumava ser muito exigente em relação aos criados, mostrou-se "satisfeita com as jovens", como Brandt comunicou no verão de 1940, mas precisava "de mais uma moça, já que uma delas quer se casar logo".[71] Além disso, o "Reichsführer-*SS* precisava [...] de uma segunda jovem, para uma família conhecida, o quanto antes". E, como se não bastasse: "Além disso, o SS-Gruppenführer Wolff pede uma cozinheira e uma empregada doméstica para o SS-Sturmbannführer Sachs em Schweinfurt." Da leitura da mesma carta se entende que o pesquisador da *Welteislehre* junto à Ahnenerbe, Scultetus, também queria ter alguns empregados em casa. Koppe conseguiu fornecer a mão de obra necessária nos cinco casos.[72]

E o círculo dos interessados cresceu: em maio de 1941, Himmler pediu a Greifelt "que enviasse 12 jovens alemãs étnicas para o lazareto da SS de Hohenlychen", além de outras três jovens que deveriam "ser aproveitadas por parentes do Reichsführer".[73]

Todas as medidas que tinham em vista o assentamento de alemães étnicos descritas até aqui referiam-se aos territórios incorporados do leste, o "espaço vital" ampliado do Reich nazista. Por outro lado, no mundo imaginário dos projetistas, o Governo-Geral à época funcionava como mero "território de deportação" para pessoas "inferiores". No verão de 1940, Himmler incluiu o Governo-Geral pela primeira vez de outra forma em seus planos de germanização: decidiu que nele se realizaria um experimento estritamente controlado pela SS. Incumbiu Globocnik de implementar uma "colônia de defesa exemplar". Himmler queria que o empreendimento adotasse o nome de "base da SS e da polícia", e em 2 de novembro determinou a Globocnik que erigisse seis dessas bases. Em março de 1941, Globocnik havia adaptado seis antigas propriedades segundo os moldes do projeto: elas eram administradas por integrantes da SS e tinham o objetivo de, em caso de necessidade, servir de acomodação para forças policiais.[74] Naquela época ainda não se pensava em transformar essas bases em departamentos centrais para grandes ações colonizadoras.

## Lista de Alemães Étnicos (*Deutsche Volksliste*) e regermanização

Além da avaliação racial dos repatriados alemães étnicos, as atribuições da SS também incluíam o "exame racial" da população residente nos territórios poloneses anexados. Em 25 de maio de 1940, Himmler apresentou a Hitler um memorando com o título "Algumas ideias sobre o tratamento a ser dispensado às pessoas de etnia estrangeira no leste". Segundo o pensamento básico de Himmler, o importante no leste era "reconhecer e cultivar" o maior número possível de grupos populacionais individuais", ou seja, "desmembrar a população do leste, se possível, em diversas partes e fragmentos", pois, "só dissolvendo todo esse mingau de povos do Governo-Geral de 15 milhões e os 8 milhões da província do leste, conseguiremos efetuar a triagem racial, que deve constituir o fundamento de nossos estudos, e fisgar os elementos racialmente valiosos para fora desse mingau, estabelecê-los na Alemanha e promover ali sua assimilação".

Himmler previa que num período de quatro a cinco anos "o conceito de cassubiano, por exemplo", deveria ser "desconhecido", já que então "não existirá mais um povo cassubiano". O "conceito judeu", continuou, "espero poder ver

totalmente extinto mediante a possibilidade de uma grande emigração de todos os judeus para a África ou para qualquer outra colônia" e "em um tempo um pouco mais distante [...] ver desaparecer de nosso território os conceitos populares dos ucranianos, dos góral e dos lemkos"; o mesmo valeria "para os poloneses dentro do contexto maior equivalente".

Uma chave para a solução desses problemas seria a "questão da escola". Para a população não alemã do leste só deveria existir a escola primária até a quarta série e nada mais. Nessas escolas só se deveria ensinar: "Contas simples até quinhentos, no máximo, escrever o nome e aprender que é um mandamento divino obedecer aos alemães e ser honesto, trabalhador e decente. Não acho necessário que saibam ler." Os pais que quiserem proporcionar uma formação superior aos filhos deveriam enviar um requerimento para tal ao chefe superior da SS e da polícia, o qual seria avaliado principalmente com base em pontos de vista raciais. "Caso reconheçamos uma criança dessas como nosso sangue, deixaremos claro aos pais que a criança será enviada para uma escola na Alemanha e que ficará lá para sempre. Por mais cruel e trágico que possa parecer cada caso individual, esse método é o melhor e o mais suave quando comparado ao método bolchevista de extermínio físico de um povo, que rejeitamos porque o consideramos antigermânico e absurdo."

Os pais dessas crianças, prosseguiu Himmler, devem ser confrontados com a escolha de "entregar" os filhos, ou ir eles mesmos para a Alemanha e lá "se tornarem cidadãos leais". Além disso, anualmente deve-se "passar um pente-fino em todas as crianças de 6-10 anos do Governo-Geral, a fim de realizar uma separação entre as de sangue valioso e não valioso"; as "de sangue valioso" também deveriam ser levadas para a Alemanha.

"A população do Governo-Geral", assim Himmler pintava o futuro, "no decorrer dos próximos dez anos e após a execução consequente dessas medidas, será inevitavelmente composta por uma gente remanescente inferior que será acrescida também pela população banida das províncias do leste e de todas as partes do Reich alemão com o mesmo tipo racial e humano (por exemplo, partes dos sorábios e dos vênedos). Essa população estará à disposição como mão de obra desprovida de lideranças [...]; ela terá mais o que comer e poderá levar uma vida melhor do que sob o domínio polonês, em virtude da falta de cultura própria, e, estando sob a direção severa, coerente e justa do povo alemão, estará

destinada a participar ativamente das eternas ações culturais e obras arquitetônicas do povo alemão, ações e obras essas que, considerando-se a enorme quantidade de trabalho bruto exigido, serão possibilitadas justamente por tal população".[75] Segundo anotou Himmler, Hitler aprovou em linhas gerais o memorando e concordou com que ele fosse lido por um pequeno grupo de altos funcionários como sendo uma diretriz autorizada por ele, mas que o documento não deveria ser amplamente distribuído.[76]

Himmler já havia desenvolvido dois programas de germanização que, prudentemente, só diziam respeito aos territórios anexados e não ao Governo-Geral, já que este, segundo o memorando, deveria ficar reservado aos "inferiores": de um lado, tratava-se da "regermanização" de pessoas que, em razão de sua origem racial "positiva", deveriam ser desviadas da torrente prevista para deportação ao Governo-Geral; do outro lado, para a detecção de "pessoas de origem alemã" nos territórios poloneses anexados pelo Reich ao longo de um processo de triagem racial, que ficou conhecido como Lista de Alemães Étnicos (*Deutsche Volksliste*).[29]

A "regermanização" tinha dupla finalidade, "de um lado, incluir as valiosas famílias de boa raça na força de trabalho alemã e, de outro, retirar do povo polonês aquelas famílias determinantemente nórdicas, com as quais, como a experiência ensina, a liderança polonesa costumava se enriquecer".[77] Para executar essa tarefa, o Himmler determinara, já em março de 1940, a criação de uma divisão especial do RuSHA junto à central de emigração na filial de Lodz.[78]

Desde o verão de 1940, entre 30 e 35 mil poloneses foram regermanizados.[79] Esse número estava bem abaixo da cifra determinada por Hitler e Himmler: eles haviam partido originalmente de até um milhão de poloneses "regermanizáveis"; aliás, uma ordem de grandeza que, de modo geral, batia com os cálculos feitos pelo Departamento de Política Racial do NSDAP.[80] Em outubro de 1940, Himmler baixou essa meta para aproximadamente 100 mil pessoas,[81] com a justificativa de que seria preciso conduzir uma "seleção racial" criteriosa. Em maio de 1941, esclareceu mais uma vez essa perspectiva aos dirigentes da SS e da polícia estacionados na Polônia ocupada:

"Não é possível germanizar as pessoas simplesmente colocando-as sob a custódia do partido e treinando-as politicamente. Uma tentativa dessa natureza já foi feita em outro nível pela administração alemã e pelos militares alemães

durante mais de cem anos na Prússia Oriental e em Posen, com o resultado de que, durante o domínio alemão, serviam como alemães e eram cidadãos alemães, e na época do domínio polonês serviam como poloneses e eram poloneses. Esse método antigo comprovou ser historicamente equivocado.

"Uma germanização das províncias do leste só pode ocorrer de acordo com um reconhecimento racial, no qual a população dessas províncias é passada por uma peneira. Aqueles que forem valiosos em termos raciais, que realmente serão absorvidos em termos de sangue, sem qualquer prejuízo (uma parte até com vantagem para nós) no nosso corpo racial, devem ser transferidos, individualmente por famílias, para a Alemanha, para o antigo Reich. [...] A outra parte, que não pode ser fundida em termos raciais, permanecerá no país pelo tempo que precisarmos dela para nos servir de força de trabalho no desenvolvimento das províncias e, no decorrer dos próximos cinco a dez anos, sem qualquer exceção ou misericórdia, será deportada para o Governo-Geral, como 'reservatório' dos indivíduos não aproveitáveis racialmente para a Alemanha."[82]

Em face da lentidão dos resultados, em meados de 1941, Himmler determinou ao RuSHA que procurasse retroativamente também entre os trabalhadores agrícolas poloneses que ingressaram no Reich após o início da guerra (que Himmler fora obrigado a deixar passar "sem exame" por falta de tempo)[83] por famílias regermanizáveis, para escolher vários milhares de pessoas para viver em caráter definitivo no Reich.[84]

No que diz respeito à lista de alemães étnicos, quem havia dado o primeiro passo fora o governador do Reich Arthur Greiser, em 1939, mediante a instituição de uma lista no Warthegau, mas esta baseava os critérios decisivos em fatores políticos e culturais — uma ênfase que se opunha à política racial da SS.[85] Em 12 de setembro de 1940, Himmler aprovou diretrizes próprias para uma lista de alemães étnicos nos territórios poloneses anexados, partindo da premissa de que qualquer "tentativa de uma germanização geral nas províncias do leste que não se baseie em critérios raciais fracassará no longo prazo e acabará prejudicando-as".

Novamente, Himmler previa quatro categorias: os grupos 1 e 2 abrangiam aqueles classificados claramente como alemães; essas pessoas recebiam a cidadania. O grupo 3 incluía aqueles que "ao longo dos anos desenvolveram

relações com os poloneses", mas mesmo assim tinham o potencial "racial" para se tornarem "membros completos da comunidade nacional alemã". Esse círculo de pessoas recebia a cidadania, mas sem o privilégio do "direito do cidadão do Reich" (o que não tinha grande importância prática, já que o status de cidadão do Reich, instituído em 1935 por meio do Código Civil do Reich, nunca fora definido com precisão). Pessoas de origem alemã que haviam "crescido politicamente na Polônia" pertenciam ao grupo 4 e só recebiam a cidadania alemã mediante retratação. Os integrantes dos grupos 3 e 4 deveriam se mudar para o território do antigo Reich.[86]

Para a execução do "exame racial", Himmler, como de hábito, desenvolveu conceitos bem concretos: "O princípio nº 1 é que o exame racial seja realizado sob o disfarce de exame médico. [...] 2. As salas devem ser instaladas de forma tal que o examinado retorne ao vestiário ao término do exame. 3. Tomar uma ducha para higiene corporal é uma premissa essencial para o exame." Além disso, Himmler determinava o uso de examinadores auxiliares, a utilização de tabelas de cor, a avaliação dos ossos malares, dobras da pálpebra, pelos corporais, assim como os pormenores do exame físico e exigia, além disso, que o procedimento seguisse um roteiro rígido a fim de garantir a avaliação de até quatrocentas pessoas ao dia, por examinador.[87] Como de costume, os casos difíceis eram decididos em última instância pelo próprio Himmler.[88]

O problema crucial do procedimento em relação à lista étnica era a classificação nas categorias III e IV — em relação ao *Volkstum* alemão ou polonês. O RuSHA perseguia a política de examinar esses 2 milhões de pessoas individualmente, um desafio que 11 divisões da lista étnica alemã nos territórios poloneses anexados deveriam enfrentar em 1942. Não se sabe ao certo quantas pessoas foram examinadas de fato:[89] tanto no Warthegau como em Danzig-Prússia Ocidental e na Alta Silésia, Himmler se confrontaria com vigorosa resistência dos governador do Reich, que não queriam realizar um exame racial individual, preferindo um procedimento mais simples.[90] Durante a guerra, de qualquer forma, não foi mais possível realizar programas de transmigração mais abrangentes com base na lista de alemães étnicos.

De acordo com isto, os três programas de germanização que Himmler havia iniciado desde o outono de 1939 em sua função de comissário do *Volkstum* foram interrompidos completamente entre 1940-1941 e pode-se dizer que, em

grande medida, fracassaram: o assentamento de alemães étnicos nos territórios anexados só se concretizou parcialmente; a regermanização obteve resultados muito mais modestos do que inicialmente anunciado; o registro no contexto da lista étnica parece nunca ter sido concluído. O principal motivo para que os programas não se concretizassem foi o fato de que as deportações dos territórios anexados para o Governo-Geral não puderam ser executadas na proporção necessária. Os diferentes movimentos populacionais se bloqueavam mutuamente de tal forma que, mesmo a "evacuação" da população judaica do Reich, originalmente prevista e anunciada aos quatro ventos, não pôde acontecer como planejado logo após a vitória sobre a Polônia.

**"Emigração dos judeus"**

Depois que as deportações no contexto do "projeto Nisko" foram suspensas em novembro de 1939 em virtude do assentamento de alemães étnicos, algo considerado prioritário, o RSHA, três meses depois, organizou uma ação limitada de deportações: nos dias 12 e 13 de fevereiro mais de 1.100 judeus, quase toda a comunidade judaica da cidade, foram deportados da região de Stettin para a região de Lublin; em 12 de março, umas 160 pessoas de Schneidemühl para Glownew, em Posen.[91]

Em 29 de fevereiro, Himmler justificou esses transportes aos *Gauleiter* com a necessidade de criar espaço para os alemães do Báltico; estava explicando, disse, para que os presentes não criassem "falsas esperanças" quanto a deportações adicionais de seus *gaue*.[92] Mas disse que planejava — "sob a condição de que haja guerra durante todo o ano" — abordar a "emigração dos judeus, contanto que seja viável quantitativamente", o que significava, na medida em que as circunstâncias no Governo-Geral o permitissem. Aparentemente, o que deveria ser diferenciado em relação a essas transmigrações forçadas era a "emigração normal dos judeus" do antigo Reich, do Ostmark e do *Gau* dos Sudetos; essas continuariam "apesar da guerra [...]. Apesar de tudo, queremos realizar a emigração de 6 mil a 7 mil judeus [!], mais especificamente para a Palestina, a América do Sul e a América do Norte". Mas dessa forma só é possível expulsar, no máximo, umas 80 mil pessoas por ano. Assim, as deportações para o Governo-Geral deveriam ser retomadas, observando-se as seguintes prioridades: "Primeiro tenho de tentar tirar os judeus das províncias do Leste, Posen e Prússia

Ocidental, parte oriental da Alta Silésia e sul da Prússia Oriental, das quatro províncias. Essa é a primeira medida. Depois, vem o antigo Reich, e em seguida o protetorado. Também aqui quero retirar os 150 mil judeus que estão no protetorado. Uma questão à parte são os ciganos. Esses eu quero, se possível, retirar ainda neste ano. Não passam de 30 mil em todo o Reich, mas causam um estrago racial enorme."[93]

Himmler tinha motivos para alertar contra "falsas esperanças", pois os planos de deportação em grande escala se deparavam cada vez mais com a resistência de Hans Frank. Em 12 de fevereiro, durante uma reunião entre os chefes, o governador-geral se manifestou contrário à "continuação da prática de transmigração atual", e conseguiu a confirmação de Himmler e Göring de que os procedimentos de evacuação seriam, antes, acordados mais detalhadamente com ele.[94] Depois de mais uma conversa com Hitler, em 29 de fevereiro, Frank calculava que, "no mínimo, mais 400 mil a 600 mil judeus seriam enviados ao estado" e, em 4 de março, informou aos chefes distritais de Lublin que o território deles continuaria sendo visto como "um tipo de reserva judaica".[95] Em vista disso, as autoridades alemãs poucos dias depois decidiram postergar temporariamente a planejada instalação de um gueto em Varsóvia; em vista do "repositório", esse passo de toda forma parecia desnecessário.[96]

Entretanto, em 24 de março, Göring determinou que, até segunda ordem, todas as deportações para o Governo-Geral dependiam da autorização explícita dele e de Frank.[97] Com isso, os transportes estavam de fato suspensos e o projeto de uma reserva especial de judeus em Lublin foi definitivamente abandonado. Em Varsóvia, retomaram-se os preparativos para a instalação de um gueto.[98] O anúncio de Himmler aos *Gauleiter* havia sido muito leviano.

## Levantamento na antiga Tchecoslováquia pelos critérios da política do *Volkstum*

No outono de 1940, a população do protetorado da Boêmia e Morávia também foi alvo de um "levantamento racial".[99] A iniciativa partiu do chefe superior da SS e da polícia em Praga, Karl Hermann Frank, e foi recebida positivamente por Hitler. A análise ficou sob a responsabilidade do RuSHA, ao qual Himmler em outubro de 1940 incumbiu "a elaboração urgente de um questionário para médicos de escola na Tchecoslováquia" que, na teoria, tinha em vista o registro

do estado de saúde dos escolares, mas que, na prática, serviria para elucidar "questões importantes para nós": a constituição "racial" da juventude tcheca. Himmler também estabeleceu imediatamente os critérios para o exame racial: "Altura exata; idade; peso; cor dos olhos — subdividido em três categorias: 1. azuis, cinza, verdes; 2. castanhos, castanho-escuros; 3. pretos. Por fim, a cor dos cabelos, cuja classificação deve ser: 1. louros, louro-escuros; 2. castanhos, castanho-escuros e pretos."[100]

Himmler enviou a Frank os questionários concebidos pelo RuSHA segundo esses critérios, recomendando que de cada criança se tirasse também uma fotografia "de frente e de perfil". Segundo Himmler, assim se teria pela primeira vez "praticamente um inventário racial do povo tcheco".[101] Para poder dar conta dessa ambiciosa tarefa, o RuSHA instalou uma filial bem provida de pessoal no início de 1941, em Praga.[102]

Nesse meio-tempo, um funcionário do RuSHA, Walter König-Beyer, havia redigido um "memorando sobre as relações político-raciais da região da Boêmia-Morávia" em que estimava que, após uma análise política e racial extensiva da população local, 55% das pessoas deveriam ser deportadas para o Governo-Geral.[103] Mas a incumbência de Himmler como comissário para a consolidação do *Volkstum* nessa época ainda não se referia ao protetorado, de forma que, naquele momento, ainda não se podiam tomar medidas concretas no sentido de realizar esses planos. Somente com a nomeação de Heydrich a protetor adjunto do Reich, em outubro de 1941, o planejamento alemão para a germanização do protetorado tomaria impulso.

Naquela época, a Eslováquia também havia entrado no campo de visão da SS e de suas ambições no que tangia à política de *Volkstum.* No estado independente eslovaco, formado em março de 1939, vivia uma minoria alemã de cervca de 130 mil pessoas. A *Volksgruppe* local, de tendência nazista, pleiteava uma incorporação, o que, tendo em vista a localização das colônias alemãs étnicas, acabaria levando à anexação de grande parte da Eslováquia. A política oficial do regime nazista não tinha essa intenção; estava muito mais interessada na existência de um Estado eslovaco dependente da Alemanha do que em trazer esses alemães étnicos "para casa, para o Reich".[104]

Em maio de 1940, Franz Karmasin, chefe da *Volksgruppe* alemã na Eslováquia, pediu ao RuSHA que indicasse algum funcionário para acompanhá-

lo na visita que faria aos integrantes do grupo étnico que viviam espalhados pela região das montanhas Beskid, para “observar e avaliá-los em relação a seu valor racial”. Himmler deu a permissão e o chefe do RuSHA, Pancke, se pôs a caminho. O resultado, segundo informou ao Reichsführer, fora*:* “Toda a Eslováquia simboliza um enorme cemitério de germanismo.” Mas, com base em suas observações, Pancke desenvolveu um conceito, que não pretendia exatamente fortalecer a *Volksgruppe* alemã, mas fundir a população eslovaca com o “germanismo”. Na opinião de Pancke, era possível, após o “afastamento” de judeus e ciganos e a “exclusão” da população de origem húngara, no total umas 500 mil pessoas, “reconquistar esse país totalmente para o germanismo”, sobretudo se, além disso, se assentassem ali umas 100 mil famílias alemãs.[105] Ainda no outono de 1940, a SS não só daria início, de maneira velada, à análise dos alemães étnicos na Eslováquia, como também se dedicaria a transformar a Hlinka-Garde, uma associação paramilitar eslovaca, em uma elite que poderia funcionar como o cerne da política de fusão sugerida por Pancke.

**Tirol do Sul — Transmigração**

Em meio a esses planos de colonização e deslocamentos populacionais de grande abrangência, o projeto do qual Hitler incumbira Himmler ainda antes de sua nomeação a comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* também continuava aguardando uma solução: a transmigração dos sul-tiroleses.

Poucos dias após o início da Segunda Guerra Mundial, por meio de seu mediador em Roma, Dollmann, Himmler mandou notificar o “caríssimo amigo”, o ministro da Polícia, Bocchini, de que cumpriria a promessa originalmente feita de pôr em andamento a transmigração de todos os alemães do Reich do Tirol do Sul (o primeiro passo da planejada transmigração) dentro de três meses, “embora, em razão da guerra, as condições e tensões hoje sejam outras”. Obviamente as pessoas que decidissem ficar na Itália e, com isso, “manifestarem o desejo de se tornar italianas, interna e externamente, não deveriam ser menosprezadas por aqueles tiroleses que decidiram emigrar”.[106]

Após mais algumas negociações, Himmler interrompeu os intensivos planejamentos relacionados ao deslocamento de pessoas na Polônia e, entre 11 e 13 de outubro, encontrou-se com Bocchini em Tremezzo, no Lago de Como, para esclarecer os problemas surgidos naquele período. Nessa ocasião, ele

sugeriu, por conta própria, reduzir e acelerar radicalmente o planejado processo de escolha: originalmente, fora dado o prazo de 30 de junho de 1940 aos sul-tiroleses para optar entre a Alemanha e a Itália; mediante a simplificação do processamento burocrático envolvido, esse prazo seria reduzido para 31 de dezembro de 1939.[107]

Durante a viagem de volta de Tremezzo, Himmler tomou decisões fundamentais sobre a transmigração dos sul-tiroleses. Em um texto a ser publicado, escreveu que eles deveriam "ser assentados, em grupo fechado, em um novo local de colonização", por exemplo, no vale do Netze, ou em uma região na "encosta norte das Beskid", portanto, na cordilheira ao sul da Polônia na fronteira da Eslováquia. Conforme orientação de Hitler, a remigração deveria ser executada de "forma generosa". "Comunidades rurais e urbanas devem ser criadas conservando seus antigos nomes." Himmler também já pensara em um nome para a região da colônia que não tinha nenhuma conotação sarcástica: Tirol Oriental.[108]

Ao cabo de negociações adicionais, em 21 de outubro de 1939 foram estabelecidos os primeiros acordos quanto à transmigração,[109] e cinco dias depois, em 26 de outubro, foram publicadas as diretrizes da migração. A partir daí seria deslanchada uma onda de propaganda contra a emigração, tolerada pelo comissário de Bolzano. Além disso, as autoridades italianas passaram a deter os sul-tiroleses de tendência nazista que se manifestavam a favor da migração.[110] Em 14 de novembro, Himmler interveio enviando uma carta de tom amistoso a Bocchini, em que, no entanto, protestava veementemente contra a campanha de propaganda, as detenções e o fato de o lado italiano não ter respeitado diversos acordos relativos às opções.[111] Em seguida a isso, Wolff e o subsecretário de Estado no Ministério do Interior da Itália, Buffarini Guidi, em 15 de novembro, em Roma, chegaram a um acordo que previa sobretudo a liberação dos detidos.[112] O processo de opção, em vigor até o final do ano de 1939, terminou contabilizando uma grande maioria de pessoas a favor da emigração.[113]

Das mais de 200 mil pessoas que optaram pelo retorno à Alemanha ou que possuíam a cidadania alemã, mais de 56 mil deixaram a pátria até final de 1940. No entanto, já nos últimos meses de 1940, o número de migrantes diminuiu consideravelmente; até meados de 1942, apenas mais 20 mil pessoas haviam virado as costas para o Tirol do Sul quando, repentinamente, toda a ação foi

interrompida. A maioria das pessoas havia emigrado para a Áustria, umas 21 mil pessoas para outras regiões do Reich.[114]

Enquanto os sul-tiroleses eram acomodados principalmente em acampamentos provisórios para imigrantes, o setor de Greifelt insistia no plano de um assentamento fechado para eles. A ideia original de Himmler, de reassentar os sul-tiroleres nas Beskid, foi abandonada com relativa rapidez diante da reação negativa dos afetados.[115] Após a vitória sobre a França, em junho de 1940, Greifelt elaborou um novo plano: em 10 de julho, redigiu um memorando que previa a emigração dos sul-tiroleses para a Borgonha. Oito dias depois, Himmler foi surpreendido por uma delegação de optantes que, sob a direção do chefe distrital tirolês Franz Hofer, viajara a Berlim com essa nova variante, que parecia já ter sido basicamente aprovada por Hitler. A delegação fez uma visita de inspeção ao território previsto para o assentamento para, em seguida, em 23 de julho, ser novamente recebida por Himmler em Berlim, para uma reunião final. Embora durante os anos seguintes se continuasse a trabalhar no projeto, a prevista anexação dos territórios franceses e a expulsão da população local para "liberar" o território em questão teriam dificultado de tal forma as relações teuto-francesas que durante a guerra não havia a menor possibilidade de se pensar no assunto.[116]

Após a ocupação da Iugoslávia, no início de 1941, ventilou-se um novo destino para a imigração (que foi novamente descartado): a Baixa Estíria, anexada pelo Reich. Finalmente, em meados de 1942, foi apresentado o provavelmente mais fantástico dos intentos: a transplantação dos sul-tiroleses para a Crimeia, um plano que o antigo chefe do *Gau* de Viena e atual comissário-geral designado para a Crimeia, Alfred Frauenfeld, expôs a Himmler em junho de 1942. Himmler discutiu o projeto com Hitler; a ideia agradava a ambos. Mas também eram da opinião de que se deveria esperar o término da guerra antes de tomar qualquer iniciativa. "Vamos, então, ter de achar um outro grupo social ou uma outra população para a Borgonha", informou Himmler a Frauenfeld.[117]

A estratégia de Himmler, em outubro de 1939 — na euforia da vitória alemã na Polônia e estimulado pela sua incumbência mais abrangente como comissário do *Volkstum* em relação às transmigrações —, de se comprometer com uma emigração rápida para uma colônia fechada, sem dispor da área necessária para o

requerido reassentamento, mostraria ser um passo desastroso de consequências catastróficas. Mas a fracassada transmigração dos sul-tiroleses não foi o único fiasco do comissário Himmler.

## O *Reichrsdführer* na defensiva

No início de 1940, Himmler foi confrontado com severas críticas do comando do Exército. No centro estavam sempre suas ordens que, de modos totalmente diversos, fatalmente remetiam à sua política radical de nova ordem *Völkisch*, mas que também afetavam o status da Wehrmacht: os assassinatos em massa cometidos pela SS na Polônia que do ponto de vista do oficialato ameaçavam manchar a honra da Wehrmacht, e a chamada Ordem de Procriação (*Zeugungsbefehl*), de outubro de 1939.

Desde o final de 1939, como já foi mencionado,[118] acumulavam-se as reclamações de comandantes da Wehrmacht sobre as atrocidades da SS na Polônia. O comandante militar do leste, Blaskowitz, por exemplo, enviou dois memorandos, em novembro de 1939 e janeiro de 1940, ao comandante em chefe do Exército, Von Brauchitsch, sobre os assassinatos.[119]

Após uma audiência de Blaskowitz com Von Brauchitsch em janeiro, este se reuniu duas vezes com Himmler, em 24 de janeiro e 2 de fevereiro, para falar sobre as acusações contra a SS, sem, no entanto, tentar colocar Himmler contra a parede. No segundo encontro, Himmler se mostrou conciliador admitindo "erros" e enfatizando que valorizava uma boa relação com o Exército.[120] Assim, Brauchitsch deu-se por satisfeito e ainda convidou Himmler a proferir uma palestra em Koblenz, em 13 de março, na presença de altos comandantes do exército. Himmler aproveitou a oportunidade para amenizar os relatórios disponíveis acerca das crueldades da SS e deixar subentendido que fazia nada sem o conhecimento de Hitler. Sua política germanista radical, portanto, teria a cobertura da autoridade do "Führer".[121] A indignação que reinava dentro do oficialato em relação aos crimes da Waffen-SS na Polônia se extinguiu sem deixar consequências, a não ser pelo fato de que, dali em diante, os militares reagiriam com muito mais cautela às sugestões da chefia da SS de integrar comandos ou instalações da SS na estrutura de comando militar.

Durante a reunião de Von Brauchitsch com Himmler, em 2 de fevereiro, também se falara sobre o Decreto dos Filhos (*Kindererlass*) — como se

expressou elegantemente o comandante —, a ordem de 28 de outubro de 1939 que em geral era chamada de “ordem de procriar” dentro da Wehrmacht, e que provavelmente causara mais alvoroço do que os crimes cometidos pela SS na Polônia.[122]

A ordem de Himmler se baseara na seguinte reflexão: “Toda guerra envolve o desperdício do melhor sangue. Diversas vitórias das armas representaram, para os povos, ao mesmo tempo uma devastadora derrota de sua força vital e de seu sangue.” Nisso, “a morte infelizmente necessária dos melhores homens, por mais lamentável que seja, ainda não é o pior”, mas “a falta das crianças que não são geradas pelos vivos durante a guerra ou pelos mortos após a guerra. [...] Pode morrer tranquilo aquele que sabe que seu clã, que tudo aquilo que seus antepassados, e ele mesmo, quiseram e ambicionaram terá continuidade em seus filhos. O maior presente para a viúva de um homem morto em combate sempre é o filho do homem que ela amou”.

E Himmler chega, então, ao ponto principal: “Além dos limites de leis e costumes civis, talvez necessários em outras circunstâncias, poderá ser uma tarefa crucial para as mulheres e moças alemãs de bom sangue tornarem-se mães também fora do casamento, não como uma imprudência, mas com a mais profunda seriedade ética, de filhos de soldados que partem para a guerra e sobre os quais só o destino sabe se voltarão para casa ou se morrerão pela Alemanha.”

Himmler, portanto, havia decidido divulgar publicamente as ideias quanto à geração de filhos ilegítimos, que ele perseguira sobretudo entre 1936-1937. Mesmo que a ordem se destinasse a “toda a polícia e toda a SS”, a chamada para a geração de filhos “fora do casamento” se dirigia de um modo geral a todos os “soldados que partem para a guerra” e, portanto, tinha definitivamente a intenção de constituir um apelo geral à ultrapassagem dos “limites das leis e tradições civis”.

Além disso, em seu decreto, Himmler também evocou — mais uma vez não se dirigindo apenas à polícia e à SS — o “dever sagrado de novamente se tornarem pais e mães. Não nos esqueçamos jamais de que a vitória da espada e o sangue derramado de nossos soldados não teriam nenhum sentido se não fossem seguidos da vitória dos filhos e da colonização da nova terra. Na guerra passada, muitos soldados, conscientes de suas responsabilidades, decidiram não gerar mais filhos para não deixar as esposas com as preocupações e dificuldades

causadas por mais uma criança após a morte deles. Os homens da SS não precisam ter essas considerações e preocupações".[123]

Em janeiro de 1940, no entanto, Himmler se sentiu compelido a esclarecer a Ordem de Procriação por meio de uma determinação adicional. A solicitação de outubro, que — como não poderia deixar de ser — fora "pensada de modo decente e recebida de modo decente, e que, pensando no futuro, lidava com problemas presentes e se posicionava abertamente em relação a eles", gerara "incompreensão e mal-entendido por parte de alguns". Até o ponto em que isso dizia respeito à questão das crianças ilegítimas, Himmler registrou de modo sucinto e conclusivo: "Sobre isso não há o que discutir." Mas a ordem também fora entendida no sentido de que os homens da SS eram incentivados a "se aproximar das mulheres dos soldados que estão na guerra", e isso Himmler desmentiu indignado.[124] Com data de 30 de janeiro de 1940, seguiu-se uma ordem enfática para os integrantes da polícia e da SS quanto a ter relações sexuais com as mulheres de soldados que haviam partido para a guerra; Himmler deixou claro nessa ordem que eventuais transgressões seriam tratadas como desobediência militar e punidas como tal.[125]

Depois das duas conversas com Von Brauchitsch, em janeiro e fevereiro de 1940, Himmler também se manifestou a respeito dos assassinatos na Polônia e da incriminada Ordem de Procriação, em um discurso ante os *Gauleiter* e outros altos funcionários do partido. Diferentemente da sua fala seguinte, acordada com Von Brauchitsch e ainda por acontecer, ante altos comandantes da Wehrmacht, aqui se tratava, no fundo, de um jogo jogado em casa e no qual ele não precisava mostrar uma postura de pesar.

Himmler explicou que, no que se referia à Ordem de Procriação, este tinha sido "com raríssimas exceções, entendido de forma correta e clara" dentro do partido; mas fora havia "enfrentado muita crítica e oposição". Himmler esclareceu que se decidira pela ordem porque o pai de um homem da SS morto em combate teria inquirido se o filho por acaso não deixara algum filho ilegítimo. Essa pergunta o teria conscientizado de que "nessa nossa era hipócrita, sim, porque socialmente ainda somos hipócritas, é necessário, portanto, que o jovem esteja coberto pela grama para que pais reconheçam, de repente, a mais antiga das verdades, a de que é importante que uma família produza descendentes e que o sangue não se perca".

Depois disso, ele teria “elaborado essa ordem e a apresentado ao Führer, não para — e peço que isso seja compreendido da forma correta — dizer por aí que foi o Führer que me autorizou a fazer isso, mas só para saber se o Führer concorda ou não. Se ele concorda, a ordem será promulgada. A repercussão gerada temos de enfrentar, e para isso não vamos pedir a ajuda ao Führer”.

Após essa fiança da mais alta autoridade, seguiu-se uma doutrinação, gramaticalmente confusa, é verdade, mas do mesmo jeito bem de cima para baixo: “Meus caros senhores teóricos, os senhores não veem que esse número elevado de seres masculinos que nascem em épocas de guerra consiste em reposição automática, feita pela natureza, mas que o equilíbrio não é estabelecido naquela faixa cujas mulheres agora têm entre 35 a 45 anos, isto é — quero quase dizer —, das viúvas de guerra, não me refiro aqui ao sentido legal da palavra, mas de mulheres cujos maridos ou cujos futuros maridos morreram em combate, ou seja, mulheres sem marido, mas que ainda não estão em nenhuma idade biológica [menopausa]. Estimo que sejam umas 100 mil, podem ser 200, 300, 400 ou 500 mil — creio que posso até dizer —, devem ser meio milhão de mulheres para as quais o problema de que os homens estão mortos ainda existe.” A isso se juntaria “uma enorme hipoteca silenciosa que infelizmente ainda pesa sobre nosso povo alemão”: o fato da homossexualidade, da “doença fatal de um povo”. Himmler obviamente presumia que sua luta de anos — anteriormente ele tinha feito uma avaliação de cerca de 2 milhões de homossexuais — não havia ficado sem consequências perceptíveis, e no entanto: “Acredito que ainda devemos contar com meio milhão.”

Esse problema de “que aqui existem mulheres e que para essas mulheres não há homens” infelizmente não podia ser resolvido com “palavras moralistas”. “Eu me oponho a isso e acredito que todos nós sejamos contra essa continuada hipocrisia social, de que o flerte, ou chamemos a isso amizade, ou que os relacionamentos são aceitos socialmente, mas que os filhos ilegítimos não são e, com isso, consequentemente a mãe também não o é.” Com essa atitude não se estaria minando o casamento; pelo contrário, “o casamento com muitos filhos é que é a célula embrionária do povo”.

No manuscrito para o discurso, Himmler dedicou 17 páginas à criticada ordem da procriação, antes de seguir para o segundo tema. O importante seria que nas “províncias que agora pertencem à Alemanha [...] o problema de uma

minoria polonesa seja dissipado e erradicado nos nossos dias". E ele ao mesmo tempo destacou, a título de esclarecimento: "O *problema* deve ser erradicado. Não quero ser mal interpretado nisso, a nacionalidade polonesa e o povo polonês devem ser dissipados para dois lados."

Após explicações sobre supostas partes de sangue germânico nos eslavos, chegou ao ponto principal, em uma mistura de declaração de inocência e contra-ataques relativamente perspicazes: "E então vem a questão das supostas atrocidades. Com certeza é possível que no leste, no caso dos trens, mas não só nas evacuações, um trem se congele e que pessoas morram congeladas. Isso é possível, também aconteceu com alemães. Simplesmente não há o que se possa fazer se um trem para por dez horas no meio do caminho. Nesse caso não é possível culpar a empresa ferroviária nem qualquer outra pessoa. É o clima por lá que é assim. É lamentável pelos alemães e também pelos poloneses, se quiserem, é lamentável até pelos judeus, se é que alguém quer sentir pena deles. Mas isso não é planejado, nem pode ser evitado. Acho errado fazer disso um grande queixume."

Himmler continuou: "E sobre a questão de que muitas coisas tinham de ser feitas a pé. Sim, pelo amor de Deus, eu não tenho como mudar isso. Infelizmente também não pude evitar que os alemães tivessem de andar a pé. Portanto, cuidarei primeiro dos alemães. Se conseguir interceder a favor deles, é certo que o farei. Depois, se tiver tempo e oportunidade, também terei o maior prazer de fazê-lo no caso de poloneses e judeus. Mas isso vem por último. E ficar perturbado de novo por causa disso aqui em Berlim e transformar esse fato numa grande história de atrocidades, isso eu acho errado. De maneira nenhuma vou negar que no leste — estou muito bem informado sobre isso — tenha ocorrido esse ou aquele excesso resultante de bebedeiras, e que durante essas bebedeiras foram assassinadas pessoas, pessoas que talvez devessem ser mortas de qualquer maneira, mas que não deveriam ter sido mortas por bêbados, que ocorreram depredações em todo o leste, por vezes de um jeito que, devo admitir, não imaginava que fosse possível. De todos os postos possíveis e por todas as pessoas possíveis de todas as fardas. [...] Quando ocorrem casos desse tipo, deve-se averiguar com toda a calma e dizer, 'olha, temos a impressão de que' — alguns *Gauleiter*, por exemplo, me passaram informações — 'o guarda policial fulano de tal foi responsável por isso'. Sou muito grato por isso. Isso será

apurado e aí o homem será preso.”[126]

Em setembro de 1940, Himmler falou novamente sobre os assassinatos em massa na Polônia, dessa vez ao comando da Leibstandarte e sem tentar apresentar os crimes como acidentes de trabalho. Pelo contrário: internamente, ele reconheceu abertamente os assassinatos, quando se lembrava de que “nós”, na Polônia, sob um frio de 40 graus negativos, “fomos obrigados a evacuar dezenas e dezenas de milhares e centenas de milhares, em que tínhamos que ter sangue-frio — os senhores devem escutar isso, mas também devem se esquecer disso imediatamente — de fuzilar milhares de líderes. Em que tínhamos que ter sangue-frio, porque senão isso mais tarde acabaria se voltando contra nós, para levar para lá milhares de pessoas alemãs naquele inverno de 40 graus negativos”.[127]

## Mudança na vida privada de Himmler

Se Himmler em 1940 teve de defender sua postura pública em relação aos nascimentos ilegais e aos assassinatos em massa na Polônia, por assim dizer, de uma vez só, então não se tratava de coincidência: em ambas as situações, em áreas bastante diversas, ele atingira, com a política *Völkisch*, limites éticos em grande parte ainda aceitos — e estava decidido a superá-los.

Como já indicado, isso valia da mesma forma para sua vida particular: o Reichsdführer-SS assumiu também a sua parte em relação ao cumprimento da sua “ordem de procriação” e resolveu ter filhos fora do casamento. Embora não fizesse parte daqueles que arriscavam suas vidas no front, sua autoestilização como soldado praticamente lhe fazia parecer uma obrigação cuidar para que, durante a guerra, gerasse descendentes, ainda que tivesse de ignorar as convenções.

No início de 1936, Hedwig Potthast fora admitida como secretária de Himmler,[128] e, entre outras coisas, era responsável pela distribuição de presentes do Reichsführer, como também por seus afilhados.[129] A jovem, então com 23 anos, filha de um comerciante de Colônia, havia encontrado trabalho em 1933 em Koblenz, após ter-se formado como correspondente para línguas estrangeiras. Em 1934, ela se mudou para o Gestapa em Berlim. Em algum momento, Himmler e Hedwig Potthast se tornaram mais próximos; no Natal de 1938, segundo escreveu à irmã três anos mais tarde, haviam confessado um ao outro

que estavam “perdidamente” apaixonados. Durante os dois anos seguintes, eles ponderaram se havia um meio “decente” de poderem ficar juntos — Himmler não queria se separar, por consideração à esposa —, até que haviam decidido ter filhos e começar um tipo de digamia.[130]

Logo, a decisão de Himmler de ter filhos com Hedwig Potthast deve ter sido tomada em 1940, ano em que passou a defender publicamente o nascimento de filhos ilegítimos. Aliás, entende-se daquela carta que Himmler só queria informar à esposa sobre a relação extraconjugal quando já houvesse algum filho. Em 15 de fevereiro de 1942, nasceu Helge, o filho de Hedwig e Heinrich, na clínica do amigo de escola de Himmler, Gebhardt, em Hohenlychen.[131]

Segundo declarações da própria Hedwig, ela deixou o emprego de secretária de Himmler no início de 1941. Primeiro, Himmler a acomodou em Brückenthin, na região de Mecklenburg, bem perto de uma granja em que residia Oswald Pohl, cuja segunda mulher, Eleonore, era amiga da Hedwig.[132] Em 1942, ela se mudou para Berchtesgaden, onde, em 20 de julho de 1944, deu à luz a segunda filha de Himmler, Nanette-Dorothea.[133]




*Após o afastamento da mulher Margarete, Himmler se esforçou por manter um relacionamento próximo e carinhoso com a filha Gudrun. Himmler mantinha contato estreito com ela, e durante a guerra ele a provia regularmente com informações sobre seu dia a dia oficial. Às vezes ela também podia acompanhá-lo em viagens de trabalho (aqui, junto com o chefe do estado-maior pessoal de Himmler, Karl Wolff).*

Infelizmente não se sabe praticamente nada sobre a relação de Heinrich Himmler com Hedwig Potthast. Se levarmos em conta a agenda superlotada de Himmler, os dois não podem ter-se encontrado muitas vezes; uma vida em comum seria ainda mais difícil. Provavelmente também não revelou a ela os segredos de seu trabalho, como fizera com a outra mulher, Margarete, ou a

inteirou de seus planos ou projetos; do fato de Hedwig ter sido inicialmente a secretária particular de Himmler não se pode deduzir que ele lhe dera acesso aos seus bem-guardados segredos oficiais.

No início da guerra, Margarete havia procurado uma área de atuação para si mesma: a enfermeira formada assumiu uma função em um hospital da Cruz Vermelha.[134] Mas logo houve atritos e brigas com os colegas médicos.[135] No início de dezembro de 1939, a Cruz Vermelha transferiu a ela a supervisão de seus hospitais no Distrito Militar III, ou seja, na região de Berlim-Brandenburgo, em que chegavam principalmente transportes com feridos[136] — "minhas estações de trem", como ela registrou, orgulhosa.[137]

Seu trabalho pleno de responsabilidade incluía viagens aos territórios ocupados, quando ela fazia as costumeiras anotações quanto à impressão que lhe causavam o país e o povo. Por exemplo, em março de 1940, anotou sobre uma viagem à Polônia: "Agora estive em Posen, em Lodz e em Varsóvia. Esse bando de judeus, esses polacos, a maioria nem se parece com gente, e essa sujeira indescritível. Estabelecer a ordem por lá é uma tarefa árdua."[138] No mesmo mês, ela escreveu: "Essa polacada não morre tão fácil de doença contagiosa, eles são imunes. Quase não dá para entender."[139] Em abril de 1941, ela demonstrou perspicácia racial por ocasião de uma visita às instalações da Cruz Vermelha alemã na Alsácia: "População muito ruim, testa pouco marcante."[140]

No mais tardar em fevereiro de 1941, Margarete soube da nova relação de Heinrich. Ela se sentiu humilhada e reagiu com amargura.[141] Quando uma conhecida dela se divorciou porque o marido engravidara outra mulher, Margarete anotou no diário: "Isso os homens só fazem quando ficam ricos e importantes. Senão, as mulheres mais velhas têm de alimentá-los, ajudá-los e aguentá-los. Que tempos esses."[142]

No entanto, Heinrich Himmler vinha regularmente a Gmund, onde Margarete vivia agora com a filha Gudrun, para ver se estava tudo bem por lá. Os encontros provavelmente eram bem difíceis. Pelo menos Margarete os via com desagrado: "Heini está vindo e vai ter muita briga. Não tenho nada com que me alegrar. Quero e preciso suportar tudo pela minha filha."[143] Também para ele essas visitas se prendiam basicamente à filha Gudrun. A cada dois ou três dias,[144] ele falava com Püppi — como continuava chamando a filha — ao telefone; além disso, ambos se correspondiam semanalmente,[145] e ele lhe mandava fotos que

documentavam seu dia a dia no quartel-general ou que o mostravam em viagem, e ele as complementava com as dedicatórias relevantes.[146] A relação dos dois era estreita e carinhosa e Gudrun Himmler faria de tudo, depois de 1945, para manter essa imagem em sua lembrança e não se distanciar do pai.[147]

29 A “Lista de Alemães Étnicos” classificava a população dos territórios ocupados da Polônia e, numa segunda etapa, também do Comissariado da Ucrânia e na França ocupada, em categorias segundo critérios de “aceitabilidade racial” estabelecidos por Himmler. (N. das T.)

## Repressão no território do Reich

Com o Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA) criado pouco após a eclosão da guerra, Himmler dispunha de uma instituição central que lhe permitia cobrir a Alemanha e a Europa ocupada com um manto de repressão e terror durante os anos seguintes. A instituição do RSHA se deveu sobretudo a Heydrich. Desde o início de 1939, ele perseguia a ideia de fundir de fato a polícia de segurança e o serviço de segurança (SD) em uma nova estrutura organizacional, criar principalmente uma carreira própria para ela e incluí-la como uma única organização no orçamento do Reich.[1]

Em fevereiro de 1939, Heydrich instruiu seu funcionário Walter Schellenberg a elaborar um conceito para a reestruturação do SD e da polícia de segurança. Schellenberg defendia o princípio de que a polícia de segurança deveria se transformar em Corpo de Segurança do Estado por "subir na SS", e "não o contrário",[2] uma mudança que contrariava a opinião do chefe administrativo da Gestapo, Werner Best, que não ambicionava nada além de tornar o o corpo de liderança do SD um órgão do Estado.[3]

No cerne dessa polêmica estava a disputa pela futura direção do aparato de repressão política resultante da fusão entre SD e Sipo, os juristas ou os "combatentes políticos", desencadeando uma briga muito séria nos meses seguintes. Diante do conhecido desdém com que Himmler encarava os juristas, a posição de Best não tinha chance de sucesso e, em 1940, entre outros motivos devido a esses conflitos, ele deixou a área de trabalho de Heydrich. Mas a sugestão de Heydrich e Schellenberg, de criar uma estrutura que garantisse a independência organizacional do SD e que atenderia às exigências de comando do SD e da SS em relação à polícia de segurança, também não pôde ser concretizada.[4]

Enquanto ainda se discutia sobre essa questão básica, a central do planejado aparato de repressão unificado tomava forma. Referindo-se a um esboço de organização de Schellenberg, em julho de 1939 Heydrich anunciou a formação de um Gabinete Central de Segurança do Reich; o nome também se baseava em uma sugestão de Schellenberg. Em 27 de setembro de 1939, Himmler promulgou um decreto instalando oficialmente o novo órgão.[5]

A eclosão da guerra, no entanto, impediu a concretização das altas ambições de Heydrich e Schellenberg. Ao final, foi realizado um tronco organizacional: os

juristas se encontravam no mesmo patamar dos dirigentes do SD, que continuava sendo financiado pelo tesoureiro do NSDAP. Mas Himmler não desistiu do conceito de Corpo de Segurança do Estado e, em 1941-1942, ainda tentou, apoiado em uma "Ordem do Führer sobre a SS e a polícia", concretizar seu intento. Mas não conseguiu.[6]

De início, o Gabinete Central de Segurança do Reich (RSHA) foi subdividido em seis divisões e, a partir de 1941, em sete; ao lado da divisão administrativa, que primeiro tinha uma e depois duas divisões, o RSHA se compunha das seguintes divisões: Gestapo (Amt IV), polícia criminal (V), SD interior (III), serviço de inteligência internacional do SD (VI) e investigação e combate de adversários (no início, Amt II, depois Amt VII). Em março de 1941, ocorreram mudanças importantes não só em virtude da divisão do departamento administrativo, mas, principalmente, devido à transferência de competências do Amt II e do Amt VII a outras unidades de trabalho.

A estrutura individual dos cinco departamentos ativos operacionalmente do RSHA nos primeiros anos da guerra era a seguinte: o Amt IV do RSHA, antiga central da polícia secreta do Estado (o Gestapa), ainda chefiado por Heinrich Müller, abrangia cinco grupos — A: inimigos políticos; B: confissões, judeus, maçons, emigrantes, pacifistas; C: prisão preventiva; D: territórios ocupados; e E: defesa.[7] Importante para o trabalho do Amt IV foi a reorganização do RSHA em março de 1941: criou-se um novo grupo, para igrejas e judeus. A consequência mais importante disso foi que o até então principal órgão encarregado das igrejas no Amt de investigação (VII) se dissolveu e o seu trabalho foi transferido para a Gestapo. No decorrer dessa reorganização, o setor de Eichmann, Emigração e Evacuação, foi transferido do grupo IV D 4 para o recém-formado grupo IV B 4 (questões judaicas/questões sobre evacuação).[8]

O Amt V, chefiado por Arthur Nebe (que era idêntico ao departamento de polícia criminal do Reich), se compunha originalmente de seis grupos, que acabaram sendo transformados em quatro em março de 1941: política criminal e prevenção, ocupação, serviço de reconhecimento e busca e, finalmente, o instituto de criminalística. A fundação de um instituto de criminalística biológica, em dezembro de 1941, enfatizou a grande importância que a Kripo continuava atribuindo à prevenção de viés "genético". Em 1943, criou-se ainda um instituto central de criminalística médica, com sede em Viena.[9]

O Amt III (SD Interior), chefiado por Otto Ohlendorf, que resultara basicamente do Departamento Central II 1 (avaliação em termos de setores da vida) do Gabiente Central do SD, subdividia-se em quatro grupos, responsáveis por questões relativas ao *Volkstum*, sistema legal e edificação do Reich, cultura e economia. O SD Interior redigia os relatórios do Reich, relatórios periódicos detalhados sobre o "estado de espírito e a postura da população", e estava incumbido da supervisão dos processos de cada "setor da vida" (como cultura, economia ou *Volkstum*) que divergissem em relação às intenções do nazismo e de notificar os órgãos responsáveis em caso de ocorrências relevantes.[10]

O Amt VI (SD exterior), sucessor do Amt III do Gabinete Central do SD, era o maior departamento no RSHA, com um total de oito grupos e 38 setores.[11] Era chefiado pelo advogado Heinz Jost, nascido em 1904, membro do partido desde 1927 e funcionário de tempo integral do SD desde 1934.[12] No entanto, os êxitos contabilizados pelo SD exterior durante os primeiros dois anos de guerra foram modestos. Embora conseguisse espalhar uma rede de agentes nos países neutros importantes, como Suíça, Suécia, Espanha e Portugal, além da aliada Itália, e atuasse em estreita cooperação com os serviços secretos dos países do sudeste europeu, não foi muito bem-sucedido no que tange à espionagem contra a Grã-Bretanha, os Estados Unidos ou a União Soviética.[13]

O Amt VII (investigação e combate a adversários) era composto pelos grupos de investigação de base, adversários ideológicos, problemas internos e externos. Em março de 1941, a atividade do Amt VII, cujo chefe, Franz Alfred Six, perseguia em paralelo e também intensamente suas ambições acadêmicas,[14] foi reduzida à investigação "científica" dos adversários, enquanto diversas unidades de trabalho que, mediante o apoio de métodos de inteligência, se ocupavam do *combate* aos adversários foram transferidas para a Gestapo; outras, no entanto, que se ocupavam do *reconhecimento* operacional dos adversários, foram absorvidas pelos departamentos internos e pelo serviço de inteligência externo.[15]

Embora o desempenho em termos de investigação, ou seja, a verdadeira tarefa do departamento, tenha sido fraquíssimo, os encarregados eram bastante diligentes em diversas áreas: tinham grande influência nos processos de qualificação e ocupação de cargos na área acadêmica e se dedicavam a uma consequente política de roubo nos territórios ocupados, "adquirindo" volumosas bibliotecas, arquivos e coleções.[16]

Algo característico do desenvolvimento do RSHA era certo desenredamento das competências, nas quais, durante os anos anteriores à guerra, haviam ocorrido sobreposições cada vez maiores entre a Gestapo e a Kripo. A Gestapo agora se concentrava realmente na perseguição política, ação que durante a guerra foi estendida para abranger o crescente número de estrangeiros que viviam na Alemanha. Tendo em vista a iminente eclosão da guerra, Heydrich, por meio de um decreto, em 31 de agosto de 1939, já reduzira consideravelmente as atribuições da Gestapo: as áreas de atuação encarregadas de confissões, judeus, maçons, emigrantes, reação e questões do partido foram amplamente limitadas; as áreas de atuação responsáveis por assuntos econômicos, homossexualidade e aborto foram majoritariamente transferidas para a Kripo.[17] As medidas "preventivas" de terror contra "associais" e criminosos agora também recaíam sobretudo na esfera da polícia criminal. Essa ordem ainda seria modificada ao longo da guerra.[18]

O SD, que no período anterior à guerra por diversas vezes atuara como órgão de apoio da Gestapo, passou a se retirar do trabalho executivo.

**Gestapo**

Poucas semanas após o início da guerra e ainda durante o processo de reorganização em que se encontrava o aparato de polícia, Himmler já se viu confrontado com o primeiro desafio. Em 9 de novembro de 1939, às 21h20, ocorreu uma explosão na cervejaria Bürgerbräukeller, em Munique, que matou oito pessoas e deixou inúmeros feridos. A explosão acontecera apenas 13 minutos após a saída de Hitler do prédio, consideravelmente mais cedo do que estava previsto pelo programa; se ele não tivesse mudado seus planos, inevitavelmente teria sido vítima da explosão, detonada por uma bomba-relógio instalada bem ao lado do púlpito.

O autor do atentado foi preso, por acaso, ainda na mesma noite: Georg Elser, marceneiro de ofício, que preparara o ataque por sua própria iniciativa, foi detido pelo controle de fronteira alemão quando tentava fugir para a Suíça e, após a divulgação do atentado, levado de volta a Munique.

Himmler e a Gestapo, encarregada da investigação, de início achavam que Elser mentia ao declarar que o planejara e executara sozinho. Em vez disso, queria-se pôr a culpa no Serviço Secreto Britânico; Himmler já se decidira por

essa linha para divulgar oficialmente o sucedido, e a propaganda também foi orientada nessa direção.[19] Como no mesmo dia um comando do SD sequestrara os agentes britânicos Best e Stevens na cidade holandesa de Venlo, próxima à fronteira, Hitler e Himmler logo especularam que, com isso, o SD conseguira descobrir uma operação sigilosa do Serviço Secreto, cujo objetivo seria a eliminação de Hitler e a desestabilização do regime nazista.[20]

Seguindo essa linha, tentava-se obter informações de Elser sobre os "mandantes". Após a guerra, dois funcionários da Gestapo declararam que Himmler chegou a interrogar Elser pessoalmente para ver se conseguia descobrir algo — ele teria chutado brutalmente o autor do atentado por várias vezes, xingado e permitido que um agente da Gestapo o espancasse na sala contígua —, aliás, a única notícia que se tem sobre um ato violento pessoal de Himmler em toda a sua carreira.[21] Na noite de 13 para 14 de novembro, no entanto, Elser reduziu a pó as expectativas e as combinações de Himmler ao relatar detalhadamente o planejamento e a execução de seu ato autônomo.[22]

No que dizia respeito ao atentado, Himmler corria o risco de ser logo duplamente acusado de incompetente: conduzira as investigações na direção errada e, como chefe superior da polícia do Reich, era responsável pelas medidas de segurança preventivas do local, que haviam sido deficientes a ponto de permitir que Elser, tranquilamente, realizasse ali um trabalho minucioso instalando o aparato infernal.

Em 8 de setembro de 1939, o Ministério da Justiça do Reich emitiu um comunicado para a imprensa. De modo conciso, dizia: "O Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã informa que, em 7/9/1939, em Dessau, ocorreu o fuzilamento de Johann Heinen em decorrência da recusa deste em participar das tarefas de segurança em defesa do Estado. Heinen também era um criminoso condenado por roubo." O mesmo comunicado relata dois outros casos: o de outro criminoso fuzilado por "incêndio premeditado e sabotagem" e o de uma testemunha de Jeová que se recusava a prestar serviço militar.

O ministro da Justiça , Gürtner, queria saber qual fora a base legal dessas "execuções sem processo". Poucas semanas depois, soube por Hitler que fora este, pessoalmente, quem autorizara as três execuções e que, nesse ínterim, também mandara fuzilar dois ladrões de banco, pois os tribunais de justiça "não

se mostravam capazes de atuar de acordo com as condições excepcionais impostas pela guerra". Até janeiro de 1940, Hitler encarregou Himmler, em 18 casos no total, da execução imediata de criminosos, entre eles um trapaceiro que se identificara como oficial bem-sucedido de submarino; um estuprador; um ladrão de bolsas, que se aproveitava da escuridão para realizar seu intento; um incendiário; e criminosos sexuais que haviam se aproveitado de menores. Em alguns casos, já havia sentenças judiciais, em outros ainda não existiam sequer os processos.[23]

Realmente não havia base legal. Ainda assim, a Gestapo, por conta própria, realizara as execuções. Em 3 de setembro, Heydrich informara às instâncias da polícia do Estado sobre os "princípios da segurança interna do Estado durante a guerra", dando conta de que, entre outros: "Qualquer tentativa de subverter a integridade e a vontade de lutar do povo alemão deve ser coibida sem qualquer consideração. Em particular, deve-se prender imediatamente qualquer pessoa que manifestar dúvidas quanto à vitória do povo alemão ou questionar a legitimidade da guerra [...] Deve-se informar imediatamente o chefe da polícia de segurança para que ele decida quanto ao que fazer em seguida, uma vez que, dependendo do caso e por ordem superior, seguir-se-á a eliminação brutal desses elementos [...]."[24]

Com isso, o aparato de poder de Himmler estava autorizado a executar qualquer pessoa, assim que existissem suspeitas relevantes, mesmo que se tratasse de crimes de pouca importância. Para essa licença policial especial para matar se usava o eufemismo "tratamento especial" (*Sonderbehanlung*). Ela era cumprida nos campos de concentração, em prisões da polícia ou em campos de trabalho de reeducação, porém, mais tarde, na guerra, também abertamente, por exemplo, em empresas ou locais públicos.[25] Todos os casos em que as repartições regionais da Gestapo considerassem adequado adotar "tratamento especial" deveriam antes ser apresentados a Himmler. Evidentemente, o Reichsführer decidia esses casos pessoalmente e em última instância — assim como fazia nos casos questionáveis de processos de autorização de casamento, solicitações de regermanização e punições aos seus homens por terem mantido relações sexuais proibidas.[26]

Dentro do território do Reich, o "tratamento especial" era dispensado sobretudo a um grupo de "inimigos" que só emergiu em virtude da política

nazista de conquista: os estrangeiros que viviam na Alemanha. Desde o final de 1939, o partido e as repartições do Estado já se ocupavam intensamente de como deveriam ser tratados os prisioneiros de guerra e os poloneses, levados em grande número para o Reich e, sobretudo, como se poderia fazer uma distinção entre eles e a população alemã. Que as pessoas de um país subjugado, cuja atitude em relação ao nazismo era potencialmente hostil, representassem um risco era algo óbvio. Era de se esperar que ocorresse propaganda desfavorável ao regime, objeção à disciplina de trabalho, sabotagem, espionagem, bem como atos criminosos comuns. Do ponto de vista do regime, o problema ainda era agravado pela "inferioridade racial" imputada aos poloneses, e foi Himmler quem atribuiu a si mesmo a missão de não só fazer do monitoramento dos estrangeiros uma nova prioridade do trabalho da Gestapo, mas, especialmente, de dotá-lo de uma orientação racista.

Poucos dias após o início da guerra, Himmler consultou Hitler para saber como proceder caso alguns prisioneiros de guerra poloneses "mantivessem relações de amizade ou até sexuais com mulheres ou moças alemãs". Himmler registrou em um documento que Hitler respondera que "o prisioneiro de guerra que se relacionar com uma mulher ou moça alemã deve ser imediatamente fuzilado", e a mulher ou moça alemã deve ser humilhada publicamente "cortando-se-lhe os cabelos e trancafiando-a num campo de concentração".[27] Em 8 de janeiro, Heydrich comunicou às centrais da polícia do Estado que os prisioneiros de guerra em questão seriam transferidos à Gestapo pela organização dos prisioneiros de guerra do Alto-Comando das Forças Armadas (OKW).[28] (Por incumbência de Himmler, em dezembro Best já havia ordenado a prisão em campo de concentração de poloneses que abandonassem o posto de trabalho sem autorização.)[29]

Em 29 de fevereiro de 1940, em sua fala ante altos funcionários do partido, Himmler se pronunciou sobre o tratamento dispensado aos trabalhadores agrícolas poloneses que eram trazidos em número cada vez maior para o Reich. Seria impossível em poucas semanas "peneirar" um milhão de poloneses para só manter no Reich "as pessoas decentes e de raça boa". Em vez disso, os poloneses seriam "trazidos em massa e todos tratados como poloneses", dotados de uma marca e basicamente não deveriam "se relacionar com alemães. [...] Mas se algum polonês mantiver relações sexuais com uma alemã [...], então o homem

será enforcado, mais precisamente em frente ao seu acampamento. Porque então os outros não vão fazer isso". Himmler acalmou os ouvintes dizendo que se tomariam as providências cabíveis "para que venha também um número suficiente de mulheres e moças polonesas, de modo que de necessidade não se pode falar aqui". As mulheres alemãs que mantivessem relações proibidas com poloneses, continuou Himmler, deveriam ser "encaminhadas sem clemência aos tribunais" e, se o fato não fosse suficiente para motivar uma condenação, "transferidas para um campo de concentração". O Reichsführer encerrou a explanação sobre esse ponto dizendo que "teorizar não faz sentido". Seria "melhor se não os tivéssemos — sabemos disso —, mas precisamos deles".[30]

Duas semanas depois, em 8 de março de 1940, finalmente a questão do tratamento a ser dispensado aos trabalhadores civis poloneses que viviam no Reich foi regularizada integralmente mediante um pacote de dez documentos.[31] Himmler determinou que se notificassem as repartições da Gestapo por meio de uma carta expressa do RSHA a este respeito: a Gestapo deveria punir as insubordinações dos trabalhadores poloneses — "constante trabalho negligente, parar o trabalho repentinamente, abandonar o local de trabalho por decisão própria, tentativas de sabotagem etc." — sob sua própria responsabilidade, por meio de campos de trabalho educacionais, campos de concentração e, em casos mais graves, mediante "tratamento especial", ou seja, a execução. Em casos de relacionamento sexual de trabalhadores poloneses com alemães, a parte polonesa deveria ser imediatamente fuzilada, sem direito a julgamento, e o parceiro alemão envolvido, homem ou mulher, deportado para um campo de concentração.[32] Se o caso fosse levado à justiça e não houvesse condenação, ainda assim o envolvido deveria ser enviado a um campo de concentração. E Himmler completou, referindo-se à instrução de Hitler de setembro de 1939 por meio do decreto de maio de 1940: "Se as mulheres ou moças de uma localidade resolverem humilhar publicamente a mulher envolvida ou lhe cortarem os cabelos antes que ela seja transferida a um campo de concentração, a polícia não deverá intervir."[33]

Em julho, o campo de aplicação das determinações de março foi ampliado, estendendo-se também aos prisioneiros de guerra poloneses libertados.[34] A execução de prisioneiros de guerra poloneses em virtude de relacionamentos sexuais proibidos foi aplicada em grande escala após a vitória sobre a França, em

junho de 1940. A partir de julho de 1941, no entanto, por instrução de Himmler, o RSHA passou a examinar cada caso individualmente a fim de que fosse constatado, por meio de "avaliação racial", se o homem polonês podia ser "germanizado". Se a resposta fosse positiva, o caso se encerrava com uma breve estadia em um campo de concentração; se a avaliação racial apresentasse resultado negativo, o homem era condenado à morte.[35] As notícias na imprensa a esse respeito eram padronizadas: "Enforcado por ordem do Reichsführer-SS e chefe da polícia Alemã, [...] em virtude de seu comportamento obsceno."[36]

Seria um erro, no entanto, acreditar que, com o início da guerra, a Gestapo teria começado a perseguir todos os "inimigos" reais ou potenciais do regime com o mesmo rigor; o número de casos de inquéritos contra pessoas de esquerda e membros de comunidades religiosas de oposição e crítica até regrediu.[37] O historiador Eric Johnson mostra que, como ocorria na época anterior à guerra, pouco mais de 40% das investigações conduzidas pela Gestapo de Krefeld envolviam alemães "comuns"[38] que, também na época da guerra, em geral eram tratados de modo relativamente brando e costumavam escapar com advertências ou pagamento de multas.[39]

Em compensação, a vigilância e a perseguição a judeus recrudesceram drasticamente a partir do início da guerra. Isso também exerceu efeito sobre a organização: o departamento IV D 4 (emigração e evacuação) — chefiado por Eichmann —, instalado junto ao RSHA no início de 1940 e que pouco depois se tornou IV B 4 (judeus, evacuação), ocupava-se principalmente da Questão Judaica.[40] O departamento controlava, entre outros, a União dos Judeus na Alemanha do Reich, criada em julho de 1939, à qual estavam subordinadas, por sua vez, todas as sociedades judaicas ainda existentes e todas as associações ativas, organizações, fundações etc. que ainda se mantinham.[41]

Nos primeiros meses depois do início da guerra, o processo de exclusão dos judeus da sociedade alemã foi aperfeiçoado.[42] Da coleção de medidas antijudaicas criada por Joseph Walk, pode-se deduzir que entre o pogrom de novembro e a eclosão da guerra foram baixadas 229 resoluções envolvendo os judeus alemães; entre 1º de setembro de 1939 e o início das deportações em outubro de 1941, exatamente 253 resoluções, muitas vezes por Himmler, ou seja, pela polícia de segurança. Em 10 de setembro de 1939, Himmler emitiu portaria

— não divulgada — impondo o toque de recolher aos judeus e proibindo-os de deixar suas casas após as 20h.[43] Em 12 de setembro, a polícia de segurança determinou que os judeus só poderiam se abastecer em determinadas lojas,[44] e em 23 de setembro de 1939, "repentinamente", por ordem do Gestapa, foram recolhidos todos os aparelhos de rádio em poder de judeus em todo o território do Reich.[45] Outras medidas, impostas por outras autoridades, referiam-se ao cancelamento dos aparelhos telefônicos,[46] ao tratamento discriminatório em relação à proteção contra ataques aéreos,[47] bem como à sua condição inferiorizada na obtenção de produtos racionados, algo que era assegurado mediante o carimbo da letra "J" nos cartões de racionamento.[48] Além disso, toda a população judaica, contanto que fosse "apta a trabalhar", foi usada para trabalhos forçados,[49] e cada vez mais judeus eram obrigados a deixar suas casas e a se mudar para as *Judenhäuser* (casas de judeus).[50] Em maio de 1941, as centrais da Gestapo começaram a instalar *Judenlager* (campos para judeus), de preferência perto de grandes cidades.[51]

No primeiro trimestre de 1940, segundo o SD, 10.312 judeus emigraram da Alemanha.[52] Em 24 de abril de 1940, o RSHA determinou às repartições da Stapo: "A emigração judaica do território do Reich deve continuar sendo conduzida com a mesma intensidade, também durante a guerra."[53]

**Kripo**

Durante a guerra, a polícia criminal foi obrigada a ceder grande parte de seu pessoal a repartições nos territórios ocupados, como também a *Einsatzkommandos*, à Gestapo e à polícia secreta de campo da Wehrmacht. Os espaços eram preenchidos de modo deficiente mediante a reativação de funcionários aposentados e por meio de novos funcionários.[54]

Ao mesmo tempo, a Kripo foi incumbida de diversas novas atribuições. Deveria aplicar maior rigor na vigilância e na disciplina dos jovens a fim de protegê-los da "negligência", por meio das mais diversas proibições,[55] além de investigar os supostos delitos econômicos de guerra, ou seja, as infrações às diversas normas relativas ao racionamento e à administração, como abates ilegais, mercado negro ou a distribuição de cartões de racionamento falsificados.[56] Nos anos seguintes da guerra, a Kripo também viria a se ocupar do controle dos milhões de estrangeiros que viviam na Alemanha e das

consequências dos bombardeios aéreos dos Aliados.

A polícia criminal reagiu aos novos desafios de duas maneiras: de um lado, já não perseguiam as transgressões leves, o que levou, entre outros, à diminuição do registro de certos crimes na estatística criminal, como as fraudes.[57] De outro, ampliou o "combate preventivo da criminalidade", transformando-o gradativamente em uma política de assassinato em massa sistemático, uma vez que as condições de prisão nos campos de concentração foram largamente recrudescidas.

De início, a Kripo aumentou o número de prisões preventivas, incluindo cada vez mais grupos da população: depois do começo da guerra, todas as pessoas declaradas indignas do Exército (ou seja, aquelas que, em virtude de antecedentes criminais graves, estavam excluídas do serviço militar), mulheres suspeitas de trabalhar como prostitutas sem o devido registro, assim como os psicopatas criminosos.[58] Em 18 de outubro, Himmler determinou que os elementos "avessos ao trabalho" com antecedentes criminais recolhidos em batidas policiais não fossem mais registrados nas agências de trabalho, e sim transferidos diretamente para os campos de concentração.[59] Além disso, nas primeiras semanas após o início da guerra, Himmler mandou trancafiar inúmeros membros do movimento trabalhista socialista em campos de concentração, além de cerca de 2 mil alemães de origem polonesa.[60] A Kripo também voltou a prender aqueles judeus que haviam sido detidos preventivamente em novembro de 1938 e foram soltos com a condição de emigrar, mas que permaneceram no país.[61] O departamento da polícia criminal do Reich determinou ainda que todos aqueles que, em virtude de "deficiência mental", fossem suspeitos de "perturbar a ordem pública", deveriam ser presos em caráter preventivo pela polícia.[62]

Além disso, a perseguição aos integrantes do clero também foi intensificada. Inúmeros novos regulamentos divulgados imediatamente após o início da guerra concediam às autoridades o poder de decretar prisões preventivas: o edital que proibia a escuta de estações de rádio inimigas; a lei contra os "inimigos do povo"; ou o edital que determinava a orientação da economia na época da guerra.[63]

Entre o verão de 1940 e o outono de 1941, na fase das bem-sucedidas guerras-relâmpago, parece que a Kripo já havia se ajustado a uma era pós-guerra no que se referia à prevenção criminal. As medidas de prevenção agora se

estendiam também aos territórios anexados (protetorado, oeste da Polônia, Alsácia e Lorena), e no território do Reich essas medidas eram, aos poucos, postas cada vez mais a serviço dos objetivos da política populacional. Homossexuais, criminosos sexuais e pessoas que viviam “casamentos bárbaros” a fim de evitar a Lei da Saúde Matrimonial sofriam uma perseguição cada vez mais acirrada.[64] Mas o que mais se intensificava, conforme já mencionado, era o caráter da prisão nos campos de concentração.

## Os campos de concentração e o estabelecimento do conglomerado econômico da SS

Himmler estava firmemente decidido a reagir ao número crescente de prisioneiros de guerra mediante a expansão do sistema de campos de concentração e a evitar que fossem instalados outros campos fora do sistema criado por ele. Por isso, no inverno de 1939-1940, várias vezes ele se viu forçado a tomar medidas contra alguns altos chefes da SS e da polícia. Em dezembro de 1939, repreendeu o responsável pelo novo *Gau* Danzig-Prússia Ocidental, Richard Hildebrandt, porque este instalara um campo de concentração próprio em Stutthof e queria manter a Wachsturmbann Eimann, uma formação criada com base na SS de Danzig, também após o término da guerra contra a Polônia como unidade armada independente, entre outros, para realizar a guarda de “seu” campo de concentração. Himmler acusou Hildebrandt de estar promovendo “o fim da SS como organização coesa” com a instalação de uma tropa independente, e escreveu no livro do clã de Hildebrandt: “Campos de concentração só podem ser instalados com a minha permissão.”[65]

Himmler determinou que uma cópia desse documento fosse enviada aos dirigentes de Oberabschnitte sem no entanto mencionar o nome de Hildebrandt. Além disso, encarregou Heissmeyer de investigar se existiam outros campos de prisioneiros do HSSPF no território do Reich. A partir de então, os campos passaram a ser vistoriados pela Inspeção dos Campos de Concentração (IKL, na sigla em alemão) que, em nenhum dos casos, optou por assumir o seu controle. Também Stutthof continuou sendo um centro de detenção com funções regionais. A Wachsturmbann Eimann foi dissolvida.[66]

Quando em janeiro de 1940 soube que o HSSPF em Breslau, Von dem Bach-Zelewski, pretendia criar um campo de prisioneiros “nos moldes dos campos de

concentração do Estado",[67] em um quartel vazio da artilharia próximo a Auschwitz, Himmler mandou confiscar a propriedade com base em sua autoridade como comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum*. Glücks, que assumira a IKL de Eicke em novembro de 1939, em fevereiro de 1940 sugeriu[68] que ali se instalasse de fato um campo de concentração sob o comando da IKL. Himmler concordou, e, no início de maio de 1940, o Hauptsturmführer Rudolf Höss, até então o 1º chefe do campo de prisão preventiva dentro do campo de concentração de Sachsenhausen, tornou-se seu comandante. De início foram levados para lá sobretudo prisioneiros civis poloneses.[69]

No início de 1941, a empresa I.G.-Farben-Konzern manifestou interesse em instalar uma grande fábrica em Auschwitz para a produção de buna, um tipo de borracha sintética. Tanto a conveniente localização geográfica da cidade quanto a perspectiva de mão de obra barata dos prisioneiros[70] favoreciam o local. Himmler dedicou grande atenção ao complexo da I.G.-Farben e empenhou-se pessoalmente para que houvesse um número suficiente de prisioneiros à disposição para as obras. Ele visitou o campo pela primeira vez em 1º de março de 1941, quando definiu as bases tanto para a ampliação do campo quanto para a cooperação com a I.G.-Farben.[71] A construção da fábrica acelerou os planos de "germanização" da cidade; judeus e poloneses foram expulsos da região urbana. Himmler queria que Auschwitz se transformasse em uma *Musterstadt*, uma cidade alemã modelo, para que servisse de exemplo para a colonização do leste.[72]

Provavelmente em janeiro de 1940, Himmler transformou o até então subcampo (*Aussenlager*) de Neuengamme, próximo a Hamburgo, em um campo de concentração autônomo. O número de prisioneiros foi duplicado; estava prevista a produção de tijolos de clínquer em larga escala.[73] Gross-Rosen, na Baixa Silésia, que em maio de 1940 fora criado inicialmente como subcampo de Sachsenhausen e que deveria servir sobretudo para a extração de granito, em maio de 1941 foi elevado à categoria de campo de concentração autônomo. Himmler e Glücks já haviam visitado o campo no outono de 1940.[74] Em maio de 1941, também Natzweiler se tornou um campo de concentração autônomo: o campo fora criado em agosto de 1940 como subcampo de Sachsenhausen. Esse campo ainda servia essencialmente como pedreira.[75]

Até a primavera de 1941, portanto, haviam sido criados quatro novos campos

de concentração ao lado dos seis já existentes: Auschwitz, Neuengamme, Gross-Rosen e Natzweiler. Além disso, a IKL ficou encarregada da supervisão do campo de concentração de Niedernhagen (destinado a prisioneiros que trabalhavam no castelo Wewelsburg) e do campo de concentração de Hinzert (um antigo campo de prisioneiros da polícia, para disciplinamento de trabalhadores da Westwall — Linha Siegfried).[76]

Após o início da guerra, as condições de detenção ficaram mais duras em todos os campos de concentração: a comida se tornou mais escassa, os maus-tratos aumentaram, nos barracões superlotados o espaço físico era ínfimo. Em consequência disso, o índice de mortalidade subiu drasticamente.[77]

Os detentos alemães logo se tornaram uma minoria entre os inúmeros prisioneiros que a Gestapo fazia nos territórios ocupados, principalmente no leste europeu.[78] A quantidade de prisioneiros nos campos de concentração quadruplicou, de aproximadamente 21 mil em agosto de 1939 para em torno de 70 mil a 80 mil no início de 1942.[79]

Em janeiro de 1941, Heydrich determinou que se "dividisse os campos de concentração em diversos níveis, dependendo da personalidade do prisioneiro e do grau de perigo que ele oferece ao Estado". Assim, os prisioneiros foram classificados em três categorias, cada uma destinada a um campo específico: os detentos em prisão preventiva "com histórico pouco complicado e absolutamente capazes de melhorar" eram enviados para Dachau, Sachsenhausen e Auschwitz; os prisioneiros "com crimes mais graves, porém ainda educáveis e corrigíveis" iam para campos do "nível II", ou seja, Buchenwald, Flossenbürg, Neuengamme ou para o campo de Auschwitz II, ainda a ser construído; os prisioneiros com "crimes graves" e "dificilmente corrigíveis" eram transferidos para Mauthausen, que, à época, era o único campo do "nível III". Ali vigorariam de fato condições das mais horrendas e o índice de mortalidade era o maior de todos.[80]

Como vimos, a exploração do trabalho dos prisioneiros nos quatro novos campos de concentração era de grande importância — como já ocorrera nos campos de Mauthausen e Flossenbürg, erigidos em 1938. Esse trabalho forçado seria usado para aumentar a produção de material de construção da SS, assim como, no caso de Auschwitz, para viabilizar projetos de construção. De acordo com isso, foram criadas 199 holdings de empresas de campos de concentração, além da Deutschen Erd-und Steinwerke, fundada em 1938, responsável pelo

trabalho de prisioneiros dos campos de concentração nas pedreiras.

A Deutsche Ausrüstungswerke GmbH, fundada em maio de 1939, assumiu cada vez mais fábricas de campos de concentração para produzir sobretudo armamento para as unidades SS armadas, mas também para os próprios campos. Em 1940-1941, a linha de produtos foi reduzida: o principal agora era produzir móveis para os campos e para as tropas da SS, assim como para os imigrantes alemães étnicos. No final de 1941, as fábricas de armamento mantinham empresas em Dachau, Sachsenhausen, Buchenwald, Auschwitz, Lublin e Lemberg, "empregando" um total de 4.800 trabalhadores, predominantemente prisioneiros de campos de concentração ou trabalhadores forçados judeus.[81] A empresa Gesellschaft für Textil und Lederver wertung atuava de modo semelhante como matriz de diversas empresas que, com o trabalho executado nas fábricas dos campos de concentração, forneciam roupas para a SS.[82]

Em janeiro de 1939, Himmler já havia realizado um projeto com o Instituto Experimental Alemão de Nutrição e Alimentação (DVA), que se dedicara inicialmente sobretudo à pesquisa e ao cultivo de ervas medicinais, algo de grande interesse para ele. A instituição ocupou-se primeiramente dos enormes canteiros de ervas medicinais do campo de concentração de Dachau, mas ao longo dos anos adquiriu ao todo 16 propriedades agrícolas experimentais. Em outubro de 1940, Himmler instruiu a empresa a conduzir principalmente experimentos sugeridos pela prática ou que a ciência ainda não tinha realizado ou que tinha até rejeitado. Especial importância deveria ser dedicada ao desenvolvimento de processos de transformação econômicos; o mecanismo de ação desses produtos deveria ser analisado conjuntamente com os médicos da SS.[83]

Himmler utilizava as propriedades da DVA principalmente para conduzir experimentos de agricultura biodinâmica em termos econômicos. Embora a doutrina da reforma agrária de inspiração antroposófica e todas as outras "ciências secretas" tivessem sido proibidas oficialmente após o voo de Hess para a Inglaterra — o suplente do Führer deveria ser apresentado como vítima desses círculos —, Himmler insistia na realização de pesquisas nessa direção; mas agora se falava em "agricultura natural". Himmler forneceu instruções detalhadas[84] quanto à realização desses experimentos em que, entre outras coisas, ficava clara a sua aversão aos adubos químicos — afinal, como disse ao

chefe administrativo Pohl, ele tinha experiência em virtude de seu antigo trabalho como assistente de laboratório na Schleissheimer Düngemittelfabrik![85]

Himmler sabia que não seria nada inteligente sair por aí propagando a condução dos seus controversos experimentos ou o andamento de vários outros projetos. Foi explícito ao proibir que se informasse Hitler dessas inciativas, por exemplo por intermédio de Bormann. As pessoas encarregadas deveriam "trabalhar em silêncio e não ficar tagarelando sobre a agricultura natural". E que "ninguém se importará conosco se trabalharmos silenciosa e decentemente — e com sucesso — a nossa terra". A repartição à qual foi confiado esse trabalho deveria ser transferida de Berlim para uma das propriedades agrícolas, se possível no leste.[86] Na prática, viria a ser instalada na propriedade do estado de Wertingen, nas imediações do quartel-general de Himmler, Hegewald. O Reichsführer-SS atribuiu ao Obersturmführer responsável, Grund, a nova missão especial de conduzir a "análise da agricultura biodinâmica em termos econômicos na região russa".[87] Novamente a predileção de Himmler por intentos anticonvencionais atingira proporções fabulosas.[88]

A expansão da economia da SS, no entanto, não dizia respeito somente a empresas que produziam sobretudo nos campos de concentração: em abril de 1939, perto de Marienbad, nos Sudetos, a SS construiu a Sudetenquell GmbH, empresa que pouco depois iniciou a comercialização de uma bebida própria, que recebeu o nome promissor de Grüner Sauerbrunn (bebida verde azeda). Esse empreendimento estava enraizado na ambição de Himmler de "acostumar os homens da SS a saciar a sede com bebidas não alcoólicas, para que se desacostumassem do hábito de beber quantidades excessivas de cerveja, vinho, entre outras"; como alternativa, seria oferecida água mineral barata.[89]

Nos anos seguintes, a SS se esforçaria por conseguir estabelecer um monopólio na produção de água mineral mediante a compra de empresas, supostamente para desmantelar os cartéis de preço nesse mercado. Em 1944, 75% da produção de água mineral alemã se encontrava nas mãos da SS. As tentativas de reforma originais de Himmler, que se destinavam somente à SS, deram origem a um grande sucesso comercial.[90] A aquisição de fábricas que produziam os sucos "Vitaborn", tão valorizados por Himmler e que ele presenteava como prova de sua boa vontade, serviam à mesma finalidade.[91]

Outro desdobramento teve consequências ainda maiores para o

desenvolvimento da SS: em novembro de 1939, Himmler conseguiu induzir a Haupttreuhandstelle Ost, organização que, por incumbência de Göring, administrava os bens confiscados de poloneses e judeus nos territórios anexados do Leste, a confiscar todas as olarias em sua área de influência a favor de seu comissariado de *Volkstum*. A produção das olarias deveria ser usada em benefício dos colonizadores alemães étnicos. Em janeiro de 1941, foi fundada a empresa Ostdeutschen Baustoffwerke, fabricante de material de construção que, ao longo do ano, reativou 300 olarias menores; juntaram-se a ela outras fábricas de material de construção na Polônia ocupada. Mas Himmler, como comissário do Reich, também se apoderou de outras empresas de material de construção na anexada Baixa Estíria, assim como no distrito de Bialystok, ou seja, aquele território do Leste polonês que, após ser conquistado no verão de 1941, recebeu um status especial em termos administrativos.[92]

Portanto, a maioria das empresas da SS servia ou para sustento próprio da SS ou, muitas vezes, para satisfazer aos objetivos político-ideológicos de Himmler (como é demonstrado pela produção de água mineral, ervas medicinais ou material de construção para os alemães étnicos), ou então resultava da necessidade de ocupar os presos dos campos de concentração por iniciativa própria a fim de evitar que as autoridades encarregadas da "utilização das pessoas no trabalho" tivessem acesso a eles. Por essa razão, quase todas as empresas trabalhavam no prejuízo.

Isso mudou em 1940: por iniciativa do chefe administrativo da SS, Oswald Pohl — a quem desde 1939 estavam subordinadas todas as empresas da SS e que, desde o início de 1940, as gerenciava por meio de seu novo Departamento Central de Administração e Economia (Hauptamt Verwaltung und Wirtschaft) —,[93] foi criada, em julho, a empresa Deutsche Wirtschaftsbetriebe GmbH, que deveria reunir todos os empreendimentos da SS. Pohl era o único diretor-gerente, até que em julho de 1942 foi nomeado um segundo diretor, mas o controle ilimitado da organização continuou nas mãos de Pohl.[94]

Sob a gestão de Pohl houve uma nítida mudança na política econômica da SS em 1940-1941. Agora se atribuía mais importância aos fatores econômicos — maximização de lucros, expansão de empresas e poder de mercado se tornaram as palavras de ordem.[95]

## Jurisdição própria para a polícia e a SS

Os planos de Himmler para a instituição de uma jurisdição própria para a polícia e a SS — segundo o modelo da Justiça Militar — podem ser reconstituídos retroativamente até o ano de 1937. Mas ele só conseguiu pôr essa intenção em prática em outubro de 1939: todas as corporações SS armadas, os principais integrantes das repartições dos HSSPF, bem como todas as organizações da polícia que estavam a serviço da guerra, ficaram subordinadas à nova jurisdição.[96]

Os regulamentos do código penal militar eram aplicados de modo correspondente, incluindo a condenação à morte ou o recolhimento à penitenciária, sendo que a SS e os tribunais policiais eram basicamente responsáveis por qualquer infração a qualquer lei e não só no caso de transgressões contra o código penal militar.[97] O poder repressivo disciplinar, ou seja, por exemplo, a possibilidade de rebaixar ou de demitir integrantes da SS, não foi afetado pela instituição da nova jurisdição.

A instituição da jurisdição própria para a SS e a polícia imediatamente após a guerra contra a Polônia não foi um evento fortuito. É óbvio que Himmler queria analisar e eventualmente condenar os delitos e crimes que os integrantes da SS e da polícia haviam cometido durante a guerra em sua própria esfera de responsabilidade.[98] Himmler também determinou que a imprensa não deveria cobrir os processos em andamento nos tribunais da SS e da polícia.[99] Havia ainda outras razões determinantes para a instituição dessa jurisdição especial: de um lado, tendo em vista o recrudescimento geral da repressão no outono de 1939, o Reichsführer não queria que se dissesse que os crimes cometidos por membros da polícia e da SS eram punidos de forma pouco severa. De outro, assim que finalmente dispôs de sua própria jurisdição, não mediu esforços para dotá-la dos princípios de virtude, decência e disciplina apregoados por ele havia anos.

Durante a Segunda Guerra Mundial ele expandiu gradativamente a abrangência da jurisdição da SS: a toda a polícia, à SS Geral (inclusive aos integrantes que serviam na Wehrmacht), a todos os estrangeiros que lutavam na SS e os corpos de guardas de etnias estrangeiras, bem como às unidades de apoio ligadas à polícia, como socorro técnico, polícia de defesa aérea, corpo de bombeiros (inclusive os corpos de bombeiros voluntários).[100] Além disso, a jurisdição da SS se tornou um instrumento da política de ocupação em uma série

de territórios ocupados, como no protetorado, nos Países Baixos e na distante Noruega, já que ela também estava autorizada a punir habitantes locais.[101]

De acordo com a disposição de seu alto-comando de 4 de abril de 1943, a Wehrmacht deixava a persecução penal de civis nos territórios ocupados totalmente a cargo dos tribunais da SS e da polícia sempre que o alvo do ato criminal era a SS ou a polícia.[102] Quando Himmler assumiu o Exército de Reserva e, com isso, a responsabilidade pelos prisioneiros de guerra da Wehrmacht, em julho de 1944, também esse grupo de pessoas ficou subordinado à jurisdição das duas instituições.[103]

Himmler desempenhava papel central na condução desses assuntos.[104] Ele não só supria constantemente com diretrizes o Departamento Central dos Tribunais SS, ao qual estavam subordinados os órgãos de justiça da SS e da polícia, como designou como seu subordinado direto "um juiz da SS junto ao Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã na pessoa de Horst Bender, a quem ele outorgava gradativamente a competência que cabia a ele mesmo na qualidade de 'Juiz Supremo'" (*Gerichtsherr*).[105] Himmler arrogou a si o direito de revogar sentenças,[106] e, em uma série de casos, arrogava-se também o direito de confirmar pessoalmente as sentenças proferidas, como nos casos de crimes contra a proibição de manter relações sexuais com mulheres de soldados que estavam no front, em processos de adultério[107] e nas condenações de chefes da SS e oficiais da polícia.[108]

O direito da confirmação de Himmler também se estendia a violações por parte de membros da SS ou da polícia contra a proibição — determinada por ele — do contato sexual com "mulheres de povos diferentes" nos territórios ocupados do leste. Mas, nesses casos, ele geralmente se informava antes que fosse aberto o inquérito correspondente, a fim de decidir, com base em fotografias e em um relatório sobre a impressão racial geral da mulher, se realmente ocorrera tal violação, pois o conceito "diferente" (*andersartig*) nunca fora definido de fato.[109] Em uma conferência realizada em maio de 1943, os juízes da SS que atuavam no leste concluíram que a proibição de Himmler quanto ao relacionamento sexual com mulheres nativas teria que ser "urgentemente" modificada, já que, como disse um dos juízes, "no mínimo 50% de todos os integrantes da SS e da polícia" transgrediam essa ordem. Ele descobrira em uma unidade que a tropa defendia que "relacionamentos e

relações sexuais fossem permitidos desde que não houvesse consequências”.[110]

Em junho de 1942, Himmler já tinha relaxado a proibição de abril de 1939 em relação aos integrantes da SS e da polícia estacionados no Governo-Geral no que se referisse ao “envolvimento sexual com mulheres e moças de uma população de raça diferente”:[111] “Não desprezo as dificuldades sexuais dos homens da SS no Governo-Geral. Por isso não me oponho às interações em bordéis ou com prostitutas que se encontram sob controle das autoridades e dos médicos autorizados, já que nesse caso não é de se esperar que ocorra a procriação nem se estabeleçam ligações emocionais”.[112] Até o final da guerra, a proibição de 1939 de Himmler reiteradamente causaria problemas, dos quais o Reichsführer, como de hábito, ocupava-se pessoalmente. Ainda em janeiro de 1945, por exemplo, ele decidiu que “manter relações sexuais com mulheres croatas” não era algo proibido, mas “apenas indesejável”, uma vez que elas eram de raça inferior.[113]

A outorga de poder de que Himmler dispunha ia mais além. De acordo com um decreto do Führer de 1941, ele podia, “em caso de sérias dúvidas quanto à correção de um veredito”, determinar sua anulação e o reinício do processo.[114] Ele queria ser informado sobre todos os processos que envolvessem a violação da “obediência ideológica” (e desde o início das investigações), assim como “todas as ações criminais de jurisdição da SS e da polícia que resultaram em condenação à morte, prisão perpétua ou encarceramento superior a dez anos”.[115] Também os promotores e juízes da SS costumavam receber grande quantidade de ordens individuais Reichsführer.[116]

Assim, as medidas instauradas por Himmler em relação à jurisdição da SS não só eram perfeitas em termos de resultado, mas representavam uma complexa vigilância múltipla e revelavam uma necessidade de controle que era nada menos que maníaca. Tudo fora preparado de forma que a decisão final sempre fosse dele. Essa caricatura de jurisdição levou Himmler em 1942, após a morte de Paul Scharfe, o chefe do Hauptamt SS, que não era jurista, a decretar a “diretriz nº 1 em relação à jurisdição da SS”, que pura e simplesmente estipulava: “Determino que um jurista jamais pode se tornar chefe do Tribunal da SS.”[117] Mas seria simplório interpretar a exagerada necessidade de controle de Himmler unicamente como resultado de uma mania de onipotência que se manifestava por meio de atos arbitrários. As medidas diretivas faziam total sentido no contexto das suas ideias educacionais de viés ideológico: Himmler

tentava criar um direito penal especial específico à SS que traduzisse na prática as ideias de alinhamento ideológico e estilo de vida para seus homens. Um instrumento especial utilizado para isso era o truque jurídico de ver as transgressões contra proibições internas da SS como desobediência militar, ou seja, como delito a ser julgado segundo o código penal militar.[118]

De acordo com isso, Himmler cuidou para que a jurisdição da SS e da polícia punisse os contatos sexuais com "pessoas de raça diferente" com muito mais rigor do que aquilo que determinava a Lei de Proteção do Sangue Alemão de 1935, que atuasse com ostensiva severidade nos casos de contatos sexuais com mulheres de soldados do front, e que fosse intransigente na persecução de delitos ligados ao álcool, à homossexualidade e às violações do direito de propriedade — portanto, exatamente os crimes contra os quais o Reichsführer já antes da instituição da jurisdição tentara imunizar seus homens mediante a implantação de medidas educacionais e disciplinares.

Basicamente, Himmler defendia que se aplicasse uma punição inflexível aos integrantes da SS e da polícia; como escreveu a Daluege em 1942, o povo deveria saber "que esse tipo de policial ou oficial de polícia desleal será punido. Isso não causará nenhum dano à nossa reputação; pelo contrário, servirá para fortalecê-la e elevá-la".[119] De modo análogo, em 1943, ante os Gruppenführer, enfatizou que ele, "como Reichsführer-SS, como chefe da polícia alemã, agora como ministro do Interior do Reich [...], não teria o direito moral de tomar uma atitude contra qualquer compatriota, e nós também não conseguiríamos encontrar forças para fazê-lo, se não cuidássemos rigidamente do expurgo de nossas próprias fileiras".[120]

Sempre que achasse necessário, ele também punia sem que tivesse havido um julgamento formal. Assim, em um caso particular, Himmler revogou a sentença de morte que fora proferida contra um SS-Obersturmführer em virtude de maus-tratos em relação a subordinados e ferimentos corporais seguidos de morte, determinando que o perpetrador, "mediante o recebimento de uma pistola, tenha a oportunidade de realizar um autojulgamento", o que este realmente levou a cabo.[121] Em seguida, cuidadoso como em muitos casos, estabeleceu que os familiares recebessem todo o apoio, como se o criminoso tivesse sido morto em combate. "Esse é o sentido de se colocar a pistola à disposição do condenado."[122]

Além disso, Himmler constantemente criava novas medidas punitivas. Por

exemplo, quando integrantes da 256. Volksgrenadier-Division (unidade da Wehrmacht que fora formada e era dirigida pela SS) participaram de saques, ele determinou, em janeiro de 1945, que, em caso de pilhagens no território do Reich, “para desencorajar, deve-se, em um caso adequado, sentenciar o implicado à morte e executá-lo na presença de uma comitiva das unidades da divisão”.[123] E depois de o juiz da SS palestrar ante o Reichsführer sobre a “punição em caso de assassinatos de judeus sem ordem nem licença”, Himmler decidiu que o fator decisivo seria a “motivação”: “Caso a motivação seja estritamente política, não haverá punição, a não ser que a manutenção da ordem o exija. [...] Caso a motivação seja mesquinha, sádica ou sexual, deverá haver uma punição judicial, o que também se aplica em caso de assassinatos ou homicídios casuais.”[124] Mesmo quando da ocorrência de assassinatos em massa sem precedentes, Himmler não queria abrir mão da afirmação de que a SS assassinava de modo “decente”.

## Deslocamento de fronteiras: 1940

Himmler não pôde aproveitar as conquistas de 1940 — a ocupação da Noruega, da Dinamarca, da França, dos Países Baixos, da Bélgica e de Luxemburgo — do mesmo modo como na campanha contra a Polônia. Uma posição de poder como aquela lhe foi negada nos territórios recém-ocupados. As ambições relativamente à política externa que ele desenvolveu nessa época também ficaram frustradas. Apesar disso, deixaria sua marca ainda sobre as forças de ocupação alemãs no oeste e no norte da Europa. Com uma política de orientação energicamente racista — "medidas de política *volkstum*" na França, planos abrangentes de deportação de judeus, assim como a tentativa de recrutamento, entre alemães étnicos e "germanos" para a Waffen-SS —, ele não media esforços para que o poderio alemão se diferenciasse consideravelmente em relação a uma política de ocupação convencional.

Desde a Anschluss da Áustria, Himmler pôde colher experiências em relação à anexação de territórios ocupados ou conquistados. Enquanto na Áustria a polícia se formara segundo o modelo existente no Reich, no protetorado fora concedido ao aparato policial de Himmler a maior independência possível em relação à autoridade do protetor do Reich, Von Neurath.[1] No estado-satélite Eslováquia, criado por meio da ocupação da *Rest-Tschechei*,[30] Himmler, no entanto, almejava instalar um posto avançado da Gestapo, que deveria dirigir a Polícia Secreta da Eslováquia (USB — Ustredna statna bezpecnost) e tratar o estado aliado como se fosse de fato território nacional da Alemanha. Com esse objetivo em vista, entre junho de 1939 e agosto de 1940, ele enviou três comissões policiais sucessivas para Pressburg (Bratislava); além de atritos com o Ministério do Exterior em Berlim, esses esforços não deram em quase nada.[2] Finalmente, em julho de 1941, o "escritório do Gabinete Central de segurança do Reich em Pressburg" foi dissolvido.[3] Só sobrou um adido policial indicado pela delegação alemã.[4]

A postura do aparato himmleriano e de suas tropas na Polônia levara a Wehrmacht a se manifestar contrária à inclusão de Einsatzkommandos da polícia de segurança e do SD quando da preparação de suas futuras campanhas militares. Heydrich fez uma observação a esse respeito em seus arquivos: "quando se trata de questões fundamentais em termos de combate aos inimigos do Estado", muitas vezes "o alto-comando do Exército tem uma opinião

completamente diferente” da nossa. As orientações para a atuação da polícia na Polônia teriam sido “extremamente radicais” (“p. ex., a ordem de liquidar um grande número de grupos de dirigentes poloneses que chegava aos milhares”); como não se podia informar os militares, a atitude da polícia e da SS causara a impressão de ter sido um ato arbitrário terrivelmente brutal. As forças do Selbstschutz teriam feito o restante, “em parte executando atos de vingança desprezíveis e incontroláveis”.[5] Assim, no final de março, Heydrich foi obrigado a notificar os chefes de departamento que a planejada participação de Einsatzkommandos nas campanhas contra a Bélgica e a Holanda fora “cancelada”.[6]

Em 9 de abril de 1940, a Wehrmacht inesperadamente desembarcou tropas na Noruega, a fim de se antecipar a uma temida intervenção britânica. Enquanto as tropas alemãs ainda travavam duras batalhas contra as unidades norueguesas e britânicas a fim de adquirir o controle do país, já se moldava a estrutura da futura força de ocupação alemã comandada pelo antigo *Gauleiter* de Essen, Josef Terboven, que fora nomeado comissário do Reich por Hitler em 24 de abril.

Himmler, que desde o início não media esforços para estender influência também à Noruega,[7] conseguiu já em 20 de abril de 1940, durante reunião com Hitler, da qual também participaram Terboven, Göring e Bormann, que, a despeito da resistência da Wehrmacht, fosse indicado um HSSPF para a Noruega e enviada uma Einsatzgruppe ao país. Heydrich improvisou e montou uma formação, que dividiu em grupos, com oitenta membros da Gestapo e da SS que originalmente haviam sido considerados para uma “atuação especial no Ocidente” — escondido dos militares.[8] O SS-Obergruppenführer de Königsberg, Fritz Weitzel, tornou-se HSSPF na Noruega, mas faleceu em junho em consequência de um ataque aéreo em Düsseldorf. Foi substituído pelo HSSPF Wilhelm Rediess, também de Königsberg. Tanto Weitzel quanto Rediess seriam comandados em larga medida por Terboven, embora nem fossem oficialmente subordinados a ele.[9] O mesmo se deu com Heinrich Fehlis,[10] até então chefe da Sipo (polícia de segurança)/Grupo SD Oslo, que no outono de 1940 substituiu o SS-Oberführer Stalecker, anteriormente comandante da polícia de segurança no protetorado, no comando da Einsatzgruppe da polícia de segurança e do SD que chegara à Noruega no final de abril com um efetivo de uns duzentos homens. Portanto, o intento de Himmler de intervir na ocupação por meio de seu próprio

pessoal foi contrariado com algum sucesso por Terboven. Na opinião de Heydrich, a polícia de segurança e o SD de todo modo chegaram “em parte [...] tarde demais” à Noruega para poder ainda combater eficazmente os “inimigos do Estado” locais.[11]

Na ocupação da Dinamarca, que ocorreu simultaneamente à invasão da Noruega, Himmler não conseguiu exercer influência nenhuma. A concepção de ocupação alemã até previa o estacionamento de tropas, mas a intervenção no trabalho e na administração do governo dinamarquês só deveria ocorrer caso fosse solicitado pela missão militar. De acordo com isso, também não se instalou uma administração de ocupação propriamente dita, mas o enviado alemão em Copenhague, que acumulava o título de “procurador do Reich”, transmitia as ordens do regime ao governo dinamarquês e, com uma pequena equipe administrativa, supervisionava o cumprimento.[12]

Em 10 de maio de 1940, as tropas alemãs invadiram os Países Baixos, Luxemburgo e a França. As Forças Armadas holandesas já capitularam em 15 de maio. Dois dias depois, Himmler partiu para uma viagem aos territórios recém-ocupados, para visitar as unidades Waffen-SS e conhecer os países e seus habitantes. Ele foi acompanhado, entre outros, por Wolff, seu ajudante Joachim Peiper, seu amigo de escola e conselheiro médico Gebhardt (provavelmente por causa da ligação deste com a casa real da Bélgica), e também pelo assistente de Gebhardt, o médico Ludwig Stumpfegger. Himmler registrou as impressões em um diário, no qual a viagem também está documentada por meio de uma série de fotografias:

“Esta parte holandesa e Maastricht em si causam uma impressão especialmente limpa e simpática. Em nenhum momento a população se mostrou hostil, pelo contrário, cumprimentou nossos soldados. Quando precisávamos de uma informação, ela era fornecida de modo claro e cooperativo.” Passaram a primeira noite no Hotel Warson, em Hasselt. O comandante do regimento “Der Führer” e seu suplente, que estavam estacionados nas proximidades, juntaram-se ao grupo. O estado de espírito era de vitória: “Jantamos muito simpaticamente, bebemos um pouco de vinho e os dois falaram sobre os seus combates.”

No dia seguinte, o grupo visitou o alto-comando do 18º Exército em Eindhoven e Tilburg. À noite, instalaram-se no Hotel La Suisse. Himmler estava satisfeitíssimo: “A comida estava boa e era inimaginavelmente farta. Todas as

cidades holandesas causaram uma excelente impressão, a população é simpática e de boa raça, e foi uma grande alegria ver os homens, as mulheres e as crianças. Eles constituem uma grande aquisição para a Alemanha.” Para Himmler, portanto, a anexação da Holanda já era fato consumado.

No dia seguinte, o grupo fez uma excursão — Himmler estava ao volante, como registrou no diário — em direção a Rosendaal, onde encontrou o regimento SS Germania. Em 19 de maio, a caminho de Bruxelas, após uma breve visita à Antuérpia, onde com dificuldade, devido às inúmeras pontes destruídas, eles cruzaram um pequeno vilarejo: “Quando passamos por Rumst, uma cidadezinha flamenga que possui diversas olarias, aguardavam-nos elementos da defesa civil que, manifestadamente, espreitavam as primeiras tropas alemãs e que nos encaminharam ao prefeito e ao conselho local; estes, por sua vez, entregaram-nos a cidade de Rumst. Logo pediram que eu lhes fornecesse água, gás e luz. O Gruppenführer Wolff contou a esses bravos homens no final que eu era o chefe da Gestapo.”

Em seguida, estava programada uma visita a Löwen, que fora completamente destruída. Himmler tentou expressar suas impressões: “A cidade, na qual não se via ninguém além de alguns soldados, causava uma impressão muito estranha.”[13] Finalmente chegaram a Bruxelas, que foi visitada no dia seguinte e, após um encontro com o comandante da Leibstandarte, o grupo retornou ao quartel-general Felsennest, onde, em 22 de maio, Himmler transmitiu a Hitler suas impressões em primeira mão.[14]

Himmler já manifestara perante Hitler opinião favorável ao político austríaco nazista, Arthur Seyss-Inquart, que naquela época era suplente do governador-geral, em relação à nomeação deste a comissário do Reich para os territórios ocupados dos Países Baixos.[15] Seyss-Inquart era velho conhecido de Himmler; como era comum nesses casos, em outubro de 1938 Himmler o nomeara SS-Gruppenführer retroativamente à data da “anexação”, ou seja, 12 de março.[16]

Em 18 de maio de 1940, Seyss-Inquart foi de fato nomeado comissário do Reich para os Países Baixos; Himmler acreditava que assim haviam sido criadas condições favoráveis para estabelecer também um HSSPF nos Países Baixos. Sua escolha recaiu sobre Hans Albin Rauter, chefe do estado-maior do SS-Oberabschnitt sudeste da SS em Breslau, que Seyss-Inquart integrou na administração de ocupação na função de comissário-geral de segurança. Rauter

era, assim, subordinado tanto ao chefe da administração civil quanto ao Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã, sendo que, em caso de conflito, sua lealdade claramente favoreceria a Himmler.[17]

Apesar disso, Heydrich mais uma vez não estava satisfeito: a nomeação do HSSPF também neste caso teria ocorrido "quase tarde demais", já que "o trabalho executado sob a direção da inteligência militar do Exército, por falta de conhecimentos específicos, não realizara o registro dos emigrantes políticos, dos documentos importantes, dos arquivos etc. relevantes para a polícia na mesma proporção em que isso teria sido possível no caso de uma entrada em ação imediata da polícia do estado, com seu material e conhecimentos abrangentes".[18]

No final de maio, Hans Nockermann, que chegara a Amsterdã como chefe de um comando do SD imediatamente após a capitulação holandesa, tornou-se comandante da polícia de segurança e do SD nos Países Baixos.[19] Mas Nockermann não conseguiu se manter no poder por muito tempo — depois de o povo holandês declarar pública e ostensivamente a simpatia pela Casa Real em 29 de junho, Himmler o substituiu por Wilhelm Harster, que, em 1939, ocupara por curto prazo a mesma posição na Cracóvia. Harster imediatamente começou a transformar os Einsatzkommandos das Einsatzgruppen dos Países Baixos em divisões estacionárias.[20]

No longo prazo, a direção alemã pretendia integrar os Países Baixos ao Reich alemão como parte de um "Reich germânico". Nos prazos curto e médio, a independência dos Países Baixos deveria ser preservada, também em razão da ainda intacta administração existente nas colônias holandesas. Além disso, no Movimento Nacional-Socialista nos Países Baixos (NSB), as forças de ocupação tinham encontrado um parceiro importante e que lhes estava próximo em termos de ideologia (nas eleições de 1935, o NSB conseguira 8% dos votos) mas que não estava disposto a abrir mão da independência política dos Países Baixos em favor de uma suposta relação sanguínea "germânica".[21]

Himmler chegou a Den Haag em 2 de junho para uma reunião com o nazista radical holandês Meinoud Rost van Tonningen, oponente interpartidário de Anton Mussert, cujo tema era a instituição de uma SS holandesa, que Himmler já criara por decreto uma semana antes.[22] Os dois se conheciam desde 1937, e Himmler esperava poder concretizar a planejada política "germânica" nos Países Baixos com sua ajuda. Hitler se manifestaria "totalmente de acordo" com a

escolha pessoal. O conflito entre o Reichsführer-SS e Mussert estava, portanto, programado.[23]

No início de 1941, Seyss-Inquart recebeu uma carta de Himmler em que este elucidava mais uma vez os princípios dessa política: como comissário do Reich, Seyss-Inquart teria "a missão tão importante em termos históricos de resgatar, com pulso firme e ao mesmo tempo delicado, 9 milhões de germânicos da baixa Alemanha, que durante séculos estiveram afastados do germanismo, e de reintegrá-los à comunidade alemã germânica [...] Que essa missão de criar a comunidade de 110 milhões é o fundamento para um Reich germânico genuinamente grande, isso está claro para nós dois." [24]

Apenas alguns dias após a primeira viagem à Holanda, em 25 de maio de 1940, Himmler sugeriu a Hitler que se nomeasse um comissário do Reich também para a Bélgica, cuja capitulação era iminente. Mas dessa vez Hitler ignorou a vontade de Himmler e mandou instituir uma administração militar que também tinha jurisdição sobre Luxemburgo e sobre dois departamentos franceses.[25] Em 15 de junho, Himmler fez uma segunda tentativa, novamente malograda; Daluege, que nesse meio-tempo chegara a Bruxelas para instalar ali um comandante da Polícia de Ordem, foi novamente obrigado a deixar a função.[26]

Também Heydrich de início só pôde se estabelecer em Bruxelas com um pequeno grupo. Na função de suplente do chefe da polícia de segurança e do SD para a Bélgica e a França, Max Thomas abriu uma tímida repartição, que no início de julho recebeu o reforço de um pequeno comando do SD, comando esse que fora solicitado pelo SS-Oberführer e presidente do governo de Düsseldorf, Eggert Reeder, no meio-tempo chefe da administração militar.[27] A assim surgida repartição do encarregado da polícia de segurança e do SD para a área do comandante militar da Bélgica e do Norte da França recebia suas ordens do RSHA,[28] de sorte que Himmler e Heydrich no fim acabaram podendo exercer influência sobre a Bélgica governada pelos militares.

A SS, no entanto, não via esse desenvolvimento com satisfação; as primeiras semanas de ocupação, decisivas para o trabalho da polícia de segurança e do serviço de inteligência, haviam-se passado em branco. A instituição de um HSSPF só foi possível em 1944. Na França a situação não foi diferente, de modo que, no início de 1940, Heydrich constatou que em ambos os países "o OKH [...]

nitidamente realiza trabalho político-policial, desconsiderando totalmente as principais centrais do Reich de combate aos inimigos do Estado e dos crimes em geral".[29]

De fato, em 1940, a administração militar na França não estava disposta a atribuir um papel mais importante ao RSHA.[30] O fato de Werner Best, que deixara o RSHA por conta de uma briga com Heydrich, assumir a posição de chefe administrativo junto ao comandante militar na França não favoreceu os interesses da SS. Embora Best perseguisse uma política rigorosamente racista, ele se apoiava basicamente no próprio aparato.[31] Realmente, após o armistício de 22 de junho foi instalado em Paris um pequeno comando da SiPo/SD (Heydrich falava de dez a 15 integrantes),[32] sob as ordens de Helmut Knochen, oficialmente a fim de monitorar "judeus, comunistas, emigrantes, lojas maçônicas e igrejas".[33] Mas o comando estava subordinado às ordens da administração militar e não tinha nenhuma função executiva. Só em janeiro de 1941 foi outorgado a Knochen o poder de efetuar prisões e realizar confiscos, em casos urgentes,[34] sem ter de obter a autorização prévia das autoridades militares.

Em 25 de julho de 1940, Thomas e Knochen se encontraram com o chefe de gabinete do ministro do Interior francês, Adrien Marquet, que pediu aos dois, em nome do ministro, que estabelecessem contato direto com um "homem da confiança do Führer", para que o ministro pudesse transmitir suas "percepções e pedidos" diretamente à direção alemã, passando por cima da administração militar. Himmler estava mais do que disposto a aceitar esse papel. Poucos dias depois, Heydrich anunciou todo orgulhoso a Von Ribbentrop a existência de uma "ligação não oficial de inteligência com o governo francês, criada e dirigida pelo serviço de segurança do Reichsführer-SS [...]", que poderia ser colocada à disposição do Ministério do Exterior, para que "pudessem ser resolvidos problemas de acordo com os desejos locais". Tirando a indireta contra o ministro do Exterior, Heydrich festejou esse acordo porque agora teria condições de "infiltrar ilegalmente agentes da polícia de segurança e do SD em todos os departamentos".[35]

Embora a polícia de segurança e do SD tivessem sido mantidas na rédea curta pelos militares quando da ocupação da França, eles tiraram proveito da terrível reputação adquirida nos países ocupados, que os precedeu, como mostra o exemplo. Com isso puderam estabelecer contatos importantes que contribuíram

para que conseguissem ampliar a sua organização sem o conhecimento dos militares. No entanto, as atrocidades cometidas pela SS na Polônia e a obrigatoriedade de gerar filhos, determinada pela Ordem de Procriação de Himmler, que feria o código moral do oficialato, também exerceram efeitos negativos no que tange às ambições de poder de Himmler. Se observarmos a atuação da SS nas invasões de 1940, veremos que Himmler só conseguiu agir nos Países Baixos e, com restrições, na Noruega; nos territórios subordinados a uma administração militar, seu pessoal, fracamente representado, foi de início obrigado a conquistar posições.

Como comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* alemão, Himmler também enfrentou dificuldades na França. Os especialistas em *Volkstum* do nazismo partiam da premissa de que, na França, inclusive na Alsácia-Lorena, viviam aproximadamente 1,6 milhão de alemães étnicos que poderiam ser "reconquistados" para a identidade étnica alemã, como rezava o princípio da época.[36] Por essa razão, ainda em junho de 1940, o RuSHA iniciou os preparativos para a triagem racial desse grupo de pessoas na França ocupada.[37]

Formalmente, a Alsácia e a Lorena não foram anexadas. Em vez disso, os *Gauleiter* Robert Wagner (Baden) e Josef Bürckel (Saarpfalz) assumiram adicionalmente a administração civil da Alsácia e da Lorena, respectivamente, incluindo esses territórios franceses na administração do Reich. A principal missão dos dois, de acordo com ordens de Hitler, era criar as condições para a germanização desses territórios por meio de diversas medidas de política populacional.[38]

Cerca de 100 mil pessoas foram deportadas ou expulsas da Lorena para a França não ocupada, a fim de abrir espaço para colonos alemães vindos do território do Reich.[39] O *Gauleiter* Bürckel, que Himmler escolhera como encarregado RKF para a Lorena, tinha suas próprias ideias quanto a esses assentamentos. Apoiado por Hitler, Bürckel não priorizava critérios racistas, mas atribuía também grande importância à língua, ao comportamento político e ao aspecto econômico. A política do comissário Himmler, cujos funcionários na Lorena queriam "peneirar" a população local segundo aspectos racistas — como no leste —, seguia em outra direção. Em setembro de 1940, Himmler instalara um Bodenamt em Metz a fim de realizar o registro, de acordo com um modelo já

testado, das propriedades agrícolas que em breve estariam “livres”; a chefia do departamento ficou a cargo do experiente Friedrich Brehm, que até então chefiava o Bodenamt de Kattowitz. Além disso, em outubro de 1940, Bruno Kurt Schultz, um importante especialista de raça do RuSHA, assumiu o escritório do RuSHA em Metz. Mas todas essas nomeações ocorreram demasiadamente tarde para ainda exercerem alguma influência sobre as ações de transferência globais de Bürckel e fazer com que tais ações fossem tomadas com base em critérios “raciais”.[40] Até o final de 1940, o *Gauleiter* Bürckel já havia expulsado mais de 80 mil pessoas da Lorena.

Até o final de 1940, o *Gauleiter* Wagner havia deportado ou expulsado em torno de 100 mil pessoas da Alsácia para a França não ocupada, entre as quais 22 mil judeus alsacianos.[41] Embora Bruno Schultz, o encarregado do RuSHA em Metz, já tivesse instituído o “exame racial” da população da Alsácia, só no decorrer de 1941 Himmler, na posição de RKF, conseguiria adaptar a sequência da política de assentamento à sua vontade — em junho de 1941, nomeou Carl Hinrichs chefe do Bodenamt de Estrasburgo, criando, assim, as condições materiais para que as medidas adotadas seguissem a sua orientação.

**Voluntários para a Waffen-SS**

Como fica patente em carta enviada a Lammers em março de 1939, Himmler já antes da guerra perseguia a intenção de “angariar homens de sangue nórdico de todos os povos germânicos, com exceção do povo anglo-saxão [...] para os regimentos ativos da SS”. Ele já teria “apresentado esse tema ao Führer há mais tempo” e obtido a aprovação deste.[42] Em 8 de novembro de 1938, abordara o assunto perante SS-Gruppenführer, dizendo que se impusera a meta de que “o mais tardar em dois anos o regimento ‘Germania’ será composto apenas por germânicos não alemães”.[43] Depois da vitória contra a França, chegara o momento de investir nesse projeto em larga escala.

Em 15 de agosto de 1940, Himmler determinou a criação de um quartel-general de operações para servir de “base de comando militar da Waffen-SS [...] e para dirigir e educar pré e pós-militarmente a SS Geral”. No início, ele mesmo assumiu a direção do novo departamento central. O novo comando veio em prejuízo do Departamento Central da SS, que, não obstante, continuaria responsável pela complementação e formação da Waffen-SS, bem como do

Departamento Central de Economia e Administração, do Departamento Central de Recursos Humanos e do Departamento Jurídico que, como antes, tinham cada qual as suas próprias responsabilidades em relação à Waffen-SS. Dessa forma, o surgimento de rivalidades e conflitos entre os departamentos centrais era algo inevitável.[44]

Uma semana antes dessa reorganização, em 7 de agosto de 1940, o chefe do setor auxiliar no Departamento Central da SS, Gottlob Berger, que assinava como responsável pelos recrutamentos na Waffen-SS, falara com Himmler a fim de sugerir uma considerável expansão de sua atividade atual. Himmler levou em conta as ambições de Berger, promovendo-o, em 15 de agosto, a chefe do Departamento Central da SS; o afastamento definitivo do chefe relativamente fraco do Departamento Central, Heissmeyer, era só uma questão de tempo.[45] Em carta de 7 de agosto, Berger disse a Himmler que acreditava que o número de recrutas de que a Waffen-SS dispunha no território do Reich durante os próximos anos não seria mais suficiente para cobrir a crescente demanda de pessoal da tropa.[46] Berger tinha uma solução para esse problema.

"De parte da Wehrmacht não precisamos temer nenhuma oposição quanto a um aumento da Waffen-SS, se para isso for possível conseguir uma parte desse acréscimo daquelas partes do *Volkstum* alemão e germânico que a Wehrmacht não leva em conta. Vejo aqui uma missão especial ainda a ser solucionada pelo Reichsführer-SS." Berger, que em 15 de maio de 1940, no dia da capitulação holandesa, já pedira autorização a Himmler para recrutar "holandeses, depois flamengos", para a Waffen-SS,[47] agora já pensava, além da Holanda e da Bélgica, na Dinamarca, na Noruega e também na minoria alemã étnica da Romênia, da Iugoslávia e da Hungria. Como organizador do Volksdeutsche Selbstschutz, a milícia alemã étnica na Polônia, ele tinha experiência nessa área. No entanto, a ganância de Berger não se restringia à Europa: "Em termos de alemães étnicos no mundo, ainda temos à disposição[:] na América do Norte e no Canadá, em torno de 5,5 milhões [,] [n]a América do Sul (sangue puro) 1,2 milhão[,] na Austrália 77 mil pessoas."

Com a sua sugestão, Berger na verdade estava chovendo no molhado, uma vez que Himmler já em 20 de abril de 1940 dera início ao recrutamento de voluntários "germânicos", ao executar uma ordem do Führer que exigia a formação de um regimento SS Nordland composto por alemães (50%),

dinamarqueses e noruegueses.[48] Quando, em janeiro de 1941, Vidkun Quisling, o chefe dos nazistas na Noruega, realizou a convocação, trezentos voluntários noruegueses se apresentaram. Em 28 de janeiro de 1941, o próprio Himmler visitou o país para participar do juramento dos membros dessa primeira unidade "germânica", realizado em 30 de janeiro.[49]

"Depois de várias gerações", proclamou à plateia, "vocês são os primeiros homens da Noruega a decidir partir para o combate, por livre e espontânea vontade e não por imposição de um governo estrangeiro pertencente à Inglaterra, mas atendendo ao apelo de seus corações. Pela primeira vez vocês se encontram como recrutas voluntários entre seus camaradas, os homens da Hird [organização paramilitar dos nazistas noruegueses; P. L.], e os homens da SS do Reich. [...] Nós os recebemos como camaradas, como irmãos, nas fileiras de uma formação que desde sempre pensou de modo germânico e se orienta por princípios germânicos".[50]

Himmler aproveitou a estadia para se familiarizar com o país e as pessoas. Em 2 de fevereiro, visitou uma "pequena propriedade rural típica, nas montanhas da Noruega central, perto de Drontheim",[51] e discursou perante um batalhão da polícia alemã. Depois participou de uma "noite de camaradagem" alemã-norueguesa. No dia 4, seguiu para Narvik e permaneceu no norte da Noruega até meados do mês.[52] Em maio de 1941, viajou mais uma vez ao país, a fim de consumar a fundação de uma SS norueguesa — em uma cerimônia solene, nomeou o conselheiro do estado para a polícia, Jonas Lie, chefe da SS no país e empossou os primeiros 150 homens da SS norueguesa.[53]

A campanha de propaganda dinamarquesa, conduzida pelo DNSAP, movimento nazista do país, teve início em julho de 1940. Em 1º de setembro, o departamento complementar da Waffen-SS inaugurou uma filial em Copenhague.[54] Por iniciativa do Ministério do Exterior, que fora largamente ignorado na condução dessa questão, todas as atividades tiveram de ser interrompidas.[55]

Em 25 de maio de 1940, Himmler ordenara a formação do regimento SS Westland, a ser dotado de voluntários holandeses e flamengos. Em conjunto com o regimento Germania, constituído de alemães, os regimentos Westland e Nordland formariam a divisão Wiking da Waffen-SS.[56] Por meio da instalação de uma SS Geral holandesa e uma flamenga na primavera e no outono de 1940,

respectivamente, Himmler completava a sua base nos dois países.[57]

Em fevereiro de 1941, Himmler autorizou Berger a iniciar o recrutamento de finlandeses. No início da guerra contra a União Soviética, já havia quatrocentos finlandeses servindo na divisão Wiking.[58]

No início de abril de 1941, Hitler autorizou a formação de um regimento Nordwest, composto por voluntários dos Países Baixos e de Flandres, que não precisariam corresponder aos critérios da seleção "racial" da SS nem deveriam ser incorporados por ela.[59] Os primeiros passos no sentido de recrutar também voluntários que não eram tidos como "germânicos" resultariam na instalação de "Legiões" dentro da Waffen-SS, poucos meses depois, após o início da guerra contra a União Soviética. Apesar das condições de admissão mais liberais, no entanto, as primeiras ações de recrutamento de Himmler no oeste e no norte da Europa não foram particularmente bem-sucedidas: até junho de 1941, além dos finlandeses, a SS só conseguiria recrutar 2 mil voluntários europeus ocidentais.[60]

As minorias alemãs étnicas do leste e sudeste da Europa constituíam uma fonte bastante produtiva. Ela forneceria tanto soldados para a Waffen-SS quanto integrantes para as milícias civis armadas, sob a égide da SS.

Logo após o início da Segunda Guerra Mundial, a Waffen-SS iniciara uma campanha entre os alemães étnicos da Iugoslávia que trabalhavam no Reich. Em setembro de 1940, o departamento complementar da Waffen-SS entabulou as primeiras medidas para o registro dos alemães étnicos na própria Iugoslávia, apesar da proibição de Göring.[61] Sob as ordens de Himmler, Berger recrutou duzentos alemães étnicos da Iugoslávia e intensificou consideravelmente esse empenho depois da ocupação do país em abril de 1941. A partir de então, as demais minorias alemãs étnicas dos Bálcãs também entraram na mira dos recrutadores da SS.

As primeiras tentativas nesse sentido foram feitas já em 1940. Quando o Terceiro Reich conseguiu impor as reivindicações territoriais da Hungria em relação à Romênia em agosto de 1940, na assim chamada Segunda Arbitragem de Viena, documentou, com isso, a sua supremacia na península balcânica, o que não exerceu efeito imediato somente sobre as aspirações de independência dos grupos étnicos alemães dos dois países, mas também sobre as medidas de recrutamento de Himmler e Berger.

Na Romênia, já no verão de 1939, a Waffen-SS havia recrutado um grupo de

sessenta a oitenta estudantes alemães étnicos e o mandara para a Alemanha; ali os jovens se inscreviam na Waffen-SS e recebiam treinamento militar básico.[62] Na primavera de 1940, outros mil jovens, que supostamente seriam aproveitados pelo Reich como mão de obra agrícola, foram pré-selecionados na Romênia para então atravessar a fronteira até Viena, onde eram definitivamente examinados. Setecentos ingressaram na Waffen-SS.[63] A "ação dos mil homens", como ficou conhecido esse grande recrutamento, marcaria a abertura para um recrutamento sistemático de alemães étnicos da Romênia para a Waffen-SS, que alcançou o apogeu em 1943.

A Segunda Arbitragem de Viena e a cessão dos territórios envolvidos resultaram na queda do rei Carlos II, no final do verão. O marechal Ion Antonescu, simpatizante dos alemães, formou um novo governo, e os círculos de tendências nazistas entre a minoria alemã aproveitaram a mudança para fundar o NSDAP da Deutsche Volksgruppe na Romênia, em 9 de novembro de 1940. A direção do partido ficou a cargo de Andreas Schmidt, genro de Gottlob Berger.[64]

Apesar dessa estreita relação entre Schmidt e Berger, a fundação do partido ocorrera sem que se tivesse consultado Himmler, que entrementes se tornara a figura central da política alemã em relação ao *Volkstum*. Himmler classificou a fundação do partido, que se declarava abertamente nazista e se apresentava sob a bandeira da suástica, como "absolutamente prejudicial a nós"; os demais países balcânicos veriam o fato como um risco à sua soberania, e a Rússia ficaria desconfiada. Por isso, "quanto menos o partido mostrar a bandeira com a suástica, melhor".[65] "Como sempre, quando se trata de questões étnico-alemãs", reclamou Himmler a Berger, "só fui informado depois que a desgraça já estava feita. Quando algo funciona bem, são sempre os outros os responsáveis, mas quando algo não acontece exatamente como se esperava, que se culpe o Reichsführer".[66]

No contexto da Arbitragem de Viena, o lado alemão conseguiu impor, em relação ao governo húngaro, um acordo quanto às minorias por meio do qual o Liga Popular dos Alemães da Hungria, cuja orientação já era nazista, era declarado único representante legítimo do germanismo no país e a ligação com a Volksgruppe foi amarrada à confissão da ideologia nazista.[67] No entanto, uma primeira tentativa de Berger, na primavera de 1940, de aliciar quinhentos alemães étnicos da Hungria para a Waffen-SS foi refutada pelo chefe da

Volksgruppe, Franz Basch. Mesmo assim, os alemães da Hungria que fugiam para o Reich ou que eram declarados “trabalhadores itinerantes” juntavam-se à Waffen-SS.[68]

O Sturmbannführer Viktor Nageler, que a SS enviara à Eslováquia no verão de 1940 como “conselheiro” da milícia eslovaca Hlinka-Garde, começou ainda no outono a realizar a triagem para a guarda, baseando-se em critérios “raciais”: a central complementar de Danúbio da SS examinou ao todo 4.694 homens, sob o disfarce de “exame médico”, entre novembro de 1940 e janeiro de 1941. Mais da metade dos candidatos era “apropriada”, 40% foram até considerados “aptos para a SS”. Em janeiro de 1941, Himmler concordou com a realização de mais exames, mas, “até segunda ordem”, não quis determinar nenhuma medida a respeito.[69]

A SS também fundara uma organização paramilitar dentro do Volksgruppe (Grupo Popular Alemão) na Eslováquia, que se chamava Freiwillige Schutzstaffel (SS voluntária), e, em paralelo, uma unidade SS disfarçada, denominada Einsatztruppe-ET (força-tarefa-ET), que, em setembro de 1940, segundo determinação de Himmler, foi transformada em ET-Sturmbann (batalhão ET) e servia de base de recrutamento para a Waffen-SS.[70] No final de 1940, no entanto, o Volksgruppenführer Franz Karmasin “criava toda espécie de dificuldades para os homens”, como Berger escreveu a Himmler, por achar que a SS exercia demasiada influência sobre a formação da Hlinka-Garde. Ocorria que, no meio-tempo, o conselheiro consignado ao Hlinka-Garde, Sturmbannführer Nageler, tentava extrair da guarda uma tropa de elite, as Wehrmannschaften (tropas de defesa), destinada a apoiar a SS futuramente na integração da Eslováquia num grande império germânico. Com o auxílio de uma tropa de elite dessa natureza, Nageler pretendia selecionar eslovacos “valiosos” em termos raciais para fundi-los com a população “germânica”, um projeto com o qual Himmler simpatizava e com que voltaria a se ocupar no ano seguinte.[71] Mas a realização dessas ideias no longo prazo teria colocado em risco a posição privilegiada que a Volksgruppe alemã reivindicava para si no país. Esse era o motivo da oposição de Karmasin.

Berger, por outro lado, em contraste direto com a iniciativa de Nageler, sugeriu que se formasse um regimento da SS Geral na Eslováquia a partir do ET-Sturmbann. Himmler considerava essas e outras ideias semelhantes

“prematuras”.[72] O que Himmler queria nessa época — no início de 1941 — era evitar qualquer coisa que acabasse pondo em risco a relação da Alemanha com a Eslováquia; as acusações levantadas contra ele em relação ao fracassado putsch dos legionários na Romênia — voltaremos a esse tema mais tarde — recomendavam cautela.[73] Ainda assim, apesar dos obstáculos interpostos por Karmasin e da cautela de Himmler, a Waffen-SS recrutou até o final de 1941, sob a justificativa do comprometimento individual, seiscentos alemães étnicos da Eslováquia.[74]

Em 1940, a SS também iniciou o recrutamento entre os alemães étnicos da Alsácia, mas sem grande sucesso. Até 1941 só foram registrados cerca de duzentos voluntários. Himmler esperava dos responsáveis que conseguissem aumentar esse número em pouco tempo para quinhentos recrutas: “As linhagens germânicas que não participam com ao menos um de seus filhos da atual grande batalha da liberdade pela reorganização da Europa perderão totalmente a autoconfiança e não conseguirão resgatá-la em décadas.”[75]

## Incursões na política externa

Em 23 de outubro de 1940, Hitler se encontrou com o ditador espanhol Francisco Franco, na estação de trem de Hendaye, na fronteira hispano-francesa, para debater um esquema que permitiria à Espanha aderir ao Pacto do Eixo, mas não se chegou a nenhum resultado concreto. Poucos dias antes, Himmler viajara à Espanha para encontrar-se, entre outros, com Franco. Era claro que se pretendia que os últimos acertos em relação à segurança dos ditadores na reunião em Hendaye fossem reforçados pela autoridade do Reichsführer-SS. Além disso, é possível que Himmler tenha aproveitado o ensejo para discutir o estado das relações um tanto intensas entre as polícias alemã e espanhola.[76] A cobertura oficial da imprensa, no entanto, fazia crer que se tratava de um programa predominantemente turístico.

Em 20 de outubro, Himmler chegou de trem a Madri, após ter feito paradas em San Sebastian e Burgos. “As vias de acesso à estação de trem ao norte estavam cercadas por uma multidão densa, e falangistas fardados, juntamente com as equipes da polícia espanhola, de uniforme novo, formavam uma barreira até o Hotel Ritz, dos dois lados da rua. Madri estava coberta de bandeiras. Ao longo do percurso, o Reichsführer-SS era cumprimentado alegremente pela

população", informou o *Völkische Beobachter*.[77] Franco recebeu Himmler ainda no mesmo dia; à tarde ele presenciou uma tourada e, novamente segundo o mesmo jornal, sua chegada foi saudada "por aclamações entusiasmadas".[78]

No dia seguinte, Himmler viajou para Toledo, a fim de visitar a fortaleza histórica, o Alcázar, que entrementes se convertera em um local de peregrinação para os nazistas espanhóis — no início da guerra civil de 1936, os partidários de Franco haviam se refugiado ali, onde resistiram por dois meses às forças republicanas superiores.[79] No dia seguinte, visitou o museu arqueológico de Madri, onde se aprofundou em um mapa sobre a migração dos povos, pedindo ao diretor do museu que permitisse que se fizesse cópia de algumas peças do museu.[80]

À noite, Himmler discursou em uma convenção do braço madrilenho do NSDAP alemão, em que compartilhou algumas impressões recém-adquiridas: "Ainda hoje se percebem nas figuras germânicas do norte da Espanha", assim o *Völkische Beobachter* reproduziu seus comentários, "sinais do sangue alemão que o Reich perdeu ao longo dos séculos. Mas esse curso trágico teve um fim em 1933". Depois Himmler discorreu sobre "a grande obra de colonização do leste alemão" e "forneceu detalhes vívidos sobre as enormes caravanas de colonos". Ele relatou que, no leste, "não se constroem só colônias e cidades; também a paisagem está adquirindo um novo rosto", e constatou, em sinal de reconhecimento, que na Espanha se dera início ao "reflorestamento necessário dos territórios áridos e secos e das estepes improdutivas", e continuou — agora visivelmente com um de seus temas prediletos: "Também no leste da Alemanha é necessário criar uma proteção contra o vento mediante a plantação de densas florestas. Desse modo, seria possível impedir os efeitos do vento da estepe asiática."[81]

Em 23 de outubro voou para Barcelona, de onde empreendeu a viagem de volta para casa no dia seguinte.[82]

Nos anos que se seguiriam, as visitas oficiais de Estado, como essa para a Espanha, se tornariam relativamente raras. Isso não se prendia unicamente ao fato de que o número de Estados com os quais o Terceiro Reich ainda mantinha relações diplomáticas diminuía constantemente, mas, sobretudo, ao fato de o ministro do Exterior Von Ribbentrop encarar com desconfiança todas as atividades de política externa de Himmler, tentando limitá-las tanto quanto

possível. O motivo para a mudança de postura foram as atividades fracassadas do SD na Romênia no início de 1941.

A rede de agentes do SD daquele país apoiara uma fracassada tentativa de golpe da Guarda de Ferro, a organização paramilitar fascista húngara, contra o ditador romeno Antonescu, um forte aliado da Alemanha nazista, e depois ajudara o líder dos golpistas, Horia Sima, a fugir para a Alemanha. Essa ação diletante não só levou o SD ao descrédito junto à cúpula, como também enfraqueceu a posição de Himmler em relação ao Ministério do Exterior. Hitler desaprovou enfaticamente a iniciativa independente do SD e incumbiu Himmler de manter o SD exterior, departamento de Jost, sob rédeas curtas.[83] Em 21 de fevereiro, Himmler realizou uma reunião com Jost e com os encarregados da polícia de segurança e do SD ativos na Romênia.[84]

Himmler refutou as acusações vindas de diversos lados de que teria apoiado pessoalmente o golpe. Afinal, quando Sima, anteriormente ao chamado golpe dos legionários, fora procurar apoio, Himmler o advertira por carta, em nome de Hitler e com o conhecimento do Ministério do Exterior, e ordenara que colaborasse totalmente com Antonescu. O que ele não podia negar, no entanto, era a acusação de que seus agentes na Romênia haviam agido por conta própria.[85]

Dali em diante, Himmler passou a se mostrar ostensivamente desinteressado em questões relativas à política interna da Romênia. Alguns anos mais tarde, em março de 1944, num encontro com Antonescu, afirmou: “Mantive o meu pessoal longe da Romênia, depois do infeliz golpe dos legionários.” De qualquer modo, Antonescu não estava convencido disso. Durante essa conversa, deixou claro a Himmler que o SD instigava a opinião pública contra ele em Bucareste. Himmler retrucou, com ingenuidade desarmante, que “era difícil” para ele “imaginar uma coisa dessas”; afinal, o adido da polícia só dispunha ainda de “dois ou três auxiliares”.[86]

Como consequência imediata do “malfadado golpe dos legionários”, em abril de 1941, Von Ribbentrop quis revogar o acordo que firmara com Himmler após a eclosão da guerra referente aos oficiais de ligação da polícia. Esse acordo previa que os adidos da polícia em especial podiam enviar relatórios independentes ao RSHA.[87] Agora Ribbentrop exigia de todos os integrantes de missões estrangeiras alemãs a declaração de honra de que não trabalhavam para o SD ou

para a defesa.[88] A dissolução da “agência do Gabinete Central de Segurança do Reich em Pressburg”, em julho de 1941, que já havia começado a incluir a Eslováquia no serviço de inteligência como se fizesse parte da Alemanha, deve ser vista no seguinte contexto: o Ministério do Exterior evidentemente temia que o SD, como no caso da Romênia, pusesse em risco a relação do Reich com algum dos aliados, por meio de manobras autônomas.[89]

A reação de Ribbentrop pôs um fim à relação de amizade com Himmler. Em 8 de maio de 1941, Margarete Himmler escreveu em seu diário: “Parece que a amizade entre o sr. V. Ribbentrop e Heini acabou”. “O sr. V. R. é afetado demais.”[90] O esfriamento das relações pessoais deve ter contribuído para que as negociações da SS com o Ministério do Exterior referentes à futura posição dos adidos de polícia nas missões alemãs internacionais transcorressem de forma rígida e que chegassem a um termo só após meses de negociação, a uma, como Heydrich registrou, “resolução de paz tão humanamente importante para o RFSS”.[91]

No acordo selado em agosto de 1941, Himmler e Von Ribbentrop estabeleceram os seguintes pontos: os representantes da SS e da polícia ativos no exterior deveriam se abster de quaisquer atividades relativas à política externa; se no decorrer de suas funções no serviço secreto se deparassem com material relevante em termos de política externa, esse deveria ser entregue sem demora ao Ministério do Exterior; futuramente, os agentes de Himmler seriam dirigidos por adidos da polícia, que por sua vez tinham responsabilidades em relação aos chefes das missões, aos quais se reportariam.[92]

Nessa época, oficiais de ligação da polícia se encontravam nas representações diplomáticas alemãs em Sófia, Xangai, Roma, Tóquio, Lisboa, Pressburg, Madri, Paris, Belgrado e Bucareste; delegados do SD do exterior, em Adis Abeba, Sófia, Xangai, Tallinn, Atenas, Teerã, Tóquio, Belgrado, Bucareste, Leningrado, Berna, Bratislava, Ancara e Budapeste.[93] O acordo de agosto também previa o envio de outros adidos da polícia para missões alemãs internacionais. Em vista disso, no início de 1942, Von Ribbentrop despachou os delegados de Himmler para Helsinque, Estocolmo e Berna. Mas não estava disposto a ir além do acordo fechado naquela época e por isso decidiu não designar chefes da SS para os consulados de Izmir e Trebizonda, Casablanca e Marselha.[94]

Desde a crise de 1941, Von Ribbentrop reivindicava o direito de autorizar as

viagens de Himmler ao exterior. Baseava-se num memorando do chefe da Chancelaria do Reich, Lammers, de agosto de 1941, que previa a autorização prévia das viagens internacionais de pessoas em cargos de chefia.[95] Quando Himmler quis fazer uma breve visita a Belgrado, em outubro de 1942, para inspecionar a divisão da SS Prinz Eugen, Ribbentrop determinou que "a viagem do Reichsführer-SS a Belgrado deve ser tratada como qualquer outra viagem ao exterior".[96] No entanto, Himmler visitou Belgrado mesmo sem autorização,[97] e o Ministério do Exterior preferiu não tomar nenhuma atitude a respeito.[98] Quando Himmler planejou uma visita a Mussolini, na primavera de 1943, Von Ribbentrop novamente interveio nos preparativos, o que ocasionou o cancelamento da viagem.[99]

Ribbentrop também tentou submeter as visitas que Himmler recebia do exterior a uma autorização prévia, mas Himmler diplomaticamente sempre se esquivava. Assim, em 1944 Ribbentrop censurou Himmler afirmando que "a visita do ministro do Interior da Hungria, Vajna, à Alemanha deveria ter sido submetida à apreciação do Führer por intermédio do Ministério do Exterior e que, no futuro, por favor, isso seja observado".[100] Himmler respondeu que isso a princípio era correto, mas que a visita de Vajna fora um "caso especial", que ele "naturalmente tinha discutido com o Führer".[101]

**Intensificação da perseguição aos judeus**

No início do verão de 1940, o governo nazista voltou a falar do planejamento de uma solução final da Questão Judaica mediante uma deportação em massa. Agora, após a vitória no oeste, a colônia francesa de Madagascar parecia constituir um destino viável[102] — uma ideia que não era nem um pouco original. A concepção de que judeus europeus pudessem ser deportados em larga escala, justamente para Madagascar, era bastante popular nos círculos antissemitas de diferentes países europeus desde o final do século XIX.[103]

Uma sugestão importante veio de Himmler, que apresentou a Hitler, em 25 de maio de 1940, um memorando cujo tema era "a atitude em relação a pessoas de etnia estrangeira no leste" e no qual revela a intenção de ver "extinguir-se totalmente o conceito judeu [...] mediante a possibilidade de uma emigração em larga escala de todos os judeus para a África ou para qualquer outra colônia". No entanto, da ideia do "extermínio físico de um povo" ele se distanciava — o que

era coerente com o planejado roubo de crianças de “boa raça” da Polônia —, pois isso seria “antigermânico e inimaginável”. Hitler concordava em essência[104] com o memorando e, durante o verão, manifestou-se por diversas vezes positivamente sobre o projeto Madagascar,[105] que então entrou também na pauta do Ministério do Exterior e do Gabinete Central de Segurança do Reich.

Em 3 de julho, Franz Rademacher, chefe do setor de “questões judaicas” no Ministério do Exterior, apresentou um esboço, depois que Heydrich pedira sua participação na planejada “solução territorial”, que envolvia ao todo 3,25 milhões de pessoas.[106] A fórmula de Rademacher “Todos os judeus fora da Europa” deixava claro como se imaginava a “solução territorial”. Rademacher sugeriu que a França deveria dispor de Madagascar para a Alemanha em forma de mandato “para a solução da Questão Judaica: a parte da ilha que não for necessária em termos militares será submetida à administração de um governador policial alemão, subordinado à administração do Reichsführer-SS. De resto, os judeus poderão administrar esse território eles mesmos.” Com isso os judeus permaneceriam “na mão dos alemães, como garantia para um futuro bom comportamento de seus companheiros de raça na América”; portanto, pensava-se no projeto Madagascar como num sequestro (como já o fora a “reserva judaica” na Polônia).

Um texto de Rademacher de 2 de julho (“Plano para a solução da Questão Judaica”) continha mais detalhes sobre esse plano: “Do ponto de vista alemão, a solução Madagascar representa a criação de um enorme gueto. Só a polícia de segurança tem a experiência necessária nesse assunto; ela dispõe dos meios para coibir uma fuga da ilha. Também é experiente o suficiente para implementar medidas punitivas em caso de atos hostis perpetrados por judeus dos Estados Unidos contra a Alemanha.”[107]

Nas semanas seguintes, o Gabinete Central de Segurança do Reich elaborou uma versão própria do Plano Madagascar, apresentada em formato de livreto em 15 de agosto. Tratava-se da criação de um “estado policial” em Madagascar, para os, na época, 4 milhões de judeus, sob domínio alemão. O RSHA avaliava que a operação de transporte por navio levaria ao todo quatro anos.[108]

Victor Brack, a pessoa na Chancelaria do Führer que organizara a “eutanásia”, também apresentou uma sugestão, enfaticamente endossada por Rademacher: “Usar a mesma organização de transporte que ele havia erigido a

título de incumbência especial do Führer para a época de guerra, para o envio dos judeus a Madagascar."[109] Se considerarmos adicionalmente que outro responsável decisivo pelo "programa de eutanásia", o chefe da Chancelaria do Führer, Philipp Bouhler, estava previsto para se tornar o governador-geral de uma futura colônia do Reich alemão no leste da África,[110] o caráter sinistro de todo o projeto Madagascar fica evidente. A ideia de que milhões de judeus europeus seriam deportados durante anos para Madagascar, onde rapidamente grande parte deles provavelmente pereceria vitimada pelas condições de vida inóspitas — isso sem falar nas "medidas punitivas" previstas pela política de segurança —, evidencia que por trás desse projeto se ocultava a intenção do extermínio físico, ainda que isso pudesse ser revisto em caso de "bom comportamento" dos Estados Unidos da América. O planejamento do qual o RSHA participava decisivamente desenvolvia-se, portanto, passo a passo na direção de um "extermínio", algo que Himmler rejeitara ainda em maio.

Quanto mais fantástico o projeto soava, tanto mais o RSHA o encarava com serenidade. À sombra do Madagascar, continuou traçando os planos não realizáveis naquele momento no Governo-Geral de uma "reserva judaica", incluindo nisso também os judeus da Europa Ocidental. Se Madagascar provasse não ser uma solução apropriada, assim devem ter imaginado, certamente encontrariam outro território a tempo.

No texto de Rademacher escrito em agosto, é digno de nota o fato de que agora ele avaliava o número de judeus a ser assentado em Madagascar em 6,5 milhões, um indício de que os judeus do sul da Europa e os das colônias do norte da França tinham sido incluídos nos planos de deportação.

O Plano Madagascar influenciou diretamente a política judaica alemã na Polônia. Em 8 de julho, o governador-geral Frank informou aos colaboradores que[111] Hitler lhe teria garantido que, em vista do projeto Madagascar, não haveria mais deportações no território deles. Em 9 de julho, Himmler anunciou oficialmente a paralisação definitiva das deportações para o território administrado por Frank.[112] Com isso, o projeto de uma "reserva de judeus" no Governo-Geral foi novamente arquivado.

Desde o início, a administração civil de Frank foi a responsável pelas medidas adotadas contra os judeus poloneses — registro e marcação, além da exclusão da economia. Além disso, iniciou de modo gradativo a inclusão em guetos.[113] Em

junho de 1940, a administração civil também assumiu o gerenciamento do trabalho forçado dos judeus da SS. Isso era sobretudo consequência da política de trabalhos forçados de Odilo Globocnik, o chefe da SS e da polícia no distrito de Lublin. Política essa que tinha causado diversos problemas e que, no verão de 1940, foi declarada fracassada. Todavia, a nova definição das competências não impediria Globocnik de continuar mantendo campos de trabalhos forçados, dando seguimento ao seu projeto predileto: a construção de um "fosso", uma instalação de defesa de planejamento amadorístico ao longo da linha de demarcação do território soviético ocupado.

As atividades irrefreáveis de Globocnik no que se referia ao uso de trabalho forçado judeu foram determinantes para que o distrito de Lublin se tornasse o principal foco de trabalho escravo no Governo-Geral. Aqui também se usava o trabalho forçado de judeus de outros distritos em projetos de grande porte, e essas pessoas eram enfiadas em campos especiais sob condições precárias e totalmente insatisfatórias.[114]

Entre o outono de 1940 e janeiro de 1941, a liderança alemã, depois de ser obrigada a reconhecer que não seria possível firmar um acordo de paz em separado com a Grã-Bretanha, desistiu definitivamente do plano Madagascar. Já no contexto dos preparativos[115] para a operação "Barbarossa", desenvolveu-se um novo projeto, um "plano pós-Madagascar".[116]

Durante a estadia em Madri, em sua fala aos membros do partido em 22 de outubro, Himmler declarou novamente que se deveriam concentrar "todos os judeus de todo o grande Reich alemão" em "um gueto fechado" no Governo-Geral.[117] Contudo, diante da conhecida resistência de Frank à deportação para sua área de domínio e ante a situação do início dos preparativos da guerra alemã contra a União Soviética, era preferível mudar esse plano.

Um esboço de Eichmann, de 4 de dezembro, em que ele reúne números para uma palestra de Himmler, elucida as ideias do RSHA sobre a solução da Questão Judaica.[118] Nesse caso, Eichmann diferenciava entre duas fases: a "Solução Inicial da Questão Judaica por meio da emigração", e a futura "Solução Final da Questão Judaica", que ele traduzia pela "transferência dos judeus do território econômico europeu do povo alemão para um território ainda a ser determinado". Eichmann previa que o projeto envolveria "5,8 milhões de judeus", enquanto o RSHA, em seu plano Madagascar, ainda partia de 4 milhões. Portanto, o

planejamento incluía agora também os territórios dos aliados da Alemanha e de satélites no sul da Europa, bem como das colônias francesas do norte da África.

Em discurso proferido em 10 de dezembro diante de Reichsleiter e *Gauleiter* cujo tema era a "colonização" e no qual divulgou todas as suas atribuições em relação à política do *volkstum*, Himmler descreveu a "emigração dos judeus" do Governo-Geral como uma futura incumbência essencial para que se pudesse criar "ainda mais espaço para a Polônia". Com isso, Himmler esclarecia a ligação entre o assentamento de alemães étnicos nos territórios poloneses anexados, a continuação dos processos de expulsão dos poloneses de lá para o Governo-Geral e a necessária deportação de judeus do Governo-Geral em virtude dessa nova onda de imigração. Mas o Reichsführer-SS não especificou qual seria o destino dessa "emigração de judeus".[119]

No final de 1940, início de 1941, Hitler incumbiu Heydrich de elaborar um "projeto de Solução Final" a ser concretizado após a guerra, e que foi apresentado ao "Führer" em janeiro de 1941. Hitler se valera tanto de Himmler quanto de Göring para transmitir a incumbência a Heydrich; nesse sentido, a linha de comando Hitler-Göring-Heydrich, já estabelecida na política judaica em 1936, continuava a existir paralelamente à costumeira subordinação de Heydrich a Himmler. Não conhecemos o teor do texto do plano elaborado por Heydrich, mas com base em diferentes documentos é possível reconstruir o conteúdo.[120]

O esboço previa a deportação de todos os judeus da Europa. Novamente o Governo-Geral era destino dos transportes, mas só como estação intermediária.[121] O destino definitivo (mantido sob estrito sigilo) das deportações seriam os territórios a serem ocupados na União Soviética. Quando Heydrich procurou Göring, em março de 1941, para debater essa questão e para falar sobre as suas atribuições, Göring o alertou quanto à não concluída apuração das competências de Rosenberg, que era cogitado para assumir a função de ministro do Reich para os territórios ocupados.[122]

Não se sabe o que os envolvidos entendiam de fato, nessa época, por Solução Final dentro dos territórios a serem ocupados na União Soviética; é provável que nem eles mesmos o soubessem ao certo. Em todo caso, no início de 1941, Himmler se ocupou temporariamente da ideia de uma esterilização em massa de judeus e pediu a Viktor Brack que elaborasse um plano nesse sentido. Depois que a sugestão lhe foi apresentada, no final de março de 1941, parece que ele

deixou a ideia de lado.[123] A impressão que se tem é a de que Himmler e os demais atores dessa trama que tinham poder de decisão estavam inclinados a postergar a decisão final quanto ao que fazer com as pessoas a serem deportadas após a esperada vitória sobre a União Soviética.

30 “Restante da Tchéquia”, designação usada para as áreas restantes da Tchecoslováquia que foram de fato anexadas pela Alemanha nazista em março de 1939 e declaradas protetorado da Boêmia e Morávia com a sua ocupação militar. (N. das T.)

PARTE V

# O grande Reich germânico: espaço vital e genocídio

## Guerra de extermínio ideológica

A direção da SS já se preparava para uma ampliação da guerra desde a virada de 1940-1941. No final de 1940, Hitler decidira atacar a União Soviética na primavera do ano seguinte. A ideia novamente era a de uma guerra-relâmpago, ou seja, esperava-se que a União Soviética desmoronasse feito um castelo de cartas sob os golpes da Wehrmacht e fosse completamente dominada até o outono. A novidade nessa guerra era o fato de que fora planejada desde o início para ser uma guerra de extermínio com bases ideológicas e racistas. A União Soviética não deveria simplesmente ser derrotada — almejava-se exterminar a sua classe dominante, dizimar violentamente milhões de pessoas entre os povos que viviam em suas terras e explorar os sobreviventes como trabalhadores escravos para a expansão do novo "espaço vital" alemão.[1]

Himmler estava convencido de que desempenharia um papel crucial na conquista, no comando e na reorganização desse enorme território. Planejava o engajamento de quatro divisões e uma série de outras unidades de combate, principalmente na primeira frente; seu aparato de polícia dominaria o território conquistado por meio dos métodos de terror, e ele, como comissário do Reich para o *Volkstum*, organizaria pessoalmente as necessárias expulsões e transmigrações da população local, a fim de criar espaço para os colonos "germânicos". De repente, a visão de uma conquista colonial violenta no leste, que ele esboçara como missão futura da SS, parecia estar ao alcance de suas mãos. Em 10 de junho de 1941, ele se apresentou ao chefe da Chancelaria do Reich, Hans Heinrich Lammers, com a sugestão de que fosse transferida a ele, Himmler, a "segurança policial *e política*" de todos os territórios ocupados no leste da Europa, para que pudesse, em sua competência de comissário, "cuidar da pacificação e estabilização das relações políticas".[2] Essa reivindicação de poder o levava à concorrência direta com Alfred Rosenberg, que em 20 de abril fora nomeado por Hitler "encarregado para a gestão central das questões envolvendo o espaço do leste europeu", mas com a limitação de que futuramente Himmler "ocuparia uma posição especial" ao seu lado no leste. As negociações sobre as futuras competências no leste, que Himmler conduziu com Rosenberg em seguida a isso, mostraram-se difíceis: "Trabalhar com Rosenberg ou até ser subordinado a ele", Himmler escreveu a Bormann, "é certamente a coisa mais difícil que existe dentro do NSDAP".[3]

Himmler, agora um homem de 40 anos, esperava que as novas atribuições lhe permitissem um avanço na carreira e, com isso, a ascensão definitiva ao núcleo do círculo diretivo nazista. Nos últimos anos, sua carreira havia estagnado. Depois dos grandes sucessos políticos dos anos de 1933 a 1936, fora obrigado a amargar diversas derrotas — com as suas investigações equivocadas contra Von Fritsch, colocara em sérios riscos o relacionamento entre Hitler e a Wehrmacht, tivera participação decisiva na evocação de uma crise de Estado e terminara por atrair para si a má vontade do ditador. Himmler se via cada vez mais obrigado a manter "ao abrigo do vento" as diversas atividades e os interesses "germânicos" e ocultos, pois sabia perfeitamente bem que Hitler observava essas suas ambições com desconfiança. Suas ideias radicais relativas à política eclesiástica não puderam ser concretizadas. As atrocidades cometidas pela SS na Polônia e a sua "ordem de procriação" haviam novamente desencadeado fortes críticas por parte da Wehrmacht, de sorte que ele fora obrigado a fazer concessões e a engolir seu afastamento dos "processos" policiais nos países conquistados do norte e do oeste da Europa. Na Romênia, o SD havia apoiado a tentativa de golpe da Eiserne Garde, prejudicando sensivelmente o relacionamento da Alemanha com aquele país, motivo pelo qual o ministro do Exterior Von Ribbentrop limitava, sempre que possível, suas ambições em relação à política externa. Seus diversos programas de transmigração também haviam empacado no meio do caminho e, embora as corporações da Waffen-SS tivessem participado, desde o outono de 1939, na linha de frente da guerra-relâmpago, ele, desde o final de 1939, não conseguira montar mais que uma única divisão adicional, a Wiking; e sua intenção, já em 1938, de unificar essas unidades em um corpo de exército SS independente, ficara frustrada. Em vez disso, suas unidades sempre foram distribuídas por todo o front de tal modo que ele não podia ligar as realizações militares a operações estratégicas decisivas.

Agora que se anunciava a conquista de enormes regiões no leste, Himmler esperava que o vento voltasse a soprar a seu favor.

## Preparativos

Devido às experiências predominantemente negativas que tivera nas campanhas militares de 1940 em termos de colaboração com a Wehrmacht, Himmler tentou logo de início chegar a bom termo com os militares quanto ao papel da polícia

de segurança e do SD, tendo em vista o ataque à União Soviética.

Desde fevereiro de 1941, Heydrich já negociava essa questão com o general intendente do Exército.[4] Em 13 de março, o chefe do OKW, Keitel, divulgou diretrizes nas quais comunicava que ao Reichsführer-SS caberiam "tarefas especiais na área de operações do Exército [...] para a preparação da administração política, por incumbência do Führer", e que, conforme aqui formulado de modo nefasto, "decorreriam da luta de dois sistemas políticos opostos que estava para ser travada em definitivo".[5] No mês de março, Hitler diversas vezes deixou bem claro a seus generais o que seriam essas atribuições especiais. Disse abertamente que, na guerra que estava por vir, travaria-se uma "luta entre duas ideologias",[6] que só poderia ser vencida se a "inteligência judaico-bolchevista"[7] fosse aniquilada.

Mas as instruções de Keitel de 13 de março também deixavam concluir que, na execução das "atribuições especiais", as formações do Reichsführer-SS não estariam mais subordinadas à Wehrmacht, como ainda fora o caso na guerra contra a Polônia; agora deveriam agir com independência muito maior. Desse modo, o comando da Wehrmacht acreditava poder manter distância dos assassinatos em massa que, após a experiência na Polônia, eram novamente esperados — dessa vez, em escala ainda maior.

Diante dessas definições, Heydrich — em concordância com Himmler[8] — discutiu o esboço para um acordo com o general intendente do Exército, no final de março.[9] No "acordo para a utilização da polícia de segurança e do SD na organização do Exército" constava que "a execução de tarefas policiais especiais relativas à segurança fora da tropa" demandaria "o emprego de comandos especiais da polícia de segurança (SD) no campo operacional". Mas a descrição das atribuições dos comandos especiais era bastante vaga: nos setores de retaguarda (próxima do front) do Exército deveriam "neutralizar" materiais e pessoas; nos setores de retaguarda das Forças Armadas, portanto, na base, cabia a eles, entre outras coisas, a "investigação e o combate das manifestações hostis ao Estado e ao Reich". Os comandos especiais deveriam executar as tarefas por sua "própria responsabilidade", mas estariam subordinados ao Exército, ou seja, aos comandantes dos setores de retaguarda "no que se referia à marcha, à provisão e à acomodação".[10] Claramente falando, a formulação "própria responsabilidade" significava que a prevista liquidação em massa dos

funcionários comunistas no setor operacional do Exército deveria ser executada pelos comandos especiais, mas que podiam contar com o apoio logístico das Forças Armadas para esse fim.

Mal as negociações tinham sido concluídas e já ocorreram incidentes imprevistos: em 27 de março, o governo iugoslavo, simpático à Alemanha, foi derrubado por um golpe militar, e o regime nazista tinha que lidar com a possibilidade de o país entrar na guerra ao lado dos britânicos. Preparativos urgentes foram feitos para atacar a Iugoslávia e ao mesmo tempo a Grécia (que já se encontrava em guerra com a Itália). Em 6 de abril, o regime arremeteu contra os dois países; a Iugoslávia capitulou em 17 de abril, a Grécia continental foi ocupada no fim do mês.[11]

A questão de qual seria o papel da polícia de segurança e do SD de Himmler nessa guerra improvisada foi rapidamente solucionada: agia-se com base no projeto que Heydrich e o general intendente das Forças Armadas haviam negociado, mas com uma pequena mudança extremamente importante. Na lista de pessoas que os facínoras de Himmler deveriam "neutralizar" agora não constavam só "emigrantes, sabotadores, terroristas", mas explicitamente também "judeus e comunistas". Com isso, estava claro que a guerra nos Bálcãs já seria travada como uma guerra ideológica, exatamente do modo como a planejada guerra contra a União Soviética. De acordo com os acertos feitos, duas Einsatzgruppen da polícia de segurança e do SD participaram dos combates, uma na Iugoslávia e outra na Grécia — do ponto de vista da chefia da SS isso representava uma melhora considerável em relação à reversão que sofrera no ano anterior, quando da ocupação da França, da Bélgica e dos Países Baixos.[12]

Um dia antes da capitulação da Iugoslávia, em 16 de abril, Himmler, que durante as hostilidades estabelecera o quartel-general em Bruck an der Mur, encontrou-se com Heydrich, Wolff, Daluege e o chefe de seu estado-maior de chefia Jüttner e o general intendente do Exército, Wagner, em um hotel de Graz. Com base na minuta de 26 de março, acordaram aqui um "regulamento definitivo quanto à inclusão da polícia de segurança e do SD na organização do Exército" durante a guerra iminente contra a União Soviética. Embora "comunistas e judeus" não fossem citados explicitamente na versão aprovada desse regulamento, sabe-se pelos eventos anteriores a esse acordo que todos os presentes sabiam quem eram basicamente os inimigos nessa "guerra das duas

ideologias”.[13]

No início de maio, Himmler interrompeu os preparativos de guerra e se permitiu uma breve visita à Grécia recém-ocupada, do mesmo modo como no ano anterior visitara os territórios ocupados do oeste. Em 6 de maio, partiu de avião para Atenas, aonde chegou no dia seguinte, após uma escala em Budapeste. Visitou o Peloponeso e o Corinto e depois inspecionou as tropas alemãs em Larissa. De Atenas voou para Belgrado, onde visitou, entre outros, um lugarejo de alemães étnicos.[14]

De volta à Alemanha em 11 de maio, deparou-se com uma situação profundamente alarmante: Rudolf Hess, o suplente do Führer, voara à Escócia no dia anterior, com um avião Messerschmitt, onde saltara de paraquedas para tentar, por conta própria, entabular um acordo de paz com o governo britânico.[15] Tendo chegado de Gmund, onde na verdade queria descansar por alguns dias, Himmler se encontrou com Göring no mesmo dia, 11 de maio, em Munique, para conversar sobre a situação e, depois, seguirem juntos para Obersalzberg, onde ocorreram reuniões até a madrugada. Nos dias que se seguiram, a Gestapo de Himmler assumiria a tarefa de prender pessoas da confiança de Hess e de submetê-las a sérios interrogatórios. Dois dias depois, teve lugar uma reunião convocada às pressas entre *Reichsleiter* e *Gauleiter* também em Obersalzberg, da qual Himmler provavelmente participou.[16]

Hitler deu conta da crise desencadeada pela viagem de Hess com relativa rapidez. O antigo suplente do Führer foi declarado louco, seu sucessor se tornou o até então adjunto do suplente, Martin Bormann, que era agora chefe da Chancelaria do partido, e um bom conhecido de Himmler. Ambos pertenciam à ala radical do NSDAP, o que se manifestava, por exemplo, na postura extremamente anticristã de ambos. Com a nomeação de Bormann, aumentavam as chances de Hitler dar ouvidos às ideias de Himmler, o que de fato ocorreu — a posição de Himmler voltaria a se fortalecer ao longo dos meses seguintes.

Em consequência do voo de Hess, a Gestapo deslanchou, em junho, uma ação em todo o Reich contra astrólogos, videntes, adeptos do pêndulo, espíritas e representantes de outras doutrinas ocultistas, às quais Hess era em parte ligado. Queria-se, com isso, documentar publicamente que Hess pura e simplesmente se tornara vítima de charlatania. Essa ação não era totalmente desprovida de perigo também para Himmler, uma vez que colocava em risco círculos aos quais ele

mesmo se sentia ligado, como os adeptos da economia biodinâmica ou os defensores da doutrina do gelo universal, a *Welteislehre*. Para Himmler, essa experiência foi suficiente para mostrar que, no futuro, deveria disfarçar ainda mais o interesse pelo ocultismo.[17]

Em 18 de maio ele retornou a Berlim, onde se reuniu na Chancelaria do Führer com Victor Brack, um dos principais responsáveis pelo programa da "eutanásia", entre outros. Algumas semanas antes, Brack enviara a Himmler um relatório acerca de uma possível esterilização em massa de judeus, sobre o qual eles provavelmente conversaram nessa ocasião.[18] Alguns dias depois desse encontro, o professor Carl Clauberg, que Himmler gostava de consultar quando se tratava de assuntos ginecológicos, sugeriu ainda outro processo de esterilização em massa. Provavelmente esses planos tinham ligação com a iminente deportação dos judeus europeus para os territórios soviéticos a serem conquistados; a reprodução das pessoas deportadas para lá deveria ser excluída.

Em 21 de maio, Himmler expediu uma ordem na qual delineava os pontos básicos da inserção de organizações da SS e da polícia nos futuros territórios ocupados, sobre os quais chegara a um acordo com a Wehrmacht em meados de abril: no leste, os comandantes territoriais, os altos chefes da SS e da polícia desempenhariam o papel central, como era o caso no território do Reich. A cada HSSPF seriam subordinadas "tropas da SS e da polícia, além de forças-tarefas especiais da polícia de segurança, para dar conta das tarefas que lhes serão atribuídas diretamente por mim" — não só as Einsatzgruppen, que haviam sido acordadas com o Exército, mas também organizações armadas que não tinham sido mencionadas no referido acordo e às quais Himmler conferia uma autonomia muito maior nessa sua ordem. Incluíam-se aí, de um lado, tropas da Polícia de Ordem, que deveriam cumprir "suas tarefas segundo as minhas instruções" e, de outro, organizações da Waffen-SS que receberiam atribuições semelhantes, além de "missões especiais, que serão, sempre, determinadas por mim".[19]

O que Himmler mais insinuava era o fato de que as mencionadas organizações da SS e da polícia de segurança cometeriam nos meses seguintes assassinatos em massa de proporções devastadoras nos territórios soviéticos ocupados, principalmente entre a população civil judaica, e que, com isso, seriam abertas as portas para o extermínio dos judeus da Europa. Como Himmler

preparava os integrantes dessas organizações para isso? Lancemos um olhar sobre cada uma dessas organizações e sobre o que sabemos a respeito das instruções que lhes foram transmitidas.

Desde a primavera de 1941, eram preparadas formações de quatro Einsatzgruppen, com 3 mil homens, no total, na academia militar para suboficiais da polícia de segurança em Pretzsch (nas imediações de Leipzig),[20] compostas por membros do SD, da Gestapo, da Kripo, mas também da Polícia de Ordem, da Waffen-SS, além de pessoal adicional de apoio que em parte provinha da SS e do aparato da polícia.[21] O que chama a atenção é que na esfera diretiva dominava um tipo característico: o "especialista" de formação teórica (muitas vezes em faculdade de Direito) e treinamento prático no aparato policial, versado burocraticamente, que era ao mesmo tempo um convicto perpetrador radical prisioneiro da ideologia nazista.[22] Entre os 17 integrantes do quadro de chefia da Einsatzgruppe A, sem exceção funcionários de muitos anos da SS e da polícia, havia, por exemplo, 11 juristas, dos quais nove tinham mestrado; 13 dos homens pertenciam ao NSDAP ou a alguma de suas divisões já antes de 1933.[23]

A Polícia de Ordem[24] entrou na guerra contra a União Soviética de início com 23 batalhões — ao todo 11.640 homens e 420 oficiais — recrutados tanto em meio a policiais de carreira de longa data que, nas unidades adicionais, também compunham a maior parte dos corpos de liderança e corpos de suboficiais, quanto entre reservistas mais velhos da polícia que não serviram o Exército,[25] e voluntários mais jovens.[26] Todas essas unidades eram dirigidas por altos oficiais da polícia, cujo horizonte de experiência em muitos casos retrocedia à guerra civil e aos combates de fronteira do pós-guerra, enquanto uma parte considerável dos cargos de oficiais mais baixos se formaram nas escolas de cadetes da SS.[27]

Além da Polícia de Segurança e de Ordem, Himmler criou uma reserva de intervenção especial composta por unidades Totenkopf agrupadas sob um "estado-maior de comando RFSS" para se desincumbir de suas "missões especiais".[28] Já em 7 de abril de 1941, Himmler criara uma Einsatzstab, uma força-tarefa própria, que em 6 de maio foi rebatizada de Kommandostab RFSS.[29] Em 1º de maio, ordenou que a partir de regimentos Totenkopf fossem formados dois regimentos SS de cavalaria, as duas brigadas SS motorizadas; ao mesmo tempo foram reunidos dois regimentos da cavalaria, que mais tarde formariam a Brigada de Cavalaria SS.[30] Diversas dessas unidades Totenkopf já haviam

praticado inúmeras atrocidades na Polônia.[31] Em julho de 1941, Himmler já dispunha de tropas Kommandostab de cerca de 19 mil integrantes.[32] Com isso, criara para si a possibilidade de intervir diretamente no combate a inimigos definidos em termos políticos ou raciais nos territórios ocupados do leste e de fixar prioridades claras no contexto desse combate aos adversários.

Nas semanas anteriores à campanha da Rússia, conhecida como Operação Barbarossa, essas unidades foram instruídas em relação às suas tarefas. Só as importantes ordens de comando que Hitler baixara em relação à Wehrmacht já diziam muito sobre a guerra em andamento. Em maio, ele ordenou que os crimes cometidos por membros da Wehrmacht contra a população civil no leste não deveriam mais ser investigados pela Justiça Militar e, portanto, não seriam passíveis de punição. Os crimes cometidos por civis hostis também não deveriam ser investigados pelas cortes militares; nesses casos, no entanto, os perpetradores deveriam ser "executados", "silenciados", e "medidas coletivas de violência" contra cidades eram permitidas.[33] Nas "diretrizes para o tratamento de comissários políticos", promulgadas pelo chefe do alto-comando da Wehrmacht, Keitel, em 6 de junho, constava que a tropa deveria "acabar" com os comissários soviéticos, já que eram considerados "inventores de métodos de combate asiáticos bárbaros".[34] Nas "diretrizes relativas à postura na Rússia", de 19 de maio, que foram distribuídas até as últimas companhias, o "bolchevismo" era descrito como "inimigo mortal do povo nazista alemão" e por isso seria esperado que se agisse "de modo insensível e rigoroso contra bolchevistas agitadores, guerrilheiros, sabotadores, judeus, para a eliminação completa de qualquer resistência ativa ou passiva".[35]

Himmler e Heydrich, no entanto, foram ainda bem além dessas ordens. O Reichsführer não abriu mão de realizar pessoalmente a sintonia fina do alto-comando da SS em relação à obra de destruição que estava por ser criada. Para fazer isso, ele os convocou especialmente ao castelo Wewelsburg, de 11 a 15 de junho.[36] Ele convidara uma dúzia de pessoas, entre elas seus colaboradores mais próximos, Wolff e Brandt; seus dois chefes de polícia Daluege e Heydrich; os HSSPF previstos para os territórios a serem conquistados, Prützmann, Von dem Bach-Zelewski e Jeckeln; o chefe do Departamento Central, Pohl; e o seu amigo, o poeta, presidente da câmara literária do Reich e SS-Brigadeführer, Hanns Johst. Johst havia acompanhado Himmler em 1939 e no início de 1940 em

viagens à Polônia, publicara um pequeno livro sobre a primeira viagem[37] e depois solicitara a Himmler o privilégio de poder acompanhá-lo futuramente em campanhas importantes e de se tornar seu cronista quase oficial.[38] Assim, ele se tornou o "bardo da SS",[39] que não podia faltar a fim de que não se deixasse de captar devidamente o estado de ânimo no Wewelsburg nesses dias impregnados de história.

Conforme declaração de Von dem Bach-Zelewsky após a guerra, naquela ocasião, Himmler teria mencionado o número de 30 milhões de pessoas da população da União Soviética que deveria ser "dizimado", uma ordem de grandeza, portanto, equivalente ao acréscimo populacional nos territórios a serem conquistados desde 1914.[40] Isso caracteriza o clima que reinava nos mais altos círculos da SS nesses dias e semanas diretamente anteriores ao ataque: todos sabiam que estavam diante de uma campanha de extermínio racista de dimensões imprevisíveis.

E foi nesse sentido que Heydrich instruiu os chefes dos Einsatzkommandos, tanto na conferência no Prinz-Karl-Palais em Berlim, que provavelmente aconteceu em 17 de junho, quanto em Pretzsch, no rio Elba, durante a formação oficial dos Einsatzkommandos pouco antes do início da guerra.[41] Em seguida Heydrich formalizou as instruções por carta, aos chefes das Einsatzgruppen, em 29 de junho, na qual ele só se referiu aos esforços de autolimpeza, que os comandos deveriam iniciar;[42] em um memorando aos HSSPF, em 2 de julho, em que ele os informa sobre as "mais importantes ordens transmitidas às Einsatzgruppen e aos Einsatzkommandos da polícia de segurança e do SD".[43]

No memorando de 2 de julho, esclareceu: "Todos devem ser executados" — e então seguia uma lista — "funcionários da internacional comunista (assim como os políticos comunistas em geral)[,] os funcionários de nível alto, médio e baixo do partido, dos comitês centrais, dos comitês distritais e territoriais[,] comissários do povo[,] judeus em qualquer posição no partido ou no estado[,] outros elementos radicais (sabotadores, propagandistas, franco-atiradores, terroristas, agitadores etc.)".

Só o "todos" no início e o "etc." no final da lista, tal como o fato de que a ordem de Heydrich também destacava que não se deveriam impedir as "tentativas de autolimpeza de círculos anticomunistas e antissemitas nos territórios a serem ocupados", pelo contrário, eles deveriam ser incentivados,

apoiados, “só que sem deixar rastro”,[44] já deixa claro que o círculo de pessoas a serem executadas era bastante amplo. A formulação “todos [...] judeus com posições no partido ou no estado” também era só um código para a instrução de executar uma classe dominante judaica cuja definição era altamente vaga — em primeiro lugar, homens —, sendo que ficava a critério dos próprios comandos decidir quem, individualmente, pertencia a esse estrato.

Após o congresso de junho no Wewelsburg, Himmler viajou a Berlim, onde realizou diversas reuniões. Encontrou-se, entre outros, com Hermann Fegelein, que lhe comunicou o estado de prontidão dos dois regimentos de cavalaria da SS; com o chefe do SS-Führungsamt, Jüttner; e com o *Gauleiter* Alfred Meyer, principal colaborador de Rosenberg na instituição do Ministério do Reich para o Leste. Além disso, reuniu-se diversas vezes com Hitler na Chancelaria do Reich.[45] Entre esses compromissos, ele foi tratado repetidamente pelo seu massagista Felix Kersten, que o mantinha em forma durante esses dias tão eletrizantes.[46]

No entanto, em 18 de junho, por volta do meio-dia, interrompeu os negócios em Berlim e voou para a Bavária para passar o dia seguinte com a mulher e a filha na casa em Gmund. Himmler queria relaxar mais uma vez, ainda que por pouco tempo, antes do início do grande combate — fotos preservadas mostram os Himmler colhendo flores nesse lindo dia de verão na maravilhosa região montanhosa perto do lago Tegernsee.



*Os Himmler, em 19 de junho de 1941, dois dias antes do início da guerra contra a União Soviética*

Em 20 de junho, ao meio-dia, Himmler estava novamente na Chancelaria do Reich em Berlim e à tarde se encontrou com Jeckeln, entre outros. No dia seguinte, reuniu-se com Daluege e almoçou novamente na companhia de Hitler.

Na manhã seguinte, foi deslanchado o ataque à União Soviética. Himmler estava representado por uma impressionante armada: além das Einsatzgruppen, das unidades da Polícia de Ordem e das tropas dos Kommandostab, participaram da invasão as suas três divisões Waffen-SS, a divisão da polícia (integrada à Waffen-SS em 1942), assim como a Leibstandarte.

**Fase I: Execução de homens judeus**

Em 25 de junho, Himmler viajou com seu trem especial "Heinrich" ao quartel-general de Hitler, em Rastenburg, na Prússia Oriental. Em 30 de junho, irrompeu em território lituano já ocupado; Heydrich acompanhou o Reichsführer nessa viagem de trem, que os levou primeiro para Grodno, depois para Augustowo. Em Grodno, em 1º de julho, Heydrich e Himmler constataram que, embora a cidade já tivesse sido conquistada na semana anterior, ainda não havia ali nem um único representante da polícia de segurança ou do SD, o que levou Heydrich a repreender os líderes do comando, exigindo que futuramente demonstrassem "a mais alta mobilidade na conformação tática das ações".[47]

Em Augustowo se depararam com um comando da Gestapo em Tilsit, que já cumprira "ações punitivas" na retaguarda da invasão da Wehrmacht. Himmler e Heydrich confirmaram a "concordância irrestrita", conforme a Gestapo de Tilsit relatou ao RSHA.[48] Três dias depois, o comando de Tilsit assassinou mais de trezentas pessoas em Augustowo, em sua maioria civis judeus.[49]

No dia seguinte, já de volta ao quartel-general na Prússia Oriental, Himmler se encontrou com Göring; em 3 de julho, reuniu-se com o chefe de seu estado-maior de comando, Kurt Knoblauch, com o dirigente do quartel-general de operações, Jüttner. Dois dias depois, no sábado, passou em revista o 1º regimento SS de cavalaria.[50]

Em 8 de julho, viajou novamente aos territórios recentemente ocupados, dessa vez em companhia de Daluege, o chefe da Polícia de Ordem. Ainda no mesmo dia, chegou a Bialystok,[51] onde mencionou, em uma conferência — pelo menos foi o que relatou após a guerra outro presente na ocasião, Von dem Bach-Zelewski —, que "basicamente todo judeu deveria ser considerado um guerrilheiro".[52] Para os dias que se seguiram, é possível reconstruir a maneira como essa ordem foi sendo retransmitida na sequência da cadeia hierárquica: em 9 de julho, durante o discurso aos membros do regimento policial centro,

Daluege conclamou ouvintes a “erradicar, de uma vez por todas, o bolchevismo”,[53] e, em 11 de julho, o comandante desse regimento em Bialystok retransmitiu a ordem do HSSPF z.B.V. ao comandante da região do Exército de retaguarda centro de que todos os homens judeus entre 17 e 45 anos, saqueadores “declarados culpados”, deveriam ser executados.[54] Essa foi a carta branca para um extermínio em massa — em meados de julho, dois batalhões do regimento de Bialystok executaram o massacre de aproximadamente 3 mil homens judeus.[55]

Na volta de Bialystok, Himmler parou novamente em Grodno, dessa vez em companhia de Heydrich, que o alcançara. Ambos puderam constatar que os comandos de morte tinham superado a sua passividade, desaprovada em 30 de junho. “Nos primeiros dias só foram liquidados 96 judeus em Grodno e Lida”, consta em um relatório da Einsatzgruppe B. “Expedi a ordem para intensificar a ação. [...] As liquidações planejadas serão realizadas de todo jeito.”[56] Portanto, as viagens de inspeção de Himmler e sua intervenção pessoal nas primeiras semanas da guerra contribuíram para iniciar e incitar os assassinatos em massa de civis judeus.

Conforme Christian Gerlach constatou em sua pesquisa fundamental sobre a política de ocupação alemã na Bielorrússia, em praticamente todas as “ações” de maior alcance nas primeiras semanas da guerra contra a União Soviética, constata-se a presença de altos chefes SS. Quando Himmler, Heydrich ou Daluege não estavam presentes no local dos massacres, estavam lá os chefes regionais, como Von dem Bach-Zelewski, Nebe ou o chefe do regimento policial centro, Max Montua. Portanto, as viagens de inspeção de Himmler integravam um sistema de comando que tinha como base assegurar que, mediante controle e intervenção constante nos eventos locais, a alta liderança assegurasse o cumprimento das diretrizes gerais.

Praticamente todos os Einsatzkommandos da polícia de segurança e do SD, além de diversos batalhões da polícia regular, no final de julho passaram a realizar a execução em larga escala de judeus com idade para servir o Exército, centenas ou milhares de pessoas de cada vez. Essas execuções ocorriam sob os seguintes pretextos: “vingança”, punição de “saqueadores” ou combate aos “guerrilheiros”. Nisso, as diversas unidades se atinham a um padrão uniforme, ainda que houvesse diferenças entre uma ação assassina e outra: uma unidade

estabelecia uma idade superior à outra para as vítimas masculinas; em alguns lugares, toda a população masculina na faixa etária estipulada era executada; em outros, "somente" uma parte, e aqui também a ordem de grandeza variava. Portanto, os chefes das unidades claramente tinham certa liberdade de ação. Afinal, a ordem inicial estabelecia que a intuição e a iniciativa das unidades era algo desejável.

Mas as ações não se resumiram aos assassinatos em massa executados pelas unidades. Em diversas regiões, elas também puderam atender à ordem de Heydrich de envidar "esforços de autolimpeza" ou, para ser mais claro, deslanchar pogroms contra a população local. Existem provas de que, nos anos de 1939 a 1941, foram levados a cabo pogroms em mais de sessenta locais nos territórios soviéticos ocupados, sobretudo na Lituânia, na Letônia e na Ucrânia Ocidental. Estima-se que essas ações tenham vitimado no mínimo 12 mil, possivelmente até 24 mil pessoas.[57]

Em 13 de julho, em Stettin, Himmler passou em revista os duzentos homens da Waffen-SS que foram transferidos para o front finlandês com o objetivo de fortalecer o o grupo de combate da SS ao Norte. Esse grupo não só sofrera tremendas perdas nos primeiros dias da guerra, como também fracassara no ataque e no consequente contra-ataque do Exército Vermelho. Sinais de dissolução se espalharam pela tropa. Himmler então advertiu os homens e se ocupou dos 25 chefes, reunindo-se com eles em pequenos grupos. Explicou a eles que se estava em meio a uma batalha contra "um povo de 180 milhões, um emaranhado de raças e etnias, cujos nomes se tornaram impronunciáveis e cuja estrutura é tal que só resta derrubá-lo de uma vez, sem qualquer misericórdia, são bichos. Esse povo foi ajuntado pelos judeus em uma religião, em uma ideologia, a que se chama bolchevismo [...]".[58]

**"Segurança policial e política"?**

Em 16 de julho, umas três semanas após o início da guerra, sobre a qual Himmler depositava altíssimas expectativas, Hitler definiu as bases essenciais em relação à estrutura da futura política de ocupação no leste, em seu principal quartel-general. Estavam presentes Göring, Keitel, Rosenberg e Bormann — Himmler não, e o resultado dessa assembleia foi decepcionante para ele.

Hitler determinou que,[59] após o término dos combates, a administração dos

territórios ocupados deveria ficar a cargo de repartições civis, mais precisamente de comissariados do Reich subordinados ao novo ministro do Reich para os territórios ocupados do leste, Alfred Rosenberg.[60] Rosenberg, no entanto, deveria respeitar as responsabilidades de outros departamentos centrais, que se referiam sobretudo às atribuições de Himmler, que Hitler definiu como "a segurança policial dos novos territórios ocupados do leste", e, para cuja garantia, Himmler poderia nomear dirigentes para a SS e a polícia.[61]

As ambições de Himmler, no entanto, iam bem além disso, como já vimos. Em 10 de junho, solicitara a Lammers a "segurança policial *e política*" e, com isso, provocara a objeção de Rosenberg.[62] Dois dias depois da eclosão da guerra, ele fora ainda um passo além, incumbindo a Konrad Meyer, seu chefe de planejamento, a missão de, no prazo de três semanas, incluir também territórios soviéticos nos planos já em andamento quanto à política de colonização no leste ("Plano Geral para o Leste").[63] Em 11 de julho, Himmler confiou à VoMi a realização de um levantamento sobre a população alemã étnica na União Soviética ocupada, uma atividade que deveria ser desempenhada com o apoio das Einsatzgruppen.[64] Em 15 de julho, ele já tinha em mãos a minuta do plano que encomendara a Meyer.

O fato de Hitler lhe negar, no dia seguinte, o ansiado papel central na reorganização política do leste representou uma amarga derrota pessoal. Ao mesmo tempo, no entanto, esse dia marcou o ponto inicial de uma virada decisiva na política himmleriana, o que se explica pelo seu hábito de não permitir que os reveses o impedissem de continuar perseguindo com tenacidade os objetivos traçados.

O que já é notável é que ele se comportasse com obstinada teimosia, como se as responsabilidades que lhe haviam sido atribuídas em outubro de 1939, quanto à "consolidação do *Volkstum* alemão", também valessem para os territórios soviéticos ocupados, algo negado veementemente tanto por Rosenberg quanto por Göring.[65] Concretamente, Himmler aproveitou as competências policiais para dar início a medidas de assentamento nos territórios ocupados do leste e com isso comprovou mais uma vez a habilidade em fazer com que as diferentes partes de seu império, quando necessário, trabalhassem em conjunto de modo altamente eficaz.

Três dias após a sua derrota, Himmler viajou para Lublin, onde deu diversas

ordens a Globocnik que evidenciavam a importância do distrito de Lublin como plataforma giratória da futura reorganização "política em termos de *volkstum*" do leste — na cidade de Lublin, assim dizia Himmler, seria instalado um grande complexo de campos para preparar o assentamento de alemães étnicos na região em torno de Zamosc. Além disso, instruiu Globocnik a instalar uma rede de bases da polícia e da SS a partir de Lublin para os novos territórios ocupados.[66]

Porém, a obstinação de Himmler em usar suas competências policiais como base de uma "nova ordem" étnica do leste não se limitava a medidas de assentamento. E com isso se aborda a virada propriamente dita, que ele consumou em meados de julho de 1941. A incumbência da "consolidação do *Volkstum* alemão", que Hitler lhe atribuíra em outubro de 1939, não só abrangia "a criação de novas colônias alemãs por meio de reassentamentos", mas também a "eliminação da influência nociva de [...] grupos populacionais estranhos ao povo". Himmler havia tentado viabilizar essa concepção na Polônia dando início às deportações em massa de poloneses e judeus dos territórios anexados. Mas esse colossal programa de transmigração, por meio do qual deveria ser criado espaço para os alemães étnicos, malograra de um modo geral: os números planejados não puderam ser alcançados nem de longe, as expulsões resultaram em considerável caos no Governo-Geral e a maioria dos alemães étnicos continuava em acampamentos de migrantes.

A conclusão a que Himmler chegou com base nessas experiências foi a de que o processo de adjudicação de terras em termos *völkisch* no leste deveria ser iniciado de imediato e não somente depois da guerra, como fora anteriormente planejado. O primeiro passo a ser dado então para a "eliminação" das "populações de etnia estrangeira" era tornar a região totalmente "livre de judeus", por meio de execuções em massa e da guetoização daqueles que poderiam ser aproveitados para realizar trabalhos forçados.

Por trás disso se encontrava um gigantesco programa de expulsão, reassentamento e erradicação que sacrificaria 30 milhões de pessoas, de acordo com o plano de Von dem Bach-Zelewski do início da guerra. Mas tal programa de extermínio, dirigido contra a população local como um todo, ainda era algo totalmente utópico no verão de 1941. Não era possível simplesmente fuzilar 30 milhões de pessoas, nem impedir-lhes o acesso ao abastecimento, deixando que morressem de fome. Mas, do ponto de vista dos conquistadores, essas

considerações não valiam para os judeus, grupo populacional muito menor — de modo aparente, podiam ser diferenciados "racialmente" do restante da população do país, e supostamente defensores ferrenhos do regime comunista, eram os inimigos mais perigosos dos dirigentes nazistas e, portanto, deveriam ser os primeiros a ser eliminados. De todo modo, Himmler, no contexto de suas funções policiais, já dera início a uma política sistemática de discriminação e terror contra os judeus, principalmente os que viviam em cidades. De sorte que era preciso unicamente estender e recrudescer essa política, permitindo que a "segurança policial" se transformasse em um extermínio étnico. Nesse sentido, as moradias dos judeus e seus bens móveis eram butins muito bem-vindos, uma vez que constituíam recursos valiosos que contribuiriam para facilitar imensamente as próximas medidas de reassentamento. Mediante a "neutralização" dos judeus já durante a guerra, Himmler achava que era o homem que possuía a necessária brutalidade e que dispunha dos meios exigíveis para converter em realidade as ideias gigantescas de reorganização étnica do regime para todo o "território do leste".

O fato de Himmler, em agosto de 1941, começar a amarrar suas ideias utópicas de nova ordem para o leste especificamente com a "eliminação", ou seja, o extermínio em massa sistemático de judeus soviéticos, acabou vindo ao encontro da política geral relativamente aos judeus do regime nazista dessa época crítica. Em agosto de 1941, Hitler orientou o regime para que dali em diante conduzisse a guerra sob o lema "guerra contra os judeus". Com o azedamento das relações com os Estados Unidos, que, no curto ou longo prazo, acabariam entrando na guerra, o aparato de propaganda intensificou a perseguição contra os judeus: agora a Alemanha já não lutava mais somente contra o "bolchevismo judeu" — esse velho clichê da propaganda nazista fora reativado pontualmente em frente ampla para o ataque à União Soviética —, mas contra uma "conspiração judaica mundial", supostamente mantida pela recente coalizão entre o comunismo e o capitalismo. Desde o final de agosto se esmerava em propagar maciçamente o slogan correspondente. Nesse contexto, o regime também intensificou a perseguição aos judeus alemães. Estes, em setembro, não só tiveram de se submeter a novas medidas discriminatórias, como também foram obrigados, por decisão de Hitler de 18 de agosto, a portar um sinal de identificação[67] e, com isso — assim rezava a propaganda —, se

tornar visíveis como “inimigo interno”. Na alta cúpula do regime nazista, em agosto, ainda se partia da premissa de que os judeus alemães seriam deportados para o leste poucos meses depois, após a aguardada vitória sobre a União Soviética.[68]

Diante dessa situação, Himmler podia ter a certeza de que qualquer iniciativa a favor da radicalização da política antissemita seria bem-vista pelo seu Führer. A ampliação das execuções em massa na União Soviética não era uma ideia arbitrária de Himmler, mas apenas uma antecipação daquilo que Hitler, de toda maneira, já decidira realizar depois da guerra: o extermínio físico dos judeus, independentemente da forma. Assim, Himmler não fazia segredo nenhum da sua radicalização forçada em relação à política judaica no leste. Os relatórios das Einsatzgruppen chegavam diariamente a um grande círculo de leitores na central de Berlim — eram também apresentados a Hitler — e transmitiam uma imagem bastante real de sua polícia de extermínio antissemita. “Daqui deverão ser enviados relatórios atualizados constantes ao Führer sobre o trabalho das Einsatzgruppen no leste”, consta em um radiograma do chefe da Gestapo, Müller, às Einsatzgruppen.[69]

**Fase II: mulheres e crianças**

Com a diretiva de Hitler de 16 de julho e a decisão de princípio a ela relacionada quanto à instituição da administração civil, era chegado o momento de Himmler, apesar de sua evidente desvantagem, usar as três brigadas da SS subordinadas ao seu estado-maior de comando para cumprirem o seu verdadeiro propósito — aquelas “tarefas especiais” que lhes seriam atribuídas por ele, conforme anunciara em sua ordem de 21 de maio.[70]

É provável que já por ocasião de sua visita a Bialystok, em 8 de julho, Himmler tenha tratado com Von dem Bach-Zelewski a planejada utilização das unidades de cavalaria da SS.[71] Por meio das ordens expedidas em 19 e 22 de julho, ou seja, imediatamente após Hitler ter transferido a ele a “garantia policial dos novos territórios ocupados do leste” e de ter fortalecido explicitamente a posição dos HSSPF , Himmler subordinou a Von dem Bach-Zelewski os dois Regimentos SS de Cavalaria, que seriam unificados no início de agosto para formar uma brigada SS de Cavalaria; e a Jeckeln, HSSPF Rússia sul, a 1ª brigada SS de infantaria.[72] Em 21 de julho, Himmler se encontrou com o comandante da

região sul do Exército de retaguarda, Karl Von Roques, provavelmente para debater a atuação da 1ª Brigada de Infantaria de Jeckeln na área de responsabilidade de Von Roques.[73]

Himmler se ocupou pessoalmente da primeira incumbência dos soldados SS de Cavalaria, que deveria ocorrer nos pântanos de Pripjet. Em sua viagem para lá, passou por Kovno e Riga. Em 29 de julho, voou para Kovno, onde visitou a cidade e falou com Hinrich Lohse, o novo comissário do Reich para o leste. Em 31 de julho, continuou a viagem para Riga, onde, entre outras tarefas, inspecionou a penitenciária central e seus novos ocupantes. No dia seguinte, no mesmo local, voltou a se encontrar com Lohse, além do HSSPF Hans Adolf Prützmann.[74] Imediatamente após a visita de Himmler, os homens de Prützmann ampliaram os assassinatos em massa de judeus na Lituânia e na Letônia. O Einsatzkommando 3, a partir de 5 de agosto, contando com a ajuda de auxiliares lituanos, passou a executar indiscriminadamente homens, mulheres e crianças, como comprova o relatório detalhado do comandado Karl Jäger.[75] O Einsatzkommando 2, que operava na Letônia, também começou a executar mulheres e crianças em agosto; em setembro, 18 mil pessoas tinham sido assassinadas.[76] O Einsatzkommando “Tilsit” também matou mulheres e crianças em grande escala no final de julho/início de agosto.[77]

Na mesma tarde de 31 de julho, Himmler ainda voou de Riga para Baranovichi, onde comandou a definitiva formação da Brigada de Cavalaria a partir dos dois regimentos chefiados por Hermann Fegelein. Em seguida, debateu com Von dem Bach-Zelewski a já iniciada ação de “pacificação” pelos soldados da cavalaria SS.[78] Para essa operação, a brigada recebera de Himmler “instruções especiais para limpar e escarafunchar os pântanos por meio de unidades montadas”: “Se a população, do ponto de vista nacional, for hostil, inferior em termos raciais e humanos, ou até, como é muito frequente em regiões pantanosas, constituída por criminosos que ali se estabeleceram, então todos os suspeitos de apoiar os partisans devem ser executados, mulheres e crianças devem ser carregados de lá, animais e alimentos devem ser confiscados e guardados em lugar seguro. Os lugarejos devem ser queimados até o chão.”[79]

Durante a sua visita a Baranovichi, em 31 de julho, Himmler endureceu ainda mais em relação à ordem, como se pode deduzir de um aerograma do 2º Regimento de Cavalaria de 1º de agosto: “Ordem explícita do RFSS. Todos os

judeus devem ser fuzilados. Enxotar as mulheres judias para os pântanos."[80] A ordem que o comandante da divisão montada do 1º Regimento de Cavalaria deu aos seus homens em 1º de agosto foi igualmente brutal: "Nenhum homem judeu deve sobreviver, não deve restar nada das famílias nos vilarejos."[81]

Se nos ativermos ao teor dessas ordens, veremos que Himmler ordenou claramente que todos os homens judeus fossem fuzilados e conclamou seus homens a usar de violência também contra as mulheres, sem, contudo, determinar explicitamente que fossem assassinadas. Reiteradamente, confirma-se o mesmo quadro: a inclusão gradativa de novos grupos de vítimas nos fuzilamentos não se deu com base em uma única ordem absoluta e clara de Himmler, mas configurava um processo mais longo, durante o qual, pouco a pouco, os chefes das unidades foram sendo acostumados a essa atribuição cruel, ou seja, foram claramente educados para se tornar assassinos em massa.

O desdobramento adicional também demonstra que a ordem de Himmler era compreendida de maneiras totalmente diferentes. O 1º Regimento SS de Cavalaria assassinou, desde 3 de agosto, indiscriminadamente, milhares de homens, mulheres e crianças judias em Chomsk, Motol, Telechany, Svieta Wola, Hancevichi e em outros lugares.[82] Em 11 de agosto, a Divisão Montada do Regimento notificou 6.504 vítimas; no entanto, devem ter sido mais de 11 mil.[83]

A divisão montada do 2º Regimento SS de Cavalaria, por sua vez, fuzilou quase exclusivamente homens judeus — conforme declarações do regimento, foram assassinados 6.526 homens entre os dias 5 e 11 de agosto; na realidade, provavelmente eram cerca de 14 mil.[84] Além disso, o regimento informou: "Enxotar mulheres e crianças para os pântanos não foi tão fácil, pois os pântanos não eram profundos a ponto de fazer com que se afogassem neles."[85] Será que não queriam entender a ordem de Himmler?

Nas semanas que se seguiram, a Brigada de Cavalaria continuou a "ação de limpeza" de modo quase contínuo, assassinando milhares de judeus, e, a partir do início de setembro, os membros do 2º Regimento também começaram a fuzilar mulheres e crianças.[86] Em agosto, a Brigada de Cavalaria provavelmente já tinha executado mais de 25 mil judeus.[87] Esse foi o estopim para a extensão dos assassinatos em massa a toda a população judaica na região de retaguarda do grupo de exército Centro, no qual Von dem Bach-Zelewski reinava como HSSPF.

Himmler, entrementes, já voltara havia tempo dos territórios ocupados do leste: em 3 de agosto voara a Berlim e em 5 de agosto partira para Rastenburg, onde haveria diversas reuniões nos dias seguintes.[88] De Rastenburg, Himmler acompanhou principalmente o andamento dos assassinatos em massa praticados contra a população civil soviética na área do HSSPF Rússia-sul, Jeckeln, a quem ele subordinara para esse fim a 1ª Brigada SS de Infantaria. Jeckeln e a brigada deveriam desempenhar o mesmo papel central no segmento sul do front que Von dem Bach-Zelewski, apoiado pela Brigada de Cavalaria, assumira para o segmento mais ao norte. Já no final de julho, entre os dias 27 e 30, a 1ª Brigada de Infantaria passou a fuzilar também mulheres judias, mais exatamente na região de Zwiahel, no âmbito de uma "ação de limpeza".[89] Como resultado dessa "ação", a brigada informou que executara oitocentas pessoas, "judeus e judias entre 16 e 60 anos de idade".[90] Em seguida a esses assassinatos em massa, as unidades da brigada conduziram outras "ações", nas quais provavelmente mataram 7 mil homens, mulheres e crianças até meados de agosto.[91] Himmler estava insatisfeito. Convocou Jeckeln para se reunir a ele em seu quartel-general, quando se mostrou "muito irritado" em relação à conduta deste, que ainda deixava a desejar.[92] Depois disso, Jeckeln aumentou o índice de execuções.[93]

No final de agosto, a série de assassinatos em massa organizada por Jeckeln atingiu seu apogeu. Em Kamenez-Podolsk foram assassinados, em três dias, em uma ação até então sem precedentes, 23.600 pessoas,[94] em sua maioria absoluta judeus que haviam sido enxotados pelas autoridades húngaras em julho/agosto como "estrangeiros inconvenientes".[95] Seguiram-se massacres em Berdichev[96] e Zhitomir;[97] nos massacres dos judeus de Kiev em Babi Jar, em que, no final de setembro, pereceram 33.771 judeus, segundo relatório de eventos, Jeckeln também desempenhou papel decisivo.[98]

Essa onda de assassinatos em massa foi o impulso decisivo que levou também os comandos empregados na área de responsabilidade de Jeckeln (a Einsatzgruppe C, bem como alguns batalhões da polícia, que em parte já tinham participado de "ações" de Jeckeln) a iniciar, no verão, um extermínio minucioso da população judaica.[99]

Somente o Einsatzkommando 6, subordinado à Einsatzgruppe C, ainda não havia executado mulheres judias, até o início de outubro de 1941. Isso mudaria depois da visita de Himmler à unidade, em 3 de outubro, em Krivoy Rog: a

partir de então os integrantes da unidade também passaram a matar as mulheres judias na cidade, que foi declarada “livre de judeus” em 20 de outubro.[100]

Em 14 de agosto, Himmler viajou novamente a Baranovichi, dessa vez com importantes acompanhantes. Com ele viajaram Wolff; Prützmann; o cenógrafo do Reich, Benno Von Arent, que ocupava o cargo de SS-Oberführer*;* o “cameramam do Führer”, o tenente Walter Frentz (que durante essa viagem foi integrado à SS); um fotojornalista da SS e outros. A razão de participarem dessa viagem se saberia nos dias seguintes. Após a chegada a Baronovichi, onde Von dem Bach-Zelewski relatou a Himmler os resultados da “ação de limpeza”, o ilustre se pôs a caminho de Minsk ainda no mesmo dia, onde se instalou na *Leninhaus*.[101]

No plano de viagem de Himmler constava uma execução para a manhã seguinte — “guerrilheiros e judeus”, conforme o registro de sua agenda. O fuzilamento em massa ocorreu fora de Minsk. Comandos de oito a dez integrantes da Polícia de Ordem e da Polícia de Segurança, membros do Einsatzkommando 8, atiraram alternadamente nas vítimas, entre as quais também havia mulheres. Existem sinais substanciais de que Frentz tenha filmado as execuções; em 19 de novembro, Himmler anotou no diário: “Jantar no trem. Cinejornal e filme sobre Minsk.”[102]

Parece que Himmler assistiu a essas execuções fazendo pose de espectador factual interessado. Após a guerra, um dos segundos-tenentes da Schutzpolizei que chefiava um comando de execução declarou: “Após a primeira saraivada de balas Himmler veio se postar diretamente ao meu lado e olhou para dentro da cova. Então percebeu que um ainda estava vivo. Ele me disse: Tenente, atire naquele!, e foi o que o encarregado fez. Enquanto isso, Himmler ficou parado ao meu lado [...] Para Himmler e sua comitiva aquilo tudo era praticamente um espetáculo.”[103]

Em seguida, Himmler proferiu um discurso diante dos membros do comando de fuzilamento, dizendo que, embora os fuzilamentos representassem um fardo para os atiradores, eram necessários na “guerra ideológica”. Ao chefe do Einsatzkommando 8, Otto Bradfisch, ele esclareceu, na ocasião — segundo declaração de Bradfisch, mais tarde —, que existia uma ordem do Führer determinando o fuzilamento de todos os judeus, e que ela deveria ser obedecida incondicionalmente.[104] Não existe nenhuma outra confirmação para essa

declaração. Mas se de fato aconteceu, ainda demoraria várias semanas até que a nova ordem alcançasse todos os comandos de fuzilamento, um fato que, aliás, faz com que seja improvável que, além de seu comentário para Bradfisch durante a visita em Minsk, Himmler realmente já tivesse anunciado abertamente o assassinato de todos os judeus,[105] como foi afirmado em declarações do pós-guerra.

Antes do almoço na *Leninhaus*, o grupo ainda visitou um campo de prisioneiros de guerra e, à tarde, após passarem pelo gueto, o hospital Nowinki, uma instituição psiquiátrica a noroeste de Minsk. Cinco semanas depois, um comando policial alemão matou 120 pacientes nessa clínica, por meio de gás. Tudo indica que Himmler dera a ordem para essa matança durante a inspeção em 15 de agosto, aparentemente — ainda sob a impressão imediata da execução a que presenciara — à procura de métodos de execução menos sangrentos.[106]

O programa do dia seguinte de Himmler incluía cultura, ou melhor, o pilhagem cultural. Por ocasião da visita ao museu de Minsk, Himmler incumbiu Arent de efetuar um levantamento cuidadoso das coleções de arte da cidade em busca de obras que depois seriam levadas para a Alemanha.

Na manhã de 16 de agosto, Himmler voltou de avião para Rastenburg. Naquela noite, encontrou o antigo administrador da Lebensborn, o Standartenführer Guntram Pflaum, a quem em 11 de julho incumbira da "aquisição de crianças de puro e bom sangue" na República Soviética dos Alemães do Volga. Agora Himmler estendia essa atribuição a "todo o território ocupado da União Soviética europeia".[107] Em agosto, o Departamento Central do RKF em Riga instalou uma filial que se ocuparia de questões envolvendo os bens dos alemães étnicos.[108] Em julho, Himmler já determinara a formação do Sonderkommando R (Rússia), atribuindo a chefia ao Brigadeführer Horst Hoffmeyer, para realizar o levantamento dos alemães étnicos que ainda viviam na União Soviética.[109]

Isso mostra que Himmler continuava envidando esforços no sentido de estender suas competências como comissário do Reich para o *Volkstum* aos territórios soviéticos ocupados. É desse contexto que também fazem parte as tarefas atribuídas em julho de 1941, já mencionadas, quando determinou que Globocnik estabelecesse uma política de assentamento independente no leste e queria que Lublin fosse ampliado para se tornar a base dessa operação. Pois

Himmler via os assassinatos em massa de judeus, aos quais dedicou tanta atenção nessas semanas, como componentes fundamentais de uma política de reorganização *völkisch* muito mais abrangente.

Em 17 de agosto, Himmler almoçou com Hitler. Nas semanas seguintes, permaneceu a maior parte do tempo em seu quartel-general na Prússia Oriental, onde se encontrou várias vezes com Hitler e também com Ribbentrop, Lammers, Göring, Heydrich, Daluege e outros.[110]

No início de setembro, Himmler finalmente conseguira se impor quanto a uma questão decisiva: Hitler decidiu que a área de competência do comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* alemão passaria a incluir também os territórios ocupados do leste.[111] Mas o Reichsführer-SS ainda não havia se dado por satisfeito: em 18 de setembro, Heydrich enviou a minuta de um decreto a Lammers, que previa que se atribuíssem mais competências à SS, à polícia e também a Himmler no que tangia à sua responsabilidade como comissário do germanismo, tanto no Governo-Geral e no protetorado quanto nos territórios controlados pelos chefes da administração civil (isto é: Lorena, Alsácia, Luxemburgo, Carniola-Caríntia, Baixa Estíria, Países Baixos e Noruega ocupados). Nesses territórios ocupados, a SS e a polícia passariam a ser responsáveis também pela "política interna" e não só pela "segurança policial". Além disso, Himmler requereu superioridade hierárquica em relação ao ministro do Reich para o Leste, Rosenberg. No entanto, algumas semanas mais tarde, Lammers disse a Himmler que naquele momento não seria possível expandir formalmente as suas competências.[112]

Durante uma assembleia em 4 de outubro de 1941, os representantes do Ministério do Reich para o Leste, liderados pelo *Gauleiter* Meyer, tentaram impor o entendimento de que as competências que Hitler acabara de conferir a Himmler se referiam somente à "execução" do assentamento, enquanto o planejamento caberia ao Ministério. Heydrich refutou esse ponto de vista, sugerindo, em vez disso, que os escritórios centrais e as instituições subordinadas dos territórios ocupados do leste estabelecessem uma sincronização melhor entre suas funções.[113]

No mesmo dia em que Heydrich enviou suas amplas exigências a Lammers, Himmler começou a consolidar seu papel como comissário. Em 18 de setembro, empreendeu mais uma "viagem ao Leste", em companhia de Heydrich, Wolff e

outros: voou para Riga, no dia seguinte seguiu para Mitau e Reval (Tallinn) e depois para Dorpat e Pleskau, voltando a Rastenburg em 21 de setembro. Nessa ocasião, expediu diversas ordens sobre a deportação de russos da Estônia e encarregou o seu HSSPF em Riga, Prützmann, de avaliar se as crianças cujos pais haviam sido deportados pelos soviéticos em 1940-1941 podiam ser "germanizadas".[114]

Em 24 de setembro, Himmler participou de uma reunião no quartel-general do Führer, na qual Hitler deu posse a Heydrich como protetor adjunto do Reich em Praga, criando, assim, as condições para que nas semanas seguintes se adotasse uma política judaica radical também no protetorado.[115]

Em 30 de setembro, empreendeu outra viagem de inspeção, dessa vez à Ucrânia. Em 2 de outubro, meros dois dias depois do massacre de Babi Jar, ele se encontrou com Jeckeln em Kiev e, depois, ficou três dias em Krivoy Rog. Ali procurou o Einsatzkommando 6 que, imediatamente após a visita, passou a matar também mulheres judias.[116]

A pedido da Wehrmacht, Himmler determinou em 4 de outubro — ele ainda estava em Krivoy Rog — que o Sonderkommando Lange, que desde 1940 assassinava judeus em Warthegau usando câmaras de gás montadas em veículos, fosse levado de avião para Novgorod, para matar os pacientes de três clínicas psiquiátricas, cujas instalações deveriam ser urgentemente evacuadas para que se pudessem instalar ali tropas.[117] No mesmo dia, Himmler visitou a sede da Einsatzgruppe D, em Nikolaev, e — atendendo a uma indicação — também a cidade de Cherson.[118]

No final de setembro, poucos dias antes da visita de Himmler, portanto, a Einsatzgruppe D, em Nikolaev, havia matado os habitantes do gueto, aproximadamente 5 mil mulheres, homens e crianças.[119] Himmler falou aos membros dessa unidade e se referiu às execuções em massa como sendo uma tarefa árdua, mas que tinha que ser executada.[120] Presumivelmente poucos dias depois, o Sonderkommando 11a executou praticamente todos os habitantes judeus de Cherson.[121] Por meio desses assassinatos em massa, a Einsatzgruppe D definitivamente se converteu no grande executor da população civil judaica em seu território, e é evidente que essa radicalização tinha ligação direta com a visita de Himmler.

Em 5 de outubro, foi mais uma vez ao quartel-general do Führer, onde se

encontrou com Hitler à noite e relatou as impressões ainda nítidas da viagem: informou ao Führer que os habitantes de Kiev lhe haviam causado má impressão, que tranquilamente se poderia "abrir mão de 80% a 90% deles".[122]

Em 7 de outubro, no dia de seu 41º aniversário, Himmler organizou uma recepção: Daluege, Heydrich, Wolff, Jüttner, Grawitz, Knoblauch e muitos outros vieram felicitá-lo. À noite, ofereceu um jantar ao qual compareceram diversos dos congratulantes, além de Von Ribbentrop e Lammers.[123] Em 13 de outubro, falou com Globocnik sobre a Questão Judaica no distrito deste, Lublin; em 14 de outubro, conversou longamente com Heydrich;[124] e, em 23 de outubro, inspecionou o campo de trabalhos forçados de Mogilev. Na época, foram feitos planos para ampliar consideravelmente esse campo; poucos dias antes, em 18 de outubro, fora iniciada a deportação dos judeus do território do Reich; em 8 de novembro, o primeiro desses transportes chegaria a Minsk, situada a aproximadamente 150km a oeste de Mogilev. Em meados de novembro, foi encomendada a construção de um grande crematório para o campo de Mogilev, assim como nos outros destinos das deportações, Chelmno e Riga, foram iniciados os preparativos para a construção de instalações para o extermínio em massa dos judeus do Reich (voltaremos a falar disso). No dia da visita de Himmler ao campo de Mogilev foram executadas 279 pessoas. Quatro dias antes, o gueto local fora liquidado; a maioria dos moradores fora fuzilada.[125] Em 24 de outubro, saindo de Mogilev, Himmler empreendeu uma viagem relâmpago a Smolensk, onde se encontrou com o comandante em chefe do grupo de exército Centro, Von Bock. De acordo com a declaração de Von dem Bach-Zelewski, que estava presente, na ocasião também foi acertado o fuzilamento dos judeus no setor desse grupo de exército.[126]

Em 25 de outubro, retornou ao seu quartel-general, onde se reuniu, no mesmo dia, com Globocnik.[127] À noite, Himmler e Heydrich estiveram com Hitler. Os rascunhos dos monólogos de Hitler dão uma ideia dos temas discutidos na ocasião. Depois de recordar mais uma vez a "profecia" do dia 30 de janeiro de 1939, o ditador concluiu: "Essa raça de criminosos é responsável pelos 2 milhões de mortos na [Primeira] Guerra Mundial, e agora novamente por centenas de milhares. Que ninguém venha me dizer: não podemos mandá-los para os pântanos! E quem é que se preocupa com a nossa gente? Se o pavor ante a ideia de que erradicaremos o judaísmo nos precede, isso é bom."[128]

Três semanas depois, em 15 de novembro de 1941, Himmler se encontrou com Rosenberg em Praga para tratar da colaboração em termos “policiais e organizacionais” nos assentamentos; a reunião fora marcada em virtude das queixas externadas por Rosenberg em 14 de outubro. O resultado das negociações foi um acordo, assinado em 19 de novembro, em que se determinou que os HSSPF e os SSPF estariam “subordinados, pessoal e diretamente”, aos comissários do Reich e aos comissários gerais, respectivamente. Os comissários regionais tinham o direito de lhes dar “aconselhamento técnico”.[129] A pergunta, se o “tratamento da Questão Judaica” deveria ser um “assunto da polícia” ou se deveria ser realizado no “contexto político geral” — um indício claro de que Himmler, com sua conduta radical, extrapolara de tal forma as competências policiais que Rosenberg tinha todos os motivos para crer que seu papel na direção política do leste estava sendo ameaçado —, deveria ser solucionada com a ajuda de dupla subordinação: a pessoa responsável por “questões judaicas” junto ao HSSPF deveria ocupar a mesma posição na repartição do comissário do Reich.[130] No dia seguinte, 16 de novembro, os dois se reuniram com Hitler a fim de lhe dar satisfações quanto ao acordo que fora acertado nas principais questões em disputa. Na realidade, eles não conseguiram nada além de um compromisso formal que Himmler passaria a interpretar cada vez mais a seu favor durante os meses que se seguiram.[131]

Quando se leva em conta a quantidade realmente impressionante de viagens que Himmler realizou nessas semanas e meses, fica claro que ele, após ter sido preterido na política de ocupação do final de julho até final de setembro/início de outubro, fez tudo quanto estava ao seu alcance para ampliar as execuções em massa de judeus na União Soviética, transformando-as em um genocídio de larga escala, que as suas unidades assassinas já haviam iniciado sob pretextos “policiais de segurança”; a iniciativa crucial de passar a assassinar sistematicamente a população civil judaica em todos os territórios em que atuavam as suas unidades partira dele mesmo. “Eu decidi”, diria em 6 de outubro de 1943 aos SS-Gruppenführer, “encontrar uma solução bem clara também para esse caso. Achava que não tinha o direito de extirpar os homens — ou seja, executar ou mandar executar — e deixar que seus vingadores, na forma de seus filhos, crescessem para ameaçar nossos filhos e netos”.[132] E em 24 de maio de 1944, ele se manifestou ante os generais da Wehrmacht, em Sonthofen, usando

praticamente as mesmas palavras: “Não me senti no direito, e isso se refere, naturalmente, às mulheres e crianças judias, de deixar que nas crianças cresçam os vingadores que um dia matarão os nossos pais e os nossos netos. Isso eu acharia covarde. Por isso, a questão foi solucionada sem concessões.”[133] As palavras que Himmler escolheu para esses discursos sugerem que ele tomara a decisão de assassinar mulheres e crianças realmente por sua própria responsabilidade — acreditando piamente que essa prática estaria de pleno acordo com as intenções do alto-comando, que concordava com os desígnios de Hitler.

Seu plano de estender as suas competências de início meramente policiais na direção de uma missão “de política de *volkstum*”, nos territórios recentemente ocupados, por meio de uma sangrenta política de limpeza étnica, finalmente havia se concretizado. Esse método não era novo: no protetorado e na Polônia ocupada ele já se valera da força bruta da polícia de segurança para avançar com as suas ambições em termos de “política de colonização”. A estratégia de Himmler de interligar suas altamente variadas competências nas mais diversas áreas da política mais uma vez havia se mostrado funestamente eficaz.

## Do assassinato em massa para a Solução Final

Desde o outono de 1941, o regime nazista se dedicava a estender o assassinato em massa dos judeus a toda a Europa. Por detrás dos chamados planos territoriais para a "solução da Questão Judaica", já se ocultava a intenção de deportar os judeus da Europa para um local em que não existissem suficientes bases para a sua subsistência para então exterminá-los. Desde o início de 1941, a alta cúpula do regime estava decidida a concretizar esse intento nos territórios a serem ocupados na União Soviética, naqueles territórios, portanto, que os comandos de Himmler desde o verão de 1941 recobriam com uma onda de assassinatos em massa da população judaica local. Que os judeus deportados "para o leste" a partir do outono de 1941 acabassem caindo no aspirador dessa política assassina era inevitável, e essa perspectiva evidentemente levou a uma radicalização ainda maior das metas em relação à Solução Final: agora já não se pensava em deixar que os judeus arrancados de seus domicílios se extinguissem no curto ou médio prazo, mas em promover a sua definitiva "remoção" por meio de um assassinato em massa — e isso ainda durante a guerra.

A ideia amplamente divulgada de que esse processo foi consequência de uma única ordem de Hitler não corresponde à realidade. É verdade que na alta liderança do regime, bem como entre inúmeros funcionários de destaque nos territórios ocupados, realmente predominava o consenso de "solucionar" a Questão Judaica de um modo radical, mortífero, mas a concretização desse objetivo resultou de uma interação típica do regime entre ordens vindas de cima e iniciativas de baixo.

É possível identificar três elementos básicos no início do sistemático assassinato em massa: o planejamento e a concretização das deportações "para o leste"; a ampliação das ações de extermínio para além dos territórios soviéticos ocupados, para regiões específicas no leste e no sudeste da Europa; e, finalmente, o planejamento e a construção de campos de extermínio em massa na Polônia ocupada. Com base nesses elementos, nos primeiros meses de 1942, Himmler e Heydrich desenvolveriam gradualmente um programa que previa o aniquilamento da maioria dos judeus europeus ainda antes do fim do ano.[1]

Himmler desempenhava um papel crucial nesse processo: em constante sintonia com Hitler, expedia ordens em nome dele, fornecia estímulos, exigia iniciativas.

Em agosto de 1941, Hitler ainda deixara claro que os judeus só poderiam ser deportados para os territórios ocupados do leste após a vitória sobre a União Soviética. [2] Desde o início de setembro, no entanto, cogitava rever essa decisão. As sondagens correspondentes ele deixou por conta de Himmler; após um almoço com Hitler, em 2 de setembro, o Reichsführer-SS se reuniu com o HSSPF no Governo-Geral, Krüger, para debater o tema "Questão Judaica — deportação do Reich". Mas quando concluiu que o Governo-Geral não poderia ser cogitado, procurou o HSSPF no Warthegau, Wilhelm Koppe, em 4 de setembro; este, por sua vez, enviou-lhe uma carta em 10 de setembro em que se dispunha a "aceitar 60 mil judeus no gueto de Litzmannstadt".[3]

O tema também foi abordado por outra frente. O ministro do Leste, Rosenberg, em14 de setembro sugeriu a Hitler que este iniciasse imediatamente a deportação dos judeus da Europa central, há muito planejada, pois no dia anterior o governo soviético dera início à deportação dos alemães do Volga.[4] Dois dias depois, o embaixador alemão em Paris, Otto Abetz, apresentou a Himmler uma sugestão de seu assessor para questões judaicas que previa a deportação de todos os judeus da Europa para os territórios ocupados do leste. A reação de Himmler foi positiva: poderiam transportar os judeus presos nos campos para o leste, contanto que houvesse meios de transporte disponíveis.[5] Ainda no mesmo dia, discutiu os temas "Questão Judaica; assentamentos no leste" com Greifelt, o chefe da sua central do Estado-maior do RKF, e também com Konrad Meyer, seu chefe de Planejamento para a Colonização do Leste. Abetz, por sua vez, encontrou-se com Hitler nesse mesmo dia, 16 de setembro. O Führer nessa ocasião falou de um modo extremamente brutal sobre a conformação de seu futuro império oriental.[6]

Em 17 de setembro, Hitler discutiu a proposta de Rosenberg com Von Ribbentrop e em 18 de setembro este informou o governador da Wartheland, Arthur Greiser, sobre o enfático desejo de Hitler de que "o território do antigo Reich e o protetorado sejam evacuados e libertados dos judeus o quanto antes, do oeste para o leste. Por isso, estou empenhado em transportar, se possível ainda este ano, os judeus do antigo Reich e do protetorado, como primeira etapa para os novos territórios do leste anexados há dois anos ao Reich, para, em seguida, no início do ano, levá-los para mais longe no leste. Minha intenção é mandar 60 mil judeus do antigo Reich e do protetorado para o gueto de

Litzmann, para passarem o inverno, pois ouvi falar que lá ainda tem lugar".[7]

As razões para a decisão de Hitler desvincular a deportação dos judeus que viviam no domínio alemão do término da guerra eram complexas. O destino dos alemães do Volga só servia de pretexto. Em agosto de 1941, como já mencionamos, Hitler decidiu que dali em diante a guerra seria conduzida sob o lema "guerra contra os judeus". Tendo em vista a cada vez mais provável entrada dos Estados Unidos na guerra, ele acreditava que assim encontrara uma fórmula que explicava a prevista coalizão do comunismo e do capitalismo: a "conspiração judaica mundial" mantinha os inimigos unidos. Mas de seu ponto de vista, os judeus da Europa também deveriam ser considerados parte do campo inimigo, e sua deportação seria a consequência lógica. O homem de ligação do Ministério do Reich para o Leste no quartel-general de Hitler, Werner Koeppen,[8] registrou em 21 de setembro que Hitler considerava adotar "represálias contra os judeus em razão do tratamento dispensado aos alemães do Volga, em caso de uma eventual entrada dos Estados Unidos na guerra [...]. Que as deportações deveriam ser vistas como um gesto ameaçador em direção aos Estados Unidos, é sublinhado pelo fato de terem ocorrido abertamente e terem sido comentadas pelos correspondentes estrangeiros autorizados pela Alemanha[9] e observados atentamente pela imprensa internacional".[10] Já que Hitler estava ferrenhamente convencido de uma conspiração judaica mundial, confiava que a publicação das deportações pudesse influenciar a política externa americana a seu favor.

Por detrás das deportações havia ainda outra ideia, de natureza político-interna: por meio das deportações, visíveis a todos e devidamente valorizadas pela propaganda, os judeus seriam acusados e punidos como "maquinadores" da guerra das bombas,[11] enquanto as vítimas não judias das bombas e outros necessitados receberiam os utensílios dos deportados e seriam acomodados em "moradias de judeus".[12] Calculava-se que os muitos beneficiários das deportações, desse modo, se tornariam cúmplices da política judaica. No entanto, existem diversas indicações de que as deportações dos judeus do centro da Europa foram planejadas desde o início para ser a primeira etapa de um programa de deportação de judeus envolvendo toda a Europa.[13]

A base para isso era a reação das forças de ocupação diante da resistência que se formava nos seus domínios. A invasão alemã da União Soviética levou à mobilização de uma resistência contra a odiada força de ocupação em toda a

Europa tomada ocupada pela Alemanha. Especialmente a clandestinidade comunista superou gradativamente a paralisia que o pacto Hitler-Stalin de agosto de 1939 provocara. No verão, e mais intensamente no outono de 1941, ocorreram ações de sabotagem e atentados contra os alemães em diversos países europeus. Em razão disso, a força de ocupação intensificou as represálias.

O comandante militar na Sérvia, por exemplo, já em julho iniciara a execução em grande escala de prisioneiros a título de "vingança" contra os atos de resistência.[14] Na França, as execuções ocorreram pela primeira vez em 6 de setembro; depois, por ordem de Hitler, foram intensificadas em outubro; na Bélgica, nos dias 15 e 26 de setembro; e, na Noruega — após as greves em Oslo —, também em meados de setembro.[15]

Na Noruega, o comissário do Reich, Terboven, em 10 de setembro de 1940, declarou, adicionalmente, estado de exceção para a região de Oslo. No mesmo dia, perguntou a Himmler se não era possível estender a jurisdição da SS e da polícia a toda a população norueguesa, para impedir que "a justiça alemã, da forma como é representada no Ministério da Justiça do Reich, se espalhe por aqui". Himmler concordou por carta e cinco dias depois transferiu ao HSSPF Rediess as competências de agente da justiça sobre a população civil norueguesa. Em 17 de setembro, entrou em vigor o regulamento que Terboven solicitara.[16]

Nos Países Baixos, após o ataque alemão à União Soviética, o comandante da polícia de segurança,Wilhelm Harster, ordenou a prisão maciça de comunistas.[17] Em 16 de setembro, o OKW promulgou a ordem geral de que, para cada soldado alemão morto, deveriam ser executados entre cinquenta e cem comunistas a título de reparação "adequada".[18]

No protetorado Boêmia e Morávia, Heydrich, que desde o final de setembro era protetor adjunto do Reich em Praga, imediatamente após tomar posse declarou estado de exceção civil e instalou cortes marciais. Enquanto vigorou o estado de emergência, entre 27 de setembro e 29 de novembro de 1941, foram executados 404 homens e mulheres.[19]

Na Grécia, no final de agosto e em setembro, o movimento de resistência cometeu diversos atentados,[20] em consequência dos quais Himmler sugeriu a Hitler, durante uma conferência no início de novembro, que a Alemanha deveria reagir mediante a punição e a deportação da grande comunidade judaica de

Salônica.[21] Durante essa conferência, Himmler esclareceu o seguinte contexto: primeiro, falou genericamente sobre a "transferência de raças estrangeiras (judeus)", mencionou as cidades de Riga, Reval e Minsk como "pontos centrais" e finalmente chamou a atenção para Salônica, onde via "um perigo especial por causa do entrelaçamento de judeus e levantinos". A palestra mostra claramente que ele já naquela época concebia as deportações em dimensões que envolviam toda a Europa. Hitler se mostrou convencido pela explanação de Himmler, incumbindo-o de afastar o "elemento judeu" de Salônica. Na prática, as deportações dos judeus da cidade grega só ocorreriam em 1943.[22]

A ideia de dirigir as represálias especificamente contra os judeus não era só de Himmler. Desde o outono de 1941, as autoridades da ocupação militar na Sérvia e na França também concentravam suas represálias sobre as minorias judaicas, por iniciativa própria — na Sérvia, em outubro de 1941, a Wehrmacht passou a executar sistematicamente homens judeus, que haviam prendido especificamente para serem usados em "vinganças" contra atentados. No início de novembro, 8 mil judeus foram vitimados em execuções; seus familiares foram internados em campos durante o inverno e assassinados em câmaras de gás volantes na primavera seguinte.[23]

Na França, as autoridades militares já haviam detido milhares de judeus, desde o início de 1941, sobretudo estrangeiros. Em dezembro de 1941, eles já não respondiam aos atentados mediante a execução de reféns; em vez disso, a cada atentado escolhiam um número de comunistas e de judeus que deveria ser deportado "para o leste". De início, as ameaças não puderam ser concretizadas em virtude da precariedade dos meios de transporte. O primeiro transporte de mil reféns para Auschwitz só deixou a França em março de 1942.[24]

Do ponto de vista da classe dirigente nazista, as medidas de intensificação e ampliação da repressão contra os judeus eram apenas lógicas: uma vez que partiam de uma identidade de comunismo e judaísmo abrangente, acreditavam que eram basicamente as minorias judaicas também fora do leste da Europa que apoiavam o movimento de resistência. O fato de a direção nazista no final do verão de 1941 se mostrar tão decidida a iniciar a deportação dos judeus europeus pode, por isso, ser atribuída também ao fantasma de um movimento judeu-comunista que abrangia toda a Europa.

A implementação das deportações enfrentou grandes dificuldades no início. O chefe do Departamento de Armamentos da Wehrmacht, Georg Thomas,[25] e também o presidente da Administração Regional, Friedrich Uebelhoer, entre outros, levantaram forte objeção contra o previsto internamento de 60 mil pessoas no gueto de Lodz — com o que este último chamaria sobre si a ira de Himmler.[26] Segundo Uebelhoer, o gueto de Lodz não era um "gueto de extermínio", em que ainda poderiam ser enfiadas mais pessoas, mas um "gueto de trabalho".[27] Por fim, funcionários a serviço do governador do Reich negociaram com Eichmann a redução do número original de 60 mil para 25 mil judeus e ciganos. Greiser, pelo jeito, fizera uma proposta a Himmler: em "contrapartida" seriam assassinados não menos do que 100 mil judeus locais.[28] No início de outubro o RSHA determinou que os guetos de Riga e Minsk, juntos, receberiam 50 mil pessoas.[29]

Durante o almoço de 6 de outubro, Hitler declarou aos comensais que todos os judeus do protetorado deveriam ser "afastados"; juntamente com estes deveriam "desaparecer" os judeus de Viena e Berlim.[30] Quatro dias depois, em 10 de outubro, em Praga, Heydrich anunciou a deportação dos primeiros 5 mil judeus da cidade.[31] Eles poderiam ser "incluídos nos campos para prisioneiros comunistas [...]" nos territórios ocupados do leste.[32] Segundo Heydrich declarou na ocasião, Hitler esperava "que, de preferência, até o final do ano, todos os judeus tenham sido removidos do território alemão".

Também a direção do Governo-Geral desde a primavera de 1941 contava que os "seus" judeus fossem expulsos ainda naquele ano para os territórios soviéticos a serem conquistados. Em meados de outubro de 1941, no entanto, Rosenberg deixou claro para Hans Frank, o governador-geral, que não havia condições para isso no momento. Em consequência, na direção do Governo-Geral começou-se a cogitar mais intensamente se a Questão Judaica não deveria ser "resolvida" no próprio território.[33] Ainda no mesmo mês, Frank convocou uma série de conferências que foram realizadas nas principais cidades do distrito, nas quais a Questão Judaica foi abordada em tons extremamente radicais. A saída do gueto, decidiu-se ali, seria punida com a pena de morte. Com isso, abria-se a temporada de caça humana contra todos os judeus fora dos guetos.[34]

Em 4 de agosto de 1941, com a Galícia, foi acrescentado mais um distrito ao Governo-Geral. Nas semanas anteriores à incorporação, o Einsatzkommando

z.b.V. havia coberto a região com uma onda de terror dirigida principalmente contra homens judeus, sobretudo os de posição mais elevada. Concretizada a anexação, esse comando, que nesse ínterim fora alçado a Departamento do Comandante da Polícia de Segurança do distrito da Galícia, continuou espalhando o terror na mesma medida.[35] Desde o início de outubro, a polícia de segurança incluiu também a população judaica, indiscriminadamente, em sua política assassina, assim como os Einsatzkommandos o fizeram na mesma época nos territórios soviéticos ocupados. Massacres aterradores agora ocorriam semana após semana.[36] Portanto, o assassinato em massa dos judeus já atingira o Governo-Geral na época da negativa de Rosenberg a Frank.

Na mesma época, também foram acertados os preparativos concretos para o assassinato sistemático dos judeus no distrito de Lublin, fronteiriço à Galícia, ou seja, no território que em 1939 fora previsto para ser uma "reserva de judeus" (e que em 1942 serviria de fato como região de concentração de judeus deportados do Reich). Um papel crucial nesse empreendimento cabia ao chefe da SS e da polícia local, Odilo Globocnik, a quem três meses antes Himmler confiara importantes tarefas na futura reorganização do leste. Em 13 de outubro, Globocnik encontrou-se com o Reichsführer,[37] a fim de debaterem uma sugestão que fora feita duas semanas antes, a de limitar a "influência dos judeus", "atuando com firmeza com meios da política de segurança".[38] Pode-se ter como certo que Globocnik tenha sugerido a construção de um campo de extermínio inicial, e que Himmler lhe tenha dado permissão para isso.[39]

Esse encontro marca uma virada: duas ou três semanas mais tarde, no início de novembro — então a Questão Judaica fora discutida diversas vezes na cúpula do governo —, foram iniciadas as obras da construção do primeiro campo de extermínio, Belzec.[40] O fato de que sua capacidade mortífera era limitada de início e de que antes da primavera de 1942 não foram construídos outros campos de extermínio no Governo-Geral, no entanto, indicam que Globocnik, no outono de 1941, ainda não havia recebido a ordem de preparar o assassinato de todos os judeus do Governo-Geral. Sua ordem valia para o distrito de Lublin, possivelmente também já para o distrito da Galícia.[41]

Uma semana após a conversa com Globocnik, em 20 de outubro de 1941, Himmler e Von Ribbentrop se encontram com uma delegação eslovaca do alto escalão, no quartel-general do Führer, constituída pelo presidente Jozef Tiso,

pelo primeiro-ministro e ministro do Exterior Vojtech Tuka, além do ministro do Interior Alexander Mach. Nessa ocasião, Himmler propôs à alta cúpula do governo eslovaco ali reunida deportar os judeus "deles" para uma área especialmente delimitada no Governo-Geral, proposta recebida positivamente por todos.[42] Há indícios de que a construção de um segundo campo de extermínio no distrito de Lublin — Sobibor — tenha ocorrido em consequência desse encontro.[43]

A ordem de Himmler de que se encontrasse um método de assassinato que afligisse menos os seus homens do que as execuções provavelmente foi expedida após a visita a Minsk em meados de agosto, ou pouco depois.[44] Alguns dias depois de Himmler ter presenciado ali um fuzilamento em massa, Von dem Bach-Zelewski tentou trazer — aparentemente sem sucesso — o chefe do Sonderkommando da SS, Herbert Lange, que já matava pacientes em furgões de gás havia algum tempo, para uma "apresentação" em Minsk.[45] O comandante da Einsatzgruppe B, Arthur Nebe, que provavelmente estava presente durante a visita de Himmler, também conduzia experimentos. Depois das experiências em que se matavam doentes mentais por meio de explosivos,[46] ele testou o assassinato de pacientes de instituições de Mogilev e também de Nowinki, perto de Minsk (que Himmler visitara em 15 de agosto), em salas hermeticamente fechadas por meio de gás de escape de automóveis, de fora para dentro.[47] Finalmente, decidiu-se pela utilização de furgões a gás. Ainda antes do final do ano, todas as quatro Einsatzgruppen utilizavam esse método.[48]

Desde novembro de 1941, os furgões a gás passaram a ser empregados no Warthegau, aonde, de meados de outubro a 9 de novembro,[49] chegaram ao todo 25 transportes com 25 mil pessoas destinadas ao gueto de Lodz: 20 mil judeus do território do Reich e 5 mil ciganos do Burgenland. Os furgões a gás foram utilizados para matar os judeus locais, como havia sido acordado, "em troca" de deportações. Há provas do emprego de veículos com câmaras de gás em 8 de dezembro, em Chelmno, onde entrementes se instalara uma estação para abrigá-los.[50] Com isso, o primeiro campo de extermínio havia iniciado a sua terrível atividade. Em Chelmno, a partir de 1942, foram assassinados sobretudo os habitantes do gueto de Lodz.[51]

Paralelamente ao desenvolvimento dos furgões a gás, no outono de 1941, foram instaladas câmaras de gás fixas no leste da Europa ocupado. A construção

de uma dessas câmaras de gás foi anunciada ao comissário do Reich, Hinrich Lohse, por Erhard Wetzel, encarregado de questões raciais junto ao Ministério do Leste, em 25 de outubro; o chefe de serviço da Chancelaria do Führer, Brack, o organizador da “eutanásia”, em breve viria a Riga para tomar as providências necessárias.[52] Mas a visita não se concretizou. Em Riga, os assassinatos eram cometidos em câmaras de gás sobre veículos.[53]

No entanto, Brack conseguiu concretizar seus planos no Governo-Geral, onde, conforme já mencionamos, no início de novembro teve início a construção do campo de extermínio Belzec e, possivelmente no final de 1941, iniciaram-se os preparativos para a construção do segundo campo de extermínio.[54] Em 14 de dezembro, ele se encontrou com Himmler e provavelmente nessa ocasião concordou em enviar seus especialistas para o Governo-Geral a fim de ajudarem na construção e na operação dos campos. Até o verão de 1942, Brack transferiria um total de 92 especialistas em morticínio.[55]

Também no campo de concentração de Auschwitz, que fora ampliado consideravelmente desde o início da guerra contra a União Soviética, escolheu-se o método do gás para cometer os assassinatos: experimentou-se o uso do gás venenoso Zyklon B, utilizado na desinfecção do campo.[56] Presumivelmente no início de setembro, seiscentos prisioneiros de guerra soviéticos e 250 presos doentes foram os primeiros a ser mortos por meio do gás Zyklon B em um porão do bloco 11. Um pouco mais tarde, em meados de setembro de 1941, novecentos prisioneiros de guerra soviéticos foram assassinados do mesmo modo, na câmara mortuária do crematório.[57] Presume-se que até ao final do ano ainda outros pequenos grupos de prisioneiros — possivelmente trabalhadores forçados judeus e enfraquecidos da Alta Silésia — tenham morrido em Auschwitz, em decorrência dos experimentos com Zyklon B.[58]

O fato de a SS ter ordenado a construção de um grande crematório em Mogilev (aproximadamente 150km a leste de Minsk), em novembro de 1941, deixa presumir que ali, originalmente, também se planejava construir um grande campo de extermínio. No entanto, nos primeiros meses de 1942, a SS decidiu ampliar a capacidade de extermínio na Polônia, de forma que os fornos inicialmente previstos para Mogilev foram levados para Auschwitz naquele ano.[59]

De todo esse movimento resulta o seguinte quadro: enquanto em Auschwitz

se faziam experiências com o Zyklon B, no outono de 1941 a SS determinou que perto dos guetos de destino das primeiras ondas de deportação do Reich — em Riga, na área de Lodz (Chelmno), em Belzec, presumivelmente também em Mogilev, portanto na área de Minsk — fossem erguidas instalações para o assassinato de pessoas por meio de gás. Nas regiões de importância central para os planejados remanejamentos de pessoas tendo em vista a "reorganização" racial, dever-se-ia ao menos eliminar a população judia local que era "incapaz para o trabalho". Paralelamente, ainda se tinha a intenção de deportar o restante dos judeus para os territórios soviéticos ocupados — um plano de Solução Final que igualmente previa a destruição física dos judeus da Europa.

Em 8 de novembro, foram iniciadas as deportações para Minsk. Um dia antes, em 7 de novembro, a Polícia de Segurança Alemã, com a ajuda de tropas de apoio locais, assassinara aproximadamente 12 mil moradores do gueto de Minsk. Antes que as deportações fossem canceladas, no final de novembro, em razão da péssima situação do serviço de transporte, oito comboios carregando cerca de 8 mil pessoas chegaram a Minsk. Com a chegada do inverno, Himmler foi obrigado a desistir do plano original de deportar os judeus da Europa central "para o leste" antes do fim do ano;[60] assim, os planejamentos se estenderam até a primavera seguinte.[61]

Quando começaram as deportações para Riga, em 19 de novembro, a construção do campo de concentração previsto para os judeus alemães ainda nem fora iniciada.[62] De sorte que os primeiros cinco comboios com aproximadamente 5 mil pessoas destinados a Riga foram desviados para Kaunas, onde todos os deportados foram imediatamente fuzilados por integrantes do Einsatzkommando, no Forte IX da fortificação histórica.[63] No gueto de Riga, nesse meio-tempo, foram perpetrados outros assassinatos: o HSSPF local expediu a ordem de fuzilamento de 4 mil judeus da Letônia e, em 8 e 9 de dezembro, possivelmente de outros 20 mil moradores do gueto.[64] Em sua prisão soviética, Jeckeln declarou que a incumbência de liquidar o gueto lhe fora atribuída diretamente por Himmler.[65]

Durante o primeiro massacre, foram executados, além disso, mil judeus vindos de Berlim, imediatamente após a chegada, ainda na manhã de 30 de novembro. Após esse assassinato em massa, no entanto, Himmler suspendeu a execução de judeus do território do Reich durante os meses seguintes; ele

também tentara evitar o fuzilamento dos judeus de Berlim. Na agenda de trabalho de Himmler consta, em 30 de novembro de 1941, uma ligação telefônica com Heydrich: "Transporte de judeus de Berlim. Não haverá liquidação."[66] Mas já era tarde demais; o massacre já tivera lugar.[67] Por essa razão, em 1º de dezembro, Himmler ameaçou Jeckeln por radiograma: ele puniria "decisões independentes e transgressões" em relação às "diretrizes determinadas por mim ou pelo Departamento Central de Segurança do Reich em meu nome", quanto ao "tratamento" a ser dispensado aos "judeus removidos para a região de Ostland". Ao mesmo tempo, convocou Jeckeln a se apresentar a ele em 4 de dezembro, quando discutiram a Questão Judaica.[68] A escolha das palavras mostra que Jeckeln não havia desobedecido a uma ordem de Himmler, mas que não entendera bem as "diretrizes" (que não conhecemos) traçadas por sua política: os judeus deportados do Reich no outono de 1941 não deveriam — ao contrário dos que viviam nos territórios de destino — (ainda) ser assassinados maciçamente.

Não é de admirar que Jeckeln "não tivesse entendido bem" as instruções de Himmler. Afinal, no outono de 1941 era cada vez maior o número de nazistas importantes que falavam abertamente sobre o iminente "extermínio" ou "aniquilação" dos judeus. Em 25 de outubro, à mesa, Hitler lembrou mais uma vez aos seus comensais a sua "profecia" do dia 30 de janeiro de 1939, acrescentando, entre outras coisas, que "é bom que o terror de que erradicaremos o judaísmo nos preceda".[69] Em editorial na revista semanal *Das Reich* de 16 de novembro de 1941, Goebbels também se referiu à profecia de Hitler de 30 de janeiro de 1939 e comentou: "Estamos vivendo a consumação dessa profecia e com isso se cumpre um destino para o judaísmo, que, apesar de ser duro, é mais do que merecido." O "judaísmo mundial", continua Goebbels, padece "agora um processo gradual de extermínio". Dois dias depois, em uma conferência de imprensa, Rosenberg falou sobre o iminente "extermínio biológico de todo o judaísmo na Europa".[70] Certamente não foi por acaso que essa declaração fora precedida de uma reunião de várias horas com Himmler, em 15 de novembro, em que se debatera, entre outros temas, a política em relação aos judeus.[71] Quanto à "solução da Questão Judaica", aparentemente na alta cúpula imperava o intento de ir além dos assassinatos até então limitados a territórios específicos,

sujeitando-a a uma Solução Final mais radical, ainda que não houvesse clareza acerca de “como”, “onde” e “quando” seria aquietado o clamor cada vez mais alto por “aniquilamento”. A atmosfera nos altos círculos diretivos só pode ser descrita como homicida.

Isso era coerente com a situação nos territórios ocupados. Não é coincidência que os mais diversos funcionários da “periferia” tomassem ou sugerissem iniciativas de extermínio em massa quase ao mesmo tempo. As deportações levavam a guetos já superlotados, a campos que ainda não existiam (Riga, Mogilev) ou a regiões cruciais que, na verdade, haviam sido previstas para o assentamento de alemães étnicos. “Situações impossíveis” eram, assim, criadas de modo bem sistemático.

Durante esses meses, Himmler agia do mesmo modo que agira em julho/agosto quando decidiu que mulheres e crianças seriam incluídas nos assassinatos em massa: a iniciativa de intensificar a política judaica — nesse caso, para o início das deportações — partiu novamente de Hitler, mas, tal como outros altos funcionários, Himmler pressentia uma decisão dessa natureza, sondava e negociava antecipadamente, e assumiu um papel ativo assim que chegou a hora certa. Parece que o primeiro impulso para o uso de gás como meio mortífero foi dado por ele; ocupava-se dos especialistas que já tinham experiência em “eutanásia”, fornecia estímulos, aceitava sugestões — como a da instalação de um campo de extermínio em Belzec, vinda de Globocnik —, concedia o devido espaço aos iniciadores para que continuassem a desenvolver ideias, mas também intervinha quando os subordinados iam longe demais. Por conseguinte, algo típico para a ativação do maquinário da morte era, de um lado, uma relação tensa entre ordens formuladas em termos gerais a serem apreendidas intuitivamente e, de outro, iniciativas próprias dos responsáveis locais, sendo que o comando, ou seja, sobretudo Himmler, podia intervir conforme fosse necessário a fim de acelerar ou refrear o processo.

Na noite de 7 de dezembro de 1941, Himmler se encontrava no quartel-general de Hitler para jantar. Em seguida, debateram-se os acontecimentos políticos mundiais mais recentes, como consta no diário de Himmler: “Japão declara guerra aos Estados Unidos e à Inglaterra”. Por meio do ataque dos japoneses a Pearl Harbor, que ocorrera imediatamente antes da declaração de guerra, a Segunda Guerra Mundial se tornara de fato uma “guerra mundial”.

Como aliado do Japão, Hitler estava decidido a declarar guerra aos Estados Unidos, o que, de seu ponto de vista, era um empreendimento relativamente desprovido de risco, já que as Forças Armadas norte-americanas estariam amarradas no Pacífico por anos, enquanto ele teria tempo suficiente para concluir vitoriosamente a guerra na Europa e poderia atacar os navios de transporte americanos que para lá se dirigissem, sem qualquer impedimento. Em 11 de dezembro, numa assembleia extraordinária do Reichstag, Hitler anunciou oficialmente a entrada da Alemanha na guerra, ao lado do Japão, o que foi festejado entusiasticamente pelos membros do Parlamento, composto exclusivamente por nazistas, entre os quais também se encontrava o deputado Himmler.[72]

No dia seguinte, Himmler participou de uma reunião de *Gauleiter* e Reichsleiter que aconteceu nas dependências privadas de Hitler na Chancelaria do Reich. Hitler falou sobre a situação crítica na frente oriental e também sobre o estado das coisas em virtude da entrada na guerra contra os Estados Unidos. Goebbels registrou que, nesse contexto, ele voltou a se referir à sua "profecia" de 30 de janeiro de 1939: "Em relação à Questão Judaica, o Führer está decidido a limpar a área. Ele havia prevenido os judeus de que, se eles mais uma vez provocassem uma guerra mundial, isso representaria seu próprio extermínio. Isso não foi força de expressão. A guerra mundial está aí, o extermínio do judaísmo deve ser consequência necessária. Essa questão deve ser encarada sem qualquer sentimentalismo." Não haveria lugar para a compaixão; os "iniciadores desse conflito sanguinário [...] pagarão com a vida" pelos prejuízos de guerra alemães.[73]

Por mais radicais que fossem as declarações, no tom não se diferenciavam dos anúncios de destruição em massa que Hitler, Rosenberg e Goebbels haviam emitido nos meses anteriores. Não marcavam nem uma mudança na política nem uma "decisão fundamental" em relação à Questão Judaica;[74] tratava-se unicamente de mais uma ênfase para que se estendesse ainda mais e se acelerasse o assassinato em massa de judeus iniciado meses antes. Quando Himmler se reuniu com Hitler em 18 de dezembro para um debate mais abrangente, em seu bloco de anotações constavam inúmeros tópicos que, basicamente, tratavam de organização, armamento, atuação e ocupação de cargos na SS Armada, assim como perguntas acerca da Polícia de ordem. No topo da

lista, no entanto, figurava a Questão Judaica e, ao lado desse tópico, obviamente como resultado da conversa com Hitler, as palavras “aniquilar como guerrilheiros”. Realmente os judeus foram assassinados em massa no contexto do combate aos guerrilheiros, ou, melhor dizendo, sob esse pretexto, desde o verão; parece que Himmler só queria que essa prática (ou seja, a regulamentação da terminologia) fosse confirmada de novo pela autoridade mais alta do regime.[75]

O assassinato dos judeus europeus

Himmler passou o Natal de 1941 na Frente Oriental. Em 23 de dezembro, partira de Rastenburg para Poltava na Ucrânia, onde se encontrou com o comandante em chefe do grupo do Exército Sul, Walter Von Reichenau; voou no dia seguinte para Mariupol, onde visitou o coronel-general Ewald Von Kleist, comandante do 1º Exército Panzer. Dali seguiu para Taganrog, no Mar de Azov, para passar a véspera do Natal com os feridos da Leibstandarte. No dia seguinte, foi ao posto de comando dessa divisão em Nikolaev para uma reunião com o comandante Sepp Dietrich; em 26 de dezembro, inspecionou a divisão Wiking em suas posições no front e se encontrou com o comandante da divisão, Steiner. No dia seguinte, voltou de avião para Poltava, onde, um dia depois, participou de uma reunião de análise do andamento da guerra do grupo de Exército Sul.

Seis dias após seu retorno ao quartel-general, partiu novamente para uma viagem ao front, em 3 de janeiro de 1942, dessa vez para visitar o setor norte da Frente Oriental, onde se encontravam posicionadas as duas outras divisões da Waffen-SS, a divisão Totenkopf e a divisão da polícia. Em 6 de janeiro já estava de volta, e durante os dias seguintes ocupou-se principalmente de diversas questões que haviam surgido nas viagens ao front: promoções, construção de hospitais para a Waffen-SS no leste, combate mais eficaz dos piolhos e roupas quentes para os policiais posicionados no leste. Até lhe sobrou tempo para assistir ao filme *Wunschkonzert*.31 Nos dias 14 e 15 de janeiro, presidiu uma conferência dos chefes dos departamentos centrais da SS, quando se debateu uma revisão das competências. Em 17 de janeiro, Himmler participou de uma caçada organizada pelo *Gauleiter* Koch em Leissienen, na Prússia oriental, e nos dias 18 e 20 almoçou com Hitler.[1]

Em 21 de janeiro, em meio à rotina diária, Himmler recebeu um telefonema de Heydrich que, conforme anotou, tratava entre outras da “Questão Judaica. Conferência em Berlim”. O chefe do Gabinete Central de Segurança do Reich atualizou Himmler em relação aos assuntos tratados na conferência, que tivera lugar no dia anterior na casa de hóspedes da SS, junto ao lago Wannsee. Referindo-se à incumbência que lhe fora atribuída por Göring de “tomar todas as providências necessárias [...] para definir uma solução geral da Questão Judaica na Europa”, Heydrich convocara todos os departamentos centrais — SS e Polícia, Chancelaria do Reich e do partido, Ministério do Leste, chefes do

Governo-Geral, Ministério da Justiça, do Interior e do Exterior, os encarregados do plano quadrienal de Göring — para um “pronunciamento conjunto”, “no interesse de um entendimento comum”. Inicialmente prevista para o dia 9 de dezembro de 1941, a conferência fora adiada em virtude da entrada dos Estados Unidos na guerra, o que deixaria alguns participantes impossibilitados de comparecer.[2]

Para os participantes da conferência, a principal questão era se “mestiços” e pessoas que viviam “casamentos mestiços” deveriam ser incluídos na Solução Final. A discussão sobre esse tópico tomou a maior parte da conferência, sem que se chegasse a uma conclusão.[3] Antes de abrir o assunto ao debate, Heydrich apresentou um resumo do estágio da perseguição aos judeus na Europa. Não conhecemos as palavras que Heydrich usou; somente a ata lavrada (e revisada, após instruções adicionais de Müller) por Eichmann por solicitação de Heydrich, que subsequentemente foi enviada a todos os participantes.[4]

Segundo a ata, a passagem central do discurso de Heydrich dizia: “Agora, em vez da emigração, surgiu uma nova possibilidade de solução, a evacuação dos judeus para o leste, mas para isso será preciso, antes, obter a devida autorização do Führer.” Essas “ações” (ou seja, as já iniciadas deportações), embora fossem só “recursos de evasão”, serviriam para que fosse “colhida a experiência prática” que “é de grande importância no que diz respeito à iminente Solução Final da Questão Judaica”. Considerava-se um número de 11 milhões de judeus para a “Solução Final”; uma estatística anexada à ata detalhava os números por país, incluindo nisso tanto os judeus dos países neutros quanto aqueles que viviam na Grã-Bretanha. No geral, fica claro que a ambicionada Solução Final só poderia ser posta em prática após o término de uma guerra vitoriosa.

“Sob chefia adequada e durante a aplicação da Solução Final”, continuou Heydrich, “os judeus devem ser usados no trabalho. Em grandes colunas, separadas por sexo, os judeus aptos a trabalhar irão para essas regiões à medida que constroem as estradas; certamente serão registradas grandes baixas em decorrência de causas naturais”. A parte que “eventualmente sobrar” deveria ser “devidamente tratada”, já que “sem dúvida, é a parte mais resistente”, para evitar que seja a “célula embrionária de uma nova edificação judaica”. Heydrich não definiu qual viria a ser o destino dos judeus “não aptos a trabalhar”, ou seja, especialmente as crianças e as mães, mas no contexto fica claro que essas

pessoas deveriam ser mortas caso se quisesse evitar a formação da "célula embrionária de uma nova edificação judaica".

De início, os judeus deveriam ser levados para "guetos de passagem" e, "de lá, transportados mais para leste". Conforme Heydrich, os judeus com mais de 65 anos deveriam ficar alojados em "guetos de idosos", para eliminar "as muitas intervenções"[5] — e provavelmente também para conferir mais credibilidade ao alegado "envio como força de trabalho" para o leste.

Nessa época, portanto, o Gabinete Central de Segurança do Reich ainda partia da mesma premissa do início de 1941, de que a Questão Judaica nos territórios do leste só seria "resolvida" definitivamente depois do final da guerra, por meio de uma combinação de trabalhos forçados e assassinatos em massa.[6] Na conferência de Wannsee, no entanto, também se falou sobre a possibilidade de matar já naquele momento os judeus do Governo-Geral e dos territórios soviéticos ocupados — independentemente do plano geral traçado. Já em meados de dezembro de 1941, o governador-geral Frank, de volta da conferência dos *Reichsleiter* e *Gauleiter* de 12 de dezembro, explicara aos subordinados na Cracóvia que a ordem que havia recebido em relação à regularização da Questão Judaica fora meramente um breve conselho: "Liquidem-nos vocês mesmos!"[7] Enquanto Frank ainda se perguntava como poderia viabilizar isso,[8] seu secretário de Estado, Josef Bühler, sugeriu que se deveria começar a aplicar "a Solução Final dessa questão no Governo-Geral", "porque aqui o problema do transporte não tem importância desmesurada e também porque não haveria razões em termos de aproveitamento da mão de obra que pudessem prejudicar o andamento dessa ação"; que os judeus de lá de todo modo eram em sua grande maioria "inaptos para trabalhar". "E para concluir", continua a ata, "as diversas possíveis soluções foram discutidas, sendo que tanto o *Gauleiter* dr. Meyer [que representava o Ministério do Leste; P.L.] quanto o secretário de Estado dr. Bühler defendiam o ponto de vista de que certas providências preparatórias durante a Solução Final já deveriam ser tomadas no respectivo local, contanto que se tomasse o cuidado de não alarmar a população".[9] Essas "providências preparatórias" só podem ter significado uma coisa: a instalação de campos de extermínio segundo o modelo já em construção, de Belzec.

Dessa maneira, Bühler apresentara uma alternativa que tornava o programa de deportações que Heydrich acabara de apresentar supérfluo em sua maior parte.

Himmler e o RSHA se valeriam dessa sugestão e a desenvolveriam nos meses seguintes. Com isso, o centro de gravidade da Solução Final abrangendo toda a Europa se deslocava dos territórios ocupados do leste para o território polonês ocupado.

## Extermínio pelo trabalho

O fato de o assassinato em massa, que já estava em andamento, transformar-se em um conceito de extermínio que abrangia todos os judeus da Europa, na primavera e no começo do verão de 1942, estava estreitamente ligado ao desenvolvimento do "aproveitamento no trabalho"dentro do império da SS. Só a ideia do "extermínio pelo trabalho" levou à diferenciação sistemática entre "aptos para trabalhar" e "inaptos para trabalhar" e, com isso, à construção daquele gigantesco aparato de campos de trabalhos forçados e de extermínio, por meio dos quais os judeus europeus deveriam ser extintos.

No verão de 1941, Himmler já havia concebido um plano sobre como seria possível explorar a mão de obra representada pelos prisioneiros dos campos de concentração — sobretudo para os enormes projetos de construção da SS no leste europeu.[10] No entanto, quando em setembro de 1941 a Wehrmacht lhe assegurou a transferência de um grande número de prisioneiros de guerra soviéticos, ele deixou essas ideias de lado e mandou, em vez disso, ampliar os campos de concentração de Auschwitz-Birkenau e Lublin-Majdanek, para serem utilizados como campos de trabalho forçado para prisioneiros de guerra.[11] Mas seus planos não deram em nada: a maioria dos soldados soviéticos já estava tão debilitada que morreu ainda no outono e no inverno de 1941 nos campos de prisioneiros da Wehrmacht, em virtude das condições locais catastróficas. Até o final de 1941, Himmler só havia recebido 30 mil presos da Wehrmacht, e, depois disso, não recebeu mais nenhum.[12]

Contudo, a demanda da SS por mão de obra só crescia. Há tempos a SS já tentava fechar acordos com empresas de armamento para que usassem como mão de obra os presos dos campos de concentração.[13] Em janeiro de 1941, a empresa I.G. Farben, como já mencionamos, decidira construir uma filial nas imediações de Auschwitz, para a produção industrial de buna, uma borracha sintética. É evidente que essa decisão foi fortemente influenciada pela possibilidade de aproveitar o trabalho dos presos de Auschwitz. Na ordem que

expediu em 26 de fevereiro de 1941, determinando a “emigração” da população judaica de Auschwitz, Himmler havia autorizado o aproveitamento da mão de obra equivalente. As obras tiveram início em abril — em torno de 25 mil presos morreram nesse empreendimento. E, diga-se de passagem, aquela fábrica jamais produziu em escala considerável.[14]



*Himmler visitou Auschwitz-Monowitz em julho de 1942 e parece que na ocasião ele se encontrou com representantes da I.G. Farben. Entre os presos que trabalharam na fábrica de borracha estava o combatente judeu da resistência, Primo Levi, que mais tarde registrou a vivência no livro* É isto um homem?

Em dezembro de 1941, a SS também se valeu de milhares de presos para um empreendimento sugerido por Ferdinand Porsche, o diretor da fábrica Volkswagen. Porsche convenceu Himmler a montar uma fundição de metais leves na fábrica da VW mediante o emprego de mão de obra prisioneira. Em contrapartida, a VW forneceria modernos carros anfíbios para a Waffen-SS. Hitler, que fora incluído nas negociações, expediu uma ordem em 11 de janeiro de 1942 em que transferia a Himmler a “implantação, ampliação e operação” da fundição, especificamente usando para isso os prisioneiros do campo de concentração. Com a palavra “operação”, a SS associava a expectativa de finalmente poder se ocupar ela mesma da produção de armamentos em vez de se limitar a ficar emprestando a mão de obra dos prisioneiros.[15]

No entanto, a SS necessitava de muito mais trabalhadores forçados para o assim chamado programa *Friedensbau* (programa de construção para tempos de paz), que incluía principalmente extensos planejamentos para a reorganização dos territórios ocupados do leste). O primeiro programa de construção, desenvolvido por Hans Kammler, chefe do Departamento Central da SS

responsável por projetos de construção, que envolvia um orçamento de 13 milhões de Reichsmark, fora enviado por Pohl a Himmler em dezembro de 1941.[16] Quando Himmler percebeu, no início de 1942, que definitivamente já não podia mais contar com prisioneiros de guerra soviéticos, retomou as ideias do verão anterior, de aproveitar os presos dos campos de concentração como trabalhadores forçados em seus projetos de construção. Mas, para isso, era preciso antes de mais nada preencher os campos. Em 26 de janeiro de 1942, transmitiu o seguinte recado a Glücks, inspetor dos campos de concentração: "Como não podemos esperar prisioneiros de guerra soviéticos no curto prazo, passarei a enviar judeus e judias, que estão sendo deportados em grande número da Alemanha, para os campos de concentração. Prepare-se para receber 100 mil judeus e até 50 mil judias nas próximas quatro semanas. Nas próximas semanas, os campos de concentração deverão dar conta de importantes tarefas de ordem econômica."[17] Realmente, durante as semanas seguintes, 10 mil judeus do território do Reich seriam deportados para o distrito de Lublin, sendo que aqueles considerados "aptos" eram obrigados a trabalhar em Majdanek e em outros campos de trabalhos forçados. Em Auschwitz, usava-se a mão de obra forçada de judeus eslovacos.[18]

Mas Himmler não se limitava a levar novos presos para os campos; também era diligente em explorar de forma mais eficaz os que já estavam lá. Em 19 de janeiro, um dia antes da conferência de Wannsee, ele decretou a fusão dos departamentos centrais de Orçamento Doméstico e Construção, bem como de Economia e Administração, chefiados por Pohl, com o Departamento de Administração no SS-Führungshauptamt, também dirigido por Pohl, dando origem ao Departamento Central de Economia e Administração da SS (WVHA, na sigla em alemão). Além disso, em março de 1942, incorporou a inspeção dos campos de concentração ao novo departamento central, o que de um lado acentuava sua importância econômica, mas de outro pretendia refrear possíveis ambições de Fritz Sauckel. Em virtude da iminente nomeação deste a procurador-geral para questões envolvendo o aproveitamento de mão de obra prisioneira, existia a preocupação de que surgissem conflitos quanto a quem os presos dos campos de concentração estariam subordinados.[19]

Enquanto isso, Kammler corrigia seu projeto para o programa *Friedensbau*. Himmler não se mostrara satisfeito com a primeira versão e foi enfático em pedir

que ele planejasse de uma forma mais generosa. A partir de então, Kammler passou a se basear na fantasiosa cifra de 20 a 30 bilhões de Reichsmark — entre outras coisas, para a instalação de vastas colônias no *Ostraum* — usando 175 mil trabalhadores forçados para isso: "detentos, prisioneiros de guerra, judeus etc."[20] No final de março de 1942, Himmler se manifestou a respeito dos planos de Kammler. Criticou diversos aspectos, entre eles a premissa de que a capacidade de trabalho de um prisioneiro corresponderia a meros 50% da capacidade de um trabalhador alemão regular. Seria justamente no aumento do desempenho individual dos presos, segundo Himmler esclareceu a Pohl, que "se encontra a maior reserva em termos de força de trabalho. As possibilidades de extraí-la foram concedidas ao chefe do Departamento Central de Economia e Administração mediante a transferência da inspeção dos campos de concentração a ele".[21] A mensagem era clara: com a ajuda de terror e de preferência sem grandes dispêndios, era possível pressionar os presos e arrancar deles o máximo de eficiência. Os presos que em virtude disso morressem dentro de pouco tempo deveriam ser substituídos por novos trabalhadores escravos.[22]

O chefe do WVHA, Pohl, apressou-se em demonstrar a Himmler que entendera o recado. No relatório de 30 de abril, ressaltou que a "manutenção de prisioneiros somente por motivos de segurança, medidas corretivas ou outras razões preventivas por si só já não é prioridade", mas que o "maior peso" era atribuído "ao lado econômico".[23] Em uma ordem expedida no mesmo dia, Pohl responsabilizou os comandantes dos campos de concentração "pelo aproveitamento da mão de obra. Este deve ser literalmente exaustivo para que apresente o máximo em desempenho".[24]

Assim, ao longo dos preparativos para a Solução Final, Himmler ajustou o seu aparato para que assassinato em massa e produção em massa estivessem relacionados com "extermínio pelo trabalho". Esse movimento não só permitia a ampliação do sistema de campos de concentração e a comprovação da sua capacidade de adaptação às necessidades da guerra; o que Himmler esperava com isso, antes de mais nada, era se contrapor à acusação que ganhava cada vez mais força à medida que se agravava a situação de guerra: que a SS eliminava, de modo despropositado, uma força de trabalho urgentemente necessitada. O novo conceito colocava a eliminação de pessoas "não aptas ao trabalho" como realidade "factual".

Essa máxima já valia nos territórios soviéticos ocupados desde o final do verão de 1941. As Einsatzgruppen só deixavam vivos os judeus que ainda estivessem “aptos para trabalhar”; esses então acabavam morrendo nos campos, de fraqueza, em consequência dos trabalhos forçados e das trágicas condições de vida que lá imperavam. Nos campos de trabalho forçado dirigidos por Albrecht, o superintendente da Polícia de Breslau, a partir novembro de 1941, eram realizadas seleções entre os milhares de trabalhadores forçados judeus, a princípio esporadicamente, mas, logo depois, de modo sistemático. Aqueles que já não tinham condições de trabalhar eram transferidos para Auschwitz, onde eram assassinados.[25]

No Governo-Geral, no outono de 1941, a SS iniciara um enorme projeto de trabalhos forçados no distrito da Galícia, no qual se empregavam, além de prisioneiros de guerra ucranianos e soviéticos, grande quantidade de judeus, e que pode ser visto como projeto-piloto da nova política: a ampliação da conexão rodoviária de Lemberg (Lviv) em direção à região do rio Donez, a chamada estrada de passagem IV.[26] Nos campos instalados para alojar os trabalhadores forçados, as condições de vida eram desastrosas e o regime que imperava, brutal; trabalhadores que já não eram capazes, sobretudo judeus, eram removidos com frequência e assassinados. O cenário de longas colunas de trabalhadores judeus “construindo estradas”, que Heydrich havia planejado na conferência de Wannsee, aqui havia muito tempo já era realidade.

## As decisões da primavera de 1942

Na conferência de Wannsee de 20 de janeiro de 1942, além do plano de deportar os judeus europeus para os territórios soviéticos ocupados para então matá-los por meio de trabalhos forçados e “tratamento especial”, fora aventada outra variante de massacre: matar os judeus que viviam no Governo-Geral lá mesmo e com os meios disponíveis no local, ou seja, as câmaras de gás, como as que já tinham sido instaladas em Belzec e Auschwitz.

Na primavera de 1942, no entanto, Himmler preferiu dar continuidade aos massacres preparados e parcialmente já executados contra os judeus do distrito de Lublin e da Galícia, com a ajuda de Globocnik. Em março de 1942, o campo de extermínio Belzec, cuja construção fora iniciada em outubro do ano anterior, ficou pronto; ele deveria se tornar o protótipo dos campos de extermínio no

Governo-Geral. Em 13 de março, Himmler viajou para a Cracóvia, onde conversou com o HSSPF Krüger, seguindo para Lublin um dia depois para se reunir com Globocnik, a figura central da política judaica no Governo-Geral.[27]

Imediatamente após a sua visita, entre os dias 16 de março e 20 de abril, o gueto da principal cidade do distrito, Lublin, foi quase totalmente esvaziado.[28] Nessa "ação" sangrenta, executada em duas fases, inúmeras pessoas foram fuziladas dentro do próprio gueto; alguns milhares foram mantidos em Lublin a título de mão de obra, e cerca de 30 mil pessoas foram transferidas a Belzec, onde foram executadas. Em 24 de março tiveram início as deportações das regiões rurais do distrito de Lublin, de onde Globocnik e seu pessoal até meados de abril arrancaram em torno de 14 mil judeus, enviando-os a Belzec; depois o campo de extermínio foi fechado provisoriamente por conta das obras de expansão.[29]

Existem inúmeros documentos que comprovam que nessa época Globocnik tinha ordens de Himmler de assassinar todos os judeus que não estavam "aptos a trabalhar" em todo o distrito. Em 27 de março, Goebbels escreveu em seu diário, a respeito dos judeus do distrito de Lublin, que "60% devem ser liquidados e só 40% ainda devem ser usados no trabalho".[30] No distrito vizinho, Galícia, entre meados de março e início de abril de 1942, os homens de Globocnik retiraram em torno de 15 mil moradores do gueto de Lemberg considerados "não aptos a trabalhar" e os transferiram a Belzec. Milhares de pessoas dos guetos menores do distrito foram obrigadas a tomar o mesmo caminho, outros tantos foram executados por lá mesmo.[31] De acordo com isso, o encargo de Globocnik não se restringia a Lublin.

Paralelamente à evacuação do gueto de Lublin, iniciou-se a deportação de judeus do território do Reich e da Eslováquia para o distrito de Lublin, que desde o outono de 1939 estava previsto para ser uma "reserva de judeus". Até o início de março de 1942, Eichmann havia elaborado um programa segundo o qual 55 mil judeus deveriam ser deportados do território do Reich, número este que provavelmente foi atingido em junho. Ao mesmo tempo, ele havia anunciado que, conforme fora acordado na conferência de Wannsee, até o outono, a maioria dos judeus que ainda permaneciam no Reich, gente mais velha, seria enviada a Theresienstadt.[32]

Na maioria das vezes, os trens de deportação previstos para o distrito de

Lublin paravam em sua capital, Lublin,[33] onde os homens considerados “aptos ao trabalho” eram separados e transferidos ao campo de Majdanek. As demais pessoas eram enviadas para os guetos recém-evacuados, onde a maior parte morria nas semanas ou nos meses seguintes em decorrência das condições miseráveis do local.

Em fevereiro de 1942, Himmler voltou a atenção à proposta que fizera em outubro do ano anterior à cúpula do governo eslovaco.[34] Em nome do Ministério do Exterior, propôs que disponibilizasse 20 mil pessoas a título de mão de obra para “o leste”, e o lado eslovaco concordou. Entre 26 de março e 7 de abril daquele ano, quatro comboios trazendo cerca de 4.500 homens jovens chegaram a Majdanek, e outros quatro comboios com mulheres jovens chegaram a Auschwitz. Todas essas pessoas foram aproveitadas nos trabalhos forçados.[35]

Além dos comboios oriundos da Eslováquia, em 30 de março chegou a Auschwitz o primeiro comboio levando reféns judeus da França, deportados “para o leste” em “represália” contra os atentados da Resistência francesa. Ainda durante os preparativos para esse transporte, Heydrich anunciou que nos meses seguintes seriam enviados mais 5 mil reféns judeus da França para Auschwitz.

Auschwitz também recebia comboios de judeus oriundos dos campos de trabalhos forçados da “Organização Schmelt” da Alta Silésia. As pessoas ali vistas como “inaptas ao trabalho” eram assassinadas em Auschwitz. Com essa finalidade, a chefia do campo — depois dos primeiros experimentos realizados com Zyklon B com prisioneiros não judeus no campo principal de Auschwitz — construiu câmaras de gás em duas casas de fazenda localizadas à margem do campo de Auschwitz-Birkenau, na primavera e no verão de 1942; a verdadeira ampliação para se transformar num campo de extermínio com quatro outras câmaras de gás e crematórios ainda nem havia começado. Em 20 de março de 1942, a primeira dessas casas adaptadas, conhecida como Casa Vermelha ou Bunker I, foi usada para matar judeus “inaptos ao trabalho” dos campos de Schmelt. Nas semanas e nos meses que se seguiram, foram mortos por gaseamento sobretudo judeus da Alta Silésia.[36]

Nesse meio-tempo, Himmler usara mais uma vez a intermediação do Ministério do Exterior, obtendo, no final de março, o consentimento do governo da Eslováquia para transferir todos os judeus eslovacos (outras 70 mil pessoas) para o lado alemão.[37] Em 10 de abril, Himmler visitou Bratislava a fim de

debater o programa de deportações.[38] Já no dia seguinte, um comboio transportando famílias judias inteiras deixou a Eslováquia. Até 20 de junho, chegaram sete comboios a Auschwitz, onde os deportados eram usados para realizar trabalhos forçados; na mesma época, seguiram outros 34 comboios para o distrito de Lublin.[39] Aqui, os judeus eslovacos — assim como ocorria com as pessoas que também eram deportadas da Alemanha para essa região — foram confinados em guetos, cujos ocupantes judeus nativos haviam sido carregados pouco antes para os campos de extermínio de Belzec e Sobibor.[40]

Portanto, em abril de 1942, havia três grandes programas de deportação em andamento: os judeus de Lublin e da Galícia eram transferidos para Belzec, os do Reich e da Eslováquia para o distrito de Lublin e para Auschwitz, e as deportações da França estavam sendo iniciadas. Nesse momento, Himmler e Heydrich voltaram à ação: em abril, fizeram os preparativos decisivos para transformar os massacres em massa de judeus "inaptos a trabalhar", que até então se haviam limitado a regiões específicas, em um programa sistemático de assassinato que deveria abranger todos os judeus europeus. Na agenda de trabalho de Himmler dessa época figura uma série de reuniões que chamam a atenção — entre o final de abril e início de maio, em apenas oito dias, Himmler se encontrou sete vezes com Heydrich, em três locais diferentes (Berlim, Munique, Praga). Essa troca intensa e incomum foi emoldurada por duas longas reuniões de Himmler com Hitler, ocorridas em 23 de abril e 3 de maio de 1942, no quartel-general do Führer.[41] Ainda que não conheçamos os tópicos dessas reuniões, a cronologia dos acontecimentos que se seguiram, abordada a seguir, indica que durante esses dias Hitler, Himmler e Heydrich estabeleceram os principais parâmetros de um programa de extermínio que abrangia toda a Europa e que deveria ser concretizado a partir de maio/junho de 1942.

Mas por que naquele momento? Parece que a condição decisiva para o agravamento da política de morte foi o fato de Himmler, na primavera de 1942, conseguir assumir o controle da política judaica no Governo-Geral e, com isso, também fazer com que Globocnik, além de desempenhar a função de SSPF do distrito de Lublin, chefiasse a execução dos massacres em todo o Governo-Geral, ou seja, em uma região em que viviam aproximadamente 1,7 milhão de judeus. Em nenhum outro território sob domínio alemão viviam tantos judeus.

Já no início de março, o governador-geral Frank fora obrigado a transferir

importantes competências da polícia a Himmler. A oportunidade se ofereceu pelo sério envolvimento de Frank em um escandaloso caso de corrupção. Ao se posicionar sobre isso no questionamento “pessoal e camarada” feito por Himmler, Bormann e Lammers, em 5 de março, ele não fora muito convincente. Himmler mais tarde criticou sua “forma muito teatral”. Colocado de modo irremediável contra a parede, Frank fora forçado a fazer importantes concessões políticas: o HSSPF Krüger se tornou secretário de Estado em relação a “todas as questões relativas à polícia e à consolidação do *Volkstum*” e, nessa qualidade, estava atrelado às ordens de Himmler. Globocnik também seria nomeado governador do distrito de Lublin. Embora a nomeação jamais tenha sido oficializada, aparentemente a confirmação de Frank bastou para valorizar a posição de Globocnik frente à administração civil.[42]

Os acordos de início de março que diziam respeito a Krüger entraram em vigor em maio e junho. Em 7 de maio, Krüger foi nomeado secretário de Estado para questões de segurança; além disso, representava Himmler no Governo-Geral na função deste de comissário do Reich. A Himmler, por sua vez, foi conferido o poder de lhe atribuir ordens diretamente, tanto em questões de segurança quanto de germanismo.[43] Por decreto regulamentar do dia 3 de junho, que regulava sua nova função de secretário de Estado, Krüger finalmente obteve jurisdição explícita sobre todas as “questões judaicas”.[44] Em paralelo, em maio ou junho, iniciou-se a construção de Treblinka, o maior campo de extermínio no Governo-Geral.[45]



*Em companhia do HSSPF Krüger, Himmler passou em revista uma unidade da polícia em Cracóvia, em 13 de março. No dia seguinte, viajou para Lublin para se encontrar com Globocnik, que, dois dias depois, daria início à primeira "ação gueto".*

Tendo em vista essa evolução iminente, em final de abril/início de maio Himmler e Heydrich resolveram incluir uma grande parte da Polônia ocupada no massacre em massa de judeus — com base no papel central que Hitler desempenhava na política judaica, e na intensa comunicação ocorrida durante essas semanas, temos boas razões para acreditar na plena concordância de Hitler. A partir do dia 5 de maio, os municípios do distrito de Lublin foram sistematicamente "evacuados" de judeus, independentemente do número de judeus que chegavam de outros países. Até o dia 10 de junho, mais de 55 mil pessoas foram arrastadas aos campos de Sobibor, o segundo campo de extermínio do Governo-Geral, que ficara pronto no meio-tempo.[46] Em meados de maio, a alta Silésia caiu no turbilhão do programa de matança: até agosto de 1942, 20 mil pessoas de Sosnowitz, Bendzin e outros locais foram deportadas para Auschwitz e lá foram assassinadas; em torno de 18 mil pessoas foram enviadas aos campos de trabalhos forçados da organização Schmelt.[47] No final de maio de 1942, iniciaram-se as deportações dos distritos de Cracóvia para Belzec.[48]

Essa dramática evolução da Polônia ocupada não podia ficar sem consequências para a política judaica como um todo. Enquanto a política

assassina era recrudescida no Governo-Geral, também as deportações de judeus do Reich e da Eslováquia foram impulsionadas para além das metas que haviam sido estabelecidas em março; ademais, as pessoas já não eram trancafiadas em guetos, mas, em geral, executadas assim que os comboios chegavam aos seus locais de destino no leste. Himmler, portanto, revira seu decreto do final de novembro de 1941 em relação ao assassinato de judeus do Reich.

Individualmente falando, em maio e junho de 1942 ocorreram as seguintes mudanças importantes: em maio, uma quarta onda de deportações do território do Reich foi colocada em andamento. Até setembro de 1942 cerca de 16 mil pessoas foram levadas para Minsk,[49] onde não foram socadas nos guetos, como ocorrera no inverno, mas desentocadas dos trens numa parada perto da propriedade Maly Trostinez. Ali, a partir do dia 11 de maio de 1942, quase todas as pessoas que chegavam nos diversos comboios eram fuziladas ou assassinadas em câmaras de gás móveis.[50] A grande maioria dos judeus deportados no outono de 1941 do território do Reich para Lodz e que sobreviveram às condições catastróficas do gueto — mais de 10 mil pessoas — entre os dias 4 e 13 de maio foi transferida para Chelmno e exterminada.[51] A partir de meados de junho, os últimos comboios da terceira onda de deportações do Reich eram, em geral, encaminhados ao campo de extermínio de Sobibor e, em sua grande maioria, mortos por gaseamento.[52] Do mesmo modo, em meados de maio, em Sobibor, foram assassinadas pela primeira vez pessoas que haviam sido deportadas de Theresienstadt para o Governo-Geral.[53] A partir de junho de 1942, o mesmo aconteceu com pessoas que se encontravam nos trens de deportação vindos do território do Reich; quanto a isso, existem dados seguros relativos ao meio do mês.[54] Adicionalmente, do início até meados de junho, os passageiros de dez comboios da Eslováquia que na seleção haviam sido avaliados como “inaptos para trabalhar”, portanto, sobretudo mulheres e crianças, não foram enfiados em algum gueto, mas transferidos diretamente para o campo de extermínio de Sobibor, onde foram assassinados.[55]

Além disso, na primavera de 1942, Himmler tomou medidas drásticas para reduzir também o número de judeus usados nos trabalhos forçados, pessoas que, em virtude disso, de início, ainda estavam de certa forma protegidas. Depreende-se o teor de um decreto equivalente, expedido na primavera de 1942, de uma carta que o chefe da Gestapo, Müller, enviou ao comandante da polícia de

segurança em Riga, Karl Jäger, em 18 de maio. A carta diz que, com base em uma "ordem geral do Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã, os judeus e judias aptos a trabalhar, com idade entre 16 e 32 anos, deverão, até segunda ordem, ser excluídos das medidas especiais. Esses judeus deverão ser transferidos para locais de trabalhos fechados. Campos de concentração ou campos de trabalho forçado".[56] A carta deixa claro: as "medidas especiais", ou seja, o assassinato dos presos, passam a ser regra; o "emprego no trabalho" cujo resultado no final era igualmente letal, exceção.[57]

Na mesma época, crescia a pressão sobre os judeus que ainda trabalhavam no Reich — o Gabinete Central de Segurança do Reich interpretava o regulamento de exceção que dizia respeito aos judeus que desempenhavam "trabalhos essenciais à guerra, em locais fechados" de modo cada vez mais restritivo no que tangia a deportações,[58] e, em 28 de maio, Hitler confirmou a Goebbels que incumbiria Speer de "substituir o mais rapidamente possível os judeus ocupados em atividades relativas à guerra por trabalhadores estrangeiros".[59] A ordem só não foi cumprida no verão por falta de capacidade de transporte, mas no outono Hitler cobrou energicamente o cumprimento dessa ordem.

Paralelamente a esses acontecimentos, em maio de 1942, as Einsatzgruppen retomaram em grande escala os massacres em massa contra judeus soviéticos, iniciados no verão do ano anterior. Isso valia principalmente para a Bielorrússia, onde Heydrich em sua visita a Minsk em abril aparentemente o estimulou diretamente,[60] como também para o comissariado do Reich na Ucrânia.[61]

Mas enquanto a nova escalação da violência contra os judeus ainda se desdobrava após as mudanças ocorridas nos últimos dias de abril e primeiros dias de maio, ocorreu um incidente que em poucas semanas imprimiu uma radicalização adicional a todo o processo de extermínio, fazendo com que Himmler decidisse assassinar a maior parte dos judeus da Europa ainda 1942: o atentado contra Heydrich, o mais importante colaborador de Himmler na organização do Holocausto.

## O atentado contra Heydrich

Em Praga, em 27 de maio de 1942, dois agentes tchecos treinados pelo Serviço Secreto Britânico, lançados de paraquedas e infiltrados no protetorado, cometeram um atentado contra Heydrich, o protetor adjunto do Reich, que o

deixou seriamente ferido, mas sem colocar em perigo sua vida, acreditava-se de início.[62]

Ainda no mesmo dia do atentado, Hitler determinou que qualquer pessoa que cooperasse com os criminosos deveria “ser sumariamente executada, juntamente com toda a família”; além disso, 10 mil suspeitos ou tchecos com problemas políticos deveriam ser presos ou, se já o estivessem, “executados nos campos de concentração”.[63] Na mesma noite, Himmler exerceu pressão para que “toda a inteligência da oposição” fosse presa e para que fossem executados “os cem mais importantes” oposicionistas.[64] Em Praga, foi declarado estado de exceção — que, poucas horas depois, se estendeu a todo o protetorado.

Daluege, que chegara a Praga na tarde do dia 27 de maio, à noite recebeu verbalmente a incumbência de assumir os negócios do protetor do Reich, até então conduzidos por Heydrich, para Von Neurath. Na manhã seguinte, poderosas unidades da Polícia de Ordem chegaram ao protetorado e realizaram batidas durante vários dias. Em 28 de maio, Hitler revogou a ordem de executar 10 mil tchecos depois que o HSSPF no protetorado, Karl Hermann Frank, lhe apresentara um pedido nesse sentido.[65]

O gravemente ferido Heydrich parecia estar se recuperando até que, após alguns dias, instalou-se uma infecção generalizada que lhe causou a morte em 4 de junho. Em 31 de maio, Himmler se despedira do moribundo. Imediatamente após a morte dele, em 4 de junho, voltou a Praga, para rever o morto uma última vez e se encontrar com a viúva. Em 7 de junho, participou do funeral.[66]

Em 9 de junho, na presença de Frank, Himmler, Bormann e outros, Hitler recebeu o governo tcheco do protetorado, que se eximiu da responsabilidade pelo ocorrido. Hitler aceitou a explicação e proferiu um discurso que culminou na ameaça de “deportar alguns milhões de tchecos [...] da Boêmia e da Morávia, ainda durante a guerra, se for preciso”[67] — um intento tão pouco viável quanto o fuzilamento em massa de tchecos, que já fora descartado. Em vez disso, optou-se por concentrar as represálias alemãs a um local específico para então atuar com brutalidade extremada.[68]

Imediatamente após o encontro com Hitler, Frank determinou ao comandante da polícia de segurança de Praga o fuzilamento de “todos os homens adultos [...]” do lugarejo de Lídice e que “todas as mulheres [fossem] transferidas para um campo de concentração”. As crianças deveriam ser “recolhidas e, se fossem

germanizáveis, dadas para famílias da SS no Reich"; o vilarejo deveria ser "totalmente queimado e reduzido a pó". O fato de Frank, ao dar essa ordem, se referir expressamente "a uma conversa com o Führer" indica que a ideia desse ato de vingança surgiu no círculo dos altos funcionários do regime, que naquela época se encontraram com Hitler. O motivo de terem escolhido justamente o lugarejo de Lídice, nas imediações de Kladno, não é claro, pois não foi possível estabelecer nenhuma ligação específica com os terroristas. Mesmo assim, 199 homens foram executados, como Frank determinara, as mulheres foram deportadas para o campo de concentração de Ravensbrück e a maioria das 98 crianças, depois da seleção de algumas "racialmente valiosas", foi assassinada no campo de extermínio de Chelmno.[69]

Outra "medida de vingança" voltava-se especificamente contra os judeus de Praga: em 10 de junho, mil judeus foram deportados para Majdanek e encarcerados, tanto ali quanto em campos nas imediações.[70] Apesar de tudo isso, durante esses dias, na alta cúpula NS deve ter amadurecido a ideia de buscar vingança adicional, e em escala maior, pela morte de Heydrich "nos judeus". Não é possível reconstruir de modo preciso o processo decisório, mas as numerosas reuniões ocorridas entre Hitler e Himmler no final de maio e início de junho levam a crer que também a decisão desse recrudescimento da política judaica foi tomada em estrito acordo entre Hitler e Himmler.[71]

O fato de o chefe do aparato de segurança e governador com poderes ilimitados no protetorado ter sido vítima de um atentado foi um severo choque para a a liderança do regime nazista. Dominava um espírito de vingança. Em 9 de junho, Heydrich recebeu um pomposo enterro de Estado em Berlim. A verdadeira cerimônia fúnebre foi realizada na Chancelaria do Reich, na presença de Hitler e de toda a elite política do Terceiro Reich; Himmler proferiu o discurso fúnebre. Em completa harmonia com as medidas tomadas no protetorado, o Reichsführer enfatizou o tema da vingança: "Nossa é a obrigação sagrada de vingar a sua morte, assumir a sua missão e mais do que nunca dizimar os inimigos do nosso povo, sem fraquejar ou mostrar misericórdia."[72]

Com a morte de Heydrich, Himmler perdera seu homem mais importante, o homem que erguera seu aparato policial de segurança nos anos 1930, que montara as Einsatzgruppen após o início da guerra, que nos meses pregressos fora o principal responsável pela organização dos massacres na União Soviética

e que dera início às deportações em diversos países da Europa. Himmler sempre teve segurança em relação à lealdade de Heydrich, mesmo quando Hitler incumbiu Heydrich dos preparativos da Solução Final, estabelecendo com isso uma segunda linha de ordens, paralela à jurisdição geral de Himmler, para o combate de todos os "inimigos do Reich". Parece que essa relação de ordens concorrentes jamais deu origem a uma rivalidade séria entre Heydrich e Himmler. Pelo contrário: por meio do assassinato de seu parceiro, Himmler se viu atingido principalmente em seu próprio poder.

Heydrich foi enterrado no Cemitério dos Inválidos. À noite, Himmler proferiu mais um discurso, dessa vez diante dos dirigentes das Oberabschnitte e chefes de departamento da SS. Além da advertência de que não se devia ser negligente em relação à própria segurança — "Afinal, o que queremos é matar nossos inimigos, não ser mortos por eles" —, Himmler discorreu sobre as futuras atribuições da SS: a continuação da "fusão" com a polícia, a "captação e fusão dos povos germânicos conosco", bem como a "colonização e as migrações populacionais na Europa". "A migração populacional judaica", afirmou ele, "certamente teremos concluído dentro de um ano; então não haverá mais migração. Porque agora é hora de fazer uma limpeza geral".[73]

Na tortuosa visão de mundo de Himmler e da alta cúpula nazista, o atentado a Heydrich deveria ser vingado mediante uma radicalização ainda maior da perseguição aos judeus; travava-se uma "guerra contra os judeus" e todos se sentiam desafiados ao máximo em virtude do atentado, sobretudo por *esse* inimigo. A chefia da SS — Himmler assumiu pessoalmente a direção do RSHA — logo tomou providências para intensificar ainda mais os assassinatos em massa, que já vinham aumentando desde maio. Nisso, os chefes de planejamento do RSHA e do Estado-maior de Globocnick foram beneficiados pelo fato de que entre 19 de junho e 7 de julho foi decretado um bloqueio nos transportes em razão da ofensiva de verão. Nesse ínterim, puderam revisar os planos de deportação já traçados. A missão de Globocnik foi estendida — sob o codinome Operação Reinhardt —, passando a incluir o assassinato de todos os judeus do Governo-Geral.[74]

## Após o atentado: Himmler dá início ao programa de extermínio em toda a Europa

Após a morte de Heydrich, as deportações do Reich continuaram com a mesma intensidade. Quando foi decretado o bloqueio dos transportes no leste, os judeus que até então haviam sido excluídos do planejamento dos "carregamentos do leste" entraram na mira dos planejadores: pessoas frágeis e de mais idade, veteranos da guerra condecorados e seus familiares, assim como outros grupos "privilegiados". Entre junho e outubro de 1942, aproximadamente 45 mil pessoas foram levadas para Theresienstadt, que a partir de então passou a ser considerado um "gueto para idosos".[75]

Em vista do bloqueio dos transportes, Himmler teve a ideia de deportar mais judeus da Europa Ocidental para Auschwitz, "alegando demanda de mão de obra". Com base em suas ordens, os assessores para questões judaicas atuando nos diferentes países, em 11 de junho de 1942 acordaram o transporte de "15 mil judeus dos Países Baixos, 10 mil da Bélgica e 100 mil da França". Além disso, levaram em conta a orientação de Himmler de que "também 'podem ser enviados' 10% de judeus não aptos a trabalhar [...];"[76] de acordo com a ordem de Himmler de maio, significava que essas pessoas seriam tratadas segundo as "medidas especiais", ou seja, assassinadas em câmaras de gás imediatamente após a chegada a Auschwitz.

No entanto, quando em 23 de junho se constatou que justamente a quantidade planejada para a França não podia ser alcançada por motivos organizacionais, Himmler ficou contrariado: o ritmo previsto até então (três comboios semanais com mil pessoas cada) deveria "ser aumentado consideravelmente dentro do menor prazo possível [...] com o objetivo de liberar a França o quanto antes de absolutamente todos os judeus"[77] — uma ordem que deve ser vista como parte do recrudescimento da política de extermínio contra os judeus em toda a Europa, ocorrida em maio e junho. O fato de Carl-Albrecht Oberg, até então chefe da polícia e da SS no distrito de Radom, ter assumido o cargo de HSSPF na França em 1º de junho deve ter convencido Himmler de que as condições organizacionais para uma deportação total estavam dadas.[78] De fato, após a ordem de Himmler, o ritmo das deportações na França foi consideravelmente aumentado: se em maio e junho, ainda antes de sua intervenção, só haviam ocorrido cinco transportes, entre julho e novembro de 1942, um total de 33 transportes, com mais ou menos mil pessoas cada um, deixou a França em direção a Auschwitz.[79] E, pela primeira vez em 21 de julho de 1941,

imediatamente após a chegada, os judeus da França “não aptos a trabalhar”, cuja deportação Himmler solicitara explicitamente, foram separados dos demais deportados e mortos nas câmaras de gás.[80]

No entanto, a primeira “seleção” já ocorrera em Auschwitz algumas semanas antes: desde o início de julho, os transportes vindos da Eslováquia não seguiam mais para o distrito de Lublin, e sim a Auschwitz, onde, pela primeira vez em 4 de julho, os judeus “não aptos para trabalhar” foram assassinados imediatamente após a chegada. Sabe-se que até o dia 21 de outubro os deportados de oito transportes da Eslováquia foram assassinados dessa maneira.[81]

Após a revogação do bloqueio dos transportes os comboios vindos do Reich eram endereçados sobretudo a Minsk; nos meses seguintes também a Riga, Treblinka e Auschwitz. A maioria dos deportados era morta imediatamente após a chegada dos trens.[82]

As deportações da Polônia ocupada também foram reiniciadas em grande escala após o cancelamento do bloqueio dos transportes, em julho. A perspectiva de deixar o Governo-Geral “livre de judeus” num futuro próximo correspondia à política de germanização encaminhada em paralelo: já em 12 de junho, Himmler determinara que as medidas para a germanização de grandes áreas territoriais do leste, entre elas o Governo-Geral, fossem apressadas, isto é, que fossem concluídas no prazo de vinte anos. No início de julho, o HSSPF Krüger sugeriu que o Governo-Geral fosse liberado para a colonização por alemães.[83]

Na segunda semana de julho, foram reiniciadas as deportações do distrito de Cracóvia para Belzec, depois que se tinha aproveitado o bloqueio dos transportes para ampliar consideravelmente a capacidade das câmaras de gás.[84] Em 9 de julho, Himmler discutiu com Krüger e Globocnik as sugestões (não preservadas) deles de 3 de junho, que, sabe-se, diziam respeito sobretudo à política judaica no distrito de Lublin.[85]

Nos dias 11, 12 e 14 de julho Himmler se encontrou várias vezes com Hitler. Em seguida, exerceu pressão para que se aumentasse a capacidade de transporte. Por ordem de Himmler, Wolff conversou ao telefone com o secretário de Estado no Ministério dos Transportes do Reich, que lhe assegurou que desde 22 de julho “um trem com 5 mil judeus parte diariamente de Varsóvia para Treblinka; além disso, duas vezes por semana, um trem de Przemysl (distrito de Lublin) para Belzec”.[86] Enquanto só podemos presumir que Himmler tenha discutido os

pormenores do assassinato em massa de judeus poloneses com Hitler, podemos ter a certeza de que, no que tange aos territórios soviéticos ocupados, Himmler recebeu ordens explícitas de Hitler de tomar as medidas para torná-los “livres de judeus”.[87]

Em 17 e 18 de julho, Himmler visitou Auschwitz e, nessa ocasião, pediu para ver uma demonstração do assassinato de pessoas na câmara de gás.[88] Em 17 de julho, em um encontro social organizado pelo *Gauleiter* da Alta Silésia, Himmler bebeu, contrariamente ao seu hábito, algumas taças de vinho e se mostrou relaxado e satisfeito. Sua postura e suas declarações levaram um dos presentes a crer que a direção nazista decidira finalmente exterminar os judeus europeus — uma informação que foi transmitida à Suíça e de lá telegrafada ao ocidente por Gerhart Riegner, representante do Congresso Judaico Mundial em Genebra.[89]

Em 18 de julho, de Auschwitz, Himmler seguiu viagem para Lublin, a fim de se encontrar com Globocnik; no dia seguinte, deu ordem a Krüger para tomar as providências necessárias para que “a transferência de toda a população judaica do Governo-Geral tenha sido concluída até 31 de dezembro de 1942”. Após essa data, não seria mais admissível haver judeus no Governo-Geral, exceto nos quatro grandes campos de recolhimento.[90] Três dias depois, teve início a gradativa dissolução do gueto de Varsóvia. A maioria dos ocupantes foi deportada para o campo de extermínio de Treblinka, que ficara pronto havia pouco tempo, a apenas 50 quilômetros,[91] e assassinada; até 12 de setembro de 1942, foram mais de 250 mil pessoas — em média, 5 mil pessoas por dia.

Na mesma época, o aparato de Himmler assumiu todo o complexo envolvendo trabalhos forçados de judeus, ou seja, o segmento que até então constituíra a única barreira eficaz contra o assassinato de toda a população judaica. Nas mãos da SS, o trabalho forçado — no sentido do “extermínio pelo trabalho” — se tornou parte do programa de assassinatos no Governo-Geral.[92]

Em maio e junho de 1942, ainda se tinha a impressão de que a mão de obra judaica continuaria a ser usada em grande escala no Governo-Geral e, portanto, que a política de morte continuaria a ser dirigida basicamente contra a população judaica “inapta ao trabalho”. No entanto, mal o HSSPF Krüger assumira a responsabilidade por todas as “questões judaicas” no início de junho, e o curso foi radicalmente alterado: decisiva para isso foi sua ordem de julho, de que

somente judeus entre 16 e 35 anos de idade ainda poderiam ser postos a trabalhar. Essa restrição, que remete à ordem de Himmler de maio de 1942 (ali se falara de pessoas entre 16 e 32 anos de idade), representava a sentença de morte para todas as pessoas que estavam fora dessa faixa etária.[93] Em 14 de agosto, Krüger foi um passo além e determinou a dissolução de todos os campos de trabalhos forçados. E, finalmente, Keitel, em 5 de setembro, ordenou que todos os trabalhadores judeus do setor da Wehrmacht dentro do Governo-Geral fossem substituídos por poloneses.[94] Dessa maneira, todos os judeus do Governo-Geral estavam à mercê da estratégia imposta por Himmler desde 1942 de formar um abrangente conceito de extermínio mediante o cruzamento de trabalhos forçados e assassinato em massa.

Como vimos, neste capítulo, a política antissemita de Himmler alcançou o apogeu no verão de 1942 com a inclusão de uma série de países europeus na política do assassinato em massa sistemático. Na segunda metade do ano, ele exerceria pressão para que os índices de mortandade nos países já incluídos no Holocausto fossem elevados e, além disso, para que o programa de deportação fosse estendido a outros países.

No entanto, os próximos capítulos mostrarão que, para Himmler, o acionamento do Holocausto em escala europeia era somente o primeiro passo em direção a um conceito muito mais abrangente de uma nova ordem. Pois a análise de suas atividades incessantes durante esses meses demonstra que a resolução definitiva de assassinar todos os judeus europeus se encontrava no início de uma série de medidas básicas que Himmler tomaria nos meses seguintes e que pretendiam garantir um papel central para a SS na edificação de um império de espaço vital nazista, e para si mesmo, uma posição única na história.

Para esse fim, o Reichsführer se pôs a unir em um só programa político campos temáticos totalmente diferentes à primeira vista, que tinham como meta o domínio racista e a instituição de uma nova ordem na Europa. Por isso, nos próximos dois capítulos, resolvi me aprofundar mais em duas áreas nas quais Himmler igualmente tomou decisões importantes no verão de 1942: a política de colonização e o recrutamento de pessoas de nacionalidade não alemã para a Waffen-SS. Para explicar o significado dessas manobras do verão de 1942, é preciso não só avançar, como também retroceder na cronologia dos fatos. Só

depois disso, deveremos nos ocupar da segunda metade desse ano.

Os acontecimentos de 1942 mostram de um modo extraordinário que Himmler era um homem que sabia como unir visões de mundo altamente fantasiosas com instinto real de poder. Nesse sentido, ele se valia de modo consequente das atribuições como Reichsführer-SS. O que aqui se torna visível até certo ponto em 1942 é uma utopia praticamente insuperável em termos de brutalidade, completa falta de escrúpulos para alcançar o poderio político e total inumanidade — uma utopia que carrega a marca registrada de Himmler e que ele acreditava poder transformar em realidade em curtíssimo prazo.

31 Filme romântico de propaganda nazista de 1940. (N. das T.)

## Política de colonização e seleção racial

Exatamente no momento em que se esforçava para incluir toda a Europa no Holocausto, em maio e junho de 1942, Himmler deu passos importantes em direção à unificação dos diversos projetos de colonização da SS e à sua extensão a todas as regiões do futuro Reich. Por meio do assassinato sistemático dos judeus, ele apenas começara — isso fica claro pelas coincidências entre as decisões — a submeter toda a Europa a uma "nova ordem" racial fundamental.

Na imaginação de Himmler, o mapa da Europa estava dividido em várias zonas que se diferenciavam pelo "valor racial" de seus habitantes e por seu futuro papel em um grande Reich germânico. Fronteiras nacionais, por contraste, eram algo secundário para ele. Na primeira fila de sua admiração se encontravam os países cujos habitantes ele classificava como "germânicos": neles se podiam recrutar voluntários "germânicos" para a Waffen-SS e lá, em algum momento, colonos deveriam ser atraídos para o leste. Em um grande Reich germânico, esses países estariam ao lado do Reich alemão como parceiros com igualdade de direitos. Na prática, no entanto, só a Noruega e os Países Baixos, administrados por comissários civis, podiam ser tratados sem restrições como territórios germânicos, e assim Himmler passou a intervir na política interna desses países. Mas os movimentos fascistas apoiados por ele e seus líderes, Quisling e Mussert, não obtiveram muito sucesso. Na Bélgica, as condições eram mais difíceis: só os flamengos podiam realmente ser considerados germânicos; os valões, não. Mas parece que ele reconsiderou, uma vez que reagiu positivamente aos esforços dos valões de se lhe apresentarem como "germânicos romanizados", e apoiou projetos de pesquisa correspondentes, cuja meta era encontrar provas disso. O que atrapalhava era o fato de que as regiões belgas eram subordinadas a uma administração militar, que lhe dava pouquíssimo apoio. Na realidade, ele também considerava a Dinamarca "germânica", mas ali a política de ocupação alemã conservadora o obrigava à total passividade. A Suécia sem dúvida era "germânica", mas era neutra, e por isso ele também tinha de manter uma atitude extremamente moderada em relação a esse "país irmão" em potencial. Tudo considerado, portanto, as tentativas de integração germânica de Himmler continuavam sendo produto de sua imaginação; ele só obteria algum sucesso na área de recrutamento voluntário e no alinhamento das polícias nacionais segundo o modelo alemão

(conforme ainda será discutido).

A segunda zona no mapa europeu de Himmler era composta pelos territórios que o Reich já havia anexado ou ainda iria anexar, para aqui realizar uma separação de caráter racial clara entre os habitantes: nessa zona estavam o protetorado, os territórios poloneses e soviéticos ocupados, assim como a Alsácia e a Lorena (subordinadas a *Gauleiter* alemães na chefia da administração civil e, por isso, já meio incorporadas pelo Reich), além dos territórios iugoslavos anexados.

A terceira zona era composta pelos países do leste e do sudeste da Europa, aliados ao Terceiro Reich, em que vivia um número considerável de minorias alemãs étnicas, cuja direção, conforme ordem de Hitler, coubera a Himmler e cujos "interesses" — como ele definia — ele representava perante os governos desses países. Tratava-se da Eslováquia, da Croácia, da Hungria e da Romênia; a Sérvia, que se encontrava sob administração militar, configurava um caso especial. Também aqui, no final, o que o interessava era o recrutamento de "voluntários" entre os integrantes dos grupos alemães étnicos; embora não o mencionasse abertamente, acreditava cada vez mais que esses grupos étnicos poderiam ser dissolvidos e seus membros, inseridos em seu projeto de colonização do leste da Europa.

As demais regiões da Europa que não fariam parte do império racial a ser criado interessavam-no relativamente muito menos: a França, por exemplo, só tinha significado para ele na medida em que ele era responsável pela segurança da força de ocupação. A Itália era o aliado mais importante, cuja autonomia deveria ser absolutamente respeitada, e esse era o motivo pelo qual ele apoiava totalmente a política de Hitler de desistir do grupo étnico alemão do Tirol do Sul, a fim de fortalecer essa união. A Finlândia era considerada como aliado leal, cuja população, em virtude de sua origem "racial" especial, detinha boa classificação, ainda que não se tratasse de germânicos.

A política de colonização a ser abordada neste capítulo referia-se, portanto, exclusivamente aos territórios que aqui constam como segunda zona — os já anexados ou que ainda iria anexar.

Em um capítulo anterior, acompanhamos o início da política de colonização de Himmler baseada em uma "seleção" e vimos que seu empenho se concentrava sobre a Polônia e só depois se estendeu ao protetorado, bem como à Alsácia e à

Lorena.

Após a guerra dos Bálcãs, Himmler também incluiu os territórios iugoslavos em seus esforços, mais precisamente aqueles anexados ao Reich sob o nome de Baixa Estíria e Alta Carniola. Em sua competência de Comissário para a consolidação do Volkstum, Himmler determinou que a população eslovena fosse submetida a uma "seleção" racial, resultando em que quase 40 mil nativos — membros da inteligência e imigrantes do restante da Iugoslávia — fossem deportados para a Sérvia e para a Croácia. Em junho de 1941, ordenou que todas as pessoas racialmente "adequadas" da Baixa Estíria e da Caríntia meridional fossem "inseridas nas medidas de inclusão das pessoas dos territórios do leste e do Governo-Geral que se qualificam para germanização".[1] O primeiro passo, no entanto, seria encaminhar essas pessoas para o oeste e o centro da Alemanha "para preparação". Em novembro de 1941 e janeiro de 1942, 33 mil pessoas chegaram aos acampamentos do VoMi no território do Reich, onde, na primavera de 1942, foi realizada uma seleção racial criteriosa. Quinze mil pessoas foram consideradas "germanizáveis", ou seja, apropriadas para habitar os assentamentos do leste. Ainda assim, a maioria permaneceu nos acampamentos do VoMi até o final da guerra.[2] As regiões que ficaram desabitadas na Baixa Estíria e na Caríntia meridional, por outro lado, receberam uma minoria alemã de Gotschee, região perto de Liubliana, que agora pertencia à zona de ocupação italiana, deslocada à força.[3]

Em virtude do início da guerra contra a União Soviética, Himmler foi obrigado a submeter todo o seu planejamento em termos de colonização a uma revisão.[4] Dois dias após o ataque alemão, em 24 de junho, incumbiu o chefe de planejamento na central do Estado-maior do RKF, Konrad Meyer, da adaptação dos planos à nova realidade.[5] Em julho, Meyer já apresentou um primeiro esboço do *Generalplan Ost* (Plano Geral para o leste) revisado. Agora também estava previsto germanizar o Governo-Geral e as regiões fronteiriças a leste, mas passado só um dia, o plano já se mostrou ultrapassado, uma vez que Hitler, em uma conferência, traçara planos de anexação abrangentes em relação à futura configuração do *Ostraum* (espaço do leste).

Enquanto isso, o Gabinete Central de Segurança do Reich elaborara o próprio Plano Geral para o Leste, que foi apresentado em novembro de 1941 e que partia da premissa de que, ao lado dos territórios poloneses anexados e do Governo-

Geral, também o distrito de Bialystok, o Báltico, a Ucrânia Ocidental e a Bielorrússia seriam colonizados por alemães. A precondição para isso seria a expulsão de 31 milhões de habitantes dessas regiões.[6]

Em 28 de maio de 1942, a central do Estado-maior do RKF apresentou uma nova versão de seu próprio plano geral para o leste. Dessa vez, sugeria a instituição das "fronteiras de colonização" no Báltico, na Ucrânia e na região de Leningrado, bem como de 36 pontos de apoio para a colonização, que também configurariam postos de apoio da SS e da polícia. Já não se falava em colônias de grandes extensões; em vez disso, falava-se em "dizimação", sobretudo da população urbana por meio da fome ou de trabalhos forçados.[7]

Himmler considerou o plano "bastante bom no geral" e encarregou Meyer de ampliar os esboços, transformando-os em um "planejamento geral de colonização" europeu que incluísse os planos mais antigos para os territórios do leste incorporados, bem como a Alsácia e a Lorena, a Alta Carniola e a Estíria meridional, a Boêmia e a Morávia. Além disso, Himmler determinou a "germanização" completa da Estônia e da Letônia. O prazo que se tinha em mente para a colonização, de 25 a trinta anos, foi reduzido para vinte anos.[8]

A partir da documentação que Meyer apresentou no final de 1942, pode-se inferir que o planejamento agora tinha em mente "transferir", no prazo de trinta anos, uma "reserva de colonos" de mais de 10 milhões de pessoas do Reich, mais de um milhão de pessoas dos países "germânicos", além de 200 mil pessoas de além-mar para as regiões a serem colonizadas. Previa-se uma "completa germanização"; aparentemente, na opinião do autor, fornecer detalhes sobre o possível destino dos nativos que não eram alemães era algo supérfluo.[9] Depois, Himmler instruiu Meyer a incluir também a Lituânia, a Bielorrússia, a Crimeia e a Táurida no plano geral de colonização.[10] Esse propósito continuaria a ser revisto até meados de 1943.

De acordo com isso, os trabalhos em relação ao plano geral de colonização podem ser descritos inteiramente como manobra de Himmler de reunir em um só programa todos os planejamentos individuais de colonização de suas diversas repartições.[11] Destaque-se que a época em que Himmler tomou essas decisões fundamentais, maio e junho de 1942, coincide com a fase em que ele também chegou à resolução decisiva de estender o Holocausto a toda a Europa, e que esse processo ainda foi acelerado em consequência do atentado que matara

Heydrich.

Em um pronunciamento diante de chefes da SS e da polícia do setor Rússia-Sul, em16 de setembro de 1942, Himmler explicou como imaginava a colonização dos territórios do leste: nos vinte anos seguintes, os territórios poloneses incorporados, o Governo-Geral, os estados bálticos, a Bielorrússia, a Íngria (a área em torno de Leningrado) e também a Crimeia seriam colonizados por “germânicos”. Nos demais territórios soviéticos ocupados, seriam instalados pontos de apoio nas maiores rotas de tráfego, para que se formassem “pérolas de colonização” — de início, “do Don até o Volga”, mais tarde, no entanto, “até os Urais”. “Esse leste germânico até os Urais”, na visão de Himmler, “deverá ser um viveiro de sangue germânico, para que então em quatrocentos ou quinhentos anos [...] em vez de 120 milhões haja 500 ou 600 milhões de germânicos por lá”. Entre a população nativa seria feita uma distinção entre “raça inferior” e “boa raça”.[12] O ponto crucial em se tratando de colonização do leste ele já havia verbalizado no verão de 1942 de modo breve em forma de “lema” para a revista mensal de política germanista *Deutsche Arbeit*: “Nossa missão é garantir que o leste não seja germanizado à moda antiga, isto é, que se ensine a língua e as leis alemãs às pessoas que lá vivem, mas zelar para que no leste vivam somente pessoas de sangue realmente alemão e germânico.”[13]

Até o final do ano de 1942, a política de reassentamento de Himmler faria consideráveis progressos: de acordo com o seu relatório para Hitler de 20 de janeiro de 1943, um total de 629 mil alemães étnicos haviam sido remanejados, dos quais 429 mil provinham de regiões que antes estavam sob domínio soviético, 77 mil da Romênia, 34 mil da Iugoslávia e 79 mil do Tirol do Sul. Desse total, 445 mil foram “assentados”; desses, 332 mil nos territórios poloneses anexados, 13.500 na Carniola e na Baixa Estíria, 6.600 no protetorado, 5 mil na Alsácia e na Lorena, 17 mil (como parte de um programa especial de repatriação) na Lituânia, bem como 70 mil (além dos sul-tiroleses) no antigo Reich, incluindo a Áustria anexada. Em muitos casos, no entanto, os assentados não se encontravam em belas casas coloniais em gleba própria, como os planejadores de assentamento de Himmler as haviam pintado, mas em acampamentos de reassentados ou em alojamentos urbanos apertados.

A fim de criar espaço para essas pessoas, foram expulsos 365 mil cidadãos dos territórios poloneses anexados para o Governo-Geral, 17 mil eslovenos para

a Sérvia, e deportados 37 mil para a Alemanha, com o propósito de realizar trabalhos forçados, além de cerca de 100 mil pessoas da Alsácia, da Lorena e de Luxemburgo que foram expulsas para a França não ocupada, para a Alemanha ou para os territórios ocupados do leste. Himmler achava ser possível reassentar ainda uns 400 mil alemães étnicos, mais especificamente 143 mil sul-tiroleses e 250 mil pessoas dos territórios ocupados do leste.[14]

Até aqui apresentamos um resumo da situação. Nos próximos parágrafos nos dedicaremos a examinar mais de perto os principais projetos de reassentamento. Nesse contexto incluem-se os esforços de Himmler no sentido de farejar "sangue bom" entre a população não alemã nos territórios ocupados e de, ao menos em parte, mandar realizar uma seleção racial entre os trabalhadores estrangeiros usados nos trabalhos forçados no Reich.

## Protetorado

Desde o outono de 1941, Heydrich avançara energicamente com os planos de germanização no protetorado. O "levantamento racial" da população, que o Departamento Central de Raça e Colonização preparara no outono do ano anterior, era iniciado. A avaliação foi camuflada como exame de raios X em série com vista à introdução da carteira de identidade alemã no protetorado. A supervisão científica de toda a operação ficou a cargo do chefe do setor racial do RuSHA, Bruno Kurt Schultz, convidado a assumir a cadeira de biologia racial, criada especificamente para ele na Universidade de Praga. Já não é possível precisar o número de pessoas que foram realmente examinadas, mas certamente os examinadores raciais estiveram ocupados com o "inventário racial" da população do protetorado até o ano de 1942.[15]

Heydrich também reativou o Bodenamt de Praga para servir de instrumento da política de colonização: o diretor até ali, Theodor Gross, nutricionista de profissão, foi substituído por um funcionário do SD, procedimento idêntico ao que fora adotado em 1939;[16] Heydrich, significativamente, acusara Gross de não ter seguido a política de desapropriação de modo consequente. Agora o Bodenamt podia retomar com todo vigor os preparativos para o confisco em grande escala de terras para os colonos alemães.

Por meio do exame racial e do planejamento da colonização, queria-se obter os documentos necessários para que se pudesse iniciar a germanização

imediatamente após o término da guerra. Em novembro de 1941, Heydrich recebeu o apoio essencial para essas medidas preparatórias: por pressão de Himmler, Hitler incluiu o território do protetorado em sua jurisdição, e Himmler, então, delegou o exercício da função a Heydrich.[17]

Após a morte de Heydrich, Himmler intensificou os trabalhos já iniciados. Já no discurso secreto, durante a cerimônia fúnebre a Heydrich, em Berlim, anunciara que, em vinte anos, também a Boêmia e a Morávia deveriam estar ocupadas "totalmente por alemães". Poucos dias depois, expediu a ordem para integrar a região da Boêmia-Morávia, assim como a Alsácia e a Lorena, a Alta Carniola e a Estíria meridional ao plano geral de colonização. As elaborações equivalentes do Departamento Central do Estado-maior do RKF previam "germanizar" aproximadamente 50% da população tcheca e expulsar o restante. Adicionalmente aos 236 mil alemães que já viviam no protetorado, seriam levados mais 1,4 milhão de colonos alemães ao país.[18]

O que aconteceria com os tchecos a serem deportados? Heydrich já se pronunciara claramente em relação a isso: em fevereiro de 1942, duas semanas após a Conferência de Wannsee, ele explicara aos representantes da administração de ocupação alemã que, tendo em vista a planejada deportação de 11 milhões de judeus europeus "para dar continuidade à exploração da região do Ártico", os "tchecos poderiam — caso houvesse um sinal positivo — ser usados em atividades pró-germânicas, atuando como guardas, capatazes etc.". Fica claro aqui, portanto, que a "Solução Final da Questão Judaica", que, à época, ainda previa a deportação dos judeus para os territórios do leste, estava inserida no megalômano planejamento político-populacional da SS.[19]

Mas tudo isso não passou de utopia: durante a guerra não foram mais tomadas medidas concretas para o deslocamento dos tchecos. No entanto, a fim de enfatizar o monopólio sobre a reorganização do "espaço vital" após a guerra, Himmler ainda iniciou projetos-piloto de política de colonização no Governo-Geral, na União Soviética e também na França. É digno de atenção que as decisões básicas para todos esses empreendimentos foram tomadas em um tempo relativamente curto: em julho e agosto de 1942.

## Governo-Geral

No final de 1939, Hitler e Himmler ainda haviam qualificado o Governo-Geral

como “território de desterro” para existências “inferiores” das novas províncias do leste integradas ao Reich e também do antigo Reich; até o final de 1942, como já mencionamos anteriormente, de fato foram deportados 365 mil poloneses para essa região, enquanto a SS, do final de 1940 até a primavera de 1941, transferia, em direção contrária, 30 mil alemães étnicos e “estrangeiros de boa raça” do Governo-Geral para o Warthegau e para o antigo Reich: o território de desterro, ou seja, o Governo-Geral, simplesmente não poderia configurar uma pátria adequada às pessoas de origem alemã.[20] A decisão fundamental de Himmler do verão de 1941, de futuramente “germanizar” também o Governo-Geral, marca, portanto, uma mudança radical de direção.

O papel central da política de colonização no Governo-Geral coube, significativamente, ao chefe da SS e da polícia no distrito de Lublin, Odilo Globocnik, que, ao mesmo tempo, organizava o assassinato em massa de judeus. Durante a visita a Lublin, em julho de 1941, Himmler não só nomeara Globocnik como seu “representante para a construção dos pontos de apoio da SS e da polícia no novo *Ostraum*”, como também o autorizara a estender a ação “em busca de sangue alemão”, que era empreendida no distrito, a todo o Governo-Geral e a fundar um “amplo território de assentamento” nos arredores de Zamosc,[21] para, a partir dali, germanizar gradativamente todo o distrito de Lublin.

Globocnik, que havia meses já mantinha um setor de planejamento próprio para as tarefas especiais na “política demográfica”, ainda no outono de 1941,[22] baixou um pacote de medidas cuja meta era preparar seus homens para o que estava por vir. “Já está na hora de as etnias inimigas começarem a encarar a sua extinção” e de criar, “nessa área, uma barreira contra o eslavismo por meio do assentamento de colonos alemães e de origem alemã”,[23] disse ele em novembro de 1941 durante uma conferência das chefias SS em Lublin.

No mesmo mês, com a ajuda do SS-Sonderkommando Dirlewanger, conhecido por sua brutalidade extremada, milhares de pessoas foram escorraçadas de diversos vilarejos do distrito de Lublin, para que ali se pudessem concentrar os alemães étnicos do distrito.[24] Ao mesmo tempo, um especialista do RuSHA que ficou à exclusiva disposição de Globocnik deu início a um “exame bruto” da população polonesa e de seus bens.[25] Além disso, a partir do outono, Globocnik iniciou a ampliação do sistema de pontos de apoio da SS e da polícia,

em que ele já trabalhava desde 1940. Um ponto de apoio deveria abranger diversos equipamentos e setores de diferentes divisões da SS e da polícia e, assim, preencher uma dupla função: servir como ponto de partida para o combate de guerrilheiros e posto avançado da germanização graças a uma produção agrícola exemplar e a treinamento nas propriedades rurais.

Em março de 1942 — em paralelo às medidas correspondentes aplicadas nos territórios incorporados do leste —, o procedimento da lista de alemães étnicos, do qual já falamos, também foi adotado em relação às pessoas de origem alemã do Governo-Geral.[26] Mais ou menos na mesma época, cinco novas comissões da Central de Imigração, no contexto da "busca de sangue alemão", começaram a efetuar o registro dos alemães étnicos em todo o Governo-Geral, e, nisso, examinavam também as pessoas em relação ao "percentual de sangue alemão", que entre 1939 e 1941 haviam sido enxotadas dos territórios incorporados do leste para o Governo-Geral. Essa ação se estendeu até o outono de 1943.[27]

Entre os dias 18 e 20 de julho de 1942, Himmler voltou ao distrito de Lublin, para se inteirar dos avanços da política de germanização local. Imediatamente antes, em Auschwitz, ele se convencera de que o assassinato em massa contra os judeus europeus estava de fato em curso. Em Dublin, ele tomou algumas novas decisões em relação à germanização do distrito, sobretudo no que tangia ao assentamento de alemães étnicos em torno de Zamosc e Lublin. Em 19 de julho, em companhia de Krüger e Globocnik, visitou exaustivamente a região em que isso deveria ocorrer e passou uma tarde inteira com imigrantes alemães étnicos. O que mais o interessava era o procedimento da avaliação racial; a seu pedido lhe foram apresentadas algumas famílias dos diferentes grupos de classificação racial.[28] Adicionalmente, Himmler aproveitou a ocasião para inquirir Globocnik e Krüger quanto ao estágio atual da Operação Reinhardt — ou seja, o assassinato dos judeus no Governo-Geral. A ordem atribuída a Krüger, mencionada anteriormente, de "dar um jeito para concluir a transferência de toda a população judaica do Governo-Geral até o dia 31 de dezembro de 1942", é desse dia.[29]

O empreendimento de colonização em Zamosc se iniciou em novembro de 1942, baseado em instruções detalhadas de Himmler. Os habitantes judeus da região já tinham sido assassinados, agora era hora de executar o deslocamento de 50 mil poloneses, para dar lugar a umas 2.500 famílias de colonizadores, ao todo em torno de 10 mil pessoas. Os poloneses, enxotados de suas casas pelos

truculentos auxiliares de Globocnik, foram levados a um campo de triagem, onde funcionários de uma filial da Central de Emigração (UWZ) os classificava e separava segundo os conhecidos quatro "grupos raciais": os que se enquadravam nos dois primeiros grupos — uma pequena minoria — eram transferidos para o Reich a fim de ser "regermanizados"; a grande maioria, no entanto, era empregada no Reich ou no próprio local para realizar trabalhos forçados. Dessa maneira, os camponeses poloneses locais se tornaram empregados dos colonos alemães. Os que eram considerados "inferiores" seguiam para Auschwitz, os inaptos para trabalhar eram separados em supostos campos para aposentados — colônias da morte. Mas o processo todo se arrastava. Até o final de junho de 1943, os examinadores raciais haviam registrado de fato meramente um terço das 50 mil pessoas. Isso mudou quando ocorreu uma série de ações "antiguerrilha" na região: os ataques à população polonesa se tornaram mais brutais, o processo de avaliação foi radicalmente simplificado e acelerado, fazendo com que, em poucas semanas, o número almejado de 50 mil pessoas expulsas fosse praticamente alcançado.[30]

**União Soviética**

Embora a ordem que Himmler dera a Globocnik, em 17 de julho de 1941, de instalar uma rede de pontos de apoio para a SS e a polícia nos territórios do leste recentemente ocupados resultasse na implantação de um departamento abrangente ("Escritório do Encarregado da Instalação das Bases de Apoio da SS e da Polícia no Novo Espaço do Leste"), ela não mostrou resultados práticos, por falta de recursos. Globocnik, por isso, voltou a se limitar ao Governo-Geral para erigir os pontos de apoio.[31] O intento de Himmler de introduzir medidas de colonização nos territórios ocupados do leste com a ajuda de suas competências de polícia fracassara, portanto, mas também já não importava. Afinal, em setembro de 1941, conseguiu convencer Hitler a subordinar à sua pessoa os territórios soviéticos ocupados.

Além disso, Himmler encontrou outro ponto de partida em termos de "política do *Volkstum*" para consolidar sua posição na União Soviética: a "proteção" dos alemães étnicos. Ele já se valera desse molde na Polônia e na Iugoslávia. O Sonderkommando R (Rússia), formado por Himmler em julho de 1941 e comandado pelo Brigadeführer Horst Hoffmeyer, instalou uma milícia de

autodefesa armada nos territórios alemães étnicos, instituiu escolas alemãs e nomeou homens de confiança. Além disso, as investigações conduzidas pelo Sonderkommando sobre o *Schwarzmeerdeutschtum* (germanismo do mar Negro) fazem crer que, no final de 1941, ainda predominava na SS a ideia de que essas pessoas deveriam ser levadas "de volta para casa, para o Reich" — como havia acontecido antes com os "colonos" imigrantes alemães étnicos da União Soviética. Em 1942, no entanto, ocorreu uma virada na política da colonização: a partir de então, os alemães étnicos deveriam ser agrupados por prioridade de assentamento e, no contexto da germanização, realizar trabalho pioneiro.[32]

De modo semelhante ao do Governo-Geral, no outono de 1942 foram nomeados três dirigentes para questões de Raça e Colonização, para atuar em conjunto com os HSSPF nos territórios soviéticos conquistados, com o objetivo de garantir o "sangue valioso" e contribuir para a preparação da futura colônia. Eles se empenharam, por exemplo, em exercer o controle sobre os grandes empreendimentos agrícolas.[33]

Em agosto de 1942, Himmler convocou os mais importantes colaboradores da área de política do *Volkstum* para uma conferência em seu quartel-general na Ucrânia. Estavam presentes Meyer, Greifelt, Lorenz e Berger, além do HSSPF Rússia-Sul, Prützmann, bem como o secretário de Estado no Ministério do Interior, Stuckart.[34] Na Ucrânia, onde existiriam 45 mil alemães étnicos em "486 vilarejos", inicialmente assistidos pela VoMi, mas abandonados depois de a administração civil assumir a responsabilidade, a impressão geral que se tinha era a de que "a vida *völkisch* [...] estaria morta". Para colocar um fim nessa situação preocupante, Himmler declarou que envolveria o HSSPF para supervisionar a minoria alemã mediante a instituição de "centros de controle alemães étnicos". Além disso, ordenou o "assentamento conjunto", priorizando inicialmente 10 mil pessoas em Shitomir e no seu entorno.

"Segundo a ordem do Führer", revelou Himmler aos presentes acerca dos próximos planos de Hitler quanto aos territórios ocupados do leste, "durante os próximos vinte anos, partes da Ucrânia serão totalmente colonizadas por alemães". Para todos os territórios valeria a máxima de que as colônias deveriam ser instaladas inicialmente junto às principais vias de tráfego — nos entroncamentos, cidades com 15 mil a 20 mil habitantes, rodeadas por "uma população rural totalmente alemã". Os outros territórios a serem colonizados

individualmente seriam: primeiro, o comissariado do Reich *Ostland*, isto é, "levando-se na devida conta a capacidade de germanização dos estonianos"; enquanto na Letônia "os latgalianos certamente devem sair" e "os lituanos também estão fora de questão em termos de germanização por serem intelectualmente indolentes e possuírem excesso de sangue eslavo"; em segundo lugar, a assim chamada Íngria, ou seja, a região em torno de Leningrado; em terceiro, a Bielorrússia, o que seria relativamente fácil, já que entre a população local "não há uma classe intelectual e não existe ambição política"; e, por último, em quarto lugar, a Crimeia.

Somente os projetos relativos à Ucrânia (inclusive a Crimeia) foram de fato iniciados. Mas, antes de tudo, era preciso registrar os alemães étnicos que viviam no país. O comissário do Reich, Lohse, a quem Himmler em 9 de setembro incumbira a "germanização", no mesmo mês instituiu a lista de alemães étnicos.[35] A população relevante foi dividida em três grupos: em primeiro lugar, alemães; em segundo, alemães que viviam casamentos mistos e suas famílias (contanto que se declarassem integrantes do *Volkstum* e que suas famílias causassem "boa impressão"); e, em terceiro, pessoas de origem alemã que não se sentiam germânicas, com suas famílias, e também crianças órfãs de sangue alemão. As pessoas que se sentiam pertencentes à cultura alemã, mas foram classificadas como "estrangeiras" e não eram casadas com alemães, não podiam fazer parte da lista de alemães étnicos. Assim, a linha racista de Himmler também se impôs plenamente nessa questão: ser alemão era uma questão de "sangue" e não de convicção.[36]

Após uma estadia na região em novembro de 1942, Himmler incumbiu o SSPF da Crimeia, Heinze, de preparar a colonização da península (inclusive do território vizinho da Táurida entre o estuário Dnieper e o mar de Azov). Heinze então criou uma central de controle alemã étnica, denominada Comando da Crimeia, formada a partir do comando R e que compreendia em torno de 10 mil alemães étnicos, e preparou a futura colonização da região.[37] O plano provisório inicialmente ventilado, de assentar os sul-tiroleses na Crimeia, tivera de ser abandonado em 1942. Em vez disso, em 1943, o Comando da Crimeia teve a ideia de instalar ali os alemães da Palestina, prisioneiros de guerra dos britânicos. Mas a Wehrmacht estava batendo em retirada, e quando, no outono de 1943, a Crimeia foi evacuada, foram removidos também os colonos,

transferidos, inicialmente, para o Warthegau.

O segundo projeto de colonização foi realmente concretizado: a transmigração de, agora, 30 mil alemães étnicos (inicialmente cogitara-se até o número de 43 mil pessoas) para o comissariado-geral Shitomir, em três regiões em torno do quartel-general de Himmler Hegewald.[38] Um Sonderkommando RKF, o Estado-maior especial Henschel, formado entre meados de outubro e meados de novembro de 1942, expulsou no total quase 15 mil pessoas da Ucrânia, das regiões de assentamento de Hegewald e Försterstadt, e assentou ali uns 10 mil alemães étnicos. Himmler se mostrou altamente interessado: acompanhado de um grupo de chefes SS — entre eles o poeta-amigo Johst, o "bardo da SS" e o antigo chefe de Himmler, Alois Rehrl, de Fridolfing, que se tornara SS-Obersturmführer e que estava em visita por alguns dias — deixou o seu quartel-general em 20 de outubro para empreender uma "viagem aos vilarejos alemães étnicos". Tanto Johst quanto Rehrl acompanharam Himmler alguns dias depois à Crimeia, onde ele também visitou assentamentos alemães étnicos.[39]

Em 1943, no entanto, a política de colonização no comissariado-geral Shitomir entrou em fase defensiva: a principal tarefa do Estado-maior especial consistia agora em retirar alemães étnicos de territórios ameaçados por guerrilheiros e de assentamentos dispersos. Previa-se, inicialmente, alojar essas pessoas em duas outras regiões de assentamento em torno de Shitomir, mas isso também se mostrou impraticável, entre outros motivos, porque, em vista da tensão geral, parecia inoportuno dar seguimento à expulsão em grande escala de ucranianos. Assim, no final, 30 mil alemães étnicos se espremiam nas regiões de assentamento de Hegewald e Försterstadt, e alguns milhares foram levados ao terceiro território de assentamento, Kalinowka. A "colonização" foi um fracasso: além de minúsculos terrenos, em regra não foi possível destinar terras próprias aos colonos, e eles foram aproveitados como mão de obra em grandes empresas; muitos viviam em acampamentos. No final de 1943, as colônias foram dissolvidas e os alemães étnicos transferidos, às caravanas, para o Warthegau.[40]



*Durante a visita à Crimeia, no final de outubro de 1942, Himmler — que, afinal, cursara agronomia — encontrou tempo para examinar pessoalmente uma plantação local de algodão*

## França

No verão de 1942, Himmler também se dedicou um pouco mais à Alsácia e à Lorena. Para o maior reassentador do Reich, no entanto, o mais importante aqui era "desassentar" aqueles habitantes que, por motivos raciais, eram indesejáveis em um futuro "grande Reich germânico". Os chefes da administração civil da Alsácia e da Lorena, Wagner e Bürckel, queriam simplesmente escorraçar essas pessoas para os territórios ocupados do leste — sem levar em conta o fato de que Himmler implantara projetos-piloto na região, que previam uma "seleção" racial criteriosa. Na opinião dele, ali deveriam ser assentados realmente só "elementos germânicos", e não aqueles "inferiores", dos quais Wagner e Bürckel queriam simplesmente se livrar. Mas Himmler teria bastante trabalho para conseguir se impor perante os dois governadores do Reich.

Em 1940, Himmler ficara em desvantagem em relação a Bürckel, na Lorena, quando este ordenou a deportação de mais de 80 mil pessoas para a França e, sob grandes dificuldades, determinou que se assentassem alemães do Reich e alemães étnicos. No entanto, a situação mudou no outono de 1941. Em setembro, Bürckel (que atuava como delegado do RKF na Lorena) nomeou o HSSPF Theodor Berkelmann para ser seu adjunto no caso da colonização da Lorena, praticamente devolvendo o encargo de *Volkstum* a Himmler. Com isso, ele arcava com as consequências de seu amplamente fracassado plano de assentamento — ele recorrera basicamente a pessoas de seu *Gau* natal,

Saarpfalz.[41]

Berkelmann se pôs a organizar um exame racial abrangente da população da Lorena, segundo o modelo da Lista de Alemães Étnicos: em outubro de 1941, tiveram início as análises de "aptidão" racial.[42] Sua intenção, de executar uma política de assentamento em base racial cuidadosamente preparada opunha-se ao plano de Bürckel de assentar 40 mil pessoas da Lorena na Ucrânia — uma ideia para a qual o próprio Hitler dera a aprovação em agosto de 1942.[43]

O chefe da central do Estado-maior do RKF, Greifelt, mostrou-se extremamente irritado com a "execução imediata de semelhante evacuação em massa", ordenada por iniciativa de Bürckel, pois colocaria em risco a política *Volkstum* tanto na Lorena como na Ucrânia. Mas Himmler lhe disse: "Não há o que se mudar nisso. O Führer resolveu assim."[44]

Himmler acordou com Bürckel que as pessoas "racialmente sem valor e associais" deveriam se mudar para a França, o mesmo se referindo a mulheres parentes de pessoas da Lorena que se encontrassem na França, caso "já não estejam em idade de gerar filhos ou sejam racialmente sem valor". No caso dos homens, aplicava-se basicamente a mesma regra, contanto que não tivessem mais condições de servir o Exército. No entanto, por detrás da possibilidade que era generosamente concedida às pessoas da Lorena que não optassem pela nacionalidade alemã, de poder ir para a França, havia um ardil, como se pode deduzir do acordo: "As pessoas da Lorena que pedirem para emigrar para a França serão registradas até sábado dessa semana nos postos correspondentes; depois serão transferidas imediatamente para os campos de concentração, como elementos comunistas."[45]

O plano de transferir 40 mil pessoas da Lorena para a Ucrânia, como ocorreu com tantos outros grandiosos "projetos de remanejamento populacional", não pôde ser concretizado em razão dos acontecimentos da guerra, de forma que os encarregados de Himmler acabaram por impor a sua linha: em fevereiro de 1943, por meio de testes raciais, 10 mil pessoas da Lorena, escolhidas a dedo, foram "desassentadas", sendo a maioria enviada ao antigo Reich, onde, em maio, ainda havia 8 mil pessoas semelhantes em campos do VoMi.[46]

Na Alsácia, de onde até o final de 1940 o *Gauleiter* Wagner tinha deportado em torno de 100 mil pessoas para a França não ocupada, Himmler fez valer gradativamente sua influência sobre a política de colonização, no segundo

semestre de 1941. A condição se apresentou pela instituição de um Bodenamt em Estrasburgo.[47] Em 19 de março de 1942, Robert Wagner informou a Himmler que acabara de receber a autorização de Hitler para executar uma "limpeza final" na Alsácia. A data ainda estaria em aberto, mas, quando fosse a hora, "tudo o que não é aproveitável ou de raça inferior" deveria "desaparecer do país", sendo que Hitler ainda determinaria "de acordo com a situação política" se "semelhantes elementos serão expulsos para a França ou assentados em outros vastos territórios do leste".[48]

Três meses depois, em carta a Wagner, Himmler voltaria ao assunto. Em princípio, certamente compartilhava da mesma opinião de Wagner, de que se deveria "purgar a Alsácia de todos os tipos de elementos não confiáveis". Mas esses não poderiam, de maneira nenhuma, ser "expulsos para o território do leste", já que era "justamente o leste a região que julgamos adequada para a colonização germânica de elementos de boa raça", não para uma "colônia penal". E Himmler ponderou que, caso deportassem "qualquer tipo de elemento" para a França, estariam correndo o risco de "fornecer pessoas de sangue alemão aos franceses e, assim, contribuir para a reabilitação do povo francês".[49]

Na concepção de Himmler, portanto, o trato com "elementos indesejados" era essencialmente um problema racial: era possível que se encontrasse valioso "sangue germânico" entre os inimigos do Reich, tanto na França como nos territórios ocupados do leste, o que, no longo prazo, poderia trazer danos. Wagner se apropriou da concepção de Himmler e sugeriu uma solução que livraria o território dos "indesejados", mas que também prometia evitar a temida perda de "sangue valioso": pessoas de "raça valiosa" seriam "remanejadas" para o antigo Reich e pessoas de "raça inferior", para a França.

Em 7 de agosto de 1942, esse princípio foi aprovado pelos representantes de vários órgãos da SS encarregados da política de *Volkstum*, que se reuniram em Berlim para deliberar, a partir das sugestões detalhadas de Wagner, em relação às "diretrizes para o tratamento a ser dispensado às pessoas remanejadas da Alsácia". Wagner preparara uma lista abrangente com as pessoas "inferiores", das quais ele queria se livrar com a ajuda de uma "segunda ação de desterro" (a primeira ocorrera em outubro de 1940): negros e mestiços de cor, ciganos e seus descendentes, judeus e meio-judeus, casamentos mistos com judeus", além de "estrangeiros e seus descendentes", a "população-patoá",[50] os "associais" e os

“doentes mentais incuráveis”.[51]

Dois dias depois, em 9 de agosto, Himmler se reuniu com Hitler no quartel-general deste; em seguida, falou com Wagner e Bürckel; com o chefe da administração civil em Luxemburgo, Gustav Simon; com o secretário de Estado no Ministério do Interior, Stuckart; como também com Ribbentrop e Keitel, para debater as bases da política do *Volkstum* no oeste.[52] Bürckel relatou mais tarde que nessa ocasião Hitler teria basicamente decidido que tudo quanto fosse “antissocial”, “criminoso”, “inferior” e “não pertencente ao nosso sangue” deveria ser expulso para a França; “tudo quanto pertença ao povo alemão por meio do sangue e que não deve ir para a França [...] — sem que se considere a convicção política ou qualquer outra — deverá ser remanejado para o Reich, contanto que esses componentes da população não possam ser mantidos na Alsácia”.[53] Ações de maior proporção teriam sido restringidas por Hitler no momento, mas ações menores poderiam ser consideradas (em “casos individuais ou especiais”).

Por meio de sua ascendência sobre Wagner, Himmler conseguira, portanto, que Hitler revisasse a postura original de simplesmente expulsar os “inferiores” “para o leste”. Assim, determinou-se a interposição de um exame racial e as deportações foram transferidas para a França. Não se tratava de forma alguma só de uma questão de geografia; com isso, Himmler conseguira a adesão do Führer aos seus princípios: já não eram decisivos para o atestado de pertencimento ao *Volkstum* alemão a lealdade política, a língua ou o pertencimento cultural, mas pura e simplesmente critérios raciais (avaliados individualmente por especialistas da SS). Desse modo, um habitante da Alsácia que falava alemão, sentia-se “alemão” e era leal ao Terceiro Reich podia ser considerado “de raça inferior” e deportado para a França e, ao mesmo tempo, alguém que se definia como francês, falava francês e era inimigo da política alemã ser avaliado positivamente pelos examinadores de raça, considerado “regermanizável” e, portanto, transferido para o Reich. Era justamente esse grupo, que se opunha teimosamente ao “germanismo”, que chamava especialmente a atenção dos examinadores raciais, pois suspeitavam que por trás da obstinação houvesse uma influência de sangue nórdico.[54]

No que dizia respeito à França, os planos de Himmler iam ainda mais longe. Em 12 de abril de 1942, à mesa com Hitler, ele declarou que se deveria

“conduzir anualmente uma verificação racial sanguínea entre a população germânica da França. Deveríamos tentar levar as crianças dessa camada populacional desde cedo para internatos alemães e lá desviá-las da nacionalidade francesa acidental e conscientizá-las de seu sangue germânico e, por conseguinte, seu pertencimento à grande nação germânica”.[55]

O levantamento da população de alemães étnicos e de descendência alemã[32] da França já fora iniciado havia algum tempo.[56] O “centro de apoio à remigração” instalado junto ao comando militar de Paris, em 1940, já tinha registrado 74 mil alemães étnicos residentes na França até maio de 1941;[57] E Heydrich, em junho, decidiu estabelecer uma filial da EWZ que não só registrasse os alemães étnicos, mas também os examinasse quanto às suas características raciais. Para chefiar essa repartição — para a qual Himmler baixou diretrizes especiais —, escolheu-se Lambert Von Malsen-Ponickau, que também dirigia a EWZ de Lodz. Até o final de 1944, quase 20 mil pessoas foram registradas na França e assentadas na Alsácia, na Lorena, no antigo Reich e nos territórios poloneses anexados.[58] Esses resultados estavam bem abaixo da expectativa da SS: “O quadro racial em geral dos repatriados que foram avaliados em fevereiro só pôde ser descrito como medíocre”, foi a conclusão a que chegou o posto avançado de Paris em 1942, em seu relatório mensal sobre a questão.[59]

Em compensação, no norte da França, os examinadores raciais se depararam com um grupo maior, de umas 15 mil pessoas originárias da Polônia, que viveram um longo período na Alemanha, sobretudo na região do Ruhr, e que após a Primeira Guerra emigraram para a França, onde se descreviam como alemães étnicos. Em 1943, essas pessoas foram submetidas a uma avaliação especial, que culminou com o registro de 5 mil delas na Lista de Alemães Étnicos. Em março de 1943, Himmler concordou que fossem naturalizadas. O fator determinante para isso, no entanto, não foi a declaração dessas pessoas de que eram alemãs e sim o fato de que, apesar de seus ascendentes serem poloneses, o seu obstinado comportamento migratório aparentemente teria demonstrado que constituíam uma elite racial e, por conseguinte, possuíam raízes “germânicas”.[60]

**Proibição de união e “germanização” no Reich**

A política de germanização de Himmler definitivamente não se limitava aos projetos de reassentamento. Pelo contrário, no decurso da guerra contra a União Soviética, o Reichsführer se convencia cada vez mais de que em meio à população "inferior" da União Soviética deveria haver resíduos genéticos de povos germânicos extintos que poderiam se tornar novamente férteis por meio de cruzamento com pessoas "germânicas". A formidável demanda de pessoas para a prevista nova ordem do leste gerava certa tolerância quanto à definição de "germânico".

Por isso, Himmler às vezes pensava em incluir no processo de regermanização todos os trabalhadores do leste que haviam sido trazidos para o Reich.[61] No entanto, a isso se opunha o fato de que os trabalhadores do leste que foram usados para realizar trabalhos forçados não podiam ser examinados no contexto de suas famílias — algo que, como Himmler costumava reiterar, era decisivo para a "impressão geral". Por isso, o processo de regermanização em relação aos trabalhadores do leste só foi aplicado em certos casos individuais e, em setembro de 1944, acabou sendo completamente suspenso.[62] Durante uma "seleção bruta" quanto à sua "capacidade de regermanização", foram examinados sobretudo camponeses soviéticos que estavam sendo considerados para serem "inseridos individualmente" nas fazendas alemãs. Por trás disso estava a preocupação de um "risco" biológico da população rural feminina.[63]

O processo da avaliação racial das empregadas domésticas do leste da Europa decorreu de modo diferente. Já em outubro de 1941, Himmler determinara que as moças polonesas, ucranianas e aquelas provenientes dos antigos países bálticos deveriam ser submetidas ao exame racial e só poderiam trabalhar no Reich como domésticas — para aliviar o trabalho das donas de casa alemãs que, assim, se animariam a ter mais filhos —, depois que se comprovasse que eram "regermanizáveis".[64] Depois que essas moças, assim ponderava Himmler em julho de 1941, "dependendo da sua idade, tiverem trabalhado de três a cinco anos, demonstrando excelente comportamento como empregada doméstica, cozinheira e babá, em casas de família com três filhos ou mais, ou em casas em que haja só um filho, mas que a mãe esteja esperando o segundo, elas recebem a nacionalidade alemã e ao mesmo tempo o direito [sic!] de serem escolhidas como esposas por um alemão. Além disso, essas moças devem ter a perspectiva, conforme seu comportamento e sua postura, de ter também a família avaliada

para que possa vir para a Alemanha e ser germanizada”.[65]

Mas apenas de 3% a 5% dessas moças do leste europeu, que as pessoas privilegiadas disputavam para encomendar ao RuSHA, correspondiam aos critérios raciais.[66] Como a “capacidade de regermanização” dessas moças fora superestimada, optou-se por outra estratégia: a procura por força de trabalho adequada foi estendida aos territórios soviéticos ocupados, especialmente à Ucrânia e à Bielorrússia, e os critérios raciais foram abrandados. Agora já não se tratava em primeira linha de descobrir pessoas regermanizáveis, mas em realizar uma “seleção bruta”, para manter distantes as pessoas especialmente “primitivas”. As moças do grupo racial III a partir dali eram aceitáveis, mas sem a opção da futura nacionalidade alemã. Calcula-se que umas 50 mil moças tenham sido trazidas para o Reich sob essa condição.[67] Os supostos riscos biológicos representados pelas moças que trabalhavam nas casas alemãs aparentemente eram considerados bem menores do que aqueles a que estariam sujeitas as camponesas solitárias expostas à presença de trabalhadores soviéticos.

Quando ocorria um caso concreto de relacionamento sexual entre alemães e “estrangeiros”, algo estritamente proibido, Himmler abria mão de aplicar a rigorosa punição originalmente prevista e ordenava um procedimento diferenciado, que partia de uma análise “racial” do envolvido “estrangeiro” e que deveria assegurar que não fosse perdido nenhum “sangue valioso”. Por isso, desde 1941, já não mandava executar sumariamente os trabalhadores forçados que fossem surpreendidos em “casos de relacionamento sexual”, mas primeiramente os mandava avaliar em termos raciais; se a análise fosse positiva, eram enviados aos campos de concentração.[68] Mulheres alemãs que engravidavam de trabalhadores forçados ou de prisioneiros de guerra também eram submetidas a uma análise racial, e, conforme o resultado, o RSHA obrigava a mulher a abortar.[69]

A partir de dezembro de 1942, também as trabalhadoras do leste, grávidas, eram obrigadas a se submeter ao exame racial. Nos casos em que se contava com uma criança “de boa raça” a mãe podia levar a gravidez até o fim, mas tinha de dar a criança para adoção a famílias alemãs. Se a criança fosse “racialmente indesejável”, “recomendava-se” à mãe que fizesse um aborto — muitas vezes mediante forte pressão ou até à força. Se as crianças “indesejadas” nasciam mesmo assim, eram encaminhadas a “instituições para crianças estrangeiras”,

onde a maioria acabava morrendo em consequência de negligência intencional — o que ocorreu, certamente, com várias dezenas de milhares de bebês.[70]

Os crescentes riscos "político-raciais" ocasionados pela deportação em massa de pessoas do leste da Europa para a Alemanha e os inúmeros regulamentos individuais que foram decretados ou para a contenção desses riscos ou para a filtração de "sangue bom" parecem ter levado Himmler, na primavera de 1942, a desencadear uma virada radical na política racial. Em março de 1942, determinou a substituição do termo *artverwandt* (congênere), até então empregado corriqueiramente na terminologia racial nazista em relação aos povos europeus não alemães, por uma nova convenção linguística. O termo *Artverwandtschaft* (congeneridade), essa era a justificativa, fundamentava-se na "premissa [...] de que a estrutura racial de todos os povos europeus é de tal modo aparentada com a do povo alemão que, ainda que ocorra uma mistura de sangue, o corpo sanguíneo do povo alemão não corre o risco de sofrer uma deterioração racial". Mas isso absolutamente não corresponderia à verdade: o perigo de uma "mistura racial" representava uma ameaça também no contexto europeu, principalmente quando se tratava do "eslavismo".

A instrução correspondente informava que, durante uma conferência das repartições relevantes do partido, realizada na Chancelaria do próprio partido, fora decidido, por essa razão, que "a partir deste momento" (e até que fosse criada uma lei abrangente em defesa do sangue, após a guerra) o conceito de "congeneridade" seria subdividido em duas categorias: em primeiro lugar "sangue alemão e sangue do mesmo tronco racial (=germânico)" (categoria que incluía os membros "regermanizáveis" dos povos "não germânicos", ou seja, aqueles cujo fenótipo apresentava "elementos raciais "*nórdicos-dálicos*"; e, em segundo lugar, "sangue congênere — não do mesmo tronco racial", o que se referia a todos os povos europeus não germânicos (eslavos, romanos, celtas, bálticos).[71]

Com essa convenção linguística Himmler instituiu uma política que, futuramente, só permitiria aos alemães manterem relações sexuais com outros alemães ou com outros "germânicos". Embora de início a proibição só se referisse ao relacionamentos sexual com eslavos, a diferenciação básica do decreto certamente tinha em mira proibir também, no futuro, os relacionamentos entre alemães e pessoas de origem romana, báltica ou celta.

## Rapto de crianças

A SS não raptava crianças “de boa raça” apenas das mulheres empregadas nos trabalhos forçados na Alemanha, mas também as deportava às dezenas de milhares dos territórios ocupados ou anexados. A historiadora Isabel Heinemann, que pesquisou a fundo a atividade do RuSHA, acredita que 50 mil crianças, no mínimo, tenham sido raptadas no leste e sudeste da Europa.[72]

Em 1942, a central do Estado-maior do comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* tomou a iniciativa para isso. As autoridades responsáveis no Warthegau foram encarregadas de procurar crianças de ascendência alemã em todos os orfanatos poloneses e depois se encarregar daquelas que estavam sob os cuidados de pais adotivos.[73] Inicialmente, as crianças eram levadas para um orfanato central, onde eram observadas, e depois entregues às instituições Lebensborn, que encaminhavam as mais velhas a “internatos alemães” e ofereciam as mais jovens para adoção em famílias SS. Os demais territórios poloneses incorporados, o Governo-Geral e os territórios soviéticos ocupados também foram gradativamente incluídos nessa ação.

Em 18 de junho de 1941, Himmler já havia conversado com o governador do Reich no Warthegau, Greiser, sobre isso: “Acho que é certo que crianças pequenas de famílias polonesas de raça especialmente boa sejam arrebanhadas e educadas por nós em creches e internatos não demasiadamente grandes. A justificativa para a subtração das crianças deveria ser o risco para a saúde delas. As crianças que não se adaptam devem ser devolvidas aos pais”.[74] No entanto, o chefe da central do Estado-maior, Rudolf Creutz, opôs fortes reservas contra essa sugestão sempre que se tratasse de “crianças de boa raça cujos pais poloneses ainda estão vivos”; uma ação dessa natureza poderia implicar “grandes dificuldades”.[75] De fato, parece que a ideia de Himmler de subtrair crianças de famílias intactas não foi sistematicamente concretizada, mas, em números que não podem precisar, casos desse tipo realmente aconteceram.[76]

No que se referia à União Soviética, já em julho de 1941 Himmler encarregara o chefe da Lebensborn, Guntram Pflaum, de se ocupar das crianças alemãs étnicas “de boa raça”. Pflaum instalou uma creche em Bobruisk, onde acomodava as crianças de “boa raça” para intermediar a sua adoção na Alemanha.[77] Entre essas crianças não estavam apenas as de origem alemã étnica, mas também as “racialmente valiosas”, de famílias da Bielorrússia; além disso,

de modo algum as crianças que chegavam à instituição eram todas órfãs. Na Ucrânia, crianças "órfãs" eram igualmente reunidas em acampamentos e submetidas ao "exame racial".[78] Durante uma viagem no outono de 1941 pelo Comissariado do Reich Ostland, Himmler determinara que as crianças das famílias deportadas pelos soviéticos fossem registradas, avaliadas em relação à sua "capacidade de germanização" e, conforme o caso, transferidas para o território do Reich.[79]

Himmler determinou que as pessoas "de origem alemã" que não queriam ser registradas na Lista de Alemães Étnicos deveriam ser punidas mediante aprisionamento em campo de concentração e subtração de seus filhos.[80] Além disso, no mínimo 4.500 crianças polonesas do distrito de Zamosc, cujos pais haviam sido expatriados, ou seja, usados nos trabalhos forçados, ou estavam presos em Majdanek, foram raptadas e encaminhadas para o território do Reich.[81]

Himmler achava a situação toda extremamente simples. Em 16 de setembro de 1942, diante dos chefes da SS e da polícia do setor Rússia-sul, enfatizou: "Nossa tarefa é separar aquilo que for de boa raça".[82] E em 4 de outubro de 1943, em uma conferência de Gruppenführer, ele se declarou abertamente a favor do rapto de crianças: "Vamos pegar para nós aquilo que está presente nesses povos em termos de sangue bom do nosso tipo, se necessário, roubando-lhes as crianças e criando-as no nosso seio".[83]

Isso também dizia respeito aos filhos dos combatentes da resistência ou de guerrilheiros mortos ou presos (ou pessoas suspeitas de desempenhar esse tipo de atividade).[84] O fato mais conhecido é a conduta bárbara no caso Lídice. Na ação de "vingança" pelo atentado a Heydrich, as 88 crianças cujos pais haviam sido executados e cujas mães se encontravam trancafiadas em campos de concentração foram reunidas inicialmente em acampamentos de coleta da Central de Emigração em Lodz, onde sete delas foram consideradas "germanizáveis" e as outras 81 foram transferidas para o campo de extermínio de Chelmno e assassinadas.[85]

As "diretrizes para a execução de ações contra guerrilheiros e outros bandidos da Alta Carniola e da Baixa Estíria", decretadas por Himmler em 25 de junho de 1942, eram claras: "Os homens de uma família culpada, em muitos casos até de todo o clã, devem ser executados sumariamente, as mulheres dessa família

devem ser presas e enviadas para campos de concentração, as crianças devem ser afastadas de sua pátria e reunidas no território do antigo Reich do *Gau*. Sobre a quantidade e o valor racial das crianças, aguardo relatórios em separado."[86]

Em 6 de janeiro de 1943, ele ordenou que, futuramente, os homens e as mulheres "suspeitos de serem bandidos" devem ser deportados para os campos de Lublin e Auschwitz; seus filhos devem ser levados para "campos de coleta de crianças e jovens". O "exame racial e político" obrigatório indica que aquelas crianças racialmente "valiosas", que não tinham condições de avaliar a sua situação e com isso não podiam ser classificadas como vingadores em potencial, também deveriam ser consideradas para a "germanização".[87]

Outro grupo de "crianças germânicas", das quais Himmler não queria abrir mão de jeito nenhum, era o de filhos de soldados alemães gerados nos territórios ocupados.[88] Nisso, ele dedicava atenção especial aos países "germânicos". Examinadores do RuSHA assumiram o exame racial das crianças nascidas nos Países Baixos e na Noruega e, a partir de 1942-1943, a Lebensborn foi incumbida de sua guarda. Só na Noruega, a Lebensborn mantinha seis maternidades, nas quais se estima tenham nascido aproximadamente 6 mil filhos de militares.



*Durante a viagem a Minsk, em meados de agosto de 1941, Himmler demonstrou aos acompanhantes, o chefe de seu serviço pessoal de segurança, Josef Kiermaier (1º à esq.), e Karl Wolff (2º à esq.), a avaliação racial de um menino local; a fotografia foi tirada pelo "fotógrafo do Führer" Walter Frentz, que acompanhava o grupo.*

Os filhos de soldados alemães com mulheres russas também despertaram o interesse de Himmler, especialmente em virtude do suposto número formidável de nascimentos; e mesmo que se tratasse a princípio de "mães de etnia estrangeira inferior", em muitos casos a herança genética superior do progenitor levava a resultados passáveis.[89] Em setembro de 1942, em sua fala diante dos SSPF do setor Rússia-Sul, o Reichsführer-SS explicou que Hitler lhe chamara a atenção para o problema de que "na Rússia provavelmente haviam sido gerados entre um e um milhão e meio de crianças de soldados alemães". Talvez fossem um pouco menos, admitiu ele, "mas certamente são várias centenas de milhares ou quase um milhão". Essas crianças representariam "uma incrível aquisição, tanto em termos de quantidade quanto de qualidade racial, para o povo russo que hoje padece de uma grande perda de sangue". Por esse motivo, Hitler lhe teria dito "que nós, a SS, antes de mais nada, temos de constatar onde estão todas essas crianças e então examiná-las. Aquelas que são de boa raça e estão com boa saúde serão subtraídas às mães e levadas para a Alemanha ou, se as mães forem de boa raça e estiverem com boa saúde, elas também devem ser trazidas".

As crianças "de raça ruim", por outro lado, seriam deixadas para trás. "Devo admitir que até isso ainda constitui uma perda. Pois até mesmo a criança que nasce da ligação de um alemão com uma russa de raça ruim representa uma aquisição para os russos; pois não sabemos o que de repente resultará na terceira, quarta, quinta, sexta ou uma geração ainda mais distante, quando esse sangue se encontrar novamente com um sangue da mesma natureza". Segundo outra transcrição do discurso, ele já tinha uma solução pronta para esse caso: ele falou da "eliminação" do filho indesejado.[90]

É provável, no entanto, que Hitler e Himmler tenham superestimado em muito a virilidade dos soldados alemães estacionados no leste. De acordo com avaliações realistas, o número de filhos gerados em consequência do relacionamento de soldados alemães com mulheres locais nos territórios ocupados do leste deve ter ficado entre 10 e 11 mil.[91] Também nesse caso, o RuSHA entrou em ação e as crianças foram transferidas para as instituições do Bem-Estar Nacional-Socialista (NSV). É provável que mais de 10 mil crianças geradas por soldados alemães em todos os territórios ocupados pela Alemanha tenham caído nas mãos da NSV.[92]

## Exame racial: arbitrariedade metódica

Como já vimos nos capítulos anteriores, nos anos de 1941-1942, os critérios raciais impostos por Himmler passaram a ser amplamente flexíveis. E comprovou-se que o método de teste se dava muito bem com essa decretada flexibilidade, porquanto a grande maioria das pessoas que passaram pelo crivo dos examinadores raciais foi qualificada como "mistura" das "principais raças europeias", do modo que a "teoria racial" a definira: tratava-se, pois, de pessoas com as mais diversas "influências sanguíneas", fossem essas de natureza "nórdica", "dálica", "ocidental", "dinárica", "oriental" ou "do leste do Báltico". Para satisfazer os critérios raciais, bastava que o elemento "nórdico" fosse claramente perceptível ou que a relação entre os outros componentes fosse "equilibrada" (ou seja, até mesmo quando o elemento nórdico faltava totalmente). O candidato tinha avaliação definitivamente negativa quando, na opinião do examinador, possuía traços "eslavos", "negroides", "orientais" (judeus) ou caso outro tipo de influência "estrangeira" pudesse ser detectado (ou "suspeitado") ou quando os elementos europeus esboçados compusessem um fenótipo "desequilibrado" — isto é, desviassem demasiadamente para o lado "dinárico", "oriental" ou "do leste do Báltico".[93]

Esse próprio panorama já revela a arbitrariedade de todo o procedimento e o absurdo da chamada doutrina racial que nisso se evidencia. Se a grande maioria dos examinados foi classificada como "mestiça", então, conforme os critérios "raciais", a população alemã não podia ser claramente definida e muito menos delimitada racialmente dos povos vizinhos. No entanto, as diferenças notórias na aparência das pessoas examinadas não eram simplesmente aceitas como variações, mas tentava-se atribuí-las a certos "tipos ideais", que em sua forma pura — como tipos "nórdicos", "dináricos" etc. — só existiam na fantasia dos pesquisadores raciais. Afinal, as ciências raciais baseavam-se na tese de que as pessoas do século XX podiam ser divididas, de acordo com a origem, em puras "raças primitivas" pré-históricas — uma hipótese que em seu cerne fundamentava-se na mitologia histórica, mas não na antropologia.

A arbitrariedade dos examinadores raciais não só se espelhava nesses resultados, como também determinava todo o processo: por fim, decisiva na avaliação era a "imagem geral" do candidato, a impressão imediata que causara ao examinador, sendo que o contexto familiar (examinava-se, de preferência,

toda a família), a origem geográfica, a religião, a nacionalidade e a eventual filiação ao NSDAP, todas essas coisas eram devidamente anotadas sobre o formulário da análise e influenciavam o quadro geral. Mas até os critérios puramente biológicos eram passíveis de interpretação. Embora a constituição da cabeça (“curta”) e a pelagem corpórea (“muito densa”) indicassem características raciais ruins, essas falhas podiam ser completamente compensadas pelo critério “postura ereta”. No final, quase sempre era possível escolher uma ou mais “provas” claras, entre a grande quantidade de critérios de avaliação, que resultasse em um quadro geral “positivo” (ou também “negativo”) se a aparência exterior do candidato era a de um “mestiço”.

Aliás, o próprio Himmler, se fosse criteriosamente avaliado, seria classificado na média racial, em parte até abaixo dela: a forma do rosto mais para redonda que para oval, o nariz mais para largo que para estreito, a postura desde sempre mais “frouxa” que “ereta”, e o queixo definitivamente seria classificado como “recuado”, algo que no exame racial era visto como especialmente negativo.

32 Para ser considerado de descendência alemã, era preciso que a pessoa tivesse aos menos dois avós alemães. (N. das T.)

## A “rígida lei do *Volkstum*”: recrutamentos para a Waffen-SS

Nesse verão de 1942, que transcorria de modo especialmente promissor para Himmler, pois conseguira estender o assassinato sistemático dos judeus a toda a Europa, enquanto a política de colonização ao mesmo tempo tomava impulso, o Reichsführer-SS também fez importantes progressos em outra área: a da expansão da Waffen-SS. Himmler multiplicou sua base de recrutamento tanto dentro quanto fora da Alemanha. Em maio de 1942, convencera Hitler a autorizar a formação de um corpo de exército SS, sob o comando do general da Waffen-SS Paul Hausser, que se compunha das divisões Leibstandarte, Das Reich e Totenkopf, subtraídas ao front para serem abastecidas com pessoal no oeste ocupado e, com novos armamentos, transformadas em divisões Panzergrenadier. Até o final do ano, o Armeekorps foi renomeado corpo Panzer SS.[1] Assim, Himmler conseguira reunir suas divisões mais poderosas sob um único comando, e até o final da guerra, as divisões da SS seriam inseridas concentradamente como “corpo de bombeiros” toda vez que em uma das frentes o estado ficava crítico. Por meio de operações que envolviam grande número de baixas, o mito da Waffen-SS como tropa de elite suprema se consolidou.

Em agosto de 1942, Himmler finalmente conseguiu que o chefe do OKW, Keitel, triplicasse a quota de recrutamento de soldados nascidos em 1924, como fora prometido. Essa medida proveu novas divisões à SS: em setembro de 1942, Hitler ordenou a expansão da brigada de cavalaria, formando a 8ª Divisão de Cavalaria SS “Florian Geyer”,[2] e em dezembro ele determinou a formação de duas novas divisões SS alemãs, das quais resultaria um segundo SS-Armeekorps em 1943.

Já em 1940, como sabemos, a Waffen-SS empreendera ações de recrutamento fora de casa, mais especificamente nos chamados países germânicos e entre as minorias alemãs étnicas no sudeste europeu.

As intervenções do Reich nos Bálcãs e o ataque à União Soviética, que a propaganda transformou em cruzada da Europa civilizada contra o “bolchevismo”, provocaram uma mudança nas condições: agora a prioridade era encontrar aliados para a postulada guerra contra o “bolchevismo”, onde quer que fosse.

Uma vez que as medidas de Himmler, de realizar o recrutamento entre as minorias alemãs étnicas no sudeste da Europa e nos países ocupados no oeste e

norte da Europa, já levavam em conta um futuro grande Reich germânico e a nova ordem que impingiria essa nova entidade de poder à Europa após a guerra, a política de recrutamento da Waffen-SS se situa no mesmo contexto do restante das ambições de raça e política externa de Himmler. O grau de importância das questões de recrutamento, formação e armamento da Waffen-SS pode ser confirmado pelas inúmeras anotações no diário de Himmler sobre esse tema. Em suas "palestras com o Führer" esses assuntos frequentemente também vinham à tona.[3]

## Legiões nacionais

Paralelamente aos dois já mencionados recursos em termos de pessoal que a Waffen-SS desenvolvera para si no exterior — alemães étnicos e voluntários "germânicos" —, Himmler, em 1941, passou a mirar ainda um terceiro grupo, relativamente pequeno: voluntários de alguns países ocupados ou aliados, que deveriam ser reunidos em "legiões" nacionais. Em 29 de junho de 1941, Hitler aprovou o intento.[4]

Após negociações com a *Wehrmacht*, acordou-se que a Waffen-SS formaria legiões de noruegueses, holandeses, suecos, dinamarqueses e flamengos, além de manter o batalhão de voluntários finlandeses, formado no início de 1941, enquanto a Wehrmacht criaria unidades croatas, espanholas e francesas. Embora os legionários da Waffen-SS viessem em sua maioria de países "germânicos", eram cuidadosamente diferenciados dos voluntários verdadeiramente "germânicos" desses países: eles não eram vistos como membros da SS e, portanto, não estavam sujeitos aos critérios de seleção racial, nem tinham de se submeter ao decreto do casamento; tratava-se de legionários estrangeiros a serviço da Alemanha. A concepção dessas legiões se concentrava totalmente em explicitar a participação do respectivo país na "cruzada" comum contra o bolchevismo, mas com ênfase acentuadamente nacional, enquanto a ideia dos voluntários "germânicos" seguia um princípio de integração.

No entanto, as dificuldades iniciais em relação às legiões eram enormes: a legião sueca nem chegou a ser formada.[5] Na Dinamarca, onde o recrutamento estava nas mãos dos nazistas do país, a SS começou a formar a chamada Freikorps Dinamarca em julho 1941 e conseguiu enviar 600 voluntários para treinamento na Alemanha ainda antes do final do mês.[6] Em julho, foram

retirados holandeses e flamengos da Standarte Noroeste, que fora criada em abril de 1941 para formar a tropa básica das legiões Flandres e Países Baixos,[7] e no final de julho, o quartel-general de operações da SS determinou a formação da legião Noruega.[8] Mas quando os homens terminaram o treinamento, no final de 1941, nenhuma das legiões alcançara força de regimento[9] — até ali, havia-se conseguido angariar 5.816 homens.[10]

As diretrizes instituídas por Himmler, em novembro de 1941, para as novas forças de combate enfatizavam que os legionários não eram membros da SS; por isso, também não tinham nenhuma runa da SS nas fardas, e sim o símbolo da respectiva "nacionalidade". Tinham que fazer o juramento a Hitler e recebiam o mesmo soldo e assistência familiar que os demais membros da Waffen-SS.[11]

A primeira missão da legião holandesa e flamenga, em janeiro de 1942 — eles deveriam barrar um contra-ataque soviético na região de Leningrado —, terminou com enormes baixas. Desde fevereiro de 1942 a legião Noruega também participava das hostilidades na região de Leningrado, enquanto o Freikorps dinamarquês já lutava na Frente Oriental desde 1941, inserido na Divisão Totenkopf.[12] A entrada em ação do batalhão finlandês sofreu consideráveis atrasos: a insatisfação dos voluntários sobretudo quanto à arrogância do pessoal de chefia alemão e seus métodos brutais seria de tal ordem que os "voluntários finlandeses [...], em sua primeira ação, dispararam contra os chefes SS alemães", assim se expressou inequivocamente o Chefe de Polícia do Estado da Finlândia, Aaltonen, ante um funcionário de Berger em janeiro de 1942.[13] Somente depois de resolvida uma série de divergências graves, as autoridades finlandesas liberaram a partida do batalhão para o front. A partir de janeiro, ele combateu por alguns meses no leste, integrando a divisão Wiking.[14]

As queixas manifestadas pelos finlandeses — discriminação, descumprimento das promessas que lhes haviam sido feitas quando do recrutamento, menosprezo pelos seus conhecimentos militares prévios adquiridos em seu próprio Exército e suas patentes — também se repetiram em relação aos integrantes de outras nações. Em fevereiro de 1942, Berger alertou Himmler de que a "conquista de voluntários das regiões germânicas e alemãs étnicas fica cada vez mais difícil e acabará parando por completo, se não forem realizadas mudanças fundamentais".[15]

Em 6 de março de 1942, Himmler então transferiu a Berger, na qualidade de

chefe do Departamento Central da SS , o “recrutamento, a complementação para a Waffen-SS, legiões, organizações policiais, batalhões de guarda”, a “supervisão de todos os voluntários germânicos”, além da “formação, chefia e treinamento da SS germânica nos respectivos países”,[16] e convencionou uma série de medidas que buscavam resolver as reclamações dos legionários: os homens, cujo tempo obrigatório de serviço havia sido cumprido, realmente foram liberados; futuramente também estrangeiros poderiam frequentar a escola de cadetes de Bad Tölz; a partir de então, os funcionários alemães a serem transferidos para as legiões deveriam antes frequentar um curso de orientação. Além disso, Himmler se reservou o direito de nomear pessoalmente os oficiais nas unidades estrangeiras da Waffen-SS.[17]

Uma vez que os maus-tratos a estrangeiros continuavam ocorrendo e a guerra tomava um rumo cada vez mais desfavorável, a oferta de recrutas diminuiu a partir de 1942.

As perdas nas legiões não podiam mais ser cobertas, de maneira que já não se podia contar com elas da mesma forma.[18] O prestígio das legiões na alta chefia era igualmente baixo: em abril de 1942, em uma de suas conversas à mesa, na presença de Himmler, Hitler já manifestara ceticismo em relação a “todas essas legiões estrangeiras na nossa Frente Oriental”; segundo ele, o legionário, já que não tinha “relação com o Reich germânico [...] por meio do sangue”, devia se sentir como “traidor de seu povo”.[19]

No final de 1942, em vista da falta de reposição de pessoal, decidiu-se efetuar um reagrupamento; no decorrer da reestruturação desapareceu a designação “legionários” em favor do termo “voluntários SS”. A partir de então, integrantes alemães da SS e voluntários “germânicos” foram chamados para complementar as legiões dinamarquesa, holandesa e norueguesa, convertidas nos regimentos Dinamarca, Países Baixos e Noruega, respectivamente. A partir desse ativo básico, formou-se, por sua vez, a divisão Panzergrenadier voluntária “Nordland”.[20] O nome elaborado sinaliza claramente a diferença em relação às divisões plenas da Waffen-SS, compostas exclusivamente por alemães do Reich e “germânicos”.

Um ano mais tarde, o regimento “Países Baixos” foi separado da divisão “Nordland”. A brigada nova e independente passou a compor a 23ª Divisão SS Voluntária Panzergrenadier Países Baixos. Foi instalada uma nova legião

flamenga sob o nome de Langemarck e mais tarde convertida na 27ª Divisão SS Voluntária Grenadier. A Wehrmacht transferiu as unidades de voluntários franceses e valões para a SS, que as manteve como divisão na Waffen-SS, embora ficassem abaixo do efetivo usual.[21]

Depois das querelas já mencionadas, o governo finlandês chamou seu batalhão de volta, em maio de 1943.[22] Himmler dispensou os finlandeses com uma patética ordem do dia: "nesses dias extremamente difíceis, fomos unidos por um laço fraterno que nunca será rompido por uma separação externa".[23] Se os finlandeses, que tinham vontade de assassinar os chefes alemães, também viam isso dessa forma, fica por conta da imaginação de cada um.

**Voluntários germânicos**

O recrutamento de voluntários "germânicos" foi muito mais bem-sucedido.Embora esses voluntários também fossem obrigados a se submeter a um exame racial[24] tal como os membros alemães da SS e tivessem de respeitar o decreto do casamento,[25] a Waffen-SS conseguiu arregimentar, conforme uma avaliação (possivelmente um tanto exagerada) durante a Segunda Guerra Mundial, 100 mil homens dos países do norte e do oeste da Europa — metade deles, no entanto, recrutados nos últimos anos da guerra e, portanto, sob condições em que os "voluntários" não tinham muita alternativa. De acordo com a mesma avaliação, havia 50 mil voluntários holandeses, 40 mil belgas (partes iguais de flamengos e valões), 6 mil voluntários dinamarqueses e igual número de noruegueses, além de 1.200 voluntários de outros países, principalmente da Suíça, Suécia e de Luxemburgo, além de uns mil finlandeses.[26]

Em 12 de agosto de 1942, Hitler fez saber que o Reichsführer-SS era o encarregado exclusivo do NSDAP, suas filiais e associações coligadas, quanto ao que dissesse respeito a "negociações com todos os grupos germânicos *völkisch* da Dinamarca, Noruega, Bélgica e dos Países Baixos [...].[27] Meio ano depois, ele estendeu esse monopólio de negociação, que inicialmente só dizia respeito às questões que envolvessem o partido, também às administrações civis dos territórios ocupados, de sorte que estes seriam obrigados a pedir o aval de Himmler sempre que quisessem entrar em contato com as forças "germânico-*völkisch*" nos respectivos estados.[28] Dessa maneira, Himmler não só conseguira fortalecer sua posição em relação ao recrutamento de voluntários "germânicos"

no noroeste da Europa, mas, sobretudo, obtivera a aprovação para a política da "grão-germânica": desde a ocupação desses países, em 1940, havia tentado estabelecer um contato com os movimentos fascistas locais para que colaborassem com o recrutamento para a Waffen-SS e também o ajudassem, por caminhos políticos, a estabelecer uma base para uma futura coalizão com o Reich sob a marca da grande Alemanha. No entanto, quando Hitler sancionou essa política, em agosto de 1942, ela basicamente já tinha fracassado.

Na Dinamarca, a SS de início colaborou com os nazistas dinamarqueses, especialmente usando a organização deles para arregimentar voluntários. Aos olhos da grande maioria dos dinamarqueses, o Danmarks Nationalsocialistiske Arbejderparti (DNSAP) se revelara por meio dessa colaboração. Nas eleições de 1943, o DNSAP só conseguiu chegar ao parlamento graças à forte ajuda dos votos da minoria alemã. Depois disso, a SS foi obrigada a procurar um novo parceiro. Em 1943, rompeu definitivamente com o DNSAP, vindo a formar uma tropa miliciana, o Schalburgkorps, que devia seu nome ao chefe do Freikorps Dinamarca, Christian Frederik Von Schalburg, morto em combate na Rússia. O chefe do DNSAP, Fritz Claussen, que fora o mais importante parceiro de Himmler na Dinamarca, ofereceu-se para combater no front, mas acabou em uma clínica de repouso, por decisão de Himmler, em decorrência do excessivo consumo de álcool.[29]

Na Noruega, Himmler apostara em Quisling e no seu partido Nasjonal Samling. Mas Quisling, que fora nomeado primeiro-ministro da Noruega pela força de ocupação, estava completamente isolado em meio ao seu próprio povo. Seus esforços no sentido de obter promessas concretas quanto ao futuro de seu país foram ignorados pelos alemães.[30]

Nos Países Baixos, as atividades de recrutamento de Himmler enfrentaram a oposição do homem que a força de ocupação tinha como principal aliado no país: Anton Mussert. O chefe do NSB, o partido fascista local e o único que desde o verão de 1941 ainda era permitido na Holanda, perseguia ideias próprias. Por meio da anexação da parte germânica de Flandres, esperava poder formar uma grande nação dos Países Baixos. Desde o início, ele achava que as ações de recrutamento da SS constituíam uma violação da soberania holandesa. Embora Himmler tivesse conseguido contornar a oposição de Mussert ao recrutamento para a Waffen-SS e, contra a vontade deste, conseguisse impor a formação de

uma SS Geral “germânica” nos Países Baixos, também despertara a desconfiança do holandês. Este temia que o grande Reich germânico propagado por Himmler tivesse em mente uma anexação pura e simples dos Países Baixos. Apesar de se irritar diversas vezes com Mussert,[31] não restava a Himmler outra opção senão apoiá-lo — pelo simples fato de que não havia alternativa.[32] Seu antigo maior aliado, Rost van Tonningen, dirigente da ala radical do nazismo holandês, fora recusado pelo regimento Westland, em razão da falta da comprovação de sua origem “ariana” — Rost van Tonningen nascera na Indonésia, circunstância que seus oponentes souberam aproveitar para pôr em dúvida sua “pureza” racial —, e por isso Van Tonningen não podia ser cogitado para assumir funções nessa área.[33] Em vez disso, em abril de 1941, Van Tonningen assumiu a direção do Banco Nacional da Holanda e se tornou secretário de Estado no Ministério das Finanças. A partir daí, seu interesse se voltou principalmente para as questões de política monetária.[34]

O interesse de Himmler pela Bélgica, por outro lado, concentrou-se inicialmente sobre Flandres, que, terminada a guerra, ele queria incorporar ao novo Reich germânico como “*Reichsgau Flandern*”. O chefe do Departamento Central da SS, Gottlob Berger, que se considerava um conhecedor de Flandres e que se engajava fortemente para promover a germanização desse domínio, tentou de início se infiltrar no partido fascista belga Vlaamsch Nationaal Verbond — VNV para que ele tomasse um curso grão-germânico, mas isso não deu certo: ali se defendia a ideia de uma “grande Flandres”, com a inclusão da Holanda. Em 1941 Berger, apoiado por Himmler, dirigiu-se ao Grupo de Trabalho Flandrense-Alemão (DeVlag) para estabelecer uma aliança com eles que servisse de contrapeso em relação ao VNV. Como consequência, as forças flamengas dispostas a colaborar passaram a atuar uma contra a outra.[35]

As tentativas de Himmler de criar uma base política para seus sonhos “grão-germânicos” mediante a colaboração com os movimentos de massa fascistas do noroeste da Europa não deram em nada. O fato de ele usar essas organizações para as ações de recrutamento para a Waffen-SS prejudicava a imagem delas perante a população local, que não os via como precursores de um futuro político melhor, mas como colaboradores e traidores. E, do ponto de vista dos movimentos fascistas, os voluntários que a SS havia recrutado agora faziam falta como ativistas no próprio país.

Em vista desses avanços extremamente lentos e, ao mesmo tempo, da urgente demanda da Waffen-SS por recrutas, Himmler começou a refletir se não seria possível ampliar o conceito de "germânico" em se tratando de voluntário. Na parte francesa da Bélgica, a Valônia, por exemplo, que os políticos raciais do regime nazista tinham em conta como "românica", atuava o movimento fascista rexista,[33] chefiado por Léon Degrelle, que desde o início de 1943 era comandante adjunto da Brigada de Chague SS "Wallonien", uma liga de voluntários belgas, que foi transferida para a SS pela Wehrmacht. Himmler protegia Degrelle, que já era um bom candidato pelo simples fato de que ocasionalmente recrutava mais voluntários valões para a SS do que era possível esperar da parte "germânica" de Flandres.[36] Além disso, o Reichsführer-SS gostava do modo como Degrelle estava disposto a adaptar a ideia original de uma "grande Bélgica" às vagas ideias "germânicas" de futuro da SS. Pois Degrelle aproveitara a transferência de seus homens para a Waffen-SS para proclamar, em um discurso abrangente, o pertencimento dos valões à "raça germânica".[37] Feliz (e claramente surpreso com esse passo), Himmler constatou, em janeiro de 1943, que é "altamente interessante o fato de os valões repentinamente passarem a se ver como germânicos".[38]

Os pensamentos de Himmler, de todo modo, iam na mesma direção: em 1943, ordenou que se realizassem exames biológico-raciais na Valônia, cujos resultados aparentemente confirmaram que "todo o norte e o leste da França, até a parte mais profunda da bacia de Paris, detêm uma herança bastante considerável de sangue germânico-norte-alemão", como se expressou o professor Franz Petri em um artigo.

Petri, medievalista e importante "pesquisador do ocidente", como especialista em "assuntos relacionados aos alemães e flamengos" na hierarquia de um Conselho Superior de Guerra no Estado-maior administrativo, era tido como o ponta de lança intelectual de Himmler em sua tentativa de dar respaldo também à inclusão da Valônia no futuro grande Reich germânico.[39] Berger, o especialista de Himmler para questões relativas a Flandres, já via o Reichsgau Valônia, isto é, mais uma província germânica tomando forma.[40]

Em julho de 1944, Himmler explicitou a Hitler as opiniões sobre a questão da Valônia nos seguintes termos: "o movimento de renovação dos valões deveria ser tratado com cuidado. Seu líder, Léon Degrelle, seria um homem altamente

habilidoso, mas um político capaz de muitas viradas que, afinal de contas, soubera levar o movimento rexista ao pensamento do grande Reich germânico, mas que repentinamente voltava a nutrir a ideia de um grande império burgúndio dos valões. A tese de Degrelle de que os valões seriam germânicos romanizados constituía uma fórmula da qual poderíamos muito bem nos apropriar".[41] No entanto, diante dos acontecimentos da guerra, esses planos perderam o sentido: poucas semanas depois, Himmler já não tinha mais acesso aos germânicos romanizados. Por algum tempo, ele também brincou com a ideia de absorver jovens eslovacos por meio de prestação de serviços na SS. Em outubro de 1941, passou a se dedicar a um projeto com o qual seu conselheiro da Hlinka-Garde, Nageler, já se ocupava havia algum tempo.[42] Durante encontro com o presidente eslovaco, Tiso, e seu ministro do Interior, Mach, Himmler sugeriu que a Waffen-SS poderia assumir voluntários da Hlinka-Garde; na opinião de Himmler, Mach ficou "empolgado". Aliás, foi nesta mesma visita que ofereceu aos hóspedes eslovacos deportar os judeus "deles" para o Governo-Geral, mais um exemplo da facilidade com que os lados "positivos" e "negativos" da política de raça de Himmler se entrelaçavam: integração aqui, exclusão e assassinato em massa lá. Após o encontro, Himmler se apressou a emitir instruções detalhadas quanto ao recrutamento dos eslovacos. Eles deveriam "condizer com os mais rigorosos critérios raciais germânicos". Não deveria ser possível "na Waffen-SS diferenciar um voluntário eslovaco fardado de um alemão ou voluntário germânico".[43] De acordo com seu raciocínio, por meio de uma "seleção" racial adequada se poderia criar também na Eslováquia uma elite que podia ser facilmente fundida com a maioria da população de um futuro grande Reich germânico.

Em 1º de setembro de 1942, Himmler nomeou Nageler encarregado especial do recrutamento de voluntários na Eslováquia. Por meio da aprovação do governo eslovaco realmente seria possível, a partir de janeiro de 1943, "atrair" vários milhares de homens para a Waffen-SS, por vezes sob considerável pressão, sobretudo entre a minoria alemã, diga-se de passagem; o plano temporário de Himmler, de "germanizar" uma elite eslovaca por intermédio do serviço na Waffen-SS, fora novamente abandonado.[44]

**Alemães étnicos**

O fato de Himmler ter assumido em 1936-1937 a responsabilidade geral no que tangia à política em torno do *Volkstum* e de ter exercido um controle crescente sobre as comunidades alemãs étnicas individuais nos anos seguintes, contando com o apoio do VoMi, finalmente mostrou-se compensador para ele, tendo em vista as novas circunstâncias decorrentes da guerra. Já em abril de 1941, a Waffen-SS iniciou campanhas de recrutamento entre as minorias alemãs da região oeste do Banato (que, fazendo parte da Sérvia, se encontrava sob administração militar alemã); no novo estado da Croácia, dependente da Alemanha, bem como na área iugoslava de Backa incorporada à Hungria.[45] Essas ações seriam estendidas rapidamente também para outros países: Hungria, Romênia e Eslováquia, onde seus recrutadores já estavam em ação. Como Himmler não considerava os grupos alemães étnicos como cidadãos de seus respectivos países, mas alemães que, por mero acaso histórico, viviam em um ou outro desses países, não foi difícil para ele transferir rapidamente as medidas de um grupo ao outro, como fica claro a seguir. Pouco interessava a ele que o recrutamento de pessoas que do ponto de vista das leis internacionais eram estrangeiras afetava profundamente as respectivas relações bilaterais. Os conflitos com o Ministério do Exterior estavam no programa.

Já em abril de 1941, enquanto ainda estava estacionada na Iugoslávia, a divisão Das Reich recebera a ordem de incorporar de imediato voluntários alemães étnicos às suas tropas. O comandante de divisão, Hausser, começou então a realizar seleções nas comunidades alemãs étnicas do Banato e de treinar os recrutas por meio de suas divisões; integrantes alemães étnicos do Exército iugoslavo, prisioneiros de guerra dos alemães, eram libertados se concordassem em se alistar na Waffen-SS. Desse modo, ainda na primavera, em torno de mil homens ingressaram no serviço das corporações militares da Schutzstaffel.[46]

Desde abril de 1941 uma comissão de recrutamento se empenhava em arregimentar alemães étnicos para a Waffen-SS também na Croácia.[47] Mas o Ministério do Exterior levantou protestos contra a ação, pois tinha outros interesses na questão: em 16 de setembro de 1941, o diplomata alemão Siegfried Kasche firmou um acordo com o ministro da Guerra, Slavko Kvaternik, quanto ao recrutamento de alemães étnicos. Depois disso, 10% dos recrutas de origem alemã estavam reservados para a Wehrmacht (mas Berger os reclamava para a Waffen-SS). Em compensação, a grande maioria dos alemães étnicos deveria

servir em unidades especiais, exclusivamente alemãs, dentro do Exército croata.[48]

Mas Himmler não ficou impressionado com isso. No final do verão de 1941, mandou organizar uma "tropa alemã", conforme o modelo da SS Geral, para atuar como milícia de segurança, assim como uma formação armada para combater os guerrilheiros que, formalmente, faziam parte da milícia fascista croata, a Ustascha.[49]

Em novembro de 1941, Himmler criou, com base em uma portaria de fevereiro promulgada por Hess, uma divisão para questões *Volkstum* dentro do NSDAP, que deveria servir como "setor de triagem para todas as questões *Volkstum* dirigidas ao partido" e que seria chefiada por um representante de cada um dos departamentos centrais encarregados das questões *Volkstum*, que, nesse meio-tempo, já eram quatro (VoMi, RuSHA, RSHA, Departamento Central do Estado-maior do RKF).[50] A precisa determinação de sua competência internamente ao partido para "questões de *Volkstum*", que, especialmente no que tangia à União Soviética, tocava em delicadas questões de competência, mostrou ser algo complicado, e a noção de Himmler de se apresentar agora como "delegado do NSDAP para a Consolidação do *Volkstum* alemão" não conseguiu se impor.[51] Ainda assim, a criação dessa divisão destacou ostensivamente sua pretensão de se tornar o ponto central dentro do NSDAP para todas as questões alemãs étnicas. Em março de 1942, o setor até seria alçado à categoria de Departamento Central para Questões *Volkstum* junto à direção nacional do NSDAP.[52]

Mal o setor havia sido montado, Himmler se encontrou, ainda em novembro, com os dirigentes dos grupos étnicos alemães na Croácia, na Eslováquia e na Sérvia. Nessa ocasião, Sepp Janko, que representava os alemães no Banato sérvio, sugeriu a Himmler a formação de uma tropa de proteção alemã étnica com força de um regimento para servir de apoio às unidades da Wehrmacht estacionadas no Banato. Branimir Altgayer, o dirigente dos alemães na Croácia, foi incumbido de contribuir para o treinamento, com base em sua experiência local.[53] Algumas semanas depois, Hitler deu autorização para o plano.[54] Além disso, em 1942, Himmler nomeou August von Meyszner como primeiro HSSPF para a Sérvia.[55] Meyszner foi incumbido não só do comando de toda a polícia na Sérvia,[56] mas também da tarefa de arregimentar alemães étnicos para as

organizações voluntárias da Waffen-SS.[57] Em fevereiro, Himmler determinou que Von Meyszner exortasse o grupo étnico alemão no Banato a ficar de prontidão para integrar uma unidade paramilitar no contexto da Waffen-SS.[58] Na prática, esse recrutamento de voluntários resultou em um recrutamento forçado por órgãos da Volksgruppe. Além disso, os integrantes da minoria alemã em idade de prestar serviço militar foram convocados para compor uma nova divisão da Waffen-SS, que recebeu o nome de "Prinz Eugen".[59] Dessa maneira, até abril de 1942 entre 10 mil a 15 mil homens do Banato foram obrigados a servir; aliás, não precisavam corresponder aos critérios "raciais" da SS: eram considerados "voluntários da SS", não membros da SS.[60] Adicionalmente — também no início de 1942 —, criou-se a Guarda de Elite do Banato, que formava uma polícia de apoio composta por alemães étnicos, formalmente subordinada ao Ministério do Interior da Sérvia, mas que na prática se reportava ao comandante alemão da Polícia de Ordem em Belgrado.[61]

Portanto, em pouquíssimo tempo, Himmler havia conseguido atrelar uma grande parcela da minoria alemã étnica às suas ambições militares. Talvez esse fato tenha sido decisivo para que ele, a partir da primavera de 1942, ventilasse a ideia de que os alemães étnicos deveriam prestar o serviço militar compulsório, do mesmo modo que os alemães no Reich. Mas, em junho, Berger se manifestou contrário a isso. Alertou que a introdução do serviço militar compulsório "não era possível" segundo as leis internacionais e, além disso, não era "nem necessário", visto que aqueles que não se apresentassem voluntariamente teriam "as casas destruídas".[62] Em julho, Himmler mudou a postura de acordo com isso; agora determinava que todos os grupos étnicos alemães em todo o sudeste da Europa deveriam se conscientizar da obrigatoriedade do serviço militar que, se não era necessário "do ponto de vista legal", era obrigatório "de acordo com a rígida lei de seu germanismo", e, mais especificamente, "dos 17 aos 50 anos de vida".[63]

A partir de setembro de 1942, de fato, todos os homens dos grupos étnicos alemães no Banato com idade entre 17 e 60 anos que já não estavam no serviço ativo do Exército foram obrigados a servir na "Força Alemã", uma milícia semelhante à SS, que desempenhava funções de segurança, a exemplo do que ocorria na Croácia. A ordem de Himmler para a formação da tropa alemã correspondia a uma portaria que ele baixara — ainda voltaremos a isso — no

mês anterior em relação à mobilização dos alemães no Governo-Geral e nas regiões polonesas ocupadas.[64] Todas essas ordens tinham um único objetivo: a mobilização total de todos os alemães étnicos no contexto da SS ou subordinadas a ela.

Em 17 de outubro de 1942, na volta de uma viagem à Itália, Himmler visitou a divisão "Prinz-Eugen" em Kraljewo; no dia seguinte, os alemães étnicos dos Bálcãs comemoraram o aniversário do epônimo.[65] Os recrutamentos para a divisão ocorriam em toda a região balcânica. Já no outono de 1941, na Croácia, a Waffen-SS havia alistado tantos homens alemães étnicos que a cota de 10%, estabelecida no acordo de 16 de setembro de 1941, foi rapidamente ultrapassada. No entanto, o chefe do Departamento Alemanha do Ministério do Exterior, Luther, alertou que esses recrutamentos colocavam em risco a existência das formações armadas Einsatzstaffel integradas por alemães étnicos, que foram criadas para combater o contínuo crescimento do movimento *partisan* (guerrilha). O Departamento Central da SS, em outubro de 1941, anunciou a suspensão dos recrutamentos.[66] Mas, quando se comprovou que os alemães étnicos, que, segundo o acordo de 16 de setembro, deveriam prestar o serviço militar em unidades especiais do Exército croata, na prática eram treinados por unidades da Wehrmacht, Himmler interveio junto a esta em maio de 1942 e acabou por conseguir que, futuramente, o recrutamento e a preparação dos alemães étnicos de toda a região Sudeste da Europa ficassem exclusivamente a cargo da SS.[67]

Em junho de 1942, Himmler determinou a retomada do recrutamento para a divisão. Todos os jovens alemães étnicos da Croácia entre 17 e 30 anos de idade deveriam ser examinados para integrarem a divisão *Eugen.* Em contrapartida, das regiões bósnias pertencentes à Croácia, que se haviam tornado inseguras em virtude das atividades de guerrilheiros iugoslavos, em torno de 20 mil integrantes da minoria alemã deveriam ser evacuados — uma consequência inevitável do fato de que, em decorrência do recrutamento de seus jovens, os alemães étnicos se encontravam totalmente vulneráveis ao ataque de guerrilheiros. De resto, a missão de criar semelhantes "colônias espalhadas" e a "junção de colônias" em regiões fechadas estava de acordo com a política que Himmler, como comissário do Reich, seguia naquele tempo na Polônia e na União Soviética. O Ministério do Exterior suspendeu ou reduziu

temporariamente as ações de recrutamento,[68] mas acabou cedendo, em virtude da forte pressão de Berger.[69]

Como a máxima preconizada por Himmler em julho, de que os alemães étnicos tinham de prestar serviço militar por conta da "rígida lei de germanismo", deixava claro, o recrutamento voluntário não passava de uma farsa: na prática, todos os homens da faixa etária em questão eram examinados por comissões montadas pelo Obersturmführer Nageler, que já tinha ampla experiência no assunto; além disso, os órgãos do grupo étnico também exerciam pressão.[70]

No final de novembro, 28 mil homens haviam sido examinados e mais de 6.500 desses, convocados.[71] Em dezembro de 1942, Hitler ordenou que a divisão "Eugen" fosse transferida para a Croácia, para que fosse acrescida dos novos recrutas. Nos primeiros meses do ano de 1943, também as tropas alemãs étnicas da Wehrmacht croata e as Einsatzstaffel foram integradas à divisão.[72]

Em outubro de 1942, voltaram a surgir complicações: o governo croata insistia em que os alemães étnicos que haviam passado para a SS fossem privados da nacionalidade croata. Finalmente, o lado alemão conseguiu que os croatas concordassem em postergar a questão "até o final da guerra".[73] Em setembro de 1942, ainda durante a ação de recrutamento, o governo do Reich estabeleceu um acordo com o governo da Croácia, em cuja base até novembro de 1942, como fora planejado por Himmler, mais de 18 mil alemães étnicos emigrariam da Bósnia; a grande maioria foi enviada a um acampamento em Lodz, os demais foram acomodados em outros campos em todo o território do Reich.[74] Mas Himmler queria mais: a emigração de todos os alemães étnicos que viviam na Croácia. A sugestão de Himmler provavelmente se explica, de um lado, pelo aborrecimento com as dificuldades que surgiram no recrutamento na Croácia; de outro, ele apresentou a justificativa de que, dessa forma, podia ser demonstrado ao aliado italiano (com o qual era dividida a ocupação da Croácia) que, no longo prazo, o Reich não perseguia interesses próprios no país. O motivo real provavelmente foi o abrangente conceito de espaço vital de Himmler: nesse meio-tempo, resolvera desistir de usar a minoria alemã na Croácia como posto avançado para, em vez disso, integrá-la nas novas zonas de assentamento no leste europeu — para as quais nem de longe havia colonos em potencial em número suficiente. O fato de que nessa ocasião Himmler também sugeriu a

“emigração” dos alemães étnicos que viviam na Transnístria mostra que sua ideia do futuro dos alemães étnicos abrangia todo o sudeste da Europa.

Desde o outono de 1941, os homens de Nageler percorriam a antiga Backa sérvia, anexada pela Hungria, camuflados de pesquisadores biológico-raciais. Até outubro de 1941, cadastraram 2 mil alemães para a Waffen-SS. No verão de 1941, cem jovens das antigas regiões húngaras já haviam sido enviados para o Reich, a fim de serem submetidos a “treinamento esportivo”.[75]

Em 18 de novembro, Himmler explicou ao chefe do grupo étnico alemão na Hungria, Franz Basch, que a intenção agora era recrutar, em uma proporção muito maior, homens para a Waffen-SS entre os alemães húngaros na região central da Hungria.[76] Os problemas legais e políticos que surgiriam com isso — afinal, tratava-se de habitantes de nacionalidade húngara antiga — preocupavam-no muito pouco; para ele, essas pessoas não passavam de massa de manobra para a edificação do futuro grande Reich germânico. O ponto de vista, defendido em dezembro, de que seria possível recrutar em torno de 60 mil voluntários alemães étnicos da Hungria, da Romênia e da Eslováquia[77] também mostra que, para ele, as condições altamente diversas existentes dos diferentes países eram algo secundário.

O governo húngaro concordou com o recrutamento de 20 mil alemães étnicos pela SS. A ação correspondente durou de 24 de fevereiro a 3 de abril de 1942, e o responsável foi mais uma vez Nageler. Ao todo, 25 mil homens se apresentaram para o exame, dos quais 18 mil foram considerados apropriados.[78] Ribbentrop acordou com o governo da Hungria, por pressão de Himmler, mais uma ação de recrutamento para o ano de 1943.[79] (Um acordo semelhante também seria acertado com a Romênia, em 1943.)[80] A ação na Hungria, no entanto, tinha uma pequena falha do ponto de vista “da política de *Volkstum*”: os húngaros haviam conseguido impor que os alemães étnicos, assim que passavam a integrar a Waffen-SS, perdiam a cidadania húngara.[81] Com isso, o “posto avançado” da minoria alemã sofria grave perda de substância. Himmler não só levou isso em conta, como parecia até estar disposto a dar um passo além: após a guerra, Basch declarou que Himmler lhe confessara que planejava remanejar os alemães húngaros para o Warthegau assim que a guerra terminasse.[82]

O alistamento inicialmente voluntário para as milícias dos grupos étnicos muito rapidamente se transformou em serviço militar compulsório para todos os

homens alemães étnicos; no decorrer do processo, a SS também assumira o total controle dos diferentes grupos, incluindo o alistamento de membros de sua direção. As ações de recrutamento levaram a um crucial enfraquecimento desses grupos, a ponto de o abandono da região que habitavam havia séculos estar em questão ou já ter ocorrido de fato.

Esse modo de proceder enfrentou a oposição do Ministério do Exterior. O chefe do departamento Alemanha, Martin Luther — que ingressara no partido por vias não convencionais e que, a despeito de ter sido um dos personagens principais da nazificação no Ministério do Exterior, era cético no que se referia à política da SS —, em setembro de 1942 já fora contrário ao remanejamento da minoria alemã da Croácia, alegando que isso "paralisaria instantaneamente a capacidade de resistência étnica" dos "restantes 2,5-3 milhões de habitantes alemães étnicos do sudeste".[83] No início de 1943, Helmut Triska, responsável pela política *Volkstum*, que como Luther chegara ao posto por meio do partido e por isso basicamente compartilhava o espírito "revolucionário" da política *Volkstum* nazista, criticou severamente a iniciativa de Himmler, sob o lema "Sobre as medidas radicais da direção nacional da SS na política alemã étnica no exterior".

Uma das acusações de Triska contra Himmler era a de que ele, por meio do recrutamento de 20 mil alemães étnicos da Hungria, promovera a expatriação destes, fazendo com que o grupo étnico perdesse para sempre os membros mais ativos. Também na Croácia "o risco físico da colônia alemã se elevou consideravelmente. Durante a guerra, as colônias alemãs da Bósnia tiveram de ser recolhidas e remanejadas". Na Sérvia, as "convocações que originalmente deveriam ser feitas pelo chefe do grupo étnico [...] foram realizadas pela divisão", ou seja, "rigorosamente sem qualquer consideração política". No que se referia à Romênia, "inúmeros alemães étnicos foram parar ilegalmente nas fileiras da Waffen-SS, embora a direção nacional da SS [...] houvesse garantido que isso não aconteceria", o que teria levado o governo romeno a tomar medidas de oposição e deixado a "política do Reich desprestigiada".

Em resumo, conforme Triska, devia-se concluir que "por parte da direção nacional da SS foram tomadas medidas na política dos grupos étnicos que praticamente impossibilitavam o planejamento político em relação à continuidade de um trabalho *Volkstum*. [...] As medidas causaram tal confusão

política, não só entre os governos estrangeiros, mas também nas próprias repartições da direção nacional da SS, que hoje ninguém mais sabe dizer se nesse ou naquele país os grupos étnicos devem ser orientados para um futuro remanejamento, um assentamento ou uma expansão política e econômica". Pela alta direção do Reich teriam sido "tomadas, encaminhadas ou defendidas medidas que tinham em vista umas a expansão, outras a preservação e ainda outras a emigração. Nessas medidas não transparece uma política clara."[84]

O caos que a política de Himmler havia instalado entre as minorias alemãs étnicas no sudeste da Europa (e não só lá)[85] não podia ser caracterizado de forma mais objetiva. Pois a consequente política de recrutamento havia exaurido as minorias alemãs étnicas e colocado sua existência em risco, enquanto os planos de uma nova ordem de política em relação ao *Volkstum* do Reichsführer ficaram excessivamente nebulosos para de fato oferecerem uma chance de vida alternativa em outro espaço vital.

33 Movimento político de caráter fascista surgido em 1936 na Bélgica. (N. da E.)

## Reinado de terror por toda a Europa

No segundo semestre de 1942, houve um cruzamento de uma série de ocorrências no império de Himmler. A política de colonização e a intensificação do recrutamento de cidadãos de outras nacionalidades para a Waffen-SS, como já relatado nos dois capítulos anteriores, avançavam, da mesma maneira que a deportação e o assassinato dos judeus europeus. Por diversos motivos, no entanto, já começavam a surgir os primeiros obstáculos. Neste capítulo, veremos de que modo essas medidas de Himmler se refletiam nas outras áreas, nas quais ele se tornara ativo durante os meses decisivos do verão de 1942: Himmler conseguira se impor como responsável pelo "combate aos bandidos[34]", para, dessa maneira, poder forçar o extermínio dos judeus no leste da Europa — geralmente a resposta da resistência nos países ocupados estava diretamente ligada à intensificação da perseguição aos judeus. Além disso, Himmler se empenhou seriamente pela criação de uma empresa de armamentos para a SS. Malograda essa tentativa, resolveu emprestar prisioneiros dos campos de concentração para a indústria. Para aumentar o número de presos e, portanto, reservatório de mão de obra, requereu a transferência dos "associais" das prisões para os campos de concentração; e mais, ao ser adotado o direito de estabelecer..., se abriu também a possibilidade de mandá-los para os campos por conta de transgressões menores. Por trás dessas e de outras medidas que eram tanto de cunho racista quanto de política de segurança e de ordem econômica, percebe-se sempre o esforço do Reichsführer-SS no sentido de manter unidas e amarrar as diferentes áreas de seu império, que se expandia em todas as direções, e não só para ampliar sua esfera de poder, mas, sobretudo, para implementar seu conceito geral de teor político, que tinha como objetivo uma nova ordem no continente europeu, sob a direção da SS.

Em 28 de julho — só poucos dias após o acionamento definitivo do Holocausto em dimensão europeia — Himmler partiu em viagem à Finlândia. Além de uma agenda repleta de reuniões, também deveria restar algum tempo para o lazer.[1] Após uma parada em Reval, chegou a Helsinque em 29 de julho, onde foi recebido pelo presidente Risto Ryti. À noite, compareceu a um jantar com o primeiro-ministro Johan Wilhelm Rangell. No dia seguinte, fez uma visita à cidade e, à tarde, voou para Mikelli, onde se localizava o quartel-general do alto comandante finlandês, o marechal Carl Gustav Emil Mannerheim, com

quem Himmler se encontrou à noite. Nos dias seguintes, participou de reuniões com o general de Exército Eduard Dietl em Rovaniemi e com o comandante da Divisão SS Nord, Matthias Kleinheisterkamp, em Kananeinen, assim como visitou unidades da Waffen-SS. Em 2 de agosto, Himmler viajou para a ilha Petays, que lhe fora recomendada por Kersten em razão dos "banhos de sol com ação de cura magnética", para descansar por dois dias. Em Petays, em 4 de agosto, encontrou-se novamente com o primeiro-ministro Rangell, que, após a guerra, declarou que Himmler havia se informado sobre a postura da Finlândia em relação aos judeus que viviam no país; Rangell disse ter se esquivado ao tema declarando que na Finlândia (onde viviam ao todo 2 mil judeus assimilados) não existia uma Questão Judaica.[2] De fato, a pequena minoria judaica na Finlândia seria poupada pela política antissemita do poderoso aliado alemão. Depois de algumas andanças por Helsinque em 5 de agosto, Himmler, no dia seguinte, voltou para o seu quartel-general.

Em julho e agosto de 1942, paralelamente às investidas de Himmler na Finlândia, o RSHA também tentou fazer com que outros países aliados extraditassem os judeus nativos. Vistas em conjunto, essas atividades mostram claramente que o RSHA estava firmemente decidido a deportar, ainda em 1942, se possível, os judeus de todos os países da Europa.

Em julho, o adido da polícia na legação de Zagreb se viu obrigado a dar início à "transmigração" dos judeus croatas para os "territórios alemães no leste". O regime-Ustascha já havia criado as condições para isso: desde a primavera de 1941, vigorava uma lei antissemita baseada no modelo alemão, e mais da metade dos mais de 30 mil judeus que viviam no país havia sido internada em campos, onde a maioria foi assassinada ou morreu em decorrência das condições miseráveis da prisão.[3] Em agosto, comprovadamente, o lado alemão enviou quatro trens repletos de deportados para Auschwitz, onde cerca de 5 mil judeus croatas foram assassinados.

A Romênia, desde o verão de 1941, participava ativamente na política de extermínio dos judeus pelos alemães nos novos territórios ocupados do leste. Estima-se que os romenos assassinaram em torno de 50 mil judeus nas regiões da Bessarábia e Bucovina, reconquistadas da União Soviética; a população judaica sobrevivente dessa região, aproximadamente 150 mil pessoas, foi escorraçada para a região entre o Dniéster e o Bug, ocupada pela Romênia. No

mínimo 65 mil pessoas morreram ali por causa da fome e das epidemias, ou foram executadas.[4]

Em julho de 1942, o Reich exigiu o acesso aos judeus da região central da Romênia. O conselheiro para a Questão Judaica na legação alemã em Bucareste, Hauptsturmführer-SS Gustav Richter, acordou com o governo romeno que os aproximadamente 320 mil judeus em questão, que desde 1938 estavam sujeitos a uma legislação especial antissemita cada vez mais rigorosa, seriam deportados a partir de 10 de setembro de 1942. O destino dos comboios seria o distrito de Lublin, onde, como o enviado alemão em Bucareste, Manfred von Killinger, informou ao Ministério do Exterior, "o contingente apto deve ser ocupado no trabalho, o restante deve receber o tratamento especial".[5]

Na Hungria a situação era diferente. Embora ali também vigorasse uma legislação antissemita, na opinião dos alemães não era suficientemente eficaz, uma vez que não avançava além das determinações das leis antissemitas de Nuremberg.[6] Quando o adido militar húngaro apresentou a proposta de seu governo em Berlim, em julho de 1942, de deportar todos os judeus que viviam "ilegalmente" na Hungria para a Transnístria,[7] Himmler decidiu que a expulsão dos refugiados judeus que os húngaros pleiteavam deveria ser adiada até que a Hungria concordasse em incluir os judeus nativos nas planejadas medidas.[8]

No que se referia à Bulgária, o RSHA, no verão de 1942, também concluiu que a legislação era inadequada em relação a um início da deportação dos judeus de lá.[9] Na Grécia também não houve avanços. As tentativas do RSHA e do Ministério do Exterior, de motivar o aliado da Itália a intensificar a política contra os judeus nas duas zonas de ocupação na Grécia, ou seja, mediante a instituição da marcação, fracassaram na segunda metade do ano de 1942.[10]

Durante os meses de julho e agosto, o RSHA também intensificou o ritmo das deportações nas regiões ocupadas no oeste. Em seguida à portaria de Himmler de julho, que previa a deportação de todos os judeus franceses, entre os dias 19 de julho e 7 de agosto seguiram inicialmente dez comboios transportando ao todo cerca de 10 mil pessoas para Auschwitz; as pessoas deportadas, judeus apátridas (que, em muitos casos, só foram destituídos de suas nacionalidades em consequência da política judaica alemã), foram presas em uma batida policial de larga escala realizada em Paris nos dias 16 e 17 de julho.[11] Conforme combinado com o governo em Vichy, a partir de agosto foram deportados também os judeus

apátridas da região não ocupada. Além disso, entre os dias 14 e 26 de agosto, foram enviados para Auschwitz seis comboios com mais de 2 mil crianças, filhos desses apátridas, embora a maioria possuísse a nacionalidade francesa. Tanto o primeiro-ministro Laval quanto o RSHA estavam explicitamente de acordo com isso.[12]

As deportações dos Países Baixos foram iniciadas em meados de julho; em torno de 38 mil pessoas foram transportadas para Auschwitz até o fim do ano.[13] A partir de 4 de agosto de 1942, os trens da Bélgica seguiram na mesma direção.[14] Quase 17 mil pessoas, todos judeus estrangeiros, ou seja, apátridas, foram vítimas dessas medidas até o final de 1942.[15]

No Governo-Geral, enquanto isso, o HSSPF Katzmann no final de julho recomeçara o extermínio em massa da população judaica, a fim de cumprir a ordem de Himmler que determinava que o território estivesse "livre de judeus" até o fim do ano. Só na capital do distrito, Lemberg, entre 10 e 25 de agosto, estima-se que ele tenha decretado a prisão de 40 mil judeus, mais ou menos a metade da população judaica da cidade, na chamada "ação de agosto". Enfiadas em trens de carga, essas pessoas foram deportadas para Belzec, onde seriam executadas.[16]

Esse assassinato em massa estava em pleno andamento quando Himmler chegou a Lemberg, ao cair da noite de 17 de agosto, para uma reunião da qual participaram, entre outros, o governador Otto Wächter, Katzmann e Globocnik. Só naquele dia, Katzmann prendera 3.051 pessoas, que foram deportadas para Belzec.[17] Como de costume, no dia seguinte, Himmler foi averiguar pessoalmente o andamento das coisas: primeiro visitou algumas seções da SS e em seguida uma série de campos de trabalho forçado na Via Expressa IV. À noite, voltou a Berlim.[18] Três dias depois, tornou a se encontrar com Globocnik, dessa vez em Lublin, e seguiu em sua companhia para a região em torno de Zamosc, para avaliar os progressos da "germanização".[19]

Entre os dias 31 de agosto e 3 de setembro, Himmler teve de se concentrar em um tópico totalmente diferente: os danos causados pelos ataques aéreos. Ele organizou uma viagem de vários dias às cidades do norte e do oeste da Alemanha, as mais afetadas pelos bombardeios cada vez mais intensos dos Aliados, inteirou-se da extensão dos estragos e deu diversas ordens quanto à

remoção dos escombros — não sem demonstrar, também nesse caso, com que flexibilidade ligava as diversas áreas sob sua responsabilidade. Brigadas de prisioneiros dos campos de concentração, originalmente previstas para trabalhar nos projetos de construção no leste, eram agora usadas nos trabalhos de desentulho no Reich, e as oficinas dos campos começaram a fabricar caixilhos para portas e janelas.[20]

Poucas semanas depois, Himmler foi obrigado a admitir que o plano de deixar o Governo-Geral totalmente "livre de judeus" até o final do ano não daria certo. Nas convenções sobre armamento realizadas de 20 a 22 de setembro de 1942, diante da dramática falta de mão de obra, Hitler concordou com a sugestão de Saucker de continuar ocupando temporariamente os trabalhadores judeus especializados no Governo-Geral.[21] Himmler, que aparentemente discutiu as consequências dessa decisão com Hitler ainda em 22 de setembro, reagiu rapidamente.[22] Se o plano que vinha seguindo desde o início do ano de integrar os trabalhos forçados ao programa de extermínio resultara na consequência não intencional de ter de desacelerar o assassinato em massa a favor do trabalho escravo, então cabia aumentar o número de prisioneiros nos campos, que podiam ser forçados a trabalhar, por meio de ondas de detenção de não judeus (sobre o que ainda falaremos), bem como mediante o confinamento de moradores dos guetos em campos de concentração ou em campos de trabalho forçado. Em 9 de outubro de 1942, ele determinou que "os assim chamados trabalhadores do setor de armamentos" das indústrias têxteis ou de outras empresas de Varsóvia e Lublin fossem reunidos em campos de concentração. Os judeus que trabalhavam em "verdadeiras empresas de armamento" deveriam ser retirados gradativamente de modo que só restassem "umas poucas grandes empresas de campos de concentração judaicas inevitáveis no leste do Governo-Geral". "No entanto, conforme o desejo do Führer, também dali os judeus devem desaparecer algum dia."[23] Por decreto policial de outubro e novembro de 1942, os "distritos residenciais judeus" foram delimitados.[24] Para todos os judeus poloneses que não trabalhavam na produção de armamentos, esse regulamento significava a morte certa. Conforme dados oficiais alemães, no final de 1942, dos originalmente 2,3 milhões de judeus que moravam no Governo-Geral, só 298 mil ainda viviam.[25]

Na União Soviética, sobre a qual se concentravam as determinações quanto ao assassinato sistemático dos judeus europeus de maio e junho de 1942,

Himmler também interveio pessoalmente no processo de extermínio. Valeu-se, para isso, entre outros, do fato de Hitler lhe haver confiado o "combate aos bandidos".

No comissariado-geral da Bielorrússia, as Einsatzgruppen retomaram as atividades assassinas sistemáticas em grande escala em maio de 1942; no final de julho, o comissário-geral Wilhelm Kube informou que, "nas últimas dez semanas, foram liquidados 55 mil judeus".[26] No comissariado do Reich na Ucrânia, onde em maio também se formara uma nova onda de assassinatos, a taxa de assassinatos foi ainda mais elevada em julho, um desenvolvimento equiparável ao do Governo-Geral, onde Himmler determinara, em 19 de julho, o extermínio de toda a população judaica até dezembro, o que tinha relação direta com o "combate aos bandidos". Como ainda veremos, isso envolvia a neutralização não só dos reais guerrilheiros, mas também de todos os "elementos suspeitos", e nisso se incluía automaticamente a população judaica. Uma carta que foi preservada de 28 de julho de 1942, de Himmler a Berger, confirma que essa ordem é equivalente a outra de Hitler que exigia o assassinato sistemático da população nas regiões soviéticas ocupadas. "Os territórios ocupados do leste ficarão livres dos judeus. O cumprimento dessa ordem extremamente difícil", diz ali, num acesso de autopiedade, "o Führer depositou sobre os meus ombros. De nenhum modo alguém pode me aliviar dessa responsabilidade".[27]

No final de agosto de 1942, a situação na Ucrânia ficou ainda mais difícil: o objetivo era, agora, o extermínio completo da população judaica. Nesse contexto, convém lembrar mais uma vez os planos de colonização para a Romênia — onde Himmler estabelecera o quartel-general durante todo o verão —, aos quais ele dava seguimento no mesmo mês. Neles, previa-se o assentamento conjunto de 10 mil alemães étnicos em Shitomir e na região, e que partes da Ucrânia deveriam estar totalmente colonizadas por "alemães" num prazo de vinte anos. Diante desse cenário, não surpreende que a força de ocupação resolvesse investir sobretudo contra os comissariados-gerais da Volínia-Podólia e de Shitomir — o centro da vida judaica na Ucrânia —, de forma sistemática, região por região, e matasse praticamente todos os judeus que ainda viviam ali.[28] Mesmo que o assentamento dos alemães se tenha dado às custas imediatas dos ucranianos (e não dos judeus), no médio prazo fica evidente a relação entre o futuro dos alemães étnicos e a Questão Judaica no contexto de

uma “nova ordem *völkisch*”.

No final de outubro, o setor do SD em Pinsk deu início à extinção do gueto da cidade. O estopim fora uma ordem por escrito de Himmler do dia 27 de outubro de 1942: “Segundo os relatórios que recebi, o gueto de Pinsk deve ser considerado o centro de todo o movimento de bandidos nos pântanos de Pripjet. Por isso lhes recomendo que, apesar das considerações de ordem econômica, o gueto de Pinsk seja estourado e destruído. Mil trabalhadores masculinos deverão ser garantidos e, se a ação o permitir, transferidos para a Wehrmacht para trabalharem na construção das cabanas de madeira. No entanto, o trabalho desses mil homens só deve ocorrer em um campo perfeitamente fechado e vigiado. Caso não se possa garantir a vigilância, também esses mil devem ser executados”.[29] A ordem foi imediatamente cumprida: em um massacre que durou quatro dias, entre 29 de outubro e 1º de novembro, no mínimo 16.200 pessoas foram assassinadas.[30]



*Assim Himmler gostava de se ver: constantemente em movimento, para poder tomar as decisões* in loco, *estimular desenvolvimentos e intervir na organização. A fotografia faz parte da coleção de fotos que Himmler enviou a Gudrun, para se manter em contato com ela.*

No final de 1942, só restavam alguns milhares de trabalhadores judeus qualificados na Ucrânia.[31] Em 26 de dezembro de 1942, o HSSPF Rússia-sul, Prützmann, informou a Himmler que, durante o “combate aos bandidos” em sua área de competência — da qual faziam parte a Ucrânia e Bialystok —, entre os dias 1º de setembro e 1º de dezembro de 1942, haviam sido “executados” 363.211 judeus. Em 29 de dezembro, Himmler passou a informação a Hitler, que apenas a registrou.[32]

Desde setembro, no entanto, avolumavam-se indícios de que as deportações, que a partir do verão de 1942 abrangiam toda a Europa, não ocorreriam sem atritos. As dificuldades não se restringiam ao Governo-Geral. Em alguns lugares até se registraram atrasos propositais e oposição.

Na mencionada conferência sobre armamento, que aconteceu de 20 a 22 de setembro de 1942, Hitler já falava da "importância de remover os judeus das empresas de armamento do Reich".[33] Alguns dias depois, enfatizou a Goebbels a firme decisão "de remover os judeus de Berlim, sob qualquer condição"; a mão de obra judaica deveria ser substituída por estrangeira.[34] Mas isso era totalmente impossível naquele momento. Somente no início de 1943, mediante o emprego mais intensivo de estrangeiros e prisioneiros de guerra na produção de armamentos e do recrudescimento geral do curso da política interna após Stalingrado, é que seriam criadas as condições para que ocorresse uma nova leva de deportações do território do Reich. Mesmo assim, Himmler fazia tudo que estivesse ao seu alcance para, com medidas próprias, corresponder à vontade de Hitler de tornar o Reich "livre de judeus". Em setembro, fez um acordo com o ministro da Justiça, Otto Georg Thierack, de assumir todos os "elementos associais" que ainda se encontravam no sistema penal, entre eles judeus, ciganos, russos e poloneses, a fim de incluí-los no programa "extermínio pelo trabalho".[35] Em 29 de setembro, inspecionou o campo de concentração de Sachsenhausen e, ainda no mesmo dia, ordenou ao inspetor dos campos, Glücks, que o acompanhava, que tomasse as providências cabíveis para "deixar todos os campos de concentração do Reich livres de judeus e [...] todos os judeus devem ser transferidos para o campo de concentração de Auschwitz e para o campo de trabalho dos prisioneiros de guerra de Lublin", uma ordem que o RSHA retransmitiu em 5 de outubro aos setores competentes e que foi cumprida em grande medida ao longo dos meses seguintes.[36]

Depois das levas de julho e de agosto, a situação das deportações da França também começou a se complicar. Uma vez que entre os prisioneiros dos campos havia um grande número de crianças, a tentativa de dar continuidade às deportações enfrentou a oposição aberta da Igreja católica, e a população reagiu com forte repúdio. De sorte que, em setembro de 1942, o governo de Vichy deu a entender aos alemães que não seria possível dar continuidade às prisões e deportações na zona não ocupada.[37]

Levando em consideração o prestígio político interno do primeiro-ministro Laval, o HSSPF Oberg convenceu Himmler em setembro, de certa forma como sinal de boa vontade em relação aos franceses, a revogar momentaneamente a deportação de pessoas de nacionalidade francesa da zona ocupada[38] — uma notável mudança de tendência, afinal, ainda em junho o Reichsführer exigira a deportação completa de todos os judeus da França antes do fim do ano. A força de ocupação então intensificou a prisão de judeus estrangeiros na zona ocupada, que, em novembro, foram expulsos para o leste em quatro comboios adicionais. Depois disso, as deportações foram suspensas — até ali, 42 mil pessoas haviam sido deportadas da França.[39]

Na Noruega, onde em outubro o RSHA forçara a expulsão da pequena minoria judaica, em 25 de outubro foi deslanchada uma onda de detenções, por ordem da força de ocupação. Em novembro, foram deportados os primeiros do total de 770 judeus — 930 haviam fugido para a Suécia.[40]

Também no caso das nações aliadas da Alemanha, o Ministério do Exterior e o RSHA não conseguiram grandes avanços no outono de 1942. Apesar das diversas investidas, mostrou-se que todos os países aliados — exceto a Croácia —, incluídos nos planos alemães de deportação em 1942, já não colaboravam mais desde o outono: a Eslováquia parou completamente com as deportações em outubro de 1942;[41] e a Romênia ostensivamente atrasava todo o processo acordado em julho.[42] Em janeiro de 1943, Himmler finalmente reconheceu que não fazia sentido pressionar o governo romeno a entregar seus judeus; por isso, sugeriu remover o “adido para questões judaicas” da legação alemã em Bucareste.[43] Em outubro de 1942, a Bulgária[44] e a Hungria[45] também mostraram desinteresse.

Himmler, enquanto isso, no final de novembro, ainda acreditava que as deportações da Hungria podiam ser iniciadas em breve. Ele ofereceu a Von Ribbentrop enviar um funcionário experiente à legação alemã em Budapeste para cuidar do caso, por exemplo, Dieter Wisliceny, na função de “perito para questões judaicas”. A título de “primeira parcela”, 100 mil judeus dos territórios eslovacos e romenos anexados foram deportados.[46] Em dezembro, ele foi obrigado a reconhecer que os húngaros não estavam interessados em deportar os judeus residentes no país.[47]

As tentativas do subsecretário de Estado, Luther, em outubro de 1942, de

determinar, por intermédio das missões alemãs em Roma e Zagreb, a posição dos italianos em relação à deportação de judeus croatas de sua zona de ocupação também não obtiveram o resultado esperado.[48] Nem Himmler conseguiu mudar essa situação. Em uma conferência com Mussolini, durante uma visita de Himmler à Itália em outubro de 1942, a Questão Judaica foi ventilada. No que se referia à "solução" violenta dessa questão, Himmler ofereceu a Mussolini uma visão em parte realista, em parte suavizada; mas antes que pudesse abordar a política judaica italiana, Mussolini encerrou a conversa com "uma pergunta gentil quanto ao meu programa em Roma e à sequência da viagem".[49]

Os judeus que viviam na Croácia já haviam sido detidos pela força de ocupação italiana. Dessa maneira, ficaram fora do alcance dos alemães.[50]

## Combate aos bandidos e opressão nas regiões ocupadas

Em face do aumento ameaçador das atividades do movimento guerrilheiro soviético, Hitler decidiu, em julho de 1942, que a principal responsável pelo seu combate futuramente seria a polícia.[51] Essa decisão foi tomada no exato momento em que Himmler incluiu toda a Europa no programa de extermínio e ressaltou, mais uma vez, a estreita ligação entre holocausto e "combate aos guerrilheiros". A máxima de "exterminar os judeus como guerrilheiros" já valia desde o ataque à União Soviética; conforme anteriormente mencionado, Hitler a confirmara explicitamente a Himmler em 18 de dezembro de 1941 e, mediante a transferência oficial dessa competência ao Reichsführer-SS, ampliou a sua esfera de influência em relação ao assassinato em massa.

Mas não era só isso. Himmler havia provado o quanto podia ser brutal quando se tratava de combater os "bandidos", mesmo que não se tratasse em primeira linha de assassinato de judeus. Em 25 de junho de 1942, havia determinado que a "atividade dos bandidos" na Alta Carniola e na Baixa Estíria — ou seja, em região iugoslava anexada — fosse "fundamentalmente" impedida no decurso de uma "ação de quatro semanas" sob o comando do HSSPF Alpenland, Erwin Rösener. Para a execução dessa ação, deveria ser empregado "até mesmo o último homem alemão com idade entre 17 e 55 anos, capaz de portar uma arma, dessa região e, de preferência, também de fora dela, dos antigos distritos de Caríntia e Estíria [...] A ação deve ser executada de modo resoluto, duro e inclemente".

Por meio de “diretrizes” detalhadas, Himmler explicou o que se entendia por isso: “essa ação deve eliminar todos os elementos da população que apoiaram os bandidos mediante a disponibilidade de pessoal, provisões, armas e acomodações. Os homens de uma família culpada, em muitos casos a parentela inteira, devem ser executados, as mulheres dessa família devem ser detidas e levadas para campos de concentração, as crianças devem ser afastadas de sua pátria e reunidas no território do antigo Reich do *Gau*. Sobre a quantidade e o valor racial dessas crianças, aguardo relatórios em separado. Os bens da família culpada devem ser confiscados”. A “execução da ação”, continuou Himmler, “exigirá dos chefes e dos demais homens o máximo que se pode esperar em termos de cumprimento do dever e cautela, mas também empenho e esforço físicos na difícil região montanhosa. Espero dos chefes e dos demais homens da SS e da polícia que correspondam às expectativas neles depositadas”.[52] Realmente nos meses que se seguiram haveria um número maior de execuções, detenções e adoções forçadas na região ocupada.[53]

Em 28 de julho de 1942, Himmler anunciou agora oficialmente que o Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã constituiria de comum acordo com o OKW a “unidade de comando central para o combate dos assim chamados guerrilheiros”. Assumo pessoalmente a chefia dessa “luta contra bandidos, franco-atiradores e criminosos”.[54] Poucos dias depois, determinou que não se usasse mais o termo *partisan*, mas que se falasse somente em “bandidos”.[55] Em 18 de agosto, Hitler confirmou a competência geral de Himmler de “combater os bandidos” e afirmou que ele seria o “único responsável”, dentro dos comissariados do Reich, enquanto nos territórios de administração militar o papel de chefia caberia à Wehrmacht.[56]

Já em 9 de julho, o Reichsführer-SS havia convocado os altos funcionários da SS a Berlim para uma conferência sobre o futuro combate aos *partisans*. Como de costume, Himmler não economizou estímulos: no prazo de quatro semanas, por exemplo, a população dos territórios soviéticos ocupados deveria “derrubar árvores e arbustos dos dois lados da estrada e dos trilhos de trem, numa extensão de 400 a 500 metros”, para privar os guerrilheiros de sua cobertura. Pelos motivos mais diversos, o Ministério do Reich para o Leste falhou na concretização desse intento.[57]

Outra ideia de Himmler seria mais bem-sucedida. Em 17 de agosto, impingiu

— “com a autorização do Führer” — aos alemães que viviam no Governo-Geral e nos territórios soviéticos ocupados, que não estivessem servindo na Wehrmacht, na polícia ou na SS, a “obrigação moral” de, “por meio do serviço em unidades de alarme, ficar à disposição, em todo tempo livre que tenham, a fim de multiplicar as forças de combate, especialmente da SS e da polícia, sobretudo nos casos de ocorrências graves”. Himmler admitiu que, com isso, perderiam os fins de semana livres por conta dos treinamentos, mas mostrou-se confiante de que os afetados “ficarão felizes, ainda que tenham sido dispensados,[58] por poder contribuir de algum modo e servir à pátria por meio da arma”.[59] É óbvio que com esse regulamento as divisões locais da SS e da polícia dispunham de um meio decisivo para pressionar os funcionários da administração civil ou das empresas alemãs: a mobilização total de todos os alemães no leste ocupado fortalecia o poder da SS e da polícia.

Em 7 de agosto, Himmler emitiu ordens do comando detalhadas para duas grandes ações contra guerrilheiros no comissariado-geral da Bielorrússia e no distrito de Bialystok.[60] As operações Febre do Pântano e Bisão foram deslanchadas em agosto/setembro, bem como em setembro/outubro de 1942. A Febre do Pântano, comandada pelo HSSPF Rússia-norte, Jeckeln, foi um fiasco do ponto de vista do combate aos *partisans*. Para incrementar o balancete, Jeckeln ordenou que, paralelamente aos 389 “bandidos” supostamente “executados em combate” e os 1.274 bandidos “declarados culpados”, fossem executados mais de 8 mil judeus, entre estes quase todos os habitantes do gueto de Baranovichi. Embora esse assassinato em massa correspondesse aos planos de Himmler, de dar seguimento ao extermínio dos judeus sob o manto de “combate aos bandidos”, ele queria ver mais “bandidos” mortos. Por essa razão, ele tomou uma decisão: no que dizia respeito ao “combate aos bandidos”, a Bielorrússia foi incorporada à área do HSSPF Rússia-Centro, Von dem Bach-Zelewski, que, nesse quesito, era visto como mais bem-sucedido.[61]

Erich von dem Bach-Zelewski se tornaria o personagem central na área de “combate aos bandidos” de Himmler, mas como HSSPS Rússia-Centro, o sedento por ação Bach-Zelewski, naquela época, só comandava um território de administração militar. Ocorria que ali, conforme a ordem do Führer de 18 de agosto, o “combate aos bandidos” competia à Wehrmacht. Por isso, Bach-Zelewski pediu a Himmler que o nomeasse “inspetor para combate aos bandidos

em todo o leste”.[62]

Em 22 de setembro, Himmler participou de uma reunião de várias horas com Hitler, em que se discutiu, além do perigo representado pelos guerrilheiros, o assentamento dos alemães étnicos nos territórios ocupados do leste e a “emigração dos judeus”[63] — mais uma indicação do quanto essas três questões estavam estreitamente entrelaçadas na concepção de Himmler sobre a nova ordem do espaço vital no leste. Hitler concordou e, em 24 de outubro, Himmler não só empossou o HSSPF Rússia-Centro como “delegado do Reichsführer-SS para o combate aos bandidos”, como também assinou cinco decretos que regulamentavam a nova função de Bach-Zelewski.[64]

Himmler subordinou a Bach-Zelewski principalmente o comissariado-geral Bielorrússia, que se encontrava sob administração civil. Em novembro, seguiu-se a nomeação de Curt von Gottberg a novo SSPF para a Bielorrússia. Com isso, Gottberg, que em 1939 fora obrigado a se afastar da política após o “caso do Bodenamt” em Praga,[65] recebeu uma nova oportunidade de se reabilitar perante o Reichsführer por meio de uma atuação especialmente cruel. Além disso, mediante a transferência do Sonderkommando Dirlewanger,[66] composto essencialmente por criminosos, para a Bielorrússia, Himmler pôs à disposição de Von dem Bach-Zelewski e Gottberg, para a execução da planejada “ação de pacificação”, uma tropa de extraordinária brutalidade.[67] Himmler, portanto, dispunha de um trio escolhido a dedo para dar “combate aos bandidos” nessa região: três existências fracassadas que queriam merecer o reconhecimento do protetor. Só entre novembro de 1942 e início de maio de 1943, a SS, a polícia e a Wehrmacht assassinaram mais de 40 mil pessoas na Bielorrússia, em 18 ações de grande escala.[68]

Em 30 de outubro de 1942, Himmler determinou que em todas as ações de combate aos guerrilheiros nos territórios soviéticos ocupados “toda a população dispensável e capaz de trabalhar deve ser imediatamente detida para então ser posta em marcha para a Alemanha, como trabalhadores”.[69] Com isso ele seguia uma ordem de Göring que claramente não era de seu agrado. Ainda em fevereiro, recusara-se a transferir de fato os homens presos durante as ações contra os guerrilheiros ao plenipotenciário geral, para o emprego de trabalhadores, Fritz Sauckel; os presos no campo de concentração seriam “suspeitos de serem bandidos” e não deveriam ser dispensados para “trabalhos

livres”.[70] No entanto, em face da dramática falta de mão de obra na economia de guerra alemã, no verão de 1943 ele teve de ceder.

Com a missão de dar combate aos bandidos, no verão de 1942 Himmler havia recebido a última autorização de que ainda precisava para suprimir qualquer oposição nos territórios ocupados do leste. No “leste” a polícia de segurança e o SD não se contentavam em simplesmente reagir a ações de resistência, mas adotavam medidas profiláticas: em 1942, foram instruídos a matar todos os comunistas nos territórios soviéticos ocupados, mesmo sem a existência de ações concretas de resistência. Essa prática se impôs.[71] Além disso, nas regiões polonesas que, de 1939 a 1941, haviam sido ocupadas temporariamente por forças soviéticas, os homens do leste, que durante esse período haviam se mudado para lá, ou os “membros soviéticos” eram assassinados ou trancafiados em campos de trabalho forçado, muitas vezes pela simples suspeita de serem leais ao Estado soviético. Essas medidas atingiam principalmente as famílias de funcionários evacuados pelos soviéticos em direção ao leste. Além disso, todas as pessoas de suposta origem “asiática” eram postas sob suspeita geral. Eram consideradas cúmplices do regime soviético per se e assassinadas do mesmo modo implacável e arbitrário.[72]

A política de Himmler nos territórios ocupados do leste era, essencialmente, bastante simples: com a ajuda de uma brutalidade extremada, ele procurava impor a nova ordem do “espaço vital” conquistado. Concessões em geral em relação à população local costumavam ser negadas. No início de 1942, não apenas se opôs à propagação de uma “nova ordem agrária” por Rosenberg, que prometia à população rural o acesso à propriedade privada (o que não deu certo),[73] como foi veementemente contra o intento de prometer um “Estado nacional” aos russos.[74] O livro publicado pelo Departamento Central da SS de Himmler, *Os sub-humanos*, descreve concretamente — com fotos que “comprovam” a inferioridade racial dos povos soviéticos — o que, na opinião de Himmler, era o Homem do Leste: “uma criatura terrível [...] um rabisco de ser humano [...] espiritualmente, intelectualmente, no entanto, mais baixo que qualquer animal”.[75]

A “nova ordem agrária” não era o único ponto de discórdia entre Himmler e Rosenberg. Himmler, entrementes responsável pela “segurança policial” dos territórios ocupados do Leste — interpretada de modo abrangente, pela

“consolidação do *Volkstum* alemão” e pelo combate aos bandidos, uma competência que ele em 1943 estenderia a toda a União Soviética —, podia vislumbrar o afastamento de Rosenberg. A correspondência entre este e o ministro do Reich para o Leste sobre questões de competência no leste preenchem diversas pastas, mas os extensos memorandos que Rosenberg escreveu no decorrer desse conflito documentam principalmente uma coisa: seu irrefreável afastamento.[76]

Himmler chegou a ponto de expressar abertamente o profundo desprezo por Rosenberg. E foi justamente ao secretário de Estado no Ministério do Leste e adjunto de Rosenberg, Alfred Meyer, que Himmler escreveu em abril de 1942 — não sem expressar hipocritamente seu pesar por causa da franqueza — que Rosenberg infelizmente “não é nenhum soldado e nenhum de nós espera que ele um dia o seja. Nós, os correligionários do partido, o temos em alta conta pelo seu trabalho como dirigente nacional ideológico do NSDAP. O correligionário Rosenberg deve deixar os assuntos dos soldados por conta das pessoas que são responsáveis por eles, ainda que seja o ministro do Reich para Leste”.[77] Para Himmler, Rosenberg não passava de um covarde. Já que seu homem de intermediação com Rosenberg, Heydrich, não estava mais à disposição, em 1943, Himmler combinou com Rosenberg que, futuramente, o chefe do Departamento Central da SS, Berger, assumisse esse papel, especificamente na posição de um secretário de Estado.[78]

Embora os países ocupados do centro, oeste e norte da Europa não se encontrassem na área de combate aos bandidos de Himmler, em 1942 também foram submetidos à repressão intensificada pelos órgãos da SS e da polícia de segurança.

Na Noruega, o tribunal da polícia e da SS interveio pela primeira vez na perseguição política da população local em meados de 1942, isto é, negociou os procedimentos nos quais a polícia de segurança conduzia as investigações e formalizava as queixas. Até meados de 1944, foi decretada a pena de morte em 127 processos dessa natureza.[79] Além disso, em outubro de 1942, as autoridades da força de ocupação alemã declararam estado de exceção na região de Trondheim, como reação a atos de sabotagem. Trinta e quatro pessoas foram executadas sumariamente pela polícia de segurança, que, ao mesmo tempo,

ordenou que todos os homens judeus dessa região fossem presos — medida que duas semanas mais tarde se estendeu à população judaica de todo o país, e que finalmente culminou na deportação dos judeus noruegueses. Em um outro caso, um “ato de vingança” iniciado em um dos países ocupados pelos alemães terminou com medidas antissemitas extremadas, como já havia acontecido na França e no protetorado.[80]

Na Bélgica, que se encontrava sob administração militar, onde a responsabilidade pela repressão à resistência cabia principalmente à polícia secreta de campo da Wehrmacht, que repetidamente fuzilava reféns, o delegado do chefe da SiPo e do SD, junto ao chefe da administração militar — a Bélgica foi o único país em que Himmler conseguiu estabelecer um HSSPF somente em 1944 —, seguia uma política de repressão independente: de junho de 1941 até agosto de 1942, ele foi responsável pela decretação de seiscentas ordens de prisão pelo RSHA; os prisioneiros foram deportados para campos de concentração no Reich.[81]

Na França, onde Himmler conseguiu estabelecer um HSSPF[82] em março de 1942, ao mesmo tempo, portanto, em que os primeiros trens carregados de reféns judeus seguiam para Auschwitz, Carl Oberg, que assumiu o posto em 1º de junho de 1942, teria o direito de dar instruções à polícia francesa e, em virtude da transformação das unidades da polícia secreta militar, espalhadas pelo país, em secretarias da polícia de segurança e do SD, disporia de um aparato executivo que abrangia todo o país. Helmut Knochen, que já chefiava a SiPo em Paris desde 1940, foi nomeado comandante da polícia de segurança.[83] Oberg se valeu da força de seu cargo para estabelecer, em julho de 1942 — num acordo com o chefe da polícia francesa, René Bousquet — uma estreita colaboração entre a polícia alemã e a polícia francesa, à qual, em contrapartida, a partir de então seria permitida uma maior liberdade de ação no território ocupado.[84]

Durante o verão, Oberg e Knochen não só impulsionaram a política antissemita nas zonas ocupadas e não ocupadas, como determinaram a execução em massa de mais reféns, especificamente nos dias 11 de agosto e 21 de setembro. Mas quando os atentados da resistência aumentaram em setembro e outubro, Oberg chegou à mesma conclusão que a administração militar um ano antes: que as execuções “de vingança” eram contraproducentes do ponto de vista da força de ocupação (ao mesmo tempo, conseguiu convencer Himmler a levar

em consideração as reservas do governo de Vichy em relação à deportação de judeus franceses). Oberg então passou a se preparar para aplicar outras formas de "expiação", que, a partir de 1943, consistiam sobretudo na deportação de judeus e opositores para campos de concentração alemães.[85]

Já falamos das medidas excessivas que a polícia de segurança adotou no protetorado em junho de 1942 para vingar a morte de Heydrich. Depois dessa onda de terror, o HSSPF local tentou novamente acalmar a situação em geral. A prioridade da política de ocupação era a exploração econômica do país, e, para isso, era necessário que houvesse calma na frente política. Embora também aqui se fizesse frente aos movimentos da resistência por meio de encarceramentos e da aplicação da pena de morte, as represálias eram brandas em comparação com o sistema de terror que reinava na Polônia e na Iugoslávia.[86]

Como os exemplos da França e do protetorado o demonstram, os funcionários de ponta de Himmler nos territórios ocupados nem sempre eram a favor de uma política de terror irrefreável. Isso não se prendia unicamente a considerações "policiais de segurança", mas também a outro fator que adquiria importância cada vez maior: a crescente demanda por mão de obra forçada nos campos de concentração. Assim, parecia muito mais sensato trancafiar as forças rebeldes em campos do que executá-las.

## O fracasso das empresas de armamentos da SS

Até o início de 1942, a SS, e mais especificamente o responsável pelas questões econômicas, Pohl, basicamente se limitara a reagir à demanda da indústria quando se tratava da política de armamentos, sem desenvolver uma estratégia própria para a criação de capacidade armamentista.[87] Isso mudou durante a crise do inverno de 1941-1942, quando se percebeu que a virada da "guerra-relâmpago" se transformaria em uma mobilização muito maior de todos os recursos para uma guerra total. Himmler determinou — como contribuição para resolver a carência de trabalhadores que existia em toda parte — o emprego maciço de mão de obra judaica e criou, como já mencionamos, mediante a instituição do Departamento Central de Economia e Administração, as premissas para uma "economização" do sistema de campos de concentração.

Em 16 de março, o chefe da inspeção dos campos de concentração, Glücks, reunira-se com os representantes do Ministério de Armamento para debater as

possibilidades do uso dos prisioneiros. Glücks declarara que a SS não queria exercer nenhum controle sobre a produção, mas que, de acordo com a "determinação do Reichsführer-SS [...], a fabricação deve continuar sendo realizada nos campos".[88] Por essa razão, Walter Schieber, chefe de gabinete do Ministério de Armamento Speer, tentara estabelecer semelhantes projetos, o que conseguiu em pouco tempo: no campo de concentração de Buchenwald deveriam ser produzidas carabinas, entre outros, para a empresa Wilhelm-Gustloff-Werke, de Weimar; outros projetos eram discutidos.[89]

Nessa situação, Himmler adotou a iniciativa no início de julho de 1942. Após o encontro com Schieber, preparou uma lista para Pohl com diversos projetos de armamentos (além da produção de carabinas, por exemplo, a fabricação de pistolas e artilharia antiaérea) para quatro campos. Estava interessado sobretudo em uma fábrica da Opel perto de Auschwitz, cuja construção e operação deveria ser de responsabilidade da SS. Com isso, ele esperava avanços em relação à motorização da SS.[90] O momento para promover a criação de uma empresa de armamentos da SS não foi escolhido aleatoriamente: naquele mês de julho, ele instituiu a obrigatoriedade de fato do serviço militar para os alemães étnicos do sudeste da Europa, com o que esperava ampliar ainda mais a Waffen-SS. Esses recrutas tinham de ser armados e equipados.

No entanto, todos esses projetos fracassariam já na base. A produção de carabinas em Buchenwald só pôde ser iniciada na primavera de 1943 e mesmo assim o começo foi vagaroso. Em agosto de 1944, a fábrica foi destruída em um ataque aéreo. A planejada produção de pistolas, em Neuengamme, nunca foi concretizada, o mesmo ocorrendo com a maioria dos outros projetos. Só em Auschwitz a produção foi em frente, mas em vez da planejada artilharia aérea o que se produziu foram detonadores de granadas.[91]

A produção nos campos de concentração não vingou porque era muito difícil conseguir máquinas de alta qualidade, e a produtividade em virtude das terríveis condições de vida e de trabalho era baixa,[92] mas sobretudo porque Himmler não se havia dado conta de que as premissas para o projeto — o trabalho em parceria com a indústria[93] — não existiriam enquanto a SS estivesse controlando a produção. A indústria estava decidida a exercer todo o controle, inclusive no que tangia às linhas de produção transferidas aos campos de concentração.

Em 15 de setembro de 1942, Speer e Pohl acertaram que um número maior de

prisioneiros dos campos de concentração seria ocupado em atividades relativas ao armamento. Pohl informou os detalhes a Himmler e foi ao ponto crucial da questão: “Não devemos insistir teimosamente que toda a produção seja transferida para dentro de nossos campos. Enquanto nós nos ocupávamos com miudezas, como o senhor mesmo se referiu com razão ao nosso trabalho até então, em virtude de seu pequeno volume, podíamos, com razão, fazer essa exigência.” Mas isso não seria possível quando se tratava de fábricas de armamentos em que trabalhavam 5 mil prisioneiros ou mais; segundo Speer explicara, essas deveriam se situar em “instalações novinhas em folha”.

Segundo o acordo feito com Speer, prosseguiu Pohl, a SS deveria assumir fábricas que estivessem vazias ou com poucos funcionários, abastecê-las “100% com nossos prisioneiros” e dirigi-las como “empresa de armamentos da SS” — mas certamente fora dos campos de concentração. Speer desejaria, desse modo, “garantir a possibilidade de acomodação para 50 mil judeus capazes de trabalhar em empresas fechadas já existentes”. Pohl queria “selecionar esses prisioneiros entre os emigrantes do leste”.[94]

Dessa maneira, Pohl driblara a imposição de Himmler, de trazer a produção para dentro dos campos. Mesmo assim, o acordo não era realista, pois os prisioneiros dos campos de concentração, reunidos aleatoriamente e sem uma formação específica, não teriam condições de assumir em curto prazo todo o procedimento de produção. Além disso, a SS não dispunha da experiência necessária para preparar e organizar a produção.

Na conferência sobre armamentos realizada entre os dias 20 e 22 de setembro de 1942, Speer chamou a atenção de Hitler para o fato de que nem a transferência das máquinas de produção para os campos de concentração, nem a exigência de Himmler, de garantir à SS “uma influência decisiva sobre essas empresas”, seria de alguma utilidade. A solução mais sensata consistiria em incluir um segundo turno de mão de obra prisioneira em certas empresas. Hitler concordou com Speer e prometeu a Himmler, a título de compensação pelos prisioneiros que este forneceria à indústria, 3% a 5% da produção corrente para a Waffen-SS.[95] Isso significava o fim da empresa de armamentos da SS. Futuramente, o papel da SS se limitaria a alugar prisioneiros e, para esse fim, erguer subcampos junto às respectivas empresas, em todo o território do Reich.

Em setembro de 1942, Speer pôs fim também a outro ambicioso projeto de

armamento que Himmler perseguia desde 1941. Conforme anteriormente mencionado, em janeiro de 1942, o RFSS havia conseguido uma autorização do Führer para a "conclusão, ampliação e operação" de uma fundição de metais leves na fábrica da VW. Desde a primavera, centenas de prisioneiros trabalhavam ali; perto da fábrica fora erguido um campo de concentração ("vila de trabalho") especificamente para esse fim. Em meados de setembro de 1942, Speer interditou a conclusão do prédio, sob a alegação de que a relevância do projeto em termos econômico-bélicos era duvidosa. Com isso, a tentativa de Himmler de ingressar na produção de armamentos por intermédio de um projeto-modelo também malograra.[96]

## Terror interno

Quando, no outono de 1941, ficou claro que a guerra não acabaria tão cedo, também a polícia criminal teve de assumir novas tarefas. Se desde o verão de 1940, em vista da suposta proximidade do fim dos conflitos, as atividades da Kripo se concentravam sobretudo nos objetivos político-populacionais do regime, agora os estragos causados pelas bombas, os delitos econômicos e a intensificação da vigilância dos jovens e estrangeiros eram a prioridade do trabalho policial — rotulado de "prevenção", numa acepção totalmente nova da palavra.

A guerra das bombas fez com que a Kripo tivesse de enfrentar diversos desafios: as vítimas tinham de ser identificadas e os saques tinham de ser combatidos. Nas cidades destruídas, os delitos contra a propriedade cresceram rapidamente, sobretudo na metade da guerra, facilitados pelas medidas de escurecimento e pelos danos causados aos edifícios. Além disso, em muitos casos, o nível de inibição normal das pessoas diminuiu por causa da necessidade premente e da destruição do espaço vital conhecido. Nos escombros das cidades destruídas, formavam-se bandos de jovens, e o mercado negro florescia. Os casos de assassinatos e assaltos também aumentavam.[97]

A degradação moral da juventude era algo especialmente preocupante para o RFSS. Em 26 de janeiro de 1942, ele enviou um relatório da Liderança da Juventude do Reich a Heydrich, em que estavam descritas as atividades de lazer da chamada "Juventude do Suingue" (Swing-Jugend) de Hamburgo: jovens, muitos de classe média, que tocavam o proibido estilo de música swing nas

festas e que também expressavam de outras formas a sua oposição à Juventude Hitlerista) e a outras instituições do estado nazista. Himmler ficou furioso:

"Todos os líderes de grupo, sejam homens, sejam mulheres; entre os professores, aqueles que tiverem uma atitude hostil e que apoiam a Juventude do Suingue devem ser enviados para campos de concentração. Lá, esses jovens devem ser surrados e depois devem se exercitar de forma extremamente rigorosa, e postos a trabalhar. Esses rapazes e moças inúteis não devem ser mandados a qualquer campo de trabalho ou campo de jovens. As moças devem trabalhar nas tecelagens e, no verão, no campo. A permanência desses jovens no campo de concentração deve ser de dois a três anos. Eles devem ter ciência de que nunca mais frequentarão uma universidade. Deve-se investigar se os pais apoiam esse comportamento e, se esse for o caso, também devem ser presos e enviados a um campo de concentração, e os seus bens devem ser confiscados. Só se tomarmos medidas drásticas poderemos evitar que essa tendência anglófila [sic!] se espalhe de modo perigoso em uma época em que a Alemanha luta por sua existência."[98]

Desde 1942, o regime estava preocupado com a escalada da criminalidade, ocasionada pela guerra e o estado de abandono reinante, achando que pudessem manchar a imagem da Alemanha nazista como Estado organizado, e exercer influência negativa sobre o espírito das tropas no front da pátria. Na opinião de Hitler, fora principalmente "aquela ralé" que incitara a revolução de 1918. No caso da eclosão de uma revolta, na sua concepção draconiana, "todos os criminosos devem ser mortos no prazo de três dias".[99] A passagem para um extermínio sistemático de criminosos e "associais" na segunda metade de 1942 foi uma consequência lógica dessa postura. A execução caberia principalmente ao RFSS.

Essa nova forma assassina de "prevenção criminal" era endereçada, entre outros, aos trabalhadores forçados do leste da Europa no Reich, cujo número nesse meio-tempo chegara aos milhões. Em setembro de 1941, Himmler se opusera a que fossem trazidos, além dos trabalhadores poloneses e prisioneiros de guerra soviéticos, trabalhadores soviéticos civis para o Reich. Só o esforço da Kripo nessa caçada humana de prisioneiros de guerra fugitivos ou mão de obra estrangeira que voltava por conta própria para a sua pátria era enorme. No primeiro semestre de 1943, mais de 300 mil pessoas foram presas em

decorrência dessas perseguições de guerra.[100]

Mas o veto de Himmler fora ignorado,[101] e, assim, em 20 de fevereiro de 1941, Heydrich apresentou os Decretos dos Trabalhadores do Leste, que regulamentavam o tratamento a ser dispensado e a vigilância a ser adotada no caso dos trabalhadores civis soviéticos. O combate da criminalidade, das relações sexuais proibidas com alemães e de outras insubordinações ficou exclusivamente a cargo da Gestapo, que deveria aplicar punições extremamente rigorosas contra os infratores. As opções eram o campo de concentração ou o "tratamento especial". Conforme essas ordens, os crimes cometidos pelos trabalhadores forçados soviéticos só deveriam ser processados na justiça quando a pena de morte era certa.[102]

Em 18 de setembro de 1942, no quartel-general de campanha, na Ucrânia, Himmler se encontrou com o ministro da Justiça Otto Thierack e seu secretário de Estado, Curt Ferdinand Rothenberger para negociar uma série de acordos com as autoridades da Justiça. As consequências desse encontro foram graves. Em primeiro lugar, futuramente, em caso de sentenças judiciais "insuficientes", deveria ser realizada uma "correção" por "tratamento policial especial", sendo que Thierack e Himmler precisavam estar de acordo quanto aos casos individuais. Se não chegassem a um consenso, deveriam buscar a opinião de Bormann ou de Hitler.

Em segundo lugar, estava prevista a "transferência de elementos associais do sistema penal ao Reichsführer-SS para o extermínio pelo trabalho" — isso se referia, sem exceção, a "prisioneiros em prisão preventiva, judeus, ciganos, russos e ucranianos, poloneses com penas de mais de três anos, tchecos e alemães com penas de mais de oito anos, conforme decisão do ministro da Justiça do Reich". O fato de a "transferência" desses presos, como já mencionado, ter sido acordada exatamente na mesma época em que foi tomada a decisão de usar os prisioneiros dos campos de concentração mais intensamente na produção de armamentos não deve ser algo surpreendente. Além disso, Himmler e Thierack concordavam que futuramente os "judeus, poloneses, ciganos, russos e ucranianos" não deveriam mais ser julgados em tribunais ordinários; em vez disso, seriam "resolvidos pelo Reichsführer-SS".

Durante essa reunião, Himmler também sugeriu que "o sistema penal deveria ser provido de mais prisões especiais, seguindo o princípio de que os criminosos

não recuperáveis ficassem em instituições próprias, separados dos criminosos recuperáveis, e estes deveriam ser agrupados de acordo com os delitos (por exemplo, trapaceiros, ladrões, pessoas violentas)". Embora o ministro da Justiça estivesse basicamente "de acordo" com a sugestão, opunha-se totalmente à exigência abrangente de Himmler de integrar a Procuradoria do Estado ao aparato da polícia. A outra exigência de Himmler, de que a administração do Registro Penal deveria ficar a cargo da polícia, ele ainda queria verificar.[103]

Com base nesse acordo, comissões de avaliação formadas por funcionários do Ministério da Justiça passaram a separar os presos que deveriam ser transferidos para os campos de concentração — até meados de 1943, um total de 17.307 prisioneiros da Justiça. Até o dia 1º de abril de 1943, 5.935 deles já estavam mortos. A seleção continuou.[104]

Além disso, no verão de 1942, as determinações quanto à vigilância policial foram intensificadas. Aqueles considerados "indignos do Exército" corriam perigo de serem colocados sob prisão preventiva à mínima infração.[105] Em dezembro de 1942, o Departamento de Polícia Criminal do Reich também ordenou que os "criminosos e associais que não puderem ser presos" deveriam ser enviados diretamente aos campos, onde seriam "mantidos de forma adequada" — uma formulação que deve ser entendida como autorização para matar esse grupo de pessoas.[106] Conforme uma estimativa, em meados de 1943 havia muito mais do que 20 mil pessoas em prisão preventiva nos campos de concentração. Até o final de 1943, provavelmente esse número era de 63 mil e 82 mil pessoas, das quais possivelmente 26 mil a 34 mil tenham acabado morrendo na prisão.[107] O próprio Himmler, em um discurso em 14 de outubro de 1943, mencionou que havia, nessa época, 40 mil prisioneiros políticos e 70 mil "associais", "criminosos profissionais" e "presos preventivos" entre "os prisioneiros do território do Reich".[108]

O acordo de setembro de 1942 entre Thierack e Himmler, no entanto, não se limitava a um esvaziamento em grande escala das prisões alemãs e à "exoneração" da Justiça dos esforços da perseguição dos trabalhadores forçados do leste da Europa. Ele também ajudou Himmler a concretizar um plano que já o ocupava havia dois anos: a instituição de um processo legal estritamente policial para a Polônia nos territórios incorporados do leste. Mas os governadores do Reich locais eram veementemente contrários a isso, pois temiam um

agravamento da situação, que já era bastante tensa, em seus domínios, de sorte que Thierack acabou revogando sua aprovação. Dentro do RSHA, no entanto, esse recuo foi ignorado, como de praxe nesses casos, e as centrais da polícia do Estado foram instruídas a "resolver" esses casos elas mesmas — ainda que, tendo em vista a oposição dos governadores, tomando certos cuidados.[109]

**Himmler e o grande império germânico — Uma reconstrução**

Como foi mostrado em detalhe nos capítulos anteriores, entre abril e setembro de 1942, Himmler tomou decisões abrangentes em uma série de domínios, que, em parte, tiveram sérias consequências.

Primeiro: no final de abril/início de maio, o RFSS acertou os últimos detalhes para estender a ação de extermínio sistemático dos judeus a toda a Europa. No final de maio/início de junho, após o atentado e a consequente morte de Heydrich, decidiu acelerar e intensificar o programa de assassinato em massa, de maneira que a Solução Final pudesse ser dada como praticamente concluída até o fim do ano. Durante os meses seguintes, ele se ocupou intensamente da execução desse plano. Além disso, a ampliação para toda a Europa do programa de deportação, em vigor desde meados de 1942, fortalecia a posição do seu aparato de repressão nos respectivos países ocupados, ou seja, a posição de seus "conselheiros" nos países aliados da Alemanha.

Segundo: em julho de 1942, Hitler encarregou Himmler do "combate aos bandidos" nos territórios ocupados do leste. O fato de Himmler apresentar como resultado 363 mil judeus executados até dezembro só na região da Rússia-Sul (mais de 90% de todas as suas vítimas do combate aos bandidos), deixa claro o modo como ele entendeu a missão.

Terceiro: em junho de 1942, Himmler instruiu seu chefe de planejamento, Meyer, a ampliar os planos de colonização, criando um "planejamento geral de colonização" europeu, que deveria englobar a Polônia, grandes regiões da União Soviética ocupada, a Alsácia e a Lorena, a Alta Carniola e a Baixa Estíria, bem como o protetorado Boêmia e Morávia. Himmler também estabeleceu novas metas em relação ao prazo fixado para a colonização: seria reduzido em cinco a dez anos, ficando agora limitado a vinte anos. Em junho, anunciou a germanização do protetorado, em julho demarcou os limites para os assentamentos no distrito de Lublin, em agosto se ocupou das decisões relativas

à política dos assentamentos na Ucrânia e, ao mesmo tempo, cuidou intensamente da "limpeza" política em termos de *Volkstum* da Alsácia e da Lorena.

Quarto: no verão de 1942, Himmler pôde aumentar consideravelmente a base de recrutamento para a Waffen-SS. Em julho, declarou que os integrantes dos grupos étnicos alemães em todo o sudeste da Europa estavam obrigados, "pela rígida lei de seu germanismo", a prestarem o serviço militar e, assim, instituiu uma política de recrutamento sistemática entre os alemães étnicos no sudeste da Europa. Em agosto de 1942, Hitler transmitiu a Himmler a competência exclusiva quanto a "negociações com todos os grupos étnicos germânicos na Dinamarca, na Noruega, na Bélgica e nos Países Baixos [...] na esfera do NSDAP", o que fortaleceu sua posição no recrutamento de "voluntários germânicos". No mesmo mês, Himmler também mobilizou todos os alemães capazes de empunhar uma arma, tanto no Governo-Geral quanto na União Soviética, para as unidades de alarme que lhe eram subordinadas; para os alemães étnicos que não serviam na Waffen-SS, criou milícias especiais.

Quinto: em julho de 1942, Himmler fez uma séria tentativa de montar uma empresa de armamentos da SS a fim de libertar a Waffen-SS da dependência dos suprimentos da Wehrmacht. Quando, em setembro de 1942, esses esforços foram frustrados e também os grandes planos de construção da SS, para os quais se queria usar sobretudo mão de obra prisioneira dos campos de concentração, tiveram de ser postergados, ele passou a planejar o empréstimo de prisioneiros dos campos de concentração para a indústria. Imediatamente tomou as medidas para aumentar o número de prisioneiros. A meta para o ano seguinte era duplicar o número de detentos.

Sexto: em 18 de setembro 1942, firmou com o ministro da Justiça, Thierack, a transferência dos "elementos associais" (principalmente os condenados de grupos populacionais "racialmente inferiores") das prisões para os campos de concentração. Sua intenção, de submeter essas pessoas à política do "extermínio pelo trabalho", era coerente tanto com a estratégia de extermínio racista quanto com o impiedoso calculismo de exploração e proveito.

Sétimo: retirando de Thierack ao mesmo tempo a competência penal sobre a Polônia, a Rússia e a Ucrânia no território do Reich, Himmler havia criado para si mais uma opção para abastecer os campos, já que à menor suspeita os

trabalhadores forçados civis já corriam o risco de serem trancafiados em campos de concentração. Suas instruções de outubro seguiam a mesma linha de, futuramente, punir todos os suspeitos de atividade guerrilheira, bem como os habitantes dos guetos da Polônia necessários para trabalhar em projetos bélicos, com a prisão em campos de concentração ou de trabalhos forçados, respectivamente.

Fica claro a partir dessas definições que Himmler, com a mente fixa na vitória do Terceiro Reich, suscitava determinados progressos e os amarrava de tal forma, que, em conjunto, apontavam para a edificação de uma estrutura de poder qualitativamente nova — em que caberia um papel crucial à SS. Na maioria dessas decisões, que o fato seja novamente ressaltado, é possível comprovar que houve o consentimento de Hitler; nos casos restantes podemos presumir que ele atuava de acordo com os conceitos do "Führer", um modo de agir que caracterizava o estilo político de Himmler desde o início do carreira. Para designar essa nova estrutura de poder que tinha em mente, Himmler recorreu à fórmula do grande Reich germânico, que utilizara no final dos anos 1930. Só que agora, em 1942, já se mostrava de maneira muito mais clara qual era a ideia que ele fazia dessa estrutura de poder.

O grande Reich germânico não deveria simplesmente ser um grande império alemão ampliado por meio das regiões anexadas, mas uma forma de poder qualitativamente nova, supranacional e de governo totalitário, erigida de modo consistente sobre uma hierarquia racial. Futuramente, todo o continente europeu seria dominado por uma camada superior composta por integrantes de povos germânicos, que atribuiriam o devido lugar aos demais povos europeus de acordo com a qualidade racial destes: como aliados do novo império, como povos que gozavam de sua "proteção", ou — o papel que estava previsto para a população eslava — como seus escravos de trabalho, que não tinham direito a uma vida nacional própria.

Mas sem a SS — disso Himmler já se encarregara — esse ambicionado império não poderia existir:

– A SS havia instalado um aparato de repressão por toda a Europa que não só reprimia de modo brutal qualquer corrente oposicionista ou qualquer resistência, mas que, além disso, assassinava sistematicamente e em massa os inimigos *em*

*potencial* e as “pessoas racialmente inferiores” com base em supostos critérios biológicos, uma política cujo alvo primordial eram os judeus, mas que também incluía sobretudo os ciganos do leste europeu, bem como partes da população eslava. Essencialmente, tratava-se de uma versão radicalizada e estendida ao território europeu da política de prevenção racial geral desenvolvida por Himmler para o território do Reich na segunda metade dos anos 1930. Agora, as vítimas dessa política já não eram postas sob prisão preventiva, mas assassinadas. De seu ponto de vista, no entanto, essa tarefa sangrenta — cujo “peso” ele frequentemente lamentava até as raias da autopiedade — era um componente indispensável de uma concepção muito mais abrangente, para remodelar a Europa do jeito certo e garantir o futuro dos “germanos”.

– A SS trabalhava em um conceito global para a germanização de grandes regiões no centro e no leste da Europa, e havia iniciado ou até mesmo concluído uma série de assentamentos. Ela dominava os grupos étnicos do sul da Europa e era responsável, em primeiro lugar, pelo cultivo das relações com as forças “germânicas” no exterior, mais precisamente no noroeste da Europa. Dessa forma, detinha importantes fontes em potencial para o recrutamento de futuros colonos.

– Com a abertura da Waffen-SS ao ingresso de alemães étnicos, voluntários “germânicos” e legionários (não germânicos) de países europeus, Himmler criara um modelo para a nova estrutura de poder dentro da SS, em que cada indivíduo já era classificado de acordo com o “valor” racial.

– Por meio do trabalho forçado de prisioneiros dos campos de concentração em volume maciço e do conceito de “extermínio pelo trabalho”, a SS documentava que estava em condições não só de ocupar de forma produtiva um exército de trabalhadores escravos, mas de manejar esse emprego no trabalho ao mesmo tempo como instrumento eficaz de repressão e de liquidação de todas as pessoas política e racialmente indesejáveis.

– A SS conseguira impor com sucesso a reivindicação de que só ela possuía a *habilidade* necessária para definir decisivamente a nova hierarquia racista e para determinar, por meio de “comprovado” instrumento — o exame racial —, em que nível cada qual se encontrava nessa hierarquia. O fato de que esse exame racial era executado, em grande medida, de modo arbitrário, já que os princípios pelos quais se orientava eram meros produtos de fantasia racista, não era

contestado pela SS. Afinal, ela dispunha tanto dos meios de poder necessários para impor essa política de segregação racial quanto dos fundamentos "ideológicos" para legitimar tais medidas.

A definição do curso entre a primavera e o outono de 1942 deixa claro, além disso, que a perspectiva de Himmler quanto à edificação dessa nova estrutura de poder havia mudado dramaticamente: se no final dos anos 1930 ele ainda acreditara que o Reich só estaria em condições de alcançar o status de potência mundial dali a várias gerações, agora esse prazo se reduzira em sua percepção, como se tivesse dado um salto no tempo. O grandioso Reich era construído *agora*, e era *agora* que deveria agir se queria garantir um papel decisivo para si e para sua SS. O motivo da aceleração dos avanços que já estavam em curso foi decisivo nesse pensamento, uma vez que, em face da iminente vitória da Wehrmacht, parecia se abrir uma janela de tempo que permitia concretizar ideias que até então pareciam utópicas. A Solução Final da Questão Judaica na Europa deveria ser executada *agora* e não só após o término da guerra, projetos adicionais de colonização no leste da Europa deveriam ser iniciados *imediatamente* e não só num futuro distante, a erradicação dos "associais" deveria ocorrer *de pronto*. Himmler queria desencadear uma dinâmica que em poucos meses teria submetido o espaço dominado pela Alemanha a um processo de mudança quase revolucionário.

Para isso, é necessário que se tenha em mente mais uma vez o poder sem precedentes que Himmler concentrava na direção do Reich nos meses entre a primavera e o outono de 1942: ele instalara — sem considerar os mencionados retrocessos e atrasos — um sistema desenfreado de terror e assassinato em massa que campeava em toda a Europa. Por meio do instrumento do "extermínio pelo trabalho" ele reinava sobre um exército de trabalhadores escravos; iniciara o remanejamento de várias dezenas de milhões de pessoas selecionadas segundo critérios raciais e estava formando, paralelamente à Wehrmacht, um segundo exército que, em sua composição, deixava para trás as fronteiras nacionais e estruturalmente antecipava o futuro do grande Reich germânico.

Em setembro de 1942, Himmler podia partir do princípio de que fincara com sucesso os pilares do tão sonhado grande Reich germânico, no entanto, essa situação durou apenas poucas semanas. O pouso dos Aliados no norte da África,

em novembro de 1942, marcava o início da virada da guerra, e assim definhavam rapidamente as perspectivas de outros passos decisivos na direção de um grande império germânico. Os projetos de colonização em grande escala agora eram especialmente ainda menos viáveis e, em face do estágio da guerra, não era mais recomendável enfatizar em alto e bom som as diferenças entre povos privilegiados "germânicos" e irmãos, e os outros povos europeus.

Mas, para Himmler, esse estado de coisas não tinha nenhuma relação com declínio ou frustração. Era possível que seu conceito original não vingasse, mas, mesmo assim, ele acreditava ocupar a posição do vencedor: afinal, a dinâmica dos eventos desencadeados ou forçados por ele em muitas áreas já não podia ser refreada. O assassinato em massa nos campos de concentração, o trabalho escravo, bem como o "combate aos bandidos" e a inclemente repressão nos territórios ocupados estavam de tal modo integrados à concepção de guerra nazista — em grande medida também graças aos seus esforços —, que foram continuados sem nenhuma alteração mesmo no momento de uma piora da situação, ou especialmente então.

Por essa razão, ele rapidamente adotou um novo papel: agora se destacava como aquele que, mediante o emprego de medidas de terror inigualáveis, garantia a segurança interna no Reich e nos territórios ocupados pela Alemanha. Nos dois anos e meio que lhe restariam como RFSS, ele acumulou para esse fim um monopólio de poder nunca antes alcançado. Quanto mais o Terceiro Reich se aproximava do declínio, mais poderoso se tornava o Reichsführer-SS.

34 Em alemão, *Bandenbekämpfungs*. Termo dado pelos nazistas aos assassinatos da considerada escória europeia. (N. da E.)

PARTE VI

# A queda gradual

## Virada da guerra — uma oportunidade?

Com o desembarque das tropas aliadas no norte da África, em novembro de 1942, a iniciativa militar estava cada vez mais nas mãos dos Aliados. A partir daquele momento, o flanco sul da Europa, dominado pelo Eixo, se tornou cada vez mais exposto. Em 11 de novembro de 1942, a Alemanha e a Itália decidiram ocupar a zona ainda não ocupada no sul da França. Por essa razão, Himmler se atribuiu nova tarefa: desativar todos os "inimigos" do Reich que até então haviam conseguido se esquivar de uma perseguição sob a proteção do regime de Vichy.

Um golpe aniquilador contra esse exército de "inimigos", supostamente concentrado no sul da França, deveria, segundo seus cálculos, constituir o prelúdio para uma política de repressão mais acirrada. Por conta disso, a visão do grande Reich germânico, que ele desenvolvera com tanto afinco nos últimos meses, teve de ficar em segundo plano. Agora que crescia a ameaça externa contra o Reich, Himmler se viu pressionado a cuidar da segurança do "palco interno da guerra",[1] ou seja, eliminar por todos os meios e sem misericórdia todos os inimigos reais e imaginários dentro do território dominado pela Alemanha: por meio da repressão à resistência política nos territórios ocupados; da inclusão dos países que até então tinham sido poupados na perseguição aos judeus; do recrudescimento do programa de assassinatos, bem como da inclusão de todo o leste da Europa no "combate aos bandidos". Além disso, nos meses que se seguiram, Himmler acumulou consideráveis meios de poder: ampliou significativamente a Waffen-SS mediante o recrutamento de voluntários "estrangeiros"; foi nomeado ministro do Interior do Reich e, assim, chefe da administração interna no território do Reich; expandiu substancialmente o exército escravo nos campos de concentração e, quando assumiu o controle do programa de foguetes, parecia que, por fim, conseguiria ainda controlar uma parte importante da indústria bélica. Na prática, o balanço de resultados de Himmler como chefe da Waffen-SS, ministro do Interior e organizador do armamento apresentaria números bastante modestos: quanto mais o Terceiro Reich passava a ser pressionado militarmente nos anos seguintes, mais o papel de Himmler se reduzia ao de chefe de um impiedoso aparato de terror.

Seu desenvolvimento começou no final de 1942, quando ele tentou controlar o sul da França, recém-ocupado por tropas da Wehrmacht. Em 15 de novembro,

quatro dias após a ocupação, ele avisou ao comandante da polícia de segurança na França, Knochen, que esperava “receber relatórios diários sobre as prisões de elementos políticos perigosos e pessoas da chefia do antigo regime [francês]. O levantamento desses inimigos perigosos deve ser realizado com a maior urgência e com todo o rigor”.[2]

Como sempre, quando Himmler procurava ampliar a área de atuação ou dar-lhe uma nova ênfase, dirigia-se diretamente a Hitler: em 10 de dezembro de 1942, durante uma longa reunião, Himmler explicou ao Führer que a situação na França não ocupada exigia uma política radical. Haviam-no alertado, assim está escrito nas anotações de arquivo correspondentes, “de que, no momento, na França anteriormente não ocupada, haveria no mínimo 1,5 milhão de inimigos mortais do Eixo, especificamente 600-700 mil judeus, 500-600 mil italianos antifascistas, 300-400 mil espanhóis vermelhos, 20 mil anglo-saxões, 80 mil poloneses, gregos etc. vivendo e circulando livremente. Certamente eles representam um perigo significativo no que se refere ao abastecimento e à segurança do Exército teuto-italiano no mar Mediterrâneo. A isso se juntaria ainda um número muito maior de franceses hostis, que são compostos principalmente por comunistas, gaullistas e clérigos”.[3]

Hitler ficou impressionado com a exposição. Ele instruiu Himmler, como este anotou propositadamente, a “eliminar” os 600 mil a 700 mil judeus na França, inclusive no norte da África. Os “espanhóis vermelhos” deveriam ser “encaminhados para o processo de trabalho”, os gaullistas, ingleses e americanos deveriam ser detidos, os italianos, usados nos trabalhos forçados, e os seus chefes, trancafiados em campos de concentração.[4]

Alguns dias depois, Himmler dirigiu-se novamente a Hitler, para expor mais um caso: queria que a polícia francesa fosse centralizada sob o comando de Bousquet, o secretário-geral da polícia do governo de Vichy.

Além disso, para a “elevação da força” seria necessário: “que todo policial francês corajoso e viril tenha a cobertura absoluta de seu superior” (o que equivalia a carta branca para atos arbitrários), “segurança econômica para os funcionários”, um “direito de uso de todas as instalações da polícia francesa, para reconhecimento e investigação”, por seu próprio aparato de polícia, a criação de uma seção especial da polícia para o combate dos “inimigos políticos da Europa”, a deportação para a Alemanha “de todos os outros culpados pela

destruição da unidade europeia, como Blum, Gamelin, Daladier”. [5]

Nos dias seguintes, Himmler amadureceu a ideia de dar um exemplo no sul da França recém-ocupado. Para que não surgissem dúvidas quanto à nova política radical, pretendia executar uma “mega-ação”, incluindo a polícia francesa. Ele calculava que assim poderia torná-la cúmplice de sua política de perseguição contra pelo menos 1,5 milhão de “inimigos mortais” e ligá-la mais fortemente à força de ocupação. O palco dessa ação deveria ser Marselha: na fantasia de Himmler, a cidade portuária mediterrânea era um labiríntico “ninho de criminosos” que precisava ser destruído.

## Ação punitiva em Marselha

Em meados de dezembro de 1942, um regimento policial formado para esse fim chegou a Marselha, e a partir daquele momento Himmler passou a se ocupar pessoalmente das “medidas” para eliminação da “criminalidade” na cidade, remetendo-se a uma missão de Hitler à SS.[6]

Em 3 de janeiro, diversas bombas explodiram em Marselha. A resistência comunista cometera atentados contra instalações da força de ocupação. No dia seguinte, Himmler exigiu de seu mais alto representante no país, o HSSPF Oberg, que planejasse uma enérgica ação coordenada entre polícia civil e polícia de segurança. “Exijo ações severas e radicais. Certamente o senhor também é responsável pela França até agora não ocupada; no entanto, a forma do governo francês e sua declarada independência devem ser preservadas.”[7]

No entanto, no mesmo dia, a Wehrmacht já havia declarado — como Himmler presumira, de comum acordo com Oberg — o estado de exceção em Marselha; com isso, possíveis medidas de retaliação eram de responsabilidade da Wehrmacht. Himmler ficou irritado. Em 5 de janeiro, lembrou a Oberg que “a responsabilidade por Marselha foi transferida especificamente para nós pelo Führer”.[8] No mesmo dia, em outro telex a Oberg, voltou a insistir: o “assunto Marselha” seria “um caso exclusivamente policial contra uma revolta dos sub-humanos e sabotadores locais”. E que Oberg fizesse o favor de sair de trás da sua escrivaninha em Paris e viajasse a Marselha. Himmler também enviou para lá o chefe da Polícia de Ordem, Daluege, e o major-general da polícia, Walter Schimana, cuja nomeação a chefe da Polícia de Ordem da França ele comunicou a Oberg nessa ocasião.[9]

No dia seguinte, Oberg recebeu novo telex do RFSS, acusando-o de mais uma vez ter delegado a outrem a iminente ação em Marselha, contrariamente à ordem do Führer: “No primeiro momento em que acontece algo em Marselha, o senhor muda, sem antes me consultar, a ordem do Führer, corre para a Wehrmacht e cuida para que um comandante de divisão assuma o comando em Marselha. Devo admitir que esse típico hábito de funcionário público, ou melhor, mau hábito, eu não esperava do senhor. Qualquer outro homem da SS, sobretudo qualquer outro HSSPF da SS, ficaria feliz em resolver sozinho uma tarefa assim difícil atribuída a ele pela SS e, com certeza, tomaria ele mesmo a iniciativa de deixar o conforto de seu escritório em Paris.”

Além disso, Oberg teria infringido ainda uma outra ordem do Führer: quatro tanques enviados por ordem de Hitler como reforço para a Polícia de Ordem na França não puderam ser assumidos no local porque, aparentemente, não havia pessoal adequado disponível. “Ao senhor foi concedida a honra de ser nomeado alto comandante da SS e da polícia (HSSPF); portanto, o senhor também deveria suportar o ônus e, como eu o faço, cuidar pessoalmente de todos os detalhes, desde a garantia da saúde das prostitutas em uma pequena cidade francesa, para evitar que nossos homens da SS peguem doenças, até garantir que existam homens que sabem manejar tanques colocados à sua disposição. Mas isso não pode ser feito somente em reuniões ou jantares sociais.” Em caso de mais um “não cumprimento ou alteração funcional de uma ordem do Führer” ele seria exonerado do cargo.[10]

Alguns dias mais tarde, Himmler determinou a Oberg que pusesse em ação a polícia francesa para “desocupar esse ninho de criminosos franceses”. No final, certamente haveria perdas e ele queria evitar que elas ocorressem do lado alemão.[11] Em 18 de janeiro, cobrou de Oberg a “prisão da grande massa de criminosos de Marselha e sua transferência para campos de concentração” — em uma ordem de grandeza de “em torno de 100 mil”! Além disso, Himmler exigiu: “Detonação radical dos bairros criminosos. Não quero que sejam arriscadas as vidas de alemães dentro dos corredores e das cavernas subterrâneas.” A destruição do “submundo de Marselha” deve ser executada “de maneira tal que os moradores já morram pela simples pressão da explosão”. A polícia francesa não deveria somente participar da ação, mas também ter consciência de que “nos deve ser profundamente grata por ela”.[12]

Até então não havia existido uma ação policial comparável nos territórios ocupados ocidentais. Se Himmler tivesse conseguido se impor, a política de ocupação alemã teria sido reduzida a um brutal regime de terror — certamente com graves consequências para a relação entre forças de ocupação e população local nos demais territórios ocidentais ocupados.

Parece que Oberg tinha plena consciência disso. Apesar dos constantes apelos e das ameaças de Himmler, ele seguia um curso próprio. Nas negociações que Oberg conduziu com a polícia francesa nos dias seguintes, ele driblou as ordens draconianas de Himmler[13] e negociou o seguinte procedimento com seus interlocutores: nos dias 22 e 23 de janeiro de 1943, a polícia francesa realizou batidas policiais em Marselha e prendeu 6 mil pessoas, em vez das 100 mil exigidas por Himmler; os 20 mil moradores da região portuária foram expulsos de suas moradias e submetidos à revista. A polícia de segurança alemã entregou mais de 2.200 pessoas, sobretudo judeus, ao campo policial de prisioneiros Compiègne, perto de Paris, e, de lá, um total de 782 judeus de Marselha foram deportados para o campo de extermínio de Sobibor. Uma parte da região portuária foi realmente explodida. Surpreendentemente, Himmler mostrou-se satisfeito com a versão minimalista de Oberg de seus planos gigantescos de limpeza. Obviamente, as autoridades de segurança alemãs e francesas locais haviam estabelecido um acordo por meio do qual a estratégia de extermínio de Himmler foi represada.

Mas Himmler insistiu obstinadamente em um ponto da execução da operação de limpeza determinada por ele em relação a Marselha: queria enviar 1.500 prisioneiros franceses para a construção ferroviária na região de Narvik e exerceu pressão enérgica sobre o RSHA por meio de mensagens de telex, para que se ativessem ao compromisso “obrigatório” com Hitler.[14]

Provavelmente o fato de Himmler só conseguir impor de forma parcial sua linha extremamente brutal em Marselha e de Oberg ter desobedecido às suas ordens, apesar de já estar na lista negra de Himmler, se prende a razões que não tinham nenhuma ligação direta com os eventos do sul da França. Dentro do aparato de segurança, no início de 1942, não deve ter sido segredo o fato de Himmler, imediatamente após ter convencido Hitler quanto à sua linha dura em relação a Marselha, ficar desacreditado perante o Führer; temporariamente, a autoridade do RFSS parecia seriamente abalada.

Em 16 de dezembro de 1942, o antigo chefe da guarda de ferro da Romênia, Horia Sima, que, após o fracassado golpe de janeiro de 1942, fugira para a Alemanha, juntamente com 260 partidários, escapara de seu confinamento para Roma, embora tivesse empenhado sua palavra de honra de que permaneceria na Alemanha. Para Himmler, essa fuga foi bastante embaraçosa: ele nunca conseguira eliminar por completo a suspeita de que teria acertado seu apoio pessoal ao putsch de 1941 por meio de representantes do SD. E agora, a impressão que se tinha é a de que, conivente com a fuga, ele tentava de novo sabotar a política oficial alemã em relação à Romênia, que apostava no regime de Antonescu. Para complicar, ele não comunicara o fato imediatamente a Hitler, de modo que este só ficou a par da fuga de Sima dias depois. Uma intensa crise se formou em relação à Romênia quando o marechal Antonescu, em 26 de dezembro, exigiu a extradição de seu inimigo. Hitler ficou extremamente irritado com o comportamento de Himmler na questão Sima e exigiu que ele o mantivesse constantemente informado sobre o estágio de sua perseguição. No final de dezembro, após intensos esforços, finalmente foi possível prendê-lo em Roma e levá-lo de volta à Alemanha. Hitler retirou a sua ordem original de executar Sima; em vez disso, ele e seus homens foram aprisionados em um campo de concentração.[15]

**Resistência em toda a Europa**

Oberg não só sobreviveu ao caso Marselha, como continuou a se opor à política radical de Himmler — apesar das constantes advertências do Reichsführer. Oberg dispunha de 2.200 policiais de segurança em toda a França, portanto, uma rede com pontos relativamente esparsos, cujos componentes, na maioria dos casos, não eram qualificados, não dominavam a língua francesa e estavam verdadeiramente sobrecarregados em virtude das crescentes atividades da Resistência.[16] Por essas razões, parecia-lhe altamente recomendável não tentar se impor — como queria Himmler — como chefe, acima da polícia francesa, e sim adotar uma postura de cooperação. Ele postergou a exigida “transferência” de políticos franceses e jornalistas americanos do confinamento francês para campos de concentração alemães até o ponto em que Himmler, em abril de 1943, após uma conversa com Bousquet, chefe de polícia francesa, em Paris, relutantemente concordou com a sua visão.[17]

No entanto, no final de 1943, Himmler colocou um fim na cooperação entre Oberg e Bousquet: ordenou a Oberg que solicitasse ao primeiro-ministro Laval a exoneração de Bousquet (ainda um mês antes, Oberg se opusera veementemente contra semelhante medida)[18] e a sua substituição por Joseph Darnand, chefe da milícia francesa, a tropa doméstica do regime de Vichy. O objetivo dessa indicação era claro: a fusão de milícia e polícia, de acordo com o modelo alemão. Darnand, aliás, era Obersturmführer da Waffen-SS francesa.[19]

Em fevereiro de 1944, irrompeu uma briga entre o chefe do Departamento Central da SS, Berger, e Oberg. Berger queria montar um Einsatzkommando da Waffen-SS para a França, por "ordem explícita do RFSS", e unir as associações paramilitares francesas de direita para que estivessem imediatamente disponíveis no caso de um desembarque aliado, como contrapeso ao Exército francês livre. Berger concluiu a mensagem com um argumento de difícil contestação: "Para cada estrangeiro que morrer, nenhuma mãe alemã chorará. Digo isso no dia da morte de meu filho."[20] Oberg, cujo interesse principal era evitar tudo que ameaçasse trazer ainda mais inquietação à política interna francesa, contestou com um argumento extremamente astucioso. "Conforme instruções do Führer, de fato, publicamente, devemos promover uma política de cooperação", sem no entanto, "jamais perder de vista o objetivo de destruir a França definitivamente". Mas a "formação de uma SS Geral ou de outra organização nacional francesa unificada semelhante com a ajuda da SS representaria a base para uma real reconstrução nacional da França, ou seja, algo contrário às recomendações do Führer". E, ao "criar uma semelhante organização unificada", se perderia "a possibilidade de, no momento oportuno, jogar as diferentes orientações políticas da França, inclusive a milícia de Darnand, umas contra as outras".[21]

Himmler mandou recado a Berger de que, por ora, ele deveria postergar os planos, mas que os dois ainda discutiriam o assunto mais detalhadamente.[22] No entanto, nem a unificação das organizações francesas de direita em uma única milícia, nem a instalação de um posto de recrutamento da Waffen-SS na França, ambicionada por Berger, chegaria a se concretizar. Mais uma vez a tática de retardamento de Oberg e sua política relativamente cuidadosa se impuseram diante do curso radical de Himmler.[23]

Também nos demais territórios ocupados as ordens brutais de repressão de Himmler ante qualquer oposição enfrentaram a reiterada resistência de seus

próprios homens. Os órgãos policiais regionais encarregados, que em suas ações geralmente dependiam da cooperação das forças locais, frequentemente modificavam as ordens draconianas de Himmler. Mostrou-se que os HSSPF e os comandantes da polícia de segurança não só representavam Himmler nos territórios ocupados como, ao contrário, defendiam cada vez mais os interesses de sua área de competência — do modo como eles os viam — em relação a Himmler. No entanto, é possível que também ele tenha percebido que a execução por atacado de reféns, algo que ainda era comum em 1941, não constituía necessariamente o melhor modo de refrear a oposição. Apesar de verbalmente endossar as execuções, na prática apoiava as detenções em massa e as deportações para os campos de concentração alemães, sobretudo porque a demanda por mão de obra escrava não parava de crescer. Assim, sua política de repressão era absolutamente contraditória: seus anúncios violentos e suas ordens inúteis não conseguiam esconder que lhe faltava um projeto que levasse em conta os complicados desafios da resistência europeia, o que resultava em que a sua tática fosse completamente diferente de país para país, como mostram os exemplos a seguir.

No protetorado, conforme já mencionado, após os atos excessivos de retaliação de junho de 1942, estabelecera-se certa tranquilidade. Em 1943, no entanto, Himmler exigiu medidas mais drásticas. Em 3 de julho, diante das crescentes demonstrações de hostilidade da população tcheca contra os alemães, ordenou ao protetor do Reich, Daluege, que “os funcionários públicos e as autoridades tchecas que demonstrarem ter relaxado no desempenho de suas obrigações devem ser imediatamente presos e enviados a um campo de concentração” e, a título de “medida de prevenção e dissuasão”, deveria se efetuar a “prisão imediata de quinhentos tchecos e sua transferência para um campo de concentração”.[24] A propósito, nesse caso Auschwitz não estava mais em questão; dois meses antes, ele determinara que a Gestapo não enviasse mais tchecos para lá, pois o presidente do protetorado, Emil Hácha, manifestara preocupação em relação ao “alto índice de mortalidade” do campo.[25] Em setembro de 1943, Himmler autorizou o seu HSSPF, Frank, “para a imediata restauração da ordem [...], organizar o enforcamento instantâneo de agitadores e sabotadores tchecos”. Conforme as próprias declarações, Frank cuidava para que mensalmente em torno de cem pessoas fossem condenadas à morte, mas só

divulgava essas execuções regionalmente para diminuir a importância do movimento de resistência no plano nacional.[26]

Na Dinamarca, no primeiro semestre de 1943, Himmler defendia uma política cautelosa semelhante. Ele era informado em primeira mão sobre a situação no país por Werner Best, nomeado plenipotenciário do Reich para a Dinamarca em novembro de 1942, cuja relação pessoal com o RFSS após a sua saída do RSHA em 1940 aos poucos ficara menos tensa. Embora o antigo chefe administrativo da Gestapo fosse subordinado ao Ministério do Exterior, também enviava relatórios constantes sobre a situação diretamente a Himmler.[27] Em contrapartida, Himmler inicialmente apoiou a estratégia de Best de manter a até então praticada política de silêncio e colaboração: o plenipotenciário do Reich se limitava a "fazer recomendações" ao governo dinamarquês, largamente independente nas suas decisões. Até a minoria judaica, relativamente pequena no país, composta por judeus dinamarqueses e refugiados de outros países, era ignorada.[28] Em julho de 1943, Himmler comunicou a Best que informara Hitler de que a Dinamarca, "no momento, é o melhor país no que se refere à política de segurança e no tocante a sabotagens".[29]

Só poucas semanas depois, Himmler avaliaria a situação de forma completamente diferente. No verão de 1943, começaram a ocorrer cada vez mais ações de sabotagem, greves e agitações, e no final de agosto Hitler reagiu a isso com a imposição do estado de exceção militar. Nessa fase crítica da política de ocupação alemã, os judeus dinamarqueses também não foram mais poupados.

Apesar do estado de exceção, o número de atos de resistência crescia. Finalmente, em dezembro de 1943, Himmler instituiu um HSSPF também para a Dinamarca e escolheu Günther Pancke para o cargo — o que configurava uma notória degradação do plenipotenciário do Reich, Best, e uma crítica clara à sua política contida em relação aos dinamarqueses, pois dessa maneira ele já não exercia o controle sobre a polícia alemã no país. Himmler tinha todos os motivos para enviar uma mensagem pessoal a Best em outubro, pedindo-lhe que "não ficasse triste" com a nomeação do rival.[30]

Então o plenipotenciário do Reich mudou a conduta: no final de 1943, subordinou os civis dinamarqueses à jurisdição da SS e da polícia, criando um "tribunal policial de campanha". Em janeiro de 1944, Hitler sancionou a medida. A partir daí, regularmente o tribunal pronunciaria sentenças de morte contra

integrantes do movimento de resistência.[31]

O HSSPF nos Países Baixos ocupados, Rauter, já adotava havia mais tempo uma linha dura contra a resistência local. Em fevereiro de 1943, em reação a um atentado recente, sugeriu ao Reichsführer responder com a prisão de 5 mil estudantes (“filhos da plutocracia”), enviando-os para o “campo de reacionários”; a transferência de todos os suboficiais das Forças Armadas da Holanda anteriormente ativos para os campos de prisioneiros de guerra; e a execução de cinquenta reféns. Himmler concordou, mas recomendou: “Não executaria os reféns se ao mesmo tempo estamos prendendo os 5 mil.”[32] No entanto, após mais um atentado poucos dias mais tarde, ele queria ver um aumento no número de “filhos da plutocracia” presos. Além disso, na “maioria dos casos” o pai do estudante também deveria ser preso. O lugar de funcionários públicos que comprovadamente tivessem fornecido informações erradas também seria “o campo de concentração. Mas para trabalharem nas pedreiras”. E “nada de voltar atrás. A deportação dos judeus deve continuar sem interrupção”.[33]

Quando, no dia seguinte, se soube que um integrante da milícia de Mussert fora assassinado, Himmler comunicou a Rauter que Hitler no dia anterior teria reiterado que “de forma alguma se deve ser tolerante, ao contrário, cabe tomar medidas extremamente rigorosas”. Não só deviam ser presos os 5 mil “filhos da plutocracia” e seus pais, mas, além dos antigos suboficiais da ativa, também era o caso de prender “os oficiais de reserva simpatizantes da Inglaterra”.[34]

Poucas semanas depois, eclodiu uma greve de médicos e Himmler novamente estimulou Rauter: “Sou a favor de medidas extremas.” De trezentos a quinhentos líderes grevistas deveriam ser presos e deportados imediatamente para campos de concentração no Reich.[35] No início de maio, ocorreu a greve seguinte; dessa vez, quase um milhão de holandeses participaram. Rauter conteve a demonstração de forma brutal — entre outros, mediante o fuzilamento imediato de cem pessoas. O Reichsführer era só elogios pela “iniciativa enérgica” de Rauter.[36]

Em setembro de 1943, Rauter sugeriu que fossem instaladas cortes marciais policiais. Himmler estava de acordo e acrescentou que também a família do criminoso deveria ser punida mediante o confisco de “toda a fortuna, os móveis e todos os demais utensílios domésticos”.[37] Ao mesmo tempo, Rauter teve uma ideia de como se poderia reprimir a resistência sem aparecer abertamente uma

força de ocupação. Como “retaliação” não bastaria trancafiar “cem agitadores conhecidos” de determinada província num campo de concentração; muito mais interessante seria se valer de “homens adequados da SS Germânica” para, “sob a chefia dos homens da nossa SS, dar o devido troco e fuzilar três líderes da resistência”.[38] Novamente Himmler concordou, e Rauter não perdeu tempo. Ainda no mesmo mês, a SS Germânica atacou. Ao todo, 55 pessoas se tornaram vítimas da chamada Operação Silbertanne (abeto de prata).[39]

Assim se criou o “contraterror” como novo conceito de combate ao movimento de resistência europeu. Como retaliação contra os atentados da resistência holandesa, assassinavam-se de preferência pessoas importantes, tidas como da oposição, sendo que a identidade e os motivos dos criminosos permaneciam obscuros. A ideia era que não fosse possível saber se os atentados haviam sido cometidos pela força de ocupação, por ordem desta ou por iniciativa de forças radicais de extrema direita locais. Portanto, o contraterror se estendia também principalmente aos países “germânicos”, isto é, àqueles países nos quais, segundo afirmação do regime nazista, em virtude da “consanguinidade”, existia entre a população local uma ampla base para uma estreita colaboração com o Reich; realmente, em diversos casos, “camaradas” locais apoiavam o contraterror da SS.

Em 30 de dezembro de 1943, Hitler convocou Best, Pancke e o comandante das tropas da Wehrmacht na Dinamarca para uma conferência, quando determinou que também eles passassem a adotar o contraterror. O organizador de tudo era Alfred Naujocks, que em 1939 encenara o ataque à rádio Gleiwitz. No início de 1944, ele transferiu para a Dinamarca um comando que fora disponibilizado pelo especialista em sabotagem da SS, Otto Skorzeny. Nazistas dinamarqueses que se haviam reunido em uma unidade semelhante à SS, chamada Schalburgkorps, participaram dos preparativos para os atentados. Durante as semanas seguintes, grande número de personalidades públicas na Dinamarca foram assassinadas no meio da rua ou em suas moradias, e edifícios públicos foram explodidos.[40]

No verão de 1944, o contraterror alcançou a Noruega e a Bélgica ocupadas. No decorrer da Operação Blümchenpflücken (colher florezinhas), um comando da polícia de segurança assassinou aproximadamente uma dúzia de pessoas suspeitas de apoiar o movimento de resistência.[41] Em Bruxelas, o Escritório

Jungklaus, oficialmente um posto de recrutamento de voluntários para a Waffen-SS, mas na verdade a central de toda a atividade da SS e do SD na Bélgica, se engajou nos preparativos. Os atentados que Himmler havia autorizado explicitamente em 4 de junho de 1944 e para os quais expedira instruções detalhadas foram executados com a ajuda dos fascistas belgas e se voltavam sobretudo contra personalidades conhecidas, que se haviam destacado como oponentes da colaboração.[42]

Na Europa oriental ocupada, onde, do ponto de vista de Himmler, tratava-se com "sub-humanos" eslavos, os métodos de repressão eram ainda muito mais brutais. Por meio da nomeação de Krüger a secretário de Estado da segurança e RKF adjunto onipotente, Himmler, já na primavera de 1942, destituiu o governador-geral Hans Frank de grande parte de seu poder e, juntamente com Bormann e Lammers, continuou a exercer pressão sobre ele, entre outros, por meio de medidas policiais e de assentamento de grande alcance, para evidenciar a incapacidade administrativa de Frank. Mas Hitler não estava disposto a demitir Frank, embora este estivesse cansado do cargo, temendo que com isso o poderio alemão no Governo-Geral perdesse prestígio. Himmler, por outro lado, esperava que, com o aumento do terror, a SS fosse fortalecida nessa região.

Em novembro de 1942, ao ser informado sobre um suposto levante polonês iminente, Himmler ordenou o aprisionamento em campos de concentração de um grande número de poloneses que poderiam estar envolvidos nesse tipo de resistência.[43] O levante não ocorreu, mas ainda assim Himmler, em janeiro de 1943, trouxe o assunto novamente à baila. Só que agora ele constatava de uma relação entre a atividade dos bandidos e o desemprego no Governo-Geral. Tal como na "ação dos associais" em 1938 no Reich, o que lhe importava de fato era aumentar, por meio de prisões em massa, a quantidade de mão de obra nos campos de concentração: "Ordeno, por isso, que doravante todos os elementos suspeitos de serem bandidos, homens ou mulheres, sejam presos e enviados para os campos de concentração de Lublin, Auschwitz e do Reich. A detenção deve ser de tal ordem que nos círculos não envolvidos no trabalho no GG [governo-geral] se perceba uma diminuição sensível e com isso ocorra um abrandamento perceptível na situação dos bandidos."[44]

Entre os dias 15 e 22 de janeiro, os homens de Himmler prenderam ao acaso

umas 20 mil pessoas; desse modo, a “ação” atingiu sobretudo pessoas que nem estavam desempregadas, ocasionou uma considerável agitação no seio da população civil e fortaleceu potencialmente a resistência. A administração civil, que não fora informada, protestou veementemente, fazendo com que Krüger não só tivesse de admitir que ocorreram erros, como também precisasse garantir que esse tipo de ação não se repetiria.[45] Himmler não se deixou impressionar. “Enganos inevitáveis resultantes de semelhante ação”, escreveu a Krüger, “não devem nos impressionar, pois, de modo geral, com o afastamento dos elementos associais criminosos, no final das contas, sente-se um alívio”.[46] Aparentemente também fazia parte desses “enganos” o fato de Himmler, durante a ação de detenção em massa, querer “transferir” os cerca de 20 mil oficiais poloneses que ainda estavam no campo de prisioneiros de guerra para campos de concentração. Nesse caso o ministro do Exterior, Von Ribbentrop, interviera.[47]

Em 19 de junho de 1943, Himmler conseguiu convencer Hitler a ampliar ainda mais sua jurisdição no setor do “combate aos bandidos”, “devolvendo-lhe” para isso diversas unidades da polícia e da SS que entrementes haviam sido enviadas ao front. Como ocorrera em setembro do ano anterior, ele aproveitou para isso uma reunião em que se abordaram o “problema dos guerrilheiros” e a Questão Judaica no mesmo contexto; evidentemente a missão de Himmler de ampliar as ações de “combate aos bandidos” estava interligada à ordem dada por Hitler de executar radicalmente a “evacuação dos judeus [...] nos próximos três a quatro meses”.[48]

Dois dias depois, Himmler nomeou Von dem Bach-Zelewski chefe das unidades de combate aos bandidos. Ao mesmo tempo, declarou os territórios da Alta Carniola e Baixa Estíria, o Governo-Geral, o distrito de Bialystok, os setores Rússia-Centro e Rússia-Sul/comissariado do Reich Ucrânia, bem como a Croácia, “territórios de combate aos bandidos”.[49] Ele estava agora em condições de cobrir grandes áreas do sudeste e do leste da Europa com um manto de terror absoluto. Em abril de 1944, o norte e o centro da Itália também seriam incluídos no combate aos bandidos.[50]

Para o Governo-Geral, a classificação como “território de combate aos bandidos” significava, entre outros, que as autorizações das cortes marciais da polícia de segurança haviam sido ampliadas: agora, os poloneses que de algum modo se envolvessem em alguma ofensiva “contra o trabalho de reconstrução

alemão” seriam executados sumariamente em um processo absolutamente informal.[51] Só em Varsóvia, a força de ocupação executou 8 mil pessoas entre outubro de 1943 e julho de 1944 (portanto, antes do início do levante do gueto de Varsóvia).

A dimensão que o terror disfarçado de “combate aos bandidos” tomou nos territórios soviéticos ocupados e os motivos extremamente diversos que se encontravam por trás dele podem ser claramente demonstrados no exemplo a seguir: no decorrer de 1943, desenvolveu-se na direção do regime nazista a ideia de que a ameaça dos guerrilheiros nos territórios soviéticos ocupados poderia ser enfrentada de modo eficaz mediante a criação de “zonas mortas”, uma estratégia que também envolvia ponderações econômicas. Foram feitos os primeiros testes.[52]

Em 10 de julho de 1943, Himmler comunicou por meio de uma ordem que Hitler decidira que “as regiões do norte da Ucrânia e da Rússia-Centro, infestadas de bandidos, devem ser completamente expurgadas de sua população”. E “toda a população masculina capaz de trabalhar” deveria ser “encaminhada” a Sauckel, mais precisamente “sob as condições de prisioneiros de guerra”. As mulheres também seriam entregues a Sauckel, mas para “o trabalho no Reich”. “Uma parte da população feminina e todas as crianças órfãs serão enviadas para os campos de recolhimento (*Auffanglager*).” As regiões dessa forma esvaziadas deveriam passar à administração dos HSSPF e ser usadas em parte para o cultivo de Kok-Sagys, uma planta que contém borracha e pela qual Himmler estava especialmente interessado, em parte “explorada para a agricultura”. “Os campos infantis devem ser instalados em torno dessas regiões para que as crianças estejam disponíveis como mão de obra na plantação de Kok-Sagys.”[53]

Toda pessoa que ainda se encontrasse nas “zonas mortas”, depois de a população civil ter sido deportada ou assassinada, as propriedades saqueadas, as casas destruídas, seria automaticamente considerada suspeita e executada sumariamente. Em agosto de 1943, no comissariado-geral da Bielorrússia, as “zonas mortas” — territórios ligados — já correspondiam a 16% das terras cultiváveis; em 1944, no território de administração militar no leste da Bielorrússia, chegavam a 75%![54]

Essa ordem, portanto, servia à segurança por meio do despovoamento das

regiões “suspeitas de abrigar bandidos” e ao interesse econômico por meio do fornecimento de mão de obra escrava; a construção dos campos para as “crianças dos bandos” correspondia aos princípios raciais de Himnmler, e por meio da produção de Kok-Sagys, ele esperava poder fornecer importante matéria-prima para a guerra (ainda um dia antes, Göring nomeara Himmler “encarregado especial para a borracha vegetal”, para que ele pudesse iniciar a produção de Kok-Sagys em grande escala). Em outubro de 1942, o RFSS já havia emitido a instrução de transferir pessoas das regiões “infestadas por bandidos” para o Reich como mão de obra, mas a operação não vingou. Sua ordem de 10 de junho de 1943, no entanto, foi de fato cumprida: em setembro de 1943, Von dem Bach-Zelewski emitiu os comandos necessários e cuidou para que nos meses seguintes as ordens fossem devidamente cumpridas.[55]

Com isso, a motivação e o método de combate aos guerrilheiros haviam mudado radicalmente quando comparados com o ano anterior: enquanto o objetivo do “combate aos bandidos” em 1942 ainda era sobretudo o assassinato de judeus como “suspeitos” de serem bandidos, agora, depois de praticamente concluído o extermínio de judeus no leste da Europa, o foco se voltava para a aquisição de mão de obra. Este se tornou o principal objetivo do combate aos guerrilheiros.[56] A estratégia alternativa reiteradamente aventada pela chefia alemã, cujo objetivo era angariar aliados entre a população local, com promessas de estruturas de Estado independentes ou outros privilégios, foi estritamente rejeitada por Himmler. Já em novembro de 1942 ele anotara num memorando que “aos russos não se deve jamais prometer um Estado nacional. Se fizéssemos isso, estaríamos emitindo notas promissórias que mais tarde terão de ser resgatadas”.[57]

No conhecido discurso em Posen, de 4 de outubro, diante dos SS-Gruppenführer, ele defendeu a mesma postura ao se declarar contrário a uma ideia que circulava na Wehrmacht de que se poderiam instituir unidades de combate de apoio russas numa colaboração com o general Andrey Andreyevich Vlasov, que era prisioneiro alemão, para atuarem contra Stalin. O lema “Nós não podemos vencer os russos, isso só os próprios russos podem” equivaleria a uma declaração de derrota.[58] Um ano depois, já como chefe do Exército de Reserva e pessoalmente responsável pelo abastecimento do efetivo da Wehrmacht, ele mudaria de opinião. Naquela ocasião em Posen, no entanto, enfatizou mais uma

vez frente ao Führungskorps: “Não me interessa em absoluto saber como estão passando os russos, ou os tchecos. [...] Se os outros povos gozam de prosperidade ou morrem de fome, só me diz respeito na medida em que precisamos deles como escravos para a nossa cultura, não mais que isso.”[59]



*Em 16 de setembro de 1944, já como comandante do Exército de Reserva, acertou-se com o general Vlasov quanto à formação de forças de combate russas ao lado da Wehrmacht. A foto feita em seguida, com o aperto de mão entre os dois, era só pose, pois nos bandidos ele jamais deixara dúvidas quanto ao desprezo pelo general.*

A partir do outono de 1942, em vista da virada da guerra, Himmler recrudesceu a política de repressão também no território do Reich. Isso dizia respeito sobretudo aos milhões de estrangeiros que lá viviam, conforme já mencionamos no capítulo anterior.

Em dezembro de 1942, Himmler decidiu transmitir a direção pessoal do RSHA, que assumira após a morte de Heydrich, a Ernst Kaltenbrunner. Kaltenbrunner, desde 1938 HSSPF Danúbio em Viena, não dispunha de muita experiência de direção policial, mas tinha a fama de conhecer o serviço secreto, e Himmler o considerava absolutamente leal. Tendo em vista as previsíveis mudanças político-militares, o Reichsführer deu valor especial a essas qualidades. Além disso, ele gostava da atitude vigorosa de Kaltenbrunner no relacionamento com outras instituições do estado nazista.[60] A nomeação oficial ocorreu em 30 de janeiro de 1943.

Um dos desafios com o qual o novo chefe do RSHA se viu confrontado teve origem no Ministério da Justiça. Em novembro de 1942, Thierack voltara atrás na decisão de setembro, de permitir que a Polônia e os trabalhadores do leste

futuramente fossem punidos pela Gestapo. A objeção dos governadores do Reich nos territórios incorporados do leste mostrara-se eficaz.[61]

Em negociações que duraram meses, Kaltenbrunner conseguiu arrancar novamente essa competência do ministério. Em 30 de junho de 1943, o RSHA comunicou às repartições da polícia do estado (Stapo) que a punição de trabalhadores forçados poloneses e soviéticos deveria ser basicamente aplicada pela Stapo, por "meios de coerção" ou "tratamento especial". O RSHA estabeleceu nesse decreto que à Justiça caberiam ainda unicamente os casos de trabalhadores forçados poloneses e soviéticos se a "condenação" judicial parecesse desejável "em virtude do clima político" e quando se soubesse de antemão que a sentença a ser proferida era a pena de morte.[62] Em março de 1943, o RSHA já havia garantido para si o acesso aos poloneses libertados após uma detenção de mais de seis meses, e ordenado que esses deveriam ser presos pela Gestapo e enviados para campos de concentração.[63]

Prisioneiros de guerra fugitivos, tripulações de aviões abatidos ou paraquedistas dos Aliados que fossem encontrados também podiam esperar o pior. No verão de 1943, Himmler promulgou um decreto que só podia ser interpretado como carta branca para linchamentos: não seria "tarefa da polícia intrometer-se em conflitos entre populares alemães e aviadores terroristas ingleses ou americanos que saltaram dos aviões".[64] Em 4 de março de 1944, o chefe da Gestapo, Müller, determinou que os prisioneiros de guerra fugitivos (com exceção de ingleses e americanos) detidos deveriam ser transferidos para o SD, que então os encaminharia a Mauthausen para futura execução. Internamente, esse procedimento era conhecido como Operação Kegel (bala).[65]

## Recrudescimento da perseguição aos judeus

Com o desembarque dos anglo-americanos no Marrocos e na Argélia, em novembro de 1942, a pressão sobre os judeus de toda a Europa aumentou. Voltava-se, sobretudo, contra a minoria judaica no Mediterrâneo. Como resposta à chegada dos Aliados no norte da África, as tropas alemãs ocuparam a Tunísia e prenderam em torno de 85 mil judeus tunisianos. Um Einsatzkommando Tunísia, instalado especialmente, instituiu um regime de escravidão e enviou cerca de vinte homens judeus para os campos de extermínio. A vitória completa dos Aliados no norte da África, em maio de 1943, evitou uma catástrofe.[66]

As medidas antissemitas nas regiões ao sul da Europa, que, do ponto de vista alemão, poderiam se tornar a retaguarda de um novo front sul da “fortaleza Europa”, tiveram consequências muito mais graves.

No exemplo de Marselha, já pudemos ver que Himmler, após a ocupação do sul da França por tropas alemãs e italianas em 11 de novembro de 1942, estava determinado a deportar também todos os judeus daquele território.[67] Em janeiro e fevereiro, no norte e no sul da França, foram efetuadas prisões maciças contra judeus e, em fevereiro, retomaram-se as deportações. Mas como, por um lado, as autoridades italianas não queriam participar das medidas antissemitas em sua zona de ocupação no sudeste da França e ofereciam proteção aos refugiados judeus e, por outro, a deportação de judeus de nacionalidade francesa ameaçava prejudicar a política de colaboração, em março a polícia de segurança passou a adotar uma nova estratégia: exigiu-se do governo francês que os judeus naturalizados fossem desnaturalizados. Na certeza de que essa exigência seria atendida no curto prazo, suspenderam-se temporariamente as deportações.[68]

A postura da Itália se transformava num verdadeiro problema, como Himmler alertou reiteradamente Von Ribbentrop.[69] “Para muitos círculos na França e em toda a Europa, a política do nosso parceiro de pacto é usada como pretexto para ir mais devagar na Questão Judaica, porque comenta-se que nem mesmo nosso parceiro do Eixo, a Itália, compartilha da nossa opinião.”[70] Por isso, em fevereiro, pediu ao ministro do Exterior do Reich que tratasse de “urgentemente deixar claro para o lado italiano que as medidas referentes aos judeus do Gabinete Central de Segurança do Reich não devem mais ser sabotadas. Nossos esforços junto aos governos da Croácia, da Romênia, da Bulgária e da Eslováquia, de deportar os judeus que vivem naqueles países, também enfrentaram grandes dificuldades devido à postura do governo italiano”.[71]

Mesmo assim, o RSHA aumentou a pressão tanto sobre a Bulgária quanto sobre a Grécia. Em fevereiro, um Sonderkommando do RSHA chegou em Tessalônica a fim de preparar a deportação da comunidade judaica local, que Himmler anunciara em novembro de 1941. Entre meados de março e meados de agosto, 45 mil judeus foram deportados da Tessalônica e das comunidades macedônias do entorno para Auschwitz, onde quase todos foram assassinados.[72] Em 22 de fevereiro de 1943, o comissário búlgaro responsável pelos judeus, Aleksander Belev, e o consultor alemão sobre questões judaicas em Sófia,

Danneker, assinaram um acordo que previa a deportação de 20 mil judeus até maio de 1943.[73] Realmente, em março de 1943, os mais de 4 mil judeus da Trácia, bem como os mais de 7 mil da Macedônia — os dois territórios ocupados pela Bulgária —, foram presos pelos búlgaros e transferidos para o Governo-Geral, onde a maioria foi assassinada em Treblinka.[74] A deportação de judeus da antiga Bulgária fracassou em razão da crescente resistência no próprio país.[75]

No início de 1943, a direção nazista havia retomado em grande escala o programa de extermínio e deportação no Governo-Geral. O "aproveitamento no trabalho" no Reich fora redefinido, de modo que se acreditava agora poder prescindir dos trabalhadores judeus. Pela mesma razão, em fevereiro, na Operação Fábrica, a SS retirou os últimos judeus alemães que ainda trabalhavam na produção de armamento no Reich e os deportou para o leste.[76]

Em janeiro de 1943, por ocasião de uma visita a Varsóvia, Himmler deu ordem para que o gueto local fosse evacuado. Dos 40 mil judeus que ainda viviam ali, 8 mil deveriam ser "levados nos próximos dias". As 16 mil pessoas que ainda trabalhavam nas diversas empresas deveriam ser deportadas "para um campo de concentração, de preferência para Lublin"; as empresas que realmente trabalhavam na produção de armamentos, mas somente estas, deveriam ser "reunidas em algum lugar no Governo-Geral". As outras seriam fechadas.[77] No entanto, o repentino deslocamento da produção para Lublin provou ser impossível. Por isso, em 15 de fevereiro, Himmler ordenou a Pohl que instalasse um campo no próprio gueto para os moradores requisitados como mão de obra pelas empresas de material bélico.[78] A deportação das pessoas incapazes de trabalhar, no entanto, foi iniciada poucos dias após sua visita. Desde 18 de janeiro, os trens carregados de judeus rodavam de Varsóvia para Treblinka. Nos dias que se seguiram, entre 5 e 6 mil judeus chegaram a esse campo.[79]

Então ocorreu algo totalmente inesperado. Em 19 de abril, quando a força de ocupação se preparava para evacuar definitivamente o gueto de Varsóvia, várias centenas de combatentes armados surgiram em seu caminho. As tropas bem superiores, pesadamente armadas, reunidas sob o comando do SS-Brigadeführer, Jürgen Stroop, precisaram de quatro semanas para acabar com o levante. Em 16 de maio de 1943, destruíram o último ninho dos combatentes judeus que ainda resistia desesperadamente.[80]

A bravura e a persistência dos lutadores judeus surpreendeu, ou melhor,

chocou a direção nazista, que decidiu que a Solução Final deveria ser concluída o mais rápido possível — e não só no Governo-Geral —, sem mais considerações quanto à utilidade de alguns deles como força de trabalho. Em maio, por ocasião de uma palestra de Greifelt, o chefe do Departamento Central para Questões de *Volkstum*, Himmler enfatizou — ainda antes do final do levante do gueto — que "o afastamento dos 300 mil a 400 mil judeus que ainda [estavam] no Governo-Geral [era] uma questão da mais alta prioridade".[81] O HSSPF responsável pelo Governo-Geral, Krüger, em 31 de maio declarou que "só recentemente recebi a ordem de executar a desjudaização em curtíssimo prazo"; segundo Krüger, Himmler queria que a ocupação de judeus na indústria bélica e nos campos de trabalho forçado também fosse encerrada.[82]

Sob o efeito do levante do gueto de Varsóvia, desde abril de 1943 a SS dava seguimento à sangrenta destruição, iniciada em março, nos guetos ainda existentes e nos pequenos campos de trabalhos forçados no distrito de Lublin. Em maio de 1943, o SSPF Katzmann ordenou a evacuação de todos os guetos no distrito da Galícia.[83] Cerca de 80 mil pessoas foram vítimas desses assassinatos em massa executados com a maior brutalidade, entre fim de maio e de junho de 1943. No final de junho, Katzmann comunicou ao HSSPF leste, Krüger, que "a partir de 23 de junho de 1943 todos os bairros judeus foram evacuados" e que o distrito estava "livre de judeus, exceto daqueles que se encontram nos campos controlados pelo SSPF".[84]

Em junho de 1943, apenas algumas dezenas de milhares de judeus viviam no Governo-Geral, basicamente em campos de trabalhos forçados, em grande parte controlados pela SS. Mesmo assim, Hitler ordenou a Himmler em 19 de junho "que a evacuação dos judeus deveria ser realizada de modo radical e persistente, apesar das inquietações que ainda ocorrerão por conta disso nos próximos três a quatro meses". A resistência da região se intensificou — a declaração de todo o Governo-Geral como "região de combate aos bandidos" se situa neste contexto, com o que Hitler conferiu ainda mais poder a Himmler.[85]

Para se antecipar à prevista resistência de empregadores, que insistiriam na manutenção dos empregados judeus, Himmler passou a adotar a política de transformar os guetos e campos que restavam em campos de concentração. Dessa maneira, os prisioneiros estavam definitivamente à mercê da SS e inacessíveis por qualquer outro meio. Himmler tentou garantir que, inicialmente,

só ficassem vivos aqueles judeus que, segundo os critérios mais rigorosos de seleção, ainda eram imprescindíveis na produção bélica.

O gueto de Varsóvia, declarado campo de concentração em fevereiro de 1943, foi evacuado definitivamente em junho de 1943; além disso, Himmler ordenou que todos os vestígios de sua existência fossem eliminados.[86] Em julho de 1943, decretou que o campo de extermínio de Sobibor fosse transformado em campo de concentração e que os prisioneiros de lá trabalhassem na separação da munição obtida por pilhagem ou despojo.[87] Aqueles judeus do Governo-Geral que haviam sobrevivido ao mês de junho foram reunidos em campos de trabalho forçado que, em sua maioria, eram mantidos como filiais do campo de concentração de Majdanek.[88] Em janeiro de 1944, os campos de trabalho de Plaszów (perto de Cracóvia), Lemberg, Lublin e Radom foram declarados campos de concentração.[89]

Por meio da ordem de 21 de maio de 1943 de deportar, até 30 de junho, todos os judeus do território do Reich, inclusive do protetorado, “para o leste”, ou seja, para Theresienstadt, Himmler fechou o último refúgio daqueles judeus poloneses que até então tinham conseguido se manter vivos[90] nos territórios poloneses administrados diretamente pelo Reich — Alta Silésia oriental, Warthegau e o distrito de Bialystok. Entre os dias 22 e 24 de junho de 1943, a SS deportou 5 mil judeus de Sosnowitz e Bendzin para Auschwitz; na primeira metade de agosto, foram evacuados os últimos guetos da Alta Silésia.[91] Na transformação do gueto de Lodz em campo de concentração, no entanto, Himmler enfrentou dificuldades porque o governador do Reich no Warthegau, Greiser, ignorou a ordem que lhe teria tirado “seu” gueto.[92] A disputa se estendeu de junho de 1943 até fevereiro de 1944, quando Himmler e Greiser finalmente concordaram em preservar o gueto como *Gau-Ghetto* (gueto distrital). Mas ali só poderiam viver tantos judeus “quantos sejam imprescindíveis no interesse da indústria bélica”.[93] Em contrapartida, a ordem de Himmler de agosto de 1943, de liquidar os mais de cem trabalhadores escravos judeus no Warthegau, foi cumprida até outubro.[94] Também o gueto de Bialystok foi definitivamente evacuado entre os dias 16 e 23 de agosto de 1943, depois de Globocnik ter notificado Himmler, em 21 de junho, de que suas oficinas seriam transferidas para Lublin. Mais de 25 mil pessoas foram deportadas para Treblinka ou enviadas para Majdanek, para serem usadas nos trabalhos forçados.[95]

O levante do gueto de Varsóvia não só serviu de alerta para as forças de ocupação, como também de incentivo, pois em outros lugares começaram a irromper focos de resistência judaica contra a política de erradicação dos alemães: na evacuação do gueto de Bialystok,[96] a SS foi enfrentada por grupo armado de resistência; o mesmo ocorreu em agosto, no gueto de Glubokoje, nas imediações de Vilna.[97] Além disso, em agosto, ocorreu uma fuga em massa organizada de Treblinka, e em Sobibor, em 14 de outubro, uma revolta dos prisioneiros matou 11 homens da SS[98] — isso tudo diante do irrefreável avanço soviético. O levante de Sobibor deve ter sido o último estímulo de que Himmler precisava para ordenar a Krüger, ainda em outubro de 1943, a liquidação dos últimos importantes campos do distrito de Lublin. No início de novembro, os prisioneiros do complexo de campos de Lublin foram executados em um massacre que durou dois dias — sob o pseudônimo de "Festa da colheita"; o mesmo ocorreu em outros campos do Governo-Geral. Só no distrito de Lublin, a SS fez em torno de 42 mil vítimas.[99]

Nos territórios soviéticos, mais precisamente no comissariado do Reich Ostland, onde ainda havia um número considerável de judeus, Himmler adotou o mesmo procedimento. Em 21 de junho de 1943, após uma conferência com altos funcionários da SS, determinou que "todos os judeus ainda (...) em guetos em Ostland devem ser reunidos em campos de concentração"; ao mesmo tempo, proibiu "qualquer retirada de judeus de campos de concentração para trabalhar" e reforçou a ordem dada em abril de construir um campo de concentração perto de Riga.[100] Os "integrantes judeus desnecessários dos guetos" deveriam ser "evacuados para o leste", ou seja, assassinados.[101] Com isso Himmler garantiu o controle total sobre os trabalhadores judeus escravos no comissariado do Reich Ostland; nesse contexto, é bom lembrar a incumbência que Hitler lhe atribuíra dois dias antes: concluir a Solução Final. Valendo-se de métodos como o aprisionamento dos judeus sobreviventes em campos de concentração, a constante seleção de trabalhadores escravos judeus que neles estivessem, a redução das possibilidades de trabalho para judeus fora dos campos, por exemplo, na Wehrmacht, e a caça aos judeus escondidos sob o pretexto de "combate aos bandidos", com o apoio de Von dem Bach-Zelewski que, conforme anteriormente mencionado, foi nomeado chefe das unidades de combate aos bandidos nesse dia 21 de junho, Himmler esperava poder cumprir o mais

rapidamente possível as ordens de Hitler em relação aos judeus do comissariado do Reich Ostland e do Governo-Geral.[102]

Assim, sua política de extermínio avançava impiedosamente no comissariado do Reich. Os dois últimos grandes guetos do Báltico, além de Riga — em Kovno[103] e Vilna[104] —, foram liquidados em setembro de 1943, seus ocupantes foram deportados para campos de trabalho na Estônia e na Letônia ou executados. No entanto, a SS reteve uma parte dos ocupantes do gueto de Kovno, que foi transformado em campo de concentração. Também em setembro, e em conexão com essas medidas, o campo de concentração de Vaivara, na Estônia, foi preparado para ser um campo de passagem.[105] Os últimos três guetos no comissariado-geral da Bielorrússia foram destruídos entre agosto e outubro de 1943.[106]

O levante do gueto de Varsóvia também teve consequências em outros países da Europa ocupados pela Alemanha: da Croácia, em maio de 1943, partiram mais dois trens para Auschwitz, levando aproximadamente 2 mil pessoas.[107] Na Eslováquia, em junho, o lado alemão fez uma tentativa de retomar as deportações, sem que lhe dessem ouvido.[108] Em maio, o RSHA ordenou que a taxa dos deportados dos Países Baixos fosse imediatamente aumentada: entre os dias 18 de maio e 20 de julho, em torno de 18 mil pessoas foram transportadas para Sobibor, em oito trens. Na Bélgica, a central da Gestapo de Bruxelas informou o campo de Mecheln em 29 de junho que, com base em uma ordem de Himmler, “os judeus de nacionalidade belga devem ser imediatamente incluídos nas ações de deportação”.[109] O primeiro trem levando exclusivamente judeus belgas deixou o país em 20 de setembro de 1943. Antes do final do ano, seguiriam outros cinco. Em torno de 5 mil pessoas foram deportadas para Auschwitz.[110]

Em junho de 1943, Himmler voltou ao plano do início do ano de levar o governo francês a promover a desnaturalização dos judeus imigrantes, tornando-os assim disponíveis para a deportação. Himmler pressionou Oberg, seu HSSPF na França, a divulgar imediatamente a ordem de expatriação assinada por Laval.[111] O Reichsführer queria que essas deportações fossem concluídas até 15 de julho de 1943.

Mais uma vez, a ordem de Himmler provou não ser exequível: dessa vez a culpa não era de Oberg e sim de Laval. Em 25 de julho, dia da queda de

Mussolini, o primeiro-ministro decidiu revogar a oficialização da lei de expatriação.[112] Durante as semanas seguintes ele deixou Oberg e Knochen esperando[113] até que finalmente o chefe de Estado francês declarasse, em 24 de agosto, que não assinaria a lei.[114] Depois disso, a polícia de segurança na França passou a localizar e deportar judeus por sua própria conta. Mas quando, em setembro de 1943, ofereceu-se a chance de capturar os judeus que haviam fugido para a zona de ocupação italiana no sudeste da França, isso repercutiria sobre a perseguição dos judeus em toda a França.

## A política em relação aos ciganos

Durante a seleção racial e o assassinato sistemático em massa no final de 1942, que cobriu todo o território dominado pela Alemanha, Himmler e a SS também passaram a intensificar decisivamente a perseguição dos assim chamados ciganos.

Após o início da guerra, os ciganos do Reich foram aprisionados em campos, "até a sua evacuação definitiva", como estava escrito em uma ordem correspondente do RSHA.[115] No outono de 1939, constava que, no decorrer do Plano Nisko, além dos judeus do Reich, também os ciganos seriam deportados para o Governo-Geral,[116] o que na prática só se deu em 1940; por ordem expressa de Himmler, 2.500 judeus do território do Reich foram deportados para o Governo-Geral.[117] No entanto, após certo vaivém quanto à continuação das deportações, no verão de 1940 Himmler decretou que "a evacuação de ciganos e mestiços de ciganos do território do Reich" devia ser suspensa "até que a Questão Judaica esteja definitivamente resolvida".[118] Em novembro de 1940, o departamento da polícia criminal do Reich prometeu que a "regularização definitiva da questão cigana" no território do Reich seria abordada após o fim da guerra.[119]

Essa era a perspectiva até 1942. Evidentemente naquela época nem Himmler nem o RSHA tinham uma ideia concreta sobre o destino seguinte dos deportados. Eles eram relegados à própria sorte, e a maioria — não existem dados exatos — morria em consequência das condições miseráveis no Governo-Geral. Uma minoria conseguiu sobreviver e retornou, ainda durante a guerra, para o território do Reich, onde alguns conseguiram ficar escondidos até a rendição da Alemanha.[120]

Em novembro de 1941, a suspensão de deportação decretada em 1940 foi retirada para um grupo de ciganos: no decorrer das iniciadas deportações de judeus do território do Reich também foram deportados 5 mil ciganos da Burgenlândia para o gueto de Lodz. Himmler procurou neutralizar as preocupações do primeiro-ministro responsável, Friedrich Uebelhoer, de que os ciganos poderiam atuar como incendiários, sugerindo-lhe que, caso houvesse qualquer incêndio no gueto, mandasse executar dez ciganos. “Com isso”, dizia o conselho de Himmler, “o gueto terá o melhor corpo de bombeiros que se pode imaginar, com um zelo nunca antes visto”.[121] Em janeiro de 1942, todos os ciganos que não haviam sucumbido às terríveis condições do gueto foram assassinados em Chelmno, nas câmaras de gás montadas em veículos.

De acordo com as anotações de Himmler referentes ao telefonema, em 20 de abril de 1942 ele deu a Heydrich a ordem verbal de “não exterminar os ciganos.”[122] Não se sabe se a ordem se referia aos ciganos que ainda viviam no território do Reich, àqueles que haviam sido deportados para o Governo-Geral ou se tratava de um ordem geral. A impressão que se tem, no entanto, é a de que com essa ordem o Reichsführer-SS instituíra uma política diferenciada para os ciganos.

Isso porque, no verão de 1942, Himmler passou a diferenciar ciganos residentes de não residentes. Ele determinou que basicamente não se deveriam tomar “medidas policiais”[123] contra os ciganos nativos que viviam no Governo-Geral, contanto que fossem residentes, ou seja, ao contrário do que era costume na Polônia ocupada desde 1939, eles não deveriam ser executados. Nos territórios soviéticos ocupados, onde desde o verão de 1941 as Einsatzgruppen assassinavam os ciganos, independentemente de sua forma de vida, em 1942 a polícia de segurança passou a adotar o mesmo procedimento como no Governo-Geral. Finalmente, no outono de 1943, Himmler determinou que os ciganos não residentes nos territórios soviéticos ocupados fossem transferidos para campos de concentração — na primavera de 1944, ciganos da Lituânia e da Bielorrússia foram de fato deportados para Auschwitz.[124]

Desde 1942, Himmler também adotava uma política diferenciada em relação aos ciganos que viviam na Alemanha, ainda que sob um auspício diferente. Conseguiu impor sua opinião sobre a polícia e a SS de que, futuramente, deveria ser feita diferença entre os ciganos “de raça pura”, os *sinti* e os *lalleri* (incluindo

“mestiços” integráveis nesses grupos) bem como os roma, e os outros “mestiços”. Ao fim da guerra, os ciganos “de raça pura” deveriam ser transferidos para uma “reserva” do Governo-Geral e lá viver isoladamente de acordo com o estilo de vida “típico de sua espécie”. Os demais ciganos deveriam ser deportados para os campos.[125]

Para fundamentar cientificamente essa diferenciação, em setembro de 1942, Himmler de início encarregou a Ahnenerbe de conjeturar sobre o futuro da língua e dos costumes ciganos.[126] Em outubro de 1942, de acordo com as determinações de Himmler, o RSHA distribuiu a instrução de que a partir de então os “ciganos de raça pura” poderiam usufruir “certa liberdade de movimento”, isto é, “movimentar-se dentro de determinada região”, viver “de acordo com seus usos e costumes” e adotar uma “ocupação típica de sua espécie”.[127] No início de novembro de 1942, pôde-se comprovar mais uma vez o interesse pessoal de Himmler[128] no projeto de “nova regulamentação em relação ao tratamento dos ciganos no Reich”.

Assim, na Alemanha, Himmler cuidou para que a perseguição se dirigisse basicamente aos ciganos mestiços que se haviam sedentarizado e, na sua opinião, com isso se distanciaram do comportamento “típico da espécie”; na Polônia e na União Soviética, por outro lado, os perseguidos eram exatamente os ciganos nômades.

De acordo com isso, em 16 de dezembro Himmler expediu a ordem para o território do Reich de que os “mestiços de ciganos, ciganos roma e membros de famílias ciganas de origem balcânica que não possuem sangue alemão” deveriam ser transferidos para os campos de concentração.[129] Os ciganos “socialmente adaptados” não deveriam ser deportados, sendo que os critérios para essa seleção não ficaram claros.[130] Antes disso, Himmler respondera as dúvidas que Hitler e a Chancelaria do partido haviam manifestado131 — a ideia de Himmler de diferenciar o tratamento a ser dispensado aos ciganos no território do Reich de acordo com a origem opunha-se francamente à postura da alta direção do Estado e do partido, que via os ciganos em geral como “inferiores” e queria exterminá-los indiscriminadamente. Por meio da sua decisão quanto à deportação, de dezembro de 1942, o Reichsführer-SS demonstrou a implacável determinação para implementar o aspecto *negativo* de sua política em relação à população cigana. As medidas positivas para a preservação dos ciganos “de raça pura”, por

outro lado, foram postergadas para depois da guerra.

Se nos recordarmos de que o regime desde dezembro de 1942 preparava ao mesmo tempo a última grande onda de deportação de judeus do território do Reich e que, no outono de 1942, Himmler havia acertado com Thierack a deportação de “associais” para os campos de concentração,[132] isso esclarece o contexto maior para a decisão de deportar os ciganos em dezembro de 1942: o Reichsführer avançava impiedosamente com a “limpeza” daquelas regiões que algum dia deveriam ser o centro do grande Reich germânico.

Em 15 de janeiro de 1943, aconteceu uma conferência no RSHA na qual participaram delegados do Departamento Central da Polícia Criminal, do SD, do RuSHA, bem como integrantes dos institutos de pesquisa para higienização racial e biologia populacional.[133] Nesse encontro, pretendia-se esclarecer os critérios precisos para a diferenciação dos dois grupos de ciganos, assim como a questão do que fazer com os que não seriam deportados. A “solução” acordada foi a esterilização da grande maioria dos “mestiços”. Por carta expressa em 29 de janeiro de 1943[134] o Departamento de Polícia Criminal do Reich finalmente transmitiu às centrais da polícia criminal a tarefa de realizar um levantamento dos ciganos mestiços “adaptados socialmente” que deveriam ser poupados da deportação.[135]

Entre fevereiro e julho de 1944, em torno de 20 mil ciganos do território do Reich — aproximadamente três quartos das pessoas que pertenciam a essa minoria — foram transportados para Auschwitz, onde eram obrigados a viver em um “campo de ciganos” especial.[136] Junto com os que foram dos territórios ocupados pela Alemanha, o número de ciganos deportados para lá era de aproximadamente 23 mil.[137]

A partir de abril de 1944, quase 1.600 ciganos de Birkenau ainda “aptos a trabalhar” foram transferidos para campos de concentração no território do Reich. Dos demais ciganos transferidos a Birkenau, havia ainda uns 6 mil na primavera de 1944. Em agosto — provavelmente em conexão com as deportações dos judeus húngaros para Auschwitz —, o comando do campo decidiu liquidá-los definitivamente. Ao todo, foram assassinados cerca de 5.600 ciganos em Auschwitz, por gás.[138] Não se pode comprovar que tenha havido uma ordem direta de Himmler, mas, considerando as ordens detalhadas que ele havia dado até então em relação ao tratamento dos ciganos, pode-se presumir que essa

decisão não tenha sido tomada sem que “o chefe” estivesse de pleno acordo com ela.

Nos territórios soviéticos ocupados, no mínimo 10 mil pessoas — provavelmente muito mais que isso — foram vítimas da perseguição alemã aos ciganos;[139] na Polônia, cerca de 8 mil;[140] na Sérvia, a polícia e a Wehrmacht assassinaram em torno de mil ciganos.[141] Na Eslováquia, a prisão de ciganos só começou de fato após a intervenção alemã no verão de 1944; além disso, a SS-Einsatzgruppe H possivelmente assassinou até mil ciganos.[142] Finalmente, sob o domínio do Pfeilkreuzler (Cruz e Flechas), o Partido Nazista húngaro, no final de 1944 foram deportados da Hungria inúmeros roma para os trabalhos forçados em campos de concentração no território do Reich.[143]

Nos Países Baixos, na Bélgica e na França, por outro lado, a perseguição limitou-se principalmente a medidas de controle, proibições de permanência e prisão de ciganos e outros membros da “população nômade” em pontos específicos de recolhimento. Uma suposta política cigana de diferenciação não foi adotada, e o número de vítimas era de algumas centenas.[144]

Esse quadro geral deixa claro que a SS assassinou dezenas de milhares de ciganos, mas nunca com a mesma determinação e critério aplicados no caso dos judeus. A ideia de Himmler de um tratamento diferenciado dos ciganos no futuro grande Reich germânico atingia em sua brutal arbitrariedade cada vez mais determinados grupos de ciganos que, no mundo de fantasia do Reichsführer, ora eram tidos como racialmente valiosos, ora como especialmente perigosos.

## Mais homens para a Waffen-SS

Em 1942, Himmler ampliara a base de recrutamento para a Waffen-SS tanto dentro como fora da Alemanha; desde o final do ano ele se empenhava em formar novas divisões a partir de membros alemães da SS. Em fevereiro de 1943, Hitler lhe concedeu uma divisão de integrantes da Juventude Hitlerista; em outubro, outras duas divisões de infantaria, Panzergrenadier “Götz von Berlichingen” e “Reichsführer-SS”, integradas por membros do Reichsarbeitsdienst (RAD).[35] No mesmo ano, as divisões Leibstandarte, Das Reich, Totenkopf, Wiking e Hohenstaufen, que já eram altamente mecanizadas, foram renomeadas Panzerdivisionen.[145]

Por meio do recrutamento entre os jovens da Juventude Hitlerista e dos campos do RAD, sobre os quais se exercia grande pressão — o próprio Himmler falava dos "voluntários involuntários"[146] —, a SS definitivamente abandonava o princípio do voluntariado também na Alemanha. De todo modo, os membros da SS Geral eram regularmente convocados para a *Waffen-SS*; então o recrutamento forçado de pessoas que não integravam as SS, que aumentara desde o início de 1942, passou a ser normal.[147] O foco dos recrutamentos, no entanto, continuava sendo o exterior. A partir de uma lista do final de 1943, pode-se comprovar que, à época, os seguintes contingentes de alemães étnicos serviam na Waffen-SS: 54 mil da Romênia, 22 mil da Hungria, mais de 5 mil da Eslováquia, mais de 21 mil do Banato e da Sérvia, mais de 18 mil da Croácia e 1.292 do norte de Schleswig — a maioria em virtude do "serviço militar compulsório" para alemães étnicos que Himmler instituiu em 1942.[148]

Em 12 de maio de 1943, os governos alemão e romeno haviam assinado um acordo que regularizava o recrutamento de alemães étnicos para a Waffen-SS, garantindo aos voluntários a manutenção de sua nacionalidade romena.[149] Com base nesse acordo, na segunda metade de 1943, um número maior de alemães étnicos da parte romena do Banato e da Transilvânia foi transferido para a divisão Prinz Eugen.[150] Na prática, o alistamento havia começado semanas antes da assinatura do acordo e, em parte, os "voluntários" tinham sido forçados a se alistar.[151] Em 30 de julho de 1943, Berger já comunicara o alistamento de 41.560 homens. Himmler lhe enviou seu "muito obrigado": "Com isso e tantas outras realizações o senhor contribuiu enormemente para nossa pátria alemã e para o Führer."[152]

Em junho de 1942, por ocasião de sua viagem à Alemanha, o primeiro-ministro da Hungria, Miklós Kállay, prometera a Ribbentrop mais 10 mil alemães étnicos para a Waffen-SS.[153] Em maio de 1943, foi fechado um acordo com o governo da Hungria sobre a ação de alistamento.[154] Mas o Volksgruppenführer Basch não via boas chances de sucesso, afinal, os voluntários perderiam a nacionalidade húngara, e sugeriu que se fizesse uma seleção obrigatória.[155] Procedeu-se dessa maneira e, assim, até agosto, 18 mil dos 22 mil "voluntários" foram considerados aptos.[156]

Do ponto de vista de Himmler, a ocupação da Hungria, em 12 de março de 1944, oferecia oportunidades totalmente novas: o Reichsführer-SS planejou a

formação de uma divisão de cavalaria e duas de infantaria integradas por alemães étnicos de nacionalidade húngara e igual número de divisões com "húngaros preferencialmente de origem alemã", portanto seis divisões ao todo. Tinha em mente criar, como num passe de mágica, um exército SS adicional.[157] O acordo para a ação de recrutamento equivalente por parte da SS foi assinado em 14 de abril de 1944.[158] E mais: Himmler forçou o governo húngaro a transferir os alemães étnicos que serviam no exército do país para a Waffen-SS. O mesmo acordo ele já havia fechado com o governo eslovaco no início de 1944. Dessa forma, a SS foi acrescida de 50 mil soldados de origem alemã dos dois países — poucos homens, no entanto, para formar divisões independentes.[159]

Dos aproximadamente 25 mil alemães étnicos da Croácia sujeitos ao "serviço militar compulsório", 17.500 homens serviam na Waffen-SS no início de 1944, depois de as milícias existentes, as forças-tarefas e as forças de defesa croata-alemãs terem sido integradas à divisão Prinz Eugen.[160] Um caso de insubordinação em massa ocorrido no verão de 1943 lança luz sobre as condições que vigoravam na divisão. Cento e setenta e três integrantes da divisão, todos alemães étnicos da Croácia, foram detidos e transferidos para o campo de concentração de Dachau. Em 17 de outubro de 1943, Himmler enviou uma carta ao comandante romeno-alemão da divisão, Arthur Phleps, em que adotava um tom extraordinariamente suave; evidentemente as condições na divisão em que muitos prestavam serviço (que podia ser chamado de tudo, menos "voluntário") eram-lhe muito bem conhecidas. Para Himmler, um dos fatores decisivos para a avaliação do caso era o fato de que os alemães étnicos tinham sido constantemente ofendidos por seus superiores. Especialmente, propagara-se na divisão o "encantador costume balcânico" de "xingar a mãe do envolvido". Himmler determinou que se tomassem contramedidas drásticas: ordenou que "toda vez que um suboficial ou algum outro homem xingar a mãe de um camarada, ele deve ser imediatamente executado ou deve-se determinar que seja executado". Em casos especialmente graves, o culpado deveria ser enforcado. Segundo disse a Phleps, ele determinara o envio dos 173 faltosos para um campo de concentração a fim de que fossem educados para "ser bons voluntários da Waffen-SS" e pudessem melhorar os conhecimentos de alemão.[161]

Paralelamente ao recrutamento de voluntários alemães étnicos e “germânicos”, desde 1942, Himmler convocava cada vez mais homens que, no jargão da SS, eram conhecidos como *Fremdvölkisch* (de povos estrangeiros). Já em 1941, havia formado — com relativamente pouco sucesso, como vimos — “legiões” no noroeste da Europa, cujos integrantes não tinham de satisfazer as altas exigências “raciais” da SS, e nos anos seguintes promoveria ações maciças de recrutamento, sobretudo na Valônia e na França. Mas se ele permitia que também homens de origem “romana” ou de outras origens “não germânicas” servissem na Waffen-SS ou nas divisões voluntárias da SS, então certamente essa prática podia ser expandida.

Em fevereiro, ele começou a desenvolver um dos planos mais audaciosos nesse sentido, após ter recebido a aprovação de Hitler para a formação de divisão de muçulmanos bósnios, conforme o modelo dos regimentos bósnio-herzegóvinos da monarquia austro-húngara.[162] Mas as autoridades croatas foram contra. Furioso, Himmler exigiu de seu encarregado na Croácia, Konstantin Kammerhofer, que interviesse “com toda a força e poder”.[163] Este finalmente determinou que os recrutas fossem convocados com base no serviço militar geral obrigatório. O treinamento dos homens se deu na França e na Silésia.

Os soldados da 13ª Divisão de Montanha Voluntária SS (Croácia) usavam, como nos modelos da época do império austro-húngaro, um tarbuche vermelho (nos uniformes de campo, esse barrete era cinza) com borla, decorado com uma insígnia que reunia uma águia, a caveira da SS e a suástica. Em vez das runas, exibiam no colarinho direito o símbolo do cânjar (Handschar, em alemão), um punhal curvo de dois gumes. Baseando-se nisso, em maio de 1944, a divisão foi rebatizada para *Handschar*. Himmler estava totalmente determinado a que se respeitassem a cultura e o estilo de vida de seus voluntários islâmicos e, como sempre, quando ele se interessava por alguma coisa, cuidou pessoalmente de todos os detalhes. Determinou que o grande mufti fosse consultado quanto a possíveis restrições alimentares da tropa e, em consequência disso, declarou em agosto de 1943 que concedia a todos os “membros islâmicos da Waffen-SS e da polícia [...] o direito especial inviolável [...] de nunca receberem carne de porco ou salsichas que contêm carne de porco, e que nunca lhes sejam servidas bebidas alcoólicas, de acordo com os seus ditames religiosos”. Quaisquer transgressões dessa ordem deveriam ser comunicadas a ele. “Proíbo, além disso, qualquer

piada ou ridicularização dos voluntários muçulmanos, normalmente algo tão popular em círculos de camaradas."[164] Questões práticas também chamavam sua atenção: os novos barretes da divisão não estavam de acordo com a sua ideia. Deveriam ser "tingidos novamente e um pouco reduzidos".[165]

Himmler não só estava disposto a conceder ao grande mufti que as tropas bósnias tivessem imames próprios, como pretendia até mesmo permitir que os integrantes da divisão frequentassem um curso de imames, e também que fosse criado um "instituto de imames em algum lugar da Alemanha", no qual o mufti "formaria uma irmandade de imames e, assim, obteria um corpo de sacerdotes exclusivamente alinhados com as ideias pessoais deste, e ao mesmo tempo receberiam uma formação política correspondente".[166] Afinal, o repúdio comum "aos judeus" unia o islamismo e o nazismo:

"E o que é que deveria separar os muçulmanos da Europa e do restante do mundo de nós alemães?", perguntou ele à 13ª Divisão de Montanha em um discurso em janeiro de 1944. "Temos objetivos comuns. Não existe base mais sólida para uma coexistência do que objetivos e ideais comuns. Há duzentos anos a Alemanha não tem um único atrito com o islamismo. [...] Hoje nós alemães e vocês dessa divisão, vocês muçulmanos, compartilhamos um único sentimento de gratidão ao destino, que o senhor Deus — vocês dizem Alá, é a mesma coisa — presenteou esses povos aflitos da Europa com o Führer, o líder que de início livrará a Europa e depois o mundo todo dos judeus, desse inimigo do nosso Reich, que em 1918 nos tirou a vitória das mãos e fez com que o sacrifício de 2 milhões de vidas fosse em vão. Eles também são os inimigos de vocês, pois os judeus desde sempre são inimigo de vocês."[167]

Ao ler esse discurso, até se poderia pensar que o respeito nele manifestado em relação à religião mundial islâmica era um sentimento honesto. Na prática, no entanto, a ênfase de Himmler quanto aos "ideais comuns" não passava de hipocrisia cínica: duas semanas depois, diante dos chefes do departamento de Propaganda do Reich, Himmler deixou novamente claro o motivo do grande respeito aos voluntários croatas. "Preciso admitir que não tenho nada contra o islamismo, visto que ele educa as pessoas dessa divisão e lhes promete o céu se lutarem e morrerem em combate. É uma religião prática e simpática para um soldado!"[168]

No combate militar, no entanto, a divisão frustrou as expectativas. No final de

1943, a tropa se mostrou pouco eficaz contra os *partisans* e, além disso, ficava cada vez mais insubordinada. Um ano depois, Himmler deu o experimento por encerrado.[169] Duas outras corporações muçulmanas — a 21ª Divisão de Montanha SS "Skanderberg", composta por albaneses, bem como uma divisão croata chamada *Kama* — também duraram pouco. Ambas haviam sido formadas pela SS somente em 1944. A Skanderberg foi dissolvida ainda no outono de 1944, e a Kama parece nunca ter entrado em ação.[170] Com isso, malograra o plano originalmente traçado por Himmler de criar, nos Bálcãs, dois corpos de exército compostos por bósnios, respectivamente albaneses, para, juntamente com a divisão Prinz Eugen, formar um Exército SS independente até o final de 1944.[171]

No que diz respeito às unidades bálticas, em maio de 1942, Himmler ainda se mostrara relutante. No final de agosto, no entanto, aprovou a instalação de uma legião estoniana e, pouco depois, a Wehrmacht transferiu diversos batalhões estonianos para a Waffen-SS com essa finalidade.[172] Em janeiro de 1943, ele inspecionou pessoalmente um grupo de 54 legionários estonianos que participavam de um treinamento de suboficiais da Waffen-SS e teve "boa impressão" de sua qualidade "racial". Achou, por isso, que valia a pena ministrar aulas de alemão e promover a formação ideológica dos soldados.[173]

É verdade que Himmler oficialmente jamais declarou que os estonianos eram germânicos, porque isso o poria em conflito com a força de ocupação alemã neste país. Mas, em sua opinião, eles eram tão parecidos com os germânicos que uma mistura racial não traria prejuízo algum. Ele explicou aos chefes de seus departamentos central e diretivo que "os estonianos realmente são um dos poucos povos com os quais nós, com a exceção de pequenos detalhes, podemos nos unir sem prejuízo próprio".[174] Como já vimos antes, ele tinha opinião semelhante sobre os valões e os eslovacos.

Em fins de 1942, por sugestão de Berger, Himmler pediu a aprovação de Hitler para instituir uma legião Waffen-SS com letões.[175] Em abril de 1943, mais de 6.500 estonianos e 15 mil letões já haviam sido alistados.[176] Tanto a legião dos estonianos quanto a dos letões foram reforçadas por integrantes da SS de origem alemã e convertidas nas brigadas voluntárias estoniana e letã. Pouco depois, elas foram ampliadas para divisões.[177] Para esse fim, Himmler instituiu o serviço militar compulsório no comissariado do Reich Ostland; letões e

estonianos — Himmler não achava os lituanos confiáveis — podiam agora ser recrutados pela Waffen-SS.[178] Uma terceira divisão SS báltica foi formada a partir dos batalhões das tropas de proteção da polícia auxiliar, que Himmler instalara em 1941.[179]

A partir de abril de 1943, mandou recrutar ucranianos dos territórios que anteriormente pertenceram à Áustria-Hungria para formar uma divisão galiciana. Dos 100 mil voluntários, 30 mil foram aceitos.[180] Após a conclusão do treinamento, Himmler visitou a divisão, que recebeu o nome de 14ª divisão SS Waffengrenadier Galícia. Durante um discurso ao seu corpo de liderança, ele, entre outros, abordou as críticas que vinham sendo manifestadas nas fileiras da divisão. O treinamento duro não era nenhuma perversidade, e os galicianos também tinham a oportunidade de ser promovidos. Para evitar "inquietações", proibiu os homens de se dedicar à "política do dia a dia" e, além disso, pregou de seu catálogo de virtudes, um pouco modificado para a ocasião: além da obediência, camaradagem e lealdade, ele achava importante esclarecer aos ucranianos o significado da palavra "ordem".[181] A divisão não durou muito. Ela foi acionada contra o Exército Vermelho e, em julho de 1943, quase extinta em duros combates.[182]

As outras unidades de "povos estrangeiros", formadas em 1944, apresentaram resultados igualmente insatisfatórios. Além de duas divisões russas, duas húngaras, uma mista de alemães e húngaros e duas de cossacos, diversas unidades menores, como, por exemplo, a Unidade Armada Turca Oriental, da Unidade Armada Caucasiana, e das unidades sérvias, romenas e búlgaras, a SS também tentou reorganizar a legião indiana assumida pela Wehrmacht, que fora recrutada em campos de prisioneiros de guerra. Uma legião britânica, também de prisioneiros de guerra, não pôde ser formada em 1943, por falta de interessados.

Se essas unidades realmente foram postas em combate — em diversas delas esse já não era o caso —, o desempenho militar ficou bem abaixo da média das unidades de combate alemãs.[183] Hitler se manifestou crítico a respeito desses empreendimentos. Após a ocupação de seus países de origem, ponderou ainda pouco antes do fim da guerra, em março de 1945, naturalmente estariam desmotivados e seriam pouco confiáveis. Manter esse tipo de corporação, diante da extrema falta de armas das Forças Armadas, era "luxo", "estupidez", "absurdo".[184]

Para Himmler, no entanto, a utilidade militar direta não era necessariamente uma prioridade. Desde o início da onda de recrutamento, ele sempre diferenciou claramente as divisões SS plenas, cujos integrantes tinham de satisfazer os mesmos critérios "raciais" que todos os demais membros da SS, das corporações compostas por voluntários estrangeiros, que não tinham de cumprir essas exigências. Na opinião de Himmler, o forte crescimento da SS não justificava a flexibilização dos critérios raciais de admissão.[185] Ele deixou claro, por exemplo, que não se podia falar de um ucraniano da SS, mas só de um "ucraniano que serve nas corporações armadas da SS". A "denominação para nós tão cara e elevada de homem da SS" não deveria ser aplicada aos "muitos integrantes de etnias estrangeiras, que hoje organizamos sob a ordem da SS".[186]

Segundo a vontade de Himmler, apenas os homens classificados nos grupos I e II no esquema de avaliação racial de quatro grupos do RuSHA poderiam se tornar membros plenos da SS. Os homens do grupo de avaliação III podiam ingressar nas "associações de voluntários da Waffen-SS subordinadas ao RFSS", ou na Polícia de Ordem.[187] O mesmo valia para alemães do Reich voluntários, que para a SS eram considerados racialmente inadequados.[188]

Na primavera de 1943, Himmler ordenou a instalação de mais uma corporação SS, o assim chamado Corpo Panzer germânico, que deveria abranger a divisão wiking e uma unidade nova, composta pelo até então corpo de voluntários, a divisão Nordland.[189] Em um registro de fevereiro de 1943, Himmler esclarece qual era afinal o objetivo com semelhante corpo integrado, composto por membros de diversos países: o corpo germânico deveria constituir o quadro de oficiais e suboficiais responsáveis pela admissão e pelo treinamento no caso de "um recrutamento legal que mais tarde certamente se fará necessário nos países germânicos".[190] Em setembro de 1943, Himmler registrou que Hitler basicamente concordava com a ideia e que era da opinião de que "o estabelecimento da Wehrmacht nos países germânicos deveria ocorrer sob o controle da SS".[191]

Se acrescentarmos o bem-sucedido recrutamento forçado de Himmler dos alemães étnicos que viviam fora das fronteiras alemãs e considerarmos que desde 1943 ele se concentrava na aquisição de corporações "de etnias estrangeiras" no contexto da SS, então fica clara a visão que ele tinha de um poderio armado de um futuro grande Reich germânico: ao lado da Wehrmacht,

estaria uma Waffen-SS, cujas tropas de elite se comporiam de alemães do Reich e étnicos, holandeses, flamengos, dinamarqueses, noruegueses e, se necessário, cidadãos de outros países classificados como “germânicos”. Em torno desse núcleo, gravitariam tropas, cujos integrantes de “etnias estrangeiras” não estavam aptos a integrar a SS, mas, isso fica claro pelos esforços de recrutamento na fase final do regime, podiam vir de quase todos os povos europeus (exceto do polonês) — um tipo de gigantesca legião estrangeira cujos membros prestavam serviços nas respectivas associações “nacionais”.

Se em seu discurso em Posen no dia 3 de agosto de 1944, diante de *Gauleiter* e *Reichsleiter*, Himmler citou o número de trinta “divisões europeias” da SS como a meta para a fase pós-guerra, então ele esboçou a futura força de paz de uma SS europeia, que, em caso de outra guerra, poderia ser devidamente expandida. Se ainda juntarmos as tropas puramente alemãs, a Waffen-SS alcançaria uma ordem de grandeza que justificaria a posição de uma segunda força terrestre independente paralelamente ao Exército.[192] (Parece que as ambições de Himmler foram até mesmo além da instituição de um exército terrestre. Em 1944, ele negociou com a Marinha a formação de uma Divisão de Reserva Germânica da Marinha, estacionada em Sennheim, na Alsácia, portanto a uma distância segura do mar, e que era preparada para atuar junto à marinha de guerra.)[193]

Ao observar os esforços de recrutamento de Himmler nos últimos anos da guerra a partir dessa perspectiva, percebe-se que aquilo que à primeira vista parece um frenético e desesperado ajuntamento das últimas reservas militares menos competentes era, de seu ponto de vista, um componente integral e lógico de sua grande visão germânica.

## Himmler como ministro do Interior do Reich

Em 20 de agosto de 1943, Hitler nomeou Himmler para o Ministério do Interior do Reich;[194] conforme confidenciou a Goebbels, naquela época o Führer era da opinião de que o Reichsführer-SS era “uma personalidade altamente notável de nosso regime”.[195] O ministro até então, Wilhelm Frick, no cargo desde 1933, foi recompensado com o cargo meramente representativo de protetor do Reich na Boêmia e Morávia.[196]

Hitler não esperava que Himmler, no novo cargo, promovesse grandes

reestruturações no aparato do Estado ou reorganizasse fundamentalmente a relação de partido e Estado. A nomeação tinha em mente muito mais um fortalecimento adicional da reputação de Himmler como principal responsável pela "segurança" do Terceiro Reich e o "arredondamento" de sua esfera de competência. Em seu diário, Goebbels julgou que "Himmler sem dúvida é o homem adequado para o comando da política interna da Alemanha". "Em todo caso, ele garantirá a segurança interna a qualquer preço."[197]

Ainda assim, a tomada de posse de Himmler, em 26 de agosto, provocou uma série de mudanças dentro do ministério. Himmler realizou uma nova divisão na casa em duas áreas de trabalho: na área de "administração interna", que foi subordinada ao secretário de Estado Stuckart, reuniu os departamentos de Constituição e Administração, Defesa Civil do Reich, Departamento de Pessoal e Questões Municipais; a responsabilidade pela segunda área de trabalho, Ministério da Saúde, subordinou ao secretário de Estado Leonardo Conti.[198]

As atribuições do Departamento VI do ministério, ao qual eram subordinados os institutos de pesquisa de *Volkstum* e País e Povo, ele transferiu ao RSHA, sob o controle geral do SD Ausland. Com isso, Himmler não só deu um passo para garantir o potencial para a instalação de sua espionagem internacional, mas passou a exercer também o controle sobre instituições tão importantes como os Grupos de Trabalhos Alemães Étnicos, o Instituto Alemão do Exterior e o Instituto Wannsu, responsável pela pesquisa sobre a Rússia e, assim, sobre o conjunto da capacidade intelectual reunida na área de pesquisa nazista sobre *Volkstum* e exterior para, no longo prazo, usá-los a serviço de seus planos no tocante ao "espaço vital".[199]

Himmler, que durante o mandato frequentou o Ministério do Interior meras três ou quatro vezes, dirigia o órgão do quartel-general de campanha, onde seu colaborador de longa data, Rudolf Brandt, atuava como chefe de gabinete. Na prática, o Ministério do Interior sob o comando do ministro Himmler era dirigido em grande parte de modo independente pelo secretário de Estado Stuckart.[200]

A distância física de Himmler em relação ao ministério não se devia somente às suas múltiplas outras tarefas, mas também expressava sua desconfiança no tocante à burocracia pública e sua aversão geral a juristas e funcionários públicos. Reiteradamente, na condição de ministro do Interior do Reich, ele se

opôs ao formalismo e à esquematização burocráticos. Por exemplo, para romper o anonimato de processos administrativos, frequentemente exigia que o responsável por determinado processo assinasse ele mesmo a correspondência.[201] Defendia a ideia de que os administradores distritais não deveriam permanecer na função por mais de dez anos, o que gerou uma desgastante controvérsia com Bormann;[202] Himmler considerava necessário anunciar ostensiva e reiteradamente que se dedicaria ao combate severo da corrupção na administração,[203] e assinou um decreto que limitava a contratação de parentes próximos dentro de um mesmo órgão público, o que era tremendamente ingênuo diante das condições reais vigentes nas administrações de pequenas comunidades.[204]

Himmler exigia de seus funcionários que tratassem os cidadãos de maneira "que seja digna de um alemão germânico". Caso tais instruções não surtissem efeito, ele recomendou aos prefeitos em um discurso, "peço que os senhores tratem esses funcionários públicos do mesmo modo indecente que eles tratam o povo". Himmler se deparara com uma nova tarefa: "Vamos educá-los. E quem deixar de se comportar de acordo um dia será demitido."[205]

O novo ministro do Interior do Reich atribuía grande importância a um "fortalecimento da autonomia administrativa".[206] O fato de ele se ocupar especificamente da reorganização das competências dos prefeitos e dos administradores distritais tinha o seguinte fundamento: no curso da administração simplificada em decorrência da guerra, foram tomadas medidas a partir de 1943 no sentido de delegar tarefas administrativas a níveis inferiores. A Chancelaria do NSDAP adotara essa exigência de um modo especial; ali se esperava que, mediante a transferência de competências para uma nova instância oficial intermediária entre o Reich e o nível administrativo municipal, bem como por meio do fortalecimento das comunidades em relação aos distritos, seria possível fortalecer também a influência do partido em relação à burocracia do Estado. Os *Gauleiter* deveriam se tornar independentes da burocracia ministerial e os prefeitos nazistas, dos administradores distritais.

Enquanto Frick sempre se opôs a essa política de Bormann, Himmler se encontrava aberto a essas ideias. Se nos meses seguintes defendia um "fortalecimento da autonomia administrativa", o motivo para isso era primeiramente o de enfraquecer a administração do Estado a favor do partido,

em estreita aliança com Bormann. Dias antes da nomeação de Himmler, os dois já haviam conversado sobre a futura política do Ministério do Interior.[207]

A contribuição inigualável totalmente pessoal de Himmler para essa tentativa de um deslocamento estrutural do poder era a maneira como ele procurava levar — com reminiscências à "tradição germânica baseada em cooperativas", a Henrique I como fundador de cidades ou ao papel histórico dos "prefeitos alemães como portadores dos ideais do Reich" — as planejadas mudanças de competência para o campo ideológico.[208] No fim, o resultado foi pífio.[209]

Regionalmente, por meio de mudanças estruturais na configuração da administração, os esforços de Himmler em atender a reivindicações do partido até que levaram a pequenas vitórias: ele conseguiu que o Führer decretasse a subdivisão das províncias prussianas da Saxônia e de Hessen-Nassau em quatro novas províncias, bem como que a região entre a barragem e o estuário do rio Weser fosse reestruturada, atendendo assim às reivindicações dos *Gauleiter* cujos distritos eram afetados por isso.[210] Mas ele foi contrário ao intento de Bormann de desativar as circunscrições regionais do governo e, assim, fortaleceu a posição de Lammers e Stuckart nessa importante questão que envolvia a manutenção da autoridade do Estado em relação às reivindicações de poder dos *Gauleiter*.[211] Esses exemplos deixam claro o quanto Himmler, como ministro do Interior do Reich, foi envolvido nos meandros da disputa política pelo poder entre o partido e o Estado, sem ter tido condições de desenvolver uma linha política uniforme nesse conflito, muito menos impô-la.

Essa incapacidade ficou evidente a todos os envolvidos em uma série de conferências maiores, por meio das quais Himmler tentava causar a impressão aos chefes administrativos de que sua nomeação gerara um frescor que agora soprava por entre as diversas repartições empoeiradas.

Qualquer que fosse a ocasião — uma perfilação militar governamental no Governo-Geral em Cracóvia em 18 de novembro de 1943;[212] a conferência dos chefes de administrações regionais em 10 e 11 de janeiro em Breslau;[213] ou a convenção dos prefeitos das grandes cidades e governadores em 12 e 13 de fevereiro de 1944 em Posen;[214] —, sempre se mencionavam os problemas urgentes com os quais a administração se via confrontada durante a guerra (a escassez de pessoal, as consequências dos ataques aéreos e outras coisas), mas as respostas de Himmler eram genéricas. Ele não tinha soluções a oferecer.[215]

Mesmo que seus sucessos fossem modestos, com a nomeação a ministro do Interior do Reich, Himmler ingressou em um círculo de chefia em que se encontravam Goebbels, Bormann e Speer e que defendia a adaptação radical da sociedade alemã à guerra total. Especialmente Goebbels constatava com frequência a "concordância absoluta das nossas opiniões"[216] e externava admiração pela política de Himmler.[217] Ainda assim, não queria que Himmler assumisse outras funções. Em seu diário, escreveu, "Himmler já tem coisas demais para fazer e nem consegue resolver pessoalmente a maior parte".[218]

Goebbels também registrou de modo observador que Bormann, que desde a nomeação a chefe da Chancelaria do partido era considerado um dos aliados mais próximos de Himmler, agora adotava uma conduta cada vez mais distanciada em relação a ele: "Bormann ficou um tanto cético em relação a Himmler, pelo fato de que este assume responsabilidades em demasia. Também não é bom que alguém dentro da esfera de chefia nazista adquira tanto poder; aí os outros têm de tomar as providências cabíveis para que ele seja reconduzido de volta à linha geral".[219] Nesse círculo, a rivalidade em termos de poderio político e os interesses comuns se equilibravam. Parece que entre Speer e Himmler também surgiram atritos: em todo caso, em maio de 1944, Goebbels recomendou a Speer que restaurasse a relação um tanto conflituosa com Himmler e Bormann, pois ambos "fazem parte do nosso círculo mais ativo".[220]

Em sua função de ministro do Interior do Reich, Himmler se viu diante de um conflito fundamental de interesses: por motivos político-ideológicos, apoiava a política formulada sobretudo por Bormann de substituir medidas administrativas do Estado por uma "gestão nazista de pessoas". No entanto, como ministro do Interior em tempos de guerra sabia valorizar a manutenção das estruturas administrativas que se desenvolveram. E quando ele tentava de fato intervir na estrutura da administração do Estado por meio de mudanças estruturais, era acusado de ter uma sede desmedida de poder. Himmler "solucionou" essa difícil situação simplesmente deixando as coisas no ar.

### SS e armamentos

Como já vimos, a tentativa de Himmler de montar uma empresa de armamento própria fracassou em setembro de 1942 por falta de competência da SS, por resistência da indústria e, especificamente, de Speer. A maioria dos projetos

bélicos que Himmler, em 1942, queria instalar nos campos de concentração ou nunca foi implementada ou nem de longe alcançou as dimensões planejadas.[221] A maioria das fábricas da SS, dentro ou fora dos campos de concentração, durante a guerra nem mesmo chegou a adaptar as linhas para a produção de itens de armamento.[222] Só a Deutsche Erde-und Steinwerke [DEST] e as fábricas de móveis, no protetorado, produziam material bélico propriamente dito.[223] Quando Himmler, em outubro de 1943, afirmou em um discurso diante de Gruppenführer: "Nos campos de concentração, temos enormes fábricas de armamento", era, para dizer o mínimo, um grande exagero.[224]

Mas Himmler não desistia, e então se concentrou sobretudo em projetos anticonvencionais. No outono de 1943, ele se comprometeu perante Hitler a "suprir a demanda por óleo da Waffen-SS e da polícia por meio da extração própria de xisto betuminoso" e, para esse fim, criou, em maio de 1944, a Deutsche Schieferöl GmbH. No estado de Württemberg foram construídas dez unidades de extração de xisto betuminoso, em que só trabalhavam prisioneiros dos campos de concentração. Em setembro de 1944, criou-se também a Deutsche Torfverwertungs GmbH, para extrair turfa a ser empregada no acionamento de geradores para veículos.[225]

Além disso, o Reichsführer continuava pensando no cultivo de Kok-Sagys. Desde o início de 1942, ele já se ocupava da possibilidade de, com a ajuda da planta com grande teor de borracha, cultivada no leste da Europa, realizar uma contribuição importante para o abastecimento da economia de guerra alemã por meio da borracha.[226] Quando, durante uma palestra em fevereiro de 1943, Himmler apontou a Hitler as possibilidades que o cultivo em grande escala dessa planta oferecia, o Führer o declarou pessoalmente responsável pela implantação de metas de produção. À declaração de Himmler de que só se ocupava com essa questão "de modo periférico", Hitler respondeu, como o perplexo Reichsführer-SS registrou, que "questões organizacionais não o interessavam, que ele estava me atribuindo a responsabilidade!".[227] Imediatamente Himmler reuniu os estabelecimentos que se dedicavam ao produto em uma associação Kok-Sagys,[228] organizou uma conferência Kok-Sagys,[229] e depois de Göring tê-lo nomeado, em 9 de julho, "o encarregado especial para quaisquer questões relativas à borracha vegetal",[230] criou uma "repartição" correspondente.[231] Além disso, no campo de concentração de Auschwitz havia se instalado uma estação

experimental.[232]

Embora logo tenha ficado claro que a planta só conseguia abastecer uma fração mínima da demanda alemã por borracha (no máximo 1,7%),[233] Himmler não mediu esforços para garantir extensas áreas para o plantio. Já falamos, neste capítulo, sobre suas tentativas de usar para este propósito regiões "infestadas de bandidos" do norte da Ucrânia e da Rússia-Centro. De início, Himmler contava com 30 mil hectares de terra cultivável, que deveriam ser tornar acessíveis nos territórios incorporados do leste, no Governo-Geral,[234] na Ucrânia, no comissariado do Reich Ostland, assim como na França.[235] Em setembro de 1943, os plantadores começaram a considerar também a Romênia como potencial região de cultivo de Kok-Sagys.[236] Após a ocupação da Hungria, em 1944, a SS procurou ali por mais 10 mil hectares para compensar a área que nesse meio-tempo tinha sido perdida no leste.[237] Himmler recomendou que se ocupassem principalmente as propriedades que antes pertenceram a judeus.[238] Quanto mais regiões ocupadas tinham que ser abandonadas, mais o plantio de Kok-Sagys acabava se concentrando no território do Reich, onde, em 1944, foram preparados 16.700 hectares e para 1945 estavam previstos outros 18.500 hectares — áreas urgentemente necessitadas para o plantio de alimentos.[239]

Os resultados práticos do plantio eram uma catástrofe. Em fins de 1943, o correspondente encarregado na Ucrânia Ocidental teve de constatar um "absoluto fracasso", uma vez que "95% da área de cultivo não produziu nada".[240] Também no território do Reich, em 1944, quase todas as colheitas foram ruins.[241] Em março de 1944, o chefe do setor de Matéria-prima e Planejamento no Ministério do Armamento, Hans Kehrl, sugeriu a Himmler que futuramente se abandonasse por completo as tentativas de produzir Kok-Sagys.[242] Himmler respondeu em tom áspero e lembrou a Kehrl do seu dever de obediência: "Pessoalmente não estou disposto a quebrar a tradição da obediência, que cultivo como algo sagrado desde meu ingresso no movimento, por causa de especulações capitalistas." Ele reputou a declaração de Kehrl de "típico pensamento limitado de grande capitalista, que obviamente vê na borracha vegetal uma concorrência indesejável à descoberta da Buna-S pela I. G. Farben".[243] Mas quem, continuou Himmler, possibilitou à I. G. Farben a construção de uma grande fábrica para Buna-S em Auschwitz? Ele, o Reichsführer-SS! A respeito do completo fracasso do empreendimento Kok-

Sagys, Himmler não entrou em detalhes; a coisa toda se transformara num puro caso de prestígio. Até o final da guerra, as plantações do "encarregado especial para quaisquer questões relativas à borracha vegetal" não apresentaram rendimentos dignos de nota.

Já que a empresa de armamento própria da SS não saiu do papel, a partir do outono de 1942 o Departamento Central de Economia e Administração passou a emprestar prisioneiros para as fábricas de armamento. No verão de 1942, estava em andamento um projeto experimental de ocupação de prisioneiros na empresa Oranienburger Heinkelwerke, na qual, em 1944, trabalhavam quase 7 mil prisioneiros alojados em um acampamento de barracas próximo da fábrica. Inúmeras indústrias seguiram esse exemplo.[244]

Já em setembro de 1942, por meio do acordo com Thierack que previa a "transferência de elementos associais do sistema penal ao Reichsführer-SS para submetê-los ao extermínio pelo trabalho", Himmler tentara encher os campos de concentração a fim de atender à crescente demanda por prisioneiros trabalhadores. Sua ordem do dia 31 de dezembro de enviar adicionalmente 35 mil prisioneiros para os campos de concentração está no mesmo contexto.[245] Como resultado dessa política, o número de presos nos campos de concentração de setembro de 1942 até abril de 1943 dobrou, passando de 110 mil a 203 mil.[246] No entanto, o verdadeiro aproveitamento em massa de prisioneiros só ocorreu no outono de 1943, quando o número de trabalhadores forçados recrutados por Sauckel diminuiu gradualmente. Agora era a vez de expandir consideravelmente o sistema de subcampos, instalados imediatamente ao lado das indústrias.

No verão de 1943, além disso, parecia que a SS afinal ainda conseguiria ir além do empréstimo de prisioneiros e da modesta produção própria para se engajar em um grande projeto bélico futurista: o desenvolvimento e a produção do chamado A4, o primeiro míssil balístico de grande dimensão.

Em termos militares, o foguete A4, com a ogiva convencional de 1.000 quilos, não era de grande valor; seu concorrente, a *Flugbombe* Fi 103 da Luftwaffe, muito mais barata e sem tanta pretensão técnica, podia transportar praticamente a mesma quantidade de explosivo. Mas nem o Fi 103, nem o A4 eram capazes de fornecer uma resposta adequada à frota de bombardeiros dos Aliados que, em um único ataque, conseguiam despejar milhares de toneladas de

explosivo, cada vez com mais precisão, sobre os alvos previstos. Provavelmente era a inclinação de Himmler a projetos exóticos, utópicos, que o levou a se entusiasmar pela ideia de foguetes do Exército. O que também deve tê-lo influenciado era a ideia de finalmente conseguir atrair para si um projeto bélico de maior proporção, mediante a exploração do trabalho dos prisioneiros.

O interesse de Himmler foi despertado quando Hitler aprovou o programa de foguetes A4, em novembro de 1942. Em 11 de dezembro, ele assistiu a um lançamento no campo de testes de Peenemünde; o fato de o experimento terminar, após quatro segundos, com a explosão do A4 não o desmotivou. Pelo contrário: ele se empenhou para que o chefe do projeto conseguisse uma audiência com Hitler, mas não obteve sucesso.[247]

Em março de 1943, determinou a destituição do comandante militar de Peenemünde. Em virtude da ligação deste com a Igreja católica, duvidava-se que fosse confiável, e também se levantaram outras vagas suspeitas, que mais tarde provaram ser completamente inconsistentes. Himmler o substituiu por um fiel seguidor da linha do partido.[248] Como mostra esse exemplo, Himmler não tinha escrúpulos em tirar vantagem da autoridade policial quando lhe convinha.

Em 28 de junho de 1943, Himmler foi recebido em Peenemünde pelo diretor técnico Wernher von Braun, que trajava a farda de um SS-Hauptsturmführer. A visita foi satisfatória: Himmler mais tarde nomeou Von Braun Sturmbannführer, retroativamente ao dia da visita.[249]

O Comitê Especial A4 do campo de teste de Peenemünde, responsável pela construção do foguete, decidira, nesse meio-tempo, requisitar a SS prisioneiros do campo de concentração para trabalhar na fabricação, o que foi autorizado ainda em junho.[250] No entanto, quando um ataque aéreo britânico a Peenemünde em agosto de 1943 causou diversos estragos, Himmler sugeriu a Hitler que este lhe confiasse toda a produção de foguetes. Mediante a exploração do trabalho dos prisioneiros dos campos de concentração, queria-se produzir o foguete A4 no subterrâneo — a SS já atendera a pedido semelhante do Comitê Especial A4; os trabalhos de desenvolvimento poderiam ser continuados em um campo de treinamento da Waffen-SS na Polônia. Hitler aprovou a proposta e Himmler transferiu a responsabilidade para Hans Kammler, chefe do Amtsgruppe C (engenharia civil) no WVHA. Como local de produção, escolheu-se um sistema de túneis perto de Nordhausen, na Turíngia, o chamado *Mittelwerk*, onde, no

outono de 1943, instalou-se um campo de concentração próprio, o *Mittelbau*.[251]

Em 20 de agosto, Speer e seu auxiliar Karl-Otto Saur se encontraram com Himmler, recentemente nomeado ministro do Interior do Reich, para discutir os pormenores do intento; em uma mensagem a Speer no dia seguinte, Himmler registrou que o principal resultado da reunião fora que "eu, como Reichsführer-SS, assumo a responsabilidade pela construção do dispositivo A4 [...]".[252]

Mas essa declaração foi um tanto precipitada; embora Hitler tivesse determinado que Himmler apoiasse Speer na empreitada, não tinha a mínima intenção de lhe delegar a total responsabilidade pela produção.[253] Mas Himmler não se deixou intimidar: em março de 1944, Von Braun e dois de seus colaboradores mais importantes foram presos pelo SD e mantidos em cárcere por várias semanas. Entre outras alegações, eles foram acusados de terem se manifestado criticamente em relação aos rumos da guerra e ressaltado a prioridade da realização de viagens espaciais civis.[254] Os chefes de Von Braun no Exército obtiveram a libertação do diretor técnico, mesmo que a princípio só temporariamente. Segundo declarações de Von Braun, essa investida de Himmler tinha como objetivo assumir o controle dos trabalhos de desenvolvimento da pesquisa sobre foguetes, o que no entanto não lhe seria facultado.[255]

Apesar disso, na primavera de 1944, Kammler, o homem de Himmler, engajou-se de forma importante na transferência da produção subterrânea de aviões alemães; o exemplo *Mittelwerk* fazia escola. Em 4 de março de 1944, Göring nomeou Kammler "encarregado de construções especiais"; este, assessorado pelos especialistas em construção da SS, e novamente contando com mão de obra dos prisioneiros dos campos de concentração, começou a transferir a produção de aviões para as minas, túneis etc. Dessa maneira, a SS realmente conseguira se firmar na produção de armamento aéreo, mas num momento em que os aviões alemães tinham muito pouco a mostrar aos Aliados em termos de oposição.[256]

## O colapso da Itália e suas consequências

Em 4 de outubro de 1943, os SS-Gruppenführer se reuniram em Posen para um de seus congressos obrigatórios. Himmler fez um discurso de várias horas sobre a situação política e militar, e também mencionou um assunto que costumava evitar em discursos:

“Aqui, diante dos senhores, quero aproveitar para abordar, de forma aberta, algo muito sério. Entre nós isso deve ser mencionado com total franqueza, ainda que jamais devamos falar sobre isso em público. Refiro-me à evacuação dos judeus, à erradicação do povo judeu. A maioria de vocês deve saber o que significa quando há cem cadáveres acumulados, quando quinhentos ou mil cadáveres estão amontoados. Ter passado por isso e mesmo assim, com exceção de algumas fraquezas humanas, ter permanecido decente, isso nos fortaleceu. Trata-se de um capítulo glorioso jamais escrito, e que jamais se escreverá, da nossa história, porque sabemos como seria difícil se hoje ainda tivéssemos de lidar com os judeus nas cidades — com esses ataques aéreos, com as dificuldades e as privações da guerra —, atuando como sabotadores, agitadores e incitadores.”[257]

Dois dias depois, em 6 de outubro de 1943, os *Gauleiter* e *Reichsleiter*, a elite do partido, se reuniram em Posen. Novamente Himmler se pronunciou sobre a questão, que, “para mim, se tornou a mais difícil da minha vida, a Questão Judaica”. Para justificar o genocídio voltou a enfatizar “que não teríamos suportado essa guerra de bombas, o peso do quarto, talvez ainda quinto e sexto ano de guerra, se ainda tivéssemos essa peste subversiva no seio do nosso povo”. Na sequência do discurso, também falou especificamente do assassinato de mulheres e crianças: “Achei que não tinha o direito de liquidar os homens — em outras palavras, matar ou mandar matar — e deixar que os seus vingadores, na forma de seus filhos, crescessem para se desforrar nos nossos filhos e netos. Era preciso tomar a difícil decisão de fazer com que esse povo desaparecesse da face da terra. Para a organização, foi a tarefa mais difícil que tivemos até hoje.”[258]

Por meio dos dois discursos, Himmler tinha a clara intenção de confirmar oficialmente, com sua “franqueza”, os boatos e as informações amplamente disseminados nesses altos círculos de SS e funcionários do NSDAP sobre a verdadeira dimensão da política judaica; dessa maneira, seus ouvintes se tornariam confidentes, cúmplices do crime sem precedentes. Para sua total segurança, mandou que se preparasse uma lista especificamente dos Gruppenführer ausentes por ocasião de seu discurso de 4 de outubro de 1943.[259]

Não foi por acaso que Himmler fez essa confissão em outubro de 1943. Nesses dias, imediatamente após a saída da Itália da aliança com a Alemanha e da ocupação de territórios italianos ou territórios ocupados pelos italianos que se

deu logo em seguida, Himmler iniciou mais uma escalada da política de extermínio em toda a Europa. Apenas poucos dias antes de seu discurso, em 1º de outubro, tentara pôr as mãos sobre os judeus da Dinamarca, mas a maioria das vítimas em potencial fugira para a Suécia.

O desligamento da Itália da aliança do Eixo no verão de 1943 ocupou Himmler de diversas maneiras. Em 19 de julho, diante de Bormann e Ribbentrop, ele previra a queda iminente de Mussolini, que realmente ocorreria em 25 de julho.[260] A informação lhe fora passada por um arqueólogo alemão que trabalhava na Itália e não, como Himmler afirmou, "pelo serviço secreto", isto é, seu SD no exterior. Em setembro, a Waffen-SS participou da ocupação da Itália por meio da divisão Leibstandarte. Originalmente, Hitler determinara que se usasse o Panzerkorps completo da SS, com três divisões, mas as condições críticas da Frente Oriental não o permitiram.[261] O SD não só preparou o resgate de Mussolini de sua prisão no Berghotel no maciço de Gran Sasso, como também participou da ação de libertação conduzida por soldados paraquedistas alemães, por meio de um pequeno comando chefiado por Otto Skorzeny, que dirigia o Gruppe S (sabotagem) no SD Ausland (exterior). [262]

Mal as tropas alemãs haviam chegado ao país, Himmler instalava um aparato da SS e da polícia na Itália, segundo o modelo dos outros países ocupados. A "ordem do Führer sobre a instituição de um plenipotenciário do grande Reich alemão na Itália e a divisão do território italiano ocupado" também previa a nomeação de um "conselheiro especial da polícia no governo nacional italiano".[263]

A posição foi ocupada por Karl Wolff, antigo chefe do Estado-maior pessoal, que atuava paralelamente como HSSPF responsável pela Itália.[264] Wolff criou uma rede de SSPF na sua área de competência. Como "conselheiro policial especial" de Mussolini — que, como chefe de um governo fascista instalado no norte da Itália, passara a ser mero fantoche do regime nazista —, Wolff supervisionava os contatos entre as autoridades italianas e o aparato alemão da SS e da polícia e coordenava a formação, o armamento e a entrada em ação de unidades de combate fascistas. Além disso, a partir de julho de 1944, como general plenipotenciário, assumiu a responsabilidade pelo combate aos guerrilheiros na retaguarda do front.[265]

Desde a ocupação da Itália, Himmler também perseguia a ideia de "juntar",

para futuras “formações”, integrantes da milícia fascista e do partido por meio de sua SS.[266] Em outubro de 1943, ele queria começar integrando duas divisões na Waffen-SS.[267] No entanto, o plano não avançou muito: no final de 1944, havia meros mil homens à disposição em vez dos inicialmente previstos 20 mil para uma divisão italiana da Waffen-SS.[268]

Não só a própria Itália e a região até então dominada pela Itália, mas também outros países, em que os judeus poderiam ainda ter sobrevivido, entravam agora no aspirador do programa de extermínio.

No início, o RSHA estava determinado a deportar os aproximadamente 33 mil judeus das regiões da Itália que naquele momento se encontravam sob domínio alemão.[269] Em outubro, Dannecker apareceu em Roma como chefe de um pequeno Einsatzkommando.[270] Em seguida a uma batida policial em 16 de outubro, ele mandou deportar mais de mil judeus da capital italiana para Auschwitz e, até o final do ano, depois de outras batidas nas demais grandes cidades, a SS havia deportado quase 1.400 pessoas para Auschwitz. No entanto, o RSHA criticou a ação por achar que ela não levou a “nenhum resultado considerável”; a grande maioria dos judeus que vivia na Itália nesse meio-tempo já se tinha escondido.[271]

Por isso, no começo de dezembro, representantes do Ministério do Exterior e do RSHA resolveram incluir as autoridades italianas na perseguição e, assim, torná-las cúmplices.[272] De qualquer forma, já que os fascistas só conseguiam se manter contra o extenso movimento de resistência por meio de um regime de terror, as considerações em relação à política interna não tinham mais importância para o lado alemão. No início de 1944, o comando móvel de Dannecker foi substituído por um departamento especial de judeus junto ao comandante da polícia de segurança na Itália, que organizava a extradição dos judeus já internados pelos italianos. Em 1943-44 foram deportados mais de 6.400 judeus da Itália; o número total de vítimas fatais estipulado é de 5.596 pessoas, isto é, cada sexto membro da minoria judaica que vivia na Itália em 1943 foi assassinado.[273]

Desde 1943, Odilo Globocnik, um dos principais responsáveis pelo extermínio dos judeus poloneses, devastava com parte do Einsatzkommando Reinhard o território incorporado ao grande Reich alemão como Zona de

Operação Costa Adriática, a região em torno de Trieste de onde ele era originário. Himmler o havia designado como HSSPF e Globocnik cuidou para que entre dezembro de 1943 e fevereiro de 1945, 22 trens com mais de 1.100 judeus deixassem Trieste em direção a Auschwitz. Mais de 90% dos deportados foram assassinados.[274]

Os alemães prenderam em torno de 16 mil judeus nas antigas zonas de ocupação italianas na Grécia, bem como na Albânia, em Montenegro e no Dodecaneso (o grupo de ilhas no leste do mar Egeu que desde 1912 pertenciam à Itália).[275] Só do continente grego, as novas forças de ocupação deportaram um total de 5 mil pessoas entre março e abril de 1944.[276] Entre maio e agosto de 1944, foram deportados os quase 3.800 membros das comunidades judaicas das ilhas gregas — principalmente de Creta, Rodes e Corfu.[277]

Na Croácia, que até setembro também se encontrava sob ocupação italiana, a maioria dos judeus presos em um campo na ilha de Rab foi salva pelo Volksbefreiungsarmee[36] e levada para local controlado por ele. Algumas centenas de pessoas caíram nas mãos da Gestapo, que as deportou para Auschwitz na segunda metade de março de 1944.[278]

A zona ocupada pela Itália no sudeste da França também foi invadida pelas tropas alemãs, mais precisamente em 8 de setembro. O funcionário de Eichmann, Alois Brunner, que já havia organizado a deportação dos judeus de Viena, Berlim e da Tessalônica, chegou sem demora com o Sonderkommando.[279] No entanto, sem a ajuda francesa, em três meses ele só conseguiu deportar uma fração dos refugiados judeus, 1.800 pessoas, para Drancy.[280] Do ponto de vista alemão, a existência da zona de ocupação italiana tinha dificultado a perseguição aos judeus em toda a França.[281] Agora que os italianos estavam fora do jogo, as medidas podiam ser radicalizadas em toda a França. A partir de então, todos os judeus que lá viviam deveriam ser deportados para o leste, independentemente da nacionalidade.

A Gestapo, já em agosto de 1943, começara a prender cada vez mais judeus franceses em todo o território francês.[282] A partir de dezembro de 1943, ela recebeu o apoio da polícia francesa na província; afinal, fora em grande parte por influência de Himmler que o chefe de polícia Darnard substituiu Bousquet como secretário-geral da polícia.[283] Mas só depois de concluída a reorganização geral do governo de Vichy, em março de 1944,[284] é que o lado alemão pôde

definitivamente deixar de levar em conta quaisquer escrúpulos que os franceses ainda pudessem ter em relação às deportações: de todo modo, o novo governo era tão malquisto pela população que o país só podia ainda ser controlado mediante o emprego de um regime de terror.

Em 14 de abril de 1944, Brunner e Knochen, o comandante da polícia de segurança na França, determinaram que todos os judeus, independentemente da nacionalidade, deveriam ser presos. Nos quatro meses até a queda de Vichy em agosto de 1944, foram ainda deportadas mais de 6 mil pessoas.[285] Ao todo, a força de ocupação havia deportado quase 76 mil judeus da França para os campos de extermínio e assassinado outros 4 mil de outras formas. Os homens da SS de Himmler haviam assassinado um judeu em cada quatro que viviam no país; entre eles, aproximadamente 24 mil cidadãos franceses.[286]

Conforme já mencionado, em outubro de 1943, o RSHA queria deportar também a pequena minoria de judeus da Dinamarca. Werner Best, o antigo chefe administrativo da Gestapo, empossado como representante plenipotenciário do Reich em novembro de 1942, sugerira a "ação" para que se registrasse uma mudança de curso na política de ocupação alemã, que até então fora relativamente reservada. Mas como temia fracassar em virtude de falta de pessoal na própria força policial, permitiu que a data do início da deportação "vazasse". Por essa razão, a grande maioria dos 7 mil judeus que viviam na Dinamarca conseguiu fugir.[287]

Os judeus húngaros tiveram menos sorte. No decorrer do ano de 1943, o regime nazista exerceu crescente pressão sobre o governo húngaro a fim de motivá-lo a deportar os judeus que viviam no país.[288] Quando se tornou cada vez mais claro que o governo Kállay não estava disposto a entregar os judeus húngaros para o lado alemão,[289] esse se preparou para "resolver" a Questão Judaica na Hungria por sua própria conta.

No início de 1944, a relação entre os dois países era bastante azeda. Evidentemente que a Hungria também queria desmanchar a aliança com a Alemanha. Em março de 1944, tropas alemãs ocuparam o país; o primeiro-ministro Kállay foi substituído pelo chefe da missão húngara em Berlim, Döme Sztójay; o SS-Brigadeführer Edmund Veesenmayer foi nomeado por Hitler como novo enviado e representante plenipotenciário do grande Reich alemão na Hungria, e Himmler mandou instalar ali um aparato da SS. Estavam criadas,

assim, as condições políticas e técnicas para realizar as deportações.[290]

A pretexto de "aproveitamento no trabalho", a SS começou a preparar a deportação total e o extermínio da população judaica húngara. Por determinação de Veesenmayer, já em abril o governo Sztójay tinha 50 mil judeus para oferecer ao Reich a título de mão de obra para projetos bélicos; conforme a promessa húngara, outros 50 mil ainda seguiriam.[291]

O sistema de concentração e deportação aplicado e aperfeiçoado pelo aparato de perseguição de Himmler havia anos seria instalado de forma aperfeiçoada e surtiria pleno efeito na Hungria, com o apoio ativo de suas autoridades. O lado alemão determinou que o governo húngaro, em março e abril, implantasse uma abrangente legislação antissemita.[292] Por ordem do Sonderkommando do RSHA enviado a Budapeste, cuja chefia Eichmann assumiu pessoalmente, foi criado um conselho judeu — de início para a capital, depois para todo o país.[293] O país foi dividido em zonas e realmente levou apenas poucos dias para que os judeus fossem evacuados de todas elas e deportados para Auschwitz em grupos fechados, zona a zona.[294]

Os primeiros trens foram postos a caminho no fim de abril. No início de maio, o ritmo das deportações foi consideravelmente acelerado: a partir de 14 de maio, por via de regra, todos os dias quatro comboios com 3 mil judeus cada deixavam o país. Até o início de julho 437 mil pessoas foram deportadas das cinco zonas. Quando, no início de julho, iniciava-se a deportação da última zona, Budapeste,[295] Sztójay Veesenmayer informou que, diante dos protestos em todo o mundo,[296] o *Reichsverweser* (regente do Reich) Miklós Horthy decretara a suspensão das deportações.[297] De início, Himmler ficou impotente diante da decisão: se tivesse insistido na retomada imediata das deportações, teria arriscado perder mais um aliado. A chance de avançar com as deportações da Hungria só surgiria com a mudança das relações da política interna.

Diante do pano de fundo das deportações em curso, Himmler, no contexto de um "treinamento político-ideológico" de alguns meses, agora falava abertamente sobre o assassinato dos judeus europeus, também diante de generais da Wehrmacht, e admitia abertamente o genocídio: em uma série de palestras o Reichsführer queria deixar claro aos altos oficiais, em cujo círculo havia anos se trocavam informações e circulavam boatos sobre o holocausto, que em caso de uma derrota militar eles não poderiam alegar ignorância sobre o fato de que o

assassinato dos judeus europeus fazia parte das metas de guerra do regime.

"A Questão Judaica foi resolvida na Alemanha e de modo geral nos países por ela ocupados", declarou Himmler aos militares em 5 de maio. "Foi resolvida conforme a luta vital do nosso povo, que envolve a existência do nosso sangue, sem fazer concessões [...]. Os senhores certamente podem imaginar o quanto foi difícil para mim cumprir essa ordem soldadesca, à qual obedeci e que executei por obediência e plena convicção". Novamente Himmler mencionou o assassinato de mulheres e crianças: "Nesse conflito com a Ásia temos de nos acostumar a relegar ao esquecimento as regras do jogo e os costumes de antigas guerras europeias, que nos são muito mais próximas e que respeitamos. Porque, em minha opinião, não temos o direito, também na qualidade de alemães, por mais profundas que sejam as emoções que brotam em nossos corações, de permitir que os vingadores cheios de ódio cresçam e que deixemos nossos filhos e netos se confrontarem com eles, porque nós, seus pais e avós, fomos fracos e covardes demais e deixamos esse problema para eles".[298]

Poucas semanas mais tarde, em 24 de maio de 1944, informou aos generais que "a Questão Judaica foi [...] segundo as ordens e o discernimento racional resolvida de modo inclemente. Acredito que os senhores me conhecem o bastante para saber que não sou uma pessoa violenta, e que não sou um homem que vê prazer ou diversão em qualquer atitude bruta. Por outro lado, tenho nervos bons o bastante e um senso de responsabilidade tão grande — isso eu posso declarar a meu respeito —, que, quando percebo que algo é necessário, faço-o sem concessões. Não me senti no direito — e isso se refere às crianças e mulheres judias — de permitir que nas crianças cresçam os vingadores que matariam nossos filhos e nossos netos. Isso seria covardia. De sorte que a questão foi resolvida de maneira inflexível".[299]

Em 21 de junho, ainda em outro discurso, enfatizou que "foi a tarefa mais terrível e a missão mais terrível de que uma organização poderia ser incumbida: a missão de resolver a Questão Judaica". "Também nesse círculo posso dizê-lo abertamente em algumas palavras. É bom que tivéssemos tido a firmeza de exterminar os judeus ao nosso setor."[300] Não daria para dizer isso de modo mais drástico. Os militares estavam informados, disso ele se encarregara.

35 Serviço obrigatório ao Reich durante seis meses, que desde 1935 ocupava homens entre 18 e 25 anos na lavoura, na construção de estradas etc. O soldo, apenas ligeiramente acima do salário-desemprego, deixava

claro que se tratava fundamentalmente de “serviço em honra da pátria”, segundo o mote oficial. A partir do início da guerra, a obrigatoriedade também se estendeu às moças. A instituição foi um componente importante da economia e do sistema de educação da Alemanha nazista. (N. das T.)

36 Exército de libertação popular ou, mais precisamente, partisans iugoslavos. (N. das T.)

## Colapso

O fracassado atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944 pavimentou o caminho a Himmler para que ele reunisse uma plenitude de poder que até então não alcançara. Uma última vez ele conseguiria redefinir o próprio papel e o da SS dentro do Estado nazista: como fiador da segurança interna, que personificava todo o poder executivo.[1]

Novamente Hitler lhe facultou isso mediante autorizações específicas que lhe foram concedidas nas semanas e meses seguintes ao dia 20 de julho. A reputação de Himmler continuava sólida apesar do fato de ele não ter descoberto os preparativos largamente ramificados para o golpe de Estado nem evitado o atentado contra o Führer. Evidentemente, as diversas deliberações e atividades da oposição, sobretudo a conservadora, e da resistência não permaneceram totalmente desconhecidas da Gestapo e nos meses anteriores ela já decretara prisões nesses círculos.[2] Mas, em julho de 1944, os facínoras de Himmler estavam bem longe de descobrir o verdadeiro golpe de Estado que se armava.[3]

Em 21 de julho, em um pronunciamento perante oficiais, seu tom quanto ao estágio das investigações relacionadas ao atentado era tanto prepotente quanto vago. “Como nacional-socialista veterano [...] já esperava por um movimento nesses círculos — vamos falar honestamente e em bom alemão — havia muito tempo. E como Reichsführer-SS, que tenho todas as fontes de informação e também um senso para desenvolvimentos políticos, havia muito tempo eu podia [sic!] esperar por uma ação proveniente daquelas parcelas da escala política a que chamamos reação. Sabia que em algum momento isso aconteceria.”[4]

Em 3 de agosto de 1944, diante dos *Reichsleiter* e *Gauleiter*, ele se expressou do mesmo modo indefinido: “Há muito tempo já estávamos, digamos, no encalço [...] de todas essas conspirações reacionárias.” Nesse contexto, mencionou entre outros Johannes Popitz, Franz Halder e Erich Fellgiebel como já sendo suspeitos antes de 20 de julho; ele se referiu do modo mais depreciativo aos conspiradores que, nesse meio-tempo, foram desmascarados. No entanto, evitou qualquer declaração sobre o quanto de fato sabia em relação aos preparativos concretos para o golpe.[5]

Depois de 20 de julho, Himmler se tornou extremamente ativo, a fim de compensar posteriormente a sua falha. Ainda na noite do dia 20 para 21 de julho, Otto Skorzeny, festejado pela propaganda como o libertador de Mussolini,

avançou com sua companhia da SS para o Bendler-Block a fim de ocupar o prédio em que estavam o comando do Exército de Reserva e a central de comando dos conspiradores, além de dar início ao interrogatório dos oficiais que lá estavam ou haviam sido convocados.[6]

Em 21 de julho, foi formada a Comissão Especial 20 de julho na central da Gestapo, no Amt IV do RSHA, composta por 11 grupos possivelmente com até quatrocentos homens. Durante os dias seguintes, a comissão efetuou entre seiscentas e setecentas prisões e conseguiu esclarecer com relativa rapidez e de modo abrangente a sequência dos eventos e a tentativa de golpe de Estado — o chefe do RSHA, Kaltenbrunner, informava Bormann diariamente sobre o andamento das investigações —, mesmo assim, a real extensão da conspiração ficou oculta para a Gestapo.[7]

Em 30 de julho, Himmler acertou com Hitler a sequência do procedimento contra os autores do atentado. Himmler anotou: "1º processo legal. 2º família Stauffenberg. 3º membros da família Seydlitz."[8] Essas anotações significavam, além da planejada condenação dos conspiradores e seus colaboradores pelo Tribunal do Povo a imposição da ordem de prisão coletiva contra a família do autor do atentado Claus Schenk Graf von Stauffenberg, bem como contra os familiares dos generais Walther von Seydlitz, que presidia a Liga dos Oficiais Alemães, fundada por prisioneiros de guerra alemães na União Soviética.[9]

Em julho e agosto, além das famílias Stauffenberg e Seydlitz, a Gestapo prendeu mais de 140 pessoas em caráter de prisão coletiva.[10] Em 25 de outubro, Kaltenbrunner comunicou a Bormann que Himmler recusara "propor premissas especiais para a questão das ordens de prisão coletivas. Será mantida a prisão de toda a família do conde Stauffenberg. Os demais casos serão avaliados individualmente".[11] Em 21 de novembro, Müller anunciou um procedimento para a prisão coletiva: Himmler queria decidir pessoalmente sobre a imposição dessa forma de prisão,[12] e o regime a praticaria até o fim da guerra: em abril de 1945, duzentas pessoas ainda se encontravam no campo de concentração de Dachau, para onde os prisioneiros dessa modalidade acabaram sendo enviados.

Himmler também se valeu da tentativa de golpe para efetuar uma nova onda de prisões em massa. Hitler lhe dera a autorização em 14 de agosto de 1944, conforme anotou no diário: "prisão dos chefões do SPD e KPD". Ao lado, ele anotou: "Thälmann deve ser executado." De fato, o antigo líder do KPD, preso

em campo de concentração desde 1933, foi assassinado quatro dias mais tarde.[13]

A prisão dos “chefões” levou ao encarceramento de todos os antigos deputados federais, estaduais e vereadores dos partidos KPD e SPD. Nessa Operação Trovão, esclareceu o chefe da Gestapo, Müller, às diversas repartições do órgão em 17 de agosto, “não interessa [...] se no momento existem provas contra eles ou não”. Também os “antigos secretários do partido e do sindicato do SPD” deveriam ser incluídos na ação, a ser deslanchada nas primeiras horas da manhã de 22 de agosto. No dia anterior, e novamente por conta de Himmler, Müller determinou que também os antigos deputados de centro fossem presos, entre eles o ex-prefeito de Köln, Konrad Adenauer. Essas medidas afetavam muito mais de 5 mil pessoas. A maioria, no entanto, foi libertada depois de duas a quatro semanas. O sentido óbvio de toda a operação era a intimidação de oposicionistas reais ou potenciais.[14]

Naturalmente a Gestapo se certificou de que os inimigos de destaque ou os que, de seu ponto de vista, representavam um perigo à ditadura não sobrevivessem ao final da guerra. Hans von Dohnanyi; o antigo chefe da Abwehr, Wilhelm Canaris e seu adjunto, Hans Oster; o juiz do Exército, Karl Sack; o teólogo Dietrich Bonhoeffer e o responsável pelo atentado a Hitler, Georg Elser, foram assassinados ainda em abril de 1945.[15]

## Himmler assume o Exército de Reserva

A campanha de vingança contra os conspiradores de 20 de julho e todos os demais opositores foi só uma das consequências do fracassado golpe de Estado. Ainda no dia do atentado, Hitler nomeou Himmler chefe do Exército de Reserva e, assim, sucessor do general Friedrich Fromm, o superior imediato de Stauffenberg, que sabia da conspiração. Com isso, Himmler se apoderava de um dos postos mais importantes na Wehrmacht: à sua área de competências pertenciam, entre outros, o armamento do Exército, os processos penais em toda a força armada, os campos de prisioneiros de guerra, a substituição do pessoal e o treinamento, ou seja, todas as academias do Exército. Não era pouco, afinal, no verão de 1944, o Exército de Reserva dispunha de quase 2 milhões de homens.

Embora a nomeação estivesse ligada diretamente ao atentado, com a intenção de desonrar e punir os militares, de cujas fileiras se originaram os conspiradores, ela não veio totalmente de surpresa. Cinco dias antes do golpe, em 15 de julho,

Himmler interferira decisivamente na esfera de poder de Fromm, o que deve ter contribuído para que este se convencesse definitivamente da inevitabilidade do golpe de Estado se não quisesse entregar o Exército, no curto ou longo prazo, para a SS.

Em 15 de julho, Hitler transferiu para Himmler a responsabilidade em relação à "formação, à orientação naciona-socialista, à imposição do código penal disciplinar e aos tribunais de justiça" de 15 novas divisões que haviam sido planejadas para o Exército — uma intervenção grave do Reichsführer-SS na esfera do Exército que deixava pressupor que Himmler, futuramente, delegaria a formação de novas corporações totalmente à Waffen-SS. Essa ampliação em sua área de atuação e as perspectivas dali resultantes eram de significado estratégico decisivo para ele, pois permitia superar a carência de pessoal que ameaçava afetar a Waffen-SS em 1944, uma vez que a cota de recrutamento que a Wehrmacht lhe destinava já não era suficiente para cobrir as substituições necessárias em suas fileiras. E vale observar outra coisa: havia uma ligação sutil entre a incumbência de Himmler de formar novas divisões para o Exército, dando-lhes uma "orientação" nacional-socialista, e suas declarações de maio e junho ante o generalato, nas quais professava abertamente o genocídio dos judeus. Dessa forma, deixara-se inequivocamente claro ao Exército que ele se tornara um instrumento político-ideológico das metas do regime e que era corresponsável pelas consequências criminosas dessa política.

Na tarde do mesmo dia 15 de julho, Himmler falou com Fromm, que fora informado por Hitler sobre o novo regulamento somente poucas horas antes, no quartel-general do Führer. Fromm, que havia sido atropelado pelos acontecimentos, subordinou-lhe durante essa reunião, entre outros, as novas divisões em termos de "serviço de tropa", permitiu que ele opinasse no preenchimento dos cargos de oficiais e concordou em que as divisões planejadas — que após o dia 20 de julho receberiam o nome marcial de Divisão Nacional de Granadeiros — fossem subordinadas a três novos Comandos Gerais SS a serem criados, que, aliás, só poderiam ser instituídos mediante o forte apoio do Exército.[16]

Portanto, os limites entre o Exército e a Waffen-SS já eram praticamente imperceptíveis quando Himmler, ao assumir o comando do Exército de Reserva, em 20 de julho, ficou responsável também por uma parte substancial da

Wehrmacht. Assim, após sua nomeação a ministro do Interior do Reich no ano anterior, Himmler passou a reunir em sua pessoa o monopólio da violência em todo o território do Reich — uma reedição da velha ideia do Corpo de Segurança do Estado, mas agora sob condições de guerra e em dimensões nada menos que gigantescas.

Se considerarmos sua nomeação no contexto de uma série de outras importantes transferências de competências, fica claro, além disso, que o fracassado atentado contribuiu para que um grupo de políticos líderes do nazismo conseguisse se impor agora: havia tempo que estes reivindicavam medidas para a introdução da "guerra total", faziam acordos entre si e tentavam pressionar Hitler a tomar medidas nesse sentido. Como já mencionamos, além de Goebbels, Bormann e Speer, também Himmler fazia parte desse grupo. Em 25 de julho, Hitler nomeou Goebbels para representante plenipotenciário do Reich. Na mobilização para a guerra total, com ampla autoridade,[17] autorizou Bormann a tomar todas as medidas cabíveis para "deslanchar a mobilização total para a guerra" dentro do partido e de suas subdivisões. Bormann usaria essa competência entre outras coisas para expandir ainda mais o monopólio da violência de Himmler. Por meio de um decreto do Führer de 20 de setembro de 1944, determinou-se que, em caso de avanço de forças inimigas no território do Reich, o poder executivo operacional dos comandantes militares seria suspenso e transferido para os chamados comissários de defesa do Reich (os *Gauleiter*). Assim, a "orientação unificada para todo o Reich" das medidas a serem tomadas pelos comissários de defesa do Reich no âmbito operacional caberia a Himmler.[18] De fato, na última fase da guerra, o Bando dos Quatro (*Viererbande*), Goebbels, Bormann, Himmler e Speer, detinha uma parte considerável do aparato nazista de poder, e tomava todo o cuidado para jamais questionar a posição de liderança de Hitler ou contrariar abertamente o oficialmente segundo homem do estado, Göring. O bando se movimentava exclusivamente em um campo de ação bem demarcado por Hitler e não empreendeu nenhuma tentativa séria para ultrapassar essa linha demarcatória. Nenhum dos quatro, por exemplo, tentou convencer os demais de que o fim da guerra só seria possível sem Hitler — a ligação em termos de poder político e de relacionamento pessoal dos quatro em relação ao Führer mostrou ser muito forte. E, assim, o poderoso Bando dos Quatro rumou inescapavelmente para a derrota total.

Ainda na noite de 20 para 21 de julho, Himmler emitiu as primeiras ordens em sua nova condição de comandante do Exército de Reserva. Ele revogou as ordens dadas em nome de Fromm no dia anterior e começou a reocupar as posições de destaque de sua nova área de competência com chefes da SS de sua inteira confiança. Para seu suplente e chefe do Estado-maior escolheu, em 21 de julho, o chefe do quartel-general de operações da SS, Hans Jüttner.[19]

Alguns dias após sua nomeação, ele revelou a sua compreensão quanto ao que envolvia o seu cargo quando escreveu a Fegelein, o seu oficial de ligação no quartel-general de Hitler, que comandos de captura [...] integrados pelos comandantes mais brutais [...]" deveriam "executar impiedosamente quem quer que abrisse a boca".[20] Em 21 de julho, proferiu o primeiro discurso diante dos oficiais do Departamento de Equipagem do Exército e do Departamento Geral do Exército. Declarou que o atentado provocara "profundo pesar em nós, soldados", embora ele de forma alguma pudesse estar seguro do pesar dos presentes. Como antídoto contra o espírito da revolta, ele recomendou o retorno às "verdadeiras antigas virtudes de soldado" e, para ilustrar, apresentou o catálogo familiar em que os membros da SS se baseavam havia anos para prestarem o seu juramento. No entanto, às conhecidas virtudes de lealdade, obediência, camaradagem, diligência e honestidade, ele adicionou mais uma: a crença. "Mas toda a sua educação, escolha e formação", tentou inculcar nos oficiais, "foi inútil, se não está baseada na crença inabalável no direito alemão e na vitória alemã. Eu baseio essa crença no valor da nossa fé germânica e da nossa raça. Estou convicto de que somos mais valiosos do que os outros."[21]

Nos dias que se seguiram, proferiu discursos diante de oficiais de divisões do Exército também embasados no catálogo de virtudes, em que evidentemente não podia faltar a "decência". Mas a um ouvinte atento deveria chamar a atenção que a "crença" que Himmler invocava nesses discursos só servia para encobrir que ele não tinha o que contrapor à situação cada vez mais desesperançada do Terceiro Reich.[22]

Perante os *Reichsleiter* e *Gauleiter*, em 3 de agosto de 1944, Himmler se mostrou bem diferente. Aqui não tinha nada de "pesar" comum. Em vez disso, Himmler acertou contas com os militares, "esse grupinho". Todos os desenvolvimentos equivocados, as crises e derrotas do Exército alemão desde o final da Primeira Guerra Mundial seriam devidos a uma conspiração de Estados-

maiores reacionários e incapazes; por meio “desses Estados-maiores, nos anos de 1941, 1942 e 1943 cada vez mais o derrotismo, de cima para baixo”, teria sido levado para dentro do Exército.[23]

No início de agosto, Hitler autorizou Himmler, “a fim de economizar pessoal, a examinar e simplificar toda a estrutura organizacional e administrativa do Exército, da Waffen-SS, da polícia e da OT [Organização Todt, o conglomerado de construção da Wehrmacht; P.L.]”. Com isso, foram sancionadas intervenções na organização de todo o Exército.[24] Himmler delegou a tarefa ao chefe do Departamento Central de Economia e Administração, Pohl, que por sua vez descobriu que já existia um encarregado especial para a unificação da organização da Wehrmacht na pessoa do general Heinz Ziegler, nomeado por Hitler poucos meses antes. Em vista disso, Pohl achava que era melhor agir com cautela, mas Himmler avisou que para ele “não interessava” se o “senhor general Ziegler ainda está lá ou não”.[25] Dois meses depois, proibiu categoricamente Pohl de “fazer qualquer concessão, por mínima que seja”, ao alto-comando da Wehrmacht”.[26]

A nova atribuição rapidamente trouxe as primeiras consequências: em novembro de 1944, Himmler ordenou a fusão dos postos de recrutamento de candidatos a oficiais do Exército e da Waffen-SS, e incorporou-os à administração da SS. A Waffen-SS recebeu uma cota de 17,3% dos recrutas do ano de 1944, que se apresentaram para o exame, e por fim, o OKW passou o direito ao Departamento Central da SS de remover 20% dos voluntários de guerra em 1927 e 1928. Além disso, tornou-se comum transferir soldados da Wehrmacht para as unidades da SS, para preenchê-las.[27] Gottlob Berger, o chefe do Departamento Central da SS queria, além disso, que a gestão de todo o pessoal empregado tanto na área militar quanto na civil fosse unificada.[28] Mas não houve mais tempo para isso.

Como comandante do Exército de Reserva, Himmler também era responsável pela administração dos campos de prisioneiros de guerra da Wehrmacht, encargo que ele delegou a Berger.[29] Agora que os prisioneiros de guerra soviéticos se encontravam sob a sua jurisdição, o Reichsführer-SS foi novamente confrontado com um projeto que até ali sempre recusara veementemente: o recrutamento de prisioneiros de guerra soviéticos como tropa de apoio fechada da Wehrmacht. Ainda durante seu discurso em Posen, em 6 de outubro do ano anterior, chamara

o general Vlasov, o importante defensor dessa ideia do lado russo, de “porco russo”.[30] No entanto, em julho de 1944, após a mediação de Gunter d’Alquen, o redator-chefe do *Schwarze Korps* e comandante da Standarte SS para relatórios de guerra, Himmler decidiu entrar em contato com Vlasov. Ainda no mesmo mês, após um primeiro contato com o general, Berger instituiu um “centro de controle russo”, cujo chefe atuava como oficial de ligação de Himmler junto a Vlasov.[31]

Em 16 de setembro de 1944, Himmler recebeu o general russo para uma conversa pessoal.[32] Logo de início, Vlasov quis saber sobre a teoria de Himmler sobre os sub-humanos; Himmler se esquivou e logo se mostrou disposto a recolher o livro *Os sub-humanos*, distribuído por ele. (De fato, logo em seguida emitiu uma ordem interna mandando suspender imediatamente toda a propaganda sobre o tema). Himmler e Vlasov acordaram a criação de um “Comitê para a Libertação dos Povos da Rússia” e Himmler convidou Erhard Kroeger, o antigo dirigente da Volksgruppe alemã na Letônia, que chefiara um Einsatzkommando em 1941, para assumir a direção política da Operação Vlasov e Gunter d’Alquen para se encarregar da condução psicológica da guerra. Depois, deixou-se fotografar com o general russo.

Vlasov, apoiado em suas atividades por Von Ribbentrop e Goebbels, em 14 de novembro de 1944, no *Manifesto de Praga*, conclamou o povo para a libertação de sua pátria.[33] Enquanto isso, Himmler, com astúcia, determinou que as tropas de Vlasov — diferentemente, por exemplo, das associações de voluntários da SS da Galícia ou da Ucrânia — fossem formadas no contexto da Wehrmacht; ele não havia mudado a postura a ponto de integrá-las à Waffen-SS. Em abril de 1945, Vlasov, que em 28 de janeiro de 1945 fora nomeado oficialmente comandante em chefe das Forças Armadas russas, dispunha de mais de 45 mil homens. Para o curso da guerra esse fato não teve mais nenhuma relevância.[34]

O fato de Himmler também passar a controlar o sistema penal da Wehrmacht[35] resultou em uma rápida brutalização da Justiça Militar. O novo chefe do Exército de Reserva determinou: “o sistema penal será colocado, sem exceção, diretamente a serviço da guerra”.[36] A justiça da Wehrmacht entendeu o aviso: só entre janeiro e maio de 1945, possivelmente foram decretadas 4 mil penas de morte; as cortes marciais decretaram de 6 a 7 mil.[37]

De resto, nos meses seguintes Himmler cuidou para que a área de armamento

do Exército fosse fundida com a SS, tanto na parte de pessoal quanto na institucional. Com isso, parecia que finalmente o projeto de foguetes A4 cairia em suas mãos. Em 6 de agosto de 1944, delegou todos os poderes ao chefe da Amtsgruppe C no WVHA, Kammler, para "acelerar ao máximo" a entrada em operação do A4.[38] Kammler obedeceu,[39] e em 6 de setembro Londres foi atacada com o míssil A4 (ou V2, como também era chamado). Ao todo seriam disparados mais de 3 mil V2; mais da metade atingiu a capital britânica.[40]

Himmler estava convencido de que as armas "V", *Vergeltungswaffen* (armas de retaliação), forçariam a virada da guerra. No final de julho, em um pronunciamento diante do corpo de oficiais de uma das novas divisões de granadeiros, declarara: "Sei que ainda precisamos passar por crises e apertos. Mas não devemos esquecer: o V1 e as V2, V3 e V4 que seguirão não são blefes [...]." Ele teria recebido notícias de Londres dando conta de que os ataques à capital inglesa pelo V1 (a bomba-aérea desenvolvida pela Luftwaffe), que já duravam algumas semanas, haviam feito 120 mil vítimas até ali, o que, segundo ele, estava totalmente de acordo com "a quantidade de V1 que mandamos para lá, sobre a qual estou muito bem informado. Porque sabemos mais ou menos qual é o efeito, e por isso conseguimos avaliar o número de mortos".[41] Como Himmler conseguia calcular o efeito de uma arma cujo impacto no sul da Inglaterra o lado alemão não conseguia acompanhar permanecerá sendo um segredo só de Himmler. Em todo caso, os números de Himmler superaram a quantidade real de vítimas em quase cinquenta vezes.[42]

Mas a ânsia de Himmler de se estender para todos os lados na nova função também ocasionou resistência. Em 23 de agosto, por exemplo, Hitler reagiu negativamente à sugestão de Goebbels de subordinar também os postos de recrutamento regionais da Wehrmacht a Himmler, no contexto das medidas de engajamento total para a guerra: "Mas o Führer teme que Himmler esteja tão sobrecarregado de trabalho que ele se exceda e aconteça a mesma tragédia que já aconteceu uma vez com Göring. Ele também tinha tantos órgãos subordinados a si que acabou perdendo o controle sobre eles." O que deveria ocorrer era "uma concentração de seu trabalho". Himmler, continuou Goebbels, "tentou novamente assumir o controle de todo o programa A4, o que o Führer recusou categoricamente. Para isso, Himmler teria de instalar um aparato novo, sem ter a possibilidade de desinstalar o aparato já existente. Portanto, as coisas ficarão

como estão.”[43]

Em janeiro de 1945, Himmler foi obrigado a renunciar não só ao programa A4, mas a tudo que envolvia o armamento do Exército, que lhe foi subordinado como comandante do Exército de Reserva. Com isso, a arma maravilhosa totalmente superestimada por ele lhe fora tirada em definitivo.[44]

**Até o fim: terror e assassinato em massa**

Quanto mais o Terceiro Reich se aproximava de afundar, tanto mais Himmler intensificava o terror nos territórios ocupados. Em 30 de julho de 1944, por meio de uma ordem secreta, Hitler proibiu toda e qualquer corte marcial envolvendo cidadãos locais nos territórios ocupados. Em vez disso, “terroristas e sabotadores” pegos em flagrante deveriam “ser executados no local”, e quem fosse capturado depois deveria ser entregue à Sipo ou ao SD.[45] Dessa maneira, os facínoras de Himmler podiam agir livremente contra os grupos de resistência, isto é, estavam autorizados a pronunciar “sentenças de morte administrativas”. Assim, por exemplo, na Noruega ocupada, foram executadas no mínimo 68 pessoas por ordem da polícia de segurança de Oslo, sem um processo judicial.[46]

Em agosto de 1944, o comandante da polícia de segurança nos Países Baixos, Eberhard Schöngarth, mandou fuzilar algumas centenas de presos políticos no campo de concentração de Vught, também sem qualquer sentença.[47] Após um atentado contra Rauter, em março de 1945, do qual o HSSPF saiu seriamente ferido, Schöngarth ordenou a execução de 250 pessoas.[48]

Na Dinamarca, as atividades dos tribunais policiais de campanha também foram suspensas, e a Sipo e o SD então passaram a se dedicar ao contraterror. Somente em agosto, 11 foram fuzilados “quando tentavam fugir”.[49] Em setembro de 1944, Himmler ordenou a prisão de toda a polícia dinamarquesa, supondo que ela apoiava a resistência e deveria ser integralmente deportada para Buchenwald. Mais de 2 mil policiais dinamarqueses foram presos em uma ação chefiada pelo HSSPF Pancke e deportados para aquele campo de concentração.[50]

Parece que a destruição de grande parte de Varsóvia, no contexto da supressão do levante do movimento de resistência polonês em agosto e setembro de 1944, provavelmente também foi responsabilidade de Himmler. Em um discurso em 21 de setembro de 1944 diante dos comandantes dos distritos militares e de escolas de treinamento, ele se vangloriou de ter dado a ordem para que “Varsóvia seja

totalmente destruída". "Que cada quarteirão de casas seja explodido e completamente queimado", constaria de sua respectiva ordem.[51]

Mas o terror afetou principalmente as minorias judaicas, que até então haviam conseguido se esquivar do programa de deportação.

Como o governo da Eslováquia se mostrava cada vez mais hesitante em relação à deportação dos judeus eslovacos no verão de 1942, após o início do levante civil local e da ocupação do país por tropas alemãs, Himmler, em agosto de 1944, tomou medidas para que a perseguição sangrenta fosse retomada. Ele apontou o seu chefe do Departamento Central, Gottlob Berger — que até então se destacara como "assassino de escrivaninha" —, como comandante das tropas alemãs na Eslováquia; nomeou Hermann Höfle, que desempenhara papel importante na Operação Reinhardt, como HSSPF; e convocou um comandante da polícia de segurança para a região, que formalmente constava como aliada, e não como ocupada. O HSSPF tinha à disposição uma Einsatzgruppe própria, que começou uma caçada desenfreada aos judeus residentes na Eslováquia. A SS conseguiu aprovar a retomada das deportações, apesar da oposição do governo eslovaco. Entre setembro de 1944 e março de 1945, 11 comboios foram colocados a caminho de Auschwitz (8 mil pessoas), Sachsenhausen (mais de 2.700) e Theresienstadt (mais de 1.600).[52]

Como vimos antes, em julho de 1944, o governo húngaro determinara a suspensão das deportações. Depois de Eichmann ter mandado, por conta própria, deportar mais de 2.700 judeus para Auschwitz na segunda metade de julho,[53] no final de agosto o governo húngaro, sob forte pressão da Alemanha, finalmente concordou com a retomada das deportações.[54] Logo em seguida — sob o efeito da saída da Romênia da aliança do Eixo —, em 23 de agosto, Horthy tornou a revogar a confirmação[55] e em 29 de agosto instruiu expressamente o recém-formado governo húngaro do primeiro-ministro Géza Lakatos a suspender a perseguição aos judeus.

Surpreendentemente, no entanto, o próprio Himmler, em 24 de agosto, já dera a ordem de suspender imediatamente as deportações.[56] O Sonderkommando Eichmann se retirou do país em setembro.[57] À primeira vista, a decisão de Himmler, diante dos obstinados esforços alemães dos meses anteriores, de retomar as deportações com a ajuda dos húngaros, parece incompreensível.[58] Mas se considerarmos que, do ponto de vista do regime nazista, as deportações

representavam um importante fator de pressão para ligar os aliados húngaros para o melhor ou o para o pior ao Reich, como cúmplices de um crime sem precedentes, então se pode entender essa mudança de atitude de Himmler: se tivesse insistido na retomada das deportações nessa situação, poderia ter gerado uma séria crise política, causado o final do regime Horthy e, com isso, possivelmente, perdido o aliado húngaro. E o lado alemão ainda não dispunha de uma alternativa política.

Em meados de outubro a situação mudou. Horthy havia declarado a saída da Hungria da guerra, como resultado de negociações secretas com a União Soviética, e o partido Pfeilkreuzler, comandado por Ferenc Szálasi, realizou um golpe de Estado bem-sucedido, com apoio alemão.[59] Novamente a SS tentou retomar as deportações a fim de estabelecer também a cumplicidade irreversível de seu novo parceiro húngaro com o grande Reich alemão em relação ao assassinato em massa.

No entanto, a planejada deportação dos judeus de Budapeste para Auschwitz já não podia ser cogitada. As condições de transporte eram ruins e, além disso, as câmaras de gás em Birkenau já haviam sido desmontadas: os vestígios do processo de extermínio deveriam ser eliminados totalmente, antes que ocorresse um possível avanço do Exército Vermelho na Alta Silésia.[60] Eichmann, que havia retornado a Budapeste imediatamente após o golpe, retrocedeu à exigência de abril de 1944 de colocar 50 mil trabalhadores judeus à disposição do Reich para trabalharem na operação de transferência subterrânea da produção bélica.[61] A partir do final de outubro, os judeus foram enviados a pé em direção à fronteira húngara.[62] Em razão do grande número de mortos que essas longas marchas (que não ocorreram às escondidas por detrás dos muros dos campos, mas abertamente) provocavam, em 21 de novembro, Szálasi determinou a sua suspensão. Os judeus que haviam ficado em Budapeste foram confinados ao gueto. A maioria conseguiu sobreviver até a capitulação da capital, em fevereiro de 1945.[63]

Desde meados de 1944, Himmler envidou diversas tentativas de oferecer aos Aliados os judeus que estavam sob o seu controle, em troca de moeda estrangeira ou produtos importantes para a guerra, provavelmente para, dessa forma, sondar as possibilidades de se realizarem negociações de paz em

separado com as potências ocidentais. Não é possível saber com certeza se ele ou Hitler realmente estariam dispostos a libertar um grande número de judeus em troca de semelhantes vantagens ou se essas negociações constituíam um mero pretexto para entrar em contato com os Aliados ocidentais. É provável que sua posição de negociação nessa questão desde o início tivesse múltiplas intenções: se os Aliados ocidentais entrassem em semelhantes negociações, se poderia, em primeiro lugar, e indo além das questões "humanitárias", avaliar as chances que existiam para um encerramento político da guerra. Segundo, seria possível aproveitar os contatos para semear a desconfiança entre os Aliados ocidentais e a União Soviética. E, terceiro, seria uma oportunidade de "expor" os Estados Unidos e a Grã-Bretanha como serventes dos interesses judeus e deixar vazar as negociações.

A postura de Himmler, de ver os judeus como reféns, com os quais as potências ocidentais poderiam ser chantageadas, não era nova: essa abordagem ele já sugerira em 1938, antes da chamada Noite de Cristal, e a prisão em massa de judeus durante o pogrom de novembro — simultaneamente às negociações internacionais sobre melhores condições de emigração — correspondia a esse cenário.

A intenção de utilizar os judeus como reféns a fim de evitar o ingresso dos americanos na guerra parece ter influenciado tanto os planejamentos em relação a Madagascar, em 1940, quanto o início da deportação dos judeus alemães, no outono de 1941, e, desde 1942, o alto-comando da SS permitia que diversos judeus importantes emigrassem para os países neutros em troca de alto pagamento em divisas.[64]

Em dezembro de 1942, Himmler solicitara autorização específica a Hitler e determinara, nesse contexto, que aproximadamente 10 mil judeus fossem separados em campos especiais, na condição de "reféns valiosos".[65] Segundo essa ideia, na primavera de 1943, fora fundado o "campo de permanência" de Bergen-Belsen.[66] O conselheiro de Himmler para questões judaicas na Eslováquia, Dieter Wisliceny, em 1942 aceitara um alto valor em dólares por parte dos judeus, mas não ficou claro se a suspensão da deportação da Eslováquia, que de fato ocorreu, esteve diretamente ligada a esse pagamento ou se a SS havia determinado o fim temporário das deportações da Eslováquia porque a política judaica alemã enfrentava a rejeição crescente do governo

eslovaco.[67]

Seja como for: quando Wisliceny foi a Budapeste como colaborador do Sonderkommando Eichmann, representantes do Comitê de Auxílio e Resgate Sionista, Vaada, em Budapeste fizeram contato com ele para negociar a emigração de um grande número de judeus húngaros mediante o pagamento em divisas ou mercadorias. O ponto fundamental da conversa rapidamente se estabeleceu: a SS queria 10 mil caminhões. A título de adiantamento, o lado judeu pagou várias vezes altos valores em dólares. Dois emissários do Vaada viajaram a Istambul para acertar a prevista negociação com Eichmann junto aos Aliados. Se Himmler esperava entrar em contato com os Aliados indiretamente, por meio de representantes judeus, essa esperança foi rapidamente frustrada. Os ingleses mandaram prender os dois representantes do Vaada.[68]

As negociações de Budapeste entre a SS e o Vaada finalmente chegaram a dois acordos concretos: de um lado, no final de junho, 15 mil judeus húngaros foram enviados para a Áustria como trabalhadores forçados, em vez de Auschwitz. Como Eichmann fez questão de assegurar, era para aproveitá-los para outras negociações envolvendo trocas. De jeito nenhum tratava-se de uma concessão da SS; afinal, ela de qualquer modo pretendia usar judeus húngaros como trabalhadores forçados na região de Viena. De outro lado, também no final de junho, acertou-se o envio de 1.684 judeus húngaros, em um trem especial, para o campo de Bergen-Belsen. De lá eles emigraram, em agosto e dezembro, em dois grupos, para a Suíça. A retribuição material foi negociada por Kurt Becher, o chefe da equipe de armamento no HSSPF na Hungria, primeiramente com os representantes do Vaada, e depois, a partir de agosto, também com o representante do Comitê da Junta Judaica Americana de Bem-Estar Social (que ajudou a retirar da Europa judeus ameaçados pelo nazismo) na Suíça, Saly Mayer. Em solo suíço ocorreram outras reuniões até janeiro de 1945, entre representantes da SS e organizações judaicas quanto a possíveis negociações de troca: judeus contra mercadorias ou ouro ou — conforme as instruções de Himmler a Becher no final de 1944 — alemães da Romênia, que estavam isolados atrás do front alemão-soviético. Quando, no final de novembro, um representante do Conselho para Refugiados de Guerra (War Refugee Board) americano participou de um desses encontros em Zurique, Becher entrou pela primeira vez em contato com um órgão do governo americano. Mas se Himmler

esperava que, com isso, faria um avanço em direção a eventuais sondagens de paz, ficou novamente decepcionado: nesse sentido, as conversas foram totalmente infrutíferas.[69]

Em paralelo, o próprio Himmler negociou a libertação de judeus com o ex-presidente da Confederação Suíça, Jean-Marie Musy, em outubro de 1944 em Viena e em janeiro de 1945 em Wildbad, na Floresta Negra. Como resultado das negociações, 1.200 pessoas puderam deixar Theresienstadt em fevereiro e emigraram para a Suíça.[70] No final da guerra, Himmler voltaria a aderir a esses projetos de troca, ao fazer uma última tentativa de entrar em contato com os Aliados.

Ele estava, portanto, totalmente disposto a entregar também grupos menores de prisioneiros judeus se isso lhe trouxesse alguma contrapartida concreta e possivelmente o levasse a estabelecer alguma ligação política interessante com o lado inimigo. Tudo indica que também se dispunha seriamente a negociar a libertação de grupos maiores de judeus, caso isso garantisse a continuação da existência do Terceiro Reich. Himmler estava muito mais interessado em considerações práticas do que em defender a máxima de arrastar o maior número possível de "inimigos" junto com a sua própria destruição. Em vez disso, as vidas de pessoas eram colocadas friamente à disposição: se a troca prometesse vantagens, estava tão disposto a dar esse passo quanto a promover um assassinato em massa. O que não está claro é até que data e em que nível de detalhamento Himmler informava Hitler sobre essas negociações depois de fins de 1942, quando ainda agia em estreita concordância com o Führer nos casos de troca de prisioneiros judeus. Embora Himmler afirmasse que Hitler só soube do acordo da libertação dos 1.684 e dos 1.200 judeus após o fato consumado, e que teria ficado extremamente irritado, isso pode ter sido um truque para usufruir de uma posição mais vantajosa em relação aos seus parceiros de negociação.[71]

A ideia de Himmler entabular negociações com os Aliados quanto à troca de prisioneiros judeus partia, no entanto, da premissa de que ele mantivesse o controle sobre os prisioneiros até o último momento possível. Por essa razão — e também porque, do ponto de vista da SS, os prisioneiros trabalhadores constituíam capital valioso, além de não desejarem deixar para o inimigo testemunhas dos horrores nos campos de concentração — Himmler ordenou a desocupação e a "evacuação" dos campos. Já em 17 de junho de 1944, ele havia

transferido a autoridade sobre esses campos aos HSSPF no chamado Caso-A (sob o qual se entendia primeiramente a rebelião dos prisioneiros, mas depois sobretudo a aproximação de tropas inimigas).[72] A desocupação e a evacuação teriam como consequência uma nova seleção dos presos: em regra, as equipes de guarda assassinavam os prisioneiros fracos e doentes ainda antes da evacuação; em diversos campos de concentração, os prisioneiros alemães foram libertados. Em geral, os prisioneiros eram libertados e postos a marchar a pé, em sua maioria sob condições climáticas invernais e circunstâncias catastróficas. Em muitos casos, aqueles que ficavam para trás eram assassinados pelas escoltas com apoio dos ajudantes locais. O destino dessas marchas da morte dos principais campos eram os distantes campos de concentração no interior do Reich. A reunião de um grande número de prisioneiros em cada vez menos campos resultou no quase total colapso do abastecimento. As condições de vida, que já eram totalmente desastrosas, ficaram tanto mais miseráveis.[73]

Desde o verão de 1944 começaram a ser desocupados os antigos guetos e campos de trabalhos forçados no Báltico que, por ordem de Himmler, foram transformados em campos de concentração. Os prisioneiros do complexo de Kaiserwald, perto de Riga, dos campos de concentração de Kovno e Vaivara foram deportados pela SS principalmente para Stutthof, bem como para Auschwitz.[74] Em Stutthof, a partir de setembro de 1944, um grande número de prisioneiros foi assassinado com o Zyklon B em duas câmaras de gás improvisadas.[75] No final do ano, os primeiros trens com prisioneiros deixaram o campo principal de Stutthof e em janeiro foram montadas 11 colunas de mil prisioneiros cada uma, que deveriam marchar a pé até Lauenburg, a 140 quilômetros de distância. Apenas um terço dos prisioneiros chegou à cidade.[76]

Desde o verão de 1944, também Auschwitz era gradativamente desocupado. Na época, o campo ainda tinha cerca de 130 mil prisioneiros; metade dessa população seria transferida para outros campos de concentração.[77] A evacuação dos demais 67 mil prisioneiros começou em meados de janeiro de 1945: os presos foram postos em colunas de marcha e tocados em direção oeste; provavelmente um quarto deles foi executado pelos guardas ao longo da jornada. Uma parte das colunas de marcha alcançou o campo de concentração de Gross-Rosen, na Baixa Silésia, que se tornou passagem para os campos e as prisões desocupados no leste.[78] Do complexo de campos de Rosen, 44 mil prisioneiros

acabaram sendo enfiados em trens e enviados para outros campos de concentração mais para oeste.

Mesmo se a intenção de Himmler com o processo de liberação e evacuação dos campos era a de manter um grande número de prisioneiros como potencial valor de troca, estes não mereciam qualquer tipo de consideração. O fato de que, em consequência das evacuações, um número considerável de prisioneiros morria notoriamente não confrontava as intenções dele. O suposto gesto humanitário que o levava a negociar a libertação de judeus perto do final da guerra deve ser visto diante desse brutal e cínico pano de fundo das operações de evacuação.

**Enfim comandante**

No início de setembro de 1944, Hitler incumbiu o comandante do Exército de Reserva de evitar o fluxo de retorno de partes das tropas que estavam nos territórios ocupados na região oeste ainda em poder da Alemanha e fora da região operacional propriamente dita, e de aproveitá-las para formar unidades de combate na retaguarda.[79] Em seu pronunciamento de 21 de setembro diante dos comandantes de distritos militares e das escolas de treinamento, Himmler relatou com orgulho que nas últimas semanas pudera viajar para cima e para baixo nos territórios de risco (“estive em todos os lugares, fui descendo de Trier por todo o front do oeste, até Mühlhausen, Kolmar, Metz”), “falei com milhares de soldados”, e, sempre que ele achara necessário, teria tomado uma ação: por exemplo, interpelando um comandante irresponsável que cuidava do transporte de tropas ou demitindo pessoalmente o incompetente comandante local de Trier. Ele também recomendou aos oficiais presentes que “tomassem medidas brutais contra qualquer sinal de indisciplina na retaguarda”.[80] Pelo jeito, não o incomodava o fato de que ele mesmo, durante toda a carreira militar, jamais tenha ultrapassado (nem ultrapassaria) a etapa da retaguarda.

Aos olhos de Hitler, no entanto, Himmler provara, com a postura de tirano impiedoso e motivador fanático, que estava apto a assumir missões militares mais abrangentes. Ainda em setembro, ele incumbiu Himmler de formar uma Volkssturm (guarda de defesa interna).

A ideia de criar uma milícia para assumir tarefas de segurança esporádicas já era cultivada por Hitler havia anos. Em janeiro de 1942, ele determinou a criação

da Landwacht (guarda do campo), que em dezembro foi ampliada a Land- und Stadtwacht (guarda do campo e da cidade). Seguindo um acordo entre Bormann e Himmler, a guarda era composta preferencialmente por membros da SA, SS e do partido, que não haviam sido convocados para a Wehrmacht. A Land- und Stadtwacht se ocupava, por exemplo, da supervisão de trabalhadores escravos ou se engajava nas buscas por prisioneiros de guerra fugitivos.[81]

Desde junho de 1944, a liderança nazista já pensava em instalar uma espécie de Landsturm para o caso de uma ameaça iminente ao território do Reich pelos exércitos inimigos.[82] Em meados de setembro, Bormann, Himmler e Keitel concordaram em criar um Volkswehr (exército popular). Em 26 de setembro, Hitler assinou o "decreto sobre a criação do Volkssturm alemão" — isso soava nitidamente mais belicoso e historicamente mais significativo. No decreto constava que todos os homens capazes de portar uma arma, da faixa de 16 a 60 anos de idade, seriam convocados; os encarregados da "formação e do comando" seriam os *Gauleiter*, enquanto Himmler seria o responsável, como comandante do Exército de Reserva, pela "organização militar, pelo treinamento, pelo armamento e pela equipagem da Volkssturm alemã". "Conforme minhas ordens", constava no decreto de Hitler, a "operação militar" também caberia a Himmler.[83]

Em 21 de setembro, Himmler já havia anunciado a criação de uma Volkssturm aos comandantes dos distritos militares e aos comandantes das escolas,[84] e a declaração oficial ocorreu em 18 de outubro em Königsberg, por ocasião da revista da Volkssturm local. Himmler escolhera um dia simbólico para proferir seu discurso, que seria transmitido pelo rádio. Lembrou aos ouvintes que nesse dia 18 de outubro comemorava-se o aniversário de 131 anos da Batalha das Nações de Leipzig, uma oportunidade de recordar Landsturm de 1813 e seu papel nas guerras de libertação. Himmler tentava incutir ânimo nos ouvintes: na época, a milícia popular improvisada pudera contribuir substancialmente para a vitória sobre Napoleão em uma condição militar que, em geral, se considerava sem perspectiva. À Volkssturm estaria reservado um papel semelhante: "Nossos inimigos têm de começar a entender que cada quilômetro que quiserem avançar em nosso território lhes custará rios de sangue. Cada quarteirão de uma cidade, cada vilarejo, cada fazenda, cada floresta será defendida por homens, meninos, velhos e — se necessário — mulheres e

meninas.”[85] Em 12 de novembro, a Volkssturm prestou juramento solene em todos os distritos, na medida em que isso ainda era possível, consideradas as circunstâncias da guerra.[86]

Himmler nomeou Berger chefe do Estado-maior da Volkssturm, e este montou uma equipe adequada. O dinâmico Berger logo ultrapassou suas competências, que se limitavam ao lado militar da formação, e levou Bormann a se queixar a Himmler. Este até advertiu Berger para que não fosse além de suas competências, mas, por fim, ele e Berger conseguiriam se impor perante Bormann.[87]

Em 16 de outubro, Berger aprovou uma ordem de preparação para a Volkssturm que, além de prover treinamento militar, ordenava sobretudo o “ativismo ideológico”.[88] Teoricamente, se poderia contar com um potencial de 6 milhões de homens, mais do que estavam ativos no Exército.[89] A qualidade militar desse último contingente, no entanto, era um desastre: o “serviço” na Volkssturm — exercícios à noite e nos finais de semana — costumava ser prestado em trajes civis desgastados ou em fardas de qualquer instituição, militar ou não. Uma faixa no braço bastava para caracterizar o combatente, no sentido da lei internacional da guerra.[90] A Volkssturm dispunha de limitada quantidade de artefatos bélicos, e as armas de fogo reunidas vinham de todos os lados, e o seu potencial de emprego com frequência era duvidoso. Em regra, o treinamento militar se limitava a instruções superficiais.[91]

Acreditava-se seriamente que esses graves déficits em uma tropa, composta principalmente por adolescentes e homens mais velhos, pudessem ser compensados por uma tática de guerrilha, por meio da qual cada bosque e fazendola seria defendida usando-se de astúcia e inventividade. Aceitando a sugestão do chefe do Estado-maior geral, Heinz Guderian, Berger recomendou aos homens da Volkssturm que lessem os livros de Karl May como “leitura de formação”.[92]

Na prática, a Volkssturm foi utilizada principalmente para serviços de entrincheiramento, bem como na evacuação de cidades e lugarejos antes da chegada do inimigo.[93] No entanto, desde outubro havia batalhões posicionados no front da Prússia oriental,[94] e, desde novembro, no front do oeste em Metz. As experiências foram de tal modo negativas que Hitler determinou em fevereiro que as unidades da Volkssturm só fossem utilizadas para a segurança da área de

retaguarda. Mesmo assim, nos meses seguintes, suas unidades continuavam sendo enviadas ao front, sobretudo ao oriental.[95]

Ainda que o valor militar desse último contingente fosse baixo, o fato de que a estruturação da Volkssturm até o nível de grupos locais estava apoiada na organização do partido[96] já mostrava a principal intenção de Himmler e Bormann: o registro e o disciplinamento pelo partido de todos os homens capazes de empunhar uma arma (os integrantes das unidades Volkssturm eram submetidos à jurisdição dos tribunais da SS e da polícia). Possivelmente o principal motivo para a formação dessas unidades tenha sido a preocupação da liderança nazista de que a guerra pudesse terminar precocemente devido a uma revolta no front interno. Esse receio ainda movia a alta direção na fase final da guerra, e as lembranças de 1918, reiteradamente trazidas à baila, deixavam patentes em que medida os círculos nazistas mais altos haviam se tornado vítimas da "lenda da punhalada pelas costas", que eles mesmos invocaram com tanta frequência.

Em seu discurso de 18 de outubro, transmitido pelo rádio, Himmler aludiu a outra organização que ele havia criado juntamente com a Volkssturm: "mesmo na área que eles acreditam ter conquistado", avisou aos Aliados, "sempre se reacenderá, nas suas costas, o desejo alemão da resistência e, como lobisomens, voluntários alemães que não temem a morte infligirão danos aos inimigos e lhes cortarão os fios da vida".[97] Em 19 de setembro de 1944, Himmler já havia nomeado o Obergruppenführer Hans Prützmann, o antigo HSSPF Rússia-sul, o Inspetor Geral para a Defesa Especial e lhe delegara plenos poderes para instalar pequenos comandos secretos que deveriam executar atos de sabotagem atrás das linhas inimigas nas regiões alemãs sob ameaça de ocupação. Esses *partisans* seriam treinados nos acampamentos de tropas das unidades especiais antiguerrilha chefiadas por Otto Skorzeny, e subordinados aos HSSPF. Os preparativos para um combate de guerrilhas em solo alemão eram chamados *Werwolf* (lobisomem).

O nome estava associado ao título de um livro de Hermann Löns muito lido na época e divulgado pelo regime, *Der Wehrwolf*, uma representação heroizada de um grupo secreto de resistência composto por camponeses da Charneca de Lüneburg que, na época da Guerra dos Trinta Anos, defendeu a pátria contra lansquenês saqueadores. A forma de escrever *Werwolf*, que Himmler também

utilizava, lembrava a criatura mística do homem que na escuridão da noite se transforma em animal.

O fato de as unidades Werwolf terem sido concebidas originalmente para combater nas regiões de fronteira temporariamente ocupadas pelo inimigo fez com que os demais *Gaue* do interior da Alemanha só começassem a realizar os preparativos para uma resistência armada relativamente tarde. Alguns planos abrangentes de continuar com as atividades de resistência também após uma capitulação foram desenvolvidos, já que, diante da retórica nazista da vitória final, pensamentos desse tipo eram basicamente proibidos.

Apesar desses obstáculos consideráveis, a formação do Werwolf de modo algum foi ineficaz ou inconsequente. A versão corrente de que todos os grupos Werwolf pura e simplesmente se dissolveram depois de serem atropelados pelos Aliados não corresponde à verdade. De fato, eles não conseguiram estabelecer um movimento de guerrilha na Alemanha ocupada; para isso, faltavam as condições decisivas, o apoio da população que, na verdade, estava cansada de guerra. Mas novas pesquisas mostram que os integrantes dos Werwolf e outros fanáticos da população civil, que mesmo após a ocupação continuaram lutando por conta própria contra os Aliados, conseguiram perpetrar milhares de atentados, vitimando centenas de soldados Aliados e "colaboradores" alemães.[98]

A ação mais espetacular do Werwolf foi o assassinato, em 25 de março de 1945, do prefeito de Aachen, Franz Oppenhoff, nomeado pelos Aliados em 31 de outubro de 1944. O Tribunal Regional de Aachen, que reconstruiu cuidadosamente o caso em 1949, descobriu que esse assassinato ocorreu por conta de uma ordem pessoal de Himmler, que Prützmann, HSSPF responsável, transmitira em novembro de 1944. A tentativa do HSSPF de ignorar a ordem foi inútil. Himmler cobrou repetidamente o seu cumprimento, tanto por telefone quanto por escrito, e finalmente um grupo de comando, infiltrado pela linha do front, a executou.[99]

Quando após a ocupação praticamente total da França por tropas aliadas, no outono de 1944, a fronteira ocidental do Reich começou a correr perigo, Himmler recebeu mais uma missão militar: em novembro, Hitler o nomeou comandante em chefe do Alto Reno com as competências de um Heeresgruppenführer (major-general de Exército), e sua principal tarefa era

compor uma espécie de frente de defesa a partir de uma profusão de unidades reunidas do Exército de Reserva, da Volkssturm, da guarda de fronteira e da polícia.

Na primeira semana de janeiro, unidades do grupo de exército Alto Reno apoiaram o ataque do Grupo Armado C, que se encontrava ao norte dali, na Alsácia Operação Vento Norte, cuja orientação era tirar vantagem da retirada das tropas americanas do front do Saar, forçada pela ofensiva das Ardenas. Nesse contexto, o grupo de exército Alto Reno realizou três ataques de maiores proporções, sem obter um sucesso estratégico.[100] A ação militar do comandante em chefe do Alto Reno não deixou nenhum vestígio no diário de guerra do OKW.

Himmler nessa época estabeleceu o quartel-general em seu trem especial parado na estação de Triberg, na Floresta Negra; a principal vantagem dessa posição remota era que, durante os ataques aéreos, o quartel-general móvel podia ser levado para túneis seguros da ferrovia.[101] Em 21 de janeiro de 1945, Himmler viajou no trem para Schneidemühl,[102] a fim de assumir um novo cargo: Hitler o nomeara chefe do grupo de exército Vístula. Segundo Goebbels anotou em seu diário, essa decisão fora tomada "principalmente porque as unidades militares que bateram em retirada das regiões em que houve o avanço dos soviéticos estão bastante descoordenadas e agora precisam de um pulso firme para fazer delas novamente contingentes combativos sólidos".[103] "O desencargo dessa missão com certeza pode ser confiado a Himmler."[104]

Na época, Hitler confidenciou a Goebbels que estava "altamente satisfeito com o trabalho de Himmler". O ministro da Propaganda então sugeriu a Hitler que nomeasse "Himmler, o quanto antes, comandante em chefe do Exército", ou seja, transferisse a Himmler o posto que o próprio Hitler ocupava desde 1941. Mas Hitler não queria "adotar essa medida tão abrangente enquanto Himmler ainda não tiver provado que pode se ocupar de algumas grandes atribuições operacionais".[105] E era exatamente na Vístula que ele deveria tentar o feito.

Existem registros sobre as atividades de Himmler na função de comandante do grupo de exército Vístula efetuados por seu colaborador militar mais importante nesse cargo, coronel Hans-Georg Eismann, que, em meados de janeiro de 1945, foi nomeado 1º oficial do Estado-maior geral do grupo de exército Vístula.[106] Eismann conheceu Himmler em janeiro de 1945, em

Schneidemühl, onde se encontrava o trem do Reichsführer-SS. Em suas memórias ele se lembrava: “Himmler me recebeu sentado à escrivaninha em seu elegante vagão-sala de estar, aceitou o meu relatório e então se dirigiu a uma mesa maior, no centro da sala, sobre a qual se encontrava um mapa mostrando a situação do OKH. Ele me fez algumas perguntas breves sobre as minhas atividades até ali e logo adotou um tom de discurso animado sobre a situação, tendo o mapa por base.”

A atribuição militar do grupo de exército Vístula consistia em fechar uma lacuna de 120 quilômetros no front, entre o grupo de exército Centro e o grupo de exército Norte, para desse modo formar, como escreveu Eismann, “uma frente de defesa forte, resistente, indo em linha geral ao menos da região central da Silésia até o Baixo Vístula”. Esse trecho do front, no entanto, rapidamente aumentaria para 450 quilômetros.

Sobre as instruções que lhe foram passadas por Himmler, Eismann registrou: “Mas a essência das explicações um tanto vagas era: com o grupo de exército Vístula eu deverei interromper o avanço dos russos, depois derrotá-los e fazer com que batam em retirada. Eram grandes palavras pronunciadas de modo casual. [...] Tinha-se involuntariamente a impressão de que era um cego falando de cores.”

Quando Eismann fez a pergunta, “quais seriam as outras forças e em que momento estariam disponíveis”, teria escutado “do meu novo comandante em chefe um discurso em tom bastante alto e indignado sobre a minha típica atitude de Estado-maior geral”, que “culminava com a declaração de que o que os oficiais do comando-geral mais têm são dúvidas, que eles eram eruditos com cultura teórica, que não eram capazes de improvisar, que a sua postura era derrotista e outras coisas mais. Ele — Himmler — acabaria com esse tipo de dúvida e encararia as coisas com intuição. Só assim seria possível dominar situações difíceis. Himmler lhe teria assegurado depois que “obviamente” esse discurso não se dirigia contra ele pessoalmente.

Eismann também forneceu uma descrição bastante detalhada do novo chefe: “Estatura mediana, torso um tanto longo demais, pernas levemente arqueadas, mais para rechonchudo do que para esguio, ele usava a farda cinza costumeira. De frente, sua cabeça parecia um triângulo bastante pontudo. O que mais chamava a atenção era o queixo retraído. Olhos muito vivos, na maioria das

vezes, apertados que, em conjunto com as maçãs do rosto, davam uma impressão levemente mongol. Uma boca estreita, mas nada terrível. De modo geral, esse rosto largo não tinha nada de demoníaco, nem de cruel, nem de outra forma marcante. Era o rosto de uma pessoa comum. O notável eram as suas mãos, ao menos para uma pessoa que dá importância à expressão das mãos. Elas não tinham nada de nobre. Um tanto rechonchudas, nada de mãos grandes com dedos longos e pontas largas, e, quando ele dava a mão, era macia como a de mulher. De resto, a impressão que me causou era a de um homem ativo, com múltiplos interesses, um tanto marcantemente enérgico, e determinado."

O Estado-maior que Eismann encontrou estava totalmente desfalcado em termos de pessoal, não dispunha de equipamentos nem de aparelhos de comunicação. No trem especial, só existia um telefone. Não havia linhas de comunicação com os dois exércitos subordinados.

"Então como comandante em chefe do 'grupo de exército Vístula', como Heinrich Himmler avaliava a situação descrita anteriormente? Pode-se dizer: ele não avaliava. Simplesmente não tinha condições de fazer uma avaliação operacional da situação em geral. Estava com a mente fixa no enorme buraco que tinha de fechar. [...] Usava com frequência as palavras 'de forma ofensiva' e 'atacar o flanco'. Não lhe passou pela cabeça que os russos podiam querer atacar o flanco do próprio 2º Exército que lutava com dificuldade, mas bastava olhar para o mapa sempre à sua frente para ver. Para ele só parecia existir 'ataque'." Suas máximas militares o Reichsführer-SS já havia resumido em julho de 1944 diante de oficiais: "A época das operações inteligentes passou. No leste, o inimigo encara nossa fronteira. Então só existe a operação para a frente ou ficar parado."[107]

Himmler se concentrou em manter os fortes de Thorn, Posen e Schneidemühl. Em 30 de janeiro de 1945, sugeriu que o comandante da fortaleza de Schneidemühl fosse condecorado como "exemplo de um comandante forte e destemido", por ter "executado pessoalmente" os soldados que recuaram e mandado pendurar neles uma placa com os dizeres "é o que acontece com todos os covardes".[108] No mesmo dia, ordenou que o antigo superintendente da polícia de Bromberg, próximo dali, o SS-Standartenführer Karl von Salisch, fosse fuzilado por "covardia" e que o antigo chefe de governo e o prefeito da cidade fossem destituídos e enviados para integrar um batalhão de provação.[109] Mas

essas medidas drásticas não eram mais do que a expressão impotente de uma postura defensiva rígida, catastrófica para a direção operacional do grupo de exército que, segundo as observações de Eismann, se prendiam ao medo que Himmler tinha de Hitler: “Esse sentimento de medo em relação a Hitler dominava totalmente o temido Reichsführer-SS e fazia com que ele fosse incapaz de expressar energicamente qualquer opinião sobre a situação militar perante o Führer, muito menos de impor. Essa essencialmente subalterna provocou grande prejuízo e custou muito sangue desnecessário.”

Eismann não constatou somente que “faltavam a Himmler conhecimento e experiência para uma missão extremamente difícil, puramente militar”, como também se queixou da incapacidade deste, como comandante do Exército de Reserva, de “conseguir em tempo a devida reposição em termos de pessoal e material para o próprio grupo de exército”.

Durante uma visita a Berlim, no início de março, Himmler também se encontrou com Goebbels, que constatou, surpreso, o quanto ele estava “desproporcionalmente positivo” em relação à situação.[110] O colaborador de Himmler, Eismann, tinha uma impressão bem diferente: “Quanto mais difícil se tornava a situação do grupo de exército Vístula, mais Himmler reconhecia que para ele não haveria mais louros a serem colhidos. Sem dúvida, agora também via que não estava preparado para as tarefas de comando militar, e que os oponentes, sobretudo dentro do quartel-general do Führer, se aproveitavam disso.”[111] Pouco depois da visita de Hitler ao grupo de exército Centro, Himmler teve uma crise de angina. As conversas sobre a situação da guerra, recorda-se Eismann, quando ocorriam, tinham lugar na cama do enfermo; por fim, Himmler internou-se no sanatório do amigo de escola Gebhardt, em Hohenlychen, até que em 21 de março Hitler o destituiu do cargo de comandante em chefe do grupo de exército Vístula.

Mesmo assim, como comandante da Volkssturm e do Exército de Reserva e, claro, como chefe da polícia alemã, Himmler ainda tinha possibilidade de intervir na defesa do Reich. Nas últimas semanas da guerra, decretou uma série de ordens marciais de resistência e terror. Em 28 de março de 1945, por exemplo, determinou: “o hasteamento de panos brancos, a abertura de barreiras antitanques já fechadas, o não comparecimento à Volkssturm e outras atitudes semelhantes devem ser punidas com a maior severidade [...]. Todos os homens

de uma casa em que estiver hasteada uma bandeira branca deverão ser executados. Não se pode hesitar um instante em relação ao cumprimento dessas medidas". Em 15 de abril, constava: "Nenhuma cidade alemã será declarada cidade aberta. Todo lugarejo e toda cidade será defendida e mantida por todos os meios. Todo homem alemão que se opuser a essa obrigação nacional óbvia atentará contra a sua honra e perderá a vida."[112]

Nos últimos meses de guerra, a Gestapo assassinou milhares de pessoas. Em fevereiro de 1945, ou até antes, os postos de serviço regionais do Gabinete Central de Segurança do Reich subordinados receberam a autorização para tomar as próprias decisões quanto ao "tratamento especial" a ser dispensado a prisioneiros, e as centrais da Gestapo aplicaram esse direito em larga escala. No final de março, Himmler emitiu a ordem de que toda pessoa armada estaria autorizada a matar saqueadores imediatamente; como resultado, em diversos lugares a Gestapo assassinou suspeitos, principalmente depois dos ataques aéreos. Além disso, nas últimas semanas de guerra, a polícia secreta do Estado dissolveu inúmeras de suas prisões. Aqueles presos aos quais seria dispensado "tratamento especial" ou que não deveriam ser libertados pelos Aliados eram assassinados durante execuções em massa. Os trabalhadores estrangeiros eram as principais vítimas de todas essas medidas.[113]

**Sondagem de paz**

Depois que os Aliados conseguiram se fixar, em junho de 1944, e das graves derrotas militares sofridas nas semanas que se seguiram, Hitler tentou, mediante a preparação de uma contraofensiva no oeste e da disseminação de boatos sobre uma paz em separado, destruir a unidade da coalizão inimiga. Obviamente, queria fazer circular o fantasma de uma paz em separado, a fim de provocar confusão e, assim, poder preparar o terreno para um acordo de paz em separado. Nos círculos mais próximos de Hitler, nutriam-se essas ideias.

Quando, em setembro de 1944, por exemplo, o embaixador japonês Hiroshi Oshima apresentou a sugestão de seu governo de se aproximar da União Soviética para iniciar negociações de paz com a Alemanha, Goebbels entregou a Hitler um memorando pormenorizado em que o incentivava a dar esse passo na direção de Stalin.[114] No mesmo mês, o ministro do Exterior, Von Ribbentrop, pediu autorização a Hitler para estabelecer contatos políticos com as forças

inimigas em todas as direções, e Hitler mandou que fossem espalhadas informações falsas na Espanha sobre uma proposta de paz em separado com a União Soviética para, dessa maneira, lançar uma isca às forças ocidentais.[115] Nesse contexto, deve-se analisar uma anotação de Himmler em preparação a uma conversa com Hitler em 12 de setembro de 1944. Nela constava significativamente: “Inglaterra ou Rússia” e “Rússia — Japão”.[116]

Há alguns anos foi encontrada uma nota curta de Churchill no Public Record Office (o Arquivo Nacional britânico), em Londres, que possivelmente estava relacionada a tais tentativas de sondagem. Dessa anotação de 31 de agosto de 1944, depreende-se que o Serviço Secreto de Churchill lhe apresentara uma série de documentos, entre eles uma “mensagem especial de Himmler”. O conteúdo dessa mensagem não pôde mais ser reconstruído, uma vez que Churchill anotou de próprio punho, algo totalmente incomum, na nota: “*Himmler telegram left and destroyed by me*”. (Telegrama de Himmler deixado e destruído por mim.)[117] Esse telegrama pode ter sido encaminhado a Churchill pelo ministro do Exterior da Espanha, Ramón Serrano Súñer, uma vez que este escrevera a Himmler no início de 1944 oferecendo seus préstimos caso ele quisesse entrar em contato com Churchill. Himmler encaminhara a carta ao Ministério do Exterior.[118] Se Himmler realmente tirou algum proveito dessa ou de outra oferta semelhante para se aproximar de Churchill, ou se no caso do “telegrama de Himmler” se tratava de coisa totalmente diferente, não é possível determinar.[119] No entanto, nada indica que ele teria tomado tal iniciativa sem antes consultar o Führer.

Apenas depois de Himmler, como comandante do Exército de Reserva, comandante em chefe do Alto Reno e dirigente do grupo do exército Vístula, ter podido se inteirar de fato da falta de perspectiva da situação militar é que ele, nos últimos meses do Terceiro Reich — ainda que até o final de forma hesitante e indefinida —, iniciaria uma série de tentativas de estabelecer um acordo político para dar fim à guerra. Mas a concretização de semelhantes considerações batia de frente com Hitler, que nem mesmo na fase final da guerra se dispunha a tomar medidas efetivas no sentido de dar um fim político à guerra. Ele era realista o suficiente para reconhecer que os Aliados, diante da iminente vitória, já não se interessavam por esse tipo de proposta, e ele estava tão pouco interessado em abdicar quanto em capitular.

Por meio dos diários de Goebbels fica-se sabendo que desde janeiro de 1945

o ministro da Propaganda discutia quase que continuamente com Hitler a possibilidade de um acordo de paz, mas que Hitler, apesar do visível agravamento da situação militar, via como iniciativa fadada ao fracasso. Em vez disso, continuava apostando na ruptura da coalizão inimiga.[120] Por isso, as discussões meramente teóricas sobre possíveis perspectivas de paz que Goebbels e Hitler mantinham durante esses meses referiam-se, em regra, às forças ocidentais.

Mas no início de março, Goebbels soube que Hitler acreditava que um acordo especial de paz, se é que de todo ainda era possível, só poderia ser negociado no leste: "O Führer está convencido de que, se uma força do campo inimigo quiser entrar em contato conosco, sem dúvida será a União Soviética." Por outro lado, "os combates contra a Inglaterra" deveriam ser continuados "com a mais brutal energia". Por isso, os esforços de Ribbentrop de "tecer fios na direção dos países ocidentais" seriam, "no momento, desprovidos de qualquer perspectiva".[121]

Dois dias após a conversa com Hitler, em 7 de março, Goebbels visitou Himmler na clínica de Hohenlychen, onde tiveram uma conversa que durou duas horas. Goebbels achou que Himmler, "que havia passado por uma grave crise de angina", parecia "levemente abatido". De modo geral, ambos concordavam plenamente quanto à "avaliação da situação": "Ele usa expressões bastante fortes ao se referir a Göring e Ribbentrop, que descreve como as duas fontes de erros quando se trata da condução geral da nossa guerra, no que está coberto de razão." Segundo Goebbels anotou, Himmler estaria "muito preocupado" com a situação no front, sobretudo com a carência de alimentos para a tropa. "Certamente o moral da tropa está abalado. Himmler admite que este também é o caso do grupo de exército Vístula." Mas a isso se somaria, sobretudo, o fato de que "não temos uma liderança central forte nem no setor militar, nem no civil, porque tudo tem de ser levado ao próprio Führer, e somente em alguns poucos casos isso pode ser feito. Em todos os lugares Göring e Ribbentrop impedem uma condução bem-sucedida da guerra".

Mas então o que se poderia fazer? Afinal, não seria possível "forçar Hitler a se livrar dos dois". Esse comentário sugere que durante o encontro talvez os dois tenham cogitado a possibilidade de conduzir Hitler, mediante o emprego de meios mais poderosos, a outro curso político, mas ambos não tinham coragem de levar essa ideia adiante. Segundo Goebbels, Himmler "resume a situação de

maneira correta, nas palavras; a razão lhe diz que nos restam poucas chances de ganhar a guerra militarmente, mas o instinto lhe diz que no curto ou longo prazo ainda surgirá uma possibilidade política que nos permita revertê-la a nosso favor. Himmler vê essa possibilidade mais no oeste que no leste. Ele acredita que a Inglaterra refletiria a respeito, coisa que eu, em princípio, duvido. Conforme se pode depreender das observações de Himmler, ele está totalmente voltado para o ocidente, do leste ele não espera absolutamente nada".

Goebbels era de outra opinião, como mostra o comentário em relação aos pronunciamentos de Himmler em seu diário: "Acredito que existe mais chance de conseguir algo no leste, Stalin me parece ser mais realista que os loucos dos anglo-americanos." Mas o que ele, de acordo com suas próprias anotações, não disse a Himmler é que este, com a avaliação de que uma solução política deveria ser procurada no ocidente, estava em posição diametralmente oposta à de Hitler. Ao omitir essa informação, ele prudentemente deixou que Himmler, com a sua opção do ocidente, ficasse à margem. Goebbels estava de bom humor quando deixou o Reichsführer. "Junto a Himmler a atmosfera é muito simpática, despretensiosa e absolutamente nazista, o que faz muito bem. Podemos nos alegrar de que pelo menos junto a ele ainda prevalece o velho espírito nazista."[122]

Poucos dias depois, Goebbels percebeu que Hitler acumulara grande ressentimento contra o Reichsführer. "O Führer atribui uma grande parte da culpa diretamente a Himmler. Ele diz que reiteradamente sugerira a Himmler puxar as nossas tropas para a região da Pomerânia. Himmler se teria deixado influenciar pelos repetidos sinais do Departamento de Exércitos Estrangeiros e acreditado no avanço para Berlim, tendo se preparado nesse sentido." Mesmo quando ele, Hitler, dava ordens claras, elas eram "reiteradamente impedidas por sabotagens clandestinas. Nesse sentido, ele faz as piores acusações a Himmler: [...] supostamente Himmler se tornara vítima do Estado-maior geral logo no início de sua função de comandante de grupo de exército. O Führer o acusa diretamente de desobediência e pretende dizer a Himmler, na próxima vez que o encontrar, o que pensa dele e adverti-lo de que, se isso se repetir, haverá um rompimento irreparável entre os dois". E Goebbels acrescenta: "Eu logo achei errado que Himmler aceitasse o comando de um grupo de exército. Na atual situação, esta não pode ser a tarefa dele, sobretudo se isso envolver o risco de um rompimento entre ele e o Führer."

E, aparentemente, o risco era ainda maior. Hitler confidenciou a Goebbels que, se ele tivesse transferido o comando superior do Exército a Himmler, como Goebbels sugerira ainda em janeiro, “a catástrofe seria ainda muito maior do que já é” — um julgamento devastador para Himmler.[123] Nos dias que se seguiram, Hitler enviaria a Goebbels os protocolos estenografados de suas reuniões sobre a situação para que este pudesse se convencer que o seu Führer realmente havia alertado, mesmo com a oposição dos conselheiros militares:, sobre um avanço dos soviéticos sobre a Pomerânia.[124]

Dois dias depois, Hitler disse a Goebbels que Himmler carregava “a culpa histórica [...], pelo fato de a Pomerânia e grande parte de sua população terem caído em mãos soviéticas”.[125] Mas Goebbels era suficientemente inteligente para compreender que o culpado pelo fracasso era o sistema: pois Hitler, infelizmente, teria “deixado de dar ordens claras a partir de suas opiniões, mesmo que mais baseadas na sua intuição do que nos seus conhecimentos. Por essa razão, cada um fez o que quis, inclusive Himmler”. Goebbels via a situação com clareza: “O Führer faria melhor se, em vez de ficar proferindo longos discursos diante de seus colaboradores militares, lhes desse ordens breves e assegurasse, por meio de medidas enérgicas, o cumprimento dessas ordens. As muitas derrotas que sofremos no front são devidas principalmente a métodos inadequados de liderança e falta de discernimento.”[126]

Em 15 de março, Hitler informou ao ministro de Propaganda que Himmler o procurara e que “eu lhe fiz uma preleção extremamente enérgica”.[127] Nessa ocasião, ou alguns dias depois, Hitler também disse a Goebbels que tiraria de Himmler o comando do grupo de exército Vístula. O ministro comentou a excursão fracassada de Himmler à alta liderança militar: “Infelizmente, ele se deixou seduzir pela possibilidade de colher louros militares, no que foi absolutamente malsucedido. Desse jeito ele acabará arruinando a boa reputação política.”[128]

Conforme o registro do coronel Eismann, apesar dessa exoneração inglória, Himmler se recompôs rapidamente e fez questão de “celebrar uma grandiosa entrega de comando ao seu sucessor”, ocasião na qual seu “canto do cisne teatral, nem um pouco turvado por conhecimentos factuais, apesar da gravidade da situação”, só podia “causar um profundo estranhamento e franca repulsa”.[129]

No final de março, outro acontecimento grave desgastou ainda mais a relação

de Hitler e Himmler. Hitler acusou justamente a Leibstandarte, ou seja, a corporação central da SS armada, que durante toda a guerra havia sido acionada repetidamente em situações militares críticas, com altas perdas, e cujo comandante, Sepp Dietrich, era festejado como herói pela mídia nazista, de ter fracassado na frente húngara, forçando Himmler a anunciar a ordem da remoção da braçadeira: os integrantes da tropa foram obrigados a remover a faixa em que constava "Leibstandarte Adolf Hitler" — uma humilhação extraordinária para a SS e seu Reichsführer.[130]

Portanto, em março de 1945, quando Himmler pensava seriamente em encontrar uma solução política para o término da guerra, ele o fazia em uma situação em que fracassara como comandante de exército e tinha caído em sério descrédito junto a Hitler. Durante as últimas semanas ele perseguiu a antiga ideia de utilizar prisioneiros judeus como reféns e parecia que o grave conflito com Hitler o encorajava a transformar esse projeto em uma missão política. Já que o Terceiro Reich travava uma "guerra contra os judeus", a chave para o término da guerra logicamente estaria nas mãos deles.

Em meados de março, o médico pessoal de Himmler, Felix Kersten, que nesse meio-tempo se mudou para a Suécia e ofereceu os seus serviços ao ministro do Exterior sueco como um intermediário, viajou à Alemanha, onde continuava mantendo uma propriedade. Himmler lhe assegurou que os campos de concentração não seriam explodidos em virtude da aproximação dos Aliados, que a continuação da matança dos prisioneiros havia sido proibida e que, em vez disso, eles seriam entregues aos Aliados.[131] Essa declaração seria reiterada diversas vezes nos dias seguintes[132] e, pouco tempo depois, Himmler realmente determinou aos comandantes dos campos a suspensão da matança de prisioneiros judeus e que, de modo geral, combatessem a mortandade quando se tratava de judeus. A ordem foi transmitida pessoalmente, por Pohl, aos comandantes dos campos de concentração.[133]

De volta a Estocolmo, Kersten participou ao seu homem de contato no Congresso Mundial Judaico, Hillel Storch, que, além disso, Himmler se mostrara disposto a libertar 10 mil prisioneiros judeus para envio à Suécia ou à Suíça.[134] Na questão da libertação dos prisioneiros, Himmler desde fevereiro já mantinha contatos diretos com o vice-presidente da Cruz Vermelha sueca, o conde Folke

Bernadotte, que negociava em nome do governo sueco. Em 19 de fevereiro, Himmler se encontrou pela primeira vez com Bernadotte, quando este estava na Alemanha, e depois novamente em março.[135]

Chegou-se ao acordo de que os prisioneiros escandinavos de campos de concentração seriam inicialmente reunidos em Neuengamme, e Bernadotte — que constantemente incluía novos grupos de prisioneiros em suas exigências — acabou conseguindo que fossem levados através da Dinamarca para a Suécia, em trens da Cruz Vermelha sueca. O trato de Himmler com Kersten para libertar 10 mil prisioneiros representava um importante avanço desse processo de negociação. Na prática, muito mais do que os 8 mil prisioneiros escandinavos seriam salvos — foram salvas mais de 20 mil pessoas.[136]

Bernadotte, aliás, estava impressionado com a forma de tratamento de seu interlocutor, conforme registrou após a primeira conversa com Himmler em fevereiro: “Ele se mostrou extraordinária e espantosamente solícito, forneceu algumas provas de seu senso de humor meio negro e se valeu de algumas piadas para deixar a atmosfera mais leve.”[137] Era evidente que na derradeira fase do Terceiro Reich o versátil Himmler estava disposto mais uma vez a trocar de papel, representando agora o parceiro de negócios conciliador e soberano, que se esforçava, apesar de tudo, para contribuir com a prevalência do bom senso.

De sua reunião com Himmler em meados de março, Kersten também levou para a Suécia uma carta que o Reichsführer lhe escrevera. Trata-se de um dos documentos mais surpreendentes que Himmler redigiu em toda a sua carreira de Reichsführer-SS. Na carta, antes de tudo, Himmler comunica a Kersten oficialmente a libertação de 2.700 pessoas, entre homens, mulheres e crianças judaicas, para a Suíça e complementa: “Essa foi praticamente a continuação da linha que meus colaboradores e eu seguimos coerentemente durante muitos anos, até que a guerra e a insensatez dela decorrente se instalasse no mundo e tornasse impossível a sua consecução.” Entre os anos de 1936 e 1940, ele se teria empenhado “junto às associações americanas judaicas” para encontrar uma solução em termos de emigração, o que teria exercido um efeito “muito benéfico”. “A viagem dos dois trens para a Suíça”, continua o Reichsführer-SS, “constitui a retomada consciente, a despeito de todas as dificuldades, desse afortunado procedimento”.

Depois Himmler se sentiu obrigado a comentar a situação do campo de

Bergen-Belsen. Himmler escreveu que, após surgirem os boatos de que "irrompera uma epidemia de tifo em larga escala", ele enviara imediatamente o seu médico higienista chefe com a sua equipe para o campo. Tratava-se de "casos de uma espécie de tifo epidêmico que infelizmente ocorre com frequência nos campos em que há pessoas do leste, mas que podemos considerar sob controle mediante a aplicação dos mais modernos métodos medicinais". Na conclusão, ele se mostrou convencido de que, "eliminando a demagogia e as formalidades e acima de todas as contrariedades, sem considerar as feridas mais sangrentas, a sabedoria e a lógica devem imperar em todos os lados tanto quanto, em paralelo a isso, o coração humano e o desejo de ajudar". Ele finalizou a carta: "com os melhores votos".[138]

O descaramento dessa carta é de tirar o fôlego: será que Himmler realmente acreditava que com a postura de um tranquilo mediador humanitário ele conseguiria estabelecer alguma posição de negociação com as forças ocidentais? Afinal, naquela época, os campos de concentração de Majdanek e Auschwitz já haviam sido libertados fazia um tempo e havia meses circulavam na imprensa internacional relatórios pormenorizados sobre os assassinatos em massa nas câmaras de gás. Será que em vista de seu próprio declínio Himmler escorregara para um mundo de ilusões?

Da perspectiva biográfica, oferece-se outra explicação para seu comportamento: o único interesse dele era manter a postura e fez isso simplesmente acrescentando outro papel aos diversos que acumulara durante a ditadura nazista — o do honesto mediador. Se surgisse a oportunidade de entrar em contato com os Aliados ocidentais, por meio de Bernadotte ou outros negociadores, para ampliar o comércio de seres humanos ou possivelmente também negociar sobre a questão de uma paz em separado, o outro lado não trataria com um Reichsführer-SS frio e calculista que reinava absoluto sobre a vida e a morte, mas, em vez disso (e a carta de Himmler a Kersten preparava terreno para isso), ele deveria ser aceito por seus parceiros de negociação no papel de um homem honrado, imbuído das melhores intenções.

Já do lado dos Aliados, as coisas eram vistas de modo um tanto diferente. Quando o representante sueco do Congresso Mundial Judaico sugeriu engajar a delegação britânica na transferência dos prisioneiros para a Suécia, o ministro do Exterior britânico, Eden, escreveu para Churchill dizendo que ele não gostaria de

tomar nenhuma atitude nesse caso, por uma única razão: Himmler estava por trás da questão. Churchill anotou no relatório “bom”, e em outra anotação à margem, esclareceu: “Nenhuma ligação com Himmler”.[139]

Em 2 de abril, Bernadotte voltou a se encontrar com Himmler. Após a sua volta a Estocolmo, o conde informou o teor da conversa ao embaixador britânico Victor Mallet.[140] Conforme o relato de Bernadotte, diferentemente do encontro anterior, Himmler dessa vez passava a impressão de um homem que tinha consciência de que tudo estava terminado. Quando Bernadotte o aconselhou que o melhor caminho era a capitulação, Himmler respondeu que Hitler era contra esse passo, e que ele se sentia preso ao seu juramento.

Himmler saberia que na lista de criminosos de guerra dos Aliados ele era o nº 1; ele teria se queixado de que fora da Alemanha era visto como brutal, mas que na verdade ele detestava crueldades. Quando Bernadotte o lembrou concretamente de um massacre cometido pela Gestapo, de início ele desmentiu, mas no encontro do dia seguinte admitiu que, segundo investigações que acabara de conduzir, infelizmente esse caso teria acontecido. Depois dessa conversa, por intermédio de seu chefe do serviço secreto, Walter Schellenberg, Himmler mandou avisar Bernadotte que ele esperava que, no caso de um abalo da posição de Hitler, ele, Bernadotte, se dirigisse ao quartel-general dos Aliados para tentar estabelecer uma mediação. Seria essa uma tentativa de colocar em jogo a oferta de um golpe de Estado? Bernadotte se esforçou para verificar a questão a fundo e, alguns dias depois, mandou transmitir a Himmler o recado de que ele estaria disposto a intermediar uma possível negociação, se Himmler assumisse o poder na Alemanha e dissolvesse o NSDAP.[141]

Mas Himmler continuou indeciso também nos dias seguintes. Ele não conseguia se declarar sucessor de Hitler e então oferecer aos Aliados uma capitulação do Reich — um passo que também lhe fora recomendado pelo atual ministro das Finanças, Ludwig Graf Schwerin von Krosigk em 19 de abril —, nem estava preparado para tentar se impor quanto a uma capitulação militar parcial na região norte da Alemanha.[142]

Em 19 de abril, outro emissário viajou da Suécia à Alemanha. Para Kersten, Himmler se declarara disposto a falar diretamente com um representante do Congresso Mundial Judaico. Hillel Storch pediu a Norbert Masur, um judeu de origem alemã emigrado para a Suécia, que assumisse essa missão em seu nome.

A reunião de duas horas e meia aconteceu na noite de 20 para 21 de abril, na propriedade de Kersten, perto de Berlim, e se estendeu até as cinco horas da manhã. Além de Masur e Himmler, que estava justamente chegando de Berlim da última comemoração de aniversário de Hitler, encontravam-se presentes Schellenberg, o assessor pessoal de Himmler, Brandt, e Kersten.

Nessa conversa, Himmler também se portou como um homem honrado. Com longas explicações, tentou defender, ou melhor, embelezar a política judaica do regime perante o interlocutor judeu. De início, teriam defendido a emigração dos judeus, após o início da guerra, no entanto, haviam sido confrontados com a postura hostil da massa de judeus do leste, que foi preciso manter sob controle. A Alemanha fora forçada a entrar na guerra contra a União Soviética; em vista das péssimas condições no leste, muitos judeus haviam perecido, mas também muitos alemães haviam sofrido os horrores da guerra. O tratamento nos campos de concentração fora rígido, mas justo. Sim, haviam ocorrido transgressões, mas ele teria punido os culpados. Em decorrência de epidemias, a mortalidade era alta, por isso fora preciso construir grandes crematórios.

Himmler citou números sobre quantos judeus supostamente ainda estariam vivos em cada campo de concentração e afirmou que haviam sido deixados 150 mil judeus vivos em Auschwitz e 450 mil em Budapeste; em outras palavras, ele declarou um número de sobreviventes muito acima do real, o que facilmente pode ser detectado como mentira descarada. Depois reclamou que, apesar de ter entregado os campos de Bergen-Belsen e Buchenwald, corria uma propaganda de horror sobre as supostas condições terríveis nos campos e ele estaria sendo responsabilizado pessoalmente por isso. Nos últimos anos, nenhum outro nome teria sido tão enlameado pela imprensa quanto o seu.

De fato, nesses dias, os relatos e as imagens do campo de Bergen-Belsen, entregue ao Exército britânico em 15 de abril de 1945, circulavam na imprensa mundial: no campo, repleto de corpos insepultos, 35 mil prisioneiros haviam morrido entre janeiro e a libertação do campo; outros 14 mil morreram durante os primeiros dois meses após a libertação.[143] Buchenwald fora libertado em 11 de abril; nos dias anteriores, a SS ainda removeu mais da metade dos presos. Uma entrega oficial do campo não chegou a ocorrer.

Masur repetidamente fazia objeções contra a descrição obviamente deturpada de Himmler a respeito dos acontecimentos, mas estava ao mesmo tempo

decidido a escutar seu discurso a fim de não colocar em risco a sua missão. De modo geral, segundo sua avaliação, Himmler parecia inteligente, culto e historicamente interessado. Ele teria falado de modo calmo, mesmo quando a discussão se tornara controversa, mas a sua tensão interna teria ficado evidente. Havia outra coisa que chamara especificamente a atenção de Masur: a necessidade praticamente irrefreável de comunicação de Himmler.

Por fim Himmler se declarou disposto perante Masur a entregar à Cruz Vermelha mil mulheres judaicas de Ravensbrück, além de uma série de grupos menores de diferentes nacionalidades. Em seguida, a discussão teria enveredado pelos mais variados assuntos políticos, e Himmler teria aproveitado a oportunidade para defender a política do regime em ampla frente. Era perceptível por suas manifestações que ele considerava inevitável a derrota da Alemanha. Mas o país não capitularia. Pessoalmente, ele não temeria a morte. Ao se despedir de Kersten, teria dito que a melhor parcela do povo alemão afundaria com a cúpula do nazismo; o que sucederia ao resto era indiferente.[144]

Bernadotte ainda voltaria a encontrar Himmler por duas vezes: uma, nas primeiras horas da manhã de 21 de abril em Hohenlychen, imediatamente após a conversa de Himmler com Masur, ocasião em que Bernadotte conseguiu que fossem feitas mais concessões na questão dos prisioneiros,[145] e finalmente Himmler o chamaria para mais uma reunião. Entrementes, em virtude da aproximação das tropas soviéticas, Himmler fora obrigado a deixar Hohenlychen em direção ao noroeste, instalando-se no quartel da polícia em Lübeck, acompanhado por um séquito considerável.[146]

Na noite de 23 para 24 de abril, os dois se encontraram no consulado sueco em Lübeck. De acordo com o relatório de Bernadotte sobre essa conversa,[147] Himmler lhe teria dito que Hitler havia desistido de sua vida e que estaria morto em poucos dias. Em virtude disso ele, Himmler, agora se sentia em condições de agir também sem a concordância do Führer. Himmler então pediu abertamente a Bernadotte para encaminhar o seu pedido ao governo sueco de arranjar um encontro com Eisenhower a fim de que se acordasse a capitulação da Frente Ocidental. A Frente Oriental seria mantida enquanto fosse possível. Bernadotte disse a Himmler que considerava tal iniciativa irrealista, mas que encaminharia a solicitação, contanto que a Dinamarca e a Noruega fossem incluídas na oferta de capitulação. Himmler concordou. De resto, assim disse Himmler a Bernadotte,

caso sua proposta não fosse aceita, ele assumiria um batalhão na Frente Oriental a fim de morrer em combate.[148]

Durante os dias seguintes, Himmler aguardou ansiosamente por uma resposta. Em 28 de abril, no alto-comando da Wehrmacht, encontrou casualmente o grande almirante Karl Dönitz, comandante em chefe da Marinha, a quem perguntou se estava preparado para assumir uma função de Estado, caso Hitler caísse em Berlim e um sucessor assumisse o seu posto. Com essa oferta, Himmler já respondera automaticamente à pergunta de quem em sua opinião deveria ser o sucessor de Hitler.[149]

Bernadotte informou confidencialmente aos embaixadores britânico e americano em Estocolmo o seu encontro com Himmler. Além disso, Himmler entregara a Bernadotte uma carta para o ministro do Exterior sueco, Christian Günther. Conforme era esperado, as potências ocidentais rejeitaram a oferta da capitulação parcial e expuseram Himmler, que já externara preocupações nesse sentido a Schellenberg, ao mundo todo no final de abril ao publicarem a sua oferta na imprensa internacional.[150]

Charles de Gaulle, presidente do Governo Provisório da França, relatou em suas memórias a última tentativa de Himmler de tirar a cabeça da forca: por "caminhos não oficiais", ele teria recebido um memorando de Himmler, com a oferta de uma aliança. A França deveria se aliar à Alemanha derrotada para evitar ser tratada como estado-satélite pelas forças anglo-saxãs. Na opinião de De Gaulle, esse raciocínio "em sua essência sem dúvida continha algo de verdadeiro", mas ele não conseguiu se decidir a responder a essa simpática oferta. Porque, segundo concluiu, Himmler não tinha "nada a oferecer".[151]

Em 29 de abril, em seu bunker em Berlim, Hitler também soube, por meio da imprensa internacional, da iniciativa de Himmler. Ele reagiu com um acesso de raiva. Em seu testamento político redigido no mesmo dia — um dia antes de seu suicídio —, ele excluiu o "antigo Reichsführer-SS e ministro do Interior do Reich, Heinrich Himmler" do partido, bem como de todos os organismos do Estado. A sucessores de Himmler, mencionados aqui somente a título de completude, foram nomeados: o *Gauleiter* de Breslau Karl Hanke para o cargo de Reichsführer-SS e o *Gauleiter* e primeiro-ministro da Baviera Paul Giesler para o cargo de ministro do Interior do Reich. Hitler também aproveitou o testamento para repreender Himmler duramente; Göring, que dias antes fora

destituído de seus cargos em razão de atitudes independentes semelhantes, foi alvo da mesma crítica. Ambos teriam, conforme escreveu Hitler no testamento, "por meio de negociações secretas com o inimigo, que conduziram sem meu conhecimento e contra minha vontade, bem como por meio da tentativa de, contrariamente à lei, usurpar o poder do Estado, infligido danos incomensuráveis ao país e ao povo, isso sem mencionar a deslealdade para com a minha pessoa".[152]

A acusação de ser um alto traidor do Estado, e ainda desleal, deve ter calado fundo em Himmler, sobretudo porque ele decerto a considerava injusta. Ele havia esperado até o último momento com a sua iniciativa, até aquele dia 22 de abril, quando soube pelo quartel-general do Führer da mais recente discussão de situação com Hitler, na qual o "Führer" declarara já não ter ordens a dar e, com isso, no fundo, renunciara. Himmler tinha bons motivos para acreditar que após a renúncia de Hitler ele teria o direito de dar início a uma tentativa política para acabar com a guerra, agindo em nome da direção do Reich, já que Hitler, que caíra na passividade, não estabelecera qualquer regra quanto à sua sucessão. Mas Himmler não compreendeu que, por trás de sua retirada de 22 de abril, havia o cálculo de Hitler no sentido de, embora estivesse abrindo o caminho para negociações de última hora, manter aberto a si mesmo a possibilidade de, em caso de fracasso das sondagens, distanciar-se novamente das negociações e, desse modo, não manchar a sua importância histórica com a ignomínia da desistência.[153]

Como mostra o último capítulo da história dos campos de concentração, Himmler não manteve sua promessa de março, feita a Kersten, de entregar os campos de concentração com a chegada das tropas aliadas. De fato, Bergen-Belsen fora entregue, mas porque a erupção da epidemia de tifo não permitiu que se desse continuidade às "evacuações".[154] Enquanto isso, no início de abril foram esvaziados os campos de Dora-Mittelbau e Buchenwald, segundo suas ordens expressas. Do total de 48 mil prisioneiros de Buchenwald a SS ainda conseguiu transferir uns 28 mil; no mínimo um terço deles morreu até o final da guerra.

Em meados de abril, a Amtsgruppe do Departamento Central de Economia e Administração da SS (WVHA), responsável pelos campos de concentração, realizou uma última conferência, na qual deve ter sido acertado, de acordo com uma ordem correspondente de Himmler, a evacuação dos últimos campos que

ainda não haviam sido libertados pelos Aliados: tratava-se de Sachsenhausen, Dachau, Neuengamme, Flossenbürg e Ravensbrück. Himmler comprovadamente instruiu a chefia dos campos de concentração de Dachau e Flossenbürg diretamente a não permitir que qualquer prisioneiro caísse vivo nas mãos dos Aliados. Por isso, nos dias seguintes, a liderança da SS se recusou a atender os pedidos da Cruz Vermelha de entregar os últimos campos de concentração.

O fato de Himmler não manter sua palavra de um lado pode ter sido decorrente de seu receio de que Hitler, que não era a favor do comércio de prisioneiros de campos de concentração, pudesse interpretar o gesto como quebra de confiança. De outro, que o mundo não se iludisse pela máscara de mediador humanitário com a qual Himmler se apresentava: ele só estava disposto a salvar vidas se recebesse recompensas concretas de seu opositor. Do seu ponto de vista, os prisioneiros continuavam representando capital humano, que ele pretendia aproveitar até o final nas negociações — por isso a decisão de levá-los junto com ele até os últimos pontos de recuo.

Em vista da separação dos territórios do Reich ainda não ocupado emergente, as últimas marchas da morte ocorreram em duas direções: os prisioneiros dos campos de Flossenbürg e Dachau marcharam para o sul, enquanto os dos campos de concentração de Ravensbrück, Sachdenhausen e Neuengamme seguiram para o norte. As marchas de evacuação terminaram no caos do colapso; muitas vezes grande parte dos prisioneiros ainda era fuzilada pelas equipes de guarda. No final de abril, mais de 3 mil prisioneiros foram transportados de navio, sob condições indescritíveis, de Stutthof, perto de Danzig, para Neustadt, na baía de Lübeck, onde os que sobreviveram às tensões da viagem foram assassinados na praia pelas equipes de guarda e soldados da Marinha. Em 23 de abril, tropas americanas libertaram Flossenbürg; em 29 de abril, Dachau; e em 5 de maio, Mauthausen.[155] Segundo estimativas, dos 714 mil prisioneiros que ainda se encontravam em campos de concentração no início de 1945, entre 240 mil e 360 mil morreram em decorrência das evacuações.[156]

## Em fuga

A agenda atribulada de Himmler dos últimos meses do Terceiro Reich não lhe deixou mais tempo para visitar a família em Gmund ou a amante Hedwig Potthast e os seus filhos em Berchtesgaden. Mas o contato foi mantido via carta

e telefone. As duas mulheres o apoiaram inabalavelmente até o fim; não existe nenhum documento que possa sugerir que elas tivessem desenvolvido algum tipo de dúvida quanto à sua respectiva relação com o assassino em massa e na vida ao lado dele.

Em 16 de janeiro, Margarete Himmler recebeu a visita de seu cunhado Gebhard, o irmão mais velho de Heinrich. A anotação em seu diário deixa crer que, diante da queda iminente do Terceiro Reich, Gebhard, que desde 1933 fizera rápida carreira na área de educação profissional, sempre sob a proteção do irmão, conduziu a conversa para o papel sinistro de Heinrich e para o fato de que as raízes da família Himmler, na verdade, sempre estiveram fincadas na religião católica. Se o seu plano era despertar qualquer forma de consciência em Margarete, a tentativa foi totalmente em vão. “Daí ele quis ter uma conversa particular comigo. Imaginei que não fosse boa coisa. Mas não imaginei que seria tão horrível, porque ele se referiu com tal grosseria a outras pessoas, levantando as pálpebras de modo católico ao falar de seus pais e de Heini. Nunca vou entender.”[157] Duas semanas depois, ela registrou, a respeito do marido: “Que maravilha que ele tenha sido convocado para grandes missões e que consiga dar conta delas. Os olhos de toda a Alemanha se voltam para ele.”[158] Em 21 de fevereiro, ela anotou que pretendia ficar em Gmund, porque este seria o desejo de Heinrich.[159]

Margarete manteve contato com Himmler até abril. Depois deixou Gmund porque as tropas americanas se aproximavam. Mãe e filha fugiram em direção ao sul e em maio de 1945 foram parar em um campo de internação britânico na Itália. Um oficial do Serviço Secreto britânico interrogou as duas, mas não se aprofundou muito porque acreditava que a vida de Margarete tinha ficado relativamente intacta em relação à atividade política do marido. No mais, constatou que a esposa de Himmler tinha uma “mentalidade de cidade pequena”.[160]

Hedwig Potthast viu Himmler pela última vez em meados de março, em Hohenlychen; de lá ela retornou para sua casa em Berchtesgaden. A partir de então, eles se falavam diariamente por telefone. O último contato ocorreu em 19 de abril. Em sua última carta de ano-novo para Himmler, ela havia escrito quase que alegre: “Mesmo que eu diga a mim mesma que o novo ano será duro — talvez opressivo —, estou ansiosa de modo quase curioso quanto ao que ele

trará. Antes de tudo desejo que você tenha a força para a missão que o Führer e a pátria lhe confiaram." Algumas cartas dela de janeiro, que em grande parte descrevem seu dia a dia em Berchtesgaden, foram preservadas: ela relatava os progressos dos filhos e fica-se sabendo que ela mantinha contato com os vizinhos, a família Bormann, e que a sra. Fegelein, a irmã de Eva Braun, a visitava. No mais, ela se alegrava com o cenário invernal de Berchtesgaden. Na última carta recebida por ele em 12 de janeiro de 1945, ela lhe perguntava: "Afinal, por que é que você não sabe esquiar?"[161] Pois é: por que Himmler nunca aprendera a esquiar?

Sem qualquer contato com a primeira ou a segunda família e ainda no quartel da polícia em Lübeck, Himmler buscava, após a tentativa frustrada de entrar em contato com Eisenhower, defender-se da acusação de ser um traidor desleal. Em um radiograma, em 30 de abril, a Kaltenbrunner, que estabelecera o seu quartel-general no sul da Alemanha, ele se dissociou dos relatórios dos Aliados sobre as suas conversas com Bernadotte, bem como de uma suposta declaração preparada por ele sobre a morte do Führer. A luta, destacou ele, deveria continuar a qualquer custo.[162]

No mesmo dia, recebeu a visita inesperada do grande almirante Dönitz. Este recebera nesse dia um radiograma de Bormann, originado no bunker do Führer em Berlim, que o informava sobre a traição de Himmler e ao mesmo tempo o intimava inequivocamente a agir "com extrema rapidez e grande dureza" contra todos os traidores. Dönitz confrontou Himmler com as acusações de ter procurado contato com os Aliados nas costas de Hitler, o que Himmler negou. Dönitz, que ao contrário de Himmler não dispunha de qualquer mecanismo de poder, aceitou a explicação e retornou ao quartel-general em Plön. Ainda no mesmo dia o alcançou ali a notícia de que entrementes a regularização testamentária de Hitler em relação ao seu sucessor "passara a vigorar". Dessa maneira, Dönitz soube da morte de Hitler e do fato de que ele seria o seu sucessor.[163]

Em seguida a isso, Dönitz pediu que Himmler retribuísse a visita que ele lhe fizera; Himmler foi ao seu quartel ainda na mesma noite, escoltado por seis chefes SS armados. Dönitz comunicou-lhe o regulamento de sucessão. Então Himmler, visivelmente chocado, ofereceu-se a Dönitz como "segundo homem",

o que este gentilmente recusou, aludindo ao caráter não político do governo que ele chefiaria.[164] Himmler apareceu mais algumas vezes no quartel-general de Dönitz sem ser convidado, até que este, em 6 de maio, destituiu-o oficialmente do cargo de ministro do Interior do Reich (assim sendo, a destituição testamentária por Hitler não tivera efeito legal na opinião dos envolvidos). A destituição fora precedida por negociações com Himmler, que ainda tentou de alguma forma ser reconhecido oficialmente pelo novo governo em sua função de Reichsführer-SS. Após a sua destituição, Himmler foi intimado a se manter longe da sede do governo, o que ele de fato fez.[165]

Tanto Walter Lüdde-Neurath, ajudante do grande almirante, quanto o conde Schwerin von Krosigk, ministro do Exterior de Dönitz, relatam em suas memórias que nesses dias Himmler dava a impressão de estar extremamente concentrado e otimista e que teria dito que ele e a SS ocupariam um papel importante na nova ordem do pós-guerra ou então, caso isso não fosse possível, ele sumiria sem deixar vestígios.[166]

Mas daí a concluir que até maio de 1945 Himmler ainda nutria ilusões quanto ao seu destino, seria absurdo. Outros que o observaram mais de perto durante esses dias tiveram uma impressão oposta. Em abril, Bernadotte achou que Himmler estava nervoso e exausto — "aparentemente ele travava uma dura luta para se manter calmo externamente"[167]—, e também Schellenberg relatou ter constatado um forte nervosismo em Himmler, que ele já não conseguia disfarçar.[168]

Himmler passou parte de sua vida preocupado em controlar e esconder as emoções e os sentimentos, em apresentar-se como alguém equilibrado e, se possível, otimista, e sempre que a situação permitisse, em mostrar-se gentil ante seus interlocutores. Em sua opinião, o seu posto, a sua posição em relação aos subordinados e o seu papel diante de parceiros de negociação exigiam semelhante postura. Por isso, não se pode afirmar nada de definitivo sobre seu real estado de espírito naqueles dias. Os relatos de Schellenberg e Bernadotte indicam que ele lutava contra a ameaça de um colapso psíquico e por isso se esforçava em manter até o final a renomada autodisciplina e o autocontrole.

Até o fim buscou, de modo cada vez mais agitado, encontrar uma solução para desviar o declínio inevitável. Ele devia tentar se convencer de que ainda dispunha de meios consideráveis de poder: diversas divisões da Waffen-SS

estavam sob o seu comando, e nos territórios ainda não ocupados pelos Aliados ele era senhor sobre o Exército de Reserva, chefiava o aparato da polícia, dos grupos Volkssturm, a sua rede de agentes e, não por último, a organização de terror Werwolf, que se tornaria ativa atrás das linhas inimigas. Além disso, mantinha centenas de milhares de prisioneiros nos campos de concentração para usar como moeda de troca.

No início de maio, com todas as tentativas fracassadas, ele se viu de mãos vazias. Não tivera a possibilidade real de fazer preparativos efetivos para uma fuga ou uma vida na clandestinidade. Mas a quem o homem da cúpula da SS e do aparato de polícia poderia ter recorrido com semelhante missão, sem se expor ante os seus homens como um chefe cujo lema de perseverança e manifestado otimismo não passavam de palavras mentirosas?

Assim, só lhe sobrava a caderneta do serviço militar que o identificava como primeiro-sargento Heinrich Hitzinger, em que a escolha do nome já deixava presumir o seu escrúpulo interno quanto à renegação da sua identidade. No que se referia ao disfarce de sua aparência externa, ele até arranjara trajes civis e um tapa-olho, mas nem sequer tratou de arranjar uns óculos diferentes. Até o final, ele era reconhecível como aquele que sempre fora: Heinrich Himmler.

Para um suicídio, estava equipado apenas do lado prático. Como todos os dirigentes nazistas, ele dispunha de uma dose de veneno letal. Mas fora isso ele aparentemente não fizera qualquer preparativo em relação às circunstâncias externas de um suicídio. Ele não escolhera um lugar importante (por exemplo, algum santuário germânico do norte da Alemanha) e parece que também não preparou nenhuma declaração para o caso de sua morte ou, pelo que se sabe, deixou qualquer carta de despedida. Mas perecer em um último combate, como anunciara, ele também não queria, e lhe faltava o poder de decisão de se entregar oficialmente como prisioneiro, como o fizera Göring, por exemplo. Apresentar-se abertamente perante os Aliados, assumir a responsabilidade sobre seus feitos e suas atrocidades, posicionar-se de modo protetor diante de seus homens — esse caminho, se tivesse tido a coragem de trilhá-lo, ele havia fechado devido ao comportamento contraditório das últimas semanas e meses. Ele sabia que, na eventualidade de um processo por crimes de guerra contra ele, não seriam julgados somente os seus crimes, mas também suas tentativas de evitar, mediante o emprego de mentiras, dissimulações e negociações infames envolvendo vidas,

no último momento, a ameaça do declínio e ainda salvar a sua pele. Como ele poderia explicar a carta que entregara a Kersten em março em que supostamente se empenhava em encontrar uma solução humanitária para a Questão Judaica?

O que ainda lhe restava nessa situação era uma fuga mais ou menos sem destino. Em 11 de maio, ele deixou a região de Flensburg, sob o disfarce superficial do primeiro-sargento Heinrich Hitzinger, acompanhado de seu assessor pessoal Rudolf Brandt, seu ajudante Werner Grothmann, outro ajudante de nome Heinz Macher, o chefe da Gestapo Müller e o chefe de seu serviço de segurança pessoal, Josef Kiermaier. O grupo de seis homens se dirigiu primeiramente a Friedrichskoog, em Dithmarschen, a aproximadamente 100 quilômetros ao sul.

O tempo estava ruim em Friedrichskoog. Somente no dia 15 ou 16 de maio os seis homens conseguiram atravessar a foz de vários quilômetros de largura do Elba, com um barco de pesca, e continuar viagem para Neuhaus, na Baixa Saxônia; segundo Grothmann, a intenção era chegar até o Harz, onde Himmler queria se esconder por algum tempo para depois continuar até os Alpes. De Neuhaus, continuaram a pé para a região de Meinstedt. Lá, Brandt, Müller e Kiermaier se separaram do grupo a fim de obter o carimbo do comando britânico da cidade nos seus documentos pessoais, mas nunca voltaram. Müller seria o único do grupo que realmente conseguiria desaparecer sem deixar rastros.

Himmler, Grothmann e Macher continuaram a marcha, mas, em 21 de maio, se depararam com um posto de controle perto de Bremervörde, que havia sido erguido por prisioneiros de guerra soviéticos libertados da prisão. Nesse dia e nos dois que se seguiram, Himmler passou por diversos campos, antes de enfrentar os interrogadores britânicos, que, por fim, haviam confirmado a sua identidade. Nessas horas ele deve ter se conscientizado de que, dessa perspectiva, só lhe restava o suicídio. O que ele ainda podia determinar era meramente o momento em que isso se daria, e esse ele queria retardar. No entanto, quando ficou claro que durante um suposto exame médico tentariam remover a cápsula de veneno escondida em sua boca, era chegado o momento: ele mordeu a cápsula, mantendo-se no controle até o fim.[169]



*O cadáver de Himmler*

# Conclusão

Qual foi o papel do Reichsführer-SS Heinrich Himmler na história do nazismo? Como se pode determinar a sua participação na “catástrofe alemã”?

Esses são os fios condutores que segui nesta biografia. Se, em alguns dos capítulos anteriores me ocupei de modo relativamente intenso com o desenvolvimento da personalidade de Himmler, isso não ocorreu porque partia da premissa de que as crueldades mais tarde praticadas pelo Reichsführer poderiam derivar de um desenvolvimento fracassado de sua personalidade, por exemplo, em virtude de um trauma de infância ou da socialização em um ambiente propício à violência. Interpretações psicanalíticas não eram o ponto principal dessa biografia histórica. No entanto, se conseguirmos evidenciar um tipo de cerne de caráter no protagonista, isso poderá nos ajudar — no contexto de uma ligação lógica entre padrão e histórico de vida — a entender melhor sua atuação política. O quadro que resulta disso pode ser resumido da seguinte maneira:

Não há nada na infância e na adolescência de Himmler, passadas na casa paterna, católica, conservadora e bem protegida de formação burguesa da “época guilherminiana”, que possa apontar para o fato de que ali crescia uma pessoa com evidentes traços anormais de caráter. Não há indícios de problemas específicos de educação, de uma acentuada tendência à violência ou de uma agressividade que chamasse a atenção; e certamente também seria equivocado detectar no conflito pai-filho, enraizado em uma educação extremamente autoritária, o alicerce decisivo para o futuro desenvolvimento de Himmler. De fato, na casa dos Himmler reinava grande severidade, e o pai controlava Heinrich até na composição de seu diário, uma transgressão dos limites do privado que Himmler mais tarde também adotaria em relação aos seus homens da SS, ainda que com outros métodos. Mas parece que isso não o levou a se revoltar contra o pai, com quem teve apenas pequenas desavenças; também não se sabe de graves diferenças políticas entre pai e filho.

Se procurarmos na infância e na adolescência de Himmler a chave para entender sua personalidade, chamam a atenção antes as suas visíveis dificuldades e sobretudo as contramedidas que ele tomava para superá-las. Fisicamente fraco e muitas vezes enfermo, Heinrich era emocionalmente inibido e não se desenvolvera no trato social: sofria de distúrbios de ligação que faziam

com que fosse difícil para ele estabelecer relações pessoais fortes e duradouras. Ele lutaria a vida toda contra essas dificuldades, que marcaram a maneira como ele se relacionava com os outros. Mas ele aprendeu a compensar ou disfarçar essas deficiências: De um lado, por meio de uma forte tendência a autocontrole e autossuperação baseada em sua educação e, de outro, por meio do treinamento efetivo de formas de relacionamento e técnicas sociais.

Para Himmler, que nasceu em 1900, e para tantos outros de sua geração, a Primeira Guerra Mundial constituiu o marco de uma ruptura de sérias consequências. Himmler cresceu naquela chamada geração jovem da guerra que, embora tenha vivenciado a Primeira Guerra como experiência unificante, padecia do complexo de ser muito jovem para poder participar ativamente. Embora em 1918 ele ainda tenha tido uma formação de cadete, a atividade militar lhe foi negada.

O fato de não ter tido a chance de se afirmar como soldado contribuiu decisivamente para que o jovem Himmler continuasse se orientando no modelo do soldado, mesmo após a saída dos círculos militares; dali em diante ele se via fundamentalmente como um oficial impedido de exercer a profissão. Assim se explica a decisão de estudar agronomia, uma escolha típica de oficiais liberados que, como guerreiros em estado de espera, passavam o tempo até o próximo grande conflito aprendendo uma profissão que lhes garantisse o sustento e, sobretudo, desenvolvendo uma série de atividades paramilitares.

Esse universo soldadesco, que pode ser descrito com as palavras sobriedade, frieza, severidade, objetividade, mas também ordem e regras, ia ao encontro das necessidades do inseguro Himmler. Ele cedia a estilizações de si mesmo como homem soldadesco que, no entanto, se mantinham no campo da fantasia. Apesar de ter integrado diversas organizações paramilitares, não participou de operações de combate na época do pós-guerra. O fato de que nesse mundo masculino havia pouco lugar para as mulheres fazia com que fosse ainda mais atraente para ele, que tinha visíveis dificuldades no relacionamento com o sexo oposto. Como homem soldadesco, Himmler estava seriamente decidido a não ceder a tentações eróticas, e quando elas o assaltavam ele tentava reprimi-las com imagens de violência e guerra ou vivenciá-las com a inclinação para o voyeurismo. Ele compensava a falta de experiência intrometendo-se na vida íntima alheia, uma tendência que também pode ser observada no exercício de sua função como

Reichsführer-SS. Só muito mais tarde ele detectaria nesse modo de vida, com o isolamento em associações masculinas e o celibato autoimposto, “o perigo” homossexual, uma conclusão perturbadora para ele, que reforçaria ainda mais a latente homofobia.

Nos primeiros anos depois da guerra, Himmler vivia em um mundo de sonhos determinado pela subcultura paramilitar do pós-guerra alemão; entrou em contato com a realidade da República de Weimar pela primeira vez em 1922, quando percebeu que, por causa da inflação, seria impossível começar uma segunda faculdade e, como agrônomo diplomado, foi obrigado a aceitar um emprego de assistente em uma fábrica de adubos. Exatamente nesse momento começou sua politização e seu engajamento na facção radical de direita. A radicalização geral da situação política da Baviera nos anos 1922-23, a coalizão temporária entre conservadores e radicais de direita, pavimentou o caminho para ele, que a princípio se alinhava com os nacionalistas alemães, rumo ao nazismo. Provavelmente ele ficou mais impressionado com a forte presença do movimento nazista na área paramilitar do que com o partido propriamente dito: naquela época, em primeiro lugar, o seu modelo era Ernst Röhm, e não Adolf Hitler. Himmler desenvolveu gradativamente uma visão de mundo *völkisch* integral, que incluía o abandono da fé católica, somente entre 1923 e 1924. Os principais elementos dessa ideologia — antissemitismo, nacionalismo extremado, racismo e antimodernismo — ele enriqueceu com elementos do oculto e exaltações germanófilas; dessa maneira surgiu uma ideologia que era, ao mesmo tempo, utopia política, mundo romântico imaginário e substituição da religião.

Com o fracasso do putsch de 9 de novembro de 1923, seguido da proscrição do partido e da normalização política e econômica em geral, Himmler, que desistira de seu emprego, se encontrava frente à bancarrota pessoal e política. Ainda assim, em 1924, o jovem de boa família decidiu permanecer fiel à política de direita e ligar seu futuro profissional a ela. Provavelmente a sua grande capacidade de perseverar somada ao ilusionismo político, à sua autoestilização como soldado, bem como o fato de que ele praticamente não via uma alternativa profissional para si, contribuem para explicar por que ele escolheu algo que à época parecia tão pouco promissor. Aqui se mostra, além disso, um traço de seu caráter que se manifestaria repetidamente em sua vida política: o fracasso não o

levava à desistência ou à reversão; pelo contrário, isso o estimulava a perseguir o objetivo estabelecido com ainda mais afinco, mesmo que ele aprendesse a fazer isso de modo amplamente flexível e adaptado às relações de poder vigentes no momento. E foram também exatamente esses fatores de sua personalidade que fizeram com que lhe parecesse adequado perseverar no NSDAP nos anos de penúria que se seguiram e que o partido lhe parecesse adequado para desempenhar um papel "soldadesco" no contexto de suas atividades paramilitares. Após alguns anos como agitador no campo, em seguida como funcionário subalterno do partido em sua central em Munique — sempre sob as asas de seu patrono Gregor Strasser —, em 1927 ele se tornou Reichsführer adjunto da SS, que atuava como guarda pessoal do partido. Do ponto de vista da direção do partido, era lógico deixar a organização das aparições de seus figurões (pelas quais Himmler era responsável como suplente de chefe da Propaganda) e a sua proteção por conta de uma pessoa só. Nessa posição, ele, que até então muitas vezes não fizera boa figura, finalmente mostrou ser competente e, no início de 1929, a direção da SS, que na época ainda era bastante insignificante, caiu-lhe no colo.

Himmler então se pôs a transformar a SS, que no momento de sua nomeação a comandante contava somente algumas centenas de integrantes, na segunda organização paramilitar do movimento nazista. Nisso, ele tirou proveito do conflito crônico existente entre a direção do partido e a SA, que por duas vezes, no verão de 1930 e na primavera de 1931, ocasionou revoltas, principalmente na SA de Berlim. Nas duas ocasiões, Himmler colocou a SS à disposição do partido, como instrumento de proteção confiável. Ainda que a SS continuasse subordinada à direção da SA, comandada por Ernst Röhm, o antigo mentor de Himmler, este perfilou a SS com sucesso, fazendo com que se distinguisse claramente da SA: a sua SS era mais disciplinada, não desafiava o partido e, ao contrário dos encrenqueiros da SA, via a si mesma como elitista, o que por fim também se expressava mediante critérios de admissão supostamente racistas e determinações quanto à permissão para o casamento. Himmler via a SS como a vanguarda racial para uma futura política de "sangue e solo", uma pretensão que ele ainda reforçaria por meio da aliança com Richard Walther Darré, o especialista agrário e ideólogo da colonização do partido. Ao ideal propagado na SA, de masculinidade rude e independente, Himmler contrapôs conscientemente

a imagem do homem “soldadesco” da SS que, de preferência, ainda chefiava uma família com muitos filhos. Nisso também se reflete a nova orientação do próprio Himmler: ele, que até então fora o “lansquenê solitário”, comprometeu-se em 1927 com Margarete Boden, sete anos mais velha, e se casou com ela em 1928. Em 1929, nasceu o único fruto dessa união, sua filha Gudrun.

Como mostra esse apanhado geral sobre o desenvolvimento de Himmler em seus “anos de formação”, os clichês correntes sobre seu caráter correspondem totalmente a certos traços do Reichsführer. Seus contemporâneos muitas vezes consideravam-no uma pessoa sem emoção, fria e pedante. Sempre preocupado em evitar emoções e sentimentos e em manter a insegurança sob controle, Himmler mantinha um estilo de comportamento regrado até nos mínimos detalhes e com isso causava uma impressão apagada e impessoal. O correspondente vazio emocional ele tentava compensar refugiando-se em sonhos utópicos e especulações que beiravam o religioso — o que os seus contemporâneos reputavam como “romântico” ou pura excentricidade, dependendo da estima que nutriam por ele. Mas Himmler nunca se deixou levar por semelhantes devaneios; pelo contrário, como já se mostrou em seus primeiros anos como Reichsführer-SS, ele, de maneira geral, conseguia conectar os altos voos ideológicos de modo eficaz com a política e tirar proveito das lutas pelo poder que se travavam dentro do NSDAP, adepto como era de um extremo utilitarismo. Tudo o que lhe fosse útil era permissível. Não é de admirar, conhecendo a sua biografia, que ele não hesitasse em empregar a força para atingir seus objetivos. Desde o início da Primeira Guerra Mundial, Himmler prazerosamente se imaginava participando de um conflito militar. Depois de ter vivenciado a guerra durante três anos a partir da perspectiva da frente civil no dia a dia, ingressara no Exército da Baviera no início de 1918, aos 17 anos de idade, e desde então se movimentava com frequência em ambientes marcadamente militares, dominados pela força. Ele via os agitados anos do pós-guerra somente como um prolongamento da situação de guerra, como oportunidade para empregar a força contra o inimigo interno. Durante os poucos anos estáveis após o fracassado Putsch, ele “hibernara” no círculo notadamente paramilitar do radicalismo de direita. Como Reichsführer-SS, ele agora se via como comandante em uma guerra civil, na qual o emprego de toda forma de violência era permitido, inclusive o assassinato político.

Himmler assumira a direção da SS numa época em que o nazismo se preparava para, em um tempo extremamente curto, transformar-se em um movimento de massa, e era inevitável que ele, como Reichsführer-SS, fosse carregado pela corrente dessa dinâmica expansão: em quatro anos, mais ou menos, a SS inchara para 50 mil homens. Por isso, é sensato pensar que o desenvolvimento posterior de Himmler deva ser retraçado dentro do contexto estreito da história em geral do nazismo, uma história que pode ser descrita como uma sequência rápida de processos dinâmicos: conquista de poder, ampliação e afirmação de poder, expansão, guerra de extermínio racial e, por fim, autodestruição progressiva. O político Himmler estava totalmente integrado em todos esses desenvolvimentos históricos que se atropelavam; por isso, uma explicação apenas biográfica da sua atuação política seria totalmente insuficiente. Lidamos aqui com processos políticos complexos que não podem ser reduzidos à psicologia dos agentes.

No entanto, se reconstruirmos essa carreira detalhadamente, mostramos o quanto Himmler marcou diversas áreas com sua personalidade. Nesse contexto, por exemplo, inclui-se o jeito totalmente pessoal de gerir os seus, não hesitando em se intrometer na vida particular de seus homens e dos seus familiares. Himmler se via como educador de sua SS, como uma figura paterna. Passou a exigir dos chefes SS a mesma “obediência” que o ligava à sua casa paterna; podia vivenciar as tendências voyeurísticas e manipuladoras, bisbilhotando a vida íntima alheia. Ao mesmo tempo, ele se empenhava em transferir a própria autoestilização “soldadesca” a toda a SS. Os integrantes da SS não deveriam formar uma liga fraterna de camaradas, mas se submeter a uma disciplina dura e manter os mesmos tipos de relacionamentos frios e sóbrios por trás dos quais Himmler escondia a própria inibição.

E o modo como afirmava enfaticamente que em todas as atividades a sua SS atuava segundo princípios morais especiais, e como repetidamente exibia de maneira estereotipada um obrigatório “catálogo de virtudes” da SS, torna flagrante a relação com suas próprias marcas de caráter. No início do relacionamento, confessou à noiva que por uma só vez gostaria de ser “indecente”, de se livrar camisa de força das regras, das máximas comportamentais e do controle. A SS lhe daria amplas possibilidades para isso. Para encobrir a contradição entre altas exigências morais e obscuras tentações, tinha de preservar a virtuosa fachada, sempre se esforçando por exibir a qualquer

preço a “decência”; essa dupla moral valia tanto para o homem Himmler quanto para a sua SS.

As tentativas de Himmler de assegurar a coesão interna da “ordem” por meio de um culto especial da SS e de fortalecer seu caráter elitista como defensor do Graal do nazismo também revelavam as suas fraquezas pessoais. O próprio Himmler necessitava de símbolos e insígnias, mitos e santuários, festas e rituais, tanto para a própria orientação quanto para poder imprimi-los ao seu mundo de fantasiosas manifestações sensoriais vivenciáveis e para poder compartilhá-los com outros, ainda que de modo incompleto. A estranha fragilidade e a dedicação artificial a esse culto, em que o próprio Himmler repetidamente atuou como mestre de cerimônias, transmitiam involuntariamente uma imagem da sua inibição interna.

Pouco a pouco a pessoa se fundia com o cargo. A vida profissional e a privada se misturavam cada vez mais: irmãos e amigos ingressaram na SS, enquanto Himmler tratava seus membros como se fossem membros de sua própria família. Sem ser solicitado, ele se ocupava de suas vidas privadas, de seus estados de saúde, de suas dívidas particulares ou do consumo de álcool. E quando resolveu escapar de seu casamento, que se tornara vazio, para viver uma nova relação, sugeriu a seus homens que também tivessem um “segundo casamento” e gerassem filhos ilegítimos.

Sua posição no estado nazista parecia lhe oferecer sobretudo a chance de converter, em grande estilo, em realidade política os sonhos e as ambições que o moviam havia muito tempo como pessoa privada: a libertação das amarras da religião cristã e a superação de ligações morais restritivas; a reavaliação de reprodução e casamento sob o aspecto da criação e seleção racial; uma carreira de oficial e comandante de exército; a criação de uma ideologia que pudesse substituir a religião; e, por fim, a restauração de um universo germânico desaparecido e, especialmente, o extermínio radical dos odiados sub-humanos como premissa para a realização dessa utopia.

Com o tempo, conseguiu criar uma posição de poder totalmente ajustada à sua pessoa e determinada por suas preferências e particularidades pessoais. Himmler era o extremo oposto de um funcionário impessoal ou burocrata substituível. A posição que construiu ao longo dos anos pode ser descrita muito mais como um exemplo extremo de personalização praticamente total do poder

político. Esse fenômeno só pode ser explicado por meio das estruturas de poder específicas do nazismo e sua dinâmica: a liderança de um carismático Führer, a falta de leis e de regras nesse sistema de governo, a constante necessidade de adaptar as estruturas de poder a novos objetivos políticos fizeram com que grandes parcelas do aparato governamental fossem ocupadas por pessoas da confiança de Hitler, com missões específicas feitas sob medida para elas e que, embora diretamente subordinadas ao Führer, desfrutavam de uma liberdade de ação extraordinariamente grande para se desincumbirem de suas atribuições.

No caso da carreira política de Himmler, pode-se identificar uma série de fases distinguíveis entre si de modo relativamente fácil, nas quais o Reichsführer desenvolveu concepções específicas para a sua SS a cada vez. Himmler reagia assim aos processos de mudança pelos quais passava o regime e ajudava a impulsioná-los, sem no entanto conseguir dirigi-los ou controlá-los em seu conjunto.

Em 1933, Himmler de início teve de se contentar com o cargo de chefe da Polícia Política na Baviera. Ao tirar proveito, entre outras coisas, do conflito de 1933-34, que se agravava, entre o partido e a direção do Estado, de um lado, e a SA, de outro, e tendo sugerido a sua pessoa como primeiro aliado confiável, ele conseguiu, em um tempo relativamente curto, catapultar-se ao cargo de chefe das polícias políticas dos demais estados alemães e, finalmente, de todo o Reich. A bem-sucedida degola da chefia da SA — de que foram vítimas os seus dois mentores até aquele momento, Röhm e Strasser — fortaleceria consideravelmente a posição da SS e não deixaria dúvidas quanto à sua lealdade em relação a Hitler. A partir dessa posição, ele desenvolveu um programa abrangente para a chefia de toda a polícia, que — depois de Hitler nomeá-lo chefe da polícia alemã em 1936 — pretendia fundir com a SS, formando um corpo de segurança do estado.

Quando, no final dos anos 1930, o Terceiro Reich iniciou a sua expansão, Himmler estabeleceu novas prioridades: além da colonização e da “seleção racial” da população nas regiões a serem “germanizadas”, ampliou a Waffen-SS, intrometeu-se na política de repressão nos territórios ocupados e introduziu uma política de extermínio em massa sistemático que se baseava em critérios racistas. No período de 1938 a 1940, apesar de adquirir uma série de novas competências, também foi obrigado a engolir diversas derrotas e aceitar recuos delicados. Fazia

parte desses, entre outros, o seu fracasso na crise Fritsch e a crítica que recebeu da Wehrmacht em razão das atrocidades cometidas pela SS na Polônia e da sua assim chamada Ordem de Procriação; nos países recentemente conquistados no norte e no oeste da Europa seus planos não seguiram o curso intencionado, e seu gigantesco programa de transmigração na Polônia ficara emperrado.

Himmler esperava que, com o ataque da Alemanha à União Soviética, poderia deixar para trás esse período de estagnação. No verão de 1941, foi ele, claramente, quem tomou a iniciativa de ampliar as já iniciadas execuções de judeus "suspeitos" na União Soviética pelas suas Einsatzgruppen e por outras corporações assassinas, transformando-as em um genocídio de grandes proporções contra as minoria judaica nos territórios ocupados do leste — no que tinha a certeza de estar agindo de acordo com os planos de longo prazo de Hitler. Por meio dessa iniciativa, Himmler reagiu ofensivamente contra outro vexame: sua marginalização na política de ocupação no leste, da qual tomou conhecimento em meados de julho. Segundo os seus cálculos, ao usar as atribuições policiais que lhe haviam sido incumbidas a serviço do genocídio, ele assegurava para si e para a sua SS a atribuição, cuja definição era bem mais abrangente, de submeter os territórios ocupados a um gigantesco programa de expulsão, transmigração e extermínio. Segundo sua perspectiva, o assassinato dos judeus era só o primeiro passo a ser dado no caminho para uma "nova ordem" racial bem mais abrangente.

No outono e no inverno de 1941, Himmler desempenhou um papel crucial na intensificação da perseguição aos judeus, ou, mais especificamente, nos preparativos para as primeiras ondas de deportação e na inclusão de mais regiões do leste da Europa no programa de extermínio. Também por trás disso havia ponderações que iam bem além da "exclusão" dos judeus: no auge da política de conquista do nazismo, ele substituiu a ideia de um Reich "germânico" pela visão de um Grande Império Germânico.

Na primavera de 1942, parecia-lhe que havia chegado o momento de começar a pôr esse objetivo em prática: ele viu a oportunidade de estender o Holocausto sempre a novos grupos de vítimas judaicas. A Polônia ocupada foi a primeira a se tornar vítima do extermínio em massa em todo o seu território, e, em seguida — o atentado contra Heydrich certamente teve um papel importante nisso —, toda a Europa foi tragada pela onda do extermínio em massa. Logo depois dessas

decisões fundamentais, tomadas principalmente entre abril e junho de 1942, até setembro de 1942, ele definiu a rota para um desenvolvimento que, se observado em conjunto, de fato acabaria resultando, mediante a interligação de diversas atribuições, no estabelecimento de uma nova ordem do continente europeu sob a direção da SS: ele assumiu a responsabilidade pelo "combate aos bandidos" nos territórios ocupados, mandou que fosse desenvolvido um plano de assentamento geral para a região ocupada pela Alemanha, conseguiu cada vez mais opções de recrutamento para a Waffen-SS, empenhou-se pela integração dos "países germânicos" ao novo Reich, planejou a instalação de um empreendimento próprio para a produção de armamentos, iniciou o sistemático aniquilamento dos elementos "associais" e assegurou, sob o lema "extermínio por trabalho", a expansão do sistema de campos de concentração.

Do ponto de vista de Himmler, a série de triunfos militares que a Wehrmacht vinha amealhando desde 1939 fez com que o prazo que ele estipulara para a edificação do Grande Império Germânico, de várias gerações, encolhesse como em um salto no tempo: em 1942, parecia que se abria para ele e a SS uma janela de tempo que permitia transformar em realidade, imediatamente, ideias que até então eram tidas como utópicas. Essa que na visão de Himmler era uma enorme aceleração de processos históricos, a expectativa — plenamente fundada — de fazer com que, em curto prazo, utopias se tornassem realidade, me parece constituir um fator totalmente decisivo quando se quer explicar a sua atuação como executor da Solução Final e como organizador de "planos de uma nova ordem" de proporções extraordinariamente gigantescas. Afinal, até esse momento, em sua maneira de pensar, ele fora bem-sucedido em tudo o que se propusera a fazer. Parecia que nada nem ninguém poderiam detê-lo.

Mas logo em seguida, no final de 1942, deu-se a virada da guerra e Himmler foi obrigado a postergar seus abrangentes planos. Quando se observam os seus diversos projetos postos em andamento notadamente em 1942, percebe-se que eles de qualquer maneira logo teriam dado errado: os novos projetos de colonização foram implantados de modo amplamente deficiente ou acabaram em fiasco; o intento de instalar cabeças de ponte nos países germânicos por meio de alianças com forças nativas dispostas a colaborar fracassou amplamente; a ideia da empresa de armamento própria não saiu do papel; o "combate aos bandidos" provou ser um empreendimento sem perspectivas; o generoso recrutamento de

alemães étnicos para a Waffen-SS enfraqueceu a posição das minorias alemãs no sudeste da Europa; e a ação de recrutamento de voluntários “estrangeiros” para a Waffen-SS trouxe resultados sobretudo negativos.

Então ele passou a se concentrar totalmente na área que sempre constituiu o centro de seu poder: o exercício da violência e do terror, mediante o qual ele queria garantir a “segurança” dentro do território ainda dominado pela Alemanha nazista. No final da guerra, com o acúmulo de mais funções, principalmente a de ministro do Interior do Reich e a de comandante do Exército de Reserva, ele passou a reunir em sua pessoa praticamente todos os meios de poder do Estado nazista.

Ainda assim, não foi capaz de refrear os movimentos de resistência nos territórios ocupados. Também não é possível determinar se ele tinha ao menos desenvolvido alguma ideia coerente quanto ao modo de lidar com eles. A situação na própria Alemanha era diferente: aquilo que ele postulou em 1937 como sua principal tarefa em caso de uma nova guerra, ou seja, a de tirar o peso das costas do regime no que dizia respeito ao “palco de guerra interno”, realmente conseguiria cumprir, em grande medida, até a capitulação militar em maio de 1945. O fato de o Terceiro Reich não ter desmoronado a partir de dentro, mas somente sob a ataque dos exércitos Aliados, essa prorrogação de sua existência adquirida em meio a milhões de vítimas, pode realmente ser creditado de modo abrangente a Heinrich Himmler.

Na fase final da guerra, ele empreendeu uma última tentativa de redefinir o seu papel no Terceiro Reich: como mediador honorável que, imbuído de razões humanitárias, abria caminho para um fim pacífico. Ele envidou esforços para estabelecer contato com os Aliados ocidentais por intermédio de países neutros, oferecendo os prisioneiros dos campos de concentração como possíveis objetos de troca, e até procurou entrar em contato com organizações judaicas — um empreendimento absurdo que sublinha a tendência ao ilusionismo político tanto quanto o empenho no sentido de se adaptar a qualquer situação. Quando esse intento se provou malogrado e, além de tudo, Hitler ainda o renegou nos últimos dias da guerra, ele se refugiou numa atividade frenética, sem conseguir opor mais nenhuma resistência tanto ao colapso interno quanto ao externo.

O que em tudo isso se destaca de mais extraordinário é a capacidade de Himmler

de desenvolver, por diversas vezes ao longo da ditadura nazista, concepções gerais para o complexo de poder dirigido por ele, de um lado, e de atribuir tarefas para a sua realização às respectivas organizações parciais de sua área de influência, de outro, que, do ponto de vista do regime, pareciam ajustadas logicamente umas às outras, tanto no sentido ideológico como em termos de política de poder. Ainda que fosse meticuloso ao extremo, a ponto de fazer com que Hitler sancionasse cada uma de suas novas competências, era ele quem reunia metodicamente esses poderes individuais para que resultassem em um sistema. Assim, ele expandia sucessivamente as suas competências até que, no fim da guerra, ele provavelmente tivesse se tornado o político nazista mais poderoso depois de Hitler.

Apesar disso, não se pode interpretar a carreira de Himmler unilateralmente no sentido de uma implantação contínua e sustentável de princípios ideológicos preconcebidos. Embora suas ideias e sua atuação seguissem uma certa constante, o tema central da eterna luta de heróis “germânicos” contra sub-humanos “asiáticos”, essa concepção do mundo era de tal forma vaga e geral que ele podia configurá-la dos mais diferentes modos e sempre sob medida, de acordo com a situação política do momento. Essa flexibilidade de ligar ideologia e política de poder era a sua verdadeira força.

A política nazista, é bom que se ressalte, adquiriu a sua explosividade e dinâmica particular em grande parte devido ao modo como Heinrich Himmler interligava aparato policial, sistema de campos de concentração, seleção racial, política de colonização, combate aos guerrilheiros, programas de trabalho forçado e mobilização de “germânicos” e “alemães étnicos”. Disso resultou toda a estrutura da SS e da polícia, cuja ligação interna e extensão total só pode ser compreendida à luz do responsável que reunia todas essas competências em sua pessoa. Se Himmler tivesse sido substituído por outro indivíduo nos anos 1930, essa ligação específica e altamente perigosa de diferentes competências não teria ocorrido. Se esses encargos tivessem sido atribuídos a áreas de competência separadas, sob a responsabilidade de diferentes políticos do partido, a política nazista muito provavelmente não teria podido exercer o seu efeito medonho do mesmo modo. Um apanhado geral do império himmleriano e das concepções e utopias por ele desenvolvidas deixa claro, além disso, que ele reuniu um potencial destrutivo que em muito ia além das catástrofes de fato perpetradas

pelo nazismo: o assassinato sistemático de judeus da Europa, pelo qual hoje Himmler é considerado o principal responsável, não era o objetivo final da sua política, mas sim o ponto de partida para planos muito mais abrangentes de uma "nova ordem" sangrenta no continente europeu.

## Agradecimentos

Este livro foi escrito ao longo dos últimos dez anos — interrompido por outros trabalhos — em diferentes lugares: Londres, Munique, Washington, Frankfurt, Essen e em quase todos os lugares em que estive durante esse tempo.

Agradeço em primeiro lugar aos meus colegas e aos meus alunos da Royal Holloway College da University of London, que mais uma vez estiveram dispostos a me possibilitar esse trabalho, com generosas concessões e liberdades para pesquisa. Obtive apoio essencial de diversas instituições, que facilitaram o meu trabalho por meio de bolsas de estudos e hospedagem e me deram a oportunidade de conversar sobre as minhas pesquisas: o Centre for Advanced Holocaust Studies do US Holocaust Memorial Museum, o Fritz Bauer Institut em Frankfurt e também o Kulturwissenschaftliche Institut em Essen.

Além disso, tive a oportunidade de, nos últimos anos, apresentar meu trabalho, que estava na fase de formação, em diversos lugares, especialmente nas universidades de Freiburg, Stanford, Exeter, Oxford e Londres (German History Seminar), no Museu Memorial Villa Ten Hompel em Münster, no centro de documentação Wewelsburg, bem como no Imperial War Museum, em Londres.

Também tive a chance de debater intensivamente a personalidade de Himmler com um grupo de psicanalistas em Hamburgo e um grupo de trabalho de psicoterapeutas em Colônia; ambos os círculos de discussão exerceram um efeito de longa duração sobre o meu estudo da vida de Himmler. Agradeço a todos os participantes desses encontros: Christiane Adam, Sabine Brückner-Jungjohann, Petra Demleux-Morawietz, Gundula Fromm, Beata Hammerich, Ulrich Knocke, dr. Bärbel Kreidt, Rita Krull-Wittkopf, Johannes Pfäfflin, dr. Peter Pogany-Wnendt, Erda Siebert, Dirk Sieveking, dr. Bernd Sonntag e Matthias Wellershoff.

O dr. Andreas Kunz, chefe da Aussenstelle (posto avançado) do Bundesarchiv (arquivos federais) em Ludwigsburg, chamou a minha atenção para as memórias do coronel Eismann, o colaborador militar de Himmler no Estado-maior do grupo de exército Vístula. A senhora Christa Schmeisser, secretária administrativa da direção-geral dos Bayerischen Archive obteve a transcrição dos diários de Himmler e uma parte de sua correspondência. O conselheiro ministerial aposentado Alois Schmidmeier me ajudou a decifrar algumas passagens estenografadas nas cartas de Himmler. O meu agradecimento vai tanto

a eles quanto aos colaboradores de todos os arquivos e instituições que apoiaram o meu trabalho.

Agradeço de todo coração a Thomas Rathnow e Tobias Winstel da editora Siedler e a todos os seus colaboradores pelo apoio e, sobretudo, pela enorme paciência. Sou grato também ao meu agente Andrew Wylie por seus excelentes serviços de mediação.

O esplêndido trabalho realizado pela minha leitora Andrea Böltken ficará em grande parte oculto ao leitor. Meu agradecimento especial vai para ela.

Munique e Londres, julho de 2008.

# APÊNDICE

# Notas

**Prólogo**

1 Himmler e seus acompanhantes foram detidos por dois soldados soviéticos, ex-prisioneiros de guerra que serviam de reforço para uma patrulha britânica; ver *Die letzten Tage von Heinrich Himmler. Neue Dokumente aus dem Archiv des Föderalen Sicherheitsdienstes*, com apresentação e introdução de Boris Chavkin e A.M. Kalganov na revista *Forum für osteuropäische Ideen- und Zeitgeschichte* 4 (2000), p. 251-284.

2 Para mais detalhes sobre a permanência de Himmler no 31º Campo de Interrogatório de Civis, ver o relatório que Selvester redigiu em 1963, a pedido dos biógrafos de Himmler, Roger Manwell e Heinrich Fraenkel, relatório esse que os autores de fato usaram na biografia (*Himmler*, Ed. Record, 1965). Antes de entregá-lo a Manwell e Fraenkel, Selvester submeteu seu relatório à apreciação do Departamento de Relações Públicas do Ministério de Guerra Britânico, que suprimiu a passagem que falava sobre a intenção de drogar Himmler (PRO, WO 32/19603). Esse relatório, escrito quase vinte anos após o evento, contém algumas imprecisões, especialmente quanto à cronologia dos fatos, o que pode ser verificado comparando-se tal relatório com o relatório redigido em 23 de maio de 1945 pelo oficial-chefe Smith, que conduziu o interrogatório, bem como com o comunicado do 2º Exército Britânico sobre a ocorrência, de 24/5/45; ver tudo em PRO, WO 208/4431.

3 Ib., War Diary, Second Army Defence Company, 23 de maio de 1945.

4 Ib., War Diary, Second Army Defence Company, 26 de maio de 1945. O local da sepultura está mencionado em outras correspondências deste arquivo.

**Infância e juventude**

1 Cartas de leitores publicadas no jornal *Süddeutsche Zeitung* de 9 e 10 de agosto de 1980.

2 Ib., carta de leitor.

3 BAK, NL 1126/26, tábua genealógica da família Kiene, elaborada por Gebhard Himmler, setembro de 1921. Agathe Kiene viveu de 1833 a 1916. Para conhecer a história da família Himmler, cf. a obra de Bradley F. Smith, *Heinrich Himmler 1900-1926. Sein Weg in den deutschen Faschismus*, Munique, 1979, p. 23 e segs.

4 No livro de registros de professores, servidores e estudantes da universidade Königlich-Bayerischen Ludwig-Maximilians-Universität, em Munique, Gebhard Himmler consta como estudante inscrito a partir do semestre do inverno de 1884-1885 até o semestre do verão de 1890; também consta que interrompeu os estudos no período que vai do semestre de inverno de 1888-1990 até o semestre de verão de 1890.

5 As informações sobre o tempo que Heinrich Himmler passou na Rússia foram encontradas por sua sobrinha-neta, Katrin Himmler, nos antigos papéis e documentos da família; ver Katrin Himmler, *Die Brüder Himmler. Eine deutsche Familiengeschichte*. Frankfurt am Main: S. Fischer. 2005, p. 35.

6 Não há registro sobre a sua ocupação como professor particular do príncipe Heinrich nos Arquivos da Casa de Wittelsbach (BHStA, Departamento III), segundo informação recebida oralmente.

7 *Blätter für das Gymnasial-Schulwesen 33* (maio/junho de 1897), p. 528. No livro publicado em comemoração ao jubileu de 400 anos do colégio Wilhelm-Gymnasium, *Festschrift zur Vierhundert-Jahr-Feier des Wilhelms-Gymnasiums, 1559-1959*, Munique, 1959. p. 57, Gebhard Himmler consta como tendo sido professor desse colégio nos anos de 1894 a 1902. Segundo o livro *Brüder Himmler*, p. 37, ele foi professor do colégio Ludwigsgymnasium a partir de 1890 e, a partir de 1893, exerceu a atividade de professor particular.

8 BAK, NL 1126/26, tábua genealógica da família Heyder, elaborada por Gebhard Himmler em 1931. Anna Maria Heyder nasceu em 19 de janeiro de 1866. Seu pai, Franz Alois Heyder, nascido em 22 de julho de 1810 em Abensberg (Baixa Baviera), morreu em 17 de abril de 1872. Seus antepassados, que remontam ao século XVII, foram silvicultores. Em 1839, Alois Heyder desposara uma viúva 18 anos mais velha, antes de se casar, em 1862, com Anna Hofritter, 14 anos mais nova que ele, e que viria a ser a avó de Himmler. Ver também Smith, *Himmler*, p. 29.

9 K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 38, menciona um valor de 300 mil *Goldmark*, o que representaria uma fortuna considerável para a época. O padrão de vida dos Himmler, no entanto, não permite presumir que dispusessem de elevadas rendas de patrimônio familiar além do salário de funcionário público.

10 BAK, NL 1126/1, cartas de Gebhard Himmler ao príncipe Heinrich: 21 de junho de 1900 (agradecendo por este ter aceitado ser o padrinho da criança), 8 de outubro de 1900 (anunciando o nascimento) e 19 de outubro de 1900 (com referência ao batismo); ver Smith, *Himmler*, p. 38 e seg.

11 Ib., p. 30 e seg.

12 Como na carta de despedida à esposa, que ele achou por bem escrever antes de partir para uma viagem à Grécia, em 1910 (K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 48). Dos diários de Heinrich, pode-se deduzir que a família ia à missa regularmente. Com exceção de seus diários de férias de 1910 e 1911 (passadas em Lenggries), de 1912 (Lindau) e de 1913 (Brixlegg), que fazem parte do espólio de Himmler, BAK NL 1126/6, os outros diários preservados se encontram na Hoover Institution da Universidade de Stanford. Em forma de microfilme, tais diários também fazem parte do espólio de Himmler (BAK, NL 1126). Os diários doravante serão citados genericamente como TB.

13 K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 46 e segs.: as cartas de despedida que Himmler pai escreveu por precaução a Gebhard e Ernst em 1910 e que fazem parte do acervo da família comprovam isso de modo exemplar.

14 Smith, *Himmler*, p. 46 e seg.; TB, 18 de setembro de 1915.

15 BAK, NL 1126/1, Gebhard Himmler, apontamentos escolares de nossos queridos filhos, ver Smith, *Himmler*, p. 43.

16 K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 46 e segs.

17 No início, os Himmler moraram no apartamento da esposa, na Sternstrasse 13, primeiro andar *(Guia de endereços de Munique de 1898).* Nesse endereço também estava registrada Agathe Himmler, viúva de serventuário da administração pública do distrito. Em 1900 e 1901, a família morou na Hildegardstrasse 6, segundo andar; a partir de 1º de abril de 1901, na Liebigstrasse 5, terceiro andar (*Guia de endereços de Munique de 1900 e 1901*). Ver Smith, *Himmler*, p. 39.
18 Ib., p. 50.
19 A correspondência se encontra no BAK, NL 1126/1. Katrin Himmler, em *Brüder Himmler*, p. 39, faz um relato das visitas tomando por base as memórias escritas por seu tio-avô Gebhard Himmler, que estão em poder da família.
20 Sobre a virada cultural e política durante a época do príncipe regente e o declínio de Munique como capital cultural, ver, principalmente, David Clay Large, *Hitlers München. Aufstieg und Fall der Hauptstadt der Bewegung*, Munique, 1998, bem como a coletânea publicada por Friedrich Prinz e Marita Kraus, *München — Musenstadt mit Hinterhöfen. Die Prinzregentenzeit 1886-1912* , Munique, 1988; ali, entre outros, ver Roger Engelmann, "Öffentlichkeit und Zensur. Literatur und Theater als Provokation", p. 267-276. Sobre a época do príncipe regente em geral, ver Karl Möckl, *Die Prinzregentenzeit. Gesellschaft und Politik während der Ära des Prinzregenten Luitpold in Bayern*, Munique/Viena, 1972.
21 *Blätter für das Gymnasial-Schulwesen* 38, 9/10 (setembro/outubro de 1902), p. 665.
22 BAK, NL 1126/1, troca de correspondência de Gebhard Himmler com o médico da família, Quernstedt (15 de julho de 1903), e com o príncipe Henrique da Baviera (carta do príncipe indagando sobre a saúde de Heinrich, 25 de junho de 1903, e as respostas de Himmler de 30 de agosto e 20 de dezembro de 1903); Smith, *Himmler*, p. 40 e segs.
23 *Blätter für das Gymnasial-Schulwesen* 40, 9/10 (setembro/outubro de 1904), p. 684; *Adressbuch für München 1905*; ver Smith, *Himmler*, p. 42.
24 Ib., p. 42 e seg.; BAK, NL 1126/1, apontamentos escolares. Himmler pai menciona aqui cinco doenças diferentes que acometeram o filho Gebhard naquele ano, e contabilizou a perda de 147 dias de aula.
25 Reflexões desta ordem ocorrem especialmente em K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 66 e seg.
26 BAK, NL 1126/1, apontamentos escolares.
27 Smith, *Himmler*, p. 44 e seg.
28 Ver os diários de férias de Heinrich referentes a 1910 e 1911 (Lenggries), 1912 (Lindau) e 1913 (Brixlegg) no espólio de Himmler, BAK, NL 1126/6.
29 TB, 1911, estadia no campo, em Lenggries. Ver também Smith, *Himmler*, p. 44 e segs.
30 Ib., p. 51.
31 BAK, NL 1126/1, apontamentos escolares.
32 George W. F. Hallgarten, "Mein Mitschüler Heinrich Himmler": *Germania Judaica* 1, 2 (1960-1961), p. 4-7.
33 Smith, *Himmler*, p. 52; K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 49.
34 BAB, NS 19/3667. Sobre Zipperer, ver Smith, *Himmler*, p. 53 e seg.
35 Falk Zipperer, "Eschwege. Eine siedlungs- und verfassungsgeschichtliche Untersuchung", em *Festgabe für Heinrich Himmler*, Darmstadt, 1941, p. 215- 292. A dissertação de Zipperer, publicada em uma série da organização científica da SS Ahnenerbe, tratava de um costume da Alta Baviera: *O Haberfeldtreiben. Sua história e seu significado*, Weimar, 1938; ver também BAB, BDC, SS-O Zipperer.
36 BAB, NS 19/3535.
37 Alfons Beckenbauer, "Eine Landshuter Jugendfreundschaft und ihre Verwicklung in die NS-Politik. Der Arzt Dr. Karl Gebhardt und der Reichsführer-SS Heinrich Himmler", in: *Verhandlungen des Historischen Vereins für Niederbayern* 100. 1974, p. 5-22.
38 Smith, *Himmler*, p. 48.
39 Alfons Beckenbauer, "Musterschüler und Massenmörder. Heinrich Himmlers Landshuter Jugendjahre", in: *Verhandlungen des Historischen Vereins für Niederbayern* 95. 1969, p. 93-106.
40 TB, 28 de julho de 1915.
41 Ib., 4 de setembro de 1915.
42 Ib., 16 de fevereiro de 1915.
43 Ib., 29 de julho de 1915.
44 Sobre a geração jovem da guerra, ver especialmente Ulrich Herbert, *Best. Biographische Studien über Radikalismus, Weltanschauung und Vernunft, 1903--1989*, Bonn, 1996, p. 42 e segs. Segundo Herbert, o importante para essa geração era, principalmente, transferir para a política interna um modelo idealizado do "soldado da linha de frente". Herbert refere-se principalmente a um texto que foi bastante influente à época, escrito por *Günther Gründel, Sendung der jungen Generation. Versuch einer umfassenden revolutionären Sinndeutung der Krise*, Munique, 1932. A análise de Helmut Lethen citada por Herbert no mesmo contexto, *Verhaltenslehren der Kälte. Lebensversuche zwischen den Kriegen*, Frankfurt/Main, 1994, aponta, por outro lado, para autores da nova objetividade e é menos pertinente para o nosso contexto, isto é, os primórdios do radicalismo da direita na República de Weimar. Michael Wildt, em *Generation des Unbedingten. Das Führungskorps des Reichssicherheitshauptamtes*, Hamburgo, 2003; constatou que nos quadros mais altos do comando dessa unidade a geração jovem da guerra predominava com uma parcela de 60%, complementando o retrato traçado por Herbert. Para saber mais sobre a geração jovem da guerra, ver também Barbara Stambolis, *Der Mythos der jungen Generation. Ein Beitrag zur politischen Kultur der Weimarer Republik* (O mito da nova geração. Uma contribuição para a cultura política da República de Weimar), Bochum, 1982.
45 Sobre os jogos de guerra, ver TB, 1º de setembro de 1914; e 1º e 18 de fevereiro de 1915.
46 KAM, OP 54540, Atestado do diretor da Sociedade de Defesa de Landshut, 26 de junho de 1917.
47 TB, 25 de setembro de 1915. Sobre a Defesa Jovem, ver Smith, *Himmler*, p. 61.
48 TB, 16 de fevereiro e 31 de julho de 1915.
49 Ib., 27 de setembro de 1914.
50 BAK, NL 1126/3, carteirinha de sócio; a data de admissão é 6 de fevereiro de 1917.

51 Smith, *Himmler*, p. 69.
52 Ib., p. 68 e p. 72; K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 57.
53 Smith, *Himmler*, p. 72.
54 KAM, OP 54540, Atestado do representante distrital para a preparação militar da juventude, 25 de junho de 1917.
55 BAK, NL 1126/1, Administração da Corte, princesa viúva Arnulf, marechal da Corte Pflaum, 4 e 11 de junho de 1917; Smith, *Himmler*, p. 72 e segs.
56 BAK, NL 1126/1, Questionário do Batalhão de Reserva do 1º Regimento da Infantaria, preenchido por Gebhard Himmler em 23 de junho de 1917.
57 KAM, OP 54540, Histórico Escolar de 15 de julho de 1917. As notas que Himmler tirou foram "muito bom" nas disciplinas Religião e História; "bom" em Alemão, Latim, Grego, Francês, Matemática e Educação Física; somente em Física seus conhecimentos foram avaliados como "satisfatório".
58 BAK, NL 1126/1, ver comunicado do magistrado de Landshut a Gebhard Himmler, 6 de outubro de 1917, bem como KAM, OP 54540, Atestado do Magistrado datado de 24 de dezembro de 1917. Sobre esse episódio, ver também Smith, *Himmler*, p. 74 e seg.
59 KAM, OP 54540, carta do marechal da Corte, Pflaum, ao comandante do 11º Regimento de Infantaria da Baviera, de 17 de agosto de 1917.
60 KAM, OP 54540, arquivo da III Tropa do Exército da Baviera, carta ao major Ritter von Braun referente à promoção para subtenente, 18 de março de 1921; Smith, *Himmler*, p. 82 e seg.
61 BAK, NL 1126/11, carta de 4 de janeiro de 1918.
62 BAK, NL 1126/11, correspondência com os pais (janeiro); Smith, *Himmler*, p. 76 e segs.
63 Lista em BAK, NL 1126/11.
64 BAK, NL 1126/11, carta de 29 de janeiro de 1918.
65 BAK, NL 1126/11, correspondência com os pais (fevereiro); Smith, Himmler, p. 79.
66 Himmler, *Brüder Himmler*, p. 60 e seg.
67 BAK, NL 1126/11, carta de 23 de março de 1918.
68 BAK, NL 1126/11, carta de 7 de maio de 1918 e também de 6, 15 e 22 de maio de 1918.
69 Smith, *Himmler*, p. 82 e seg.
70 BAK, NL 1126/11, carta de 20 de junho e 17 de setembro de 1918.
71 Por exemplo, na carta de 5 de agosto de 1918, Himmler conta que pediu afastamento por doença e que o médico lhe receitou repouso.
72 BAK, NL 1126/11, carta de 23 de junho e 29 de agosto de 1918.
73 BAK, NL 1126/11, carta de 29 de agosto de 1918.
74 BAK, NL 1126/11, carta de 4 de agosto de 1918.
75 KAM, OP 54540, Avaliação de 14 de setembro de 1918. O desempenho de Himmler foi avaliado como sendo de bom a muito bom; ele se mostrava apto para uma futura promoção a oficial.
76 BAK, NL 1126/11, carta de 13 de agosto de 1918.
77 Smith, *Himmler*, p. 85.
78 BAK, NL 1126/11.
79 BAK, NL 1126/11, carta de 23 de outubro de 1918; Smith, *Himmler*, p. 85.
80 Ib., p. 86 e seg. Os detalhes constam nas cartas que ele escreveu aos pais em 30 de novembro, bem como nos dias 6, 10, 11 e 17 de dezembro de 1918 (BAK, NL 1126/11).
81 BAK, NL 1126/11, carta de 6 de dezembro de 1918.
82 BAK, NL 1126/11, carta de 30 de novembro e de 10 de dezembro de 1918; ver também Smith, *Himmler*, p. 87.
83 BAK, NL 1126/11, carta de 17 de dezembro de 1918.
84 KAM, OP 54540, arquivo da III Tropa do Exército da Baviera, carta ao major Ritter von Braun referente à promoção para subtenente, 18 de março de 1921; Smith, *Himmler*, p. 88.

**Estudante de agronomia**

1 BAK, NL 1126/13, Diário do professor de Gebhard Himmler: Classe Especial de Guerra A, Colégio Landshut. Supervisor de classe e vice-diretor Himmler; ver Smith, *Himmler*, p. 89.
2 Os poemas compostos pelos dois amigos se encontram em BAK, NL 1126/19; Smith, *Himmler*, p. 90 e seg.
3 Sobre a revolução em Munique, consultar Allen Mitchell, *Revolution in Bayern 1918/1919. Die Eisner-Regierung und die Räterepublik*, Munique, 1967; Karl Bosl (editor) *Bayern im Umbruch. Die Revolution von 1918, ihre Voraussetzungen, ihr Verlauf und ihre Folgen*, Munique/Viena, 1969; Heinrich Hillmayr, *Roter und Weisser Terror in Bayern nach 1918. Ursachen, Erscheinungsformen und Folgen der Gewalttätigkeiten im Verlauf der revolutionären Ereignisse nach dem Ende des Ersten Weltkrieges*, Munique, 1974; Hans Fenske, *Konservatismus und Rechtsradikalismus in Bayern nach 1918*, Bad Homburg, 1969 p. 40 e segs.; Heinrich August Winkler, *Von der Revolution zur Stabilisierung. Arbeiter und Arbeiterbewegung in der Weimarer Republik 1918 bis 1924*, 2ª ed., Berlim/Bonn, 1985, p. 184 e segs.
4 BAK, NL 1126/18, Comunicados do secretário do BVP de Regensburg de 23 e 30 de dezembro de 1918 e de 9 de janeiro de 1919; ver Smith, *Himmler*, p. 93.
5 De acordo com as informações prestadas por sua sobrinha-neta Katrin (para as quais ela não indica as fontes), Himmler teria participado pelo Freikorps de Landshut da ofensiva contra Munique e travado combates no centro da cidade (*Brüder Himmler*, p. 71). Mas isso é altamente improvável. O evento configuraria o único engajamento militar da vida de Himmler, de modo que seria de se esperar que se referisse a ele mais tarde em sua vida. Afinal, "O Soldado Heinrich" esforçou-se durante toda a vida para mostrar

um perfil soldadesco, motivo pelo qual ele vivia rememorando o tempo de serviço militar. O fato de jamais ter mencionado os combates de guerra civil em Munique é um forte indício de que não participou ativamente deles. O arquivo militar de Himmler no Arquivo de Guerra de Munique, que contém registros até 1921, não menciona o suposto fato, e seu requerimento de 1921 para obter redução do tempo de estudo universitário com base na regulamentação especial para quem participou da guerra também não menciona nada a respeito.

6 Isso pode ser deduzido do breve documento manuscrito por Himmler e assinado pelo comandante da companhia em 13 de julho de 1919 (tratava-se do direito à retirada de alimentos); ver BAK, NL 1126/1. Ver também K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 71.

7 Beckenbauer, "Aluno exemplar", esp. p. 97 e seg.

8 BAK, NL 1126/12, carta de 10 de agosto de 1919 (I), bem como as cartas aos pais datadas de 1º, 3, 10 (II), 15 e 24 de agosto de 1919. Sobre o estágio prático, ver Smith, *Himmler*, p. 97 e segs. O diário de trabalho que ele passou a escrever separadamente será doravante citado como ATB.

9 ATB, 10 de agosto de 1919.

10 Ib., 2 a 23 de setembro de 1919. Foram preservadas três cartas à mãe, que ainda estava em Landshut, datadas de 11, 15 e 20 de setembro de 1919.

11 ATB, 25 de setembro de 1919. Em relação ao diagnóstico, ver também as cartas do dr. Quenstedt a Gebhard Himmler de 24 de setembro e de 18 de outubro de 1919 (BAK, NL 1126/1). Segundo o médico, a hipertrofia cardíaca de Himmler devia-se à sobrecarga física à qual teria sido submetido durante o serviço militar. A respeito da doença, ver Smith, *Himmler*, p. 99 e segs.

12 BAK, NL 1126/8, a lista de leitura nº 1-28, NL 1126/9 contém uma transcrição que foi usada para este livro (doravante citada como lista de leitura). Para mais detalhes, ver Smith. *Himmler*, p. 102 e segs.

13 Lista de leitura nº 10: "Romance extremamente insosso no início, fica mais interessante no final, naturalista demais."

14 Mais sobre a história da falsificação em Nick Groom, *The Forger's Shadow: How Forgery Changed the Course of Literature*. Londres, 2002.

15 Lista de leitura nº 23, Friedrich Wichtl, *Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik. Eine Untersuchung über Ursprung und Endziele des Weltkrieges*, Munique, 1919. Em 1928, o título já estava na 11ª edição. Sobre o livro de Wichtl, ver Helmut Neuberger, *Freimaurerei und Nationalsozialismup. Die Verfolgung der deutschen Freimaurerei durch völkische Bewegung und Nationalsozialismus*, vol. 2: *Das Ende der deutschen Freimaurerei*, Hamburgo, 1980, p. 40 e segs.

16 Lista de leitura nº 19.

17 TB, 16 de outubro de 1919. Sobre a estadia de Himmler em Munique em 1919 e 1920, ver Smith, *Himmler*, p. 107 e segs.

18 TB, 18 de outubro de 1919; BAK, NL 1126/1, comprovante de matrícula do mesmo dia.

19 TB, 12 de dezembro de 1919, sobre o exame feito pelo dr. Quenstedt.

20 Smith, *Himmler*, p. 107.

21 No *Guia de endereços de Munique de 1920* encontra-se o seguinte registro: Anna Loritz, viúva de cantor de música de câmara, Pensionato, Jägerstrasse 8 I; Smith, *Himmler*, p. 107 e seg.

22 TB, 22 de novembro de 1919; sobre as visitas a Von Lossow, ver também Ib., 23 de outubro e 26 de dezembro de 1919.

23 Ib., 16 de dezembro de 1919 e 11 de janeiro de 1920.

24 Sobre o seu programa de visitas, ver, entre outros, Ib., 22 de novembro, 15 e 26 de dezembro de 1919, bem como 12, 16 e 24 de janeiro de 1920.

25 Ib., 21 de fevereiro de 1920.

26 Ib., 19 de novembro de 1919 (admissão). Sobre a vida social na liga estudantil, ver, entre outros, Ib., 20 de novembro, 2, 4, 11, 13 e 17 de dezembro de 1919, bem como 10 e 27 de janeiro de 1920. Sobre a Liga Apollo, ver Smith, *Himmler*, p. 114 e seg.

27 TB, 27 de janeiro de 1920.

28 Sobre a sua atividade religiosa, ver, entre outros, Ib., 12 e 19 de outubro, 16 e 28 de novembro, 2, 8 e 26 de dezembro de 1919, bem como 1º, 10, 11 e 18 de janeiro de 1920. Sobre a sua relação com a religião nessa época, ver Smith, *Himmler*, p. 119 e seg.

29 TB, 9 de novembro de 1919.

30 Ib., 24 de dezembro de 1919.

31 BAK, NL 1126/3, admissão em 10 de novembro de 1919.

32 Ib., comprovante de recebimento da 14ª Companhia de Alarme, 16 de maio de 1920.

33 TB, 4, 7 e 8 de novembro de 1919. Sobre suas atividades militares, consultar também Ib., 14 de novembro e 1º de dezembro de 1919.

34 Ib., 11 de dezembro de 1919.

35 Ib., 14 de novembro de 1919.

36 Ib., 1º de dezembro de 1919.

37 Ib., 16 de janeiro de 1920.

38 Ib., 17 de outubro de 1920. Não foi possível decifrar os nomes mencionados.

39 BAK, NL 1126/12, 18 de janeiro de 1920.

40 Ib., cartas de 20 e 24 de março de 1920.

41 Quando de seu ingresso no Einwohnerwehr (Força de Defesa dos Cidadãos) em 16 de maio de 1920, ele recebeu da 14ª Companhia de Alarme o seguinte material: "1 rifle com 50 cartuchos, 1 capacete de aço, 2 bolsas para munição, 1 sacola para pão" (comprovante de recebimento), bem como uma caderneta de soldado Einwohnerwehr. Nessa Força de Defesa, ele pertencia à Divisão de Metralhadoras do 5º Distrito; ver a programação de 5 de agosto de 1920 para o mês de agosto (exercícios de tiro ao alvo, bem como noites de treinamento no ginásio poliesportivo). Todos os documentos se encontram no BAK, 1126/1.

42 Ib., carteirinha de sócio do Clube de Tiro de Freiweg.

43 BAK, NL 1126/1.

44 TB, 17 de novembro de 1919.

45 Ib., 11 de novembro de 1919.
46 Ib., 31 de dezembro de 1919.
47 Sobre o antissemitismo inicial de Himmler, ver também *Himmler*, p. 125 e seg.
48 A questão sobre até que ponto os estudantes judeus deveriam participar da vida social dos colegas não judeus passou a ser amplamente discutida após a Primeira Guerra Mundial. Por exemplo, a questão da participação dos judeus foi um dos principais temas de debate quando da fundação da associação dos estudantes alemães em Würzburg em 1919, até que finalmente se encontrou uma fórmula de associação ambivalente. No Dia das Fraternidades Estudantis de 1920, a maioria das fraternidades estudantis de duelo baixou uma resolução que proibia a associação de judeus e os "casamentos mistos" com mulheres judias. A Confederação das Associações de Estudantes Alemães decidiu em 1920 que em questões de honra não seria mais permitido aos judeus tomar "satisfação" por meio de armas. Ver Helma Brunck, *Die Deutsche Burschenschaft in der Weimarer Republik und im Nationalsozialismus*, Munique, 1999, esp. p. 184 e segs.; Heike Ströle-Bühle, *Studentischer Antisemitismus in der Weimarer Republik. Eine Analyse der burschenschaftlichen Blätter 1918 bis 1933*, Frankfurt/am Main etc., 1991, esp. p. 84 e segs., bem como Marc Zirlewagen, *Der Kyffhäuser-Verband der Vereine Deutscher Studenten in der Weimarer Republik* , Colônia, 1999, p. 65 e segs.Ver ainda Michael H. Kater, *Studentenschaft und Rechtsradikalismus in Deutschland 1918-1933. Eine sozialgeschichtliche Studie zur Bildungskrise in der Weimarer Republik* , Hamburgo, 1975: esp. p. 146 e segs.; sobre a continuidade da influência de tradições antissemitas do império sobre os estudantes, ver Norbert Kampe, *Studenten und "Judenfrage" im Deutschen Kaiserreich. Die Entstehung einer antisemitischen Trägerschicht des Antisemitismus*, Göttingen 1988.
49 TB, 15 de dezembro de 1919.
50 Ib., 26 de dezembro de 1919.
51 Ib., 12 de novembro de 1919.
52 Ib., 4 a 9 de janeiro de 1920.
53 Ib., 3 de janeiro de 1920, menção a "Moritat [espécie de canção que narra a história de um crime] que Lu e eu pretendemos apresentar na noite dos cavalheiros que estamos organizando na casa dos Loritz, em favor das crianças de Viena". Em 13 de janeiro, ele escreveu sobre o surgimento da obra. Em BAK, NL 1126/1, encontra-se um bilhete do programa: "Para as crianças de Viena".
54 Ib., 25, 28, 30 de novembro, 9, 14 e 30 de dezembro de 1919, além de 13, 20 e 23 de janeiro de 1920.
55 Ver, por exemplo, Ib., 25 de janeiro de 1920; antes se encontram anotações sobre ensaios da peça em 14 de janeiro de 1920, por exemplo.
56 Ib., 15, 16, 17, 19 e 20 de outubro, 1º e 9 de novembro de 1920. Depois disso, diminui a frequência das visitas aos Hager. Sobre a relação de Himmler com Luisa Hager, ver Smith, *Himmler*, p. 67 e seg. Durante sua internação no hospital de Ingoldstadt, ele faz uma observação a respeito do livro de Ottilie Wildermuths, *Aus dem Frauenleben*: "Muito apropriado para Luisa". (Lista de leitura, nº 18).
57 TB, 20 de outubro de 1919.
58 Ib., 1º de novembro de 1919; a mesma frase também consta no dia 2 de novembro de 1919.
59 Ib., 9 de novembro de 1919.
60 Ib., 28 de outubro de 1919.
61 Ib., 30 de outubro de 1919.
62 Ib., 2 de novembro de 1919.
63 Ib., 5 e 15 de novembro de 1919.
64 Ib., 17 de outubro e 20 de dezembro de 1919.
65 Ib., 19 de outubro e 13 de novembro de 1919.
66 Ib., 24 de novembro, 1º, 8 e 19 de dezembro de 1919.
67 Ib., 17, 23 e 29 de novembro de 1919.
68 Ib., 3 de novembro de 1919.
69 Ib., 4 de novembro de 1919.
70 Ib., 8 de novembro de 1919, depois em 9 de novembro de 1919.
71 Ib., 7 de novembro de 1919.
72 Ib., 13 de novembro de 1919.
73 Ib., 11 de novembro de 1919. Sobre os seus planos de emigração, ver *Himmler*, p. 127.
74 No diário encontram-se repetidas anotações sobre os seus estudos de russo, p. ex, em 17, 18, 26 e 27 de novembro, 1º, 9, 19, 22, 23, 25 e 29 de dezembro de 1919, bem como em 3 e 13 de janeiro de 1920.
75 Ib., 14 de novembro de 1919.
76 Ib., 12, 17, 20 a 26 de novembro de 1919.
77 Ib., 16 de novembro de 1919.
78 Ib., 26 e 27 de novembro de 1919.
79 Ib., 28 de novembro de 1919.
80 Ib., 30 de novembro de 1919.
81 Ib., 1º, 2, 7, 8, 11 e 13 de dezembro de 1919.
82 Ib., 8 de dezembro de 1919.
83 Ib., 10 de dezembro de 1919.
84 Ib., 31 de dezembro de 1919.
85 Ib., 11 de janeiro de 1920.
86 Ib., 12 de janeiro de 1920: "Depois disso, continuação da conversa desagradável com Gebhard. Acerto de contas."
87 Ib., 14 de janeiro de 1920.
88 Ib., 28 de janeiro de 1920; sobre o desenvolvimento da sexualidade dele, ver também Smith, *Himmler*, p. 117 e segs.

89 TB, 24 de novembro de 1919.
90 Ib., 18 de dezembro de 1919.
91 Lista de leitura nº 43, *Der Priester und der Messnerknabe und andere apokryphe Erzählungen*. Hanover, 1919. O livro foi erroneamente atribuído a Oscar Wilde.
92 TB, 30 de janeiro de 1920.
93 Ib., 6 de dezembro de 1919.
94 Ib., 7 de dezembro de 1919, de modo semelhante em 21 de dezembro de 1919.
95 Ib., 31 de dezembro de 1919: "À noite, leituras e discussões políticas com papai". 4 a 9 de janeiro de 1920: "No dia 7 e 8 de janeiro o querido pai esteve aqui até as 13h". 20 de janeiro de 1920: "carta muito simpática do papai". Entretanto, ver também em 24 de novembro de 1919: "Hoje cedo chegou uma carta do papai que deveríamos afixar na parede. Gebhard e eu ficamos pasmos. Ele ficou irritado, eu não". A crise por que passou na primavera de 1921 transparece em duas cartas de Ludwig Zahler a ele, nas quais Ludwig lhe dá conselhos e tenta reanimá-lo; BAK, NL 1126/18, 14 e 19 de abril de 1921. Ver também Smith, *Himmler*, p. 110.
96 Como obra fundamental, ver John Bowlby, *Apego e perda*, Martins Fontes, 1984, (a edição original norte-americana *Attachment and Loss* foi publicada entre 1969 e 1980, em Nova York), bem como Gottfried Spangler e Peter Zimmermann (ed.), *Die Bindungstheorie. Grundlagen, Forschung und Anwendung* (*A teoria do apego*. Premissas, pesquisa e aplica*ção*), Stuttgart, 1995.
97 Lista de leitura nº 36, Albert Ludwig Daiber, *Elf Jahre Freimaurer!* Stuttgart, 1905, lido em Ingolstadt, 26 a 30 de outubro de 1919: "Um livro que não traz novidades especiais sobre a maçonaria e que a apresenta como sendo apenas extremamente inofensiva. Tenho minhas dúvidas sobre qual lado escreveu este livro."
98 Lista de leitura nº 44, lido em 23 e 24 de março de 1920. Já a obra principal de Flex, *Der Wanderer zwischen beiden Welten*, Munique 1917, provavelmente o livro mais lido entre os jovens burgueses nos anos pós-guerra, no qual o autor tenta estabelecer uma conexão entre movimentos da juventude e "a vivência no front", ele não leu, tomando-se por base a sua lista de leitura.
99 Lista de leitura nº 32, lido em novembro de 1919.
100 Lista de leitura nº 39, lido de 23 de janeiro a 1º de fevereiro de 1920.
101 Lista de leitura nº 45, *Tagebuch einer Verlorenen: von einer Toten*, ed. por Margarete Böhme, Berlim, 1905, lido em março de 1920, em Munique e em Ingolstadt.
102 Lista de leitura nº 32, lido em fevereiro de 1920.
103 Lista de leitura nº 47, lido de 8 a 17 de abril de 1920.
104 Lista de leitura nº 51, lido de 1º a 10 de agosto de 1920.
105 Lista de leitura nº 50, livro lido de 5 a 7 de maio de 1920. O lema do livro era "trabalhar e não esmorecer".
106 Hans Wegener, *Wir jungen Männer*, Dusseldorf/Leipzig, 1906, p. 62.
107 Ib., p. 75 e seg.
108 Lista de leitura nº 50.
109 BAK, NL 1126/12, 15 de setembro de 1920.
110 BAK, NL 1126/3, Carteirinha de sócio do Touring Club; sobre a viagem a Fridolfing, bastante aventurosa em virtude do mau tempo, ver BAK, NL 1126/12, carta aos pais de 9 de setembro de 1920; Smith, *Himmler*, p. 130.
111 BAK, NL 1126/12, 19 e 26 de setembro, 10 de outubro e 18 de novembro de 1920, bem como 2 de junho de 1921. Sobre a estadia dele em geral em Fridolfing, ver também Smith, *Himmler*, p. 130 e segs.
112 BAB, NS 19/3535. No outono de 1942, o Hauptsturmführer Rehrl, que ingressara na SS em 1936, passou alguns dias no quartel-general de Himmler e o acompanhou em uma viagem à Crimeia. Em 1943-1944 o Reichsführer-SS enviou prisioneiros de campos de concentração — Testemunhas de Jeová — para fazerem trabalhos forçados na propriedade de Rehrl e, ainda no Natal de 1944 , ele dá presentes às filhas de Rehrl; ver *Der Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941-1942*, elaborado, comentado e introduzido por encomenda do Centro de Pesquisa de História Contemporânea de Hamburgo por Peter Witte e outros, Hamburgo 1999. 20, 22 e 24 a 27 de outubro, bem como *1º de* novembro de 1942; Friedbert Mühldorfer, "Fridolfing", In: Wolfgang Benz e Barbara Distel (EE.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 2: *Frühe Lager, Dachau, Emslandlager*, Munique, 2005, p. 327; BAB, BDC, SS-O Rehrl.
113 BAK, NL 1126/12, 11 de novembro e 14 de dezembro de 1920, bem como 6 e 26 de fevereiro, 7 de março e 22 de maio de 1921.
114 Documentação referente às filiações em BAK, NL 1126/3.
115 BAK, NL 1126/12, 10 de outubro de 1920 (sociedade de canto), 14 de maio de 1921 (casamento de camponeses), 2 de junho de 1921 (clube de atletismo), 2 de junho de 1921 (procissão de Corpus Christi).
116 BAK, NL 1126/1, programa da competição de Tiro ao Alvo da Força de Defesa do Distrito de 3 a 5 de dezembro de 1920 em Titmoning, pontuação obtida por "Himmler, de Fridolfing".
117 BAK, NL 1126/12, 4 de outubro e 28 de novembro de 1920, bem como 2 de junho de 1921.
118 Ib., 19 de setembro e 4 de outubro de 1920, bem como 18 de janeiro de 1921.
119 Ib., 10 de outubro de 1921, bem como 20 e 29 de março e 24 de junho de 1921.
120 Ib., prestação de contas de 2 de abril a 10 de julho de 1921.
121 Ib., 14 de maio de 1921.
122 Essa foi a opinião de Himmler sobre *Die Stützen der Gesellschaft* e *Brand* (Lista de leitura nº 60 e 65).
123 Lista de leitura nº 63, lido de 5 a 15 de outubro.
124 Lista de leitura nº 60, lido em 3 de setembro de 1920.
125 Lista de leitura nº 65, lido de 20 de outubro a 3 de novembro de 1920. Diante de *Die Kronprätendenten*, ele capitulou (lista de leitura nº 79, lido de 2 a 12 de fevereiro de 1921).
126 Lista de leitura nº 62, lido de 26 a 30 de setembro de 1920, bem como nº 72, lido em 14 e 15 de dezembro de 1920.
127 Lista de leitura nº 53, *Kampf und Tod Karls XII (Luta e morte de Carlos XII)*, Munique, 1917, lido em 16 de agosto de 1920.
128 Lista de leitura nº 90, lido de 23 a 26 de maio de 1921.

129 Lista de leitura nº 67, lido de 1º a 12 de dezembro de 1920.
130 Lista de leitura nº 92, lido de 20 de junho a 5 de julho de 1921.
131 Lista de leitura nº 75, Heinrich Schierbaum, *Reden der Nationalversammlung zu Frankfurt a. Main (Discursos da Assembleia Nacional de Frankfurt/Main)*, Leipzig, 1914.
132 Lista de leitura nº 58, Christian Meyer, *Zur Erhebung Deutschlands 1813 bis 1814*, Munique, 1915, lido de 24 a 30 de agosto de 1920.
133 Lista de leitura nº 57, Julius Haupt, *Die deutsche Insel. Ein Gedenkbuch kriegsgefangener Offiziere*, Munique, 1920, lido de 25 a 28 de agosto de 1920.
134 Lista de leitura nº 77, *Wider Kaiser und Reich*, Munique, 1909, lido de 15 a 23 de janeiro de 1921.
135 Lista de leitura nº 78, *Bankrott. Historischer Roman*, Munique, 1908, lido entre 9 e 11 de fevereiro de 1921.
136 Lista de leitura nº 70, *Der Teufel in der Schule. Volkserzählung*, Munique, 1908, lido em 20/21 de dezembro de 1920, bem como nº 71, *Die Sünde wider den Heiligen Geist*, Munique, 1908, lido em 22/23 de dezembro de 1920.
137 A mudança de cidade se depreende de sua correspondência com os pais (BAK, NL 1126/12). Em NL 1126/1 encontra-se uma transcrição do certificado de estágio emitido pela empresa Landwirtschaftsmaschinenfabrik Vereinigte Fabriken; Smith, *Himmler*, p. 148.

**Luta e renúncia**

1 BAK, NL 1126/3, o endereço consta de diversos escritos do mesmo arquivo (entre outros, carteirinha de associado da associação dos participantes da guerra, da TH de Munique); Smith, *Himmler*, p. 149
2 Ib., p. 149 e seg.
3 TB, p. exemplo, 12, 15 e 20 de janeiro, 13 de fevereiro, 3 de março, 30 de maio, 2 e 27 de junho de 1922.
4 BAK, NL 1126/12, por exemplo, 21 de novembro e 9 de dezembro de 1921, 20 de janeiro, 3 e 13 de fevereiro, bem como 3 de março de 1922.
5 TB, 16 de janeiro de 1922.
6 BAK, NL 1126/12, por exemplo, 2 de novembro de 1921 e 1º de fevereiro de 1922.
7 Ib., 2 de novembro de 1921, bem como 20 de janeiro e 21 de fevereiro de 1922.
8 TB, por exemplo, 1º, 6 e 20 de novembro de 1921, bem como 22 de janeiro, 5 e 12 de fevereiro, 26 de março, 28 de maio, 15 e 29 de junho de 1922.
9 Ib., dentre outros, 1º, 2, 4, 5, 18, 27 e 30 de novembro de 1921, bem como 12 e 14 de janeiro e 26 de março de 1922; esse tipo de visita também é mencionado nas cartas que escreve aos pais, como em BAK, NL 1126/12, 2 de novembro de 1921 e 20 de janeiro de 1922.
10 TB, 9 de novembro de 1921.
11 Ib., 17, 18 e 21 de novembro e 6 de dezembro de 1921, bem como 13, 14 e 30 de janeiro, 28 de fevereiro, 16 e 17 de junho de 1922; Smith, *Himmler*, p. 151 e seg.
12 TB, dentre outros, 26 de novembro de 1921, bem como 11, 16, 18, 22 e 23 de fevereiro, 1º e 28 de junho e 4 de julho de 1922. Sobre seu engajamento na associação durante sua segunda permanência em Munique, ver também Smith, *Himmler*, p. 152.
13 TB, 15 e 22 de janeiro, 11 e 26 de fevereiro de 1922.
14 Ib., 19 e 26 de novembro de 1921, bem como 20 de fevereiro e 17 de junho de 1922.
15 Exemplo, em viagem para um encontro de sua associação em Nuremberg, hospedou-se com um colega de sua união estudantil e aceitou a ajuda medicinal de outro (Ib., 21 de junho de 1922).
16 Ib., 11 de novembro de 1921.
17 Ib., 2 de fevereiro de 1922.
18 Ib., 24 de fevereiro de 1922.
19 Ib., 4 de julho de 1922.
20 Em 1922, ele fazia parte da associação dos participantes da guerra da TH de Munique, do Touring Club Alemão, bem como da Sociedade Alemã para Agricultura (BAK, NL 1126/3); em 30 de janeiro de 1922 (TB), participou de uma reunião do Clube Alpino, e em 10 de fevereiro de 1922 (Ib.) foi aceito na Associação dos Oficiais. A respeito das filiações, ver também Smith, *Himmler*, p. 151.
21 TB, 11, 15, 16, 17, 18, 24 e 28 de novembro, 2 e 7 de dezembro de 1921, bem como 30 de janeiro, 13 e 18 de fevereiro e 29 de maio de 1922. Sobre os eventos de dança, ver Ib., 8, 9 e 11 de novembro de 1921, bem como 31 de janeiro, 5, 17, 18, 27 e 28 de fevereiro de 1922; Smith, *Himmler*, p. 151 e seg.
22 TB, 14 de fevereiro e 6 de junho de 1922.
23 Assim foi em 1º de julho de 1922, “joguei conversa fora” com Alphons. Para saber mais sobre as longas conversas com amigos e conhecidos, ver 4 e 9 de novembro de 1921, bem como 22 de fevereiro, 4 e 25 de março de 1922; Smith, *Himmler*, p. 150p.
24 TB, 11 e 17 de fevereiro de 1922. Descrições semelhantes se encontram em 26 de janeiro e em 10 e 27 de fevereiro de 1922.
25 Ib., 18 de fevereiro de 1922.
26 Ib., 21 de junho de 1922.
27 Ib., 15 e 17 de janeiro, 14 e 28 de fevereiro de 1922.
28 Ib., 5 de fevereiro de 1922.
29 Ib., 1º de março de 1922.
30 Ib., 28 de junho, além disso, 30 de junho e 1º de julho de 1922.
31 Ib., 6 de março de 1922.
32 Ib., 1º de julho de 1922.

33 Ib., 22 de janeiro de 1922.
34 Ib., 6 de junho de 1922.
35 Ib., 19 de fevereiro de 1922.
36 Ib., 25 de fevereiro de 1922.
37 Ib., 7 de novembro de 1922.
38 Ib., 26 de maio de 1922.
39 Ib., 27 de maio de 1922.
40 Ib., 4 de março de 1922.
41 Lista de leitura, nº 115.
42 Klaus Theweleit, *Männerphantasien*, Munique/Zurique, 2000 (edição original em dois volumes, Frankfurt, 1977-1978), p. 59.
43 Ib., p. 131.
44 TB, 15 de janeiro de 1922.
45 Ib., 19 de novembro de 1921. Referências gerais aos seus planos de emigrar se encontram também em 14 de janeiro de 1922.
46 Ib., 22 de novembro de 1922.
47 Ib., 23 de novembro de 1922.
48 Ib., 25 de janeiro de 1922.
49 Ib., 27 de março de 1922.
50 Ib., 1º de dezembro de 1921.
51 Ib., 26 de janeiro de 1922.
52 Ib., 4 de fevereiro de 1922.
53 Ib., 21 de fevereiro de 1922. Autocrítica semelhante se encontra também em 13 e 18 de novembro, bem como em 4 de dezembro de 1921; ver também Smith, *Himmler*, p. 158.
54 Ib., 27 de fevereiro de 1922.
55 Ib., 18 de novembro de 1921.
56 Ib., 27 de novembro de 1921.
57 Ib., 5 de fevereiro de 1922.
58 Ib., 17 de fevereiro de 1922.
59 Ib., 27 de maio de 1922.
60 Ib., 4 e 18 de fevereiro de 1922 sobre problemas estomacais. Em 2 de março de 1922, ele diz: “tive de tomar um copo inteiro de cerveja. Hugo, o novo sênior, não sabia que eu estava dispensado da obrigação de beber cerveja”. No dia seguinte, ele observou: “estômago horroroso”.
61 Ib., 28 de janeiro de 1922.
62 Ib., 8 de junho de 1922.
63 Ib., 28 de março de 1922.
64 Ib., 24 de novembro de 1921.
65 Ib., 7 de dezembro de 1921. Sobre a briga com Käthe, ver também os registros feitos em 10 de novembro e 7 de dezembro de 1921, bem como em 16, 17 e 18 de janeiro e 22 de fevereiro de 1922.
66 Ib., 5 de março de 1922.
67 Ib., 30 de junho de 1922.
68 Ib., 7 de junho de 1922.
69 Ib., 8 e 25 de junho, bem como 5 de julho de 1922.
70 Ib., 6 de junho de 1922. Meister cita aqui “Fahnentreu”, de Emmanuel Geibel, escrito em 1850; ver Smith, *Himmler*, p. 167.
71 TB, 21 de fevereiro de 1922.
72 Ib., 18 de janeiro de 1922.
73 Ib., 21 de fevereiro de 1922.
74 Ib., 23 de fevereiro de 1922.
75 BAK, NL 1126/1, carta à comissão de exame prévio do Departamento de Agronomia da Faculdade Técnica de Munique e parecer positivo da comissão de 3 de junho de 1921. Ver também NL 1126/12, cartas aos pais referentes aos exames que ele fizera durante o estágio em Munique (por exemplo, 6 de fevereiro e 7 de março de 1921).
76 TB, 13 de junho de 1922.
77 Ib., 23 de março de 1922, bem como os dias seguintes. Sobre o período de 28 de março e 26 de maio de 1922, não há registros em seu diário.
78 Ib., 30 de maio, 8, 14 e 30 de junho, bem como 2 de julho de 1922.
79 Ib., 15 de junho de 1922: “Papai: logo depois, às 10 horas fomos à adega Augustiner. Assuntos políticos. Conversas sobre mulheres, o amor, a vida — especialmente hoje em dia, as coisas secretas, atividades patrióticas, Gebhard e Paula etc.; conversa muito boa até as 12h. Voltei para casa.”
80 Ib., 4 de fevereiro de 1922. Hugo Stinnes (1870-1924), que, aliás, não era judeu, foi um dos empresários mais poderosos da Alemanha do pós-guerra.
81 Ib., 4 de março de 1922. Sobre as anotações antissemitas em seu diário, ver também Smith, *Himmler*, p. 165.
82 Lista de leitura nº 106, lido de 25 de dezembro a 5 de janeiro de 1922.“Um livro terrível, que nos faz ver de novo claramente aquilo que com certeza pressentimos, mas que insistimos em esquecer. Uma maravilhosa coletânea de materiais.”
83 Lista de leitura nº 107, lido em 11 de fevereiro de 1922.
84 TB, 22 de junho de 1922.
85 Ib., 3 de julho de 1922.

86 Ib., 12 de janeiro de 1922.
87 Ib., 9 de junho de 1922.
88 Sobre o conflito entre a Baviera e o Reich, ver Ernst Rudolf Huber, *Deutsche Verfassungsgeschichte seit 1789*, vol. 7: *Ausbau, Schutz und Untergang der Weimarer Republik*, Stuttgart etc.: 1984, p. 249 e segs.
89 Jornal *Münchner Neueste Nachrichten* de 16 de junho de 1922.
90 TB, 24 de junho de 1922.
91 Ib., 26 de junho de 1922.
92 Ib., 28 de junho de 1922.
93 Ib., 2 de julho de 1922.
94 Ib., 4 de junho de 1922.
95 Ib., 5 de julho de 1922. Assim, Himmler tinha-se deixado enredar em uma iniciativa antirrepublicana, a qual, no entanto, não fazer com que a petição fosse votada. Um estatuto do Reichsbund (Liga do Império) se encontra no Arquivo do Estado em Freiburg, A 40/1, nº 174.
96 TB, 5 de julho de 1922.
97 Ib., 19 de junho de 1921.
98 Ib., 9 de junho de 1922; ver Smith, *Himmler*, p. 163.
99 TB, 2 de julho de 1922.
100 Ib., 13 de novembro de 1921.
101 Gebhard obteve seu diploma em engenharia mecânica em 1923, Ernst concluiu os estudos de engenharia elétrica em 1928; ver K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 95 e 131.
102 TB, 9 de junho de 1922. Ele já tinha se queixado das altas taxas de inscrição das palestras e dos preços dos livros didáticos em 4 de novembro de 1921.
103 *Zahlen zur Geldentwertung in Deutschland 1914 bis 1923*, processados no Centro de Estatísticas do Reich, Berlim 1925, p. 5. Sobre os efeitos da hiperinflação em Munique, ver Martin H. Geyer, *Verkehrte Welt. Revolution, Inflation und Moderne, München 1914-1924*, Göttingen 1998, p. 319 e segs.
104 Isso mostra, na comparação, os índices de custo de vida e de salários dos funcionários públicos mais graduados do Reich (no caso dos funcionários públicos mais graduados da Baviera, as condições de renda eram semelhantes):
Custo de vida em comparação com 1913 (= 1)

| Fev 1920 | Jan 1921 | Jan 1922 | Abr 1922 | Jul 1922 | Out 1922 | Jan 1923 |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 8 | 11 | 20 | 34 | 54 | 221 | 1120 |
| Salários em comparação com 1913 (= 1) | | | | | | |
| 2 | 4 | 8 | 10 | 20 | 80 | 373 |
| (Valores arredondados segundo *Zahlen zur Geldentwertung*, p. 5) | | | | | | |

105 Ver Smith, *Himmler*, p. 162.
106 BAK, NL 1126/1, transcrição do certificado.
107 BAK, NL 1126/17, carta do prof. Hudezeck, 15 de agosto de 1922; ver Smith, *Himmler*, p. 222.
108 BAK, NL 1126/1, transcrição do certificado da empresa Stickstoff-Land-GmbH, Schleissheim, 30 de agosto de 1923.
109 Sobre a crise de 1923 e o período anterior ao putsch de Hitler, ver Gerald D. Feldman, *The Great Disorder. Politics, Economics, and Society in the German Inflation, 1914-1924*, Nova York/Oxford, 1993, p. 631 e segs.; Fenske, *Konservativismus*, p. 188 e segs.; Heinrich August Winkler, *Weimar 1918-1933. Die Geschichte der ersten deutschen Demokratie*, Munique, 1993, p. 186 e segs.
110 Sobre o desenrolar do putsch de Hitler, ver Hanns Hubert Hofmann, *Der Hitlerputsch. Krisenjahre deutscher Geschichte, de 1920-1924*, Munique, 1961; Harold J. Gordon, *Hitlerputsch 1923. Machtkampf in Bayern 1923-1924*, Frankfurt/Main, 1971; John Dornberg, *Hitlers Marsch zur Feldherrnhalle. München, 8. und 9. November 1923*, Munique, 1983.
111 StA Munique, chefatura da polícia de Munique 6712, interrogatório de Seydel e Lembert.

**Recomeço na Baixa Baviera**

1 Na anotação de 14 de fevereiro de 1924 de seu diário, Himmler se queixa das decepções e da falta de sucesso na procura de um emprego. Em carta de 13 de junho de 1924 (BAK, NL 1126/17), Maria Rauschmayer, uma conhecida, conta que, a pedido da mãe de Himmler, procurava uma colocação para ele na agronomia.
2 TB, 11, 13, 14 e 15 de fevereiro 1924; aparentemente ele esperava um embrulho que chegaria para ele na farmácia Schützen, ou "farmácia de Fasching" (na farmácia Schützen trabalhava, segundo Karl Wolff, o seu colega de irmandade Fasching [StA Munique, 34865/9, interrogatório de 16 de fevereiro de 1962]). Em 11 de fevereiro, Himmler registrou em seu diário a prisão de insurgentes, e em 15 de fevereiro anotou mais detalhes sobre o papel de um dos detidos.
3 Ib., 15 de fevereiro de 1924.
4 Em 1924, o endereço de Gebhard Himmler constava como Marsplatz 8, 2º andar. Ver *Guia de endereços de Munique 1924*.
5 BAB, BDC, pasta de pesquisa 199, carta da sede do NSDAP para Himmler, 12 de agosto de 1925, com o anexo: Grupos Locais Nacional-Socialistas na Baixa Baviera.
6 Sobre a redação do artigo para o jornal *Langquaider Zeitung*, ver TB de 11, 12 e 17 de fevereiro de 1924; sobre a impressão no jornal *Rottenburger Anzeiger*, ver TB de 23 de fevereiro de 1924.

7 Ib., 24 de fevereiro de 1924.
8 Ib., 25 de fevereiro de 1924.
9 Ib., 24 de fevereiro 1924.
10 *Der Hitler-Prozess 1924. Wortlaut der Hauptverhandlung vor dem Volksgericht München* I, editado e comentado por Lothar Gruchmann e Reinhard Weber com a colaboração de Otto Gritschneder, 4 volumes, Munique 1997-1999; aqui, volume 2, Munique, 1998, p. 642. Depois disso, a defesa propôs indicar Himmler como testemunha da conduta agressiva de um oficial do Exército do Reich que, com a sua tropa, em 9 de novembro, se posicionara diante da bandeira de guerra do Reich içada no mastro do Ministério da Guerra.
11 BAK, NL 1126/7, Cartas de Hajim (?) Mazhar, de 24 de novembro de 1923, 16 de abril de 1924 e 15 de março de 1925; alusão no TB em 14 de fevereiro de 1924.
12 Ib., 11, 14 e 15 de fevereiro de 1924.
13 Ib., 12 de fevereiro de 1924.
14 BAK, NL 1126/17, carta de Robert Kistler para Himmler, 17 de junho de 1924.
15 Ib., carta de 5 de novembro de 1924.
16 TB, 7 de novembro de 1921 e 31 de maio de 1922. Sobre o "caso Paula", ver também Smith, *Himmler*, p. 198 e segs.
17 TB, 12 de novembro de 1921. Sobre o livro, que lera em dezembro de 1920, fez os seguintes comentários: "um livro que retrata o ideal da alma feminina em sua pureza de sentimentos e que nos mostra a mulher do modo como ela aparece muitas vezes ao verdadeiro homem, como deusa, e somente como deusa. É um cântico de louvor à alma feminina e ao sentimento, que é ideal e bonito. Seria tão bom se isso pudesse realmente ocorrer nesse mundo e também se a Deusa Mulher não tivesse tantos defeitos" (Lista de leitura, nº 72).
18 A observação de Paula Stölzle em sua carta a Gebhard de 4 de março de 1924 aponta para o fato de que ele não tinha achado a carta de Heinrich "muito correta" (BAK, NL 1126/13) na época.
19 Ib., Himmler para Paula Stölzle, destaque no original. Trata-se de um rascunho de 18 de abril de 1923, que foi enviado assim mesmo ou de forma bastante semelhante, como mostra a reação de Paula, especialmente a sua objeção à disposição de Heinrich de "educá-la".
20 Ib., 1º de julho de 1923.
21 TB, 11 de fevereiro de 1924. Alguns dias depois, forneceu mais informações sobre Paula ao pai: "contei a papai sobre 'o caso Paula' do ano passado" (Ib., 15 de fevereiro de 1924).
22 Ib., 11 de fevereiro de 1924.
23 A separação ocorre ao cabo de diversas cartas em BAK, NL 1126/19: carta de Gebhard Himmler aos pais de sua noiva em 27 de fevereiro de 1924, bem como a Paula, em 28 de fevereiro de 1924; resposta na carta de Paula, bem como na carta do pai dela, Max Stölzle, ambas de 4 de março de 1924. Depois disso, Gebhard respondeu mais uma vez em 10 de março de 1924.
24 BAK, NL 1126/13, 4 de março de 1924.
25 Ib., carta do detetive particular Max Blüml de 14 de março de 1924 a Himmler, que o havia contratado em 9 de março de 1924.
26 Ib., carta a Rössner em 12 de março de 1924; resposta de 18 de março de 1924.
27 TB, 18 e 22 de fevereiro de 1924. Uma alusão a outra estadia junto aos amigos se encontra na lista de leitura nº 202 (28 de fevereiro a 5 de março de 1924).
28 BAK, NL 1126/17, 23 de maio de 1924.
29 Maria Rauschmayer, nascida em 29 de maio de 1901 em Dillingen, estudava Letras Germânicas desde o semestre de inverno na Universidade de Munique. Em 1924, entregou uma monografia cujo tema se relacionava com a história da Reforma; o processo, no entanto, não foi concluído (segundo declaração do Arquivo da Universidade de Munique).
30 TB, 2 de junho de 1922.
31 Maria Rauschmayer para Himmler, 13 de junho de 1924, recebida em 17 de junho de 1924, além da carta de Maria Rauschmayer de 18 de novembro de 1923.
32 Ib., 2 de agosto de 1924.
33 Lista de leitura nº 175, Friedrich ZurBonsen, *Das zweite Gesicht*, Colônia 1916, lido de 29 de novembro a 4 de dezembro de 1923: "Apresentação e tentativas de explicação cientificamente boas e compreensíveis".
34 Geyer, *Verkehrte Welt*, p. 309 e segs., destaca que durante o período da hiperinflação as curas milagrosas e os redentores estavam em alta e que as doutrinas "alternativas" como a teosofia, o ocultismo, o espiritismo e a antroposofia eram muito populares. Ver também Ulrich Linse, *Barfüssige Propheten. Erlöser der Zwanziger Jahre*, Berlim, 1983.
35 Lista de leitura nº 246, Heinrich Jürgens, *Pendelpraxis und Pendelmagie*, Pfullingen 1925, lido em 25 de agosto de 1925.
36 BAK, NL 1126/17; mas este declinou por não dispor de dados suficientes (carta do professor C. Heilmaier a Himmler, 19 de setembro de 1925).
37 Lista de leitura nº 148, Max Eyth, *Der Kampf um die Cheopspyramide*, 8ª edição, Heidelberg 1921, lido de 19 a 23 de fevereiro de 1923.
38 Lista de leitura nº 148, Karl Du Prel, *Der Spiritismus*, nova impressão, Leipzig 1922, lido em janeiro e fevereiro de 1923: "Uma pequena obra científica com base filosófica que realmente faz com que eu acredite no espiritismo e que agora me introduziu de verdade no tema."
39 Lista de leitura nº 86, Matthias Fidler, *Die Toten leben! Wirkliche Tatsachen über das persönliche Fortleben nach dem Tode*, Leipzig 1909, lido em 30 de abril e 2 de maio de 1921.
40 Lista de leitura nº 111, lido em dezembro de 1923.
41 Lista de leitura nº 191, lido em 9 de fevereiro de 1924.
42 Lista de leitura nº 167, Christian Heinrich Gilardone, Eppes Kittisch*!! Noch ä Beitraagk zu Israels Verkehr und Geist*, Speyer, 1843, lido de 8 a 14 de outubro de 1923.

43 Lista de leitura nº 171, Theodor Fritsch, *Handbuch der Judenfrage*, 29ª edição, Leipzig, 1923, lido de 25 de setembro a 21 de novembro de 1923.
44 Lista de leitura nº 176, Theodor Fritsch, *Der falsche Gott. Beweismaterial gegen Jahwe*, Leipzig, 1920, lido de 1º a 5 de dezembro de 1924.
45 Lista de leitura nº 200, Erich Kühn, *Rasse? Ein Roman*, Munique, 1921, lido em 27 de fevereiro de 1924: "Trata, naturalmente, do problema racial ariano e judaico. O que está especialmente bem descrito é a sedução e o confinamento dessa jovem moça alemã". Lista de leitura nº 201, Edward Stilgebauer, *Die Lügner des Lebens. Das Liebesnest*, Berlim, 1908, lido de 20 a 29 de fevereiro de 1924: "O sangue judeu e a sensualidade judaica estão muito bem caracterizados. O romance trata basicamente de pessoas inferiores, com bem poucas exceções".
46 Lista de leitura nº 216, *Eine unbewusste Blutschande. Der Untergang Deutschlands. Naturgesetze über die Rassenlehre*, Grossenhain i. S., 1921, lido em 17 de setembro de 1924: "Fascículo maravilhoso. É um trabalho pioneiro. Especialmente a última parte, que diz como é possível melhorar a raça novamente, é de um nível moral maravilhoso."
47 Lista de leitura nº 223, lido de 22 a 24 de outubro de 1924.
48 Lista de leitura nº 173, Heinrich Böhmer, *Die Jesuiten* , 4ª edição totalmente revisada, Leipzig/Berlim, 1921, lido de 5 a 24 de novembro de 1923.
49 Lista de leitura nº 193, Carl Felix von Schlichtergroll, *Der Sadist im Priesterrock*, Leipzig, 1904, lido em 19 de fevereiro de 1924: "História da sedução sádica de mulheres e meninas em Paris. Coerção moral e hipnose".
50 Lista de leitura nº 207, Alfred Miller, *Ultramontanes Schuldbuch. Eine deutsche Abrechnung mit dem Zentrum und seinen Hintermännern*), Breslau, 1922, lido em 19 de maio de 1924.
51 Lista de leitura nº 229, K. v. Widdumhoff e segs., *Die entdeckten schwarzen Henker des deutschenVolkes*, Weissenburg i. B. 1924, lido de outubro de 1924 a 20 de janeiro de 1925.
52 Lista de leitura nº 189, Adolf-Viktor von Körber, *Adolf Hitler: sein Leben und seine Reden*, Munique, 1923, lido em 16 de janeiro de 1924. Lista de leitura nº 208, Dietrich Eckart, *Der Bolschewismus von Moses bis Lenin. Zwiegespräch zwischen Adolf Hitler und mir*, Munique, 1924, lido em 19 de maio de 1924. "Conversa sincera e inteligente entre Hitler e Eckhardt que mostra os dois tão bem. Oferece uma perspectiva que atravessa todas as épocas e abre os nossos olhos em relação a diversos pontos que ainda não tínhamos visto. Queria que todos lessem essa obra."
53 Lista de leitura nº 162, Björnstjerne Björnson, *Mary*, Berlim, 1910, lido de 15 a 19 de setembro de 1923: "Mary é uma mulher genuinamente nórdica, germânica."
54 Lista de leitura nº 165, Werner Jansen, *Das Buch Treue. Nibelungenroman*, Hamburgo, 1916, lido de 28 de setembro a 3 de outubro de 1923.
55 Lista de leitura nº 179, lido de 1º de outubro de 1923 a 5 de janeiro de 1924.
56 Lista de leitura nº 217, Werner Jansen, *Das Buch Leidenschaft. Amelungenroman*, Braunschweig 1920, lido de 18 a 20 de setembro de 1924. O livro se baseava na "Amelungenlied", uma reconstrução literária do século XIX.
57 Lista de leitura nº 218, lido em 24 de setembro de 1924.
58 Lista de leitura nº 220, Werner Jansen, *Gudrun: Das Buch Liebe*, Braunschweig, 1920, lido de 4 a 21 de outubro de 1924.
59 Lista de leitura nº 202, Hans Günther, *Ritter, Tod und Teufel*, Munique, 1921, lido de 28 de fevereiro a 5 de março de 1924, bem como julho a novembro de 1924. A amiga dele, Maria Rauschmayer, em carta de agosto de 1924 (BAK, NL 1126/17), na qual o tema é, entre outros, a determinação da essência do *Völkisch* e em que se refere a uma conversa com Himmler, mencionara tanto *Das Buch Treue* quanto o ensaio de Günther.
60 Segundo um relatório — não muito confiável — redigido após o fim da Segunda Guerra pelo irmão de Gregor Strasser, Otto Strasser, Himmler já conhecia Gregor Strasser desde 1923. Segundo breve observação de Otto, Himmler estava de visita na casa de Gregor Strasser quando a polícia veio prender Strasser em Landshut, imediatamente após o putsch de novembro. Otto Strasser também afirmou que alguns meses antes Himmler já estivera ao lado de seu irmão na função de "ajudante" na organização da própria associação de defesa de Landshut de Strasser. Essa informação não se confirma por nenhuma outra evidência e também parece improvável quando se conhece o comprometimento de Himmler com o Reichskriegsflagge (Otto Strasser, *Hitler und ich*, Konstanz, 1948, p. 47 e 66 e segs.).
61 Sobre Gregor Strasser, ver principalmente Udo Kissenkoetter, *Gregor Strasser und die NSDAP*, Stuttgart, 1978 e Peter D. Stachura, *Gregor Strasser and the Rise of Nazism*, Londres, 1983. Strasser expusera a sua noção de "Nacional-Socialismo" no texto *Kampf um Deutschland. Reden und Aufsätze eines Nationalsozialisten*, Munique, 1932.
62 Pela lista de leitura de Himmler, conclui-se que a partir de julho de 1924 ele estava em Landshut.
63 BAK, NL 1126/17, carta a Robert Kistler, Milão, 22 de agosto de 1924.
64 *Kurier von Niederbayern* de 9 de dezembo de 1924.
65 O Bloco Völkisch se juntara, em outubro de 1924, ao Movimento de Libertação Nacional-Socialista, coalizão composta por grupos *völkisch* e nazistas.
66 BAB, BDC, pasta de pesquisa 199, carta de 8 de julho de 1925.
67 Ib., 4 de agosto de 1925.
68 Ver a correspondência adicional entre Himmler e a sede entre setembro de 1925 e fevereiro de 1926 (Ib.).
69 Ib., carta de 17 de fevereiro de 1926. Ele encerrou 1925 com um déficit considerável em relação às suas contribuições à central do partido; ver a carta de 19 de janeiro de 1926 enviada pela sede a Himmler.
70 Ib., Himmler para Maurer, editor-chefe do jornal *Völkischer Beobachter*, 9 de julho de 1925.
71 BAB, BDC, pasta de pesquisa 199, 12 de agosto de 1925, carta da sede para Himmler.
72 Ib., Carta de Himmler à sede, de 29 de setembro de 1925, e resposta de 26 de outubro de 1925.
73 Ib., relatório relativo ao período de 15 de outubro de 1925 a 1º de março de 1926.
74 *Kurier von Niederbayern* de 28 de agosto de 1924 sobre o discurso de 25 de agosto em Aidenbach; Ib. de 4 de junho de 1925 sobre

o discurso em Viechtach; Ib. de 21 de setembro de 1924 sobre o prometido discurso em Fürstenzell para 24 de setembro. Em 3 de abril, o periódico noticia um discurso proferido em Malgesdorf em 26 de março de 1926.

75 Em 9 de março, ele falou sobre esse assunto no diretório local de Dingolfing e em 26 de março, em Malgesdorf (Ib. de 18 de março e 3 de abril de 1926).

76 A história de Locarno, diretório local de Landshut, palestra de 19 de novembro de 1925 (Ib. de 22/23 de novembro de 1925).

77 Sobre as "obscuras maquinações dos judeus", ele falou em 30 de maio de 1924 em Viechtach (ib. de 4 de junho de 1924); sobre o tema "judaísmo e bolchevismo", difundiu suas ideias em 13 de junho de 1925 em Zwiesel (Ib. de 21 de junho de 1925); e sobre "os perigos do judaísmo", ele palestrou em Malgersdorf (Ib. de 11 de maio de 1926).

78 Lista de leitura nº 235, Franz Haiser, *Freimaurer und Gegenmaurer im Kampfe um die Weltherrschaft*, Munique 1924, lido de janeiro a 18 de março de 1925: "Precisamos desse tipo de livro. Ele fortalece aquilo que sentimos instintivamente, mas que não temos coragem de pensar [...]". Nos anos seguintes, Himmler recomendaria esse livro e o texto de propaganda antimaçonaria escrito por Wichtl, que ele tinha lido em 1919, como leitura básica para o estudo desse problema (BAB, NS 18/5022, carta a Lindner, 27 de agosto de 1927).

79 *Kurier von Niederbayern* de 17 e 18 de maio de 1925. Semelhantes são as declarações em Vilsbiburg em 15 de maio (Ib., 20 de maio de 1925). Como exemplo de discursos específicos sobre o tema, ver também 24 de junho de 1925, Deggendorf (Ib., aviso de 21 de maio de 1925); 4 de junho, Straubing: "Lojas maçônicas, ferramentas do judaísmo" (Ib., 3 de junho de 1925).

80 Discursos semelhantes foram proferidos por ele em 19 de março de 1926 em Irlbach e em 20 de março de 1926 em Strasskirchen (Ib., aviso de 17 de março de 1926).

81 "Die Lage der Landwirtschaft", in: *Nationalsozialistische Briefe*, 1º de abril de 1926.

82 "Bauer, wach auf!" de 20 de julho de 1926.

83 *Kurier von Niederbayern* de 17 de setembro 1925.

84 Ib. de 22 e 23 de novembro de 1925.

85 Ib. de 12 de novembro de 1925, anúncio de um discurso a se realizar em Rotthalmünster: "O que almeja o Socialismo nacional?" Ib., 3 de abril de 1926, sobre um discurso de 26 de março de 1926 em Malgersdorf: "Socialismo nacional ou internacional"; Ib., 18 de março de 1926, sobre um evento em Dingolfing ocorrido em 9 de março 1926; em 27 de março de 1926, Himmler palestrou sobre o mesmo tema em Plattling (Ib., 27 de março de 1926), e em Landshut, em 25 de março de 1926, ele se valeu da mesma fórmula (Ib. de 31 de março de 1926).

86 Ib. de 3 de dezembro de 1924.

87 Ib. de 18 de março de 1926.

88 Ib., 3 de abril de 1926. Himmler também discursou em setembro de 1925 em Thüringen (ver Ib. de 7 de outubro de 1925) e, entre 10 de janeiro e 15 de fevereiro de 1926, realizou uma viagem pelo norte da Alemanha (Ib. de 18 de fevereiro de 1926).

89 Lista de leitura nº 276, lido em La[ndshut], Mu[nique] e [em] viagem, 1925 a 19 de fevereiro de 1927.

90 Richard Breitman, "Mein Kampf and the Himmler Family: Two Generations React to Hitler's Ideas", in: *Holocaust and Genocide Studies* 13 (1999), p. 90-97.

91 Sobre esse processo, ver StA Munique, chef. pol. de Munique 10081, anotação da polícia de Munique, dep. VIa, de 13 de janeiro de 1926; protocolo da intimação a Himmler de 12 de janeiro de 1926. Quando se referiu a treinamentos de tiro de calibre, Himmler provavelmente quis dizer treinamento de tiro com armas de pequeno calibre.

92 *Die Tagebücher von Joseph Goebbels*, 2 partes, 9 e 15 volumes, publicação por encomenda do Instituto para História Contemporânea e com o apoio do Serviço Estatal de Arquivos da Rússia, editado por Elke Fröhlich e outros, Munique, 1993-2006, 13 de abril de 1926.

**O funcionário do partido**

1 Wolfgang Horn, *Der Marsch zur Machtergreifung*. *Die NSDAP bis 1933*, Düsseldorf, 1972, p. 243; Peter Hüttenberger, *Die Gauleiter. Studie zum Wandel des Machtgefüges in der NSDAP*, Stuttgart, 1969, p. 26 e segs.; Dietrich Orlow, *The History of the Nazi Party*, vol. 1: *1919-1933*, Newton Abbot, 1971, p. 76 e segs.

2 *Völkischer Beobachter* de 17 de setembro de 1926.

3 BAB, BDC, Pasta de Pesquisa 199, 30 de janeiro de 1927. Sobre a Central do Partido e a Organização do Partido nessa época, ver Horn, *Marsch*, p. 278 e segs.; Albrecht Tyrell, *Führer befiehl … Selbstzeugnisse aus der »Kampfzeit« der NSDAP. Dokumentation und Analyse*, Düsseldorf, 1969, p. 355 e segs.

4 Hans-Walter Schmuhl, "Philipp Bouhler — Ein Vorreiter des Massenmorde", in: *Die Braune Elite II. 21 weitere biographische Skizzen*, ed. por Romald Smelser, Enrico Syring e Rainer Zitelmann, Darmstadt, 1993, p. 39-50.

5 Ver Mathias Rösch, *Die Münchner NSDAP 1925-1933. Eine Untersuchung zur inneren Struktur der NSDAP in der Weimarer Republik*, Munique, 2002, p. 512, que não atribui significado especial naquele período ao homem que viria a ser o prefeito de Munique.

6 Peter Longerich, *Geschichte der SA*, Munique, 2003, p. 53 e seg.

7 Sobre o estilo de liderança de Hitler nesse período, ver Tyrell, *Führer befiehl*, p. 146; Ian Kershaw, *Hitler*, vol. 1: *1889-1936*, Stuttgart, 1998, p. 359 e segs.

8 Gerhard Paul, *Aufstand der Bilder. Die NS-Propaganda vor 1933*, Bonn, 1990, p. 64, bem como Kissenkoetter, *Strasser*, p. 33.

9 Paul, *Aufstand*, p. 65.

10 Ib., p. 65 e seg. Um exemplar do livreto foi preservado na coletânea de impressos do Instituto de História Contemporânea (Ifz).

11 Sobre a preparação das "Assembleias de Hitler" por Himmler, ver, principalmente, o arquivo BAB, NS 18/5002, correspondência com os diretórios locais individuais, especialmente a circular de Himmler de 31 de março de 1928. Já em 10 de janeiro de 1928, Himmler enviara questionários aos diretórios para indagar sobre as datas em que não seria possível realizar assembleias em virtude

de “ocupação do maior auditório ou realização de alguma festividade” (Ib.).
12 Direção da Propaganda do Reich (ed.), *Propaganda*, Munique, 1928, p. 36 e segs.
13 BAK, NL 1126, agenda de 1927.
14 BAB, NS 19/1789, “Socialismo nacional ou internacional”.
15 StA Munique, chefatura da Polícia de Munique 18001, relatório policial sobre a reunião dos associados da seção de Neuhausen em 6 de outubro de 1926, “Capitalismo e trabalho construtivo”. O relatório é de 14 de outubro de 1926.
16 StA Munique, chefatura da Polícia de Munique 18001, relatório sobre a assembleia pública do diretório local do NSDAP de Regensburg, 11 de abril de 1927. A assembleia foi realizada em 9 de abril de 1927.
17 BAB, NS 18/5007, carta de Fritz Schusnus à direção do Reich, 27 de outubro de 1926. Resultados das eleições de acordo com os anuários estatísticos do Reich.
18 BAB, NS 18/5007, 2 de dezembro de 1926.
19 Ib., relação feita por Himmler.
20 Ib., carta de 21 de abril de 1927 à chefia distrital.
21 Ib., carta da chefia distrital à sede geral em 28 de abril de 1927.
22 Ib., carta de Heinz Schulz, 1º de maio de 1927.
23 Ib., carta de Himmler à chefia distrital, 2 de maio de 1927.
24 Ib., 18 de maio de 1927.
25 Sobre as assembleias e o resultado da eleição, ver Beate Behrens, *Mit Hitler zur Macht. Aufstieg des Nationalsozialismus in Mecklenburg und Lübeck 1922-1933*, Rostock, 1998, p. 76 e seg.; sobre a campanha eleitoral em geral, ver Ib., p. 74 e segs.
26 Circular de Himmler de 24 de dezembro de 1928, repr. in: Tyrell, *Führer befiehl*, p. 255 e segs. (citado em BAB, antiga coleção Schumacher 373).
27 Paul, *Aufstand*, p. 68.
28 Tyrell, *Führer befiehl*, p. 225; Paul, *Aufstand*, p. 66 e seg.
29 Sobre a mudança da ênfase da propaganda nacional-socialista para a região rural após as eleições do Reichstag de 1928, ver Johnpeter Horst Grill, “The Nazi Party’s Rural Propaganda before 1928”, in: *Central European History* 15 (1982), p. 149-185; Peter D. Stachura, “Der kritische Wendepunkt? Die NSDAP und die Reichstagswahlen vom 20 de maio de 1928”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 26 (1978), p. 66-99; Tyrell, *Führer befiehl*, p. 225 e segs.
30 Como, por exemplo, em BAB, NS 18/5008, para G. Feder, 21 de abril de 1928, bem como em NS 18/5011, para A. Göpfert, 2 de agosto de 1930.
31 BAB, NS 18/5001, carta ao diretório local de Hop.
32 BAB, NS 18/5005, carta ao *Westdeutscher Beobachter*, 6 de novembro de 1928.
33 BAB, NS 18/5007, 20 de abril de 1927.
34 Ib., 19 de abril de 1927.
35 BAB, NS 18/5005, carta a Robert Scherl, Kapellmeister, 10 de agosto de 1928.
36 BAB, NS 18/5022, carta a Hans Lustig, Stettin, 27 de julho de 1927.
37 BAB, NS 18/5006, sr. H. Götz, Kronach, 10 de maio de 1928. Ver também NS 18/5013b, carta a Karl Schick, Rossbach (Pfalz), 30 de julho de 1930.
38 BAB, NS 18/5004, diversas cartas.
39 BAB, NS 18/5006, carta à liderança distrital de Coburg, 16 de março de 1928.
40 BAB, NS 18/5001, Departamento de Propaganda ao comitê local de Aschaffenburg, 2 de fevereiro de 1927.
41 BAB, NS 18/5005, 24 de outubro de 1928.
42 Ib., 27 de outubro de 1928.
43 Ib., 31 de outubro de 1928.
44 Ib., Himmler ao *Westdeutschen Beobachter*, 6 de novembro de 1928.
45 Tyrell, *Führer befiehl*, p. 146.
46 Em um manuscrito não datado, Himmler resumiu sua já conhecida linha de raciocínio sobre as causas da crise agrária e exigia, em resposta, uma política agrária *völkisch* — termo que usou como título do documento (BAB, NS 19/1789). Especialmente no leste da Alemanha, segundo Himmler, “existem hoje enormes extensões de terra que fazem parte de latifúndios colocados à venda”, nas quais deveriam ser assentados camponeses e filhos de trabalhadores rurais. Ao mesmo tempo, de acordo com Himmler, essa seria “a única defesa eficaz contra a invasão das massas de trabalhadores eslavos”.
47 Michael H. Kater, “Die Artamanen. Völkische Jugend in der Weimarer Republik”, in: *Historische Zeitschrift* 213 (1971), p. 577-683; Peter Schmitz, *Die Artamanen. Landarbeit und Siedlung bündischer Jugend in Deutschland 1924-1935*, Bad Neustadt a. d. Saale, 1985.
48 Kater, “Artamanen”, p. 614.
49 Ib., p. 623.
50 Ib.
51 Isso fica claro a partir de documentos guardados no arquivo da Ordem Jovem Alemã (ver nota 57).
52 BAB, NS 18/5011, Himmler ao conselheiro von Konopath, 26 de junho de 1930.
53 BAB, NS 18/5005, carta de 16 de maio de 1929. Aqui Himmler recomenda ao companheiro de partido Karl Muefeld de Duisburg as diretrizes da Liga Artam, “que já conseguiu colocar em prática, de modo exemplar, aquilo que é possível fazer hoje, seguindo as ideias apresentadas pelo senhor. Só posso aconselhá-lo a se inscrever e a trabalhar nas fileiras da Liga Artam pela concretização desses objetivos”.
54 BAB, NS 18/5014, carta à chefia do *Gau* da Pomerânia do NSDAP, 21 de agosto de 1929, referente ao pedido de exclusão de cinco colegas de partido, mencionados nominalmente.

55 BAB, NS 18/5004, carta a Rudolf Hager, Viena, 21 de junho de 1928.
56 BAB, NS 18/5011, carta de Himmler a Maria Giessing, Bad Reichenhall, 16 de julho de 1930.
57 Arquivo da Ordem Jovem Alemã, A 2-82/82, registro de Alwiss Rosenberg de 23 de maio de 1969, bem como A 2-82/10, Alwiss Rosenberg: "Streit in der Artamanenbewegung." (MS).
58 Kater, "Artamanen", p. 623.
59 O semanário fora publicado anteriormente como encarte do jornal *Berliner Arbeiterzeitung*. Pode-se comprovar que existiu até julho de 1929. Na casa da família Himmler, o papel timbrado do *Bundschuh* ainda era usado em 1931 (BAK, NL 1126/14, nota de 16 de fevereiro de 1931).
60 BAK, NL 1126/6.
61 BAK, NL 1126/14, 29 de setembro e 16 de outubro de 1927.
62 Ver nota de arquivo no "fichário de busca" BAK, NL 1126. De acordo com esse registro, as cartas de Himmler se encontram em mãos de particulares. O arquivista do Arquivo Federal, Josef Henke, teve a oportunidade de comprovar a autenticidade das cartas por meio de um microfilme.
63 BAK, NL 1126/14.
64 Ib., 21 de novembro de 1927.
65 Ib., 21 de novembro de 1927.
66 Ib., 22 de novembro de 1927.
67 Ib., 2, 4 e 12 de novembro de 1927.
68 Ib., 22 de novembro de 1927. Já na carta de 21 de novembro, ela perguntara qual poderia ter sido o motivo do "desapontamento" dele.
69 Ib., 26 de novembro de 1927.
70 Ib., 26 de novembro de 1927.
71 Ib., 26 de novembro e 13 de dezembro de 1927.
72 Ib., 20, 21 e 22 de dezembro de 1927.
73 Ib., 22 e 24 de dezembro de 1927.
74 Ib., 24 de dezembro de 1927.
75 Ib., 20 de dezembro de 1927.
76 Ib., 24 de dezembro de 1927. Depois de conhecê-lo um pouco melhor, ela escreveu em 11 de março de 1928: "Sabe, querido, confesso que estou chocada com a sua obediência. Só posso lhe dizer que 'você fez a sua cama, agora tem de se deitar nela.'"
77 Ib., 4 de janeiro de 1928; 5 de janeiro de 1928: "Por que você tem medo de Berlim?"
78 Ib., 21 de dezembro de 1927. Em 24 de dezembro de 1927, ela perguntou: "O que foi que o médico disse?" Os problemas estomacais são mencionados novamente de 9 a 12 de abril de 1928.
79 Ib., 4 de janeiro de 1928. A questão "decente" e "indecente" são temas recorrentes nas primeiras cartas: "E a luta pelo indecente e malcomportado. Eu também não queria que você de repente quisesse ser assim; eu só queria ajudá-lo" (31 de dezembro de 1927). "Ontem à noite, li novamente as suas primeiras cartas, meu querido cabeça-dura que quer ser decente." (4 de janeiro de 1928).
80 Ib., 24 de dezembro de 1927.
81 Ib., 27 de dezembro de 1927.
82 Ib., 29 de dezembro de 1927 (2 cartas).
83 Ib., 22 de dezembro de 1927.
84 Ib., 22 de dezembro de 1927.
85 Ib., 30 de dezembro de 1927.
86 Ib., 2 de janeiro de 1928.
87 Ib., 31 de dezembro de 1927.
88 Ib., 2 de janeiro de 1928 (2ª carta).
89 Ib., carta que chegou a Munique em 2 de janeiro de 1928.
90 Ib., 31 de dezembro de 1927.
91 Ib., 5 de maio de 1928.
92 Ib., 6, 7 e 24 de janeiro de 1928.
93 Ib., 6 e 7 de fevereiro de 1928. Sobre a permanência em Berlim, há uma anotação na agenda em 8 de fevereiro, BAK, NL 1126/6.
94 Sobre os preparativos da viagem, ver BAK, NL 1126/14, 11 de fevereiro, 21 de abril e 13 de maio de 1928.
95 Ib., 31 de dezembro de 1927 e 4 de janeiro de 1928.
96 Ib., 2 de março de 1928.
97 Ib., 11 de fevereiro de 1928.
98 Ib., 6 de março de 1928.
99 Ib., 21 de fevereiro de 1928.
100 Ib., 3 de março de1928. "Sabe, querido, pela sua carta, tenho de novo a impressão de que você falou, sim, algo para os seus pais, e não quer me contar qual foi a resposta deles para não me magoar."
101 Ib., 21 de abril de 1928; também 3 e 18 de maio de 1928.
102 Ib., 10 de maio de 1928.
103 Já na carta de 10 de fevereiro 1928 (ib.), ela fala sobre a sua vontade de deixar a clínica e levar uma vida em comum com Himmler. Da carta de 20 de fevereiro de 1928 (ib.) conclui-se que ela, nessa época, está decidida a vender a sua parte da clínica.
104 Ib., 26 de abril de 1928.
105 Ib., 21 de maio de 1928.
106 Ib., 12 e 20 de abril de 1928.

107 Ib., 13, 20, 23, 25 de 27 de junho de 1928.
108 Ib., 24 e 27 de junho de 1928.
109 StA Munique, Fórum Municipal 21849, p. 141, 19 de setembro de 1928.
110 BAK, NL 1126/14, 17 de junho de 1928.
111 BAK, NL 1126/14, 21 de junho de 1928. Ver também 19 de maio, além de 15 e 18 de junho de 1928.
112 StA Munique, chefatura de Polícia 18001, registro que comprova o aprendizado de condução de veículos. De acordo com esse registro, Himmler teve aulas de direção entre 16 de março e 22 de junho de 1928.
113 BAK, NL 1126/14, anúncio de casamento de 3 de julho de 1928.
114 Ib., 21 de janeiro e 18 de junho de 1929.
115 Ib., 20 de março de 1929.
116 Ib., 5 de maio de 1929.
117 Ib., 6 de maio de 1929.
118 Ib., 24 de setembro de 1929: "Seus pais sabem que o bebê terá um batismo evangélico, não sabem?"
119 Ib., 22 de setembro de 1929.
120 Ib., 13 de outubro de 1929.
121 Robert Lewis Koehl, *The Black Corps: The Structure and Power Struggles of the Nazi SS*, Madison, Wis., 1983, p. 86.
122 Sobre os primórdios da SS, ver Heinz Höhne. *Der Orden unter dem Totenkopfp. Die Geschichte der SS*, Gütersloh, 1967, p. 23 e segs., bem como Koehl. *Black Korps*, p. 18 e segs.
123 BAB, NS 19/1934, diretrizes sobre a composição das *Schutzstaffeln*, enviadas pela direção da organização em 21 de setembro de 1925. Sobre os uniformes da SS, ver também Andrew Mollo, *Uniforms of the SS*, vol. 1: *Allgemeine SS 1923-1945*, Londres, 1969.
124 BAB, NS 19/1934, circular nº 1, 21 de setembro de 1925.
125 Ib., sem data, reprodução do *Völkischer Beobachter* de 6 de agosto de 1926; Höhne, *Orden*, p. 28.
126 Longerich, *Geschichte der SA* , p. 45 e segs.
127 BAB, NS 19/1934, carta de Ernst Wagner a Hitler, 20 de maio de 1926.
128 Ib., Circular nº 1, 14 de abril de 1926.
129 Koehl, *Black Corps*, p. 25 e seg.
130 Ib., p. 26; Höhne, *Orden*, p. 29.
131 Koehl, *Black Corps*, p. 26 e seg.
132 BAB, NS 19/1934, 13 de setembro de 1927.
133 Ib., bem como Ordem nº 2 de 4 de novembro de 1927 (no mesmo arquivo).
134 BAB, NS 19/1934, portaria de 20 de janeiro de 1929. Sobre a história da SS nos anos 1929-1930, cf. esp. Koehl, *Black Corps*, p. 32 e segs.
135 A quantidade de 280 homens, dado que a literatura do partido gosta de adotar, tomando por base a versão oficial do partido elaborada por *Günter d´Alquen (*Günter d'Alquen, *Die SS. Geschichte, Aufgabe und Organisation der Schutzstaffeln der NSDAP*, Berlim, 1939, p. 8), não é confiável: A brochura de D'Alquen não passa de uma versão elaborada a partir de um discurso de Himmler de janeiro de 1937 e não se baseia em pesquisas independentes. Sobre o número de homens informado por Himmler, ver BAB NS 19/4013, 5 de maio de 1944 (260), NS 19/4011, 16 de dezembro de 1943, discurso na Conferência dos Comandantes da Marinha de Guerra (290), NS 19/4014, discurso de 21 de junho de 1944 em Sonthofen diante de generais da Wehrmacht (300). Em Heinrich Hoffmann, *Das Braune Heer. 100 Bilddokumente: Leben, Kampf und Sieg der SA und SS* , Berlim, 1932, p. 45, a legenda sob a fotografia de Himmler diz: "Ele deu início à sua obra com 300 ou 400 homens."
136 *SS-Leitheft* 7 (1941/42), sequência 1b, "Im Dienst des Führers … Vom Kampf der SS. Ein geschichtlicher Rückblick" , p. 10-14.
137 BAB, NS 19/1934.
138 Uma ordem básica da direção da SA de 12 de abril de 1929 ("Grusa VIII") regulamentava principalmente a composição da SS, bem como os detalhes das funções dentro da organização da SS (Ib.).
139 BAB, NS 19/1934.
140 Ib., Ordem SS Parteitag 1929, 26 de julho de 1929.
141 *Völkischer Beobachter* de 4 e 5 de agosto de 1929, inauguração do estandarte, bem como Comunicado nº 29 do dirigente superior da SA; *Völkischer Beobachter* de 6 de agosto de 1929, "O estandarte da suástica como bandeira da futura liberdade. A grande parada militar diante do Führer."
142 *Tagebücher Goebbels*, 5 de julho de 1929.
143 Ib., 1º de agosto de 1929.
144 Ib., 20 de novembro de 1930.
145 Ib., 22 de novembro de 1929.
146 Ib., 13 de janeiro e 20 de março de 1930.
147 Ib., 23 de março de 1930.
148 Paul, *Aufstand*, p. 70; Kissenkoetter, *Strasser*, p. 55 e seg.
149 *Tagebücher Goebbels*, 28 de abril de 1930.
150 Ib., 2 de maio de 1930.
151 Ib., 12 de maio de 1930.
152 Ib., 24 de maio de 1930.
153 Himmler era o número 3 na lista de candidatos para o distrito da Alta Baviera, o que realmente lhe garantiu o ingresso no Reichstag. Mesmo se o NDSAP tivesse obtido resultados ruins nessa região eleitoral, ele teria chegado ao Parlamento por meio da "lista do Reich". Ali a cadeira nº 15 estava reservada para ele (*Völkischer Beobachter* de 28 e 31 de agosto de 1930).
154 Os detalhes se depreendem do arquivo BAB, NS 18/5014. Sobre a transferência dos negócios, ver Kissenkoetter, *Strasser*, p. 59.

155 BAB, NS 19/1722, carta da bancada do NSDAP no Reichstag a Himmler, 20 de fevereiro de 1931. “Aproveitamos para deixar claro”, assim dizia a carta de advertência, “que com tal tipo de tratamento nos comunicados da bancada, não se pode falar de uma condução regrada dos assuntos da bancada”.
156 BAB, NS 19/1721, carta do diretório local de Schwenningen a Himmler, 21 de setembro; resposta de Himmler de 1º de outubro de 1932. A falsa afirmação se encontra in: Heinrich Himmler, *Der Reichstag 1930. Das sterbende System und der Nationalsozialismus*, Munique, 1931, p. 57.

**Reichsführer-SS**

1 Longerich, *Geschichte der SA*, p. 103 e seg.; esses eventos estão especialmente bem documentados em StA Munique, chefatura policial de Munique 6808, relatório do *Landeskriminalamt* [Departamento de Investigação Criminal Estadual da Alemanha, subordinado ao Ministério do Interior] de Berlim, a agência estadual de investigações de Berlim, de 16 de setembro de 1930; ver também *Tagebücher Goebbels*, 30 de agosto e 1º de setembro de 1930.
2 StA Munique, chefatura policial de Munique 6810, relatório policial sobre uma reunião de 14 de outubro de 1930; Eberhart Schön, *Die Entstehung des Nationalsozialismus in Hessen*, Meisenheim am Glan 1972, p. 129 e seg.; ver também Longerich, *Geschichte der SA*, p. 102 e p. 105.
3 BAB, NS 19/2817, protocolo de memória de Himmler sobre a renúncia do dirigente superior da SA, Pf. von Salomon, em 1930, escrito em 4 de junho de 1941.
4 Tal é a versão do documento preservado em BAB, NS 19/3973, “Os deveres dos homens e dos dirigentes SS” (introdução), bem como o artigo “Formação e história da SS”, in: *SS-Leitheft 2* (1936), Caderno 9, p. 11-13.
5 BAB, NS 19/1934, Ordem da SS nº 20, 1º de dezembro de 1930.
6 BAB, antiga coleção Schuhmacher 403, ordem de Hitler ref. a SA 3 de setembro de 1930.
7 Sobre o conflito entre Hitler e Röhm nos primórdios da SA, ver Longerich, *Geschichte der SA*, p. 15 e seg., p. 33 e seg. e p. 45 e seg.
8 O memorando que provavelmente foi escrito por August Schneidhuber, um dos mais altos dirigentes da SA, resumia a crítica largamente disseminada na SA sobre a direção do partido (StA Munique, chefatura policial de Munique 6822, documentos da SA com o Führer, 30 de novembro de 1930). Sobre a reunião com o Führer e sobre a indicação de Röhm, ver Longerich, *Geschichte der SA*, p. 108 e seg.
9 BAB, NS 19/1934.
10 BAB, BDC, pasta de pesquisa 238 I (também NARA, T 580 R 36), carta de Röhm a Himmler, 28 de março de 1930: “Sua gentil carta de 29 de janeiro de 1930, pela qual lhe sou especialmente grato, mais do que qualquer outra, despertou em mim o desejo de voltar em breve à Alemanha.”
11 Ib. (também NARA, T 580 R 36), Himmler a Röhm, 4 de novembro de 1929.
12 Ib. (também NARA, T 580 R 36), Röhm a Himmler, 28 de março de 1930. Também foram preservadas cartas de Röhm de 7 de setembro de 1929 e 27 de agosto de 1930 (ib.).
13 Longerich, *Geschichte der SA*, p. 147.
14 BAB, NS 19/1934.
15 Koehl, *Black Corps*, p. 41.
16 BAB, NS 19/1934. A ordem também regulamentava diversos outros detalhes.
17 Ordem do Estado-maior nº 9, de 12 de fevereiro de 1931, bem como instruções para a complementação, formação, utilização etc. das tropas SS motorizadas, 21 de março de 1931.
18 BAB, NS 19/1934, 12 de maio de 1931.
19 StA Munique, chefatura policial de Munique 6822, relatório do inspetor-geral ao chefe do Estado-maior, 17 de dezembro de 1931.
20 Sobre o relacionamento conflituoso entre SA e SS, ver Longerich, *Geschichte der SA*, p. 149 e seg.; Michael H. Kater, “Zum gegenseitigen Verhältnis von SA und SS in der Sozialgeschichte des Nationalsozialismus von 1925 bis 1939”, in: Vierteljahrschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte 62,3 (1975), p. 339-379.
21 BAB, NS 19/1934 Oberführer Sul, ordem do Oberführer nº 8, diretrizes para o treinamento da SS no setor sul, 1º de abril de 1931.
22 Longerich, *Geschichte der SA*, p. 110 e seg.; ver especialmente *Tagebücher Goebbels*, 1º a 10 de abril de 1931.
23 BAB, NS 19/1934. A reunião ocorreu em 13 e 14 de junho de 1931.
24 As [canções] mencionadas foram “Wir sind das Heer vom Hakenkreuz”, “Noch ist die Freiheit nicht verloren”, “Wenn alle untreu werden”, “Heil, mein Lieb, der Morgen graut”, “Brüder in Zechen und Gruben”, “Ich hatt´einen Kameraden” e “Drei Lilien”.
25 BAB, NS 19/1934, Regulamento provisório de serviço da SS, junho de 1931.
26 Ib., Ordem da SS C, nº 28, de 9 de junho de 1931.
27 Ib., Ordem da SS A, nº 35, de 13 de julho de 1931.
28 Ib., Ordem da SS A, nº 1, de 24 de janeiro de 1932.
29 Ib., Ordem da SS A, nº 30, de 8 de junho de 1931.
30 Shlomo Aronson, *Reinhard Heydrich und die Frühgeschichte von SA und SD*, Stuttgart, 1971, p. 34 e seg.
31 Ib., p. 37 e seg.; Wildt, *Generation*, p. 241.
32 Aronson, *Heydrich*, p. 54 e segs., sobre a fundação do serviço.
33 Ib., p. 60 e seg.
34 Longerich, *Geschichte der SA*, p. 111.
35 BAB, antiga coleção Schumacher 415, relação dos contingentes da SA e da SS, 18 de maio de 1931; BAB, NS 19/1934, Himmler ao dirigente superior da SA, 2 de outubro de 1931.
36 Ib., notificação do Departamento de Polícia Judiciária do Estado, Berlim, de 1º de novembro de 1931.
37 Doc. PS-1992 (A), palestra de Himmler sobre a natureza e as tarefas da SS no âmbito de um curso nacional político da Wehrmacht,

15 a 23 de janeiro de 1937, in: *International Military Tribunal: Der Prozess gegen die Hauptkriegsverbrecher vor dem Internationalen Militärgerichtshof, 14. Oktober 1945 bis 1. Oktober* 1946, 42 volumes, Nuremberg, 1947-1949, aqui vol. 29, p. 206 e seg.

38 BAB, NS 19/1934, Ordem da SS A, nº 65, de 31 de dezembro de 1931.

39 BAB, NS 19/4013, discurso de 5 de maio de 1944. Esse era o teor de um artigo que o dirigente do Departamento Racial, Schultz, mandou publicar na revista *Volk und Rasse* nº 17 (1942) em janeiro de 1942, por ocasião do décimo ano do decreto de noivado e casamento: "As deturpações maliciosas e o escárnio sarcástico que se seguiram justamente a essa ordem de comando alcançaram proporções descomunais, mas a SS se manteve inabalável..." (p. 1 e seg.).

40 Essa descrição das formas de vida subcultural da SA se infere principalmente de uma grande variedade de escritos publicados dentro da SA e em sua esfera de ação logo após a tomada do poder. Para mais detalhes, ver Longerich, *Geschichte der SA*, p. 115.

41 BAB, NS 19/1934, Ordem da SS A, nº 67, 31 de dezembro de 1931.

42 Isso se conclui do Regulamento Interno de 12 de maio de 1931 (Ib.).

43 Sobre Darré, ver Anna Bramwell, *Blood and Soil. Richard Walther Darré and Hitler's "Green Party"*, Bourne End, 1985; Horst Gies, *R. Walther Darré und die nationalsozialistische Bauernpolitik in den Jahren 1930 bis 1933*, Frankfurt/Main, 1966; BAB, BDC, SS-O Darré.

44 Isabel Heinemann, *"Rasse, Siedlung, deutsches Blut". Das Rasse- und Siedlungshauptamt der SS und die rassenpolitische Neuordnung Europas*, Göttingen, 2003, p. 55 e segs.

45 BAB, NS 19/1074.

46 BAB, BDC, SS-O Wolff; Jochen von Lang, *Der Adjutant. Karl Wolff, der Mann zwischen Hitler und Himmler*, Munique, 1985, p. 12 e seg.

47 BAB, BDC, SS-O Heissmeyer, *currículo* sem data.

48 BAB, BDC, SS-O Wege, especialmente *currículo* de 12 de maio de 1932.

49 BAB, BDC, SS-O Hildebrandt, especialmente *currículo* de 15 de abril de 1936.

50 BAB, BDC, SS-O Krüger, *currículo*.

51 BAB, BDC, SS-O Jeckeln; Richard Breitman, "Friedrich Jeckeln", Spezialist für die 'Endlösung' im Osten", in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn etc., 2000, p. 267-275; BAB, BDC, SS-O Jeckeln, especialmente a carta de Jeckeln a Himmler, 28 de fevereiro de 1932.

52 BAB, BDC, SS-O Lorenz, especialmente *currículo*, 31 de março de 1937.

53 BAB, BDC, SS-O Wittje, especialmente *currículo* sem data.

54 BAB, BDC, SS-O Zech; Zech, nascido em 1892, servira até 1920, por último como capitão, no Exército Imperial, ver *Reichstags-Handbuch, IX. Wahlperiode 1933*, Berlim 1934.

55 BAB, BDC, SS-O Moder, especialmente *currículo* sem data.

56 BAB, BDC, SS-O Schmauser, especialmente *currículo* sem data.

57 TB, 6 de julho de 1922.

58 Anke Schmeling, *Josias Erbprinz zu Waldeck und Pyrmont. Der politische Weg eines hohen SS-Führers*, Kassel, 1993.

59 BAB, BDC, SS-O Woyrsch.

60 BAB, BDC, SS-O Eberstein.

61 Charles Messenger, *Hitler's Gladiator. The Life and Times of OberstgruppenFührer and Panzergeneral-Oberst d. Waffen-SS Sepp Dietrich*, Londres etc., 1988; Christopher Clark, "Josef 'Sepp' Dietrich. Landsknecht im Dienste Hitlers", in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn etc., 2000, p. 119-133; BAB, BDC, SS-O Dietrich.

62 BAB, BDC, SS- O Daluege; Caron Cradle, "My Honor is Loyalty. The Biography of General Kurt Daluege", tese não publicada, Princeton, 1979, esp. p. 74 e seg. sobre a transferência para a SS.

63 BAB, BDC, SS-O Rodenbücher, principalmente *currículo* de 13 de outubro de 1933.

64 BAB, BDC, SS-O Weitzel, especialmente *currículo* sem data.

65 Gerichts- und Rechtsamt [Departamento Judicial e Legal], referente ao Standartenführer Hirt, 12 de outubro de 1937.

66 Ib., Himmler a Hartmann, 30 de outubro de 1931.

67 BAB, BDC, SS-O Rediess, *currículo* sem data; Certidões de Nomeação datadas de 1º de janeiro de 1931, 4 e 12 de julho de 1932 (em julho de 1932 Rediess assumiu por apenas uma semana a Divisão XII).

68 BAB, NS 19/1934, Ordem da SS D, nº 68, 31 de dezembro de 1931.

69 Ib., Ordem da SS D, nº 1, 14 de janeiro 1932, relação de Esquadrões de Aviadores da SS. Os pormenores foram regulamentados por Himmler na Ordem da SS D, nº 3, de 18 de março de 1932.

70 Koehl, *Black Corps*, p. 53, que segue, aqui, as indicações do *Statistischen Jahrbuches* [anuário estatístico] *der Schutzstffel der NSDAP 1937*, Berlim, 1938, p. 4. A título de comparação: em junho de 1932, a SA tinha 397 mil integrantes (Longerich, *Geschichte der SA*, p. 159).

71 Jan Erik Schulte, *Zwangsarbeit und Vernichtung. Das Wirtschaftsimperium der SS Oswald Pohl und das SS-Wirtschafts-Verwaltungshauptamt 1933-1945*, Paderborn etc., 2001, p. 24.

72 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 22 e segs., sobre o início da administração da SS.

73 BAB, NS 19/1934, Ordem da SS D, nº 69.

74 Mollo, *Uniforms*, p. 8. Sobre a primeira aparição de Himmler com a nova farda, ver a declaração de Wolffsegs. (StA Munique, Promotorias Públicas 34865, vol. 9, 23 de janeiro de 1962).

75 Ib.

76 BAB 19/1074, anotação de 6 de janeiro de 1939.

77 StA Munique, Promotorias Públicas 34865, vol. 9, 23 de janeiro de 1962.

78 Ernst Hanfstaengl, *Zwischen Weissem und Braunem Haus. Memoiren eines politischen Aussenseiters*, Munique, 1970, p. 98.
79 Albert Krebs, *Tendenzen und Gestalten der NSDAP. Erinnerungen an die Frühzeit der Partei*, Stuttgart, 1959, p. 209.
80 A esse respeito, ver Gerhard Schulz, *Von Brüning zu Hitler. Der Wandel des politischen Systems in Deutschland 1930-1933*, Berlim/Nova York, 1992, p. 819 e seg.; Winkler, *Weimar*, p. 444 e seg.
81 Richard Bessel, *Political Violence and the Rise of Nazism. The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934*, New Haven/Londres, 1984, p. 87 e segs.
82 BAB, BDC, SS-O Wappenhans, 13 de abril de 1938.
83 Ver Schulz, *Brüning*, p. 961 e seg.; Winkler, *Weimar*, p. 510 e seg.
84 Entre junho de 1932 e início de 1933, o efetivo da SS só aumentou de 41 mil para 50 mil homens, Koehls, *Black Corps*, p. 53 e 79.
85 BAB, NS 19/1934, Divisão IV, Braunschweig: Os ânimos dentro da SS, 23 de setembro de 1932.
86 Ib., Gruppe Ost (Leste), 21de setembro de 1932.
87 Ib., Gruppe Süd (Sul), 21 de setembro de 1932.
88 Ib., Gruppe Südost (Sudeste), 22 de setembro de 1932.
89 Ib., Gruppe West (Oeste), 21 de setembro de 1932.
90 Ib., Divisão VII, Danzig, 23 de setembro de 1932.
91 Longerich, *Geschichte der SA*, p. 159 e seg.
92 BAB, antiga coleção Schuhmacher 407, 17 de dezembro de 1932.
93 BAK, NL 1126/2 carta de Himmler de 4 de abril de 1933.
94 Henry Turner, *Hitlers Weg zur Macht. Der Januar 1933*, Munique, 1997, p. 97 e seg.; Joachim von Ribbentrop, *Zwischen London und Moscou. Erinnerungen und letzte Aufzeichnungen*, editado a partir do espólio por Annelies von Ribbentrop, Leoni/Lago de Starnberg, 1953, p. 37 e seg.

**O comando da Polícia Política**

1 Sobre o terror na fase de tomada do poder, ver especialmente Klaus Drobisch e Günther Wieland, *System der NS-Konzentrationslager1933-1939*, Berlim, 1993, p. 11 e seg.; Johannes Tuchel, *Konzentrationslager Organisationsgeschichte und Funktion der "Inspektion der Konzentrationslager" 1934-1938*, Boppard/Reno, 1991, p. 35 e seg.; George C. Browder, *Foundations of the Nazi Police State: The Formation of SiPo and SD*, Lexington, 1990, p. 50 e seg.
2 Drobisch e Wieland, *System*, p. 27 e seg., ressaltam que era justamente a ambiguidade legal que caracterizava a natureza da prisão preventiva.
3 Em Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 38 e seg., tem-se uma noção geral sobre os diversos tipos de campos de concentração nos anos de 1933-1934.
4 Sobre a "tomada do poder" na Baviera e a construção do aparato local de terror, ver Jochen Klenner, *Verhältnis von Partei und Staat 1933-1945*, Munique, 1974, p. 44 e seg.; Ortwin Domröse, *Der NS-Staat in Bayern von der Machtergreifung bis zum Röhm-Putsch*, Munique, 1974, p. 80 e seg.; Martin Faatz, *Vom Staatsschutz zum Gestapo-Terror. Politische Polizei in Bayern in der Endphase der Weimarer Republik und der Anfangsphase der nationalsozialistischen Diktatur*, Würzburg, 1995, p. 381 e seg. (ver esp. p. 398 e seg. sobre a ampliação dos poderes do cargo de comandante da Polícia); Tuchel, *Konzentrationslager*, p.121 e seg.; Aronson, *Heydrich*, p. 94 e seg.
5 Ib., p.100 e seg.
6 *Münchner Neueste Nachrichten* de 13 de março de 1933; ver também *Völkischer Beobachter* do mesmo dia.
7 BHStA, StK 5255, radiograma de Wagner de 15 de março de 1933; ver Klenner, *Verhältnis*, p. 859.
8 BHStA, StK 6288, portaria de Wagner de 27 de março de 1933.; cf. Klenner, *Verhältnis* p. 82 e seg.; Faatz, *Staatsschutz*, p. 417 e segs.
9 Determinação de Wagner de 1º de abril de 1933, in: *Bayerische Staatszeitung und Bayerischer Staatsanzeiger* 21 (1933), 4 de abril de 1933; também reproduzida, in: Aronson, *Heydrich*, p. 323; cf. Klenner, *Verhältnis*, p. 59.
10 Aronson, *Heydrich*, p. 99 e seg.
11 BHStA, StK 6288, decreto de Wagner de 10 de abril de 1933.
12 Domröse, *NS-Staat*, p. 185 e seg. em relação aos comissários especiais.
13 BAB, R 2/28350, Crônica sobre todas as instalações do campo de concentração da SS em Dachau, citado conforme Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 124. Sobre a edificação e a história dos primórdios do campo de Dachau, ver Barbara Distel e Ruth Jakusch, *Konzentrationslager Dachau 1933-1945*, Bruxelas [1978]; Stanislav Zámecník, *Das war Dachau*, Luxemburgo, 2002; ver também do mesmo autor "Dachau-Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 2: *Frühe Lager,Dachau, Emslandlager*, Munique, 2005, p. 233-274; do mesmo autor, "Das frühe Konzentrationslager Dachau", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Terror ohne System. Die ersten Konzentrationslager im Nationalsozialismus 1933-1935*, Berlim, 2001, p. 13 a 39; Günther Kimmel, "*Das Konzentrationslager Dachau. Eine Studie zu den nationalsozialistischen Gewaltverbrechen"*, in: Martin Broszat e Elke Fröhlich (ed.), *Bayern in der NS-Zeit*, Vol. 2: *Herrschaft und Gesellschaft im Konflikt. Teil A*, Munique, 1979, p. 349-413; Lothar Gruchmann, "*Die bayerische Justiz im politischen Machtkampf 1933/34. Ihr Scheitern bei der Strafverfolgung von Mordfällen in Dachau"*, in: Martin Broszat e Elke Fröhlich (ed.), *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 2: *Herrschaft und Gesellschaft im Konflikt.Teil A*, Munique, 1979, p. 415-428; Hans-Günter Richardi, *Schule der Gewalt. Die Anfänge des Konzentrationslagers Dachau 1933 -1934. Ein dokumentarischer Bericht*, Munique, 1983.
14 *Völkischer Beobachter* de 21 de março de 1933; comp. Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 124.
15 Arquivo Memorial de Dachau, 16.103, citado conforme Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 125.
16 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 125 e seg.; Richardi, *Schule*, p. 55 e seg. e p. 88 e seg. A SS assumiu o controle definitivo do

campo em 30 de maio de 1933.

17 IfZ, documentos de Nuremberg, PS-1216; cf. Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 126.

18 Sybille Steinbacher, *Dachau — die Stadt und das Konzentrationslager in der NS-Zeit.Die Untersuchung einer Nachbarschaft*, Frankfurt/am Main etc., 1993.

19 Sobre as investigações do Ministério Público de Munique, ver Gruchmann, "Justiça", p. 416 e segs. O relatório do procurador-geral do Estado, Wintersberger, de 2 de junho de 1933, foi impresso como Dok D-926, in: *IMT*, vol. 36 p. 55 segs. Sobre a reunião com Epp em 2 de junho, ver Gruchmann, "Justiz", p. 420 e segs.

20 Sobre Eicke, ver Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 128 e segs., bem como Aronson, *Heydrich*, p. 105 e segs.

21 BAB, BDC, SS-O Eicke, Eicke a Himmler, 29 de março de 1933.

22 Ib., relatório de Eicke de 20 de março de 1933 sobre os acontecimentos em Ludwigshafen; portaria de Himmler de 3 de abril de 1933.

23 Ib., Eicke a Himmler, 29 de março e 13 de abril de 1933; Relatório de Heyde, 22 de abril de 1933.

24 Ib., carta por ordem de Himmler a Eicke, 20 de maio de 1933; carta de Himmler a Heyde, 2 de junho de 1933.

25 BAB, BDC, SS-O Koegel, carta de Eicke ao chefe da Polícia Política auxiliar da Baviera, 27 de novembro de 1933; cf. Bernd Wegner, *Hitlers Politische Soldaten. Die Waffen-SS 1933-1945: Leitbild, Struktur und Funktion einer nationalsozialistischen Elite*, ed. ampliada, Paderborn, 1997, p. 179.

26 Sobre o sistema de Dachau, ver Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 141 e seg.; Richardi, *Schule*, p. 119 e segs.

27 Parcialmente reproduzido em Dok PS-778, in: *IMT*, vol. 25, p. 291 e segs.

28 BAB, R 22/1167, Regulamentos de serviço para os postos de acompanhamento e vigilância dos prisioneiros; ver Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 144 e segs.

29 Detalhes em Richardi, *Schule*, p. 183 e segs.

30 Ib., p. 189 e segs. e p. 209 e segs. Na reunião do Conselho de Ministros de 26 de julho de 1933, o ministro do Interior, Wagner, declarou ter dado instruções a Himmler de lhe apresentar "relatórios diários sobre os principais acontecimentos e sobre as medidas planejadas de maior abrangência" (BHStA, MA 99 526).

31 Richardi, *Schule*, p. 179 e segs.

32 Impresso. in: Distel e Jakusch, *Dachau*, p. 80; ver também Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 142 e segs.

33 Já na reunião do Conselho de Ministros de 7 de abril de 1933, o ministro da Justiça provisório sugerira a restrição da prisão preventiva; em 16 de maio, os ministros trataram de maneira crítica a conduta arbitrária do comandante da Polícia Política da Baviera contra instituições judaicas em Munique. Ficou registrado que "as ações do comandante da Polícia Política repetidamente teriam sido causa de profunda preocupação" (BHStA, MA 99 525). Em 26 de julho o governador do Reich desaprovou a conduta da Polícia Política contra os judeus de Nuremberg; o primeiro-ministro da Baviera Siebert sugeriu que Himmler fosse assessorado por um "perspicaz jurista administrativo". Na reunião do Conselho Ministerial de 27 de fevereiro de 1934, o ministro da Justiça declararia que a prática de detenções da Polícia Política "era insustentável" e obteria a anuência de todos à sua sugestão de transferir as decisões de imposição de prisão preventiva ao ministro do Interior (MA 99 526). Para o trabalho de Himmler, essas críticas reiteradas por parte do governo não trariam consequências sérias.

34 Dok D-926, in: *IMT*, vol. 36, p. 47 e seg. Em carta ao ministro da Justiça, Frank, de 29 de novembro de 1933, Wagner faz menção à solicitação de Himmler de 18 de novembro de 1933 no sentido de "suprimir, por razões de segurança de Estado", o inquérito referente a três casos de morte em Dachau. Cf. Gruchmann, "Justiça", p. 423 e segs.

35 BHStA, MA 99 525, reunião de 6 de dezembro de 1933.

36 Dok D-926, in: *IMT*, vol. 36, p. 54 e segs., observação de Stepp, 6 de dezembro de 1933.

37 Essa é a caracterização pertinente em Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 149.

38 Hartmut Mehringer, "Die KPD in Beyern 1919-1945. Vorgeschichte, Verfolgung und Widerstand", in: *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand*, ed. por Hartmut Mehringer, Anton Grossmann e Klaus Schoenhoven, Munique, 1983, p. 1-286, aqui p. 73 e segs. Na Baviera, até 13 de abril, já havia sido decretada a prisão preventiva de 5.400 pessoas, sendo mais da metade comunistas. Em junho de 1933, em uma onda adicional de prisões, foram encarcerados mais de mil social-democratas; ver Hartmut Mehringer, "Die Bayerische Sozialdemokratie bis zum Ende des NS-Regimes. Vorgeschichte, Verfolgung und Widerstand", in: *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand*, ed. por Hartmut Mehringer, Anton Grossmann e Klaus Schoenhoven, Munique, 1983, p. 287-432, aqui p. 338 e segs.

39 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 153 e seg.

40 Ib., p. 53 e segs.

41 Sobre a assunção do comando da Polícia Política, ver a síntese em Hans Buchheim, "Die SS — Das Herrschaftsinstrument", in: id. et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999, p. 13-212, p. 39 e segs., bem como a descrição detalhada em Browder, *Foundations*, p. 98 e segs.

42 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 81 e segs.; James J. Weingartner, *Hitler's Guard: The Story of the Leibstandarte SS Adolf Hitler, 1933-1945*, Carbondale, Ill. etc. 1974, p. 1 e segs.

43 Mesmo depois de Dietrich ter sido nomeado por Himmler chefe do SS-Oberabschnitt Leste em novembro de 1933, continuava enfatizando sua função especial na Leibstandarte. Em abril de 1934, no entanto, consentiu em subordinar a Leibstandarte ao Oberabschnitt Leste; ver Wegner, *Politische Soldaten*, p. 83, e Weingartner, *Guard*, p. 8 e seg.

44 Sobre a assunção dO comando da Polícia Política de Hamburgo, ver Browder, *Foundations*, p. 100 e segs.; Michael Wildt, "Der Hamburger Gestapochef Bruno Streckenback. Eine nationalsozialistische Karriere", in: Frank Bajohr e Joachim Szodrzynski (ed.), *Hamburg in der NS-Zeit. Ergebnisse neuerer Forschungen*, Hamburgo, 1995, p. 93-123; *Dokumente zur Gleichschaltung des Landes Hamburg 1933*, ed. e comentado por Henning Timpke, Frankfurt/Main, 1964; Ludwig Eiber, "Unter Führung des NSDAP-Gauleiters. Die Hamburger Staatspolizei (1933-1937)", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 101 a 117; BAB, BDC, SS-O Kaufmann.

45 *Dokumente zur Gleichschaltung*, p. 169 e segs.
46 Ib., p. 31.
47 BAB, BDC, SS-O Hans Nieland, carta da SS-OA Nord de 21 de março de 1934 ao RFSS. Essa nomeação, que era verbal, foi confirmada formalmente em 30 de abril de 1934 (Chefe do SS-Amt ao OA Nord, 7 de abril de 1934). Oficialmente, Nieland havia se juntado à SS em 1º de novembro de 1933. Comp. *Dokumente zur Gleichschaltung*, p. 177.
48 Ib., p. 177 e seg.
49 BAB, BDC, SS-O Streckenbach; Wildt, "Streckenbach", p. 101; *Dokumente zur Gleichschaltung*, p. 176.
50 BAB, BDC, SS-O Kaufmann, carta de Himmler a Kaufmann, 15 de novembro de 1933.
51 BAB, BDC, SS-O Georg Friedrich Ahrens, CV de 25 de junho de 1942 e carta de Himmler de 14 de agosto de 1934.
52 BAB, BDC, SS-O Streckenbach.
53 *Dokumente zur Gleichschaltung*, p. 176.
54 Ib., p. 231 e segs.
55 BAB, BDC, SS-O Hildebrandt e SS-O Ludwig Oldach, (Data de ingresso na SS: 26 de setembro de 1933); Browder, *Foundations*, p. 104 e seg.; *Völkischer Beobachter* de 13 de dezembro de 1933: "Himmler empossado como chefe da Polícia Política de Mecklenburg".
56 Sobre a nomeação de Himmler em Württemberg, ver Browder, *Foundations*, p. 106 e segs.; Paul Sauer, *Württemberg in der Zeit des Nationalsozialismus*, Ulm, 1975, p. 58 e segs. A respeito de Stahlecker, ver Jürgen Schuhladen-Krämer, "Die Exekutoren des Terrors. Herrmann Mattheiss, Walther Stahlecker, Friedrich Mussgay, Leiter der Geheimen Staatspolizeistelle Stuttgart", in: Michael Kissener e Joachim Scholtyseck (ed.), *Die Führer der Provinz. NS-Biographien aus Baden und Württemberg*, Konstanz, 1997, p. 405-443, esp. p. 416 e segs.
57 BAB, R 18/5642, observação de Pfundtner sobre uma conversa com Murr, 31 de maio de 1934. Murr declarou a Pfundtner que, "segundo Himmler, o Führer valoriza especialmente essas formações, que correspondem mais ou menos ao Grupo Wecke, e ele gostaria que fossem implantadas em todos os Estados".
58 BAB, NS 19/1724, carta de Himmler a Murr, 4 de dezembro de 1933: "Gostaria de informar que eu concordaria plenamente com a minha nomeação oficial para comandante da Polícia de Württemberg." Em carta a Murr de 15 de dezembro de 1933, Himmler destaca a "cooperação nessa área tão importante que é a Polícia Política, cooperação que já existe há meses entre mim e Württemberg como o primeiro Estado".
59 Herbert, *Best*, p. 138.
60 BAB, BDC, SS-O Murr.
61 Browder, *Foundations*, p. 108; ver também Herbert, *Best*, p. 137 e seg.
62 Michael Stolle, *Die Geheime Staatspolizei in Baden. Personal, Organisation, Wirkung und Nachwirken einer regionalen Verfolgungsbehörde im Dritten Reich*, Konstanz, 2001,
63 Browder, *Foundations*, p. 106 e seg.; Inge Marssolek e René Ott, *Bremen im Dritten Reich. Anpassung — Widerstand — Verfolgung*, Bremen, 1986, p. 121 e segs. e 176 e segs.; BAB, BDC, SS-O Laue e Schulz. Este último, segundo o currículo de 7 de junho de 1935, pertencia desde 1930 ao serviço de inteligência, que de fato formava a Polícia Política. Desde novembro de 1933, atuava como chefe da Polícia Secreta do Estado em Bremen. Sobre Schulz, ver esp. Wildt, *Generation*, Hamburgo, 2003, p. 561 e segs. Ver também BAB, NS 19/1718, telegrama da ajudância de Himmler ao prefeito em exercício de Bremen, de 18 de dezembro de 1933, segundo o qual Himmler aceitaria de bom grado o posto de comandante em Bremen.
64 Browder, *Foundations*, p. 106.
65 Buchheim, "SS", p. 39; Browder, *Foundations*, p. 110. O primeiro-ministro Alfred Freyberg ingressou na SS em novembro de 1933 e desde a primavera de 1934 estava registrado como chefe do Serviço de Segurança. O governador Loeper (que também era responsável por Braunschweig) foi alçado à posição de SS-Gruppenführer, logo após a nomeação de Himmler: BAB, BDC, SS-O Friedrich Wilhelm Loeper, telegrama de felicitação de Himmlers de 12 de fevereiro de 1934 pela nomeação; SS-O Alfred Freyberg.
66 Browder, *Foundations*, p. 111.
67 Buchheim, "SS", p. 42; Browder, *Foundations*, p. 111.
68 Sobre a Saxônia, ver Aronson, *Heydrich*, p. 160. Na pessoa de Herbert Mehlhorn, que desde 1º de setembro 1933 era presidente-substituto da Polícia Secreta do estado saxão, o SD contava com um homem de confiança importante em Dresden. Mehlhorn também era funcionário do SD. Sobre a posse de Himmler na Saxônia, ver também Browder, *Foundations*, p. 111 e seg.
69 BAB, NS 19/1724, 17 de dezembro de 1933; BAB, BDC, SS-O Loeper, telegrama de felicitação de Himmler de 12 de fevereiro de 1934. Sobre o contexto, ver Gerhard Wysocki, *Die Geheime Staatspolizei im Land Braunschweig. Polizeirecht und Polizeipraxis im Nationalsozialismus*, Frankfurt/Main e Nova York, 1997, esp. p. 58 e seg.
70 BAB, BDC, SS-O Klagges.
71 Aronson, *Heydrich*, p. 166; sobre esse conflito, ver também Browder, *Foundations*, p. 94 e segs.
72 Jeckeln, que em 1932 fora convocado à central da SS de Munique devido ao seu envolvimento em atentados a bomba, foi chamado de volta a Braunschweig em junho de 1933 por Klagges. Na disputa com o SD, Jeckeln e Klagges haviam trabalhado juntos; ver Wysocki, *Geheime Staatspolizei*, p. 63; BAB, BDC, SS-O Jeckeln, carta de nomeação de 6 de fevereiro de 1933 e 9 de agosto de 1933.
73 Browder, *Foundations*, p. 109 e seg.
74 Ib., p. 115.
75 Sobre as razões de Himmler conseguir se impor, ver, de modo resumido, ib., p. 114 e seg.
76 A respeito de Braunschweig, Hessen e Saxônia, ver ib., p. 111 e segs.; a respeito de Baden, ver Stolle, *Geheime Staatspolizei*, p. 87; Eiber, "Führung", p. 109 e segs., destaca que o controle do *Gauleiter* Kaufmann sobre a Polícia Política de Hamburgo era tal que ele conseguiu atrasar a perseguição sistemática aos social-democratas — tendo em vista que a posição dos partidários do SPD na administração continuava tão forte quanto antes — até o outono de 1934.

77 Essa regulamentação continuou em vigor até a integração definitiva da Polícia Política da Baviera pela central de operações da Gestapo em 1937; ver Ludwig Eiber, "Polizei, Justiz und Verfolgung in München 1933 bis 1945", in: *München — "Hauptstadt der Bewegung". Bayerns Metropole und der Nationalsozialismus*, ed. por Richard Bauer et al., Munique, 2002 (primeiramente em 1993), p. 235-243.

78 A afirmação de que Himmler desde o início teria perseguido o objetivo de instituir uma polícia do Reich unificada (Aronson, *Heydrich*, p. 134; Herbert, *Best*, p. 137 e seg.; formulado de modo um pouco mais geral por Browder, *Foundations*, p. 98 e seg.) só se sustenta nas declarações posteriores de Best e Von Ebersteins. É interessante notar que não existem provas contemporâneas para tal.

79 Sobre a polícia na Prússia em 1933, ver Browder, *Foundations*, p. 50 e segs.; Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 47 e segs. Sobre o papel de Daluege, ver Aronson, *Heydrich*, p. 75 e segs., bem como Cradle, "Honor", p. 92 e segs.

80 Sobre o estranhamento entre Daluege e Himmler, ver detalhes em Aronson, *Heydrich*, p. 80.

81 Sobre a criação do Gestapa prussiano, ver ib., p. 82 e segs.; Browder, *Foundations*, p. 55 e segs.; Christoph Graf, *Politische Polizei zwischen Demokratie und Diktatur. Die Entwicklung der preussischen Politischen Polizei vom Staatsschutzorgan der Weimarer Republik zum Geheimen Staatspolizeiamt des Dritten Reiches*, Berlim, 1983, p. 108 e segs.; Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 53 e segs. Fundamental é a lei sobre a instituição do Departamento Central da Polícia Secreta do Estado, de 26 de abril de 1933; ver *PrGS* 1933, p. 122 e seg.

82 Browder, *Foundations*, p. 58 e seg., enumera diversos exemplos: o chefe da central da Gestapo em Breslau, Emanuel Schaefer, era funcionário do SD, bem como o seu subordinado, Günther Patschowski, que recrutara Schäfer (ver também ib., p. 115; BAB, BDC, SS-O Emanuel Schäfer, avaliação pelo SD-Führer do Oberabschnitt Sudeste, de 12 de julho de 1937); os chefes dos departamentos da Gestapo em Frankfurt/Oder e Aachen, Hans Moebus e Hans Nockermann, foram admitidos na SS no verão de 1933 (BAB, BDC, SS-O Hans Nockermann, ingresso na SS no verão de 1933; a partir de 1º de agosto de 1935, a alocação ao SD pode ser comprovada a partir do arquivo).

83 Aronson, *Heydrich*, p. 68, cita a esse respeito o arquivo 464 da antiga coleção Schumacher do Arquivo Federal (BAB), que nesse meio-tempo foi dissolvida e não pôde mais ser completamente reconstituída.

84 Aqui se trata dos números originalmente planejados (Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 46).

85 Decreto de 21 de abril de 1933, citado de acordo com Aronson, *Heydrich*, p. 79, conforme BAB, antiga coleção Schumacher 464.

86 Portaria de 7 de junho de 1933, citada de acordo com Aronson, *Heydrich*, p. 71, conforme BAB, antiga coleção 464.

87 Carta de 25 de junho de 1933, citada de acordo com Aronson, *Heydrich*, p. 87 e seg., conforme BAB, antiga coleção Schumacher 462; para mais detalhes, ver Graf, *Politische Polizei*, p. 179 e esp.

88 GStA, Rep 90 P 1, H.1, carta de Volk a Göring, de 24 de março de 1934, aqui também se encontra uma observação de Göring em sinal de concordância.

89 Browder, *Foundations*, p. 87; GStA, Rep 90 P 2, H.2, diagrama da distribuição de responsabilidades do Gestapa, de 22 de janeiro de 1934: Dep. V, Sohst, Oficial de Ligação da polícia alemã em relação à SA, SS, ao RFSS e à *Schutzpolizei*.

90 Por exemplo, Guenther Patschowski, até então o homem de confiança de Himmler na Gestapo da Silésia, que Himmler empossou como chefe do novo Departamento IV do Gestapa (traição e contraespionagem), uma repartição que trabalhava em estreita cooperação com a Reichswehr. Patschowski levou a própria equipe de colaboradores (Browder, *Foundations*, p. 115 e seg., Aronson, *Heydrich*, p. 156 e seg.; como fonte de consulta, ver o retrato de um *insider* escrito em 1945 por um certo Heinrich Orb (pseudônimo), *Nationalsozialismus:13 Jahre Machtrausch*, 2ª edição, Olten, 1945, p. 127 e p. 146).

91 Browder, *Foundations*, p. 86 e seg. e p. 119; Aronson, *Heydrich*, p. 175; Graf, *Politische Polizei*, p. 187.

92 BAB, BDC, SS-O Daluege, carta do Comando Central da SS a Daluege, 2 de outubro de 1933, bem como resposta de Daluege de 3 de outubro de 1933 (também em Aronson, *Heydrich*, Documento 12, p. 320), em que ele manifesta claramente a sua decepção com essa medida.

93 Ver acima p. 166 e seg., bem como Browder, *Foundations*, p. 98 e seg.

94 Ib., p. 91 e segs. Sobre o SD em 1933 ver, sobretudo, Aronson, *Heydrich*, p. 139 e segs.

95 BAB, BDC, SS-O Heydrich, decreto de 22 de julho de 1933 com validade retroativa a 19 de julho de 1933; Browder, *Foundations*, p. 96.

96 Ib., p. 96.

97 IfZ, Chancelaria do partido, decreto de 13 de novembro de 1933.

98 Browder, *Foundations*, p. 97, Aronson, *Heydrich*, p. 140; BAB, BDC, SS-O Heydrich.

99 George C. Browder, *Hitler's Enforcers: The Gestapo and the SS Security Service in the Nazi Revolution*, Nova York etc., 1996, p. 116 e seg.

100 Aronson, *Heydrich*, p. 164.

101 IfZ, Chancelaria do partido, decreto de 9 de junho de 1934; essa regulamentação entrou em vigor em 15 de julho de 1934.

102 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 78 e segs.

103 Browder, *Foundations*, p. 88. Ver também BAB, R 19/423, queixa de Hinkler, agora ocupando o posto de superintendente de Polícia em Altona-Wandsbek, 22 de dezembro de 1933. Neste contexto, Daluege escreveu a Röhm (ib., 23 de fevereiro de 1934) que Göring teria requisitado à cidade de Halle documentos sobre as antigas atividades de Hinkler como professor e dito que, "de acordo com o parecer que dois professores da Universidade de Halle forneceram acerca de Hinkler, todos nós, velhos combatentes do NSDAP, devemos parecer uns malucos".

104 Browder, *Foundations*, p. 87 e segs.; a promoção de Diel se deu a 9 de novembro de 1933.

105 Ver ib., p. 76 e seg.; Graf, *Politische Polizei*, p. 139 e segs.

106 BAB, R 18/5642; é revelador o fato de que nessa época tenha surgido no Ministério do Interior do Reich um "Memorando sobre a constituição de uma Polícia Secreta do Reich e de um Departamento de Polícia Secreta do Reich", que foi apresentado a Frick em 19 de dezembro de 1933.

107 Lei sobre a Polícia Secreta do Estado de 30 de novembro de 1933, in: *PrGS* 1933, p. 413; Browder, *Foundations*, p. 89 e seg.
108 Decreto para execução da lei sobre a Polícia Secreta de 8 de março de 1934; in: *PrGS* 1934, p. 143; Browder, *Foundations*, p. 123 e seg.
109 Ib., p. 121 e segs. Segundo Orb, *Nationalsozialismus*, p. 85 e segs., Behrends conhecia Heydrich do tempo em que era oficial da Marinha, e era-lhe devotado.
110 Browder, *Foundations*, p. 123; já em 9 janeiro de 1934, Frick solicitara aos Estados que restringissem as prisões preventivas, e Göring emitira determinação semelhante no tocante à Prússia (BAB R 58/264, carta de 9 de janeiro de 1934; cf. Aronson, *Heydrich*, p. 183). Em março, Göring emitiu uma portaria adicional a esse respeito (BAB, R 58/264, 11 de março de 1934).
111 BHStA, governador do Reich Epp 148, reunião com os governadores do Reich, 22 de março de 1934.
112 Browder, *Foundations*, p. 123; Gruchmann, "Justiz", p. 550; BAB, R 43 II/398, carta do governador do Reich ao primeiro-ministro de 20 de março de 1934; posição de Wagner de 13 de abril de 1934.
113 BAB, R 58/264, decreto de 12 de abril de 1934; ver Aronson, *Heydrich*, p. 184.
114 GStA, Rep 90 P 2, H 1, 28 de abril de 1934, Göring a Himmler, bem como resposta de Himmler de 1º de maio de 1934. Como parte desse compromisso, Frick também teve de aceitar a nomeação de Himmler a comandante da Polícia Política em Lippe e Schaumburg Lippe, os dois últimos estados que ainda faltavam na coleção de títulos de comando de Himmler (Browder, *Foundations*, p. 125 e seg.; NLA, StA Bückeburg, L4/10193/1-2).
115 Graf, *Politische Polizei*, p. 208 e segs.
116 BAB, NS 19/4006, discurso diante do Oberabschnitt Noroeste, em 5 de março de 1939; com teor semelhante ao do discurso diante do Oberabschnitt Reno, em 26 de fevereiro de 1939, bem como discurso perante oficiais da polícia em Wiesbaden em 27 de fevereiro de 1934 (ib.). Sobre a expansão da SS após a tomada do poder, ver Koehl, *Black Corps*, p. 91 e seg.
117 Dok PS-1992 (A), palestra durante um curso nacional-político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937, in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs.
118 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 77.
119 BAB, NS 19/4042, 6 de fevereiro de 1934.
120 Ib., portaria de Himmler de 9 de fevereiro de 1934 referente à reestruturação do Comando Central da SS.
121 Sobre Pohl e sua transferência para a SS, ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 32 e segs.
122 BAB, BDC, SS-O Pohl, carta a Himmler, 24 de maio de 1933.
123 BAB, BDC, SS-O Pohl.
124 Reinhard Rürup (ed.), *Topographie des Terrors. Gestapo, SS und Reichssicherheitshauptamt auf dem "Prinz-Albrecht-Gelände". Eine Dokumentation*, Berlim, 1987, p. 11 e segs.
125 Longerich, *Geschichte der SA*, p. 206 e seg.; Wolfgang Sauer, "Die Mobilmachung der Gewalt", in: Karl Dietrich Bracher et al., *Die nationalsozialistische Machtergreifung. Studien zur Geschichte des totalitären Herrschaftssystems in Deutschland 1933/34*, Colônia/Opladen,1960, p. 685-972, p. 897 e segs.; Heinz Höhne, *Mordsache Röhm. Hitlers Durchbruch zur Alleinherrschaft 1933-1934*, Reinbek/Hamburgo, 1984.
126 Sobre a história da SA após a tomada do poder, ver Longerich, *Geschichte der SA*, p. 179 e segs.
127 Ib., p. 204.
128 Sauer, "Mobilmachung", p. 948 referente a Diels (corroborado pelas memórias de Diehls, *Luficer ante Portas*, p. 378 e segs.), bem como p. 948 referente a Fritsch.
129 Höhne, *Mordsache Röhm*, p. 224 e segs;
130 Klaus-Jürgen Müller, *Das Heer und Hitler*, Stuttgart, 1968, p. 106 e seg.
131 Sauer, "Mobilmachung", p. 951.
132 Höhne, *Mordsache Röhm*, p. 226 e seg.
133 Ib., p. 224 e segs.; Herbert, *Best*, p. 141 e seg. A Best coube o Oberabschnitt Sul do SD (Baviera), e ele manteve a sua função anterior, o Oberabschnitt Sudoeste (Baden e Württemberg).
134 BAB, NS 23/1, 16 de maio de 1934.
135 Höhne, *Mordsache Röhm*, p. 228 e seg.
136 Vom Woyrsch, à época chefe do SS-Oberabschnitt Sudeste, foi convocado por Himmler a Berlim em 25 de junho; na reunião também estava presente o chefe do Abschnitt XXI (Görlitz), Hildebrand. Himmler avisou aos dois chefes da SS que era esperada uma revolta da SA e que a Silésia seria o foco do distúrbio; ver IfZ, GM 07.06, depoimento de Udo vom Woyrsch, em 12 de julho de 1949; acusação do procurador-geral do Estado do Tribunal Estadual de Osnabrück, Osnabrück, 21 de abril de 1956; sentença de 2 de agosto de 1957; bem como Sauer, "Mobilmachung", p. 955. A informação da data de 28 de junho de 1934 em Herbert, *Best*, baseia-se exclusivamente nas declarações de Best.
137 Sauer, "Mobilmachung", p. 956.
138 Röhm foi fuzilado pelo comandante do campo de concentração de Dachau, Eicke, e seu substituto Gregor Strasser foi assassinado por um homem da SS em uma cela na prisão da Gestapo em Berlim, ver Höhne, *Mordsache Röhm*, p. 294 e segs.
139 Herbert, *Best*, p. 156.
140 *Völkischer Beobachter* de 26 de julho de 1934.
141 Compare com o resumo em Herbert, *Best*, p. 146.
142 Browder, *Foundations*, p. 148 e segs.
143 GStA, Rep 90 P 1, H 1, Göring a Frick, 5 de julho de 1934. Em mensagem via rádio aos governadores e chefes de administrações regionais do mesmo dia, Göring constatou que essa portaria não era válida para a Gestapo prussiana (ib.); comp. Aronson, *Heydrich*, p. 217 e seg.
144 GStA, Rep 90 P 1, H 1, 4 de julho de 1934.
145 Ib., também em BAB, R 58/239.

146 Ib., carta de Frick de 7 de julho de 1934, impressa em: Günter Plum, "Staatspolizei und innere Verwaltung 1934-1936", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 13 (1965), p. 191-224, doc. nº 2. Em sua resposta de 9 de julho de 1934 (GStA, Rep 90 P 1, H 1), Göring saudava a reorganização sem entrar no mérito da pergunta básica de Frick sobre a posição da "Polícia Política Especial". Nesse arquivo também se encontram rascunhos de tom mais severo; a versão final foi reproduzida in: Plum, "Staatspolizei", doc. nº 3. Cf. Aronson, *Heydrich*, p. 219.
147 GStA, Rep 90 P 1, H 1, carta de Frick a Göring, 13 de julho de 1934; Carta de Frick aos governadores e chefes de administrações regionais de 16 de julho de 1934, repr. in: Plum, "Staatspolizei", doc. nº 4; ver Aronson, *Heydrich*, p. 219 e seg.
148 Sobre o putsch de julho em Viena, ver Gerhard Jagschitz, *Der Putsch. Die Nationalsozialisten 1934 in Österreich*, Graz etc., 1976. Uma descrição resumida é apresentada por Sven Felix Kellerhof, "Schüsse am Ballhausplatz. Der Putsch gegen Österreichs Kanzler Dollfuss 1934", in: Alexander Demandt (ed.), *Das Attentat in der Geschichte*. Köln etc., 1996, p. 345-360.
149 Jagschitz, *Putsch*, p. 74 e segs.
150 *Tagebücher Goebbels*, 24 de junho de 1934.
151 Jagschitz, *Putsch*, p. 81 e seg.
152 Sobre o desenrolar do putsch, ver Ib., p. 99 e segs.
153 Sobre o mito Dollfuss, ver Ib., p. 190 e segs.
154 Sobre o sufocamento do putsch, ver Ib., p. 130 e segs.
155 Ib., p. 145.
156 Ib., p. 179 e segs.
157 Ib., p. 82 e segs.
158 Ib., p. 184.
159 Um exemplar do relatório de dois volumes está disponível em BAB, NS 19/3633 e 3634; reproduzido como: *Die Erhebung der österreichischen Nationalsozialisten im Juli 1934. Akten der Historischen Kommission des Reichsführers SS*, Viena et al., 1965.
160 *Erhebung*, p. 69.

**De inspetor da Gestapo prussiana a chefe da Polícia Alemã**

1 Sobre o pano de fundo político interno e externo da nomeação de Himmler a chefe da Polícia Alemã, cf. Browder, *Foundations*, p. 166 e seg.
2 BAB, BDC, pasta de pesquisa 425; cf. Koehl, *Black Corps*, p. 109 e segs.
3 Reproduzido in: Paul Hausser, *Soldaten wie andere auch. Der Weg der Waffen-SS*, Osnabrück, 1967, p. 232 e segs. A portaria determinava também que, para reforçar a Polícia Política, poderiam ser convocados até 25 mil homens.
4 Einzelheiten bei Wegner, *Politische Soldaten*, p. 94 e seg.
5 Ib., p. 89.
6 Ib., p. 90.
7 Ib., p. 91; Klaus-Jürgen Müller, *General Ludwig Beck. Studien u. Dokumente zur politisch-militärischen Vorstellungswelt und Tätigkeit des Generalstabschefs des deutschen Heeres 1933-1938*, Boppard am Rhein, 1980, p. 68; observações feitas pelo RFSS em 10 de outubro de 1934 em conversa com o chefe da Truppenamt, impresso in: ib., doc. nº 14a, p. 72 e segs.
8 Müller, *Beck*, p. 68 e segs.
9 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 92 e seg.
10 BAB, NS 15/35.
11 BAB, NS 31/70, ordem do RFSS de 14 de janeiro de 1935.
12 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 62 e segs. A respeito do desenvolvimento do Departamento Administrativo dentro do Departamento Central da SS, ver ib., p. 45 e segs.
13 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 159 e segs.; Karin Orth, *Das System der nationalsozialistischen Konzentrationslager. Eine politische Organisationsgeschichte*, Hamburgo, 1999, p. 31 e segs.; sobre o campo de concentração, ver Stefanie Endlich, "Die Lichtenburg 1933-1939. Haftort politischer Prominenz und Frauen-KZ", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Herrschaft und Gewalt. Frühe Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 2002, p. 11-64.
14 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 184 e segs.
15 Ib., p. 187 e segs.; Dirk Lüerssen, "'Moorsoldaten' in Esterwegen, Bürgermoor, Neusustrum. Die frühen Konzentrationslager im Emsland 1933 bis 1936 in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Herrschaft und Gewalt. Frühe Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 2002, p. 157-210, aqui p. 182 e segs.
16 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 192 e segs.; Carina Baganz, *Erziehung zur "Volksgemeinschaft". Die frühen Konzentrationslager in Sachsen 1933-34/37*, Berlim, 2005, p. 251 e segs.
17 Kurt Schilde, "Vom Tempelhofer Feld-Gefängnis zum Schutzhaftlager: Das 'Columbia-Haus' in Berlin", in: Wolfgang Benz und Barbara Distel (ed.), *Herrschaft und Gewalt. Frühe Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 2002, p. 65-81; Udo Wohlfeld, "Im Hotel 'Zum Grossherzog'. Das Konzentrationslager Bad Sulza 1933-1937", in: Wolfgang Benz und Barbara Distel (ed.), *Instrumentarium der Macht. Frühe Konzentrationslager 1933-1937*, Berlim, 2003, p. 263-275.
18 BAB, NS 19/1447, bem como GStA, Rep 90 P 13, H. 1, carta de Himmler ao ministro das Finanças da Prússia (fazendo referência à discussão), citada in: Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 309 e seg., que analisa minuciosamente o documento.
19 BAB, NS 19/4002, discurso de Himmler aos funcionários públicos e demais empregados do Departamento Central da Polícia Secreta do Estado, 11 de outubro de 1934.

20 BAB, NS 19/4003, pronunciamento do RFSS ante os Conselhos de Estado prussianos, 5 de março de 1936: “Acho que poucas pessoas sabem tão bem quanto o sr. primeiro-ministro e eu o quanto o aparelho da Polícia Secreta do Estado era precário nos anos de 1933-1934 e ainda no início de 1935.”
21 Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 160.
22 GStA, Rep 90 P 1, H. 1, carta de Göring de 15 de outubro de 1934, emissão de instrução de operação para a Polícia Secreta do Estado; também in: BAB, R 58/239, cf. Aronson, *Heydrich*, p. 222 e seg.
23 GStA, Rep 90 P 1, H. 2, 20 de novembro de 1934; cf. Aronson, *Heydrich*, p. 239.
24 Ib., decreto circular de Göring de 20 de novembro de 1934, também in: BAB, R 58/239; cf. Aronson, *Heydrich*, p. 223.
25 Browder, *Enforcers*, p. 124 e segs.
26 Aronson, *Heydrich*, p. 202 e segs.
27 Browder, *Enforcers*, p. 127 e p. 132 e segs.
28 A propósito do Departamento do Exterior, ver Thorsten J. Querg, *Spionage und Terror. Das Amt VI des Reichssicherheitshauptamtes 1939-1945*, dissertação de filosofia, Berlim, 1997 [ed. em microfilme], p. 157 e segs. De acordo com Browder, *Enforcers*, p. 176, o Amt III tinha somente 41 funcionários em 1937. Sobre as primeiras operações do SD no exterior, ver Höhne, *Orden*, p. 210 e segs., bem como p. 259 e segs.
29 Browder, *Foundations*, p. 175.
30 Browders, *Enforcers*, p. 92.
31 Citado de acordo com Aronson, *Heydrich*, p. 196 (da antiga coleção Schumacher [BAB]).
32 BAB, R 58/243, Instituto de Polícia de Charlottenburg, Organização da Polícia Secreta do Estado. A instrução de serviço não está datada, mas é anterior à nomeação de Himmler para o cargo de chefe da polícia alemã.
33 IfZ, Chancelaria do Partido, circular 24/36 do suplente do Führer de 14 de fevereiro de 1936, que reproduz a ordem do chefe do Departamento Central de Segurança do Reich de 8 de dezembro de 1935.
34 Browder, *Foundations*, p. 179, cita um resumo que se encontra em BAM, Freiburg, sob a rubrica Z 518z.
35 A propósito de todo o quadro das relações entre a defesa e a Gestapo nos primeiros anos do regime, ver Browder, *Foundations*, p. 172 e segs.
36 BAB, R 58/242, protocolo da reunião de 17 de janeiro de 1935; ver também Browder, *Foundations*, p. 180 e segs.
37 Ib., p. 180 e seg.
38 Ib., p. 181; GStA, Rep 90 1, H. 2, Blomberg ao Ministério das Finanças prussiano, bem como ao ministro do Interior do Reich e da Prússia, 22 de janeiro de 1935, anexando o protocolo da reunião de 17 de janeiro de 1935; BAB, R 43 II/391, carta de Blomberg de 1º de julho de 1935.
39 Browder, *Foundations*, p. 183; Herbert, *Best*, p.184; o acordo datava de 21 de dezembro de 1936.
40 BAB, NS 19/3576; Martin Broszat, “Nationalsozialistische Konzentrationslager 1933-1945”, in: Hans Buchheim et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª edição, Munique: 1999, p. 321- 445, p. 352; Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 108; Browder, *Foundations*, p. 188.
41 Ib., p. 192 e seg.
42 *RVBl* 1935, p. 577 e seg.; cf. Browder, *Foundations*, p. 194.
43 BAB, NS 19/1447; Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 108 e seg.
44 GStA, Rep. 90 P 104, também Doc. PS-3751, in: *IMT*, vol. 33, p. 56 e segs.; cf. Aronson, *Heydrich*, p. 235.
45 BAB, R 22/1462; Göring expediu a minuta de Himmler em 3 de maio de 1935.
46 GStA, Rep 90 P 2, H. 3, reunião de 27 de junho de 1935; ver também BAB, R 22/1462, a nota de Gürtner de 27 de junho de 1935; cf. Gruchmann, “Justiz”, p. 553 e seg.
47 Sobre a perseguição do partido KPD nesse período, ver Horst Duhnke, *Die KPD von 1933 bis 194*, Colônia, 1972, p. 189 e segs.; Klaus Mammach, *Widerstand 1933-1939. Geschichte der deutschen antifaschistischen Widerstandsbewegung im Inland und in der Emigration*, Colônia, 1984, p. 84 e segs., bem como p. 162 e segs.; Allan Merson, *Kommunistischer Widerstand in Nazideutschland*, Bonn, 1999, p. 82 e segs.
48 GStA, Rep 90 P 104; referência feita em Browder, *Foundations*, p. 189 e seg., bem como em Aronson, *Heydrich*, p. 238 e segs.
49 Duhnke, *KPD*, p. 190 e seg.; Merson, *Widerstand*, p. 157.
50 Duhnke, *KPD*, p. 199 e seg.
51 Detlev J. K. Peukert, *Die KPD im Widerstand. Verfolgung und Untergrundarbeit an Rhein und Ruhr 1933-1945*, Wuppertal, 1980, p. 144.
52 Mammach, *Widerstand*, p. 51.
53 Ib.
54 Ib., p. 53.
55 Mehringer, “KPD in Bayern”, p. 85 e segs.
56 Ib., p. 135.
57 BAB, R 58/2271, lugar-tenente do chefe e inspetor da Gestapo, 12 de julho de 1935; Johannes Tuchel, “Gestapa und Reichssicherheitshauptamt. Die Berliner Zentralinstitutionen der Gestapo” in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 84-100, aqui p. 91 e seg.
58 BAB, R 58/389, nota para Heydrich, 18 de setembro de 1935; ver também Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 312.
59 Duhnke, *KPD*, p. 201. Em fins de 1935, de acordo com um levantamento realizado pela direção do KPD, de um total de 422 funcionários graduados (integrantes do comitê central, das direções regionais e das organizações de massa), 219 haviam sido detidos e 24 foram assassinados; 125 haviam emigrado e cerca de 10% haviam deixado o KPD em vista de perseguições sofridas (Mammach, *Widerstand*, p. 57).
60 Browder, *Foundations*, p. 197, reuniu diversos exemplos a esse respeito: assim, em março e abril de 1935, as polícias políticas dos dois pequenos estados às margens do rio Lippe foram subordinadas à Gestapo prussiana como postos avançados. Já em maio de

1934, o Gestapa começara a elevar algumas centrais StaPo à categoria de centrais de controle e a incumbi-las do comando de centrais StaPo vizinhas, a fim de permitir que a autoridade da direção da Gestapo fosse exercida com mais eficácia. Internamente, pedia-se reiteradamente que fossem evitados atos arbitrários contra os prisioneiros, e, em setembro de 1935, Best advertia que, futuramente, os comunicados à imprensa que dissessem respeito a "medidas da polícia do estado" fossem formulados de um modo mais convincente (BAB, R 58/243, 20 de setembro de 1935).

61 Browder, *Foundations*, p. 196 e seg.; sobre a nomeação de Best, ver Herbert, *Best*, p. 147 e seg.

62 Ele não conseguiu concretizar sua intenção original de promover o Gestapa à condição de Ministério. A determinação segundo a qual o próprio chefe do Gestapa podia estipular as tarefas de defesa em relação a todos os "movimentos perigosos ao Estado" havia sido um tanto atenuada pela fórmula "de comum acordo com o ministro do Interior". Embora a lei previsse uma relação mais estreita entre os postos da polícia do Estado e os primeiros-ministros (*PrGS* 1936, p. 21 e seg.), tal intenção foi minada por Göring mediante diversos decretos de execução que abrandavam especialmente a obrigação, prevista na lei, dos postos da polícia do estado de apresentarem relatórios aos primeiros-ministros e de receber instruções deles (BAB, R 58/241, posição dos governadores aos aparelhos da Gestapo, 10 de fevereiro de 1936, bem como 2 de abril de 1936, referente à revogação da submissão dos relatórios situacionais aos primeiros-ministros, repr. como doc. nº 8 in: Plum, "Staatspolizei"). A queixa do governador da província da Prússia oriental ao primeiro-ministro prussiano, de 28 de março de 1936, mostra claramente como as centrais da StaPo da Prússia Oriental se esquivavam à autoridade da administração interna (GStA, Rep 90 P 3). Nesse contexto, cf. Gruchmann, "Justiz", p. 559, bem como Browder, *Foundations*, p. 214 e segs. Ver também a instrução de serviço de Göring de 29 de fevereiro de 1936 (BAB, R 58/243): "Os primeiros-ministros deverão informar mensalmente a central da polícia secreta do Estado sobre a situação política e sobre os eventos políticos mediante relatório situacional e aviso de ocorrências. […] Os postos da polícia do estado deverão informar a central da Polícia Secreta do estado e os respectivos primeiros-ministros e governadores sobre a situação política e os eventos políticos por meio de relatórios situacionais e comunicados sobre ocorrências. Os detalhes desse sistema de relatórios serão regulamentados pela central da polícia do estado."

63 *Das Schwarze Korps* de 8, 15, 22 e 29 de maio de 1935.

64 Trata-se aqui especialmente das seguintes contribuições: "Die Gestapo" (o estilo do artigo deixa supor que o autor fosse Werner Best), in: *Völkischer Beobachter* de 23 de janeiro de 1936, p. 121-123 (abril de 1936); Reinhard Heydrich, "Die Bekämpfung der Staatsfeinde", in: *Deutsches Recht* 1936, p. 121-123 (abril de 1936); Werner Best, "Die Geheime Staatspolizei", in: *Deutsches Recht* 1936, p. 125-128 (abril de 1936); idem, "Der Reichsführer-SS und Chef der Deutschen Polizei" , in: *Deutsches Recht* 1936, p. 257-258 (julho de 1936); o discurso de Himmler de 5 de março de 1936 (BAB, NS 19/4003) também está disponível na forma de brochura: *Rede des Reichsführers-SS vor den Preussischen Staatsräten.5. März 1936 im Haus der Flieger*, sem indicação de lugar, 1936).

65 *Völkischer Beobachter* de 23 de janeiro de 1936: "O Estado não deve se dar por satisfeito por ter esclarecido os crimes de alta traição já cometidos ou por ter punido os culpados. Muito mais importante é prevenir a ocorrência desse tipo de ato criminoso, extirpando, assim, a raiz desse risco ao Estado."

66 Em seus artigos no *Deutschen Recht*, Best se manifestava contrário a qualquer tentativa no sentido de "normatizar legalmente" a Polícia Política (abril de 1936); segundo ele, ela não necessitava de nenhuma "legitimidade legal especial" para que pudesse desempenhar as suas funções (julho de 1936).

67 O termo *Staatsschutzkorps* (Corpo de Segurança do Estado) é usado no artigo do *Völkischer Beobachter* de 23 de janeiro de 1936 e se refere à Gestapo. Heydrich, na série de artigos no *Das Schwarze Korps*, em maio de 1935, já se referira à SS no que tangia ao serviço que esta prestava na polícia do Estado, como "corpo de defesa da política interna do Estado nazista" (29 de maio de 1935).

68 O artigo da Gestapo do *Völkischer Beobachter* de 21 de janeiro de 1936 diz que a Gestapo sabe que é iminente "a necessidade de ferir um número incontável de pessoas".

69 Impresso na forma de brochura: Heinrich Himmler, *Die Schutzstaffel als antibolschewistische Kampforganisation*, Munique, 1936.

70 BAB, NS 19/4003.

71 Ver acima, p. 192

72 Em carta ao ministro das Finanças do Reich de 21 de setembro de 1935, Frick exigia que a Polícia Política fosse reintegrada à polícia regular e subordinada ao Reich (BAB, NS 19/3581, também in R 18/5627; ver também Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 313). Em novembro de 1935 Frick enviou ao chefe da Chancelaria do Reich, Hans Heinrich Lammers, um memorando que fora redigido por Daluege que documentaria a necessidade de se juntarem as polícias (BAB, R 43 II/391). O que não está claro é se Frick à época estava informado da abrangência da mudança que já ocorrera e que favorecia a Himmler. Ver também doc. PS-775, in: *IMT*, vol. 26, p. 289 e segs., memorando sem data de Daluege em que ele apresentava a alternativa de transferir a responsabilidade sobre todas as questões que envolvessem a Polícia Política ao ministro do Interior do Reich ou ao Gestapa, que nesse caso deveria ser alçado à posição de Ministério do Reich.

73 BAB, NS 19/1447, 18 de outubro de 1935; ver também Herbert, *Best*, p. 169.

74 O termo "decreto do Gestapa" de Frick provavelmente se refere à carta dele de 21 de setembro de 1935 (ver nota 72); ver também Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 313.

75 BAB NS 19/3582, anotação de Himmler de 18 de outubro de 1935. A observação dizia: "Falou-se muito sobre a questão das Führerschulen, dos distúrbios internos e da Verfügungstruppe, e sobre a questão dos elementos associais e sua neutralização em campos de reabilitação especiais, bem como sobre ações mais enérgicas contra os comunistas. As Führerschulen foram em princípio aprovadas pelo Führer e devem ser subordinadas, no contexto da união de toda a polícia, ao Reichsführer-SS na função de secretário de estado no Ministério do Interior, ou então diretamente ao Führer." Cf. Wegner, *Politische Soldaten*, p. 109. Com a "aprovação" das *Führerschulen*, cuja criação de fato já ocorrera, ele provavelmente se refere à inclusão das mesmas no orçamento.

76 Browder, *Foundations*, p. 207; Peter Hoffmann, *Die Sicherheit des Diktators. Hitlers Leibwachen, Schutzmassnahmen, Residenzen, Hauptquartiere*, Munique etc., 1975, p. 51 e segs.; BAB, R 18/5627, observação de Pfundtner para Frick, 21 de outubro de 1935, bem como R 43 II/102, Lammers para Himmler, 22 de outubro de 1935; NS 19/2196, nota de arquivo de Himmler após a

apresentação a Hitler, 18 de outubro de 1935: “Após convocação imediata do secretário de Estado Lammers, o *Sicherungskommando* (comando de segurança) foi subordinado ao Reichsführer-SS.”

77 BAB, NS 19/1269, duas cartas ao ministro da Justiça do Reich, 6 de novembro de 1935; ver também Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 315 e seg.

78 BAB, R 22/1467, concordância de Himmler de 6 de janeiro de 1936, bem como R 22/5032, carta de Gürtner a Frick de 27 de março de 1936 sobre a regulamentação que nesse meio-tempo havia sido acertada com Himmler. Para mais detalhes, ver Gruchmann, “Justiz”, p. 571 e segs.

79 Decreto sobre a nomeação de um chefe da polícia alemã dentro do Ministério do Interior do Reich, *RGBl* 1933 I, p. 487 e seg.

80 BAB, R 43 II/391 contém a transcrição da portaria de Himmler de 26 de junho de 1936 em que ele nomeava Daluege e Heydrich como chefes dos novos escritórios centrais. Aqui também se encontra a transcrição de uma ordem de Himmler de 26 de junho de 1936 sobre a divisão das tarefas na esfera do chefe da polícia alemã, em que se estabeleciam as áreas de atuação da Polícia Civil fardada e da Polícia de Segurança.

81 *RMBliV* 1936, Sp. 1339.

82 Assim se queixa, por exemplo, o *Gauleiter* de Baden Wagner, em carta de 10 de dezembro de 1937, de que “ao governador do Reich na posição de responsável político não compete nenhuma influência sobre a Polícia Política”. (Stolle, *Geheime Staatspolizei*, p. 95, cita o Generallandesarchiv [Arquivo Geral do Estado] de Karlsruhe, 233/27892.)

**O Corpo de Segurança do Estado**

1 BAB, R 19/379. No artigo do *Völkischer Beobachter* sobre a posse oficial, o discurso de Himmler foi citado sem as conotações antissemitas — provavelmente em vista do comedimento na perseguição aos judeus no ano olímpico de 1936.

2 Best, Reichsführer SS, chama a atenção para a “força de combate do Corpo de Segurança do Estado”, que “agora reúne as capacidades da polícia alemã com a coerência — em termos de visão de mundo — da SS”.

3 *Grundfragen der deutschen Polizei. Bericht über die konstituierende Sitzung des Ausschusses für Polizeirecht der Akademie für Deutsches Recht am 11. Oktober 1936*, ed. por Hans Frank et al., Hamburgo, 1936, artigo de Himmler, p. 11-16.

4 Günter Neliba, *Wilhelm Frick. Der Legalist des Unrechtsstaates. Eine politische Biographie*, Paderborn etc., 1992.

5 “Aufgaben und Aufbau der Polizei des Dritten Reiches”, in: Hans Pfundtner (ed.), *Dr. Wilhelm Frick und sein Ministerium. Aus Anlass des 60. Geburtstages des Reichs-und preussischen Ministers des Innern Dr. Wilhelm Frick am 12. März 1937*, Munique, 1937, p. 125-130, citações p. 128-130.

6 Reinhard Heydrich, “Aufgaben und Aufbau der Sicherheitspolizei im Dritten Reich”, in: Hans Pfundtner (ed.), *Dr. Wilhelm Frick und sein Ministerium. Aus Anlass des 60. Geburtstages des Reichs- und preussischen Ministers des Innern Dr. Wilhelm Frick am 12. März 1937*, Munique, 1937, p. 149-153, citação p. 150. O volume contém, ainda, um artigo de Kurt Daluege: “Die Ordnungspolizei und ihre Entstehung im Dritten Reich”, p. 133-145.

7 Himmler, *Schutzstaffel*, p. 29.

8 BAB, NS 19/4004.

9 Ib.

10 A propósito do Dia da Polícia Alemã, ver Robert Gellately, *Hingeschaut und weggesehen. Hitler und sein Volk*, Munique: 2002, p. 67 e segs.

11 Sobre o mito da Gestapo, ver Robert Gellately, “Allwissend und allgegenwärtig? Entstehung, Funktion und Wandel des Gestapo-Mythos”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 47-70. Tanto nesse livro quanto em *Hingeschaut*, Gellately demonstra com base em numerosos exemplos que havia ampla cobertura da imprensa sobre as atividades da Gestapo e a existência dos campos de concentração. Como exemplo desse tipo de artigo bastante revelador sobre o que viria a acontecer e que, em parte, era escrito por eminentes representantes das forças policiais, ver dr. B. (Best), “Rechtsstellung des Reichsführers-SS und Chefs der Deutschen Polizei”, in: *Völkischer Beobachter* de 4 de junho de 1937; Best, “Die präventive Aufgabe der Geheimen Staatspolizei”, in: *Frankfurter Zeitung* de 3 de março de 1938; Heydrich, “Die deutsche Sicherheitspolizei. Zum Tag der Deutschen Polizei”, in: *Völkischer Beobachter*, de 28 de janeiro de 1939, elucida a ideia da prevenção policial; o artigo, “Die SS-Totenkopfverbände”, publicado no *Völkischen Beobachter* de 26 de janeiro de 1939, contém explanações sobre as tarefas a serem desempenhadas pelos KZ.

12 BAB, NS 19/4004, Dia da Polícia Alemã, 16 de janeiro de 1937. Heydrich se expressa de modo semelhante em artigo no *Völkischen Beobachter* de 15 de janeiro de 1937 (“Zum Tag der Deutschen Polizei”), em que escreve que a polícia necessitava de gente que “se coloque à disposição como ajudantes” a fim de garantir “a existência e a vitalidade do povo contra todos os perigos e agressões”.

13 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da celebração do solstício na montanha de Brocken, 22 de maio de 1936.

14 Sobre a história da Gestapo, ver Holger Berschel, *Bürokratie und Terror. Das Juden-referat der Gestapo Düsseldorf 1933-1945*, Essen, 2001; Browder, *Enforcers*; Browder, *Foundations*; Wolfgang Dierker, *Himmlers Glaubenskrieger. Der Sicherheitsdienst der SS und seine Religionspolitik 1933-1941*, Paderborn etc., 2002; Robert Gellately, *Die Gestapo und die deutsche Gesellschaft. Die Durchsetzung der Rassenpolitik 1933-1945*, Paderborn etc., 1993, Gellately, *Hingeschaut*; Eric A. Johnson, *Der nationalsozialistische Terror. Gestapo, Juden und gewöhnliche Deutsche*, Berlim, 2001; Paul und Mallmann (ed.), *Gestapo*; Reinhard Mann, *Protest und Kontrolle im Dritten Reich. Nationalsozialistische Herrschaft im Alltag einer rheinischen Grossstadt*, Frankfurt/am Main etc., 1987; Stolle, *Geheime Staatspolizei*; Wildt, *Generation* (sobre a Gestapo nessa época, ver p. 214 a 262).

15 Mann, *Protest*, p. 292. Outros órgãos da polícia, da administração, empresas ou organizações do nazismo deram origem a 33% das investigações; 13% diziam respeito a interrogatórios. Mann, no entanto, optou por uma seleção em que determinadas categorias de casos (por exemplo, investigações contra judeus) não estão representadas, enquanto outras (por exemplo, investigações contracomunistas) estão sub-representadas.

16 Johnson, *Terror*, p. 392 e segs.

17 Burkhard Jellonnek, "Staatspolizeiliche Fahndungs- und Ermittlungsmethoden gegen Homosexuelle. Regionale Differenzen und Gemeinsamkeiten", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt 1995, p. 343-356, aqui p. 350, estima que, no caso da central da StaPo de Saarbrücken, o índice de denúncias de assim chamados casos de traição (espalhar boatos, contar piadas contra o regime) era de 87,5%; segundo Johnson, *Terror*, denúncias contra cristãos, testemunhas de Jeová, homossexuais e perseguidos políticos eram relativamente raras (p. 251, p. 269, p. 312 e segs. e p. 393). Robert Gellately, em seu estudo sobre a Gestapo de Würzburg, constata que 54% de todos os casos de profanação racial e 59% de todos os casos que tinham a ver com outro tipo de contato com judeus deviam-se a denúncias feitas pela população. Vinte e quatro por cento ou respectivamente 7% resultaram de interrogatórios, 7% ou respectivamente 14%, de informações de outras organizações (*Gestapo*, p. 162). Para mais detalhes sobre o padrão da distribuição das denúncias nos vários grupos de delito, ver Stolle, *Geheime Staatspolizei*, p. 252 e segs.

18 Johnson, *Terror*, p. 392 e segs.

19 Elisabeth Kohlhaas, "Die Mitarbeiter der regionalen Staatspolizeistellen. Quantitative und qualitative Befunde zur Personalausstattung der Gestapo", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 219-235, p. 221 e segs. Números referentes à situação em janeiro de 1934 ou respectivamente junho de 1935 se encontram in: GStA, Rep 90 P 13, H. 2, bem como Rep 90 P 14, H. 1; BAB, R 58/610, que contém uma relação com os resultados de uma pesquisa "Personalbestand der StaPostellen bzw. StaPoleitstellen, Stand 31. März 1937".

20 Kohlhaas, "Mitarbeiter", p. 227; Browder, *Foundations*, p. 56, sobre os novos integrantes, basicamente seguidores do partido.

21 BAB, R 58/610, relação de 31 de março de 1937. O que se mostra aqui é a situação do momento; o número de postos planejados costumava ser um pouco mais alto. Os postos da StaPo, que ao mesmo tempo se encarregavam do controle das fronteiras, estavam mais bem equipados em todos os níveis; assim, no posto de serviço de Köslin havia 86 funcionários, embora o distrito tivesse somente 700 mil habitantes. Cf. Kohlhaas, "Mitarbeiter", p. 226 e seg.

22 Walter Otto Weyrauch, *Gestapo V-Leute. Tatsachen und Theorie des Geheimdienstes. Untersuchungen zur Geheimen Staatspolizei während der nationalsozialistischen Herrschaft*, Frankfurt a. M. 1989. Weyrauch calcula que havia 1.200 informantes registrados nos fichários da StaPo (p. 11); ver também Klaus-Michael Mallmann, "Die V-Leute der Gestapo. Umrisse einer kollektiven Biographie", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 268-287.

23 Decreto circular do RFSS e chefe da polícia alemã, 15 de fevereiro de 1938, in: *RMBliV* 1938, esp. p. 285 e segs.

24 A propósito do SD após 1936, ver Browder, *Enforcers*, p. 210 e segs., Wildt, *Generation*, p. 378 e segs., além de Michael Wildt (ed.), *Die Judenpolitik des SD 1935 bis 1938. Eine Dokumentation*, Munique, 1995.

25 Ib., p. 27.

26 BAB, R 58/239.

27 Aronson, *Heydrich*, p. 212 e seg. Reinhard Höhn, chefe do Departamento Central II 1, tornou-se professor de Direito na Universidade de Berlim, mas teve de deixar o serviço de segurança em 1937 (Wildt, *Generation*, p. 378 e seg.); Franz Six, estudioso de jornalismo e comunicação, chefe do Amt II (Interior) no Departamento Central do SD, tornou-se docente em Königsberg em 1937 e professor ordinário e decano da Auslandswissenschaftlichen Fakultät da Universidade de Berlim em 1940 (Lutz Hachmeister, *Der Gegnerforscher. Die Karriere des SS-Führers Franz Alfred Six* , Munique, 1998); Otto Ohlendorf trabalhara no Institut für Weltwirtschaft [Instituto de Economia Mundial] em Kiel antes de ingressar no SD (Hanno Sowade, "Otto Ohlendorf — Nonkonformist, SS-Führer und Wirtschaftsfunktionär", in: Ronald Smelser e Rainer Zitelmann [E.], *Die braune Elite. 22 biographische Skizzen*, Darmstadt, 1989, p. 188 a 200); o germanista Hans Rössner, funcionário do Gruppe Kultur, aparentemente foi cogitado para assumir uma posição de professorado em Estrasburgo (Wildt, *Generation*, p. 386 e segs.); seu superior hierárquico, Wilherm Spengler, outro germanista, montara a "Schrifttumsstelle" na Deutschen Bücherei [uma das três sedes da Biblioteca Nacional Alemã] em Leipzig, que se ocupava da análise sistemática da produção das editoras alemãs (ib., p. 174 e segs. ). O médico Gustav Scheel, que desenvolvia carreira dupla no SD e no *NS-Studentenbund* [Liga dos estudantes nazistas] (em 1936 tornou-se dirigente estudantil do Reich), desempenhava um papel crucial no recrutamento de novos talentos da área acadêmica para o SD (ib., p. 172 e segs.); o contato de Walter Schellenberg — que mais tarde se tornaria chefe do SD-Exterior — com o SD se deu, segundo suas próprias declarações, por meio de seus professores acadêmicos [George C. Browder, "Schellenberg — Eine Geheimdienst-Phantasie", in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn etc., 2000, p. 418-430].

28 Mann, *Protest*, p. 180.

29 Johnson, *Terror*, p. 305 e segs.

30 Duhnke, *KPD*, p. 194; Stolle, *Geheime Staatspolizei*, p. 222 e seg.; Johnson, *Terror*, p. 191 e segs., constatou que em 1933 e 1934 cerca de 70% dos arquivos da Gestapo de Krefeld se ocupavam de comunistas; esse índice se reduziu a partir do início de 1935.

31 Gestapa, "Lagerbericht für 1937", repr. in: *Gestapo-Bericht über den antifaschistischen Widerstandskampf der KPD 1933-1939*, rev. por Margot Pikarski e Elke Warning, vol. 1: *Anfang 1933 bis August 1939*, Berlim, 1989, doc. nº 16; Duhnke, *KPD*, p. 201.

32 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da reunião dos Gruppenführer em Munique no quartel da SS-Standarte Deutschland em 8 de novembro de 1937. De modo semelhante, ele defendia, em seu discurso diante de oficiais da Wehrmacht em janeiro de 1937, a política que vinha adotando naquela época na Baviera no sentido de não libertar funcionários comunistas: doc. PS-1992 (A), in: *IMT*, vol.29, p. 206 e segs., neste caso p. 217.

33 Assim, Himmler, ao se dirigir a funcionários públicos e empregados da Gestapo em 11 de outubro de 1934, atribuía a culpa pela "degradação" dos quadros diretivos da SA aos judeus, aos maçons e ao ultramontanismo (BAB, NS 19/4002); em 5 de março de 1935 ele declara aos conselhos de Estado prussianos que a Gestapo lutava não só contra o judaísmo e o bolchevismo, mas também contra a "maçonaria mundial dominada pelos judeus" (Ib.); em janeiro de 1937, por ocasião de um seminário nacional político da Wehrmacht, ele declarara que via o "bolchevismo judeu-maçom" como o principal oponente (Dok. PS-1992 [A]. In: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., citação p. 229), e aos dirigentes dos SS-Gruppe ele explicou, em 8 de novembro de 1938, que o que estava em jogo era

a “luta do judaísmo, da maçonaria, do marxismo e da comunidade eclesiástica de todo o mundo” contra a Alemanha nazista (NS 19/4005, repr. in: Heinrich Himmler, *Geheimreden 1933-1945*, ed. por Bradley F. Smith e Agnes F. Peterson, Munique, 1974, p. 25 e segs., citação p. 37).

34 *Das Schwarze Korps* de 15 de maio de 1935; sobre essa série de artigos, ver também acima, p. 204 e segs.

35 Neuberger, *Freimaurerei*, vol. 2, p. 16 e segs.

36 Ib., p. 101 e seg.

37 Ib., p. 119 e seg.

38 Ib., p. 23 e seg.

39 BAB, NS 19/1720, carta do RFSS à sra. Käthe Oswald, 25 de agosto de 1932.

40 Neuberger, *Freimaurerei*, vol. 2, p. 45 e seg. e p. 108.

41 Wildt (ed.), *Judenpolitik*, p. 27.

42 BAB, R 58/239; sobre essa disposição de Heydrich referente à delimitação entre Gestapo e SD, ver p. 221.

43 Em janeiro de 1935, ele declarou aos dirigentes da SS em Breslau que a Alemanha estava em luta contra “judeus, maçons e jesuítas, os oponentes mais antigos que o nosso povo tem há milênios” (BAB, NS 19/40029, 19 de janeiro de 1935, conferência dos mais altos dirigentes da SS da região sul-leste em Breslau, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 57). Diante de oficiais da Wehrmacht em janeiro de 1937, falou sobre “o nosso oponente natural, o bolchevismo liderado internacionalmente pelos judeus-maçons” (DOK. PS-1992 [A], in: IMT, vol. 29, p. 206 e segs., citação p. 229), e, diante de dirigentes da Napola [instituições de ensino nacional políticas], declarou, em julho de 1938, que o povo alemão tinha contra si “todo o capital, todo o judaísmo, toda a maçonaria, todos os democratas e todos os burgueses do mundo, todos os bolchevistas do mundo, todos os jesuítas do mundo e, não menos importante, todos aqueles povos que lamentam o fato de não terem nos aniquilado completamente em 1918” (BAB, NS 19/4005, discurso no acampamento de Ahrenshoop, em 3 de julho de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 57 e seg.).

44 Desde o verão de 1933, os postos da Gestapo emitiam relatórios sobre organizações judias; no verão de 1934, foram incumbidos de relatar também “toda forma de vida pública”, em que judeus e não judeus atuavam em cooperação (Berschel, *Bürokratie*, p. 171).

45 Ib., p. 275 e segs.; BAB, R 58/269, decretos de 28 de janeiro e 6 de março de 1935.

46 BAB, R 58/276, 10 de fevereiro de 1935 (repr. in: Joseph Walk (E.], *Das Sonderrecht für die Juden im NS-Staat. Eine Sammlung der gesetzlichen Massnahmen und Richtlinien. Inhalt und Bedeutung*, 2ª ed., Heidelberg: 1996, I 514).

47 Ib., I 516, 12 de fevereiro de 1935.

48 Decreto circular de 27 de julho de 1936 referente à regulamentação da Lei dos Restaurantes, in: *RMBliV* 1936, Sp. 1067; Uwe Dietrich Adam, *Judenpolitik im Dritten Reich*, Dusseldorf, 1972, p. 155.

49 Ib., p. 156 e p. 169 e segs. Somente em janeiro de 1938 foi promulgada a Lei sobre as Alterações de Sobrenomes e Prenomes, cujas regulamentações de agosto de 1938 continham uma lista de prenomes que os judeus estavam proibidos de usar.

50 BAB, R 58/23a, 7 de julho de 1936.

51 OA Moscou, 501-1-18, Gestapa Berlim, II 1 B 2, repr. in: Otto Dov Kulka e Eberhard Jäckel (ed.), *Die Juden in den geheimen NS-Stimmungsberichten 1933-1945*, Dusseldorf: 2004, doc. nº 447.

52 Em 17 de agosto de 1935, o Gestapa determinou que os postos da StaPo montassem fichários com os nomes das pessoas que pertenciam a organizações judaicas; nos meses seguintes, no entanto, também os judeus não organizados foram registrados pelos postos da StaPo. Na central, criou-se um fichário do Reich. As etapas adicionais para dar conta do registro dos judeus alemães foram o Decreto das Carteiras de Identidade de 23 de julho de 1938 e o Censo de maio de 1939, no qual se indagava sobre a ascendência racial (detalhes em Adam, *Judenpolitik*, p. 182 e segs.).

53 Wildt (ed.), *Judenpolitik*, p. 38.

54 Ib., p. 34.

55 Ver abaixo, p. 421.

56 BAB, NS 19/4005, discurso em Alt-Rehse (1938). Sobre o ódio anticristão de Himmler, cf. Josef Ackermann, *Heinrich Himmler als Ideologe*, Göttingen et al., 1970, p. 88 e segs.

57 BAB, NS 19/3666, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 50 e seg.

58 BAB, NS 19/4009, 9 de junho de 1942, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 145 e segs., citação p. 159 e seg.

59 BAB, NS 19/4009.

60 BAB, NS 19/4042, 10 de janeiro de 1934.

61 IfZ, PS-2204, 15 de outubro de 1934, bem como 25 de março de 1935.

62 BAB, NS 19/3901, 20 de setembro de 1935, fazendo referência à ordem anterior de 15 de outubro de 1934.

63 Friedrich Zipfel, *Kirchenkampf in Deutschland 1933-1945. Religionsverfolgung und Selbstbehauptung der Kirchen in der nationalsozialistischen Zeit*, Berlim, 1965, p. 108, cita, nesse contexto, a ordem de 18 de novembro de 1937, do BDC.

64 IfZ, PS-2204, 15 de setembro de 1934.

65 Ib., observação de arquivo sobre a reunião com Hitler em 23 de outubro de 1935. Como se conclui da observação de 1º de novembro de 1935 (ib.), oito dias depois ele apresentou a Hitler uma ordem sobre questões de confissão, que foi aprovada por este.

66 BAB, NS 19/3901, 24 de julho de 1937.

67 BAB, NR 2/277, instrução de Himmler sobre o treinamento em questões de ideologia dentro da SS, 28 de junho de 1937; repr. in: Matthäus, Jürgen et al., *Ausbildungsziel Judenmord? “Weltanschauliche Erziehung” von SS, Polizei und Waffen-SS im Rahmen der “Endlösung”*, Frankfurt/Main, 2003, doc. nº 7.

68 BAB, NS 2/53, Himmler ao clérigo *Pfarrer* Friedrich em Halberstadt, 11 de março de 1937.

69 BAB, NS 19/3481, Himmler a Hans Schulze, 14 de agosto de 1941.

70 *Statistisches Jahrbuch der Schutzstaffel der NSDAP 1938*, Berlim, 1939, p. 99. Segundo esse anuário estatístico, na data de referência de 31 de dezembro de 1937, 54,2% da tropa SS professava a religião evangélica e 23,7%, a católica. Foram classificados 0,2% sob “outras”.

71 BAB, BDC, SS-O Weitzel, carta a Himmler, 30 de abril de 1936, e resposta de 2 de julho de 1936.
72 BAB, NS 19/4004, 18 de fevereiro de 1937.
73 BAB, NS 2/53, Himmler ao clérigo *Pfarrer* Friedrich em Halberstadt, 11 de março de 1937.
74 Discurso diante do corpo de oficiais da Divisão Grenadier no campo de treinamento militar em Bitsch, em 26 de julho de 1944, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 215 e segs., citação na p. 217. Veja também discurso do RFSS por ocasião do congresso da *Auslandsorganisation* (Organização do Exterior) do NSDAP em Stuttgart (BAB, NS 19/4005, 2 de setembro de 1938): "Não tolero ninguém nas SS que não acredite em Deus. 2. Também não tolero que qualquer integrante seja ofendido em virtude de suas convicções religiosas."
75 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da reunião dos Gruppenführer em Dachau, em 8 de novembro de 1936.
76 BAB, NS 10/4007, discurso perante correligionários do partido após novembro de 1940.
77 A respeito de Hartl, ver Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 96 e segs.
78 Petra Madeleine Rapp, *Die Devisenprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Geistliche im Dritten Reich. Eine Untersuchung zum Konflikt deutscher Orden und Klöster in wirtschaftlicher Notlage, totalitärer Machtausübung des nationalsozialistischen Regimes und im Kirchenkampf 1935/1936.* Bonn, 1981; sobre a participação do SD nos preparativos do processo, ver Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 173 e segs.
79 Hans Günter Hockerts, *Die Sittlichkeitsprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Priester 1936/1937. Eine Studie zur nationalsozialistischen Herrschaftstechnik und zum Kirchenkampf*, Mainz, 1971, p. 4 e segs.
80 Ib., p. 12 e segs.
81 Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 178 e segs.
82 Hockerts, *Sittlichkeitsprozesse*, p. 63 e segs.
83 Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 183 e segs.
84 Oron J. Hale, *Presse in der Zwangsjacke, 1933-1945*, Dusseldorf, 1965, p. 148 e segs.; Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 189 e segs.
85 Ib., p. 185 e segs.
86 Sobre as atividades político-eclesiásticas da Gestapo e do SD referentes às Igrejas evangélicas nos anos de 1935 a 1937, ver Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 192 e segs.
87 Ib., p. 198 e seg.
88 Ib., p. 408 e seg.
89 Sobre o papel de Himmler e das SS na política eclesiástica nos anos 1937-1938, ver ib., p. 407 e segs.
90 *Tagebücher Goebbels*, 15 de fevereiro de 1937. O diálogo se deu durante uma viagem conjunta de trem.
91 Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 335 e segs.; p. 241 e seg.
92 BAB, NS 19/688.
93 Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 336 e segs.
94 BADH, ZB I/668, Ajudância de Ordens do RFSS à Central da Polícia de Segurança, 30 de abril de 1937.
95 Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 346.
96 BADH, ZB I/1686, registro sobre a reunião de 5 de novembro de 1937.
97 Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 341 e segs.
98 Sobre a perseguição às Testemunhas de Jeová, ver Detlef Garbe, *Zwischen Widerstand und Martyrium. Die Zeugen Jehovas im "Dritten Reich"*, Munique, 1993.
99 Ib., p. 149 e segs.
100 Ib., p. 96 e segs.
101 Ib., p. 159 e segs.
102 Ib., p. 215 e segs.
103 Ib., p. 234.
104 Ib., p. 239 e segs.; sobre a perseguição de 1936 em Baden, ver também Stolle, *Geheime Staatspolizei*, p. 226 e segs.
105 Garbe, *Widerstand*, p. 247 e segs.
106 A propósito disso, ver a antologia *Himmlers Hexenkartothek. Das Interesse des Nationalsozialismus an der Hexenverfolgung*, ed. por Sönke Lorenz et al., 2ª ed., Bielefeld, 2000, e, especialmente, a contribuição de Jörg Rudolph, "'Geheime Reichskommando-Sache!' Hexenjäger im Schwarzen Orden. Der H-Sonderauftrag des Reichsführers-SS, 1935-1944", p. 47-97.
107 Ib., p. 56.
108 Himmler, *Schutzstaffel*, p. 5.
109 Para mais informações, ver Rudolpf, "'Geheime Reichskommando-Sache!'", p. 52.
110 Ib., p. 84.
111 Blank escreveu sobre isso após a guerra. Ver *Nordwestdeutsche Hefte* 3,1 (1948), p. 3-6.
112 BAB, NS 19/2963, carta de Kaltenbrunner a Himmler, 18 de junho de 1943, bem como carta de Brandt ao chefe da Polícia de Segurança, 26 de junho de 1943.
113 BAB, NS 19/4013, discurso perante generais da Wehrmacht em 5 de maio de 1944, em Sonthofen; teor semelhante se encontra em seu discurso de 21 de junho de 1944 em Sonthofen (BAB, NS 19/4014).
114 *RMbliV* 1936, coluna 1152 e segs., regulamentação do decreto circular de 20 de setembro de 1936 sobre o reordenamento da Polícia Criminal do Estado, 16 de julho 1937; Patrick Wagner, *Volksgemeinschaft ohne Verbrecher. Konzeptionen und Praxis der Kriminalpolizei in der Zeit der Weimarer Republik und des Nationalsozialismus*, Hamburgo, 1996, p. 234 e segs.
115 Ib., p. 237.
116 Ib., p. 238.
117 Ib., p. 239 e segs.
118 BAB, R 58/242, portaria de Frick sobre a nomeação de inspetores da Polícia de Segurança, 20 de setembro de 1936; no anexo:

instrução de serviço para os inspetores da Polícia de Segurança. Aqui também se encontra um resumo, de 24 de setembro de 1938, sobre a nomeação de inspetores da Polícia de Segurança na data de referência de 15 de setembro de 1938. A portaria e as instruções de serviço também se encontram in: *RMBliV* 1936, coluna 1243 e seg. Cf. também Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 246 e seg.; Friedrich Wilhelm, *Die Polizei im NS-Staat. Die Geschichte ihrer Organisation im Überblick*, Paderborn etc., 1997, p. 79 e segs.

119 A propósito da Kripo como parte da Polícia de Segurança, cf. Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 243 e segs. Tanto a Kripo quanto a Gestapo apuravam casos de profanação racial depois que Heydrich determinara que, por princípio, a maioria das apurações deveriam ser passadas para a Kripo. (Walk [E.], *Sonderrecht*, II 141, decreto de 27 de março de 1936; Berschel, *Bürokratie*, p. 212 e segs.)

120 Dok. PS-1992 (A), palestra durante um seminário nacional político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., citação. p. 220.

121 Publicado na brochura editada pelo Departamento de Polícia Criminal do Reich "Vorbeugende Verbrechensbekämpfung" [combate preventivo da criminalidade], (IfZ, Dc 17.02); cf. também Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 254 e seg., bem como a apresentação detalhada em Karl-Leo Terhorst, *Polizeiliche planmässige Überwachung und polizeiliche Vorbeugungshaft im Dritten Reich. Ein Beitrag zur Rechtsgeschichte vorbeugender Verbrechensbekämpfung*, Heidelberg, 1985, p. 115 e segs.

122 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 256 e segs.

123 Mais detalhes sobre isso em ib., p. 254 e segs.

124 Ib., p. 265 e segs.

125 IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos sobre o combate preventivo da criminalidade; Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 259. Para saber mais sobre a questão em geral, cf. Terhorst, Ü*berwachung*.

126 As determinações de implementação de 4 de abril de 1938 (in: IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos sobre o combate da criminalidade) contêm uma lista detalhada sobre os indivíduos que primordialmente deveriam ser enquadados nessa diretriz: "pedintes, ciganos, prostitutas, alcoólatras, portadores de doenças contagiosas — especialmente doenças sexualmente transmissíveis, que se furtassem às medidas do Ministério da Saúde" —, bem como "desocupados e indivíduos que se recusam a trabalhar". Cf. também Wolfgang Ayass, '"Ein Gebot der nationalen Arbeitsdisziplin': Die Aktion 'Arbeitsscheu Reich' 1938", in: *Feinderklärung und Prävention. Kriminalbiologie, Zigeunerforschung und Asozialenpolitik*, Berlim, 1988, p. 43-74, aqui p. 53 e seg.

127 Ib., p. 45 e segs.

128 OA Moscou, 500-1-261; repr. in: "Das Schicksal der Juden im Saarland 1920-1945", rev. por Hans-Walter Herrmann, in: *Dokumentation zur Geschichte der jüdischen Bevölkerung in Rheinland-Pfalz und im Saarland von 1800-1945*, ed. pela Landesarchivverwaltung Rheinland-Pfalz [Administração do Arquivo Nacional da Renânia-Palatinado] e pelo Landesarchiv Saarbrücken [Arquivo Nacional de Saarbrücken], Koblenz, 1974, p. 257-491, aqui p. 447 e segs.; cf. Ayass, "'Gebot'", p. 54 e seg.

129 Ib., p. 67 e segs.

130 Decreto visando assegurar a disponibilidade da força de trabalho necessária para executar tarefas de importância política ao Estado (*RGBl* 1938 I, p. 652), bem como a correspondente determinação de 20 de julho de 1938, ambos repr. in: Timothy W. Mason (ed.), *Arbeiterklasse und Volksgemeinschaft. Dokumente und Materialien zur deutschen Arbeiterpolitik 1936-1939*, Opladen, 1975, p. 669 e segs. Até o início da guerra, 800 mil pessoas executavam trabalhos forçados, sendo usadas principalmente na construção da *Westwall* [Linha Siegfried] (ib., p. 667).

131 A propósito da cobertura da imprensa, cf. Peter Longerich, *"Davon haben wir nichts gewusst!"Die Deutschen und die Judenverfolgung 1933-1945*, Munique 2006, p. 112 e segs.

132 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 292 e segs.

133 De acordo com dados oficiais, houve uma redução da criminalidade entre 1932 e 1938: homicídios e assassinatos caíram 46,2%; danos corporais, 46,1%; danos corporais graves, 58,3%; latrocínio, 58,7%; extorsões, 39,6%; incêndios deliberados, 45,2%; e falsificação de dinheiro, 88,2% (*Deutsche Justiz* 101 [1939], p. 1476). Quanto à interpretação da estatística, cf. Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 214 e segs. e p. 297 e seg.

134 Michael Zimmermann, *Rassenutopie und Genozid. Die nationalsozialistische "Lösung der Zigeunerfrage"*, Hamburgo, 1996, p. 114 e segs.

135 Ib., p. 81 e segs.; ver também Guenter Lewy, *The Nazi Persecution of the Gypsies*, Oxford/Nova York, 2000, p. 15 e segs.

136 Zimmermann, *Rassenutopi*e, p. 86 e segs.

137 Ib., p. 106 e segs.

138 Ib., p. 125 e segs.; ver também Lewy, *Nazi Persecution*, p. 43 e segs.

139 IfZ, Dc 17.02, Decreto Circular do RFSS, 8 de dezembro de 1938; regulamentações do Departamento de Polícia Criminal do Reich de 1º de março de 1939.

140 Ib., 5 de junho de 1939; Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 101 e segs.

141 BAB, NS 19/4004, 16 de janeiro de 1937. Sobre a postura de Himmler em relação à homossexualidade, ver Burkhard Jellonnek, *Homosexuelle unter dem Hakenkreuz. Die Verfolgung von Homosexuellen im Dritten Reich*, Paderborn 1990. Além desse estudo fundamental, mencione-se também: Geoffrey Giles, "The Institutionalization of Homosexual Panic in the Third Reich", in: Robert Gellately e Nathan Stoltzfus (ed.), *Social Outsiders in Nazi Germany*, Princeton, N.J. etc., 2001, p. 233-255; Günter Grau (ed.), *Homosexualität in der NS-Zeit. Dokumente einer Diskriminierung und Verfolgung*, 2., ed. rev., Frankfurt/Main 2004; Richard Plant, *Rosa Winkel. Der Krieg der Nazis gegen die Homosexuellen*, Frankfurt/am Main e. o. 1991; Peter von Rönn, "Politische und psychiatrische Homosexualitätskonstruktion im NS-Staat", parte I: "Die politische Genese des Homosexuellen als Staatsfeind", parte II: "Die soziale Genese der Homosexualität als defizitäre Heterosexualität", ambos in: *Zeitschrift für Sexualforschung* 11 (1998), p. 99-129 e p. 220-260; Hans-Georg Stümke, *Homosexuelle in Deutschland. Eine politische Geschichte*, Munique, 1989.

142 Relatório do presidente do Tribunal Superior Regional de Frankfurt, 2 de setembro de 1937, que reproduz um comunicado do superintendente da Polícia de Frankfurt de 26 de abril de 1937 (BAB, R 3001/1460); o documento no StA Marburg, LRA Eschwege

Nº 1718, Polícia Criminal de Kassel, Richtlinien zur Bekämpfung von Homosexualität und Abtreibung [Diretrizes para o combate à homossexualidade e ao aborto] de 11 de maio de 1937, refere-se ao mesmo comentário. Ver Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 122.

143 BADH, ZM 1668, Akte 13.

144 "Como alemão e como nazista constato, de modo totalmente realista, que há controvérsias no que respeita ao número de homossexuais e de abortos; por isso prefiro não citar números." (*Grundfragen der deutschen Polizei*, p. 14.)

145 BAB, NS 19/4004; excertos também in: Himmler, *Geheimreden*, p. 93 e segs.

146 BADH, ZM 1668, arquivo 13.

147 BAB, NS 19/4005, discurso do RFSS por ocasião da convenção da *Auslandsorganisation* do NSDAP para o exterior em Stuttgart, 2 de setembro de 1938.

148 BAB, NS 19/4004; excertos também in: Himmler, *Geheimreden*, p. 93 e segs.

149 BADH, ZM 1668, arquivo 13.

150 BAB, NS 19/4005, discurso do RFSS por ocasião da convenção da *Auslandsorganisation* do NSDAP em Stuttgart, 2 de setembro de 1938.

151 BADH, ZM 1668, arquivo 13. O número 400 mil resulta de dez anos a 40 mil recrutas aceitos ao ano.

152 BAB, NS 19/4004; excertos também in: Himmler, *Geheimreden*, p. 93 e segs.

153 *Statistisches Jahrbuch 1937*, sigiloso (página apensada mediante cola), motivo das exclusões e expulsões; são mencionadas 23 exclusões e 29 expulsões por conta do Parágrafo 175.

154 Ver abaixo p. 381 e segs.

155 Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 95 e segs.

156 Ib., p. 110 e segs.

157 Decreto de 10 de outubro de 1936, repr. in: Grau (ed.), *Homosexualität*, doc. nº 27.

158 Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 122 e segs.; Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 249 e segs.

159 IfZ, Relatório anual do departamento V do RSHA, 1940, p. 61; Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 129 e segs.

160 Sobre a estatística, ver ib., p. 122.

161 "Das sind Staatsfeinde", in: *Das Schwarze Korps*, de 4 de março de 1937. Além disso, foram publicados os artigos "Homosexualität und Kunst" (11 de março de 1937); "Ächtung der Entarteten" (1º de abril de 1937) e "Was sage ich meinem Kinde?" (15 de abril de 1937), nos quais repercute a exigência de Himmler de que era preciso ter uma atitude positiva quanto à questão dos relacionamentos *íntimos* entre os jovens.

162 StA Marburg, LRA Eschwege Nº 1718, Polícia Criminal de Kassel, diretrizes para o combate do homossexualismo e do aborto de 11 de maio de 1937.

163 BAB, R 22/865, resposta de Himmler de 2 de março de 1937; ver também Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 116.

164 Decreto de 29 de outubro de 1937, in: IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos sobre o combate da criminalidade.

165 Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 156. Himmler defendia a ideia de que esse princípio não estava sendo questionado quando se apresentava a perspectiva da soltura a um prisioneiro em prisão preventiva, no caso de sua concordância; uma vez que a prisão preventiva não estava sujeita a prazos, essa "oferta" continha a ameaça de uma possível prisão perpétua.

166 IfZ, relatório anual do departamento V do RSHA, 1940, portaria de 12 de julho de 1940.

167 BAB, NS 19/4007, 29 de fevereiro de 1940, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 115 e segs., citação p. 120 e seg.

168 BAB, R 58/261.

169 BAB, NS 19/2376, Decreto de 7 de março de 1942; Jellonnek, *Homosexuelle*, p. 30.

170 Ib., p. 34 e segs.; NS 19/1916, estatística do Departamento Central dos Tribunais SS do 1º trimestre de 1943 especifica 22 sentenças, nenhuma delas com pena de morte. Geoffrey Giles, "The Denial of Homosexuality: Same-Sex Incidents in Himmler's SS and Police", in: *Journal of the History of Sexuality*, 2002, p. 256-290, examina quatro casos dos autos da jurisdição da SS e da polícia, nos quais ocorrera condenação em virtude de crimes efetivamente cometidos: Himmler ratificou duas sentenças (uma delas implicava pena de morte) e determinou, em dois outros casos, que a pena fosse comutada por "serviços no front".

171 *Das Schwarze Korps* de 25 de maio de 1939.

172 BAB, NS 19/688, troca de correspondência com referência às encomendas de 1937 e 1940. A posição de Himmler em relação a Rahn se depreende especialmente da carta de Brandt a Naumann (Ministério de Propaganda) de 2 de novembro de 1943, bem como da carta de Brandt de 9 de maio de 1944. A propósito da atuação de Rahn e o seu papel na SS, ver Hans-Jürgen Lange, *Otto Rahn. Leben & Werk*, Engerda, 1995, bem como do mesmo autor, *Otto Rahn und die Suche nach dem Gral. Biografie und Quellen*, Engerda, 1999. Lange, *Leben & Werk*, p. 54 e segs., documenta também a troca de correspondências entre Himmler e Rahn nos anos de 1936 a 1939, que se encontra, entre outros, no arquivo SS-O de Rahn no BDC.

173 Referência em carta do OKW, chefe da Amtsgruppe Interior, 16 de março de 1944 (BAB, NS 19/688).

174 BAB, R 33 II/391, Decretos de Himmler de 26 de junho de 1936 relativamente à distribuição das funções no âmbito da polícia alemã e quanto à nomeação de um chefe para a Polícia de Ordem e outro para a Polícia de Segurança; ver também Wilhelm, *Polizei*, p. 83 e seg.

175 Ib., p. 84 e seg.

176 Decreto circular do RFSS, 15 de agosto de 1936, determinações provisórias sobre a substituição da guarda da *Schutzpolizei*, in: *RMBliV* 1936, coluna 1180c.

177 As informações referentes à quantidade de pessoal e às funções da Polícia de Ordem foram retiradas de duas palestras proferidas por Daluege em 23 de janeiro de 1939 diante de dirigentes da SS, bem como em 23 de junho de 1939, por ocasião de uma conferência com chefes de administrações regionais e governadores (BAB, R 19/318). A propósito da história da Polícia de Ordem, ver também Martin Hölzl, "Grüner Rock und Weisse Weste. Adolf von Bomhard und die Legende von der sauberen Ordnungspolizei", in: *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* 50 (2002), p. 22-43; Heiner Lichtenstein, *Himmlers grüne Helfer. Die Schutz- und Ordnungspolizei im "Dritten Reich"*, Colônia, 1990; Hans-Joachim Neufeld, Jürgen Huck und Georg Tessin, *Zur*

*Geschichte der Ordnungspolizei 1936-1945*, Koblenz, 1957.

178 Wilhelm, *Polizei*, p. 113 e segs.

179 Ib., p. 110 e segs.; sobre o contingente de unidades de Corpos de Bombeiros, ver os dados de Daluege de 23 de janeiro de 1939 (BAB, NS 19/381).

180 Orth, *System*, p. 35 e segs.; Tuchel, *Konzentrationslager*, p. 326 e segs.

181 Hermann Kaienburg, *Der Militär- und Wirtschaftskomplex der SS im KZ-Standort Sachsenhausen-Oranienburg. Schnittpunkt von KZ-System,Waffen-SS und Judenmord*, Berlim, 2006, p. 19.

182 Carta de Himmler ao ministro da Justiça, 8 de fevereiro de 1937, citada segundo Falk Pingel, *Häftlinge unter SS-Herrschaft. Widerstand, Selbstbehauptung und Vernichtung im Konzentrationslager*, Hamburgo 1978, p. 63. Sobre o KZ Sachsenhausen, ver Hermannm Kaienburg, "Sachsenhausen-Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel, (ed.), *Der Ort des Terrors.Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, Munique, 2006, p. 17-72; Gerhard Finn, *Sachsenhausen 1936-1950: Geschichte eines Lagers*, Berlim, 1988; Kaienburg, *Sachsenhausen-Oranienburg;* Günter Morsch (ed.), *Mord und Massenmord im Konzentrationslager Sachsenhausen 1936-1945*, Berlim, 2005.

183 A propósito da história do campo, ver Harry Stein, "Buchenwald-Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, Munique, 2006, p. 301-356; idem, *Konzentrationslager Buchenwald 1937-1945. Begleitband zur ständigen historischen Ausstellung*, ed. pelo Memorial de Buchenwald, Göttingen, 1999; Jens Schley, *Nachbar Buchenwald. Die Stadt Weimar und ihr Konzentrationslager 1937-1945*, Colônia et al., 1999. A visita de Himmler, em 22 de maio de 1937, infere-se de sua agenda (Michael Wildt, "Himmlers Terminkalender aus dem Jahr 1937", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 52 [2004], p. 671-691, aqui p. 686).

184 Zámečník, "Dachau-Stammlager", p. 245 e segs.

185 Jörg Skriebeleit, "Flossenbürg-Stammlager" in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, Munique, 2006, p. 17-66.

186 Sobre a história do campo, ver Florian Freund e Bertrand Perz, "Mauthausen-Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, Munique, 2006, p. 293-346; Hans Maršálek, *Die Geschichte desKonzentrationslagers Mauthausen. Dokumentation*, 3ª ed., ampliada, Viena, 1995.

187 Hermann Kaienburg, *Das Konzentrationslager Neuengamme 1938-1945*, editado pelo Memorial do Campo de Concentração Neuengamme, Berlim, 1997.

188 Sobre o KZ Ravensbrück, ver Annette Leo, "Ravensbrück-Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, Munique, 2006, p. 473-520; Bernhard Strebel, *Das KZ Ravensbrück. Geschichte eines Lagerkomplexes*, Paderborn etc., 2003.

189 Doc. PS-1992 (A), palestra por ocasião de um seminário nacional político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., citação p. 222.

190 Orth, *System*, p. 32 e p. 38 e seg.

191 Ib., p. 40 e segs.

192 Doc. PS-1992 (A), repr. in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., citação p. 217.

193 BAB, NS 19/4004, em discurso por ocasião da reunião de Gruppenführer em Munique, no Führerheim da SS-Standarte Deutschland, 8 de novembro de 1937.

194 Hermann Kaienburg, "*Vernichtung durch Arbeit*". *Der Fall Neuengamme. Die Wirtschaftsbestrebungen der SS und ihre Auswirkungen auf die Existenzbedingungen der KZ-Gefangenen*, Bonn, 1990, p. 72.

195 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 103 e segs.

196 A propósito da data (pesquisada) da conclusão do acordo, ver ib., p. 112. Se a iniciativa provém de Speer ou de Himmler, já não é mais possível determinar (detalhes ib., observação 86).

197 Ib., p. 114 e segs.; quanto a esses empreendimentos, ver também Hermann Kaienburg, *Die Wirtschaft der SS*, Berlim 2003, p. 454 e segs., bem como Michael Thad Allen, *The Business of Genocide. The SS, Slave Labor, and the Concentration Camps*, Chapel Hill, N.C., 2002, p. 58 e segs.

198 Para uma visão geral das condições da detenção, ver Drobisch e Wieland, *System*, p. 106 e segs. e p. 205 e segs., bem como Orth, *System*, p. 54 e segs.

199 BAB, NS 19/1542, carta a Gürtner, 16 de maio de 1938.

200 Ib., 31 de maio de 1939. Sobre o enforcamento de Emil Bargatzky em 4 de junho de 1938, ver Stein, "Buchenwald-Stammlager", p. 336.

201 Doc. PS-1992 (A), palestra por ocasião de um seminário nacional político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs.

202 BAB, NS 19/4006, 29 de janeiro de 1939.

203 Kaienburg, "Sachsenhausen-Stammlager", p. 48.

204 Doc. PS-1992 (A), palestra durante seminário nacional político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., citação na p. 221. Indicações sobre as visitas de Himmler aos campos de concentração encontram-se em BAK, NL 1126/7, registro no diário de bolso de 15 de fevereiro de 1935 (campo de concentração Lichtenburg). Himmler visitou Lichtenburg depois de Drobisch e Wieland, *System*, p. 303, igualmentre em fins de maio de 1938. De acordo com Wildt, "Terminkalender", Himmler esteve em Sachsenhausen em 30 de setembro de 1937. Possíveis visitas de Himmler a Mauthausen e Gusen na primavera de 1938 são consideradas em Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 622 e seg. O que está comprovado é a visita de Himmler a Gusen em outubro de 1942 (ib. p. 634 e seg.).

205 Walter Janka, *Spuren eines Lebens*, Berlim 1991, p. 60 e segs. BAK, NL 1126/7, diário de bolso, registro de 16 de fevereiro de 1935: Sachsenburg. Sobre essa visita, ver Baganz, *Erziehung*, p. 278.

206 Blank, “Hakenkreuz”, p. 3. Segundo Blank, a visita ocorreu em 10 de outubro de 1942. A respeito da datação, ver BAB, NS 19/3959.
207 De acordo com relato não datado do deputado Ludwig Soswinski, repr. in: Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes [arquivo documental da resistência austríaca] (ed.), *“Anschluss” 1938. Eine Dokumentation*, rev. por Von Heinz Arnberger et al., Viena 1988, p. 539 e seg.
208 Reinhard Vogelsang, *Der Freundeskreis Heinrich Himmler*, Göttingen etc., 1972, p. 88 e seg.; Drobisch und Wieland, *System*, p. 303 e seg.; NS 19/1396, nota endereçada a Himmler referente à planejada visita de jornalistas, 1º de março de 1938.
209 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 112.
210 Ib., p. 97.
211 Ib., p. 103.
212 Orth, *System*, p. 62 e seg.
213 BAB, NS 19/1652, Decreto do Führer de 17 de agosto de 1938 sobre as unidades armadas da SS; contém o aditivo: esboço de 3 de junho de 1938 com alterações de Himmler de 10 de junho de 1938; Wegner, *Politische Soldaten*, p. 112 e segs.
214 Doc. PS-1992 (A), palestra por ocasião de um seminário nacional político da *Wehrmacht* de 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs.
215 Ib., p. 228.
216 Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., citação p. 31.
217 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 104.
218 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião da reunião de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938.
219 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 120 e segs. O autor mostra em detalhe como foi possível contornar essa limitação.
220 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 124 e seg.; Charles W. Sydnor, *Soldaten des Todes.Die 3. SS-Division “Totenkopf”1933-1945*, Paderborn etc., 2002, p. 30 e seg.
221 BAB, NS 19/4005, discurso durante reunião de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938.
222 O cargo de Höherer SS- und Polizeiführer — HSSPF [Alto chefe da SS e da polícia] foi criado pelo decreto de 13 de novembro de 1937 do ministro do Interior do Reich (BAB, NS 19/2850, aqui também há instruções adicionais referentes aos HSSPF). Essas instruções foram pesquisadas detalhadamente por Ruth Bettina Birn, *Die Höheren SS- Und Polizeiführer. Himmlers Vertreter im Reich und in den besetzten Gebieten*, Düsseldorf, 1986.
223 Discurso de 8 de novembro de 1938, in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., citação na p. 26.
224 A propósito da instituição do HSSPF, ver Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 10 e segs.
225 Wilhelm, *Polizei*, p. 93 e segs. A esse propósito serviam de modo especial os seguintes decretos do RFSSuChdDtPol: 18 de janeiro de 1938, in: *RMBliV* 1938, coluna 157 e segs.; 24 de março de 1938, in: *RMBliV* 1938, coluna 537 (após a anexação da Áustria); 4 de março de 1938, in: *RMBliV* 1938, coluna 390 e seg.; 23 de junho de 1938, in: *RMBliV* 1938, coluna 1089 e segs. (para a Polícia de Segurança); 12 de novembro de 1940, in: *RMBliV* 1940, coluna 2167 (facilidades adicionais para a admissão de integrantes da Polícia de Ordem).
226 Buchheim, “SS”, p. 102.
227 Decreto do RFSSuChdDtPol de 10 de maio de 1937, divulgação de uma decisão do Führer de 16 de janeiro de 1937, in: *RMBliV* 1937, coluna 758.
228 Werner Best, *Die deutsche Polizei*, Darmstadt, 1940, p. 96.
229 Buchheim, “SS”, p. 111 e seg.
230 Ver abaixo p. 366 e segs.
231 Ver abaixo, p. 323.
232 RMBliV 1938, coluna 2132a, determinação do *RFSSuChdDtPol*, 12 de dezembro de 1938.
233 Ver abaixo p. 501 e segs.
234 BAB, NS 19/4004, 16 de janeiro de 1937.

### *Weltanschauung* e culto

1 *Statistisches Jahrbuch 1937*, p. 15; *Statistisches Jahrbuch 1938*, p. 16.
2 Ib., p. 107.
3 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião do encontro de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
4 BAB, NS 19/4005, discurso durante encontro de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938.
5 BAB, NS 19/4007, discurso perante o *Führerkorps der Leibstandarte* na noite do Dia de Metz, 7 de setembro de 1940, impresso como: Doc. PS-1918, in: *IMT*, vol. 29, p. 98 e segs., citação na p. 107.
6 Mayerhofer, “Der Sippenorden”. In: *SS-Leitheft 9* (1943), 2° caderno, p. 14-17. Sobre o caráter de Ordem da SS, ver Ackermann, *Himmler*, p. 97 e segs.
7 BAB, NS 19/4003, discurso em 8 de novembro de 1936. Em 18 de fevereiro de 1937, Himmler declarou, diante dos Gruppenführer, que desejava que, “em uma década, a SS e a polícia [se fundissem] em um único corpo” (NS 19/4004). Em 8 de novembro de 1937, diante dos Gruppenführer, ele voltou a falar de seu “plano decenal”, manifestando a esperança de que “em dez anos seremos uma ordem, mas não uma ordem só de homens e sim uma ordem de comunidades de clãs” (NS 19-4004, última passagem também impressa in: Himmler, *Geheimreden*, p. 61.)
8 Buchheim, “SS”, p. 201 e segs.; *Dienstkalender*, p. 33 e segs. (especialmente no que tange ao seu estado-maior pessoal).
9 BAB, NS 19/3901, ordem da SS de 9 de novembro de 1936.
10 Elisabeth Kinder, “Der Persönliche Stab Reichsführer-SS. Geschichte, Aufgaben und Überlieferung”, in: Heinz Boberach e Hans Booms (ed.), *Aus der Arbeit des Bundesarchivs. Beiträge zum Archivwesen, zur Quellenkunde und Zeitgeschichte*. Boppard am

Rhein, 1977, p. 379-397, p. 383.
11 Kinder, “Der Persönliche Stab”, p. 381.
12 BAB, NS 19/3901, ordem quanto à reorganização da estrutura do sistema de ordens de comando de toda a SS. Queria-se garantir a representatividade homogênea na região mediante a subordinação das SD-Oberabschnitte e das centrais de Raça e Colonização aos dirigentes dos Oberabschnitte.
13 BAB, NS 2/3, ordem do estado-maior do chefe do RuSHA 19/35, 10 de abril de 1935; cf. Heinemann, “*Rasse*”, p. 69 e seg.
14 Heinemann, “*Rasse*”, p. 99; BAB, NS 2/86, ordem do RFSS de 1º de agosto de 1938.
15 Buchheim, “SS”, p. 202 e seg. A respeito da administração da SS nesse período, ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 62 e segs.
16 Aronson: *Heydrich*, p. 202 e segs.
17 Para mais detalhes, ver Schulte. *Zwangsarbeit*, p. 247 e segs.
18 Buchheim: “SS”, p. 205.
19 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 76 e segs.; mais detalhes em BAB, NS 3/465 e 468, orçamento da SS para 1935 e 1938. Somando as contribuições dos membros e os pagamentos especiais de não correligionários da SS, a organização como um todo arrecadou, em 1935, mais de um milhão de Reichsmark; para 1938 esperava-se arrecadar 840 mil. Os pagamentos dos membros patrocinadores totalizaram 5.544 mil Reichsmark em 1935; 4.800 mil em 1936 e o mesmo valor em 1937, caindo para 3.960 mil Reichsmark em 1938.
20 Vogelsang, *Freundeskreis*, p. 22 e segs.
21 BAB, BDC, SS-O Keppler.
22 Vogelsang, *Freundeskreis*, p. 52 e segs.
23 A propósito das reuniões, ver Ib., p. 78 e segs.
24 Ib., p. 136.
25 Ib., p. 88 e seg., bem como Wildt, *Terminkalender*, p. 681.
26 Vogelsang. *Freundeskreis*, p. 92 e segs.; Esboço da palestra de 12 de dezembro de 1943 (IfZ, NO 5637).
27 Lista repr. no anexo em Vogelsang. *Freundeskreis*, p. 139 e segs., de acordo com o IfZ, NI 9971. Na agenda de Himmler de 8 e 9 de fevereiro de 1937, encontra-se a primeira lista conhecida contendo 38 nomes, para a qual Wildt chama a atenção em *Terminkalender*, p. 679.
28 Vogelsang. *Freundeskreis*, p. 108 e segs.
29 Ib., p. 101 e segs.
30 BAB, R 2/12 1172a; ver Schulte. *Zwangsarbeit*, p. 98 e segs., bem como Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 123 e segs. e p. 137 e segs.
31 Para uma exposição detalhada desses empreendimentos, ver Ib., p. 159 e segs. e p. 185 e segs. Sobre os empreendimentos anteriores da SS, ver também Allen, *Business*, p. 31 e segs., bem como Enno Georg, *Die wirtschaftlichen Unternehmungen der SS*, Stuttgart 1963, p. 12; e Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 93 e seg.
32 Trata-se de Franz Nagy, do escultor Theodor Kärner e de Bruno Galke que, dentro do estado-maior pessoal, era responsável, entre outros, pelos empreendimentos da SS. Albert Knoll, “Die Porzellanmanufaktur München-Allach. Das Lieblingskind von Heinrich Himmler”, in: *KZ-Aussenlager. Geschichte und Erinnerung*, Dachauer Hefte 15, Dachau, 1999, p. 116-133; Gabriele Huber, *Die Porzellan-Manufaktur Allach-München GmbH. Eine “Wirtschaftsunternehmung” der SS zum Schutz der “deutschen Seele”*, Marburg, 1992, p. 12 e segs.
33 Ib., p. 46.
34 Ib., p. 27, situação em 1940.
35 Knoll. “Porzellanmanufaktur”, p. 120.
36 Carta de Himmler a Pohl, 26 de setembro de 1939, repr. in: Himmler, Heinrich, *Reichsführer! Briefe an und von Himmler*, ed. e prefaciado por Helmut Heiber, Stuttgart, 1968, nº 52.
37 Huber, *Porzellan-Manufaktur*, p. 44 e segs.
38 Ib., p. 51 e segs.
39 Quanto ao seminário nacional político, ver Doc. PS-1992 (A), in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs. O seminário ocorreu de 15 a 23 de janeiro de 1937. Sobre os discursos dos Gruppenführer, ver BAB, NS 19/4005, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs.
40 *Schutzstaffel*, p. 3. No discurso de janeiro de 1937, ele disse que as próximas décadas representavam uma “luta de extermínio dos mencionados opositores sub-humanos em todo o mundo contra a Alemanha como o povo nuclear da raça nórdica, contra a Alemanha como o povo nuclear do povo germânico, contra a Alemanha como o sustentáculo cultural da humanidade; as próximas décadas significam o Ser ou Não Ser do homem branco, cujo povo líder somos nós” (*IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., citação na p. 234).
41 No discurso por ocasião da comemoração do Reichsbauerntag de 1935, Himmler afirmara que “o nosso inimigo eterno, o judeu”, era responsável pela cristianização forçada dos saxões, pela inquisição espanhola, pela caça às bruxas e também pela eclosão da Guerra dos Trinta Anos (*Schutzstaffel*, p. 5).
42 BAB, NS 19/4012, discurso por ocasião do seminário dos chefes dos departamentos de Propaganda do Reich, 26 de janeiro de 1944.
43 BAB, NS 19/4009, discurso na Haus der Flieger [casa dos aviadores], 9 de junho de 1942, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 145 e segs., aqui p.147. Sobre a batalha da Ásia contra a Europa, ver também NS 19/4009, discurso na escola de cadetes da SS em Tölz, 23 de novembro de 1942, bem como NS 19/4014, discurso aos representantes da Justiça alemã em Kochem, 25 de maio de 1944; Ib., discurso em Sonthofen, 21 de junho de 1944.
44 “Esta luta representa o confronto [...] de duas camadas de líderes ou camadas de liderança; de um lado, a camada de liderança dos sub-humanos: judeus, oficiais e Politruk [líder político, em russo], convencidos até o âmago de seu ser de sua visão de mundo, fanáticos por esse ensinamento da destruição, por esse pensamento imperial da Ásia, e prontos para empregar o método mais brutal imaginável em prol dessa convicção [...]. Trata-se de uma luta de *visão* de mundo como o foi a luta com os hunos na época da

migração dos povos; como ocorria em toda a Idade Média com os muçulmanos, em que o que estava em jogo não era a religião, mas sim uma luta de raças." BAB, NS 19/4014, discurso diante de Oberabschnittsführer e chefes de departamentos na Haus der Flieger, 9 de junho de 1942, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 145 e segs., citação na p. 150.

45 BAB, NS 19/4014, discurso em Sonthofen, 21 de junho de 1944.

46 Ibid., discurso em Sonthofen, 24 de maio de 1944. Já no discurso em Viena, em 1939, ele falara do "desafortunado ensinamento de um cristianismo asiatizado" (BAB, NS 19/3666, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 51). Em 16 de setembro de 1942, em discurso proferido em sua central de comando de Hegewald, ele responsabilizava as Igrejas por uma concepção tipicamente "orientalizada" (NS 19/4009).

47 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião do encontro de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., aqui p. 49. Mas no mesmo discurso Himmler também fala do futuro Reich "germânico" (ib., p. 38 e seg.). O *tópos* do "grande estado germânico" está presente em discurso proferido em fins de 1940 (NS 19/4007, sem data). A Grande Germânia foi invocada por ele principalmente em seu discurso em Posen, em 24 de outubro de 1943 (NS 19/4011), bem como em Sonthofen, em 24 de maio de 1944 (NS 19/4014). Cf. Frank-Lothar Kroll, *Utopie als Ideologie. Geschichtsdenken und politisches Handeln im Dritten Reich*, Paderborn, 1998, p. 217 e segs.

48 BAB, NS 19/4012, discurso durante a conferência de trabalho dos chefes dos departamentos de Propaganda do Reich, 26 de janeiro de 1944.

49 BAB, NS 19/4009.

50 BAB, NS 19/4007, discurso diante dos *Gauleiter*, 29 de fevereiro de 1940, também repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 116 e segs., citação na p. 125.

51 BAB, NS 19/4013, discurso em Sonthofen, 5 de maio de 1944: "Entre milhões e mais milhões de possibilidades, duas vertentes de herança sanguínea conseguiram se juntar em algum entrelaçamento que logrou reunir as — não obstante poucas — gotas do sangue ariano tantas vezes perdidas nessa região da Rússia-Europa Oriental-Ásia, somando-se numa massa genética suficientemente forte para, sozinha, ser capaz de organizar e liderar ordenadamente tanto quanto seja necessário para transformar um asiático bruto, sem qualquer tipo de inibição emocional, em um perigoso Átila, ou Gengis Kahn, ou Stalin, ou Lenin. Que se cuide a humanidade europeia, germânica, ariana, cada vez que por lá surgir alguém com essa capacidade de organizar uma massa de sub-humanos em exércitos, em forças colossais, e for capaz de liderá-las."

52 Como, por exemplo, no discurso de 4 de outubro de 1943, em Posen (BAB, NS 19/4010), também repr. como Doc. PS-1919 in: *IMT*, vol. 29, p. 110 e segs., esp. p. 145 e seg., e no discurso de 6 de outubro de 1943, na mesma cidade (Ib.), repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 162 e segs., esp. p. 169.

53 É por isso que também não considero totalmente convincente a tentativa de Kroll, *Utopie*, p. 209 e segs., de interpretar essa concepção de mundo como uma unidade relativamente fechada e em grande medida independente do fator tempo, uma vez que nisso, obrigatoriamente, ignoram-se mudanças temporais e aplainam-se evidentes contradições. A correta observação de Kroll de que, por exemplo, a grande ideologia germânica de Himmler continha "um teor considerável de calculismo político orientado pelos fins" (p. 219) deveria, penso eu, ter sido aproveitada para fazer uma desconstrução desses textos, em vez de deixar que a sua análise seguisse na direção da reconstrução de uma concepção de mundo que, nessa clareza abstrata, provavelmente jamais teria vingado.

54 Ver acima, p. 227 e segs.

55 Ver acima, p. 229.

56 BAB, NS 19/4011, 16 de dezembro de 1943. A propósito de Waralda, ver também discurso de 26 de julho de 1944, repr. em: Himmler, *Geheimreden*, p. 215 e segs., p. 217.

57 NARA, T 580/150/229, RFSS para Wüst, 28 de maio de 1940.

58 BAB, NS 19/3670 (sem data).

59 BAB, NS 19/4013, 26 de novembro de 1944.

60 Cartas de Himmler a Pohl e Müller, citadas de acordo com o relatório: "Tätigkeit der Zeugen Jehovas in der Neuzeit: Deutschland", in: *Jahrbuch der Zeugen Jehovas*, 1974, p. 66-253, p. 196 e seg.

61 Em 6 de janeiro de 1943, Himmler determinou que Testemunhas de Jeová presas deveriam servir nas casas de integrantes das SS (Garbe, *Widerstand*, p. 451). Entre outros, ele pôs "estudiosos da Bíblia" à disposição de seu velho amigo Rehrl, bem como de um camponês em Valepp, em cujas montanhas possuía um chalé; ver Mühldorfer, "Fridolfing"; Johannes Wrobel, "Valepp/Schliersee (Bauer Marx)", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 2: *Frühe Lager, Dachau, Emslandlager*, Munique, 2005, p. 522 e seg. De março de 1944 a abril de 1945, Himmler serviu-se de um *Aussenkommando* (destacamento exterior) de vinte prisioneiros para trabalhar na construção de instalações de defesa aérea em sua propriedade de Gmund. Margarete Himmler observava o progresso dos trabalhos e se queixava do baixo desempenho dos prisioneiros; um prisioneiro morreu durante os trabalhos. Ver Hans-Günter Richardi, "Der gerade Weg. Der Dachauer Häftling Karl Wagner", in: *Dachauer Hefte* 7, p. 52-101, esp. p. 52 e segs. Wagner trabalhou no local de março a abril de 1944.

62 BAB, NS 19/3947, 21 de julho de 1944, repr. in: Ackermann, *Himmler*, p. 305 e seg.

63 BAB, NS 19/4003, discurso durante reunião de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936. Sobre o culto aos ancestrais, cf. Ackermann, *Himmler*, p. 64 e segs.

64 BAB, NS 19/4003, discurso durante convenção de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.

65 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da reunião de Gruppenführer em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937. Sobre esse tema, cf. também Achermann, *Himmler*, p. 68 e segs.

66 BAB, NS 19/2241, 25 de fevereiro de 1937.

67 Karl August Eckhardt, *Irdische Unsterblichkeit. Germanischer Glaube an die Wiederverkörperung in der Sippe*, Weimar, 1937. Himmler havia retrocedido momentaneamente do consentimento que dera no início, de mandar imprimir uma edição especial do livro para a SS, em razão do que Eckhardt, profundamente ofendido, retirou a sua sugestão de fundar um instituto; [carta de]

Eckhardt para Wolff, de 9 de dezembro de 1937. Entretanto, Himmler e Eckhardt se entenderam mais tarde, e os planos para o instituto foram concretizados (ver sobre isso a troca de correspondência no mesmo arquivo).

68 Sobre a visão de história de Himmler como "eterna repetição", ver Kroll, *Utopie*, p. 245 e segs.

69 Ver Klaus von See, *Deutsche Germanenideologie. Vom Humanismus bis zur Gegenwart*, Frankfurt/Main, 1970; Rainer Kipper. *Der Germanenmythos im Deutschen Kaiserreich. Formen und Funktionen historischer Selbstthematisierung*, Göttingen, 2002; Joachim Heinzle, *Die Nibelungen. Lied und Sage*, Darmstadt, 2005.

70 Repr. in: Ackermann, *Himmler*, Doc. nº 8, p. 253 e segs. (sem data).

71 Ver Michael H. Kater, *Das "Ahnenerbe" der SS 1935-1945. Ein Beitrag zur Kulturpolitik des Dritten Reiches*, 4ª ed. ampliada, Munique, 2006, p. 95 e seg. e p. 108 e seg.

72 Assim já aparece em Kroll, *Utopie*, p. 236 e seg.

73 Sobre a regermanização de Himmler dos primórdios da Idade Média, ver particularmente Ib. p. 237 e segs.

74 BAB, NS 19/4004, discurso em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937.

75 BAB, NS 19/4003, discurso do RFSS na abadia de Quedlinburg, 2 de julho de 1936. Himmler, *Schutzstaffel*, p. 5.

76 Ib. p. 12.

77 Hitler, no entanto, não citou Carlos nominalmente, mas enalteceu "aqueles grandes imperadores germânicos [...], que, com suas duras espadas, transpuseram os destinos individuais das tribos, em busca de maior união de seres humanos alemães" (*Parteitag der Freiheit. Reden des Führers und ausgewählte Kongressreden am Reichsparteitag der NSDAP 1935*. Munique: 1935, p. 123, discurso final). Sobre o enérgico repúdio de Hitler contra as críticas a Carlos, ver *Tagebücher Goebbels*, 15 de novembro de 1936.

78 H.W. Scheidt, "Die Christianisierung Germaniens im Lichte nationalsozialistischer Geschichtsbetrachtung", in: *SS-Leitheft 3* (1937), caderno 5, p. 58-62, citação p. 60.

79 BAB, NS 19/4014, discurso diante de oficiais da Wehrmacht em Sonthofen, 24 de maio de 1944. De semelhante teor é também o discurso durante um congresso dos prefeitos de grandes cidades e *Landeshauptmänner* [governadores], realizado em Posen em 12 e 13 de fevereiro de 1944: Carlos o Grande teria sido o "primeiro grande unificador do Império" (BAB, NS 19/4012). Ver também o material didático editado pelo Reichsführer-SS: na brochura do *SS-Hauptamt Rassenpolitik*, Berlim, 1943, o texto na p. 42 diz, de modo ainda um tanto ambivalente: "Por mais que rejeitemos os métodos coercitivos de Carlos, temos de reconhecer que ele conseguiu transformar a Europa de então em uma poderosa unidade". O livro de exercícios para o ensino da língua alemã *Erzählte Geschichte*, parte 3, Berlim, sem data, que se destinava aos integrantes da SS dos Volksgruppen alemães e das associações germânicas, já foi bem mais direto: festejava "Carlos o Grande" como "unificador da Europa" (p. 29 e segs.).

80 Heinrich Himmler, *Rede des Reichsführers-SS im Dom zu Quedlinburg am 2 Juli 1936*, Magdeburg, 1936.

81 Nos SS-Leitheften de 1937, publicados por ocasião das festividades em homenagem ao rei Henrique I, consta novamente uma comparação explícita entre Henrique I e Hitler. Ver H. Löffler, "Der Gründer des Ersten deutschen Reiches". In: *SS-Leitheft 3 1937*, caderno 4, p. 52-55: "ele erigiu seu reino sobre as mesmas fundações sobre as quais, mil anos mais tarde, Adolf Hitler construiu o Terceiro Reich: sobre um campesinato enraizado em uma terra livre e um competente exército" (p. 55). A alegação de que Himmler achava que era a reencarnação do rei Henrique I se mostra equivocada em face dessa reiterada interpretação histórica que ele fazia do imperador da Idade Média.

82 A revista *Germanien*, editada pela Ahnenerbe, lançou em 1936 um caderno especial sobre Heinrique I, com prefácio escrito por Himmler.

83 *Das Schwarze Korps* de 1º de julho de 1937.

84 *Diários de Goebbels*, 3 de julho de 1937.

85 Materiais sobre a comemoração, que sempre merecia grande destaque da imprensa, encontram-se em BAB, NS 19/3901 e NS 19/3666.

86 BAB, NS 19/397, prestação de contas das Heinrichfeier de 1942, 1943 e 1944; anotação de Brandt de 19 de agosto de 1944, que questionava se "o gasto de RM 300 em bebidas alcoólicas para um grupo de meras 21 pessoas era compatível com a solenidade que a ocasião exigia e, sobretudo, com o custo de vida no quinto ano da guerra".

87 Ver, por exemplo, o discurso de 24 de maio de 1944 (BAB, NS 19/4014). Também nos materiais didáticos editados pelo Reichsführer-SS e pelo SS-Hauptamt não se perdia a oportunidade de enfatizar a importância de Frederico II e Henrique o Leão: brochura *Rassenpolitik*, p. 51, bem como *Erzählte Geschichte*, parte 3, p. 48 e seg.

88 BAB, NS 19/3666, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 50 e seg. Nos cadernos SS-Leithefte de 1937, Hermann Löffler, funcionário do Departamento Central de Raça e Colonização, elogia a ordem por causa da sua "política de regermanização" e da "ampliação do espaço vital no leste"; ver: "Der Deutsche Ritterorden", in: *SS-Leitheft 3* (1937), caderno 6, p. 67-78, citação à p. 67.

89 BAB, NS 19/4014, discurso em Sonthofen, 24 de maio de 1944; NS 19/4015, discurso em Grafenwöhr, 25 de julho de 1944, bem como discurso no campo de treinamento de tropas em Bitsch, 26 de julho de 1944. Ver também os materiais didáticos editados pelo Reichsführer-SS: a brochura *Rassenpolitik* [política racial] transmite uma imagem tão positiva de Bismarck (p. 91 e segs.) quanto o livro de exercícios do ensino da língua alemã *Erzählte Geschichte*, parte 3, p. 74 e segs., que, sem entrar no mérito de pequenos ou grandes conceitos de unidade alemã, constata na p. 79 de modo sucinto e conclusivo: "Adolf Hitler completa a obra de Bismarck." Uma menção elogiosa à Prússia se encontra, por exemplo, no artigo "Preussentum und Weltanschauung", in: *SS-Leitheft* 10 (1944), caderno 3, p. 25-27. Sobre a imagem de Himmler da Prússia, ver Kroll. *Utopie*, p. 242 e segs.

90 Ver, por exemplo, as observações feitas por Hitler a respeito do primitivismo dos germânicos em fevereiro de 1942, na presença de Himmler (*Adolf Hitler, Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944. Die Aufzeichnungen Heinrich Heims*, ed. por Werner Jochmann. Bindlach, 1988, p. 263 e seg.). Sobre oposição aos "disparates ritualísticos" na forma praticada por Himmler, entre outras coisas, ver adiante p. 303.

91 Kater, *Ahnenerbe*, p. 22 e segs. Esse trabalho, publicado inicialmente em 1974 e que é uma tese de doutorado de 1966, embora já se encontre em sua 4ª edição, continua sendo fundamental no que tange à organização científica da SS. Informações complementares se encontram no trabalho de Heather Pringle, *The Master Plan. Himmler's Scholars and the Holocaust*, Nova York, 2006.

92 Kater, *Ahnenerbe*, p. 26; sobre a pessoa de Wirth, ver Ib., p. 11 e segs., bem como Ingo Wiwjorra: "Hermann Wirth — Ein gescheiterter Ideologe zwischen 'Ahnenerbe' und Atlantis", in: Barbara Danckwortt et al. (ed.), *Historische Rassismusforschung. Ideologen, Täter, Opfer*. Hamburgo/Berlim, 1995, p. 95-112.
93 Kater, *Ahnenerbe*, p. 26 e seg.
94 De acordo com o estatuto (NARA, T 580/207/733), o objetivo da entidade era a pesquisa da "pré-história intelectual", como Wirth gostava de se referir ao próprio programa de pesquisa.
95 Sobre Sievers, ver Kater, *Ahnenerbe*, p. 28 e segs.
96 Ib., p. 37 e segs.
97 Ib., p. 41 e segs.
98 Ib., p. 60.
99 Ib., p. 58 e segs. Ver também NARA, T 580/128/47, correspondência entre Himmler e/ou a Ahnenerbe e Wirth. Dali se infere que Wirth recebia recursos da Ahnenerbe ao menos até 1942.
100 NARA, T 580/207/733, estatuto de 11 de março de 1937; cf. Kater., *Ahnenerbe*, p. 58.
101 NARA, T 580/128/47, carta de Wüst a Himmler, cumprimentando-o pela data de 7 de outubro de 1937.
102 Kater, *Ahnenerbe*, p. 40 e seg., p. 64 e segs. e p. 91.
103 NARA, T 580/207/733, estatuto de 1º de janeiro de 1939; cf. Kater, *Ahnenerbe*, p. 92.
104 Ib., p. 53 e segs. e p. 70 e segs.
105 O livro comemorativo da Ahnenerbe de 1939, obra de impressão sofisticada e que foi distribuída às figuras proeminentes da NS, enumera 34 institutos. Nem todos, no entanto, existiram de fato; cf. Kater. *Ahnenerbe*, p. 112.
106 Ib., p. 45 e seg.
107 Ib., p. 76 e segs.
108 Ib., p. 75 e seg.
109 Ib., p. 95. Isso é consequência direta da viagem de Himmler à Itália, em 1937 (ver adiante p. 409 e segs.). O departamento mais tarde se chamaria "Forschungsstätte für klassische Altertumswissenschaften" [Instituto de pesquisa da cultura clássica].
110 A propósito das escavações, ver Kater, *Ahnenerbe*, p. 80 e segs. O jornal científico popular da Ahnenerbe, *Germanien*, informava regularmente os seus leitores sobre os projetos arqueológicos da SS.
111 Kater, *Ahnenerbe*, p. 95 e segs.
112 Ib., p. 211 e segs.
113 Ib., p. 86 e seg.
114 Ib., p. 87, bem como p. 127 e seg. e p. 265 e seg.
115 Para uma visão geral, ver Ib., p. 87 e seg.
116 No começo do verão de 1939, foi realizada uma primeira "conferência anual de trabalho", em Kiel, cujo chamariz era a etnologia e a pré-história; ver Ib., p. 104 e segs. e p. 113 e segs.
117 Essa é a avaliação de Kater. Ib., p. 121.
118 NARA, T 580/128/47, [carta de] Wüst a Sievers, 9 de janeiro de 1938; cf. Kater. *Ahnenerbe*, p. 122.
119 Ib., p. 122.
120 Ib., p. 130 e segs.
121 Ib., p. 137.
122 Ib., p. 273 e segs.
123 Ib., p. 88.
124 Ib., p. 147 e segs.
125 Ib., p. 170 e segs.
126 Ib., p. 216, p. 218 e segs., bem como p. 227 e segs.
127 A propósito disso, ver também a avaliação de Kater. Ib., p. 353 e segs.
128 Brigitte Nagel, *Die Welteislehre. Ihre Geschichte und ihre Rolle im "Dritten Reich"*, Stuttgart, 1991; Kater, *Ahnenerbe*, p. 51.
129 NARA, T 580/194/165, 19 de julho de 1936; Nagel, *Welteislehre*, p. 72 e seg.
130 Fac-símile da carta de 21 de junho de 1938 a Heydrich, em Samuel A. Goudsmit. *Alsos. The Failure in German Science*, Londres, 1947, p. 116; Nagel, *Welteislehre*,, p. 74.
131 NARA, T 580/150/229, estado-maior pessoal do RFSS, Brandt, à Ahnenerbe, 5 de dezembro de 1940, e resposta de Scultetus, 15 de maio de 1941.
132 Ib., Brandt a Sievers, 10 de setembro de 1941.
133 BAB, NS 19/3042, 26 de junho de 1942. A *Welteislehre* partia do princípio de que a Terra, ao longo de sua formação, havia "capturado" diversos planetas como luas, e que estas, mais tarde, haviam entrado em colapso.
134 BAB, NS 19/1705, repr. como anexo 28 em Nagel. *Welteislehre*; sobre a sequência dos eventos, ver Ib., p. 84 e segs.
135 BAB, NS 21/327, Sievers a Brandt, 7 de agosto de 1942, repr. como anexo 38 em Nagel. *Welteislehre*.
136 Ver acima, p. 84.
137 BAB, NS 19/212, do quartel-general de campanha para Schellenberg, 23 de fevereiro de 1945. Após a guerra, Wulff falou sobre a sua atividade: *Tierkreis und Hakenkreuz. Als Astrologe an Himmlers Hof*, Gütersloh, 1968.
138 Himmler, *Schutzstaffel*, p. 11 e seg.
139 BAB, NS 19/3165, carta do ajudante do RFSS, 17 de janeiro de 1943, ao soldado Albrecht no hospital militar da SS em Hohenlychen. Ao ser perguntado por Albrecht, Himmler lhe recomendara o estudo da astronomia. Respondendo a outra pergunta do homem da SS, o ajudante fornecera esclarecimentos adicionais sobre os planos de Himmler em relação aos observatórios.
140 A propósito dos fundamentos dessas "teorias", ver *Mythos Tibet. Wahrnehmungen, Projektionen, Phantasien*, ed. pela Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland em colaboração com Thierry Dodin e Heinz Räther, Colônia,1997; Nicholas

Goodrick-Clarke, *Die okkulten Wurzeln des Nationalsozialismus*, 2ª ed. Graz/Stuttgart, 2000. Ver NARA, T 580/186/366, Himmler ao chefe da *Ahnenerbe*,Wüst, 25 de outubro de 1937, concordando com os comentários deste sobre o livro de Sigurd Wettenhovi-Aspa, *Fenno-Ägyptischer Kulturursprung der Alten Welt. Kommentare zu den vorhistorischen Völkerwanderungen*, Helsinque, 1942. Naquela carta, Himmler partia do princípio de que outrora finlandeses e egípcios, assim como chineses e japoneses, tinham sido povos coloniais de uma "classe dominante atlântica".

141 IfZ, PS-2204, apontamentos de Himmler sobre conversa que mantivera com Hitler em 1º de novembro de 1935.

142 Heinz Corazza, *Die Samurai. Ritter des Reiches in Ehre und Treue*, Berlim/Munique, 1937; cf. Ackermann, *Himmler*, p. 68.

143 BAB, BDC, SS-O Schäfer. Schäfer nasceu em 1910. Sobre a expedição iniciada em 1934 e que se desfez no planalto central do Tibete em 1935, de modo que ele teve de empreender o caminho de volta sob condições arriscadas, Schäfer escrevera dois livros: *Unbekanntes Tibet. Durch die Wildnisse Osttibets zum Dach der Erde*, Berlim, 1937; bem como *Dach der Erde. Durch das Wunderland Hochtibet. Tibetexpedition 1934/36*, Berlim, 1938. Já no prefácio de *Unbekanntes Tibet* ele agradece a Himmler pelo incentivo recebido. Sobre o complexo como um todo, ver Reinhard Greve, "Tibetforschung im SS-Ahnenerbe", in: Thomas Hauschild (ed.), *Lebenslust und Fremdenfurcht. Ethnologie im Dritten Reich*. Frankfurt/Main, 1995, p. 168-199.

144 A exposição mais detalhada é apresentada por Peter Mierau, *Nationalsozialistische Expeditionspolitik. Deutsche Asien-Expeditionen 1933-1945*, Munique, 2006, p. 311 e segs.; ver também Greve, "Tibetforschung", p. 171 e segs.; Christopher Hale, *Himmler's Crusade. The True Story of the 1938 Nazi Expedition into Tibet*, Londres, 2003; e Kater, *Ahnenerbe*, p. 211 e seg.

145 BAB, NS 19/2709, Himmler a Schäfer, 7 de setembro de 1939. Nessa carta, o Reichsführer fez pesadas críticas a Schäfer pelo fato de este ter conversado com o almirante Canaris sobre a missão de que fora incumbido e, assim, colocado em risco a manutenção do segredo; Schäfer a Himmler, 3 de novembro de 1939, sobre o estágio dos preparativos (Ib.). A iniciativa fracassou principalmente devido aos altos custos estimados por Schäfer, da ordem de 3 milhões de Reichsmark (carta a Wolff, 6 de abril de 1940, Ib.). Sobre a iniciativa, ver Greve, "Tibetforschung", p. 177; Kater, *Ahnenerbe*, p. 212, bem como Mierau, *Expeditionspolitik*, p. 365 e segs.

146 Greve, "Tibetforschung", p. 177e segs; e Mierau, *Expeditionspolitik*, p. 394 e segs.

147 BAB, NS 19/2244, Brandt à empresa cinematográfica Tobis-Filmkunst, 24 de novembro de 1939.

148 Ib., Himmler a Schäfer, março de 1940, sem indicação de data.

149 BAB, BDC, SS-O Schäfer, carta de Himmler a Schäfer, 24 de fevereiro de 1943. O livro foi publicado em 1943 com o subtítulo *Erster Bericht der deutschen Tibet-Expedition Ernst Schäfer 1938/39*.

150 Ver BAB, NR 19/500, Otto a Brandt, Gmund, 5 de agosto de 1939. Liberação de um major da Luftwaffe para tomar parte na expedição à América do Sul. Em carta que Sievers enviou em 9 de agosto de 1939 a Himmler, na qualidade de presidente da Ahnenerbe, ele lembra a Himmler que este, em conversa com Kiss, manifestara a intenção de informar os governos da Bolívia, do Peru e do Chile sobre a viagem de pesquisa da Ahnenerbe marcada para 1940 (Ib.).

151 Edmund Kiss, *Das Sonnentor von Tihuanaku und Hörbigers Welteislehre*, Leipzig, 1937.

152 BAB, BDC, SS-O Weisthor.

153 Trata-se de uma narração de Rudolf J. Mund, publicada pela editora Volkstum, *Der Rasputin Himmlers. Die Wiligut Saga*, Viena, 1982, que se baseia, sobretudo, em cartas, anotações e informações verbais de seguidores e admiradores de Wiligut, entre os quais se inclui o autor. Goodrick-Clarke, *Wurzeln*, fornece dados mais essenciais; uma análise mais crítica é oferecida por Hans-Jürgen Lange, *Weisthor. Karl Maria Wilugut. Himmlers Rasputin und seine Erben*, Engerda, 1998.

154 Karl Maria Wiligut, "Seyfrieds Runen (Rabensteinage)", Viena, 1903, reimpresso in: Winfried Katholing, *Die Sage von Ritter Seyfried und der Rabenstein bei Znaim*, Aschaffenburg, 2003, p. 73-115.

155 BAB, NS 19/3671. Entre os escritos que Wiligut enviou a Himmler havia o artigo "Gotos Raunen — Runenwissen!", publicado na revista *Hagal* em julho de 1934, com uma dedicatória pessoal de Wiligut; um poema mitológico em sete versos; um "idílio mitológico"; algumas cartas, bem como um "Ur-Vatar-unsar!" [oração do "Pai-Nosso" em antigo idioma germânico]. Os documentos foram reproduzidos em Lange, *Weisthor*. Em 1938 Wiligut também preparou para Himmler um comentário abrangente sobre um livro dedicado ao pai de Himmler: *Erklärung der Gebräuche bei der Ausstellung der Heiligen Sakramente in der rechtgläubigen Kirche* (W. Michailowskij, São Petersburgo, 1870, NS 19/3944).

156 BAB, NS 19/3670 (sem indicação de data).

157 BAB, NS 19/3671, ao meu Reichsführer-SS Heinrich Himmler em sinal de lealdade alemã!, vistado por Himmler em 1º de maio de 1934.

158 Ib., vistado por Himmler em 17 de junho de 1936.

159 BAB, BDC, SS-O Weisthor, promoção em 9 de novembro de 1936.

160 Ib., Carta de Wolff a Pancke, 5 de fevereiro de 1939, segundo a qual Weisthor teria se desligado da SS "por sua própria vontade, em virtude de sua idade e de suas condições precárias de saúde, com efeito a partir de 01.01.39".

161 Ib., Chefe do estado-maior pessoal, Wolff, a Schmitt, 22 de agosto de 1939.

162 BAB, NS 19/1573, correspondência entre Brandt e Wiligut, que se encontrava em Salzdetfurt para se tratar do reumatismo, 18 de agosto a 11 de setembro de 1940.

163 *Dienstkalender*, 28 de novembro de 1941, almoço com o coronel Wiligut, sra. Ruppmann e sra. Baltrusch.

164 Discurso de 1938, in: Himmler, *Geheimreden*: 79.

165 "Zur Erkenntnis deutschen Wesens. Julzeit — heilige Zeit", in: *Germanien* 8 (1936), p. 369-372, p. 371; cf. Huber, *Porzellan-Manukfaktur*, p. 133 e segs.

166 BAB, NS 19/4003, discurso durante encontro de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.

167 BAB, NS 19/4004, discurso durante conferência de Gruppenführer realizada em Munique, no Führerheim der SS-Standarte Deutschland, em 8 de novembro de 1937.

168 Knoll, "Porzellanmanufaktur", p. 122 e seg. Huber, *Porzellan-Manufaktur*, p. 24, chega a mencionar o número de 60 mil.

169 BAB, NS 19/457, carta de Himmler a Diebitsch, 9 de junho de 1939, bem como estado-maior pessoal (Brandt) ao estado-maior pessoal de Munique, 5 de abril de 1940 (Ib.); cf. Huber, *Porzellan-Manufaktur*, p. 136 e seg.

170 Ib., p. 136. Os *Lebensleuchter* existiam também em versão para crianças e chamados de *Kinderfriesleuchter* [luminária com friso em motivo infantil].
171 Diversas cartas em BAB, NS 19/3034 e 3666.
172 BAB, NS 19/3901, ordem quanto à concessão dos anéis com a insígnia da caveira, 10 de abril de 1934. Depois disso, receberam o anel todos os dirigentes da SS, do Sturmführer para cima, que haviam ingressado na organização antes de 1933 e que pertenciam a ela por, no mínimo, dois anos, ou que haviam ingressado depois de 30 de janeiro de 1933 e a integravam por três anos, bem como, após dois anos de filiação, todos os dirigentes da SS que, por pertencerem à Reichswehr e à polícia da SS, não puderam ingressar na organização antes de 30 de janeiro de 1933. Para mais detalhes sobre o anel, ver Klaus D. Partzwall, *Der SS-Totenkopfring. Seine illustrierte Geschichte 1933-1945*, 4ª ed. revisada, Norderstedt, 2002, p. 58 e seg.
173 Ver, por exemplo, BAB, BDC, SS-O Daluege, Himmler a Daluege, 24 de dezembro de 1933.
174 Ib., Himmler a Daluege, 15 de setembro de 1933.
175 BAB, NS 19/4003, discurso durante conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
176 Ib. De início ficou por isso mesmo, ver BAB, NS 19/3081, carta do estado-maior pessoal à sra. Gahr, 8 de junho de 1939, bem como correspondência adicional sobre o esboço finalmente apresentado.
177 Exemplos em BAB, NS 19/3034 E 3666; cf. Gudron Schwarz, *Eine Frau an seiner Seite. Ehefrauen in der "SS-Sippengemeinschaft"*, Hamburgo, 1997, p. 64.
178 Ackermann, *Himmler*, p. 66.
179 BAB, NS 19/1148, encaminhado ao RFSS em carta de 17 de abril de 1937; repr. e comentado em Schwarz, *Frau*, p. 53 e segs.
180 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião do encontro de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936. Ver também discurso proferido na cerimônia de casamento do Sturmbannführer Deutsch, 2 de abril de 1936 (Ib.).
181 Instruções sobre a conformação das *Namensweihen*, antiga coleção Schumacher (BAB), explanada detalhadamente em Ackermann, *Himmler*, p. 84 e segs.
182 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião do congresso de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
183 A ata da cerimônia foi reproduzida em forma de fac-símile em Lang, *Adjutant*, p. 43 e seg.
184 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
185 NARA, T 580/143/167, circular 5/38, 30 de setembro de 1938.
186 BAB, NS 19/4005, discurso em Alt-Rehse.
187 BAB, NS 19/3667, relação das comemorações de solstício das quais o RFSS teria participado.
188 BAB, NS 2/6, carta de Wolff ao RuSHA, 26 de outubro de 1936.
189 BAB, NS 2/54, 28 de fevereiro de 1938.
190 BAB, NS 19/530, relatório resumido do Departamento Central da SS, 25 de outubro de 1938, no anexo aos relatórios de chefes SS superiores, que haviam sido redigidos por determinação do estado-maior pessoal.
191 "Frühjahrswettkampf der SS", in: *SS-Leitheft* 3 (1937), 1º caderno, p. 45-47, bem como "Sonnenwendkämpfe der SS", in: *SS-Leitheft* 3 (1937), 3° caderno, p. 62-64 (para a segunda citação).
192 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, no Führerheim der SS-Standarte Deutschland, 8 de novembro de 1937.
193 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
194 BAB, NS 19/2240, correspondência do estado-maior pessoal referente aos "versos da luz" para as comemorações de 1936 e 1937.
195 Ib., 16 de novembro de 1937; cf. Ackermann, *Himmler*, p. 65; e Schwarz, *Frau*, p. 63.
196 BAB, NS 19/1312, Brandt a Ellersiek, 8 de novembro de 1938.
197 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936. Destaque no original.
198 Ib., Conferência de Gruppenführer, 8 de novembro de 1936; de modo semelhante também em BAB, NS 19/4004, Conferência de Gruppenführer em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937.
199 BAB, NS 2/231, 16 de abril de 1940.
200 BAB, NS 19/4003, Conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
201 Schwarz, *Frau*, p. 57, referindo-se a uma carta do chefe do Departamento Central da *SS* de outubro de 1935.
202 BAB, NS 19/4003, Conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
203 *Diários de Goebbels*, 21 de agosto de 1935.
204 BAB, NS 2/56, diretrizes do RFSS para as noites da camaradagem, 22 de fevereiro de 1941.
205 Dok. PS-1992 (A), in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs.
206 Karl Hüser, *Wewelsburg 1933-1945. Kult- und Terrorstätte der SS. Eine Dokumentation*, Paderborn, 1982, p. 11 e segs.
207 Ib., p. 26 e segs.
208 Ib., p. 23 e segs.
209 BAB, NS 19/3901, ordem de 6 de novembro de 1935.
210 Hüser, *Wewelsburg*, p. 24.
211 Ib., p. 32 e seg.
212 Ib., p. 61 e segs.
213 NS 19/3667, relação dos convidados do RFSS ao castelo de Wewelsburg de 1935 a 1938. A respeito das reuniões de 12 e 13 de maio, 25 e 26 de maio, bem como 1º de julho de 1935, ver BAK, NL 1126/27, agenda para 1935; sobre os dias 4 a 6 de fevereiro, bem como 7 a 9 de maio de 1937, ver a agenda para o ano de 1937 (Wildt, "Terminkalender", p. 689).
214 Discurso de 8 de novembro de 1938, in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., aqui p. 26.
215 Hüser, *Wewelsburg*, p. 43 e seg.
216 Ib., p. 65.

217 BAB, NS 19/1446, durante a visita de Himmler ao castelo de 15 a 18 de janeiro de 1939.
218 BAB, NS 19/1446; essa instrução não tem data (também repr. In: Ackermann, *Himmler*, doc. nº 21).
219 Discurso de 1938, citado in: Himmler, *Geheimreden*, p. 79. BAB, NS 19/3901, determinação de Himmler referente à devolução dos anéis da caveira dos homens da SS mortos em batalha ao departamento central de pessoal, 6 de dezembro de 1939.
220 BAB, NS 19/4004, discurso em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937. Cf. Ackermann, *Himmler*, p. 105.
221 A correspondência se encontra no arquivo pessoal de numerosos dirigentes da SS (BAB, BDC, SS-O).
222 Hüser, *Wewelsburg*, p. 50 e segs.
223 Uta Halle, "*Die Externsteine sind bis auf weiteres germanisch!" Prähistorische Archäologie im Dritten Reich*, Bielefeld, 2002, p. 180 e segs.
224 BAB, NS 19/1631, carta de Wolff a Galke, que, no estado-maior pessoal, era quem estava encarregado de assuntos relativos aos *Externsteine*, 27 de abril de 1937.
225 Ib., Himmler a Galke, 5 de novembro de 1937.
226 Ib., Himmler a Galke, 4 de novembro de 1937.
227 Ib., 20 de abril de 1940.
228 Isso se conclui de sua carta de 20 de abril de 1940 (Ib.).
229 Hitler, *Monologe*, 4 de fevereiro de 1942.
230 Justus H. Ulbricht, "'Heil Dir, Wittekinds Stamm'. Verden, der 'Sachsenhain' und die Geschichte völkischer Religiosität in Deutschland", in: *Heimatkalender für den Landkreis Verden*, 1995, p. 69-123, bem como 1996, p. 224-267, esp. p. 245 e segs.
231 *Verdener Anzeigenblatt* de 22 de junho de 1935, citado de acordo com Ulbricht,"'Heil Dir'", p. 258.
232 Ib., p. 97 e seg.
233 BAB, NS 19/3666, carta do estado-maior pessoal a Diebitsch acerca das ordens que Himmler teria emitido por ocasião de sua visita em 18 de junho de 1938.

**O estilo de liderança de Himmler**

1 PRO, WO 208/4474, Dossiê Himmler, declaração de Josef Kiermaier, que era responsável pela segurança pessoal de Himmler, 5 de agosto de 1945. Ver também a declaração do ajudante de Himmler, Rudolf Brandt, no Processo de Nuremberg contra os médicos, repr. in: *Der Nürnberger Ärzteprozess 1946/47. Wortprotokolle, Anklage- und Verteidigungsmaterial, Quellen zum Umfeld*, a pedido da Fundação para a História Social do Século XX, ed. por Klaus Dörner et al., rev. por Karsten Linne, Munique, 1999, p. 4933 e segs. A agenda de trabalho de Himmler, que está disponível no período de 1941-1942, mostra que ele raramente começava a trabalhar antes de 10h da manhã — muitas vezes mais tarde — e que ele costumava marcar reuniões até altas horas da noite. O coronel do Estado-Maior, Eismann, militar mais próximo de Himmler, na qualidade de comandante do grupo de Exército Vístula, destaca em suas memórias que Himmler costumava iniciar o expediente às 10h30 (BAM, N 265/127, anotações do cel. Eismann).
2 BAB, NS 19/4009, discurso por ocasião da conferência dos dirigentes de polícia no quartel-general de Hegewald, 16 de setembro de 1942.
3 Trata-se aqui de um dos quatro álbuns da família Himmler que foram entregues ao arquivo do Museu do Holocausto (Estados Unidos) em 2004.
4 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião das festividades do solstício na montanha Brocken, 22 de maio de 1936.
5 BAB, NS 19/4013, discurso em 5 de maio de 1944 em Sonthofen.
6 OA Moscou, arquivo Himmler. Em 1934, redigiu um texto sobre si mesmo que continha informações falsas sobre a sua conclusão do curso secundário e sobre o serviço militar prestado "em campanha".
7 BAB, NS 19/1718, carta de 30 de outubro de 1933 a Ferdinando Bruger em resposta à solicitação deste de 13 de agosto de 1933.
8 BAB, BDC, SS-O Johst, Johst para Himmler, 30 de abril de 1942, e resposta de Himmler, 14 de maio de 1942; ver Rolf Düsterberg, *Hanns Johst:*"*Der Barde der SS*". *Karrieren eines deutschen Dichters*, Paderborn etc., 2004, p. 290.
9 BAB, NS 19/3666, nota de arquivo para o SS-Oberführer Von Alvensleben, 5 de dezembro de 1938.
10 OA Moscou, arquivo Himmler, troca de correspondência com o estúdio fotográfico, 17 e 27 de junho de 1938.
11 Ib., Wolff à tesouraria RFSS, 2 de junho de 1937.
12 BADH, ZM 766 A 19, relatórios de despesas de viagem do RFSS dos anos de 1939 e 1940.
13 PRO, WO 208/4474, arquivo Himmler, declaração de Josef Kiermaier, 5 de agosto de 1945; ver também declaração de teor semelhante do ajudante de Himmler, Rudolf Brandt, no Processo de Nuremberg contra os médicos, repr. in: *Nürnberger Ärzteprozess*, p. 4978, bem como — no que tange à falta de pretensão do RFSS — os registros do coronel Eismann (BAM, N 265/127).
14 Otto Wagener, *Hitler aus nächster Nähe. Aufzeichnungen eines Vertrauten 1929-1932*. Frankfurt/am Main, 1978, p. 76 e segs.
15 Albert Speer, *Erinnerungen*, Berlim, 1969, p. 382.
16 A complicada administração do controle dos presentes fica clara, por exemplo, nos arquivos BAB, NS 19/116, 424, 569, 1076, 3535, 3972 e 4044. Os arquivos pessoais do RFSS (BDC) também contêm um resumo dos presentes recebidos.
17 BAK, NL 1126/7, agenda de 1935, registro de 28 de dezembro de 1935.
18 BAB, NS 19/4003, 22 de maio de 1936. Himmler se atinha a esse desejo, conforme informou ao chefe do RuSHA, Hildebrandt, em 17 de dezembro de 1943 (NS 19/1047).
19 Casos duvidosos eram decididos por Himmler pessoalmente. Quando, em abril de 1940, o Untersturmführer Küchlin corria o risco de ser excluído da SS, pois na genealogia deste fora encontrado um antecedente nascido em 1663, de religião "mosaica", Himmler, após conversa com Küchlin, determinou que o caso fosse reexaminado e permitiu que o Untersturmführer permanecesse na SS até o esclarecimento definitivo do caso. A justificação de Himmler era, no mínimo, excêntrica: ele dizia não acreditar que o tal antecedente fora, de fato, judeu, uma vez que a filha dele se casara com o dono de uma taberna chamada "Zum Wilden Mann" [O

Homem Selvagem]; ele sabia que os donos de estabelecimentos com nomes como esse eram "bastante conscientes de sua raça e, em seu íntimo, eram homens não cristãos e membros […] de organizações secretas pagãs", que certamente não teriam permitido um casamento com um judeu (BAB, NS 19/453).

20 A "postura de um homem livre superior", disse Himmler em discurso aos integrantes da Juventude Hitlerista em 22 de maio de 1936, era mais importante do que características exteriores (Himmler, *Geheimreden*, p. 61 e seg.).

21 A propósito das análises para a admissão, ver, principalmente, BAB, NS 2/53, ordem de Himmler quanto à comprovação de ascendência ariana e saúde genética, 13 de julho de 1934. Em 1936, Himmler determinou que os candidatos que haviam enviado os pedidos de admissão nos dois anos anteriores deveriam ser admitidos na SS antes mesmo da conclusão das avaliações de sua ascendência (NS 2/166, ordem de Himmler de 1º de outubro de 1936). Ver também a sua ordem de abril de 1935 (NS 2/280), bem como de 26 de maio de 1939 (NS 2/152). Outras determinações pertinentes se encontram nos dossiês NS 2/166 e NS 31/279; ver também Heinemann, Rasse, p. 59 e segs.

22 BAB, NS 2/152, carta do chefe do RuSHA, 2 de agosto de 1939.

23 Ib., carta do RuSHA, 22 de março de 1938.

24 BAB, NS 2/166, ordem de 20 de maio de 1935, reproduzida em carta de 3 de junho de 1936.

25 Doc. PS-1992 (A), palestra de Himmler sobre a natureza e as atribuições das SS proferida durante treinamento nacional político da Wehrmacht, de 15 a 23 de janeiro de 1937, in: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., aqui p. 210.

26 Heinemann, *Rasse*, p. 61.

27 BAB, NS 2/152, circular do RuSHA, 22 de dezembro de 1939.

28 BAB, NS 19/1047, Hildebrandt a Himmler, 1º de dezembro de 1943, bem como resposta de Himmler de 17 de dezembro de 1943, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, Nº 288a.

29 BAB, NS 19/4002, discurso por ocasião do congresso dos dirigentes do SS-Oberabschnitt Süd-Ost em Breslau, 19 de janeiro de 1935; ver também Ackermann, *Himmler*, p. 106 e segs. Himmler descreveu a "trajetória" do homem da SS de modo semelhante também em outros discursos: NS 19/4005, discurso no acampamento de Ahrenshoop perante líderes, educadores e jovens do Napola (instituto de educação nacional política), 3 de julho de 1938; Doc. PS-1992 (A), palestra de Himmler sobre a natureza e as atribuições das SS por ocasião de um treinamento nacional político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937. In: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs.

30 BAB, NS 2/86, anotação de Caesar, reunião com o Reichsführer-SS, 21 de novembro de 1938.

31 Esses catálogos de virtudes encontram-se, por exemplo, nos seguintes discursos: BAB, NS 19/4005: discurso em Znaim, 11 de dezembro de 1938; NS 19/4009: Den Haag, 17 de maio de 1942; NS 19/4013: discurso ante a 13ª Divisão de Montanha, 11 de janeiro de 1944; *Berliner Tageblatt* de 15 de junho de 1937: notícia sobre o discurso por ocasião da inauguração do monumento em homenagem ao *Gauleiter* Loeper: Stassfurt-Leopoldshalle, 13 de junho de 1937.

32 Himmler. *Schutzstaffel*, p. 23 (discurso de 12 de novembro de 1935 em Goslar).

33 Segundo a interpretação convincente de Birn: *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 365 e segs. Sobre lealdade, ver também Ackermann, *Himmler*, p. 149 e segs.

34 *SS-Leitheft* 11 (janeiro de 1937), p. 29 e seg.

35 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., aqui p. 43.

36 Ackermann, *Himmler*, p. 150.

37 Ib.

38 NS 19/3902, ordem de 9 de novembro de 1936; cf. Ackermann, *Himmler*, p. 119 e seg.

39 Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 367 e segs.

40 BAB, BDC, SS-O Eicke, 6 de outubro de 1937. Outras declarações de lealdade (além daquelas mencionadas no texto e nos exemplos fornecidos por Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 363 e segs.) encontram-se, entre outros, in: BDC, SS-O Gerhard Klopfer, 12 de dezembro de 1942, por ocasião de sua promoção; SS-O Albin Rauter, 20 de junho de 1943 (promoção); SS-O Friedrich Wilhelm Krüger, 7 de outubro de 1938 (aniversário); SS-O Heissmeyer, carta de agradecimento pelo *Julleuchter*, 6 de janeiro de 1936; SS-O Alfred Wünnenberg, carta pela passagem do ano, 15 de dezembro de 1942.

41 BAB, BDC, SS-O Rediess, 22 de dezembro de 1935, também repr. em Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 370.

42 Ib., p. 376 e seg.

43 BAB, BDC, SS-O Martin, 3 de agosto de 1944.

44 BAB, BDC, SS-O Fegelein, 5 de outubro de 1943.

45 BAB, BDC, SS-O Jeckeln, 18 de maio e 1º de junho de 1944.

46 Ib., 7 de novembro de 1944; já citada por Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 394.

47 BAB, BDC, SS-O Fitzthum, 4 de setembro de 1940.

48 Birn. *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 375 e seg.; Hans Buchheim, "Befehl und Gehorsam", in: idem et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed. Munique, 1999, p. 213-320, p. 235; Ackermann, *Himmler*, p. 152 e segs.

49 BAB, NS 19/1667, Berger a Himmler, 28 de julho de 1943; BDC, SS-O Steiner, carta de Himmler de 25 de agosto de 1942. Birn, *Die Höheren SS-und Polizeiführer*, p. 381, cita, sobretudo, os exemplos de Woyrsch e Alvensleben que, apesar de seus desempenhos faltosos, puderam manter a relação de lealdade para com o Reichsführer. Também é revelador nesse sentido o exemplo Eicke (ver acima p. 162 e seg.).

50 Himmler, *Schutzstaffel*, p. 23.

51 Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 379.

52 BAB, NS 19/4005, discurso em Znaim, 11 de dezembro de 1938.

53 BAB, NS 2/50. Para compreender o que Himmler entendia por decência, ver Ackermann, *Himmler*, p. 153 e segs.

54 BAB, NS 19/4002, discurso por ocasião da convenção de dirigentes do SS-Oberabschnitt Sudeste em Breslau, 19 de janeiro de

1935.

55 BAB, NS 19/4010, 4 de outubro de 1943, repr. como: Dok. PS-1919 in: *IMT*, vol. 29, p. 110 e segs., citação p. 145.

56 BAB, NS 19/4003, também reproduzido como: Himmler, *Rede des Reichsführers-SS vor den Preussischen Staatsräten.*

57 BAB, NS 19/4010, 4 de outubro de 1943, repr. como: Doc. PS-1919 in: *IMT* 29, p. 110 e segs., citação p. 123.

58 BAB, NS 19/4013, discurso em Salzburgo, 14 de maio de 1944.

59 BAB, NS 19/4011, discurso por ocasião do congresso do Comando da Marinha de Guerra, 16 de dezembro de 1943.

60 Ver acima p. 113.

61 BAB, NS 2/59, Brandt a todos os chefes de *Hauptamt*, 28 de julho de 1942 (citação extraída de uma carta de Himmler a Pohl, do mesmo dia).

62 BAB, NS 19/3973, compilação de dezembro de 1940, repr. in: Ackermann, *Himmler*, p. 262 e segs. A brochura *Rassenpolitik*, publicada em 1943 pelo *SS-Hauptamt*, relaciona como "princípios básicos da SS": lei do casamento, lei da honra, determinações quanto à associação Lebensborn, princípio básico de assistência aos órfãos e às viúvas, bem como as ordens das SS para os últimos filhos homens (p. 57 e segs.). A relação dos *Grundgesetze*, em 30 de outubro de 1942 (coleção de decretos, BAK, NSD 41/39, p. 232 e segs., repr. em Bianca Vieregge. *Die Gerichtsbarkeit einer "Elite". Nationalsozialistische Rechtsprechung am Beispiel der SS- und Polizeigerichtsbarkei*t, Baden-Baden/Berlim, 2002, p. 256 e segs.), inclui, adicionalmente: determinações acerca da "völkische Selbstachtung" [autoestima völkisch] de 10 de abril de 1939, proibição aos integrantes em geral e aos policiais das SS de se relacionarem e sobretudo de manterem relações sexuais com pessoas de "outras raças", bem como a determinação "Taktvolle Haltung gegenüber Andersgläubigen [postura diplomática no trato com pessoas de outras religiões]" de 15 de setembro de 1934. Segundo afirma o chefe do Departamento Central dos Tribunais SS em abril de 1940, Himmler pretendia deixar a compilação final dos princípios básicos para depois da guerra (BAB, NS 7/3, divulgação de 1º de abril de 1940).

63 IfZ, PS-2204, nota de arquivo de Himmler sobre palestra com Hitler em 1º de novembro de 1935.

64 Ver *Schied- und Ehrengerichtsordnung der SS.* Miesbach, por volta de 1935. Os tribunais arbitrais atuavam nos casos que não se enquadravam na jurisdição disciplinar.

65 BAB, BDC, SS-O Kaul. Em vista do conflito entre o Brigadeführer Kaul e o Oberführer Unger, o Oberabschnittsführer von dem Bach-Zelewski havia sugerido um duelo (carta de Von dem Bach-Zelewski de 12 de maio de 1936 a Heissmeyer; parecer de Himmler de 31 de maio de 1936).

66 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique no *Führerheim der SS-Standarte Deutschland*, 8 de novembro de 1937.

67 BAB, NS 7/218, ordem de Himmler de 5 de janeiro de 1943 quanto à preservação do casamento durante a guerra. Himmler cita, aqui, uma ordem do Führer para a Wehrmacht, que, analogamente, também valeria para as SS.

68 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique no *Führerheim der SS-Standarte Deutschland*, 8 de novembro de 1937.

69 BAB, NS 19/3901, 15 de agosto de 1942.

70 Ib., 11 de novembro de 1935.

71 BAB, NS 19/3903, 3 de fevereiro de 1940.

72 BAB, BDC, SS-O Heydrich, nota de arquivo, 2 de maio de 1937. A proibição se referia a Heydrich e Weitzel.

73 BAB, NS 19/3901, 1º de julho de 1936 e 4 de maio de 1939.

74 Ib., 31 de maio de 1939.

75 Ib., Ordem de 13 de junho de 1940.

76 Sobre a questão dos treinamentos na SS, ver Heinemann, *Rasse*, p. 62 e segs., bem como a coletânea reunida por Jürgen Matthäus et al., *Ausbildungsziel Judenmord?*, que inclui a contribuição de Jürgen Matthäus: "Die 'Judenfrage' als Schulungsthema von SS und Polizei. 'Inneres Erlebnis' und Handlungslegitimation", p. 35-86.

77 Heinemann, *Rasse*, p. 116 e segs.

78 Ib., p. 94 e segs. O primeiro caderno surgiu em fins de 1935, mas foi recolhido.

79 Ib., p. 96 e segs.

80 BAB, NS 31/234, ordem de 1º de setembro de 1931; Heinemann, *Rasse*, p. 99 e segs., no entanto, não vê essa ordem como um passo no sentido de desautorizar o RuSHA, mas algo motivado por dificuldades financeiras.

81 Lista em BAB, NS 2/64; Heinemann, *Rasse*, p. 100.

82 BAB, NS 19/580, ordem de Himmler de 12 de fevereiro de 1939 sobre a preparação de casas para as equipes. Nesse arquivo também se encontra uma lista das casas já existentes e as que deveriam ser construídas em seguida, situação em 22 de junho de 1939; cf. Heinemann, *Rasse*, p. 92 e seg.

83 BAB, NS 2/277, instrução de serviço do chefe do RuSHA de 16 de outubro de 1934, repr. in: Matthäus et al., *Ausbildungsziel Judenmord?*, Doc. nº 1.

84 BAB, NS 2/277, ordem de Himmler referente ao treinamento ideológico da SS, 28 de junho de 1937, repr. em Matthäus et al., *Ausbildungsziel Judenmord?*, Doc. nº 7.

85 "Schulung hat nichts mit Schule zu tun", in: *Das Schwarze Korps* de 17 de fevereiro de 1938.

86 BAB, NS 2/277, instruções do chefe do RuSHA quanto à realização do treinamento ideológico, 17 de fevereiro de 1936, repr. in: Matthäus et al., *Ausbildungsziel Judenmord?*, Doc. nº 3. O cronograma inicial não pôde ser cumprido; a duração do treinamento básico teve de ser estendida por mais uma vez por cinco meses. Ver Matthäus, "'Judenfrage'", p. 46.

87 Os *Leithefte* 1 e 2 se ocupavam de temas relativos ao sangue e ao solo, bem como de questões que concerniam aos camponeses; o 3, de questões relativas aos judeus; o 4, da maçonaria e do bolchevismo; os *Leithefte* 5 e 6 continham textos sobre a história alemã; e o 7 ocupava-se das tradições.

88 "Frühjahrswettkampf der SS", in: *SS-Leitheft 3* (1937), Caderno 1, p. 45-47; "Sonnenwendkämpfe der SS", in: *SS-Leitheft 3* (1937), Caderno 2, p. 62-64.

89 Ano 3 (1937), Caderno 2 e 4-6, bem como em diversas outras contribuições.
90 “Das Sonntagsmädel. Eine Geschichte zur richtigen Fauenwahl”, in: *SS-Leitheft 7* (1941), caderno 4b, p. 7-9, bem como “Gegensätze ziehen einander an … oder: gleich und gleich gesellt sich gern. Eine Unterhaltung über die rechte Frauenwahl”, in: *SS-Leitheft 7* (1941), caderno 12a, p. 23-24.
91 *SS-Leitheft 6* (1940), caderno 6b, anexo: Feier und Freizeit, nisso: “Für die Familie”; “Geburt und Namensgebung”, in: *SS-Leitheft 2* (1936), caderno 7, p. 53-56.
92 “Held oder Tor?”, in: *SS-Leitheft 2* (1936), caderno 12, p. 9-12; “Canossa”, in: *SS-Leitheft 3* (1937), caderno 4, p. 40-46; “Heinrich der Löwe”, in: *SS-Leitheft 3* (1937), caderno 6, p. 9-19.
93 BAB, NS 2/86, anotação de Caesar, reunião com o RFSS, 21 de fevereiro de 1938; para mais detalhes, ver também as ordens quanto aos treinamentos emitidas por Himmler, sem data (citado de acordo com a antiga Coleção Schumacher/238 I [BAB]).
94 BAB, NS 19/4011, discurso por ocasião do congresso dos comandantes da marinha de guerra, em 16 de dezembro de 1943. Himmler se referia enfaticamente aos *Leithefte*. De modo semelhante: NS 19/4012, discurso durante seminário dos chefes dos departamentos de propaganda, em 28 de janeiro de 1944, bem como NS 19/4014, discurso diante de generais da Wehrmacht, 21 de junho de 1944.
95 A partir do Caderno 4 do terceiro ano (1937), os *SS-Leithefte* continham, sob a rubrica “Aus deutscher Geschichte” [da História Alemã], diversas histórias dessa natureza: neste Caderno, por exemplo, J. v. Leers, “Stellinga”, p. 13-18; id.: “König Heinrich I.”, p. 26-30; K. Pastenaci, “Der Wiking Leif entdeckt Amerika!”, p. 19-25. Essa prática continuaria nos anos seguintes, só que com outra apresentação.

**Himmler como educador**

1 Para este trabalho foram considerados todos os SS-Gruppenführer (e detentores de patentes mais altas) que tinham obtido seus títulos entre meados de 1937 e 1944 (listas de anos de serviço de 1937, 1943 e 1944, que se encontram no ifZ).
2 BAB, BDC, SS-O Gille, *currículo* bem como carta de seu irmão Kurt Gille a Himmler, de 7 de maio de 1934.
3 Ib., Herbert Gille a Himmler, 6 de maio de 1934; Kurt Gille a Himmler, 7 de maio de 1934 (também se refere à prisão de Herbert.).
4 Ib., Avaliação, 24 de maio de 1934.
5 Ib., Avaliação, 1º de outubro de 1940.
6 BAB, BDC, SS-O Lörner, *currículo.*
7 BAB, BDC, SS-O Oberg, *currículo* de 12 de março de 1933.
8 BAB, BDC, SS-O Pancke, *currículo* de 19 de novembro de 1935.
9 BAB, BDC, SS-O Hofmann, *currículo*.
10 BAB, BDC, SS-O Ebrecht, *currículo* de 9 de março de 1935; Birn. *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 333.
11 BAB, BDC, SS-O Ebrecht, sentença de 28 de novembro de 1938.
12 Ib., Anúncio do nascimento da filha Hela, 23 de fevereiro de 1940; em 14 de julho de 1941 Ebrecht agradece a Hildebrandt pelas felicitações recebidas por ocasião do nascimento da filha Antje.
13 BAB, BDC, SSO Rauter, currículo de 15 de fevereiro de 1935.
14 Ver acima, p. 138 e segs.
15 BAB, BDC, SS-O Behrends, dentre outros, currículo de 16 de fevereiro de 1932.
16 BAB, BDC, SS-O Ohlendorf; Sowade, “Otto Ohlendorf”.
17 BAB, BDC, SS-O Fegelein, currículo.
18 BAB, BDC, SS-O Katzmann, currículo.
19 BAB, BDC, SS-O Rösener, currículo de 4 de março de 1937.
20 BAB, BDC, SS-O Jeckeln, Himmler a Jeckeln, 26 de julho de 1939; resposta de Jeckeln de 28 de julho de 1939; relatório do Oberscharführer da NSKK Heinz W. Hussmann de 26 de junho de 1939.
21 BAB, BDC, SS-O Kaul, carta de Kaul ao chefe de Pessoal, Schmitt, 22 de maio de 1936; Unger ao departamento de Pessoal, 22 de maio de 1936. O incidente ocorrera em 8 de maio de 1936.
22 Ib., Von dem Bach-Zelewski a Heissmeyer, 12 de maio de 1936; Himmler a Von dem Bach-Zelewski, 31de maio de 1936. Segundo o entendimento de Von dem Bach-Zeleweski, a solução adequada para o conflito teria sido um duelo, coisa que Himmler também descartou.
23 BAB, BDC, SS-O Bürger, carta de Bürger a Himmler, 16 de fevereiro de 1942, e resposta de Himmler de 1º de março de 1942.
24 BAB, NS 19/3939, instrução do RFSS de 24 de outubro de 1942.
25 BAB, BDC, SS-O Kleinheisterkamp, carta de Himmler de 9 de outubro de 1942.
26 BAB, NS 19/4005, discurso de 11 de dezembro de 1938.
27 BAB, NS 19/4003, discurso perante a Juventude Hitlerista em 22 de maio de 1936, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 89.
28 BAB, BDC, SS-O Gottberg, termo de compromisso de Von Gottberg de 12 de agosto de 1936.
29 BAB, BDC, SS-O Rahn, carta de 28 de agosto de 1937.
30 BAB, NS 7/245, notificação do juiz da SS junto ao RFSS dirigida ao Departamento Central dos Tribunais SS, 18 de agosto de 1942.
31 Também no caso de Harald Turner, chefe adjunto do *Rasse- und Siedlungshauptamt*, Himmler reagiu de modo relativamente brando à gafe que aquele cometera sob o efeito do álcool, e, em vez de afastá-lo das fileiras das SS, o que teria sido a atitude adequada, preferiu transferi-lo para o front. Do afastamento da SS, ressaltou, ele abrira mão. (BAB, BDC, SS-O-Turner, Himmler a Herff e Hildebrandt, 13 de janeiro de 1945).
32 BAB, NS 7/245. Em 22 de janeiro de 1942, Himmler determinou que, no caso de faltas cometidas por membros da SS e da polícia, não se deveria ver o abuso de álcool como motivo para um abrandamento da punição e sim “para uma intensificação da pena”.
33 Doc. PS-1992 (A), palestra proferida por Himmler sobre o caráter e a incumbência da SS por ocasião de um seminário nacional

político da Wehrmacht, 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. em *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs.

34 BAB, NS 7/245, juiz da SS junto ao RFSS para o Departamento Central dos tribunais SS em 21 de julho de 1941 sobre a ideia de Himmler de aplicar nesses casos como pena uma "internação para desintoxicação". Glücks, que estava encarregado dos detalhes, sugeriu em carta de 23 de julho de 1941 ao RFSS como local o campo de concentração de Buchenwald; em 18 de agosto de 1941, o juiz da SS comunicou a Glücks a concordância de Himmler. Da carta do Departamento Central dos tribunais SS de 18 de novembro de 1941 ao estado-maior pessoal, depreende-se que a internação dos primeiros quatro candidatos já estava em andamento.

35 BAB, NS 7/24, juiz da SS a Glücks, 18 de agosto de 1942, sobre as ideias e ordens de Himmler quanto à internação para cura do vício que o estado-maior pessoal enviara a Glücks em 24 de outubro de 1941. O Departamento Central dos Tribunais SS finalmente reuniu as determinações sobre a ordem da internação para desintoxicação em um decreto de 28 de março de 1942.

36 BAB, NS 7/245, carta do juiz da SS ao Departamento Central dos Tribunais SS, 5 de janeiro de 1942.

37 BAB, NS 2/2, ordem do RFSS de 25 de junho de 1937.

38 BAB, BDC, SS-O Bach-Zelewski, troca de correspondência dos anos de 1935 a 1938.

39 BAB, BDC, SS-O Moder, 15 de outubro de 1937.

40 BAB, BDC, SS-O Hennicke, Ludwig Guldener ao RFSS, 9 de setembro de 1938.

41 BAB, BDC, SS-O Otto Hofmann, nota de arquivo do chefe da divisão III, 28 de agosto de 1934.

42 BAB, BDC, SS-O Rösener, Rösener a Schmitt, 14 de outubro de 1938; resposta de Schmitt, 12 de novembro de 1938.

43 BAB, BDC, SS-O Bürger, 16 de janeiro de 1940; resposta de Bürger, 28 de fevereiro de 1940, na qual ela basicamente se desculpa pelo pedido que fizera.

44 BAB, BDC, SS-O Alvensleben, carta de Von Alvensleben de 11 de dezembro de 1934.

45 Ib., Tomada de posição de Himmler, 25 de outubro de 1934.

46 Ib., Nota de arquivo sobre a reunião de 26 de julho de 1937.

47 BAB, NS 2/3, Portaria do RFSS de 25 de junho de 1937.

48 BAB, BDC, SS-O Alvensleben, carta de Von Alvensleben ao diretor-geral Rudolf Stahl, agosto de 1938, na qual ratifica que ele atuaria como "consultor pessoal" de Stahl e confirma a autorização de Himmler. Remessa da minuta do acordo com Stahl a Wolff, 26 de agosto de 1938; autorização de Himmler mediante carta de Wolff a Von Alvensleben, 24 de novembro de 1938.

49 BAB, NS 2/5, Stabsbefehl [ordem do Estado-maior] 22/36, 10 de dezembro de 1936.

50 BAB, BDC, SS-O Backe, carta de Himmler a Herbert Backe de 30 de junho de 1938; contém também as informações sobre a contratação do primeiro empréstimo de um milhão de Reichsmark.

51 BAB, NS 19/4004, conferência de Gruppenführer em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937.

52 O procedimento foi explicado por Himmler aos Gruppenführer em 18 de fevereiro de 1937 (ib.). Por meio da ordem de 3 de maio de 1937, Himmler proibiu os integrantes da SS de assumir compromissos financeiros: "proíbo especialmente as assim chamadas compras a prestação." A ordem de 30 de setembro de 1937 regulava outras particularidades e ratificava essencialmente a proibição das compras parceladas (BAB, NS 2/176).

53 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, no Führerheim der SS-Standarte Deutschland, 8 de novembro de 1937.

54 BAB, NS 19/2651, carta de Himmler a Werner Lorenz, chefe de Behrends, 16 de dezembro de 1942, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, Nº 180.

55 BAB, BDC, SS-O Rudolf Jung, carta de Himmler a Hans Krebs, 19 de janeiro de 1943.

56 BAB, NS 19/3221, carta de 24 de junho de 1942.

57 BAB, BDC, SS-O Korsemann, carta de Himmler a Korsemann, 12 de março de 1943.

58 BAB, NS 19/3901, portaria de Himmler de 19 de março de 1939.

59 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs. p. 44 e seg.

60 Ib.

61 BAB, BDC, SS-O Fritz Weitzel, carta de Himmler de 24 de janeiro de 1939: "Caro Fritz! É meu claro desejo e minha firme recomendação que você, no interesse de sua saúde, em primeiro lugar goze as suas férias com a sua mulher não no norte da Itália (Tirol), mas sim no sul, e que, em segundo lugar, a duração das férias seja de no mínimo três semanas, sem interrupções. Proíbo-o de realizar viagens à Alemanha, bem como de consultar documentos de trabalho durante esse período, exceto o recebimento de uma única remessa de material de leitura. O período de férias só faz sentido quando realmente leva a um afastamento das atribuições diárias e das demais preocupações e quando, com isso, proporciona um descanso e preserva a saúde da pessoa. Ainda preciso do meu pessoal do alto-comando do Corpo de Liderança da SS por muito tempo; não podemos permitir que esse pessoal se desgaste em poucos anos por conta de excesso de trabalho." Ver também SS-O Ebrecht, notificação de 17 de agosto de 1938 sobre umas férias para descanso por recomendação de Himmler.

62 Transcrição em BAB, BDC, SS-O Rösener, relatório do exame médico de 28 de abril de 1944.

63 BAB, BDC, SS-O Gutenberger, laudo médico, 13 de março de 1944. Além disso: Herff a Gutenberger, 28 de fevereiro de 1944, e Herff a Himmler, 16 e 25 de março de 1944.

64 BAB, BDC, SS-O Rösener, laudo médico de Braitmaier, 29 de maio de 1944.

65 No mesmo arquivo.

66 BAB, BDC, SS-O Sauberzweig, prof. Koch, laudo médico para Gebhardt, 29 de novembro de 1944, cita ainda outro relatório de seu colega Crinis, neurologista do [hospital universitário] Charité de Berlim; Gebhardt a Herff, 12 de março de 1945.

67 BAB, BDC, SS-O Schmitt, parecer médico de 9 de julho de 1942.

68 BAB, BDC, SS-O Hildebrandt, atestado médico, 3 de fevereiro de 1942.

69 A grande importância que Fahrenkamp imputava a fatores psicossomáticos se expressa, entre outros, em seu livro *Kreislauffürsorge und Gesundheitsführung*, Stuttgart, 1941.

70 BAB, NS 19/1630, relação dos integrantes do estado-maior pessoal, situação em maio de 1943; NS 19/3666, correspondência entre o estado-maior pessoal e Fahrenkamp. Ver também NS 3/116, construção da fábrica de cosméticos em Dachau, especialmente correspondência com o médico do estado-maior, o dr. Karl Fahrenkamp (estado-maior pessoal do Reichsführer-SS, departamento F). A propósito das atividades de Fahrenkamp em Dachau, ver Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 785, p. 817 e p. 830 e segs.
71 BAB, NS 19/3666.
72 *Dienstkalender*, 3 de janeiro de 1941 e 25 de fevereiro de 1942. Em 29 de julho de 1940, Fahrenkamp o aconselhou a adquirir um equipamento para que pudesse fazer um tratamento com banhos de *ácido carbônico* a fim de combater a sua constante pressão baixa (OA Moscou, Arquivo Himmler).
73 BAB, BDC, SS-O Berger, 28 de novembro de 1941. Em 12 de novembro ele jantara na casa de Fahrenkamp (*Dienstkalender*).
74 BAB, BDC, SS-O Fahrenkamp, 1º de março de 1942.
75 BAB, BDC, SS-O Greifelt, laudo médico emitido por Fahrenkamp, 7 de dezembro de 1938.
76 BAB, BDC, SS-O Fahrenkamp, 13 de maio de 1944.
77 BAB, BDC, SS-O Jost, 22 de novembro de 1943.
78 BAB, BDC, SS-O Rediess, relatório de Fahrenkamp para Himmler, 2 de outubro de 1939.
79 BAB, BDC, SS-O Bach-Zelewski, relatório do médico do Reich, 9 de março de 1942.
80 Ib., 14 de junho de 1933.
81 Ib., carta a Himmler, 31 de março de 1942.
82 Ib., carta de Himmler a Bach, 6 de abril de 1942.
83 Ib., parecer de Rupppert (médico especialista), 22 de março de 1944.
84 Beckenbauer, "Landshuter Jugendfreundschaft", fornece poucos detalhes sobre a amizade entre Himmler e Gebhardt.
85 BAB, NS 19/1292, Brandt, data ilegível.
86 Ib., Gebhardt a Himmler, 5 e 11 de julho de 1938.
87 Em junho de 1939, por exemplo, Gebhardt relatou a conversa que tivera com a rainha da Bélgica por ocasião da visita a uma paciente em Bruxelas; quatro semanas mais tarde enviou relatório acerca da conversa mantida com a rainha-Mãe (Ib., relatórios de Gebhardt de 14 de junho e 14 de julho de 1939).
88 BAB, BDC, SS-O Darré, relatório de 22 de agosto de 1936.
89 BAB, NS 19/1292, carta de Himmler a Gebhardt, 9 de outubro de 1942.
90 BAK, NL 1126/13, Gebhardt a Himmler, 22 de setembro de 1936.
91 BAB, NS 19/1292, Himmler a Gebhardt, enviada em 14 de janeiro de 1938, Gebhardt a Himmler, 23 de janeiro de 1938.
92 Refere-se a *Politruk*, a descrição comumente usada para o comissariado político no Exército soviético.
93 BAB, NS 2/59, Himmler a Pohl, 12 de agosto de 1942; repr. in: Himmler, *Reichsführer*!, nº 136.
94 BAB, BDC, SS-O Eicke, 19 de janeiro de 1943. Ver também carta de tom semelhante de Himmler a Eicke, 16 de abril de 1942.
95 BAB, BDC, SS-O Alvensleben, 1º de novembro de 1943.
96 BAB, BDC, SS-O Jüttner, carta de condolências de Himmler, 8 de dezembro de 1943: "Eu me solidarizo com o senhor." Outros exemplos em Birn. *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 371.
97 BAB, BDC, SS-O Krüger, 8 de agosto de 1941.
98 BAB, BDC, SS-O Eberstein, Himmler a Eberstein, 7 de outubro de 1942.
99 BAB,NS 19/382, 30 de dezembro de 1944.
100 BAB,NS 19/3904, Himmler a Möller, 24 de agosto de 1942.
101 BAB, BDC, SS-O Kroeger, 12 de abril de 1943.
102 BAB, BDC, SS-O Höfle.
103 BAB, BDC, SS-O Hofmann.
104 Ib., nota sobre a conversa com Hofmann, 13 de março de 1943. Himmler tinha Hofmann em alta conta e deixa isso claro ao seu sucessor: "O afastamento de Hofmann é absolutamente honroso" (SS-O Hildebrandt, carta de 15 de maio de 1943).
105 BAB, BDC, SS-O Hofmann, 29 de setembro de 1943.
106 Ib., 2 de outubro de 1943. Dez anos antes Hofmann já tentara, valendo-se de argumentos bastante semelhantes, livrar-se de uma punição que lhe fora imputada. "Tenho o firme propósito de conduzir-me exclusivamente de acordo com a visão de mundo compartilhada pelo nazismo. Acredito que essa percepção esteja de tal modo entranhada em meu ser que eu conscientemente não consigo fazer nada de errado e, como não me posso acusar de ter feito algo errado de modo inconsciente, peço-lhe, Reichsführer, que me libere dessa punição." (Ib. [1934], citado segundo Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 373).
107 BAB, BDC, SS-O Hofmann, 29 de novembro de 1944.
108 BAB, BDC, SS-O Korsemann, Himmler ao chefe do *SS-Personalhaupt*, 5 de julho de 1943.
109 Ib., carta de Himmler ao comandante da Divisão SS-Panzer da *Leibstandarte*, janeiro de 1944 (sem menção do dia).
110 BAB, BDC, SS-O Eicke, 28 de novembro de 1942.
111 BAB, BDC, SS-O Dietrich, 23 de julho de 1938.
112 Ib., 30 de agosto de 1943.
113 BAB, NS 19/1667, 15 de julho de 1943. Berger relatou em 28 de julho de 1943: "A lealdade de Steiner para com o Reichsführer-SS é sólida e inviolável." Muito se deveria ao "jeito informal" de Steiner.
114 BAB, BDC, SS-O Steiner, 12 de agosto de 1943.
115 Ib., Himmler a Steiner, 25 de agosto de 1943.
116 BAB, BDC, SS-O Hausser, carta de março de 1943.
117 BAB, BDC, SS-O Krüger, carta do RFSS ao HSSPF Ost (leste), Krüger, 25 de abril de 1942. A proibição dizia respeito ao chefe do Bodenamt no *Warthegau*, o Standartenführer Hammer.
118 Como exemplo de uma proibição de fumar justificada pela proteção da saúde, ver [carta de] Himmler ao SS-Sturmbannführer

Adalbert Graf Kottulinsky, 16 de setembro de 1938, repr. in: Himmler. *Reichsführer!*, nº 40.

119 BAB, NS 19/2601, Himmler a Phleps, 10 de maio de 1944.

120 Discurso de 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., aqui p. 46.

121 *SS-Leitheft* 7 (1941/42), sequência 10a, p. 19. A portaria se baseava num caso que o chefe do Amt I do RSHA, Streckenback, descrevera em uma circular (BAB, R 58/261, 28 de fevereiro 1942). De acordo com isso, Himmler teria constatado, "a partir de um procedimento criminal, que dois integrantes da Schutzpolizei, casados, já mais velhos, que dividiam a mesma casa, viviam em estado perene de animosidade, por razões fúteis, negligenciando completamente quaisquer ditames de camaradagem. Certa vez, uma discussão sobre a criação de galinhas terminou em insultos e agressões físicas mútuas. O Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã então colocou à disposição de ambos um recinto que lhes serviria de sala de estar comum pelo prazo de 6 semanas e, com isso, deu a eles a oportunidade de acertarem as diferenças e de refletirem em conjunto sobre o sentido da palavra camaradagem e sobre as obrigações dos cidadãos alemães na guerra."

122 BAB,NS 2/275, 5 de outubro de 1942.

123 BAB, NS 19/1415, anotação de 22 de julho de 1944. Ver também anotação de Brandt, 2 de junho de 1944 (Ib.), de que a Höhenvilla de Karlsbad deveria servir de exemplo: "Enxotamento dos ocupantes pela manhã a um horário específico em virtude da operação de limpeza radical dos quartos. Os quartos então se tornam desconfortáveis demais para que se permaneça neles, de modo que cada ocupante sumirá por vontade própria."

124 *Disziplinar- und Beschwerdeordnung*. Munique, 1933; Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 10 e segs.

125 Ib., p. 13 e seg.

126 Ver abaixo, p. 501 e segs.

127 Assim o descreve Knut Stang, "Dr. Oskar Dirlewanger — Protagonist der Terrorkriegführung", in, Klaus-Michael Mallmann e Gerhard Paul (ed.), *Karrieren der Gewalt. Nationalsozialistische Täterbiographien*, Darmstadt 2004, p. 66-75, citação na p. 67, baseada na descrição feita num testemunho pós-guerra. Informações essenciais sobre a biografia de Dirlewanger encontram-se sobretudo na avaliação feita pelo SD-Oberabschnitt Sudoeste de 14 de maio de 1938, bem como na carta da Chancelaria do chefe do NSDAP ao RFSS, departamento auxiliar, de 17 de maio de 1940. Detalhes sobre o atentado ao pudor se encontram na sentença proferida pelo tribunal do *Gau* de Württemberg em 26 de fevereiro de 1936 (todos em BAB, BDC, SS-O Dirlewanger).

128 Ib., Dirlewanger ao RFSS, 4 de julho de 1939.

129 Ib., resposta do estado-maior pessoal, 16 de agosto de 1939.

130 A absolvição se depreende de uma notícia publicada no *NS- Kurier* de Stuttgart em 25 de maio de 1940. A aceitação de Dirlewanger nos quadros das SS se deve ao engajamento de Berger (BAB, BDC, SS-O Dirlewanger, carta a Himmler de 4 de junho de 1940); Berger também havia cuidado da libertação de Dirlewanger da prisão preventiva (Ib., Dirlewanger ao RFSS, 4 de julho de 1939).

131 Foi justamente o SSPF Globocnik quem fez uma excelente recomendação quanto a Dirlewanger em carta a Himmler de 5 de agosto de 1941 referente a esse período: "Dirlewanger desempenhou com maestria a sua função de comando durante as operações de construção da trincheira do [rio] Bug em Belcez e como comandante do campo de judeus de Dzikow." (BAB, BDC, SS-O Dirlewanger). Sobre o Sonderkommando Dirlewanger, ver French L. MacLean, *The Cruel Hunters. SS-Sonder-Kommado Dirlewanger, Hitler's Most Notorious Anti-Partisan Unit*, Atglen, 1998; Hellmuth Auerbach, "Die Einheit Dirlewanger", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 10 (1962), p. 250- 263; Hans-Peter Klausch, *Antifaschisten in SS-Uniform. Schicksal und Widerstand der deutschen politischen KZ-Häftlinge, Zuchthaus- und Wehrmachtstrafgefangenen in der SS-Sonderformation Dirlewanger*, Bremen, 1993.

132 BAB, NS 19/3978, Himmler ao RuSHA referente à petição de Emil K., 5 de setembro de 1944. Aqui Himmler esclarece que K. não necessitava de uma licença de casamento, uma vez que ele, a exemplo do que ocorria com a maior parte dos integrantes da unidade, não era um homem da SS.

133 Sobre a pessoa, ver Peter Klein, "Curt von Gottberg — Siedlungsfunktionär und Massenmörder", in: Klaus-Michael Mallmann e Gerhard Paul (ed.). *Karrieren der Gewalt. Nationalsozialistische Täterbiographien*, Darmstadt 2004, p. 95-103; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 259 e segs.; BAB, BDC, SS-O Gottberg.

134 Ib.

135 Essa é a avaliação de Darré em carta a Himmler de 18 de agosto de 1939 (Ib.).

136 Ib., relatório de Gottberg ao Gruppenführer Schmitt sobre o acidente ocorrido em 5 de janeiro de 1936.

137 Ib.

138 Ib., Jeckeln ao Departamento Central da SS, 19 de agosto de 1936, sobre a declaração de Gottberg, entregue em 12 de agosto.

139 Ib., Nota de arquivo de Pancke, 13 de novembro de 1939.

140 Sobre a função e a exoneração de Von Gottberg, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 133 e segs., Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 313 e segs. Ver também abaixo, p. 435 e seg.

141 BAB, BDC, SS-O Gottberg, Wolff para Pancke, 11 de janeiro de 1940.

142 Ib., carta de Himmler a Von Gottberg, 30 de maio de 1940.

143 Ib., carta do RFSS a Pancke, sem data, bem como de Himmler a Gottberg, 6 de abril de 1942.

144 BAB, NS 19/1140, carta de Michner de 8 de novembro de 1939; resposta de Rainer, 24 de novembro de 1939.

145 BAB, BDC, SS-O Globocnik, Schwarz a Globocnik, 18 de março de 1941; isso fora precedido de uma vasta troca de correspondência sobre o assunto: Schwarz a Himmler, 10 de janeiro de 1941; Himmler a Schwarz, 20 de fevereiro de 1941; Globocnik a Schwarz, 3 de março de 1941, bem como a Wolff, 4 de março de 1941 (todos ib.).

146 Ib., Himmler a Schwarz, 20 de fevereiro de 1941.

147 Siegfried J. Pucher, "*… in der Bewegung führend tätig*". *Odilo Globocnik — Kämpfer für den "Anschluss", Vollstrecker des Holocaust*, Klagenfurt 1997, p. 70 e segs.

148 Christian Jansen e Arno Weckbecker. Der "*Volksdeutsche Selbstschutz*" *in Polen 1939/40*, Munique, 1992, p. 77 e seg. A

*Selbstschutz* foi forçosamente dissolvida no verão de 1940; por meio do "Sonderdienst" (serviço especial); no entanto, Globocnik criou uma organização sucessora (p. 194 e seg.).

149 BAB, BDC, SS-O Globocnik, correspondência, 5 e 14 de julho de 1941.

150 Ib., estado-maior pessoal a Globocnik, 16 de julho de 1941, e carta de agradecimento a Himmler, 28 de agosto de 1941.

151 Pucher, "Bewegung", p. 77 e segs.; Bogdan Musial, *Deutsche Zivilverwaltung und Judenverfolgung im Generalgouvernement. Eine Fallstudie zum Distrikt Lublin 1939-1944*, Wiesbaden 1999, p. 110 e segs.

152 Ver abaixo p. 585 e p. 546.

153 BAB, BDC, SS-O Globocnik, carta de 30 de agosto de 1942, e resposta de Himmler de 11 de setembro de 1942. Já desde abril de 1942 Himmler retinha uma carta de um SS-Sturmbannführer em que este se queixava do comportamento da noiva de Globocnik, que "ficava se exibindo e que, com sua aparência e seus modos, chamava a atenção e deixava indignados os frequentadores de um estabelecimento em Zakopane" (Ib., carta de 10 de abril de 1942).

154 Ib., Anotações de avaliação durante a viagem a serviço do SS-Gruppenführer Herff pelo Governo-Geral.

155 Ib., Himmler a Krüger, 5 de julho de 1943. A intenção inicial de Himmler era nomear Globocnik ao cargo de HSSPF adjunto da região Rússia-Centro. O governador distrital, no entanto, pediu a Himmler pouco depois que cuidasse da transferência de Globocnik "dentro da maior brevidade possível", já que trabalhar com ele era algo impossível (carta a Himmler, 27 de julho de 1943; resposta de Himmler de 4 de agosto de 1943).

156 Ib., carta de 1º de agosto de 1944; resposta de Himmler, 6 de agosto de 1944; carta do estado-maior pessoal (Brandt) a Globocnik, 18 de setembro de 1944; Brandt a Rainer, 28 de setembro de 1944. Sobre o noivado de Globocnik em 1942 e seu casamento em 1944, ver Pucher, "Bewegung", p. 145 e seg.

**A Família SS**

1 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da Conferência de Gruppenführer em Munique no *Führerheim der SS-Standarte Deutschland*, 8 de novembro de 1937. A propósito da SS como comunidade de clãs, ver especialmente Schwarz, *Frau*, p. 17 e segs.

2 IfZ, PS-2204, nota de arquivo de Himmler sobre a conversa com Hitler em 1º de novembro de 1935.

3 BAB, NS 19/4002, discurso por ocasião da convenção de dirigentes SS do Oberabschnitt Sudeste em Breslau, 19 de janeiro de 1935.

4 BAB, NS 19/4011, 16 de dezembro de 1943.

5 "Im Dienst des Führers … Vom Kampf der SS. Ein geschichtlicher Rückblick", in: *SS-Leitheft* 7 (1941), sequência 1b, p. 10-14, p. 13: "de modo que se pode sempre dizer que a SS, no sentido nazista, era uma ordem de homens, mas jamais que ela queria ser uma ordem de homens.

6 Schwarz. *Frau*, p. 64.

7 BAB, NS 2/166, memorando sobre a entrega da documentação referente às petições de noivado e casamento, 27 de abril de 1937. Sobre o procedimento para a obtenção de uma licença de casamento, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 50 e segs., bem como Schwarz, *Frau*, p. 24 e segs. As ordens mais importantes de Himmler sobre os procedimentos para obtenção de licença de casamento se encontram em NS 2/232 (4 de junho de 1934), 2/280 (20 de abril de 1935 e 19 de março de 1936), bem como 2/53 (11 de março de 1936).

8 BAB, NS 19/3483, Himmler a Kaltenbrunner referente à petição de casamento do secretário criminal Wilhelm B., 17 de junho de 1943.

9 BAB, NS 2/183, provocação do chefe do Departamento de Clãs, Hofmann, para apresentação ao RFSS, abril de 1939: "Antes que se façam sugestões ao Reichsführer sobre a forma, o conteúdo e a conformação do livro, o Reichsführer-SS precisaria imprescindivelmente determinar ele mesmo como imagina a configuração do livro do clã e quais são os objetivos que persegue com ele."

10 BAB, NS 19/577, ordem de 6 de junho de 1935; cf. Schwarz, *Frau*, p. 31.

11 BAB, NS 2/85, 19 de março de 1936.

12 BAB, NS 2/53, 20 de abril de 1935.

13 BAB, NS 2/280, 6 de julho de 1935; Schwarz, *Frau*, p. 32 e seg.

14 BAB NS 2/175, Himmler a Darré, 30 de abril de 1936.

15 Schwarz. *Frau*, p. 34 e seg.

16 Ib., p. 33 e seg.

17 BAB, NS 2/280, RFSS, 27 de abril de 1937; em 25 de abril de 1937 (Ib.) seguiram determinações detalhadas quanto às exceções.

18 BAB, NS 19/577, ordem de 31 de março de 1939, NS 2/176, ordem de 25 de fevereiro de 1937 sobre as decisões acerca do casamento com estrangeiras.

19 BAB, NS 2/288, RFSS ao RuSHA, 4 de março de 1940.

20 BAB, NS 2/231, carta de Himmler a Hofmann, 12 de novembro de 1942.

21 Ib., carta do chefe do RuSHA, 5 de fevereiro de 1943.

22 BAB, NS 2/85, carta do chefe do Estado-maior do RuSHA a Himmler, 18 de junho de 1936: em virtude de falta de pessoal, o processamento das comprovações de descendência e das petições de casamento deveria ser suspenso "com efeito imediato". Ver também nota de arquivo do chefe do Departamento de Clãs sobre conversa com Himmler em 12 de agosto de 1936.

23 BAB, NS 2/53, carta do chefe do Estado-maior do RuSHA ao estado-maior pessoal, 13 de maio de 1937. Ver também NS 2/85, queixa semelhante de 26 de fevereiro de 1937.

24 BAB, NS 2/280, RFSS ao RuSHA, 21 de abril de 1937 referente à facilitação do procedimento quando se tratava de homens da SS que já integravam o partido antes de 1933. Em março de 1939 Himmler decidiu que se podia renunciar à obtenção de uma licença de casamento ulterior quando se tratasse de homens que eram casados antes de 1936, mas que à época ainda não integravam as SS (Ib., 22 de março de 1939).

25 BAB, NS 2/175, carta do *SS-Gericht*, 23 de junho de 1937.
26 *Statistisches Jahrbuch der Schutzstaffel der NSDAP 1937* (folha colada posteriormente e classificada como secreta). Depois disso, um dos 308 foi punido com a forma mais severa da exclusão, a "expulsão".
27 BAB, NS 2/239, Turner, chefe do RuSHA, carta não enviada a Himmler, de 28 de março de 1944, remete à ordem de Himmler de 1º de novembro de 1940.
28 BAB, NS 47/33, ordem de 11 de janeiro de 1940.
29 BAB, NS 2/179. O chefe do Departamento de Raça e Colonização acabou não reproduzindo exatamente as determinações de Himmler sobre os exames ginecológicos na divulgação do memorando correspondente. Sob o ponto "exames", mencionou somente: "Examinar bem! Em se tratando de mulheres, agir com sensibilidade. Só fazer exames íntimos quando realmente necessário." (Ib.)
30 BAB, NS 2/280, RFSS, 30 de agosto de 1937.
31 BAB, NS 2/52, RFSS ao RuSHA, 21 de abril de 1938.
32 BAB, NS 2/55. Sobre o procedimento para obtenção da licença de casamento na época da guerra, ver Schwarz, *Frau*, p. 38 e segs.
33 BAB, NS, 19/3479, 26 de janeiro de 1940.
34 BAB, NS 2/231, 22 de março de 1943.
35 Carta de Heider de 3 de junho de 1943; resposta do estado-maior pessoal (Brandt), 16 de junho de 1943, repr. em Ackermann. *Himmler*, p. 266 e seg.
36 BAB, NS 19/3479, chefe do RuSHA, comentário sobre o relatório de agosto do Departamento de Clãs, vistado por Himmler.
37 BAB, NS 19/3482, estatística do *Heiratsamt* no RuSHA, 1º semestre de 1942.
38 BAB, NS 19/3479, estado-maior pessoal (Brandt) a Hofmann, 20 de novembro de 1941.
39 BAB, NS 19/3480, carta de Himmler a Von dem Bach-Zelewski, 7 de agosto de 1940.
40 Ib., estado-maior pessoal (Brandt) ao noivo, 27 de janeiro de 1941.
41 Exemplos: BAB, NS 19/3483, estado-maior pessoal ao RuSHA, 5 de março de 1943, caso Hauptsturmführer B., que queria se casar com uma mulher alemã étnica. Ele deveria ser transferido de Varsóvia e engajado "ou no *Altreich*, nos territórios russos ocupados ou em um dos países germânicos, a saber, Dinamarca, Noruega ou Holanda", mas de jeito nenhum no "Governo-geral, no *Gau* de Danzig-Prússia Ocidental ou no *Warthegau*". NS 19/3482, RFSS ao chefe da Polícia de Ordem, 24 de dezembro de 1941, ref. à petição de casamento do primeiro-sargento P. — aparentemente estacionado na França. Himmler determinou a transferência imediata de P. para a Alemanha e a mudança da mulher, para que esta se livrasse logo da influência francesa.
42 BAB, NS 19/3483, carta do RFSS a Hofmann, 30 de novembro de 1942. A correspondência adicional mostra que a ordem de Himmler não pôde ser executada na prática; por fim, ele acabou autorizando o casamento mesmo sem essas imposições (Ib., Brandt a Hofmann, 19 de abril de 1943).
43 Ib., Himmler ao chefe da Polícia de Ordem, 24 de junho de 1943.
44 BAB, NS 19/3978, carta ao RuSHA, 24 de outubro de 1944.
45 BAB, NS 2/275, carta ao SS-Hauptscharführer Heinrich, 15 de fevereiro de 1943.
46 BAB, NS 19/3878, Himmler a Wolff ref. petição de Hermann W., 23 de março de 1944.
47 BAB, NS 19/3481, carta do estado-maior pessoal a Betty F., 26 de julho de 1941.
48 Ib., Brandt ao RuSHA, 10 de outubro de 1941. No mesmo arquivo, encontra-se um caso no qual Himmler também solicita um exame a Clauberg: petição de casamento de M., carta do médico do Reich ao estado-maior pessoal, 24 de agosto de 1941.
49 BAB, NS 19/3483, carta de Himmler a Genzken ref. à petição do Hauptsturmführer dr. Kurt R. O mesmo estilo se repete na carta de Himmler ao *Sturmmann* Willi W., 30 de novembro de 1944 (NS 19/3478).
50 BAB, NS 19/3482, Himmler a d'Alquen, 27 de maio de 1942. Himmler já havia negado a petição uma vez em virtude da esterilidade da noiva.
51 BAB, NS 19/3481, carta do estado-maior pessoal, Brandt, a Hofmann, 4 de setembro de 1942.
52 BAB, NS 19/3483, carta a Jüttner, 27 de setembro de 1942.
53 Ib., Himmler a Kaltenbrunner, 17 de junho de 1943. A transferência, no entanto, não ocorreu: Kaltenbrunner informou a Himmler que B. se mostrara razoável e prometera "procurar, no menor prazo possível, uma esposa jovem e saudável" (ib., 7 de julho de 1943). Himmler concordou com a sugestão de manter B. na Alsácia (ib., Brandt a Kaltenbrunner, 15 de julho de 1943).
54 Ib., carta de Himmler a Gertrud S., 30 de janeiro de 1943, bem como observação do estado-maior pessoal de 6 de novembro de 1943 sobre um caso semelhante. Em 1944, no caso do *Sturmmann* Hans B., Himmler de início também emitiu parecer negativo (BAB, NS 19/3478).
55 BAB, NS 19/3219. Esse estado de coisas se depreende da carta do noivo, o Sturmführer Lex, ao chefe do *Führungshauptamt* de 4 de dezembro de 1942.
56 BAB, NS 19/3480 Departamento de Clãs a Brunhilde F., 27 de maio de 1941.
57 Ib., estado-maior pessoal (Brandt) a Jüttner, 24 de maio de 1941.
58 BAB, NS 19/3483, carta a Jüttner, 2 de outubro de 1943.
59 BAB, NS 19/3478, carta de 1º de dezembro de 1944 ao Departamento de Casamentos.
60 Ib., estado-maior pessoal ao RuSHA, 6 de agosto de 1944.
61 BAB, NS 19/3482, Himmler a Hofmann, 3 de dezembro de 1942. Ver NS 2/59, comunicado de Hofmann ao RFSS, 15 de dezembro1942: Depois dessa revelação, Z. não queria mais se casar.
62 BAB, NS 19/3478, carta de Himmler ao RuSHA ref. à petição de H. M., 5 de outubro de 1944.
63 BAB, NS 19/3483, carta de Himmler a Hofmann ref. à sra. K., 25 de janeiro de 1943. Mais um exemplo das alterações de Himmler nos relatórios de "avaliação racial" se encontra em sua carta de 29 de dezembro de 1944, na qual ele, contrariando o parecer do RuSHA, classificava uma mulher originária da Letônia como "mulher originariamente de ascendência alemã apta a ser regermanizada" (NS 19/3478, ref. petição do Unterscharführer W.).
64 BAB, NS 19/3483, carta de Himmler ref. à petição do Hauptsturmführer dr. R., 26 de fevereiro de 1943.

65 BAB, NS 19/3481, carta ao HSSPF Rediess ref. ao caso R., 6 de fevereiro de 1940. De resto, o médico do Reich da SS encarregado do exame defendeu posteriormente o resultado do exame do médico (Ib., Relatório de 12 de fevereiro 1940).
66 BAB, NS 19/3482, Brandt ao RuSHA, 20 de novembro de 1942, petição do Hauptscharführer Sch. Para casos semelhantes, ver NS 19/3978, Himmler ao SS-Führungshauptamt ref. à petição do Unterscharführer Fritz D., 10 de março de 1944 (depois de concluir que a mulher era "infértil", ele negou a petição, ib., 20 de julho de 1944); NS 19/3482, estado-maior pessoal, Brandt, a Streckenbach ref. à petição de J., 28 de novembro de 1942; NS 19/3483, Himmler a Eicke ref. ao Rottenführer S., 30 de novembro de 1942, e estado-maior pessoal a Berger ref. petição do integrante da SS, S., 9 de março de 1943 (esse caso foi, depois, decidido favoravelmente, tendo em vista que o requisitante já tinha dois filhos).
67 Ib., Himmler a Berger, 9 de outubro de 1942.
68 Ib., carta do RFSS ao RuSHA ref. à petição do *Sturmmann* Erwin M., 20 de fevereiro de 1943.
69 Ib., carta de 22 de junho de 1942 ao RuSHA.
70 BAB, NS 19/3684, estado-maior pessoal (Brandt) a Ebner, com cópia para Grawitz, 4 de agosto de 1942. A ocasião para a pergunta se ofereceu, segundo declaração de Brandt, a partir do caso de uma mulher que, à idade de 49 ou 50 anos, dera à luz o seu terceiro filho; a menstruação dela só viera aos 19 anos de idade.
71 BAB, NS 19/3482, Himmler ao Unterscharführer S., 11 de abril de 1942. Em um caso semelhante, para o qual Himmler, levando em conta uma gravidez, dera um parecer positivo apesar da diferença de idade de 16 anos entre os noivos; ele prevenira a futura esposa de que, na inevitabilidade do fracasso do casamento, ela deveria reunir "um máximo de sabedoria de vida, bondade e altruísmo" (NS 19/3978, carta de 27 de agosto de 1944 ao RuSHA ref. petição do Unterscharführer H.).
72 BAB, NS 19/3482, Himmler à sra. R., 14 de setembro de 1942.
73 Em 15 de fevereiro de 1942, Hedwig Potthast deu à luz o filho deles (*Dienstkalender*).
74 BAB, NS 19/3483, Himmler ao chefe do *Personalamt* e ao chefe do RuSHA, 9 de dezembro de 1942. Ver também ib., estado-maior pessoal (Brandt) a Herff, 20 de agosto de 1943: "O Reichsführer-SS lhe pede que externe o seu mais profundo desagrado no caso do SS-Untersturmführer F. que, na ocorrência que envolveu a separação dele da esposa, requereu, sem nenhuma justificativa válida, e numa atitude anticavalheiresca e indigna de um integrante das SS, que toda a culpa recaísse sobre ela."
75 Ib., carta de 12 de janeiro de 1943 ao quartel-general de operações da SS.
76 Schwarz. *Frau*, p. 68.
77 BAB, NS 19/4004, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique no Führerheim der SS-Standarte Deutschland, 8 de novembro de 1937.
78 Carta de Himmler a Werner Lorenz, 16 de dezembro de 1942, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 180. A advertência valia para o caso de a sra. Behrends ser a "mola propulsora da ambição nociva de seu marido", como supunha Himmler.
79 BAB, NS 19/3142, 16 de maio de 1944, repr. in: Himmler. *Reichsführer*!, nº 314.
80 Ib., resposta de Pancke por carta em 6 de junho de 1944.
81 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936. Ver também BDC, SS-O Lorenz, carta de Himmler a Kaltenbrunner, 19 de junho de 1943 em que ele averiguava a veracidade dos boatos de que as filhas do Obergruppenführer Lorenz "não estavam se comportando de modo muito louvável na Cruz Vermelha", especialmente a filha mais nova, que teria sido transferida várias vezes, "uma vez que, onde quer que estivesse, ela se envolvia demais com os soldados. […] É preciso que eu tenha uma visão clara e inequívoca sobre o caso."
82 BAB, BDC, SS-O Rösener, Rösener a Wolff, 22 de abril de 1942.
83 Ib., carta de Rösener a Himmler, 22 de julho de 1943, que antecedera a carta de Himmler de 17 de julho de 1943.
84 BAB, BDC, SS-O Becker, carta de Becker de 13 de fevereiro de 1943 e resposta de Himmler de 20 de fevereiro de 1943.
85 BADH, ZM 1668, arquivo 13, observações do RFSS referentes às recomendações do conselho consultivo para questões de política populacional e racial em 15 de junho de 1937.
86 BADH, ZM 1645 arquivo 7, pronunciamento sobre o problema "filhos ilegítimos", 28 de abril 1936. Sobre a posição de Himmler, ver também Ackermann, Himmler, p. 130 e segs.
87 BAB, NS 19/3973, princípios sobre a organização Lebensborn, 13 de setembro de 1936.
88 IfZ, Dc 012.017, estatuto da organização Lebensborn, 10 de fevereiro de 1938, impresso em forma de brochura, sem indicação de local e ano (1938).
89 Georg Lilienthal. *Der "Lebensborn e.V.". Ein Instrument nationalsozialistischer Rassenpolitik*, Stuttgart/Nova York, 1985, p. 40.
90 Ib., p. 41 e segs.
91 IfZ, Dc 012.015, memorando sobre a aceitação em uma unidade da organização Lebensborn.
92 Lilienthal. "*Lebensborn*", p. 47 e segs.
93 Ib., p. 45 e segs.
94 BAB, NS 19/204, carta de Lisamaria K., Lübeck, ao Sturmbannführer da SS de Leizpig, enviada em forma de duplicata pelo HSSPF Elbe ao estado-maior pessoal, 20 de julho 1944.
95 BAB, NS 19/4003, discurso por ocasião da Conferência de Gruppenführer em Dachau, 8 de novembro de 1936.
96 BAB, NS 19/4004, Conferência de Gruppenführer em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937.
97 OA Moscou, arquivo Himmler, declaração de empréstimo do Bayerische Hypotheken- und Wechselbank de 15 de novembro de 1938; carta de Galke ao setor contábil da "Casa Marrom", 16 de junho de 1937. O arquivo contém, ainda, outras correspondências sobre a compra.
98 BAB, NS 19/440, trâmites relativos ao pagamento do aluguel (1938).
99 USHMM, Acc. 1999.A.0092, diário de Margarete Himmler, 13 de junho e 4 de agosto de 1939 referente ao término da construção da cabana de caça em Valepp.
100 OA Moscou, arquivo Himmler, carta de Wolff ao prefeito distrital de Tiergarten, 5 de novembro de 1934, e carta de Wolff ao locador, a [empresa] Mitteldeutschen Stahlwerke, 17 de agosto de 1937.

101 Ib., carta da [empresa] Märkischen Elektricitätswerk AG ao Comando Central da SS, 9 de julho de 1937.
102 Ib., Bormann a Himmler, 10 de julho de 1937.
103 USHMM, Acc. 1999.A.0092, diário de Margarete Himmler, por exemplo, 30 de março e 26 de junho de 1938, bem como 29 de março de 1939.
104 Ib., 5 de fevereiro, 5 de março e 2 de abril de 1938.
105 Ib., 3 de julho de 1938.

106 Ib., 1º de abril de 1938. Outras queixas em relação à criadagem são manifestadas em 2 de abril, 16 de agosto e 31 de dezembro de 1938, bem como em 13 de agosto e 14 de novembro de 1939.
107 Ib., 2 de abril de 1938.
108 Ib., 29 de março de 1939.
109 Ib., 2 de abril de 1938; além disso, 15 de abril e 31 de dezembro de 1938.
110 Ib., 8 de abril de 1939. "Ontem falei com a mãe de Gerhard, que se mostrou bastante aflita, mas naturalmente não o quer de volta. Nem mesmo na Páscoa ela o quer. Mas ela quer continuar recebendo o dinheiro por ele."
111 Ib., 15 de março e 16 de outubro de 1939.
112 BADH, ZM 1668, arquivo 13, pronunciamentos do RFSS por ocasião da assembleia do conselho de especialistas para questões de política populacional e racial em 15 de junho de 1937.
113 BAB, NS 19/4004, 18 de fevereiro de 1937, citação em Himmler. *Geheimreden*, p. 84.
114 BAB, NS 7/220, juiz da SS junto ao RFSS para o Departamento Central dos Tribunais SS, 24 de novembro de 1941.
115 BAB, NS 19/3978, estado-maior pessoal (Brandt) ao *Oberlandesgerichtsrat* [juiz da corte de apelo] dr. Kümmerlein, 29 de março de 1944.
116 BAB, NS 2/175, registro do *Sippenamt*, 25 de agosto de 1941.
117 Carta de Himmler a Wüst e Sievers, 17 de agosto de 1944, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 344. A "Friedelehe" é um postulado — que não ficou incontroverso — do historiador Herbert Meyer (*Friedelehe und Mutterrecht*. Weimar: 1927). Ver também Schwarz, *Frau*, p. 89 e segs., bem como os comentários a respeito que Himmler teria feito ao seu massagista (Felix Kersten. *Totenkopf und Treue. Heinrich Himmler ohne Uniform. Aus den Tagebuchblättern des finnischen Medizinalrats Felix Kersten*: Hamburgo, 1952, p. 223 e segs.).
118 [Carta do] Obersturmbannführer Weigel a Himmler, 26 de junho de 1944, bem como estado-maior pessoal (Brandt) a Hildebrandt, 2 de outubro de 1944, ambas repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 326 a/b.
119 Schlessmann a Himmler, 30 de janeiro de 1945, bem como resposta de Himmler de 12 de fevereiro de 1945, ambas repr. em Ib., nº 380 a/b.
120 BAB, NS 19/4006, discurso ante o corpo de liderança da divisão SS "Das Reich", 19 de junho de 1942.
121 A propósito desses encorajamentos de Himmler, cf. Ackermann. *Himmler*, p. 126 e segs.
122 Carta de 6 de dezembro de 1944, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 366.
123 Carta de Himmler a Brandt, 22 de outubro de 1943, repr. em Ib., nº 277.
124 BAB, NS 19/2970, RFSS, 21 de junho de 1943, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 215.
125 Ib.
126 BAB, NS 19/3127, carta de 28 de outubro de 1936.
127 BAB, NS 19/3127.
128 BAB, NS 19/1275, Wolff a Feierlein, 14 de julho de 1938; resposta de Feierlein, 16 de agosto de 1938; carta de Wolff, 29 de agosto de 1938.
129 Ib., Wolff a Feierlein, 10 de outubro de 1938.
130 Ib., Feierlein a Wolff, 7 de maio e 22 de junho de 1939.
131 BAB, NS 19/3973, princípios fundamentais da organização Lebensborn, 13 de setembro de 1936.
132 Um médico, que em 1938 fora excluído dos quadros das SS por ter induzido um aborto em uma enfermeira que ele havia engravidado, poderia, segundo Himmler, ser readmitido somente caso se declarasse de acordo com a "opinião claramente expressa pelo Führer" de que uma família deveria, na medida do possível, ter quatro filhos homens (estado-maior pessoal [Brandt] ao Departamento Central de Recursos Humanos, 9 de março de 1943, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 217).
133 BAB, NS 19/3594, férias programadas segundo determinação do RFSS de 2 de outubro de 1942.
134 BAB, NS 19/2651, Himmler à sra. E., 15 de abril de 1942.
135 Carta de Himmler a Darré, 29 de março de 1938, e do chefe do Personalhauptamt, 13 de setembro de 1939, ref. às famílias Mayr e Engler-Füsslin, ambas repr. in: Himmler, *Reichsführer*!, nº 27 e nº 50; cf. Schwarz, *Frau*, p. 49 e seg.
136 *Statistisches Jahrbuch der Schutzstaffel der NSDAP 1938*, p. 87 e segs.
137 Ib., p. 90.
138 BAK, NL 1126/34, Da vida política do nosso q. (= querido) filho Heinrich.
139 Breitman, "Mein Kampf".
140 K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 140.
141 Correspondência em BAK, NL 1126/13; K. Himmler. *Brüder Himmler*, p. 143 e seg.
142 Ib., p. 165; ver também *Völkischen Beobachter* (edição de Munique) de 2 de novembro de 1936.
143 K. Himmler. *Brüder Himmler*, p. 131 e segs. , p. 144 e seg., p. 153 e seg., p. 166 e seg. e p. 192 e seg.
144 BAB, NS 19/2651, 22 de outubro de 1937, carta do estado-maior pessoal ao Obersturmführer Ernst Himmler ref. à aprovação de um pedido de empréstimo.
145 Ib. Carta de Ernst Himmler a Heinrich Himmler, 25 de maio de 1944, em que recomenda ao irmão a destituição do major (judeu) Schmidt do cargo de vice-diretor da firma Lorenz; ver também NS 19/1541, envio de um relatório informativo sobre a Bélgica, 1941. Ver K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 209 e segs.
146 Ib., p. 117 e seg. e p. 156 e segs.; BAB, BDC, SS-O Gerhard Himmler.
147 K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 174 e segs.
148 BAB, NS 19/2651, carta de Ernst Himmler a Heinrich Himmler, 25 de maio de 1944.
149 Ver os arquivos SS-O correspondentes em BAB, BDC.
150 Düsterberg, *Johst*, p. 287.
151 Correspondência em BAB, BDC, SS-O Johst; ver Düsterberg, *Johst*, p. 289.

152 BAB, BDC, SS-O Johst, carta de 29 de março de 1938.
153 Düsterberg, *Johst*, p. 294.
154 BAB, BDC, SS-O Johst.
155 Ib., 9 de dezembro de 1940.
156 Ib., carta de 3 de abril de 1944. A carta se refere ao discurso de Himmler em Posen sobre o "Tag der Freiheit" [dia da liberdade] de 24 de outubro de 1943 (BAB, NS 19/4011); ver Düsterberg, *Johst*, p. 318.
157 BAB, BDC, SS-O Johst, poema pelo aniversário de Himmler em 1937; carta de agradecimento de Himmler de 15 de abril de 1937; para mais exemplos, ver Düsterberg, *Johst*, p. 289.
158 "Der Neue Orden", in: *SS-Leitheft 2* (1936/37), caderno 11, p. 29 e seg.; "Zum einjährigen Bestehen des Schwarzen Korps", in: *Das Schwarze Korps* de 12 de março de 1936; ver Düsterberg, *Johst*, p. 294 e seg.
159 BAB, BDC, SS-O Johst, 31 de março de 1943; ver Düsterberg, *Johst*, p. 301.
160 Ver as memórias de Kersten, *Totenkopf*, bem como o comentário sobre fonte e literatura nas Notas.

**Preparativos de guerra e expansão**

1 BAB, NS 19/4004, conferência de Gruppenführer em Bad Tölz, 18 de fevereiro de 1937.
2 Ver acima, p. 132 e seg.
3 Himmler, *Geheimreden*, p. 79. Não se conhece a data mais exata.
4 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., citações p. 37 e seg
5 BAB, NS 19/4006, 26 de fevereiro de 1939.
6 Adolf Hitler, *Reden und Proklamationen 1932-1945. Kommentiert von einem deutschen Zeitgenossen*, 2 vol., ed. por Max Domarus, Neustadt a. d. Aisch 1963, vol. 2, p. 1057.
7 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., aqui p. 49.
8 BAB, NS 19/3666, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 51. A data exata não se conhece, mas acredita-se que o discurso foi proferido entre janeiro de 1939 e o início da guerra.
9 Ronald Smelser, *Das Sudetenproblem und das Dritte Reich (1933-1938). Von der Volkstumspolitik zur nationalsozialistischen Aussenpolitik*, Munique etc., 1980, p. 151 e seg.
10 Ib., p. 156 e segs.
11 BAB, BDC, SS-O Lierau, especialmente carta de 6 de dezembro de 1938 a Kelz.
12 A propósito da política do Volkstum, ou seja, da relação do Reich com as minorias de origem alemã especialmente no leste e no sudeste da Europa, do NS, na segunda metade dos anos de 1930, ver Hans-Adolf Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik 1933-1938*, Frankfurt/Main, Berlim 1968; Valdis O. Lumans, *Himmler's Auxiliaries. The Volksdeutsche Mittelstelle and the German National Minorities of Europe, 1933-1945*, Chapel Hill/Londres, 1993; Tammo Luther, *Volkstumspolitik des Deutschen Reiches 1933-1938. Die Auslanddeutschen im Spannungsfeld zwischen Traditionalisten und Nationalsozialisten*, Stuttgart, 2004.
13 Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik*, p. 90 e segs.
14 Ib., p. 175 e seg.
15 Ib., p. 225 e segs.
16 Ib., p. 231 e seg.
17 BAB, BDC, SS-O Lorenz, chefe de pessoal da SS Schmitt a Lorenz, 10 de janeiro de 1938.
18 Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik*, p. 234.
19 BAB, BDC, SS-O Behrends; Aronson, *Heydrich*, p. 161 e seg.
20 Hans-Adolf Jacobsen (ed.), *Hans Steinacher: Bundesleiter des VDA 1933-1937. Erinnerungen und Dokumente*, Boppard am Rhein, 1970, Doc. nº 109, conversa com o SS-Obergruppenführer Lorenz, 23 de abril de 1937.
21 Jacobsen. *Nationalsozialistische Aussenpolitik*, p. 234 e segs.; Lumans, *Auxiliaries*, p. 62 e segs.
22 Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik*, p. 249.
23 Assim supunha Karl Haushofer em sua carta a Hess, 10 de dezembro de 1936, repr. in: Jacobsen (ed.), *Steinacher*, doc. nº 109.
24 Luther, *Volkstumspolitik*, p. 157.
25 Ib., p. 155.
26 Luther demonstra isso no exemplo das desavenças entre as associações alemãs na Polônia em 1937 e na Romênia, bem como no comedimento das VoMi quanto a interferir na Iugoslávia. A VoMi desistiu igualmente da tentativa de favorecer o "Amerikadeutschen Volksbund" em detrimento de outras organizações americano-alemãs, tentativa essa que havia sido criticada pelo Departamento do Exterior (*Volkstumspolitik*, p. 154 e segs.).
27 PAA, Inland IIg 214; Luther, *Volkstumspolitik*, p. 164 e seg.
28 IfZ, Chancelaria do partido, ordem 5/39g de 3 de fevereiro de 1939; Luther, *Volkstumspolitik*, p. 165.
29 Ib., p. 166.
30 Karl M. Reinerth, "Zu den innenpolitischen Auseinandersetzungen unter den Deutschen in Rumänien zwischen den beiden Weltkriegen", in: Walter König (ed.), *Siebenbürgen zwischen den beiden Weltkriegen*, Colônia/Weimar/Viena, 1994, p. 149-167, aqui p. 160 e seg.; com respeito à Romênia, ver também Johann Böhm, *Die Deutschen in Rumänien und das Dritte Reich 1933-1940*, Frankfurt/Main 1999, p. 197 e segs.
31 Akiko Shimizu, *Die deutsche Okkupation des serbischen Banats 1941— 1944 unter besonderer Berücksichtigung der deutschen Volksgruppe in Jugoslawien*, Münster, 2003, p. 59 e segs.
32 Norbert Spannenberger, *Der Volksbund der Deutschen in Ungarn 1938 bis 1944 unter Horthy und Hitler*, 2ª ed. revista, Munique,

2005: esp. p. 141 e segs.
33 Smelser, *Sudetenproblem*, p. 175 e segs.
34 Luther, *Volkstumspolitik*, p. 160.
35 Smelser, *Sudetenproblem*, p. 185.
36 Luther, *Volkstumspolitik*, p. 166.
37 Otto Heike, *Die deutsche Minderheit in Polen bis 1939. Ihr Leben und Wirken kulturell, gesellschaftlich, politisch. Eine historisch-dokumentarische Analys*e, Leverkusen, 1985, p. 214 e segs.
38 Ernst Hochberger,"Die Deutschen in der Slowakei", in: idem, Anton Scherer e Friedrich Spiegel-Schmidt, *Die Deutschen zwischen Karpaten und Krain*, Munique, 1994, p. 12-78, aqui p. 38.
39 O recrutamento de potenciais espiões e futuros voluntários para as associações SS armadas, em contrapartida, parece ter sido de importância secundária nessa época em relação à iniciativa de Himmler no campo da política quanto aos alemães étnicos (ver Lumans, *Auxiliaries*, p. 38).
40 Jacobsen. *Nationalsozialistische Aussenpolitik*, p. 252 e segs.
41 BAB, NS 19/1446, anotações sobre comentários de Himmler durante o almoço de 30 de janeiro de 1939.
42 Hans-Jürgen Döscher, *SS und Auswärtiges Amt im Dritten Reich. Diplomatie im Schatten der "Endlösung"*, Berlim, 1991, p. 149.
43 Ib., p. 150.
44 USHMM, Acc. 1999.A.0092, 2 de fevereiro de 1938.
45 Ib., 2 de fevereiro de 1939: "exceto H. v.R., mais ninguém telefonou para mim."
46 Döscher, *Auswärtiges Amt*, p. 140 e seg.
47 Ib., p. 141 e segs., citação na p. 143.
48 Ib., p. 115.
49 BAB, BDC, SS-O Neurath, carta de nomeação escrita por Himmler em 18 de setembro de 1937; cf. Döscher, *Auswärtiges Amt*, p. 136 e segs.
50 Ib., p. 160 e segs.
51 Ib., p. 153.
52 Ib., p. 185 e seg.
53 Ib., p. 175 e segs.
54 BAB, NS 19/809, sem indicação da data.
55 BAB, BDC, SS-O Schumburg, certificado de prestação de serviços de 13 de maio de 1937. A respeito de Schumburg, ver especialmente Döscher, *Auswärtiges Amt*, p. 119 e segs.
56 Em uma avaliação de 1944, o chefe da Gestapo Müller o descreveu como "uma espécie de chefe de ligação com o Departamento de Segurança do Reich". (BAB, BDC, SS-O Schumburg, 19 de julho de 1944).
57 Ib.
58 Ib., avaliação de 19 de julho de 1944; cf. Döscher, *Auswärtiges Amt*, p.131. O planejado rebaixamento de Schumburg para um posto no exterior foi frustrado pela eclosão da guerra. Em outubro de 1939 Schumburg assumiu o *Sonderreferat* [departamento especial] *Deutschland*, onde continuava se beneficiando da conexão com a SS. Schlumburg considerava-se basicamente representante das SS dentro do Ministério do Exterior, e por isso a avaliação de Müller, de 1944, foi coerente quando reportou que "emocionalmente ele está mais alinhado conosco do que com o AA".
59 PAA, Inland IIg 101, carta de Heydrich ao Ministério do Exterior, 4 de maio de 1936; registro do Ministério do Exterior, 4 de maio de 1936; carta do RFSS ao Ministério do Exterior, 24 de novembro de 1936, bem como correspondência adicional; cf. Döscher, *Auswärtiges Amt*, p. 129 e seg.
60 BAB, R 58/860, relação elaborada por Winzer, 12 de agosto de 1942.
61 PAA, Inland IIg 61, Schumburg ao secretário de Estado, 13 de julho de 1939.
62 Portaria de 3 de setembro de 1939, repr. em "*Führer-Erlasse" 1939-1945. Edition sämtlicher überlieferter, nicht im Reichsgesetzblatt abgedruckter, von Hitler während des Zweiten Weltkrieges schriftlich erteilter Direktiven aus den Bereichen Staat, Partei, Wirtschaft, Besatzungspolitik und Militärverwaltung.* Compilado e prefaciado por Martin Moll, Stuttgart, 1997.
63 Esse acordo refletiu-se em um decreto de Ribbentrop de 26 de outubro de 1939, que Likus menciona em um registro de 8 de agosto de 1940 sobre o SD no exterior (PAA, Inland IIg 71).
64 AB, R 58/243, acordo de 8 de agosto de 1940, recebido como Anexo A do decreto-circular do RFSS de 23 de maio de 1942.
65 Völkischer Beobachter de 22 e 23 de outubro de 1936.
66 Sobre as conferências policiais, ver Jacobsen, *Nationalsozialistische Aussenpolitik*, p. 462 e seg.
67 PAA, Inland IIg 71; BAB, NS 19/253, programa da conferência teuto-italiana; NS 19/256, carta de Bülow-Schwandte (Ministério do Exterior) a Himmler ref. ao futuro congresso, 24 de agosto de 1937.
68 BAB, NS 19/2736, estado-maior pessoal (Brandt) ao gabinete de imprensa do RFSS, 28 de agosto de 1937.
69 "Unter Kameraden" (artigo ilustrado sobre a visita) no *Das Schwarze Korps* de 28 de outubro de 1937.
70 USHMM, Acc. 1999. A.0092.
71 Ib., 15 de novembro de 1937.
72 Ib., 14, 17 e 19 de novembro de 1937.
73 A respeito de Dollmann, ver PAA, Inland IIg 82, anotações de Pusch para Luther, 3 e 9 de março de 1942, que dão conta de um "estreito relacionamento de confiança" entre ambos. Ver também as memórias de Dollmann *Dolmetscher der Diktatoren*. Bayreuth, 1963.
74 Ib., p. 82.
75 USHMM, Acc. 1999.A.0092, 9 a 13 de dezembro de 1937.
76 NARA, T 580/207/725, RFSS a Wüst, 10 de dezembro de 1937.

77 Doc. PS-386, in: *IMT*, vol. 25, p. 402 e segs. Ata redigida pelo Obersten Hossbach em 10 de novembro de 1937 sobre a reunião de 5 de novembro de 1937; ver especialmente Walter Bussmann, "Zur Entstehung und Überlieferung der 'Hossbach-Niederschrift'", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 16 (1968), p. 373-384, bem como Bradley F. Smith, "Die Überlieferung der Hossbach-Niederschrift im Lichte neuer Quellen", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 38 (1990), p. 329-336. A propósito do "Entscheidungsjahr 1937", ver Klaus Hildebrand, *Das vergangene Reich. Deutsche Aussenpolitik von Bismarck bis Hitler 1871-1945*, Stuttgart, 1995, p. 632 e segs.

78 Para saber mais sobre o caso Blomberg-Fritsch, ver Müller, *Heer*, p. 255 e segs.; Karl-Heinz Janssen e Fritz Tobias, *Der Sturz der Generäle. Hitler und die Blomberg-Fritsch-Krise 1938*, Munique, 1994.

79 A respeito dessa reviravolta, ver Janssen e Tobias, *Sturz*, p. 148 e segs. Janssen e Tobias conseguem evidenciar que, por meio dessa mudança radical de 1938, Hitler encontrou a saída para uma crise que surgira de modo inesperado e o deixara inicialmente perplexo e em virtude da qual caíra em desespero; isso também fica claro nos diários de Goebbels desse período crítico.

80 Walter Schellenberg, *The Schellenberg Memoirs*, ed. por Louis Hagen, Londres, 1956, p. 31 e seg.

81 Horst Mühleisen, "Die Fritsch-Krise im Frühjahr 1938. Neun Dokumente aus dem Nachlass des Generalobersten", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 56,2 (1997), p. 471-508. Entre esses documentos se encontra a carta — não enviada — de Fritsch a Himmler (doc. nº 5), na qual Fritsch lista as omissões de Himmler e o desafia para um duelo. Especialmente nas composições publicadas como documentos 7 e 8, Fritsch acusa Himmler de ter encenado o caso de modo deliberado.

82 Diários de Goebbels, 31 de janeiro de 1938.

83 Ib., 18 de março de 1938.

84 Ib., 12 de agosto de 1938.

85 Todos os documentos se encontram em BAB, NS 19/3940. Inicialmente Himmler encarregara o pequeno tribunal de arbitragem por carta de 28 de fevereiro de 1938 de examinar o caso; depois, após a apresentação de um relatório, enviou o processo ao grande tribunal de arbitragem. Ver também o parecer do grande tribunal de arbitragem de 23 de maio de 1938, bem como RFSS para o juiz arbitral deste.

86 Ib.

87 BAB, NS 19/4005, pronunciamento por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938.

88 BAB, BDC, SS-O Wittje, carta de Himmler a Daluege, 11 de setembro de 1942.

89 Janssen e Tobias, *Sturz*, discutem a possibilidade de satisfazer a vontade de Himmler de ser ministro da Guerra ou então assumir um novo ministério na área militar. Hitler, de todo modo, diante do generalato, rejeitou com veemência uma tal possibilidade.

90 USHMM, Acc. 1999.A.0092.

91 Neufeld, Huck und Tessin, *Ordnungspolizei*, p. 9 e segs.

92 A respeito da ocupação e anexação da Áustria, ver Dokumentationsarchiv (ed.), *"Anschluss" 1938*; *Anschluss 1938. Protokoll des Symposiums in Wien am 14. und 15. März 1978*, Viena, 1981; Gerhard Botz, *Die Eingliederung Österreichs in das Deutsche Reich. Planung und Verwirklichung des politisch-administrativen Anschlusses (1938-1940)*, 2ª ed. rev., Viena, 1976; Norbert Schausberger, *Der Griff nach Österreich. Der Anschluss*, Viena/Munique, 1978.

93 Helmuth Koschorcke, "'Unternehmen Otto'. Die deutsche Polizei in den historischen Tagen der Wiedererschaffung Grossdeutschlands", in: *Die Deutsche Polizei* nº 7 de 1º de abril de 1938.

94 Diários de Goebbels, 3 de abril de 1938.

95 Ordem de Himmler de 12 de março de 1938, repr. in: *Die faschistische Okkupationspolitik in Österreich und der Tschechoslowakei (1938-1945)*, seleção de documentos e introdução de Helma Kaden, Berlim 1988, doc. nº 3. Já no dia anterior ao seu voo ele havia definido como seria a atuação da Polícia de Ordem e da Polícia de Seguirança na ocupação da Áustria: BAB, R 19/401, Ordem de Himmler ref. "Missão Especial Áustria", 11 de março de 1938.

96 Anotações do antigo diretor de segurança para a Alta Áustria, Peter Revertera, abril de 1946, repr. em Dokumentationsarchiv (ed.), "*Anschluss*"*1938*, p. 328.

97 *RMBliV*, 23 de março de 1938, p. 472 e segs. As ordens correspondentes já haviam sido emitidas por Heydrich internamente em 15 de março; ver Franz Weisz, "Personell vor allem ein 'ständestaatlicher' Polizeikörper. Die Gestapo in Österreich", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 439-462.

98 Ib., p. 439 e seg. e p. 445.

99 Ib., p. 440.

100 BAB, NS 19/3951, agenda de 1938.

101 Ver p. ex. *Widerstand und Verfolgung in Wien 1934-1945. Eine Dokumentation*, ed. pelo Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes (DÖW), revisado por Wolfgang Neugebauer, 3 vols.,Viena 1975. vol. 2, doc. nº 1, reproduz uma notícia publicada numa revista de emigração de 2 de abril de 1938, que dá conta de que 120 socialistas já haviam sido presos em Viena; o relatório da Gestapo de Viena sobre o movimento comunista e marxista do início de 1939 informa que, desde o *Umbruch* (reviravolta), 890 pessoas haviam sido detidas por suspeita de envolvimento em atividades comunistas (doc. nº 20).

102 BAB, NS 19/3951, agenda para 1938.

103 USHMM, Acc. 1999.A.0092, 4 de maio de 1938.

104 Neufeld, Huck e Tessin, *Ordnungspolizei*, p. 11; Dok. USSR-509, in: *IMT*, vol. 39, p. 536 e segs.: registro de junho de 1938 ref. à atuação do SD no caso da ČSR; proposta do Gestapa para Best referente à atuação da Gestapo na ČSR, 29 de junho de 1938; sugestão do Departamento Central de Segurança em relação à atuação da Gestapo e do SD no caso de uma ocupação de todo o território abrangendo a Boêmia-Morávia-Silésia, 29 de setembro de 1938.

105 Oldrich Sládek, "Standrecht und Standgericht. Die Gestapo in Böhmen und Mähren", in: Gerhard Paul e Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg."Heimatfront" und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 317-339, esp. p. 317 a 321; Jörg Osterloh, *Nationalsozialistische Judenverfolgung im Reichsgau Sudetenland 1938-1945*, Munique, 2006, p. 185 e segs.

106 George H. Stein, *Geschichte der Waffen-SS*, Düsseldorf, 1967, p. 21; detalhes sobre a atuação militar se encontram no IfZ,

coletânea PS-388.

107 Werner Röhr, "Das Sudetendeutsche Freikorps — Diversionsinstrument der Hitler-Regierung bei der Zerschlagung der Tschechoslowakei", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 52 (1993), p. 35-66.

108 Doc. EC-366, in: *IMT*, vol. 36, p. 356 e segs., relatório sobre a função de oficial de ligação do alto-comando da Wehrmacht no Freikorps alemão dos sudetos, citação p. 360.

109 Ib., p. 361.

110 BAB, NS 19/4005, discurso por ocasião da conferência de Gruppenführer em Munique em 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs.

111 Herbert Rosenkranz, *Verfolgung und Selbstbehauptung. Die Juden in Österreich 1938-1945*, Viena, 1978, p. 20 e segs.

112 Sobre a fundação e a história pregressa da *Zentralstelle*, ver Hans Safrian, *Die Eichmann-Männer*, Viena/Zurique, 1993, p. 23 e segs.; Rosenkranz, *Verfolgung*, p.120 e segs.

113 Peter Longerich, *Politik der Vernichtung. Eine Gesamtdarstellung der nationalsozialistischen Judenverfolgung*, Munique/Zurique, 1998, p.177.

114 O processo se encontra no OA de Moscou, 500-1-549.

115 Walk (ed.), *Sonderrecht*, II 569.

116 Longerich, *Politik*, p. 195 e segs.; Trude Maurer, "Abschiebung und Attentat. Die Ausweisung der polnischen Juden und der Vorwand für die 'Kristallnacht'", in: Walter H.Pehle (ed.), *Der Judenpogrom 1938. Von der "Reichskristallnacht" zum Völkermord*, Frankfurt/Main: 1988, p. 52-73.

117 Mais sobre a cobertura da imprensa em Longerich,"*Davon*", p. 124 e segs.

118 A propósito dos eventos de Kurhessen, ver Dieter Obst, "*Reichskristallnacht*". *Ursachen und Verlauf des antisemitischen Pogroms vom November 1938.* Frankfurt/Main et al., 1991, p. 67 e segs.; Wolf-Arno Kropat, *Kristallnacht in Hessen. Der Judenpogrom vom November 1938. Eine Dokumentation*, Wiesbaden, 1988 p. 21 e segs.

119 BAB, NS 19/4005, discurso durante a conferência de Gruppenführer em Munique, 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., citações p. 37.

120 *Diários de Goebbels*, 10 de novembro de 1938. Vom Rath, junto ao qual se encontrava o médico pessoal de Hitler, Brandt, com a incumbência expressa de "prestar atendimento e reportar diretamente sobre seu estado de saúde", faleceu por volta de 16h (*Völkischer Beobachter* de 9 de novembro de 1938); a chegada da notícia da morte de Vom Rath em Munique no decorrer da tarde é confirmada tanto pelo chefe de Imprensa do Reich, Otto Dietrich (*12 Jahre mit Hitler*, Munique, 1955, p. 56), quanto pelo *Gauleiter* de Magdeburg-Anhalt (Rudolf Jordan, *Erlebt und Erlitten. Weg eines Gauleiters von München bis Moscou*, Leoni/Lago de Stanberg, 1971, p. 180).

121 Isso se infere da ordem dos lugares à mesa, que se encontra registrada no arquivo Bürgermeister und Rat Nº 458/3 (pastas de Fiehler) no StA de Munique.

122 Obst, "*Reichskristallnacht*"; Hans-Jürgen Döscher, "*Reichskristallnacht*". *Die Novemberpogrome 1938.* Frankfurt/am Main etc., 1988.

123 É o que diz Karl Wolff, IfZ, ZS 317 II, 22 de março de 1948. A declaração de Wolff é corroborada pela informação de seu funcionário Luitpold Schallermeier: *IMT*, vol. 42, p. 510 e segs., bem como vol. 21, p. 392; ver também IfZ, ZS 526, interrogatório de 23 de junho de 1947.

124 Doc. PS-374, in: IMT, vol. 25, p. 377 e seg.

125 Doc. PS-3051, in: IMT, vol. 31, p. 516 e segs.

126 A propósito das prisões em massa, ver Heiko Pollmeier, "Inhaftierung und Lagererfahrung deutscher Juden im November 1938", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 8 (1999), p. 107-130; Harry Stein, "Das Sonderlager im Konzentrationslager Buchenwald nach den Pogromen 1938", in: Monica Kingreen (ed.), *Nach der Kristallnacht. Jüdisches Leben und antijüdische Politik in Frankfurt am Main 1938-1945.* Frankfurt/Main, 1999, p. 19-54.

127 Trata-se aqui das reuniões presididas por Göring de 12 de novembro (Doc. PS-1816, in: *IMT*, vol. 28, p. 499 e segs.) e 6 de dezembro (Götz Aly e Susanne Heim, "Staatliche Ordnung und 'organische Lösung'. Die Rede Hermann Görings 'über die Judenfrage' vom 6 Dezember 1938", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 2 (1993), p. 378-404) bem como a reunião conduzida por Frick em 16 de dezembro, in: *Bevölkerungsstruktur und Massenmord. Neue Dokumente zur deutschen Politik der Jahre 1938-1945*, compilado e comentado por Susanne Heim e Götz Aly. Berlim, 1991, Doc. nº 1, p. 15-21.

128 Doc. PS-1816, in: *IMT*, vol. 28, p. 499 e segs. A respeito dessas conferências, ver também a descrição em Walter Strauss. "Das Reichsministerium des Inneren und die Judengesetzgebung. Die Aufzeichnungen von dr. Bernhard Lösener: Als Rassereferent im Reichsministerium des Inneren", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 9 (1961), p. 262-313, p. 286 e segs.

129 BAB, R 58/276.

130 RGBl 1939 I, p. 1097. Detalhes sobre a história preliminar encontram-se em Wolf Gruner. "Poverty and Persecution: the Reichsvereinigung, the Jewish Population, and anti-Jewish Policy in the Nazi State, 1939-1945", in: *Yad Vashem Studies* 27 (1999), p. 23-60, aqui p. 28 e segs., bem como em Esriel Hildesheimer, *Jüdische Selbstverwaltung unter dem NS-Regime. Der Existenzkampf der Reichsvertretung und Reichsvereinigung der Juden in Deutschland*, Tübingen, 1994, p. 79 e segs.

131 Adam, *Judenpolitik*, p. 213 e segs.; Longerich, *Politik*, p. 212 e segs.

132 *Frankfurter Zeitung* de 11 de novembro de 1938, instrução do Reichsführer-SS e chefe da Polícia Alemã; decreto referente à proibição do porte de armas pelos judeus, de 11 de novembro de 1938. In: *RGBl 1938* I, p. 1573.

133 Ib., p. 1676 e p. 1704.

134 Walk (ed.), *Sonderrecht*, II 37, portaria de 29 de novembro de 1938.

135 Ib., III 47.

136 Herbert A. Strauss. "Jewish Emigration from Germany. Nazi Policies and Jewish Response", in: *Leo Baeck Institute Yearbook* 25 (1980), p. 313-361 (I); e 26 (1981), p. 343-409.

137 A propósito dessas negociações, ver Ralph Weingarten, *Die Hilfeleistungen der westlichen Welt bei der Endlösung der deutschen Judenfrage. Das "Intergovernmental Committee on Political Refugees" IGC 1938-1939*, Berna/Frankfurt (Main)/Las Vegas, 1981.
138 BAB, NS 19/3666.
139 Neufeld, Huck e Tessin, *Ordnungspolizei*, p. 11.
140 Decreto sobre a constituição da Administração e da Polícia de Segurança alemã no protetorado, *RGBl* 1939 I, p. 1682 e seg.; Sládek, "Standrecht"; Helmut Krausnick, "Die Einsatzgruppen vom Anschluss Österreichs bis zum Feldzug gegen die Sowjetunion. Entwicklung und Verhältnis zur Wehrmacht", in: idem e Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD 1938-1942*, Stuttgart 1981, p. 13-278, p. 25 e seg.; Detlef Brandes, *Die Tschechen unter deutschem Protektorat, Vol. 1: Besatzungspolitik, Kollaboration und Widerstand im Protektorat Böhmen und Mähren bis Heydrichs Tod 1939-1942*, Munique 1969, p. 37 e seg.
141 BAB, NS 2/86, RFSS, chefe do Departamento Central da SS, assinado Himmler, 3 de setembro de 1935.
142 Ib., sem data, assinado Himmler.
143 Ib., anotação sem data e sem assinatura. A respeito do início da *Siedlungspolitik*, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 71 e segs.; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 251 e segs.
144 Andrea D'Onofrio, "Rassenzucht und Lebensraum: Zwei Grundlagen im Blut- und Boden-Gedanken von Richard Walther Darré", in: *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft "Berlin"* 49 (2001), p. 140-157, com o texto do discurso por ocasião da convenção dos especialistas rurais do *Gau* em Weimar, 23 e 24 de janeiro de 1936 — ver esp. p. 155; para outros exemplos de comentários semelhantes de Darré ou de pessoas ao seu redor, ver Heinemann,"*Rasse*", p. 7
145 BAB, BDC, SS-O Reischle, duas palestras sobre o tema assentamento nos espaços novos, os chamados "Neuräume'', data incerta, supostamente em fins de março de 1939. Concretamente, Reischle queria deslocar cerca de 700 mil tchecos das regiões agrárias para as cidades e, em duas etapas, assentar praticamente a mesma quantidade de alemães do Reich nessas terras.
146 A respeito da DAG, ver Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 288 e segs.; BAB, NS 2/86, carta de Gottberg (*Siedlungsamt*) ao presidente do Dresdner Bank ref. à disfarçada assunção do controle da DAG pela SS, 24 de outubro de 1938 e relatório da DAG à Presidência do Ministério da Agricultura, Viena, 8 de novembro de 1938; NS 2/55, carta de Darré a Himmler, 20 de setembro de 1939: "A *Deutsche Ansiedlungsgesellschaft*, Berlim, trabalha em estreita colaboração com o Departamento de Raça e Colonização. Eu a autorizei, temporariamente, a coordenar o assentamento em todo o território do Reich, incluindo o *Ostmark* e a maior parte dos Sudetos."
147 Sobre as atividades da DAG na Áustria, ver Heinemann,"*Rasse*", p. 121 e segs.; Keienburg, *Wirtschaft*, p. 294 e seg.
148 BAB, NS 2/86, Gottberg ao chefe do RuSHA, 20 de agosto de 1938.
149 BAB, NS 2/54, Pancke a Himmler, 7 de outubro de 1938; NS 2/64 Pancke ao estado-maior pessoal, 15 de julho de 1938.
150 Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 265 e segs., ressalta essa diferença de concepção entre Darré e Himmler.
151 Gustavo Corni e Horst Gies, *Brot — Butter — Kanonen. Die Ernährungswirtschaft in Deutschland unter der Diktatur Hitlers*, Berlim, 1997, p.184 e seg. e p. 194.
152 BAK, NL 1094, I 65a, o assim chamado diário de Darré, revisado por Hanns Deetjen. A partir do comentário preliminar pode-se inferir que Deetjen produzia excertos do diário original em 1969.
153 Ib.
154 Ib., 25 de dezembro de 1937 e 3 de janeiro de 1938.
155 BAK, NL 1094, I 10, Darré a Himmler, 8 de fevereiro de 1938.
156 Himmler, no entanto, demitiu Darré "condicionado à confirmação do Führer" (Ib., Himmler a Darré, 28 de fevereiro, confirmação de Darré de 1º de março de 1938).
157 BAK, NL 1094, I 10.
158 Ib., anotação sobre o telefonema do líder dos camponeses do Reich de Berchtesgaden, 28 de fevereiro de 1938.
159 Himmler já obtivera o consentimento em 2 de março de 1938 (BAB, BDC, SS-O Darré, anotação de 5 de março de 1938), mas só comunicou a decisão a Darré em 26 de abril de 1938 (Ib., carta de 26 de abril de 1938).
160 Pohl decidiu propor essa sugestão "audaciosa" quando o ministro das Finanças do Reich rejeitou o aumento das contribuições pagas ao RuSHA (BAB, BDC, SS-O Pohl, 30 de março de 1938). Sobre a nova subordinação do Departamento de Ensino, ver ordem de Himmler de 1º de agosto de 1938 (NS 2/86).
161 Sobre a renúncia, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 112 e seg.; Uwe Mai, "*Rasse und Raum*". *Agrarpolitik, Sozial- und Raumplanung im NS-Staat*, Paderborn et al. 2002, p. 114 e segs.; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 268 e segs.; Bramwell, *Blood*, p. 133. Em relação à nomeação de Pancke, ver BAB, BDC, SS-O Pancke, resumo geral da carreira profissional de Pancke.
162 BAB, BDC, SS-O Darré, Darré a Himmler, 6 de julho de 1938.
163 BAK, NL 1094, 65a, registros de 17 de abril, bem como de 8 e de 25 de dezembro de 1937, 9 e 13 de janeiro, além de 28 de fevereiro de 1938.
164 Ver a troca de correspondência particular entre ambos em BAK, NL 1094,I 58, bem como a carta de Darré a Himmler de 6 de julho de 1938 (BAB, BDC, SS-O Darré).
165 Sobre os reassentamentos no Tirol do Sul, ver Conrad F. Latour, *Südtirol und die Achse Berlin — Rom 1938-1945*, Stuttgart, 1962; Leopold Steurer, *Südtirol zwischen Rom und Berlin 1919-1939*, Viena et al., 1980; Karl Stuhlpfarrer, *Umsiedlung Südtirol 1939-1940*. Viena et al., 1985.
166 Ib., p. 53. Segundo os apontamentos de Likus (homem de ligação da SS junto ao Ministério do Exterior) de 4 de abril de 1939, por essa data Himmler já se havia incumbido dessa missão; aqui também se menciona o número de 30 mil. (BAB, NS 19/2070).
167 Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 54. Na carta a Himmler de 14 de abril de 1939, Hofer, por outro lado, ainda expressa dúvidas quanto ao acerto da decisão de renunciar definitivamente ao Tirol do Sul (BAB, NS 19/2070).
168 Ib., memorando de 30 de maio de 1939; Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 63 e segs.
169 BAB, NS 19/2070, apontamento de Himmler sobre a reunião. Uma versão detalhada de protocolo foi redigida por Wolff, outra por

Greifelt (Ib.). Do lado alemão, participaram, entre outros, Lorenz, Behrends, Bohle, o secretário de Estado Von Weizsäcker, além de outros representantes do Ministério do Exterior. Cf. Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 68 e segs.

170 BAB, NS 19/2070, memorando sobre as negociações entre Alemanha e Itália quanto à questão da emigração do Tirol do Sul (com cronologia detalhada), 9 de dezembro de 1939.

171 Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 86 e segs.; sobre os acordos fechados em 21 de outubro de 1939, ver p. 148 e segs.

172 Sobre os resultados das negociações, ver Ib., p. 97 e segs. O prazo de três meses válido para os alemães do Reich se iniciaria na data em que as repartições encarregadas dos reassentamentos tivessem sido instaladas.

173 BAB, NS 2/141, central de ligação junto ao RuSHA em Praga, 18 de abril de 1939, ref. à ocupação do Departamento de Terras "por ação policial do Estado" de acordo com os entendimentos entre o chefe do Departamento de Raça e Colonização e o chefe do Departamento Central de Segurança. Pancke havia sugerido a ocupação do Departamento de Terras em carta a Heydrich de 31 de março de 1939; como precedente, Pancke citou a recente "súbita desapropriação e o empossamento dos empreendimentos agrícolas lituanos e judeus na região de Memelland". Pancke justificava a atribuição da responsabilidade à SS como segue: "Como acredito que o problema dos assentamentos, especialmente em se tratando das antigas fronteiras do Reich é, antes de tudo, político, a administração do mesmo, penso eu, forçosamente deveria ficar a cargo de um organismo político — das SS, portanto — e não a cargo de gabinetes ministeriais que, até o momento, comprovaram ser altamente incompetentes na condução de suas atribuições políticas." Sobre a sua transferência para o Departamento de Terras e seu trabalho como subordinado a Gottberg, ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 168 e segs., Heinemann,"*Rasse*", p. 131 e segs., além de Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 313 e segs.

174 Heinemann, "*Rasse*", p. 139.

175 BAB, NS 2/164, Gottberg a Himmler, 12 de julho de 1939; cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 144.

176 Isso se conclui a partir de palestras proferidas por Hermann Reischle na primavera (BAB, BDC, SS-O Reischle). Segundo o conceito de Reischle, o importante era assentar cerca de 150 mil famílias de camponeses alemães na região rural do protetorado e de expulsar aproximadamente a mesma quantidade de tchecos para as cidades do protetorado. O que se queria era que metade das propriedades rurais independentes em todos os lugares fosse parar em mãos alemãs.

177 É o que diz Pancke a Himmler em 15 de abril de 1939 (BAB, NS 2/138); cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 132 e seg.

178 BAB, NS 2/139, 11 de agosto de 1939. Ver também NS 2/138, carta de Darré de 17 de maio de 1939, na qual ele se diz totalmente contrário aos planos de atribuir a responsabilidade pelo assentamento à SS. A respeito do conflito Darré-Gottberg e da destituição deste, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 146 e segs., bem como Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 327 e segs.

179 BAB, NS 2/139, Pancke, relatório sobre a visita ao Departamento de Terras de Praga, novembro de 1939.

180 BAB, NS 2/139, Gottberg ao ministro do Interior do Reich, 9 de agosto de 1939.

181 Darré se queixou sobre isso a Himmler em 20 de setembro de 1939 (BAB, NS 2/55); sobre a Deutsche Ansiedlungsgesellschaft (DAG), ver mais detalhes em Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 288 e segs.

182 Heinemann, "*Rasse*", p. 148.

183 Ib., p. 150; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 332.

184 BAB, BDC, SS-O Jansen, carta de 27 de agosto de 1939.

185 Ib., Departamento de RH (Schmitt) a Eicke, 18 de janeiro de 1940. Segundo isso, Jansen teria manifestado perante Himmler o desejo de "integrar por algum tempo um estado-maior mais alto no front, a fim de colher impressões para serem usadas mais tarde em seus escritos". O serviço de Jansens na Divisão Totenkopf é corroborado por uma nota de 21 de agosto de 1940 (Ib.).

186 BAB, BDC, SS-O Jansen.

**Guerra e colonização na Polônia**

1 NARA, T 580/150/225, carta da Ahnenerbe a Himmler, 9 de setembro de 1939. O breve estudo comparava, entre outros, "a construção da cadeia de fortificações contra os Húngaros […] com a edificação da nossa Westwall" [Linha Siegfried].

2 Ver especialmente Wildt, *Generation*, p. 419-580.

3 Ib., p. 421 e seg.

4 Assim se manifestou Hitler em seu discurso perante o Reichstag em 1º de setembro de 1939: "Esta noite, pela primeira vez, a Polônia disparou tiros em nosso próprio território também por meio de soldados regulares. Desde as 5h45 nós estamos revidando" (Hitler, *Reden und Proklamationen*, [Domarus] vol. 2, p. 1312 e segs., citação p. 1315).

5 IfZ, ZS 573, interrogatório do ex-chefe do posto da StaPo, Emanuel Schaefer, 13 de junho de 1952, conduzido pelo Ministério Público de Colônia.

6 Jürgen Runzheimer, "Die Grenzzwischenfälle am Abend vor dem deutschen Angriff auf Polen" , in: Wolfgang Benz e Hermann Graml (ed.), *Sommer 1939. Die Grossmächte und der Europäische Krieg*, Stuttgart, 1979, p. 107-147; ver também idem, "Der Überfall auf den Sender Gleiwitz im Jahre 1939", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 10 (1962), p. 408-426; Höhne, *Orden*, p. 240 e segs.; Dok. PS-2751, declaração de Naujocks, 19 de novembro de 1945 em *IMT*, Vol. 31, p. 90 e segs.

7 Rolf Michaelis, *Die Geschichte der SS-Heimwehr Danzig 1939*, Rodgau, 1990; Dieter Schenk, *Die Post von Danzig. Geschichte eines deutschen Justizmords*, Reinbek bei Hamburg, 1995.

8 Schellenberg, *Memoirs*, p. 71 e segs.

9 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 302.

10 BAB, NS 19/4005, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., aqui p. 31; ver Wegner, *Politische Soldaten*, p. 127.

11 Ib., p. 126; para mais detalhes, ver Otto Weidinger, *Division Das Reich. Der Weg der 2. SS-Panzer-Division "Das Reich". Die Geschichte der Stammdivision der Waffen-SS*, Osnabrück, 1967, vol. 1, 1934-1939, p. 139 e segs. e p. 274 e segs.

12 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 126; Weidinger, *Das Reich*, vol. 1, p. 320 e segs.

13 Sydnor, *Soldaten*, p. 33 e segs.

14 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 124 e seg.; Sydnor, *Soldaten*, p. 37 e segs.

15 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 126 e seg.; Friedrich Husemann, *Die guten Glaubens waren. Geschichte der SS-Polizeidivision (4. SS-Polizei-Panzer-Grenadier-Division)*, vol. 1, 1939-1942, Osnabrück, 1971, p. 17 e seg.
16 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 127 e seg.
17 Em termos de literatura sobre a guerra contra a Polônia e sobre a primeira fase de ocupação, ver Dieter Pohl, *Von der "Judenpolitik" zum Judenmord. Der Distrikt Lublin des Generalgouvernements 1939-1944*, Frankfurt/Main et al. 1993; Jansen e Weckbecker, "*Selbstschutz*"; Horst Rohde, "Hitlers erster 'Blitzkrieg' und seine Auswirkungen auf Nordosteuropa", in: Klaus A. Maier et al., *Die Errichtung der Hegemonie auf dem europäischen Kontinent*, Stuttgart, 1979, p. 79-156; Czesław Madajczyk, *Die Okkupationspolitik Nazideutschlands in Polen 1939-1945*, Colônia, 1988; Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 32 e segs.
18 *Akten zur deutschen auswärtigen Politik 1938-1945. Aus dem Archiv des Auswärtigen Amtes*, Serie D: 1937-1941, vol. 7: *Die letzten Wochen vor Kriegsausbru*ch, Baden-Baden 1967, Nº 193; Winfried Baumgart, "Zur Ansprache Hitlers vor den Führern der Wehrmacht am 22.8.1939: eine quellenkritische Untersuchung", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 16 (1968), p. 120-149.
19 Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 44, Alexander B. Rossino, *Hitler Strikes Poland. Blitzkrieg, Ideology, and Atrocity*, Lawrence, Kansas, 2003, p. 66 e p. 259.
20 BAB, R 58/825, 8 de setembro de 1941.
21 Ib., 16 de outubro de 1941.
22 Jansen e Weckbecker, "Selbstschutz", p. 27 e segs.; Włodzimierz Jastrzębski, *Der Bromberger Blutsonntag. Legende und Wirklichkeit*, Posen, 1990.
23 Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 33 e segs. Descrição detalhada do pessoal de comando se encontra em Rossino, *Hitler*, p. 29 e segs.
24 Helmut Krausnick, "Hitler und die Morde in Polen. Ein Beitrag zum Konflikt zwischen Heer und SS um die Verwaltung der besetzten Gebiete", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 11,2 (1963), p. 196-209, p. 207.
25 Dorothee Weitbrecht, "Ermächtigung zur Vernichtung. Die Einsatzgruppen in Polen im Herbst 1939", in: Klaus-Peter Mallmann e Bogdan Musial (ed.), *Genesis des Genozidp. Polen 1939-1941*, Darmstadt, 2004, p. 57-70, aqui p. 57; Dan Michman, "Why Did Heydrich Write the 'Schnellbrief'? A Remark on the Reason and on its Significance", in: *Yad Vashem Studies* 32 (2004), p. 433-447, p. 439 e seg.
26 Weitbrecht, "Ermächtigung", p. 59 e segs.
27 IfZ, NO 2285, Himmler aos chefes da administração civil junto aos altos-comandos do Exército, 26 de setembro de 1939. A conferência decisiva deve ter ocorrido entre 3 e 7 de setembro de 1939 (Jansen e Weckbecker, "*Selbstschutz*", p. 48, que se baseiam nas declarações de Berger em Nuremberg: IfZ, MB 30, p. 3838 e segs.). Em 7 de outubro de 1939, Himmler promulgou "diretrizes preliminares para a Organização do Selbstschutz na Polônia", citadas por Jansen e Weckbecker, "*Selbstschutz*", p. 52 e seg., de acordo com documentação existente no Departamento Central de Administração da Justiça do Estado para o esclarecimento de crimes nazistas (*Zentralen Stelle Ludwigsburg*).
28 Com relação aos números, ver Ib., p. 35.
29 Quanto ao papel das organizações Selbstschutz, ver basicamente Ib., p. 111 e segs. Sobre a participação da Wehrmacht nos homicídios, ver Joachim Böhler, *Auftakt zum Vernichtungskrieg. Die Wehrmacht in Polen 1939*, Frankfurt/Main 2006, bem como idem, "'Tragische Verstrickung' oder Auftakt zum Vernichtungskrieg? Die Wehrmacht in Polen 1939", in: Klaus-Michael Mallmann e Bogdan Musial (ed.), *Genesis des Genozids. Polen 1939-1941*, Darmstadt 2004, p. 36-57. Sobre as Einsatzgruppen, ver Rossino, *Hitler*, p. 88 e segs., bem como idem, "Nazi Anti-Jewish Policy During the Polish Campaign. The Case of the Einsatzgruppe von Woyrsch", in: *German Studies Review* 24,1 (2001), p. 35-53. Os papéis da *Ordnungspolizei* e da *Waffen-SS* são analisados por Klaus-Michael Mallmann, bem como Martin Cüppers, na coletânea editada por Mallmann e Musial, *Genesis des Genozids.*
30 Exemplos em Rossino, *Hitler*, p. 90 e seg. e p. 99.
31 Ib., p. 88 e segs.
32 Christopher R. Browning, *Die Entfesselung der "Endlösung". Nationalsozialistische Judenpolitik 1939-1942*, Berlim 2006, p. 56 e seg.; Böhler, "'Verstrickung'", p. 45 e segs.; idem, *Auftakt*, p. 216 e segs.
33 IfZ, NOKW 1006. A respeito de Von Woyrsch, ver o seu arquivo SS-O no BAB, BDC.
34 Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 41, bem como Böhler, *Auftakt*, p. 210 e segs.
35 Citado segundo Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 57. A captura de reféns acabou não sendo executada pela Einsatzgruppe e sim pela Wehrmacht.
36 Jansen e Weckbecker,"*Selbstschutz*", p. 154 e segs.
37 Ib., p. 96 e segs. e p. 154.
38 Ib., p. 154 e segs. e p. 212 e segs. Também no recém-formado *Warthegau*, no outono de 1939, as milícias alemãs mataram pessoas que pertenciam aos mesmos grupos de vítimas como em Danzig-Westpreussen, embora em proporções menores (Ib., p. 156 e p. 224 e segs.). Unidades que se encontravam nos territórios poloneses que haviam sido anexados à Prússia oriental, na parte leste da Alta Silésia e nos territórios do centro e do leste da Polônia, também efetuaram execuções.
39 Volker Riess, *Die Anfänge der Vernichtung "lebensunwerten Lebens" in den Reichsgauen Danzig-Westpreussen und Wartheland 1939/40*, Frankfurt/Main et al. 1995, p. 173 e segs.
40 Jansen e Weckbecker, "*Selbstschutz*", p. 49 e segs. e p. 64 e segs.
41 Ver acima p. 337 e seg.
42 BAB, BDC, SS-O Alvensleben, Himmler a Heydrich, 26 de março de 1940.
43 Assim avalia Riess, *Anfänge*, p. 355.
44 Ib., p. 243 e segs.
45 Ib., p. 290 e segs.
46 Ib., p. 321 e segs.; Mathias Beer, "Die Entwicklung der Gaswagen beim Mord an den Juden". In: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 35,3 (1987), p. 403-417, p. 404 e segs.; *Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas. Eine Dokumentation*,

ed. por Eugen Kogon, Hermann Langbein e Adalbert Rückerl, Frankfurt/Main, 1986, p. 62 e segs.; Ernst Klee, *"Euthanasie" im NS-Staat. Die "Vernichtung lebensunwerten Lebens"*, Frankfurt/Main, 1983, p. 105 e segs.

47 Riess, *Anfänge*, p. 222 e segs.; ver especialmente Heike Bernhardt, *Anstaltspsychiatrie und "Euthanasie" in Pommern 1933-1945. Die Krankenmorde an Kindern und Erwachsenen am Beispiel der Landesheilanstalt Ueckermünde*, Frankfurt/Main, 1994.

48 Riess, *Anfänge*, p. 104 e segs. , p. 131, p. 135 e seg., p. 168, p. 256 e p. 334.

49 Ib., p. 188 e p. 288 e seg.

50 Ver acima p. 336.

51 Richard Breitman considera um apontamento de Himmler de 5 de dezembro de 1939 "a primeira comprovação da existência de um plano sobre uma espécie de fábrica da morte que usava gás mortífero para matar e crematórios para eliminar os corpos". O apontamento sobre uma conversa com Oswald Pohl diz: "Crematórios — locais de desinfestação de piolhos" (BAB, NS 19/1449; Richard Breitman, *Der Architekt der "Endlösung". Himmler und die Vernichtung der europäischen Juden*, Paderborn, 1996, p. 130 e seg.). De fato, no entanto, somente em 1942 seriam erguidas as instalações em que se matava mediante gás mortífero e se usavam crematórios para incinerar os corpos. Se Himmler perseguia um plano desses já desde o final de 1939 — para o que, de resto, não há outra comprovação conclusiva —, então ele não o fazia de modo consequente.

52 Nota de arquivo do *Oberstleutnant* Lahousen, repr. em Helmuth Groscurth, *Tagebücher eines Abwehroffiziers 1938-1940. Mit weiteren Dokumenten zur Militäropposition gegen Hitler*, ed. Helmut Krausnick e Harold C. Deutsch e com a colaboração de Hildegard von Kotze, Stuttgart, 1970, p. 357 e segs.

53 Repr. em Müller, *Heer*, apêndice nº 45.

54 Sobre esse complexo, ver Ib., p. 422 e segs.

55 A respeito da resistência e dos protestos dos militares, ver detalhes em Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 80 e segs.

56 Conversa entre o chefe do estado-maior do comandante da Wehrmacht no recém-criado distrito militar de Danzig com o HSSPF Hildebrand e o Selbstschutzführer responsável pela área da Prússia ocidental Von Alvenslaben em 13 de outubro de 1939, segundo Jansen e Weckbecker,"*Selbstschutz*", p. 175.

57 Citado em Groscurth, *Tagebücher*, p. 409 e segs.

58 Jansen e Weckbecker, "*Selbstschutz*", p. 146 e p. 193 e segs.

59 Queixa do comandante do distrito militar no *Warthegau*, general Petzel, ao comandante em chefe do Exército de Reserva de 23 de novembro de 1939, Dok. D-419, in: *IMT*, vol. 35, p. 88.

60 IfZ, NO 3011, comandante em chefe do leste, anotações para a apresentação do Ober-Ost [comandante supremo de todo o leste] ao comandante em chefe do Exército, 15 de fevereiro de 1940, contém, em seu anexo, uma longa lista de abusos e reproduz a tomada de posição de Ulex de 2 de fevereiro de 1940.

61 Müller, *Heer*, p. 437 e segs.; lembrete de Blaskowitz para a palestra com o comandante em chefe do Exército, 6 de fevereiro de 1940, repr. em *"Schöne Zeiten". Judenmord aus der Sicht der Täter und Gaffer*, ed. por Ernst Klee,Willi Dressen e Volker Riess, Frankfurt/Main 1988, p. 14 e segs.

62 A esfera de atuação deles foi definida por meio da ordem do RuSHA de 2 de setembro de 1939 (BAB,NS 2/157). Em detalhe estavam previstas as seguintes tarefas:

— assegurar o funcionamento dos gabinetes do *Westmarkenverein* no que se referia a questões de uso do solo;

— fechar e lacrar as instituições monetárias e de crédito agrícolas, bem como as cooperativas agrícolas;

— estabelecer contato com os chefes dos grupos étnicos alemães visando à "apuração a) das propriedades de judeus, b) das florestas e dos domínios do Estado [...], c) das propriedades da Igreja, d) dos latifúndios privados poloneses, e) das propriedades de terras cultiváveis dos bancos".

Ver também BDC, SS-O Brehm, relatório de Brehm de 7 de outubro de 1940: "O chefe do Setor de Colonização RuSHA-SS, o SS-Oberführer Von Gottberg, incumbiu-me de chefiar uma Einsatzgruppe que, após a invasão da Polônia, se encarregará da obtenção de todos os documentos relativos à reforma agrária da Polônia e da tomada das primeiras providências no sentido de fundar um Departamento de Terras." Os Einsatzgruppen assumiram suas funções oficialmente em 11 de setembro de 1939 (NS 2/55, Pancke ao RFSS, 11 de setembro de 1939). Para a apresentação dos fundamentos das recomendações, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 201 e segs.

63 BAB, NS 2/61, minuta de um relatório dirigido à *Dienststelle des RKF*, chefia do RuSHA-Beratung B, Theodor Henschel. Além disso, consta nesta minuta que a assessoria "tem a incumbência de preparar a germanização das propriedades agrícolas *estranhas ao povo* e de defender na totalidade os interesses da SS no solo a ser liberado. [...] As assessorias estavam proibidas de agir por conta própria, tendo, por isso, de manter um contato estreito com os Einsatzgruppen da Polícia de Segurança [...]. As terras de propriedade dos judeus e as propriedades rurais polonesas mais extensas (acima de 25 ha) eram declaradas à Polícia de Segurança, a fim de determinar os donos das propriedades; e as propriedades rurais expropriadas, após a detenção de seus proprietários, eram atribuídas ao chefe da Administração Civil a fim de serem administradas pelo seu Departamento de Agricultura." Ver também NS 2/60, Beratung A, Relatório de nº 13, 21 de outubro de 1939, bem como o comentário de Himmler a Pancke, 28 de novembro de 1939.

64 Ver material em BAB, NS 2/55. O Ministério da Alimentação, assim se dizia no Departamento de Colonização, teria recrutado 56 arrendatários para se estabelecer na província de Posen, com o fim de administrar os latifúndios poloneses em poder do Estado; suspeitava-se, além disso, que o ministério estaria "tentando ressuscitar a velha comissão prussiana de colonização ", fundada em 1886 (memorando de 11 de setembro de 1939, bem como carta de Pancke a Himmler do mesmo dia).

65 Detalhes em Madajczyk, *Okkupationspolitik*, p. 391.

66 USHMM, Acc. 1999.A.0092, 16 de outubro de 1939.

67 Doc. PS-686, in: *IMT*, vol. 26, p. 255 e seg. Sobre a história pregressa, ver Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 247 e segs. O decreto se baseava na minuta de um decreto do Führer quanto aos remanejamentos populacionais do Tirol do Sul que Lammers enviara a Himmler em 12 de agosto de 1939; Himmler fez algumas modificações no documento. Sobre o processo, ver BAB, R 43 II /1412.

68 Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 253. Material em BAB, R 43 II/1412.

69 IfZ, NG 1759, carta de Darré a Lammers, 4 de outubro de 1939.

70 IfZ, NG 1759.
71 Isso se deduz pela carta a Göring, de 27 de outubro de 1939 (ib.).
72 Ib., 27 de outubro de 1939.

**Uma nova ordem racial**

1 BAB, R 58/241, Decreto de 1º de novembro de 1939. Sobre a estruturação da polícia e sua relação com a administração, ver Gerhard Eisenblätter, "Grundlinien der Politik des Reichs gegenüber dem Generalgouvernement, 1939-1945". (MS) Tese de Filosofia, Frankfurt 1969, p. 131 e segs.
2 Em junho de 1940, Himmler conseguiu convencer Frank de que o secretário de Estado deste, Bühler, não era superior hierárquico de Krüger (ib., p. 143).
3 Martin Broszat, *Nationalsozialistische Polenpolitik 1939-1945*, Stuttgart, 1961, p. 81.
4 Detalhes sobre a Polícia de Ordem junto ao Governo-Geral, ver Eisenblätter, "Grundlinien", p. 136 e seg.
5 BAB, R 75/3b; repr. em *Faschismus, Ghetto, Massenmord. Dokumentation über Ausrottung und Widerstand der Juden in Polen während des 2.Weltkrieges*, ed. pelo Instituto Histórico Judaico de Varsóvia, seleção, revisão e prefácio de Tatiana Berenstein, Artur Eisenbach et al., Frankfurt/Main, 1962, p. 42 e seg.; quanto ao papel do HSSPF nesse contexto, ver Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 158.
6 Madajczyk, *Okkupationspolitik*, p. 187.
7 Michael Foedrowitz, "Auf der Suche nach einer besatzungspolitischen Konzeption. Der Befehlshaber der Sicherheitspolizei und des SD im Generalgouvernement", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg.'Heimatfront' und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 340-361, esp. p. 340 e segs.
8 Decreto referente à introdução do direito penal alemão de 6 de junho de 1940. In: *RGBl* 1940 I, p. 84. A respeito desse tema, ver também Broszat, *Polenpolitik*, p. 142 e segs.
9 Decreto referente à aplicação do direito penal contra a Polônia e os judeus nos territórios incorporados do leste de 4 de dezembro de 1941. In: *RGBl* 1941 I, p. 759.
10 Christopher R. Browning, "Die nationalsozialistische Umsiedlungspolitik und die Suche nach einer 'Lösung der Judenfrage' 1939-1941", in: idem, *Der Weg zur "Endlösung". Entscheidungen und Täter*, Bonn, 1998, p. 13-36; também Pohl, *Lublin*, p. 22.
11 BAB, R 58/825, 15 de setembro de 1939.
12 *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 37 e segs.; IfZ, PS-3363.
13 Anotações sobre a reunião entre Heydrich e Von Brauchitsch, repr. em Groscurth, *Tagebücher*, p. 361 e seg.
14 BAB, R 58/825, convenção de chefes de departamento de 29 de setembro, ata de 1º de outubro de 1939. De modo correspondente, o regulamento de exceção decretado em carta expressa de 21 de setembro, que determinava que na área do Einsatzgruppe I não se fariam preparativos para deportações, foi revogado (YV, 053/87, nota de Eichmann de 29 de setembro de 1939).
15 Alfred Rosenberg, *Das politische Tagebuch Alfred Rosenbergs aus den Jahren 1934/1935 und 1939/1940*, ed. por Hans-Günther Seraphim, Munique 1964, p. 81.
16 Ver Longerich, *Politik*, p. 255. O próprio Hitler mencionara essas reservas em 26 de setembro ante o fabricante sueco Dahlerus (Andreas Hillgruber [E.], *Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler. Vertrauliche Aufzeichnungen über Unterredungen mit Vertretern des Auslande*s, vol. 1: 1939- 1941, Frankfurt/Main, 1967, p. 29 e seg.) e expunha ao ministro do Exterior italiano em 1º de outubro a ideia de uma "limpeza étnica" no leste (*ADAP*, Série D, vol. 7, Nº 176, ata de 2 de outubro de 1939). A imprensa alemã foi secretamente informada sobre esses planos e logo também a imprensa internacional especulava sobre uma tal "reserva" (Informação confidencial [comunicação do Ministério da Propaganda], 9 de outubro de 1941, repr. em Jürgen Hagemann, *Die Presselenkung im Dritten Reich*, Bonn, 1970, p. 145). Em 6 de outubro, em seu discurso no Reichstag Hitler declarou que "a missão mais importante" após a "desintegração do Estado polonês" seria [estabelecer] "uma nova ordem para as relações etnográficas, ou seja, um remanejamento das nacionalidades". Na esteira dessa nova ordem também se deveria "fazer a tentativa de organizar e regularizar o problema judeu" (*Verhandlungen des Reichstages. Stenographische Berichte*, vol. 460, Berlim, 1939, p. 51 e segs.).
17 YV, 053/87 (Arquivos da Gestapo de *Mährisch Ostrau*; para conhecer outras atividades de Eichmanns nesse período, ver, em detalhe, Longerich, *Politik*, p. 256 e segs. Em termos de literatura sobre as deportações do outono de 1939, ver Miroslav Kárny, "Nisko in der Geschichte der Endlösung", in: *Judaica Bohemiae* 23 (1987), p. 69-84; Seev Goshen, "Eichmann und die Nisko-Aktion im Oktober 1939. Eine Fallstudie zur NS-Judenpolitik in der letzten Etappe vor der 'Endlösung'", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 29,1 (1981), p. 74-96; Jonny Moser, "Nisko: The First Experiment in Deportation", in: *Simon Wiesenthal Center Annual* 2,1 (1985), p. 1-30; Seev Goshen, "Nisko. Ein Ausnahmefall unter den Judenlagern der SS", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 40,1 (1992), p. 95-106; Hans Günter Adler, *Der verwaltete Mensch. Studien zur Deportation der Juden aus Deutschland*, Tübingen 1974, p. 125 e segs.; Browning, "Umsiedlungspolitik"; Safrian, *Eichmann-Männer*, p. 68 e segs. Informações adicionais são apresentadas no livro publicado por Ludmila Nesládková *The Case Nisko in the History of the Final Solution of the Jewish Problem in Commemoration of the 55th Anniversary of the First Deportation of Jews in Europe*, Ostrava 1995.
18 YV, 053/87, anotação de Günther de 11 de outubro de 1939. Eichmann também falou sobre essa "incumbência do Führer" em sua visita a Becker, "assessor para questões judaicas" do estado-maior de Bürckels, e acrescentou que os judeus que ainda viviam em Viena seriam banidos "no mais tardar dentro de 3 a 4 anos" (Gerhard Botz, *Wohnungspolitik und Judendeportation in Wien 1938. Zur Funktion des Antisemitismus als Ersatz nationalsozialistischer Sozialpolitik*, Viena/Salzburgo, 1975, p. 105).
19 YV, 053/87, anotação de 6 de outubro de 1939.
20 Ib., Telegramas do Departamento Central do SD à sucursal da StaPo de Mährisch-Ostrau, 13 de outubro de 1939, bem como resposta do SD Danúbio, 16 de outubro de 1939).
21 Na conferência realizada na sucursal estrangeira da StaPo de Mährisch-Ostrau, em 9 de outubro, o debate ainda girava em torno de

detalhes sobre a construção dos barracões (Ib., anotação de Dannecker, 11 de outubro de 1939.

22 Ib., anotação da central de Viena, 17 de outubro de 1939. Depois disso, o *Gauleiter* Bürckel, que fora informado por um colega sobre a recente conversa com Eichmann, externou estar "mais do que feliz [...] pelo fato de que a planejada transferência dos judeus para barracões não seria necessária, uma vez que só os custos per capita para a construção dos barracões já haviam chegado a RM 300,00".

23 Ver Safrian, *Eichmann-Männer*, p. 77 e segs. Sobre a execução das deportações, ver Goshen, "Eichmann", p. 86; a respeito de Viena, ver Rosenkranz, *Verfolgung*, p. 215 e segs.; sobre a deportação de Mährisch-Ostrau, ver Kárny, "Nisko", p. 96 e segs. , bem como Lukáš Přibyl, "Das Schicksal des dritten Transports aus dem Protektorat nach Nisko", in: *Theresienstädter Studien und Dokumente 2000*, p. 297-342.

24 YV, 053/87, nota da sucursal estrangeira da Gestapo de Mährisch-Ostrau, 21 de outubro de 1939. Em carta de 9 de novembro de 1939 a Bürckel, Himmler deixou claro mais uma vez que ele "por ora, em virtude das dificuldades técnicas, proibira a deportação de judeus" (Botz, *Wohnungspolitik*, p. 196, bem como Doc. PS-3398, in: *IMT*, vol. 32, p. 255 e segs. ).

25 Assim, no fim de outubro, o RSHA informou ao Oberabschnitt do SD de Viena que era perfeitamente possível que fossem interpostos "transportes individuais de judens de Viena" (YV, 053/86, SD Danúbio à sucursal da StaPo de Mährisch-Ostrau, 28 de outubro de 1939). Também o HSSPF Leste, Krüger, em 1º de novembro de 1939, referiu-se a planos que continuavam tão atuais quanto antes, quanto a um "arrebanhamento de judeus em número especialmente grande" (Werner Präg e Wolfgang Jacobmeyer [E.], *Das Diensttagebuch des deutschen Generalgouverneurs in Polen 1939-1945*, Stuttgart, 1975, p. 56).

26 Heinemann, "*Rasse*", p. 214. A respeito da delimitação de competências, ou respectivamente da cooperação, ver BAB, NS 2/139, carta do RKF, Himmler, de 15 de fevereiro de 1940, bem como IfZ, PS-2207, contendo o decreto do RFSS referente à cooperação dos funcionários do RFSS com o HTO, 10 de novembro de 1939.

27 Heinemann, "*Rasse*", p. 191; Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 251.

28 BAB, NS 2/60.

29 Ib. Além disso, com data de 11 de outubro de 1939, comunicado para o mesmo distribuidor referente ao alojamento de alemães da Volínia. No mesmo arquivo encontram-se instruções adicionais daquele dia destinadas aos chefes dos departamentos centrais da SS.

30 Ib., anotação.

31 BAB, R 75/3b, repr. in: *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 42 e seg.

32 Protocolo em *Biuletyn Glównej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w Polsce* 12, Doc. nº 3. Ver também o relatório de Krüger na conferência de trabalho dos administradores do distrito de Cracóvia (Präg e Jacobmeyer [E.], *Diensttagebuch*).

33 Circular do HSSPF Warthegau, Koppe, 12 de novembro de 1939, repr. em *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 43 e segs.

34 Carta de Heydrich ao HSSPF de Cracóvia, Breslau, Posen e Danzig, bem como telex referente aos detalhes do plano de curto prazo, de 28 de novembro de 1939, in: *Biuletyn Glównej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w Polsce* 12, documentos 4 e 5. O texto final do plano de longo prazo não foi localizado até o momento, mas existe uma minuta — sem data nem assinatura — que, presume-se, tenha sido preparada pelo Departamento III do RSHA (BAB, R 69/1146, editado por Karl Heinz Roth in: *1999* 11 [1997], p. 50-71).

35 BAB, R 75/3b, relatório final de Koppe, 26 de janeiro de 1940, repr. em *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 48.

36 BAB, R 75/3b, carta do HSSPF Koppe ao RSHA, Posen, 18 de dezembro de 1939, repr. in: *Biuletyn Glównej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w Polsce* 12, Doc. nº 8.

37 BAB, R 58/276, também repr. in: *Biuletyn Glównej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w Polsce* 12, Doc. nº 9; a carta se referia à reunião de trabalho realizada em 19 de dezembro de 1939.

38 Götz Aly, "*Endlösung". Völkerverschiebung und der Mord an den europäischen Juden*, Frankfurt/Main, 1995, p. 73 e seg., citado de acordo com o Archivum Glównej Komisji Badania Zbrodni przeciwko Narodowi Polskiemu Warschau, UWZ, P 197. A respeito desses planos, ver também as declarações de Frank de 19 de janeiro de 1940 (Präg e Jacobmeyer [E.], *Diensttagebuch*).

39 Aly, "*Endlösung"*, p. 77, p. 81 e seg. e p. 89.

40 Detalhes em Longerich, *Politik*, p. 266 e seg.

41 BAB, R 113/10, com uma introdução de Karl Heinz Roth e documentos complementares repr. em *Mitteilungen der Dokumentationsstelle zur NS-Sozialpolitik* 1 (1985), p. 45 e segs. O documento foi preservado em outra versão, na forma de anexo a uma comunicação do OKW de 8 de março de 1940, e também tem origem em fevereiro (Rolf-Dieter Müller, *Hitlers Ostkrieg und die deutsche Siedlungspolitik. Die Zusammenarbeit von Wehrmacht,Wirtschaft und SS*, Frankfurt/Main 1991, p. 130 e segs.). O RuSHA elogiou explicitamente o memorando do Departamento de Política Racial do NSDAP sobre "o tratamento a ser dispensado à população dos antigos territórios poloneses", que ia além das "bases do planejamento" — entre outras coisas, sugeria-se ali que todos os judeus, bem como mais de 5 milhões de poloneses dos territórios anexados fossem deportados, e que o restante da população — aproximadamente 1,3 milhão — fosse germanizada (R 49/75, Memorando de Hecht/Wetzel de 25 de novembro de 1939); Heinemann, "*Rasse*", p. 192 e seg.

42 BAB, R 58/1032, reunião de 30 de janeiro de 1940 no RSHA, repr. em *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 50 e segs. A respeito da limitação dos planos de deportação, ver Browning. *Entfesselung*, p. 91 e segs.

43 Adicionalmente às 80 mil pessoas que haviam sido expulsas no decorrer do primeiro plano de curto prazo, trata-se dos seguintes movimentos migratórios: entre 10 de fevereiro e 15 de março de 1940, no contexto do assim chamado "plano intermediário", foram deportados 40.128 judeus e poloneses dos territórios ocupados para o Governo-Geral (Ib., p. 104 e segs.). Entre abril de 1940 e janeiro de 1941, entrou em ação — em versão revisada — o segundo plano de curto prazo, que envolvia a expulsão de 130 mil poloneses e 3.500 judeus para o Governo-Geral. Por meio da "Cholmer Aktion" (ação Cholm) foram evacuados 30.275 descendentes de alemães das regiões em torno das cidades de Chelm e Lublin e deportados outros 28.265 poloneses dali para o Governo-Geral (Aly,"*Endlösung"*, p. 157). Além disso, durante a assim chamada *Saybusch-Aktion*, de setembro de 1940 a janeiro de 1941 foram expulsos ao todo 18 mil poloneses da região homônima na Alta Silésia. As propriedades rurais dessa população foram transferidas a colonos alemães étnicos oriundos da Galícia (Sybille Steinbacher, "*Musterstadt" Auschwitz.*

*Germanisierungspolitik und Judenmord in Ostoberschlesien*, Munique, 2000, p. 133 e seg.).

44 Ver abaixo, p. 601 e segs.

45 De acordo com o relatório do Departamento Central I do RKF, de 28 de janeiro de 1941 até 16 de janeiro de 1941 haviam sido evacuadas 307.958 pessoas (BAB, R 49/3127, emigração e evacuação nos territórios incorporados do leste do ano de 1941, 28 de janeiro de 1941). Segundo dados fornecidos por Himmler a Hitler em 20 de fevereiro de 1943, até o final de 1942 os deportados somavam 366 mil (R 43 II/1411).

46 Após conversa com Himmler em 7 de novembro de 1939, o chefe de departamento Pancke anotou: "Hofmann deverá elaborar um plano sobre como se podem examinar grandes massas da população alemã e polonesa dos territórios do leste quanto às suas características raciais. Por meio da inclusão do Departamento de Clãs dentro do Departamento Central do RuSHA, o Reichsführer-SS quer incluir ainda mais o Departamento Central do RuSHA no seu comissariado, permitindo, assim, que a ocupação das pessoas nos territórios do leste possa ser totalmente decidida e controlada. Com a incorporação do Departamento de Colonização no comissariado do Reich, o Departamento Central do RuSHA poderá exercer uma influência decisiva sobre os reassentamentos nos territórios do leste" (BAB,NS 2/139). Em 16 de dezembro de 1939, Himmler incumbiu Hofmann, chefe do Departamento de Clãs, de se ocupar adicionalmente dos assuntos do chefe do Departamento Racial (BDC, SS-O Hofmann). Cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 194 e seg.

47 Ib., p. 195 e segs. e p. 232 e segs.

48 Ib., p. 197 e segs. e p. 251 e segs. Informações importantes sobre as atividades da divisão de Litzmannstadt (Lotz) estão contidas no relatório final do chefe dessa divisão quanto às emigrações ocorridas de acordo com o segundo plano de curto prazo para o Wartheland, final de 1940 (BAB, R 75/6).

49 Relatório de final do ano da Central do Departamento de Terras de 1942 (BAB, R 49/195); cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 212 e segs.

50 Ib., p. 217 e segs.

51 Exemplos Ib., p. 209 e seg.

52 BAB, NS 2/60, relatório do chefe do RuSHA junto ao EWZ, Künzel, 20 de dezembro de 1939, bem como relatório de Pancke, 20 de dezembro de 1939.

53 Ib., relatório de Künzel, 20 de dezembro de1939.

54 Ib., 20 de dezembro de 1939.

55 BAB, NS 2/88, 14 de outubro de 1939; Heinemann, "*Rasse*", p. 234 e seg.

56 BAB, R 69/178, EWZ Nordost [nordeste] ao chefe da SiPo e do SD, 17 de janeiro de 1940; IfZ, NO 4326, Hofmann, 25 de janeiro de 1940.

57 Heinemann, "*Rasse*", p. 236.

58 BAB, R 69/178, EWZ Nord-Ost ao chefe da SiPo e SD, 17 de janeiro de 1940.

59 USHMM, RG 15.015M/162, RKF, assinado por Creutz, ao HSSPF de Warthe, Nordeste e Sudeste, 18 de janeiro de 1940.

60 BAB, NS 2/61, reunião no EWZ Nordost em 1º de abril de 1940.

61 BAB, R 69/598, relatório sobre o congresso dos escritórios do RuSHA no âmbito do congresso das agências de imigração de 11 e 12 de janeiro de 1941 em Dresden, exposição oral do chefe do Departamento de Clãs, Richard Kaaserer.

62 BAB, R 69/598, carta de 18 de novembro de 1940. *Epicanthus medialis* é o termo médico da assim chamada dobra mongólica, popularmente conhecida como "olho puxado", e que caracteriza diversos povos do leste da Ásia. Himmler obviamente queria garantir que essa característica fosse devidamente registrada.

63 Heinemann, "*Rasse*", p. 242 e segs. BAB, R 49/14, *Reichsvolkstumskommissar*, recolonização do leste, situação em 31 de dezembro de 1942; aqui se estima que o número de alemães étnicos provenientes do Báltico até aquele momento era de 126 mil pessoas.

64 BAB, NS 2/88, EWZ Nordost, filial da Posen, escritório do RuSHA ao chefe da filial de imigração de Posen, 26 de março de 1940, relatório final sobre o registro dos alemães do Báltico, cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 244 e segs.

65 BAB, R 69/516, EWZ Nordost, relatório da filial de Posen ao HSSPF Koppe referente à avaliação racial dos alemães étnicos da Volínia, Galícia e da região do [rio] Narew que foram aprovados até 18 de fevereiro de 1940, 20 de fevereiro de 1940.

66 BAB, R 69/501, EWZ, comissão volante I, adendo às estatísticas da Volínia e da Galícia, 20 de agosto de 1940.

67 BAB, R 69/178, sinopses. Ali estavam registrados no total mais de 147 mil migrantes provenientes dessas regiões.

68 BAB, R 69/598, relatório sobre o congresso das centrais do RuSHA no âmbito do congresso do EWZ em 11 e 12 de janeiro de 1941 em Dresden.

69 A introdução do *Dienstkalender*, p. 81e seg., oferece uma excelente visão geral sobre isso. Ver também BAB, R 49/26, RKF, relatório a Himmler contendo estatísticas sobre o estágio dos remanejamentos, situação em 15 de abril de 1941, 5 de maio de 1941.

70 Heinemann, "*Rasse*", p. 247 e seg.

71 BAB, NS 19/150, data ilegível.

72 Ib., Brandt a Koppe, 9 de agosto de 1940: "As cinco jovens que o senhor enviou para Berlim chegaram bem."

73 Ib., estado-maior pessoal para Greifelt, 30 de maio de 1941.

74 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 246 e segs.

75 Memorando de Himmler sobre o tratamento a ser dispensado às populações de etnias estrangeiras no Leste (maio de 1941), editado por Helmut Krausnick, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 5 (1957), p. 194-198.

76 De acordo com a anotação manuscrita de Himmler (28 de maio de 1940) no memorando (ver nota 75), Hitler o achara "muito bom e correto", mas lhe pedira que o "tratasse com estrita confidencialidade [...]" e que o mostrasse uma vez a Frank "para dizer a ele que o Führer achava aquilo correto".

77 USHMM, RG 15.015M/259, ordem sobre a inclusão de poloneses germanizáveis, 3 de julho de 1940; sobre o procedimento da regermanização ver Heinemann,"*Rasse*", p. 282 e segs.

78 Ib., p. 197 e segs. e p. 251 e segs.

79 Ib., p. 283.

80 BAB, R 49/75, memorando Hecht/Wetzel, 25 de novembro de 1939. Ali se avaliavam em 1,3 milhão os poloneses aptos a serem germanizados nos territórios anexados.
81 A meta inicial de um milhão de pessoas se encontra no decreto de Himmler sobre o exame e seleção da população dos territórios ocupados do leste, de 12 de setembro de 1940, citado em Heinemann,"*Rasse*", p. 282. Em uma observação do Ministério da Economia do Reich de 1º de novembro de 1940, lê-se: "segundo informação obtida em consulta telefônica do RKF em 1º de novembro de 1940, o Führer determinou que até um milhão de poloneses poderá ser germanizado. Até o momento, completou-se a germanização de 800-900 pessoas. O comissário do Reich acredita, no entanto, que o aumento dos pedidos de registro vá levar, de início, à germanização de cerca de 100 mil pessoas. Em virtude do rigorosíssimo controle médico e racial, é improvável que o objetivo de um milhão seja atingido" (USHMM, RG 15.007 M/125).
82 USHMM, RG 15.015 M/251, Himmler ao HSSPF do leste, nordeste, Vístula, Warthe e sudeste, 20 de maio de 1941. A carta se referia à "população autóctone da Prússia Ocidental"; Himmler, no entanto, esclareceu que a declaração dele se aplicava a todos os territórios poloneses anexados.
83 Ver os comentários dele no discurso de 29 de fevereiro de 1940 (BAB, NS 19/4007, e abaixo, p. 491).
84 Heinemann, "*Rasse*", p. 479 e seg.; o que servia de base era a *Anordnung des RFK 42I*, assinada por Himmler em 23 de julho de 1941 (USHMM, RG 15.007M/125).
85 Heinemann, "*Rasse*", p. 261 e seg.
86 BAB, NS 19/3979, decreto de 12 de setembro de 1940 sobre a avaliação e a seleção da população nos territórios incorporados do leste. O conteúdo desse regulamento foi adotado no decreto do ministro do Interior do Reich sobre a Lista de Alemães Étnicos e a cidadania alemã nos territórios incorporados do leste de 4 de março de 1941, RGBl 1941 I, p. 118 e seg.; cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 262 e seg.
87 BAB, NS 2/88, chefe do RuSHA, Hofmann, ao diretor do Departamento Racial, Schultz, sobre apresentação feita a Himmler em 22 de novembro de 1941, 25 de novembro de 1941. A ordem se referia tanto ao "procedimento a ser adotado nos exames detalhados" no contexto da Lista de Alemães Étnicos quanto aos exames realizados na filial de Litzmannstadt. Os procedimentos seriam adotados inicialmente na Alta Silésia. Sobre o agendamento da data da apresentação, ver *Dienstkalender*.
88 USHMM, RG 15.007 M/113, RFSS, diretrizes relativas à composição e aos procedimentos a serem adotados pelo *Oberster Prüfungshof für Volkszugehörigkeitsfrage* [Corte Suprema para Questões Relativas ao Pertencimento Étnico] nos territórios incorporados do leste.
89 Na primavera de 1942 foram examinadas cerca de 100 mil pessoas no *Warthegau* e na Prússia Oriental relativamente à sua possível inclusão nos grupos 3 ou 4. Deu-se início ao exame dos candidatos da Prússia ocidental e da Alta Silésia, estimados em 1,9 milhão de pessoas (Heinemann, "*Rasse*", p. 268).
90 A propósito da contenda entre Himmler e Forster sobre a aplicação dos procedimentos referentes à Lista Étnica, ver carta de Himmler de 20 de novembro de 1941, in: Dieter Schenk, *Hitlers Mann in Danzig. Albert Forster und die NS-Verbrechen in Danzig-Westpreussen*, Bonn, 2000, p. 207; além disso, BAB, NS 2/231, Brandt ao RSHA e ao RuSHA, 2 de dezembro de 1943. Sobre o conflito com Forster, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 269 e segs. No *Warthegau*, o Governador do Reich, Greiser, agia por conta própria, depois que Himmler, em setembro de 1941, fora enfático quanto à manutenção do princípio de uma seleção racial mais rigorosa (Ib., p. 274 e seg.). Sobre a contenda com o *Gauleiter* da Alta Silésia, Brach, ver Ib., p. 172 e segs.;
91 Adler, *Mensch*, p. 140 e segs.
92 Discurso para os *Gauleiter*, 29 de fevereiro de 1940, in: Himmler, *Geheimreden*, p. 139.
93 Ib., p. 138 e seg.
94 Doc. EC-305, in: *IMT*, vol. 36, p. 299 e segs.
95 Präg und Jacobmeyer (ed.), *Diensttagebuch*, 2 e 4 de março de 1940.
96 Relatório do chefe da seção de Migração junto ao governador do distrito de Varsóvia, Schön, 20 de janeiro de 1941, in: *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 108 e segs.
97 *Dokumente über die Verfolgung der jüdischen Bürger in Baden-Württemberg durch das nationalsozialistische Regime*, revisado por Paul Sauer, vol. 2, Stuttgart 1966, nº 408.
98 Relatório do chefe do Departamento de Colonização junto ao governador do distrito de Varsóvia, Schön, 20 de janeiro de 1941, repr. in: *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 108 e segs.
99 Ver Heinemann, "*Rasse*", p. 151 e segs.
100 *Die Deutschen in der Tschechoslowakei 1933-1947. Dokumentensammlung*, compilado por Václav Král, Praga 1964, p. 424.
101 Himmler a Frank, 6 de janeiro de 1941, repr. in: Ib., p. 425.
102 Heinemann, "*Rasse*", p. 155 e seg.
103 Ib., p. 154 e seg.
104 Tatjana Tönsmeyer, *Das Dritte Reich und die Slowakei 1939-1945. Politischer Alltag zwischen Kooperation und Eigensinn*, Paderborn etc., 2003, p. 312 e seg.
105 Pancke para Himmler, 15 de maio de 1940, bem como 18 de junho de 1940, repr. in: *Die Deutschen in der Tschechoslowakei*, p. 405 e segs.; cf. Tönsmeyer, *Reich*, p. 46 e seg., e, sobretudo, Johann Kaiser: "Die Politik des Dritten Reiches gegenüber der Slowakei 1939-1945. Ein Beitrag zur Erforschung der nationalsozialistischen Satellitenpolitik in Südosteuropa", tese de doutorado, Bochum, 1970, p. 427 e segs.
106 BAB, NS 19/2070, Himmler para Dollmann, 6 de setembro de 1939; Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 140 e seg.
107 Ib., p. 142 e seg.
108 Citado in Ib., p. 623.
109 Ib., p. 148 e segs.
110 Ib., p. 177 e segs.
111 BAB, NS 19/2070.

112 Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 170 e seg.
113 Ib., p. 205 e segs., sobre a discussão quanto à divergência entre os números disponíveis, e p. 155 e segs., sobre o processo de opção.
114 Ib., p. 541 e segs.; Latour, *Südtirol*, p. 74 e segs.
115 Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 617 e segs.
116 Ib., p. 649 e segs.; sobre as declarações de Himmler de 18 e 23 de junho, ver BAB, R 49/2156, protocolo de memória de Kukla, bem como anotação de arquivo sobre a viagem à Borgonha.
117 IfZ, NO 2417, Himmler para Frauenfeld, 10 e 27 de julho de 1942; Stuhlpfarrer, *Umsiedlung*, p. 701 e segs.
118 Ver acima p. 448.
119 Nota de Blaskowitz para uma apresentação para o comandante em chefe do Exército, 6 de fevereiro de 1940, repr. in: *"Schöne Zeiten"*, p. 14 e segs.
120 Müller, *Heer*, p. 445 e seg.; sobre a conversa de 2 de fevereiro, ver Franz Halder, *Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabes des Heeres 1939-1942*, revisado por Hans-Adolf Jacobsen juntamente com Alfred Philippi, vol. 1: *Vom Polenfeldzug bis zum Ende der Westoffensive (14. 8. 1939 — 30. 6. 1940)*, Stuttgart, 1962, p. 183, 5 de fevereiro de 1940.
121 Müller, *Heer*, p. 448 e segs.; Halder, *Kriegstagebuch*, vol. 1, p. 229, 13 de março de 1940.
122 Ver Müller, *Heer*, p. 459 e segs. quanto à "aversão e indignação" que o decreto teria despertado no oficialato, o que, entre outros, está documentado no diário de Groscurth (14 de dezembro de 1939 e 22 de janeiro de 1940). O amigo de Himmler, Johst, viu-se compelido a defender enfaticamente o decreto em seu ensaio *Ruf des Reiches, Echo des Volkes. Eine Ostfahrt.* Munique, 1940.
123 BAB, NS 19/3901; reprodução fac-símile in Norbert Westenrieder,"*Deutsche Frauen und Mädchen!" Vom Alltagsleben 1933-1945*, Düsseldorf, 1984, p. 42.
124 BAB, NS 19/3901, 10 de janeiro de 1940. Em 19 de junho de 1940 foram publicadas as leis de regulamentação da Ordem do RFSS de 28 de outubro de 1939, que relativizavam a direção original objetivada pela Ordem: "A primeira obrigação seriam os cuidados a serem dispensados a todas as crianças de bom sangue cujos pais pereceram na guerra, e às mães delas [...] A segunda obrigação seriam os cuidados a serem dispensados a todas as crianças de bom sangue que foram geradas por homens da SS durante a guerra. A Schutzstaffel assume a responsabilidade de cuidar dessas crianças e das futuras mães em todos os casos em que houver necessidade e dificuldades. [...] A terceira obrigação seriam os cuidados a serem dispensados às famílias dos integrantes da SS que ingressaram no serviço militar da Waffen-SS ou da Wehrmacht" (NS 2/275).
125 BAB, NS 7/221, juiz da SS junto ao RFSS para o Departamento Central dos Tribunais SS, 24 de março de 1942 (faz referência à ordem de 30 de janeiro de 1940). Nessa carta, o juiz da SS, em nome de Himmler, dispõe que em determinados casos individuais se poderia abrir mão de uma punição: "Subentende-se, no entanto, que seja aplicada uma punição judicial em todos os casos, sem distinção, em que o perpetrador agiu se aproveitando da ausência do marido e adotou um comportamento irresponsável, inadequado ou totalmente desprezível em relação ao marido ou à esposa."
126 BAB, NS 19/4007, 29 de fevereiro de 1940; ver também Himmler, *Geheimreden*, p. 116 e segs., citação p. 117 e segs. Destaque no original.
127 BAB, NS 19/4007, discurso perante o Corpo de Liderança da "Leibstandarte" na noite do dia de Metz, 7 de setembro de 1940.
128 PRO, WO 208/4474, Hedwig Potthast, Reichsführer Himmler's Mistress, 24 de maio de 1945. Na reconstrução dos dados biográficos mais importantes, baseei-me nesse relatório do Serviço Secreto britânico. Nos anos 1980, Hedwig Potthast falou ao jornalista Peter Ferdinand Koch sobre a relação dela com Himmler; as informações correspondentes se encontram no livro por ele editado, *Himmlers graue Eminenz. Oswald Pohl und das Wirtschaftsverwaltungshauptamt der SS*, Hamburgo: 1988. Sobre a relação entre Himmler e Potthast, ver também K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 233 e segs.
129 BAB, NS 19/3672.
130 BAK, NL 1126/37, carta de novembro de 1941.
131 *Dienstkalender*.
132 Koch, *Pohl*, p. 57 e 79.
133 Ib., p. 186 e seg.
134 USHMM, Acc. 1999.A.0092, 4 de setembro de 1939; sobre a vida de Margarete durante a guerra, ver K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 241 e segs.
135 USHMM, Acc. 1999.A.0092, 11 de setembro, 16 e outubro bem como 3 e 14 de novembro de 1939.
136 Ib., 3 de dezembro de 1939.
137 Ib., 2 de junho de 1940. Mais anotações nos anos 1942-1943, por exemplo, em 16 de agosto de 1943: "As minhas estações de trem estavam perfeitamente em ordem."
138 Ib., 7 de março de 1940.
139 Ib., 23 de março de 1940.
140 Ib., 6 de abril de 1941.
141 Ib., 4 de fevereiro de 1941: "De Heini, que está há 8 dias na Noruega, a equipe dele já não me dá notícias há dois dias. Não tenho coragem de perguntar, tratam-nos de modo indescritível e ninguém nos dá apoio, e todos o sabem, do contrário eu não poderia imaginar esse comportamento. E todas as jovens anseiam por um homem. Se soubessem como a vida é amarga. Será que conseguirei proteger a minha filha do pior?"
142 Ib., 1º de março de 1942.
143 Ib., 6 de setembro de 1943.
144 Isso se deduz a partir do *Dienstkalender*.
145 BAK, NL 1126/16, cartas de Gudrun Himmler.
146 Um álbum no qual Gudrun colava fotos do pai se encontra preservado no Museu do Holocausto em Washington: Himmler Family Collection. Himmler muitas vezes dotava as fotos de dedicatórias: "Meinem lieben Püppi von Pappi [para minha querida

bonequinha do papai] 17.7.41", ou, sobre uma fotografia que o mostra em trajes de aviador: "Meinem lieben Püppi. Kennst Du Deinen Pappi?" [Para minha querida bonequinha. Você reconhece o papai?]

147 K. Himmler, *Brüder Himmler*, p. 277 e seg.

**Repressão no território do Reich**

1 Wildt, *Generation*, p. 259 e segs.

2 BAB, R 58/826, reorganização do serviço de segurança do Reichsführer-SS em relação a uma equiparação organizacional e de pessoal com a Polícia de Segurança, 24 de fevereiro de 1939. Com isso, Schellenberg referia-se a um documento que ele já apresentara no verão de 1938 (R 58/827, anotação de 5 de julho de 1938).

3 Ib., principais características da formação e da carreira dos dirigentes (principais funcionários públicos) da Polícia de Segurança alemã, 1º de março de 1939. Best defendeu sua posição também abertamente em um artigo publicado com o título "Kritik und Aporie des 'Juristen'" [crítica e aporia do jurista] na revista *Deutsches Recht* 1939, p. 196-199, que foi reproduzido, em versão reduzida, no *Deutsche Allgemeine Zeitung* de 12 de abril de 1939. Com respeito à briga, ver Herbert, *Best*, p. 228 e segs.

4 Ambos queriam chegar a isso por meio da integração do SD ao Reich, mas sem que o SD ficasse subordinado ao direito administrativo do Estado. Sobre essas contendas, ver BAB, R 58/826, observação de Schellenberg de 4 de abril de 1939; R 58/137, reunião com Heydrich em 15 de abril de 1939 referente à nova conformação da SiPo e do SD; R 58/137, observação de Schellenberg de 25 de abril de 1939 referente à crítica à posição defendida por Best; R 58/826, circular de Heydrich de 5 de julho de 1939.

5 Ib., decreto circular de 5 de julho de 1939; R 58/240, união dos departamentos centrais da Polícia de Segurança e do SD, 27 de setembro de 1939.

6 Material in: BAB, R 43 II/393a; ver Wildt, *Generation*, p. 278.

7 Ib., p. 335 e segs.

8 Ib., p. 352 e segs.

9 Ib., p. 301 e segs.; Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 265 e segs.

10 Wildt, *Generation*, p. 378 e segs. Os relatórios reunidos no RSHA que abrangiam todo o Reich foram publicados em: *Meldungen aus dem Reich 1938-1945. Die geheimen Lageberichte des Sicherheitsdienstes der SS*, editado e prefaciado por Heinz Boberach, 18 volumes, Herrsching, 1984-1985.

11 Querg, *Spionage*, p. 165; Wildt, *Generation*, p. 391 e segs.

12 BAB, BDC, SS-O Jost.

13 Querg, *Spionage*, p.183 e segs.

14 Hachmeister, *Gegnerforscher*.

15 BADH, ZR 920/56, decreto circular do Gegnernachrichtendienst [serviço de inteligência sobre os adversários], de 4 de agosto de 1941; ver Dierker, *Glaubenskrieger*, p. 331 e segs., bem como Wildt, *Generation*, p. 364 e segs.

16 Ib., p. 377. Além do estudo de Hachmeister, ver também o ensaio de Jürgen Matthäus, "'Weltanschauliche Forschung und Auswertung'. Aus den Akten des Amtes VII im Reichssicherheitshauptamt", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 5 (1996), p. 287-330, bem como a coletânea *Himmlers Hexenkartothek*.

17 BAB, R 58/239.

18 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 330 e segs.

19 Ver a cobertura na imprensa diária alemã, por exemplo: *Deutsche Allgemeine Zeitung* de 10 de novembro de 1938 (caderno matutino), manchete: "Der Welteindruck des Attentats. RFSS gibt bekannt: Die Spuren der Täter führen ins Ausland" [a impressão mundial sobre o atentado. O RFSS afirma: as pegadas dos perpetradores conduzem ao exterior]; *Völkischer Beobachter* de 11 de novembro de 1938: "England und Juda die geistigen Urheber des Münchner Verbrechens" [Inglaterra e o Judá são os mentores intelectuais do crime de Munique].

20 De acordo com os critérios do serviço secreto profissional, no entanto, o sequestro foi um sucesso duvidoso, uma vez que eliminava a chance de infiltrar a rede do Serviço Secreto da Holanda. Sobre a ação Venlo, ver Schellenberg, *Memoirs*, p. 82 e segs.; Höhne, *Orden*, p. 263 e segs.; Querg, *Spionage*, p. 224 e segs.; Wildt, *Generation*, p. 399 e seg.

21 IfZ, ZS 1939, Albrecht Böhme, 19 de maio de 1949; temos aqui uma explicação adicional não datada de Böhme, na qual ele repete a declaração; ZS 735, Franz Josef Huber, 19 de junho de 1969.

22 O depoimento de Elser à Gestapo foi publicado repetidas vezes; por último, in: *Das Protokoll. Die Autobiographie des Georg Elser*, Königsbronn, 2006. A descrição mais abrangente continua sendo a de Anton Hoch e Lothar Gruchmann: *Georg Elser. Der Attentäter aus dem Volke. Der Anschlag auf Hitler im Münchner Bürgerbräu 1939*, Frankfurt/Main, 1980.

23 Anotação de Gürtner, 20 de setembro de 1939, repr. in: Martin Broszat, "Zur Perversion der Strafjustiz im Dritten Reich", com documentos anexos, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 6 (1958), p. 390-443, p. 408 e seg.; anotação de Gürtner, 14 de outubro de 1939, sobre conversa com Hitler, repr. in: ib., p. 411; lista das 18 vítimas compilada pelo Ministério da Justiça do Reich, repr. in: ib., p. 411 e segs.

24 BAB, R 8/243, fragmentos repr. in: Broszat, "Konzentrationslager", p. 399.

25 Exemplos de execuções em campos de trabalho educacionais, ver Gerd Wysocki, "Lizenz zum Töten. Die 'Sonderbehandlungs'-Praxis der StaPo-Stelle Braunschweig", in: Gerhard Paul e Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg. "Heimatfront" und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 237-254, p. 241 e segs.; a respeito de empresas, ver Ib., p. 246 e segs. Bernd-A. Rusinek, *Gesellschaft in der Katastrophe. Terror, Illegalität, Widerstand — Köln 1944/45*, Essen, 1989, p. 350 e segs., descreve uma execução pública em Colônia. Para outros exemplos de tais assassinatos — propagados como execuções — ver Hans-Joachim Heuer, *Geheime Staatspolizei.* Über das Töten und die Tendenzen der Entzivilisierung, Berlin, 1995; ver também Hellmuth Auerbach, "Der Begriff 'Sonderbehandlung' im Sprachgebrauch der SS", in: *Gutachten des Instituts für Zeitgeschichte*, vol. 2,

Stuttgart, 1966, p. 182-189.

26 As diretrizes anunciadas em 26 de setembro de 1939 pelo chefe da Gestapo *Abteilung II* em um congresso de líderes do órgão (repr. in: *Recht, Verwaltung und Justiz im Nationalsozialismus. Ausgewählte Schriften, Gesetze und Gerichtsentscheidungen von 1933 bis 1945*, ed. e comentado por Martin Hirsch et al., Colônia, 1984) indicam isso. A escolha das palavras dos "princípios" de 3 de setembro de 1939 ("ordens superiores") também demonstra que Himmler tinha autoridade própria e que não necessitava do consentimento de Hitler para cada decisão que tomasse.

27 Anotação de arquivo de Himmler, 20 de novembro de 1939, citada por Ulrich Herbert, *Fremdarbeiter. Politik und Praxis des "Ausländer-Einsatzes" in der Kriegswirtschaft des Dritten Reiches*, Bonn, 1999, p. 91, segundo arquivos da Procuradoria-Geral de Berlim.

28 Decreto de 8 de janeiro de 1940, citado em ib., p. 91 e seg., segundo arquivos da Procuradoria-Geral de Berlim.

29 *Documenta Occupationis*, vol. 10: *Praca przymusowa polaków pod panowaniem hitlerowskim: 1939-1945* [o trabalho forçado dos poloneses sob o domínio de Hitler], Posen: 1976, Doc. nº II 3, 28 de dezembro de 1939.

30 BAB NS 19/4007, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p.116 e segs., trecho respectivo na p. 134.

31 Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 86 e segs.

32 *Documenta Occupationis*, vol.10, Doc. nº II 4, decreto de Himmler referente ao tratamento a ser dispensado aos trabalhadores e trabalhadoras civis poloneses utilizados pelo Reich, 8 de março de 1940.

33 BAB, R 58/272, 7 de maio de 1940.

34 Herbert, *Fremdarbeiter*, p.94.

35 *Documenta Occupationis*, vol. 10, doc. nº II 9, diretrizes do Reichsführer-SS sobre a aplicação do "tratamento especial" em relação aos poloneses utilizados em trabalhos forçados e aos prisioneiros de guerra, 5 de julho de 1941; ver Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 148; Heinemann, "*Rasse*", p. 488 e segs.

36 Ver Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 149, que se refere a uma notícia veiculada no jornal *Rote Erde* de Essen.

37 Johnson, *Terror*, p. 324 e segs.

38 Ver os números in: Ib., p. 550 e segs., bem como p. 387.

39 Ib., p. 352 e segs.

40 Wildt, *Generation*, p. 358 e segs.

41 Ib., p. 132 e segs. e p. 153 e segs.

42 Cf. Adam, *Judenpolitik*, p. 258 e segs., bem como Avraham Barkai, *Vom Boykott zur "Entjudung". Der wirtschaftliche Existenzkampf der Juden im Dritten Reich 1933-1943*, Frankfurt/Main, 1987, p. 183 e segs.

43 Walk (ed.), *Sonderrecht*, IV 2; Adam, *Judenpolitik*, p. 259.

44 Walk (ed.), *Sonderrecht*, IV 10, decreto do chefe da polícia de segurança, 12 de setembro de 1939.

45 Decreto do RSHA de 21 de setembro de 1939, segundo Adam, *Judenpolitik*, p. 260.

46 Walk (ed.), *Sonderrecht*, IV 115.

47 Estatuto do *Reichsluftschutzbund* [liga de proteção aérea do Reich] de 28 de junho de 1940, in: *RGBl* 1940 I, 992; Walk (ed.), *Sonderrecht*, IV 127; Adam, *Judenpolitik*, p. 258 e seg.

48 Ib., p. 260 e seg.; Konrad Kwiet, "Nach dem Pogrom. Stufen der Ausgrenzung", in: Wolfgang Benz (ed.), *Die Juden in Deutschland 1933-1945. Leben unter nationalsozialistischer Herrschaft*, com a colaboração de Volker Dahm, Munique, 1989, p. 545-659, p. 605 e segs.; Walk (ed.), *Sonderrecht*, IV 67, decreto do ministro da Economia do Reich de 23 de janeiro de 1940 referente ao abastecimento de artigos têxteis.

49 Wolf Gruner, *Der geschlossene Arbeitseinsatz deutscher Juden. Zur Zwangsarbeit als Element der Verfolgung 1938-1943*, Berlim, 1997, p. 107 e segs.

50 Detalhes em Longerich, *Politik*, p. 231. Sobre as "Judenhäuser", ver Gruner, *Arbeitseinsatz*, p. 249 e segs.

51 Ib., p. 250, comprovou a existência de 38 desses campos.

52 OA Moscou, 500-1-597.

53 OA Moscou, 503-1-324.

54 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 305 e segs.

55 Ib., p. 311.

56 Ib., p. 311 e seg.

57 Ib., p. 310 e seg e p. 317 e seg.

58 Departamento de Polícia Criminal do Reich, 1º de setembro de 1939, bem como decretos do ministro do Interior do Reich de 9 e 12 de setembro de 1939 (todos reproduzidos no folheto: *Erlasssammlung vorbeugende Verbrechensbekämpfung* [Coletânea de decretos sobre o combate à criminalidade], IfZ, Dc 17.02).

59 Decreto circular de 18 de outubro de 1939, repr. in: ib.

60 Broszat, "Konzentrationslager", p. 399; Orth, *System*, p. 96 e seg.; Czesław Pilichowski, *Es gibt keine Verjährung*, Varsóvia: 1980, p.127 (sobre as pessoas de origem polonesa).

61 Decreto circular de 7 de setembro de 1939, repr. in: Erlasssammlung vorbeugende Verbrechensbekämpfung [coletânea de decretos sobre o combate à criminalidade], IfZ,Dc 17.02.

62 Decreto circular de 12 de setembro de 1939, repr. in: ib.

63 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 332. Segundo dados oficiais do Departamento de Polícia Criminal, em 31 de dezembro de 1940 havia 7.269 pessoas sob vigilância policial, em comparação com as 6.018 pessoas no ano anterior e 3.231 no final de 1938: *Jahrbuch Amt V (Reichskriminalpolizeiamt) des Reichssicherheitshauptamtes SS 1939/40*, Berlim, 1940, p. 5 e p. 44. Em 1º de janeiro de 1940 havia 4.845 "criminosos profissionais, criminosos crônicos ou de alta periculosidade para a sociedade" em prisão preventiva, e até o final de 1940, eram 6.530; a quantidade de "elementos antissociais" que se encontravam em prisão preventiva caiu de 7.713 para 6.824 pessoas: no *Jahrbuch Amt V*, p. 44 e seg. Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 333, adverte, no entanto, que em

outra passagem da mesma publicação são citados números muito divergentes referentes aos “elementos associais” que se encontravam em prisão preventiva em 31 de dezembro de 1939 (p. 5: 8212).

64 Decretos do RSHA de 12 de julho de 1940 (homossexuais), bem como de 25 de outubro de 1941 (IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos sobre o combate à criminalidade); Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 333 e seg.

65 BAB, NS 19/1919, carta de Himmler a Hildebrandt, 16 de dezembro de 1939, da qual se depreende a pergunta feita por Hildebrandt. Sobre este processo, ver Orth, *System*, p. 69 e segs.

66 Os documentos pertinentes encontram-se in NS 19/1919: carta de Himmler a Heissmeyer, 16 de dezembro de 1939; carta de Glück a Himmler do mesmo dia; relatório de Heissmeyer de 25 de janeiro de 1940, relatórios de Glück de 30 e 31 de janeiro de 1940 bem como carta a Himmler de 30 de abril de 1940.

67 BAB, NS 19/1919, relatório de Heissmeyer de 25 de janeiro de 1941.

68 Ib., relatório de 21 de fevereiro de 1941.

69 BAB, BDC, SS-O Höss; Orth, *System*, p. 76 e segs.; Steinbacher, “*Musterstadt*”, p. 179 e seg.

70 Ib., p. 205 e segs.; Peter Hayes, *Industry and Ideology. IG Farben in the Nazi Era*, Cambridge, 2001, p. 347 e segs.; Bernd C.Wagner, *IG Auschwitz. Zwangsarbeit und Vernichtung von Häftlingen des Lagers Monowitz 1941-1945*, Munique, 2000, p. 37 e segs.; Hans Deichmann und Peter Hayes, Standort Auschwitz. Eine Kontroverse über die Entscheidungsgründe für den Bau des I.G. Farben-Werks in Auschwitz, in: *1999* 11,1 (1996), p. 73-101.

71 *Dienstkalender*.

72 Steinbacher, “Musterstadt”, p. 209 e segs.; portaria de Himmler de 26 de fevereiro de 1941, reproduzido in: IfZ, NI 11086, Krauch para Ambros, 4 de março de 1941.

73 Kaienburg, “*Vernichtung*”, p.152 e segs.

74 Orth, *System*, p. 82 e segs.; Isabell Sprenger, Gross-Rosen. *Ein Konzentrationslager in Schlesien*, Colônia e.o. 1996, especialmente p. 88 e segs.

75 Orth, *System*, p. 85 e segs.

76 A respeito de Hinzert e Niedernhagen, ver ib., p.88 e segs.

77 Ib., p. 109 e segs.

78 Ib., p. 102 e segs.

79 Ib., p. 98; Kaienburg, *Neuengamme*, p. 229.

80 IfZ, PS-1063, decreto de 2 de janeiro de 1941; ver Orth, *System*, p. 86 e seg.

81 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 125 e segs.

82 Ib., p.131 e segs.; Allen, *Business*, p. 72 e segs. e p. 100 e seg.

83 BAB, NS 3/1427, resumo das declarações de Himmler de 4 de outubro de 1940; ver também Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 800.

84 BAB, NS 19/2122, Himmler a Pohl, 24 de junho de 1941; a respeito desses experimentos, ver mais detalhes em Kaienburg, *Wirtschaft*, p.80 e segs.

85 BAB, NS 19/3122, Himmler a Pohl, 29 de novembro de 1941, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 80a.

86 BAB, NS 19/3122, carta de Brandt a Vogel, 20 de março de 1942. Em carta a Konrad Meyer, que, a pedido dele, elaborava o Plano Geral para o Leste, Himmler escreveu que ele naturalmente rejeitava a antroposofia, mas que se fizessem outros testes no sentido de permitir o desenvolvimento de alternativas aos adubos sintéticos, os quais muito provavelmente eram nocivos no longo prazo (NS 19/3211, 15 de julho de 1941; comp. Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 801).

87 BAB, NS 19/3211, relatório de 29 de outubro de 1943 e outros materiais ref. a Wertingen.

88 Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 462 e p. 771 e segs.; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 137 e seg.

89 Circular de Himmler de 15 de setembro de 1939, repr. in: Himmler, *Reichsführer!*, nº 51; ver também Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 136 e seg.

90 Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 474 e segs.; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 182 e segs. A tentativa de assumir o controle do poço Apollinaris, que configurava “patrimônio inimigo” sob administração judicial, no entanto, foi malograda; a empresa acabou sendo arrendada pela Deutsche Wirtschaftsbetriebe (DWB), ver Josef Henke, “Von den Grenzen der SS-Macht. Eine Fallstudie zur Tätigkeit des SS-Wirtschafts-Verwaltungshauptamtes”, in: Dieter Rebentisch und Karl Teppe (ed.), *Verwaltung contra Menschenführung im Staat Hitlers. Studien zum politisch-administrativen System*, Göttingen, 1986 p. 255-277.

91 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 183.

92 Kaienburg,*Wirtschaft*, p. 466 e segs.; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 144 e seg.

93 Allen, *Business*, p. 83; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 412 e segs.; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 147 e segs.

94 Allen, *Business*, p. 92 e segs. e p. 107 e segs.; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 416 e segs.; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 193 e segs.

95 Essa “mudança de paradigma” é ressaltada por Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 193 e segs.

96 Decreto de 17 de outubro de 1939, in: *RGBl* 1939 I, p. 2107 e seg., bem como decretos de aplicação de 1º de novembro de 1939 e 17 de abril de 1940 (ib., p. 2293 e segs., além de *RGBL* 1940 I, p. 659). BAB, NS 7/2, decreto do Reichsführer-SS e chefe da Polícia alemã sobre a portaria acerca da jurisdição de exceção em casos de punição envolvendo integrantes da SS e integrantes de organizações policiais em missão especial, 20 de novembro de 1939. Sobre o quadro todo, ver Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 6 e segs.

97 Ib., p. 30.

98 Ib., p. 13 e segs.

99 Definido no decreto do Departamento Central dos Tribunais SS de 29 de dezembro de 1939; ver Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 16.

100 Ib., p. 18 e segs.

101 Sobre a inclusão dos habitantes locais na jurisdição, ver ib., p. 26 e segs. Nos Países Baixos, o comissário do Reich podia, excepcionalmente, transferir a punição a ser aplicada no caso de atos criminais dos nativos aos tribunais da SS ou aos tribunais da polícia. Na Noruega, em setembro de 1941, o comissário do Reich chegou a transferir a condenação de todas as infrações contra as

suas ordens para a jurisdição da SS e da polícia (Birn, *Die Höheren SS- und Polizeiführer*, p. 144; Robert Bohn, *Reichskommissariat Norwegen. "Nationalsozialistische Neuordnung" und Kriegswirtschaft*, Munique, 2000, p. 91 e segs.). Em julho de 1942, os tribunais da SS e da polícia assumiram a condenação no protetorado em todos os casos de ataques imediatos de cidadãos não alemães contra a SS e a polícia, contanto que o RFSS achasse que os interesses especiais da SS ou da polícia o exigiam (portaria de 15 de julho de 1942, in: *RGBl* 1942 I, p. 475; Birn, *Höhere SS- und Polizeiführer*, p. 140 e segs.). A respeito da atuação dos tribunais da SS e da polícia em relação aos civis na Dinamarca desde o início de 1944, ver Erich Thomsen, *Deutsche Besatzungspolitik in Dänemark 1940-1945*, Düsseldorf, 1971, p. 201 e seg.

102 Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 27.

103 *Führererlass* de 25 de setembro de 1944, repr. in: "Führer-Erlasse", nº 365; Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 27 e seg.

104 Ib., p. 202 e segs.

105 Ib., p. 216. O arquivo BAB, NS 7/57, inclui uma coletânea dessas outorgas de poder a Bender.

106 Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 213 e segs.; BAB, NS 7/2, decreto de Himmler de 20 de novembro de 1939.

107 Ib., p. 214 e seg.

108 BAB, NS 7/52, Bender ao Departamento Central dos Tribunais SS, 18 de setembro de 1940; ver Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 215.

109 BAB, NS 7/265, Himmler a Bender, 24 de outubro de 1941, bem como Bender ao Departamento Central dos Tribunais SS, 12 de novembro de 1941; NS 19/3872, circular correspondente do Departamento Central dos Tribunais SS de 9 de dezembro de 1941; ver Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 108.

110 BAB, NS 7/13, observação do quartel-general de campanha, 13 de maio de 1943.

111 Repr. in: Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, Apenso 6 (segundo ZStL, Dokumentation ČSSR, Nº 396).

112 BAB, NS 19/3939, 30 de junho de 1942.

113 BAB, NS 7/265, Sturmbannführer Korff a Bender, 21 de janeiro de 1945.

114 Decreto do Führer sobre a retomada em caráter extraordinário de processos dos tribunais da SS e da polícia de 24 de julho de 1941, bem como decretos regulamentando as leis de Himmler de 25 de novembro de 1941, ambos em BAB, NS 7/303; Viereggge, *Gerichtsbarkeit*, p. 196 e segs.

115 BAB, NS 7/344, SS-Richter junto ao RFSS, 6 de maio de 1942.

116 Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 106.

117 BAB, NS 19/1913, 16 de agosto de 1942.

118 Sobre a desobediência militar como "cláusula geral", ver Vieregge, *Gerichtsbarkeit*, p. 95 e segs.

119 BAB, NS 19/9, 9 de outubro de 1942.

120 Discurso durante a conferência de Gruppenführer, 4 de outubro de 1943, Doc. PS-1919, in: *IMT*, vol. 29, p. 110 e segs., citação p. 144.

121 BAB, NS 7/1001, juiz da SS junto ao RFSS e chefe da Polícia alemã, 22 de junho de 1943.

122 Ib., observação sobre apresentação ao RFSS do caso Buchhold.

123 BAB, NS 7/250, telex do estado-maior pessoal, 4 de janeiro de 1945.

124 BAB, NS 7/247, juiz da SS junto ao RFSS do Departamento Central dos Tribunais SS, 26 de outubro de 1942.

**Deslocamento de fronteiras: 1940**

1 Brandes, *Tschechen*, p. 37 e seg.

2 Vasto material sobre as missões policiais de Tanzmann, a comissão policial de Vogt e o chefe de ligação da polícia Hahn com a sua equipe encontra-se em PAA, Inland IIg 100, bem como nos dossiês de referência de Luther; ver Tönsmeyer, *Reich*, p. 114 e segs.

3 Essa era a descrição usada no relatório do enviado alemão ao Ministério do Exterior, 4 de setembro de 1941 (PAA, Inland IIg 100). O departamento foi dissolvido em 23 de julho de 1941: BAB, R 70 Slowakei 301, Hahn ao RSHA. Cf. Tönsmeyer, *Reich*, p. 124 e seg., bem como Kaiser, "Politik", p. 488 e segs.

4 A nomeação deste, no entanto, ainda levaria mais de um ano: PAA, Inland IIg 100, legação alemã ao Ministério do Exterior, 5 de novembro de 1941; ver Tönsmeyer, *Reich*, p. 120.

5 Nota de arquivo de Heydrich de 2 de julho de 1940, repr. in: Krausnick, "Hitler", citação na p. 207.

6 BADH, ZR 277, nota de arquivo sobre a reunião com o chefe do Amt I, 2 de abril de 1940. Em 28 de março de 1930, Heydrich havia ordenado a formação de dois comandos, sendo um para os Países Baixos e o outro para a Bélgica (Ib.).

7 A propósito da ocupação da Noruega, ver Hans-Dietrich Loock, *Quisling, Rosenberg und Terboven. Zur Vorgeschichte und Geschichte der nationalsozialistischen Revolution in Norwegen*, Stuttgart, 1970, p. 277 e segs., bem como Bohn, *Reichskommissariat*, p. 31 e segs.; sobre o papel desempenhado pela Polícia de Segurança, ver Wildt, *Generation*, p. 508 e segs.

8 BADH, ZR 277, observação, 20 de abril de 1940. Os oitenta homens deveriam originalmente ser distribuídos entre os quatro Einsatzkommandos junto às três divisões da SS, bem como junto à Leibstandarte, o que deveria ser mantido em "sigilo absoluto" em relação à Wehrmacht (Ib., observação sobre a conversa com o chefe do Amt I, 2 de abril de 1940).

9 Loock, *Quisling*, p. 356 e segs.; Bohn, *Reichskommissariat*, p. 70 e segs.

10 Ib., p. 74 e segs.

11 Nota de arquivo de Heydrich de 2 de julho de 1940, repr. in: Krausnick, "Hitler", citação p. 207.

12 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 11 e segs.

13 BAB, NS 19/1678.

14 Wilfried Wagner, *Belgien in der deutschen Politik während des Zweiten Weltkrieges*, Boppard am Rhein, 1974, p. 131 e seg.

15 BAB, BDC, SS-O Seyss-Inquart, carta de Himmler a ele, 16 de maio de 1940, repr. in: *De SS en Nederland. Documenten uit SS-Archieven 1933-1945*, prefaciado e editado pelo N.K.C.A. in 't Veld, 2 vols., 's Gravenhage, 1976; ver também Konrad Kwiet, *Reichskommissariat Niederlande. Versuch und Scheitern nationalsozialistischer Neuordnung*, Stuttgart, 1968, p. 48.

16 BAB, BDC, SS-O Seyss-Inquart, certificado de nomeação. Ambos já se correspondiam regulamente antes da nomeação de Seyss-Inquart a comissário do Reich (Ib.).
17 Kwiet, *Reichskommissariat*, p. 83 e segs. A nomeação a HSSPF ocorreu em 23 de maio de 1940.
18 Nota de arquivo de Heydrich de 2 de julho de 1940, repr. in: Krausnick, "Hitler", p. 207 e seg.
19 A respeito da nomeação de Rauter e Nockermann, bem como sobre a instituição simultânea de um SS-Oberabschnitt Noroeste na região dos Países Baixos, ver carta de Himmler aos departamentos centrais da SS, 24 de maio de 1940, in: BAB, BDC, SS-O Seyss-Inquart, repr. in: *SS en Nederland*, Doc. Nº 23.
20 Guus Meershoek, "Machtentfaltung und Scheitern. Sicherheitspolizei und SD in den Niederlanden", in: Gerhard Paul und Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg. "Heimatfront" und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 383-402, p. 387 e segs.; Wildt, *Generation*, p. 511 e segs.
21 Kwiet, *Reichskommissariat*, p. 2 e segs.
22 Ver nota 19.
23 Kwiet, *Reichskommissariat*, p. 107; ver também carta de Himmler a Seyss-Inquart de 4 de junho de 1940 (BAB, BDC, SS-O Seyss-Inquart).
24 Ib., carta de 2 de janeiro de 1941.
25 Wagner, *Belgien*, p. 132 e segs. Sobre a política de ocupação alemã na Bélgica, ver, além disso, especialmente Werner Warmbrunn, *The German Occupation of Belgium, 1940-1944*, Nova York, 1993, bem como Wolfram Weber, *Die innere Sicherheit im besetzten Belgien und Nordfrankreich 1940-44. Ein Beitrag zur Geschichte der Besatzungsverwaltungen*, Düsseldorf, 1978. Sobre função da Polícia de Segurança na ocupação da Bélgica, ver Wildt, *Generation*, p. 522 e segs.
26 Wagner, *Belgien*, p. 166.
27 BAB, BDC, SS-O Reeder.
28 Warmbrunn, *German Occupation*, p. 118 e seg.
29 Nota de arquivo de Heydrich de 2 de julho de 1940, repr. in: Krausnick, "Hitler", p. 209.
30 Segundo Bernd Kasten, *"Gute Franzosen". Die französische Polizei und die deutsche Besatzungsmacht im besetzten Frankreich 1940-1944*, Sigmaringen, 1993, p. 22 e seg.; sobre o papel desempenhado pela Polícia de Segurança e pelo SD na primeira fase da política de ocupação, ver também Ahlrich Meyer, *Die deutsche Besatzung in Frankreich 1940-1944. Widerstands bekämpfung und Judenverfolgung*, Darmstadt: 2000, p. 13 e seg., bem como Wildt, *Generation*, p. 514 e segs.
31 Herbert, *Best*, p. 251 e segs.
32 Nota de arquivo de Heydrich de 2 de julho de 1940, in: Krausnick, "Hitler", p. 208; BAB, R 58/241, notificação de Heydrich para os postos da polícia do Estado, onde são mencionados 15 homens em Paris.
33 Diretrizes do Estado-Maior quanto à cooperação com o encarregado do chefe da Polícia de Segurança e do SD, citado segundo Karsten, "*Franzosen*", p. 23.
34 Claudia Steur, *Theodor Dannecker. Ein Funktionär der "Endlösung"*, Essen: 1997, p. 48.
35 PAA, Inland IIg 81, Heydrich a Von Ribbentrop, 27 de julho de 1940; a ata da reunião foi anexada.
36 Informações sobre a situação dos grupos étnicos alemães na Europa, 25 de junho de 1940 (AP Lodz, L 3571), citado segundo Heinemann, "*Rasse*", p. 305.
37 Ib., p. 306.
38 Decreto do Führer sobre a administração provisória da Alsácia e Lorena, 2 de agosto de 1940 ("Führer-Erlasse", Nº 44); segundo decreto do Führer sobre a administração provisória da Alsácia e Lorena, 18 de outubro de 1940 (Ib., Nº 58). Sobre a Política do Volkstum alemã na Alsácia e Lorena, ver Heinemann, "*Rasse*", p. 306 e segs., bem como Lothar Kettenacker, *Nationalsozialistische Volkstumspolitik im Elsass*, Stuttgart, 1973.
39 Após as primeiras deportações, que afetaram cerca de 20 mil a 25 mil pessoas, ocorreram ondas de banimento de grandes proporções: entre 11 e 21 de novembro de 1940, foram banidas cerca de 60 mil pessoas; em fevereiro de 1942, cerca de 10 mil pessoas. Além disso, milhares de pessoas retiraram-se "espontaneamente"; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 306 e seg., p. 310 e p. 318.
40 Segundo críticas externadas por Bruno Brehm, entre as famílias removidas havia pessoas que eram inquestionavelmente de nacionalidade alemã, até mesmo candidatos à SS (BAB, BDC, SS-O Brehm, Brehm ao chefe de Planejamento do RKF, Meyer, 3 de novembro de 1940). Ver também R 49/74, chefe da EWZ, Divisão Oeste, minuta de diretrizes sobre o tratamento a ser dispensado pela polícia do Estado à população de nacionalidade e de etnia estrangeira na Lorena, 25 de fevereiro de 1941; aqui é sugerido que se faça uma abrangente "seleção racial". Ver Heinemann, "*Rasse*", p. 307 e seg. e p. 315 e segs.
41 Ib., p. 318 e seg.
42 BAB, NS 2/55, carta de Himmler a Lammers, 21 de março de 1939. Nessa carta Himmler expressava suas dúvidas em relação a um projeto de lei que proibia o casamento de alemães com estrangeiros. Ele deixou claro, ainda, que também tinha a intenção de "angariar mulheres de sangue nórdico para a Alemanha".
43 BAB, NS 19/4004, discurso de 8 de novembro de 1938, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 25 e segs., citação p. 38.
44 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 265.
45 BAB, R 31/96, Befehl de Himmler de 15 de agosto de 1940. Himmler determinou que Berger de início deveria atuar como representante definitivo de Heissmeyer, mas ele no entanto foi incumbido de outras tarefas.
46 IfZ, NO 1825, Berger a Himmler, 7 de agosto de 1940. Berger baseava-se em uma cota de recrutamento de 2% para cada ano de nascimento; isso correspondia à cota do território do Reich.
47 IfZ, NO 5717.
48 Quanto à formação dessa organização e de outras "organizações germânicas" anteriores, ver Stein, *Geschichte*, p.128 e seg.
49 *Dienstkalender*.
50 *Völkischer Beobachter* de 2 de fevereiro de 1941. Antes do juramento, ele havia proferido uma "palestra fundamental" diante dos dirigentes da SS em Oslo (*Völkischer Beobachter* de 31 de janeiro de 1941).

51 *Berliner Börsenzeitung* de 3 de fevereiro de 1940.
52 *Völkischer Beobachter* de 3 de fevereiro e 4 de abril de 1940.
53 *Dienstkalender*, 21/22 de maio de 1941.
54 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 94 e seg.
55 PAA, Inland IIg 7, anotação sem data, carimbo de entrada de 22 de setembro de 1940.
56 BAB, NS 33/213, circular de Hausser, 13 de setembro de 1940; Barbara Materne, "Die Germanische Leitstelle der SS 1940-1945. Entstehung, Aufgabenbereiche und Bedeutung in der Machtstruktur des Dritten Reiches", tese de magistrado, Düsseldorf, 2000, p. 29.
57 Wagner, *Belgien*, p. 248; circular de Himmler de 24 de maio de 1940, repr. in: *SS en Nederland*, Nº 23.
58 Stein, *Geschichte*, p. 134.
59 Ib., p. 135. Ordem de Jüttner de 3 de abril de 1941, repr. in: *SS en Nederland*, Nº 65.
60 Stein, *Geschichte*, p. 137.
61 BAB, NS 19/1711, Cartas de Berger a Himmler, 10 e 16 de setembro de 1940. Segundo essas cartas, duas comissões de admissão estavam "lá" e conduziam exames entre os alemães étnicos, operação que oficialmente tinha o objetivo de "determinar o estado de saúde da população". A carta de 16 de setembro de 1940 indicava que isso ocorria à revelia de uma "ordem especial do Marechal do Reich". Himmler concordava com as medidas. Ver Thomas Casagrande, *Die volksdeutsche SS-Division "Prinz Eugen". Die Banater Schwaben und die nationalsozialistischen Kriegsverbrechen*, Frankfurt/Main/Nova York, 2003, p. 142 e seg.
62 Johann Böhm, *Die Gleichschaltung der deutschen Volksgruppe in Rumänien und das "Dritte Reich" 1941-1944*, Frankfurt/Main e.o. 2003, p. 284 e seg.
63 Ib., p. 286 e segs.
64 Ib., p. 48; trata-se da versão revisada de um trabalho mais antigo do autor: *Das nationalsozialistische Deutschland und die deutsche Volksgruppe in Rumänien 1936-1944. Das Verhältnis der deutschen Volksgruppe zum Dritten Reich und zum rumänischen Staat sowie der interne Widerstreit zwischen den politischen Gruppen*, Frankfurt/am Main etc., 1985. Nesse meio-tempo, o autor apresentou uma monografia adicional, cobrindo o período anterior a 1940; ver Böhm, *Die Deutschen*.
65 BAB, NS 19/3888, Himmler a Berger, 27 de novembro de 1940, em que se dizia surpreso com a fundação do partido (Ib., carta de 2 de dezembro de 1940).
66 Ib., Berger para Himmler sobre conversa com Schmidt a respeito de Himmler, 4 de dezembro de 1940.
67 Spannenberger, *Volksbund*, p. 233 e segs.
68 Ib., p. 309 e seg.
69 BAB, NS 19/383, Berger para Himmler, 27 de janeiro de 1941, aqui trata-se de uma anotação manuscrita de Himmler. Ver também o relatório do Departamento Auxiliar de 24 de janeiro de 1941(ib.), bem como Tönsmeyer, *Reich*, p. 175 e seg.
70 Kaiser, "Politik", p. 436 e seg.
71 Com a formação do esquadrão dentro da Hlinka-Garde, Nageler, conforme explicara a Himmler em 14 de junho de 1941, perseguia o objetivo de "ter disponível o aparelho diretivo adequado para o caso de uma mudança na forma de governo" (BAB, NS 19/240). Sobre o projeto de Nageler e a simpatia de Himmler pela ideia, ver Kaiser, "Politik", p. 441.
72 Em 27 de fevereiro de 1941, Karmasin sugeriu a Himmler ampliar a SS de voluntários; Himmler respondeu em 17 de março de 1941 (BAB, NS 19/1846).
73 Ib., Berger para Himmler, 12 de dezembro de 1940. Sobre o pano de fundo, ver Kaiser, "Politik", p. 436.
74 Lumans, *Auxiliaries*, p. 219; ver também Martin Broszat, "Heranziehung von slowakischen Staatsbürgern deutscher Volkszugehörigkeit zum Dienst in der *Waffen-SS*", in: *Gutachten des Instituts für Zeitgeschichte*, vol. 1, Munique, 1958, p. 412-417.
75 BAB, NS 19/3517, Himmler para Kaul, 30 de janeiro de 1941.
76 Bernd Rother, *Spanien und der Holocaust*, Tübingen 2001, p. 115 e seg.
77 *Völkischer Beobachter* de 21 de outubro de 1940.
78 *Völkischer Beobachter* de 22 de outubro de 1940.
79 *Völkischer Beobachter* de 23 de outubro de 1940.
80 *Berliner Börsenzeitung* de 23 de outubro de 1940.
81 *Völkischer Beobachter* de 23 de outubro de 1940. Segundo outra transcrição, Himmler descreveu em detalhe nesse discurso os planos e os números concretos dos remanejamentos em massa que ele havia feito na Polônia; entre outros, mencionou que, no Governo-Geral, futuramente, "todos os judeus de todo o Grande Reich Alemão" deverão ser alojados "em um gueto fechado" (BAB, R 49/20, repr. in: Müller, *Ostkrieg*, Doc. nº 8).
82 *Völkischer Beobachter* de 24 de outubro de 1940; *Berliner Börsenzeitung* de 25 de outubro de 1940.
83 Sobre o envolvimento do SD no golpe dos legionários, ver Armin Heinen, *Die Legion "Erzengel Michael" in Rumänien. Soziale Bewegung und politische Organisation. Ein Beitrag zum Problem des internationalen Faschismus*, Munique, 1986, p. 445; Andreas Hillgruber, *Hitler, König Carol und Marschall Antonescu*, Mainz, 1954, p. 16 e segs.; Höhne, *Orden*, p. 267 e seg.; Wildt, *Generation*, p. 398 e segs.
84 *Dienstkalender*.
85 PAA, Inland IIg 61, anotação de Von Ribbentrop, 10 de março de 1941; resposta de Heydrich, 2 de abril de 1941, sobretudo como reação ao relatório do enviado alemão em Bucareste, Killinger, que, em 26 de fevereiro de 1941, escrevera que "alguns círculos alemães, em virtude de sua conduta", haviam contribuído "para que ocorresse essa tentativa de golpe". Killinger então citou nominalmente uma série de integrantes do SD na Romênia, bem como de integrantes da legação alemã (*ADAP*, Serie D, vol.12, Nº 94).
86 PAA, Inland IIg 6a, 24 de março de 1944.
87 Ver acima p. 408.
88 BAB, NS 19/1788, carta de Heydrich para Von Weizsäcker, 20 de junho de 1941;Wildt, *Generation*, p. 649.

89 Essa era a denominação usada no relatório do enviado alemão para o Ministério do Exterior, 4 de setembro de 1941, in: PAA, Inland IIg 100. A agência foi extinta em 23 de julho de 1941 (BAB, R 70 Slowakei 301, Hahn ao RSHA). Ver também Tönsmeyer, *Reich*, p. 124 e seg., bem como Kaiser, "Politik", p. 488 e segs.

90 USHMM, Acc. 1999.A.0092.

91 BAB, NS 19/1633, resposta de Heydrich a Wolff, 5 de agosto de 1941. Sobre o andamento das negociações, ver também PAA, Inland IIg 61, carta de Heydrich para Von Weizsäcker, 20 de junho de 1941

92 BAB, NS 19/1633, acordo de 8 de agosto de 1941; Wildt, *Generation*, p. 649. Um dos itens do acordo era um "adendo sigiloso" negociado em 28 de agosto de 1941. Segundo tal adendo, era função dos adidos policiais garantir que os agentes e encarregados do RFSS se abstivessem de toda atividade referente à política externa. No mesmo dia, o Ministério do Exterior e o RSHA elaboraram uma "instrução de serviço" comum para os adidos policiais (NS 19/1788), na qual se enfatizava a subordinação dos adidos aos chefes das missões. A posição do Ministério do Exterior encontra-se em PAA, Inland IIg 71. Caso determinada missão não tivesse um adido policial, deveria ser tomada uma resolução individual para que um outro "encarregado especial da polícia, disfarçado", assumisse a supervisão dos encarregados do RFSS (ib., nota de arquivo).

93 PAA, Inland IIg 70, lista de 5 de julho de 1941.

94 PAA, Inland IIg 71, Luther para o chefe de pessoal do Ministério do Exterior, Schröder, 27 de fevereiro de 1942.

95 PAA, Inland IIg 118, circular de 1º de agosto de 1941.

96 Ib., Sonnleithner para Luther, 19 de outubro de 1942.

97 Ib., observação para Luther, 19 de outubro de 1942.

98 Ib., Luther para Gaues, 6 de novembro de 1942.

99 Ver correspondência de maio e junho de 1943 (PAA, Inland IIg 61).

100 Ib., nota do gabinete do RAM para Wagner, 14 de dezembro de 1944. Ver também as instruções para o relator do conselho da Legação, Wagner, para transmissão ao quartel-general de campanha do RFSS, 31 de dezembro de 1944.

101 Ib., comunicado do *Gruppenleiter Inland II*.

102 Para literatura a respeito do projeto Madagascar, ver Adler, *Mensch*, p. 69 e segs.; Magnus Brechtken, *"Madagaskar für die Juden". Antisemitische Idee und politische Praxis 1885-1945*, Munique, 1997 (aqui há também uma vasta indicação da literatura mais antiga); Christopher R. Browning, "The Decision concerning the Final Solution", in: idem, *Fateful Months: Essays on the Emergence of the Final Solution*, Nova York/Londres, 1985, p. 8-38, especialmente p. 35 e segs.; Hans Jansen, *Der Madagaskar-Plan. Die beabsichtigte Deportation der europäischen Juden nach Madagaskar*, Munique, 1997, esp. p. 320 e segs.; Leni Yahil, "Madagascar, Phantom of a Solution for the Jewish Question", in: Bela Vago und George L. Mosse (ed.), *Jews and Non-Jews in Eastern Europe, 1918-1945*, Nova York, 1974, p. 315-334.

103 Sobre isso, ver detalhadamente Brechtken,"*Madagaskar*".

104 Publicado em *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 5 (1957), p. 194-198 (com breve introdução de Krausnick). Himmler sugeriu, ainda, que as crianças "valiosas em termos de raça" fossem subtraídas de seus pais poloneses; embora "cruel" e "trágica", essa solução seria preferível ao extermínio. A observação sobre a reação de Hitler data de 28 de maio de 1940.

105 Hitler e Von Ribbentrop explicaram o plano a Mussolini e Ciano em 17 e 18 de junho; em 20 de junho Hitler mencionou o plano Madagascar perante o comandante em chefe da Marinha de Guerra, Raeder; no início de agosto referiu-se ao plano de banir todos os judeus da Europa perante o embaixador alemão em Paris, Abetz, e, em meados de agosto, externou sua vontade a Goebbels; ver Galeazzo Ciano, *Tagebücher 1939-1943*, Berna, 1947, p. 249; Paul Schmidt, *Statist auf diplomatischer Bühne 1923-1945. Erlebnisse des Chefdolmetschers im auswärtigen Amt mit den Staatsmännern Europas*, Bonn, 1949, p. 494 e seg.; Gerhard Wagner (ed.), *Lagevorträge des Oberbefehlshabers der Kriegsmarine vor Hitler 1939-1945*, Munique, 1972, p.106 e segs.; PAA, Inland IIg 177, registro de Luther de 15 de agosto de 1940, repr. in: *ADAP*, Serie D, Bd. 10, Doc. nº 345; *Tagebücher Goebbels*, 17 de agosto de 1940.

106 PAA, Inland IIg 177, Die Judenfrage im Friedensvertrage, repr. in: *ADAP*, Serie D, vol. 10, p. 92 e segs. Ver carta de Heydrich de 24 de junho de 1940 no mesmo arquivo.

107 PAA, Inland IIg 177.

108 Ib.

109 Ib., 30 de agosto de 1940. Aqui Brack é erroneamente mencionado como "Oberbereichsleiter Brake" [chefe de departamento], quando de fato a posição que ocupava era a de Oberdienstleiter [chefe dos serviços].

110 Brechtken, *"Madagaskar"*, p. 261 e seg. Uma declaração — todavia não isenta de dúvidas — do suplente de Bouhler, Brack, no processo de Nuremberg dos médicos, aponta até para uma função específica como governador em Madagascar (p. 261).

111 Präg und Jacobmeyer (ed.), *Diensttagebuch*, 12 de julho de 1940.

112 Observação referente a uma reunião no [Departamento] IV D 4, 9 de julho de 1940, repr. in: *Biuletyn Glównej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w Polsce* 12 (1960), Doc. nº 38. Em 12 de junho, Heydrich e Frank decidiram de comum acordo que, embora renunciassem às grandes ações de remanejamento populacional planejadas em dezembro de 1939, ainda executariam a "ação Volínia em curso" e a "ação de evacuação dos judeus que está prevista para ser desencadeada em agosto desse ano" (ou seja, a deportação dos judeus dos territórios incorporados do leste); ver telex de Günther (RSHA) para Höppner (UWZ Posen), 1º de julho de 1940, repr. in: Ib., doc. nº 37.

113 Musial, *Zivilverwaltung*, p. 115 e segs.; Pohl, *Lublin*, p. 79 e segs.

114 Musial, *Zivilverwaltung*, p. 164 e segs.

115 Nesse contexto, são decisivas as instruções de Hitler nº 18, de 12 de novembro de 1940 (Asseguração da França e dos países ibéricos, com um parágrafo "Rússia" ), bem como nº 21, de 18 de dezembro de 1941 (caso Barbarossa); repr. in: Walther Hubatsch (ed.), *Hitlers Weisungen für die Kriegführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht*, 2ª ed., Koblenz, 1983.

116 Sobre os planos de deportação após o malogro do projeto Madagascar, ver Browning, *Entfesselung*, p. 160 e segs.

117 BAB, R 49/20, repr. in: Müller, *Ostkrieg*, Nº 8.

118 BAB, NS 19/3979.
119 BAB, NS 19/4007, anotações de Himmler para a palestra.
120 Nota de Theodor Dannecker, assessor da Gestapo para questões judaicas em Paris, dirigida a Eichmann, de 21 de janeiro, CDJC, V-59, repr. in: Serge Klarsfeld, *Vichy — Auschwitz. Die Zusammenarbeit der deutschen und französischen Behörden bei der "Endlösung der Judenfrage" in Frankreich*, Nördlingen, 1989, p. 361 e segs., que também menciona o envolvimento de Göring e Himmler. Explicação de Eichmann no Ministério da Propaganda, 2 de março de 1941, repr. in: Adler, *Mensch*, p. 152; sobre os detalhes, ver Longerich, *Politik*, p. 287 e seg.
121 Após conversa com Hitler de 16 de março, Frank avisou aos seus funcionários que o Governo-Geral em breve seria "desjudaizado"; ver Präg e Jacobmeyer (ed.), *Diensttagebuch*, 25 de março de 1941, p. 335.
122 OA Moscou, 500-3-795, anotação de Heydrich de 26 de março de 1941; ver Aly, "*Endlösung*", p. 270.
123 IfZ, NO-203, Brack a Himmler, 28 de março de 1941. De acordo com a declaração de Brack, de maio de 1947, Himmler o incumbira dessa missão em janeiro de 1941, porque temia que os judeus poloneses e os judeus europeus se misturassem *(Trials of War Criminals before the Nuernberg Military Tribunals under Control Council Law No. 10*, vol.1, Nuremberg, 1949, p. 732). Himmler encontrara-se com Brack em 13 de janeiro de 1941 (*Dienstkalender*).

**Guerra de extermínio ideológica**

1 Sobre o ataque à União Soviética, ver, entre outros: Andreas Hillgruber, *Hitlers Strategie. Politik und Kriegführung 1940-1941*, 2ª ed., Frankfurt/Main, 1982; Horst Boog et al., *Der Angriff auf die Sowjetunion*, ed. atualizada, Frankfurt/Main, 1991; Peter Jahn e Reinhard Rürup (ed.), *Erobern und Vernichten. Der Krieg gegen die Sowjetunion 1941-1945. Essays*, Berlim, 1991; Bernd Wegner (ed.), *Zwei Wege nach Moscou. Vom Hitler-Stalin-Pakt bis zum "Unternehmen Barbarossa"*, Munique/Zurique, 1991; Gerd R. Ueberschär e Wolfram Wette (ed.), *Der deutsche Überfall auf die Sowjetunion. "Unternehmen Barbarossa" 1941*, nova edição revisada, Frankfurt/Main, 1991.
2 São as palavras que Himmler usa em carta a Lammers de 10 de junho de 1941 (BAB, R 6/21); Destaque do autor. A esse respeito, ver também o parecer de Rosenberg de 14 de junho de 1941, bem como o memorando que Rosenberg enviou a Lammers em 27 de agosto de 1943 (IfZ, NO 3726) sobre as atribuições e os poderes do ministro do Reich e dos comissários do Reich relativos aos territórios do Leste, sobre os poderes do Reichsführer-SS e chefe da polícia alemã, bem como do *Volkstumskommissar*.
3 BAB, NS 19/3874, 25 de maio de 1941. Sobre a nomeação de Rosenberg, ver "Decreto do Führer", p. 168 e seg. A respeito da briga entre Rosenberg e Himmler na fase de preparação da guerra, ver Ernst Piper, *Alfred Rosenberg. Hitlers Chefideologe*, Munique, 2005, p. 517 e segs.
4 Christian Gerlach, *Kalkulierte Morde. Die deutsche Wirtschafts- und Vernichtungspolitik in Weissrussland 1941 bis 1944*, Hamburgo, 1999, p. 81.
5 Richtlinien auf Sondergebieten zur Weisung nº 21 (Fall Barbarossa) [Diretrizes para áreas especiais relativamente à instrução nº 21 (Caso Barbarossa)], repr. in: Hans-Adolf Jacobsen, "Kommissarbefehl und Massenexekutionen sowjetischer Kriegsgefangener", in: Hans Buchheim et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999, p. 449-544, Doc. nº 1.
6 Discurso de Hitler de 30 de março aos altos generais, repr. in: Halder, *Kriegstagebuch*, vol. 2: *Von der geplanten Landung in England bis zum Beginn des Ostfeldzuges (1.7. 1940 — 21.6. 1941)*, p. 335 e segs., aqui p. 336 e seg.
7 Instruções de Hitler para Jodl quanto à versão final das diretrizes para áreas especiais relativamente à instrução nº 21 (caso Barbarossa), 3 de março de 1941, in: *Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht 1940-1945*, supervisionado por Helmuth Greiner e Percy Ernst Schramm, vol. 1: *1. August 1940 — 31. Dezember 1941*, Frankfurt/Main, 1965, p. 341. Em um discurso diante de generais em 17 de março, Hitler também falou sobre o aniquilamento da "inteligência empregada por Stalin", ver Halder, *Kriegstagebuch*, vol. 2, p. 317 e segs., citação p. 320. O tema de seu discurso de 30 de março (ver nota 6) era o "aniquilamento dos comissários bolcheviques e da inteligência comunista".
8 *Dienstkalender*, 10 de março de 1941, conversa com Heydrich sobre a cooperação da SS e da Polícia com o Exército.
9 Em 26 de março, Wagner pôde apresentar o primeiro esboço do acordo, que fora previamente feito com Heydrich (BAM, RW 4v/575; repr. in: Jacobsen, "Kommissarbefehl", Doc. nº 2).
10 BAM, RH 22/155, repr. in: Jacobsen, Kommissarbefehl, Doc. nº 3.
11 *Com respeito à Guerra nos Bálcãs, ver* Klaus Olshausen, *Zwischenspiel auf dem Balkan. Die deutsche Politik gegenüber Jugoslawien und Griechenland von März bis Juli 1941*, Stuttgart, 1973; Karl-Heinz Golla, *Der Fall Griechenlands 1941*, Hamburgo etc., 2007.
12 BAM, RH 31-I/v.23; cf. Roland G. Förster (ed.), *"Unternehmen Barbarossa". Zum historischen Ort der deutsch-sowjetischen Beziehungen von 1933 bis Herbst 1941*, Munique, 1993, p. 507 e seg., bem como Walter Manoscheck, *"Serbien ist judenfrei". Militärische Besatzungspolitik und Judenvernichtung in Serbien 1941/42*, Munique, 1993, p. 41 e seg.
13 *Dienstkalender*. As negociações são apresentadas em detalhe por Andrej Angrick, *Besatzungspolitik und Massenmord. Die Einsatzgruppe D in der südlichen Sowjetunion 1941-1943*, Hamburgo, 2003, p. 41 e segs.
14 *Dienstkalender*, 6 a 10 de maio de 1941.
15 Sobre o incidente Hess, ver Rainer F. Schmidt, *Rudolf Hess — "Botengang eines Toren?" Der Flug nach Grossbritannien vom 10.Mai 1941*, Düsseldorf, 1997, p. 185 e segs.
16 No *Dienstkalender* não há nenhum registro sobre isso, mas há testemunhos da presença dele em Obersalzberg na noite de 11 de maio; Himmler reassumiu suas funções em Berlim somente em 18 de maio de 1941. Sobre a reunião, ver *Tagebücher Goebbels*, 14 de abril de 1941.
17 Em 9 de maio de 1941, ele discutiu com Heydrich a conduta defendida por Bormann para a Gestapo contra esses círculos (*Dienstkalender*). Ellic Howe, um conhecedor da cena astrológica, recolheu informações a esse respeito na época do pós-guerra: *Uranias Children: The Strange World of Astrologers*, Londres, 1967, p. 192 e segs.; ver também Peter Longerich, *Hitlers*

*Stellvertreter. Führung der Partei und Kontrolle des Staatsapparates durch den Stab Hess und die Partei-Kanzlei Bormann*, Munique etc., 1992, p. 153 e seg.

18 IfZ, NO 204. O Estado-Maior agradecera a Brack pessoalmente em 12 de maio de 1941 por esse relatório e informara que Himmler em breve conversaria com ele a respeito.

19 IfZ, NOKW 2079, repr. in: Jacobsen, Kommissarbefehl, p. 184 e seg.

20 Sobre a formação dos Einsatzgruppen, ver Angrick, *Besatzungspolitik*, p. 74 e segs.; Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 19 e segs.; Peter Klein (ed.), *Die Einsatzgruppen in der besetzten Sowjetunion 1941/42. Die Tätigkeits- und Lageberichte des Chefs der Sicherheitspolizei und des SD*, Berlim, 1997; Hans-Heinrich Wilhelm, "Die Einsatzgruppe A der Sicherheitspolizei und des SD 1941/42 — eine exemplarische Studie", in: Helmut Krausnick e Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD 1938-1942*, Stuttgart, 1981, p. 281-636; id., *Die Einsatzgruppe A der Sicherheitspolizei und des SD 1941/42*, Frankfurt/am Main etc., 1996, p. 11 e segs. Uma quinta força de Einsatzgruppe foi estabelecida junto ao comandante da Polícia de Segurança de Cracóvia, Eberhard Schöngarth e, a partir do início de julho, essa força avançou para os territórios poloneses do leste; a partir de agosto, ela se denominou Einsatzgruppe z.b.V., ou "força-tarefa para operação especial" (Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 180 e seg.).

21 Em outubro de 1941, o Einsatzgruppe A de 990 integrantes era composto por 35 homens do SD, 41 funcionários da Kripo, 89 funcionários da StaPo, 133 integrantes da Polícia de Ordem, 340 homens da Waffen-SS; o restante do pessoal era composto por motoristas de caminhão, responsáveis por serviços emergenciais (os quais via de regra anteriormente não pertenciam ao aparelho da SS e da polícia), pessoal dos serviços de telefonia, funcionários de administração, bem como 13 funcionárias mulheres (Dok. L-180, Stahlecker-Bericht de 15 de outubro de 1941, repr. in: *IMT*, vol. 37, p. 670 e segs.).

22 Esse tipo foi elaborado de maneira exemplar por Ulrich Herbert em sua biografia *Best*.

23 Wilhelm, *Einsatzgruppe A*, p. 281 e segs.

24 Para literatura sobre a Polícia de Ordem, ver Andrej Angrick et al., "'Da hätte man schon ein Tagebuch führen müssen'". Das Polizeibataillon 322 und die Judenmorde im Bereich der Heeresgruppe Mitte während des Sommers und Herbstes 1941. Mit einer Auseinandersetzung über die rechtlichen Konsequenzen", in: Helge Grabitz (ed.), *Die Normalität des Verbrechens. Bilanz und Perspektiven der Forschung zu den nationalsozialistischen Gewaltverbrechen*. Festschrift für Wolfgang Scheffler zum 65. Geburtstag, Berlim, 1994, p. 325-384; Christopher R. Browning, *Ganz normale Männer. Das Reserve-Polizeibataillon 101 und die "Endlösung" in Polen*, Reinbek bei Hamburg, 1993; Daniel Jonah Goldhagen, *Hitlers willige Vollstrecker. Ganz gewöhnliche Deutsche und der Holocaust*, Berlim, 1996; Konrad Kwiet, "Auftakt zum Holocaust. Ein Polizeibataillon im Osteinsatz", in: Bundeszentrale für politische Bildung (ed.), *Der Nationalsozialismus*, Frankfurt/Main, 1993, p. 191-208; Jürgen Matthäus, "What about the 'Ordinary Men'"? The German Order Police and the Holocaust in the Occupied Soviet Union, in: *Holocaust and Genocide Studies* 10,2 (1996), p. 134-150; Klaus-Michael Mallmann, "Vom Fussvolk der 'Endlösung'. Ordnungspolizei, Ostkrieg und Judenmord", in: *Tel Aviver Jahrbuch für Deutsche Geschichte* 26 (1997), p. 355-391; Neufeld, Huck und Tessin, *Ordnungspolizei*.

25 Tratava-se das tropas de "proteção policial reforçada" formadas por homens nascidos no período de 1901 a 1909, cuja força estabelecida era de 95 mil homens no início da guerra (BAB, R 19/382, palestra de Daluege, 16 de janeiro de 1941). No início de 1942, dos 117.525 reservistas convocados, somente 7.325 se encontravam junto aos batalhões (NS 19/335, palestra de Daluege na convenção de 1º a 4 de fevereiro de 1942). A força total de todos os batalhões era de meros 60 mil homens (Ib., Memorandum Chef Ordnungspolizei [memorando do chefe da Polícia de Ordem], 20 de agosto de 1940).

26 Os voluntários da chamada Ação dos 26 mil Homens foram recrutados dos grupos etários nascidos nos anos de 1918 a 1920 (candidatos a policial) e nos anos 1905 a 1912 (funções de guarda) (BHStA, governador do Reich, Epp, decretos do RFSS de 11 e 31 de outubro de 1939, decreto do ministro do Interior do Reich de 25 de outubro de 1939). Os voluntários eram distribuídos num total de 31 batalhões — foi utilizada portanto somente cerca da metade dos recrutados na ação de 26 mil homens (comp. BAB, NS 19/395, memorando do chefe da Polícia de Ordem, 20 de agosto de 1940).

27 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 142 e p. 149 e segs.

28 Sobre esse quadro, ver Yehoshua Büchler, "Kommandostab Reichsführer-SS: Himmler's Personal Murder Brigades, in 1941", in: *Holocaust and Genocide Studies* 1,1 (1986), p. 11-25, p. 13 e seg., bem como Martin Cüppers, *Wegbereiter der Shoah. Die Waffen-SS, der Kommandostab Reichsführer-SS und die Judenvernichtung 1939-1945*, Darmstadt, 2005, p. 64 e segs.

29 BAB, NS 19/3508, *SS-Führungsamt*, 24 de abril e 6 de maio de 1941.

30 Ib., ordem de Himmler de 17 de junho, em vigor a partir de 21 de junho de 1941.

31 Isso é narrado em detalhe por Cüppers, *Wegbereiter*, p. 33 e segs.

32 BAM, M 806 (cópias do Arquivo Militar de Praga), número real em fins de julho de 1941.

33 BAM, RH 22/155, repr. in: Reinhard Rürup (ed.) *Der Krieg gegen die Sowjetunion 1941-1945. Eine Dokumentation*, Berlim, 1991, p. 45; sobre a história da origem, ver detalhadamente Förster, "*Unternehmen Barbarossa*", p. 511; Ralf Ogorreck, *Die Einsatzgruppen und die "Genesis der Endlösung"*, Berlim, 1996, p. 19 e segs. A carta de acompanhamento do comandante em chefe do Exército, de 24 de maio de 1941 (Decreto disciplinar, in: Jacobsen, "Kommissarbefehl", Doc. nº 10), seguia a tendência de prevenir uma interpretação excessiva desse decreto do Führer por parte da tropa em combate.

34 BAM, RH 2/2082; repr. in: Rürup (ed.), *Krieg*, p. 46. Sobre a ordem dos comissários em geral, ver Förster,"*Unternehmen Barbarossa*", p. 520 e segs.

35 BAM, RH 22/12. Sobre a sintonia propagandística da tropa, ver Förster, "*Unternehmen Barbarossa*", p. 525 e segs.

36 BAB, NS 19/3957, 11 a 15 de junho de 1941, ver *Dienstkalender*.

37 Johst, *Ruf*.

38 Nota de arquivo sobre conversa com Johst de 26 de fevereiro de 1940 (BAB, NS 19/1446); ver Düsterberg, *Johst*, p. 305.

39 Apelido dado por Rudolf Brandt (BAB,NS 19/1945, 10 de agosto de 1942).

40 *IMT*, vol. 4, p. 535 e seg. Segundo Von dem Bach-Zelewski, a reunião aconteceu em Nuremberg no início de 1941.

41 Isso se confirma unanimemente pelas declarações dos integrantes do Einsatzkommando que estavam presentes na ocasião.
42 BAB, R 70 SU/32.
43 BAB, R 70 SU/31, repr. in: Peter Longerich (ed.), *Die Ermordung der europäischen Juden. Eine umfassende Dokumentation des Holocaust 1941-1945*, Munique, 1989, p. 116 e segs.
44 As mesmas palavras são usadas na carta de 29 de junho de 1941.
45 *Dienstkalender*, 16 e 17 de junho de 1941.
46 Em 16, 17, 18, depois novamente em 23 de junho de 1941 (ib.).
47 Ib.; BAB, R 70 SU/32, *Einsatzbefehl* [ordem para entrada em ação] nº 1 de 1º de julho de 1941.
48 OA Moscou, 500-1-758, 1º de julho de1941.
49 EM 19. Para o período de 23 de junho de 1941 a 24 de abril de 1942, o RSHA juntou, sob o título "Ereignismeldungen UdSSR" [Notificações de Eventos na URSS], diversos relatórios das Einsatzgruppen por ordem de data, em numeração consecutiva. Os originais encontram-se em R 58/214 a 221.
50 *Dienstkalender*.
51 BAB, R 20/79, KTB Pol. Btl. 322.
52 Interrogatório de 20 de abril de 1966 (ZStL, 73/61, vol. 6, p. 1510 e segs.).
53 BAB, R 20/79, KTB Pol. Btl. 322, 9 de julho de 1941.
54 BAB, R 20/80, KTB Pol. Btl. 322 (Anexos), ordem de 11 de julho de 1941.
55 Angrick et al., "Tagebuch", p. 334 e segs.; sentença do Tribunal Regional de Bochum contra integrantes do batalhão de polícia 316, que também tomou parte nesse massacre (LG Bochum de 6 de junho de 1968, ZStL, II 202 AR-Z 168/59).
56 *Dienstkalender*; EM 21.
57 Andrzej Zbikowski, "Local Anti-Jewish Pogroms in the Occupied Territories of Eastern Poland, June — July 1941", in: Lucjan Dobroszycki e Jeffrey S. Gurock (ed.), *The Holocaust in the Soviet Union. Studies and Sources on the Destruction of the Jews in the Nazi occupied Territories of the USSR, 1941-1945*, Armonk, NY/Londres, 1993, p. 173-179, cita 35 locais só para a Galícia Oriental. Aharon Weiss, "The Holocaust and the Ukrainian Victims", in: Michael Berenbaum (ed.), *A Mosaic of Victims. Non-Jews Persecuted and Murdered by the Nazis*, Nova York, 1990, p. 109-115, constata a ocorrência de 58 pogroms no oeste da Ucrânia, incluindo os da Volínia. Ver também Bogdan Musial,"*Konterrevolutionäre Elemente sind zu erschiessen". Die Brutalisierung des deutschsowjetischen Krieges im Sommer 1941*, Berlim/Munique, 2000, p. 172, com numerosas indicações de outros pogroms.
58 BAB, NS 19/4008, discurso para as unidades de reserva destinadas ao grupo de combate da SS ao Norte, 13 de julho de 1941.
59 Decreto do Führer de 17 de julho de 1941 sobre a administração nos novos territórios ocupados do leste (Dok. L-221, in: *IMT*, vol. 38, p. 86 e segs.).
60 BAB, R 43 II/683a. Rosenberg já estava designado para essa missão desde o começo de abril quando Hitler o encarregara de abrir um escritório para lidar com as "Questões do leste". Sobre os preparativos de Rosenberg para a guerra contra a União Soviética, ver Yitzhak Arad, "Alfred Rosenberg and the 'Final Solution' in the Occupied Soviet Territories", in: *Yad Vashem Studies* 13 (1979), p. 263-286, p. 265 e segs.
61 As decisões de Hitler foram oficializadas em diversos decretos redigidos em 17 de julho de 1941, dos quais faziam parte principalmente o decreto mencionado na nota 59 e o decreto do Führer, importante no nosso contexto, sobre a segurança policial dos territórios recém-ocupados do leste (IfZ, NG 1688, repr. in: "Führer-Erlasse", nº 99).
62 Ver nota 2.
63 BAB, NS 19/1739.
64 IfZ, NO 4724, RFSS para Lorenz e Heydrich, 11 de julho de 1941.
65 Assim, Rosenberg — confirmando o seu próprio entendimento — registrou em 9 de agosto uma declaração de Göring, segundo a qual Himmler estaria encarregado "unicamente da segurança policial desses territórios" e que "a missão do Reichsführer-SS, no que tange à consolidação do *Volkstum* alemão, claramente se restringia ao território do Reich na Alemanha e não se aplicava aos territórios do leste" (BAB R 6/23, anotação de Rosenberg). Ver também Müller, *Ostkrieg*, p. 98.
66 BAB, BDC, SS-O Globocnik, nota de Himmler para arquivo, 21 de julho de 1941.
67 *Diários de Goebbels*, 19 de agosto de 1941.
68 Detalhes em Longerich, *Davon*, p. 159 e segs.
69 OA Moscou, 500-1-25, em cópia também em ZStL, Dok. UdSSR, nº 401 e repr. in: Klein (ed.), *Einsatzgruppe*n, p. 342. Sobre os relatórios enviados pelas Einsatzgruppen e sobre a distribuição desses relatórios, ver Ronald Headland, *Messages of Murder. A Study of the Reports of the Einsatzgruppen of the Security Police and the Security Service, 1941-194*3, Rutherford, 1992, bem como, de forma resumida, Peter Longerich, *Der ungeschriebene Befehl. Hitler und der Weg zur "Endlösung"*, Munique/Zurique, 2001, p. 112.
70 IfZ, NOKW 2079, repr. in: Jacobsen, "Kommissarbefehl", p. 184 e seg. Ver também YV, M 36/3 (cópias do arquivo militar de Praga), ata da reunião no gabinete do oficial Ia, que deixa claro que Himmler queria empregar sobretudo as tropas do Estado-Maior de comando: "As unidades subordinadas ao Estado-Maior de comando serão empregadas na esfera da administração política. É possível que se utilizem as corporações maiores na região de retaguarda do Exército. Os integrantes do Estado-Maior de comando e as unidades a ele subordinadas propriamente ditas não têm nada a fazer na região de operações ou na região de retaguarda do Exército.
71 *Dienstkalender*; Cüppers, *Wegbereiter*, p. 136.
72 KTB Kdostab RFSS, repr. in: *Unsere Ehre heisst Treue. Kriegstagebuch des Kommandostabes Reichsführer-SS, Tätigkeitsberichte der 1. und 2. SS-Infanterie-Brigade, der 1. SS-Kavallerie-Brigade und von Sonderkommandos der SS*, Viena, 1965, p. 219 e p. 30. A brigada de cavalaria foi formada em 2 de agosto de 1941.
73 *Dienstkalender*, 21 de julho de 1941.
74 Ib., 29 a 31 de julho de 1941.

75 OA Moscou, 500-1-25, *Jäger-Bericht*.
76 EM 96; Wilhelm, *Einsatzgruppe A*, p. 113.
77 Sentença de Ulm [contra os Einsatzgruppen] de 29 de agosto de 1958, repr. in: *Justiz und NS-Verbrechen. Sammlung deutscher Strafurteile wegen nationalsozialistischer Tötungsverbrechen 1945-1966*, vol.15, Amsterdã, 1976, Nº 465.
78 KTB Kdostab RFSS, 31 de julho de 1933, repr. in: *Unsere Ehre*, p. 33; BAB, R 20/45b, diário de Von dem Bach-Zelewski. Ver também *Dienstkalender*.
79 KTB Kdostab RFSS, 28 de julho de 1941, repr. in: *Unsere Ehre*, p. 220 e segs.
80 BAM, RS 3-8/36; sobre o encontro com Himmler, ver também BAB, R 20/45b, diário de Von dem Bach-Zelewski, 31 de julho de 1941.
81 BAM, RS 4/441, Abt.-Befehl Nº 2; Cüppers, *Wegbereiter*, p. 143.
82 Ib., p. 142 e segs.
83 BAM, RS 4/441; Cüppers, *Wegbereiter*, p. 151.
84 Ib., p. 253 e segs. As discrepâncias dos dados devem-se provavelmente a mal-entendidos ocorridos no início da transmissão das cifras.
85 USHMM, RG-48.004, rolo 2, caixa 24, 2° Regimento de Cavalaria, divisão montada, relatório de 12 de agosto de 1941 (cópias do Arquivo Militar de Praga), repr. in: *Unsere Ehre*, p. 227 e segs.
86 Cüppers, *Wegbereiter*, p. 194 e segs.
87 Ib., p. 203. Em seu relatório final de 18 de setembro de 1941, a brigada informou que, em suas duas "ações de limpeza", "foram fuzilados 14.178 saqueadores, 1.001 *partisans*, bem como 699 integrantes do Exército Vermelho" (USHMM, RG 48.004, rolo 2, caixa 24).
88 Entre outras com Daluege, Jeckeln e Knoblauch (*Dienstkalender*, 8, 12 e 13 de agosto de 1941).
89 IfZ, NOKW 1165, relatório do *HSSPF* Sul ao comando superior do Exército 6, 1º de agosto de 1941, relatório sobre ações de limpeza. Sobre os assassinatos da 1ª brigada em julho e agosto, ver Cüppers, *Wegbereiter*, p. 165 e segs., bem como Bernd Boll, "'Aktionen nach Kriegausbruch'. Wehrmacht und 1. SS-Infanteriebrigade 1941", in: *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* 48,9 (2000), p. 775-788.
90 Relatório de atividades da 1ª Brigada SS, 30 de julho de 1941, ref. ao período de 27 a 30 de julho, in: *Unsere Ehre*, p. 197 e segs. Ver também BAB, NS 33/39, relatório da 1ª brigada SS, 30 de julho de 1941, sobre as atividades do período de 27 a 30 de julho; além disso, NS 33/22, relatório de atividades do estado-maior de comando RFSS, 6 de agosto de 1941, sobre o período de 28 de julho a 3 de agosto de 1941.
91 Relatório de atividades da 1ª Brigada SS referente ao período de 3 a 6 de agosto, in: *Unsere Ehre*, p. 108 e seg.; ver também Shmuel Spector, *The Holocaust of Volhynian Jews, 1941-1944*, Jerusalém, 1990, p. 76 e seg., com mais detalhes, bem como Cüppers, *Wegbereiter*, p. 174, cujas estimativas são adotadas neste livro.
92 *Dienstkalender*; BAB, NS 33/320, ajudante do RFSS, 11 de agosto de 1941, bem como NS 33/312, Estado-Maior de comando, 12 de agosto de 1941. A comparação entre os números de vítimas mostra que a brigada de cavalaria naquele momento já havia fuzilado uma quantidade consideravelmente maior de judeus.
93 Relatório de atividades da 1ª Brigada, de 10 de agosto de 1941, para o período de 6 a 10 de agosto, in: *Unsere Ehre*, p. 111 e segs.; EM 59 de 21 de agosto de 1941; NS 33/22, relatório do Estado-Maior de comando de 10 de setembro de 1941 sobre as atividades de 1º a 7 de setembro. Para detalhes adicionais, ver Cüppers, *Wegbereiter*, p. 203 e segs.
94 EM 60; ver também NS 33/22, notificações de Jeckeln ao Estado-Maior de comando, 27 a 30 de agosto de 1941.
95 Randolph L. Braham, "The Kamenets-Podolsk and Délvidék Massacres: Prelude to the Holocaust in Hungary", in: *Yad Vashem Studies* 9 (1973), p. 133-156; Klaus-Michael Mallmann, "Der qualitative Sprung im Vernichtungsprozess. Das Massaker von Kamenez-Podolsk Ende August 1941", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 10 (2001), p. 239-264.
96 EM 88; ver também NS 33/22, telex do HSSPF Sul, de 5 de setembro de 1941.
97 EM 106.
98 Sobre o massacre em Babi Jar, ver Krausnick, "Einsatzgruppen", p. 189 e seg.; Hartmut Rüss, "Wer war verantwortlich für das Massaker von Babij Jar?", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 57,2 (1998), p. 483-508; Erhard Roy Wiehn (ed.), *Die Schoáh von Babij Jar. Das Massaker deutscher Sonderkommandos an der jüdischen Bevölkerung von Kiew 1941 fünfzig Jahre danach zum Gedenken*, Konstanz, 1991; Klaus Jochen Arnold, "Die Eroberung und Behandlung der Stadt Kiew durch die Wehrmacht im September 1941. Zur Radikalisierung der Besatzungspolitik", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 58,1 (1999), p. 23-63.
99 Sobre a Einsatzgruppe *C*, ver Dieter Pohl, "Schauplatz Ukraine. Der Massenmord an den Juden im Militärverwaltungsgebiet und im Reichskommissariat 1941-1943", in: *Ausbeutung, Vernichtung, Öffentlichkeit. Neue Studien zur nationalsozialistischen Lagerpolitik*, editado em nome do Instituto de História Contemporânea por Norbert Frei, Sybille Steinbacher e Bernd C. Wagner, Munique, 2000, p. 135-173; id., "Die Einsatzgruppe C 1941/42", in: Peter Klein (ed.), *Die Einsatzgruppen in der besetzten Sowjetunion 1941/42. Die Tätigkeits- und Lageberichte des Chefs der Sicherheitspolizei und des SD*, Berlim, 1997, p. 71-87. Sobre as unidades individuais, existem os seguintes dados: em meados de setembro, o Einsatzkommando 5 começou fuzilando todos os moradores de uma localidade, incluindo mulheres e crianças — e então continuou seguindo essa prática (EM 119 de 20 de outubro de 1940: Bogusslaw, Uman, Cybulow, dentre outras). Desde o início de agosto, nas imediações de Shitomir, o comando 4a fuzilou em maior proporção mulheres, mas logo em seguida também crianças (ZStL, sentença do Tribunal Regional de Darmstadt de 29 de novembro de 1968). O batalhão policial 45, que pertencia ao Regimento Policial Sul, em fins de julho/começo de agosto passou a matar judeus de modo indiscriminado (ZStL, II 204 AR-Z 1251/65, Acusação e Sentença). O comandante Besser declarou a esse respeito que estava agindo de acordo com uma ordem do comandante do Regimento Policial Sul, que, por sua vez, teria se baseado em uma ordem de liquidação geral de Himmler (ib., Acusação). Também o batalhão policial 314, que pertencia igualmente ao Regimento Policial Sul, desde 22 de junho vinha matando, comprovadamente, mulheres e crianças (ZStL, 204 AR-Z 1251/65 D, nota de encerramento do *Landeskriminalamt* da Baviera de 19 de dezembro de 1977. Além disso, BAB, NS 33/22, telex do HSSPF

Sul de 21, 24 e 27 de agosto sobre fuzilamentos executados pelo batalhão 314).
100 *Dienstkalender*.
101 Ib.; sobre essa viagem, ver especialmente Gerlach, *Morde*, p. 571 e segs.
102 Klaus Hesse, "'… Gefangenenlager, Exekution, … Irrenanstalt …. '. Walter Frentz' Reise nach Minsk im Gefolge Heinrich Himmlers im August 1941", in: Hans Georg Hiller von Gaertringen (ed.), *Das Auge des Dritten Reiches. Hitlers Kameramann und Fotograf Walter Frentz*, Munique/Berlim, 2006, p. 176-194.
103 Paul D., declaração de 8 de janeiro de 1963, ZStl 208 AR-Z 203/59, arquivo vermelho, Z-Prot. II, vol. 3, citado segundo Riess, *Anfänge*, p. 275 e seg. Riess, está certo em rejeitar como não comprovadas todas as declarações no sentido de que Himmler tivesse passado mal durante essa execução e que esta experiência pessoal tivesse levado à ideia de utilizar veículos com câmaras de gás no leste.
104 ZStL, 201 AR-Z 76/59, 8 de outubro de 1971, vol. 11, p. 7605 e segs.
105 Gerlach, *Morde*, p. 572 e seg. De acordo com Gerlach, as respectivas declarações pós-guerra de Von dem Bach-Zelewski não fornecem indícios de que Himmler tivesse falado do assassinato de todos os judeus em seu discurso.
106 *Dienstkalender*, 15 de agosto de 1941.
107 Ib.; BAB, BDC, SS-O Pflaum, carta de Himmler de 11 de julho de 1941, bem como apontamentos de Pflaum de 25 de agosto de 1941.
108 BAB, R 6/23, Himmler a Rosenberg, 19 de agosto de 1941, bem como Rosenberg a Lammers, 23 de agosto de 1941.
109 Heinemann, "Rasse", p. 420 e seg.
110 *Dienstkalender*.
111 OA Moscou, 1323-1-53, ou, respectivamente, BAB, R 43 II/684a, carta de Lammers a Rosenberg referente às atribuições de Himmler, 6 de setembro de 1941.
112 Em conversa de 22 de outubro, Lammers e Himmler concordaram em não apresentar por ora o assunto a Hitler, o que, no entanto, no entender de Lammers teria sido imprescindível para dar seguimento aos planos traçados (BAB, R 43 II/396, Heydrich a Lammers, 18 de setembro de 1941, bem como observação de Lammers de 23 de outubro de 1941, repr. in: *Deutsche Politik im "Protektorat Böhmen e Mähren" unter Reinhard Heydrich 1941-1942. Eine Dokumentation*, ed. Miroslav Kárný, Jaroslava Milotová e Margita Kárná, Berlim, 1997, p. 82 e segs. e p. 132; ver também *Dienstkalender*, 22 de outubro de 1941). Em 14 e 15 de outubro, Rosenberg queixou-se novamente sobre as tentativas da SS e da polícia para ampliar as suas competências nos territórios soviéticos (BAB, R 43 II/684a, observações de Lammers de 23 e 28 de outubro de 1941). A consequência foi a conversa entre Himmler e Rosenberg de 15 de novembro de 1941, sobre a qual Himmler informou Lammers em 25 de novembro de 1941 (ver abaixo p. 557).
113 BAB, NS 19/1734.
114 BAB, R 6/9, Nota do HSSPF Ostland, 17 de fevereiro de 1942.
115 *Dienstkalender*.
116 Ib..
117 Ib.; PRO, HW 16/32, Himmler ao HSSPF Koppe, Posen.
118 *Dienstkalender*, bem como BAB, NS 19/3957, programa de viagem no qual consta Cherson.
119 ZStL, 213 AR 1898/66, Acusação de 8 de março de 1966. Ver também IfZ, NOKW 3233, relatório sobre as atividades do Sonderkommando 11a em Nikolajew, de 18 a 31 de agosto de 1941; cf. Angrick, *Besatzungspolitik*, p. 241 e segs.
120 *Dienstkalender*, 4 de outubro de 1941; o discurso de Himmler é mencionado em uma declaração pós-guerra do antigo chefe do Einsatzkommando 11a, Paul Zapp.
121 StAnw Munique, 118 Ks 268, Acusação de 8 de março de 1966; BAM, RH 20-11/488, relatório sobre as atividades do Sonderkommando 11a em Cherson, de 22 de agosto a 10 de setembro de 1941. Ver Angrick, *Besatzungspolitik*, p. 251 e segs.
122 BAB, R 6/34a, repr. in: Werner Koeppen, *Herbst 1941 im* "Führerhauptquartier". *Berichte Werner Koeppens an seinen Minister Alfred Rosenberg*, ed. e comentado por Martin Vogt, Koblenz 2002, p. 59.
123 *Dienstkalender*.
124 Ib.
125 Ib.; Christian Gerlach, Failure of Plans for an SS Extermination Camp in Mogilev, Belorussia in: *Holocaust and Genocide Studies* 11,1 (1997), p. 60-78.
126 *Dienstkalender*.
127 Ib.
128 Hitler, *Monologe*, 25 de outubro de 1941.
129 BAB, R 6/9, instrução conjunta de Himmler e Rosenberg de 19 de novembro de 1941.
130 BAB, R 43 II/684a.
131 BAB, NS 19/3885, nota para arquivo feita por Himmler, 15 de novembro de 1941; R 6/9, anotação de Rosenberg de 19 de novembro de 1941. Sobre a reunião com Hitler, da qual participou também Bouhler, ver *Dienstkalender*. Ver também Piper, *Rosenberg*, p. 587. Três dias antes Himmler, além disso, tentara — sem sucesso — ser reconhecido pelo partido como único responsável pela "consolidação do *Volkstum* alemão". Ele teve de se contentar, no entanto, com um "Büro für Volkstumsfragen [escritório para questões relativas ao *Volkstum*]" (*Dienstkalender*, 13 de novembro de 1941).
132 BAB, NS 19/4010, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 162 e segs., citação p. 169.
133 BAB, NS 19/4014, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 203.

**Do assassinato em massa para a Solução Final**

1 A hipótese segundo a qual já no verão de 1941 o regime teria tomado a decisão fundamental de assassinar sistematicamente todos os

judeus europeus, e que teria traçado os planos correspondentes, no entanto, já não se sustenta (ver detalhes em Longerich, *Politik*, p. 421 e segs.). Portanto, a tese de Richard Breitman de que no final de agosto, poucas semanas após a "outorga de poder" de Heydrich por Göring, Himmler teria dado a autorização para um "plano" concreto, elaborado por Heydrich, visando ao assassinato dos judeus europeus por meio de gás, tem origem num engano: o registro de 26 de agosto de 1941 na agenda administrada pelo assessor de Himmler e que Breitman toma por base se refere, na verdade, à autorização de um "plano de viagem" de Heydrich, que pretendia voar para a Noruega (Breitman, *Architekt*, p. 262 e p. 272; *Dienstkalender*, 26 de agosto de 1941). Também a declaração do comandante de Auschwitz, Rudolf Höss, de que fora convocado por Himmler certo dia no "verão de 1941", e que este lhe revelara privadamente que Hitler ordenara a Solução Final para a Questão Judaica e que Himmler tencionava usar Auschwitz para isso, não pode estar correta, já que os "locais de extermínio existentes no leste", dos quais Himmler, segundo lembranças de Höss, falara, ainda não existiam à época. Se essa reunião aconteceu de fato, então é mais plausível que o ano fosse 1942, sobretudo por que Höss, em suas declarações pós-guerra, frequentemente trocava esses dois anos (Rudolf Höss, *Kommandant in Auschwitz. Autobiographische Aufzeichnungen*, prefaciado e comentado por Martin Broszat, Stuttgart 1958, p. 157 e segs.; ver também a declaração dele [Höss], de 14 de abril de 1946, que corrobora isso. In: *IMT*, vol. 11, p. 438-466).

2 Longerich, *Politik*, p. 427.

3 Wolf Gruner chama atenção sobre isso; ver "Von der Kollektivausweisung zur Deportation der Juden aus Deutschland (1938-1945). Neue Perspektiven e Dokumente", in: *Beiträge zur Geschichte des Nationalsozialismus* 20 (2004), p. 21-62, p. 48. Sobre as provas, ver em detalhe *Dienstkalender*, 2 e 4 de setembro de 1941. Os editores alertam para o fato de que a carta de Koppe de 10 de setembro de 1941 não foi preservada, mas que o assunto pode ser recuperado a partir do caderno de registro de cartas do estado-maior pessoal do RFSS.

4 Otto Bräutigam, "Aus dem Kriegstagebuch des Diplomaten Otto Bräutigam", prefaciado e comentado por H. D. Heilmann, in: *Beiträge zur nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik* 4 (1989), p. 123-187, 14 de setembro de 1941. Bräutigam era o homem de ligação de Rosenberg com o OKW.

5 *Dienstkalender*. O autor da sugestão, Carltheo Zeitschel, formulara essa ideia já em agosto (CDJC, V-821.8.41, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 367). Sobre a conversa entre Himmler e Abetz, Zeitschel informou Dannecker, o assessor da Gestapo para questões judaicas em Paris, em 8 de outubro (CDJC, V-16; repr. in: Serge Klarsfeld, *Die Endlösung der Judenfrage in Frankreich*, Paris 1977, p. 25).

6 *Dienstkalender*; *ADAP*, Série D, vol.13,2, nº 327, 16 de setembro de 1941.

7 BAB, NS 19/2655, repr. in: Longerich, *Ermordung*, p. 157.

8 BAB, R 6/34, anotações de Koeppen, 21 de setembro de 1941, repr. in: idem, *Herbst 1941*, p. 34 e seg. Koeppen obtivera essas informações do enviado Gustav Adolf Steengracht, que pertencia ao estado-maior pessoal de Ribbentrop. Não se pode excluir que Steengracht nessa ocasião ainda não fora informado sobre a decisão de Hitler em relação às deportações.

9 Goebbels deu a instrução de que fosse dito aos correspondentes que buscassem informações que os judeus seriam "empregados para trabalhar" no "Leste" (NS 18 alt/622, ata da conferência de propaganda, 23 de outubro de 1941). Para mais detalhes, ver Longerich, *Davon*, p. 182 e seg.

10 Ver, por exemplo, o *Neue Zürcher Zeitung* de 20 de outubro de 1941 que publicou uma notícia da UPI [United Press International] de 18 de outubro sobre as deportações da Renânia e de Berlim. O *New York Times* já publicara uma reportagem sobre isso em 18 de outubro de 1941, e dera detalhes sobre a situação dos judeus em Berlim. Em 22 de outubro, baseada em uma notícia da UPI de 20 de outubro, o *Neue Zürcher Zeitung* publicou que as deportações continuavam e que elas afetavam mais de 20 mil pessoas.

11 Longerich, *Politik*, p. 427 e segs.

12 Longerich, *Davon*, p. 199 e seg.

13 Em 4 de outubro Heydrich falou do "plano de uma emigração total dos judeus da Europa" e, em 6 de novembro, referiu-se a uma declaração "da mais alta esfera" de que o "judaísmo" deveria "desaparecer definitivamente da Europa" (BAB, NS 19/1734, em uma reunião com representantes do Ministério do Leste, bem como o CDJC, I 28, repr. in Klarsfeld, *Vichy*, p. 369 e seg., carta ao general intendente). Ver também Longerich, *Befehl*, p. 188 e segs.

14 Manoschek, *"Serbien"*, p. 43 e segs.

15 Ahlrich Meyer, "'… dass französische Verhältnisse anders sind als polnische'". Die Bekämpfung des Widerstands durch die deutsche Militärverwaltung in Frankreich 1941, in: Guus Meershoek et al., *Repression e Kriegsverbrechen. Die Bekämpfung von Widerstands- und Partisanenbewegungen gegen die deutsche Besatzung in West- und Südosteuropa*, Berlim/Göttingen, 1997, p. 43-91; Weber, *Sicherheit*, p. 59 e segs.; *Die Okkupationspolitik des deutschen Faschismus in Dänemark und Norwegen (1940-1945)*, seleção de documentos e prefácio de Fritz Petrick, Berlim/Heidelberg, 1992, p. 33.

16 Bohn, *Reichskommissariat*, p. 92 e seg. e p. 95 e seg., baseando-se nos documentos que foram preservados no Reichsarchiv da Noruega.

17 Meershoek, Machtentfaltung, p. 391.

18 Movimento de revolta comunista nos territórios ocupados, 16 de setembro de 1941, repr. in: *Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht*, vol. 1, Doc. nº 101. Em 28 de setembro, Keitel modificou a ordem: agora também era permitido matar reféns de círculos nacionalistas e democrático-populares (Doc. PS-1590, in: *IMT*, vol. 27, p. 373 e seg.).

19 Brandes, *Tschechen*, vol. 1, p. 207 e segs.

20 Peter Klein, "Die Rolle der Vernichtungslager Kulmhof (Chełmno), Belzec (Bełżec) und Auschwitz-Birkenau in den frühen Deportationsvorbereitungen", in: Dittmar Dahlmann (ed.), *Lager, Zwangsarbeit, Vertreibung e Deportation. Dimensionen der Massenverbrechen in der Sowjetunion und in Deutschland 1933 bis 194*5, Essen, 1999, p. 459-481, p. 473.

21 Essa conferência foi registrada pelo ajudante de Exército de Hitler, Gerhard Engel: IfZ, ED 53/1, o assim chamado diário de Engel; de fato, trata-se de anotações manuscritas de Engel do período pós-guerra, presumivelmente com base em anotações contemporâneas, 2 de novembro de 1941; in: Gerhard Engel, *Heeresadjutant bei Hitler 1938-1943. Aufzeichnungen des Majors Engel*, ed. e comentado por Hildegard von Kotze, Stuttgart [1975], p. 111, com data errada (2 de outubro de 1941) e transcrito

erradamente em dois pontos. Em virtude desse erro de transcrição, até o momento o relatório de Engel é unanimamente rejeitado pela pesquisa, uma vez que Himmler comprovadamente não se encontrava no quartel-general em 2 de outubro. O registro no *Dienstkalender* de Himmler, no entanto, confirma que houve uma reunião entre ele e Hitler em 2 de novembro de 1941, da qual participaram Heydrich, Jodl e Keitel.

22 Ver abaixo p. 684.

23 Manoschek, "*Serbien*", p. 55 e segs.

24 Ulrich Herbert, "Die deutsche Militärverwaltung in Paris und die Deportation der französischen Juden", in: Christian Jansen (ed.), *Von der Aufgabe der Freiheit. Politische Verantwortung und bürgerliche Gesellschaft im 19. und 20. Jahrhundert. Festschrift für Hans Mommsen zum 5. November 1995*, Berlim 1995, p. 427-450, p. 437 e segs.

25 BAB, NS 19/2655, 11 de outubro de 1941, bem como resposta negativa de Himmler de 22 de outubro de 1941.

26 Ib., Uebelhoer a Himmler, 4 e 9 de outubro de 1941, Heydrich a Himmler, 8 de outubro de 1941, Himmler a Uebelhoer e Greiser, 10 e 11 de outubro de 1941; documentos adicionais a respeito se encontram no mesmo arquivo.

27 Ib., 4 de outubro de 1941.

28 Isso se conclui a partir de uma carta de Greiser a Himmler de 1º de maio de 1942, na qual ele comunica que "a ação autorizada pelo senhor, de comum acordo com o chefe do Departamento Central de Segurança do Reich, o SS-Obergruppenführer Heydrich, sobre o tratamento diferenciado a ser dispensado a cerca de 100 mil judeus no território que abrange o meu *Gau* […]" deve ser concluída "nos próximos 2-3 meses" (*Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 278). O número estimado de 100 mil judeus "inaptos ao trabalho" e, por isso, condenados à execução pode ser comprovado por meio de outro documento de janeiro de 1942; ver YV, 051/13b, relatório de escuta do Departamento de Pesquisa de 16 de janeiro de 1942. Ver também Klein, "Rolle", p. 474.

29 BAB, 19/2655, Heydrich a Himmler, 8 de outubro de 1941.

30 BAB, R 6/34 a, relatórios de Werner Koeppen, representante permanente de Rosenberg junto a Hitler, repr. in: *Herbst 1941*. Os judeus, segundo Hitler, não deveriam ser deportados primeiramente para o Governo-Geral, e sim "já direto para o Leste"; contudo, isso não era possível no momento em virtude da falta de lugar nos meios de transporte.

31 YV, M 58/23 (cópia do Arquivo Nacional de Praga, 114-2-56) repr. in: *Deutsche Politik im "Protektorat"*, Doc. nº 29.

32 Heydrich com isso provavelmente se referia a campos para prisioneiros civis, como os que existiam, por exemplo, em Minsk e Mogilew (cf. Gerlach, "Failure", p. 62).

33 Präg und Jacobmeyer (ed.), *Diensttagebuch*, 14 de outubro de 1941.

34 Na conferência de Lublin de 17 de outubro, discutiu-se o terceiro decreto sobre limitações de permanência no Governo-Geral, com a qual se instituiu a pena de morte para quem deixasse o gueto (ib., esp. p. 427 e seg. O decreto foi pré-datado para 15 de outubro; ver *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 128 e seg.). Na sessão de governo da Cracóvia, em 20 de outubro, o governador distrital Otto Wächter esclareceu "que uma solução radical da Questão Judaica seria inevitável e que não seria possível fazer concessões de qualquer tipo — por exemplo, levar em conta certos interesses artesanais" (IfZ, MA 120, reproduzido de forma abreviada in: Präg e Jacobmeyer [E.], *Diensttagebuch*, p. 436). Na reunião de 21 de outubro em Lemberg, Eberhard Westerkamp, chefe do Departamento Central de Administração Interna do Governo-Geral, reivindicou que se providenciasse "o isolamento dos judeus do restante da população" de modo "rápido e na maior quantidade possível". Westercamp, no entanto, também lembrou que um "decreto do governo proibia a formação de novos guetos, uma vez que existia a esperança de que os judeus fossem expulsos do Governo-Geral em um futuro próximo", mesmo que Rosenberg alguns dias antes tivesse classificado essa "esperança" como ilusória (MA 120, reproduzida de modo abreviado in: Präg und Jacobmeyer [E.], *Diensttagebuch*, p. 436). Ver também a declaração do chefe do Departamento Central de Saúde do Governo-Geral, Jost Walbaum, durante um congresso médico realizado em Bad Krynica, entre 13 e 16 de outubro: "Só existem dois caminhos: ou condenamos os judeus do gueto à morte por inanição ou os fuzilamos" (ZStL, Polen 98, Tagungsbericht).

35 Dieter Pohl, *Nationalsozialistische Judenverfolgung in Ostgalizien 1941-1944. Organisation und Durchführung eines staatlichen Massenverbrechens*, Viena, 1996, p. 140 e segs. O típico dessa fase é, por exemplo, a "Intelligenzaktion [ação da inteligência]" em Stanislau, em 3 de agosto, na qual foram fuzilados seiscentos homens (IfZ, Gm 08.08, 5 Ks 4/65, sentença do Tribunal Regional de Münster de 31 de maio de 1968). Sobre esses primeiros assassinatos, ver também Thomas Sandkühler, *"Endlösung" in Galizien. Der Judenmord in Ostpolen und die Rettungsinitiativen von Berthold Beitz 1941-1944*, Bonn, 1996, p. 148 e segs.

36 Einzelheiten bei Pohl, *Ostgalizien*, p. 138 e segs.

37 *Dienstkalender*.

38 BAB, BDC, SS-O Globocnik, carta a Himmler de 1º de outubro de 1941. Ver também Pohl, *Lublin*, p. 101.

39 Essa visão também é defendida pelos editores do *Dienstkalender*, p. 233, nota 35. Fica claro em uma carta enviada por um funcionário de Globocnik, o Hauptsturmführer Hellmuth Müller em 15 de outubro de 1941 ao chefe do Departamento de Raça e Colonização, Hofmann, que nessa reunião foi atingido um "consenso" decisivo. Essa carta reproduz o estágio das informações dois dias antes da reunião decisiva entre Himmler e Globocnik (em 14 de outubro, Globocnik dirigiu-se primeiramente a Berlim; ver *Dienstkalender*). Müller explicou que Globocnik reputava "o estágio das condições políticas no GG basicamente como transitório"; ele considerava o "gradativo expurgo de judeus e também de poloneses de todo o GG necessário, a fim de garantir a segurança dos territórios do leste etc.", e que, "nesse sentido, estava cheio de planos abrangentes e bons, cuja execução estava sendo impedida unicamente pelo limitado poder de influência de sua posição atual". Isso, no entanto, mudaria fundamentalmente após a viagem de Globocnik ao Reich (BAB, BDC, SS-O Globocnik).

40 ZStL, 208 AR-Z 252/59, vol. 6, p. 1179, declaração de Stanislaw Kozak, início da construção em 1º de novembro, repr. in: *Nationalsozialistische Massentötungen*, p. 152 e seg.; Michael Tregenza, Belzec Death Camp, in: *Wiener Library Bulletin* 30 (1977), p. 8-25, confirma a data.

41 Pohl, *Lublin*, p. 101 e p. 105 e seg.
42 *Dienstkalender*, 20 de outubro de 1941. Os editores citam uma declaração de Mach de 26 de março de 1942 diante do Conselho de Estado eslovaco, na qual consta a oferta alemã.
43 Klein já indicou isso em "Rolle", p. 478. Existem indícios — não garantidos, no entanto — de que a construção de Sobibor estava em preparação já no início de 1941 (ZStL, Dok. 643, 71-4-442, declaração do empregado ferroviário polonês Piwonski de 1975); cf. Jules Schelvis, *Vernichtungslager Sobibór*, Berlim, 1998, p. 37; Browning, *Entfesselung*, p. 525. Não é possível constatar com certeza se os preparativos para a construção tinham mesmo em mente um campo de extermínio.
44 Entwicklung, p. 407; Tribunal Regional de Munique, sentença contra Karl Wolff, 30 de setembro de 1964, repr. in: *Justiz und NS-Verbrechen*, vol. 20, nº 580, aqui p. 434 e segs.; *Dienstkalender*, 15 de agosto de 1941.
45 Gerlach, *Morde*, p. 648; PRO, HW 16/32, 16 e 18 de agosto de 1941.
46 Beer, "Entwicklung", p. 408; "Die Ermordung psychisch kranker Menschen in der Sowjetunion. Dokumentation", compilado e traduzido por Angelika Ebbinghaus e Gerd Preissler, in: *Beiträge zur nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik* 1 (1985), p. 75-107, p. 83 e segs.; Gerlach, *Morde*, p. 648.
47 Beer, "Entwicklung", p. 408; "Ermordung", p. 88 e segs.; ZStL, 202 ARZ 152/159, declaração de Widmann, 11 de janeiro de 1960, p. 33 e segs. Além disso, declaração de Georg Frentzel, 27 de agosto de 1970, bem como de Alexander N. Stepanow (à época médico-chefe do sanatório psiquiátrico de Mogilev), 20 de julho de 1944, ambas em um arquivo que consultei em 1997, no Ministério Público de Munique, chamado Zentraler Untersuchungsvorgang 9 (Ermittlungsakten des Ministeriums für Staatssicherheit der DDR).
48 Ainda antes do Natal de 1941, veículos adicionais destinados à Einsatzgruppe A foram levados de Berlim para Riga; ver Beer, "Entwicklung", p. 413. Sobre o Sonderkommando 4a (Einsatzgruppe C), ver Ib., p. 412. Sobre o Einsatzkommando 8 (Einsatzgruppe B), ver StAnw Munique, Zentraler Untersuchungsvorgang 9, declaração de Otto Matonoga, 8/9 de junho de 1945, diante de órgãos de fiscalização soviéticos. Segundo uma testemunha, um veículo com gás foi usado na Einsatzgruppe D em fins de 1941; ver Beer, "Entwicklung", p. 413; Tribunal Regional de Munique, 119 c Js 1/69, sentença; declaração de Jeckeln de 21 de dezembro de 1945 (repr. in: Wilhelm, "Einsatzgruppe A", p. 548).
49 Alfred Gottwaldt e Diana Schulle, *Die "Judendeportationen" aus dem Deutschen Reich 1941-1945. Eine kommentierte Chronologie*, Wiesbaden 2005, p. 52 e segs. Sobre as deportações da Alemanha, são dignos de menção, na literatura mais antiga — além do trabalho fundamental de Adler, *Mensch* — principalmente as colaborações de Ino Arndt e Heinz Boberach sobre o Reich Alemão, de Ino Arndt sobre Luxemburgo, de Jonny Moser sobre a Áustria, bem como de Eva Schmidt-Hartmann sobre a Tchecoslováquia, que se encontram todos reunidos na coletânea editada por Wolfgang Benz, *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991. Sobre as deportações para Riga, ver, sobretudo, *Buch der Erinnerung. Die ins Baltikum deportierten deutschen, österreichischen und tschechoslowakischen Juden*, revisado por Wolfgang Scheffler e Diana Schulle, 2 volumes, Munique, 2003; Gottwaldt e Schulle,"*Judendeportationen*", p. 110 e segs. Sobre a deportação dos ciganos do Burgenland, ver Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 223 e segs.
50 *Nationalsozialistische Massentötungen*, p. 110 e segs.
51 Tribunal Regional de Bonn, sentença de 23 de julho de 1965, repr. in: *Justiz und NS-Verbrechen*, vol. 21, Nº 594; *Nationalsozialistische Massentötunge*n, p. 110 e segs.
52 IfZ, NO 365, repr. também em Helmut Krausnick, Judenverfolgung, in: Hans Buchheim et al. *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999: p. 545-678, aqui p. 649 e seg.
53 Andrej Angrick e Peter Klein, *Die "Endlösung" in Riga. Ausbeutung und Vernichtung 1941-1944*, Darmstadt, 2006, p. 338 e segs.
54 Ver acima, p. 565.
55 Patricia Heberer, "Eine Kontinuität der Tötungsoperationen. T4-Täter und die 'Aktion Reinhardt'", in: Bogdan Musial (ed.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 285-308, p. 295. A reunião entre Himmler e Brack de 14 de dezembro de 1941 está confirmada no *Dienstkalender*, com a anotação "eutanásia". Ver também a carta de Brack a Himmler de 23 de junho de 1942, na qual ele diz que está preparado para colocar mais pessoal à disposição e faz lembrar os entendimentos anteriormente mantidos com Himmler (BAB,NS 19/1583).
56 Jean-Claude Pressac, *Die Krematorien von Auschwitz. Die Technik des Massenmordes*, Munique/Zurique, 1994, p. 19.
57 Stanislaw Klodzinski, "Die erste Vergasung von Häftlingen und Kriegsgefangenen im Konzentrationslager Auschwitz", in: *Die Auschwitz-Hefte*, ed. pelo Hamburger Institut für Sozialforschung,Weinheim/Basileia, 1987, vol. 1, p. 261-275; Danuta Czech, *Kalendarium der Ereignisse im Konzentrationslager Auschwitz-Birkenau 1939-1945*, Reinbek bei Hamburg, 1989, p. 115 e segs.; Jerzy Brandhuber, "Die sowjetischen Kriegsgefangenen im Konzentrationslager Auschwitz", in: *Hefte von Auschwitz* 4 (1961), p. 5-46 e Wojciech Barcz, "Die erste Vergasung", in: Hans G. Adler, *Auschwitz: Zeugnisse und Berichte*, 2ª ed., Colônia/Frankfurt am Main, 1979, p. 17 e seg.
58 Ver Browning, *Entfesselung*, p. 13; Steinbacher, "*Musterstadt*", p. 276 e seg.
59 Ver Aly, "*Endlösung*", p. 342 e segs.; Gerlach, Failure.
60 Himmler manifesta essa intenção em sua carta de 18 de setembro de 1941 para Greiser (ver acima, p. 560).
61 Isso se deduz de uma anotação de Goebbels sobre a conversa mantida com Heydrich em 17 de novembro de 1941 (*Tagebücher Goebbels*, 18 de novembro de 1941).
62 Isso se conclui a partir de uma notificação de Leibrandt a Lohse de 4 de dezembro de 1941, que, de acordo com Heydrich, queria, agora, estabelecer esse campo em Pleskau (YIVO, Occ E 3-35, repr. in: Gertrude Schneider, *Journey into Terror. Story of the Riga Ghetto*, nova edição ampliada Newport, Conn./Londres, 2001, p. 130).
63 IfZ, Fb 101/29, Jäger-Bericht. Ver Wolfgang Scheffler, "Massenmord in Kowno", in: *Buch der Erinnerung. Die ins Baltikum deportierten deutschen, österreichischen e tschechoslowakischen Juden*, revisado pelo mesmo e por Diana Schulle, vol. 1, Munique, 2003, p. 83-190.
64 Gerald Fleming, *Hitler und die Endlösung. "Es ist des Führers Wunsch …"*, Wiesbaden/Munique, 1982, p. 87 e segs.; EM 151 de 5

de janeiro de 1942.

65 Depoimento de 15 de dezembro de 1945 diante de órgãos de fiscalização soviéticos, repr. in: Wilhelm, "Einsatzgruppe A", p. 566 e seg.

66 Repr. in: *Dienstkalender*. Eram 13h30.

67 Angrick und Klein, *"Endlösung"*, p. 239 e segs. Os judeus que chegaram a Riga nos 22 transportes seguintes foram enviados ao gueto de Rigar ou aos campos de Salaspils e Jungfernhof. Houve presumivelmente duas exceções: a maior parte dos passageiros de um transporte de 19 de janeiro de 1942, além de quinhentos outros judeus provenientes de um transporte de fins de janeiro, aparentemente foram fuzilados logo após a chegada.

68 *Dienstkalender*, 30 de novembro e 4 de dezembro de 1941; PRO, HW 16/32, telegramas de Himmler a Jeckeln, 1º e 4 de dezembro de 1941.

69 Hitler, *Monologe*, 25 de outubro de 1941.

70 Rascunho do discurso, citado em Hans-Heinrich Wilhelm, *Rassenpolitik und Kriegführung. Sicherheitspolizei und Wehrmacht in Polen und in der Sowjetunion 1939-1942*, Passau, 1991, p. 131 e seg., segundo PAA, Pol XIII, 25, VAA-Berichte; cf. a transcrição de um repórter, repr. in: Hagemann, *Presselenkung*, p. 146.

71 Breitman, *Architekt*, p. 288 e seg.; BAB, R 43 II/684a, Brandt para Lammers, envio da anotação para arquivo feita por Himmler sobre a reunião, 25 de novembro de 1941.

72 *Dienstkalender*; Hitler, *Reden und Proklamationen*, [Domarus] vol. 2, p. 1794 e segs.

73 *Tagebücher Goebbels*, 13 de dezembro de 1941.

74 Assim argumenta Christian Gerlach, "Die Wannsee-Konferenz, das Schicksal der deutschen Juden und Hitlers politische Grundentscheidung, alle Juden Europas zu ermorden", in: *WerkstattGeschicht*e 6,18 (1997), p. 7-44.

75 *Dienstkalender*. De acordo com Gerlach, "Wannsee-Konferenz", p. 22 e p. 27, a expressão "Partisan" refere-se a todos os judeus europeus; Hitler teria, portanto, orientado Himmler em sua nova tarefa, com base na "decisão fundamental" de 12 de dezembro para o assassinato dos judeus europeus. A tese carece de suficiente comprovação: o uso contemporâneo da expressão *partisan* é tão contrário a isso quanto a casualidade com que esse tópico é mencionado na lista de pontos de discussão de Himmler.

**O assassinato dos judeus europeus**

1 Em relação a todos os dados, ver *Dienstkalender*.

2 PAA, Inland IIg 177, carta de Heydrich para Luther, 29 de novembro de 1941; a reunião foi cancelada em 8 de dezembro de 1941. Como literatura sobre a conferência de Wannsee, ver Gerlach, "Wannsee-Konferenz"; Eberhard Jäckel, "On the Purpose of the Wannsee Conference", in: James S. Pacy (ed.), *Perspectives on the Holocaust. Essays in Honor of Raul Hilberg*, Boulder, CO, 1995 et al., p. 39-50; Peter Klein, *Die Wannsee Konferenz vom 20. Januar 1942. Analyse und Dokumentation*, Berlim [1995]; Peter Longerich, *Die Wannsee-Konferenz vom 20. Januar 1942. Planung und Beginn des Genozids an den europäischen Juden*, apresentação pública em 19 de janeiro de 1998 na casa onde se realizou aWannsee-Konferenz, acrescido de uma bibliografia selecionada e comentada sobre a Conferência de Wannsee e o início do genocídio contra o povo judeu da Europa, com uma cópia fiel da ata da conferência, Berlim 1998; Kurt Pätzold und Erika Schwarz, *Tagesordnung: Judenmord. Die Wannsee-Konferenz am 20. Januar 1942. Eine Dokumentation zur Organisation der "Endlösung"*, 3ª ed., Berlim, 1992; Safrian, *Eichmann-Männe*r, p. 171 e segs.

3 Ver especialmente Cornelia Essner, *Die "Nürnberger Gesetze" oder die Verwaltung des Rassenwahns 1933-1945*, Paderborn et al. 2002, p. 410 e segs.; Jeremy Noakes, "The Development of Nazi Policy towards the German-Jewish 'Mischlinge', 1933-1945", in: *Leo Baeck Institute Year Book* 34 (1989), p. 291-354; John A. p.Grenville, "Die 'Endlösung' und die 'Judenmischlinge' im Dritten Reich", in: *Das Unrechtsregime. Internationale Forschung über den Nationalsozialismus*, ed. por Ursula Büttner, com a participação de Werner Johe e Angelika Voss, vol. 2: *Verfolgung, Exil, belasteter Neubeginn*, Hamburgo, 1986, p. 91-121.

4 PAA, Inland IIg 177, ata da conferência.

5 Ib., lavra da ata nº 16, repr. in: Longerich (ed.), *Ermordung*, p. 83 e segs.

6 O fato de que, na época, a deportação para os territórios soviéticos ocupados continuava sendo uma opção séria comprova-se não só pelos projetos de trabalhos forçados desenvolvidos nesse mesmo tempo — a serem abordados no próximo parágrafo — mas também pelo fato de o HSSPF da Ucrânia ter instruído, em 12 de janeiro de 1942, ou seja, poucos dias antes da realização da Conferência de Wannsee, os comissários-gerais em Brest, Shitomir, Nikolajew, Dnjepropetrowsk e Kiev a iniciar imediatamente os preparativos para a instalação de guetos, a fim de que, "ainda no decorrer ao ano de 1942, possam ser alojados ali judeus do velho Reich" (Arquivo Nacional de Shitomir, P 1151-1-137). Agradeço imensamente a Wendy Lower por ter feito menção a esse documento.

7 Präg e Jacobmeyer (ed.), *Diensttagebuch*, 16 de dezembro de 1941.

8 "Não podemos fuzilar esses 3,5 milhões de judeus, não podemos envenená-los" (ib.).

9 PAA, Inland IIg 177, lavra de ata nº 16, repr. in: Longerich (ed.), *Ermordung*, p. 83 e segs.

10 Cf. Kaienburg,"*Vernichtung*", p. 144 e segs.; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 332 e segs.

11 Ib., p. 334 e segs.

12 Ib., p. 351 e segs.; Christian Streit, *Keine Kameraden. Die Wehrmacht und die sowjetischen Kriegsgefangenen 1941-1945*, Bonn, 1997, p. 212 e seg.

13 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 208 e seg.

14 IfZ, NI 11086; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 209 e seg. Sobre a fábrica de buna, ver Wagner, *IG Auschwitz*; Gottfried Plumpe, *Die I.G. Farbenindustrie AG. Wirtschaft, Technik und Politik 1904-1945*, Berlim, 1990, p. 382 e segs.

15 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 211; Hans Mommsen e Manfred Grieger, *Das Volkswagenwerk und seine Arbeiter im Dritten Reich*, Düsseldorf, 1996, p. 496 e segs.; a ordem de Hitler foi repr. in: Klaus-Jörg Siegfried (ed.), *Rüstungsproduktion und Zwangsarbeit im*

*Volkswagenwerk 1939-1945. Eine Dokumentation*, Frankfurt/Main, 1986, p. 61.

16 BAB, NS 19/2065; ver também Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 343 e seg.

17 *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 268. Sobre essa decisão diretiva e os seus efeitos, ver especialmente Allen, *Business*, p. 48 e segs., bem como Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 361. Um dia antes Himmler já havia instruído Heydrich por telefone a "enfiar os judeus nos campos de concentração" (*Dienstkalender*, 25 de janeiro de 1942). A decisão de deportar um número maciço de judeus para os campos de concentração e usá-los como trabalhadores escravos pode ter sido tomada em uma reunião de Himmler com o chefe dos departamentos centrais da SS, em 14/15 de janeiro. Poucos dias depois dessa reunião, Pohl, em nome de Himmler, emitiu a ordem para a construção do Departamento Central de Administração e Economia, IfZ, NO 495). Em 17 de janeiro de 1942, o seguinte telex foi enviado pelo ministro do Reich para territórios ocupados do leste ao comissário do Reich Lohse, deixando clara uma virada fundamental na questão sobre até que ponto os integrantes da mão de obra judia deveriam ser mantidos vivos: "Por decisão do *Wirtschaftsführungsstabes Ost*, os trabalhadores judeus especializados da indústria e do artesanato, cujo trabalho, em casos isolados, pode ser explorado de modo especial no interesse da economia de defesa, devem ser preservados. A preservação desses trabalhadores deve ser assegurada mediante negociações com as centrais locais do Reichsführers-SS." (BAB, R 92/1157, cf. Wolfgang Scheffler, "Das Schicksal der in die baltischen Staaten deportierten deutschen, österreichischen und tschechoslowakischen Juden 1941-1945", in: *Buch der Erinnerung. Die ins Baltikum deportierten deutschen, österreichischen e tschechoslowakischen Juden*, revisado pelo mesmo e por Diana Schulle, vol. 1, Munique, 2003, p. 1-78, p. 6.). E só alguns dias mais tarde, em 20 de janeiro de 1942, na Conferência de Wannsee, Heydrich falaria sobre as colunas de trabalhadores judeus escravos, que seriam encaminhadas ao leste enquanto construíam estradas.

18 Ver abaixo, p. 581.

19 A decisão de Himmler quanto à fusão foi tomada presumivelmente durante uma reunião em 15 de janeiro de 1942 (*Dienstkalender*); a ordem correspondente de Pohl foi emitida em 19 de janeiro de 1942 (IfZ, NO 495); um fac-símile da ordem de Pohl de 13 de março de 1942 sobre a integração da inspeção dos campos de concentração ao WVHA foi reproduzida em: Johannes Tuchel, *Die Inspektion der Konzentrationslager 1938-1945. Das System des Terrors*, Berlim, 1994, p. 88 e seg. Para mais detalhes, ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 197 e segs. e p. 357.

20 Ib., p. 344 e segs.; IfZ, NO 3795, Himmler para Pohl, 31 de janeiro de 1942; BAB, NS 19/2065, sugestão ampliada de Kammler de 10 de fevereiro de 1942, enviada a Himmler em 5 de março de 1942.

21 BAB, NS 19/2065; ver também Karl Heinz Roth, "'Generalplan Ost' — 'Gesamtplan Ost'. Forschungsstand, Quellenprobleme, neue Ergebnisse", in: Mechthild Rössler (ed.), *Der "Generalplan Ost". Hauptlinien der nationalsozialistischen Planungs- und Vernichtungspolitik*, Berlim, 1993, p. 25-95, p. 74 e seg.

22 BAB, NS 19/2065, 23 de março de 1942.

23 Dok. R-129, in: *IMT*, vol. 38, p. 362 e segs.; cf. Walter Naasner, *Neue Machtzentren in der deutschen Kriegswirtschaft 1942-1945. Die Wirtschaftsorganisation der SS, das Amt des Generalbevollmächtigten für den Arbeitseinsatz und das Reichsministerium für Bewaffnung und Munition, Reichsministerium für Rüstung und Kriegsproduktion im nationalsozialistischen Herrschaftssystem*, Boppard/Rhein, 1994, p. 269.

24 Dok. R-129, in: *IMT*, vol. 38, p. 365 e segs.; Roth, "Generalplan Ost", p. 77.

25 Steinbacher, "*Musterstadt*", p. 276 e seg.; ver também abaixo p. 582.

26 Ver Hermann Kaienburg, "Jüdische Arbeitslager an der ‚Strasse der SS'", in: *1999* 1 (1996), p. 13-39. Sobre o trecho da DG IV que passava pela Galícia, ver Sandkühler, "*Endlösung*", p. 41 e segs.; Pohl, *Ostgalizien*, p. 338 e segs. Himmler inspecionou a DG IV em agosto de 1942.

27 *Dienstkalender*.

28 Ver especialmente Pohl, *Lublin*, p. 13 e segs., bem como David Silberklang, "Die Juden und die ersten Deportationen aus dem Distrikt Lublin", in: Bogdan Musial (ed.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 41-164.

29 Pohl, *Lublin*, p. 18 e segs.; Silberklang, "Juden", p. 50 e segs.; Musial, *Zivilverwaltung*, p. 254 e segs.

30 *Tagebücher Goebbels*. A partir de uma declaração de Eichmann, também se depreende que naquele tempo Globocnik estava incumbido de matar os judeus do distrito "inaptos para o trabalho". Segundo Eichmann, depois que havia começado o assassinato em massa, Globocnik pediu e obteve a autorização de Heydrich para matar outras 150 mil ou provavelmente 250 mil pessoas *(The Trial of Adolf Eichmann. Record of Proceedings in the District Court of Jerusalem*, vol. 7, Jerusalém, 1995, p. 240). A declaração de 10 de novembro de 1964 de Josef Oberhauser, ajudante do comandante de Belzec, Christian Wirth, vai na mesma direção (StA Munique, I 110 Ks 3/64, vol. 14, p. 2918 e segs.); ver Pohl, *Lublin*, p. 25 e seg.

31 Pohl, *Ostgalizien*, p. 79 e segs.

32 Sobre a terceira onda de deportações, ver especialmente a carta expressa de Eichmann, de 31 de janeiro de 1942 (Dok. PS-1063, repr. in: Longerich [E.], *Ermordung*, p. 165 e seg.), bem como a ata da reunião de 9 de março de 1943 (Eichmann-Prozess, Doc. nº 119, repr. in: ib., p. 167 e seg.).

33 Longerich, *Politik*, p. 485 e seg., bem como Gottwaldt e Schulle,"*Judendeportationen*", p. 137 e segs. Quatro transportes acabaram chegando ao gueto de Varsóvia (ib., p. 167 e segs.).

34 *Dienstkalender*, 20 de outubro de 1941. Os editores citam a partir de uma declaração feita por Mach em 26 de março de 1942 diante do Conselho de Estado eslovaco, da qual se depreende a oferta alemã.

35 A esse respeito, e também sobre o transcurso das deportações, ver Ladislav Lipscher, *Die Juden im slowakischen Staat 1939-1945*, Munique/Viena, 1980, p. 99 e segs.; Raul Hilberg, *Die Vernichtung der europäischen Juden. Die Gesamtgeschichte des Holocaust*, Frankfurt/Main, 1990, p. 766; Yehoshua Büchler, "The Deportation of Slovakian Jews to the Lublin District of Poland in 1942", in: *Holocaust and Genocide Studies* 6 (1991), p. 151-166.

36 Robert-Jan van Pelt e Déborah Dwork, *Auschwitz. Von 1270 bis heut*e, Zurique/Munique, 1998, p. 335 e segs.; Czech, *Kalendarium*, por exemplo, dá provas de que, em 12 de maio de 1942, foram mortos, no Bunker I, 1.500 homens, mulheres e

crianças de Sosnowitz, por envenenamento a gás.
37 PAA, Büro StSekr, vol. 2, repr. in: *ADAP*, série E, vol. 2, nº. 93.
38 Longerich, *Politik*, p. 496.
39 Büchler, "Deportation", p. 153 e p. 166, bem como Czech, *Kalendarium*.
40 Büchler, "Deportation", p. 155 e segs.
41 Pelos registros do estado-maior pessoal, não se consegue saber o que foi discutido nessas reuniões. A única exceção é a apresentação feita por Himmler para Hitler em 3 de maio: a partir dos esboços preservados, pode-se concluir que falaram sobre as Waffen-SS, assim como sobre outros assuntos não militares, os quais Himmler não registrou individualmente (*Dienstkalender*, p. 415, nota 6).
42 BAB, NS 19/3899, anotação de Himmler do mesmo dia sobre essa "reunião" (também IfZ, NG 3333).
43 *VOGG* 1942, p. 263 e seg., Decreto do Führer sobre a criação de uma Secretaria de Estado da Segurança no Governo-Geral; Eisenblätter, "Grundlinien", p. 247 e segs.
44 *VOGG* 1942, p. 321 e segs., decreto sobre a transmissão de responsabilidades ao secretário de Segurança do Estado; cf. Pohl, *Ostgalizien*, p. 204 e seg. Krüger já era representante do RKF em questões de segurança, mas aparentemente tinha de dividir as suas competências com Frank.
45 Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka. The Operation Reinhard Death Camps*, Bloomington, 1987, p. 37 e segs.
46 Pohl, *Lublin*, p. 20 e segs. A respeito de Sobibor, ver Schelvis, *Sobibór*.
47 Steinbacher, "*Musterstadt*", p. 285 e seg.
48 Arad, *Belzec*, p. 387 e seg.
49 Longerich, *Politik*, p. 48 e segs.; Gottwaldt e Schulle,"*Judendeportationen*", p. 237 e segs.
50 Sobre isso existem relatórios de um Sonderkommando formado pelo batalhão especial da Waffen-SS: *Unsere Ehre*, p. 236 e segs.
51 Lucjan Dobroszycki (ed.), *The Chronicle of the Lodz Ghetto, 1941-1944*, New Haven, CT, 1984, p. 53 e seg., p. 56 e seg., p. 59 e segs. e p. 194.
52 Isso certamente é verdadeiro no caso de três transportes que deixaram o território do Reich entre 13 e 15 de junho de 1942; possivelmente, no entanto, alguns comboios de transporte terminaram no campo de extermínio já na primeira metade do mês (Gottwaldt e Schulle, "*Judendeportationen*", p. 211 e segs.).
53 Em 18 de maio, a metade de um grupo de oitocentas pessoas, que poucos dias antes haviam sido deportadas de Theresienstadt para Siedliszczee, foram levadas para Sobibor e ali assassinadas, juntamente com judeus locais; ver Gottwaldt e Schulle, "*Judendeportationen*", p. 206; Peter Witte, "Letzte Nachrichten aus Siedliszce. Der Transport Ax aus Theresienstadt in den Distrikt Lublin", in: *Theresienstädter Studien und Dokumente* 1996, p. 98-113.
54 Gottwaldt e Schulle, "Judendeportationen", p. 215 e segs., sobre três transportes que chegaram a Sobibor entre 15 e 19 de junho. É possível que se tenha adotado o mesmo procedimento em relação às pessoas de dois outros transportes provenientes de Theresienstadt que chegaram ao distrito de Lublin entre os dias 15 e 16 (ib., p. 211 e segs.). Os autores também fornecem uma série de indicações, todavia fracas, de que já em 3 de junho três comboios de deportação do território do Reich seguiram diretamente para Sobibor, ou que os seus passageiros, após uma parada intermediária de poucos dias, acabaram sendo mortos ali (ib., p. 215 e segs.).
55 Büchler, "Deportation", p. 153 e p. 164.
56 ZStL, Dok. UdSSR 401, repr. in: Klein (ed.), *Einsatzgruppen*, p. 410 e seg.
57 Dieter Wisliceny, um dos funcionários mais próximos de Eichmann, declarou, em um de seus interrogatórios, que vira uma ordem escrita de Himmler destinada a Heydrich, na qual Himmler, seguindo uma ordem de Hitler, ordenava o extermínio total dos judeus inaptos para o trabalho. No caso dessa ordem — datada de abril de 1942, segundo a lembrança de Wislicenys — é possível que se tratasse de outra versão da ordem de 18 de maio de 1942, ou da ali mencionada instrução "geral" de Himmler, que servia de base para a sua ordem de 18 de maio (*Trial*, vol. 9, Jerusalém, 1995, Doc. nº 85, declaração de Wisliceny de 14 de novembro de 1945).
58 Gruner, *Arbeitseinsatz*, p. 291 e segs.; Adler, *Mensch*, p. 216 e segs.
59 Diários de Goebbels, 30 de maio de 1942; ver também Gruner, *Arbeitseinsatz*, p. 298 e segs.
60 Essa visita foi reconstituída pelo tribunal no decorrer do processo de Heuser; ver *Justiz und NS-Verbrechen*, vol. 19, Amsterdã, 1978, nº 552, sentença de 21 de maio de 1963, p. 192; sobre a nova escalada dos assassinatos, ver descrição detalhada em Gerlach, *Morde*, p. 694 e segs.
61 Pohl, *Schauplatz*.
62 Sobre o atentado contra Heydrich, ver Brandes, *Tschechen*, p. 251 e segs.; Guenter Deschner, *Reinhard Heydrich. Statthalter der totalen Macht*, Esslingen, 1977, p. 273 e segs.; Edouard Calic, *Reinhard Heydrich. Schlüsselfigur des Dritten Reiches*, Düsseldorf, 1982, p. 476 e segs.; Hellmut G. Haasis, *Tod in Prag. Das Attentat auf Reinhard Heydrich*, Reinbek bei Hamburg, 2002.
63 Protocolo de Frank de 27 de maio de 1942, citado de acordo com Brandes, *Tschechen*, p. 254.
64 Telex de Himmler de 27 de maio de 1942, citado de acordo com Ib., p. 255.
65 Ib., p. 256; anotações de Frank, repr. in: *Die Deutschen in der Tschechoslowakei*, p. 474 e segs.
66 *Dienstkalender*; Deschner, *Heydrich*, p. 297.
67 Brandes, *Tschechen*, p. 260 e seg.; anotações de Frank, repr. in: *Die Deutschen in der Tschechoslowakei*, p. 474 e segs.
68 Sobre o massacre em Lídice, ver Brandes, *Tschechen*, p. 262 e segs.
69 Heinemann, "*Rasse*", p. 515.
70 Gottwaldt und Schulle, "*Judendeportationen*", p. 213.
71 Sobre esses encontros, ver *Dienstkalender*, 27, 28, 30 e 31 de maio, 3, 4 e 5 de junho de 1942.
72 BAB, NS 19/4009.
73 Ib.
74 A grafia mais comumente usada do nome Reinhardt (além dessa, principalmente, Reinhard, e também Reinhart) se explica pelo fato de que o próprio Heydrich preferia a forma Reinhardt para o seu prenome. Himmler explicou isso aos funcionários mais próximos

num discurso em homenagem ao antigo chefe do RSHA; ver Richard Breitman e Shlomo Aronson, "Eine unbekannte Himmler-Rede vom Januar 1943", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 38 (1990), p. 337-348. Ver também Peter Black, "Die Trawniki-Männer und die Aktion Reinhard", in: Bogdan Musial (ed.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement* 1941-1944, Osnabrück, 2004, p. 309-352, esp. p. 308 e seg.

75 Sobre o procedimento detalhado da deportação, ver Gottwaldt e Schulle, "*Judendeportationen*", p. 260 e segs.

76 CDJC, RF-1217, anotação de 15 de junho de 1942, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 379 e seg.

77 CDJC, RF-1223, anotação de Dannecker de 1º de julho de 1942, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 390 e seg.

78 BAB, BDC, SS-O Oberg.

79 Juliane Wetzel, "Frankreich und Belgien", in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 105-135, p. 120 e segs.

80 Klarsfeld, *Vichy*, p. 412. Na verdade, a cota de 10% prescrita por Himmler para esse primeiro transporte foi largamente excedida: 375 de mil pessoas foram vítimas da seleção.

81 Czech, *Kalendarium*.

82 Gottwaldt und Schulle, "*Judendeportationen*", p. 230 e segs.

83 Pohl, *Lublin*, p. 27.

84 Sobre as deportações individuais por distrito, ver a relação em Arad, *Belzec*, p. 383 e segs.

85 Sobre isso, e sobre o assunto seguinte, ver Pohl, *Lublin*, p. 27 e seg.

86 BAB, NS 19/2655, 29 de julho de 1941; aqui também se encontra a carta de agradecimento de Himmler de 13 de agosto de 1941.

87 Em 28 de julho de 1942, Himmler escreveu ao chefe do Departamento Central da SS, Gottlob Berger: "Os territórios ocupados do leste ficarão livres de judeus. O Führer depositou sobre meus ombros o cumprimento dessa ordem tão difícil. De todo modo, ninguém pode me livrar dessa responsabilidade." (IfZ, NO 626.)

88 *Dienstkalender*; Höss, *Kommandant*, p. 57 e seg. bem como p. 176 e segs.

89 Christopher R. Browning, "A Final Hitler Decision for the Final Solution? The Riegner Telegram Reconsidered", in: *Holocaust and Genocide Studies* 10 (1996), p. 3-10; Walter Laqueur e Richard Breitman, *Der Mann, der das Schweigen brach. Wie die Welt vom Holocaust erfuhr*, Frankfurt/Main, 1986; Höss, *Kommandant*, p. 78.

90 BAB, NS 19/1757, repr. in: Longerich (ed.), *Ermordung*, p. 201. Ver também Pohl, *Lublin*, p. 28.

91 Ver o quadro geral de Jace Andrzej Mlynarczyk, "Treblinka — ein Todeslager der 'Aktion Reinhard'", in: Bogdan Musial (ed.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 257-281. Sobre a fase da construção, ver também Arad, *Belzec*, p. 37 e segs.

92 Pohl, *Ostgalizien*, p. 215; id., *Lublin*, p. 57 e segs.; Sandkühler, "*Endlösung*", p. 81 e segs.

93 BAB, NS 19/1765, anotação do chefe do estado-maior junto ao SSPF de Cracóvia, 27 de julho de 1942, repr. in: Longerich (ed.), *Ermordung*, p. 202 e segs. Aqui se fala de uma "nova ordem" de Krüger. Sobre a ordem de Himmler de 18 de maio de 1942, ver acima p. 586.

94 BAB, NS 19/2462.

**Política de colonização e seleção racial**

1 BAB, R 49/889, ordem de Himmler de 4 de junho de 1941.

2 Sobre detalhes, ver Stefan Karner, "Die Aussiedlungen der Slowenen in der Untersteiermark. Ein Beispiel nationalsozialistischer Volkstumspolitik", in: Österreich in Geschichte und Literatur 22 (1978), p. 154-174.

3 Uma coletânea das portarias correspondentes encontra-se in: *Der Menschenseinsatz. Grundsätze, Anordnungen und Richtlinien*, ed. pela Hauptabteilung I des Stabshauptsamts des Reichskommissars für die Festigung deutschen Volkstums, 1ª edição, Berlim, 1941, p. 44 e segs.

4 Sobre os planejamentos desde 1939, ver acima, p. 457 e segs.

5 *Dienstkalender*; carta de acompanhamento de Meyer para a versão de julho do Plano Geral (que não foi preservada), 15 de julho de 1941, repr. in: Czeslaw Madajczyk (ed.), *Vom Generalplan Ost zum Generalsiedlungsplan*, Munique et al., 1994; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 362.

6 Ib., p. 363 e seg. O plano do RSHA não foi preservado; existe, no entanto, um parecer detalhado do Ministério do Leste: IfZ, NG 2325, repr. in: Helmut Heiber, "Generalplan Ost", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 6 (1958), p. 281-325, p. 297 e segs.

7 BAB, R 49/157a, Generalplan Ost, rechtliche,wirtschaftliche und räumliche Grundlagen des Ostaufbaus [Plano Geral para o leste, fundamentos legais, econômicos e geográficos para a reconstrução do Leste], junho de 1942, bem como R 49/985, versão reduzida de 28 de maio de 1942, ambos repr. in: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, Doc. nº 21 e nº 23; ver também Heinemann, "*Rasse*", p. 368 e segs.

8 IfZ, NO 2255, Himmler para Greifelt, 12 de junho de 1942; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 370.

9 Os documentos, bem como a carta de acompanhamento de Greifelt, de 23 de dezembro de 1942, foram repr. em: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, Doc. nº 70 e nº 71. No período de vinte anos reivindicado por Himmler para a germanização, estava previsto que seria possível recorrer a um total de 8 milhões de pessoas como "reserva de imigração".

10 Carta de 12 de janeiro de 1943, repr. in: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, Doc. nº 72.

11 Heinemann, "*Rasse*", p. 370.

12 BAB, NS 19/4009; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 371.

13 Juni/Juli-Heft, também repr. in: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, Doc. nº 21.

14 BAB, R 43 II/1411; ver a introdução ao *Dienstkalender*, p. 81 e seg. (com assinatura que não se aplica).

15 Mais detalhes sobre o "censo populacional", disfarçado de exame para controle da tuberculose, encontram-se no último relatório de situação elaborado por Heydrich em 18 de maio de 1942, repr. in: *Deutsche Politik im "Protektorat"*, p. 264 e segs., citação p. 272.

Sobre o exame racial no protetorado, ver Heinemann,"*Rasse*", p. 158 e segs.

16 Trata-se de Ferdinand Fischer; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 151.

17 BAB, R 2/11402, Lammers para as autoridades do Reich, 14 de novembro de 1941. Na realidade, Himmler nomeou o HSSPF Frank para ser o seu comissionado no protetorado, mas determinou ao mesmo tempo que ele fosse representado por Heydrich; ver Brandes, *Tschechen*, p. 345.

18 Material sobre o plano geral de colonização, enviado por Greifelt a Himmler em 23 de dezembro de 1942, repr. in: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, Doc. nº 70 e nº 71.

19 Discurso de 4 de fevereiro de 1942, repr. in: *Deutsche Politik im "Protektorat"*, p. 221 e segs., aqui p. 229.

20 Heinemann, "*Rasse*", p. 377.

21 *Dienstkalender*, 20 de julho de 1941; BAB, BDC, SS-O Globocnik, anotação de Himmler de 21 de julho de 1941.

22 Com a assim chamada *SS-Mannschaftshaus Lublin*, cujo nome mais tarde foi alterado para *Forschungsstelle für Ostunterkünfte* [Central de procura de acomodações no leste], ele dispunha de um escritório de planejamento para a reestruturação político-populacional do distrito e do Governo-Geral. A autorização para estabelecer essas instalações ele obtivera de Himmler em outubro de 1940 na Cracóvia (Heinemann,"*Rasse*", p. 382 e seg.); Michael G. Esch, "Das SS-Mannschaftshaus in Lublin und die Forschungsstelle für Ostunterkünfte", in: Götz Aly (ed.), *Modelle für ein deutsches Europa. Ökonomie und Herrschaft im Grosswirtschaftsraum*, Berlim, 1992, p. 206 e seg.

23 USHMM, RG 15.027M, rolo 1, arquivo 4, discurso durante uma conferência em Lublin.

24 Heinemann, "*Rasse*", p. 384 e seg.

25 Ib., p. 386 e segs.

26 Ib., p. 398 e segs.

27 Ib., p. 402.

28 *Dienstkalender*; Heinemann, "*Rasse*", p. 400 e segs. Informações sobre a visita encontram-se em BAB, R 69/601, Eignungsprüfer [avaliador racial] Bender, *EWZ-Kommission* XV Zamosc, ao chefe da filial do RuSHA de Litzmannstadt, Dongus, 20 de julho de 1942.

29 BAB, NS 19/1757.

30 Sobre o projeto Zamosc, ver o quadro geral em Heinemann, "*Rasse*", p. 403 e segs., a apresentação detalhada de Bruno Wasser, *Himmlers Raumplanung im Osten. Der Generalplan Ost in Polen 1940-1944*, Basileia et al., 1993: esp. p. 133 e segs., bem como a documentação (com numerosas fontes alemãs) de Czesław Madajczyk, *Zamojszczyzna — Sonderlaboratorium SS. Zbiór dokumentów polskich i niemieckich z okresu okupacji hitlerowskiej*, 2 vols., Varsóvia, 1977. Ver também IfZ, NO 2562, ordem geral nº 17C do RFSS, como comissário para a consolidação do Volkstum, sobre o assentamento em uma primeira região de colonização no Governo-Geral, assinada por Himmler em 12 de novembro de 1940.

31 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 262 e segs.

32 Heinemann, "*Rasse*", p. 420 e seg.

33 Ib., p. 422 e seg. Sobre a nomeação e as atividades, ver BAB, NS 2/116, chefe do RuSHA, cartas de 4 de outubro e 6 de novembro de 1941.

34 BAB, NS 19/1704 (também IfZ, NO 2703), anotação para arquivo de Berger sobre a conferência no quartel-general do Führer referente aos alemães étnicos; de acordo com o *Dienstkalender*, p. 527, essa reunião foi realizada em 10 de agosto de 1942, ou alguns dias depois.

35 BAB, NS 19/2837, carta de Himmler a Koch; repr. in: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, nº 47; ver também Wendy Lower, *Nazi Empire-Building and the Holocaust in Ukraine*, Chapel Hill, 2005, p. 174.

36 Heinemann, "*Rasse*", p. 448 e segs.

37 BAB, R 70 SU 35, relatório final do Comando da Crimeia, 31 de maio de 1944; ver Heinemann,"*Rasse*", p. 464 e segs.

38 Ib. p. 453 e segs.; Lower, *Empire-Building*, p. 162 e segs.

39 *Dienstkalender*, 20 de outubro, bem como 27 de outubro a 1º de novembro de 1942.

40 Heinemann, "*Rasse*", p. 461 e segs.

41 BAB, R 49/3537, 12 de setembro de 1941; Heinemann,"*Rasse*", p. 312 e seg. Até aquela data, Berkelmann fora suplente de Bürckel na função deste como delegado do RKF.

42 Heinemann, "*Rasse*", p. 314 e segs.

43 *Dienstkalender*, p. 512.

44 BAB, NS 19/2747, Greifelt para Himmler, bem como resposta deste, datada de 7 de setembro de 1942, também repr. em: Madajczyk (ed.), *Generalplan Ost*, p. 485 e segs.

45 BAB, NS 19/2747, ata da reunião entre Himmler e Bürckel, assinada por Himmler, sem data. Brandt enviou esse protocolo em 4 de setembro de 1942 ao RSHA, à central do estado-maior do RKF e outras repartições, com a observação de que o acordo fora fechado alguns dias antes. Isso deve ter ocorrido em 31 de agosto de 1942, data em que Himmler se encontrou com Bürckel em Wiesbaden. (*Dienstkalender*).

46 BAB, R 49/2615, anotação de Stier de 3 de maio de 1943; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 317 e segs. e p. 328 e seg.

47 Ib., p. 319.

48 Ludwig Nestler (ed.), *Die faschistische Okkupationspolitik in Frankreich (1940-1944)*, Berlim, 1990: nº 103 (cita o antigo ZStA de Potsdam, filme nº 10 951).

49 Carta de 18 de junho de 1942, repr. in: Nestler (ed.), *Okkupationspolitik*, nº 117.

50 Refere-se às classes inferiores da população francesa, reconhecíveis pelo seu dialeto.

51 Doc. R-114, anotação de 7 de agosto de 1942, in: *IMT*, vol. 38, p. 330 e segs.; cf. Heinemann, "*Rasse*", p. 321. Diferentemente da opinião de Wagner, os participantes da conferência entendiam que o remanejamento da população patoá deveria ser postergado até ao fim da guerra.

52 *Dienstkalender*; Heinemann, "*Rasse*", p. 322.
53 Dok. R-114, nota para arquivo de Hinrich de 29 de agosto de 1942, in: *IMT*, vol. 38, p. 334 e segs.
54 Heinemann, "*Rasse*", p. 322 e segs.
55 Henry Picker (ed.), *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier*, Frankfurt/Main, 1989, 5 de abril de 1942.
56 Ver Heinemann, "*Rasse*", p. 331 e segs., bem como Kettenacker,*Volkstumspolitik*, p. 255 e segs.
57 Heinemann, "*Rasse*", p. 331.
58 Ib., p. 332; sobre as diretrizes de Himmler para a filial, bem como em relação ao repatriamento das pessoas de origem alemã (diretrizes anexadas à carta de Greifelt de 15 de maio de 1941), ver *Menscheneinsatz*, p. 39 e segs.
59 BAB, R 69/650, 2 de março de 1942.
60 Heinemann, "*Rasse*", p. 335 e segs.; BAB, NS 47/49, ata da reunião de 12 de março de 1943 na VoMi, sobre a concessão da nacionalidade alemã aos alemães étnicos do norte da França; anotação do RKF, departamento central da *VoMI* de 21 de março de 1943, sobre a naturalização dos alemães étnicos registrados no norte da França; anotação do chefe da EWZ sobre o registro e a naturalização das pessoas de origem alemã do norte da França (Volksdeutsche Kulturgemeinschaft Douai), 25 de março de 1943.
61 BAB, NS 2/153, Instrução do chefe do RuSHA, sem data: "O Reichsführer-SS ordenou que o processo de regermanização seja ampliado, para incluir também ex-cidadãos soviéticos (portanto, trabalhadores do leste)." Ver Heinemann, "*Rasse*", p. 486 e seg., que situa em janeiro de 1944 a data dessa instrução.
62 BAB, NS 2/154, portaria do RuSHA, 29 de setembro de 1944.
63 BAB,NS 2/153, decreto dos RuSHA, sem data, segundo Heinemann,"*Rasse*", p. 485, janeiro de 1944.
64 BAB, R 49/73, Portaria nº 51 I, 1º de outubro de 1941. A premissa era a admissão nos grupos de avaliação I e II.
65 BAB, NS 19/150, carta de Himmler aos chefes do RSHA e do RuSHA, bem como à central do Estado-Maior, 10 de julho de 1941.
66 Ib., relatório da central do Estado-Maior, Creutz, 20 de fevereiro de 1942.
67 Heinemann, "*Rasse*", p. 482 e segs. Ver também decretos de Müller de 10 de setembro de 1942 (BAB, NS 47/31).
68 Heinemann, "*Rasse*", p. 488 e segs.
69 Ib., p. 499 e segs.
70 Ib., p. 501 e segs. Os principais decretos sobre essa questão foram baixados pelo chefe do RSHA, 9 de junho de 1942 (IfZ, NO 3520) e 27 de julho de 1943 (NO 1383), bem como pelo chefe do RuSHA, 23 de agosto de 1943 (NO 933).
71 BAB, NS 19/3680, Instrução nº 70 I de 23 de março de 1942; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 476 e seg.
72 Ib., p. 508 e segs.
73 BAB, NS 2/58, instrução de Greifelt, 19 de fevereiro de 1942; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 510 e segs.
74 BAB, NS 19/2621.
75 IfZ, NO 3074, carta de 12 de agosto de 1941.
76 Indícios para isso estão em Heinemann, "*Rasse*", p. 510 e segs.
77 A incumbência de início dizia respeito somente à região do Volga, mas foi posteriormente ampliada por Himmler para incluir todas as regiões europeias da URSS (BAB, BDC, SS-O Pflaum, cartas de Himmler de 11 de julho de 1941 e de 25 de agosto de 1941). Sobre o alojamento de — predominantemente — crianças russas no lar, ver IfZ, NO 5223, declaração de Willibald Zwirner, 19 de junho de 1947 que, na qualidade de médico da SS, exerceu temporariamente a supervisão do local.
78 BAB, NS 2/81, relatório de trabalho do dirigente do RuSHA Rússia-sul, cobrindo o período de 1º a 15 de outubro de1942, datado de 25 de outubro de 1942. De acordo com esse documento, o chefe do estado-maior mantivera diversas conversas com o BdS [comandante da Polícia de Segurança] sobre as crianças órfãs, que deveriam ser reunidas em acampamentos pelo SD; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 514.
79 BAB, NS 19/2216, central do Estado-Maior ao RFSS, 13 de maio de 1942. Himmler renovou essas instruções em janeiro de 1942 em relação às crianças da Letônia e da Estônia (ib., Jeckeln ao RFSS, 13 de junho de 1942).
80 USHMM, RG 15.007 M/113, decreto de 16 de fevereiro de 1942; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 521 e seg.
81 Ib., p. 522 e seg., com base nas constatações do historiador polonês Czesław Madajczyk.
82 BAB, NS 19/4009.
83 Dok. PS-1919, in: *IMT*, Bd. 29, p. 110 e segs., citação p. 123.
84 Heinemann, "*Rasse*", p. 515 e segs.
85 Ib., p. 515.
86 IfZ, NO 681; ver Heinemann, "*Rasse*", p. 519.
87 BAB, NS 19/1436, portaria de Himmler de 6 de janeiro de 1943; ver Gerlach, *Morde*, p. 1015 e seg.
88 Ver Heinemann, "*Rasse*", p. 525 e segs.
89 Ib., p. 528 e segs.
90 BAB, NS 2/82, relatório do Hauptsturmführer Dörhöfer sobre a viagem de inspeção à Ucrânia, de 10 a 22 de setembro de 1942. Já em outubro de 1942, o chefe do Departamento Central da SS debateu com Rosenberg as medidas a serem adotadas no tocante a essa questão (NS 19/1976, relatório de 22 de outubro de 1942).
91 Heinemann, "*Rasse*", p. 529; Gerlach, *Morde*, p. 1081.
92 Heinemann, "*Rasse*", p. 530.
93 Sobre os critérios, ver ib., p. 50 e segs., e p. 64 e seg. quanto à reprodução de uma "ficha de identidade racial".

**A "rígida lei do *Volkstum*": recrutamentos para a Waffen-SS**

1 Stein, *Geschichte*, p. 181 e seg.; *Dienstkalender*, 29 de dezembro de 1942.
2 BAB, NS 19/2251, Himmler para Hitler, 12 de dezembro de 1941.
3 Ver, por exemplo, para o primeiro semestre de 1942, o *Dienstkalender* de Himmler, 1º de janeiro, 17 de fevereiro, 8 e 17 de março, 3,

11 e 27 de maio de 1942.
4 IfZ, NO 1087, nota de Himmler de 29 de junho de 1942; aqui se fala em legiões norueguesas, croatas, espanholas e italianas. Cf. Stein, *Geschichte*, p. 137.
5 Ib., p. 137.
6 Ib., p. 138; Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 96 e segs.
7 Stein, *Geschichte*, p. 138, instrução de 26 de julho de 1941.
8 Ib., instrução de 30 de julho de 1941.
9 Ib., p. 139.
10 IfZ, MA 109/263 3910, visão geral sobre os voluntários germânicos que faziam parte da Waffen-SS, situação em 15 de janeiro de 1942; Stein, *Geschichte*, p. 139 e seg.
11 NARA, T 175/109, ordem de Himmler sobre a formação e a utilização de unidades compostas por voluntários estrangeiros nos países de "sangue alemão ou de natureza congênere", de 6 de novembro de 1941.
12 Stein, *Geschichte*, p. 140 e seg.
13 NARA, T 175/109, anotação de Berlinger sobre a conversa que tivera com o chefe da Polícia do Estado da Finlândia, Aaltonen, 8 de janeiro de 1942.
14 Stein, *Geschichte*, p. 143 e seg.
15 Ib., p. 142 e segs.; NARA, T 1175, 109, relatório de Berger de 9 de fevereiro de 1942 sobre os voluntários provenientes de países germânicos.
16 IfZ, NO 1787, RFSS, atribuições do chefe do Departamento Central da SS nos países germânicos, 6 de março de 1942.
17 Stein, *Geschichte*, p. 145; ordem de 13 de abril de 1942, repr. in: *SS en Nederland*, Doc. nº 144.
18 Stein, *Geschichte*, p. 146.
19 Picker (ed.), *Tischgespräche*, 5 de abril de 1942; ver Stein, *Geschichte*, p. 145.
20 Stein, *Geschichte*, p. 146.
21 Ib., p. 147. As duas corporações eram designadas como 28ª *SS-Freiwilligen-Grenadierdivision "Wallonien"* (até o outono de 1944: *Sturmbrigade Wallonien*) e 33ª *Waffen-Grenadierdivision "Charlemagne"*. Após a retirada da França, a corporação francesa foi formada, entre outros, por integrantes da Milícia Darnand (ver correspondência em PAA, Inland IIg, R 101058, do período de setembro a dezembro de 1944).
22 Stein, *Geschichte*, p. 145 e seg.
23 BAB, NS 33/213, sem data.
24 BAB, NS 2/79, carta de Hofmann a Lippert referente aos exames dos voluntários holandeses, 4 de abril de 1941. Ver Heinemann,"*Rasse*", p. 341 e seg.
25 BAB, NS 2/82, ordem de 3 de julho de 1942; Heinemann, "*Rasse*", p. 344 e segs. Desde a primavera de 1942 ou, respectivamente, desde julho de 1942, havia os dirigentes SS do Departamento de Raça e Colonização residindo na Noruega e na Holanda, ocupando-se especialmente da seleção racial dos canditados à SS, mas também supervisionando o cumprimento das regras de casamento, além de se encarregarem da orientação "ideológica" dos novos integrantes.
26 Stein, *Geschichte*, p. 124 e seg. Os dados baseiam-se na avaliação do ex-general da Waffen-SS, Felix Steiner, *Die Freiwilligen. Idee und Opfergang*, Göttingen 1958, p. 373. Em seu discurso em Sonthofen diante de generais da Wehrmacht, em 21 de junho de 1944, Himmler mencionou 30 mil voluntários germânicos; os dados de Steiner se referem à *quantidade total* de homens recrutados durante a guerra. Não obstante, eles provavelmente são exagerados (BAB,NS 19/4014).
27 IfZ, Partei-Kanzlei, instrução A 54/42 de 12 de agosto de 1942.
28 Gerhard Hirschfeld, *Fremdherrschaft und Kollaboration. Die Niederlande unter deutscher Besatzung 1940-1945*, Stuttgart 1984, p. 34; segundo Hirschfeld, trata-se do decreto da chancelaria do Reich de 3 de fevereiro de 1943.
29 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 138 e segs.
30 Bohn, *Reichskommissariat*, p. 44 e segs.
31 Kwiet, *Reichskommissariat*, p. 146 e segs. Ver, por exemplo, BAB, NS 19/3363, duas cartas de Himmler a Seyss-Inquart, 5 de março de 1942, bem como carta de Himmler a Rauter, 28 de março de 1942.
32 Essa atitude bastante resignada de Himmler fica evidente em seu relatório sobre uma conversa que tivera com Mussert em 8 de julho de 1943 e cujo teor informou a Rauter (BAB, NS 19/3364). Nesse meio-tempo, Himmler restringia-se à esperança "de que, dessa maneira, consigamos diminuir a distância e nos acertar com Mussert" (Ib).
33 Meinoud Marinus Rost van Tonningen, *Correspondentie*, prefaciado e ed. por E. Fraenkel-Verkade, em cooperação com A. J. van der Leuw, 2 vols., 's-Gravenhage 1967, vol. 1, p. 162 e segs., bem como p. 912.
34 Sobre o afastamento de Rost van Tonningen, ver Hirschfeld, *Fremdherrschaft*, p. 193.
35 Warmbrunn, *German Occupation*, p. 132 e seg.; sobre o apoio de Himmler, ver declarações dele de 12 de julho de 1944 (BAB, R 43 II/678a).
36 Warmbrunn, *German Occupation*, p. 135; Wagner, *Belgien*, p. 248. Até ao fim da guerra, a SS conseguiria recrutar um total de 20 mil voluntários em Flandres, e a mesma quantidade na Valônia (Stein, *Geschichte*, p. 124 e seg.).
37 Ele proferiu o discurso no Palais du Sport em Bruxelas por ocasião de um evento de grandes proporções dos rexistas, do qual participaram também diversos representantes da força de ocupação; ver Martin Conway, *Collaboration in Belgium. Léon Degrelle and the Rexist Movement, 1940-1944*, New Haven/Londres, 1993, p. 173 e segs.
38 BAB, NS 19/419, 20 de janeiro de 1943; ver Wagner, *Belgien*, p. 248.
39 Franz Petri, "Die geschichtliche Stellung der Germanisch-Romanischen Grenzlande im Westen", in: *Westland. Blätter für Landschaft, Geschichte und Kultur an Rhein, Mosel, Maas und Schelde*, ed. pelo comissário do Reich para os territórios ocupados nos Países Baixos, 2ª parte (1943), p. 66-72, reproduzido parcialmente em: Hans Derks, *Deutsche Westforschung. Ideologie und Praxis im 20. Jahrhundert*, Leipzig, 2001, p. 270 e segs. A referência às contínuas "admissões biológico-raciais" do Reichsführer-

SS encontra-se em um outro artigo de Petri na mesma revista, 1ª parte (1943), p. 61, reimpressão em: Derks, *Westforschung*, p. 267 e segs. Ver também Wagner, *Belgien*, p. 249; Derks, *Westforschung*, esp. p. 85 e segs., que entre outros aborda, de modo crítico, o estágio mais antigo da pesquisa, sobretudo em discussão com Karl Ditt, "Die Kulturraumforschung zwischen Wissenschaft e Politik. Das Beispiel Karl Petri (1903-1993)", in: *Westfälische Forschungen* 46 (1996), p. 73-176.

40 IfZ, NO 1469, Berger para Himmler, 27 de outubro de 1942. Hitler endossava a instituição de dois *gaue* do Reich em solo belga, mas seguia com isso um plano totalmente voltado para a anexação, como se depreende de sua manifestação durante a reunião que tratava da implantação da Administração Civil na Bélgica, de 12 de julho de 1944. (BAB, R 43 II/678a).

41 Ib., ata da reunião sobre a implantação da Administração Civil na Bélgica, de 12 de julho de 1944.

42 Ver acima p. 519 e seg.

43 BAB, NS 19/1846, Himmler para Berger, 29 de outubro de 1941; de acordo com o *Dienstkalender* de Himmler, a reunião se realizou em 20 de outubro de 1941.

44 Kaiser, "Politik", p. 549 e segs.

45 Spannenberger, *Volksbund*, p. 310 e segs.

46 Stein, *Geschichte*, p. 135; Casagrande, "Prinz Eugen", p. 167; Shimizu, *Okkupation*, p. 223.

47 Holm Sundhaussen, "Zur Geschichte der Waffen-SS in Kroatien 1941-1945", in: *Südost-Forschungen* 30 (1971), p. 176-196, p. 178.

48 PAA, Inland IIg 309. O acordo foi confirmado mediante troca de notas diplomáticas entre os ministros do Exterior (Ib.); ver Sundhaussen, "Geschichte", p. 180 e seg.; Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 197 e segs.

49 Sundhaussen, "Geschichte", p. 179.

50 BAB, R 49/13, instrução do RFSS sobre a formação da comissão para *Volkstum* própria do NSDAP e sobre a delimitação das competências dos departamentos centrais da SS, 28 de novembro de 1941. De acordo com a instrução de Hess, datada de 26 de fevereiro de 1941, Himmler fora nomeado "encarregado do NSDAP para quaisquer questões que envolvessem assuntos de fronteira ou questões de *Volkstum*" (Ifz, Chancelaria do partido, instruções). Ver Lumans, *Auxiliaries*, p. 137; *Dienstkalender*, introdução, p. 54. As VoMi e a central do Estado-maior haviam sido promovidas a departamentos centrais em junho de 1941 (IfZ, NO 4047, instrução de Himmler de 11 de junho de 1941).

51 Ver *Dienstkalender* a respeito da conversa telefônica com Bormann, 13 de novembro de 1941.

52 Decreto 2/42, repr. in:"Führer-Erlasse", nº 148.

53 *Dienstkalender*, 6 de novembro de 1941; Sepp Janko, *Weg und Ende der deutschen Volksgruppe in Jugoslawien*, Graz/Stuttgart 1982, relata esse encontro (p. 214); ver também Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 185; Shimizu, *Okkupation*, p. 209.

54 BAB, NS 19/3519, Keitel a Himmler, 30 de dezembro de 1941.

55 Shimizu, *Okkupation*, p. 148 e segs.

56 Ib., p. 152 e segs. Sob o comando de Meyszner foi montada uma estrutura policial de comando composta por um comandante da Polícia de Ordem ou respectivamente da SiPo e um comandante do SD, que até setembro de 1942 assumiu as forças policiais até então subordinadas ao comandante militar: unidades policiais alemãs, reforçadas por unidades compostas por alemães étnicos, bem como pela "guarda de elite sérvia".

57 Ib., p. 225; decreto do Führer de 22 de janeiro de 1942 sobre a nomeação de um HSSPF no setor do comando militar para a Sérvia, repr. in: "Führer-Erlasse", nº 139; ver também BAB, NS 19/1728, carta de Himmler a Werner Lorenz, que inicialmente deveria apoiar os esforços locais de recrutamento, 24 de janeiro de 1942.

58 Shimizu, *Okkupation*, p. 225 e segs. A primeira minuta do apelo foi redigida por ele mesmo. Após entendimentos com o Ministério do Exterior, o texto foi finalmente publicado em fevereiro de 1942 (BAB,NS 19/1728, minuta de Himmler do apelo; repr. textualmente in: Shimizu, *Okkupation*, p. 225 e seg.; PAA, Inland IIg 323, minuta do Ministério do Exterior). Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 191 e segs., faz uma comparação entre as duas versões.

59 Shimizu, *Okkupation*, p. 228 e segs., Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 188 e segs.; Stein,*Geschichte*, p. 153 e segs.

60 Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 196.

61 Shimizu, *Okkupation*, p. 206 e segs.

62 IfZ, O 5901, Berger para Brandt, 16 de junho de 1942.

63 Carta de 13 de julho de 1942 para Lorenz, citada in: Sundhaussen, "Geschichte", p. 184, de acordo com um trabalho encomendado pela organização caritativa da Igreja Evangélica da Alemanha em fins de 1951 (original do documento em NARA, T 580/76/O345).

64 Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 196.

65 Ib., p. 233.

66 PAA, Inland IIg 305, anotação de Luther para o pronunciamento de Von Ribbentrop, 18 de outubro de 1941; Casagrande, "*Prinz Eugen*", p. 197 e seg., bem como Sundhaussen, "Geschichte", p. 181.

67 PAA, Inland IIg 309, carta da legação alemã em Agram [Zagreb], 16 de junho de 1942, que cita um trecho da carta do general alemão em Agram, de 21 de maio de 1942, segundo o qual, "de acordo com uma decisão tomada pelo OKW, o registro, a utilização e a preparação bélica dos alemães étnicos da região do sudeste deveriam ser realizados pela SS"; Casagrande, "Prinz Eugen", p. 198, assim como Sundhaussen, "Geschichte", p. 182.

68 No Ministério do Exterior defendia-se o ponto de vista de que a emigração dos alemães étnicos sinalizaria claramente aos italianos, que mantinham uma parte da Croácia sob ocupação, a disposição alemã de deixar o país para eles. Está formulado assim, por exemplo, em PAA, Inland IIg, 309, anotação de Luther para um pronunciamento de Von Ribbentrop, 12 de junho de 1942.

69 Ver material em PAA, Inland IIg 201; Sundhaussen, "Geschichte", p. 183.Ver também extenso material nos arquivos PAA, Inland IIg 305 e 309. A ordem de Berger para que se realizasse o exame foi emitida em 26 de agosto de 1942 (BAB, NS 19/319, carta a Nageler).

70 PAA, Inland IIg 309, apontamento do Departamento Central da SS, Amt VI, 24 de julho de 1942, referente à reunião de 23 de julho com o secretário de Estado Luther a respeito da Hungria, da Croácia e da Eslováquia: "Para fora, a convocação deve ocorrer

voluntariamente — internamente, mediante medidas enérgicas." Cf. Sundhaussen, "Geschichte", p. 184, bem como Casagrande,"*Prinz Eugen*", p. 201. Em 22 de setembro, o *Deutsche Zeitung* na Croácia publicou uma ordem do estado-maior do dirigente dos grupos étnicos, na qual se regulamentava a convocação dos alemães étnicos para servirem na Waffen-SS (idade entre 17 e 35 anos), nas *Einsatzstaffeln* da "tropa alemã" ou nas unidades alemãs do exército territorial croata (idade entre 35 e 50 anos).

71 PAA, Inland IIg 305, Berger e Lorenz assinaram uma "definição do procedimento para recrutamento dentro do grupo étnico alemão", 29 de agosto de 1942. Ver Casagrande, "Prinz Eugen", p. 202 e seg.; Sundhaussen, "Geschichte", p. 188 e seg.

72 Casagrande, "Prinz Eugen", p. 201, bem como Sundhaussen, "Geschichte", p. 191.

73 Ib., p. 188 e p. 191; Casagrande, "Prinz Eugen", p. 204. PAA, Inland IIg 307, nota diplomática croata de 10 de outubro de 1942; ainda outra nota semelhante, em que os croatas confirmam estar de acordo com as medidas alemãs, é citada no telegrama de Kasche de 1º de dezembro de 1943 (Ib.); Inland IIg 306, carta de Luther de 8 de novembro de 1942.

74 Valentin Oberkersch, *Die Deutschen in Syrmien, Slawonien, Kroatien und Bosnien. Geschichte einer deutschen Volksgruppe in Südosteurop*a, Munique, 1989, p. 387 e seg.

75 Spannenberger, *Volksbund*, p. 311 e seg.

76 Ib., p. 314; *Dienstkalender*, 18 de novembro de 1941.

77 PAA, Inland IIg 305, apresentação de Rintelen para o secretário de Estado, 19 de dezembro de 1941; ver também Spannenberger,*Volksbund*, p. 315.

78 Ib., p. 319 e seg.

79 Ver abaixo, p. 694.

80 Ver abaixo, p. 693.

81 BAB, R 49/2612, anotação de Stier de 3 de setembro de 1942 sobre a conversa que tivera com Himmler (em 1º de setembro, *Dienstkalender*), na qual o RFSS teria recomendado que, nessa questão da Hungria, não se exercesse nenhuma pressão.

82 Gerhard Seewann e Norbert Spannenberger (ed.), *Akten des Volksgerichtsprozesses gegen Franz A. Basch, Volksgruppenführer der Deutschen in Ungarn, Budapest 1945/46*, Munique, 1999, p. 69.

83 PAA, Inland IIg 305, parecer de Luther de 3 (?) de setembro de 1942; Sundhaussen, "Geschichte", p. 187. Semelhante é a argumentação de Luther em Inland IIg 255, 5 de novembro de 1942, segundo a qual o remanejamento traria "catastróficas consequências psicológicas, além de consequências políticas, para todo o germanismo do sudeste alemão, composto por 2,5 a 3 milhões de pessoas" e traria prejuízos inaceitáveis à política alemã em relação a esses grupos étnicos. Ver também Inland IIg 255, Rintelen para Ribbentrop, 27 de setembro de 1942, Ministério do Exterior à VoMi, 4 de novembro de 1942, bem como as anotação para a palestra do secretário de Estado, 5 de dezembro de 1943; além disso, Inland IIg 305, Berger para Triska, 2 de setembro de 1942.

84 PAA, Inland IIg 214, anotação de Triska, 7 de janeiro de 1943.

85 O mesmo vale para a pequena minoria alemã da parte dinamarquesa do norte de Schleswig. O regime de ocupação alemão utilizava o grupo étnico exclusivamente como "reserva a ser explorada em benefício da guerra alemã" (Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 109) — na medida em que ele era usado para servir na Waffen-SS, na milícia própria, nos chamados serviços temporários voluntários, bem como em todo tipo de serviços auxiliares.

**Reinado de terror por toda a Europa**

1 Para detalhes, ver o *Dienstkalender* de Himmler, 28 de julho a 6 de agosto de 1942.

2 Hannu Rautkallio, *Finland and the Holocaust. The Rescue of Finland's Jews*, Nova York, 1987, p. 163 e segs. Ver a esse respeito as críticas de William B. Cohen e Jörgen Svensson, "Finland and the Holocaust", in: *Holocaust and Genocide Studies* 9,1 (1995), p. 70-92, esp. p. 82 e seg.

3 Hilberg, *Vernichtung*, p. 761 e segs.; Holm Sehaussen, Jugoslawien, in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 311-330, p. 323.

4 Angrick, *Besatzungspolitik*, p. 131 e segs.

5 PAA, Inland IIg 200, comunicação de Killinger ao Ministério do Exterior, 12 de agosto de 1942, bem como a Himmler, 26 de julho de 1942; ver Christopher R. Browning, *The Final Solution and the German Foreign Office. A Study of Referat D III of Abteilung Deutschland, 1940-1943*, Nova York/Londres, 1978, p. 115 e segs.

6 Essa era a avaliação de Luther, em PAA, Inland IIg 177, anotação de 21 de agosto de 1942.

7 PAA, Inland IIg 208, carta do OKW, Departamento de Economia de Guerra ao Ministério do Exterior, 21 de julho de 1942; cf. também Randolph L. Braham, *The Politics of Genocide. The Holocaust in Hungary*, 2 vols., Nova York, 1994, p. 284 e segs.

8 PAA, Inland IIg 208, Himmler para Ribbentrop, 30 de novembro de 1942.

9 Frederick B. Chary, *The Bulgarian Jews and the Final Solution 1949-1944*, Pittsburgh, 1972, p. 69 e segs.

10 Daniel Carp, "Notes on the History of the Jews in Greece during the Holocaust Period. The Attitude of the Italians (1941-1943)", in: Michael R. Marrus (ed.), *The Nazi Holocaust. Historical Articles on The Destruction of European Jews*, vol. 5, Westport etc., 1989, p. 731-768, especialmente p. 738 e segs.; Browning, *Referat D III*, p. 136 e seg. e p. 140 e seg.

11 Klarsfeld, *Vichy*, p. 122.

12 Ib., p. 122 e p. 434 e segs.

13 Hirschfeld, *Fremdherrschaft*, p. 148 e segs.

14 Divisão do Ministério do Exterior em Bruxelas, relatório de 24 de setembro de 1942, bem como comunicação do comandante militar aos comandos e altos-comandos de campo, 25 de setembro de 1942, ambos repr. in: Serge Klarsfeld e Maxime Steinberg (ed.), *Die Endlösung der Judenfrage in Belgien. Dokumente*, Nova York, 1980, p. 45 e segs.

15 PAA, Inland IIg 182, relatório da Dienststelle Bruxelas, 27 de novembro de 1942.

16 Pohl, *Ostgalizien*, p. 216 e segs.

17 *Dienstkalender*; Pohl, *Ostgalizien*, p. 220.
18 *Dienstkalender*.
19 Ib., 21 de agosto de 1942.
20 Entre 31 de agosto e 3 de setembro de 1942, ele inspecionou principalmente Wiesbaden, Mainz, Colônia, Dusseldorf, Münster, Osnabrück, Bremen, Hamburgo e Lübeck, e encontrou-se, entre outros, com os *Gauleiter* Bürckel, Sprenger, Grohé, Florian,Wegener e Kaufmann. Sobre as três brigadas de construção, compostas por prisioneiros dos campos de concentração originalmente previstas para atuarem no leste, bem como sobre a fabricação de caixilhos para portas e janelas, ver BAB, NS 19/14, instrução para Pohl, 9 de setembro de 1942. Já em 31 de setembro de 1942, Himmler dera instruções detalhadas a Daluege no tocante à Polícia de Ordem para remoção dos detritos resultantes da guerra aérea, de modo a evitar, por exemplo, o rompimento de canos no inverno (NS 19/3165); ver *Dienstkalender* bem como Karola Fings, *Krieg, Gesellschaft und KZ. Himmlers SS-Baubrigaden*, Paderborn etc., 2005, p. 55 e segs.
21 Willi A. Boelcke (ed.), *Deutschlands Rüstung im Zweiten Weltkrieg. Hitlers Konferenzen mit Albert Speer 1942-1945*, Frankfurt/Main, 1969.
22 Ver *Dienstkalender*, 22 de setembro de 1942, apresentação para o Führer: "Emigração de judeus — como proceder doravante?" Como próximos pontos de discussão, Himmler anotou "Colonização em Lublin — Lorena, alemães da Bósnia Bessarábia", bem como "situação no Gov.-Geral — Globus [apelido de Globocniks; P.L.]". O fato de a "emigração", isto é, o assassinato dos judeus do distrito de Lublin não ter sido concretizada dentro do prazo que Himmler estipulara, aparentemente exerceu efeitos imediatos sobre os projetos de assentamento conduzidos por Globocnik.
23 IfZ, NO 1611.
24 VOGG 1942, p. 665 e seg., 1º de novembro de 1942, decreto policial de 28 de outubro de 1942, bem como p. 683 e segs., 14 de novembro de 1942, decreto policial de 10 de novembro de 1942.
25 IfZ, NO 5194, Korherr-Bericht, 23 de março de 1943.
26 Dok. PS-3428, in: *IMT*, vol. 32, p. 279 e segs., relatório de Kube ao comissário do Reich no Ostland, 31 de julho de 1942. Ver Gerlach, *Morde*, p. 694 e segs.
27 IfZ, NO 626.
28 Pohl, Schauplatz, p. 160 e segs., bem como Gerlach, *Morde*, p. 709 e segs.
29 *Reichsführer!*, nº 167.
30 Gerlach, *Morde*, p. 719 e segs.
31 Pohl, "Schauplatz"; Spector, *Holocaust*, p. 186.
32 IfZ, NO 3392, reprodução fac-símile na parte das ilustrações de Fleming, *Hitler*.
33 Boelcke (ed.), *Deutschlands Rüstun*g, p. 89.
34 *Tagebücher Goebbels*, 30 de setembro de 1942.
35 BAB, R 22/5029, relatório do ministro da Justiça, 18 de setembro de 1942; ver também Doc. PS-654, in *IMT*, vol. 26, p. 200 e segs.
36 IfZ, NO 5522; ver Orth, *System*, p. 173.
37 Klarsfeld, *Vichy*, p. 161 e segs.
38 CDJC, XXVC-177, carta do BdS Knochen ao RSHA, 23 de setembro de 1942, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 469.
39 Ib., p. 474.
40 Samuel Abrahamsen, *Norway's Response to the Holocaust*, Nova York, 1991, p. 83 e segs., Hilberg, *Vernichtung*, p. 582 e segs.
41 Lipscher, *Juden*, p. 129 e segs.
42 Ver diversos escritos de Richter e Luther, em PAA, Inland IIg 200.
43 Hilberg, *Vernichtung*, p. 851 e seg.
44 Chary, *Bulgarian Jews*, p. 72 e segs.
45 Vgl. Braham, *Politics*, p. 287 e segs., bem como Browning, *Referat D III*, p. 128 e segs.
46 PAA, Inland IIg 208, carta de Himmler a Von Ribbentrop, 30 de novembro de 1942.
47 Ver PAA, Inland IIg 208, notificação de Luther a Rademacher, 14 de dezembro de 1942.
48 Ver a extensa correspondência entre as missões e Luther, de outubro e novembro de 1942, em PAA, Inland IIg 194, bem como, detalhadamente, Browning, *Referat D III*, p. 137 e segs.
49 Anotações de Himmler de 11 a 14 de outubro de 1942, repr. in: Helmut Krausnick, "Himmler über seinen Besuch bei Mussolini", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 4 (1956), p. 423-426.
50 PAA, Inland IIg 194, relatório da legação em Zagreb.
51 Em uma ordem de 23 de julho de 1942, Keitel se referiu a essa decisão, cuja data não se pode precisar (BAB, NS 19/1671). Sobre a missão de Himmler de "combate aos bandidos" no verão de 1942, ver Gerlach, *Morde*, p. 921 e segs.
52 IFZ, NO 681, ordem de 25 de junho de 1942.
53 Embora não fosse possível apurar detalhes sobre a execução da "ação", houve uma escalada na quantidade de reféns fuzilados em julho e agosto, e a prisão de parentes de "suspeitos de guerrilha" e sua subsequente deportação para campos de concentração (ou a adoção forçada de crianças "valiosas em termos raciais") atingiu seu apogeu em agosto; ver Milan Zevart, "Geiselerschiessungen im Besatzungsgebiet Untersteiermark (Spodnja Stajerska)", in: Gerhard Jochem e Georg Seiderer (ed.), *Entrechtung, Vertreibung, Mord. NS-Unrecht in Slowenien e seine Spuren in Bayern 1941-1945*, Berlim, 2005, p. 197-205.
54 BAB, NS 19/1671, ordem de Himmler de 28 de julho de 1942. No dia anterior, Himmler havia esclarecido a Daluege, em estilo telegráfico, quem era o responsável pelo combate aos *partisans*: "Eu pessoalmente. Lá fora, o respectivo HSSPF. Para as corporações individuais, os oficiais de comando e comandantes já existentes" (BAB,NS 19/1432).
55 Ordem de Himmler de 31 de julho de 1942, repr. em: Rürup (ed.), *Krieg*, p. 132.
56 Instrução nº 46, repr. em: Hubatsch (ed.), *Hitlers Weisungen*, p. 232 e segs. De acordo com isso, o RFSS constituía "o Departamento Central para Coleta e Avaliação de todo o Conhecimento Adquirido no Combate aos Bandidos".

57 BAB, NS 19/1671, nota para arquivo de 9 de julho de 1942; com referência à impraticabilidade, ver Gerlach, *Morde*, p. 924. A respeito da reunião que tratou do combate aos *partisans*, ver *Dienstkalender*, 9 de julho de 1942.
58 Situação "indispensável": quem fosse classificado como "indispensável" não precisava servir na Wehrmacht.
59 BAB, NS 19/1671, ordem para o fortalecimento das forças de combate da SS e da Polícia no Governo-Geral e nos territórios ocupados do leste, 17 de agosto de 1942.
60 Ib., ordem do comando de Himmler para a repressão às atividades dos bandos na Bielorrússia, mais precisamente no distrito de Bialystok, 7 de agosto de 1942, orientada pela sua ordem para a repressão às atividades dos bandidos nas regiões da Alta Carniola e da Baixa Estíria, de 25 de junho de 1942 (ib.).
61 Sobre o andamento das operações, ver Gerlach, *Morde*, p. 930 e segs. Sabe-se relativamente pouco a respeito de "Wisent".
62 BAB, NS 19/1671, Von dem Bach-Zelewski a Himmler, 5 de setembro de 1942.
63 *Dienstkalender*, 22 de setembro de 1942, "Tarefa para Von d. Bach". Himmler se encontrara com Von dem Bach-Zelewski em 9 de setembro de 1942 (Ib.).
64 BAB, NS 19/1671, contém todos os cinco decretos datados de 23 de outubro de 1942.
65 A respeito de Von Gottberg, ver acima, p. 359 e segs. e p. 435 e seg.
66 Sobre Dirlewanger, ver acima, p. 357 e segs.
67 Gerlach, *Morde*, p. 928.
68 Ver a relação em Ib., p. 900 e seg.
69 BAB, NS 19/1432.
70 Ib., Himmler a Sauckel, 9 de fevereiro de 1943; ver Gerlach, *Morde*, p. 996 e segs.
71 Ib., p. 1055 e seg.
72 Ib., p. 1058 e segs.
73 Piper, *Rosenberg*, p. 547 e seg.
74 BAB, NS 19/1681, nota para arquivo de 18 de novembro de 1942: "Aos russos não se deve jamais prometer um Estado nacional."
75 *Der Untermensch*, ed. *Reichsführer-SS und SS-Hauptamt*, [Berlim 1942], p. 2.
76 Isso é retratado detalhadamente em Piper, *Rosenberg*, especialmente p. 562 e segs. e p. 587 e segs.
77 BAB, NS 19/1704, 9 de abril de 1942.
78 Piper, *Rosenberg*, p. 563 e seg.
79 Bohn, *Reichskommissariat*, p. 113; em 19 casos, no entanto, foi dado um indulto.
80 Ib., p. 84 e seg.
81 Weber, *Sicherheit*, p. 115.
82 *Führererlass* de 9 de março de 1942, repr. in: "Führer-Erlasse", nº 147.
83 Kasten, "*Franzosen*", p. 26 e segs.
84 Ib., p. 69 e segs.
85 Meyer, *Besatzung*, p. 99 e segs.
86 Brandes, *Tschechen*, vol. 2: *Besatzungspolitik, Kollaboration und Widerstand im Protektorat Böhmen und Mähren von Heydrichs Tod bis zum Prager Aufstand (1942-1945)*, Munique/Viena, 1975, p. 21 e segs.
87 Naasner, *Machtzentren*, p. 300 e seg. Rainer Fröbe, "Der Arbeitseinsatz von KZ-Häftlingen und die Perspektive der Industrie 1943-1945", in: Ulrich Herbert (ed.), *Europa und der "Reichseinsatz". Ausländische Zivilarbeiter, Kriegsgefangene und KZ-Häftlinge in Deutschland 1938-1945*, Essen, 1991, p. 351-383, chama atenção para o fato de que, durante todo o ano de 1942, foram utilizados prisioneiros dos campos de concentração nos trabalhos de construção, parcialmente também na edificação de indústrias, mas, de modo geral, ainda não na produção.
88 IfZ, NO 569, protocolo de Saur; ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 213 e seg.
89 BAB, NS 19/755, instrução de Schieber de 17 de março de 1942; IfZ, NO 505, Glücks aos RFSS, 2 de abril de 1942 sobre os preparativos para a fabricação de carabinas em Buchenwald. Além disso, discutiam-se os preparativos para a produção de peças para as firmas Weser-Flug e Klöckner, em Neuengamme (NO 1215, anotações do Amtsgruppe C sobre reunião com Schieber em 16 de maio de 1942). Ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 214 e seg.
90 IfZ, NO 598, Himmler a Pohl, 7 de julho de 1942; ver também Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 215.
91 Sobre o malogrado armamento da SS, ver Ib., p. 216 e segs. Speer, em agosto de 1943, tentou imputar a culpa pelo fracasso da produção de carabinas em Buchenwald à empresa Gustloff-Werke (BAB, NS 19/367, Brandt a Pohl, 17 de agosto de 1943).
92 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 224 e p. 231.
93 Assim diz Himmler a Speer, 5 de março de 1943 (BAB, NS 19/3637).
94 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 218 e seg.; IfZ, NIK 15392, relatório de Pohl a Himmler, 16 de setembro de 1942, repr. in: Pingel, *Häftlinge*, p. 276 e seg.
95 Boelcke (ed.), *Deutschlands Rüstun*g, 20 a 22 de setembro de 1942; Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 220 e seg.
96 Orth, *System*, p. 169 e segs.; Mommsen e Grieger, *Volkswagenwerk*, p. 50 e segs.
97 Sobre a mudança da estrutura da criminalidade, ver Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 316 e segs.
98 BAB, NS 19/219, repr. in: Detlev Peukert, *Die Edelweisspiraten. Protestbewegungen jugendlicher Arbeiter im Dritten Reich. Eine Dokumentation*, Colônia, 1980, p. 156 e seg.
99 Picker (ed.), *Tischgespräche*, 7 de abril de 1942.
100 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 314.
101 Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 167, baseado em uma declaração pós-guerra do representante do RSHA, Bernhard Baatz.
102 IfZ, PS-3040, contém as determinações gerais, bem como as respectivas instruções à Polícia de Segurança e ao SD; ver Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 181 e seg.
103 Dok. PS-654, observação de Thierack de 18 de setembro de 1942, repr. em: *IMT*, vol. 26, p. 200 e segs.; *Dienstkalender*. O fato de

os prisioneiros da Justiça, após cumprimento de suas penas — que, na opinião da polícia, eram demasiado brandas —, serem recolhidos em "prisão preventiva" já constituía prática corrente. Ver Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 336.

104 Ib., p. 337.

105 O chefe da Polícia de Segurança e do SD determinou, por meio de decreto de 21 de julho de 1942, que aqueles que não poderiam ser reaproveitados militarmente deveriam ficar em prisão preventiva "à primeira transgressão deliberada de suas obrigações". Em 28 de dezembro de 1942, o Departamento de Polícia Criminal do Reich emitiu a instrução de que, nos casos de inquérito preliminar contra pessoas "inaptas ao serviço militar", se deveria indagar junto às promotorias públicas, antes da instauração do processo, se não seria o caso de aplicar medidas policiais preventivas (ambos os documentos em IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos para o combate preventivo da criminalidade); ver Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 338 e seg.

106 RSHA, 23 de dezembro de 1942, repr. em: Ifz, Dc 17.02, *Erlasssammlung vorbeugende Verbrechenskämpfung*.

107 Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 342 e seg.

108 BAB, NS 19/4010, 14 de outubro de 1943, discurso durante a convenção de comandantes em Bad Schachen. O texto está disponível em forma impressa sob o título *Sicherheitsfragen. Vortrag, gehalten auf der Befehlshabertagung in Bad Schachen am 14. Oktober 1943*, ed. NS-Führungsstab des Oberkommandos der Wehrmacht, Berlim, 1943. Os números provavelmente se referem somente aos campos de concentração, não aos prisioneiros da Justiça.

109 Broszat, *Polenpolitik*, p. 152 e segs.

**Virada da guerra — uma oportunidade?**

1 Nesse contexto, convém lembrar o anúncio feito por Himmler em 1937, de que, em caso de guerra, a SS, ao lado das três frentes militares — por terra, pela água e pelo ar —, deveria se ocupar da defesa do quarto "palco de guerra", ou seja, da própria Alemanha (Doc. PS-1992 [A], palestra de Himmler sobre o caráter e a função da SS, por ocasião de um seminário nacional-político da Wehrmacht, de 15 a 23 de janeiro de 1937, repr. em: *IMT*, vol. 29, p. 206 e segs., p. 231).

2 BAB, NS 19/3402, 15 de novembro de 1942.

3 Ib., 10 de dezembro de 1942. Como era comum no caso de "apresentações para o Führer", esse documento foi datilografado com tipos particularmente grandes e contém a anotação "Abl.10.12".

4 *Dienstkalender*, 10 de dezembro de 1942; anotação de Himmler de 10 de dezembro de 1942 (citado ib.), bem como carta de Himmler ao RSHA (BAB, NS 19/1807).

5 BAB, NS 19/1929, minuta assinada por Himmler, com a anotação: "favor apresentar a AH", 18 de dezembro de 1942.

6 BAB, NS 19/120, telex enviado a Oberg, 30 de dezembro de 1942. Sobre a preparação e execução da ação em Marselha, ver Meyer, *Besatzung*, p. 115 e segs.

7 BAB, NS 19/120, 4 de janeiro de 1943.

8 Ib., 5 de janeiro de 1943.

9 BAB, NS 19/3402, mensagem a Oberg, 5 de janeiro de 1943.

10 BAB, BDC, SS-O Oberg, 6 de janeiro de 1943.

11 BAB, NS 19/3401, mensagem a Oberg, 11 de janeiro de 1943.

12 BAB, NS 19/3402, 18 de janeiro de 1943.

13 Meyer, *Besatzung*, p. 123 e seg.

14 BAB, NS 19/120, telex a Müller, 13 de fevereiro de 1943, bem como a Kaltenbrunner, 17 de fevereiro de 1943.

15 *Dienstkalender, Himmler*, 25 a 30 de dezembro de 1942 (especialmente indicações em 25 de dezembro); Heinen, *Legion*, p. 460 e seg. Sobre as condições do confinamento de Sima, ver o relatório de Heydrich de 8 de janeiro de 1941 (BAB,NS 19/2863).

16 Kasten, "*Franzosen*", p. 213.

17 PAA, secretário de Estado França 15, Rudolf Schleier, ao ministro do Exterior do Reich sobre esse encontro, baseado em informações que obtivera de Laval, 6 de abril de 1943; ver Kasten, "*Franzosen*", p. 205 e segs. Segundo Schleier, o encontro se deu em 3 de abril de 1943, em Paris; ver também BAB, NS 19/1444 (datas das reuniões).

18 Kasten, "*Franzosen*", p. 208.

19 Ib., p. 219 e segs.

20 BAB, NS 19/1504, Berger a Oberg, 8 de fevereiro de 1944.

21 Ib., Oberg a Himmler, 10 de fevereiro de 1944.

22 Ib., telex de Meine a Oberg, 18 de fevereiro de 1944.

23 BAB, NS 19/236, nota de arquivo para o RFSS, para a reunião com o SS-Obergruppenführer Berger, 11 de abril de 1944.

24 *Die Deutschen in der Tschechoslowakei*, Nº 407.

25 Brandes, *Tschechen*, vol. 2, p. 22.

26 *Die Deutschen in der Tschechoslowake*i, nº 414a, 7 de setembro de 1944; em 3 de janeiro de 1944, a pedido de Frank, Himmler prorrogou essa autorização, que de início vigorava somente até 31 de dezembro de 1943 (ib., Nº 414b e c); ver Brandes, *Tschechen*, vol. 2, p. 23.

27 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 130.

28 Ib., p. 131 e seg., cita, nesse contexto, uma carta de Himmler de 18 de janeiro de 1943 para Best, que se encontra no Reichsarchiv da Dinamarca.

29 BAB, NS 19/3473, Himmler a Berger, 15 de julho de 1943.

30 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 192; BAB, BDC, SS-O Best, carta de Himmler de outubro de 1943.

31 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 201 e seg.

32 *SS en Nederland*, Doc. nº 319, 6 de fevereiro de 1943, bem como doc. nº 320, resposta de Himmler, 6 de fevereiro de 1943. Sobre a política de repressão nos Países Baixos, ver também Christoph Spieker, "Enttäuschte Liebe. Funktionswandel der Ordnungspolizei

in den Niederlanden", in: Johannes Houwink ten Cate e Alfons Kenkmann (ed.), *Deutsche und holländische Polizei in den besetzten niederländischen Gebieten. Dokumentation einer Arbeitstagung*, Munique, 2002, p. 67-95.

33 Telex de Himmler a Rauter, 10 de fevereiro de 1943 (*SS en Nederland*, Doc. nº 328).
34 *SS en Nederland*, Doc. nº 331, Himmler a Rauter, 11 de fevereiro de 1943.
35 Ib., Doc. nº 368, Himmler a Rauter, 31 de março de 1943.
36 Ib., Doc. nº 387, mensagem a Rauter, 9 de maio de 1943; ver Kwiet, *Reichskommissariat*, p. 150.
37 *SS en Nederland*, Doc. nº 466, Himmler a Rauter, 24 de setembro de 1943.
38 Ib., Doc. nº 467, 27 de setembro de 1943.
39 Meershoek, "Machtentfaltung", p. 400; Spieker, "Liebe", p. 76.
40 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 200 e segs. Herbert, *Best*, p. 373 e segs.
41 Bohn, *Reichskommissariat*, p. 86.
42 Warmbrunn, *German Occupation*, p. 146 e seg.
43 IfZ, NO 2306, 10 de novembro de 1942.
44 BAB, NS 19/2648, ordem de 11 de janeiro de 1943.
45 BAB, NS 19/2638, Krüger a Himmler, 16 de fevereiro de 1943.
46 Ib., resposta de Himmler, 12 de março de 1943.
47 Madajczyk, *Okkupationspolitik*, p. 217.
48 BAB, NS 19/1432, anotação de Himmler de 22 de junho de 1943 sobre a reunião.
49 Ib., diversas ordens, 21 de junho de 1943; ver Gerlach, *Morde*, p. 952.
50 BAB, NS 19/1432, anotação de Himmler sobre a apresentação para Hitler, 3 de abril de 1944.
51 Madajczyk, *Okkupationspolitik*, p. 195 e segs. e p. 191.
52 Gerlach, *Morde*, p. 1010.
53 BAB, NS 19/1432 (também IfZ, NO 2034), ordem de Himmler de 10 de julho de 1943; ver Gerlach, *Morde*, p. 1023 e seg.
54 Ib., p. 1010 e segs., sobre as áreas, ver p. 1034.
55 Ver ib., p. 999 e segs.
56 Assim em Ib., p. 999.
57 BAB, NS 19/1681, 18 de novembro de 1942.
58 BAB, NS 19/4010, 4 de outubro de 1943, também repr. como Doc. PS-1919, em: *IMT*, vol. 29, p. 110 e segs., citação, p. 117 e seg.
59 Ib., p. 122 e seg.
60 Peter Black, *Ernst Kaltenbrunner. Vasall Himmlers. Eine SS-Karrier*e, Paderborn etc., 1991, p. 143 e segs. e p. 195 e segs.
61 Carta de Thierack a Bormann, 16 de novembro de 1941, segundo Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 285; Broszat, *Polenpolitik*, p. 153.
62 Decreto de 30 de junho de 1943, citado em: Ib., p. 154; Herbert, *Fremdarbeiter*, p. 286; Wagner, *Volksgemeinschaft*, p. 341.
63 Broszat, *Polenpolitik*, p. 154.
64 Decreto de 10 de agosto de 1943; Kaltenbrunner cita essa ordem em um decreto de 5 de abril de 1944 (Doc. PS-3855, in: *IMT*, vol. 33, p. 243 e segs.); ver Black, *Kaltenbrunner*, p. 152.
65 Dok. PS-1650, repr. em: *IMT*, vol. 27, p. 425 e segs.; ver Black, *Kaltenbrunner*, p. 152.
66 Michel Abitbol, *Les Juifs d'Afrique du Nord sous Vichy*, Paris 1983; Klaus-Michael Mallmann e Martin Cüppers, *Halbmond und Hakenkreuz. Das Dritte Reich, die Araber und Palästina*, Darmstadt, 2006, p. 199 e segs.
67 Sobre a perseguição aos judeus na França após a ocupação da zona sul, ver Klarsfeld, *Vichy*, p. 193 e segs., bem como Susan Zuccotti, *The Holocaust, the French, and the Jews*, Nova York, 1993, p. 166 e segs.
68 Klarsfeld, *Vichy*, p. 200 e segs.
69 Sobre a história dos judeus italianos sob o fascismo, ver Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust. Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York 1987; Meir Michaelis, *Mussolini and the Jews. German-Italian Relations and the Jewish Question in Italy, 1922-1945*, Oxford, 1978.
70 Müller a Bergmann, Ministério do Exterior, 25 de fevereiro de 1943, com citação da carta de Himmler a Ribbentrop, 29 de janeiro de 1943, repr. em: Klarsfeld, *Vichy*, p. 495 e segs.
71 IfZ, NG 4956, telex do trem especial da Westfália a Wolff; resposta do Departamento Alemanha de 24 de fevereiro de 1943.
72 Hagen Fleischer, *Im Kreuzschatten der Mächte: Griechenland 1941-1944*, 2 partes, Frankfurt/Main, 1986, parte 1, p. 273.
73 Chary, *Bulgarian Jews*, p.129 e segs. Ver também Nir Baruch, *Der Freikauf. Zar Boris und das Schicksal der bulgarischen Juden*, Sofia 1996, p.103 e segs., bem como Dieter Ruckhaberle e Christiane Ziesecke (ed.), *Rettung der bulgarischen Juden-1943. Eine Dokumentation*, Berlim, 1984.
74 Chary, *Bulgarian Jews*, p. 178 e segs., p. 197 e segs. e p. 224 e segs.
75 PAA, gabinete do secretário de Estado Bulgária 5, Ribbentrop para Beckerle, 4 de abril de 1943; ver também Chary, *Bulgarian Jews*, p. 269 e seg.
76 Adler, *Mensch*, p. 224 e segs.
77 IfZ, NO 1882, Himmler a Krüger, 11 de janeiro de 1943.
78 BAB, NS 19/1740; ver também ordem de Himmler a Krüger, 16 de fevereiro de 1943 (Ib.).
79 Arad, *Belzec*, p.392; Yisrael Gutman, *The Jews of Warsaw, 1939-1943. Ghetto, Underground, Revolt*, Bloomington/Indianapolis,1989, p. 307 e segs.
80 Stroop entregou a Himmler um relatório ilustrado com fotografias em que, sob o lema "não existe mais nenhuma área residencial judia em Varsóvia!", orgulhosamente documentava a sua obra de extermínio (Stroop-Bericht, Dok. PS-106, repr. in: *IMT*, Bd. 30, p. 357-472).
81 BAB, NS 19/2648, 12 de maio de 1943; ver também anotação para arquivo de Himmler de 10 de maio de 1943, em que ele reforça que "a evacuação dos 300 mil judeus restantes no Governo-Geral […]" deve ser executada "com a máxima urgência" (repr. in:

*Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 354 e seg.); ver também Sandkühler,"*Endlösung"*, p. 197.

82 Präg e Jacobmeyer (ed.), *Diensttagebuch*, 31 de maio de 1943; ver também anotações de telefonemas de Himmler, de 20 de maio de 1943: "Judenevakuierung"

83 Pohl, *Ostgalizien*, p. 246 e segs.; Sandkühler,"*Endlösung*", p. 194 e segs.

84 Relatório de Katzmann para Krüger, 30 de junho de 1943, repr. in: *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 358 e segs.

85 BAB, NS 19/1432, anotação de Himmler de 22 de junho de 1943 sobre a conversa.

86 BAB, NS 19/1740, Himmler a Pohl e Kaltenbrunner, 11 de junho de 1943. Na área em que se situava o antigo gueto, deveria ser instalado "um grande parque".

87 BAB, NS 19/1571, instrução de Himmler de 5 de julho de 1943, que ele revogou em 20 de julho de 1943, em virtude das objeções de Pohl e Globocnik (Ib., carta de Brandt de 20 de julho de 1943); somente quatro dias depois, no entanto, Himmler renovou a ordem; ver Schelvis, *Sobibór*, p.173 e seg.

88 Pohl, *Lublin*, p. 160. A tomada do comando dos campos foi acordada entre Pohl, Krüger e Globocnik em 7 de setembro de 1943 (anotação de Pohl do mesmo dia, IfZ, NO 599, repr. in: *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 459 e seg.).

89 IfZ, NO 1036, nota de arquivo sobre a transformação dos campos de trabalhos forçados dos SSPF em campos de concentração, 19 de janeiro de 1944.

90 Steinbacher, "*Musterstadt*", p. 296.

91 Ib. p. 300 e segs.

92 Até setembro de 1943, Himmler novamente se distanciou dessa instrução, mas a renovou em dezembro.

93 *Faschismus, Ghetto, Massenmord*, p. 369 e seg., carta de Greiser a Pohl, 14 de fevereiro de 1944. Ali também se faz referência à instrução de Himmler — cujo original não foi encontrado — sobre a transformação dos guetos, de 11 de junho de 1942. Ver mais detalhes em Michael Alberti, *Die Verfolgung und Vernichtung der Juden im Reichsgau Wartheland 1939-1945*, Wiesbaden, 2006, p. 472 e segs.

94 Ib., p. 473 e seg.

95 Arad, *Belzec*, p. 396; Sara Bender, "The 'Reinhardt Action' in the 'Bialystok District'", in: Freia Anders (ed.), *Bialystok in Bielefeld. Nationalsozialistische Verbrechen vor dem Landgericht Bielefeld 1958-1967*, Bielefeld, 2003; p.186-208, p. 204 e segs.

96 *Enzyklopädie des Holocaust. Die Verfolgung und Ermordung der europäischen Juden*, 3 vols., elaborado por Yad Vashem et al., editor principal Israel Gutman, edição alemã ed. por Eberhard Jäckel, Peter Longerich e Julius H. Schoeps, Berlim, 1993, artigo Bialystok. Sobre a história pregressa, ver Sara Bender, "From Underground to Armed Struggle. The Resistance Movement in the Bialystok Ghetto", in: *Yad Vashem Studie*s 23 (1993), p. 145-171.

97 Gerlach, *Morde*, p. 739; Jakow Suchowolskij, "Es gab weder Schutz noch Erlösung, weder Sicherheit noch Rettung. Jüdischer Widerstand und der Untergang des Ghettos Glubokoje", in: *Dachauer Hefte* 20 (2004), p. 22-38.

98 A respeito de Treblinka e Sobibor, ver Reuben Ainsztein, *Jüdischer Widerstand im deutschbesetzten Osteuropa während des Zweiten Weltkrieges*, Oldenburg, 1993, p. 396 e segs.

99 Sobre o distrito de Lublin, ver Helge Grabitz e Wolfgang Scheffler (ed.), *Letzte Spuren. Ghetto Warschau, SS-Arbeitslager Trawniki, Aktion Erntefest. Fotos und Dokumente über Opfer des Endlösungswahns im Spiegel der historischen Ereignisse*, 2ª edição revisada, Berlim 1993, p. 328 e segs. No distrito de Cracóvia, tratava-se dos campos de trabalhos forçados de Szebnie e Plaszow; em 19 de novembro, no campo Janowska em Lemberg, distrito da Galícia, todos os prisioneiros foram fuzilados [sobre o distrito da Galícia, ver Jan Erik Schulte, "Zwangsarbeit für die SS. Juden in der Ostindustrie GmbH", in: Norbert Frei (ed.), *Ausbeutung, Vernichtung, Öffentlichkeit. Neue Studien zur nationalsozialistischen Lagerpoliti*k, Munique, 2000, p. 43-74, p.69].

100 A instrução original datava de 2 de abril e previa a instalação retroativa de um gueto em Riga em 13 de março (OA Moscou, 504-2-8). Mais detalhes em Angrick e Klein,"*Endlösung*", p. 382 e segs.

101 IfZ, NO 2403. Além de Von dem Bach-Zelewski, participaram dessa reunião, entre outros, o HSSP da Rússia-norte, Prützmann; o HSSPF do leste, Krüger; o chefe do RSHA, Kaltenbrunner; o chefe do WVHA, Pohl e o chefe do estado-maior de comando do RFSS, Knoblauch.

102 Em 13 de agosto de 1943, Himmler baixou uma instrução restringindo o uso de judeus nos trabalhos. Essa instrução foi adotada pelo OKW como "válida para todo o exército de campo" (BAB, NS 2/83). Os judeus não podiam ser utilizados para serviços de escritório, nem podiam prestar "serviços pessoais" (IfZ, NOKW 2368, Kriegstagebuch Oberkommando 3. Panzer-Armee, Quartiermeister 2 [diário de guerra do alto-comando do 3º Exército Panzer, general intendente 2],4 de novembro de 1943); ver também Gerlach, *Morde*, p. 739.

103 Avraham Tory, *Surviving the Holocaust. The Kovno Ghetto Diary*, editado e prefaciado por Martin Gilbert, Cambridge, Mass./Londres 1990; Alfred Streim, "Konzentrationslager auf dem Gebiet der Sowjetunion", in: *Dachauer Hefte* 5 (1989), p. 174-187, p. 176; *Enzyklopädie*, artigo "Kowno".

104 *Yitzhak Arad, Ghetto in Flames. The Struggle and Destruction of the Jews in Vilna in the Holocaust*, Jerusalém, 1980, p. 401 e segs.

105 Streim, "Konzentrationslager", p. 177 e seg.; *Enzyklopädie*, artigo "Vaivara".

106 Gerlach, *Morde*, p. 739 e segs.

107 PAA, Inland IIg 194, correspondência entre o Ministério do Exterior e a legação, março/abril; ver também Hilberg, *Vernichtung*, p. 764; segundo Czech, *Kalendarium*, os trens chegaram a Auschwitz nos dias 7 e 13 de maio.

108 IfZ, NG 4407, 29 de junho de 1943. O enviado Hanns Elard Ludin relatou em junho ao Ministério do Exterior que a "realização da evacuação dos judeus da Eslováquia no momento se encontra em um ponto morto".

109 Repr. in: Klarsfeld e Steinberg (ed.), *Endlösung*, p. 70.

110 Wetzel, "Frankreich und Belgien", p. 130.

111 CDJC, XXVII-17, Hagen para Röthke, 16 de junho de 1943, repr. in: Klarsfeld,*Vichy*, p. 535.

112 Ib., p. 256.

113 CDJC, XXVI-35, anotação de Hagen, 11 de agosto de 1943, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 550 e segs.; XXVI-36, anotação de Röthke, 15 de agosto de 1943, sobre as conversas do dia anterior, repr. in: Ib. p. 551 e segs.; ver também a descrição em Ib., p. 262 e segs.
114 CDJC, XXVII-33, carta do gabinete do chefe de Estado a Fernand de Brinon, representante do governo de Vichy em Paris, 24 de agosto de 1943, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 556; ver também a descrição em ib., p. 270.
115 Carta expressa do RSHA de 17 de outubro de 1939, repr. in IfZ, Dc 17.02, Erlasssammlung vorbeugende Verbrechensbekämpfung [coletânea de decretos para o combate preventivo da criminalidade]; ver Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 167 e segs.
116 Ib., p. 168.
117 Carta expressa de 27 de abril de 1940, assinada por Himmler, repr. in: IfZ, Dc 17.02, Erlasssammlung vorbeugende Verbrechensbekämpfung [coletânea de decretos para o combate preventivo da criminalidade]. Sobre as deportações de maio, ver Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 172 e segs.
118 Ib., p. 186, cita, nesse contexto, uma carta do gabinete do Governo-Geral de 3 de agosto de 1940, que se encontra no Arquivo do Estado de Lublin.
119 Ib., p. 186, de acordo com arquivos do Generallandesarchivs Karlsruhe [arquivo geral regional de Karlsruhe].
120 Para detalhes, ver Ib., p. 176 e segs.
121 BAB, NS 19/2655, 10 de outubro de 1941, resposta à carta de Uebelhoer de 4 de outubro (ib.); ver Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 223 e segs.
122 *Dienstkalender*.
123 Ib., 20 de abril de 1942, cita um decreto circular da BdO do Governo-Geral, do OA Moscou.
124 Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 275 e p. 315, cita a ordem do BdS Ostland de 19 de outubro de 1942 e enfatiza o papel de Himmler na disposição dessa medida.
125 Ib., p. 297 e seg.
126 IfZ, NO 1725, 16 de setembro de 1942; Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 297.
127 13 de outubro de 1942, decreto do Departamento de Polícia Criminal do Reich, repr. in: IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos para o combate preventivo da criminalidade.
128 Nota do Ministério da Alimentação do Reich, 14 de novembro de 1942, citada segundo Martin Luchterhandt, *Der Weg nach Birkenau. Entstehung und Verlauf der nationalsozialistischen Verfolgung der "Zigeuner"*, Lübeck, 2000, p. 239.
129 Ordem de Himmler de 16 de novembro de 1942, repr. in: IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos para o combate preventivo da criminalidade.
130 Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 305 e segs.
131 BAB, NS 19/180, carta de Bormann, 3 de dezembro de 1942.
132 Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 297.
133 A ata foi repr. in: Joachim S. Hohmann, *Robert Ritter und die Erben der Kriminalbiologie. "Zigeunerforschung" im Nationalsozialismus und in Westdeutschland im Zeichen des Rassismus*, Frankfurt/Main et al. 1991, p. 75 e segs., mas sem citação de fonte. Ver também Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 302 e seg., bem como Karola Fings, "Eine 'Wannsee-Konferenz' über die Vernichtung der Zigeuner? Neue Forschungsergebnisse zum 15. Januar 1943 und dem 'Auschwitz-Erlass'", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 15 (2006), p. 303-333.
134 IfZ, Dc 17.02, coletânea de decretos para o combate preventivo da criminalidade; ver Zimmermann, *Rassenutopie*, p. 303 e seg.
135 Ib., p. 305 e segs., sobre a prática da seleção.
136 Ib., p. 326 e segs.
137 Ib., p. 375.
138 Ib., p. 339 e segs.
139 Ib., p. 259 e segs.
140 Ib., p. 277 e segs.
141 Ib., p. 381 e segs.
142 Ib., p. 289 e segs.
143 Ib., p. 292.
144 Ib., p. 235 e segs.
145 Stein, *Geschichte*, p. 182 e segs.
146 BAB, NS 19/4010, 6 de outubro de 1943, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 162 e segs., citação na p. 179.
147 Wegner, *Politische Soldaten*, p. 275 e seg.
148 IfZ, NO 2015, "Volksdeutsche in der Waffen-SS", excerto do folheto informativo *Reichsleiterdienst*, edição de 28 de dezembro de 1943; ver Stein, *Geschichte*, p. 157.
149 *Das Schicksal der Deutschen in Rumänien*, ed. pelo Bundesministerium für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte [Ministério Federal para exilados, refugiados e prejudicados pela guerra], Berlim 1957, anexo 8, 147E; IfZ, NO 2236, acordo de 12 de maio de 1943.
150 Böhm, *Gleichschaltung*, p. 306 e segs.; Casagrande, "Prinz Eugen", p. 207 e segs.
151 *Schicksal der Deutschen*, 56E.
152 Ifz, NO 2213.
153 Spannenberger, *Volksbund*, p. 389 e segs.
154 PAA, Inland IIg 327, acordo de 22 de maio de 1943.
155 Ib., relatório sobre a 2ª ação da Waffen-SS, 8 de junho de 1943.
156 Spannenberger, *Volksbund*, p. 400.
157 BAB, NS 19/2133, ordem de Himmler de 29 de março de 1944.

158 Spannenberger, *Volksbund*, p. 412 e segs.
159 Stein, *Geschichte*, p. 157.
160 Casagrande, "Prinz Eugen", p. 204.
161 BAB, NS 19/319, Himmler para Phleps.
162 Stein, *Geschichte*, p. 162 e segs.; BAB, NS 19/2601, Himmler para Phleps, 13 de fevereiro de 1943, referente à formação da divisão. Sobre a história da divisão, ver em detalhe George Lepre, *Himmler's Bosnian Division. The Waffen-SS Handschar Division, 1943-1945*, Atglen, 1997.
163 NARA, T 175/111, Himmler para Kammerhofer, 1º de julho de 1943.
164 BAB, NS 19/2601, 6 de agosto de 1943; sobre esse assunto, ver também consulta a Berger sobre a opinião do grande mufti, 2 de julho de 1943, bem como resposta de Berger de 26 de julho de 1943 (ib.).
165 Ib., 26 de novembro de 1943.
166 Ib., Himmler a Berger, 24 de abril de 1943.
167 BAB, NS 19/4013, discurso perante a 13ª Divisão SS de Montanha, 11 de janeiro de 1944.
168 BAB, NS 19/4013, 26 de janeiro de 1944.
169 Stein, *Geschichte*, p. 164 e seg.
170 Ib., p. 166.
171 BAB, NS 19/2601, Himmler para Phleps, 10 de maio de 1944.
172 Sobre a formação das corporações bálticas, ver Stein, *Geschichte*, p. 157 e segs.
173 IfZ, NO 3301, RFSS ao Departamento Central da SS e ao quartel-general de operações das SS, 13 de janeiro de 1943.
174 Ib.
175 IfZ, NO 3300, Berger a Himmler, 11 de dezembro de 1942.
176 IfZ, NO 3379, Berger a Himmler, 17 de abril de 1943.
177 Stein, *Geschichte*, p. 160.
178 IfZ, NO 3044, comunicação de Jeckeln ao Ministério do Reich para os territórios ocupados do Leste, 2 de julho de 1944, de que ele expedira a ordem para convocar recrutas nascidos entre 1925 e 1926, na Letônia, e 1925, na Estônia; NO 4884, portaria sobre o recrutamento dos homens nascidos entre os anos de 1904 e 1923 para o serviço militar, 30 de janeiro de 1944 (Estônia); ver Stein,*Geschichte*, p. 160.
179 Ib., p. 160.
180 Ib., p. 167.
181 BAB, NS 19/4013, 16 de maio de 1944.
182 Stein, *Geschichte*, p. 166 e seg.
183 Ib., p. 168 e seg.
184 Helmut Heiber (ed.), *Hitlers Lagebesprechungen. Die Protokollfragmente seiner militärischen Konferenzen 1942-1945*, Stuttgart, 1962, p. 938 e segs.
185 BAB, NS 19/4014, discurso aos generais da Wehrmacht em 24 de maio de 1944 em Sonthofen, passagem repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 208 e seg.; ver Heinemann, "Rasse"p. 540 e seg.
186 BAB, NS 2/19, 28 de maio de 1944. Ver também BAB, NS 19/4014, discurso em Kochem, 25 de maio de 1944: "… é claro que esses homens não são homens da SS"; NARA T-175/111, Himmler para Jüttner, 7 de julho de 1942; Stein, *Geschichte*, p. 161.
187 BAB, NS 2/153, telex de 24 de janeiro de 1944, citado em: circular do chefe do RuSHA, Turner, 22 de fevereiro de 1944.
188 Aqui tratava-se das divisões "Prinz Eugen", "Horst Wessel" e da divisão de cavalaria; BAB, NS 2/154, Departamento Central da SS às centrais auxiliares, 24 de julho de 1944, fazendo referência ao decreto de Himmler de 27 de junho de 1944.
189 *SS en Nederland*, Doc. nº 349, anotação de Himmler de 3 de março de 1943; ver Wegner, *Politische Soldaten*, p. 313 e segs.
190 NARA, T 175/74, anotação de Himmler de 10 de fevereiro de 1943. Nessa nota trata-se da formação de mais uma divisão germânica, de nome "Waräger".
191 NARA, T 175/88, anotação de Brandt de 7 de setembro de 1943.
192 "Die Rede Himmlers vor den Gauleitern am 3. August 1944", documentada in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 1 (1953), p. 357-394, citação na p. 394.
193 Indicações em: *SS en Nederland*, Doc. nº 604, Himmler para Jüttner e Berger, 4 de dezembro de 1944, bem como doc. nº 434, nota de Himmler de 13 de julho de 1943.
194 A descrição precisa desse cargo no documento de nomeação era "ministro do Interior do Reich e da Prússia". Esse nome duplo usado para identificar os ministérios que foram unificados em 1934 já não era usado desde 1938; o fato de que a antiga denominação estava sendo reativada agora pode ser interpretado como um gesto em direção a Goering, que ainda atuava como primeiro-ministro prussiano. Sobre a nomeação e as funções, ver especialmente Dieter Rebentisch, *Führerstaat und Verwaltung im Zweiten Weltkrieg. Verfassungsentwicklung und Verwaltungspolitik 1939-1945*, Stuttgart 1989, p. 499 e segs.; Stephan Lehnstaedt, "Das Reichsministerium des Innern unter Heinrich Himmler 1943-1945", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 54 (2006), p. 639-672, bem como Birgit Schulze, "Heinrich Himmler, das Reichsministerium des Innern und das Verhältnis von Staat und Partei, 1943-1945", in: Klaus Möltgen (ed.), *Kriegswirtschaft und öffentliche Verwaltung im Ruhrgebiet 1939-1945*, Gelsenkirchen, 1990, p. 9-33.
195 *Tagebücher Goebbels*, 10 de agosto de 1943.
196 Neliba, *Frick*, p. 354 e segs.; BAB, R 43 II/136a, sobre o processo de nomeção.
197 *Tagebücher Goebbels*, 21 de agosto de 1943. Goebbels sugerira a Hitler, em 9 de agosto de 1943, que o Ministério do Interior fosse dividido e que Himmler fosse nomeado ministro da Polícia (Ib., 10 de agosto de 1943).
198 Ver Rebentisch, *Führerstaat*, p. 502, para mais detalhes.
199 Michael Fahlbusch, *Wissenschaft im Dienst der nationalsozialistischen Politik? Die "Volksdeutschen Forschungsgemeinschaften"*

*von 1931-1945*, Baden-Baden, 1999, p. 738 e segs.

200 Sobre o estilo de liderança de Himmler na qualidade de ministro do Interior do Reich, ver Rebentisch, *Führerstaat*, p. 508.

201 Tal reivindicação ele externou, por exemplo, em seus discursos de 4 e 6 de outubro de 1943 (BAB, NS 19/4010), bem como em sua fala durante a convenção dos chefes de administrações regionais em Breslau em 10 e 11 de janeiro de 1944 (anotação in: R 43 II/425a); isso foi oficializado em um decreto circular de 28 de outubro de 1943 (MBliV 1943, Sp. 1875); ver Rebentisch, *Führerstaat*, p. 509.

202 Observação feita no discurso de 6 de outubro de 1943 (BAB, NS 19/4010); ver Rebentisch, *Führerstaat*, p. 509 e seg.

203 Discursos de 4 e 6 de outubro de 1943 (BAB,NS 19/4010).

204 Hans Mommsen, "Ein Erlass Himmlers zur Bekämpfung der Korruption in der inneren Verwaltung vom Dezember 1944", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 16 (1968), p. 295-309. Também sobre isso Himmler já se manifestara em seu discurso de 6 de outubro de 1943.

205 Discurso durante a conferência dos prefeitos e governadores de 12 e 13 de fevereiro de 1944 em Posen. Ver também NS 19/4010, discurso de 4 de outubro de 1943, no qual afirma que "acabar com a corrupção e com o mau comportamento" faria parte de seus principais objetivos como ministro do Interior do Reich.

206 Esse termo-chave [fortalecimento da autonomia administrativa] ele já tinha anotado para usar em seu discurso de tomada de posse em 26 de agosto de 1943; ver também BAB, NS 19/4010, discurso de 6 de outubro de 1943. Sobre os acontecimentos que se seguiram, ver Rebentisch, *Führerstaat*, p. 503 e segs.

207 Ib., p. 503 e segs.; Longerich, *Stellvertreter*, p. 187 e segs.

208 Ver os seus discursos de 4 e 6 de outubro de 1943 (BAB,NS 19/4010), bem como a sua fala na convenção de prefeitos e governadores de 12 e 13 de fevereiro de 1944 em Posen (NS 19/3280); BAB, R 1501/1272, Stuckart para Kreiss, 14 de fevereiro de 1944. Por conseguinte, Himmler queria que a Ahnenerbe publicasse monografias com o título "Deutsche Bürgermeister als Träger des Reichsgedankens [prefeitos alemães como portadores do pensamento do Reich]".

209 Rebentisch, *Führerstaat*, p. 508.

210 Decretos do Führer de 1º de abril de 1944, in: *RGBl* 1944 I, p. 109 e segs.

211 BAB, R 43 II/364a, carta de Himmler a Lammers, 4 de setembro de 1944. Stuckart e Lammers chegaram a um acordo no sentido de não propor a suspensão, mas concordar com a proposta de Bormann de subordinar as circunscrições regionais do governo prussiano às circunscrições superiores (R 43II/656, esp. a reunião de 27 de setembro de 1944).

212 BAB, NS 19/1272, excerto do protocolo sobre a convocação para o serviço militar do comando do Governo-Geral, 18 de novembro de 1943.

213 A convenção dos chefes de administrações regionais é mencionada detalhadamente por Lehnstaedt, "Reichsministerium", com base em um protocolo até então desconhecido na literatura, preservado no Archiwum Akt Nowych em Varsóvia; um registro desse discurso se encontra em BAB, R 43 II/425a.

214 BAB, NS 19/3280.

215 Rebentisch, *Führerstaat*, p. 505 e seg.

216 *Tagebücher Goebbels*, 8 de novembro de 1943 e também 31 de janeiro de 1944.

217 Ib., 25 e 29 de fevereiro de 1944.

218 Ib., 20 de dezembro de 1943. Goebbels reagia aqui à suposta intenção de Himmler de fazer com que também o Ministério da Educação fosse subordinado.

219 Ib., 25 de janeiro de 1944. A respeito dos comentários críticos de Bormann sobre o aumento do poder de Himmler, ver também as anotações [de Goebbels] de 13 de março, bem como de 18 e 27 de abril de 1944.

220 Ib., 11 de maio de 1944.

221 Ver obs., p. 652 e segs.

222 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 226.

223 A DEST mandava fabricar componentes para aviões: para a Messerschmitt, em Flossenbürg e Mauthausen; para a Junkers, em Natzweiler, e para uma fábrica da Luftwaffe, no campo de concentração Herzogenbusch dos Países Baixos. Em Oranienburg, uma grande olaria foi transformada para passar a produzir granadas; embora Himmler exigisse que Pohl realizasse a transformação usando a "improvisação russa", a produção se manteve bastante aquém das expectativas (BAB, NS 19/443, Himmler para Pohl, 11 de março de 1944). As empresas alemãs Edelmöbel AG, em Butschowitz, e Deutschen Meisterstätten, em Praga, também fabricavam componentes para aviões. Com respeito à produção de armamentos nas empresas, ver Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 227 e segs.

224 BAB, NS 19/4010, discurso em Posen, 4 de outubro de 1943, também repr. como Doc. PS-1919, in: *IMT*, vol. 29, p. 110 e segs., citação p. 144.

225 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 234; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 483 e segs.

226 BAB, NS 19/1802, relatório do chefe do Departamento W-5 no WVHA, vistado por Himmler, sobre os testes realizados. Sobre o projeto Kok-Sagys, ver Gerlach, *Morde*, p. 1023 e segs.; Kaienburg, *Wirtschaft*, p. 847 e segs.; Susanne Heim, *Kalorien, Kautschuk, Karrieren. Pflanzenzüchtung und landwirtschaftliche Forschung in Kaiser-Wilhelm-Instituten 1933-1945*, Göttingen, 2003: especialmente p. 144 e segs.

227 BAB, NS 19/1802, carta de Himmler a Göring sobre a apresentação de 20 de fevereiro de 1943, 22 de março de 1943.

228 Ib., bem como anotação abrangente composta de seis itens. Sobre as instalações envolvidas na pesquisa de Kok-Sagys, ver Heim, *Kalorien*, p. 131 e segs.

229 BAB, NS 19/1802, nota para arquivo, 15 de abril de 1943; relatório sobre a conferência das partes interessadas no projeto Kok-Sagy para fabricação de borracha, realizada no Departamento Central da SS, 25 de junho de 1943.

230 BAB, NS 19/1802, Göring, 9 de julho de 1943.

231 Ib., telex de Himmler aos HSSPF, 21 de julho de 1943; anotação de Himmler de 7 de julho de 1943 sobre a criação da repartição

do responsável pelo projeto da borracha vegetal; carta de Himmler a Darré, 2 de agosto de 1943.
232 Heim, *Kalorien*, p. 172 e segs.
233 BAB, NS 19/1802, anotação sobre conversa com Himmler de 24 de julho de 1943.
234 Nos meses de verão e outono de 1943, ocorrera uma longa disputa entre ele e o governador-geral Frank, do qual acabou conseguindo regatear a autorização para 10 mil hectares (BAB, NS 19/1802); ver troca de correspondência no mesmo arquivo, bem como a anotação de Himmler de 22 de novembro de 1943.
235 BAB, NS 19/1802, breve resumo, 29 de março de 1944; de acordo com isso, no inverno de 1943-1944, 30 mil hectares haviam sido previstos para o projeto Kok-Sagys.
236 Ib., troca de correspondência com a *Deutsche Volksgruppe* na Romênia, *Landesbauernamt*.
237 Ib., carta de Brandt a Winkelmann, 28 de junho de 1944.
238 Ib., relatório do capitão de corveta Stahl sobre a viagem oficial de 15 a 27 de maio de 1944, 2 de junho de 1944. Stahl faz menção à conversa com Himmler de 20 de maio de 1944.
239 BAB, NS 19/1802, Backe a Himmler, 20 de dezembro de 1944. Backe pediu a autorização de Himmler para a redução das áreas, com o que Brand concordou em carta de 13 de janeiro de 1945.
240 Ib., Stahl, relatório sobre a viagem de serviço para o oeste da Ucrânia, 9 de novembro de 1943.
241 Ib., Backe a Himmler, 20 de dezembro de 1944.
242 Ib., carta de 14 de março de 1944. A previsão de colheita seria de apenas 150 a 300 toneladas por 10 mil hectares; inicialmente fora prevista uma quantidade superior a 600 toneladas.
243 Ib., 5 de abril de 1944.
244 Schulte, *Zwangsarbeit*, p. 392 e segs.; Orth, *System*, p. 175 e segs.
245 IfZ, NO 1523.
246 Orth, *System*, p. 192.
247 Michael J. Neufeld, *Die Rakete und das Reich. Wernher von Braun, Peenemünde und der Beginn des Raketenzeitalters*, Berlim, 1997, p. 21 e segs.; Heinz Dieter Hölsken, *Die V-Waffen. Entstehung, Propaganda, Kriegseinsatz*, Stuttgart, 1984, p. 40 e seg.
248 Neufeld, *Rakete*, p. 217 e segs.
249 Ib., p. 220; BAB, BDC, SS-O von Braun, que ingressara na SS em 1º de maio de 1940.
250 Neufeld, *Rakete*, p. 221 e segs.
251 Ib., p. 221 e segs. Também o desenvolvimento do foguete foi transferido para debaixo da terra, para galerias nos Alpes austríacos, que receberam o nome de "Zement"e que foram ampliadas sob a chefia de Kammler com a exploração do trabalho de prisioneiros dos campos de concentração (ib, p. 246 e seg.).
252 BAB, NS 19/1444; R 3/1583, carta de Himmler a Speer, 21 de agosto de 1943. Ver também Neufeld, *Rakete*, p. 241 e seg.
253 Resultado da reunião sobre armamento, de 15 a 20 de agosto de 1943, repr. in: Boelcke (ed.), *Deutschlands Rüstung*, p. 291.
254 Neufeld, *Rakete*, p. 258 e seg. Os dados se baseiam na descrição de Von Braun. Este afirmou, após o término da guerra, que fora convocado por Himmler em fevereiro de 1944 e que este lhe propusera deixar o desenvolvimento do programa do foguete a cargo da SS. Ele teria recusado. As perseguições que se seguiram teriam o objetivo de quebrar a sua resistência.
255 Ib., p. 260 e segs.
256 Ver o resumo de Rainer Fröbe, "Hans Kammler — Technokrat der Vernichtung", in: *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, ed. por Ronald Smelser e Enrico Syring, Paderborn etc., 2000, p. 305-319.
257 BAB, NS 19/4010, discurso em Posen, 4 de outubro de 1943, também repr. como Doc. PS-1919, in: *IMT*, vol. 29, p. 110 e segs., citação p. 145 e seg.
258 BAB, NS 19/4010, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 162 e segs., citação p. 169.
259 BAB, NS 19/2662.
260 Katrin Paehler, "Ein Spiegel seiner selbst. Der SD-Ausland in Italien", in: Michael Wildt (ed.), *Nachrichtendienst, politische Elite, Mordeinheit. Der Sicherheitsdienst des Reichsführers-SS*, Hamburgo 2003, p. 241-266. Sobre a previsão de Himmler, ver Josef Schröder, *Italiens Kriegsaustritt 1943. Die deutschen Gegenmassnahmen im italienischen Raum: Fall "Alarich" und "Achse"*, Göttingen et al., 1969, p.196.
261 Stein, *Geschichte*, p. 192 e seg.
262 Querg, *Spionage*, p. 311 e segs.
263 *ADAP*, Serie E, vol. 6, nº 311 de 11 de setembro de 1943.
264 Lutz Klinkhammer, *Zwischen Bündnis und Besatzung. Das nationalsozialistische Deutschland und die Republik von Salò 1943-1945*, Tübingen, 1993, p. 117 e seg.
265 Ib., p. 120 e segs.
266 BAB, NS 19/1881, ordem de 31 de agosto de 1943; ver Klinkhammer, *Bündnis*, p. 356.
267 BAB, NS 19/1881, instrução de Himmler de 2 de outubro de 1943; ver Klinkhammer, *Bündnis*, p. 357.
268 BAB, R 70 Italien, vol. 5, anotação para o SS-Sturmbannführer Wenner de 13 de fevereiro de 1944; ver Klinkhammer, *Bündnis*, p. 364. Stein, *Geschichte*, p. 270, menciona a formação de uma divisão Waffengrenadier (italiana nº 1) em abril de 1945.
269 Sobre a perseguição aos judeus na Itália a partir de setembro de 1943, ver Liliana Picciotto Fargion, "Italien", in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 199-227; Michaelis, *Mussolini*, p. 342 e segs.; Klinkhammer, *Bündnis*, p. 530 e segs.
270 Sobre as atividades de Dannecker na Itália, ver Steuer, *Dannecker*, p. 113 e segs.
271 PAA, Inland IIg 192, anotação para palestra de Wagner de 4 de dezembro de 1943, repr. in: *ADAP*, Serie E, vol. 7, p. 111.
272 Ib.
273 Fargion, "Italien", p. 215 e segs.
274 Ib., p. 206 e p. 222 e seg.

275 Ver Fleischer, *Griechenland*, p. 260 e segs.
276 Ver as memórias de Errikos Sevillias, *Athens — Auschwitz*, Atenas, 1983. Em abril, houve, de resto, uma "ação" correspondente na Albânia, na qual foram detidos e deportados em torno de trezentos judeus via Belgrado para Bergen-Belsen [Gerhard Grimm, "Albanien", in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 229-239, p. 237].
277 Fleischer, *Griechenland*, p. 265 e segs.
278 Sundhaussen, "Jugoslawien", p. 325.
279 Sobre a política judaica alemã na França após a derrocada da Itália, ver Klarsfeld, *Vichy*, p. 276 e segs.; Jonathan Steinberg, *Deutsche, Italiener und Juden. Der italienische Widerstand gegen den Holocaust*, Göttingen,1992, p. 206 e segs.; Zuccotti, *Holocaust*, p. 180 e segs.
280 Klarsfeld, *Vichy*, p. 278 e segs.; Zuccotti, *Holocaust*, p. 181 e segs.
281 Ver acima p.194 e segs.
282 Klarsfeld, *Vichy*, p. 289.
283 Ib., p. 298 e segs.; Zuccotti, *Holocaust*, p. 190 e segs.
284 Com respeito à reorganização do governo, ver Eberhard Jäckel, *Frankreich in Hitlers Europa. Die deutsche Frankreichpolitik im Zweiten Weltkrieg*, Stuttgart, 1966, p. 293 e seg.
285 CDJC, CXXXII-56, repr. in: Klarsfeld, *Vichy*, p. 574 e segs.; Zuccotti, *Holocaust*, p. 197 e segs.
286 Klarsfeld, *Vichy*, p. 320. Números citados na literatura e um pouco divergentes encontram-se em Wetzel, "Frankreich und Belgien", p. 132 e seg.
287 Sobre o salvamento dos judeus dinamarqueses, ver Herbert, *Best*, p. 360 e segs.; Leni Yahil, *The Rescue of Danish Jewry: Test of a Democracy*, Filadélfia 1969; Hans Kirchhoff, "SS-Gruppenführer Werner Best and the Action Against the Danish Jews — October 1943", in: *Yad Vashem Studies* 24 (1994), p. 195-222. Sobre a divulgação das informações acerca das iminentes deportações, ver Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 183 e seg.
288 Braham, *Politics*, p. 250 e segs.
289 Em discurso proferido em fins de maio de 1943, Kállay deixou claro que, embora ele encarasse a "completa emigração" do judaísmo como a Solução Final, só trataria dela quando tivesse "a resposta sobre o local para onde os judeus seriam enviados" (*Donauzeitung* de 1º de junho de 1943, cf. Hilberg, *Vernichtung*, p. 883 e seg.).
290 Braham, *Politics*, p. 381 e segs.; sobre a organização da administração da ocupação, ver ib., p. 406 e segs.
291 Ib., p. 396 e segs.
292 Christian Gerlach e Götz Aly, *Das letzte Kapitel. Realpolitik, Ideologie und der Mord an den ungarischen Juden 1944/1945*, Stuttgart/Zurique 2002, p. 259.
293 Braham, *Politics*, p. 510 e segs. e p. 446 e segs.
294 Ib., p. 674 e segs.
295 Ib., p. 850 e segs.
296 Ib., p. 1205 e segs.
297 Telegrama de Veesenmayer a Ribbentrop, 6 de julho de 1944, repr. in: *ADAP*, Serie E, vol. 8, nº 101.
298 BAB, NS 19/4013.
299 BAB, NS 19/4014, passagem repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 203.
300 BAB, NS 19/4014, passagem repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 203.

**Colapso**

1 Bernhard Kroener, *"Der starke Mann im Heimatkriegsgebiet" — Generaloberst Friedrich Fromm. Eine Biographie*, Paderborn et al. 2005, fala do "monopólio da força na terra natal" (p. 658).
2 Em janeiro de 1944, foram presos os integrantes do Círculo de Solf, bem como James Graf von Moltke; em março de 1944, foi a vez de Hartmut Plaas e, em 20 de julho de 1944, a prisão de Goerdeler e Beck era iminente.
3 Essa foi a conclusão da análise minuciosa conduzida por Johannes Tuchel: "Heinrich Himmler und die Vorgeschichte des 20. Juli 1944" (manuscrito), que o autor generosamente colocou à minha disposição. Todas as afirmações divergentes disponíveis na literatura constituem mera especulação; ver, por exemplo, Yehuda Bauer, *Freikauf von Juden? Verhandlungen zwischen dem nationalsozialistischen Deutschland und jüdischen Repräsentanten von 1933 bis 1945*, Frankfurt/Main, 1996, p. 173 e segs.
4 BAB, NS 19/4015.
5 "Die Rede Himmlers vor den Gauleitern am 3. August 1944", documentada in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 1 (1953), p. 357-394, esp. p. 375 e seg. Em seu discurso, Himmler mencionou também uma conversa que tivera com Popitz em 26 de agosto de 1943. Destacou que suspeitava que Popitz integrasse a oposição conservadora e que por isso obtivera a aprovação de Hitler para essa conversa.
6 Sobre o fim da tentativa de golpe de estado, ver Kroener, *Fromm*, p. 669 e segs.; Peter Hoffmann, *Widerstand, Staatsstreich, Attentat. Der Kampf der Opposition gegen Hitler*, 3ª ed., Munique, 1979, p. 627.
7 Ulrike Hett e Johannes Tuchel, "Die Reaktionen des NS-Staates auf den Umsturzversuch vom 20. Juli 1944", in: Peter Steinbach e Johannes Tuchel (ed.), *Widerstand gegen den Nationalsozialismus*, Bonn, 1994, p. 377-389, p. 378.
8 BAB, NS 19/1447.
9 Hett und Tuchel, "Reaktionen", p. 379.
10 Ib., p. 383 e segs.
11 BAB, NS 6/3, Kaltenbrunner para Bormann.
12 BAB, R 58/1027.

13 BAB, NS 19/1447; Jürgen Zarusky, “Von der Sondergerichtsbarkeit zum Endphasenterror. Loyalitätserzwingung und Rache am Widerstand im Zusammenbruch des NS-Regimes”, in: Cord Arendes (ed.), *Terror nach innen. Verbrechen am Ende des Zweiten Weltkrieges*, Göttingen, 2006, p. 103-121.
14 Winfried Meyer, “Aktion ‘Gewitter’. Menschenopfer für Macht und Mythos der Gestapo”, in: *Dachauer Hefte* 21 (2005), p. 3-20, bem como Hett e Tuchel, “Reaktionen”, p. 382 e seg. As respectivas instruções de Müller encontram-se em BAB, R 58/775. Em virtude de um erro de grafia, a ação por vezes também foi denominada “Aktion Gitter”.
15 Zarusky, “Sondergerichtsbarkeit”, p. 113.
16 BAB, NS 33/7, ata da reunião de 15 de julho de 1943. Dois dos três novos Generalkommandos, incluindo os grupos de direção e suporte subordinados a eles, foram formados com a ajuda do Exército; ver Andrea Kunz,*Wehrmacht und Niederlage. Die bewaffnete Macht in der Endphase der nationalsozialistischen Herrschaft 1944 bis 1945*, Munique, 2005, p. 123 e seg.
17 *RGBl* 1944 I, p. 161.
18 Segundo decreto sobre o poder de comando em uma região de operações dentro do Reich, 20 de setembro de 1944, repr. in: “Führer-Erlasse”, nº 363. Depois disso, o poder executivo dos militares se restringiu às zonas de combate propriamente ditas. Este decreto deve ser visto em conjunto com o segundo decreto do Führer sobre a cooperação entre o partido e a Wehrmacht em uma área de operações dentro do Reich, baixado no mesmo dia (Ib., nº 362).Em 13 de julho, por meio de decreto sobre a cooperação entre o partido e a Wehrmacht em uma área de operações dentro do Reich, Hitler já havia ampliado as competências dos *Gauleiter*, mas somente no que respeitava às questões do partido (Ib. nº 337).
19 Kroener, *Fromm*, p. 714.
20 BAB, NS 19/3910, 26 de julho de 1944.
21 BAB, NS 19/4015.
22 Ib., discurso proferido em Grafenwöhr, 25 de julho de 1944, bem como discurso no local de treinamento da tropa, em Bitsch, 26 de julho de 1944.
23 “Die Rede Himmlers vor den Gauleitern am 3. August 1944”, documentada in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 1 (1953), p. 357-394, citação na p. 371.
24 BAB, NS 19/4043, 2 de agosto de 1944; ver Kroener, *Fromm*, p. 712 e segs.; Kunz, *Wehrmacht*, p. 109.
25 BAB, NS 19/3191, Pohl para Himmler, 17 de agosto de 1944, bem como resposta de 19 de agosto de 1944.
26 Ib., 13 de outubro de 1944; ver Kunz, *Wehrmacht*, p. 126 e seg.
27 Ib., p. 122 e segs.
28 BAB, NS 19/2409, carta de Berger a Himmler, 1º de agosto de 1944.
29 Kunz, *Wehrmacht*, p. 125 e seg.
30 BAB, NS 19/4010, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 162 e segs., citação na p. 164.
31 Matthias Schröder, *Deutschbaltische SS-Führer und Andrej Vlasov 1942-1945. “Russland kann nur von Russen besiegt werden”: Erhard Kroeger, Friedrich Buchardt und die “Russische Befreiungsarmee”*, Paderborn et al., 2001, p. 156. Sobre o papel militar do exército de Wlassow, ver Joachim Hoffmann, *Die Tragödie der “Russischen Befreiungsarmee” 1944/45. Wlassow gegen Stalin*, Munique: 2003.
32 Schröder, *SS-Führer*, p. 192 e segs.
33 Ib., p. 198.
34 Ib., p. 206 e segs.
35 Norbert Haase, “Justizterror in der Wehrmacht am Ende des Zweiten Weltkrieges”, in: Cord Arendes (ed.), *Terror nach innen. Verbrechen am Ende des Zweiten Weltkrieges*, Göttingen, 2006, p. 80-102.
36 Ordem de 5 de setembro de 1944, citado segundo Haase, “Justizterror”, p. 81 (original no arquivo federal na Zentralnachweisstelle).
37 Segundo Klaus-Dietmar Henke, *Die amerikanische Besetzung Deutschlands*, 2ª ed., Munique, 1996, p. 812.
38 Neufeld, *Rakete*, p. 287 e segs.; a instrução está reproduzida em fac-símile (p. 289).
39 Ib., p. 295.
40 Ver estatística em Hölsken, *V-Waffen*, p. 163.
41 BAB, NS 19/4015, pronunciamento diante do corpo de oficiais de uma divisão de granadeiros no local de treinamento da tropa, em Bitsch, em 26 de julho de 1944, repr. in: Himmler, *Geheimreden*, p. 215 e segs., citação na p. 231 e seg.
42 Churchill declarou a esse respeito à Câmara dos Comuns que o número de mortos resultante dos ataques alemães fora de 2.752 no início de julho (ib. p. 232, nota 44).
43 *Tagebücher Goebbels*, 24 de agosto de 1944.
44 Kunz, *Wehrmacht*, p. 129.
45 Dok. D-762 repr. (junto com os decretos regulamentares de Keitel de 18 de agosto in: *IMT*, vol. 35, p. 503 e segs.).
46 Bohn, *Reichskommissariat*, p. 110 e seg.
47 Meershoek, “Machtentfaltung”, p. 401.
48 Hirschfeld, *Fremdherrschaft*, p. 38.
49 Thomsen, *Besatzungspolitik*, p. 206 e segs.
50 Ib., p.193 bem como p. 210 e seg.
51 BAB, NS 19/4015.
52 Lipscher, *Juden*, p. 178 e seg.; Gila Fatran, “Die Deportation der Juden aus der Slowakei 1944-1945”, in: *Bohemia* 37 (1996), p. 99-119, p. 116 e segs.
53 Braham, *Politics*, p. 890 e segs.
54 PAA, Inland IIg 210, legação de Budapeste ao Ministério do Exterior, 19 de agosto de 1944, repr. in: *ADAP*, série E, vol. 8, nº 167. Sobre os acontecimentos de agosto, ver Braham, *Politics*, p. 911 e segs.
55 PAA, Inland IIg 210, Veesenmayer ao Ministério do Exterior, 24 de agosto de 1944.

56 PAA, Inland IIg 209, Veesenmayer a Ribbentrop, 25 de agosto de 1944, repr. in: Randolph L. Braham (ed.), *The Destruction of Hungarian Jewry. A Documentary Account*, 2 vols., Nova York, 1963, nº 214.
57 Braham, *Politics*, p. 916.
58 A visão de Bauer, *Freikauf*, p. 347, de que a ordem de suspensão de Himmler de 24 de agosto de 1944 estaria relacionada com o início das negociações entre Kurt Becher e Saly Mayer na Suíça, em 21 de agosto, nas quais se tratava de uma possível libertação de judeus contra o pagamento em moeda estrangeira ou remessa de mercadorias, não pôde ser comprovada.
59 Braham, *Politics*, p. 947 e segs.
60 Nessa época, a decisão de desmontar as instalações de extermínio em Auschwitz ou já havia sido tomada ou estava em via de ser tomada: Czech, *Kalendarium*, menciona, a esse respeito, as datas de 31 de outubro de 1944 (última morte por gás) e 25 de novembro de 1944 (início da demolição dos crematórios).
61 Relatório de Veesenmayer ao Ministério do Exterior, 18 de outubro de 1941, repr. in: *ADAP*, série E, vol. 8, nº 275. Eichmann se ateve a essa intenção ao menos até meados de novembro (PAA, Inland IIg 209, comunicação de Veesenmayer de 13 de novembro de 1944).
62 Braham, *Politics*, p. 957 e segs.
63 Ib., p. 976 e segs.
64 Alexandra-Eileen Wenck, *Zwischen Menschenhandel und "Endlösung". Das Konzentrationslager Bergen-Belsen*, Paderborn et al., 2000, p. 78 e segs.
65 *Dienstkalender*, 10 de dezembro de 1942. O registro de Himmler diz: "4. campo especial para judeus com parentes nos Estados Unidos. 5. Deportação dos judeus — soltura em troca de divisas — não sou a favor — têm mais importância como reféns." Em relação ao mote "soltura em troca de divisas" Himmler tinha, aparentemente como resultado da conversa, incluído as palavras "de fora". Em uma anotação do mesmo dia, ele registrou que Hitler lhe concedera a autorização para a "soltura de judeus em troca de divisas", caso possam "trazer um montante notável [sic!] em divisas vindas de fora", citado conforme *Dienstkalender*, p. 639. A respeito da instalação dos campos especiais, ver BAB, NS 19/2159, RFSS para Müller, dezembro de 1942.
66 Wenck, *Menschenhandel*, p. 102 e segs.
67 Bauer, *Freikauf*, p. 149 e segs.
68 Wenck, *Menschenhandel*, p. 289 e segs.; Bauer, *Freikauf*, p. 231 e segs.; Braham, *Politics*, p. 1069 e segs.
69 Wenck, *Menschenhandel*, p. 294; Braham, *Politics*, p. 733 e segs. e p. 1088 e segs.; Bauer, *Freikauf*, p. 309 e segs.
70 Ib., p. 353 e seg.
71 É como ele se expressou perante Bernadotte (PRO, Prem 3/197/6, embaixador Mallet ao Foreign Office a respeito do relatório confidencial de Bernadotte, 13 de abril de 1945) e perante o seu interlocutor judeu Masur (ver nota 144). Antes da conversa com Masur, Schellenberg sugerira a Himmler que seria bom "se ele demonstrasse que, com as suas medidas, estaria confrontando abertamente e desobedecendo Hitler e ao séquito ao seu redor, que era isso que Himmler deveria fazer agora como reparação pelo seu comportamento pessoal". (Ifz, Ed 90/7, Schellenberg-Manuskript [manuscrito de Schellenberg], p. 51.)
72 Orth, *System*, p. 272 e seg.
73 Em relação à desocupação dos campos de concentração e às marchas para a morte, ver Ib. p. 270 e segs.; Daniel Blatman, "Die Todesmärsche — Entscheidungsträger, Mörder und Opfer", in: Ulrich Herbert (ed.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, vol. 2, Göttingen, 1998, p. 1063-1092; Yehuda Bauer, "The Death Marches, January — May 1945", in: Michael R. Marrus (ed.), *The Nazi Holocaust. Historical Articles on the Destruction of European Jews*, vol. 9: *The End of the Holocaust*, Westport etc., 1989, p. 491-511.
74 Angrick e Klein, "*Endlösung*", p. 419 e segs.; Christoph Dieckmann, "Das Ghetto und das Konzentrationslager in Kaunas 1941-1944", in: Ulrich Herbert (ed.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, vol. 1, Göttingen, 1998, p. 439-471, p. 458; Streim, "Konzentrationslager", p. 184.
75 Angrick und Klein, "*Endlösung*", p. 436 e segs.
76 Orth, *System*, p. 282 e segs.; Angrick e Klein, "*Endlösung*", p. 442 e segs.
77 Orth, *System*, p. 271 e segs.
78 Ib., p. 276 e segs.; Andrzej Strzelecki, "Der Todesmarsch der Häftlinge aus dem KL Auschwitz", in: Ulrich Herbert (ed.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, vol. 2, Göttingen, 1998, p. 1093-1112.
79 *Tagebücher Goebbels*, 2, 3 e 4 de setembro de 1944.
80 BAB, NS 19/4015, 21 de setembro de 1944.
81 A *Landwacht* e a *Stadtwacht* foram criadas por meio de decreto pelo RFSS em 17 de janeiro de 1942 e 9 de novembro de 1942, respectivamente (BAB, NS 6/338, circular da Chancelaria do partido de 9 de dezembro de 1942, Nº 192/42). Ver Rudolf Absolon, *Die Wehrmacht im Dritten Reich*, vol. 6: *19. Dezember 1941 bis 9. Mai 194*5, Boppard a. Rh., 1995, p. 72 e seg., bem como Klaus Mammach, *Der Volkssturm. Das letzte Aufgebot 1944/45*, Colônia, 1981, p. 31.
82 Ib., p. 32.
83 Repr. in: Ib. p. 168 e segs. O decreto era datado de 25 de setembro de 1944.
84 BAB, NS 19/4015, discurso de 21 de setembro de 1944.
85 BAB, NS 19/4016.
86 Mammach, *Volkssturm*, p. 54.
87 Ver Mammach, *Volkssturm*, p. 56 e seg.; ver também Franz W. Seidler, "*Deutscher Volkssturm*". *Das letzte Aufgebot 1944/45*, Munique/Berlim, 1989, p. 56 e segs.
88 Repr. in: Mammach, *Volkssturm*, p. 60 e seg.
89 Ib., p. 57 e seg.
90 Henke, *Besetzung*, p. 128 e segs.; Mammach, *Volkssturm*, p. 134.
91 Ib., p. 62 e segs.

92 Ib., p. 63.
93 Ib., p. 70 e seg e p. 108 e seg.
94 Ib., p. 72 e seg.
95 Ib., p. 110 e segs.
96 Henke, *Besetzung*, p. 131; Mammach, *Volkssturm*, p. 34 e seg.
97 BAB, NS 19/4016.
98 A estimativa mais antiga foi reproduzida, por exemplo, em Henke, *Besetzung*, p. 943 e segs. Sobre a reavaliação desse quadro, ver especialmente Perry Biddiscombe, *Werwolf! The History of the National Socialist Guerrilla Movement, 1944-1946*, Toronto 1998; ver também Cord Arendes, "Schrecken aus dem Untergrund. Endphaseverbrechen des 'Werwolf'", in: Ib. (ed.), *Terror nach innen. Verbrechen am Ende des Zweiten Weltkrieges*, Göttingen, 2006, p. 149-171.
99 Tribunal Regional de Aachen, veredito de 22 de outubro de 1949, repr. in: *Justiz und NS-Verbrechen*, vol. 5, Amsterdã 1970, nº 173.
100 Rainer Mennel, *Die Schlussphase des Zweiten Weltkrieges im Westen (1944/45). Eine Studie zur politischen Geographie*, Osnabrück 1981, p. 317 e segs.
101 Karl Volk, "'Gell, seller B'suech! Heinrich Himmler in Triberg'", in: *Die Ortenau 1997*, p. 509-538; ver também BAB, NS 19/1793, visão geral das datas de reuniões.
102 Ib.
103 *Tagebücher Goebbels*, 20 de janeiro de 1945.
104 Ib., 22 de janeiro de 1945.
105 Ib., 23 de janeiro de 1945.
106 BAM, N 265/127, anotações do coronel do estado-maior geral, Eismann: como Ia do grupo de Exército "Vístula", Historical Divison, US Army. Agradeço a Andreas Kunz pela indicação desse documento.
107 BAB, NS 19/4015, discurso em Grafenwöhr, 25 de julho de 1944.
108 Kunz, *Wehrmacht*, p. 281, cita telex de Himmler a Fegelein, 30 de janeiro de 1945.
109 Mammach, *Volkssturm*, p. 81.
110 *Tagebücher Goebbels*, 8 de fevereiro de 1942.
111 BAM, N 265/127, anotações do coronel Eismann.
112 Kunz, *Wehrmacht*, p. 236 e segs.
113 Hans-Dieter Schmid, Die Geheime Staatspolizei in der Endphase des Krieges, in: *Geschichte in Wissenschaft und Unterricht* 51,9 (2000), p. 528-539.
114 Kershaw, *Hitler*, vol. 2, 1936-1945, Stuttgart 2000, p. 948 e seg.; *Tagebücher Goebbels*, 20, 21 e 23 de setembro (esta também é a data do texto do memorando).
115 Hansjakob Stehle, "Deutsche Friedensfühler bei den Westmächten im Februar/März 1945", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 30 (1982), p. 538-555, aqui p. 538, baseado em Pierre Blet et al. (ed.), *Actes et documents du Saint Siège relatifs à la Seconde Guerre mondiale*, vol. 11, Cidade do Vaticano, 1981, nº 371.
116 BAB, NS 19/1447.
117 PRO, HW 1/3196.
118 PAA, Inland IIg 6a, Kaltenbrunner a Wagner (AA), 9 de maio de 1944. Kaltenbrunner pôs à disposição de Wagner uma transcrição da carta, escrita havia uns três meses, para que fosse aproveitada "na política externa, em caso de necessidade".
119 Pode ser que se tratasse de um telegrama não destinado a Churchill que o serviço de escuta britânico possivelmente captara. Mas neste caso fica pouco claro por que Churchill mandou destruir o escrito.
120 *Tagebücher Goebbels*, 23, 26 e 28 de janeiro; 1, 12 e 13 de fevereiro; 5, 12 e 22 de março de 1945.
121 Ib., 5 de março de 1945.
122 Ib., 8 de março de 1945.
123 Ib., 12 de março de 1945.
124 Ib., 15 e 16 de março de 1945.
125 Ib., 14 de março de 1945.
126 Ib., 15 de abril de 1945.
127 Ib., 16 de março de 1945.
128 Ib., 22 de março de 1945.
129 BAM, N 265/127, anotações do coronel Eismann.
130 Sobre essa ordem de remoção da faixa nas mangas, ver *Tagebücher Goebbels*, 28 de março de 1945; Messenger, *Gladiator*, p. 168.
131 O acordo Kersten-Himmler não está disponível no original; ele só existe por meio do relato de Kersten (Kersten, *Totenkopf*, p. 343). Aparentemente, um documento equivalente foi assinado em 12 de março de 1945. Esse documento, no entanto, diferentemente de outros exemplares da correspondência entre Kersten e Himmler, não foi reproduzido em forma de fac-símile por Kersten. Na página 353 encontra-se meramente o fac-símile de uma carta de Kersten a Himmler de 20 de março de 1945, na qual ele enumera mais uma vez os pontos do acordo.
132 Também em relação a Bernadotte (transmitido pelo chefe do Serviço Secreto Walter Schellenberg), ver Folke Bernadotte, *Das Ende. Meine Verhandlungen in Deutschland im Frühjahr 1945 und ihre politischen Folgen*, Zurique/Nova York, 1945, p. 71, bem como em relação ao antigo presidente suíço Musy (IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 30). As declarações de Schellenberg figuram entre as fontes mais importantes dessa última fase. Após a capitulação da Alemanha, Schellenberg, que se engajara fortemente na libertação de prisioneiros escandinavos e outros, permaneceu inicialmente na Suécia, onde redigiu um relatório sobre os eventos dos meses anteriores. Nessa época, manteve-se em contato com Bernadotte; ver o "Final Report" sobre Schellenberg, preparado pelo Serviço Secreto Britânico em 1945, repr. in: Reinhard R. Doerries, *Hitler's Last Chief of Foreign Intelligence. Allied Interrogations of Walter Schellenberg*, Londres etc., 2003, p. 200 e seg. Durante o interrogatório conduzido pelo Serviço Secreto

britânico em Londres, em 1945, após a sua permanência na Suécia, Schellenberg se apoiou fortemente em seu manuscrito inicial e, nisso, soou de tal modo convincente que a sua exposição dos fatos foi largamente adotada no "Final Report" dos britânicos. Na prisão — ele foi condenado a seis anos de detenção, tendo sido libertado em 1950 —, escreveu suas memórias, que foram publicadas em tradução para o inglês. Os capítulos finais dessas memórias são, uma vez mais, parcialmente idênticos ao relatório redigido em 1945. Assim, de modo geral, as declarações de Schellenberg são coerentes entre si. No entanto, a pergunta que se coloca, naturalmente, é em que medida ele não estaria exagerando a sua influência cada vez maior sobre Himmler ao final da guerra, no sentido de que este finalmente atuasse de modo ativo para dar um fim aos conflitos, com o objetivo de criar para si mesmo uma posição sustentável de defesa.

133 IfZ, NO 1210, declaração de Höss, 14 de março de 1946; Orth, *System*, p. 303.

134 Foi o que informou a Embaixada Britânica ao *Foreign Office*, em carta de 27 de março de 1945 (PRO, FO 188/526).

135 Bernadotte, *Ende*, p. 32 e segs.; "Final Report", repr. in: Doerries, *Chief*, p. 167 e segs.; IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 17 e seg. e p. 22 e seg.

136 Bauer, *Freikauf*, p. 380 e segs.; sobre a problemática da divergência existente na literatura quanto ao número de judeus que foram salvos, ver Steven Koblik, *The Stones Cry Out. Sweden's Response to the Persecution of the Jews 1933-1945*, Nova York, 1988, p. 138 e seg.

137 Bernadotte, *Ende*, p. 33.

138 PRO, FO 188/526, do Enviado em Estocolmo para o *Foreign Office*, 27 de março de 1945, com a carta anexada. Uma cópia fiel da carta foi publicada in: Kersten, *Totenkopf*, p. 358.

139 PRO, FO 954/23B, anotação para o primeiro-ministro, 14 de abril de 1945. Sobre o encontro, ver também Bernadotte, *Ende*, p. 66 e segs.; IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 35 e seg.

140 PRO, Prem 3/197/6, Mallet ao *Foreign Office*, 13 de abril de 1945.

141 Bernadotte, *Ende*, p. 69 e segs.; IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript [manuscrito de Schellenberg], p. 56.

142 Lutz Graf Schwerin von Krosigk, *Memoiren*, Stuttgart 1977, p. 239; "Final Report", repr. in: Doerries, *Chief*, p. 176.

143 Wenck, *Menschenhandel*, p. 374 e segs.; sobre a estimativa do número de vítimas, ver Eberhard Kolb, *Bergen-Belsen. Geschichte des "Aufenthaltslagers" 1943-1945*, Hannover, 1962, p. 308 e segs.; dentre a volumosa literatura britânica sobre a libertação de Bergen-Belsen, destaque-se Joanne Reilly, *Belsen. The Liberation of a Concentration Camp*, Londres/Nova York, 1998.

144 PRO, FO 188/526, Relatório Masur. Uma versão mais longa do relatório, do qual foram obtidos diversos detalhes, foi publicada por Masur na Suécia em 1945 sob o título: *En jude talar med Himmler.* Uma versão manuscrita em alemão se encontra em USHMM, A-000786; além disso, na tradução (reversa) de Hauke Siemen como "Ein Jude spricht mit Himmler", in: Niklas Günther e Sönke Zankel (ed.), *Abrahams Enkel. Juden, Christen, Muslime und die Schoa*, Stuttgart, 2006, p. 133-144. Sobre a conversa, ver também IfZ, ED 90/7, p. 48 e seg.; "Final Report", repr. in: Doerries, *Chief*, p. 176 e segs.; Kersten, *Totenkopf*, p. 371 e segs.

145 Bernadotte, *Ende*, p. 76 e seg.; IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 53 e segs.; "Final Report", repr. in: Doerries, *Chief*, p. 179.

146 PRO, WO 208/4474, relatório sobre o interrogatório de Grothmann, 13 de junho de 1945.

147 PRO, FO 954/32, telegrama de Churchill a Stalin, 25 de abril de 1945, que reproduz o relatório do chefe da missão britânica em Estocolmo.

148 IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 63 e segs.; "Final Report", repr. in: Doerries, *Chief*, p. 184 e segs.; Bernadotte, *Ende*, p. 78 e segs.

149 Karl Dönitz, *Zehn Jahre und zwanzig Tage*, Bonn 1958, p. 431.

150 IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 73 e segs.

151 Charles de Gaulle, *Memoiren 1942 — 46. Die Einheit, das Heil*, Düsseldorf, 1961, p. 456 e seg.

152 Politisches Testament Hitlers [Testamento político de Hitler], repr. in: *Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht*, vol. 4: *1. Januar 1944 — 22. Mai 1945*, Frankfurt/Main, 1961, p. 1666 e seg., citação na p. 1667.

153 Ver ponderações sobre isso em Reimer Hansen, *Das Ende des Dritten Reiches. Die deutsche Kapitulation 1945*, Stuttgart 1966, p. 50 e seg.

154 Wenck, *Menschenhandel*, p. 374 e segs.

155 Sobre a libertação dos campos de concentração, para uma visão geral, ver Orth, *System*, p. 305 e segs.

156 Ib., p. 335.

157 Tagebuch, USHMM, Archiv, Acc. 1999.A.0092, 16 de janeiro de 1945.

158 Ib., 2 de fevereiro de 1945.

159 Ib., 21 de fevereiro de 1945.

160 PRO, W0204/12603; como se depreende desse arquivo, o local exato da permanência foi o *Internee Camp "R", 334 PWE*. Ver também o relatório do major Wedekind, *CSDIC Sub-Centre, 15 Army Group*, 22 de maio de 1945, no mesmo arquivo. Em uma entrevista publicada em 13 de julho de 1945 no *Giornale del Mattino* consta que ela, na ocasião, vivia em uma mansão nos arredores de Roma. Em setembro, mãe e filha foram embarcadas num avião de volta para a Alemanha.

161 BAK, NL 1126/37, carta de 30 de dezembro de 1944, bem como de 5, 11 e 12 de janeiro de 1945.

162 PRO, HW 1/3741, Himmler a Kaltenbrunner, 30 de abril de 1945.

163 Marlis G. Steinert, *Die 23 Tage der Regierung Dönitz*, Düsseldorf: 1967, p. 77; as informações sobre esse encontro se baseiam nas declarações de Dönitz, *Zehn Jahre*, p. 432 e seg. Sobre a visita, ver também "Final Report", repr. in: Doerries, *Chief*, p. 192.

164 Steinert, *23 Tage*, p. 141; Dönitz, *Zehn Jahre*, p. 435 e segs.

165 Steinert, *23 Tage*, p. 143; Dönitz, *Zehn Jahre*, p. 461; o ajudante de Dönitz cita, nesse contexto, trechos de uma outra anotação do grande almirante: Walter Lüdde-Neurath, *Regierung Dönitz. Die letzten Tage des Dritten Reiches*, 3ª ed. substancialmente ampliada, Göttingen, 1964, p. 89 e seg.

166 Ib., p. 90 e seg. (entre outras coisas, sobre os planos de desaparecer); Schwerin von Krosigk, *Memoiren*, p. 90 e seg.

167 Bernadotte, *Ende*, p. 76 e seg, e p. 80.
168 IfZ, ED 90/7, Schellenberg-Manuskript, p. 68 e p. 78.
169 PRO, WO 208/4474, relatório sobre o interrogatório de Grothmann, 13 de junho de 1945.

## Observações sobre fontes e literatura

As fontes primárias dessa biografia estão distribuídas em arquivos de diversos países. Os documentos pessoais de Himmler, por exemplo, encontram-se no Arquivo Federal de Koblenz, na Hoover Library em Stanford e no Sonderarchiv [Arquivo Especial] de Moscou. O diário de Margarete Himmler, que revela detalhes de sua vida conjugal, bem como alguns álbuns de fotografias que pertenciam à família estão disponíveis já há alguns anos no Museu do Holocausto em Washington. Fragmentos de tamanhos variados do espólio de Himmler, no entanto, estão ainda em poder de diversos particulares e seguidamente são oferecidos para compra pelas casas de leilão. É muito pouco provável, no entanto, que dessa forma ainda possam surgir escritos de Himmler que permitam tirar conclusões decisivas sobre suas ações políticas.

O Arquivo Federal de Berlim preserva mais de 4 mil arquivos do estado-maior pessoal do Reichsführer-SS, além de documentos mais ou menos abrangentes de diversos departamentos centrais da SS. A coleção de dossiês dos dirigentes da SS do antigo Berlin Document Centre (hoje parte do Arquivo Federal de Berlim) contém não somente informações valiosas sobre o currículo desse grupo de pessoas, mas em parte também a correspondência com Himmler ou com seu estado-maior pessoal. Para o presente trabalho foram analisadas várias centenas desses arquivos.

No que diz respeito aos primeiros anos de Himmler, os respectivos arquivos de Munique foram altamente proveitosos. Os arquivos da Direção de Propaganda do Reich do Arquivo Federal de Berlim contêm vasta correspondência de Himmler, que chefiou esse órgão de 1926 a 1930, como diretor adjunto.

Finalmente, a atuação de Himmler está refletida em uma série de dossiês remanescentes em outras instituições, por exemplo, nos arquivos do Ministério do Exterior, guardados em seu Arquivo Político em Berlim, na documentação de repartições militares (Arquivo Federal de Freiburg), nos registros de diversas centrais do partido e do Estado (Arquivo Federal de Berlim), assim como nos arquivos de autoridades públicas britânicas, que se encontram no Public Record Office, em Londres.

Na medida do possível, examinei todos os documentos no formato original nos respectivos arquivos. Mas tive de fazer algumas exceções: em alguns casos,

usei cópias do acervo da SS do Arquivo Federal, disponíveis nos *National Archives*, em Washington, e citei os documentos sob as rubricas de lá, uma vez que o exame dos originais no Arquivo Federal de Berlim teria sido demasiado dispendioso. Da mesma forma, em alguns casos trabalhei com cópias de documentos que fiz em 1995-1996 durante uma estadia mais longa em Yad Vashem; os originais desses documentos se encontram em outros arquivos.

Entre as fontes publicadas sobre Himmler, cito em primeiro lugar o *Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941-1942*, que existe graças ao esforço coletivo de oito historiadoras e historiadores alemães. Em um trabalho pioneiro, reuniram as páginas da agenda de trabalho de Himmler dos anos críticos de 1941-1942, até então desconhecidas e que se encontravam no Arquivo Especial de Moscou, com seus diários já conhecidos e os analisaram de modo abrangente em relação à correspondência do Reichsführer-SS existente nos acervos de diversos arquivos. Dessa forma surgiu um recurso absolutamente essencial.

Outros documentos importantes publicados referentes a Himmler são os discursos editados por Bradley Smith e Agnes F. Peterson, além da coletânea de documentos fornecida por Helmuth Heiber, que contém uma seleção altamente proveitosa de suas cartas, em parte banais, em parte grotescas e em outras especialmente perturbadoras.

Uma das fontes mais consultadas quando se trata de Himmler são as memórias de seu massagista Felix Kersten, publicadas sob o título de *Totenkopf und Treue*, e que foram baseadas nas páginas do diário deste. Segundo Kersten, Himmler, sob o relaxante efeito de suas mãos, teria falado abertamente sobre suas opiniões e planos. Em parte, os registros de Kersten acerca de declarações de Himmler apresentam uma notável semelhança com outras declarações preservadas do Reichsführer-SS, por exemplo, em relação à sua opinião sobre a homossexualidade (p. 67 e segs.) ou sobre a questão da “reencarnação no clã” (p. 191 e segs.); em contrapartida, elas também contêm evidentes e fantasiosos embelezamentos quando, por exemplo, põem na boca de Himmler observações sobre pretensos “auxiliares de procriação” nas instituições Lebensborn (p. 230 e seg.). E a afirmação de Kersten de que fora a sua influência sobre Himmler que evitara a explosão da barragem do lago Zuidersee em 1945, salvando, assim, grandes extensões dos Países Baixos da inundação (p. 329 e segs.), já foi refutada há muito tempo. Além disso, a comparação agora possível com o

“Dienstkalender” mostra uma discrepância notável entre as datações de Kersten e os dados registrados na agenda de Himmler. Por isso, em geral, os registros de Kersten não podem ser usados como fonte estritamente autêntica em relação às declarações de Himmler.

Existe uma série de biografias mais antigas sobre Himmler, especialmente *Himmler: The Evil Genius of the Third Reich* de Willi Frischauer, de 1953; a obra de Heinrich Fraenkels e Roger Manvell, *Himmler* (Record, 1965); bem como o livro publicado em 1990, *Himmler*: *Reichsführer-SS*, de Peter Padfield. Nessas obras encontramos somente uma fração das fontes primárias sobre Himmler de que dispomos hoje e, em face das extensas pesquisas feitas atualmente sobre a história da SS, elas estão totalmente ultrapassadas.

Em 1970, Bradley Smith publicou uma biografia do jovem Himmler (*Heinrich Himmler 1900-1926*) com base nos diários deste. Esta obra continua sendo muito interessante e revela importantes constatações sobre o desenvolvimento da personalidade de Himmler. A obra de Josef Ackermann, *Heinrich Himmler als Ideologe* (Heinrich Himmler como ideólogo), de 1970, continua sendo considerada um trabalho fundamental sobre o tema; e também Frank-Lothar Kroll, com a obra *Utopie als Ideologie* (Utopia como ideologia), publicada há alguns anos, apresentou uma análise essencial sobre isso.

Em 2005, Katrin Himmler, sobrinha-neta de Heinrich Himmler, publicou um livro em que narra a história da família Himmler sob seu próprio ponto de vista e com base em relatos familiares. *Die Brüder Himmler* (Os irmãos Himmler) contém sobretudo material importante sobre as biografias dos irmãos e seu relacionamento com Heinrich.

A análise feita por Richard Breitmann em 1991, *Der Architekt der Endlösung* (O arquiteto da Solução Final), sobre o papel de Himmler na perseguição aos judeus pelo regime nazista, concentra-se essencialmente na época da guerra. É mérito de Breitman, sobretudo, o fato de ter sido ele o primeiro a examinar sistematicamente os diários de Himmler, aos quais teve acesso em Washington, avaliando-os e juntando-os à correspondência do Reichsführer. Disso resultaram novas descobertas importantes sobre as atividades de Himmler durante a guerra.

A principal tese de Breitman de que Himmler estaria determinado ao assassinato dos judeus europeus já bem cedo, i.e., por volta dos anos 1940-1941,

no entanto, é pouco convincente e não pode ser corroborada pelas pesquisas feitas. Em contraste com Breitman, tenta-se apresentar, nesta biografia, a "política judaica" de Himmler no contexto de suas demais atividades; este procedimento leva a resultados essencialmente diferentes.

Em relação ao tema da perseguição aos judeus, este trabalho pode se valer da abrangente literatura hoje disponível a respeito. Nesse contexto, citem-se — sem reivindicação de completude — apenas os nomes Götz Aly, Christopher Browning, Christian Gerlach, Raul Hilberg, Dieter Pohl ou Thomas Sandkühler. Acrescente-se que este livro, na medida em que trata do Holocausto, baseia-se em trabalhos anteriores do autor específicos sobre o tema.

Não somente sobre a perseguição aos judeus, mas também sobre diversos outros aspectos da história do aparato da SS e da polícia, tem surgido, principalmente nas últimas duas décadas, um número que praticamente já não é administrável de trabalhos de pesquisa. Procurei tornar a extensa pesquisa proveitosa para esta biografia; sem os trabalhos prévios, este livro não teria sido viável. Para mencionar somente uma pequena seleção, as pesquisas incluem os trabalhos de George C. Browder, Robert Gellately, Eric A. Johnson e Patrick Wagner, referente à área da polícia; as obras de Karin Orth e Johannes Tuchel, que se ocupam dos aspectos gerais da história dos campos de concentração; os estudos de Martin Cüppers, Ralf Ogorreck e Andrej Angrick, sobre os Einsatzgruppen e outras organizações assassinas, que constituem um importante complemento às obras "clássicas" de Helmut Krausnick e Karl-Heinz Wilhelm. A essas se juntam diferentes contribuições sobre os diversos grupos de vítimas: os livros de Michael Zimmermann e Günter Lewy, por exemplo, sobre a perseguição aos ciganos, bem como trabalhos de Helmut Neuberger referentes aos maçons; de Burkhard Jellonnek sobre os homossexuais; de Detlef Garbe a respeito das Testemunhas de Jeová, bem como de Wolfgang Dierker sobre a perseguição à Igreja.

Nos últimos anos, surgiram ainda outros trabalhos abrangentes, cujos autores descrevem e analisam minuciosamente as atividades de departamentos centrais individuais da SS ou de determinados setores dentro da SS. Aqui vale destacar a tese de doutorado de Torsten Querg sobre a espionagem externa do SD, o trabalho de Michal Wildt a respeito do Departamento Central de Segurança do Reich, a obra de Isabel Heinemann a respeito do Departamento Central de Raça

e Colonização, os estudos de Jan Erik Schulze e Michael Allen sobre o Departamento Central de Administração e Economia, a análise de Bianca Vierrege sobre a jurisdição da SS e da polícia, a exposição detalhada de Hermann Kaienburg voltada para a economia da SS, além da análise de Gudrun Schwarz sobre o papel das mulheres na SS. Essas obras complementam obras mais antigas sobre outros ramos da SS, como é o caso, por exemplo, dos trabalhos de George H. Stein e Bernd Wegner sobre a Waffen-SS, o trabalho de Michael H. Katers referente às instituições Ahnenerbe — que continua tendo um valor insuperável — e a contribuição de Georg Lilienthal sobre o Lebensborn.

O cruzamento entre biografia e história estrutural elaborado neste livro abre uma nova perspectiva no sentido de realinhar a história da SS, que ficou diluída em vários aspectos individuais pelas pesquisas realizadas nos últimos anos. Nesse sentido, o livro também é uma tentativa de restabelecer uma conexão com as histórias gerais mais antigas da SS, como a de Heinz Höhne, de 1967 (*Der Orden unter dem Totenkopf*), ou a de Robert Lewis Koehl, de 1983 (*The Black Corps*).

# Bibliografia

**Índice dos arquivos utilizados**


*Archiv der deutschen Jugendbewegung, Witzenhausen*
Dokumente zu den Artamanen (Documentos sobre os Artamanos)
*Bayerisches Hauptstaatsarchiv* (Arquivo Central do Estado da Baviera), *Munique (BHStA)*
StK: Staatskanzlei (Chancelaria do Estado)
MA: Ministerium des Äußeren (Ministério do Exterior)
Reichsstatthalter Epp (Governador do Reich Epp)
*Bundesarchiv* (Arquivo Federal Alemão), seção Berlim (BAB)
BDC: Research (Pesquisa)
BDC: SS-O-Akten (Berlin Document Center — arquivos de oficiais da SS)
ehem. Slg. Schumacher (antiga coleção Schumacher)
NS 2: SS-Rasse- und Siedlungshauptamt (Departamento Central de Raça e Colonização)
NS 3: SS-Wirtschaftsverwaltungs-Hauptamt (Departamento Central de Administração e Economia)
NS 6: Partei-Kanzlei der NSDAP (Chancelaria do partido NSDAP)
NS 7: SS- und Polizeigerichtsbarkeit (Jurisdição da SS e da polícia)
NS 10: Adjutantur des Führers (Ajudância do Führer)
NS 15: Der Beauftragte für die gesamte weltanschauliche Erziehung der NSDAP (Comissionado pelo treinamento ideológico do NSDAP)
NS 18: Reichspropagandaleitung (Direção de Propaganda do Reich)
NS 19: Persönlicher Stab Reichsführer-SS (Estado-maior pessoal do Reichsführer-SS)
NS 21: Ahnenerbe
NS 23: SA (Sturmabteilung — Tropa de choque)
NS 31: SS-Hauptamt (Departamento Central da SS)
NS 33: SS-Führungshauptamt (Quartel-general de operações das SS)
NS 47: Allgemeine SS (SS Geral)
R 2: Reichsfinanzministerium (Ministério de Finanças do Reich)
R 3: Reichsministerium für Rüstung und Kriegsproduktion (Ministério de Armamento e Produção Bélica do Reich)
R 6: Reichsministerium für die besetzten Ostgebiete (Ministério do Reich para os territórios ocupados do leste)
R 8: Reichsstellen für die gewerbliche Wirtschaft (Centrais para a atividade econômica)
R 18: Reichsinnenministerium (Ministério do Interior do Reich)
R 19: Ordnungspolizei (Polícia de Ordem)
R 20: Einheiten der *Ordnungspolizei* (Unidades da *Ordnungspolizei*)
R 22: Reichsjustizministerium (Ministério da Justiça do Reich)
R 43 II: Reichskanzlei (Chancelaria do Reich)
R 49: Reichskommissar für die Festigung Deutschen Volkstums (Comissário do Reich para a consolidação do *Volkstum* alemão)
R 58: Reichssicherheitshauptamt (Departamento Central de Segurança do Reich)
R 69: Einwandererzentralstelle (Central de Imigração)
R 70: Besetzte Gebiete (Territórios ocupados)
R 75: Umwandererzentrale Posen (Central de Migração de Posen)
R 92: Generalkommissariat Lettland (Comissariado Geral da Letônia)
R 113: Reichsstelle für Raumordnung (Central para Planejamento Espacial)
R 1501: Reichsministerium des Innern (Ministério do Interior do Reich)
R 3001: Reichsjustizministerium (Ministério da Justiça do Reich)
*Bundesarchiv,Abt.Dahlwitz-Hoppegarten (BADH)* (Arquivo Federal, unidade Dahlwitz-Hoppegarten)
Sammlungen ZB, ZM, ZR (coleções ZB, ZM, ZR)
*Bundesarchiv, Abt. Koblenz (BAK)* (Arquivo Federal, unidade Koblenz)
NL 1094: Nachlass Darré (espólio de Darré)
NL 1126: Nachlass Himmler (espólio de Himmler)
NSD 41: NS-Drucksachen (SS) impressos NS (SS)
*Bundesarchiv/Militärarchiv, Freiburg (BAM) Arquivo Federal/arquivo militar, Freiburg*
M 806: Kopien Militärarchiv Prag (Cópias do arquivo militar de Praga)
N 265: Aufzeichnungen Oberst i.G. Eismann (Anotações do coronel Eisman)
RH 2: OKH
RH 20-11: Armeeoberkommando 20 (Alto-comando do Exército)
RH 22: Befehlshaber der rückwärtigen Hereresgebiete (Comandante das regiões do exército de retaguarda)
RH 31-I: Deutsche Heeresmission in Rumänien (Missão do Exército alemão na Romênia)
RS 3: Divisionen der Waffen-SS (Divisões da Waffen-SS)
RS 4: Brigaden, Kampftruppen und Einheiten der Waffen-SS (brigadas, tropas de ataque e unidades da Waffen-SS)
RW 4: Wehrmachtführungsstab (Estado-maior de comando da Wehrmacht)
*Centre de Documentation Juive Contemporaine, Paris (CDJC)*

Dokumente zur deutschen Besatzungspolitik in Frankreich (Documentos sobre a política de ocupação alemã na França) (utilizadas como cópias em Yad Vashem)
*Geheimes Staatsarchiv (GStA)* (Arquivo secreto do Estado)
Rep 90: Preußisches Staatsministerium (Ministério do Estado da Prússia)
*Hoover Institution Archives, Stanford*
Himmler Collection
*Institut für Zeitgeschichte, München (IfZ)* (Instituto para História Contemporânea, Munique)
Dc: Drucksachen SS und Polizei (impressos da SS e da Polícia)
ED: Nachlässe (espólios)
Fb: Gerichtsakten (arquivos da justiça)
Gm: Gerichtsakten (arquivos da justica)
Jahresbericht Amt V des RSHA (relatório anual Amt V do RSHA)
MA: Microfilmes
MB: Microfilmes dos processos de Nuremberg
Nürnberger Dokumente aus den Serien NG, NI, NO, NOKW (documentos de Nuremberg das séries NG, NI, NO, NOKW)
Partei-Kanzlei:Anordnungen (Chancelaria do partido: instruções)
Z S: Zeugenschrifttum (declarações de testemunhas)
*Institute for Jewish Research, New York (YIVO*)
Occ: Berlin Collection
*Kriegsarchiv München (KAM)* (Arquivo de Guerra de Munique)
Personalakte Heinrich Himmler (Arquivo pessoal Heinrich Himmler)
*Osobyi Archiv Moskva (OA Moscou)*
Akte Himmler (Arquivo Himmler)
Fonds 500
Fonds 504
Fonds 1323
*Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, Berlin (PAA)* (Arquivo político do ministério do Exterior)
Büro Staatssekretär (Gabinete do secretário de Estado)
Handakten Luther (pastas de Luther)
Inland IIg (Interior IIg)
*Public Record Office, London (PRO)*
FO: Foreign Office (Ministério das Relações Exteriores)
HW: Government Code and Cypher School (Escola de cifras e códigos do governo)
Prem: Prime Minister's Office (Escritório do primeiro-ministro)
WO: War Office (Ministério de Guerra)
*Staatsanwaltschaft bei dem Landgericht München I (StAnw München)* (Ministério Público, Tribunal Regional de Munique I)
Verfahrensakten (Documentos do processo)
*Staatsarchiv München (StA München)* (Arquivo do Estado de Munique)
Polizeidirektion München (Chefatura da polícia de Munique)
Staatsanwaltschaften (Procuradores públicos do Estado)
Amtsgerichte (Tribunal regional)
*Staatsarchiv Marburg (StA Marburg)*(Arquivo do Estado, Marburg)
Landratsamt Eschwege (Departamento de Administração Distrital Eschwege)
*Stadtarchiv München (*Arquivo de Estado Munique)
Rat Nr. 458/3 (Handakten Fiehler) (pasta de Fiehler)
*Universitätsarchiv München* (Arquivo da Universidade de Munique)
Studentenakten (Arquivo sobre os estudantes)
*US Holocaust Memorial Museum,Washington, D.C. (USHMM)*
A.000786: Manuskript Masur (manuscrito de Masur)
Acc. 1999.A.0092 Tagebuch Margarete Himmler (Diário de Margarete Himmler)
RG 15: Poland (Polônia)
RG 48: Czech Republic (República Tcheca)
*US National Archives and Records Administration,Washington (NARA)*
T 580: Ahnenerbe
T 175: Reichsführer-SS
*Yad Vashem Archives, Jerusalem (YV)*
O 53: Gestapo Mährisch-Ostrau
M 12: Centre de Documentation Juive Contemporaine (Centro de documentação contemporânea de judeus)
M 36: Militärarchiv Prag (Arquivo militar Praga)
M 58: Staatsarchiv Prag (Arquivo do Estado Praga)
*Zentrale Stelle Ludwigsburg (ZStL)* (Central de Ludwigsburg)
Verfahrensakten (Arquivos de processos)
Dokumentation (documentação)

**Fontes e documentações**


*Akten zur deutschen auswärtigen Politik 1938-1945. Aus dem Archiv des Auswärtigen Amtes*, série D: *1937-1941*, Göttingen 1950-1961; série E: *194-1945*, Göttingen 1969-1979.

*Bevölkerungsstruktur und Massenmord. Neue Dokumente zur deutschen Politik der Jahre 1938-1945*, organização e comentários de Susanne Heim e Götz Aly, Berlim, 1991.

Boelcke, Willi A. (ed.) *Deutschlands Rüstung im Zweiten Weltkrieg. Hitlers Konferenzen mit Albert Speer 1942-1945*, Frankfurt/Main, 1969.

Braham (ed.) Randolph L., *The Destruction of Hungarian Jewry. A Documentary Account*, 2 vols., Nova York, 1963.

Bräutigam, Otto, "Aus dem Kriegstagebuch des Diplomaten Otto Bräutigam", introdução e comentários de H.D.Heilmann, in: *Beiträge zur nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik* 4 (1989), p. 123-187.

Ciano, Galeazzo, *Tagebücher 1939-1943*, Berna, 1947.

Czech, Danuta, *Kalendarium der Ereignisse im Konzentrationslager Auschwitz-Birkenau 1939-1945*, Rembek, Hamburgo, 1989.

*Deutsche Politik im "Protektorat Böhmen und Mähren" unter Reinhard Heydrich 1941-1942. Eine Dokumentation*, ed. de Miroslav Kárny´, Jaroslava Milotová e Margita Kárná, Berlim, 1997.

*Die Deutschen in der Tschechoslowakei 1933-1947. Dokumentensammlung*, org. Václav Král, Praga, 1964.

*Der Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941/42*, por ordem do Forschungsstelle für Zeitgeschichte em Hamburgo ed., comentários e introdução de Peter Witte et al, Hamburgo, 1999.

Dobroszycki, Lucjan (ed.), *The Chronicle of the Lodz Ghetto, 1941-1944*, New Haven, CT, 1984.

*Documenta Occupationis*, vol. 10: *Praca przymusowa polaków pod panowaniem hitlerowskim: 1939-1945*, Posen, 1976.

Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes (ed.), *"Anschluß"1938. Eine Dokumentation*, rev. por Heinz Arnberger et al, Viena, 1988.

*Dokumente über die Verfolgung der jüdischen Bürger in Baden-Württemberg durch das nationalsozialistische Regime*, rev. por Paul Sauer, vol. 2, Stuttgart, 1966.

*Dokumente zur Gleichschaltung des Landes Hamburg 1933*, ed. e comentários de Henning Timpke, Frankfurt am Main, 1964.

Engel, Gerhard, *Heeresadjutant bei Hitler 1938-1943. Aufzeichnungen des Majors Engel*, ed. e comentários de Hildegard von Kotze, Stuttgart [1975].

*Die Erhebung der österreichischen Nationalsozialisten im Juli 1934. Akten der Historischen Kommission des Reichsführers SS*, Viena, et al., 1965.

"Die Ermordung psychisch kranker Menschen in der Sowjetunion. Dokumentation", org. e trad. de Angelika Ebbinghaus e Gerd Preissler, in: *Beiträge zur nationalsozialistischen Gesundheits- und Sozialpolitik* 1 (1985), p. 75-107.

*Faschismus, Ghetto, Massenmord. Dokumentation über Ausrottung und Widerstand der Juden in Polen während des 2. Weltkrieges*, ed. pelo Jüdischen Historischen Institut Warschau, avaliação, organização e introdução de Tatiana Berenstein, Artur Eisenbach et al, Frankfurt am Main 1962.

*Die faschistische Okkupationspolitik in Österreich und der Tschechoslowakei (1938-1945)*, seleção de documentos e introdução de Helma Kaden, Berlim 1988.

"Führer-Erlasse" *1939-1945. Edition sämtlicher überlieferter, nicht im Reichsgesetzblatt abgedruckter, von Hitler während des Zweiten Weltkrieges schriftlich erteilter Direktiven aus den Bereichen Staat, Partei, Wirtschaft, Besatzungspolitik und Militärverwaltung*, org. e introd. de Martin Moll, Stuttgart, 1997.

Gestapa, "Lagebericht für 1937", publicado in: *Gestapo-Berichte über den antifaschistischen Widerstandskampf der KPD 1933-1939*, ed. de Margot Pikarski e Elke Warning, vol. 1: *Anfang 1933 bis August 1939*, Berlim, 1989, doc. núm. 16.

Gottwaldt, Alfred, e Diana Schulle, *Die "Judendeportationen" aus dem Deutschen Reich 1941-1945. Eine kommentierte Chronologie*, Wiesbaden, 2005.

Grabitz, Helge, e Wolfgang Scheffler (ed.), *Letzte Spuren. Ghetto Warschau, SS-Arbeitslager Trawniki, Aktion Erntefest. Fotos und Dokumente über Opfer des Endlösungswahns im Spiegel der historischen Ereignisse*, 2ª ed. revisada, Berlim, 1993.

Grau, Günter (ed.), *Homosexualität in der NS-Zeit. Dokumente einer Diskriminierung und Verfolgung*, 2ª ed. revisada, Frankfurt am Main, 2004.

Groscurth, Helmuth, *Tagebücher eines Abwehroffiziers 1938-1940. Mit weiteren Dokumenten zur Militäropposition gegen Hitler*, ed. de Helmut Krausnick e Harold C. Deutsch, colaboração de Hildegard von Kotze, Stuttgart, 1970.

Halder, Franz, *Kriegstagebuch. Tägliche Aufzeichnungen des Chefs des Generalstabes des Heeres 1939-1942*, ed. de Hans-Adolf Jacobsen com colaboração de Alfred Philippi, 3 vols., Stuttgart, 1962-1964.

Heiber, Helmut (ed.), *Hitlers Lagebesprechungen. Die Protokollfragmente seiner militärischen Konferenzen 1942-1945*, Stuttgart, 1962.

Hillgruber, Andreas (ed.), *Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler.Vertrauliche Aufzeichnungen über Unterredungen mit Vertretern des Auslandes*, vol. 1: *1939-1941*, Frankfurt am Main, 1967.

Himmler, Heinrich, *Geheimreden 1933-1945*, ed. de Bradley F. Smith e Agnes F. Peterson, Munique, 1974.

_____. *Reichsführer! … Briefe an und von Himmler*, ed. e introdução de Helmut Heiber, Stuttgart, 1968.

Hitler, Adolf, *Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944. Die Aufzeichnungen Heinrich Heims*, ed. de Werner Jochmann, Bindlach, 1988.

_____. *Reden und Proklamationen 1932-1945. Kommentiert von einem deutschen Zeitgenossen*, 2 vols., ed. de Max Domarus, Neustadt a.d. Aisch, 1963.

*Der Hitler-Prozess 1924. Wortlaut der Hauptverhandlung vor dem Volksgericht München* I, ed. e comentários de Lothar Gruchmann e Reinhard Weber com colaboração de Otto Gritschneder, 4 vols., Munique, 1997-1999.

Höß, Rudolf, *Kommandant in Auschwitz. Autobiographische Aufzeichnungen*, introdução e comentários de Martin Broszat, Stuttgart,

1958.
Hubatsch, Walther (ed.), *Hitlers Weisungen für die Kriegführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht,* 2ª ed., Koblenz, 1983.
*International Military Tribunal: Der Prozess gegen die Hauptkriegsverbrecher vor dem Internationalen Militärgerichtshof, 14. Oktober 1945 bis 1. Oktober 1946*, 42 vols., Nuremberg, 1947-1949.
Jacobsen, Hans-Adolf (ed.), *Hans Steinacher: Bundesleiter des VDA 1933-1937. Erinnerungen und Dokumente*, Boppard/Rhein, 1970.
*Justiz und NS-Verbrechen. Sammlung deutscher Strafurteile wegen nationalsozialistischer Tötungsverbrechen 1945-1966*, 39 vols., Amsterdã, 1968-2007.
Klarsfeld, Serge, e Maxime Steinberg (ed.), *Die Endlösung der Judenfrage in Belgien. Dokumente*, Nova York, 1980.
Koeppen, Werner, *Herbst 1941 im "Führerhauptquartier". Berichte Werner Koeppens an seinen Minister Alfred Rosenberg*, ed. e comentários de Martin Vogt, Koblenz, 2002.
*Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht 1940-1945*, mantido por Helmuth Greiner e Percy Ernst Schramm, vol. 1: *1. August 1940-31. Dezember 1941*, Frankfurt am Main 1965; vol. 4: *1. Januar 1944-22.Mai 1945*, Frankfurt am Main, 1961.
Kulka, Otto Dov, e Eberhard Jäckel (ed.), *Die Juden in den geheimen NS-Stimmungsberichten 1933-1945*, Düsseldorf, 2004.
"Die letzten Tage von Heinrich Himmler. Neue Dokumente aus dem Archiv des Föderalen Sicherheitsdienstes", apresentação e introdução de Boris Chavkin e/Main Kalganov, in: *Forum für osteuropäische Ideen- und Zeitgeschichte* 4 (2000), p. 251-284.
Madajczyk, Czesław, *Zamojszczyzna — Sonderlaboratorium SS. Zbiór dokumentów polskich i niemieckich z okresu okupacji hitlerowskiej*, 2 vols., Varsóvia, 1977.
Maršálek, Hans, *Die Geschichte des Konzentrationslagers Mauthausen. Dokumentation*, 3ª ed. ampliada, Viena, 1995.
Mason, Timothy W. (ed.), *Arbeiterklasse und Volksgemeinschaft. Dokumente und Materialien zur deutschen Arbeiterpolitik 193-1939*, Opladen, 1975.
*Meldungen aus dem Reich 1938-1945. Die geheimen Lageberichte des Sicherheitsdienstes der SS*, ed. e introdução de Heinz Boberach, 18 vols., Herrsching, 1984/85.
Mollo, Andrew, *Uniforms of the SS*, vol. 1: *Allgemeine SS 1923-1945*, Londres, 1969.
*Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas. Eine Dokumentation*, ed. de Eugen Kogon, Hermann Langbein e Adalbert Rückerl, Frankfurt am Main, 1986.
Nestler, Ludwig (ed.), *Die faschistische Okkupationspolitik in Frankreich (1940-1944)*, Berlim, 1990.
*Der Nürnberger Ärzteprozess 1946/47.Wortprotokolle, Anklage- und Verteidigungsmaterial, Quellen zum Umfeld*, por ordem da Stiftung für Sozialgeschichte des 20. Jahrhunderts ed. Por Klaus Dörner et al, org. de Karsten Linne, Munique, 1999.
*Die Okkupationspolitik des deutschen Faschismus in Dänemark und Norwegen (1940-1945)*, seleção de documentos e introdução de Fritz Petrick, Berlim/Heidelberg, 1992.
Pätzold, Kurt, e Erika Schwarz, *Tagesordnung: Judenmord. Die Wannsee-Konferenz am 20. Januar 1942. Eine Dokumentation zur Organisation der "Endlösung"*, 3ª ed., Berlim, 1992.
Picker, Henry (ed.), *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier*, Frankfurt am Main, 1989.
*Das Protokoll.Die Autobiographie des Georg Elser*, Königsbronn, 2006.
*Recht, Verwaltung und Justiz im Nationalsozialismus. Ausgewählte Schriften, Gesetze und Gerichtsentscheidungen von 1933 bis 1945*, ed. e explicado por Martin Hirsch et al., Colônia, 1984.
Rosenberg, Alfred, *Das politische Tagebuch Alfred Rosenbergs aus den Jahren 1934/1935 und 1939/1940*, ed. de Hans-Günther Seraphim, Munique, 1964.
Rost van Tonningen, Meinoud Marinus, *Correspondentie*, introd. e ed. de E. Fraenkel-Verkade com colaboração de A.J. van der Leuw, 2 vols., 's-Gravenhage, 1967.
Ruckhaberle, Dieter, e Christiane Ziesecke (ed.), *Rettung der bulgarischen Juden-1943. Eine Dokumentation*, Berlim, 1984.
Rürup, Reinhard (ed.), *Der Krieg gegen die Sowjetunion 1941-1945. Eine Dokumentation*, Berlim, 1991.
_____. (ed.), *Topographie des Terrors. Gestapo, SS und Reichssicherheitshauptamt auf dem "Prinz-Albrecht-Gelände". Eine Dokumentation*, Berlim, 1987.
Seewann, Gerhard, e Norbert Spannenberger (ed.), *Akten des Volksgerichtsprozesses gegen Franz A. Basch, VolksgruppenFührer der Deutschen in Ungarn, Budapest 1945/46*, Munique, 1999.
*Das Schicksal der Deutschen in Rumänien*, ed. pelo Bundesministerium für Vertriebene, Flüchtlinge und Kriegsgeschädigte, Berlim, 1957.
*"Schöne Zeiten". Judenmord aus der Sicht der Täter und Gaffer*, ed. de Ernst Klee, Willi Dreßen e Volker Rieß, Frankfurt am Main, 1988.
Siegfried, Klaus-Jörg (ed.), *Rüstungsproduktion und Zwangsarbeit im Volkswagenwerk 1939-1945. Eine Dokumentation*, Frankfurt am Main, 1986.
*De SS en Nederland. Documenten uit SS-Archieven 1933-1945* introd. e ed. por N.K.C.A. in 't Veld, 2 vls., 's Gravenhage, 1976.
*Die Tagebücher von Joseph Goebbels*, 2 partes, 9 e 15 volumes, por ordem do Institut für Zeitgeschichte com o apoio do Staatliche Archivdienst Russland ed. por Elke Fröhlich et al., Munique, 1993-2006.
Tory, Avraham, *Surviving the Holocaust. The Kovno Ghetto Diary*, ed. e introd. de Martin Gilbert, Cambridge, Mass./Londres, 1990.
*The Trial of Adolf Eichmann. Record of Proceedings in the District Court of Jerusalem*, 8 vols., Jerusalém, 1992-1995.
*Trials ofWar Criminals before the Nuernberg Military Tribunals under Control Council Law No. 10*, vols. 1, Nuremberg, 1949.
*Unsere Ehre heißt Treue. Kriegstagebuch des Kommandostabes Reichsführer-SS, Tätigkeitsberichte der 1. und 2. SS-Infanterie-Brigade, der 1. SS-Kavallerie-Brigade und von Sonderkommandos der SS*, Viena, 1965.
Wagner, Gerhard, *Lagevorträge desOberbefehlshabers derKriegsmarine vor Hitler 1939-1945*, Munique, 1972.
Walk, Joseph (ed.), *Das Sonderrecht für die Juden im NS-Staat. Eine Sammlung der gesetzlichen Maßnahmen und Richtlinien. Inhalt und Bedeutung*, 2ª ed., Heidelberg, 1996.

*Widerstand und Verfolgung in Wien 1934-1945. Eine Dokumentation,* ed. por Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes, org. der Wolfgang Neugebauer, 3 vols., Viena, 1975.
Wildt, Michael (ed.), *Die Judenpolitik des SD 1935 bis 1938. Eine Dokumentation*, Munique, 1995.

**Publicações contemporâneas**

Best, Werner, *Die deutsche Polizei*, Darmstadt ,1940.
_____. "Kritik und Aporie des 'Juristen'", in: *Deutsches Recht* 1939, p. 196-199.
_____. "Der Reichsführer SS und Chef der Deutschen Polizei", in: *Deutsches Recht* 1936, p. 257-258 (julho 1936).
_____. "Die Geheime Staatspolizei", in: *Deutsches Recht* 1936, p. 125-128 (abril 1936).
Corazza, Heinz, *Die Samurai. Ritter des Reiches in Ehre und Treue,* Berlim/Munique, 1937.
d'Alquen, Gunter, *Die SS. Geschichte, Aufgabe und Organisation der Schutzstaffeln der NSDAP,* Berlim 1939.
Daluege, Kurt, "Die Ordnungspolizei und ihre Entstehung im Dritten Reich", in: Hans Pfundtner (ed.), *Dr.Wilhelm Frick und sein Ministerium. Aus Anlaß des 60. Geburtstages des Reichs- und preußischen Ministers des Innern Dr.Wilhelm Frick am 12. März 1937*, Munique, 1937, p. 133-145.
*Disziplinar- und Beschwerdeordnung*, Munique, 1933.
Eckhardt, Karl August, *Irdische Unsterblichkeit. Germanischer Glaube an die Wiederverkörperung in der Sippe*, Weimar, 1937.
*Erzählte Geschichte. Arbeitsbuch für den Deutschunterricht*, ed. pelo Reichsführer-SS e SS-Hauptamt, parte 3, Berlim.
Fahrenkamp, Karl, *Kreislauffürsorge und Gesundheitsführung*, Stuttgart, 1941.
Gründel, Günther, *Sendung der Jungen Generation. Versuch einer umfassenden revolutionären Sinndeutung der Krise*, Munique,1932.
*Grundfragen der deutschen Polizei. Bericht über die konstituierende Sitzung des Ausschusses für Polizeirecht der Akademie für Deutsches Recht am 11. Oktober 1936*, ed. de Hans Frank et al, Hamburgo 1936.
Heydrich, Reinhard, "Aufgaben und Aufbau der Sicherheitspolizei im Dritten Reich", in: Hans Pfundtner (ed.), *Dr.Wilhelm Frick und sein Ministerium. Aus Anlaß des 60. Geburtstages des Reichs- und preußischen Ministers des Innern dr. Wilhelm Frick am 12.März 1937*, Munique 1937, p. 149-153.
_____. "Die Bekämpfung der Staatsfeinde", in: *Deutsches Recht* 1936, p. 121-123 (abril 1936).
Himmler, Heinrich, "Aufgaben und Aufbau der Polizei des Dritten Reiches", in: Hans Pfundtner (ed.), *Dr.Wilhelm Frick und sein Ministerium. Aus Anlaß des 60. Geburtstages des Reichs- und preußischen Ministers des Innern Dr.Wilhelm Frick am 12. März 1937*, Munique 1937, p. 125-130.
_____. *Rede des Reichsführers-SS im Dom zu Quedlinburg am 2. Juli 1936*, Magdeburg, 1936.
_____. *Rede des Reichsführers-SS vor den Preußischen Staatsräten. 5. März 1936 im Haus der Flieger*, s.l., 1936.
_____. *Die Schutzstaffel als antibolschewistische Kampforganisation*, Munique, 1936.
_____. *Der Reichstag 1930. Das sterbende System und der Nationalsozialismus*, Munique, 1931.
Hoffmann, Heinrich, *Das Braune Heer. 100 Bilddokumente: Leben, Kampf und Sieg der SA und SS*, Berlim, 1932.
*Jahrbuch Amt V (Reichskriminalpolizeiamt) des Reichssicherheitshauptamtes SS 1939/40*, Berlim, 1940.
Johst, Hanns, *Ruf des Reiches, Echo des Volkes! Eine Ostfahrt*, Munique, 1940.
Kiss, Edmund, *Das Sonnentor von Tihuanaku und Hörbigers Welteislehre*, Leipzig, 1937.
*Der Menscheneinsatz. Grundsätze, Anordnungen und Richtlinien*, ed. por Hauptabteilung I des Stabshauptsamts des Reichskommissars für die Festigung deutschen Volkstums, 1º adendo, Berlim, 1941.
Meyer, Herbert, *Friedelehe und Mutterrecht*, Weimar, 1927.
*Parteitag der Freiheit. Reden des Führers und ausgewählte Kongressreden am Reichsparteitag der NSDAP 1935*, Munique, 1935.
Reichspropagandaleitung (ed.), *Propaganda*, Munique, 1928.
*Reichstags-Handbuch, IX.Wahlperiode 1933*, Berlim, 1934.
Schäfer, Ernst, *Geheimnis Tibet. Erster Bericht der deutschen Tibet-Expedition Ernst Schäfer 1938/39*, Munique, 1943.
_____, *Dach der Erde. Durch das Wunderland Hochtibet. Tibetexpedition 1934/36*, Berlim, 1938.
_____. *Unbekanntes Tibet. Durch die Wildnisse Osttibets zum Dach der Erde*, Berlim, 1937.
*Schied- und Ehrengerichtsordnung der SS*, Miesbach [cerca 1935].
*Sicherheitsfragen. Vortrag, gehalten auf der Befehlshabertagung in Bad Schachen am 14. Oktober 1943*, ed. por NS-Führungsstab des Oberkommandos der Wehrmacht, Berlim, 1943.
SS-Hauptamt (ed.), *Rassenpolitik*, Berlim, 1943.
*Statistisches Jahrbuch der Schutzstaffel der NSDAP 1937*, Berlim, 1938.
*Statistisches Jahrbuch der Schutzstaffel der NSDAP 1938*, Berlim, 1939.
Straßer, Gregor, *Kampf um Deutschland. Reden und Aufsätze eines Nationalsozialisten*, Munique, 1932.
*Der Untermensch*, ed. pelo Reichsführer-SS e SS-Hauptamt, [Berlim, 1942].
*Verhandlungen des Reichstages. Stenographische Berichte*, vol. 460, Berlim, 1939.
Wettenhovi-Aspa, Sigurd, *Fenno-Ägyptischer Kulturursprung der Alten Welt. Kommentare zu den vorhistorischen Völkerwanderungen*, Helsinqui, 1942.
Wiligut, Karl Maria, "Seyfrieds Runen (Rabensteinsage)", Viena 1903, reimpressão in: Winfried Katholing, *Die Sage von Ritter Seyfried und der Rabenstein bei Znaim*, Aschaffenburg 2003, p. 73-115.
*Zahlen zur Geldentwertung in Deutschland 1914 bis 1923*, ed. pelo Statistischen Reichsamt, Berlim, 1925.
Zipperer, Falk, "Eschwege. Eine siedlungs- und verfassungsgeschichtliche Untersuchung", in: *Festgabe für Heinrich Himmler*, Darmstadt 1941, p. 215-292.
_____. *Das Haberfeldtreiben. Seine Geschichte und seine Bedeutung*, Weimar 1938.

**Monografias e coletâneas**


Abitbol, Michel, *Les Juifs d'Afrique du Nord sous Vichy*, Paris, 1983.
Abrahamsen, Samuel, *Norway's Response to the Holocaust*, Nova York, 1991.
Absolon, Rudolf, *Die Wehrmacht im Dritten Reich*, vol. 6: *19. Dezember 1941 bis 9.Mai 1945*, Boppard/Rhein, 1995.
Ackermann, Josef, *Heinrich Himmler als Ideologe*, Göttingen et al., 1970.
Adam, Uwe Dietrich, *Judenpolitik im Dritten Reich*, Düsseldorf, 1972.
Adler, Hans Günter, *Der verwaltete Mensch. Studien zur Deportation der Juden aus Deutschland*, Tübingen, 1974.
Ainsztein, Reuben, *Jüdischer Widerstand im deutschbesetzten Osteuropa während des Zweiten Weltkrieges*, Oldenburgo, 1993.
Alberti, Michael, *Die Verfolgung und Vernichtung der Juden im Reichsgau Wartheland 1939-1945*, Wiesbaden, 2006.
Allen, Michael Thad, *The Business of Genocide. The SS, Slave Labor, and the Concentration Camps*, Chapel Hill, N.C., 2002.
Aly, Götz, *Endlösung. Völkerverschiebung und der Mord an den europäischen Juden*, Frankfurt am Main, 1995.
Angrick, Andrej, *Besatzungspolitik und Massenmord. Die Einsatzgruppe D in der südlichen Sowjetunion 1941-1943*, Hamburgo, 2003.
_____ e Peter Klein, *Die Endlösung in Riga. Ausbeutung und Vernichtung 1941-1944*, Darmstadt, 2006.
*Anschluß 1938. Protokoll des Symposiums in Wien am 14. und 15.März 1978*, Viena, 1981.
Arad, Yitzhak, *Belzec, Sobibor, Treblinka. The Operation Reinhard Death Camps*, Bloomington, 1987.
_____, *Ghetto in Flames. The Struggle and Destruction of the Jews in Vilna in the Holocaust*, Jerusalém, 1980.
Aronson, Shlomo, *Reinhard Heydrich und die Frühgeschichte von SA und SD*, Stuttgart, 1971.
Baganz, Carina, *Erziehung zur "Volksgemeinschaft". Die frühen Konzentrationslager in Sachsen 1933-34/37*, Berlim, 2005.
Barkai, Avraham, *Vom Boykott zur "Entjudung". Der wirtschaftliche Existenzkampf der Juden im Dritten Reich 1933-1943*, Frankfurt am Main, 1987.
Baruch, Nir, *Der Freikauf. Zar Boris und das Schicksal der bulgarischen Juden*, Sofia, 1996.
Bauer, Yehuda, *Freikauf von Juden? Verhandlungen zwischen dem nationalsozialistischen Deutschland und jüdischen Repräsentanten von 1933 bis 1945*, Frankfurt am Main, 1996.
Behrens, Beate, *Mit Hitler zur Macht. Aufstieg des Nationalsozialismus in Mecklenburg und Lübeck 1922-1933*, Rostock, 1998.
Benz, Wolfgang (ed.), *Dimension des Völkermords.Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991.
Bernadotte, Folke, *Das Ende. Meine Verhandlungen in Deutschland im Frühjahr 1945 und ihre politischen Folgen*, Zurique/Nova York, 1945.
Bernhardt, Heike, *Anstaltspsychiatrie und "Euthanasie" in Pommern 1933-1945. Die Krankenmorde an Kindern und Erwachsenen am Beispiel der Landesheilanstalt Ueckermünde*, Frankfurt am Main, 1994.
Berschel, Holger, *Bürokratie und Terror. Das Judenreferat der Gestapo Düsseldorf 1933-1945*, Essen, 2001.
Bessel, Richard, *Political Violence and the Rise of Nazism. The Storm Troopers in Eastern Germany 1925-1934*, New Haven/Londres, 1984.
Biddiscombe, Perry, *Werwolf! The History of the National Socialist Guerrilla Movement, 1944-1946*, Toronto, 1998.
Birn, Ruth Bettina, *Die Höheren SS- und Polizeiführer. Himmlers Vertreter im Reich und in den besetzten Gebieten*, Düsseldorf, 1986.
Black, Peter, *Ernst Kaltenbrunner.Vasall Himmlers. Eine SS-Karriere*, Paderborn et al., 1991.
Böhler, Joachim, *Auftakt zum Vernichtungskrieg. Die Wehrmacht in Polen 1939*, Frankfurt am Main, 2006.
Böhm, Johann, *Die Gleichschaltung der deutschen Volksgruppe in Rumänien und das "Dritte Reich" 1941-1944*, Frankfurt/Main et al., 2003.
_____. *Die Deutschen in Rumänien und das Dritte Reich 1933-1940*, Frankfurt am Main, 1999.
_____. *Das nationalsozialistische Deutschland und die deutsche Volksgruppe in Rumänien 1936-1944. Das Verhältnis der deutschen Volksgruppe zum Dritten Reich und zum rumänischen Staat sowie der interne Widerstreit zwischen den politischen Gruppen*, Frankfurt am Main et al., 1985.
Bohn, Robert, *Reichskommissariat Norwegen. "Nationalsozialistische Neuordnung" und Kriegswirtschaft*, Munique, 2000.
Boog,Horst, et al, *Der Angriff auf die Sowjetunion*, ed. atualizada, Frankfurt am Main, 1991.
Bosl, Karl (ed.) *Bayern im Umbruch. Die Revolution von 1918, ihre Voraussetzungen, ihr Verlauf und ihre Folgen*, Munique/Viena, 1969.
Botz, Gerhard, *Die Eingliederung Österreichs in das Deutsche Reich. Planung und Verwirklichung des politisch-administrativen Anschlusses (1938-1940)*, 2ª ed. complementada, Viena, 1976.
_____. *Wohnungspolitik und Judendeportation in Wien 1938. Zur Funktion des Antisemitismus als Ersatz nationalsozialistischer Sozialpolitik*, Viena/Salzburgo, 1975.
Bowlby, John, *Bindung und Verlust*, 3 vols., Munique/Basileia, 2006.
Braham, Randolph L., *The Politics of Genocide. The Holocaust in Hungary*, Nova York, 1994.
Bramwell, Anna, *Blood and Soil. Richard Walther Darré and Hitler's "Green Party"*, Bourne End, 1985.
Brandes, Detlef, *Die Tschechen unter deutschem Protektorat*, 2 vols., Munique/Viena, 1969-1975.
Brechtken, Magnus, *"Madagaskar für die Juden". Antisemitische Idee und politische Praxis 1885-1945*, Munique, 1997.
Breitman, Richard, *Der Architekt der "Endlösung". Himmler und die Vernichtung der europäischen Juden*, Paderborn, 1996.
Broszat, Martin, *Nationalsozialistische Polenpolitik 1939-1945*, Stuttgart, 1961.
Browder, George C., *Hitler's Enforcers: The Gestapo and the SS Security Service in the Nazi Revolution*, Nova York et al., 1996.
_____., *Foundations of the Nazi Police State: The Formation of Sipo and SD*, Lexington, 1990.
Browning, Christopher R., *Die Entfesselung der Endlösung. Nationalsozialistische Judenpolitik 1939-1942*, Berlim, 2006.
_____. *Ganz normale Männer. Das Reserve-Polizeibataillon 101 und die "Endlösung" in Polen*, Reinbek, Hamburgo, 1993.
_____. *The Final Solution and the German Foreign Office. A Study of Referat D III of Abteilung Deutschland, 1940-1943*, Nova York/Londres, 1978.

Brunck, Helma, *Die Deutsche Burschenschaft in der Weimarer Republik und im Nationalsozialismus*, Munique, 1999.
*Buch der Erinnerung. Die ins Baltikum deportierten deutschen, österreichischen und tschechoslowakischen Juden*, org. de Wolfgang Scheffler e Diana Schulle, 2 vols., Munique, 2003.
Calic, Edouard, *Reinhard Heydrich. Schlüsselfigur des Dritten Reiches*, Düsseldorf, 1982.
Casagrande, Thomas, *Die volksdeutsche SS-Division "Prinz Eugen". Die Banater Schwaben und die nationalsozialistischen Kriegsverbrechen*, Frankfurt am Main/Nova York, 2003.
Chary, Frederick B., *The Bulgarian Jews and the Final Solution, 1940-1944*, Pittsburgh, 1972.
Conway, Martin, *Collaboration in Belgium. Léon Degrelle and the Rexist Movement, 1940-1944*, New Haven/Londres, 1993.
Corni, Gustavo, e Horst Gies, *Brot — Butter — Kanonen. Die Ernährungswirtschaft in Deutschland unter der Diktatur Hitlers*, Berlim, 1997.
Cüppers, Martin, *Wegbereiter der Shoah. Die Waffen-SS, der Kommandostab Reichsführer-SS und die Judenvernichtung 1939-1945*, Darmstadt, 2005.
Derks, Hans, *Deutsche Westforschung. Ideologie und Praxis im 20. Jahrhundert*, Leipzig, 2001.
Deschner, Guenter, *Reinhard Heydrich. Statthalter der totalen Macht*, Esslingen, 1977.
Dierker, Wolfgang, *Himmlers Glaubenskrieger. Der Sicherheitsdienst der SS und seine Religionspolitik 1933-1941*, Paderborn et al., 2002.
Dietrich, Otto, *12 Jahre mit Hitler*, Munique, 1955.
Distel, Barbara, e Ruth Jakusch, *Konzentrationslager Dachau 1933-1945*, Bruxelas [1978].
Doerries, Reinhard R., *Hitler's Last Chief of Foreign Intelligence. Allied Interrogations of Walter Schellenberg*, Londres et al., 2003.
Dollmann, Eugen, *Dolmetscher der Diktatoren*, Bayreuth, 1963.
Domröse, Ortwin, *Der NS-Staat in Bayern von der Machtergreifung bis zum Röhm-Putsch*, Munique, 1974.
Dönitz, Karl, *Zehn Jahre und zwanzig Tage*, Bonn, 1958.
Dornberg, John, *Hitlers Marsch zur Feldherrnhalle. München, 8. und 9. November 1923*, Munique, 1983.
Döscher, Hans-Jürgen, *SS und Auswärtiges Amt im Dritten Reich. Diplomatie im Schatten der "Endlösung"*, Berlim, 1991.
_____. *"Reichskristallnacht". Die Novemberpogrome 1938*, Frankfurt/Main et al., 1988.
Drobisch, Klaus, und Günther Wieland, *System der NS-Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 1993.
Duhnke, Horst, *Die KPD von 1933 bis 1945*, Colônia, 1972.
Düsterberg, Rolf, *Hanns Johst: "Der Barde der SS". Karrieren eines deutschen Dichters*, Paderborn et al., 2004.
*Enzyklopädie des Holocaust. Die Verfolgung und Ermordung der europäischen Juden*, 3 vols., ed. de Yad Vashem et al., E. principal Israel Gutman, ed. alemã de Eberhard Jäckel, Peter Longerich e Julius H. Schoeps, Berlim, 1993.
Essner, Cornelia, *Die "Nürnberger Gesetze" oder die Verwaltung des Rassenwahns 1933-1945*, Paderborn et al., 2002.
Faatz, Martin, *Vom Staatsschutz zum Gestapo-Terror. Politische Polizei in Bayern in der Endphase der Weimarer Republik und der Anfangsphase der nationalsozialistischen Diktatur*, Würzburg, 1995.
Fahlbusch, Michael, *Wissenschaft im Dienst der nationalsozialistischen Politik? Die "Volksdeutschen Forschungsgemeinschaften" von 1931-1945*, Baden Baden, 1999.
Feldman, Gerald D., *The Great Disorder. Politics, Economics, and Society in the German Inflation, 1914-1924*, Nova York/Oxford, 1993.
Fenske, Hans, *Konservatismus und Rechtsradikalismus in Bayern nach 1918*, Bad Homburg v. d. H. et al., 1969.
*Festschrift zur Vierhundert-Jahr-Feier des Wilhelms-Gymnasiums, 1559-1959*, Munique, 1959.
Fings, Karola, *Krieg,Gesellschaft und KZ.Himmlers SS-Baubrigaden*, Paderborn et al., 2005.
Finn, Gerhard, *Sachsenhausen 1936-1950: Geschichte eines Lagers*, Berlim, 1988.
Fleischer, Hagen, *Im Kreuzschatten der Mächte: Griechenland 1941-1944*, 2 partes, Frankfurt am Main, 1986.
Fleming, Gerald, *Hitler und die Endlösung. Es ist des Führers Wunsch …*, Wiesbaden/Munique, 1982.
Förster, Roland G. (ed.), *"Unternehmen Barbarossa". Zum historischen Ort der deutschsowjetischen Beziehungen von 1933 bis Herbst 1941*, Munique, 1993.
Frischauer, Willi, *Himmler: The Evil Genius of the Third Reich*, Londres, 1953.
Garbe, Detlef, *Zwischen Widerstand und Martyrium. Die Zeugen Jehovas im "Dritten Reich"*, Munique, 1993.
Gaulle, Charles de, *Memoiren 1942-46. Die Einheit, das Heil*, Düsseldorf, 1961.
Gellately, Robert, *Hingeschaut und weggesehen.Hitler und sein Volk*, Munique, 2002.
Gellately, Robert, *Die Gestapo und die deutsche Gesellschaft. Die Durchsetzung der Rassenpolitik 1933-1945*, Paderborn et al., 1993.
Georg, Enno, *Die wirtschaftlichen Unternehmungen der SS*, Stuttgart, 1963.
Gerlach, Christian, *Kalkulierte Morde. Die deutsche Wirtschafts- und Vernichtungspolitik in Weißrußland 1941 bis 1944*, Hamburgo, 1999.
_____ e Götz Aly, *Das letzte Kapitel. Realpolitik, Ideologie und der Mord an den ungarischen Juden 1944/1945*, Stuttgart/Zurique, 2002.
Geyer, Martin H., *Verkehrte Welt. Revolution, Inflation und Moderne, München 1914-1924*, Göttingen, 1998.
Gies, Horst, *R. Walther Darré und die nationalsozialistische Bauernpolitik in den Jahren 1930 bis 1933*, Frankfurt am Main, 1966.
Goldhagen, Daniel Jonah, *Hitlers willige Vollstrecker. Ganz gewöhnliche Deutsche und der Holocaust*, Berlim, 1996.
Golla, Karl-Heinz, *Der Fall Griechenlands 1941*, Hamburgo et al., 2007.
Goodrick-Clarke, Nicholas, *Die okkulten Wurzeln des Nationalsozialismus*, 2ª ed., Graz/Stuttgart, 2000.
Gordon, Harold J., *Hitlerputsch 1923. Machtkampf in Bayern 1923-1924*, Frankfurt am Main, 1971.
Goudsmit, Samuel A., *Alsos. The Failure in German Science*, Londres, 1947.
Graf, Christoph, *Politische Polizei zwischen Demokratie und Diktatur. Die Entwicklung der preußischen Politischen Polizei vom Staatsschutzorgan der Weimarer Republik zum Geheimen Staatspolizeiamt des Dritten Reiches*, Berlim, 1983.

Gruner, Wolf, *Der geschlossene Arbeitseinsatz deutscher Juden. Zur Zwangsarbeit als Element der Verfolgung 1938-1943*, Berlim, 1997.
Gutman, Yisrael, *The Jews of Warsaw, 1939-1943. Ghetto, Underground, Revolt*, Bloomington/Indianápolis, 1989.
Haasis, Hellmut G., *Tod in Prag. Das Attentat auf Reinhard Heydrich*, Reinbek, Hamburgo, 2002.
Hachmeister, Lutz, *Der Gegnerforscher.Die Karriere des SS-Führers Franz Alfred Six*, Munique, 1998.
Hagemann, Jürgen, *Die Presselenkung im Dritten Reich*, Bonn, 1970.
Hale, Christopher, *Himmler's Crusade. The True Story of the 1938 Nazi Expedition into Tibet*, Londres, 2003.
Hale, Oron J., *Presse in der Zwangsjacke, 1933-1945*, Düsseldorf, 1965.
Halle, Uta, *"Die Externsteine sind bis auf weiteres germanisch!" Prähistorische Archäologie im Dritten Reich*, Bielefeld, 2002.
Hanfstaengl, Ernst, *Zwischen Weißem und Braunem Haus. Memoiren eines politischen Außenseiters*, Munique, 1970.
Hansen, Reimer, *Das Ende des Dritten Reiches. Die deutsche Kapitulation 1945*, Stuttgart, 1966.
Hausser, Paul, *Soldaten wie andere auch.Der Weg der Waffen-SS*, Osnabrück, 1967.
Hayes, Peter, *Industry and Ideology. IG Farben in the Nazi Era*, Cambridge, 2001.
Headland, Ronald, *Messages of Murder. A Study of the Reports of the Einsatzgruppen of the Security Police and the Security Service, 1941-1943*, Rutherford, 1992.
Heike, Otto, *Die deutsche Minderheit in Polen bis 1939. Ihr Leben und Wirken kulturell, gesellschaftlich, politisch. Eine historisch-dokumentarische Analyse*, Leverkusen, 1985.
Heim, Susanne, *Kalorien, Kautschuk, Karrieren. Pflanzenzüchtung und landwirtschaftliche Forschung in Kaiser-Wilhelm-Instituten 1933-1945*, Göttingen, 2003.
Heinemann, Isabel, *"Rasse, Siedlung, deutsches Blut". Das Rasse- und Siedlungshauptamt der SS und die rassenpolitische Neuordnung Europas*, Göttingen, 2003.
Heinen, Armin, *Die Legion "Erzengel Michael" in Rumänien. Soziale Bewegung und politische Organisation. Ein Beitrag zum Problem des internationalen Faschismus*, Munique, 1986.
Heinzle, Joachim, *Die Nibelungen. Lied und Sage*, Darmstadt, 2005.
Henke, Klaus-Dietmar, *Die amerikanische Besetzung Deutschlands*, 2ª ed., Munique, 1996.
Herbert, Ulrich, *Fremdarbeiter. Politik und Praxis des "Ausländer-Einsatzes" in der Kriegswirtschaft des Dritten Reiches*, Bonn, 1999.
_____, *Best. Biographische Studien über Radikalismus, Weltanschauung und Vernunft 1903-1989*, Bonn, 1996.
Heuer, Hans-Joachim, *Geheime Staatspolizei. Über das Töten und die Tendenzen der Entzivilisierung*, Berlim, 1995.
Hilberg, Raul, *Die Vernichtung der europäischen Juden. Die Gesamtgeschichte des Holocaust*, Frankfurt am Main, 1990.
Hildebrand, Klaus, *Das vergangene Reich. Deutsche Außenpolitik von Bismarck bis Hitler 1871-1945*, Stuttgart, 1995.
Hildesheimer, Esriel, *Jüdische Selbstverwaltung unter dem NS-Regime. Der Existenzkampf der Reichsvertretung und Reichsvereinigung der Juden in Deutschland*, Tübingen, 1994.
Hillgruber, Andreas, *Hitlers Strategie. Politik und Kriegführung 1940-1941*, 2ª ed., Frankfurt am Main, 1982.
_____, *Hitler, König Carol und Marschall Antonescu*, Mainz, 1954.
Hillmayr, Heinrich, *Roter und Weißer Terror in Bayern nach 1918. Ursachen, Erscheinungsformen und Folgen der Gewalttätigkeiten im Verlauf der revolutionären Ereignisse nach dem Ende des Ersten Weltkrieges*, Munique, 1974.
Himmler, Katrin, *Die Brüder Himmler. Eine deutsche Familiengeschichte*, Frankfurt am Main, 2005.
*Himmlers Hexenkartothek. Das Interesse des Nationalsozialismus an der Hexenverfolgung*, ed. de Sönke Lorenz et al., 2ª ed., Bielefeld, 2000.
Hirschfeld, Gerhard, *Fremdherrschaft und Kollaboration. Die Niederlande unter deutscher Besatzung 1940-1945*, Stuttgart, 1984.
Hoch, Anton, e Lothar Gruchmann, *Georg Elser. Der Attentäter aus dem Volke. Der Anschlag auf Hitler im Münchner Bürgerbräu 1939*, Frankfurt am Main, 1980.
Hockerts, Hans Günter, *Die Sittlichkeitsprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Priester 1936/1937. Eine Studie zur nationalsozialistischen Herrschaftstechnik und zum Kirchenkampf*, Mainz, 1971.
Hoffmann, Joachim, *Die Tragödie der "Russischen Befreiungsarmee" 1944/45.Wlassow gegen Stalin*, Munique, 2003.
Hoffmann, Peter, *Widerstand, Staatsstreich, Attentat. Der Kampf der Opposition gegen Hitler*, 3ª ed., Munique, 1979.
_____, *Die Sicherheit des Diktators. Hitlers Leibwachen, Schutzmassnahmen, Residenzen, Hauptquartiere*, Munique et al., 1975.
Hofmann, Hanns Hubert, *Der Hitlerputsch. Krisenjahre deutscher Geschichte, 1920-1924*, Munique, 1961.
Hohmann, Joachim S., *Robert Ritter und die Erben der Kriminalbiologie. "Zigeunerforschung" im Nationalsozialismus und in Westdeutschland im Zeichen des Rassismus*, Frankfurt am Main et al., 1991.
Höhne, Heinz, *Mordsache Röhm. Hitlers Durchbruch zur Alleinherrschaft 1933-1934*, Reinbek, Hamburgo, 1984.
_____, *Der Orden unter dem Totenkopf. Die Geschichte der SS*, Gütersloh, 1967.
Hölsken, Heinz Dieter, *Die V-Waffen. Entstehung, Propaganda, Kriegseinsatz*, Stuttgart, 1984.
Horn, Wolfgang, *Der Marsch zur Machtergreifung.Die NSDAP bis 1933*, Düsseldorf, 1972.
Howe, Ellic, *Uranias Children: The Strange World of the Astrologers*, Londres, 1967.
Huber, Ernst Rudolf, *Deutsche Verfassungsgeschichte seit 1789*, vol. 7: *Ausbau, Schutz und Untergang der Weimarer Republik*, Stuttgart et al., 1984.
Huber, Gabriele, *Die Porzellan-Manufaktur Allach-München GmbH. Eine "Wirtschaftsunternehmung" der SS zum Schutz der "deutschen Seele"*, Marburg, 1992.
Husemann, Friedrich, *Die guten Glaubens waren. Geschichte der SS-Polizeidivision. (4. SSPolizei-Panzer-Grenadier-Division)*, vol. 1: *1939-1942*, Osnabrück, 1971.
Hüser, Karl, *Wewelsburg 1933-1945. Kult- und Terrorstätte der SS. Eine Dokumentation*, Paderborn, 1982.
Hüttenberger, Peter, *Die Gauleiter. Studie zum Wandel des Machtgefüges in der NSDAP*, Stuttgart, 1969.

Jäckel, Eberhard, *Frankreich in Hitlers Europa. Die deutsche Frankreichpolitik im Zweiten Weltkrieg*, Stuttgart, 1966.
Jacobsen, Hans-Adolf, *Nationalsozialistische Außenpolitik 1933-1938*, Frankfurt am Main/Berlim, 1968.
Jagschitz, Gerhard, *Der Putsch.Die Nationalsozialisten 1934 in Österreich*, Graz et al., 1976.
Jahn, Peter, e Reinhard Rürup (ed.), *Erobern und Vernichten. Der Krieg gegen die Sowjetunion 1941-1945. Essays*, Berlim, 1991.
Janka, Walter, *Spuren eines Lebens*, Berlim, 1991.
Janko, Sepp, *Weg und Ende der deutschen Volksgruppe in Jugoslawien*, Graz/Stuttgart, 1982.
Jansen, Christian, e Arno Weckbecker, *Der "Volksdeutsche Selbstschutz" in Polen 1939/40*, Munique, 1992.
Jansen, Hans, *Der Madagaskar-Plan. Die beabsichtigte Deportation der europäischen Juden nach Madagaskar*, Munique, 1997.
Janßen, Karl-Heinz, e Fritz Tobias, *Der Sturz der Generäle. Hitler und die Blomberg-Fritsch-Krise 1938*, Munique, 1994.
Jastrzębski, Włodzimierz, *Der Bromberger Blutsonntag. Legende und Wirklichkeit*, Posen, 1990.
Jellonnek, Burkhard, *Homosexuelle unter dem Hakenkreuz. Die Verfolgung von Homosexuellen im Dritten Reich*, Paderborn, 1990.
Johnson, Eric A., *Der nationalsozialistische Terror. Gestapo, Juden und gewöhnliche Deutsche*, Berlim, 2001.
Jordan, Rudolf, *Erlebt und Erlitten.Weg eines Gauleiters von München bis Moscou*, Leoni/Lago de Starnberg, 1971.
Kaienburg, Hermann, *Der Militär- und Wirtschaftskomplex der SS im KZ-Standort Sachsenhausen-Oranienburg. Schnittpunkt von KZ-System, Waffen-SS und Judenmord*, Berlim, 2006.
_____, *DieWirtschaft der SS*, Berlim, 2003.
_____, *Das Konzentrationslager Neuengamme 1938-1945*, ed. pelo KZ-Gedenkstätte Neuengamme, Berlim, 1997.
_____, *"Vernichtung durch Arbeit". Der Fall Neuengamme. Die Wirtschaftsbestrebungen der SS und ihre Auswirkungen auf die Existenzbedingungen der KZ-Gefangenen*, Bonn, 1990.
Kampe, Norbert, *Studenten und "Judenfrage" im Deutschen Kaiserreich. Die Entstehung einer antisemitischen Trägerschicht des Antisemitismus*, Göttingen, 1988.
Kasten, Bernd, *"Gute Franzosen. Die französische Polizei und die deutsche Besatzungsmacht im besetzten Frankreich 1940-1944*, Sigmaringen, 1993.
Kater, Michael H., *Das "Ahnenerbe" der SS 1935-1945. Ein Beitrag zur Kulturpolitik des Dritten Reiches*, 4ª, ed. complementada., Munique, 2006.
_____, *Studentenschaft und Rechtsradikalismus in Deutschland 1918-1933. Eine sozialgeschichtliche Studie zur Bildungskrise in der Weimarer Republik*, Hamburgo, 1975.
Kershaw, Ian, *Hitler*, 2 vols., Stuttgart, 1998/2000.
Kersten, Felix, *Totenkopf und Treue. Heinrich Himmler ohne Uniform. Aus den Tagebuchblättern des finnischen Medizinalrats Felix Kersten*, Hamburgo, 1952.
Kettenacker, Lothar, *Nationalsozialistische Volkstumspolitik im Elsaß*, Stuttgart, 1973.
Kipper, Rainer, *Der Germanenmythos im Deutschen Kaiserreich. Formen und Funktionen historischer Selbstthematisierung*, Göttingen, 2002.
Kissenkoetter, Udo, *Gregor Straßer und die NSDAP*, Stuttgart, 1978.
Klarsfeld, Serge, *Vichy-Auschwitz. Die Zusammenarbeit der deutschen und französischen Behörden bei der "Endlösung der Judenfrage" in Frankreich*, Nördlingen, 1989.
_____, *Die Endlösung der Judenfrage in Frankreich*, Paris, 1977.
Klausch, Hans-Peter, *Antifaschisten in SS-Uniform. Schicksal und Widerstand der deutschen politischen KZ-Häftlinge, Zuchthaus- und Wehrmachtstrafgefangenen in der SSSonderformation Dirlewanger*, Bremen, 1993.
Klee, Ernst, *"Euthanasie" im NS-Staat. Die "Vernichtung lebensunwerten Lebens"*, Frankfurt am Main, 1983.
Klein, Peter (ed.), *Die Einsatzgruppen in der besetzten Sowjetunion 1941/42. Die Tätigkeitsund Lageberichte des Chefs der Sicherheitspolizei und des SD*, Berlim, 1997.
_____, *Die Wannsee-Konferenz vom 20. Januar 1942. Analyse und Dokumentation*, Berlim [1995].
Klenner, Jochen, *Verhältnis von Partei und Staat 1933-1945, dargestellt am Beispiel Bayerns*, Munique, 1974.
Klinkhammer, Lutz, *Zwischen Bündnis und Besatzung. Das nationalsozialistische Deutschland und die Republik von Salò 1943-1945*, Tübingen, 1993.
Koblik, Steven, *The Stones Cry Out. Sweden's Response to the Persecution of the Jews 1933-1945*, Nova York, 1988.
Koch, Peter Ferdinand (ed.), *Himmlers graue Eminenz. Oswald Pohl und das Wirtschaftsverwaltungshauptamt der SS*, Hamburgo, 1988.
Koehl, Robert Lewis, *The Black Corps: The Structure and Power Struggles of the Nazi SS*, Madison, Wis., 1983.
Kolb, Eberhard, *Bergen-Belsen. Geschichte des "Aufenthaltslagers" 1943-1945*, Hannover, 1962.
Krebs, Albert, *Tendenzen und Gestalten der NSDAP. Erinnerungen an die Frühzeit der Partei*, Stuttgart, 1959.
Kroener, Bernhard, *"Der starke Mann im Heimatkriegsgebiet" — Generaloberst Friedrich Fromm. Eine Biographie*, Paderborn et al., 2005.
Kroll, Frank-Lothar, *Utopie als Ideologie. Geschichtsdenken und politisches Handeln im Dritten Reich*, Paderborn, 1998.
Kropat, Wolf-Arno, *Kristallnacht in Hessen. Der Judenpogrom vom November 1938. Eine Dokumentation*,Wiesbaden, 1988.
Kunz, Andreas, *Wehrmacht und Niederlage. Die bewaffnete Macht in der Endphase der nationalsozialistischen Herrschaft 1944 bis 1945*, Munique, 2005.
Kwiet, Konrad, *Reichskommissariat Niederlande. Versuch und Scheitern nationalsozialistischer Neuordnung*, Stuttgart, 1968.
Lang, Jochen von, *Der Adjutant. Karl Wolff, der Mann zwischen Hitler und Himmler*, Munique, 1985.
Lange, Hans-Jürgen, *Otto Rahn und die Suche nach dem Gral. Biografie und Quellen*, Engerda, 1999.
_____, *Weisthor. Karl Maria Wiligut. Himmlers Rasputin und seine Erben*, Engerda, 1998.
_____, *Otto Rahn. Leben & Werk*, Engerda, 1995.
Laqueur, Walter, e Richard Breitman, *Der Mann, der das Schweigen brach.Wie die Welt vom Holocaust erfuhr*, Frankfurt am Main,

1986.
Large, David Clay, *Hitlers München. Aufstieg und Fall der Hauptstadt der Bewegung*, Munique, 1998.
Latour, Conrad F., *Südtirol und die Achse Berlin-Rom 1938-1945*, Stuttgart, 1962.
Lepre, George, *Himmler's Bosnian Division. The Waffen-SS Handschar Division, 1943-1945*, Atglen, 1997.
Lethen, Helmut, *Verhaltenslehren der Kälte. Lebensversuche zwischen den Kriegen*, Frankfurt am Main, 1994.
Lewy, Guenter, *The Nazi Persecution of the Gypsies*,Oxford/Nova York, 2000.
Lichtenstein, Heiner, *Himmlers grüne Helfer. Die Schutz- und Ordnungspolizei im "Dritten Reich"*, Colônia, 1990.
Lilienthal, Georg, *Der "Lebensborn e.V.". Ein Instrument nationalsozialistischer Rassenpolitik*, Stuttgart/Nova York, 1985.
Linse, Ulrich, *Barfüßige Propheten. Erlöser der Zwanziger Jahre*, Berlim, 1983.
Lipscher, Ladislav, *Die Juden im slowakischen Staat 1939-1945*, Munique/Viena, 1980.
Longerich, Peter, *"Davon haben wir nichts gewusst!" Die Deutschen und die Judenverfolgung 1933-1945*, Munique, 2006.
_____, *Geschichte der SA*, Munique, 2003.
_____, *Der ungeschriebene Befehl. Hitler und der Weg zur "Endlösung"*, Munique/Zurique, 2001.
_____, *Politik der Vernichtung. Eine Gesamtdarstellung der nationalsozialistischen Judenverfolgung*, Munique/Zurique, 1998.
_____, *Die Wannsee-Konferenz vom 20. Januar 1942. Planung und Beginn des Genozids an den europäischen Juden*, palestra pública na casa da Conferência de Wannsee, no dia 19 de janeiro de 1998, complementado com uma seleção bibliográfica comentada sobre a Conferência de Wannsee e do início do extermínio em massa dos judeus europeus, com o fac-símile do protocolo da conferência, Berlim, 1998.
_____, *Hitlers Stellvertreter. Führung der Partei und Kontrolle des Staatsapparates durch den Stab Heß und die Partei-Kanzlei Bormann*, Munique et al., 1992.
_____ (ed.), *Die Ermordung der europäischen Juden. Eine umfassende Dokumentation des Holocaust 1941-1945*, Munique, 1989.
Loock, Hans-Dietrich, *Quisling, Rosenberg und Terboven. Zur Vorgeschichte und Geschichte der nationalsozialistischen Revolution in Norwegen*, Stuttgart, 1970.
Lower, Wendy, *Nazi Empire-Building and the Holocaust in Ukraine*, Chapel Hill, 2005.
Luchterhandt, Martin, *Der Weg nach Birkenau. Entstehung und Verlauf der nationalsozialistischen Verfolgung der "Zigeuner"*, Lübeck, 2000.
Lüdde-Neurath, Walter, *Regierung Dönitz. Die letzten Tage des Dritten Reiches*, 3ª ed. ampliada, Göttingen, 1964.
Lumans, Valdis O., *Himmler's Auxiliaries. The Volksdeutsche Mittelstelle and the German National Minorities of Europe, 1933-1945*, Chapel Hill/Londres, 1993.
Luther, Tammo, *Volkstumspolitik des Deutschen Reiches 1933-1938. Die Auslanddeutschen im Spannungsfeld zwischen Traditionalisten und Nationalsozialisten*, Stuttgart, 2004.
MacLean, French L., *The Cruel Hunters. SS-Sonder-Kommando Dirlewanger, Hitler's Most Notorious Anti-Partisan Unit*, Atglen, 1998.
Madajczyk, Czesław (ed.), *Vom Generalplan Ost zum Generalsiedlungsplan*, Munique et al., 1994.
_____, *Die Okkupationspolitik Nazideutschlands in Polen 1939-1945*, Colônia, 1988.
Mai, Uwe, *"Rasse und Raum". Agrarpolitik, Sozial- und Raumplanung im NS-Staat*, Paderborn et al., 2002.
Mallmann, Klaus-Michael, e Martin Cüppers, *Halbmond und Hakenkreuz. Das Dritte Reich, die Araber und Palästina*, Darmstadt, 2006.
Mammach, Klaus, *Widerstand 1933 bis 1945. Geschichte der deutschen antifaschistischen Widerstandsbewegung im Inland und in der Emigration*, Colônia, 1984.
_____, *Der Volkssturm.Das letzte Aufgebot 1944/45*, Colônia, 1981.
Mann, Reinhard, *Protest und Kontrolle im Dritten Reich. Nationalsozialistische Herrschaft im Alltag einer rheinischen Großstadt*, Frankfurt am Main et al., 1987.
Manoschek, Walter, *"Serbien ist judenfrei". Militärische Besatzungspolitik und Judenvernichtung in Serbien 1941/42*, Munique, 1993.
Manvell, Roger, e Heinrich Fraenkel, *Himmler: Kleinbürger und Massenmörder*, Herrsching, 1981.
Marßolek, Inge, e René Ott, *Bremen im Dritten Reich. Anpassung-Widerstand-Verfolgung*, Bremen, 1986.
Matthäus, Jürgen et al., *Ausbildungsziel Judenmord? "Weltanschauliche Erziehung" von SS, Polizei und Waffen-SS im Rahmen der "Endlösung"*, Frankfurt am Main, 2003.
Mennel, Rainer, *Die Schlussphase des Zweiten Weltkrieges im Westen (1944/45). Eine Studie zur politischen Geographie*, Osnabrück, 1981.
Merson, Allan, *Kommunistischer Widerstand in Nazideutschland*, Bonn, 1999.
Messenger, Charles, *Hitler's Gladiator. The Life and Times of Oberstgruppenführer and Panzergeneral-Oberst d.Waffen-SS Sepp Dietrich*, Londres et al., 1988.
Meyer, Ahlrich, *Die deutsche Besatzung in Frankreich 1940-1944.Widerstandsbekämpfung und Judenverfolgung*, Darmstadt, 2000.
Michaelis, Meir, *Mussolini and the Jews. German-Italian Relations and the Jewish Question in Italy, 1922-1945*, Oxford, 1978.
Michaelis, Rolf, *Die Geschichte der SS-Heimwehr Danzig 1939*, Rodgau, 1990.
Mierau, Peter, *Nationalsozialistische Expeditionspolitik. Deutsche Asien-Expeditionen 1933-1945*, Munique, 2006.
Mitchell, Allan, *Revolution in Bayern 1918/1919. Die Eisner-Regierung und die Räterepublik*, Munique, 1967.
Möckl, Karl, *Die Prinzregentenzeit. Gesellschaft und Politik während der Ära des Prinzregenten Luitpold in Bayern*, Munique/Viena, 1972.
Mommsen, Hans, e Manfred Grieger, *Das Volkswagenwerk und seine Arbeiter im Dritten Reich*, Düsseldorf, 1996.
Morsch, Günter (ed.), *Mord und Massenmord im Konzentrationslager Sachsenhausen 1936-1945*, Berlim, 2005.
Müller, Klaus-Jürgen, *General Ludwig Beck. Studien u. Dokumente zur politisch-militärischen Vorstellungswelt und Tätigkeit des Generalstabschefs des deutschen Heeres 1933-1938*, Boppard/Rhein, 1980.

_____, *Das Heer und Hitler*, Stuttgart, 1968.
Müller, Rolf-Dieter, *Hitlers Ostkrieg und die deutsche Siedlungspolitik. Die Zusammenarbeit von Wehrmacht,Wirtschaft und SS*, Frankfurt am Main, 1991.
Mund, Rudolf J., *Der Rasputin Himmlers.Die Wiligut Saga*, Viena, 1982.
Musial, Bogdan,. *"Konterrevolutionäre Elemente sind zu erschießen". Die Brutalisierung des deutsch-sowjetischen Krieges im Sommer 1941*, Berlim/Munique, 2000.
_____, *Deutsche Zivilverwaltung und Judenverfolgung im Generalgouvernement. Eine Fallstudie zum Distrikt Lublin 1939-1944*, Wiesbaden, 1999.
Naasner, Walter, *Neue Machtzentren in der deutschen Kriegswirtschaft 1942-1945. Die Wirtschaftsorganisation der SS, das Amt des Generalbevollmächtigten für den Arbeitseinsatz und das Reichsministerium für Bewaffnung und Munition, Reichsministerium für Rüstung und Kriegsproduktion im nationalsozialistischen Herrschaftssystem*, Boppard/Rhein, 1994.
Nagel, Brigitte, *Die Welteislehre. Ihre Geschichte und ihre Rolle im "Dritten Reich"*, Stuttgart, 1991.
Neliba, Günter, *Wilhelm Frick. Der Legalist des Unrechtsstaates. Eine politische Biographie*, Paderborn et al., 1992.
Nesládková, Ludmila (ed.), *The Case Nisko in the History of the Final Solution of the Jewish Problem in Commemoration of the 55th Anniversary of the First Deportation of Jews in Europe*, Ostrava, 1995.
Neuberger, Helmut, *Freimaurerei und Nationalsozialismus. Die Verfolgung der deutschen Freimaurerei durch völkische Bewegung und Nationalsozialismus*, vol. 2: *Das Ende der deutschen Freimaurerei*, Hamburgo, 1980.
Neufeld, Hans-Joachim, Jürgen Huck e Georg Tessin, *Zur Geschichte der Ordnungspolizei 1936-1945*, Koblenz, 1957.
Neufeld, Michael J., *Die Rakete und das Reich. Wernher von Braun, Peenemünde und der Beginn des Raketenzeitalters*, Berlim, 1997.
Oberkersch, Valentin, *Die Deutschen in Syrmien, Slawonien, Kroatien und Bosnien. Geschichte einer deutschen Volksgruppe in Südosteuropa*, Munique, 1989.
Obst, Dieter, *"Reichskristallnacht". Ursachen und Verlauf des antisemitischen Pogroms vom November 1938*, Frankfurt am Main et al., 1991.
Ogorreck, Ralf, *Die Einsatzgruppen und die "Genesis der Endlösung"*, Berlim, 1996.
Olshausen, Klaus, *Zwischenspiel auf dem Balkan. Die deutsche Politik gegenüber Jugoslawien und Griechenland von März bis Juli 1941*, Stuttgart, 1973.
Orb, Heinrich, *Nationalsozialismus: 13 Jahre Machtrausch*, 2ª ed., Olten, 1945.
Orlow, Dietrich, *The History of the Nazi Party*, vol. 1: *1919-1933*, Newton Abbot, 1971.
Orth, Karin, *Das System der nationalsozialistischen Konzentrationslager. Eine politische Organisationsgeschichte*, Hamburgo, 1999.
Osterloh, Jörg, *Nationalsozialistische Judenverfolgung im Reichsgau Sudetenland 1938-1945*, Munique, 2006.
Padfield, Peter, *Himmler: Reichsführer-SS*, Londres, 1990.
Patzwall, Klaus D., *Der SS-Totenkopfring. Seine illustrierte Geschichte 1933-1945*, 4ª ed. revisada, Norderstedt, 2002.
Paul, Gerhard, *Aufstand der Bilder. Die NS-Propaganda vor 1933*, Bonn, 1990.
_____ e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995.
Pelt, Robert-Jan van, e Déborah Dwork, *Auschwitz. Von 1270 bis heute*, Munique/Zurique, 1998.
Peukert, Detlev, *Die Edelweißpiraten. Protestbewegungen jugendlicher Arbeiter im Dritten Reich. Eine Dokumentation*, Colônia, 1980.
_____, *Die KPD im Widerstand. Verfolgung und Untergrundarbeit an Rhein und Ruhr 1933-1945*, Wuppertal, 1980.
Pilichowski, Czesław, *Es gibt keine Verjährung*, Varsóvia, 1980.
Pingel, Falk, *Häftlinge unter SS-Herrschaft.Widerstand, Selbstbehauptung und Vernichtung im Konzentrationslager*, Hamburgo, 1978.
Piper, Ernst, *Alfred Rosenberg.Hitlers Chefideologe*, Munique, 2005.
Plant, Richard, *Rosa Winkel. Der Krieg der Nazis gegen die Homosexuellen*, Frankfurt am Main et al., 1991.
Plumpe, Gottfried, *Die I.G. Farbenindustrie AG.Wirtschaft, Technik und Politik 1904-1945*, Berlim, 1990.
Pohl, Dieter, *Nationalsozialistische Judenverfolgung in Ostgalizien 1941-1944. Organisation und Durchführung eines staatlichen Massenverbrechens*, Viena, 1996.
_____, *Von der "Judenpolitik" zum Judenmord. Der Distrikt Lublin des Generalgouvernements 1939-1944*, Frankfurt am Main et al., 1993.
Präg, Werner (ed.), *Das Diensttagebuch des deutschen Generalgouverneurs in Polen 1939-1945*, Stuttgart, 1975.
Pressac, Jean-Claude, *Die Krematorien von Auschwitz. Die Technik des Massenmordes*, Munique/Zurique, 1994.
Pringle, Heather, *The Master Plan.Himmler's Scholars and the Holocaust*, Nova York, 2006.
Prinz, Friedrich, e Marita Krauss (ed.), *München — Musenstadt mit Hinterhöfen. Die Prinzregentenzeit 1886-1912*, Munique, 1988.
Pucher, Siegfried J., *"… in der Bewegung führend tätig".Odilo Globocnik — Kämpfer für den "Anschluß",Vollstrecker des Holocaust*, Klagenfurt, 1997.
Querg, Thorsten J., *Spionage und Terror. Das Amt VI des Reichssicherheitshauptamtes 1939-1945*, dissertação de filosofia, Berlim, 1997 [ed. em microficha].
Rapp, Petra Madeleine, *Die Devisenprozesse gegen katholische Ordensangehörige und Geistliche im Dritten Reich. Eine Untersuchung zum Konflikt deutscher Orden und Klöster in wirtschaftlicher Notlage, totalitärer Machtausübung des nationalsozialistischen Regimes und im Kirchenkampf 1935/1936*, Bonn, 1981.
Rautkallio, Hannu, *Finland and the Holocaust. The Rescue of Finland's Jews*, Nova York, 1987.
Rebentisch, Dieter, *Führerstaat und Verwaltung im Zweiten Weltkrieg. Verfassungsentwicklung und Verwaltungspolitik 1939-1945*, Stuttgart, 1989.
Reilly, Joanne, *Belsen. The Liberation of a Concentration Camp*, Londres/Nova York, 1998.
Ribbentrop, Joachim von, *Zwischen London und Moscou. Erinnerungen und letzte Aufzeichnungen*, do espólio, ed. de Annelies von Ribbentrop, Leoni/Lago de Starnberg, 1953.

Richardi, Hans-Günter, *Schule der Gewalt. Die Anfänge des Konzentrationslagers Dachau 1933-1934. Ein dokumentarischer Bericht*, Munique, 1983.
Rieß, Volker, *Die Anfänge der Vernichtung "lebensunwerten Lebens" in den Reichsgauen Danzig-Westpreußen und Wartheland 1939/40*, Frankfurt am Main et al., 1995.
Rösch, Mathias, *Die Münchner NSDAP 1925-1933. Eine Untersuchung zur inneren Struktur der NSDAP in der Weimarer Republik*, Munique, 2002.
Rosenkranz, Herbert, *Verfolgung und Selbstbehauptung. Die Juden in Österreich 1938-1945*, Viena, 1978.
Rossino, Alexander B., *Hitler Strikes Poland. Blitzkrieg, Ideology, and Atrocity*, Lawrence, Kan., 2003.
Rother, Bernd, *Spanien und der Holocaust*, Tübingen, 2001.
Rusinek, Bernd-A., *Gesellschaft in der Katastrophe. Terror, Illegalität, Widerstand — Köln 1944/45*, Essen, 1989.
Safrian, Hans *Die Eichmann-Männer*, Viena/Zurique, 1993.
Sandkühler, Thomas, *"Endlösung" in Galizien. Der Judenmord in Ostpolen und die Rettungsinitiativen von Berthold Beitz 1941-1944*, Bonn, 1996.
Sauer, Paul, *Württemberg in der Zeit des Nationalsozialismus*, Ulm, 1975.
Schausberger, Norbert, *Der Griff nach Österreich.Der Anschluß*, Viena/Munique, 1978.
Schellenberg, Walter, *The Schellenberg Memoirs*, ed. de Louis Hagen, Londres, 1956.
Schelvis, Jules, *Vernichtungslager Sobibór*, Berlim, 1998.
Schenk, Dieter, *Hitlers Mann in Danzig. Albert Forster und die NS-Verbrechen in Danzig-Westpreußen*, Bonn, 2000.
_____, *Die Post von Danzig. Geschichte eines deutschen Justizmords*, Reinbek, Hamburgo, 1995.
Schley, Jens, *Nachbar Buchenwald. Die Stadt Weimar und ihr Konzentrationslager 1937-1945*, Colônia et al., 1999.
Schmeling, Anke, *Josias Erbprinz zu Waldeck und Pyrmont. Der politische Weg eines hohen SS-Führers*, Kassel, 1993.
Schmidt, Paul, *Statist auf diplomatischer Bühne 1923-1945. Erlebnisse des Chefdolmetschers im auswärtigen Amt mit den Staatsmännern Europas*, Bonn, 1949.
Schmidt, Rainer F., *Rudolf Heß —"Botengang eines Toren?" Der Flug nach Großbritannien vom 10. Mai 1941*, Düsseldorf, 1997.
Schmitz, Peter, *Die Artamanen. Landarbeit und Siedlung bündischer Jugend in Deutschland 1924-1935*, Bad Neustadt /Saale, 1985.
Schneider, Gertrude, *Journey into Terror. Story of the Riga Ghetto*, nova ed. ampliada, Newport, Conn./Londres, 2001.
Schön, Eberhart, *Die Entstehung des Nationalsozialismus in Hessen*, Meisenheim a. Glan, 1972.
Schröder, Josef, *Italiens Kriegsaustritt 1943. Die deutschen Gegenmaßnahmen im italienischen Raum: Fall "Alarich" und "Achse"*, Göttingen et al., 1969.
Schröder, Matthias, *Deutschbaltische SS-Führer und Andrej Vlasov 1942-1945. "Russland kann nur von Russen besiegt werden": Erhard Kroeger, Friedrich Buchardt und die "Russische Befreiungsarmee"*, Paderborn et al., 2001.
Schulte, Jan Erik, *Zwangsarbeit und Vernichtung. Das Wirtschaftsimperium der SS. Oswald Pohl und das SS-Wirtschafts-Verwaltungshauptamt 1933-1945*, Paderborn et al., 2001.
Schulz, Gerhard, *Von Brüning zu Hitler. Der Wandel des politischen Systems in Deutschland 1930-1933*, Berlim, Nova York, 1992.
Schwarz, Gudrun, *Eine Frau an seiner Seite. Ehefrauen in der SS-Sippengemeinschaft*, Hamburgo, 1997.
Schwerin von Krosigk, Lutz Graf, *Memoiren*, Stuttgart, 1977.
See, Klaus von, *Deutsche Germanenideologie. Vom Humanismus bis zur Gegenwart*, Frankfurt am Main, 1970.
Seidler, Franz W., *"Deutscher Volkssturm". Das letzte Aufgebot 1944/45*, Munique/Berlim, 1989.
Sevillias, Errikos, *Athens — Auschwitz*, Atenas, 1983.
Shimizu, Akiko, *Die deutsche Okkupation des serbischen Banats 1941-1944 unter besonderer Berücksichtigung der deutschen Volksgruppe in Jugoslawien*, Münster, 2003.
Smelser, Ronald, *Das Sudetenproblem und das Dritte Reich (1933-1938). Von der Volkstumspolitik zur nationalsozialistischen Außenpolitik*, Munique et al., 1980.
Smith, Bradley F., *Heinrich Himmler 1900-1926. Sein Weg in den deutschen Faschismus*, Munique, 1979.
Spangler, Gottfried, e Peter Zimmermann (ed.), *Die Bindungstheorie. Grundlagen, Forschung und Anwendung*, Stuttgart, 1995.
Spannenberger, Norbert, *Der Volksbund der Deutschen in Ungarn 1938-1945 unter Horthy und Hitler*, 2ª ed. revisada, Munique, 2005.
Spector, Shmuel, *The Holocaust of Volhynian Jews, 1941-1944*, Jerusalém, 1990.
Speer, Albert, *Erinnerungen*, Berlim, 1969.
Sprenger, Isabell, *Groß-Rosen. Ein Konzentrationslager in Schlesien*, Colônia et al., 1996.
Stachura, Peter D., *Gregor Strasser and the Rise of Nazism*, Londres, 1983.
Stambolis, Barbara, *Der Mythos der jungen Generation. Ein Beitrag zur politischen Kultur der Weimarer Republik*, Bochum, 1982.
Stein, George H., *Geschichte der Waffen-SS*, Düsseldorf, 1967.
Stein, Harry, *Konzentrationslager Buchenwald 1937-1945. Begleitband zur ständigen historischen Ausstellung*, ed. pelo Gedenkstätte Buchenwald (Memorial Buchenwald), Göttingen, 1999.
Steinbacher, Sybille, *"Musterstadt" Auschwitz. Germanisierungspolitik und Judenmord in Ostoberschlesien*, Munique, 2000.
_____, *Dachau — die Stadt und das Konzentrationslager in der NS-Zeit. Die Untersuchung einer Nachbarschaft*, Frankfurt am Main et al., 1993.
Steinberg, Jonathan, *Deutsche, Italiener und Juden. Der italienische Widerstand gegen den Holocaust*, Göttingen, 1992.
Steiner, Felix, *Die Freiwilligen. Idee und Opfergang*, Göttingen, 1958.
Steinert, Marlis G., *Die 23 Tage der Regierung Dönitz*, Düsseldorf, 1967.
Steur, Claudia, *Theodor Dannecker. Ein Funktionär der "Endlösung"*, Essen, 1997.
Steurer, Leopold, *Südtirol zwischen Rom und Berlin 1919-1939*, Viena et al., 1980.
Stolle, Michael, *Die Geheime Staatspolizei in Baden. Personal, Organisation, Wirkung und Nachwirken einer regionalen Verfolgungsbehörde im Dritten Reich*, Constance, 2001.

Straßer, Otto, *Hitler und ich*, Constance, 1948.
Strebel, Bernhard, *Das KZ Ravensbrück. Geschichte eines Lagerkomplexes*, Paderborn et al., 2003.
Streit, Christian, *Keine Kameraden. Die Wehrmacht und die sowjetischen Kriegsgefangenen 1941-1945*, Bonn, 1997.
Ströle-Bühle, Heike, *Studentischer Antisemitismus in der Weimarer Republik. Eine Analyse der burschenschaftlichen Blätter 1918 bis 1933*, Frankfurt am Main et al., 1991.
Stuhlpfarrer, Karl, *Umsiedlung Südtirol 1939-1940*, Viena et al., 1985.
Stümke, Hans-Georg, *Homosexuelle in Deutschland. Eine politische Geschichte*, Munique. 1989.
Sydnor, Charles W., *Soldaten des Todes. Die 3. SS-Division "Totenkopf" 1933-1945*, Paderborn et al., 2002.
Terhorst, Karl-Leo, *Polizeiliche planmäßige Überwachung und polizeiliche Vorbeugungshaft im Dritten Reich. Ein Beitrag zur Rechtsgeschichte vorbeugender Verbrechensbekämpfung*, Heidelberg, 1985.
Theweleit, Klaus, *Männerphantasien*, Munique/Zurique 2000 (edição original em 2 volumes Frankfurt am Main, 1977-1978).
Thomsen, Erich, *Deutsche Besatzungspolitik in Dänemark 1940-1945*, Düsseldorf, 1971.
Tönsmeyer, Tatjana, *Das Dritte Reich und die Slowakei 1939-1945. Politischer Alltag zwischen Kooperation und Eigensinn*, Paderborn et al., 2003.
Tuchel, Johannes, *Die Inspektion der Konzentrationslager 1938-1945. Das System des Terrors*, Berlim, 1994.
_____, *Konzentrationslager. Organisationsgeschichte und Funktion der "Inspektion der Konzentrationslager" 1934-1938*, Boppard/Rhein, 1991.
Turner, Henry, *Hitlers Weg zur Macht.Der Januar 1933*, München, 1997.
Tyrell, Albrecht, Führer *befiehl … Selbstzeugnisse aus der "Kampfzeit" der NSDAP. Dokumentation und Analyse*, Düsseldorf, 1969.
Ueberschär, Gerd R., e Wolfram Wette (ed.), *Der deutsche Überfall auf die Sowjetunion. "Unternehmen Barbarossa" 1941*, nova edição revisada, Frankfurt am Main, 1991.
Vieregge, Bianca, *Die Gerichtsbarkeit einer "Elite". Nationalsozialistische Rechtsprechung am Beispiel der SS- und Polizeigerichtsbarkeit*, Baden Baden/Berlim, 2002.
Vogelsang, Reinhard, *Der Freundeskreis Heinrich Himmler*, Göttingen et al., 1972.
Wagener, Otto, *Hitler aus nächster Nähe. Aufzeichnungen eines Vertrauten 1929-1932*, Frankfurt am Main et al., 1978.
Wagner, Bernd C., *IG Auschwitz. Zwangsarbeit und Vernichtung von Häftlingen des Lagers Monowitz 1941-1945*, Munique, 2000.
Wagner, Patrick, *Volksgemeinschaft ohne Verbrecher. Konzeptionen und Praxis der Kriminalpolizei in der Zeit der Weimarer Republik und des Nationalsozialismus*, Hamburgo, 1996.
Wagner, Wilfried, *Belgien in der deutschen Politik während des Zweiten Weltkrieges*, Boppard/Rhein, 1974.
Warmbrunn, Werner, *The German Occupation of Belgium, 1940-1944*, Nova York, 1993.
Wasser, Bruno, *Himmlers Raumplanung im Osten. Der Generalplan Ost in Polen 1940-1944*, Basileia et al., 1993.
Weber, Wolfram, *Die innere Sicherheit im besetzten Belgien und Nordfrankreich 1940-44. Ein Beitrag zur Geschichte der Besatzungsverwaltungen*, Düsseldorf, 1978.
Wegner, Bernd, *Hitlers Politische Soldaten. Die Waffen-SS 1933-1945: Leitbild, Struktur und Funktion einer nationalsozialistischen Elite*, 5ª ed. ampliada., Paderborn, 1997.
_____, (ed.), *Zwei Wege nach Moscou. Vom Hitler-Stalin-Pakt bis zum "Unternehmen Barbarossa"*, Munique/Zurique, 1991.
Weidinger, Otto, *Division Das Reich. Der Weg der 2. SS-Panzer-Division "Das Reich". Die Geschichte der Stammdivision der Waffen-SS*, vol. 1, Osnabrück, 1967.
Weingarten, Ralph, *Die Hilfeleistungen der westlichen Welt bei der Endlösung der deutschen Judenfrage. Das "Intergovernmental Committee on Political Refugees" IGC 1938-1939*, Berna/Frankfurt/Main/Las Vegas, 1981.
Weingartner, James J., *Hitler's Guard: The Story of the Leibstandarte SS Adolf Hitler, 1933-1945*, Carbondale, Illinois, et al., 1974.
Wenck, Alexandra-Eileen, *Zwischen Menschenhandel und "Endlösung". Das Konzentrationslager Bergen-Belsen*, Paderborn et al., 2000.
Westenrieder, Norbert, *"Deutsche Frauen und Mädchen!" Vom Alltagsleben 1933-1945*, Düsseldorf, 1984.
Weyrauch, Walter Otto, *Gestapo V-Leute. Tatsachen und Theorie des Geheimdienstes. Untersuchungen zur Geheimen Staatspolizei während der nationalsozialistischen Herrschaft*, Frankfurt am Main, 1989.
Wiehn, Erhard Roy (ed.), *Die Schoáh von Babij Jar. Das Massaker deutscher Sonderkommandos an der jüdischen Bevölkerung von Kiew 1941 fünfzig Jahre danach zum Gedenken*, Constance, 1991.
Wildt, Michael, *Generation des Unbedingten. Das Führungskorps des Reichssicherheitshauptamtes*, Hamburgo, 2003.
Wilhelm, Friedrich, *Die Polizei im NS-Staat. Die Geschichte ihrer Organisation im Überblick*, Paderborn et al., 1997.
Wilhelm, Hans-Heinrich, *Die Einsatzgruppe A der Sicherheitspolizei und des SD 1941/42*, Frankfurt am Main et al., 1996.
_____, *Rassenpolitik und Kriegführung. Sicherheitspolizei und Wehrmacht in Polen und in der Sowjetunion 1939-1942*, Passau, 1991.
Winkler, Heinrich August, *Weimar 1918-1933. Die Geschichte der ersten deutschen Demokratie*, Munique, 1993.
_____, *Von der Revolution zur Stabilisierung. Arbeiter und Arbeiterbewegung in der Weimarer Republik 1918 bis 1924*, 2ª ed., Berlim/Bonn, 1985.
Wulff, Wilhelm, *Tierkreis und Hakenkreuz.Als Astrologe an Himmlers Hof*, Gütersloh, 1968.
Wysocki, Gerhard, *Die Geheime Staatspolizei im Land Braunschweig. Polizeirecht und Polizeipraxis im Nationalsozialismus*, Frankfurt am Main/Nova York, 1997.
Zámeãník, Stanislav, *Das war Dachau*, Luxemburgo, 2002.
Zimmermann, Michael, *Rassenutopie und Genozid. Die nationalsozialistische, "Lösung der Zigeunerfrage"*, Hamburgo, 1996.
Zipfel, Friedrich, *Kirchenkampf in Deutschland 1933-1945. Religionsverfolgung und Selbstbehauptung der Kirchen in der nationalsozialistischen Zeit*, Berlim, 1965.
Zirlewagen, Marc, *Der Kyffhäuser-Verband der Vereine Deutscher Studenten in der Weimarer Republik*, Colônia, 1999.
Zuccotti, Susan, *The Holocaust, the French, and the Jews*, Nova York, 1993.

_____, *The Italians and the Holocaust. Persecution, Rescue, and Survival*, Nova York, 1987.

**Ensaios e dissertações**

Aly, Götz, e Susanne Heim, "Staatliche Ordnung und 'organische Lösung'. Die Rede Hermann Görings 'über die Judenfrage' vom 6. Dezember 1938", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 2 (1993), p. 378-404.

Angrick, Andrej, et al, "'Da hätte man schon ein Tagebuch führen müssen'. Das Polizeibataillon 322 und die Judenmorde im Bereich der Heeresgruppe Mitte während des Sommers und Herbstes 1941.Mit einer Auseinandersetzung über die rechtlichen Konsequenzen", in: Helge Grabitz (ed.) *Die Normalität des Verbrechens. Bilanz und Perspektiven der Forschung zu den nationalsozialistischen Gewaltverbrechen*, publicação comemorativa para Wolfgang Scheffler em homenagem ao 65º aniversário, Berlim, 1994, p. 325-384.

Arad, Yitzhak, "Alfred Rosenberg and the 'Final Solution' in the Occupied Soviet Territories ", in: *Yad Vashem Studies* 13 (1979), p. 263-286.

Arendes, Cord, "Schrecken aus dem Untergrund. Endphaseverbrechen des 'Werwolf'", in: _____. (ed.), *Terror nach innen. Verbrechen am Ende des Zweiten Weltkrieges*, Göttingen, 2006, p. 149-171.

Arnold, Klaus Jochen, "Die Eroberung und Behandlung der Stadt Kiew durch die Wehrmacht im September 1941. Zur Radikalisierung der Besatzungspolitik", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 58,1 (1999), p. 23-63.

Auerbach, Hellmuth, "Der Begriff 'Sonderbehandlung' im Sprachgebrauch der SS", in: *Gutachten des Instituts für Zeitgeschichte*, vol. 2, Stuttgart, 1966, p. 182-189.

_____. "Die Einheit Dirlewanger", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 10 (1962), p. 250 até 263.

Ayaß, Wolfgang, "'Ein Gebot der nationalen Arbeitsdisziplin': Die Aktion 'Arbeitsscheu Reich' 1938", in: *Feinderklärung und Prävention. Kriminalbiologie, Zigeunerforschung und Asozialenpolitik*, Berlim 1988, p. 43-74.

Barcz, Wojciech, "Die erste Vergasung", in: Hans G. Adler, *Auschwitz: Zeugnisse und Berichte*, 2ª ed., Colônia/Frankfurt/Main 1979, p. 17 e seguinte.

Bauer, Yehuda, "The Death Marches, January-May 1945", in: Michael R. Marrus (ed.), *The Nazi Holocaust. Historical Articles on the Destruction of European Jews*, vol. 9: *The End of the Holocaust*, Westport et al., 1989, p. 491-511.

Baumgart, Winfried, "Zur Ansprache Hitlers vor den Führern der Wehrmacht am 22.8.1939: eine quellenkritische Untersuchung", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 16 (1968), p. 120-149.

Beckenbauer, Alfons, "Eine Landshuter Jugendfreundschaft und ihre Verwicklung in die NS-Politik. Der Arzt Dr. Karl Gebhardt und der *Reichsführer*-SS Heinrich Himmler", in: *Verhandlungen des Historischen Vereins für Niederbayern* 100 (1974), p. 5-22.

_____. "Musterschüler und Massenmörder. Heinrich Himmlers Landshuter Jugendjahre", in: *Verhandlungen des Historischen Vereins für Niederbayern* 95 (1969), p. 93-106.

Beer, Mathias, "Die Entwicklung der Gaswagen beim Mord an den Juden", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 35,3 (1987), p. 403-417.

Bender, Sara, , "The 'Reinhardt Action' in the 'Bialystok District'", in: Freia Anders (ed.), *Bialystok in Bielefeld. Nationalsozialistische Verbrechen vor dem Landgericht Bielefeld 1958-1967*, Bielefeld 2003, p. 186-208.

_____."From Underground to Armed Struggle. The Resistance Movement in the Bialystok Ghetto", in: *Yad Vashem Studies* 23 (1993), p. 145-171.

Black, Peter, "Die Trawniki-Männer und die Aktion Reinhard", in: Bogdan Musial (ed.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 309-352.

Blatman, Daniel, "Die Todesmärsche — Entscheidungsträger, Mörder und Opfer", in: Ulrich Herbert (ed.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, vol. 2, Göttingen, 1998, p. 1063-1092.

Böhler, Joachim, "'Tragische Verstrickung' oder Auftakt zum Vernichtungskrieg? Die Wehrmacht in Polen 1939", in: Klaus-Michael Mallmann e Bogdan Musial (ed.), *Genesis des Genozids. Polen 1939-1941*, Darmstadt, 2004, p. 36-57.

Boll, Bernd, "'Aktionen nach Kriegausbruch'. Wehrmacht und 1. SS-Infanteriebrigade 1941", in: *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* 48,9 (2000), p. 775-788.

Braham, Randolph L., "The Kamenets-Podolsk and Délvidék Massacres: Prelude to the Holocaust in Hungary", in: *Yad Vashem Studies* 9 (1973), p. 133-156.

Brandhuber, Jerzy, "Die sowjetischen Kriegsgefangenen im Konzentrationslager Auschwitz", in: *Hefte von Auschwitz* 4 (1961), p. 5-46.

Breitman, Richard, "Friedrich Jeckeln, Spezialist für die 'Endlösung' im Osten", in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn et al 2000, p. 267-275.

_____. "Mein Kampf and the Himmler Family: Two Generations React to Hitler's Ideas", in: *Holocaust and Genocide Studies* 13 (1999), p. 90-97.

_____. *und Shlomo Aronson*, "Eine unbekannte Himmler-Rede vom Januar 1943", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 38 (1990), p. 337-348.

Broszat, Martin, "Nationalsozialistische Konzentrationslager 1933-1945", in: Hans Buchheim et al *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed. Munique, 1999, p. 321-445.

_____. "Heranziehung von slowakischen Staatsbürgern deutscher Volkszugehörigkeit zum Dienst in der *Waffen-SS*", in: *Gutachten des Instituts für Zeitgeschichte*, vol. 1, Munique, 1958, p. 412-417.

_____. "Zur Perversion der Strafjustiz im Dritten Reich", apêndice de documentos, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 6 (1958), p. 390-443.

Browder, George C., "Schellenberg — Eine Geheimdienst-Phantasie", in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn et al., 2000, p. 418-430.

Browning, Christopher R., “Die nationalsozialistische Umsiedlungspolitik und die Suche nach einer ‘Lösung der Judenfrage’ 1939-1941”, in: _____. *Der Weg zur “Endlösung”. Entscheidungen und Täter*, Bonn, 1998, p. 13-36.
_____. “A Final Hitler Decision for the Final Solution? The Riegner Telegram Reconsidered”, in: *Holocaust and Genocide Studies* 10 (1996), p. 3-10.
_____.“The Decision concerning the Final Solution”, in: _____. *Fateful Months: Essays on the Emergence of the Final Solution*, Nova York/Londres, 1985, p. 8-38.
Buchheim, Hans, “Befehl und Gehorsam”, in: _____. et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999, p. 213-320.
_____.“Die SS — Das Herrschaftsinstrument”, in: _____. et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999, p. 13-212.
Büchler, Yehoshua, “The Deportation of Slovakian Jews to the Lublin District of Poland in 1942”, in: *Holocaust and Genocide Studies* 6 (1991), p. 151-166.
_____.“Kommandostab Reichsführer-SS: Himmler’s Personal Murder Brigades in 1941”, in: *Holocaust and Genocide Studies* 1,1 (1986), p. 11-25.
Bussmann, Walter, “Zur Entstehung und Überlieferung der ‘Hoßbach-Niederschrift’”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 16 (1968), p. 373-384.
Carpi, Daniel, “Notes on the History of the Jews in Greece during the Holocaust Period. The Attitude of the Italians (1941-1943)”, in: Michael R. Marrus (ed.), *The Nazi Holocaust. Historical Articles on the Destruction of European Jews*, volume 5, Westport et al., 1989, p. 731-768.
Clark, Christopher, “Josef ‘Sepp’ Dietrich. Landsknecht im Dienste Hitlers”, in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn et al., 2000, p. 119-133.
Cohen, William B., e Jörgen Svensson, “Finland and the Holocaust”, in: *Holocaust and Genocide Studies* 9,1 (1995), p. 70-92.
D’Onofrio, Andrea, “Rassenzucht und Lebensraum: Zwei Grundlagen im Blut- und Boden-Gedanken von Richard Walther Darré”, in: *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft “Berlin”* 49 (2001), p. 140-157.
Deichmann, Hans, e Peter Hayes, “Standort Auschwitz. Eine Kontroverse über die Entscheidungsgründe für den Bau des I.G. Farben-Werks in Auschwitz”, in: *1999* 11,1 (1996), p. 73-101.
Dieckmann, Christoph, “Das Ghetto und das Konzentrationslager in Kaunas 1941-1944”, in: Ulrich Herbert (ed.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, vol. 1, Göttingen, 1998, p. 439-471.
Ditt, Karl, “Die Kulturraumforschung zwischen Wissenschaft und Politik. Das Beispiel Karl Petri (1903-1993)”, in: *Westfälische Forschungen* 46 (1996), p. 73-176.
Eiber, Ludwig, “Polizei, Justiz und Verfolgung in München 1933 bis 1945”, in: *München — “Hauptstadt der Bewegung”. Bayerns Metropole und der Nationalsozialismus*. ed. por Richard Bauer et al., reed. Munique, 2002, p. 235-243.
_____. “Unter Führung des NSDAP-Gauleiters. Die Hamburger Staatspolizei (1933-1937)”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt 1995, p. 101-117.
Endlich, Stefanie, “Die Lichtenburg 1933-1939. Haftort politischer Prominenz und Frauen-KZ”, in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Herrschaft und Gewalt. Frühe Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 2002, p. 11-64.
Engelmann, Roger, “Öffentlichkeit und Zensur. Literatur und Theater als Provokation”, p. 267-276.
Esch, Michael G., “Das SS-Mannschaftshaus in Lublin und die Forschungsstelle für Ostunterkünfte”, in: Götz Aly (ed.), *Modelle für ein deutsches Europa. Ökonomie und Herrschaft im Großwirtschaftsraum*, Berlim, 1992, p. 206 e seg.
Fargion, Liliana Picciotto, *“Italien”*, in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 199-227.
Fatran, Gila, “Die Deportation der Juden aus der Slowakei 1944-1945”, in: *Bohemia* 37 (1996), p. 99-119.
Fings, Karola, “Eine ‘Wannsee-Konferenz’ über die Vernichtung der Zigeuner? Neue Forschungsergebnisse zum 15. Januar 1943 und dem ‘Auschwitz-Erlass’”, in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 15 (2006), p. 303-333.
Foedrowitz, Michael, “Auf der Suche nach einer besatzungspolitischen Konzeption. Der Befehlshaber der Sicherheitspolizei und des SD im Generalgouvernement”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg. ‘Heimatfront’ und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 340-361.
Freund, Florian, e Bertrand Perz, “Mauthausen-Stammlager”, in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, Munique, 2006, p. 293-346.
Fröbe, Rainer, “Hans Kammler — Technokrat der Vernichtung”, in: Ronald Smelser e Enrico Syring (ed.), *Die SS. Elite unter dem Totenkopf. 30 Lebensläufe*, Paderborn et al., 2000, p. 305-319.
_____. “Der Arbeitseinsatz von KZ-Häftlingen und die Perspektive der Industrie 1943-1945”, in: Ulrich Herbert (ed.), *Europa und der “Reichseinsatz”. Ausländische Zivilarbeiter, Kriegsgefangene und KZ-Häftlinge in Deutschland 1938-1945*, Essen 1991, p. 351-383.
Gellately, Robert, “Allwissend und allgegenwärtig? Entstehung, Funktion und Wandel des Gestapo-Mythos”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 47-70.
Gerlach, Christian, “Failure of Plans for an SS Extermination Camp in Mogilev, Belorussia”, in: *Holocaust and Genocide Studies* 11,1 (1997), p. 60-78.
_____. “Die Wannsee-Konferenz, das Schicksal der deutschen Juden und Hitlers politische Grundentscheidung, alle Juden Europas zu ermorden”, in: *WerkstattGeschichte* 6,18 (1997), p. 7-44.
Giles, Geoffrey, “The Denial of Homosexuality: Same-Sex Incidents in Himmler’s SS and Police”, in: *Journal of the History of Sexuality* 2002, p. 256-290.
_____. “The Institutionalization of Homosexual Panic in the Third Reich”, in: Robert Gellately e Nathan Stoltzfus (ed.), *Social Outsiders in Nazi Germany*, Princeton, N.J., et al., 2001, p. 233-255.
Goshen, Seev, “Nisko. Ein Ausnahmefall unter den Judenlagern der SS”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 40, 1 (1992), p. 95-106.

_____. “Eichmann und die Nisko-Aktion im Oktober 1939. Eine Fallstudie zur NS-Judenpolitik in der letzten Etappe vor der ‘Endlösung’”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 29,1 (1981), p. 74-96.
Grenville, John A. S., “Die ‘Endlösung’ und die ‘Judenmischlinge’ im Dritten Reichs”, in*: Das Unrechtsregime. Internationale Forschung über den Nationalsozialismus*, ed. por Ursula Büttner com colaboração de Werner Johe e Angelika Voß, vol. 2: *Verfolgung, Exil, belasteter Neubeginn*, Hamburgo, 1986, p. 91-121.
Greve, Reinhard, “Tibetforschung im SS-Ahnenerbe”, in: Thomas Hauschild (ed.), *Lebenslust und Fremdenfurcht. Ethnologie im Dritten Reich*, Frankfurt am Main, 1995, p. 168-199.
Grill, Johnpeter Horst, “The Nazi Party’s Rural Propaganda before 1928”, in: *Central European History* 15 (1982), p. 149-185.
Grimm, Gerhard, “Albanien”, in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 229-239.
Gruchmann, Lothar, “Die bayerische Justiz im politischen Machtkampf 1933/34. Ihr Scheitern bei der Strafverfolgung von Mordfällen in Dachau”, in: Martin Broszat e Elke Fröhlich (edE.), *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 2: *Herrschaft und Gesellschaft im Konflikt. Teil A*, Munique, 1979, p. 415-428.
Gruner, Wolf, “Von der Kollektivausweisung zur Deportation der Juden aus Deutschland (1938-1945). Neue Perspektiven und Dokumente”, in: *Beiträge zur Geschichte des Nationalsozialismus* 20 (2004), p. 21-62.
_____. “Poverty and Persecution: the Reichsvereinigung, the Jewish Population, and anti-Jewish Policy in the Nazi State, 1939-1945”, in: *Yad Vashem Studies* 27 (1999), p. 23-60.
Haase, Norbert, “Justizterror in der Wehrmacht am Ende des Zweiten Weltkrieges”, in: Cord Arendes (ed.), *Terror nach innen. Verbrechen am Ende des Zweiten Weltkrieges*, Göttingen, 2006, p. 80-102.
Hallgarten, George W. F., “Mein Mitschüler Heinrich Himmler”, in: *Germanica Judaica* 1,2 (1960-1961).
Heberer, Patricia, “Eine Kontinuität der Tötungsoperationen. T4-Täter und die ‘Aktion Reinhardt’”, in: Bogdan Musial (ed.), *“Aktion Reinhardt”. Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 285-308.
Heiber, Helmut, “Generalplan Ost”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 6 (1958), p. 281 até 325.
Henke, Josef, “Von den Grenzen der SS-Macht. Eine Fallstudie zur Tätigkeit des SS-Wirtschafts-Verwaltungshauptamtes”, in: Dieter Rebentisch e Karl Teppe (ed.), *Verwaltung contra Menschenführung im Staat Hitlers. Studien zum politisch-administrativen System*, Göttingen, 1986, p. 255-277.
Herbert, Ulrich, “Die deutsche Militärverwaltung in Paris und die Deportation der französischen Juden”, in: Christian Jansen (ed.), *Von der Aufgabe der Freiheit. Politische Verantwortung und bürgerliche Gesellschaft im 19. und 20. Jahrhundert. Festschrift für Hans Mommsen zum 5.November 1995*, Berlim, 1995, p. 427-450.
Hesse, Klaus, “‘… Gefangenenlager, Exekution, … Irrenanstalt …’. Walter Frentz’ Reise nach Minsk im Gefolge Heinrich Himmlers im August 1941”, in: Hans Georg Hiller von Gaertringen (ed.), *Das Auge des Dritten Reiches. Hitlers Kameramann und Fotograf Walter Frentz*, Munique/Berlim, 2006, p. 176-194.
Hett, Ulrike, e Johannes Tuchel, “Die Reaktionen des NS-Staates auf den Umsturzversuch vom 20. Juli 1944”, in: Peter Steinbach e Johannes Tuchel (ed.), *Widerstand gegen den Nationalsozialismus*, Bonn, 1994, p. 377-389.
Hochberger, Ernst, “Die Deutschen in der Slowakei”, in: ____., Anton Scherer e Friedrich Spiegel-Schmidt, *Die Deutschen zwischen Karpaten und Krain*, Munique, 1994, p. 12-78.
Hölzl, Martin, “Grüner Rock und Weiße Weste. Adolf von Bomhard und die Legende von der sauberen Ordnungspolizei”, in: *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* 50 (2002), p. 22-43.
Jäckel, Eberhard, “On the Purpose of the Wannsee Conference”, in: James S. Pacy (ed.), *Perspectives on the Holocaust. Essays in Honor of Raul Hilberg*, Boulder, CO, et al., 1995, p. 39-50.
Jacobsen, Hans-Adolf, “Kommissarbefehl und Massenexekutionen sowjetischer Kriegsgefangener”, in: Hans Buchheim et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999, p. 449-544.
Jellonnek, Burkhard, “Staatspolizeiliche Fahndungs- und Ermittlungsmethoden gegen Homosexuelle. Regionale Differenzen und Gemeinsamkeiten”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 343-356.
Kaienburg, Hermann, “Sachsenhausen-Stammlager”, in: Wolfgang Benz e Barbara Distel, (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, Munique, 2006.
_____. “Jüdische Arbeitslager an der ‘Straße der SS’”, in: *1999* 1 (1996), p. 13-39.
Karner, Stefan, “Die Aussiedlungen der Slowenen in der Untersteiermark. Ein Beispiel nationalsozialistischer Volkstumspolitik”, in: *Österreich in Geschichte und Literatur* 22 (1978), p. 154-174.
Kárny, Miroslav, “Nisko in der Geschichte der Endlösung”, in: *Judaica Bohemiae* 23 (1987), p. 69-84.
Kater, Michael H., “Zum gegenseitigen Verhältnis von SA und SS in der Sozialgeschichte des Nationalsozialismus von 1925 bis 1939”, in: *Vierteljahrsschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* 62,3 (1975), p. 339-379.
_____. “Die Artamanen. Völkische Jugend in der Weimarer Republik”, in: *Historische Zeitschrift* 213 (1971), p. 577-683.
Kellerhoff, Sven Felix, “Schüsse am Ballhausplatz. Der Putsch gegen Österreichs Kanzler Dollfuß 1934”, in: Alexander Demandt (ed.), *Das Attentat in der Geschichte*. Köln et al., 1996, p. 345-360.
Kimmel, Günther, “Das Konzentrationslager Dachau. Eine Studie zu den nationalsozialistischen Gewaltverbrechen”, in: Martin Broszat e Elke Fröhlich (ed.), *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 2: *Herrschaft und Gesellschaft im Konflikt. Teil A*, Munique, 1979, p. 349-413.
Kinder, Elisabeth, “Der Persönliche Stab Reichsführer-SS. Geschichte, Aufgaben und Überlieferung”, in: Heinz Boberach e Hans Booms (ed.), *Aus der Arbeit des Bundesarchivs. Beiträge zum Archivwesen, zur Quellenkunde und Zeitgeschichte*, Boppard/Rhein, 1977, p. 379-397.
Kirchhoff, Hans, “SS-Gruppenführer Werner Best and the Action Against the Danish Jews — October 1943” in: *Yad Vashem Studies* 24 (1994), p. 195-222.

Klein, Peter, “Curt von Gottberg — Siedlungsfunktionär und Massenmörder”, in: Klaus-Michael Mallmann e Gerhard Paul (ed.), *Karrieren der Gewalt. Nationalsozialistische Täterbiographien*, Darmstadt, 2004, p. 95-103.

_____. “Die Rolle der Vernichtungslager Kulmhof (Chełmno), Belzec (Bełżec) und Auschwitz-Birkenau in den frühen Deportationsvorbereitungen”, in: Dittmar Dahlmann (ed.), *Lager, Zwangsarbeit, Vertreibung und Deportation. Dimensionen der Massenverbrechen in der Sowjetunion und in Deutschland 1933 bis 1945*, Essen, 1999, p. 459-481.

Klodzinski, Stanislaw, “Die erste Vergasung von Häftlingen und Kriegsgefangenen im Konzentrationslager Auschwitz”, in: *Die Auschwitz-Hefte*, ed. por Hamburger Institut für Sozialforschung,Weinheim/Basileia, 1987, vol. 1, p. 261-275.

Knoll, Albert, “Die Porzellanmanufaktur München-Allach. Das Lieblingskind von Heinrich Himmler”, in: *KZ-Außenlager. Geschichte und Erinnerung*, Dachauer Hefte 15, Dachau, 1999, p. 116-133.

Kohlhaas, Elisabeth, “Die Mitarbeiter der regionalen Staatspolizeistellen. Quantitative und qualitative Befunde zur Personalausstattung der Gestapo”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 219-235.

Krausnick, Helmut, “Judenverfolgung”, in: Hans Buchheim et al., *Anatomie des SS-Staates*, 7ª ed., Munique, 1999, p. 545-678.

_____. “Die Einsatzgruppen vom Anschluß Österreichs bis zum Feldzug gegen die Sowjetunion. Entwicklung und Verhältnis zur Wehrmacht”, in: _____. e Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD 1938-1942*, Stuttgart, 1981, p. 13-278.

_____. “Hitler und die Morde in Polen. Ein Beitrag zum Konflikt zwischen Heer und SS um die Verwaltung der besetzten Gebiete”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 11,2 (1963), p. 196-209.

_____. “Himmler über seinen Besuch bei Mussolini”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 4 (1956), p. 423-426.

Kwiet, Konrad, “Auftakt zum Holocaust. Ein Polizeibataillon im Osteinsatz”, in: Bundeszentrale für politische Bildung (ed.), *Der Nationalsozialismus*, Frankfurt am Main, 1993, p. 191-208.

_____. “Nach dem Pogrom. Stufen der Ausgrenzung”, in: Wolfgang Benz (ed.), *Die Juden in Deutschland 1933-1945. Leben unter nationalsozialistischer Herrschaft*, com a colaboração de Volker Dahm, Munique, 1989, p. 545-659.

Lehnstaedt, Stephan, “Das Reichsministerium des Innern unter Heinrich Himmler 1943-1945”, in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 54 (2006), p. 639-672.

Leo, Annette, “Ravensbrück-Stammlager”, in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, Munique, 2006, p. 473-520.

Lüerssen, Dirk, “‘Moorsoldaten’ in Esterwegen, Bürgermoor, Neusustrum. Die frühen Konzentrationslager im Emsland 1933 bis 1936”, in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Herrschaft und Gewalt. Frühe Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 2002, p. 157-210.

Mallmann, Klaus-Michael, “Der qualitative Sprung im Vernichtungsprozess. Das Massaker von Kamenez-Podolsk Ende August 1941”, in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 10 (2001), p. 239-264.

_____. “Vom Fußvolk der ‘Endlösung’. Ordnungspolizei, Ostkrieg und Judenmord”, in: *Tel Aviver Jahrbuch für Deutsche Geschichte* 26 (1997), p. 355-391.

_____. “Die V-Leute der Gestapo. Umrisse einer kollektiven Biographie”, in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 268-287.

Masur, Norbert, “Ein Jude spricht mit Hitler”, in: Niklas Günther e Sönke Zankel (ed.), *Abrahams Enkel. Juden, Christen, Muslime und die Schoa*, Stuttgart, 2006, p. 133-144.

Matthäus, Jürgen, “Die ‘Judenfrage’ als Schulungsthema von SS und Polizei. ‘Inneres Erlebnis’ und Handlungslegitimation”, in: _____. Et al, *Ausbildungsziel Judenmord? “Weltanschauliche Erziehung” von SS, Polizei und Waffen-SS im Rahmen der “Endlösung”*, Frankfurt am Main, 2003, p. 35-86.

_____. “‘Weltanschauliche Forschung und Auswertung’. Aus den Akten des Amtes VII im Reichssicherheitshauptamt”, in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 5 (1996), p. 287-330.

_____. “What about the ‘Ordinary Men’? The German Order Police and the Holocaust in the Occupied Soviet Union”, in: *Holocaust and Genocide Studies* 10,2 (1996), p. 134-150.

Maurer, Trude, “Abschiebung und Attentat. Die Ausweisung der polnischen Juden und der Vorwand für die ‘Kristallnacht’”, in: Walter H. Pehle (ed.), *Der Judenpogrom 1938.Von der “Reichskristallnacht” zum Völkermord*, Frankfurt am Main, 1988, p. 52-73.

Meershoek, Guus, “Machtentfaltung und Scheitern. Sicherheitspolizei und SD in den Niederlanden”, in: Gerhard Paul e Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg. “Heimatfront” und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 383-402.

Mehringer, Hartmut, “Die bayerische Sozialdemokratie bis zum Ende des NS-Regimes. Vorgeschichte, Verfolgung und Widerstand”, in: *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand*, ed. por Hartmut Mehringer, Anton Großmann e Klaus Schoenhoven, Munique, 1983, p. 287-432.

_____. “Die KPD in Bayern 1919-1945. Vorgeschichte, Verfolgung und Widerstand”, in: *Bayern in der NS-Zeit*, vol. 5: *Die Parteien KPD, SPD, BVP in Verfolgung und Widerstand*, ed. por Hartmut Mehringer, Anton Großmann e Klaus Schoenhoven, Munique, 1983, p. 1-286.

Meyer, Ahlrich, “‘… daß französische Verhältnisse anders sind als polnische’. Die Bekämpfung des Widerstands durch die deutsche Militärverwaltung in Frankreich 1941”, in: Guus Meershoek et al., *Repression und Kriegsverbrechen. Die Bekämpfung von Widerstands- und Partisanenbewegungen gegen die deutsche Besatzung in Westund Südosteuropa*, Berlim/Göttingen, 1997, p. 43-91.

Meyer, Winfried, “Aktion ‘Gewitter’. Menschenopfer für Macht und Mythos der Gestapo”, in: *Dachauer Hefte* 21 (2005), p. 3-20.

Michman, Dan, “Why Did Heydrich Write the ‘Schnellbrief’? A Remark on the Reason and on its Significance”, in: *Yad Vashem Studies* 32 (2004), p. 433-447.

Mlynarczyk, Jace Andrzej, “Treblinka — ein Todeslager der ‘Aktion Reinhard’”, in: Bogdan Musial (ed.), *“Aktion Reinhardt”. Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 257-281.

Mommsen, Hans, “Ein Erlass Himmlers zur Bekämpfung der Korruption in der inneren Verwaltung vom Dezember 1944”, in:

*Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 16 (1968), p. 295-309.
Moser, Jonny, "Nisko: The First Experiment in Deportation", in: *Simon Wiesenthal Center Annual* 2,1 (1985), p. 1-30.
Mühldorfer, Friedbert, "Fridolfing", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 2: *Frühe Lager, Dachau, Emslandlager*, Munique, 2005, p. 327.
Mühleisen, Horst, "Die Fritsch-Krise im Frühjahr 1938. Neun Dokumente aus dem Nachlaß des Generalobersten", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 56,2 (1997), p. 471-508.
Noakes, Jeremy, "The Development of Nazi Policy towards the German-Jewish 'Mischlinge', 1933-1945", in: *Leo Baeck Institute Year Book* 34 (1989), p. 291-354.
Paehler, Katrin, "Ein Spiegel seiner selbst. Der SD-Ausland in Italien", in: Michael Wildt (ed.), *Nachrichtendienst, politische Elite, Mordeinheit. Der Sicherheitsdienst des Reichsführers-SS*, Hamburgo, 2003, p. 241-266.
Plum, Günter, "Staatspolizei und innere Verwaltung 1934-1936", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 13 (1965), p. 191-224.
Pohl, Dieter, "Schauplatz Ukraine. Der Massenmord an den Juden im Militärverwaltungsgebiet und im Reichskommissariat 1941-1943", in: Norbert Frei (ed.), *Ausbeutung, Vernichtung, Öffentlichkeit. Neue Studien zur nationalsozialistischen Lagerpolitik*, ed. para o Instituts für Zeitgeschichte (Instituto de História Contemporânea) por Norbert Frei, Sybille Steinbacher e Bernd C.Wagner, Munique, 2000, p. 135-173.
_____. "Die Einsatzgruppe C 1941/42", in: Peter Klein (ed.), *Die Einsatzgruppen in der besetzten Sowjetunion 1941/42.Die Tätigkeits- und Lageberichte des Chefs der Sicherheitspolizei und des SD*, Berlim, 1997, p. 71-87.
Pollmeier, Heiko, "Inhaftierung und Lagererfahrung deutscher Juden im November 1938", in: *Jahrbuch für Antisemitismusforschung* 8 (1999), p. 107-130.
Přibyl, Lukáš, "Das Schicksal des dritten Transports aus dem Protektorat nach Nisko", in: *Theresienstädter Studien und Dokumente* 2000, p. 297-342.
Reinerth, Karl M., "Zu den innenpolitischen Auseinandersetzungen unter den Deutschen in Rumänien zwischen den beiden Weltkriegen", in: Walter König (ed.), *Siebenbürgen zwischen den beiden Weltkriegen*, Colônia/Weimar/Viena, 1994, p. 149-167.
Richardi, Hans-Günter, "Der gerade Weg. Der Dachauer Häftling Karl Wagner", in: *Dachauer Hefte* 7, p. 52-101.
Rohde, Horst, "Hitlers erster 'Blitzkrieg' und seine Auswirkungen auf Nordosteuropa", in: Klaus A. Maier et al., *Die Errichtung der Hegemonie auf dem europäischen Kontinent*, Stuttgart 1979, p. 79-156.
Röhr, Werner, "Das Sudetendeutsche Freikorps — Diversionsinstrument der Hitler-Regierung bei der Zerschlagung der Tschechoslowakei", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 52 (1993), p. 35-66.
Rönn, Peter von, "Politische und psychiatrische Homosexualitätskonstruktion im NSStaat", Parte I: "Die politische Genese des Homosexuellen als Staatsfeind", Parte II: "Die soziale Genese der Homosexualität als defizitäre Heterosexualität", in: *Zeitschrift für Sexualforschung* 11 (1998), p. 99-129 e p. 220-260.
Rossino, Alexander B., "Nazi Anti-Jewish Policy During the Polish Campaign. The Case of the Einsatzgruppe von Woyrsch", in: *German Studies Review* 24,1 (2001), p. 35-53.
Roth, Karl Heinz, "'Generalplan Ost' — 'Gesamtplan Ost'. Forschungsstand, Quellenprobleme, neue Ergebnisse", in: Mechthild Rössler (ed.), *Der "Generalplan Ost". Hauptlinien der nationalsozialistischen Planungs- und Vernichtungspolitik*, Berlim, 1993, p. 25-95.
Rudolph, Jörg, "'Geheime Reichskommando-Sache!' Hexenjäger im Schwarzen Orden. Der H-Sonderauftrag des Reichsführers-SS, 1935-1944", in: *Himmlers Hexenkartothek. Das Interesse des Nationalsozialismus an der Hexenverfolgung*, ed. por Sönke Lorenz et al., 2ª ed., Bielefeld, 2000, p. 47-97.
Runzheimer, Jürgen, "Die Grenzzwischenfälle am Abend vor dem deutschen Angriff auf Polen", in: Wolfgang Benz e Hermann Graml (ed.), *Sommer 1939. Die Großmächte und der Europäische Krieg*, Stuttgart, 1979, p. 107-147.
_____. "Der Überfall auf den Sender Gleiwitz im Jahre 1939", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 10 (1962), p. 408-426.
Rüß, Hartmut, "Wer war verantwortlich für das Massaker von Babij Jar?", in: *Militärgeschichtliche Mitteilungen* 57,2 (1998), p. 483-508.
Sauer, Wolfgang, "Die Mobilmachung der Gewalt", in: Karl Dietrich Bracher et al, *Die nationalsozialistische Machtergreifung. Studien zur Geschichte des totalitären Herrschaftssystems in Deutschland 1933/34*, Colônia/Opladen, 1960, p. 685-972.
Scheffler, Wolfgang, "Massenmord in Kowno", in: *Buch der Erinnerung. Die ins Baltikum deportierten deutschen, österreichischen und tschechoslowakischen Juden*, ed. por _____, e Diana Schulle, vol. 1, Munique, 2003, p. 83-190.
_____, "Das Schicksal der in die baltischen Staaten deportierten deutschen, österreichischen und tschechoslowakischen Juden 1941-1945", in: *Buch der Erinnerung. Die ins Baltikum deportierten deutschen, österreichischen und tschechoslowakischen Juden*, ed. por _____, e Diana Schulle, vol. 1, Munique, 2003, p. 1-78.
_____. "Das Schicksal der Juden im Saarland 1920-1945", ed. por Hans-Walter Herrmann, in: *Dokumentation zur Geschichte der jüdischen Bevölkerung in Rheinland-Pfalz und im Saarland von 1800-1945*, ed. da Landesarchivverwaltung Rheinland-Pfalz, Koblenz, 1974, p. 257-491.
Schilde, Kurt, "Vom Tempelhofer Feld-Gefängnis zum Schutzhaftlager: Das 'Columbia-Haus' in Berlin", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Herrschaft und Gewalt. Frühe Konzentrationslager 1933-1939*, Berlim, 2002, p. 65-81.
Schmid, Hans-Dieter, "Die Geheime Staatspolizei in der Endphase des Krieges", in: *Geschichte in Wissenschaft und Unterricht* 51,9 (2000), p. 528-539.
Schmuhl, Hans-Walter, "Philipp Bouhler — Ein Voreiter des Massenmordes", in: *Die Braune Elite II. 21 weitere biographische Skizzen*, ed. por Ronald Smelser, Enrico Syring e Rainer Zitelmann, Darmstadt, 1993, p. 39-50.
Schuhladen-Krämer, Jürgen, "Die Exekutoren des Terrors. Herrmann Mattheiß, Walther Stahlecker, Friedrich Mußgay, Leiter der Geheimen Staatspolizeistelle Stuttgart", in: Michael Kißener und Joachim Scholtyseck (ed.), *Die Führer der Provinz. NS-Biographien aus Baden und Württemberg*, Constance, 1997.
Schulte, Jan Erik, "Zwangsarbeit für die SS. Juden in der Ostindustrie GmbH", in: Norbert Frei (ed.), *Ausbeutung, Vernichtung,*

*Öffentlichkeit. Neue Studien zur nationalsozialistischen Lagerpolitik*, Munique, 2000, p. 43-74.
Schulze, Birgit, "Heinrich Himmler, das Reichsministerium des Innern und das Verhältnis von Staat und Partei, 1943-*1*945", in: Klaus Möltgen (ed.), *Kriegswirtschaft und öffentliche Verwaltung im Ruhrgebiet 1939-1945*, Gelsenkirchen, 1990, p. 9-33.
Silberklang, David, "Die Juden und die ersten Deportationen aus dem Distrikt Lublin", in: Bogdan Musial (ed.), *"Aktion Reinhardt". Der Völkermord an den Juden im Generalgouvernement 1941-1944*, Osnabrück, 2004, p. 41-164.
Skriebeleit, Jörg, "Flossenbürg-Stammlager, in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 4: *Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück*, Munique, 2006, p. 17-66.
Sládek, Oldrich, "Standrecht und Standgericht. Die Gestapo in Böhmen und Mähren", in: Gerhard Paul e Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg. "Heimatfront" und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 317-339.
Smith, Bradley F., "Die Überlieferung der Hoßbach-Niederschrift im Lichte neuer Quellen", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 38 (1990), p. 329-336.
Sowade, Hanno, "Otto Ohlendorf — Nonkonformist, SS-Führer und Wirtschaftsfunktionär", in: Ronald Smelser e Rainer Zitelmann (ed.), *Die braune Elite. 22 biographische Skizzen*, Darmstadt, 1989, p. 188-200.
Spieker, Christoph, "Enttäuschte Liebe. Funktionswandel der Ordnungspolizei in den Niederlanden", in: Johannes Houwink ten Cate e Alfons Kenkmann (ed.), *Deutsche und holländische Polizei in den besetzten niederländischen Gebieten. Dokumentation einer Arbeitstagung*, Münster, 2002, p. 67-95.
Stachura, Peter D., "Der kritische Wendepunkt? Die NSDAP und die Reichstagswahlen vom 20. Mai 1928", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 26 (1978), p. 66-99.
Stang, Knut, "Dr. Oskar Dirlewanger — Protagonist der Terrorkriegführung", in: Klaus-Michael Mallmann e Gerhard Paul (ed.), *Karrieren der Gewalt. Nationalsozialistische Täterbiographien*, Darmstadt, 2004, p. 66-75.
Stehle, Hansjakob, "Deutsche Friedensfühler bei den Westmächten im Februar/März 1945", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 30 (1982), p. 538-555.
Stein, Harry, "Buchenwald—Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 3: *Sachsenhausen, Buchenwald*, Munique, 2006, p. 301-356.
_____. "Das Sonderlager im Konzentrationslager Buchenwald nach den Pogromen 1938", in: Monica Kingreen (ed.), *Nach der Kristallnacht. Jüdisches Leben und antijüdische Politik in Frankfurt am Main 1938-1945*, Frankfurt am Main, 1999, p. 19-54.
Strauß, Herbert A., "JewishEmigration from Germany. Nazi Policies and Jewish Response", in: *Leo Baeck Institute Yearbook* 25 (1980, S. 313-361 (I) e 26 (1981), p. 343-409.
Strauß, Walter, "Das Reichsministerium des Inneren und die Judengesetzgebung. Die Aufzeichnungen von Dr. Bernhard Lösener: Als Rassereferent im Reichsministerium des Inneren", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 9 (1961), p. 262-313.
Streim, Alfred, "Konzentrationslager auf dem Gebiet der Sowjetunion", in: *Dachauer Hefte* 5 (1989), p. 174-187.
Strzelecki, Andrzej, "Der Todesmarsch der Häftlinge aus dem KL Auschwitz", in: Ulrich Herbert (ed.), *Die nationalsozialistischen Konzentrationslager. Entwicklung und Struktur*, vol. 2, Göttingen, 1998, p. 1093-1112.
Suchowolskij, Jakow, "Es gab weder Schutz noch Erlösung, weder Sicherheit noch Rettung. Jüdischer Widerstand und der Untergang des Ghettos Glubokoje", in: *Dachauer Hefte* 20 (2004), p. 22-38.
Sundhaussen, Holm, "Jugoslawien", in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique 1991, p. 311 até 330.
_____. "Zur Geschichte der *Waffen-SS* in Kroatien 1941-1945", in: *Südost-Forschungen* 30 (1971), p. 176-196.
"Tätigkeit der Zeugen Jehovas in der Neuzeit: Deutschland", in: *Jahrbuch der Zeugen Jehovas* 1974, p. 66-253.
Tregenza, Michael, "Belzec Death Camp", in: *Wiener Library Bulletin* 30 (1977), p. 8-25.
Tuchel, Johannes, "Gestapa und Reichssicherheitshauptamt. Die Berliner Zentralinstitutionen der Gestapo", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo. Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 84-100.
Ulbricht, Justus H., "'Heil Dir, Wittekinds Stamm'.Verden, der 'Sachsenhain' und die Geschichte völkischer Religiosität in Deutschland", in: *Heimatkalender für den Landkreis Verden* 1995, p. 69-123, e 1996, p. 224-267.
Volk, Karl, "'Gell, seller B'suech!' Heinrich Himmler in Triberg", in: *Die Ortenau* 1997, p. 509-538.
Weiss, Aharon, "The Holocaust and the Ukrainian Victims", in: Michael Berenbaum (ed.), *A Mosaic of Victims. Non-Jews Persecuted and Murdered by the Nazis*, Nova York, 1990, p. 109-115.
Weisz, Franz, "Personell vor allem ein 'ständestaatlicher' Polizeikörper. Die Gestapo in Österreich", in: Gerhard Paul e Klaus-Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo.Mythos und Realität*, Darmstadt, 1995, p. 439-462.
Weitbrecht, Dorothee, "Ermächtigung zur Vernichtung. Die Einsatzgruppen in Polen im Herbst 1939", in: Klaus-Peter Mallmann e Bogdan Musial (ed.), *Genesis des Genozids. Polen 1939-1941*, Darmstadt, 2004, p. 57-70.
Wetzel, Juliane, "Frankreich und Belgien", in: Wolfgang Benz (ed.), *Dimension des Völkermords. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 105-135.
Wildt, Michael, "Himmlers Terminkalender aus dem Jahr 1937", in: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte* 52 (2004), p. 671-691.
_____. "Der Hamburger Gestapochef Bruno Streckenbach. Eine nationalsozialistische Karriere ", in: Frank Bajohr e Joachim Szodrzynski (ed.), *Hamburg in der NS-Zeit. Ergebnisse neuerer Forschungen*, Hamburgo, 1995, p. 93-123.
Wilhelm, Hans-Heinrich, "Die Einsatzgruppe A der Sicherheitspolizei und des SD 1941/42 — eine exemplarische Studie", in: Helmut Krausnick e Hans-Heinrich Wilhelm, *Die Truppe des Weltanschauungskrieges. Die Einsatzgruppen der Sicherheitspolizei und des SD 1938-1942*, Stuttgart, 1981, p. 281-636.
Witte, Peter, "Letzte Nachrichten aus Siedliszce. Der Transport Ax aus Theresienstadt in den Distrikt Lublin", in: *Theresienstädter Studien und Dokumente* 1996, p. 98-113.
Wiwjorra, Ingo, "Hermann Wirth — Ein gescheiterter Ideologe zwischen 'Ahnenerbe' und Atlantis", in: Barbara Danckwortt et al. (ed.), *Historische Rassismusforschung. Ideologen, Täter, Opfer*, Hamburgo/Berlim, 1995, p. 91-112.
Wohlfeld, Udo, "Im Hotel 'Zum Großherzog'. Das Konzentrationslager Bad Sulza 1933-1937", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel

(ed.), *Instrumentarium der Macht. Frühe Konzentrationslager 1933-1937*, Berlim, 2003, p. 263-275.
Wrobel, Johannes, "Valepp/Schliersee (Bauer Marx)", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 2: *Frühe Lager, Dachau, Emslandlager*, Munique, 2005, p. 522 e seg.
Wysocki, Gerd, "Lizenz zum Töten. Die 'Sonderbehandlungs'-Praxis der Stapo-Stelle Braunschweig", in: Gerhard Paul e Michael Mallmann (ed.), *Die Gestapo im Zweiten Weltkrieg. "Heimatfront" und besetztes Europa*, Darmstadt, 2000, p. 237-254.
Yahil, Leni, "Madagascar, Phantom of a Solution for the Jewish Question", in: Bela Vago e George L. Mosse (ed.), *Jews and Non-Jews in Eastern Europe, 1918-1945*, Nova York, 1974, p. 315-334.
Zámečník, Stanislav, "Dachau-Stammlager", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*, vol. 2: *Frühe Lager, Dachau, Emslandlager*, Munique, 2005, p. 233-274.
_____. "Das frühe Konzentrationslager Dachau", in: Wolfgang Benz e Barbara Distel (ed.), *Terror ohne System. Die ersten Konzentrationslager im Nationalsozialismus 1933-1935*, Berlim, 2001, p. 13-39.
Zarusky, Jürgen, "Von der Sondergerichtsbarkeit zum Endphasenterror. Loyalitätserzwingung und Rache am Widerstand im Zusammenbruch des NS-Regimes", in: Cord Arendes (ed.), *Terror nach innen. Verbrechen am Ende des Zweiten Weltkrieges*, Göttingen, 2006, p. 103-121.
Zbikowski, Andrzej, "Local Anti-Jewish Pogroms in the Occupied Territories of Eastern Poland, June-July 1941", in: Lucjan Dobroszycki e Jeffrey S. Gurock (ed.) *The Holocaust in the Soviet Union. Studies and Sources on the Destruction of the Jews in the Nazi Occupied Territories of the USSR, 1941-1945*, Armonk, Nova York/Londres, 1993, p. 173-179.
Zevart, Milan, "Geiselerschießungen im Besatzungsgebiet Untersteiermark (Spodnja Stajerska)", in: Gerhard Jochem e Georg Seiderer (ed.), *Entrechtung, Vertreibung, Mord. NS-Unrecht in Slowenien und seine Spuren in Bayern 1941-1945*, Berlim, 2005, p. 197-205.

**Periódicos**

*Bayerische Staatszeitung und Bayerischer Staatsanzeiger*
*Berliner Börsenzeitung*
*Biuletyn Glównej Komisji Badania Zbrodni Niemieckich w Polsce*
*Blätter für das Gymnasial-Schulwesen*
*Deutsche Allgemeine Zeitung*
*Die Deutsche Polizei*
*Deutsche Zeitung in Kroatien*
*Donauzeitung*
*Frankfurter Zeitung*
*Germanien*
*Il Giornale del Mattino*
*Kurier von Niederbayern*
*Langquaider Zeitung*
*Ministerialblatt des Reichs- und Preußischen Ministeriums des Innern*
*Münchner Neueste Nachrichten*
*Neue Zürcher Zeitung*
*New York Times*
*Nordwestdeutsche Hefte*
*NS-Kurier (Stuttgart)*
*Preußische Gesetzsammlung*
*Reichsgesetzblatt*
*Das Schwarze Korps*
*SS-Leitheft*
*Süddeutsche Zeitung*
*Volk und Rasse*
*Völkischer Beobachter*
*Westdeutscher Beobachter*

**Não publicados**

Cradle, Caron, "My Honor is Loyalty. The Biography of General Kurt Daluege", dissertação Princeton, 1979.
Eisenblätter, Gerhard, "Grundlinien der Politik des Reichs gegenüber dem Generalgouvernement, 1939-1945", (MS) dissertação de filosofia. Frankfurt am Main, 1969.
Kaiser, Johann, "Die Politik des Dritten Reiches gegenüber der Slowakei 1939-1945. Ein Beitrag zur Erforschung der nationalsozialistischen Satellitenpolitik in Südosteuropa", dissertação Bochum, 1970.
Materne, Barbara, "Die Germanische Leitstelle der SS 1940-1945. Entstehung, Aufgabenbereiche und Bedeutung in der Machtstruktur des Dritten Reiches", tese de magistério, Düsseldorf, 2000.
Tuchel, Johannes, "Heinrich Himmler und die Vorgeschichte des 20. Juli 1944" (manuscrito).

# Ilustrações

Archiv für Kunst und Geschichte, Berlim
29, 415, 665
Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz, Berlim
365, 475, 602
Bilderdienst Süddeutscher Verlag, Munique
159, 193
Ullstein Bild, Berlim
80, 122, 277
US Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C.
67, 120, 336, 530, 570, 592, 627
As posições ou opiniões expressas neste livro, bem como o contexto no qual essas fotos foram utilizadas, não reproduzem as posições ou os princípios do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; também não é possível concluir — a partir da reprodução das imagens — que o Museu defenda ou apoie tais pontos de vista ou opiniões.

Nota sobre o autor

Peter Longerich nasceu em 1955, em Krefeld, Alemanha. É professor de história alemã moderna na Royal Holloway University of London e fundador do Centro de Pesquisa sobre o Holocausto da Royal Holloway. Considerado uma das maiores autoridades alemãs em Holocausto, publicou diversos livros, incluindo os aclamados *Holocaust: The Nazi Persecution and the Murder of the Jews, The Unwritten Order: Hitler's Role in the Final Solution* e *The Systematic Character of the National Socialist Policy for the Extermination of the Jews*.